GEORGE R.R.
MARTIN
A TORMENTA DE ESPADAS
AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO TRÊS
LeYa

SHOUT
SHARE
IT

- George R. R. Martin
  - Uma nota sobre a cronologia
  - Prólogo
  - Jaime
  - Catelyn
  - Arya
  - Tyrion
  - Davos
  - Sansa
  - Jon
  - Daenerys
  - Bran
  - Davos
  - Jaime
  - Tyrion
  - Arya
  - Catelyn
  - Jon
  - Sansa
  - Arya
  - Samwell
  - Tyrion
  - Catelyn
  - Jaime
  - Arya
  - Daenerys
  - Bran
  - Davos
  - Jon
  - Daenerys
  - Sansa
  - Arya
  - Jon
  - Jaime
  - Tyrion
  - Samwell
  - Arya
  - Catelyn
  - Davos
  - Jaime
  - Tyrion
  - Arya
  - Bran

- Jon
- Daenerys
- Arya
- Jaime
- Catelyn
- Samwell
- Arya
- Jon
- Catelyn
- Arya
- Catelyn
- Arya
- Tyrion
- Davos
- Jon
- Bran
- Daenerys
- Tyrion
- Sansa
- Tyrion
- Sansa
- Jaime
- Davos
- Jon
- Arya
- Tyrion
- Jaime
- Sansa
- Jon
- Tyrion
- Daenerys
- Jaime
- Jon
- Arya
- Samwell
- Jon
- Tyrion
- Samwell
- Jon
- Sansa
- Epílogo
- Apêndice
    - Os reis e suas cortes
        - O Rei no Trono de Ferro

        - O rei no Norte
        - O rei no Mar Estreito
        - A rainha no outro lado do mar
        - Rei das Ilhas e do Norte
    - Outras Casas, grandes e pequenas
        - Casa Arryn
        - Casa Florent
        - Casa Frey
        - Casa Lannister
        - Casa Martell
        - Casa Tully
        - Casa Tyrell
    - Os Rebeldes, Fora da lei e Irmãos Juramentados
        - OS IRMÃOS JURAMENTADOS DA PATRULHA DA NOITE
        - A IRMANDADE SEM ESTANDARTES
        - OS SELVAGENS, ou O POVO LIVRE
- Agradecimentos
-

George R. R. Martin
A Tormenta de Espadas

Para a Phyllis,
que me obrigou a incluir os dragões

Uma nota sobre a cronologia

As crônicas de gelo e fogo são contadas através dos olhos de personagens que, às vezes, estão separadas centenas ou mesmo milhares de quilômetros umas das outras. Alguns capítulos cobrem um dia, outros, apenas uma hora; outros podem englobar uma quinzena, um mês, meio ano. Com tal estrutura, a narrativa não pode ser estritamente sequencial; às vezes há coisas importantes acontecendo simultaneamente, separadas por mil léguas.

No caso deste volume que o leitor tem em mãos, deve-se compreender que os capítulos de abertura de *A tormenta de espadas* não se seguem aos últimos capítulos de *A fúria dos reis*; antes, se sobrepõem a eles. Abro com uma espiada em algumas das coisas que estavam se passando em Punho dos Primeiros Homens, Correrrio, Harrenhal e Tridente, enquanto se lutava a Batalha da Água Negra em Porto Real, e durante seu desfecho.

George R. R. Martin

Prólogo

O dia estava cinzento e amargamente frio, e os cães não sentiam cheiro.

A grande cadela preta, que uma vez farejara os rastros do urso, recuou e se escondeu no meio da matilha com o rabo entre as pernas. Os cães aninhavam-se juntos uns dos outros, com um ar infeliz, na margem do rio, enquanto o vento batia neles. Chett também o sentia morder através das camadas de lã negra e couro fervido. O frio era excessivo para homens ou animais, mas ali estavam eles. Sua boca retorceu-se e ele quase conseguiu sentir o rubor e a irritação invadindo as pústulas que lhe cobriam as bochechas e o pescoço. *Eu devia estar em segurança na Muralha, tratando dos malditos corvos e acendendo fogos para o velho Meistre Aemon*. Tinha sido o bastardo Jon Snow que lhe roubara isso, ele e Sam Tarly, seu amigo gordo. Era por culpa deles que estava ali, congelando as malditas bolas com uma matilha de cães de caça, nas profundezas da floresta assombrada.

– Sete infernos. – Deu um forte puxão nas trelas para conseguir a atenção dos cães. – *Sigam o rastro*, seus idiotas. Aquilo é uma pegada de urso. Querem um pouco de carne ou não? *Encontrem!* – Mas os cães limitaram-se a se aconchegar mais, ganindo. Chett estalou seu chicote curto por cima da cabeça dos animais, e a cadela preta rosnou para ele. – Carne de cão tem um gosto tão bom quanto a de urso – preveniu-a, com o hálito congelando a cada palavra.

Lark, o homem das Irmãs, estava em pé, com os braços cruzados sobre o peito e as mãos enfiadas sob as axilas. Usava luvas negras de lã, mas andava sempre se queixando de estar com os dedos gelados.

– Tá frio demais pra caçar – disse. – Que se dane esse urso, não vale o suficiente pra congelarmos.

– Não podemos voltar de mãos vazias, Lark – ribombou o Paul Pequeno através da barba escura que cobria a maior parte de seu rosto. – O Senhor Comandante não ia gostar disso – havia gelo por baixo do largo nariz do enorme homem, onde o ranho congelara. Uma mão gigantesca metida numa espessa luva de peles agarrava com força o cabo de uma lança.

– Que se dane também o Velho Urso – disse o homem das Irmãs, um homem magro com feições bem definidas e olhos nervosos. – O Mormont vai tá morto antes de nascer o dia, esqueceu? Quem se importa com aquilo de que ele gosta?

Paul Pequeno piscou seus miúdos olhos pretos. Talvez *tivesse* esquecido, pensou Chett; era suficientemente burro para esquecer de quase qualquer coisa.

– Por que é que temos de matar o Velho Urso? Por que

simplesmente não vamos embora e deixamos o cara em paz?

– E você acha que ele ia *nos* deixar em paz? – perguntou Lark. – Ele ia sair caçando a gente. Quer ser caçado, cabeção?

– Não – respondeu Paul Pequeno. – Não quero isso. Não quero.

– Então vai matar o homem? – disse Lark.

– Sim. – O enorme homem bateu na margem congelada do rio com o cabo da lança. – Vou. Ele não devia caçar a gente.

O homem das Irmãs tirou as mãos que estavam sob as axilas e virou-se para Chett.

– Acho que devíamos matar *todos* os oficiais.

Chett estava farto de ouvir aquilo.

– Já falamos sobre isso. O Velho Urso morre e o Blane, da Torre Sombria, também. Grubbs e Aethan também, má sorte a deles por terem ficado com esse turno. Dywen e Bannen por serem bons batedores, e Sor Porquinho por causa dos corvos. É *tudo*. Matamos os caras em silêncio, enquanto dormem. Um grito, e viramos comida para vermes, todos nós. – Suas pústulas estavam vermelhas de raiva. – Faça a sua parte e trate de que seus primos façam a deles. E, Paul, tente se lembrar, é o *terceiro* turno, não o segundo.

– Terceiro turno – disse o grande homem, através de pelos e ranho congelado. – Eu e o Pé-Leve. Eu me lembro, Chett.

A lua estaria nova naquela noite, e manipularam os turnos para terem oito dos seus de sentinela, com mais dois guardando os cavalos. As coisas não iam ficar muito melhores do que aquilo. Além disso, os selvagens estariam ali a qualquer momento. Chett pretendia encontrar-se bem longe do Punho antes que isso acontecesse. Pretendia sobreviver.

Trezentos irmãos juramentados da Patrulha da Noite tinham avançado para o norte, duzentos de Castelo Negro e mais cem da Torre Sombria. Era o maior grupamento de que havia registro, quase um terço das forças da Patrulha. Queriam encontrar Ben Stark, Sor Waymar Royce e os outros patrulheiros que tinham desaparecido, e descobrir por que os selvagens andavam abandonando suas aldeias. Bom, não estavam mais perto do Stark e do Royce do que logo após partirem da Muralha, mas descobriram o local para onde todos os selvagens haviam ido – as alturas geladas das miseráveis Presas de Gelo. Podiam ficar agachados ali até o fim dos tempos, que isso não cutucava nem um pouquinho os furúnculos de Chett.

Mas não. Vinham descendo. Pelo Guadeleite.

Chett ergueu os olhos e ali estava ele. As margens pedregosas do rio encontravam-se debruadas de gelo, e suas águas claras e leitosas fluíam sem parar das Presas de Gelo. E agora Mance Rayder e seus selvagens se aproximavam, seguindo pelo mesmo caminho. Thoren Smallwood havia retornado em estado de alerta três dias antes.

Enquanto contava ao Velho Urso o que seus batedores tinham visto, um de seus homens, Kedge Whiteye, contava aos outros.

– Ainda estão bem alto nas Presas de Gelo, mas vêm aí – Kedge afirmou, aquecendo as mãos sobre a fogueira. – Harma Cabeça-de-Cão, aquela vadia purulenta, tem a vanguarda. Goady esgueirou-se até o acampamento dela e viu-a bem junto ao fogo. Aquele idiota do Tumberjon queria abatê-la com uma flecha, mas Smallwood teve mais juízo.

Chett escarrou.

– Quantos eram, você conseguiu ver?

– Muitos e muitos mais. Vinte, trinta mil, não ficamos para contar. Harma tinha quinhentos na vanguarda, todos eles a cavalo.

Os homens que rodeavam a fogueira trocaram olhares receosos. Era coisa rara encontrar sequer uma dúzia de selvagens a cavalo, *quinhentos* então.

– Smallwood mandou que eu e o Bannen rodeássemos a vanguarda para dar uma espiada no grupo principal – prosseguiu Kedge. – Não tinha fim. Movem-se devagar como um rio congelado, cerca de oito quilômetros por dia, mas também não dão sinal de quererem voltar às suas aldeias. Mais da metade são mulheres e crianças, e levam os animais com eles, cabras, ovelhas, até auroques arrastando trenós. Estão carregados com fardos de pele e pilhas de carne, gaiolas de galinhas, vasilhas para manteiga e rocas, todas as porcarias que possuem. As mulas e garranos vinham tão carregados que parecia que iam ter o dorso quebrado. As mulheres também.

– E seguem o Guadeleite? – perguntou Lark, o homem das Irmãs.

– Foi o que eu disse, não foi?

O Guadeleite ia levá-los para o Punho dos Primeiros Homens, o antigo forte anelar onde a Patrulha da Noite montara acampamento. Qualquer homem com um pingo de bom senso via que era hora de empacotar a tralha e voltar para a Muralha. O Velho Urso tinha fortalecido o Punho com espigões, fossos e estrepes, mas, contra uma tropa tão grande, tudo isso era inútil. Se ficassem ali, seriam subjugados e esmagados.

E Thoren Smallwood queria *atacar*. O Doce Donnel Hill era escudeiro de Sor Mallador Locke e, duas noites antes, Smallwood viera à tenda de Locke. Sor Mallador era da mesma opinião do velho Sor Ottyn Wythers, que insistia em uma retirada para a Muralha, mas Smallwood queria convencê-lo do contrário.

– Esse Rei-para-lá-da-Muralha nunca nos esperará tão longe para o norte – ele dissera, segundo o Doce Donnel. – E essa sua grande tropa é desajeitada, cheia de bocas inúteis que não saberão de que lado da espada se pega. Um golpe vai tirar deles toda a vontade de lutar e botá-los em fuga, aos uivos, de volta às suas cabanas pelos

próximos cinquenta anos.

Trezentos contra trinta mil. Chett chamava isso de uma completa loucura, e o que era ainda mais insano era que Sor Mallador fora convencido, e os dois, juntos, estavam a ponto de fazer o Velho Urso mudar de ideia.

– Se esperarmos demais, essa oportunidade poderá ser perdida, e para sempre –Smallwood andava dizendo a quem quer que o quisesse ouvir.

Contra isso, Sor Ottyn Wythers disse:

– Somos o escudo que defende os reinos dos homens. Não se joga fora um escudo sem bons motivos.

A essa afirmação, Thoren Smallwood retrucou:

– Num duelo de espadas, a mais segura defesa de um homem é o rápido ataque que mata o inimigo, não aninhar-se com medo atrás de um escudo.

Mas nem Smallwood nem Wythers tinham o comando. Quem o tinha era Lorde Mormont, e Mormont estava à espera de seus outros batedores, à espera de Jarmen Buckwell e dos homens que tinham escalado a Escada do Gigante, e de Qhorin Meia-Mão e Jon Snow, que tinham ido bater o Passo dos Guinchos. Mas a volta de Buckwell e do Meia-Mão estava atrasada. *O mais certo é estarem mortos*. Chett imaginou Jon Snow jazendo, azul e congelado, em algum cume gélido, com a lança de um selvagem enfiada naquele cu de bastardo. Essa ideia fez com que sorrisse. *Espero que também tenham matado seu maldito lobo.*

– Aqui não há urso nenhum – decidiu abruptamente. – Não passa de uma velha pegada. De volta ao Punho. – Os cães quase o derrubaram no chão, tão ansiosos por retornar como ele. Talvez pensassem que iam ser alimentados. Chett não conseguiu evitar uma gargalhada. Já não os alimentava havia três dias, para deixá-los ferozes e famintos. Naquela noite, antes de desaparecer na escuridão, iria libertá-los no meio das fileiras de cavalos, depois de o Doce Donnel Hill e o Karl Pé-Torto cortarem as cordas que os prendiam. *Vai haver cães latindo e cavalos em pânico por todo o Punho, atravessando fogueiras em corrida, saltando por cima da muralha e derrubando tendas ao chão*. Com toda a confusão, podiam se passar horas até que alguém reparasse que catorze irmãos tinham desaparecido.

Lark quisera reunir o dobro desse número, mas o que se podia esperar de um homem burro das Irmãs com a boca fedendo a peixe? Bastava murmurar uma palavra no ouvido errado para, antes de se dar conta, acabar sem a cabeça. Não, catorze era um bom número, homens suficientes para fazer o que tinha de ser feito, mas não tantos que não fossem capazes de manter segredo. Chett havia recrutado pessoalmente a maioria. Paul Pequeno era um dos seus; o homem

mais forte da Muralha, mesmo que tivesse raciocínio mais lento do que o de um caracol morto. Certa vez, quebrou as costas de um selvagem com um abraço. Também tinham o Adaga, assim chamado devido à sua arma preferida, e o pequeno homem grisalho que os irmãos chamavam de Pé-Leve, que estuprara uma centena de mulheres na juventude e agora gostava de se gabar de que nenhuma delas o viu ou ouviu até que enfiasse o pau nelas.

O plano era de Chett. Era o mais inteligente; além de ter sido intendente do velho Meistre Aemon durante quatro bons anos até aquele bastardo do Jon Snow tramar para que seu trabalho fosse entregue ao porco gordo do amigo dele. Quando matasse Sam Tarly naquela noite, planejava murmurar ao seu ouvido: "Cumprimentos ao Lorde Snow", antes de abrir a goela do Sor Porquinho e deixar que o sangue saísse borbulhando de todas aquelas camadas de sebo. Chett conhecia os corvos, portanto não teria aí nenhum problema, não mais do que teria com Tarly. Um toque de sua faca e aquele covarde mijaria nas calças e desataria a choramingar pela vida. *Que suplique, não vai ganhar nada com isso*. Depois de cortar sua goela, abriria as gaiolas e espantaria as aves, para que nenhuma mensagem chegasse à Muralha. Pé-Leve e Paul Pequeno matariam o Velho Urso, Adaga trataria de Blane, e Lark e os primos silenciariam Bannen e o velho Dywen, para evitar que depois farejassem seu rastro. Havia quinze dias que escondiam comida, e os cavalos de Doce Donnel e Karl Pé-Torto estariam preparados. Com Mormont morto, o comando passaria para Sor Ottyn Wythers, um velho acabado que já fraquejava. *Antes do fim do dia, ele já vai estar fugindo para a Muralha, e também não deverá desperdiçar nem um homem à nossa procura.*

Os cães puxavam-no enquanto abriam caminho por entre as árvores. Chett via o Punho, que abria caminho para as alturas através da vegetação. O dia estava tão escuro que o Velho Urso mandara acender os archotes, um grande círculo deles ardia ao longo da muralha anelar que coroava o topo do íngreme monte pedregoso. Os três atravessaram um riacho. A água estava gelada, e manchas de gelo espalhavam-se por sua superfície.

– Vou direto à costa – confidenciou Lark, o homem das Irmãs. – Eu e meus primos. Construímos um barco e voltaremos nele pra casa, pras Irmãs.

E em casa saberão que são desertores e cortarão suas cabeças ocas, pensou Chett. Não se podia sair da Patrulha da Noite depois de proferir os votos. Em qualquer ponto dos Sete Reinos, apanhariam-nos e matariam-nos.

Agora, o Ollo Mão-Cortada, esse andava falando em velejar de volta para Tyrosh, onde dizia que, por um pouco de honesta ladroagem, os homens não perdiam as mãos nem eram enviados para

congelar se encontrados na cama com a mulher de um cavaleiro qualquer. Chett cogitara ir com Ollo, mas não falava a língua úmida de menininhas que lá se falava. E o que poderia fazer em Tyrosh? Não aprendera ofício de que valesse a pena falar, ao crescer no Atoleiro da Bruxa. O pai passara a vida roçando nos campos dos outros e apanhando sanguessugas. Ficava nu em pelo, exceto por uma grossa fralda de couro, e entrava na água lamacenta. Quando de lá saía, estava coberto, dos mamilos aos tornozelos. Às vezes, obrigava Chett a arrancar as sanguessugas. Um dia, uma se prendera à palma de sua mão, e ele a esmagou de encontro a uma parede, repugnado. Por causa disso, o pai espancou-o até deixá-lo sangrando. Os meistres compravam as sanguessugas a um vintém por dúzia.

Lark podia ir para casa, se quisesse, e o maldito Tyrosh também, mas Chett não. Se não voltasse nunca a ver o Atoleiro da Bruxa, ainda não seria tempo suficiente. Gostara do aspecto da Fortaleza de Craster. Craster vivia lá como um senhor, por que Chett não poderia fazer o mesmo? Que ironia do destino: Chett, o filho do apanhador de sanguessugas, um lorde com uma fortaleza. Seu estandarte podia ser uma dúzia de sanguessugas em fundo cor-de-rosa. Mas por que parar em lorde? Talvez devesse ser um rei. *Mance Rayder começou como corvo. Eu podia ser rei assim como ele, e arranjar algumas mulheres.* Craster tinha dezenove, isso sem contar as novas, as filhas com quem ainda não tinha se deitado. Metade daquelas mulheres era tão velha e feia quanto Craster, mas isso não importava. Chett podia pôr as velhas para cozinhar e limpar para ele, arrancar cenouras da terra e alimentar os porcos, enquanto as novas lhe aqueciam a cama e lhe davam filhos. Craster não faria objeções, pelo menos depois de Paul Pequeno lhe dar um abraço.

As únicas mulheres que Chett conhecera eram as prostitutas por quem tinha pagado em Vila Toupeira. Quando era mais novo, as meninas da aldeia davam uma olhada em seu rosto, com furúnculos e quistos, e afastavam os olhos, repugnadas. A pior tinha sido Bessa, aquela vaca. Abria as pernas para todos os rapazes do Atoleiro da Bruxa, então Chett pensou: por que não as abriria para mim também? Até passou uma manhã apanhando flores silvestres quando ouviu dizer que ela as apreciava, mas Bessa limitou-se a rir na sua cara e dizer que antes se enfiaria numa cama com as sanguessugas do pai do que com ele. Ela parou de rir quando ele enfiou a faca nela. Isso foi agradável, ver a expressão no rosto de Bessa, por isso tirou a faca e enfiou-a de novo. Quando o pegaram, perto de Seterrios, o velho Lorde Walder Frey sequer se incomodou em vir julgá-lo pessoalmente. Mandou um de seus *bastardos*, aquele Walder Rivers, e, quando Chett deu por si, estava a caminho da Muralha, com aquele demônio preto fedido do Yoren. Em troca de seu único momento de satisfação,

tinham-lhe roubado a vida inteira.

Mas agora pretendia roubá-la de volta, e também as mulheres de Craster. *Aquele velho selvagem pervertido é que está certo. Se quer casar com uma mulher, basta tomá-la, e nada de lhe dar flores para que talvez não repare em suas malditas pústulas.* Chett não pretendia cometer *esse* erro novamente.

Iria dar certo, prometeu a si mesmo pela centésima vez. *Desde que a gente consiga se afastar sem problemas.* Sor Ottyn avançaria na direção da Torre Sombria, o caminho mais curto até a Muralha. *Ele não vai se incomodar com a gente, o Wythers não é homem para isso, tudo que quer é voltar inteiro.* Agora, Thoren Smallwood, esse ia querer avançar com o ataque, mas a cautela de Sor Ottyn era muito profunda e ele tinha uma patente mais elevada. *Seja como for, que se dane. Depois de a gente ir embora, Smallwood pode atacar quem quiser. O que nos importa? Se nenhum deles voltar para a Muralha, ninguém virá à nossa procura, vão pensar que estamos mortos, como os outros.* Aquela era uma nova ideia, e por um momento o tentou. Mas, para dar o comando a Smallwood, teriam de matar também Sor Ottyn e Sor Mallador Locke, e ambos eram bem escoltados dia e noite... não, o risco era grande demais.

– Chett – disse Paul Pequeno enquanto avançavam penosamente por uma trilha pedregosa, aberta por animais entre árvores-sentinela e pinheiros marciais –, e o pássaro?

– De que merda de pássaro você está falando? – A última coisa de que precisava agora era de um cabeça oca perguntando de um pássaro.

– O corvo do Velho Urso – disse Paul Pequeno. – Se o matarmos, quem vai dar comida ao pássaro?

– Quem liga pra isso? Mate o pássaro também, se quiser.

– Não quero fazer mal a pássaro nenhum – disse o enorme homem. – Mas aquele é um pássaro que fala. E se ele contar a alguém o que fizemos?

Lark, o homem das Irmãs, soltou uma gargalhada.

– Paul Pequeno, cabeça-dura como a muralha de um castelo – caçoou.

– Fica quieto – disse Paul Pequeno, num tom que denotava perigo.

– Paul – disse Chett antes que o grandalhão ficasse zangado demais –, quando encontrarem o velho numa poça de sangue, com a garganta aberta, não vão precisar de um pássaro para lhes dizer que alguém o matou.

Paul Pequeno saboreou aquilo por um momento.

– É verdade – concordou. – Nesse caso, posso ficar com o pássaro? Gosto dele.

– É seu – disse Chett, só para que ele se calasse.

– Sempre podemos comê-lo, se ficarmos com fome – sugeriu Lark.

Paul Pequeno voltou a fechar o tempo.

– É melhor que não tente comer *meu* pássaro, Lark. É melhor que não tente.

Chett ouvia vozes vagueando por entre as árvores.

– Fechem a porra dessas bocas, os dois. Estamos quase no Punho.

Emergiram perto da vertente ocidental do monte e rodearam-no em direção ao sul, até o local onde o declive era mais suave. Perto do limite da floresta, uma dúzia de homens praticava tiro com arco. Tinham esculpido silhuetas nos troncos das árvores, e disparavam flechas contra elas.

– Olha – disse Lark. – Um porco com um arco.

E, logicamente, o arqueiro mais próximo deles era o próprio Sor Porquinho, o rapaz gordo que roubara o lugar de Chett junto ao Meistre Aemon. Bastava ver Samwell Tarly para se encher de raiva. Ser intendente do Meistre Aemon fora a melhor época de sua vida. O velho cego não era exigente e, de qualquer maneira, Clydas tratava da maior parte de seus desejos. Os deveres de Chett eram fáceis: manter a colônia limpa, acender uns fogos, buscar umas refeições... e Aemon não bateu nele uma única vez. *Acha que pode chegar e me botar para fora, só porque é bem-nascido e sabe ler. Pode ser que lhe peça para ler a minha faca antes de abrir sua garganta com ela.*

– Continuem – disse aos outros. – Quero ver isso. – Os cães estavam puxando, ansiosos por ir com os outros, até a comida que pensavam que os esperaria lá em cima. Chett chutou a cadela com a ponta da bota, e isso acalmou-os um pouco.

Observou, das árvores, o gordo lutando com um arco tão alto quanto ele, com seu rosto vermelho e em forma de lua contraído de concentração. No chão, à sua frente, estavam enfiadas três flechas. Tarly encaixou uma e retesou o arco, manteve-o assim por um longo momento enquanto tentava mirar, e soltou. A flecha desapareceu no meio do verde. Chett soltou uma ruidosa gargalhada, uma bufada de doce repugnância.

– Você nunca encontrará aquela, e quem vai arcar com a culpa sou eu – anunciou Edd Tollett, o severo escudeiro grisalho que todos chamavam de Edd Doloroso. – Nunca há nada que desapareça que não olhem para mim, desde aquela vez em que perdi meu cavalo. Como se tivesse podido evitá-lo. Ele era branco e estava nevando, o que esperavam?

– Aquela foi levada pelo vento – disse Grenn, outro amigo de Lorde Snow. – Tente manter o arco firme, Sam.

– É pesado – queixou-se o gordo, mas preparou a segunda flecha mesmo assim. Desta vez, ela saiu alta, metendo-se por entre os galhos, três metros acima do alvo.

– Acho que você derrubou uma folha daquela árvore – disse Edd Doloroso. – O outono já as faz cair suficientemente depressa, não é preciso ajudá-lo. – Suspirou. – E todos sabemos o que se segue ao outono. Deuses, que frio. Dispare a última flecha, Samwell, acho que minha língua está congelando no céu da boca.

Sor Porquinho abaixou o arco, e Chett achou que ele fosse desatar a berrar.

– É difícil demais.

– Encaixe, puxe e solte – disse Grenn. – Vá lá.

Obedientemente, o gordo arrancou a última flecha do chão, encaixou-a no arco, puxou e soltou. Fez isso rapidamente, sem focar os olhos de maneira cuidadosa ao longo da haste como fizera nas duas primeiras vezes. A flecha atingiu a parte inferior do peito da silhueta desenhada a carvão e ali ficou, tremendo.

– *Acertei.* – O Sor Porquinho parecia chocado. – Grenn, você viu? Edd, olha, acertei nele!

– Enfiou-a entre as costelas dele, eu diria – falou Grenn.

– Matei-o? – quis saber o gordo.

Tollett encolheu os ombros.

– Podia ter perfurado um pulmão, se ela tivesse pulmões. A maior parte das árvores não tem, via de regra. – Tirou o arco da mão de Sam. – Mas já vi tiros piores. Sim, e já disparei alguns.

Sor Porquinho resplandecia. Ao olhar para ele, dava para se pensar que tinha realmente *feito* alguma coisa. Mas quando viu Chett e os cães, seu sorriso ruiu e morreu aos guinchos.

– Acertou numa árvore – disse Chett. – Vamos ver como é que dispara quando forem os moços de Mance Rayder. Eles não vão ficar parados com os braços esticados e as folhas restolhando, ah não. Vão vir direto em sua direção, gritando na sua cara, e eu aposto que vai mijar nas calças. Um deles vai enfiar um machado bem no meio desses olhinhos de porco. A última coisa que você vai ouvir será o *tunc* que o machado fará quando morder seu crânio.

O gordo estava tremendo. Edd Doloroso colocou uma mão no ombro dele.

– Irmão – disse ele solenemente –, só porque foi assim com você, não quer dizer que Samwell passará pelo mesmo.

– De que você está falando, Tollett?

– Do machado que rachou seu crânio. É verdade que metade de seus miolos escorreu para o chão e foi comida pelos cães?

O grande palhaço do Grenn riu, e até Samwell Tarly conseguiu dar um frágil sorrisinho. Chett chutou o cão mais próximo, puxou suas trelas e começou a subir o monte. *Sorria quanto quiser, Sor Porquinho. À noite veremos quem vai rir*. Só gostaria de ter tempo de também matar Tollett. *Um babaca sombrio com cara de cavalo é o que ele é*.

A subida era íngreme, mesmo daquele lado do Punho, que tinha a inclinação menos pronunciada. No meio da subida, os cães começaram a latir e a puxá-lo, julgando que iriam ser alimentados em breve. Em vez disso, fez com que saboreassem um pouco de sua bota, e deu uma chicotada no animal grande e feio que tentou mordê-lo. Depois de amarrar os cães, foi fazer o relatório.

– As pegadas estavam lá como o Gigante tinha dito, mas os cães não encontraram o cheiro – disse a Mormont, diante de sua grande tenda preta. – Junto ao rio, daquela maneira, podiam ser pegadas velhas.

– Pena. – O Senhor Comandante Mormont tinha a cabeça calva e uma grande e hirsuta barba grisalha, e soava tão cansado quanto parecia estar. – Podíamos ter ficado todos melhores com um pouco de carne fresca. – O corvo em seu ombro inclinou a cabeça e ecoou: "*Carne. Carne. Carne*".

Podíamos cozinhar os malditos cães, pensou Chett, mas manteve a boca fechada até que o Velho Urso o mandasse embora. *E essa é a última vez que vou precisar inclinar a cabeça a esse aí*, pensou consigo mesmo, com satisfação. Parecia-lhe que estava ficando ainda mais frio, coisa que teria jurado não ser possível. Os cães aninhavam-se uns contra os outros, com um ar infeliz, sobre a lama dura e congelada, e Chett quase se sentiu tentado a engatinhar para o meio deles. Em vez disso, envolveu a parte de baixo do rosto em um cachecol de lã preto, deixando entre as voltas uma fenda para a boca. Descobriu que ficava mais quente se continuasse em movimento, e deu uma lenta volta no perímetro, compartilhando um par de mastigadas de um maço de folhamarga com os irmãos negros que estavam de guarda e ouvindo o que eles tinham a dizer. Nenhum dos homens do turno do dia fazia parte de seus planos; mesmo assim, achou que era bom ter alguma ideia do que eles pensavam.

Na maior parte, o que eles pensavam era que fazia um frio de lascar.

O vento começou a soprar com mais força à medida que as sombras foram se alongando. Fazia um som alto e fino, enquanto tremia através das pedras da muralha anelar.

– Detesto esse som – disse o pequeno Gigante. – Parece um bebê na moita, chorando por leite.

Quando terminou a volta e regressou para junto dos cães, encontrou Lark à sua espera.

– Os oficiais tão outra vez na tenda do Velho Urso, numa grande discussão sobre qualquer coisa.

– É o que eles fazem – disse Chett. – São bem-nascidos, todos menos Blane, e embebedam-se com palavras em vez de vinho.

Lark aproximou-se de esguelha.

– O cérebro-de-queijo não para de falar do pássaro – preveniu, olhando em volta para se certificar de que não havia ninguém por perto. – Agora anda perguntando se guardamos grãos para o maldito bicho.

– É um corvo – disse Chett. – Come cadáveres.

Lark deu um sorriso.

– O dele, de repente?

Ou o seu. Chett achava que precisavam mais do grandalhão do que de Lark.

– Deixa o Paul Pequeno quieto. Faça a sua parte, ele vai fazer a dele.

O ocaso já se espalhava pela floresta quando Chett conseguiu se livrar do homem das Irmãs e se sentou para afiar a espada. Era um trabalho difícil com as luvas calçadas, mas não ia tirá-las. Com o frio que fazia, qualquer imbecil que tocasse o aço com a mão nua perderia um pedaço de pele.

Os cães ganiram quando o sol se escondeu. Deu-lhes água e xingamentos.

– Mais meia noite e podem encontrar sozinhos o banquete de vocês. – A essa altura, já sentia o cheiro do jantar.

Dywen estava pregando tediosamente junto à fogueira, quando Chett recebeu seu pedaço de pão duro e uma tigela de sopa de feijão e bacon das mãos de Hake, o cozinheiro.

– A floresta está silenciosa demais – estava dizendo o velho lenhador. – Nada de rãs perto do rio, nada de corujas no escuro. Nunca ouvi extensão de árvores mais morta do que esta.

– Esses seus dentes parecem bastante mortos – disse Hake.

Dywen estalou os dentes de madeira.

– E também nada de lobos. Antes havia, mas já não há. Para onde vocês acham que eles foram?

– Para algum lugar quente – disse Chett.

Da dúzia de irmãos sentados junto à fogueira, quatro eram seus. Dirigiu a todos eles um olhar duro de viés enquanto comia, para ver se algum mostrava sinais de poder acovardar-se. Adaga parecia bastante calmo, sentado em silêncio e afiando a lâmina de sua arma, como fazia todas as noites. E Doce Donnel Hill era todo gracejos fáceis. Tinha dentes brancos, gordos lábios vermelhos e madeixas amarelas, que usava em artística desordem em volta dos ombros, e dizia ser bastardo de um Lannister qualquer. Talvez até fosse. Chett não tinha uso nenhum para dar a rapazinhos bonitos ou bastardos, mas Doce Donnel parecia capaz de se aguentar.

Tinha menos certezas quanto ao forrageiro que os irmãos chamavam de Serrote, mais pelo modo como roncava do que por qualquer coisa que tivesse a ver com árvores. Naquele momento,

parecia tão inquieto que podia bem não voltar a roncar. E Maslyn era pior. Chett via suor escorrendo por seu rosto, apesar do vento gelado. As pérolas de umidade cintilavam à luz da fogueira, como uma porção de pequenas joias molhadas. Maslyn, além disso, não comia, estava apenas fitando a sopa como se seu cheiro estivesse a ponto de fazê-lo vomitar. *Vou ter de vigiar aquele*, pensou Chett.

– Reunir! – O grito surgiu de súbito, vindo de uma dúzia de gargantas, e rapidamente se espalhou até todos os recantos do acampamento no alto do monte. – Homens da Patrulha da Noite! Reunir junto da fogueira central!

Franzindo o cenho, Chett terminou a sopa e seguiu os outros.

O Velho Urso estava em pé junto da fogueira, com Smallwood, Locke, Wythers e Blane alinhados em fila atrás dele. Mormont usava um manto de espessas peles negras, e o corvo estava empoleirado em seu ombro, alisando suas penas negras. *Isso não pode ser bom*. Chett enfiou-se entre o Bernarr Castanho e alguns homens da Torre Sombria. Depois de todos se reunirem, à exceção dos vigias na floresta e dos guardas na muralha anelar, Mormont pigarreou e escarrou. O cuspe congelou antes de chegar ao chão.

– Irmãos – disse ele –, homens da Patrulha da Noite.

"*Homens!*", guinchou o corvo, "*Homens! Homens!*". Ele prosseguiu:

– Os selvagens estão em marcha, seguindo o curso do Guadeleite para fora das montanhas. Thoren crê que sua vanguarda estará aqui dentro de dez dias. Seus saqueadores mais experientes estarão com Harma Cabeça-de-Cão nessa vanguarda. Os outros provavelmente formarão uma tropa de retaguarda, ou então viajarão bem perto do próprio Mance Rayder. Nos outros pontos, os guerreiros deles estarão muito espalhados ao longo da linha de marcha. Têm bois, mulas, cavalos, mas poucos. A maior parte deles estará a pé, mal armada e sem treino. É mais provável que as armas que transportam sejam de pedra e osso do que de aço. Estão sobrecarregados com mulheres, crianças, rebanhos de ovelhas e cabras, e todos os seus bens materiais. Em suma, embora sejam numerosos, são vulneráveis... e *não sabem que estamos aqui*. Ou pelo menos temos que rezar para que não saibam.

Eles sabem, pensou Chett. *Seu maldito saco velho de pus, eles sabem, é tão certo como o nascer do sol. Qhorin Meia-Mão não voltou, não é? Nem Jarman Buckwell. Se algum deles foi apanhado, sabe bem demais que os selvagens já arrancaram deles uma ou duas palavras a essa altura.*

Smallwood deu um passo à frente.

– Mance Rayder planeja quebrar a Muralha e levar uma guerra sangrenta aos Sete Reinos. Bem, esse é um jogo que pode ser jogado por dois. De manhã, levamos a guerra até ele.

– Partimos à alvorada, com todas as nossas forças – disse o Velho Urso, enquanto um murmúrio percorria a assembleia. – Avançaremos

para o norte, contornando depois pelo oeste. A vanguarda de Harma já terá passado há muito pelo Punho quando virarmos. O sopé das Presas de Gelo está repleto de vales estreitos e sinuosos, perfeitos para emboscadas. A linha de marcha deles vai se estender ao longo de muitos quilômetros. Vamos cair sobre eles em vários locais ao mesmo tempo e obrigá-los a jurar que somos três mil homens, e não trezentos.

– Atacaremos com força, e estaremos longe antes que seus cavaleiros consigam se organizar para nos enfrentar – disse Thoren Smallwood. – Se vierem em nosso encalço, vamos lhes dar o que fazer durante algum tempo, e depois daremos meia-volta para atacar a coluna novamente, mais abaixo. Queimaremos suas carroças, dispersaremos seus rebanhos e mataremos tantos selvagens quantos pudermos. O próprio Mance Rayder também, se o encontrarmos. Se quebrarem e voltarem às suas cabanas, ganhamos. Se não, vamos atormentá-los ao longo de todo o caminho até a Muralha, certificando-nos de que deixem um rastro de cadáveres marcando seu progresso.

– *Eles são milhares* – gritou alguém atrás de Chett.

– Vamos morrer. – Era a voz de Maslyn, verde de medo.

"*Morrer*", gritou o corvo de Mormont, batendo as asas negras. "*Morrer, morrer, morrer*."

– Muitos de nós, sim – disse o Velho Urso. – Talvez todos. Mas, assim como outro Senhor Comandante disse há mil anos, é por isso que nos vestem de preto. Lembrem-se de suas palavras, irmãos. Pois somos as espadas na escuridão, os vigilantes nas muralhas...

– O fogo que arde contra o frio. – Sor Mallador Locke puxou a espada.

– A luz que traz consigo a alvorada – responderam outros, e mais espadas foram desembainhadas.

E então todos eles estavam pegando as armas, e eram quase trezentas espadas erguidas para o céu e outras tantas vozes gritando: "*A trombeta que acorda os que dormem! O escudo que defende os reinos dos homens!*". Chett não teve outra escolha a não ser juntar sua voz à dos outros. Havia uma neblina no ar, proveniente da respiração dos homens, e a luz da fogueira rebrilhava no aço. Sentiu-se contente por ver que Lark, Pé-Leve e Doce Donnel Hill também se juntavam, como se fossem tão tolos quanto os demais. Isso era bom. Não era sensato chamar a atenção quando a hora estava tão próxima.

Quando os gritos silenciaram, voltou a ouvir o som do vento cutucando a muralha anelar. As chamas rodopiaram e estremeceram, como se também elas tivessem frio e, no súbito silêncio, o corvo do Velho Urso crocitou sonoramente e mais uma vez disse: "*Morrer*".

Pássaro esperto, pensou Chett enquanto os oficiais ordenavam o dispersar, dizendo a todos para fazerem uma boa refeição e terem um longo descanso naquela noite. Chett enfiou-se em suas peles perto dos

cães, com a cabeça cheia de coisas que podiam correr mal. E se aquele maldito juramento tivesse feito um dos seus mudar de ideia? E se Paul Pequeno se esquecesse e tentasse matar Mormont durante o segundo turno e não no terceiro? E se Maslyn perdesse a coragem, e se alguém se transformasse em informante, e se...

Deu por si escutando a noite. O vento realmente soava como uma criança chorando, e de tempos em tempos conseguia ouvir vozes de homens, o relincho de um cavalo, um pedaço de lenha crepitando na fogueira. Mas nada mais. *Tanto silêncio*.

Conseguia ver o rosto de Bessa flutuando à sua frente. *Não era a faca que queria enfiar em você,* desejou lhe dizer. *Colhi flores para lhe dar, rosas silvestres, tanásias e copodouros, levei toda a manhã*. Seu coração batia como um tambor, com tanta força que temeu que o barulho acordasse o acampamento. O gelo havia se solidificado em sua barba, ao redor da boca. *De onde veio isso da Bessa?* Antes, sempre que pensara nela fora apenas para se lembrar da expressão de seu rosto enquanto morria. O que se passava consigo? Quase não conseguia respirar. Teria adormecido? Ficou de joelhos, e algo úmido e frio tocou seu nariz. Chett olhou para cima.

Nevava.

Sentiu as lágrimas congelando em seu rosto. *Não é justo*, quis gritar. A neve arruinaria tudo aquilo por que trabalhara, todos os seus cuidadosos planos. Era uma nevasca forte, com grandes flocos brancos que caíam por todos os lados. Como encontrariam os esconderijos de comida no meio da neve, ou a trilha que planejavam seguir para leste? *E eles também não vão precisar nem de Dywen nem de Bannen para nos caçar, se nos perseguirem em neve fresca*. E a neve escondia a forma do terreno, especialmente durante a noite. Um cavalo podia tropeçar numa raiz, quebrar uma pata numa pedra. *Estamos fritos*, compreendeu. *Fritos antes de começar. Estamos perdidos*. Não haveria vida de lorde para o filho do caçador de sanguessugas, não haveria uma fortaleza para chamar de sua, nem esposas, nem coroas. Só uma espada de selvagem espetada na barriga, e depois uma sepultura não assinalada. *A neve roubou tudo de mim… a maldita neve…*

A neve já o arruinara uma vez. A neve e o seu porco de estimação.

Chett ficou em pé. Suas pernas estavam rígidas, e os flocos de neve que caíam transformavam as tochas distantes em vagos clarões cor de laranja. Sentiu-se como se estivesse sendo atacado por uma nuvem de pálidos bichos frios. Assentavam-se em seus ombros e sua cabeça, e depois penetravam em seu nariz e seus olhos. Praguejando, esfregou-os. *Samwell Tarly*, recordou. *Ainda posso tratar do Sor Porquinho*. Enrolou o rosto no cachecol, puxou o capuz por sobre a cabeça e começou a atravessar o acampamento até o local onde o

covarde dormia.

A neve caía tão intensamente que Chett se perdeu entre as tendas, mas, por fim, distinguiu o pequeno quebra-ventos aconchegado que o gordo construíra para si entre um rochedo e as gaiolas dos corvos. Tarly encontrava-se enterrado sob um monte de peles hirsutas e cobertores negros de lã . A neve estava entrando no abrigo e começava a cobri-lo. Parecia uma espécie de montanha mole e redonda. Aço sussurrou em couro, tênue como a esperança, quando Chett desembainhou o punhal. Um dos corvos soltou um *croc*. "Neve", resmungou outro, espreitando através das barras com olhos negros. O primeiro acrescentou um "Neve" ao do parceiro. Chett passou por eles, colocando os pés no chão com cautela. Apertaria a boca do gordo com a mão esquerda para abafar seus gritos, e depois...

Uuuuuuuuuuoooooooooo.

Parou no meio de um passo, engolindo a praga enquanto o som do berrante estremecia pelo acampamento, tênue e longínquo, mas inconfundível. *Agora não. Malditos sejam os deuses, agora NÃO!* O Velho Urso tinha escondido olheiros num círculo de árvores em torno do Punho, a fim de ser avisado de qualquer coisa que se aproximasse. *Jarman Buckwell voltou da Escada do Gigante*, supôs Chett, *ou Qhorin Meia-Mão, do Passo dos Guinchos*. Um único sopro no berrante significava irmãos retornando. Se fosse o Meia-Mão, Jon Snow poderia estar com ele, vivo.

Sam Tarly sentou-se, de olhos inchados, e olhou confuso para a neve. Os corvos crocitavam ruidosamente, e Chett ouvia seus cães latindo. *Metade do maldito acampamento está acordado*. Seus dedos enluvados apertaram o cabo do punhal enquanto esperava que o som se desvanecesse. Mas assim que desapareceu, surgiu de novo, com mais força e por mais tempo.

Uuuuuuuuuuuuuuuoooooooooooooooo.

– Deuses – ouviu Sam Tarly choramingar. O gordo ajoelhou-se, com os pés enredados no manto e nas mantas. Afastou-os com um chute e estendeu a mão para um camisão de cota de malha que tinha pendurado no rochedo ali perto. Enquanto enfiava pela cabeça aquilo que parecia uma enorme tenda e se contorcia lá para dentro, deu uma olhada em Chett, parado ali.

– Foram dois? – perguntou. – Sonhei que tinha ouvido dois sopros…

– Não foi sonho – disse Chett. – Dois sopros para pôr a Patrulha em armas. Dois sopros para indicar que inimigos se aproximam. Há um machado lá fora com *Porquinho* escrito nele, gordo. Dois sopros quer dizer *selvagens*. – O medo naquela grande cara de lua deu-lhe vontade de rir. – Fodam-se todos até os sete infernos. Maldita Harna. Maldito Mance Rayder. Maldito Smallwood, que disse que só iam

chegar aqui em...

Uuuuuuuuuuuuuuuuuuoooooooooooooooooooooooooooooooooooooo.

O som perdurou, perdurou e perdurou, até parecer que nunca terminaria. Os corvos batiam as asas e guinchavam, voando em suas gaiolas e batendo nas barras, e por todo o acampamento os irmãos da Patrulha da Noite levantavam-se, vestiam as armaduras, prendiam cintos de espadas, pegavam seus machados de batalha e arcos. Samwell Tarly desatou a tremer, com o rosto da mesma cor que a da neve que caía, rodopiando, por todos os lados.

– Três – guinchou para Chett –, aquilo foram três, ouvi três. Nunca sopram três vezes. Há centenas e milhares de anos que não sopram três. Três quer dizer...

– ... *Outros*. – Chett soltou um som que era metade gargalhada e metade soluço, e de repente a roupa de baixo estava molhada, sentia o mijo escorrendo por sua perna, e via vapor evaporando-se da frente de seu calção.

Jaime

Um vento vindo do leste soprou através de seus cabelos emaranhados, tão suave e perfumado quanto os dedos de Cersei. Ouvia aves cantando e sentia o rio deslocando-se debaixo do barco, à medida que os movimentos dos remos os aproximavam da pálida alvorada cor-de-rosa. Depois de passar tanto tempo na escuridão, o mundo era tão encantador que Jaime Lannister se sentia tonto. *Estou vivo, e bêbado de sol*. Uma gargalhada atravessou seus lábios, súbita como uma codorna espantada do esconderijo.

– Silêncio – resmungou a moça, carregando o cenho. Carrancas adequavam-se mais ao seu rosto grosseiro do que um sorriso. Não que Jaime a tivesse visto sorrir alguma vez. Divertia-se imaginando-a com um dos vestidos de seda de Cersei em vez do justilho de couro com tachas que envergava. *Tanto faz vestir de seda uma vaca ou essa aí*.

Mas a vaca remava bem. Por baixo de seus calções de tecido grosseiro e marrom havia pernas que eram como cordões de madeira, e os longos músculos de seus braços estendiam-se e contraíam-se a cada batida dos remos. Mesmo depois de remar metade da noite, não mostrava sinais de cansaço, o que era mais do que se podia dizer do primo de Jaime, Sor Cleos, que sofria com o outro remo. *Uma grande e forte camponesa, pelo aspecto, mas fala como alguém de nascimento elevado e usa espada e punhal. Ah, mas será que sabe usá-los?* Jaime pretendia descobrir, assim que se livrasse daqueles grilhões.

Usava algemas de ferro nos pulsos e um par correspondente nos tornozelos, unidos por um pedaço de pesada corrente que não tinha mais de trinta centímetros de comprimento.

– Seria possível até imaginar que a minha palavra de Lannister não é suficientemente boa – gracejara quando o tinham atado. Nesse momento estava muito bêbado, graças a Catelyn Stark. Recordava-se apenas de *flashes* da fuga de Correrrio. Acontecera um problema qualquer com o carcereiro, mas a garota grande dominara-o. Depois disso tinham subido uma escadaria que parecia não ter fim, com voltas e mais voltas. Suas pernas estavam fracas como relva, e tropeçara duas ou três vezes, até a moça lhe oferecer um braço em que se apoiar. Em certo ponto, tinha sido enrolado em um manto de viajante e atirado para o fundo de um esquife. Lembrava-se de ouvir a voz da Senhora Catelyn ordenando a alguém que erguesse a porta levadiça do Portão da Água. Num tom que não admitia discussões, tinha declarado que estava enviando Sor Cleos Frey de volta a Porto Real com novas condições para a rainha.

Nessa altura, deve ter adormecido. O vinho dera-lhe sono, e era tão bom esticar-se, um luxo que as correntes não lhe permitiam na

cela. Jaime tinha aprendido havia muito a dormitar na sela durante uma marcha. Aquilo não era mais difícil. *Tyrion vai morrer de rir quando souber como dormi durante a minha própria fuga*. Mas agora estava acordado, e as algemas eram penosas.

– Senhora – chamou –, se tirasse essas correntes de mim, eu tomaria seu lugar nesses remos.

Ela voltou a franzir as sobrancelhas, com uma expressão que era toda dentes de cavalo e suspeita carrancuda.

– Vai usar suas correntes, Regicida.

– Pretende remar até Porto Real, garota?

– Chame-me de Brienne. E não de *garota*.

– Meu nome é Sor Jaime. Não Regicida.

– Nega que matou um rei?

– Não. Nega seu sexo? Se assim for, desate essas calças e mostre-me. – Dirigiu-lhe um sorriso inocente. – Poderia pedir que abrisse seu corpete, mas, olhando para você, julgo que isso não provaria grande coisa.

Sor Cleos queixou-se.

– Primo, lembre-se da boa educação.

O sangue Lannister é fino nas veias deste. Cleos era filho de sua tia Genna e daquele cretino do Emmon Frey, que vivera aterrorizado por Lorde Tywin Lannister desde o dia em que se casara com a irmã dele. Quando Lorde Walder Frey trouxe as Gêmeas para a guerra do lado de Correrrio, Sor Emmon escolheu as ligações da mulher em detrimento das do pai. *O Rochedo Casterly ficou com o pior desse negócio*, refletiu Jaime. Sor Cleos parecia uma doninha, lutava como um ganso e tinha a coragem de uma ovelha particularmente ousada. A Senhora Stark lhe prometera a liberdade se entregasse sua mensagem a Tyrion, e Sor Cleos jurara solenemente fazê-lo.

Tinham todos prestado uma boa dose de juramentos naquela cela, principalmente Jaime. Foi o preço que a Senhora Catelyn exigiu por perdê-lo. Ela encostara a ponta da espada da garota grande no coração de Jaime e disse:

– Jure que não voltará a pegar em armas contra Stark ou Tully. Jure que forçará seu irmão a honrar sua promessa de devolver as minhas filhas em segurança e incólumes. Jure por sua honra como cavaleiro, por sua honra como Lannister, por sua honra como Irmão Juramentado da Guarda Real. Jure pela vida de sua irmã, e pela de seu pai e de seu filho, pelos deuses antigos e novos, e eu vou enviá-lo de volta à sua irmã. Recuse, e farei seu sangue correr. – Lembrava-se do aço espetando através dos farrapos que usava quando ela torcera a ponta da espada.

Pergunto a mim mesmo o que o Alto Septão terá a dizer em relação à santidade de juramentos prestados quando se está caindo de bêbado,

acorrentado a uma parede e com uma espada encostada ao peito. Não que Jaime estivesse realmente preocupado com essa gorda fraude ou com os deuses que ele dizia servir. Lembrava-se do balde que a Senhora Catelyn derrubara com um pontapé na cela. Uma mulher estranha, para confiar as filhas a um homem que tinha merda no lugar da honra. Se bem que estivesse confiando nele o mínimo que se atrevia. *Está depositando as suas esperanças em Tyrion, não em mim*.

– Talvez ela não seja assim tão burra, afinal – disse em voz alta.

Sua captora compreendeu-o mal.

– Não sou burra. Nem surda.

Mostrou-se gentil para com ela. Caçoar daquela mulher seria tão fácil que não traria qualquer divertimento.

– Estava falando comigo, não contigo. É um hábito fácil de se adquirir numa cela.

Ela olhou-o com a testa franzida, empurrando os remos para a frente, puxando-os para trás, empurrando-os para a frente, sem nada dizer.

Tão fluente de língua como é bela de rosto.

– Por sua maneira de falar, julgaria que você é de nascimento nobre.

– Meu pai é Selwyn de Tarth, pela graça dos deuses, senhor do Entardecer. – Até aquilo foi dito de má vontade.

– Tarth – disse Jaime. – Um rochedo horrivelmente grande no mar estreito, se bem me lembro. E o Entardecer está juramentado a Ponta Tempestade. Como é que você serve Robb de Winterfell?

– Quem eu sirvo é a Senhora Catelyn. E ela ordenou-me que o entregasse a salvo ao seu irmão Tyrion em Porto Real, não que trocasse palavras com você. Fique em silêncio.

– Já tive minha dose de silêncio, mulher.

– Então fale com Sor Cleos. Não converso com monstros.

Jaime soltou um grito.

– Há monstros por aqui? Escondidos debaixo da água, talvez? Naquele bosque de salgueiros? E eu sem a minha espada!

– Um homem capaz de violar a própria irmã, matar seu rei e atirar uma criança inocente para a morte não merece outro nome.

Inocente? O maldito rapaz estava nos espiando. Tudo que Jaime quisera fora uma hora a sós com Cersei. A viagem para o norte tinha sido um longo tormento; vê-la todos os dias, sem ter a possibilidade de tocá-la, sabendo que Robert entrava em sua cama, todas as noites, aos tropeções de bêbado, naquela grande casa rolante que rangia por todos os lados. Tyrion fizera o que pôde para mantê-lo de bom humor, mas não tinha sido o bastante.

– Será cortês no que toca a Cersei, mulher – avisou-a.

– Meu nome é Brienne, não *mulher*.

– Que te importa como um monstro a chama?

– Meu nome é Brienne – repetiu, obstinada como um cão de caça.

– Senhora Brienne? – ela fez uma expressão tão desconfortável que Jaime pressentiu um ponto fraco. – Ou seria *Sor* Brienne mais a seu gosto? – soltou uma gargalhada. – Não, temo que não. Pode-se adornar uma vaca leiteira com rabicho, crinete e testeira e enfeitá-la toda de seda, mas isso não significa que se possa montá-la em batalha.

– Primo Jaime, por favor, você não devia falar tão rudemente. – Sob o manto, Sor Cleos usava um sobretudo esquartelado com as torres gêmeas da Casa Frey e o leão dourado dos Lannister. – Temos um longo caminho a percorrer, não devíamos disputar entre nós.

– Quando disputo, faço-o com uma espada, primo. Estava falando com a senhora. Diga-me, moça, as mulheres de Tarth são todas tão rústicas como você? Se assim for, sinto pena dos homens. Talvez não conheçam o aspecto de verdadeiras mulheres, vivendo numa montanha desolada no mar.

– Tarth é bela – resmungou a mulher entre remadas. – É chamada de Ilha Safira. Fique calado, monstro, a menos que queira que o amordace.

– Ela também é rude, não é, primo? – perguntou Jaime a Sor Cleos. – Se bem que tenha aço na espinha, admito. Não há muitos homens que se atrevam a me chamar de monstro na minha cara. – *Apesar de por trás de minhas costas falarem com bastante liberdade, não duvido.*

Sor Cleos tossiu nervosamente.

– A Senhora Brienne ouviu tais mentiras de Catelyn Stark, certamente. Os Stark não têm esperança de derrotá-lo com espadas, sor, portanto, agora fazem a guerra com palavras envenenadas.

Eles derrotaram-me com espadas, seu cretino sem queixo. Jaime deu um sorriso sabedor. Os homens podem ler todo tipo de coisas de um sorriso sabedor, basta terem a oportunidade. *Terá o primo Cleos realmente engolido esse monte de bosta ou estará tentando cair nas minhas graças? O que temos aqui, um cabeça oca honesto ou um bajulador?*

Sor Cleos continuou jovialmente a tagarelar.

– Qualquer homem que acredite que um Irmão Juramentado da Guarda Real seria capaz de fazer mal a uma criança não conhece o significado da honra.

Bajulador. Para falar a verdade, Jaime acabara por se lamentar de ter atirado Brandon Stark daquela janela. Depois daquilo, quando o rapaz se recusou a morrer, Cersei lhe deu um sem-fim de recriminações.

– Ele tinha *sete anos*, Jaime – ela o repreendera. – Mesmo se tivesse compreendido o que vira, teríamos sido capazes de assustá-lo o suficiente para que ficasse quieto.

– Não pensei que quisesse...

– Você *nunca* pensa. Se o garoto acordar e contar ao pai o que viu…

– Se, se, se. – Puxara-a para seu colo. – Se acordar, diremos que estava sonhando, vamos chamá-lo de mentiroso, e se o pior acontecer, mato Ned Stark.

– E nessa altura, o que imagina que *Robert* fará?

– Robert que faça o que bem entender. Faço guerra com ele, se tiver de ser. Os cantores vão chamá-la de Guerra pela Boceta de Cersei.

– Jaime, largue-me! – tinha se enraivecido, lutando para se levantar.

Em vez disso, ele a beijou. Por um momento, ela resistiu, mas então sua boca abriu-se sob a dele. Lembrava-se do sabor de vinho e cravo de sua língua. Ela estremeceu. Ele levou a mão ao corpete dela e puxou, rasgando a seda para que os seios se derramassem, livres, e durante algum tempo o rapaz Stark foi esquecido.

Será que Cersei teria lembrado dele mais tarde e contratado aquele homem de que a Senhora Catelyn falara, para se assegurar de que o rapaz nunca acordasse? *Se o quisesse morto, teria me enviado. E não é próprio dela escolher um homem que metesse os pés pelas mãos daquela maneira.*

A jusante do rio, o sol nascente cintilava na superfície da água, varrida pelo vento. A margem sul era de barro vermelho, lisa como uma estrada. Rios menores alimentavam o maior, e os troncos em putrefação de árvores afogadas aderiam às margens. A margem norte era mais selvagem. Grandes escarpas rochosas elevavam-se a seis metros acima deles, coroadas por grupos de faias, carvalhos e castanheiros. Jaime vislumbrou uma torre de vigia nas elevações, mais à frente, que aumentava de tamanho a cada remada. Muito antes de passarem por ela, soube que se encontrava abandonada, com as pedras desgastadas cobertas por rosas trepadeiras.

Quando o vento mudou, Sor Cleos ajudou a grande garota a içar a vela, um triângulo teso de lona com listras vermelhas e azuis. Cores Tully, que lhes causariam problemas na certa se encontrassem alguma força Lannister no rio, mas era a única vela que possuíam. Brienne pegou a cana do leme. Jaime atirou à água a bolina de bordo, e suas correntes chocalharam quando se moveu. Depois disso, a velocidade aumentou, e a fuga passou a ser favorecida tanto pelo vento como pela corrente do rio.

– Poderíamos poupar algum tempo se me entregasse ao meu pai e não ao meu irmão – apontou.

– As filhas da Senhora Catelyn estão em Porto Real. E ou volto com as meninas ou não volto.

Jaime virou-se para Sor Cleos.

– Primo, empreste-me sua faca.

– Não. – A mulher ficou tensa. – Não o quero armado. – A voz era inflexível como pedra.

Ela tem medo de mim, mesmo acorrentado.

– Cleos, parece que terei de pedir que você raspe meu cabelo. Deixe a barba, mas tire o cabelo da minha cabeça.

– Quer raspar o cabelo por completo? – perguntou Cleos Frey.

– O reino conhece Jaime Lannister como um cavaleiro sem barba e com longos cabelos dourados. Um careca com uma barba amarela e imunda pode passar despercebido. Prefiro não ser reconhecido enquanto estiver acorrentado.

O punhal não estava tão afiado como seria desejável. Cleos cortou os cabelos do primo virilmente, abrindo caminho pelos nós e atirando-os na água. Os caracóis dourados flutuaram na superfície da água, ficando gradualmente para trás. Enquanto os cabelos iam desaparecendo, um piolho arrastou-se descendo por seu pescoço. Jaime apanhou-o e esmagou-o na unha. Sor Cleos tirou outros do couro cabeludo do primo e atirou-os na água. Jaime mergulhou a cabeça no rio e obrigou Sor Cleos a amolar a lâmina antes de deixá-lo raspar os últimos dois centímetros de penugem amarela. Quando terminaram essa parte, apararam-lhe também a barba.

O reflexo na água era de um homem que não conhecia. Não só era calvo, também parecia que tinha envelhecido cinco anos naquela masmorra; seu rosto estava mais magro, com covas debaixo dos olhos e rugas de que não se lembrava. *Assim não me pareço muito com Cersei. Ela vai detestar isso.*

Por volta do meio-dia, Sor Cleos adormeceu. Seus roncos pareciam patos acasalando. Jaime esticou-se para ver o mundo passando; depois da cela escura, cada rochedo e árvore era uma maravilha.

Algumas choupanas de um só cômodo surgiram e desapareceram, empoleiradas em estacas altas que as faziam assemelhar-se a guindastes. Das pessoas que lá viviam não viram nem sinal. Aves voavam no alto, ou soltavam gritos das árvores que cresciam nas margens, e Jaime vislumbrou peixes prateados cortando a água. *Truta Tully, aí está um mau presságio*, pensou, até ver outro pior – um dos troncos flutuantes por que passaram revelou ser um homem morto, sem sangue e inchado. Seu manto estava emaranhado nas raízes de uma árvore caída, e a cor era inconfundível: o carmesim de Lannister. Perguntou a si mesmo se o cadáver era de algum conhecido seu.

Os ramos do Tridente eram a forma mais simples de transportar bens e homens pelas terras fluviais. Em tempos de paz, teriam encontrado pescadores em seus esquifes, barcaças de cereais sendo

conduzidas corrente abaixo por varas, mercadores que vendiam agulhas e rolos de tecido em lojas flutuantes, talvez até um barco de pantomimeiros alegremente pintado, com velas feitas de remendos de meia centena de cores, subindo o rio de aldeia em aldeia e de castelo em castelo.

Mas a guerra havia cobrado seu preço. Passaram por aldeias mas não viram aldeões. Uma rede vazia, cortada, rasgada e pendurada em árvores era o único sinal de pescadores. Uma jovem que dava de beber ao cavalo afastou-se assim que vislumbrou a vela deles. Mais tarde, passaram por uma dúzia de camponeses que escavavam à sombra do esqueleto de uma torre queimada. Os homens olharam-nos com olhos mortiços e regressaram ao trabalho assim que decidiram que o esquife não constituía ameaça.

O Ramo Vermelho era largo e lento, um rio sinuoso de voltas e curvas, salpicado de minúsculas ilhotas arborizadas e frequentemente atravancado por bancos de areia e obstáculos submersos que espreitavam logo abaixo da superfície da água. Mas Brienne parecia ter olho bom para os perigos, e sempre encontrava o canal. Quando Jaime a elogiou por seu conhecimento do rio, ela olhou-o com suspeita e disse:

– Não conheço o rio. Tarth é uma ilha. Aprendi a manejar remos e velas antes de subir em um cavalo.

Sor Cleos sentou-se e esfregou os olhos.

– Deuses, meus braços estão doloridos. Espero que o vento dure. – Farejou-o – Sinto cheiro de chuva.

Jaime acolheria com agrado uma boa chuvarada. As masmorras de Correrrio não eram o lugar mais limpo dos Sete Reinos. Agora devia estar cheirando como um queijo curado demais.

Cleos semicerrou os olhos para a jusante.

– Fumaça.

Um fino dedo cinzento chamava-os, mais adiante. Erguia-se da margem sul, a vários quilômetros de distância, retorcendo-se e enrolando-se. Por baixo, Jaime distinguiu os restos fumegantes de um grande edifício, e um carvalho perenifólio cheio de mulheres mortas.

Os corvos mal tinham começado a atacar os cadáveres. As cordas finas abriam sulcos profundos na pele suave de suas gargantas, e quando o vento soprava, elas viravam e oscilavam.

– Isso não foi cavalheiresco – disse Brienne quando se aproximaram o suficiente para ver com clareza. – Nenhum cavaleiro de verdade perdoaria uma carnificina tão cruel.

– Os verdadeiros cavaleiros veem coisas piores sempre que partem para a guerra, garota – disse Jaime. – E, sim, *fazem* coisas piores.

Brienne virou o leme para a margem.

– Não deixarei inocentes como comida para corvos.

– Uma garota sem coração. Os corvos também precisam comer. Fique no rio e deixe os mortos em paz, mulher.

Atracaram antes do local onde o grande carvalho se inclinava sobre a água. Enquanto Brienne baixava a vela, Jaime pulou para fora do barco, desajeitado devido às correntes. O Ramo Vermelho encheu suas botas e empapou seus calções esfarrapados. Rindo, ajoelhou-se, mergulhou a cabeça na água e ergueu-se, ensopado e pingando. Tinha as mãos cheias de sujeira seca, e depois de esfregá-las na corrente, pareceram-lhe mais magras e mais pálidas do que se lembrava delas. Sentiu também as pernas tesas e pouco firmes quando apoiou nelas seu peso. *Passei tempo demais na maldita masmorra de Hoster Tully.*

Brienne e Cleos arrastaram o esquife para a margem. Os cadáveres pendiam sobre suas cabeças, amadurecendo na morte como frutos fétidos.

– Um de nós terá de cortar aquelas cordas – disse a mulher.

– Eu subo – Jaime moveu-se para a terra, tilintando. – Basta que tire estas correntes de mim.

A garota estava fitando uma das mortas. Jaime aproximou-se com seus pequenos e hesitantes passinhos, a única forma que a corrente permitia. Quando viu a tosca tabuleta pendurada no pescoço do cadáver mais alto, sorriu.

– *Deitaram-se com Leões* – leu. – Oh, sim, mulher, isso foi muito pouco *cavalheiresco*... mas, foi feito pelo seu lado, e não pelo meu. Pergunto-me quem seriam estas mulheres.

– Garotas de taverna – disse Sor Cleos Frey. – Isto era uma estalagem, recordo agora. Alguns homens de minha escolta passaram a noite aqui quando voltamos a Correrrio. – Nada restava do edifício além das fundações de pedra e de um emaranhado de vigas caídas e negras de carvão. Ainda saía fumaça das cinzas.

Jaime deixava os bordéis e as prostitutas para o irmão Tyrion. Cersei era a única mulher que tinha desejado na vida.

– As garotas deram prazer a alguns dos soldados do senhor meu pai, ao que parece. Talvez tenham servido comida e bebida a eles. Foi assim que ganharam seus colares de traidoras, com um beijo e um copo de cerveja. – Olhou de relance para os dois lados do rio, a fim de se certificar de que estavam sós. – Isto é terra Bracken. Lorde Jonos pode ter ordenado a morte delas. Meu pai queimou o castelo dele, receio que não goste de nós.

– Pode ser obra de Marq Piper – disse Sor Cleos. – Ou do fogaréu dos bosques, Beric Dondarrion, muito embora eu tenha ouvido dizer que ele só mata soldados. Talvez um bando de nortenhos de Roose Bolton?

– Bolton foi derrotado pelo meu pai no Ramo Verde.

– Derrotado, mas não destruído – disse Sor Cleos. – Avançou para sul novamente quando Lorde Tywin se pôs em marcha contra os vaus. Segundo se dizia em Correrrio, tomou Harrenhal de Sor Amory Lorch.

Jaime não gostou nem um pouco daquilo.

– Brienne – disse, concedendo-lhe a cortesia do nome na esperança de fazer com que ela o escutasse –, se Lorde Bolton detém Harrenhal, tanto o Tridente como a estrada do rei provavelmente estão sob vigia.

Pensou ter visto uma ponta de incerteza nos grandes olhos azuis da garota.

– Está sob a minha proteção. Teriam de me matar.

– Não me parece que eles teriam remorso disso.

– Sou tão boa lutadora quanto você – disse ela em tom defensivo. – Era um dos sete escolhidos do Rei Renly. Com as próprias mãos prendeu o manto de seda listrada da Guarda Arco-Íris em minhas costas.

– A Guarda *Arco-Íris*? Era você e mais seis garotas, não? Um cantor certo dia disse que todas as donzelas são belas vestidas de seda... mas ele nunca a viu, não é?

A mulher ficou vermelha.

– Temos sepulturas para cavar. – E escalou a árvore.

Os galhos mais baixos do carvalho eram suficientemente grandes para ela caminhar sobre eles, depois de ter subido o tronco. Deslocou-se por entre as folhas, de punhal na mão, cortando as cordas que suspendiam os cadáveres. Moscas esvoaçavam em torno dos corpos quando caíam, e o fedor foi piorando à medida que o trabalho avançava.

– Isso é trabalho demais para se ter só por causa de prostitutas – queixou-se Sor Cleos. – Com o que devemos cavar? Não temos pás, e eu não usarei a espada, não...

Brienne soltou um grito. Saltou para o chão em vez de descer pelo tronco.

– Para o barco. Depressa. Uma vela.

Apressaram-se o mais que puderam, embora Jaime quase não conseguisse correr e tivesse de ser puxado para dentro do esquife pelo primo. Brienne empurrou o barco para a água com um remo e içou apressadamente a vela.

– Sor Cleos, vou precisar que reme também.

Ele fez o que Brienne lhe pediu. O esquife começou a cortar as águas um pouco mais depressa; corrente, vento e remos, todos trabalhavam a seu favor. Jaime ficou sentado, acorrentado, olhando atentamente para o sentido da nascente. Só o topo da outra vela estava visível. Devido ao modo como o Ramo Vermelho se contorcia, parecia encontrar-se do outro lado dos campos, movendo-se para o

norte por trás de um biombo de árvores, enquanto eles se deslocavam para o sul, mas Jaime sabia que a aparência era enganosa. Levantou ambas as mãos para proteger os olhos do sol.

– Vermelho de lama e azul de água – anunciou.

A grande boca de Brienne movia-se sem som, dando-lhe o aspecto de uma vaca ruminando.

– Mais depressa, sor.

A estalagem desapareceu rapidamente atrás deles, e também perderam de vista o topo da vela, mas isso não queria dizer nada. Assim que os perseguidores fizessem a curva, ficariam de novo visíveis.

– Creio que podemos ter a esperança de que os nobres Tully parem para enterrar as putas mortas. – A ideia de voltar à sua cela não entusiasmava Jaime. *Tyrion poderia pensar agora em qualquer coisa inteligente, mas tudo o que vem à minha cabeça é atacá-los com uma espada.*

Durante quase uma hora brincaram de esconde-esconde com os perseguidores, navegando pelas curvas do rio e por entre pequenas ilhas arborizadas. Justo no momento em que começavam a ganhar a esperança de que de algum modo tivessem deixado para trás aqueles que seguiam em seu encalço, eis que a vela distante se tornou de novo visível. Sor Cleos fez uma pausa nas remadas.

– Que os Outros os levem. – E limpou o suor da testa.

– Reme! – disse Brienne.

– Aquilo que vem atrás de nós é uma galé de rio – anunciou Jaime depois de observá-la durante algum tempo. A cada remada parecia crescer um pouco mais. – Nove remos de cada lado, o que significa dezoito homens. Mais, se tiverem embarcado soldados além dos remadores. E velas maiores do que as nossas. Não é possível fugir deles.

Sor Cleos congelou nos remos.

– Você disse dezoito?

– Seis para cada um de nós. Eu ficaria com oito, mas estas pulseiras me atrapalham um pouco. – Jaime ergueu os pulsos. – A menos que a Senhora Brienne faça a gentileza de me soltar.

Ela ignorou-o, colocando todos os seus esforços nas remadas.

– Tínhamos meia noite de dianteira – disse Jaime. – Eles têm remado desde a alvorada, descansando dois remos de cada vez. Devem estar exaustos. A visão de nossa vela renovou suas forças, mas isso não durará. Conseguiríamos matar vários.

O queixo de Sor Cleos caiu.

– Mas... eles são *dezoito*.

– Pelo menos. O mais certo é serem vinte ou vinte e cinco.

O primo gemeu.

– Não podemos esperar derrotar dezoito homens.

– E eu disse que podíamos? O melhor que podemos esperar é morrer de espada na mão. – Estava sendo completamente sincero. Jaime Lannister nunca teve medo da morte.

Brienne parou de remar. O suor tinha colado madeixas cor de linho em sua testa, e sua careta fazia-a parecer mais rústica do que nunca.

– Você está sob a minha proteção – disse, com a voz tão carregada de ira que era quase um rosnido.

Ele não conseguiu não rir de tanta ferocidade. *Ela é o Cão de Caça com tetas*, pensou. *Ou seria, se tivesse algo que desse para chamar de teta*.

– Então proteja-me, garota. Ou me solte para que eu possa me protejer.

A galé pairava rio abaixo, como uma grande libélula de madeira. A água ao redor dela havia se transformado em espuma branca pelos furiosos movimentos de seus remos. Estava aproximando-se visivelmente, e os homens no convés aglomeravam-se na dianteira. Metal cintilava nas mãos deles, e Jaime também via arcos. *Arqueiros*. Detestava arqueiros.

À proa da galé encontrava-se um homem robusto, de cabeça calva, espessas sobrancelhas grisalhas e braços musculosos. Sobre a cota de malha usava um sujo sobretudo branco, com um salgueiro bordado em verde-claro, mas o manto estava preso por uma truta prateada. *O capitão dos guardas de Correrrio*. Em seu tempo, Sor Robin Ryger fora um lutador notavelmente persistente, mas seu tempo tinha passado; era da mesma idade de Hoster Tully, e envelhecera com o seu senhor.

Quando os barcos se aproximaram e ficaram a cinquenta metros um do outro, Jaime pôs as mãos em concha ao redor da boca e gritou por sobre a água.

– *Veio me desejar boa viagem, Sor Robin?*

– *Vim levá-lo de volta, Regicida* – berrou Sor Robin Ryger. – *Como foi que perdeu seus cabelos dourados?*

– *Espero cegar os inimigos com o brilho da cabeça. Funcionou bastante bem com vocês*.

Sor Robin não sorriu. A distância entre o esquife e a galé tinha diminuído para quarenta metros.

– *Atirem os remos e as armas ao rio, e ninguém se machucará.*

Sor Cleos virou-se.

– Jaime, diga a ele que fomos libertados pela Senhora Catelyn... uma troca de cativos, legítima...

Jaime disse, por descargo de consciência.

– *Catelyn Stark não governa em Correrrio* – gritou Sor Robin de volta. Quatro arqueiros apertaram-se de ambos os lados do velho

cavaleiro, dois ajoelhados e dois em pé. – *Arremessem suas espadas na água*.

– *Não tenho espada* – retorquiu –, *mas se tivesse iria espetá-la em sua barriga e cortaria as bolas desses quatro covardes*.

A resposta foi uma chuva de flechas. Uma cravou-se no mastro, duas perfuraram a vela e a quarta não atingiu Jaime por trinta centímetros.

Outra das grandes voltas do Ramo Vermelho aproximou-se à frente deles. Brienne atravessou-a em ângulo, o estaleiro balançou quando viraram e a vela estalou ao se encher de vento. À frente, uma grande ilha estendia-se no meio da calha. O canal principal fluía pela direita. À esquerda, uma corredeira fluía entre a ilha e as escarpas elevadas da margem norte. Brienne moveu a cana do leme e o esquife cortou para a esquerda, com a vela ondulando. Jaime observou seus olhos. *Olhos bonitos*, pensou, *e calmos*. Sabia ler os olhos de uma pessoa. Sabia qual era o aspecto do medo. *Ela está determinada, não desesperada*.

Trinta metros atrás, a galé entrava na curva.

– Sor Cleos, tome o leme – ordenou a moça. – Regicida, pegue um remo e mantenha-nos afastados das rochas.

– Às ordens de minha senhora. – Um remo não era uma espada, mas a pá podia quebrar o rosto de um homem, se bem brandida, e o cabo podia ser usado para parar estocadas.

Sor Cleos enfiou o remo na mão de Jaime e engatinhou até a popa. Passaram pela ponta da ilha e entraram na corredeira em uma curva apertada, atirando uma onda contra a íngreme encosta enquanto o barco se inclinava. A ilha era densamente arborizada, um emaranhado de salgueiros, carvalhos e grandes pinheiros que lançavam profundas sombras sobre a água, escondendo rochas e os troncos apodrecidos de árvores submersas. À esquerda, a falésia erguia-se abrupta e rochosa, e, em seu sopé, o rio espumava, branco, em volta de pedregulhos quebrados e montes de rochas caídos da face da escarpa.

Passaram do sol para a sombra, escondidos da vista da galé pela muralha verde das árvores e pela escarpa rochosa cinza-amarronzada. *Alguns momentos livres das flechas*, pensou Jaime, afastando-os de um pedregulho meio submerso.

O esquife balançou. Ouviu uma suave pancada na água e quando olhou em volta, Brienne tinha desaparecido. Um momento mais tarde, voltou a vê-la, erguendo-se de dentro da água para a base da escarpa. Ela atravessou um charco raso, subiu algumas rochas e começou a escalar. Sor Cleos arregalava os olhos, de boca aberta. *Idiota*, pensou Jaime.

– Ignore a garota – exclamou para o primo. – Guie o barco.

Já viam a vela movendo-se atrás das árvores. A galé de rio surgiu, no topo da corredeira, vinte e cinco metros atrás deles. Sua proa oscilou violentamente quando ela virou, e meia dúzia de flechas levantaram voo, mas todas passaram bastante longe. O movimento dos dois barcos estava dando trabalho aos arqueiros, mas Jaime sabia que eles aprenderiam a compensar dentro de pouco tempo. Brienne encontrava-se no meio da escarpa, içando-se de apoio em apoio. *Ryger vai vê-la com certeza e, assim que isso acontecer, ordenará àqueles arqueiros que a abatam*. Jaime decidiu verificar se o orgulho do velho o tornava estúpido.

– *Sor Robin* – gritou –, *escute-me por um momento.*

Sor Robin ergueu uma mão e os arqueiros baixaram os arcos.

– *Diga o que quiser, Regicida, mas diga depressa.*

O esquife sacudiu por entre uma confusão de pedras quebradas enquanto Jaime gritava:

– *Conheço uma maneira melhor de resolver este assunto... combate singular. Você e eu.*

– *Não nasci esta manhã, Lannister.*

– *Não, mas é provável que morra esta tarde*. – Jaime ergueu as mãos para que o outro pudesse ver as algemas. – *Lutarei com você acorrentado. Que tem a temer?*

– *Não você, sor. Se a escolha fosse minha, nada me agradaria mais, mas recebi ordens de levá-lo de volta vivo, se possível. Arqueiros*. – Fez-lhes sinal para avançar. – *Encaixar. Puxar. Larg…*

A distância era inferior a vinte metros. Os arqueiros dificilmente teriam falhado, mas, no momento em que puxavam os arcos, uma cascata de seixos choveu em volta deles. Pequenas pedras matraquearam no convés, ricochetearam em seus elmos e caíram na água de ambos os lados da proa. Os que tinham cérebro suficiente para compreender levantaram os olhos no exato instante em que um pedregulho do tamanho de uma vaca se desprendeu do topo da íngreme encosta. Sor Robin gritou, consternado. O pedregulho girou no ar, atingiu a face do penhasco, rachou em dois e esmagou-se sobre eles. O pedaço maior quebrou o mastro, atravessou a vela, atirou dois dos arqueiros ao rio e esmagou a perna de um remador no momento em que ele se dobrava sobre o remo. A rapidez com que a galé começou a se encher de água sugeria que o fragmento menor tinha atravessado o casco. Os gritos dos remadores ecoaram na encosta enquanto os arqueiros esbracejavam freneticamente na corrente. Julgando pelo modo como chapinhavam na água, nenhum deles sabia nadar. Jaime soltou uma gargalhada.

Quando emergiram da corredeira, a galé afundava por entre charcos, turbilhões e obstáculos submersos, e Jaime Lannister chegou à conclusão de que os deuses eram bons. Sor Robin e seus triplamente

malditos arqueiros teriam uma longa e encharcada caminhada de volta a Correrrio, e também se tinha visto livre da grande garota rústica. *Eu mesmo não poderia ter planejado isso melhor. Assim que me livrar destes ferros...*

Sor Cleos soltou um grito. Quando Jaime olhou para cima, Brienne deslocava-se pelo topo da encosta bem à frente deles, depois de cortar por um istmo enquanto o barco seguia a curva do rio. Atirou-se do rochedo, e pareceu quase graciosa ao se dobrar para um mergulho. Teria sido descortês ter esperança de que ela esmagasse a cabeça numa pedra. Sor Cleos virou o esquife em sua direção. Felizmente, Jaime ainda tinha o remo. *Uma boa cacetada quando ela emergir bracejando, e me livro dela.*

Mas, em vez disso, viu-se estendendo o remo por cima da água. Brienne agarrou-se a ele, e Jaime puxou-a para dentro. Enquanto a ajudava a subir para o esquife, água escorreu dos cabelos dela e pingou de suas roupas empapadas, fazendo uma poça no convés. *É ainda mais feia molhada. Quem acharia que isso seria possível?*

– É uma garota burra demais – disse-lhe. – Podíamos ter continuado sem você. Suponho que espera que lhe agradeça?

– Não quero nenhum agradecimento seu, Regicida. Prestei o juramento de levá-lo a salvo até Porto Real.

– E pretende mesmo mantê-lo? – Jaime concedeu-lhe o mais resplandecente de seus sorrisos. – Isso é de admirar.

Catelyn

Sor Desmond Grell havia servido a Casa Tully por toda a sua vida. Era escudeiro quando Catelyn nasceu, cavaleiro quando ela aprendeu a andar, a montar a cavalo e a nadar, mestre de armas no dia em que ela casou. Tinha visto a pequena Cat do Lorde Hoster transformar-se numa jovem, na senhora de um grande lorde, na mãe de um rei. *E agora também viu me tornar uma traidora.*

O irmão de Catelyn, Edmure, nomeara Sor Desmond castelão de Correrrio quando partiu para a batalha, por isso coube a ele lidar com o crime dela. A fim de aliviar seu desconforto, trouxe consigo o intendente do pai, o severo Utherydes Wayn. Os dois homens pararam e fitaram-na; Sor Desmond, corpulento, corado, embaraçado, Utherydes, grave, lúgubre, melancólico. Cada um esperava que o outro falasse. *Deram a vida a serviço de meu pai, e eu paguei-lhes com a desonra*, pensou, exausta, Catelyn.

– Seus filhos – disse por fim Sor Desmond. – Meistre Vyman contou-nos. Pobres rapazes. Terrível. Terrível. Mas...

– Partilhamos a sua dor, senhora – disse Utherydes Wayn. – Correrrio inteiro sofre com a senhora, mas…

– A notícia deve tê-la levado à loucura – interrompeu Sor Desmond –, uma loucura de desgosto, uma loucura de *mãe*, os homens compreenderão. Não sabia...

– Sabia – disse firmemente Catelyn. – Compreendia o que estava fazendo e sabia que era traição. Se não me punirem, os homens pensarão que conspiramos para libertar Jaime Lannister. O ato foi meu e apenas meu, e só eu devo responder por ele. Vista-me com os ferros vazios do Regicida, e vou usá-los com orgulho, se for assim que tiver de ser.

– Algemas? – a própria palavra pareceu chocar o pobre Sor Desmond. – Para a mãe do rei, e filha do meu senhor? Impossível.

– Talvez – disse o intendente Utherydes Wayn – a senhora consentisse em ficar confinada em seus aposentos até a volta de Sor Edmure. Passar algum tempo sozinha, para rezar pelos filhos assassinados?

– Sim, confinada – disse Sor Desmond. – Confinada em uma cela na torre, isso será o bastante.

– Se tenho de ficar confinada, que seja nos aposentos de meu pai, para que possa confortá-lo em seus últimos dias.

Sor Desmond refletiu por um momento.

– Muito bem. Não lhe faltará conforto ou respeito, mas não lhe daremos a liberdade de castelo. Visite o septo quanto precisar, mas, fora isso, permaneça nos aposentos de Lorde Hoster até que Lorde

Edmure regresse.

– Às suas ordens. – O irmão não era lorde algum enquanto o pai vivesse, mas Catelyn não o corrigiu. – Coloque um guarda para me vigiar se for necessário, mas comprometo-me a não tentar fugir.

Sor Desmond assentiu, claramente contente por se livrar daquela desagradável tarefa, mas Utherydes Wayn ficou ainda por um momento, de olhos tristes, depois de o castelão ter se retirado.

– O que fez foi grave, senhora, mas não serviu de nada. Sor Desmond enviou Sor Robin Ryger atrás deles, para trazer de volta o Regicida... ou, caso não seja possível, a cabeça dele.

Catelyn não esperara outra coisa. *Que o Guerreiro dê força ao seu braço da espada, Brienne*, rezou. Tinha feito tudo o que podia; nada restava a não ser ter esperança.

Suas coisas foram levadas para o quarto do pai, dominado pela grande cama de dossel em que Catelyn havia nascido, com as colunas esculpidas em forma de trutas saltantes. O pai tinha sido mudado para meia volta de escada abaixo, e sua cama de doente, colocada de frente para a varanda triangular de onde podia ver os rios que sempre tanto amara.

Lorde Hoster dormia quando Catelyn entrou. Ela saiu para a varanda e apoiou uma mão na áspera balaustrada de pedra. Para lá do ponto onde se erguia o castelo, o rápido Pedregoso juntava-se ao plácido Ramo Vermelho, e via-se um longo trecho de rio para jusante. *Se uma vela listrada chegar do leste, será Sor Robin retornando*. Por ora, a superfície das águas encontrava-se vazia. Agradeceu aos deuses por isso e voltou para dentro, para se sentar com o pai.

Catelyn não poderia dizer se Lorde Hoster sabia que ela se encontrava ali, ou se sua presença lhe trazia algum conforto, mas sentia-se consolada por estar com ele. *O que diria se soubesse de meu crime, pai?*, interrogou-se. *Teria feito o que eu fiz se fosse Lysa e eu que estivéssemos nas mãos de nossos inimigos? Ou também me condenaria, chamando o ato de loucura de mãe?*

Havia um cheiro de morte no quarto; um cheiro pesado, doce e desagradável, que se agarrava às coisas. Fazia-a lembrar dos filhos que tinha perdido, de seu querido Bran e do pequeno Rickon, mortos pelas mãos de Theon Greyjoy, que fora protegido de Ned. Ainda sofria por Ned, sofreria sempre por ele, mas ter roubados também os seus bebês...

– Perder um filho é uma crueldade monstruosa – sussurrou suavemente, mais para si do que para o pai.

Os olhos de Lorde Hoster abriram-se.

– *Tanásia* – rouquejou, numa voz espessa de dor.

Ele não me reconhece. Catelyn já tinha se acostumado com o pai a confundindo com a mãe ou a irmã Lysa, mas Tanásia era um nome

estranho a ela.

– É a Catelyn – disse. – É a Cat, pai.

– Perdoe-me... o sangue... oh, por favor... Tanásia...

Teria havido outra mulher na vida do pai? Talvez alguma donzela de aldeia que ele seduzira quando jovem? *Será que ele achou conforto nos braços de alguma criada depois de a mãe morrer?* Era um pensamento estranho, perturbador. De repente sentiu-se como se não conhecesse o pai de todo.

– Quem é Tanásia, senhor? Quer que a mande chamar, pai? Onde posso encontrar a mulher? Ainda é viva?

Lorde Hoster gemeu.

– *Morta*. – A mão dele procurou a sua, apalpando. – Terá outros... bebês amorosos, e legítimos.

Outros? pensou Catelyn. *Terá esquecido que Ned está morto? Ainda está falando com Tanásia, ou agora fala comigo, com a Lysa ou com a mãe?*

Quando ele tossiu, a expectoração veio ensanguentada. Agarrou os dedos dela.

– ... seja uma boa esposa e os deuses irão abençoá-la... filhos... filhos legítimos... *aaahhh*. – O súbito espasmo de dor fez com que a mão de Lorde Hoster se apertasse. As unhas enterraram-se na mão dela, e ele soltou um grito abafado.

Meistre Vyman chegou depressa, para preparar outra dose de leite de papoula e ajudar seu senhor a engoli-la. Pouco depois, Lorde Hoster Tully voltava a cair num sono pesado.

– Ele estava perguntando por uma mulher – disse Cat. – Tanásia.

– Tanásia? – o meistre olhou-a sem expressão.

– Não conhece ninguém com esse nome? Uma criada, uma mulher de alguma aldeia próxima? Talvez alguém de anos atrás? – Catelyn tinha passado muito tempo afastada de Correrrio.

– Não, senhora. Posso investigar, se quiser. Utherydes Wayn certamente saberá se uma pessoa assim alguma vez serviu em Correrrio. É Tanásia, você diz? O povo dá frequentemente o nome de ervas e flores às filhas. – O meistre parecia pensativo. – Houve uma viúva, ao que me lembro, que costumava vir ao castelo em busca de sapatos velhos que precisassem de solas novas. O nome dela era Tanásia, agora que penso nisso. Ou seria Pansy? Algo assim. Mas há muitos anos que não vem.

– O nome dela era Violet – disse Catelyn, que se lembrava muito bem da velha.

– Era? – o meistre fez uma expressão de desculpa. – Os meus perdões, Senhora Catelyn, mas não posso ficar. Sor Desmond decretou que só devemos falar com a senhora no âmbito de nossos deveres.

– Então deve fazer o que ele ordena. – Catelyn não podia culpar

Sor Desmond; tinha lhe dado poucas razões para confiar nela, e o homem sem dúvida temia que ela pudesse usar a lealdade que muitos dos habitantes de Correrrio ainda nutriam pela filha de seu senhor para fazer mais algum estrago. *Pelo menos estou livre da guerra*, disse a si mesma, *mesmo que por pouco tempo*.

Depois que o meistre partiu, Catelyn vestiu um manto de lã e voltou a sair para a varanda. A luz do sol cintilava nos rios, dourando a superfície das águas que passavam rodopiando pelo castelo. Ela protegeu os olhos do clarão, em busca de uma vela distante, temendo vê-la. Mas nada havia, e esse nada queria dizer que suas esperanças ainda se mantinham vivas.

Passou o dia inteiro vigiando o rio, e também boa parte da noite, até suas pernas doerem de ficar em pé. Um corvo chegou ao castelo ao fim da tarde, descendo para a colônia com grandes asas negras. *Asas escuras, palavras escuras*, pensou, lembrando-se da última ave que chegara e do horror que trouxera.

– Falei com Utherydes Wayn, senhora. Ele está bastante seguro de que nenhuma mulher chamada Tanásia esteve em Correrrio desde que está aqui.

– Vi que chegou hoje um corvo. Jaime foi recapturado? – *Ou morto, que os deuses não permitam isso!*

– Não, senhora, não recebemos notícias do Regicida.

– Então é outra batalha? Edmure está em dificuldades? Ou Robb? Por favor, seja gentil, acalme os meus receios.

– Senhora, eu não devia... – Vyman olhou em volta, como que para se certificar de que não havia mais ninguém no quarto. – Lorde Tywin abandonou as terras fluviais. Tudo está sossegado nos vaus.

– De onde veio o corvo então?

– Do oeste – respondeu ele, atarefando-se com a roupa de cama de Lorde Hoster e evitando os olhos de Catelyn.

– Eram notícias de Robb?

Ele hesitou.

– Sim, senhora.

– Há algo errado. – Soube disso por seus modos. O homem estava escondendo algo. – Diga-me. É Robb? Ele está ferido? – *Morto não, que os deuses sejam bons, por favor não me diga que ele está morto.*

– Sua Graça foi ferido no assalto ao Despenhadeiro – disse Meistre Vyman, ainda evasivo –, mas escreve que não há por que se preocupar, e que espera retornar em breve.

– Um ferimento? Que tipo de ferimento? Com que gravidade?

– Não há por que se preocupar, ele escreveu.

– Todos os ferimentos me preocupam. Ele está sendo tratado?

– Estou certo de que sim. O meistre no Despenhadeiro cuidará dele, não tenho dúvidas.

– Onde foi ferido?

– Senhora, foi-me ordenado que não falasse com a senhora. Lamento. – Recolhendo suas poções, Vyman saiu apressadamente, e Catelyn foi novamente deixada a sós com o pai. O leite de papoula tinha cumprido a sua função, e Lorde Hoster encontrava-se mergulhado num sono pesado. Um fino fio de saliva escorria de um canto de sua boca aberta e umedecia a almofada. Catelyn pegou um quadrado de linho e limpou-o com suavidade. Quando o tocou, Lorde Hoster gemeu.

– Perdoe-me – disse, numa voz tão baixa que Catelyn quase não conseguiu ouvir as palavras. – Tanásia... sangue... o sangue... deuses, sejam bons...

Aquelas palavras perturbaram-na mais do que podia expressar, embora não conseguisse dar-lhes sentido. *Sangue*, pensou. *Será que tudo terá de acabar em sangue? Pai, quem era essa mulher, e o que fez a ela que necessite tanto de perdão?*

Nessa noite, Catelyn acordou diversas vezes, assombrada por sonhos sem nexo sobre os filhos, os perdidos e os mortos. Muito antes do romper do dia, acordou com as palavras do pai ecoando nos ouvidos. *Bebês amorosos, e legítimos... por que diria aquilo, a não ser... será possível que tenha gerado um bastardo com essa mulher, Tanásia?* Não podia acreditar. O irmão Edmure, sim; não a surpreenderia saber que Edmure tinha uma dúzia de filhos ilegítimos. Mas o pai não, Lorde Hoster Tully não, nunca.

Poderá Tanásia ser algum nome carinhoso que tenha dado a Lysa, da mesma forma que me chamava de Cat? Lorde Hoster já a tinha confundido com a irmã antes. *Terá outros, disse ele. Bebês amorosos, e legítimos*. Lysa abortara cinco vezes, duas no Ninho da Águia, três em Porto Real... mas nunca em Correrrio, onde Lorde Hoster estaria por perto para confortá-la. *Nunca, a não ser... a não ser que esperasse uma criança, daquela primeira vez...*

Ela e a irmã tinham casado no mesmo dia e foram deixadas aos cuidados do pai quando os novos esposos partiram para se juntar novamente à rebelião de Robert. Mais tarde, quando seu sangue de lua não chegou no momento de costume, Lysa tagarelara alegremente sobre os filhos que estava certa de que ambas esperavam.

– Seu filho será herdeiro de Winterfell e o meu, do Ninho da Águia. Oh, serão os melhores amigos, como o seu Ned e Lorde Robert. Serão mais irmãos do que primos, verdade, eu sei que sim. – *Ela estava tão feliz*.

Mas o sangue de Lysa acabou chegando não muito depois, e toda a alegria a abandonou. Catelyn sempre pensou que Lysa tinha estado simplesmente um pouco atrasada, mas se *tivesse* estado grávida...

Recordou a primeira vez que entregou Robb para a irmã segurar;

pequeno, corado e berrando, mas já então forte, cheio de vida. Bastou a Catelyn colocar o bebê nas mãos da irmã para o rosto de Lysa se dissolver em lágrimas e ela devolver apressadamente o bebê a Catelyn e fugir.

Se tivesse perdido um filho antes, isso poderia explicar as palavras do pai, e muitas outras coisas… O casamento de Lysa com Lorde Arryn tinha sido arranjado às pressas, e já então Jon era velho, mais velho do que o pai delas. Um velho sem um herdeiro. Suas duas primeiras esposas tinham-no deixado sem filhos, o filho do irmão fora assassinado com Brandon Stark em Porto Real, seu galante primo morrera na Batalha dos Sinos. Precisava de uma esposa jovem para a Casa Arryn perdurar... *uma esposa jovem que se soubesse que era fértil.*

Catelyn ficou em pé, vestiu um roupão e desceu os degraus até o aposento privado escurecido, parando junto ao pai. Uma sensação de terror impotente encheu-a.

– Pai – disse –, pai, sei o que o senhor fez. – Já não era uma noiva inocente com a cabeça cheia de sonhos. Era uma viúva, uma traidora, uma mãe de luto, e conhecedora, sabedora dos costumes do mundo. – Obrigou-o a aceitá-la – sussurrou. – Lysa foi o preço que Jon Arryn teve de pagar pelas espadas e lanças da Casa Tully.

Pouco admirava que o casamento da irmã tivesse sido tão desprovido de amor. Os Arryn eram orgulhosos, e cismados em relação à honra. Lorde Jon podia se casar com Lysa para ligar os Tully à causa da rebelião, e na esperança de um filho, mas seria difícil para ele amar uma mulher que chegara conspurcada e de má vontade à sua cama. Teria sido atencioso, sem dúvida, cumpridor, sim; mas Lysa precisava de calor.

No dia seguinte, enquanto fazia sua primeira refeição, Catelyn pediu pena e papel e começou uma carta para enviar à irmã, no Vale de Arryn. Contou a Lysa sobre Bran e Rickon, lutando com as palavras, mas escreveu principalmente sobre o pai.

Todos os seus pensamentos estão no mal que lhe fez, agora que o tempo dele fica mais curto. Meistre Vyman diz que não se atreve a fazer o leite de papoula mais forte. É hora de o pai pousar a espada e o escudo. É hora de ele descansar. Mas continua a lutar, desesperadamente, não quer ceder. É por você, penso eu. Precisa do seu perdão. A guerra tornou perigosa a estrada entre Ninho da Águia e Correrrio, eu sei, mas decerto uma poderosa força de cavaleiros seria capaz de trazê-la em segurança através das Montanhas da Lua, não? Uma centena de homens, ou um milhar? E se não puder vir, não poderia pelo menos escrever a ele? Algumas palavras de amor, para que possa morrer em paz? Escreva o que quiser e eu lerei para ele, aliviando seu percurso.

Enquanto colocava a pena de lado e pedia cera para selar a carta, Catelyn sentiu que provavelmente ela era insuficiente e tardia. Meistre

Vyman não acreditava que Lorde Hoster resistiria tempo bastante para que um corvo chegasse ao Ninho da Águia e voltasse. *Se bem que ele já tenha dito antes algo muito semelhante*... Os homens Tully não se rendiam facilmente, fossem quais fossem as probabilidades. Depois de confiar o pergaminho aos cuidados do meistre, Catelyn dirigiu-se ao septo e acendeu uma vela ao Pai de Cima por seu pai, uma segunda à Velha, que tinha deixado o primeiro corvo entrar no mundo, quando espreitou pela porta da morte, e uma terceira à Mãe, por Lysa e todos os filhos que ambas tinham perdido.

Mais tarde, enquanto estava sentada junto à cama de Lorde Hoster com um livro nas mãos, lendo a mesma passagem seguidas vezes, ouviu o som de vozes alteradas e um sopro de trombeta. *Sor Robin*, pensou de imediato, estremecendo. Foi até a varanda, mas nos rios nada havia para ver, embora pudesse ouvir com mais clareza as vozes lá de fora, o ruído de muitos cavalos, o tinir de armaduras e, de vez em quando, uma aclamação. Catelyn subiu a escada em caracol até o telhado da fortaleza. *Sor Desmond não me proibiu o telhado*, disse a si mesma enquanto subia.

Os sons vinham do lado mais distante do castelo, perto do portão principal. Um grupo de homens encontrava-se junto da porta levadiça enquanto ela se erguia aos solavancos, e nos campos mais além, fora do castelo, viam-se várias centenas de cavaleiros. Quando o vento soprou, levantou seus estandartes, e Catelyn tremeu de alívio ao ver a truta saltante de Correrrio. *Edmure*.

Passaram-se duas horas até que ele achasse que era hora de vir até ela. O castelo já ressoava ao som de ruidosos encontros à medida que os homens iam abraçando as mulheres e as crianças que haviam deixado para trás. Três corvos partiram da colônia, asas negras batendo no ar enquanto levantavam voo. Catelyn observou-os da varanda do pai. Tinha lavado os cabelos, trocado de roupa e se preparado para as censuras do irmão... mesmo assim a espera era difícil.

Quando enfim ouviu sons junto à porta, sentou-se e dobrou as mãos no colo. Lama vermelha seca salpicava as botas, as grevas e o sobretudo de Edmure. Pelo seu aspecto, nunca seria possível adivinhar que tinha ganhado a batalha. Estava magro e cansado, com o rosto pálido, a barba descuidada e os olhos brilhantes demais.

– Edmure – disse Catelyn, preocupada –, você parece doente. Aconteceu alguma coisa? Os Lannister atravessaram o rio?

– Repeli-os. Lorde Tywin, Sandor Clegane, Addam Marbrand, afastei todos eles. Mas Stannis… – Fez uma careta.

– Stannis? Que há com Stannis?

– Perdeu a batalha em Porto Real – disse Edmure em tom infeliz. – Sua frota foi queimada e seu exército, desbaratado.

Uma vitória Lannister era má notícia, mas Catelyn não podia partilhar a óbvia consternação do irmão. Ainda tinha pesadelos com a sombra que vira deslizar pela tenda de Renly e com o modo como o sangue tinha jorrado através do aço de seu gorjal.

– Stannis não era mais amigo do que Lorde Tywin.

– Você não compreende. Jardim de Cima declarou apoio a Joffrey. Dorne também. Todo o sul. – Apertou os lábios. – E *você* acha adequado libertar o Regicida. Não tinha o direito.

– Tinha o direito de uma mãe. – A voz dela estava calma, embora a notícia sobre Jardim de Cima constituísse um fortíssimo golpe nas esperanças de Robb. Mas agora não podia pensar nisso.

– Não tinha o direito – repetiu Edmure. – Ele era prisioneiro de Robb, prisioneiro de seu *rei*, e Robb encarregou-me de mantê-lo a salvo.

– Brienne vai mantê-lo a salvo. Jurou-o pela espada dela.

– Aquela *mulher*?

– Ela entregará Jaime a Porto Real, e vai nos trazer Arya e Sansa em segurança.

– Cersei nunca abrirá mão delas.

– Cersei, não. Tyrion. Ele jurou fazê-lo, numa audiência aberta. E o Regicida também jurou.

– A palavra de Jaime não vale nada. E quanto ao Duende, dizem que levou uma machadada na cabeça durante a batalha. Estará morto antes de sua Brienne chegar a Porto Real, se é que ela vai chegar.

– Morto? – poderiam os deuses ser assim tão impiedosos? Tinha obrigado Jaime a prestar uma centena de juramentos, mas era à promessa do irmão dele que havia prendido suas esperanças.

Edmure mostrou-se cego para sua aflição.

– Jaime estava a *meu* cargo, e pretendo tê-lo de volta. Enviei corvos...

– Corvos a quem? Quantos?

– Três – disse ele –, para garantir que a mensagem chegue ao Lorde Bolton. Por rio ou por estrada, o caminho de Correrrio a Porto Real vai levá-los a passar perto de Harrenhal.

– Harrenhal. – A própria palavra parecia escurecer a sala. O horror tornou a sua voz pesada quando disse: – Edmure, você sabe o que fez?

– Não tenha medo, omiti seu papel. Escrevi que Jaime fugiu, e ofereci mil dragões por sua recaptura.

Pior e pior, pensou Catelyn, desesperada. *Meu irmão é um tolo*. Sem serem convidadas, indesejadas lágrimas encheram seus olhos.

– Se isso fosse uma fuga – disse ela em voz baixa –, e não uma troca de reféns, por que os Lannister entregariam as minhas filhas a Brienne?

– Nunca chegará a esse ponto. O Regicida vai ser devolvido a nós, assegurei-me disso.

– Tudo de que se assegurou foi que eu não volte a ver minhas filhas. Brienne podia tê-lo levado em segurança até Porto Real... *desde que ninguém os perseguisse*. Mas agora... – Catelyn não conseguiu continuar. – Deixe-me, Edmure. – Não tinha qualquer direito de lhe dar ordens, ali no castelo que em breve seria do irmão, mas o tom que empregou não admitia discussões. – Deixe-me com o pai e a minha dor, não tenho mais nada a dizer a você. Vá. *Vá*. – Tudo que desejava era deitar, fechar os olhos e dormir, e rezar para que nenhum sonho viesse.

Arya

O céu estava tão negro quanto as muralhas de Harrenhal atrás deles, e a chuva caía suave e constante, abafando o som dos cascos dos cavalos e escorrendo por seus rostos.

Avançaram para o norte, para longe do lago, seguindo uma estrada rural cheia de sulcos, através de campos destroçados e atravessando bosques e riachos. Arya tomou a dianteira, incitando o cavalo roubado a um imprudente trote rápido até as árvores se fecharem à sua volta. Torta Quente e Gendry seguiram-na o melhor que conseguiram. Lobos uivavam a distância, e ela conseguia ouvir a respiração pesada de Torta Quente. Ninguém falou. De tempos em tempos, Arya lançava um olhar, de relance, por sobre o ombro, para se certificar de que os dois rapazes não tinham ficado muito para trás, e para ver se eram perseguidos.

Sabia que o seriam. Tinha roubado três cavalos dos estábulos e um punhal e um mapa do próprio aposento privado de Roose Bolton, e matado um guarda na poterna, rasgando sua garganta quando ele se ajoelhou para pegar a gasta moeda de ferro que Jaqen H'ghar lhe dera. Alguém iria encontrá-lo jazendo morto numa poça do próprio sangue, e então soaria o alarme. Acordariam Lorde Bolton, e vasculhariam Harrenhal das ameias às adegas, e quando o fizessem, descobririam o desaparecimento do mapa e do punhal, além de algumas espadas do arsenal, pão e queijo da cozinha, um ajudante de padeiro, um aprendiz de ferreiro e uma copeira chamada Nan... ou Doninha, ou Arry, dependendo de quem respondesse.

O Senhor do Forte do Pavor não viria atrás deles pessoalmente. Roose Bolton ficaria na cama, com a pele pálida salpicada de sanguessugas, dando ordens com sua voz sussurrante. Seu subordinado Walton, aquele que chamavam de Pernas de Aço devido às grevas que sempre usava nas longas pernas, poderia comandar a perseguição. Ou talvez fosse o babento Vargo Hoat e seus mercenários, que se chamavam de Bravos Companheiros. Os outros chamavam-nos de Saltimbancos Sangrentos (embora nunca na frente deles) e, às vezes, de Homens dos Pés, devido ao hábito que Lorde Vargo tinha de cortar as mãos e os pés dos homens que lhe desagradavam.

Se nos pegarem, vão cortar nossas mãos e nossos pés, pensou Arya, *e depois Roose Bolton vai nos esfolar*. Ainda vestia o traje de pajem, e no peito, sobre o coração, tinha cosido o símbolo de Lorde Bolton, o homem esfolado do Forte do Pavor.

Toda vez que olhava para trás quase esperava ver um clarão de archotes reluzindo pelos distantes portões de Harrenhal, ou correndo ao longo do topo das enormes muralhas do castelo, mas nada se via.

Harrenhal continuou dormindo, até se perder na escuridão e ficar escondido atrás das árvores.

Quando cruzaram o primeiro riacho, Arya virou o cavalo para o lado e levou-os para fora da estrada, seguindo o sinuoso curso de água ao longo de um quarto de milha até, por fim, subir uma margem pedregosa. Esperava que, se os perseguidores trouxessem cães, isso talvez os fizesse perder o rastro. Não podiam ficar na estrada. *Há morte na estrada*, disse a si mesma, *em todas as estradas*.

Gendry e Torta Quente não questionaram sua escolha. Afinal de contas, ela tinha o mapa, e Torta Quente parecia quase tão aterrorizado por ela quanto pelos homens que podiam vir atrás deles. Ele vira o guarda que ela matara. *É melhor que tenha medo de mim*, disse a si mesma. *Assim vai fazer o que eu disser, e não alguma coisa estúpida.*

Sabia que devia estar mais assustada do que estava. Tinha só dez anos, uma garotinha magricela num cavalo roubado com uma floresta escura à sua frente e atrás dela homens que, de bom grado, cortariam seus pés. Mas, sem saber por quê, sentia-se mais calma do que jamais se sentira em Harrenhal. A chuva tinha lavado de seus dedos o sangue do guarda, trazia uma espada a tiracolo, havia lobos percorrendo as trevas como esguias sombras cinzentas, e Arya Stark não tinha medo. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, sussurrou bem baixinho as palavras que Syrio Forel havia lhe ensinado, e também as palavras de Jaqen, *valar morghulis*.

A chuva parou, recomeçou e voltou a parar e a recomeçar, mas tinham bons mantos para deixar a água afastada. Arya manteve-os em movimento a um ritmo lento e regular. Estava escuro demais sob as árvores para avançar mais depressa; os rapazes não eram cavaleiros, nenhum dos dois, e o terreno fofo e acidentado era traiçoeiro, cheio de raízes semienterradas e pedras escondidas. Atravessaram outra estrada, cujos profundos sulcos estavam cheios de água, mas Arya evitou-a. Levou-os para cima e para baixo ao longo das colinas arredondadas, através de arbustos, espinheiros e emaranhados de vegetação rasteira, pelo fundo de barrancos estreitos, onde galhos pesados de folhas úmidas estapeavam seus rostos quando passavam.

A égua de Gendry perdeu uma vez o equilíbrio na lama, caindo com força sobre os quartos traseiros e derrubando-o da sela, mas nem cavalo nem cavaleiro se feriram, e Gendry fez aquela sua expressão teimosa e logo voltou a montar. Não muito tempo depois, se depararam com três lobos que devoravam o cadáver de um veado jovem. Quando o cavalo de Torta Quente detectou o cheiro, espantou-se e fugiu. Dois dos lobos fugiram também, mas o terceiro ergueu a cabeça e mostrou os dentes, preparado para defender a caça.

– Recua – disse Arya a Gendry. – Devagar, para não assustá-lo. –

Desviaram as montarias até que o lobo e seu banquete ficaram fora de vista. Foi só então que ela deu meia-volta para ir no encalço de Torta Quente, que se agarrava desesperadamente à sela enquanto avançava por entre as árvores.

Mais tarde, passaram por uma aldeia incendiada, abrindo caminho com cuidado por entre as paredes vazias de choupanas enegrecidas e junto aos ossos de uma dúzia de mortos enforcados numa fileira de macieiras. Quando Torta Quente os viu, começou a rezar, sussurrando uma frágil súplica pela misericórdia da Mãe, repetindo-a uma e mais outra vez. Arya ergueu os olhos para os mortos descarnados em suas roupas molhadas e putrefatas e pronunciou sua própria prece. *Sor Gregor*, começava ela, *Dunsen, Polliver, Raff, o Querido. O Cócegas e o Cão de Caça. Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei*. Terminou-a com *valar morghulis*, levou os dedos ao lugar onde a moeda de Jaqen se aninhava sob o cinto e depois ergueu a mão e colheu uma maçã de entre os mortos, ao passar por eles. Estava mole e madura demais, mas comeu-a, com bicho e tudo.

Esse foi o dia sem alvorada. Lentamente, o céu foi clareando ao redor deles, mas nunca chegaram a ver o sol. O negro transformou-se em cinza, e as cores retornaram timidamente ao mundo. Os pinheiros marciais vestiam-se de verdes sombrios, as árvores de folha caduca, de vermelhos escuros e dourados desvanecidos, que já começavam a ficar amarronzados. Pararam tempo suficiente para dar água aos cavalos e comer um café da manhã rápido e frio, desfazendo um dos pães que Torta Quente tinha roubado da cozinha, e passando de mão em mão nacos duros de queijo amarelo.

– Sabe para onde vamos? – perguntou-lhe Gendry.

– Para o norte – disse Arya.

Torta Quente olhou em volta com ar incerto.

– Para que lado fica o norte?

Arya usou o queijo para apontar.

– Para lá.

– Mas não há sol. Como é que você sabe?

– Pelo musgo. Está vendo como cresce principalmente de um dos lados das árvores? Esse é o sul.

– O que nós queremos no norte? – quis saber Gendry.

– O Tridente. – Arya desenrolou o mapa roubado, a fim de lhes mostrar. – Está vendo? Quando chegarmos ao Tridente, tudo que temos de fazer é seguir rio acima até chegarmos a Correrrio, aqui. – Traçou o percurso com o dedo. – É um longo caminho, mas não dá para se perder, desde que a gente siga o rio.

Torta Quente piscou os olhos para o mapa.

– Qual deles é Correrrio?

Correrrio estava pintado como uma torre de castelo, na junção entre as linhas azuis onduladas de dois rios, o Pedregoso e o Ramo Vermelho.

– Ali. – Arya tocou no mapa. – Diz *Correrrio*.

– Você sabe ler coisas escritas? – ele perguntou com espanto, como se ela tivesse dito que conseguia caminhar sobre a água.

Arya assentiu.

– Ficaremos seguros depois de chegarmos a Correrrio.

– Ah, é? Por quê?

Porque Correrrio é o castelo de meu avô, e meu irmão Robb estará lá, quis dizer. Mordeu o lábio e enrolou o mapa.

– Porque sim. Mas só se chegarmos lá. – Foi a primeira a montar. Sentia-se mal por esconder a verdade de Torta Quente, mas não confiava nele o suficiente para lhe contar seu segredo. Gendry sabia, mas isso era diferente. Gendry tinha seu próprio segredo, embora nem mesmo ele parecesse saber qual era.

Nesse dia, Arya apressou o passo, mantendo os cavalos a trote o máximo de tempo que se atreveu, e às vezes pondo-os a galope, quando via uma extensão plana de terreno pela frente. Mas isso acontecia raramente, pois, à medida que avançavam, o terreno ia se tornando mais acidentado. Os montes não eram altos, nem tinham declives particularmente acentuados, mas pareciam não ter fim, e logo se cansaram de subir um e descer outro. Deram por si seguindo a topografia, percorrendo os leitos de riachos e atravessando um labirinto de vales arborizados pouco profundos, onde as árvores formavam uma sólida pérgula sobre suas cabeças.

De tempos em tempos, mandava Torta Quente e Gendry na frente enquanto voltava, a fim de tentar apagar o rastro, sempre atenta ao primeiro sinal de perseguição. *Devagar demais*, pensou consigo mesma, mordendo o lábio, estamos indo *devagar demais, eles vão nos apanhar com certeza*. Certa vez, do topo de uma serra, vislumbrou silhuetas escuras atravessando um riacho no vale, atrás deles, e durante meio segundo temeu que os cavaleiros de Roose Bolton estivessem quase alcançando-os, mas, quando voltou a olhar, compreendeu que eram apenas uma matilha de lobos. Pôs as mãos em concha ao redor da boca e uivou para eles, "*Ahuuuuuuuu, ahuuuuuuuu*". Quando o maior dos lobos levantou a cabeça e uivou de volta, o som fez Arya tremer.

Por volta do meio-dia, Torta Quente começou a se queixar. Tinha o traseiro dolorido, disse-lhes, e a sela o estava deixando em carne viva entre as pernas e, além disso, tinha de dormir um pouco.

– Estou tão cansado que vou cair do cavalo.

Arya olhou para Gendry.

– Se ele cair, quem você acha que vai encontrá-lo primeiro, os lobos ou os Saltimbancos?

– Os lobos – disse Gendry. – Narizes melhores.

Torta Quente abriu a boca e fechou-a. Não caiu do cavalo. A chuva recomeçou pouco depois. Ainda não tinham sequer vislumbrado o sol. Estava ficando mais frio, e uma pálida névoa branca penetrava por entre os pinheiros e era soprada através dos campos nus e queimados.

Gendry enfrentava quase tanta dificuldade quanto Torta Quente, embora fosse teimoso demais para se queixar. Sentava-se desajeitadamente na sela, com uma expressão determinada no rosto, por baixo dos hirsutos cabelos negros, mas Arya via que ele não era bom cavaleiro. *Devia ter me lembrado*, pensou sozinha. Arya montava desde que se conhecia por gente, pôneis quando era pequena e mais tarde cavalos, mas Gendry e Torta Quente tinham nascido na cidade, e na cidade o povo caminhava. Yoren tinha lhes dado montarias quando os levou de Porto Real, mas montar um burro e arrastar-se pela estrada do rei atrás de uma carroça era uma coisa. Guiar um cavalo de caça através de bosques selvagens e campos queimados era outra.

Arya sabia que, sozinha, avançaria muito mais rapidamente, mas não podia abandoná-los. Eram a sua matilha, os seus amigos, os únicos amigos vivos que lhe restavam e, se não fosse ela, ainda estariam a salvo em Harrenhal, Gendry suando em sua forja e Torta Quente, nas cozinhas. *Se os Saltimbancos nos pegarem, digo a eles que sou filha de Ned Stark e irmã do Rei no Norte. Ordeno-lhes que nos levem ao meu irmão e que não façam mal ao Torta Quente e ao Gendry*. Mas podiam não acreditar nela, e mesmo se acreditassem... Lorde Bolton era vassalo do irmão, mas assustava-a mesmo assim. *Não deixarei que nos capturem*, jurou em silêncio, estendendo a mão por sobre o ombro para tocar o cabo da espada que Gendry tinha roubado para ela. *Não deixarei.*

Ao fim dessa tarde, saíram de debaixo das árvores e viram-se nas margens de um rio. Torta Quente soltou um grito de alegria.

– O *Tridente*! Agora tudo que precisamos fazer é segui-lo na direção da nascente, como você disse. Estamos quase lá!

Arya mordeu o lábio.

– Não me parece que este seja o Tridente. – O rio seguia cheio devido à chuva, mesmo assim não devia ter muito mais do que dez metros de largura. Lembrava-se do Tridente como um rio muito mais largo. – É pequeno demais para ser o Tridente – disse-lhes – e não avançamos o suficiente.

– Avançamos, sim – insistiu Torta Quente. – Cavalgamos o dia todo, e quase não paramos. Devemos ter avançado uma grande distância.

– Vamos dar outra olhada nesse mapa – disse Gendry.

Arya desmontou, pegou o mapa, desenrolou-o. A chuva

tamborilou na pele de ovelha e escorreu em filetes.

– Estamos em algum lugar por aqui, creio eu – disse ela, apontando, enquanto os rapazes espiavam por cima de seus ombros.

– Mas – disse Torta Quente –, isso é praticamente distância nenhuma. Olha, Harrenhal está ali, perto do seu dedo, você está quase *encostando nele*. E cavalgamos o dia inteiro!

– Há muitos quilômetros antes de chegarmos ao Tridente – disse ela. – Não estaremos lá antes de se passarem *dias*. Este deve ser outro rio qualquer, um destes, olha. – Mostrou algumas das linhas azuis mais finas que o cartógrafo tinha pintado, todas elas com um nome pintado por baixo em letras pequenas. – O Darry, o Maçã Verde, o Donzela... olha, este, o Salgueiro Pequeno, pode ser isso.

Torta Quente levantou os olhos da linha para o rio.

– Não me parece assim tão pequeno.

Gendry também franzia a testa.

– Esse rio que você está apontando corre para aquele outro, está vendo?

– O Salgueiro Grande – leu Arya.

– Que seja o Salgueiro Grande. Olha, e o Salgueiro Grande corre para o Tridente, portanto, podíamos seguir um deles até o outro, mas teríamos de descer o rio em vez de subi-lo. Só que, se este rio *não for* o Salgueiro Pequeno, se for este aqui…

– Regato Encrespado – leu Arya.

– Olha, ele dá a volta e desce na direção do lago, de volta a Harrenhal. – percorreu a linha com um dedo.

Torta Quente esbugalhou os olhos.

– Não! Eles nos matariam com certeza.

– Temos de saber que rio é este – declarou Gendry com sua voz mais obstinada. – Temos de saber.

– Bem, mas *não sabemos*. – O mapa podia ter nomes escritos junto às linhas azuis, mas ninguém anotara um nome na margem do rio. – Não vamos subir nem descer o rio – decidiu Arya, enrolando o mapa. – Vamos atravessar e continuar seguindo para o norte, como fizemos até agora.

– Os cavalos sabem nadar? – perguntou Torta Quente. – Parece *profundo*, Arry. E se houver cobras?

– Tem certeza de que estamos indo para o norte? – perguntou Gendry. – Todos aqueles montes... se tivermos voltado para trás...

– O musgo nas árvores...

Ele apontou para uma árvore próxima.

– Aquela árvore tem musgo de três lados e a outra, logo adiante, não tem musgo nenhum. Podemos estar perdidos, andando em círculos.

– Podemos – disse Arya –, mas vou atravessar o rio mesmo assim.

Podem vir ou podem ficar aqui. – Voltou a montar, ignorando ambos. Se não quisessem segui-la, podiam encontrar Correrrio sozinhos, muito embora fosse mais provável que os Saltimbancos os encontrassem primeiro.

Teve de cavalgar bem um quilômetro ao longo da margem antes de finalmente encontrar um local onde parecia seguro atravessar, e mesmo aí a égua mostrou-se relutante em entrar na água. O rio, não importa qual fosse seu nome, corria turvo e rápido, e a parte profunda do meio ultrapassava a barriga do cavalo. A água encheu as suas botas, mas ela pressionou os calcanhares contra o animal mesmo assim e saiu do rio na outra margem. Atrás de si, ouviu um respingar de água e o relincho nervoso de uma égua. *Então eles me seguiram. Ótimo*. Virou-se para observar os rapazes lutando para atravessar e emergindo, pingando, a seu lado.

– Este não é Tridente – disse-lhes. – *Não é*.

O rio seguinte era mais raso e mais fácil de vadear. Também não era o Tridente, e ninguém discutiu com Arya quando ela lhes disse que iam atravessá-lo.

Anoitecia quando pararam para deixar os cavalos descansarem novamente e para partilhar outra refeição de pão e queijo.

– Estou com frio e molhado – queixou-se Torta Quente. – Agora estamos muito longe de Harrenhal, com certeza. Podíamos acender uma fogueira...

– *NÃO!* – disseram Arya e Gendry, exatamente no mesmo instante. Torta Quente vacilou um pouco. Arya lançou a Gendry um olhar de viés. *Ele falou junto, como Jon costumava fazer lá em Winterfell*. De todos os irmãos, era de Jon Snow que sentia mais saudades.

– Poderíamos pelo menos dormir? – perguntou Torta Quente. – Estou tão cansado, Arry, meu traseiro está doendo. Acho que estou com bolhas.

– Vai ter mais do que isso se for apanhado – disse ela. – Temos de continuar. Temos *mesmo*.

– Mas é quase noite, e você sequer consegue ver a lua.

– Volte para o cavalo.

Avançando penosamente a passo lento enquanto a luz se desvanecia em volta deles, Arya descobriu que sua própria exaustão pesava bastante sobre si. Precisava dormir tanto quanto Torta Quente, mas não podiam se atrever. Se dormissem, poderiam abrir os olhos e encontrar Vargo Hoat em pé ao lado deles, com Shagwell, o bobo, Fiel Urswyck, Rorge, Dentadas, o Septão Utt e todos os seus outros monstros.

Mas, ao fim de algum tempo, os movimentos do cavalo tornaram-se tão tranquilizadores quanto o balançar de um berço, e Arya começou a ficar com os olhos pesados. Deixou-os fechar, só por um

instante, depois voltou a abri-los, sobressaltada. *Não posso adormecer*, gritou em silêncio para si mesma, *não posso, não posso*. Esfregou um olho com força, para mantê-lo aberto, segurando bem as rédeas e levando a égua a galope ligeiro. Mas nem ela nem o cavalo conseguiam manter o ritmo, e passaram apenas alguns minutos até que voltassem ao passo de antes, e alguns mais até que seus olhos se fechassem uma segunda vez. Daquela vez não se abriram tão depressa como da primeira.

Quando se abriram, descobriu que o cavalo tinha parado e estava mordiscando um tufo de mato, enquanto Gendry puxava seu braço.

– Você caiu no sono – disse-lhe.

– Estava só descansando os olhos.

– Então descansou-os por um bom tempo. Seu cavalo estava vagueando em círculos, mas foi só quando parou que percebi que você estava dormindo. Torta Quente está na mesma, foi de encontro a um galho de árvore e caiu do cavalo, devia tê-lo ouvido gritar. Nem mesmo *isso* a acordou. Precisa parar e dormir.

– Posso continuar durante tanto tempo quanto você. – E bocejou.

– Mentirosa – disse ele. – Continue se for burra, mas eu vou parar. Fico com o primeiro turno. Você, dorme.

– E o Torta Quente?

Gendry apontou. Torta Quente já estava no chão, enrolado debaixo do manto, numa cama de folhas úmidas e ressonando baixinho. Tinha um grande pedaço de queijo numa mão, mas parecia ter adormecido entre mordidas.

Arya compreendeu que não valia a pena discutir; Gendry tinha razão. *Os Saltimbancos também terão de dormir*, disse a si mesma, esperando que fosse verdade. Estava tão cansada que precisou lutar até para descer da sela, mas lembrou-se de prender o cavalo antes de encontrar um lugar debaixo de uma faia. O chão era duro e estava úmido. Perguntou a si mesma quanto tempo passaria até dormir novamente numa cama, com comida quente e fogo para aquecê-la. A última coisa que fez antes de fechar os olhos foi desembainhar a espada e colocá-la a seu lado.

– Sor Gregor – murmurou, bocejando. – Dunsen, Polliver, Raff, o Querido. O Cócegas e... o Cócegas... o Cão de Caça...

Seus sonhos foram rubros e violentos. Os Saltimbancos andavam atrás deles, pelo menos quatro, um liseno pálido e um homem de Ib, escuro, brutal e com um machado, o senhor dos cavalos dothraki, cheio de cicatrizes, chamado Iggo e um homem de Dorne, cujo nome nunca soubera. Avançavam e continuavam a avançar, cavalgando na chuva, vestidos com cota de malha enferrujada e couro molhado, com as espadas e o machado retinindo contra suas selas. Pensavam que estavam perseguindo Arya, ela soube com toda a estranha e aguçada

certeza dos sonhos, mas estavam enganados. Era ela quem os perseguia.

Ela não era uma garotinha no sonho; era uma loba, enorme e poderosa, e quando emergiu de sob as árvores, diante deles, e lhes mostrou os dentes, num rosnido grave e trovejante, sentiu o fedor repulsivo do medo que exalavam tanto os cavalos como os homens. A montaria do liseno empinou-se e berrou o seu terror, e os outros gritaram uns para os outros em fala humana, mas, antes de terem tempo de agir, outros lobos saíram apressadamente da escuridão e da chuva, uma grande matilha, lúgubre, molhada e silenciosa.

A luta foi rápida mas sangrenta. O homem peludo caiu no momento em que puxava o machado, o escuro morreu encaixando uma flecha no arco, e o homem pálido de Lys tentou fugir. Os irmãos e as irmãs dela caçaram-no e apanharam-no, fazendo-o virar uma vez e mais uma, caindo sobre ele por todos os lados, abocanhando as pernas de seu cavalo e rasgando a garganta do cavaleiro quando ele se estatelou na terra.

Só o homem com os sinos deu luta. O cavalo escoiceou uma de suas irmãs na cabeça, e ele cortou outra quase ao meio, com sua garra curva e prateada, enquanto seus cabelos tilintavam baixinho.

Cheia de raiva, Arya saltou sobre as costas dele, derrubando-o da sela, de cabeça. O maxilar se fechou em seu braço durante a queda, com os dentes afundando através do couro, da lã e da carne macia. Quando chegaram ao chão, ela deu uma violenta sacudida com a cabeça e arrancou o membro. Exultante, abanou-o de um lado para o outro na boca, espalhando as mornas gotículas vermelhas pela fria chuva negra.

Tyrion

Acordou com o rangido de velhas dobradiças de ferro.

– Quem? – coaxou. Pelo menos recuperara a voz, por mais áspera e rouca que fosse. A febre ainda o acompanhava, e Tyrion não fazia ideia de que horas seriam. Quanto tempo teria dormido daquela vez? Estava tão fraco, tão abominavelmente fraco. – Quem? – chamou de novo, com mais força. Luz de tochas derramava-se através da porta aberta, mas, dentro do aposento, a única luz vinha do toco de uma vela pousada ao lado de sua cama.

Quando viu uma silhueta aproximando-se, Tyrion estremeceu. Ali, na Fortaleza de Maegor, todos os criados eram pagos pela rainha, e por isso qualquer visitante podia ser outra das marionetes de Cersei, enviada para acabar o serviço que Sor Mandon tinha começado.

Então o homem surgiu à luz da vela, olhou bem para o rosto pálido do anão e soltou uma gargalhada.

– Cortou-se fazendo a barba, foi?

Os dedos de Tyrion subiram à grande ferida que ia de uma sobrancelha até o maxilar, atravessando o que lhe restava de nariz. A carne esponjosa ainda estava dolorida e quente ao toque.

– Com uma navalha terrivelmente grande, sim.

Os cabelos negros como carvão de Bronn tinham sido recém-lavados e escovados para trás, deixando à mostra os traços duros de seu rosto, e ele trajava botas de cano alto, feitas de couro macio e trabalhado, um cinto largo incrustado de pepitas de prata e um manto de seda verde-clara. Na lã cinza-escura de seu gibão, uma corrente em chamas estava bordada em diagonal com fio verde brilhante.

– Onde tem estado? – perguntou-lhe Tyrion. – Mandei chamá-lo... deve ter sido há uma quinzena.

– Quatro dias está mais perto da verdade – disse o mercenário. – Já estive aqui duas vezes e encontrei-o morto para o mundo.

– Morto, não. Embora minha querida irmã tenha tentado. – Talvez não devesse ter dito aquilo em voz alta, mas Tyrion já não se importava. Cersei estava por trás da tentativa de Sor Mandon de matá-lo, sabia disso em seu âmago. – O que é essa coisa feia em seu peito?

Bronn deu um sorriso.

– Meu símbolo de cavaleiro. Uma corrente flamejante, verde sobre cinza-fumo. Por ordem do senhor seu pai, agora sou Sor Bronn da Água Negra, Duende. Veja se não se esqueça disso.

Tyrion apoiou as mãos no colchão de penas e inclinou-se alguns centímetros para trás, de encontro às almofadas.

– Quem lhe prometeu um grau de cavaleiro fui eu, lembra? – não tinha gostado nada daquele "*por ordem do senhor seu pai*". Lorde Tywin

não perdera tempo. Mudar o filho da Torre da Mão para reclamá-la para si era uma mensagem que qualquer um podia entender, e esta era outra. – Eu perco metade do nariz e você ganha um grau de cavaleiro. Os deuses têm bastante coisa a responder. – A voz era amarga. – Meu pai armou-o pessoalmente?

– Não. Aqueles de nós que sobrevivemos à luta nas torres do guincho fomos ungidos pelo Alto Septão e armados pela Guarda Real. Levou metade do maldito dia, tendo só três das Espadas Brancas para conduzir as cerimônias.

– Já sabia que Sor Mandon morreu na batalha. – *Atirado ao rio por Pod, meio segundo antes de o traiçoeiro filho da mãe conseguir enfiar a espada em meu coração*. – Quem mais perdemos?

– O Cão de Caça – disse Bronn. – Não morreu, só desapareceu. Os homens de manto dourado dizem que se acovardou e você liderou uma surtida no lugar dele.

Não foi uma de minhas melhores ideias. Tyrion sentiu o tecido da cicatriz repuxar quando franziu a testa. Com um gesto, indicou uma cadeira a Bronn.

– Minha irmã confundiu-me com um cogumelo. Mantém-me no escuro e alimenta-me com merda. Pod é um bom rapaz, mas o nó que tem na língua é do tamanho do Rochedo Casterly, e não confio em metade do que me diz. Mandei-o buscar Sor Jacelyn e ele voltou dizendo que está morto.

– Ele e milhares de outros – Bronn sentou-se.

– Como? – quis saber Tyrion, sentindo-se bastante mais doente.

– Durante a batalha. Segundo a história que eu tenho ouvido, sua irmã mandou os Kettleblack buscarem o rei e levarem-no de volta para a Fortaleza Vermelha. Quando os homens de manto dourado o viram partir, metade decidiu partir com ele. O Mão de Ferro barrou o caminho e tentou ordenar-lhes que voltassem para as muralhas. Dizem que Bywater estava passando um sermão dos bons neles e os tinha quase prontos a voltar quando alguém espetou uma flecha no pescoço dele. Então ele já não parecia lá muito temível, e derrubaram-no do cavalo e mataram-no.

Outra dívida a depositar na porta de Cersei.

– Meu sobrinho – disse –, Joffrey. Ele correu algum perigo?

– Não mais do que alguns, e menos do que a maioria.

– Sofreu algum dano? Foi ferido? Despenteou-se, deu uma topada com o dedão do pé, quebrou uma unha?

– Que eu saiba, não.

– Preveni Cersei do que aconteceria. Quem comanda agora os homens de manto dourado?

– O senhor seu pai entregou-os a um de seus homens do ocidente, um cavaleiro qualquer chamado Addam Marbrand.

Na maioria das circunstâncias os homens de manto dourado iriam se ressentir de ter um forasteiro acima deles, mas Sor Addam Marbrand era uma escolha judiciosa. Tal como Jaime, era o tipo de homem que os outros gostavam de seguir. *Perdi a Patrulha da Cidade*.

– Mandei Pod à procura de Shagga, mas ele não teve sorte.

– Os Corvos de Pedra ainda estão na mata do rei. Shagga parece ter pegado gosto pelo local. Timett levou os Homens Queimados para casa, com todo o saque que arranjaram no acampamento de Stannis depois da luta. Chella apareceu uma manhã no Portão da Água com uma dúzia de Orelhas Negras, mas os homens de manto vermelho de seu pai botaram-nos para correr enquanto os portorrealenses atiravam bosta e aplaudiam.

Ingratos. Os Orelhas Negras morreram por eles. Enquanto Tyrion estivera drogado e sonhando, seu próprio sangue tinha colocado, uma a uma, as garras de fora.

– Quero que vá até minha irmã. Seu precioso filho sobreviveu incólume à batalha, de modo que Cersei já não tem necessidade de um refém. Jurou libertar Alayaya assim que...

– Libertou. Há oito, nove dias, depois das chicotadas.

Tyrion endireitou-se, ignorando a súbita punhalada de dor que lhe atravessou o ombro.

– *Chicotadas?*

– Prenderam-na a um poste no pátio e flagelaram-na, e depois empurraram-na pelo portão afora, nua e ensanguentada.

Ela estava aprendendo a ler, pensou Tyrion, absurdamente. No rosto, a cicatriz retesou-se, e por um momento sentiu que a cabeça estava a ponto de estourar de raiva. Alayaya era uma prostituta, é verdade, mas raras vezes conhecera garota mais doce, corajosa e inocente do que ela. Tyrion nunca a tocou; não passara de um véu para esconder Shae. Em seu descuido, nunca pensou no que o papel podia custar a ela.

– Prometi à minha irmã que trataria Tommen como ela tratasse Alayaya – recordou em voz alta. Sentiu-se prestes a vomitar. – Como posso flagelar um garoto de oito anos? – *Mas, se não o fizer, Cersei ganha*.

– Você não tem Tommen em seu poder – disse Bronn sem rodeios. – Assim que soube que Mão de Ferro estava morto, a rainha mandou os Kettleblack buscarem-no, e ninguém em Rosby teve culhões para lhes dizer não.

Outro golpe; mas também certo alívio, tinha de admiti-lo. Gostava de Tommen.

– Os Kettleblack deveriam ser dos nossos – lembrou a Bronn com mais do que um toque de irritação.

– E foram, enquanto consegui dar-lhes dois de seus dinheiros para

cada um que recebiam da rainha, mas ela agora subiu a parada. Osney e Osfryd foram feitos cavaleiros depois da batalha, tal como eu. Só os deuses sabem por quê. Ninguém os viu lutar.

Os homens a meu soldo me traem, meus amigos são flagelados e humilhados, e eu estou aqui, apodrecendo, pensou Tyrion. *Pensava que tinha ganho a maldita batalha. É este o sabor do triunfo?*

– É verdade que Stannis foi desbaratado pelo fantasma de Renly?

Bronn deu um ligeiro sorriso.

– Das torres do guincho, tudo que vimos foram estandartes na lama e homens jogando as lanças fora para fugir, mas há centenas de homens nas casas de pasto e nos bordéis que podem lhe contar como viram Lorde Renly matar este ou aquele. A maior parte da tropa de Stannis começou sendo de Renly, e passou para o lado dele novamente quando o viu naquela brilhante armadura verde.

Depois de todos os seus planos, depois da surtida e da ponte de navios, depois de ter o rosto partido ao meio, Tyrion foi eclipsado por um morto. *Se é que Renly está realmente morto*. Mais uma coisa que teria de investigar.

– Como foi que Stannis escapou?

– Os lisenos dele mantiveram as galés na baía, para lá da sua corrente. Quando a batalha começou a correr mal, aportaram ao longo da costa da baía e levaram o máximo de homens que conseguiram. Perto do fim, matavam uns aos outros para conseguir embarcar.

– E Robb Stark, o que ele anda fazendo?

– Alguns dos lobos dele vão abrindo caminho a fogo na direção de Valdocaso. Seu pai mandou um tal Lorde Tarly tratar deles. Ando pensando em me juntar a ele. Dizem que é um bom soldado, e generoso com o saque.

A ideia de perder Bronn foi a gota d'água.

– Não. Seu lugar é aqui. É o capitão da guarda da Mão.

– Você não é Mão – lembrou-lhe Bronn num tom penetrante. – É seu pai que é Mão, e ele tem sua maldita guarda própria.

– O que aconteceu com todos os homens que você contratou para mim?

– Alguns morreram nas torres do guincho. Aquele seu tio, Sor Kevan, pagou os outros e nos botou para correr.

– Quanta generosidade da parte dele – disse Tyrion com acidez. – Isso quer dizer que você perdeu o gosto pelo ouro?

– Isso seria pouco provável.

– Ótimo – disse Tyrion –, porque acontece que ainda preciso de você. O que sabe de Sor Mandon Moore?

Bronn riu.

– Sei que está bem afogado, como o diabo.

– Tenho para com ele uma grande dívida, mas como pagá-la? –

tocou o rosto, sentindo a cicatriz. – A bem da verdade, sei pouquíssimo sobre o homem.

– Tinha olhos de peixe e usava um manto branco. O que mais precisa saber?

– Tudo – disse Tyrion –, para começar. – O que queria eram provas de que Sor Mandon fora um homem de Cersei, mas não se atrevia a dizer isso em voz alta. Na Fortaleza Vermelha um homem fazia bem em controlar a língua. Havia ratazanas nas paredes, e passarinhos que falavam demais, e aranhas. – Ajude-me a levantar – disse, lutando com as cobertas. – Já é hora de fazer uma visita ao meu pai, e já é mais do que hora de voltar a deixar que me vejam.

– E que linda é a visão – troçou Bronn.

– O que é meio nariz num rosto como o meu? Mas, por falar em linda, Margaery Tyrell já chegou a Porto Real?

– Não. Mas está a caminho, e a cidade está louca de amor por ela. Os Tyrell têm andado trazendo comida de Jardim de Cima e dando-a em nome dela. Centenas de carroças por dia. Há milhares de homens Tyrell pavoneando-se por aí com rosinhas douradas cosidas aos gibões, e nem um deles tem pagado o vinho que bebe. Esposas, viúvas ou putas, todas as mulheres andam cedendo suas virtudes a qualquer rapazola quase sem buço que tenha uma rosa dourada no peito.

Cospem em mim, e pagam bebidas aos Tyrell. Tyrion deslizou da cama para o chão. As pernas começaram a vacilar sob seu peso, o quarto girou, e ele teve de agarrar o braço de Bronn para evitar cair de cabeça nas esteiras.

– *Pod!* – gritou. – Podrick Payne! Onde nos sete infernos está você? – a dor mordeu-o como um cão sem dentes. Tyrion detestava a fraqueza, em especial a sua. Envergonhava-o, e a vergonha irritava-o. – Pod, *venha aqui!*

O rapaz veio correndo. Quando viu Tyrion em pé e agarrado ao braço de Bronn, olhou-os de boca aberta.

– Senhor. Levantou-se. Isso quer… o senhor… precisa de vinho? Vinho dos sonhos? Devo chamar o meistre? Disse que devia permanecer... na cama, quero dizer.

– Permaneci na cama tempo demais. Traga um traje limpo qualquer.

– Traje?

Tyrion nunca poderia compreender como o rapaz conseguia ter uma cabeça tão sensata e ser tão diligente em batalha e tão confuso em todas as outras situações.

– Roupa – repetiu. – Túnica, gibão, calção, meias. Para mim. Para me vestir. Para que possa sair desta maldita cela.

Foram precisos os três para vesti-lo. Por mais hediondo que seu rosto estivesse, o pior de seus ferimentos era aquele que tinha na

junção do braço com o ombro, onde sua própria cota de malha tinha sido empurrada para dentro da axila por uma flecha. Pus e sangue ainda escorriam da carne descorada sempre que Meistre Frenken mudava a atadura, e qualquer movimento lhe causava uma punhalada de agonia.

Por fim, Tyrion decidiu-se por um par de calções e um roupão de quarto grande demais que sobrava em seus ombros. Bronn enfiou-lhe as botas nos pés enquanto Pod ia à procura de uma bengala em que Tyrion pudesse se apoiar. Bebeu uma taça de vinho dos sonhos para ganhar forças. O vinho era adoçado com mel, com uma quantidade de papoula suficiente apenas para tornar seus ferimentos suportáveis durante algum tempo.

Mesmo assim, estava tonto quando girou o trinco, e a descida pelos degraus de pedra em caracol fez suas pernas fraquejarem. Caminhou com a bengala numa mão e a outra apoiada no ombro de Pod. Uma criada vinha subindo quando eles desceram. Fitou-os com grandes olhos brancos, como se estivesse olhando para um fantasma. *O anão ergueu-se de entre os mortos*, pensou Tyrion. *E olha, é mais feio do que nunca, corre para dizer aos seus amigos.*

A Fortaleza de Maegor era o lugar mais protegido da Fortaleza Vermelha, um castelo dentro do castelo, rodeado por um profundo fosso seco coberto de espigões. Quando chegaram à porta, a ponte levadiça encontrava-se içada para a noite. Sor Meryn Trant estava em frente a ela, na sua armadura clara e em seu manto branco.

– Baixe a ponte – ordenou-lhe Tyrion.

– As ordens da rainha são para içar a ponte durante a noite – Sor Meryn sempre fora uma criatura de Cersei.

– A rainha está dormindo, e eu tenho assuntos a tratar com meu pai.

Havia magia no nome de Lorde Tywin Lannister. Resmungando, Sor Meryn Trant deu a ordem, e a ponte levadiça foi baixada. Um segundo cavaleiro da Guarda Real mantinha-se de sentinela do outro lado do fosso. Sor Osmund Kettleblack conseguiu dar um sorriso quando viu Tyrion bambolear-se em sua direção.

– Está se sentindo mais forte, senhor?

– Muito. Quando é a próxima batalha? Mal posso esperar.

Mas quando Pod e ele chegaram à escada em espiral, Tyrion só conseguiu olhá-la de boca aberta, desanimado. *Nunca subirei isto sozinho*, confessou a si mesmo. Engolindo a dignidade, pediu que Bronn o carregasse, desejando com toda a esperança que àquela hora não surgisse ninguém para vê-lo e sorrir, ninguém para contar a história do anão sendo levado degraus acima como um bebê de colo.

O pátio exterior estava repleto de tendas e pavilhões, às dezenas.

– Homens de Tyrell – explicou Podrick Payne enquanto abriam

caminho por um labirinto de seda e lona. – E também de Lorde Rowan e de Lorde Redwyne. Não havia espaço que bastasse para todos. No castelo, quero dizer. Alguns arranjaram quartos. Quartos na cidade. Em estalagens, e tal. Estão aqui para o casamento. O casamento do rei, do Rei Joffrey. Será que estará forte o bastante para comparecer, senhor?

– Nem doninhas esfomeadas conseguiriam me manter afastado. – Os casamentos tinham, pelo menos, uma vantagem sobre as batalhas; era menos provável que o nariz de alguém fosse cortado.

Luzes ainda ardiam tenuemente atrás das venezianas fechadas da Torre da Mão. Os homens que se encontravam à porta usavam o manto carmesim e os elmos encimados por leões da guarda doméstica do pai de Tyrion. Este conhecia a ambos, e os homens deixaram-no passar assim que o viram... embora o anão tivesse notado que nenhum aguentara olhá-lo por muito tempo.

Lá dentro, encontraram Sor Addam Marbrand, que vinha descendo a escada em caracol com a ornamentada placa de peito negra e o manto dourado de um oficial da Patrulha da Cidade.

– Senhor – disse ele –, como é bom vê-lo de pé. Ouvi...

– ... rumores sobre uma pequena cova a ser cavada? Eu também. Sob tais circunstâncias, pareceu-me melhor levantar-me. Ouvi dizer que é comandante da Patrulha da Cidade. Devo dar-lhe parabéns ou condolências?

– Temo que ambos. – Sor Addam sorriu. – A morte e a deserção deixaram-me com cerca de quatro mil e quatrocentos homens. Só os deuses e o Mindinho sabem como nos arranjaremos para continuar pagando o soldo a tantos homens, mas sua irmã me proibiu de mandar embora um sequer.

Ainda ansiosa, Cersei? A batalha terminou, os homens de manto dourado não a ajudarão agora.

– Você vem dos aposentos de meu pai? – perguntou.

– Venho. Temo não tê-lo deixado no melhor dos humores. Lorde Tywin acha que quatro mil e quatrocentos guardas são mais do que suficientes para encontrar um escudeiro perdido, mas seu primo Tyrek continua desaparecido.

Tyrek era filho do falecido tio Tygett, um rapaz de treze anos. Desaparecera no tumulto, não muito tempo depois de se casar com a Senhora Ermesande, um bebê de peito que calhava ser a última herdeira sobrevivente da Casa Hayford. *E provavelmente a primeira noiva na história dos Sete Reinos a enviuvar antes de ser desmamada.*

– Também não fui capaz de encontrá-lo – confessou Tyrion.

– Ele está servindo de comida aos vermes – disse Bronn com seu tato habitual. – O Mão de Ferro andou à procura dele, e o eunuco chacoalhou uma boa bolsa gorda. Não tiveram mais sorte do que nós.

Desisti, sor.

Sor Addam olhou o mercenário com desagrado.

– Lorde Tywin é teimoso no que concerne ao seu sangue. Quer o rapaz, vivo ou morto, e eu pretendo fazer sua vontade. – Voltou a olhar para Tyrion. – Encontrará seu pai no aposento privado dele.

No meu aposento privado, pensou Tyrion.

– Creio que conheço o caminho.

O caminho seguia mais degraus acima, mas daquela vez subiu-os com suas próprias forças, mantendo, no entanto, uma mão apoiada no ombro de Pod. Bronn abriu a porta para ele. Lorde Tywin Lannister estava sentado sob a janela, escrevendo sob o clarão de uma candeia de azeite. Ergueu os olhos ao ouvir o trinco.

– Tyrion. – Calmamente, pousou a pena.

– Agrada-me que se lembre de mim, senhor. – Tyrion largou Pod, apoiou o peso na bengala e aproximou-se bamboleando. *Há algo errado*, soube de imediato.

– Sor Bronn – disse Lorde Tywin – Podrick. Talvez fosse melhor se esperassem lá fora até terminarmos.

O olhar que Bronn lançou ao Mão foi pouco menos que insolente; apesar disso, fez uma reverência e retirou-se, com Pod em seu encalço. A pesada porta fechou-se atrás deles, e Tyrion Lannister ficou a sós com o pai. Mesmo com as janelas do aposento privado fechadas contra a noite, o frio naquela sala era palpável. *Que tipo de mentiras Cersei tem lhe contado?*

O Senhor de Rochedo Casterly era tão esguio quanto um homem vinte anos mais novo, e era até bonito, ao seu modo austero. Rijos pelos louros cobriam suas bochechas, enquadrando um rosto severo, uma cabeça calva e lábios duros. Em volta do pescoço usava uma corrente de mãos douradas, com os dedos de cada uma agarrando o pulso da seguinte.

– Essa é uma bela corrente – disse Tyrion. *Embora ficasse melhor em mim.*

Lorde Tywin ignorou o comentário.

– É melhor se sentar. Terá sido sensato sair de seu leito de doente?

– Meu leito de doente deixa-me doente. – Tyrion sabia quanto o pai desprezava a fraqueza. Apropriou-se da cadeira mais próxima. – Seus aposentos são tão agradáveis. Acreditaria se eu lhe dissesse que enquanto eu estava morrendo alguém me mudou para uma celazinha escura em Maegor?

– A Fortaleza Vermelha transborda de convidados para o casamento. Assim que eles partirem, arranjaremos instalações mais adequadas para você.

– Gostava bastante *destas* instalações. Já marcou uma data para

essa grande boda?

– Joffrey e Margaery vão se casar no primeiro dia do novo ano, que vem a ser também o primeiro dia do novo século. A cerimônia anunciará o alvorecer de uma nova era.

Uma nova era Lannister, pensou Tyrion.

– Oh, que pena, temo que tenha feito outros planos para esse dia.

– Veio aqui só para se queixar de seu quarto e fazer seus gracejos sem graça? Tenho cartas importantes a terminar.

– Cartas *importantes*. Certamente.

– Algumas batalhas ganham-se com espadas e lanças, outras com penas e corvos. Poupe-me dessas censuras veladas, Tyrion. Visitei seu leito de doente tão frequentemente quanto Meistre Ballabar permitiu, quando parecia provável que morresse. – Juntou os dedos por baixo do queixo. – Por que motivo dispensou Ballabar?

Tyrion encolheu os ombros.

– Meistre Frenken não está tão decidido a me manter inanimado.

– Ballabar chegou à cidade na comitiva de Lorde Redwyne. Um curandeiro de talento, segundo se diz. Foi gentil da parte de Cersei pedir-lhe que cuidasse de você. Ela temia por sua vida.

Temia que eu pudesse conservá-la, você quer dizer.

– Foi sem dúvida por isso que ela nunca saiu de junto do meu leito.

– Não seja impertinente. Cersei tem um casamento real para planejar, eu travo uma guerra, e você está fora de perigo há pelo menos uma quinzena. – Lorde Tywin estudou o rosto desfigurado do filho, sem hesitação nos olhos verde-claros. – Se bem que o ferimento seja bastante horrível, admito. Que loucura o possuiu?

– O inimigo estava junto ao portão com um aríete. Se Jaime tivesse liderado a surtida, você iria chamar isso de valor.

– Jaime nunca seria insensato ao ponto de tirar o elmo numa batalha. Espero que tenha matado o homem que te cortou?

– Oh, o desgraçado está bastante morto. – Embora tivesse sido Podrick Payne quem matara Sor Mandon, atirando-o ao rio para se afogar sob o peso da armadura. – Um inimigo morto é uma alegria que perdura para sempre – disse Tyrion alegremente, se bem que Sor Mandon não fosse seu verdadeiro inimigo. O homem não tinha motivo algum para querê-lo morto. *Era só uma marionete, e creio que sei a que ventríloquo pertencia. Ela disse-lhe para se certificar de que eu não sobreviveria à batalha*. Mas, sem provas, Lorde Tywin nunca daria ouvidos a tal acusação. – Por que está aqui na cidade, pai? – perguntou. – Não devia andar bem longe lutando contra Lorde Stannis, Robb Stark ou qualquer outro? – *E quanto mais depressa melhor*.

– Até que Lorde Redwyne traga a sua frota do sul, não dispomos

de navios para assaltar Pedra do Dragão. Não importa. O sol de Stannis Baratheon se pôs na Água Negra. Quanto ao Stark, o rapaz continua no oeste, mas uma grande força de nortenhos sob o comando de Helman Tallhart e Robett Glover encaminha-se para Valdocaso. Mandei Lorde Tarly ao seu encontro, enquanto Sor Gregor sobe a estrada do rei para interceptar a retirada deles. Tallhart e Glover serão pegos entre ambos, com um terço das forças dos Stark.

– Valdocaso? – nada havia em Valdocaso que valesse um risco desses. Teria finalmente o Jovem Lobo disparatado?

– Não é nada com que tenha de se preocupar. Seu rosto está pálido como a morte, e tem sangue escorrendo de suas ataduras. Diga o que quer e volte para a cama.

– O que eu quero… – Sentia a garganta irritada e apertada. O que era que *realmente* queria? *Mais do que você possa algum dia me dar, pai*. – Pod disse-me que o Mindinho foi feito Senhor de Harrenhal.

– Um título vazio, enquanto Roose Bolton defender o castelo em nome de Robb Stark, mas Lorde Baelish estava desejoso dessa honraria. Prestou-nos bons serviços na questão do casamento Tyrell. Um Lannister paga as suas dívidas.

Na verdade, o casamento Tyrell tinha sido ideia de Tyrion, mas pareceria grosseiro tentar agora reclamar o crédito.

– Esse título pode não ser tão vazio quanto você imagina – preveniu. – Mindinho nada faz sem bons motivos. Mas não importa. Creio que disse qualquer coisa sobre pagar dívidas?

– E você quer a sua recompensa, é isso? Muito bem. O que quer de mim? Terras, um castelo, um cargo qualquer?

– O raio de um pouco de gratidão seria um bom começo.

Lorde Tywin fitou-o sem pestanejar.

– Saltimbancos e macacos precisam de aplausos. Aerys também precisava, por sinal. Você fez o que lhe foi ordenado, e estou certo de ter usado o melhor de suas capacidades. Ninguém nega o papel que desempenhou.

– O *papel* que desempenhei? – aquilo que restava a Tyrion de narinas devia certamente ter se dilatado. – Salvei sua maldita cidade, segundo me parece.

– A maior parte das pessoas parece pensar que foi meu ataque ao flanco de Lorde Stannis que virou a maré da batalha. Lordes Tyrell, Rowan, Redwyne e Tarly também lutaram nobremente, e segundo me disseram foi sua irmã Cersei quem colocou os piromantes para fazer o fogovivo que destruiu a frota Baratheon.

– Enquanto tudo que eu fiz foi aparar os pelos do nariz, é isso? – Tyrion não conseguiu disfarçar a amargura de sua voz.

– Sua corrente foi um golpe inteligente e crucial para a nossa vitória. Era isso que queria ouvir? Disseram-me que também devemos

a você a nossa aliança com Dorne. Pode gostar de saber que Myrcella chegou em segurança a Lançassolar. Sor Arys Oakheart escreve que ela simpatizou muito com a Princesa Arianne, e que o Príncipe Trystane está encantado com ela. Não gosto de dar um refém à Casa Martell, mas suponho que isso não podia ser evitado.

– Teremos também o nosso refém – disse Tyrion. – Um lugar no conselho faz parte do acordo. A não ser que o Príncipe Doran traga um exército quando vier reclamá-lo, estará se colocando em nosso poder.

– Seria bom se um lugar no conselho fosse tudo que Martell vem reclamar – disse Lorde Tywin. – Também lhe prometeu vingança.

– Prometi justiça.

– Chame do que quiser. Ambas resumem-se a sangue.

– Não é artigo de que haja escassez, certo? Nadei através de lagos disso durante a batalha. – Tyrion não via razão para não ir direto ao assunto. – Ou será que passou a gostar tanto de Gregor Clegane que não pode suportar se separar dele?

– Sor Gregor tem seus usos, tal como o irmão tinha. Todos os senhores precisam de um animal de vez em quando... uma lição que você parece ter aprendido, julgando por Sor Bronn e por aqueles seus homens dos clãs.

Tyrion pensou no olho queimado de Timett, em Shagga, com seu machado, em Chella com seu colar de orelhas secas. E em Bronn. Acima de tudo em Bronn.

– A floresta está cheia de animais – lembrou ao pai. – As vielas também.

– É verdade. Talvez outros cães também queiram caçar. Vou pensar nisso. Se não há mais nada...

– Tem cartas importantes, claro. – Tyrion levantou-se sobre pernas inseguras, fechou os olhos por um instante quando uma onda de tontura o varreu, e deu um passo trêmulo na direção da porta. Mais tarde, iria pensar que devia ter dado mais um, e depois um terceiro. Em vez disso, virou-se.

– O que eu quero, o senhor pergunta? Eu digo o que quero. Quero o que é meu por direito. Quero o Rochedo Casterly.

Os lábios do pai endureceram.

– O direito de nascença de seu irmão?

– Os cavaleiros da Guarda Real estão proibidos de se casar, de gerar filhos e de possuir terras, sabe disso tão bem quanto eu. No dia em que Jaime prendeu aquele manto branco aos ombros, renunciou à pretensão a Rochedo Casterly, mas você não reconheceu isso nem uma vez. Já é mais que tempo. Quero que se levante perante o reino e proclame que sou seu filho e legítimo herdeiro.

Os olhos de Lorde Tywin eram verde-claros salpicados de ouro,

tão luminosos quanto desprovidos de compaixão.

– Rochedo Casterly – declarou ele num tom monocórdico, frio e morto. E depois: – Nunca.

A palavra pairou entre eles, enorme, afiada, envenenada.

Sabia a resposta antes de pedir, pensou Tyrion. *Passaram-se dezoito anos desde que Jaime se juntou à Guarda Real e não levantei o assunto sequer uma vez. Devia saber. Devia saber desde sempre.*

– Por quê? – forçou-se a perguntar, embora soubesse que se arrependeria disso.

– E ainda pergunta? Você, que matou sua mãe para vir ao mundo? É uma criaturinha malfeita, tortuosa, desobediente, desprezível, uma criaturinha cheia de inveja, luxúria e baixa astúcia. As leis dos homens dão-lhe o direito de usar o meu nome e ostentar as minhas cores, visto que não posso provar que não é meu filho. A fim de me ensinar humildade, os deuses condenaram-me a vê-lo bambolear por aí, usando esse orgulhoso leão que era o símbolo de meu pai e do pai dele antes disso. Mas nem os deuses nem os homens me obrigarão algum dia a deixar que transforme Rochedo Casterly em seu bordel.

– Meu *bordel*? – a alvorada rebentou; Tyrion compreendeu subitamente de onde aquela bílis tinha vindo. Rangeu os dentes e disse: – Cersei contou-lhe a respeito de Alayaya.

– É esse o nome dela? Confesso que não sou capaz de me lembrar do nome de todas as suas putas. Qual foi aquela com que casou quando garoto?

– Tysha. – Cuspiu a resposta, em desafio.

– E aquela seguidora de acampamentos no Ramo Verde?

– Que importa? – perguntou, sem querer nem mesmo proferir o nome de Shae em sua presença.

– Não importa. Não mais do que me importa que elas vivam ou morram.

– Foi *você* quem mandou chicotear Yaya. – Não era uma pergunta.

– Sua irmã falou-me de suas ameaças contra meu neto. – A voz de Lorde Tywin era mais fria do que gelo. – Ela mentiu?

Tyrion não o negaria.

– Fiz ameaças, sim. Para manter Alayaya a salvo. Para que os Kettleblack não a destratassem.

– Para salvar a virtude de uma puta ameaçou sua própria casa, sua própria família? É assim que as coisas são?

– Foi você quem me ensinou que uma boa ameaça é mais eficaz do que um golpe. Não que Joffrey não tenha me tentado bastante algumas centenas de vezes. Se está assim tão ansioso por chicotear pessoas, comece por ele. Mas Tommen... por que haveria de fazer mal a Tommen? Ele é bom rapaz e de meu próprio sangue.

– Tal como sua mãe era. – Lorde Tywin ergueu-se abruptamente da cadeira para olhar o filho anão de cima. – Volte para sua cama, Tyrion, e não me fale mais de *seu direito* a Rochedo Casterly. Terá sua recompensa, mas aquela que eu considerar apropriada aos seus serviços e posição. E não tenha ilusões: esta foi a última vez que tolerei que trouxesse vergonha à Casa Lannister. *Acabaram-se* as putas. A próxima que encontrar em sua cama, vou enforcar.

Davos

Viu a vela crescer durante muito tempo, tentando decidir se preferia viver ou morrer.

Sabia que morrer seria mais fácil. Tudo que tinha a fazer era rastejar para dentro de sua gruta e deixar que o navio passasse, e a morte iria encontrá-lo. Fazia vários dias que a febre o queimava por dentro, transformando suas tripas em água marrom e fazendo-o tremer num sono inquieto. Cada manhã o encontrava mais fraco. *Não demorará muito mais tempo*, habituara-se a dizer a si mesmo.

Se a febre não o matasse, a sede certamente o faria. Ali, não tinha água doce além da chuva ocasional que se acumulava em buracos na rocha. Apenas três dias antes (ou teriam sido quatro? Naquele rochedo era difícil distinguir os dias), as poças estavam secas como osso velho, e ver a baía ondulando em verde e cinza por toda a volta quase tinha sido mais do que podia suportar. Sabia que, uma vez que começasse a beber água do mar, o fim chegaria rapidamente, mesmo assim quase tomou o primeiro gole, tão seca estava sua garganta. Uma súbita chuvarada o tinha salvado. Enfraquecera tanto a essa altura que tudo que podia fazer era deitar-se na chuva de olhos fechados e boca aberta, e deixar a água cair sobre seus lábios rachados e sua língua inchada. Mas depois sentiu-se um pouco mais forte, e as poças, falhas e fendas do rochedo tinham voltado a se encher de vida.

Mas isso fora três dias antes (ou talvez quatro), e a maior parte da água já tinha desaparecido novamente. Uma parte evaporara, a outra ele sugou. Na manhã seguinte, estaria de novo saboreando a lama, e lambendo as pedras úmidas e frias do fundo das depressões.

E se não fosse a sede ou a febre, a fome iria matá-lo. Sua ilha nada mais era do que uma torre estéril que se projetava da imensidão da Baía da Água Negra. Quando a maré estava baixa, às vezes conseguia encontrar minúsculos caranguejos ao longo da praia pedregosa onde tinha sido depositado pelo mar depois da batalha. Eles mordiam dolorosamente seus dedos antes que ele pudesse esmagá-los nas rochas para sugar a carne de suas garras e as entranhas de suas conchas.

Mas a praia desaparecia sempre que a maré subia, e Davos tinha de escalar o rochedo para evitar ser arrastado de volta para a baía. A ponta da elevação erguia-se cinco metros acima da água na maré alta, mas, quando a baía se encrespava, os respingos subiam ainda mais alto, então não havia maneira de se manter seco, nem mesmo em sua gruta (que na verdade nada mais era do que uma concavidade por baixo de uma saliência de rocha). Nada crescia no rochedo além de líquenes, e até as aves marinhas evitavam o local. De vez em quando,

algumas gaivotas pousavam no topo do pináculo e Davos tentava apanhar uma, mas eram rápidas demais para que ele conseguisse se aproximar. Resolveu atirar pedras nelas, mas estava fraco demais para atirar com muita força, e mesmo quando as pedras acertavam o alvo, as gaivotas limitavam-se a grasnar para ele, aborrecidas, e levantavam voo.

Outros rochedos eram visíveis de seu refúgio, elevações de rocha distantes, mais altas do que a sua. Estimou que a mais próxima subia a uns bons doze metros acima da água, embora fosse difícil ter certeza aquela distância. Uma nuvem de gaivotas rodopiava constantemente ao redor dela, e Davos pensava com frequência em nadar até lá para assaltar seus ninhos. Mas a água ali era fria, as correntes pareciam fortes e traiçoeiras, e ele sabia que não tinha forças para tamanho esforço. Seria uma morte tão certa como beber água do mar.

Lembrava-se, de anos anteriores, que o outono no mar estreito era frequentemente úmido e chuvoso. Os dias não eram feios, desde que o sol brilhasse, mas as noites estavam ficando mais frias e às vezes o vento soprava com força na baía, empurrando à sua frente uma fileira de cristas de ondas, e pouco depois Davos estaria ensopado e tremendo. Febre e arrepios revezavam-se em assaltá-lo, e nos últimos dias tinha desenvolvido uma tosse persistente e torturante.

Sua gruta era todo o abrigo de que dispunha, e isso era bem pouco. Madeira flutuante e pedaços de detritos carbonizados eram empurrados para a praia na maré baixa, mas não tinha como criar uma faísca ou acender uma fogueira. Uma vez, em desespero, tentara esfregar dois pedaços de madeira um no outro, mas a madeira estava apodrecida, e seus esforços só lhe renderam bolhas. Tinha também as roupas encharcadas, e perdera uma das botas em alguma baía antes de dar à costa naquele lugar.

Sede; fome; exposição às intempéries. Eram essas as suas companheiras, presentes a qualquer hora de todos os dias, e com o tempo começou a pensar nelas como amigas. Em breve, uma ou outra de suas companheiras iria se apiedar dele e libertá-lo daquele sofrimento sem fim. Ou talvez ele se limitasse a entrar na água, um dia, e se dirigir à costa que sabia ficar em algum lugar para o norte, para além de sua vista. Era longe demais para nadar, fraco como se encontrava, mas não importava. Davos sempre fora marinheiro; estava destinado a morrer no mar. *Os deuses submersos têm estado à minha espera,* dizia a si mesmo. *Já é mais que hora de ir encontrá-los.*

Mas agora havia uma vela; apenas uma mancha no horizonte, mas crescendo. *Um navio onde não devia haver navios*. Sabia mais ou menos em que lugar ficava aquele rochedo; pertencia a uma série de montanhas submarinas que se erguiam do fundo da Baía da Água Negra. A mais alta projetava-se a trinta metros acima da maré, e uma

dúzia de montes menores subiam entre dez e vinte metros. Os marinheiros chamavam-nas de *lanças do rei bacalhau*, e sabiam que para cada uma que rompia a superfície, uma dúzia espreitava traiçoeiramente logo abaixo. Qualquer capitão com juízo mantinha sua rota bem afastada delas.

Com olhos pálidos e rajados de vermelho, Davos observou a vela inflar-se e tentou ouvir o som do vento capturado nela. *Ela vem para cá.* A menos que mudasse de rumo em breve, passaria a distância de um grito de seu estéril refúgio. Podia significar a vida. Se a quisesse. Não tinha certeza se queria.

Por que devo viver?, pensou enquanto lágrimas embaçavam sua visão. *Pela bondade dos deuses, por quê? Meus filhos estão mortos, Dale e Allard, Maric e Matthos, talvez também Devan. Como pode um pai sobreviver a tantos filhos fortes e jovens? Como poderia prosseguir? Sou uma carapaça vazia, o caranguejo está morto, nada resta aqui dentro. Eles não sabem disso?*

Tinham entrado na Torrente da Água Negra, exibindo o coração flamejante do Senhor da Luz. Davos e o *Betha Negra* tinham estado na segunda linha de batalha, entre o *Espectro* de Dale e o *Senhora Marya* de Allard. Maric, seu terceiro filho, era mestre dos remadores no *Fúria*, no centro da primeira linha, enquanto Matthos servia como imediato do pai. Sob as muralhas da Fortaleza Vermelha, as galés de Stannis Baratheon tinham travado batalha com a frota menor do rei rapaz, Joffrey, e durante alguns momentos o rio ressoara com os disparos dos arcos e o estrondo de espigões de ferro despedaçando tanto remos como cascos.

E então um grande animal desconhecido soltou um rugido, e havia chamas verdes por toda a volta: fogovivo, mijo de piromante, o demônio de jade. Matthos estava em pé ao seu lado quando o navio pareceu erguer-se da água. Davos deu por si no rio, batendo os braços enquanto a corrente o agarrava e o fazia rodopiar, dando voltas e mais voltas. No sentido da nascente, as labaredas tinham rasgado o céu, a quinze metros de altura. Viu o *Betha Negra* em chamas, e também o *Fúria*, e uma dúzia de outros navios, viu homens em chamas saltarem na água para lá se afogarem. O *Espectro* e o *Senhora Marya* tinham desaparecido, afundados, despedaçados, ou escondidos por um véu de fogovivo, e não havia tempo de procurá-los, porque ele estava quase na foz do rio, e os Lannister tinham erguido uma grande corrente de ferro na embocadura. De margem a margem, nada havia além de navios em chamas e fogovivo. Aquela visão pareceu ter parado seu coração por um momento, e ainda se lembrava do ruído, o crepitar das chamas, o silvo do vapor, os gritos dos moribundos, e o bater daquele terrível calor contra seu rosto quando a corrente do rio o arrastou para baixo, na direção do inferno.

Só precisava deixar-se levar. Alguns momentos mais, e estaria com os filhos, descansando na fria lama verde do fundo da baía, com peixes mordiscando seu rosto.

Mas, em vez disso, tinha inspirado um grande trago de ar e mergulhado, batendo os pés na direção do fundo do rio. Sua única esperança era passar por baixo da corrente, dos navios em chamas e do fogovivo que flutuava na superfície da água, nadar com força em busca da segurança da baía que se estendia do outro lado. Davos sempre fora um bom nadador, e naquele dia não usava nada de aço além do elmo que tinha perdido quando o *Betha Negra* naufragou. Enquanto cortava através da escuridão verde, viu outros homens lutando sob a água, puxados para baixo, afogando-se sob o peso de armaduras e cotas de malha. Davos passou por eles nadando, batendo os pés com todas as forças que restavam às suas pernas, entregando-se à corrente, com a água enchendo seus olhos. Desceu mais fundo, e mais fundo, e ainda mais fundo. A cada braçada tornava-se mais difícil manter a respiração presa. Lembrava-se de ter visto o fundo, suave e indistinto, quando um rio de bolhas explodiu de seus lábios. Algo havia tocado sua perna... uma raiz submersa, um peixe ou um homem que se afogava, não sabia dizer.

A essa altura, já precisava de ar, mas tinha medo. Já teria ultrapassado a corrente, estaria já na baía? Se subisse por baixo de um navio, iria se afogar, e se chegasse à superfície entre as manchas flutuantes de fogovivo, sua primeira inspiração torraria seus pulmões, transformando-os em cinzas. Virou-se na água para olhar para cima, mas nada havia para ver além de uma escuridão verde, e então já tinha virado demais e não conseguia distinguir entre o que ficava em cima e o que ficava embaixo. O pânico dominara-o. Suas mãos bateram contra o fundo do rio, levantando uma nuvem de areia que o cegou. Seu peito ficava mais e mais apertado. Arranhou a água, batendo os pés, empurrando-se, virando, com os pulmões gritando por ar, batendo os pés, batendo os pés, agora perdido na escuridão do rio, batendo os pés, batendo os pés, batendo os pés até já não conseguir batê-los mais. Quando abriu a boca para gritar, a água jorrou para dentro, salgada, e Davos Seaworth soube que estava se afogando.

Quando voltou a si, o sol estava no céu, e ele jazia numa praia pedregosa por baixo da projeção de uma rocha nua, com a baía vazia ao seu redor e um mastro quebrado, uma vela queimada e um cadáver inchado a seu lado. O mastro, a vela e o morto desapareceram com a maré cheia seguinte, deixando Davos sozinho no seu rochedo entre as lanças do rei bacalhau.

Seus longos anos como contrabandista tinham feito com que as águas ao redor de Porto Real lhe fossem mais familiares do que qualquer lar que alguma vez tivera, e compreendeu que seu refúgio

nada mais era do que um ponto nos mapas, um lugar de onde os navegantes honestos se afastavam em vez de se aproximar... embora o próprio Davos tivesse andado por ali uma ou duas vezes em seus dias de contrabando, a fim de melhor passar despercebido. *Quando me encontrarem morto aqui, se me encontrarem, talvez deem ao rochedo o meu nome*, pensou. *Vão chamá-lo de Rochedo da Cebola; será a minha lápide e o meu legado*. Não merecia mais. *O Pai protege seus filhos*, ensinavam os septões, mas Davos enviara os filhos para o fogo. Dale nunca daria à sua esposa o filho pelo qual tinham rezado, e Allard, com sua garota em Vilavelha, sua garota em Porto Real e sua garota em Bravos, faria todas chorarem em breve. Matthos nunca capitanearia seu próprio navio, como sonhara fazer. Maric nunca seria ordenado cavaleiro.

Como posso viver quando eles morreram? Morreram tantos bravos cavaleiros e senhores poderosos, homens melhores do que eu, e bem-nascidos. Rasteje para a sua gruta, Davos. Rasteje lá para dentro e encolha-se, o navio irá embora, e você nunca mais se incomodará com ninguém. Adormeça em sua almofada de pedra, e deixe que as gaivotas arranquem seus olhos enquanto os caranguejos se banqueteiam com a sua carne. Já se banqueteou de muitos dos seus, tem uma dívida para com eles. Esconda-se, contrabandista. Esconda-se, fique calado e morra.

A vela já se encontrava quase ao lado do rochedo. Alguns momentos mais e o navio teria passado em segurança, e ele poderia morrer em paz.

Estendeu a mão para a garganta, em busca da pequena bolsa de couro que usava sempre em volta do pescoço. Guardava lá dentro os ossos dos quatro dedos que seu rei tinha encurtado no dia em que armara Davos cavaleiro. *A minha sorte*. Os seus dedos encurtados deram pancadinhas no peito, apalpando, sem nada encontrar. A bolsa tinha desaparecido, e os ossos desapareceram com ela. Stannis nunca conseguiu compreender por que Davos tinha conservado os ossos.

– Para me recordar da justiça de meu rei – sussurrou através de lábios rachados. Mas agora tinham desaparecido. *O fogo levou minha sorte como levou meus filhos*. Em seus sonhos o rio ainda estava em chamas e os demônios dançavam sobre as águas, com chicotes flamejantes nas mãos, enquanto homens enegreciam e ardiam sob a chibata. – *Mãe, tenha mercê* – rezou Davos. – *Salve-me, Mãe gentil, salve-nos a todos. A minha sorte partiu, tal como meus filhos*. – Estava agora chorando livremente, com lágrimas salgadas correndo pelo rosto. – *O fogo levou tudo… o fogo…*

Talvez fosse apenas o vento soprando contra a rocha, ou o som do mar na costa, mas por um instante Davos Seaworth ouviu sua resposta.

– Você chamou o fogo – sussurrou ela, com uma voz tão tênue

quanto o som das ondas numa concha, triste e suave. – Você nos queimou... nos queimou... nosssss queimoooou.

– Foi *ela*! – gritou Davos. – Mãe, não nos abandone. Foi ela quem os queimou, a mulher vermelha, Melisandre, *ela*! – Conseguia vê-la; o rosto em forma de coração, os olhos vermelhos, os longos cabelos acobreados, seu vestido vermelho movendo-se como chamas quando ela caminhava, um turbilhão de seda e cetim. Tinha vindo de Asshai, no leste, para Pedra do Dragão e conquistado Selyse e os homens da rainha para seu deus estrangeiro, e depois o rei, o próprio Stannis Baratheon. Este chegou ao ponto de colocar o coração flamejante em seus estandartes, o coração flamejante de R'hllor, Senhor da Luz e Deus da Chama e da Sombra. Por insistência de Melisandre, tinha tirado os Sete de seu septo em Pedra do Dragão e os queimado diante dos portões do castelo, e mais tarde queimara também o bosque sagrado em Ponta Tempestade, e até queimara a árvore-coração, um enorme represeiro branco com um rosto solene.

– Foi obra dela –Davos disse mais uma vez, com menos força.

Obra dela e sua, cavaleiro da cebola. Suas remadas levaram-na a Ponta Tempestade na noite cerrada, para que ela pudesse libertar seu filho de sombra. Não está livre de culpa, ah não. Cavalgou sob o estandarte dela e içou-o em seu mastro. Viu os Sete arder em Pedra do Dragão e nada fez. Ela entregou ao fogo a justiça do Pai, e a misericórdia da Mãe, e a sabedoria da Velha. Ferreiro e Estranho, Donzela e Guerreiro, queimou todos para glória de seu deus cruel, e você ficou quieto e de boca fechada. Mesmo quando ela matou o velho Meistre Cressen, mesmo então, você não fez nada.

A vela estava a cem metros de distância e deslocava-se rapidamente pela baía. Em alguns momentos passaria por ele e começaria a minguar.

Sor Davos Seaworth começou a escalar o rochedo.

Impulsionou-se com mãos trêmulas, com a cabeça ardendo em febre. Duas vezes seus dedos mutilados deslizaram na pedra úmida e ele quase caiu, sem saber como conseguiu se segurar na rocha. Se caísse, morreria, e tinha de sobreviver. Pelo menos mais um pouco. Havia uma coisa que precisava fazer.

O topo do rochedo era estreito demais para que pudesse ficar em pé com segurança, fraco como estava, por isso acocorou-se e acenou com os braços descarnados.

– *Ô do navio* – gritou ao vento. – Ô do navio, aqui, *aqui*! – Daquele ponto elevado conseguia ver o navio com mais clareza; o casco esguio e listrado, a figura de proa em bronze, a vela cheia. Havia um nome pintado em seu casco, mas Davos não tinha aprendido a ler. – *Ô do navio* – voltou a chamar –, *ajudem-me, AJUDEM-ME!*

Um tripulante no castelo de proa o viu e apontou em sua direção.

Davos ficou vendo outros marinheiros deslocarem-se até a amurada e o encararem de boca aberta. Pouco depois, a vela da galé desceu, os remos deslizaram para fora, e ela deu a volta na direção de seu refúgio. O navio era grande demais para se aproximar muito do rochedo, mas, a trinta metros de distância, lançou um pequeno barco. Davos agarrou-se ao seu rochedo e observou o barco deslizar em sua direção. Quatro homens remavam, enquanto um quinto permanecia sentado à proa.

– Você – gritou o quinto homem quando já estavam a poucos metros da ilha –, você aí na rocha. Quem é?

Um contrabandista que chegou mais alto do que deveria, pensou Davos, *um tolo que amou seu rei em excesso e esqueceu seus deuses*.

– Eu... – sua garganta estava ressecada, e tinha se esquecido de como se falava. As palavras causaram-lhe uma sensação estranha na língua e soaram ainda mais estranhas aos ouvidos. – Estive na batalha. Era... um capitão, um... um cavaleiro, era um cavaleiro.

– Sim, sor – disse o homem –, e a serviço de que rei?

Davos percebeu de repente que a galé poderia pertencer a Joffrey. Se proferisse agora o nome errado, ela o abandonaria ao seu destino. Mas não, o casco do navio era listrado. Era uma galé lisena, era de Salladhor Saan. A Mãe enviara-a para aquele lugar, a Mãe em sua misericórdia. Tinha uma tarefa para ele. *Stannis está vivo*, soube então. *Ainda tenho um rei. E filhos. Tenho outros filhos, e uma esposa leal e dedicada.* Como era possível que tivesse esquecido? A Mãe era realmente misericordiosa.

– Stannis – gritou aos lisenos. – Deuses, sejam bons, sirvo o Rei Stannis.

– Sim – disse o homem no barco –, e nós também.

Sansa

O convite parecia bastante inocente, mas sempre que Sansa o lia, sua barriga dava um nó. *Ela agora vai ser rainha, é bela e rica e todo mundo a adora, por que desejaria jantar com a filha de um traidor?* Supunha que podia ser por curiosidade; talvez Margaery Tyrell quisesse avaliar a rival que havia afastado. *Será que ela se ressente de mim? Será que pensa que tenho má vontade com ela...*

Sansa observara das muralhas do castelo a chegada de Margaery Tyrell pela Colina de Aegon. Joffrey tinha recebido sua futura noiva no Portão do Rei, para lhe dar as boas-vindas à cidade, e seguiram a cavalo, lado a lado, através de multidões que os aclamavam, com Joff cintilando numa armadura dourada e a garota Tyrell magnificamente vestida de verde, com um manto de flores outonais florescendo em seus ombros. Tinha dezesseis anos, cabelos e olhos castanhos, era esbelta e bela. O povo gritava seu nome quando ela passava, erguia os filhos para que ela os abençoasse, e espalhava flores sob os cascos de seu cavalo. A mãe e a avó seguiam-na de perto, numa alta casa rolante cujos flancos tinham uma centena de rosas entrelaçadas esculpidas, todas douradas e brilhantes. O povo também as aclamava.

O mesmo povo que me arrancou de cima do cavalo e que teria me matado se não fosse o Cão de Caça. Sansa nada tinha feito para os plebeus a odiarem, não mais do que Margaery Tyrell fizera para conquistar seu amor. *Será que ela quer que eu também a ame?* Estudou o convite, que parecia ter sido escrito pela mão da própria Margaery. *Será que ela deseja a minha bênção?* Sansa perguntou a si mesma se Joffrey estaria ciente daquele jantar. Por tudo que ela sabia, aquilo podia bem ser obra dele. A ideia encheu-a de medo. Se Joff estivesse por trás do convite, teria alguma partida cruel planejada para envergonhá-la aos olhos da garota mais velha. Iria ordenar à Guarda Real que a despisse de novo? Da última vez que fizera isso, o tio Tyrion o impediu, mas o Duende não podia salvá-la agora.

Ninguém pode me salvar, a não ser meu Florian. Sor Dontos tinha prometido que a ajudaria a fugir, mas não antes da noite do casamento de Joffrey. Os planos estavam em marcha, assegurara-lhe seu querido e devotado cavaleiro-feito-bobo; nada havia a fazer até lá além de aguentar, e contar os dias.

E jantar com a minha substituta...

Talvez estivesse cometendo uma injustiça para com Margaery Tyrell. O convite talvez não fosse mais do que uma simples consideração, um ato de cortesia. *Pode ser só um jantar*. Mas aquilo era a Fortaleza Vermelha, aquilo era Porto Real, aquilo era a corte do Rei Joffrey Baratheon, o Primeiro de Seu Nome, e se havia alguma coisa

que Sansa Stark aprendera ali era a desconfiança.

Mesmo assim, tinha de aceitar. Agora não era nada, a filha rejeitada de um traidor e a irmã caída em desgraça de um senhor rebelde. Dificilmente poderia dizer não à futura rainha de Joffrey.

Gostaria que o Cão de Caça estivesse aqui. Na noite da batalha, Sandor Clegane viera aos seus aposentos para levá-la da cidade, mas Sansa recusou. Às vezes ficava acordada à noite, perguntando a si mesma se teria feito bem. Havia escondido o manto branco e manchado do Cão de Caça em uma arca de cedro, por baixo de suas sedas de verão. Não saberia dizer por que o guardara. Ouviu dizer que o Cão de Caça tinha se acovardado; no auge da batalha ficara tão bêbado que o Duende tivera de levar seus homens. Mas Sansa compreendia. Conhecia o segredo de seu rosto queimado. *Ele só temia o fogo*. Naquela noite, o fogovivo incendiou o próprio rio, e encheu o ar de chamas verdes. Mesmo no castelo, Sansa tinha sentido medo. Lá fora... quase nem conseguia imaginar.

Suspirando, pegou uma pena e o tinteiro e escreveu a Margaery Tyrell uma graciosa nota aceitando o convite.

Quando a noite marcada chegou, outro membro da Guarda Real veio buscá-la, um homem tão diferente de Sandor Clegane como... *bem, como uma flor de um cão*. Ver Sor Loras Tyrell, em pé, à soleira de sua porta, fez o coração de Sansa bater um pouco mais depressa. Aquela era a primeira vez que estava tão perto dele desde seu retorno a Porto Real, à frente da vanguarda da tropa do pai. Por um momento, não soube o que dizer.

– Sor Loras – conseguiu enfim pronunciar –, está... está muito bonito.

Ele deu-lhe um sorriso embaraçado.

– A senhora é muito amável. E também bela. Minha irmã a espera ansiosamente.

– Aguardei o nosso jantar com tanta expectativa.

– Margaery também, assim como a senhora minha avó. – Tomou seu braço e levou-a na direção dos degraus.

– Sua avó? – Sansa estava achando difícil caminhar, conversar e pensar ao mesmo tempo, com Sor Loras tocando seu braço. Sentia o calor de sua mão através da seda.

– A Senhora Olenna. Ela também deverá jantar com você.

– Oh – disse Sansa. *Estou falando com ele, e ele está me tocando, está segurando meu braço e me tocando*. – Chamam-na de Rainha dos Espinhos. Não é verdade?

– É. – Sor Loras soltou uma gargalhada. *Ele tem a mais quente das gargalhadas*, pensou Sansa enquanto o jovem prosseguia – Mas é melhor que não use esse nome na presença dela, caso contrário é provável que seja espetada.

Sansa corou. Qualquer idiota teria compreendido que nenhuma mulher ficaria feliz por ser chamada de "Rainha dos Espinhos". *Talvez eu seja mesmo tão burra quanto Cersei Lannister diz*. Tentou desesperadamente pensar em algo inteligente e encantador para lhe dizer, mas a esperteza a tinha abandonado. Quase lhe disse como era belo, até se lembrar de que já tinha feito isso.

Mas ele *era* belo. Parecia mais alto do que quando o vira pela primeira vez, mas mantinha a agilidade e a graciosidade, e Sansa nunca vislumbrara outro garoto com olhos tão maravilhosos. *Mas ele não é um garoto, é um homem-feito, um cavaleiro da Guarda Real*. Achou que sua aparência era ainda melhor de branco do que com o verde e dourado da Casa Tyrell. O único ponto de cor que havia nele agora era o broche que prendia seu manto; a rosa de Jardim de Cima trabalhada em ouro mole amarelo, aninhada em uma base de delicadas folhas verdes de jade.

Sor Balon Swann abriu a porta de Maegor para eles passarem. Estava também todo de branco, embora a cor nem de perto o vestisse tão bem quanto a Sor Loras. Para lá do fosso dos espigões, duas dúzias de homens treinavam com espadas e escudos. Com o castelo tão cheio, o pátio exterior fora dado aos visitantes, para ali levantarem suas tendas e pavilhões, deixando apenas os pátios interiores, menores, para os treinos. Um dos gêmeos Redwyne estava sendo encurralado por Sor Tallad, com os olhos postos em seu escudo. O atarracado Sor Kennos, de Kayce, que mostrava os dentes e bufava sempre que erguia a espada, parecia estar se defendendo bem contra Osney Kettleblack, mas o irmão de Osney, Sor Osfryd, castigava violentamente o escudeiro com cara de rã, Morros Slynt. Com ou sem espadas embotadas, Slynt teria uma rica safra de hematomas na manhã seguinte. Sansa estremeceu só de ver. *Eles mal acabaram de enterrar os mortos da última batalha e já estão treinando para a próxima.*

Na extremidade do pátio, um cavaleiro solitário, com um par de rosas douradas no escudo, defendia-se de três oponentes. Precisamente no momento em que Sansa os observava, o cavaleiro golpeou um dos oponentes na parte lateral da cabeça, deixando-o sem sentidos.

– Aquele é seu irmão? – perguntou Sansa.

– Sim, senhora – disse Sor Loras. – Garlan treina frequentemente contra três homens, ou mesmo quatro. Ele diz que em batalha é raro que se lute um contra um, e por isso gosta de estar preparado.

– Deve ser muito corajoso.

– É um grande cavaleiro – respondeu Sor Loras. – Na verdade, é melhor espadachim do que eu, embora eu seja melhor lanceiro.

– Eu me lembro – disse Sansa. – Cavalga maravilhosamente, sor.

– A senhora é amável por dizer tal coisa. Quando foi que me viu montar?

– No torneio da Mão, não se recorda? Montou um corcel branco, e sua armadura era feita de uma centena de diferentes espécies de flores. Você me deu uma rosa. Uma rosa *vermelha*. Nesse dia atirou rosas brancas às outras mulheres. – Falar daquilo fazia-a corar. – Disse que nenhuma vitória possuía sequer metade da minha beleza.

Sor Loras dirigiu-lhe um sorriso modesto.

– Disse apenas uma verdade simples, que qualquer homem com olhos pode ver.

Ele não se lembra, compreendeu Sansa, sobressaltada. *Está só sendo gentil comigo, não se lembra de mim, da rosa ou de qualquer outra coisa*. Tivera tanta certeza de que o acontecimento tinha significado algo, de que tinha significado *tudo*. Uma rosa *vermelha*, e não branca.

– Foi depois de ter derrubado Sor Robar Royce – disse ela, desesperada.

Ele tirou a mão de seu braço.

– Matei Robar em Ponta Tempestade, senhora. – Não estava se vangloriando; sua voz soava triste.

Ele e outro dos homens da Guarda Arco-Íris do Rei Renly, sim. Sansa ouviu as mulheres falar disso em volta do poço, mas por um momento tinha se esquecido.

– Foi quando Lorde Renly foi morto, não foi? Que coisa terrível para sua pobre irmã.

– Para Margaery? – a voz dele estava tensa. – Com certeza. Mas ela estava em Pontamarga. Não viu nada.

– Mesmo assim, quando ouviu a notícia...

Sor Loras afagou ligeiramente o cabo da espada com a mão. O punho era de couro branco, o botão, uma rosa de alabastro.

– Renly está morto. Robar também. Por que falar deles?

A aspereza em seu tom pegou-a desprevenida.

– Eu... senhor, eu... não pretendia ofendê-lo, sor.

– Nem poderia fazê-lo, Senhora Sansa – respondeu Sor Loras, mas todo o calor tinha desaparecido de sua voz. Nem voltou a tomar seu braço.

Subiram a escada em espiral num profundo silêncio.

Oh, por que eu tinha de mencionar Sor Robar? pensou Sansa. *Estraguei tudo. Ele agora está zangado comigo*. Tentou pensar em alguma coisa que pudesse dizer para fazer as pazes, mas todas as palavras que passavam por sua cabeça eram capengas e fracas. *Fique calada, senão vai ficar ainda pior*, disse a si mesma.

Lorde Mace Tyrell e sua comitiva tinham sido alojados atrás do septo real, na longa fortaleza com telhado de ardósia, que era chamada de Arcada das Donzelas desde que o Rei Baelor, o Abençoado, confinara ali as irmãs, para que a visão delas não o tentasse a ter pensamentos carnais. Junto às suas portas altas e

esculpidas encontravam-se dois guardas com meio elmo dourado e manto verde debruado de cetim dourado, com a rosa dourada de Jardim de Cima cosida no peito. Ambos tinham mais de dois metros e dez de altura e eram largos de ombros e estreitos de cintura, magnificamente musculosos. Quando Sansa se aproximou o suficiente para ver seus rostos, não foi capaz de distingui-los um do outro. Possuíam os mesmos maxilares fortes, os mesmos profundos olhos azuis, os mesmos densos bigodes ruivos.

– Quem são eles? – perguntou a Sor Loras, momentaneamente esquecida do embaraço.

– A guarda pessoal de minha avó – disse-lhe ele. – A mãe deles os chamou de Erryk e Arryk. Minha avó não consegue distingui-los, por isso os chama de Esquerdo e Direito.

Esquerdo e Direito abriram as portas, e a própria Margaery Tyrell surgiu e desceu saltitante o pequeno lance de escadas, ao encontro dos recém-chegados.

– Senhora Sansa – gritou –, estou tão contente por ter vindo. Seja bem-vinda.

Sansa ajoelhou aos pés de sua futura rainha.

– A senhora me concede uma grande honra, Vossa Graça.

– Por que não me chama de Margaery? Por favor, levante-se. Loras, ajude a Senhora Sansa a ficar em pé. Posso chamá-la de Sansa?

– Se lhe agradar.

Sor Loras fez o que lhe foi pedido. Margaery mandou-o embora com um beijo fraternal e pegou a mão de Sansa.

– Venha, minha avó a espera, e ela não é a mais paciente das senhoras.

O fogo crepitava na lareira, e esteiras com um cheiro doce tinham sido espalhadas pelo chão. Uma dúzia de mulheres estava sentada em volta da longa mesa de montar.

Sansa só reconheceu a alta e digna esposa de Lorde Tyrell, a Senhora Alerie, cuja longa trança prateada se encontrava presa com anéis incrustados de joias. Margaery fez as outras apresentações. Havia três primas Tyrell, Megga, Alla e Elinor, todas com idades próximas à de Sansa. A roliça Senhora Janna era irmã de Lorde Tyrell, e era casada com um dos Fossoway da maçã verde; a graciosa Senhora Leonette, de olhos brilhantes, era também uma Fossoway, casada com Sor Garlan. A Septã Nysterica possuía um rosto modesto e marcado por varíola, mas parecia alegre. A pálida e elegante Senhora Graceford esperava criança, e a Senhora Bulwer *era* uma criança, com não mais de oito anos. E “Merry” era como ela chamaria a rude e encorpada Meredyth Crane, mas decididamente *não* a Senhora Merryweather, uma apaixonante beleza de Myr, de olhos negros.

Após todas as outras, Margaery trouxe-a junto de uma mulher

encarquilhada, de cabelos brancos, que mais parecia uma boneca, sentada à cabeceira da mesa.

– Tenho a honra de lhe apresentar a minha avó, a Senhora Olenna, viúva do falecido Luthor Tyrell, Senhor de Jardim de Cima, cuja memória é um conforto para todos nós.

A idosa cheirava a água de rosas. *Oh, ela é uma coisinha minúscula*. Nada havia na mulher que fosse minimamente espinhoso.

– Beije-me, filha – disse a Senhora Olenna, puxando o pulso de Sansa com uma mão suave e manchada. – É tanta gentileza sua vir jantar comigo e com meu tolo bando de galinhas.

Obedientemente, Sansa beijou a velha no rosto.

– A gentileza foi sua, por me convidar, senhora.

– Conheci seu avô, Lorde Rickard, embora mal.

– Ele morreu antes de eu nascer.

– Sei disso, filha. Dizem que seu avô Tully também está morrendo. Lorde Hoster, certamente lhe disseram, não? Um velho, embora não tão velho como eu. Seja como for, no fim a noite cai para todos nós, e cedo demais para alguns. Deve saber disso melhor do que a maioria das pessoas, pobre criança. Teve a sua cota de luto, eu sei. Lamentamos as suas perdas.

Sansa olhou de relance para Margaery.

– Entristeceu-me saber da morte de Lorde Renly, Vossa Graça. Ele era muito galante.

– É bondade sua dizer isso – respondeu Margaery.

A avó bufou.

– Galante, sim, e encantador, e muito limpo. Sabia como se vestir, sabia como sorrir e sabia como tomar banho, e, não se sabe bem como, arranjou a ideia de que isso o tornava apto a ser rei. Os Baratheon sempre tiveram ideias estranhas, certamente. Vem do sangue Targaryen, creio eu. – Fungou. – Um dia tentaram me casar com um Targaryen, mas rapidamente dei um basta nisso.

– Renly era bravo e gentil, avó – disse Margaery. – O pai também gostava dele, assim como Loras.

– Loras é jovem – disse com vivacidade a Senhora Olenna – e muito bom em derrubar homens dos cavalos com um pau. Isso não faz dele sensato. Quanto ao seu pai, gostaria de ter nascido camponesa com uma grande colher de pau, porque talvez tivesse sido capaz de enfiar na marra algum juízo naquela cabeça gorda.

– *Mãe* – repreendeu a Senhora Alerie.

– Chiu, Alerie, não fale comigo nesse tom. E não me chame de mãe. Se tivesse dado você à luz, certamente me lembraria. Só podem me culpar por seu marido, o lorde idiota de Jardim de Cima.

– Avó – disse Margaery –, tome tento nas palavras, senão o que Sansa pensará de nós?

– Pode pensar que possuímos alguma inteligência. Uma de nós, pelo menos. – A mulher idosa virou-se para Sansa. – É traição, eu os preveni, Robert tem dois filhos e Renly, um irmão mais velho, como seria *possível* que ele tivesse alguma pretensão àquela feia cadeira de ferro? Vá lá, diz o meu filho, não quer que a sua querida seja rainha? Vocês, os Stark, um dia foram reis, os Arryn e os Lannister também, e até os Baratheon, pela linha feminina, mas os Tyrell não passavam de intendentes até chegar Aegon, o Dragão, e cozinhar o rei legítimo da Campina no Campo de Fogo. A bem da verdade, até nossa pretensão a Jardim de Cima é um pouco malandra, como aqueles terríveis Florent andam sempre choramingando. "O que importa", você pode perguntar, e certamente não importa, exceto para idiotas como o meu filho. A ideia de um dia ver o neto com a bunda no Trono de Ferro faz Mace inchar como... como é que se chama? Margaery, você que é esperta, seja boazinha e diga à sua avó meio pateta o nome daquele peixe esquisito das Ilhas do Verão que, quando é tocado, incha como um balão até ficar dez vezes maior.

– Ele é chamado de peixe-balão, avó.

– Claro que sim. O povo das Ilhas do Verão não tem imaginação nenhuma. O meu filho devia adotar o peixe-balão como símbolo, para falar a verdade. Podia pôr uma coroa nele, como os Baratheon fazem com o veado, isso talvez o deixasse feliz. Devíamos ter permanecido bem longe de toda esta sangrenta babaquice, a meu ver, mas depois de ordenhar a vaca não há como enfiar o leite de volta nas tetas. Depois de o Lorde Peixe-Balão colocar aquela coroa na cabeça de Renly, enfiamo-nos na lama até os joelhos, portanto aqui estamos para levar as coisas até o fim. E o que você diz sobre isso, Sansa?

A boca de Sansa abriu e fechou. Também se sentia como um peixe-balão.

– Os Tyrell conseguem traçar a sua genealogia até Garth da Mão Verde – foi o melhor que conseguiu arranjar assim de repente.

A Rainha dos Espinhos fungou e disse:

– Assim como os Florent, os Rowan, os Oakheart e metade das outras casas nobres do sul. Garth gostava de plantar a sua semente em terreno fértil, segundo dizem. Não me surpreenderia que não fosse só a mão que ele tinha verde.

– *Sansa* – interrompeu a Senhora Alerie –, deve estar com muita fome. Vamos comer um pouco de javali e alguns bolos de limão?

– Bolos de limão são os meus preferidos – admitiu Sansa.

– Foi o que nos disseram – declarou a Senhora Olenna, que claramente não tinha qualquer intenção de ser silenciada. – Aquela criatura chamada Varys pareceu pensar que devíamos nos sentir gratas por essa informação. Nunca entendi lá muito bem qual é o *objetivo* de um eunuco, a bem da verdade. Parece-me que são só homens com as

partes úteis cortadas. Alerie, mande que nos sirvam a comida, ou pretende me matar de fome? Venha cá, Sansa, sente aqui ao meu lado, sou muito menos chata do que essas outras. Espero que goste de bobos.

Sansa alisou a saia e sentou-se.

– Penso que… bobos, senhora? Fala de… do tipo que se veste de quadriculado?

– Nesse caso são penas. De que achava que eu falava? Do meu filho? Ou destas adoráveis senhoras? Não, não fique vermelha, com esses cabelos, você fica parecendo uma romã. Todos os homens são bobos, na verdade, mas aqueles que se vestem de quadriculado são mais divertidos do que os que usam coroa. Margaery, filha, mande chamar o Abetouro, vamos ver se ele consegue fazer a Senhora Sansa sorrir. O resto de vocês sentem-se, terei de lhes dizer tudo o que for para fazer? Sansa deve pensar que a minha neta é servida por um rebanho de ovelhas.

O Abetouro chegou antes da comida, vestido com um traje de bobo de penas verdes e amarelas, com um barrete pendente. Um homem imensamente gordo e redondo, do tamanho de três Rapazes-Lua, entrou rebolando no salão, saltou para cima da mesa e depositou um gigantesco ovo bem na frente de Sansa.

– Quebre-o, senhora – ordenou. Quando ela o fez, uma dúzia de pintinhos amarelos fugiram e desataram a correr em todas as direções. – *Apanhem-nos!* – exclamou o Abetouro. A pequena Senhora Bulwer capturou um e entregou a ele, de modo que o homem o enfiou em sua enorme boca elástica, e pareceu engoli-lo inteiro. Quando arrotou, minúsculas penas amarelas voaram por seu nariz. A Senhora Bulwer desatou a chorar, aflita, mas suas lágrimas transformaram-se num súbito guincho de deleite quando o pintinho saiu, contorcendo-se, da manga de seu vestido e correu pelo seu braço abaixo.

Quando os criados trouxeram um caldo de alho-poró e cogumelos, o Abetouro começou a fazer malabarismos e a Senhora Olenna inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos na mesa.

– Conhece o meu filho, Sansa? Lorde Peixe-Balão de Jardim de Cima?

– É um grande senhor – respondeu polidamente Sansa.

– É um grande idiota – disse a Rainha dos Espinhos. – O pai também era um idiota. Meu esposo, o falecido Lorde Luthor. Oh, amei-o bastante, não me entenda mal. Era um homem gentil, e não lhe faltava habilidade no quarto, mas não deixava de ser pavorosamente idiota. Conseguiu cair com o cavalo de uma falésia enquanto caçava com falcão. Dizem que olhava para o céu, sem prestar nenhuma atenção para onde o cavalo o levava.

"E agora o idiota do meu filho está fazendo o mesmo, só que está

montando um leão em vez de um palafrém. Eu preveni-o de que é fácil montar um leão, mas não é tão fácil desmontá-lo; porém, ele só responde com risinhos. Se algum dia tiver um filho, Sansa, bata nele com frequência, para que aprenda a lhe dar ouvidos. Eu só tive um rapaz e quase não bati nele, é por isso que agora ele presta mais atenção ao Abetouro do que a mim. Um leão não é um gato de colo, eu lhe disse, e ele me vem com um 'vá-lá-mãe'. Há muito mais 'vá-lás' neste reino do que devia existir, se quer saber. Todos esses reis fariam bastante melhor se depusessem as espadas e escutassem as mães."

Sansa percebeu que estava de novo com a boca aberta. Encheu-a com uma colher de caldo enquanto a Senhora Alerie e as outras mulheres riam do espetáculo que Abetouro dava, fazendo laranjas saltarem com sua cabeça, seus cotovelos e seu grande traseiro.

– Quero que me conte a verdade sobre esse real rapaz – disse abruptamente a Senhora Olenna. – Esse Joffrey.

Os dedos de Sansa apertaram-se em volta da colher. *A verdade? Não posso. Não me peça a verdade, por favor, não posso.*

– Eu… eu… eu…

– Você, sim. Quem melhor o conheceria? O moço parece bastante régio, admito. Um pouco cheio de si, mas isso deve vir do sangue Lannister. No entanto, ouvimos algumas histórias perturbadoras. Há alguma verdade nelas? Aquele rapaz maltratou-a?

Sansa lançou um olhar nervoso à sua volta. O Abetouro enfiou uma laranja inteira na boca, mastigou-a e engoliu-a, deu um tapa no rosto e assoou sementes pelo nariz. As mulheres riram. Criados iam e vinham, e a Arcada das Donzelas ecoava com o ruído das colheres e dos pratos. Um dos pintos voltou a saltar para cima da mesa e atravessou correndo o caldo da Senhora Graceford. Ninguém parecia estar prestando a mínima atenção nelas, mesmo assim Sansa sentia-se assustada.

A Senhora Olenna estava ficando impaciente.

– Por que está olhando para o Abetouro de boca aberta? Fiz uma pergunta, espero uma resposta. Os Lannister roubaram a sua língua, filha?

Sor Dontos prevenira-a para só falar à vontade no bosque sagrado.

– Joff... o Rei Joffrey, ele... Sua Graça é muito justo e bonito, e... e bravo como um leão.

– Sim, todos os Lannister são leões, e quando um Tyrell solta gases cheira mesmo a rosas – exclamou a idosa. – Mas quão bondoso ele é? Quão inteligente? Tem um bom coração, uma mão gentil? É cavalheiresco como um rei deve ser? Irá estimar Margaery e tratá-la com ternura, proteger sua honra como protegeria a própria?

– Sim – mentiu Sansa. – Ele é muito... muito bonito.

– Já disse isso. Sabe, filha, há quem diga que você é tão tola quanto o Abetouro, e eu começo a acreditar. *Bonito?* Ensinei à minha Margaery o que vale a beleza, espero eu. Um pouco menos do que um peido de saltimbanco. Aerion Fogo-Forte era bastante bonito, mas mesmo assim era um monstro. A questão é: o que é Joffrey? – estendeu a mão para puxar um criado que passava. – Não gosto de alho-poró. Leve este caldo e traga-me um pouco de queijo.

– O queijo será servido depois dos bolos, senhora.

– O queijo será servido quando eu quiser que ele seja servido, e quero-o servido já. – A velha voltou a se virar para Sansa. – Está assustada, filha? Não precisa, aqui somos só mulheres. Conte-me a verdade, nenhum mal acontecerá a você.

– Meu pai sempre disse a verdade. – Sansa falava em voz baixa, ainda assim era difícil forçar as palavras a sair.

– Lorde Eddard, sim, ele tinha essa reputação, mas mesmo assim o chamaram de traidor e cortaram sua cabeça. – Os olhos da velha a atravessaram, afiados e brilhantes como pontas de espadas.

– Joffrey – disse Sansa. – Foi Joffrey quem fez isso. Prometeu-me que seria misericordioso, e cortou a cabeça de meu pai. Disse que *isso* era uma misericórdia e levou-me até o alto das muralhas e obrigou-me a olhar para ela. Para a cabeça. Queria que eu chorasse, mas... – Parou abruptamente e cobriu a boca. *Disse mais do que deveria, oh, pela bondade dos deuses, eles saberão, eles ouvirão falar disso, alguém me denunciará.*

– Continue. – Foi Margaery que pediu. A futura rainha de Joffrey. Sansa não sabia quanto ela teria ouvido.

– Não posso. – *E se ela contar para ele, e se ela contar? Ele então vai me matar com certeza, ou me dar a Sor Ilyn.* – Não quis dizer... meu pai era um traidor, meu irmão também, tenho sangue de traidor, por favor, não me obriguem a dizer mais.

– Acalme-se, filha – ordenou a Rainha dos Espinhos.

– Ela está aterrorizada, avó, olhe só para ela.

A velha gritou ao Abetouro.

– *Bobo!* Dê-nos uma canção. Uma longa, penso eu. "O urso e a bela donzela" servirá muito bem.

– Sim! – respondeu o enorme bobo. – Servirá mesmo muito bem! Devo cantá-la apoiado em minha cabeça, senhora?

– Isso fará com que soe melhor?

– Não.

– Nesse caso, fique sobre seus pés. Não queremos que seu chapéu caia. Se bem me lembro, você nunca lava o cabelo.

– Às suas ordens, senhora. – O Abetouro fez uma profunda reverência, soltou um gigantesco arroto, e então endireitou-se, espetou a barriga e berrou: – *Havia um urso, um urso, um URSO! Preto e*

castanho e coberto de pelo…

A Senhora Olenna inclinou-se para a frente.

– Quando eu era uma garota mais nova do que você, já era bem sabido que na Fortaleza Vermelha as paredes têm ouvidos. Bem, ficarão entretidos com uma canção e, enquanto isso, nós, as meninas, falaremos livremente.

– Mas – disse Sansa – Varys… ele *sabe*, ele sempre…

– *Cante mais alto!* – gritou a Rainha dos Espinhos ao Abetouro. – Estes velhos ouvidos estão quase surdos, sabe? Está sussurrando para mim, bobo gordo? Não lhe pago por sussurros. *Cante!*

– … *O URSO!* – trovejou o Abetouro, fazendo ecoar a sua sonora e profunda voz nas vigas do teto. – *OH, VEM, DISSERAM, OH, VEM AO CONCURSO! CONCURSO? DISSE ELE, MAS EU SOU UM URSO! PRETO E CASTANHO E COBERTO DE PELO!*

A encarquilhada velha senhora sorriu.

– Em Jardim de Cima temos muitas aranhas entre as flores. Desde que guardem as coisas para si, deixamos que teçam as suas pequenas teias, mas quando se põem debaixo de nossos pés, pisamos nelas. – Deu palmadinhas nas costas da mão de Sansa. – Agora, filha, a verdade. Que tipo de homem é esse Joffrey, que chama a si mesmo Baratheon, mas parece tão Lannister?

– *E DAQUI PARA LÁ AO LONGO DO PERCURSO. PERCURSO! PERCURSO! TRÊS MOÇOS, UM BODE E UMA DANÇA DE URSO!*

Sansa sentia-se como se o coração estivesse preso em sua garganta. A Rainha dos Espinhos estava tão perto dela que conseguia sentir seu mau hálito. Os dedos descarnados e esguios da velha beliscavam seu pulso. Do outro lado, Margaery também estava à escuta. Um arrepio percorreu-a.

– Um monstro – segredou, com uma voz tão trêmula que quase não conseguiu ouvir a si mesma. – Joffrey é um monstro. Mentiu a respeito do filho do carniceiro e obrigou meu pai a matar a minha loba. Quando lhe desagrado, manda a Guarda Real bater em mim. É mau e cruel, senhora, é a verdade. E a rainha também.

A Senhora Olenna Tyrell e a neta trocaram olhares.

– Ah – disse a velha –, isso é uma pena.

Oh, deuses, pensou Sansa, horrorizada. *Se Margaery não se casar com ele, Joff saberá que a culpa é minha*.

– Por favor – suplicou –, não impeça o casamento...

– Não tenha medo, Lorde Peixe-Balão está determinado a que Margaery seja rainha. E a palavra de um Tyrell vale mais do que todo o ouro de Rochedo Casterly. Pelo menos era assim na minha época. Seja como for, agradecemos pela verdade, filha.

– … *DANÇOU E GIROU ATÉ CHEGAR AO CONCURSO! CONCURSO! CONCURSO!* – o Abetouro saltava, rugia e batia os pés.

– Sansa, gostaria de visitar Jardim de Cima? – quando Margaery Tyrell sorria, parecia-se muito com o irmão Loras. – Todas as flores do outono estão em botão nesta época, e há bosques e fontes, pátios cheios de sombras, colunatas de mármore. O senhor meu pai sempre mantém cantores na corte, melhores do que o Abinho aqui, e também flautistas, rabequeiros e harpistas. Temos os melhores cavalos e barcos de lazer para viajar ao longo do Vago. Você pratica falcoaria, Sansa?

– Um pouco – admitiu.

– *OH, E ELA ERA DOCE E PURA E BELA! A DONZELA COM MEL NOS CABELOS!*

– Vai gostar tanto de Jardim de Cima quanto eu, sei que sim. – Margaery empurrou para trás uma madeixa solta dos cabelos de Sansa. – Assim que vir o castelo, nunca mais vai querer partir. E talvez não tenha que fazer isso.

– *CABELOS! CABELOS! A DONZELA COM MEL NOS CABELOS!*

– Chiu, filha – disse a Rainha dos Espinhos em tom penetrante. – Sansa nem sequer nos disse que gostaria de ir até lá como visita.

– Ah, mas gostaria – disse Sansa. Jardim de Cima parecia ser o lugar com que sempre sonhara, como a bela corte mágica que um dia esperara encontrar em Porto Real.

– … *CHEIROU O ODOR NO AR DE VERÃO. O URSO! O URSO! PRETO E CASTANHO E COBERTO DE PELO*.

– Mas a rainha – prosseguiu Sansa –, ela não me deixará ir...

– Deixará. Sem Jardim de Cima, os Lannister não têm esperança de manter Joffrey no trono. Se o meu filho, o lorde idiota, pedir, ela não terá outra escolha a não ser conceder-lhe o pedido.

– Ele faria isso? – perguntou Sansa. – Ele pedirá?

A Senhora Olenna franziu a testa.

– Não vejo necessidade de lhe dar outra escolha. Claro, ele não faz a mínima ideia de nosso verdadeiro propósito.

– *CHEIROU O ODOR NO AR DE VERÃO!*

Sansa franziu a testa.

– O nosso verdadeiro propósito, senhora?

– *FUNGOU E RUGIU E CHEIROU-O, BABÃO! MEL NO AR DE VERÃO!*

– Tratar de casá-la em segurança, filha – disse a velha, enquanto o Abetouro berrava a velhíssima canção –, com o meu neto.

Casar com Sor Loras, oh... A respiração de Sansa ficou presa na garganta. Lembrou-se de Sor Loras em sua cintilante armadura de safiras, atirando-lhe uma rosa. Sor Loras vestido de seda branca, tão puro, inocente e belo. As covinhas nos cantos da boca quando sorria. A doçura de seu riso, o calor de sua mão. Só podia imaginar o que seria tirar sua túnica e acariciar a pele suave, ficar nas pontas dos pés e beijá-lo, correr os dedos por aqueles espessos caracóis castanhos e

afogar-se em seus profundos olhos castanhos. Uma vermelhidão subiu por seu pescoço.

– *OH, SOU UMA DONZELA, E SOU PURA E BELA! NÃO DANÇAREI C'UM URSO PELUDO! UM URSO! UM URSO! NÃO DANÇAREI C'UM URSO PELUDO!*

– Gostaria disso, Sansa? – perguntou Margaery. – Nunca tive uma irmã, só irmãos. Oh, por favor, diga que sim, por favor, diga que consentirá em se casar com meu irmão.

As palavras precipitaram-se para fora de sua boca.

– Sim, eu me caso. Nada me agradaria mais. Casar com Sor Loras, amá-lo...

– *Loras*? – a Senhora Olenna fez uma expressão aborrecida. – Não seja tola, filha. A Guarda Real nunca se casa. Não lhe ensinaram nada em Winterfell? Estávamos falando de meu neto Willas. Ele é um pouco velho para você, com certeza, mas um rapaz adorável, apesar de tudo. Nem um pouquinho imbecil, e além disso herdeiro de Jardim de Cima.

Sansa sentiu vertigem; num instante sua cabeça estava cheia de sonhos sobre Loras, e no seguinte tinham-lhe tirado todos. *Willas? Willas?*

– Eu – disse, estupidamente. *A cortesia é a armadura de uma senhora. Não pode ofendê-los, tenha cuidado com o que diz*. – Eu não conheço Sor Willas. Nunca tive o prazer, minha senhora. Ele é... é um cavaleiro tão bom quanto os irmãos?

– *... ERGUEU-A NO AR C'UMA MÃO! O URSO! O URSO!*

– Não – disse Margaery. – Nunca prestou juramento.

A avó franziu a testa.

– Conte a verdade à garota. O pobre rapaz é aleijado, e é assim que as coisas são.

– Foi ferido quando era escudeiro, ao participar de seu primeiro torneio – confidenciou Margaery. – O cavalo caiu e esmagou a perna de Willas.

– A culpa foi daquela serpente de Dorne, aquele Oberyn Martell. E o meistre dele também.

– *QUIS UM CAVALEIRO, MAS VOCÊ É UM URSO! UM URSO! UM URSO! PRETO E CASTANHO E COBERTO DE PELO!*

– Willas tem uma perna ruim mas um bom coração – disse Margaery. – Costumava ler para mim quando eu era uma menininha, e fazia desenhos das estrelas para mim. Vai amá-lo tanto como nós, Sansa.

– *'SPERNEOU E CHOROU, A DONZELA TÃO BELA, MAS ELE LAMBEU-LHE O MEL DOS CABELOS. CABELOS! CABELOS! LAMBEU-LHE O MEL DOS CABELOS!*

– Quando poderei conhecê-lo? – perguntou Sansa, hesitante.

– Em breve – prometeu Margaery. – Quando for a Jardim de

Cima, depois de Joffrey e eu nos casarmos. Minha avó vai levá-la.

– Levarei – disse a velha, dando palmadinhas na mão de Sansa e abrindo um sorriso suave cheio de rugas. – Levarei mesmo.

– *ENTÃO SUSPIROU E GUINCHOU E ATÉ 'SPERNEOU! MEU URSO! CANTOU. MEU URSO TÃO BELO! E DAQUI PARA LÁ FORAM PELO PERCURSO, O URSO, O URSO E A BELA DONZELA*. – O Abetouro rugiu o último verso, deu um salto e caiu sobre ambos os pés com um estrondo que fez balançar as taças de vinho sobre a mesa. As mulheres riram e aplaudiram.

– Achava que essa terrível canção nunca mais acabaria – disse a Rainha dos Espinhos. – Mas, olhem, aí vem o meu queijo.

Jon

O mundo era uma escuridão cinzenta e fria, com cheiro de pinheiro e musgo. Névoas pálidas erguiam-se da terra negra enquanto os cavaleiros abriam caminho pela confusão de pedras e árvores deformadas na direção das bem-vindas fogueiras que se espalhavam como joias no fundo do vale do rio, lá embaixo. Havia mais fogueiras do que Jon Snow conseguia contar, centenas delas, milhares, um segundo rio de luzes tremeluzentes ao longo das margens do Guadeleite, branco de gelo. Os dedos da mão que manejava a espada se abriram e fecharam.

Desceram a vertente sem estandartes nem trombetas, num silêncio interrompido apenas pelo murmúrio distante do rio, pelo ruído dos cascos e pelos estalidos da armadura de ossos do Camisa de Chocalho. Em algum lugar, lá no alto, uma águia pairava, com grandes asas azul-acinzentadas abertas, enquanto embaixo seguiam homens, cães, cavalos e um gigante lobo branco.

Uma pedra rolou encosta abaixo, perturbado por um casco de passagem, e Jon viu Fantasma virar a cabeça ao ouvir o súbito som. Ele tinha seguido os cavaleiros a distância o dia todo, como era seu costume, mas quando a lua se ergueu sobre os pinheiros marciais, aproximou-se aos saltos, com os olhos vermelhos brilhando. Os cães do Camisa de Chocalho receberam-no com um coro de rosnidos e violentos latidos, como sempre, mas o lobo gigante não lhes deu importância. Seis dias antes, o maior dos cães atacara-o por trás enquanto os selvagens acampavam à noite, mas Fantasma virara-se e mordera-o, colocando o cão para correr com um quadril ensanguentado. Depois disso, o resto da matilha passou a guardar uma distância saudável.

O garrano de Jon Snow relinchou baixinho, mas um toque e uma palavra carinhosa rapidamente aquietaram o animal. Seria bom que seus próprios medos fossem acalmados com tanta facilidade quanto os do animal. Estava todo vestido de preto, o negro da Patrulha da Noite, mas o inimigo acompanhava-o, à frente e atrás. *Selvagens, e eu estou com eles*. Ygritte usava o manto de Qhorin Meia-Mão. Lenyl tinha a camisa de malha dele; a grande esposa de lanças, Ragwyle, as luvas; um dos arqueiros, as botas. O elmo de Qhorin foi ganho pelo pequeno simplório chamado Lança-Longa Ryk, mas encaixava-se mal em sua cabeça estreita, e ele deu-o também a Ygritte. E o Camisa de Chocalho levava os ossos de Qhorin no saco, bem como a cabeça ensanguentada de Ebben, que tinha partido com Jon para bater o Passo dos Guinchos. *Mortos, todos mortos, menos eu, e eu estou morto para o mundo.*

Ygritte seguia logo atrás dele. À frente ia o Lança-Longa Ryk. O

Senhor dos Ossos tinha feito dos dois seus guardas.

– Se o corvo fugir, também fervo os ossos de vocês – preveniu-os quando partiram, sorrindo através dos dentes tortos do crânio de gigante que usava como elmo.

Ygritte gritou para ele.

– Você quer guardá-lo? Se quer que nos encarreguemos disso, deixe-nos em paz e faremos o que pede.

Este é realmente um povo livre, compreendeu Jon. Camisa de Chocalho podia ser o líder, mas nenhum deles se acanhava em dar resposta a ele.

O líder selvagem fitou-o com um olhar pouco amistoso.

– Pode ser que tenha enganado esses aí, corvo, mas não ache que vai enganar Mance. Ele vai olhar uma vez pra você e ver que é um farsante. E quando isso acontecer, vou fazer um manto com o seu lobo ali, e abrir sua barriga mole de rapaz pra costurá-la com uma doninha lá dentro.

A mão de Jon que manejava a espada tinha se aberto e fechado, flexionando os dedos queimados sob a luva, mas o Lança-Longa Ryk limitou-se a rir.

– E onde é que você ia achar uma doninha na neve?

Nessa primeira noite, após um longo dia a cavalo, tinham acampado numa rasa concavidade de pedra, no topo de uma montanha sem nome, aninhando-se junto à fogueira enquanto a neve começava a cair. Jon observava os flocos derreterem enquanto pairavam sobre as chamas. Apesar das camadas de lã, peles e couro, sentia frio até os ossos. Ygritte sentou-se ao seu lado depois de comer, com o capuz levantado e as mãos enfiadas nas mangas, para aquecê-las.

– Quando Mance ouvir dizer como você deu cabo do Meia-Mão, vai recebê-lo bem depressa – disse-lhe.

– Receber-me onde?

A moça riu com zombaria.

– Recebê-lo como um de nós. Acha que é o primeiro corvo a fugir da Muralha? Lá no fundo, vocês todos só querem voar livres.

– E quando eu for livre – disse ele lentamente –, serei livre para ir embora?

– Claro que sim. – Ela tinha um sorriso quente, apesar dos dentes tortos. – E ele vai ser livre pra matar você. Ser livre é *perigoso*, mas a maior parte acaba gostando. – Pousou a mão enluvada em sua perna, logo acima do joelho. – Você vai ver.

Vou ver, pensou Jon. *Vou ver e ouvir, e aprender, e quando o tiver feito, levarei as novidades de volta para a Muralha*. Os selvagens tinham-no tomado por perjuro, mas em seu âmago ainda era um homem da Patrulha da Noite, cumprindo o último dever que Qhorin Meia-Mão

depositara nele. *Antes de ser morto por mim.*

No fundo da encosta depararam-se com um pequeno riacho que descia do sopé dos montes e ia se juntar ao Guadeleite. Parecia todo feito de pedras e gelo, embora conseguissem ouvir o som da água correndo sob a superfície congelada. Camisa de Chocalho atravessou à frente deles, estilhaçando a fina crosta de gelo.

Os batedores de Mance Rayder cercaram-nos quando subiram para a margem. De relance, Jon verificou quantos eram: oito cavaleiros, tanto homens como mulheres, vestidos de peles e couro fervido, com um elmo ou um pouco de cota de malha aqui e ali. Vinham armados com lanças e arpões endurecidos pelo fogo, todos menos o chefe, um louro corpulento, com olhos lacrimejantes, que usava uma grande gadanha curva de aço afiado. *O Chorão*, compreendeu de imediato. Os irmãos negros contavam histórias sobre ele. Assim como Camisa de Chocalho, Harma Cabeça de Cão e Alfyn Mata-Corvos, era um célebre assaltante.

– O Senhor dos Ossos – disse Chorão quando os viu. Deu uma olhada em Jon e em seu lobo. – E este, quem é?

– Um corvo que passou pro lado de cá – disse Camisa de Chocalho, que preferia ser chamado de Senhor dos Ossos devido à ruidosa armadura que usava. – Tava com medo que eu roubasse os ossos dele como os do Meia-Mão. – Sacudiu o saco de troféus na direção dos outros selvagens.

– Ele matou Qhorin Meia-Mão – disse Lança-Longa Ryk. – Ele e seu lobo.

– E também deu cabo do Orell – disse Camisa de Chocalho.

– O moço é um *warg*, ou coisa que o valha – interveio Ragwyle, a grande esposa de lanças. – O lobo dele arrancou um pedaço da perna do Meia-Mão.

Os olhos vermelhos e remelentos de Chorão deram outra olhada em Jon.

– Ah, é? Bom, tem certo ar de lobo, agora que o vejo de perto. Levem-no até Mance, pode ser que fique com ele. – Fez o cavalo dar meia-volta e afastou-se a galope, com os companheiros logo atrás.

O vento soprava úmido e pesado quando atravessaram o vale do Guadeleite e avançaram em fila pelo acampamento. Fantasma manteve-se perto de Jon, mas seu cheiro seguia à frente do grupo como um arauto, e logo havia cães dos selvagens por toda a volta, rosnando e latindo. Lenyl gritou-lhes que se calassem, mas não prestaram atenção nele.

– Não gostam muito desse seu animal – comentou Lança-Longa Ryk a Jon.

– São cães e ele é um lobo – disse Jon. – Sabem que não pertence à espécie deles. – *Tal como eu não pertenço à sua*. Mas tinha de manter

seu dever em mente, a tarefa de que Qhorin Meia-Mão o encarregara enquanto partilhavam aquela última fogueira... desempenhar o papel de vira-casaca e encontrar o que quer que fosse que os selvagens tinham andado à procura na estéril desolação fria das Presas de Gelo. "*Algum poder*", Qhorin tinha denominado em conversa com o Velho Urso, mas morrera antes de saber que poder seria, ou se Mance Rayder o teria encontrado com suas escavações.

Havia fogueiras para cozinhar ao longo de todo o rio, entre carros, carroças e trenós. Muitos dos selvagens tinham erguido tendas, de couro cru, peles e feltro. Outros abrigavam-se atrás de rochedos, em toldos improvisados, ou dormiam debaixo de suas carroças. Junto a uma fogueira, Jon viu um homem endurecendo a ponta de longas lanças de madeira e atirando-as em uma pilha. Em outro ponto, dois jovens barbudos vestidos de couro fervido lutavam com varas, saltando um sobre o outro por cima das chamas, grunhindo toda vez que um golpe acertava o alvo. Uma dúzia de mulheres estava sentada ali perto, preparando flechas.

Flechas para os meus irmãos, pensou Jon. *Flechas para o povo de meu pai, para o povo de Winterfell, Bosque Profundo e Última Lareira. Flechas para o norte.*

Mas nem tudo que via era bélico. Vislumbrou também mulheres dançando, e ouviu um bebê chorando, e um garotinho passou correndo diante de seu garrano, todo enrolado em peles e sem fôlego, por causa da brincadeira. Ovelhas e cabras vagueavam livremente, enquanto bois percorriam a margem do rio em busca de pasto. Cheiro de carneiro assado pairava no ar, vindo de uma das fogueiras, e em outra viu um javali sendo girado em um espeto de madeira.

Num espaço aberto rodeado por grandes pinheiros marciais, Camisa de Chocalho desmontou.

– Acampamos aqui – disse a Lenyl, Ragwyle e os outros. – Deem de comer aos cavalos, depois aos cães, depois a vocês. Ygritte, Lança-Longa, tragam o corvo para que Mance possa dar uma olhada nele. Vamos estripá-lo depois.

Seguiram a pé o resto do caminho, passando por mais fogueiras e tendas, com Fantasma seguindo de perto. Jon nunca tinha visto tantos selvagens. Perguntou a si mesmo se alguém já teria. *O acampamento não tem fim*, refletiu, *mas é mais uma centena de acampamentos do que um só, e cada um deles é mais vulnerável do que o anterior*. Espalhados ao longo de uma grande área, os selvagens não tinham defesas de que valesse a pena falar, nem fossos nem estacas afiadas, só pequenos grupos de batedores patrulhando os terrenos ao redor. Cada grupo, clã ou aldeia simplesmente acampou onde quis, assim que viu os outros parando ou encontrou um bom local. *O povo livre*. Se os seus irmãos os apanhassem em tal desordem, muitos pagariam tal liberdade com o

sangue do corpo. Possuíam número, mas a Patrulha da Noite tinha disciplina e, "em batalha, a disciplina vence o número em nove entre dez batalhas", o pai disse-lhe certa vez.

Não havia como não saber qual das tendas pertencia ao rei. Era três vezes maior do que a segunda maior tenda que vira, e ouvia-se música vinda lá de dentro. Tal como muitas das tendas menores, aquela era feita de peles cosidas ainda com pelo, mas as de Mance Rayder eram as hirsutas peles brancas dos ursos das neves. Um enorme par de chifres de um dos alces gigantes que outrora vagueavam livremente pelos Sete Reinos, nos tempos dos Primeiros Homens, coroava a cobertura pontiaguda.

Pelo menos ali encontrou defensores; dois guardas junto à abertura da tenda, apoiados em grandes lanças e com escudos redondos feitos de couro. Quando viram Fantasma, um deles baixou a lança e disse:

– Esse animal fica aqui.

– Fantasma, fique – ordenou Jon. O lobo gigante sentou-se.

– Lança-Longa, vigie o lobo. – Camisa de Chocalho puxou a aba da tenda e, com um gesto, ordenou que Jon e Ygritte entrassem.

A tenda estava quente e fumacenta. Nos quatro cantos havia cestos de turfa queimando, enchendo o ar com uma tênue luz avermelhada. Mais peles atapetavam o chão. Jon sentiu-se absolutamente só ali, em pé, vestido de negro, esperando a atenção do vira-casaca que se autodenominava Rei-para-lá-da-Muralha. Depois de seus olhos se ajustarem à luz vermelha e esfumaçada, viu seis pessoas, nenhuma das quais prestou qualquer atenção nele. Um jovem escuro e uma loura bonita dividiam um corno de hidromel. Uma mulher grávida estava em pé junto a um braseiro, cozinhando algumas galinhas, enquanto um homem grisalho com um esfarrapado manto preto e vermelho estava sentado numa almofada, de pernas cruzadas, tocando um alaúde e cantando:

> A mulher do dornês era bela como o sol
> e seus beijos, quentes como a primavera.
> Mas a espada do dornês era feita de aço negro
> e o seu beijo, a mordida de uma fera.

Jon conhecia a canção, embora fosse estranho ouvi-la ali, numa tenda de peles felpudas para lá da Muralha, a dez mil léguas das montanhas vermelhas e dos ventos quentes de Dorne.

Camisa de Chocalho tirou seu elmo amarelado enquanto esperava que a canção chegasse ao fim. Sob sua armadura de osso e couro era um homem pequeno, e o rosto por baixo do crânio de gigante era simples, com um queixo nodoso, um bigode fino e bochechas pálidas e

descarnadas. Os olhos eram bem próximos um do outro, com sobrancelhas que cruzavam toda a testa, e os cabelos escuros rareavam, recuando nas têmporas.

> A mulher do dornês cantava no banho,
> numa voz que era pêssego doce.
> Mas a espada do dornês tinha a sua canção,
> e mordia como se sanguessuga fosse.

Ao lado do braseiro, um homem baixo mas imensamente largo estava sentado num banco, comendo uma galinha diretamente no espeto. Gordura quente escorria por seu queixo e pela barba branca como a neve, mas ele sorria mesmo assim, com um ar feliz. Três presilhas de ouro gravadas com runas cingiam seus braços fortes, e usava uma pesada camisa de cota de malha negra que só podia ter vindo de um patrulheiro morto. Não muito longe dele, um homem mais alto e mais esguio, com uma camisa de couro com escamas de bronze, franzia a testa sobre um mapa, com uma longa espada a tiracolo, em uma bainha de couro. Era reto como uma lança, todo ele longos músculos duros, escanhoado, calvo, com um forte nariz reto e olhos cinzentos encovados. Podia ter sido bonito se tivesse orelhas, mas perdera ambas; Jon não sabia dizer se devido ao frio ou à faca de algum inimigo. A falta delas fazia com que a cabeça do homem parecesse estreita e pontiaguda.

Tanto o homem de barba branca como o calvo eram guerreiros, tinha bastado um relance para que isso ficasse claro para Jon. *Esses dois são de longe mais perigosos do que o Camisa de Chocalho*. Perguntou a si mesmo qual deles seria Mance Rayder.

> Jazendo no chão, rodeado de escuridão,
> seu sangue ele saboreou,
> Os irmãos se ajoelharam e rezaram uma oração,
> e ele sorriu e ele riu e cantou,
> “Irmãos, oh irmãos, os meus dias estão no fim,
> o dornês minha vida desfez,
> Mas que importa, não há homem que não tenha de morrer,
> e eu provei a mulher do dornês!”

Enquanto as últimas notas de “A mulher do dornês” se desvaneciam, o homem careca e sem orelhas ergueu os olhos do mapa e fez uma carranca feroz para Camisa de Chocalho e Ygritte, que tinham Jon entre eles.

– O que é isto? – ele perguntou. – Um corvo?

– O bastardo preto que estripou Orell – disse Camisa de Chocalho – e também um maldito *warg*.

– Devia ter matado todos.

– Este passou para o nosso lado – explicou Ygritte. – Matou Qhorin Meia-Mão com as próprias mãos.

– Esse *garoto*? – o homem sem orelhas irritou-se com a notícia. – O Meia-Mão devia ter sido meu. Você tem nome, corvo?

– Jon Snow, Vossa Graça. – Perguntou a si mesmo se também esperavam que dobrasse o joelho.

– Vossa Graça? – o homem sem orelhas olhou para o grandalhão da barba branca. – Vê? Ele acha que sou rei.

O barbudo riu com tanta força que espalhou pedaços de galinha por toda a parte. Limpou a gordura da boca com as costas de uma de suas enormes mãos.

– Um rapaz cego, só pode ser. Quem já ouviu falar de um rei sem orelhas? Ora, a coroa cairia até o pescoço! Ha! – Dirigiu a Jon um sorriso, limpando os dedos nas calças. – Feche o bico, corvo. Dê meia-volta e talvez encontre quem veio procurar.

Jon virou-se.

O cantor pôs-se em pé.

– Sou Mance Rayder – disse ele, enquanto colocava o alaúde de lado. – E você é o bastardo de Ned Stark, o Snow de Winterfell.

Aturdido, Jon ficou sem fala por um momento, antes de se recuperar o suficiente para dizer:

– Como… como pode saber…

– Isso é uma história para mais tarde – disse Mance Rayder. – O que achou da canção, moço?

– Gostei bastante. Já a tinha ouvido.

– *Mas que importa, não há homem que não tenha de morrer* –, disse alegremente o Rei-para-lá-da-Muralha –, *e eu provei a mulher do dornês*. Diga-me, o meu Senhor dos Ossos fala a verdade? Matou meu velho amigo, o Meia-Mão?

– Matei. – *Embora tenha sido mais obra dele do que minha*.

– A Torre Sombria nunca mais vai parecer tão temível – disse o rei, com tristeza na voz. – Qhorin era meu inimigo. Mas também foi meu irmão um dia. Por isso... devo agradecê-lo por tê-lo matado, Jon Snow? Ou amaldiçoá-lo? – dirigiu a Jon um sorriso zombeteiro.

O Rei-para-lá-da-Muralha não se parecia em nada com um rei, e tampouco se parecia com um selvagem. Era de média estatura, magro, com feições bem definidas, astutos olhos castanhos e longos cabelos castanhos já quase totalmente grisalhos. Não havia coroa em sua cabeça, nem presilhas de ouro nos braços, nem joias no pescoço, nem mesmo uma cintilação de prata. Usava lã e couro, e o único traje digno de nota que vestia era o esfarrapado manto de lã negra, cujos

longos rasgões tinham sido cosidos com seda vermelha desbotada.

– Devia me agradecer por matar seu inimigo – disse Jon por fim – e me amaldiçoar por matar seu amigo.

– *Ha!* – trovejou o homem da barba branca. – Bem respondido!

– De acordo. – Mance Rayder fez um gesto para Jon se aproximar. – Se quer se juntar a nós, é melhor que nos conheça. O homem que confundiu comigo é Styr, Magnar de Thenn. *Magnar* significa "senhor" no Idioma Antigo. – O homem sem orelhas fitou Jon friamente enquanto Mance se virava para o homem da barba branca. – Aqui, nosso feroz comedor de galinhas é o meu leal Tormund. A mulher...

Tormund levantou-se.

– Espere. Tratou Styr por seu título, trate-me também pelo meu.

Mance Rayder soltou uma gargalhada.

– Como quiser. Jon Snow, perante a sua presença encontra-se Tormund Terror dos Gigantes, Arauto, Soprador de Chifres e Quebrador de Gelo. Eis também Tormund Punho de Trovão, Esposo de Ursas, Rei-Hidromel de Solar Ruivo, Falador com os Deuses e Pai de Tropas.

– Isso já se parece mais comigo – disse Tormund. – Prazer em conhecê-lo, Jon Snow. Acontece que gosto de *wargs*, apesar de não gostar nada dos Stark.

– A boa mulher junto ao braseiro – prosseguiu Mance Rayder – é Dalla. – A grávida deu um sorriso tímido. – Trate-a como trataria qualquer rainha, porque espera um filho meu. – Virou-se para os últimos dois. – Esta beldade é a irmã de Dalla, Val. O jovem Jarl, ao lado dela, é seu último animalzinho de estimação.

– Não sou animal de estimação de homem nenhum – disse Jarl, sombrio e feroz.

– E Val não é homem nenhum – resfolegou o da barba branca, Tormund. – A esta altura já devia ter percebido, moço.

– Então aqui nos tem, Jon Snow – disse Mance Rayder. – O Rei-para-lá-da-Muralha e sua corte, tal como é. E agora algumas palavras suas, creio eu. De onde vem?

– De Winterfell – disse Jon –, via Castelo Negro.

– E o que o traz ao vale do Guadeleite, tão longe dos fogos de sua casa? – não esperou pela resposta de Jon, e olhou de imediato para Camisa de Chocalho. – Quantos eram?

– Cinco. Três tão mortos e o rapaz tá aqui. O outro subiu uma encosta onde nenhum cavalo podia segui-lo.

Os olhos de Rayder voltaram a encontrar os de Jon.

– Eram só os cinco? Ou há mais irmãos seus escondidos por aí?

– Éramos quatro e o Meia-Mão. Qhorin valia por vinte homens comuns.

O Rei-para-lá-da-Muralha sorriu ao ouvir aquilo.

– Havia quem pensasse assim. Seja como for… um rapaz de Castelo Negro com patrulheiros da Torre Sombria? Como foi que isso aconteceu?

Jon tinha a mentira pronta.

– O Senhor Comandante mandou-me ao Meia-Mão para ganhar experiência, e por isso ele trouxe-me a essa patrulha.

Styr, o Magnar, franziu a testa ao ouvir aquilo.

– Chama isso de patrulha… por que corvos viriam patrulhar pelo Passo dos Guinchos acima?

– As aldeias estavam desertas – disse Jon, honestamente. – Era como se todo o povo livre tivesse desaparecido.

– Desaparecido, certo – falou Mance Rayder. – E não só o povo livre. Quem lhes disse onde estávamos, Jon Snow?

Tormund fungou.

– Se não foi o Craster, eu sou uma donzela corada. Eu disse, Mance, aquela criatura precisa ficar uma cabeça mais curta.

O rei deu ao homem mais velho um olhar irritado.

– Tormund, um dia desses experimente pensar antes de falar. Eu sei que foi o Craster. Perguntei a Jon para ver se ele nos diria a verdade.

– Ha. – Tormund escarrou. – Bem, meti os pés pelas mãos! – Dirigiu um sorriso a Jon. – Tá vendo, moço, é por isso que ele é rei e eu não. Bebo melhor, luto melhor e canto melhor que ele, e o meu membro é três vezes maior que o dele, mas Mance tem astúcia. Foi educado como corvo, sabe, e o corvo é um pássaro cheio de truques.

– Gostaria de falar com o rapaz a sós, meu Senhor dos Ossos – disse Mance Rayder ao Camisa de Chocalho. – Deixem-nos, todos vocês.

– O quê, eu também? – perguntou Tormund.

– Sim, especialmente você – disse Mance.

– Não como em um salão onde não sou bem-vindo. – Tormund ficou em pé. – Eu e as galinhas vamos embora. – Pegou outra galinha do braseiro, enfiou-a num bolso costurado no forro de seu manto, disse "Ha", e saiu lambendo os dedos. Os outros seguiram-no, todos menos a mulher chamada Dalla.

– Sente-se, se quiser – disse Rayder depois de eles partirem. – Está com fome? Tormund deixou-nos pelo menos duas aves.

– Eu adoraria comer, Vossa Graça. E obrigado.

– Vossa Graça? – o rei sorriu. – Isso não é tratamento que se ouça com frequência vindo dos lábios do povo livre. Para a maioria sou Mance. *O* Mance para alguns. Aceita um corno de hidromel?

– De bom grado – disse Jon.

O próprio rei o serviu enquanto Dalla cortava as galinhas crocantes e dividia a porção entre os dois. Jon descalçou as luvas e

comeu com os dedos, chupando dos ossos cada pedacinho de carne.

– Tormund falou a verdade – disse Mance Rayder enquanto partia um pão. – O corvo preto é um pássaro cheio de truques, é assim mesmo ... mas eu já era um corvo quando você não era maior do que o bebê na barriga de Dalla, Jon Snow. Portanto tome cuidado para não tentar truques comigo.

– Às suas ordens, Vossa... Mance.

O rei soltou uma gargalhada.

– Vossa Mance! E por que não? Há pouco prometi uma história a você sobre o modo como o conheci. Já descobriu?

Jon balançou a cabeça.

– Camisa de Chocalho enviou a notícia à nossa frente?

– Voando? Não temos corvos treinados. Não, reconheci seu rosto. Já tinha visto você antes. Duas vezes.

A princípio não fazia sentido, mas quando Jon revirou a informação em sua mente, a manhã clareou.

– Quando era um irmão da Patrulha...

– Muito bem! Sim, essa foi a primeira vez. Você era só um garoto e eu estava todo de preto, fazia parte de uma dúzia que escoltou o velho Senhor Comandante Qorgyle quando ele desceu até Winterfell para um encontro com o seu pai. Eu percorria a muralha em volta do pátio quando me deparei com você e seu irmão Robb. Nevara na noite anterior, e vocês tinham feito uma grande montanha por cima do portão e estavam esperando que alguém passasse por baixo.

– Eu me lembro – disse Jon, surpreso, com uma gargalhada. Um jovem irmão negro no adarve, sim. – Jurou não contar.

– E mantive meu voto. Pelo menos esse.

– Despejamos a neve em cima do Gordo Tom. Ele era o guarda mais lento do pai. – Tom perseguira-os depois, em volta do pátio, até os três ficarem vermelhos como maçãs de outono. – Mas disse que me viu duas vezes. Quando foi a segunda?

– Quando o Rei Robert veio a Winterfell para fazer de seu pai Mão – disse com malícia o Rei-para-lá-da-Muralha.

Os olhos de Jon arregalaram-se de descrença.

– Não pode ser verdade.

– Mas foi. Quando seu pai soube que o rei vinha, mandou a notícia ao irmão Benjen, na Muralha, para que ele pudesse descer para o banquete. Há mais trocas entre os irmãos negros e o povo livre do que você imagina, e não demorou muito tempo para a notícia chegar também aos meus ouvidos. Era uma oportunidade boa demais para resistir. Seu tio não me conhecia de vista, portanto nada tinha a temer vindo daí, e não me parecia que seu pai fosse capaz de se lembrar de um jovem corvo que conhecera brevemente anos antes. Queria ver esse Robert com meus próprios olhos, de rei para rei, e também

avaliar seu tio Benjen. Nessa época, ele era Primeiro Patrulheiro, e o terror de todo o meu povo. Portanto selei meu cavalo mais veloz e tomei o caminho.

– Mas – objetou Jon – a Muralha…

– A Muralha pode parar um exército, mas não um homem sozinho. Peguei um alaúde e uma bolsa de prata, escalei o gelo perto do Monte Longo, caminhei algumas léguas para o sul da Nova Dádiva e comprei um cavalo. Apesar de tudo, fui muito mais rápido do que Robert, que viajava com uma imponente e enorme casa rolante para manter a sua rainha confortável. A um dia de Winterfell, para o sul, encontrei-o e juntei-me à sua comitiva. Cavaleiros livres e pequenos cavaleiros passam a vida ligando-se a cortejos reais, na esperança de entrar para o serviço do rei, e o meu alaúde me fez conquistar uma aceitação fácil. – Mance soltou uma gargalhada. – Conheço todas as canções obscenas que já foram feitas, ao norte ou ao sul da Muralha. Então é isso. Na noite em que seu pai ofereceu o banquete a Robert, eu estava sentado num banco no fundo do seu salão, com os outros cavaleiros livres, ouvindo Orland de Vilavelha tocar sua harpa e cantar cantigas sobre reis mortos sob o mar. Entreguei-me à comida e à bebida do senhor seu pai, passei os olhos pelo Regicida e pelo Duende... e tomei nota, de passagem, dos filhos de Lorde Eddard e dos lobinhos que corriam atrás deles.

– Bael, o Bardo – disse Jon, lembrando-se da história que Ygritte lhe contara nas Presas de Gelo, na noite em que quase a tinha matado.

– Bem que eu gostaria. Não negarei que a façanha de Bael inspirou a minha... mas, que me lembre, não raptei nenhuma de suas irmãs. Bael escrevia as próprias canções e viveu-as. Eu só canto as canções que homens melhores fizeram. Mais hidromel?

– Não – disse Jon. – Se tivesse sido descoberto... capturado...

– Seu pai teria cortado a minha cabeça. – O rei encolheu os ombros. – Se bem que, depois de ter comido à sua mesa, estivesse protegido pelo direito de hóspede. As leis da hospitalidade são velhas como os Primeiros Homens e sagradas como uma árvore-coração. – Fez um gesto para a mesa entre eles, para o pão partido e os ossos de galinha. – Aqui é você o hóspede, e está a salvo de ser ferido pelas minhas mãos... esta noite, pelo menos. Portanto, diga-me a verdade, Jon Snow. É um covarde que virou a casaca por medo, ou há algum outro motivo que o traga à minha tenda?

Direito de hóspede ou não, Jon Snow sabia que ali caminhava em gelo quebradiço. Um passo em falso e podia atravessá-lo para dentro de água suficientemente fria para lhe parar o coração. *Pese todas as palavras antes de dizê-las*, disse a si mesmo. Tomou um longo trago de hidromel, a fim de ganhar tempo para a resposta. Quando apoiou o corno, disse:

– Diga-me por que virou a sua casaca, e eu direi por que virei a minha.

Mance Rayder sorriu, como Jon esperara que fizesse. O rei era claramente um homem que gostava do som da própria voz.

– Certamente já deve ter ouvido histórias sobre a minha deserção.

– Alguns dizem que foi por uma coroa. Outros, que foi por uma mulher. Outros ainda, que tem sangue de selvagem.

– Sangue de selvagem é o sangue dos Primeiros Homens, o mesmo sangue que corre nas veias dos Stark. Quanto à coroa, você vê alguma?

– Vejo uma mulher. – Olhou de relance para Dalla.

Mance pegou-a pela mão e puxou-a para junto dele.

– A minha senhora não tem culpa. Conheci-a ao voltar do castelo de seu pai. O Meia-Mão era esculpido de um velho carvalho, mas eu sou feito de carne e tenho um grande gosto pelos encantos das mulheres... o que faz com que não seja em nada diferente de três quartos da Patrulha. Há homens ainda de negro que tiveram dez vezes mais mulheres do que este pobre rei. Precisa tentar de novo, Jon Snow.

Jon refletiu por um momento.

– Meia-Mão disse que tinha uma paixão pela música dos selvagens.

– Tinha. E tenho. Isso está mais perto do alvo, sim. Mas ainda não acertou. – Mance Rayder ergueu-se, desprendeu a fivela que segurava seu manto e atirou-o para cima do banco. – Foi por isto.

– Um manto?

– O manto de lã negra de um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite – disse o Rei-para-lá-da Muralha. – Um dia, numa patrulha, abatemos um grande e belo alce. Estávamos esfolando-o quando o cheiro do sangue fez um gato-das-sombras sair de seu covil. Eu afastei-o, mas não antes de ele ter rasgado meu manto em tiras. Está vendo? Aqui, aqui e aqui? – soltou um risinho. – Também me rasgou o braço e as costas, e sangrei mais do que o alce. Meus irmãos temeram que pudesse morrer antes de conseguirem me levar ao Meistre Mullin na Torre Sombria, e levaram-me até uma aldeia selvagem onde sabíamos que uma velha feiticeira fazia algumas curas. Aconteceu que ela estava morta, mas a filha tratou de mim. Limpou meus ferimentos, deu pontos em mim e me alimentou com mingau de aveia e poções até eu ficar suficientemente forte para voltar a subir em um cavalo. E também costurou os rasgões em meu manto, com um pouco de seda escarlate de Asshai que a avó tinha tirado dos restos de um barco afundado que apareceu na Costa Gelada. Era o maior tesouro que ela possuía, e foi um presente para mim. – Voltou a pôr o manto nos ombros. – Mas na Torre Sombria me deram um manto novo de lã,

tirado dos armazéns, preto e preto, e forrado de preto, para combinar com meus calções pretos e minhas botas pretas, meu gibão preto e cota de malha preta. O manto novo não tinha zonas puídas, rasgões ou cortes... e, acima de tudo, não tinha vermelho. Os homens da Patrulha da Noite vestiam-se de negro, lembrou-me severamente Sor Denys Mallister, como se eu tivesse me esquecido. Agora, meu velho manto só estava bom para queimar, disse ele. Parti na manhã seguinte... para um lugar onde um beijo não era crime e um homem podia usar o manto que quisesse. – Fechou a fivela e se sentou novamente. – E você, Jon Snow?

Jon bebeu outro trago de hidromel. *Só há uma história em que ele pode acreditar.*

– Disse que estava em Winterfell na noite em que meu pai ofereceu o banquete ao Rei Robert.

– Disse, porque estava.

– Então viu-os todos. O Príncipe Joffrey e o Príncipe Tommen, a Princesa Myrcella, meus irmãos Robb, Bran e Rickon, minhas irmãs Arya e Sansa. Viu-os caminhar pelo corredor central com todos os olhos postos neles e ocupar seus lugares na mesa logo abaixo do estrado onde o rei e a rainha se sentavam.

– Lembro-me.

– E viu onde eu estava sentado, Mance? – inclinou-se para a frente. – Viu onde eles puseram o bastardo?

Mance Rayder olhou o rosto de Jon durante um longo momento.

– Acho que é melhor arranjarmos um novo manto para você – disse o rei, estendendo a mão.

Daenerys

O lento e constante bater de tambores e o suave sibilar dos remos das galés pairavam sobre a imóvel água azul. A grande coca gemia em seu rastro, com as pesadas cordas bem retesadas entre os navios. As velas do *Balerion* pendiam, flácidas, caindo desamparadas dos mastros. Mesmo assim, em pé no castelo de proa, observando seus dragões se perseguirem com um céu azul sem nuvens ao fundo, Daenerys Targaryen estava tão feliz como jamais se lembrava de estar.

Seus dothraki chamavam o mar de *água venenosa*, desconfiando de qualquer líquido que seus cavalos não pudessem beber. No dia em que os três navios tinham levantado âncora em Qarth, seria possível ter pensado que estavam zarpando para o inferno e não para Pentos. Seus bravos e jovens companheiros de sangue fitavam com enormes olhos brancos a linha de costa que minguava, cada um deles determinado a não mostrar medo perante os outros dois, enquanto as aias Irri e Jhiqui se agarravam desesperadamente à amurada e vomitavam borda afora a cada pequeno balanço. O resto do minúsculo *khalasar* de Dany permanecia sob o convés, preferindo a companhia de seus nervosos cavalos ao aterrorizador mundo sem terra que rodeava os navios. Quando uma súbita tempestade os engoliu no sexto dia de viagem, ouviu-os através das escotilhas; os cavalos relinchando e aos coices, os cavaleiros rezando com vozes agudas e trêmulas a cada vez que o *Balerion* se elevava ou adernava.

Mas nenhum balanço era capaz de assustar Dany. Era chamada Daenerys, nascida na Tormenta, pois chegara ao mundo, aos gritos, na distante Pedra do Dragão, enquanto a maior tempestade de que se havia memória em Westeros rugia lá fora, uma tempestade tão violenta que arrancou gárgulas das muralhas do castelo e fez a frota do pai em pedaços.

O mar estreito era frequentemente tempestuoso, e Dany atravessara-o meia centena de vezes quando menina, correndo de uma Cidade Livre para a seguinte, meio passo à frente dos assassinos contratados pelo Usurpador. Adorava o mar. Gostava do intenso cheiro salgado do ar e da vastidão do horizonte, limitado apenas por uma abóbada de céu azul-celeste. Fazia-a sentir-se pequena, mas também livre. Gostava dos golfinhos que às vezes nadavam ao lado do *Balerion*, cortando as ondas como lanças prateadas, e dos peixes-voadores que podiam ser vislumbrados de vez em quando. Até gostava dos marinheiros, com todas as suas canções e histórias. Certa vez, em uma viagem para Bravos, enquanto observava a tripulação que lutava para arriar uma grande vela verde no meio de uma crescente ventania, até tinha pensado em como seria bom ser um marinheiro. Mas,

quando disse isso ao irmão, Viserys torcera seus cabelos até fazê-la gritar.

– Você é do sangue do dragão – ele berrou. – Um *dragão*, não um peixe fedorento qualquer.

Foi um tolo com isso, como com tantas outras coisas, pensou Dany. *Se tivesse sido mais sensato e mais paciente, seria ele quem viajaria para oeste a fim de tomar o trono que era dele por direito*. Havia chegado à conclusão de que Viserys era burro e mau, mesmo assim às vezes sentia sua falta. Não do homem fraco e cruel em que se transformara por fim, mas do irmão que às vezes a deixava se deitar na cama dele, do garoto que lhe contava histórias sobre os Sete Reinos e falava de como a vida de ambos seria melhor depois de reclamar a sua coroa.

O capitão surgiu junto a ela.

– Seria bom que este *Balerion* pudesse voar como o seu homônimo, Vossa Graça – disse num valiriano baixo, fortemente temperado pelo sotaque de Pentos. – Então não precisaríamos remar, nem rebocar, nem rezar por vento.

– É verdade, capitão – respondeu ela com um sorriso, satisfeita por ter conquistado o homem. O capitão Groleo era um velho pentoshi como o seu patrão, Illyrio Mopatis, e tinha se mostrado nervoso como uma donzela com a ideia de transportar três dragões em seu navio. Meia centena de baldes de água do mar ainda pendiam da amurada, para o caso de incêndio. A princípio, Groleo quis os dragões engaiolados e Dany consentiu para sossegá-lo, mas a infelicidade dos animais era tão palpável que rapidamente mudou de ideia e insistiu para que fossem libertados.

Agora até o capitão Groleo estava contente com isso. Ocorrera um pequeno incêndio, extinto com facilidade; em compensação, agora o *Balerion* parecia ter menos ratazanas do que antes, quando velejara com o nome de *Saduleon*. E a tripulação, antes tão temerosa quanto curiosa, começou a ganhar um estranho orgulho feroz de "seus" dragões. Todos os homens do navio, do capitão ao ajudante de cozinha, gostavam de ver os três voando... embora nenhum gostasse tanto como Dany.

São meus filhos, disse a si mesma, *e se a maegi falou a verdade, são os únicos filhos que alguma vez terei.*

As escamas de Viserion eram da cor de creme fresco e seus chifres, os ossos das asas e a crista dorsal, de um dourado escuro que relampejava ao sol, brilhante como metal. Rhaegal era feito do verde do verão e do bronze do outono. Voavam por cima dos navios em largos círculos, cada vez mais alto, ambos tentando subir acima do outro.

Dany tinha aprendido que os dragões preferiam sempre atacar de cima. Se algum deles conseguisse se colocar entre o outro e o sol,

dobrava as asas e mergulhava, gritando, e caíam ambos do céu, presos numa emaranhada bola escamosa, com as mandíbulas atacando e as caudas chicoteando. Da primeira vez que tinham feito isso, Dany temeu que quisessem matar um ao outro, mas era só brincadeira. Assim que caíam no mar, espirrando água, largavam-se e voltavam a levantar voo, guinchando e silvando, com a água salgada evaporando de sua pele, em nuvens de vapor, enquanto as asas rasgavam o ar. Drogon também andava pelas alturas, mas não se encontrava à vista; devia estar muito à frente ou atrás, caçando.

Seu Drogon andava sempre com fome. *Com fome e crescendo depressa. Mais um ano, ou talvez dois, e estará suficientemente grande para montar. Então não terei necessidade de navios para atravessar o grande mar salgado.*

Mas esse tempo ainda não tinha chegado. Rhaegal e Viserion eram do tamanho de cães pequenos, Drogon, só um pouco maior, e qualquer cão seria mais pesado do que eles; os dragões eram todos asas, pescoço e cauda, mais leves do que pareciam. E assim Daenerys Targaryen dependia de madeira, vento e vela para levá-la para casa.

A madeira e a vela tinham-na servido bastante bem até agora, mas o inconstante vento tornara-se traidor. Havia seis dias e seis noites que estavam presos numa calmaria, e agora o sétimo dia chegara, e ainda não havia um sopro de ar que enchesse suas velas. Felizmente, dois dos navios que o Magíster Illyrio tinha mandado à sua procura eram galés mercantes, com duzentos remos cada uma e tripulação de remadores de braços fortes para manuseá-los. Mas a grande coca *Balerion* tocava por outra partitura; um navio imponentemente largo que mais parecia uma imensa porca, com porões gigantescos e enormes velas, mas que era impotente numa calmaria. A *Vhagar* e a *Meraxes* tinham-lhe atirado cabos para rebocá-la, mas o avanço era dolorosamente lento. Os três navios estavam repletos de gente e iam muito carregados.

– Não vejo o Drogon – disse Sor Jorah Mormont quando se juntou a ela no castelo de proa. – Perdeu-se outra vez?

– Somos nós que estamos perdidos, sor. Drogon não gosta mais do que eu deste rastejar molhado. – Mais ousado do que os outros dois, seu dragão negro tinha sido o primeiro a experimentar as asas por cima da água, o primeiro a pairar de navio em navio, o primeiro a se perder numa nuvem passageira... e o primeiro a matar. Assim que os peixes-voadores rompiam a superfície da água, eram envolvidos numa lança de chamas, apanhados e engolidos. – Ele crescerá até que tamanho? – perguntou Dany com curiosidade. – Você sabe?

– Nos Sete Reinos contam-se histórias de dragões que cresceram tanto que conseguiam arrancar lulas gigantes do mar.

Dany soltou uma gargalhada.

– Isso seria uma visão maravilhosa.

– É só uma história, *Khaleesi* – disse seu cavaleiro exilado. – Também falam de velhos e sábios dragões que viveram mil anos.

– Bom, e quanto tempo vive *mesmo* um dragão? – olhou para cima quando Viserion passou em voo rasante por cima do navio, batendo lentamente as asas e agitando as velas murchas.

Sor Jorah encolheu os ombros.

– A vida natural de um dragão é muito mais longa do que a de um homem, ou pelo menos é isso que as canções nos querem levar a crer... mas os dragões que os Sete Reinos conheceram melhor foram aqueles da Casa Targaryen. Eram criados para a guerra, e na guerra morriam. Matar um dragão não é coisa fácil, mas é possível.

O escudeiro Barba-Branca, em pé junto da figura de proa, com uma mão esguia segurando seu rijo bastão de madeira, virou-se para eles e disse:

– Balerion, o Terror Negro, tinha duzentos anos de idade quando morreu durante o reinado de Jaehaerys, o Conciliador. Era tão grande que podia engolir um auroque inteiro. Um dragão nunca para de crescer, Vossa Graça, desde que tenha comida e liberdade. – O nome do homem era Arstan, mas Belwas, o Forte, apelidara-o de Barba-Branca devido à cor dos pelos que cresciam em seu rosto, e agora quase todos o chamavam assim. Era mais alto do que Sor Jorah, embora não fosse tão musculoso; seus olhos eram azul-claros, e sua longa barba era branca como neve e fina como seda.

– Liberdade? – perguntou Dany, curiosa. –O que quer dizer?

– Em Porto Real, seus ancestrais construíram para os dragões um imenso castelo coberto por uma cúpula. Chama-se Fosso dos Dragões. Ainda está de pé no topo da Colina de Rhaenys, embora esteja agora em ruínas. Era lá que os dragões reais moravam nos dias de outrora, e era uma habitação espaçosa, com portas de ferro tão largas que trinta cavaleiros podiam atravessá-las lado a lado. Mas, mesmo assim, notou-se que nunca nenhum dos dragões do fosso atingiu o tamanho de seus ancestrais. Os meistres dizem que isso se deveu às paredes que os rodeavam, e ao grande domo sobre suas cabeças.

– Se as paredes pudessem nos manter pequenos, os camponeses seriam todos minúsculos e os reis, grandes como gigantes – disse Sor Jorah. – Eu vi homens enormes nascidos em casebres e anões que viviam em castelos.

– Homens são homens – respondeu Barba-Branca. –Dragões são dragões.

Sor Jorah fungou de desdém.

– Que profundo. – O cavaleiro exilado não simpatizava com o velho, tinha deixado isso claro desde o início. – De resto, o que você sabe a respeito de dragões?

– Bastante pouco, é verdade. Mas servi durante algum tempo em Porto Real, nos dias em que o Rei Aerys ocupava o Trono de Ferro, e caminhei sob os crânios de dragões que olhavam para baixo, das paredes de sua sala do trono.

– Viserys falava desses crânios – disse Dany. – O Usurpador tirou-os das paredes e os escondeu. Não suportava vê-los olhando-o no trono que havia roubado. – Fez um gesto para que Barba-Branca se aproximasse. – Chegou a conhecer meu real pai? – o Rei Aerys II morrera antes de a filha nascer.

– Tive essa grande honra, Vossa Graça.

– Achou-o bom e gentil?

Barba-Branca fez o seu melhor para esconder os sentimentos, mas eles estavam ali, estampados em seu rosto.

– Sua Graça era... frequentemente agradável.

– Frequentemente? – Dany sorriu. – Mas nem sempre?

– Podia ser muito severo para com aqueles que julgava ser seus inimigos.

– Um homem sensato nunca faz de um rei um inimigo – disse Dany. – Também conheceu meu irmão Rhaegar?

– Dizia-se que homem algum chegou a conhecer realmente o Príncipe Rhaegar. Mas tive o privilégio de vê-lo em torneios e ouvi-o frequentemente tocar a sua harpa de cordas de prata.

Sor Jorah fungou.

– Junto com outros mil em alguma festa das colheitas. A seguir vai dizer que foi o escudeiro dele.

– Não direi uma coisa dessas, sor. O escudeiro do Príncipe Rhaegar foi Myles Mooton, e depois Richard Lonmouth. Quando ganharam suas esporas, foi ele mesmo quem os armou cavaleiros, e permaneceram companheiros próximos. O jovem Lorde Connington também era caro ao príncipe, mas seu amigo mais antigo era Arthur Dayne.

– A Espada da Manhã! – disse Dany, deliciada. – Viserys costumava falar de sua maravilhosa lâmina branca. Dizia que Sor Arthur era o único cavaleiro no reino capaz de se igualar a nosso irmão.

Barba-Branca inclinou a cabeça.

– Não me cabe questionar as palavras do Príncipe Viserys.

– Rei – corrigiu Dany. – Ele foi um rei, embora nunca tenha reinado. Viserys, o Terceiro de Seu Nome. Mas o que quer dizer? – a resposta dele não fora a que esperava. – Sor Jorah certa vez chamou Rhaegar de o último dragão. Ele precisava ter sido um guerreiro ímpar para ser chamado assim, certamente.

– Vossa Graça – disse Barba-Branca –, o Príncipe de Pedra do Dragão foi um guerreiro muito poderoso, mas...

– Prossiga – pediu ela. – Pode falar livremente comigo.

– Às suas ordens. – O velho apoiou-se em seu bastão, com a testa enrugada. – Um guerreiro sem par... essas são belas palavras, Vossa Graça, mas palavras não vencem batalhas.

– As espadas vencem batalhas – disse Sor Jorah sem rodeios. – E o Príncipe Rhaegar sabia usar uma.

– Sabia, sor, mas... vi uma centena de torneios e mais guerras do que desejaria, e por mais forte, rápido ou hábil que um cavaleiro seja, há outros que podem se equiparar a eles. Um homem pode ganhar um torneio e cair rapidamente no seguinte. Um ponto escorregadio na relva, ou aquilo que se comeu na noite anterior, pode significar a derrota. Uma mudança no vento pode trazer a dádiva da vitória. – Olhou de relance para Sor Jorah. – Ou o favor de uma senhora atado em volta de um braço.

O rosto de Mormont obscureceu-se.

– Tenha cuidado com o que diz, velho.

Dany sabia que Arstan vira Sor Jorah lutar em Lanisporto, no torneio que Mormont tinha ganhado com o favor de uma senhora atado ao braço. Tinha conquistado também a senhora; Lynesse, da Casa Hightower, sua segunda esposa, bem-nascida e bela... mas ela arruinara-o e abandonara-o, e a recordação da mulher agora era amarga para ele.

– Seja gentil, meu cavaleiro. – Dany pôs uma mão no braço de Jorah. – Estou certa de que Arstan não teve nenhuma intenção de ofendê-lo.

– Às suas ordens, *Khaleesi*. – A voz de Sor Jorah mostrava ressentimento.

Dany voltou-se para o escudeiro.

– Sei pouco de Rhaegar. Só as histórias que Viserys contava, e ele era um garotinho quando nosso irmão morreu. Como ele era realmente?

O velho refletiu por um momento.

– Capaz. Isso acima de tudo. Determinado, circunspecto, cumpridor, obstinado. Conta-se uma história sobre ele... mas sem dúvida Sor Jorah também a conhece.

– Gostaria de ouvi-la de você.

– Às suas ordens – disse Barba-Branca. – Quando criança, o Príncipe de Pedra do Dragão era extraordinariamente dado à leitura. Começou a ler tão cedo que os homens diziam que a Rainha Rhaella devia ter engolido alguns livros e uma vela enquanto ele estava em seu ventre. Rhaegar não tinha nenhum interesse pelas brincadeiras das outras crianças. Os meistres ficavam assombrados com sua inteligência, mas os cavaleiros do pai trocavam gracejos amargos sobre Baelor, o Abençoado, ter renascido. Até que um dia o Príncipe

Rhaegar encontrou algo em seus pergaminhos que o mudou. Ninguém sabe o que pode ter sido, só se sabe que o garoto apareceu no pátio uma manhã, no momento em que os cavaleiros vestiam as armaduras. Foi direito a Sor Willem Darry, o mestre de armas, e disse: "Vou precisar de espada e armadura. Parece que tenho de ser um guerreiro."

– E foi! – disse Dany, deliciada.

– Foi, realmente. – Barba-Branca fez uma reverência. – Meus perdões, Vossa Graça. Falamos de guerreiros e eu vejo que Belwas, o Forte, se levantou. Tenho de ir servi-lo.

Dany lançou um rápido olhar para a popa. O eunuco saía do porão no meio do navio, ágil, apesar de todo o seu tamanho. Belwas era atarracado mas largo, uns bons noventa e cinco quilos de gordura e músculo, com sua grande barriga marrom atravessada por cicatrizes brancas desvanecidas. Usava calças largas, uma faixa de seda amarela na cintura, e um colete de couro absurdamente minúsculo, decorado com rebites de ferro.

– Belwas, o Forte, tem fome! – rugiu para todos e para ninguém em especial. – Belwas, o Forte, quer comer, já! – Virando-se, viu Arstan no castelo de proa. – Barba-Branca! Vai trazer comida para Belwas, o Forte!

– Pode ir – disse Dany ao escudeiro. Ele fez outra reverência e afastou-se para satisfazer as necessidades do homem a quem servia.

Sor Jorah ficou observando-o com uma carranca em seu rosto franco e honesto. Mormont era grande e corpulento, com mandíbula forte e ombros largos. Não era, de modo algum, um homem bonito, mas era o amigo mais leal que Dany alguma vez tivera.

– Seria sensata se desse um bom desconto às palavras daquele velho – disse-lhe quando Barba-Branca se afastou o suficiente para não ouvi-los.

– Uma rainha deve escutar todos – lembrou-lhe Dany. – Os de nascimento alto e baixo, os fortes e os fracos, os nobres e os venais. Uma voz pode proferir falsidades, mas em muitas sempre é possível encontrar verdade. – Lera aquilo num livro.

– Escute então a minha voz, Vossa Graça – disse o exilado. – Esse Arstan Barba-Branca está levando a senhora ao engano. É velho demais para ser escudeiro, e fala bem demais para servir àquele eunuco idiota.

Isso realmente parece estranho, Dany teve de admitir. Belwas, o Forte, era um ex-escravo, criado e treinado nas arenas de luta de Meereen. O Magíster Illyrio enviara-o para protegê-la, ou pelo menos era isso que Belwas dizia, e era verdade que ela precisava de proteção. O Usurpador, em seu Trono de Ferro, oferecera terras e uma senhoria a qualquer homem que a matasse. Uma tentativa já tinha acontecido,

com uma taça de vinho envenenado. Quanto mais perto chegasse de Westeros, mais provável se tornava outro ataque. Em Qarth, o mago Pyat Pree enviara um Homem Pesaroso em seu encalço para vingar os Imortais que ela queimara na sua Casa de Poeira. Os magos nunca esqueciam uma desfeita, dizia-se, e os Homens Pesarosos nunca falhavam uma morte. A maioria dos dothraki também estaria contra ela. Os *kos* de Khal Drogo lideravam agora *khalasares* seus, e nenhum hesitaria em atacar o pequeno bando de Dany assim que o visse, para matar e escravizar seu povo e arrastar a própria Dany para Vaes Dothrak, a fim de tomar o lugar que lhe era próprio entre as velhas mirradas do *dosh khaleen*. Ela *esperava* que Xaro Xhoan Daxos não fosse um inimigo, mas o mercador qarteno tinha cobiçado seus dragões. E havia ainda Quaithe da Sombra, essa mulher estranha com máscara de laca vermelha e todos os seus misteriosos conselhos. Seria também uma inimiga, ou apenas uma amiga perigosa? Dany não sabia dizer.

Sor Jorah salvou-me do envenenador, e Arstan Barba-Branca, da mantícora. Talvez Belwas, o Forte, me salve do próximo. Ele era suficientemente enorme, com braços semelhantes a pequenas árvores e um grande *arakh* curvo tão afiado que poderia ter se barbeado com ele, no improvável caso de nascerem pelos naquelas bochechas lisas e marrons. Mas também era infantil. *Como protetor, deixa muito a desejar. Felizmente, tenho Sor Jorah e meus companheiros de sangue. E os meus dragões, não posso esquecer*. A seu tempo, os dragões seriam seus guardiães mais poderosos, tal como tinham sido para Aegon, o Conquistador, e suas irmãs trezentos anos antes. Mas, por enquanto, traziam-lhe mais perigo do que proteção. No mundo inteiro não havia mais de três dragões vivos, e eles eram seus; uma maravilha e um terror. E não tinham preço.

Refletia sobre as palavras que diria em seguida quando sentiu um sopro frio na nuca, e uma madeixa solta de seus cabelos louro-prateados se agitou contra sua testa. Por cima, a vela rangeu e moveu-se, e de repente irrompeu um grande grito em todo o *Balerion*.

– Vento! – gritavam os marinheiros. – O vento voltou, o *vento*!

Dany olhou para cima, para onde as velas da grande coca ondulavam e se enfunavam enquanto as cordas vibravam, se retesavam e cantavam a doce canção de que tinham sentido tanta falta durante seis longos dias. O capitão Groleo correu para o fundo, gritando ordens. Os pentoshi, aqueles que não estavam soltando vivas, escalavam os mastros. Até Belwas, o Forte, soltou um grande urro e executou uma pequena dança.

– Os deuses são bons! – disse Dany. – Está vendo, Jorah? Vamos de novo a caminho.

– Sim – ele disse –, mas de quê, minha rainha?

O vento soprou durante todo o dia, a princípio constante e de leste, e depois em violentas rajadas. O sol pôs-se num deslumbramento vermelho. *Ainda estou a meio mundo de distância de Westeros*, lembrou Dany a si mesma, *mas a cada hora me aproximo mais*. Tentou imaginar como se sentiria quando vislumbrasse pela primeira vez a terra que nascera para governar. *Será uma costa mais bela que qualquer outra que já tenha visto, eu sei. Como poderia ser de outro modo?*

Mas mais tarde, nessa noite, enquanto o *Balerion* mergulhava adiante através da escuridão e Dany se sentava de pernas cruzadas em seu beliche na cabine do capitão, dando comida aos dragões ("Até no mar", disse Groleo, tão atenciosamente, "as rainhas têm precedência sobre os capitães"), alguém bateu à porta com vivacidade.

Irri estava dormindo aos pés do beliche (era estreito demais para três, e naquela noite era a vez de Jhiqui dividir a macia cama de penas com a sua *khaleesi*), mas a aia ergueu-se ao ouvir o toque e dirigiu-se à porta. Dany puxou uma colcha para cima de si e prendeu-a debaixo dos braços. Estava nua, e não esperava um visitante àquela hora.

– Entre – disse, quando viu Sor Jorah à porta, sob uma lanterna oscilante.

O cavaleiro exilado abaixou a cabeça ao entrar.

– Vossa Graça, lamento perturbar seu sono.

– Não estava dormindo, sor. Entre e observe. – Tirou um pedaço de carne de porco salgada da tigela que tinha no colo e ergueu-o para os dragões verem. Todos os três o olharam com um ar faminto. Rhaegal estendeu asas verdes e agitou o ar, e o pescoço de Viserion balançou de um lado para o outro como uma longa serpente pálida, enquanto seguia o movimento de sua mão. – Drogon – disse Dany em voz baixa –, *dracarys*. – E atirou o pedaço de porco ao ar.

O movimento de Drogon foi mais rápido do que o ataque de uma cobra. Chamas saíram rugindo de sua boca, em laranja, escarlate e negro, torrando a carne antes que começasse a cair. Quando seus afiados dentes negros se fecharam em volta do naco, a cabeça de Rhaegal projetou-se para perto, como que para roubar a recompensa das mandíbulas do irmão, mas Drogon engoliu e guinchou, e o dragão verde, menor, só pôde silvar, frustrado.

– Pare com isso, Rhaegal – disse Dany, aborrecida, dando-lhe uma pancada na cabeça. – Já comeu o último. Não admito dragões gananciosos. – Sorriu para Sor Jorah. – Já não vou precisar esturricar a carne deles num braseiro durante muito mais tempo.

– Vejo que não. *Dracarys*?

Os três dragões viraram as cabeças ao ouvir aquela palavra, e Viserion soltou uma labareda de um dourado claro que fez Sor Jorah dar um apressado passo para trás. Dany soltou um risinho.

– Cuidado com essa palavra, sor, senão é provável que eles chamusquem sua barba. Significa "fogo de dragão" em Alto Valiriano. Quis arranjar um comando que não fosse provável que alguém proferisse por acidente.

Mormont fez um aceno.

– Vossa Graça – disse –, gostaria de saber se posso conversar um pouco com a senhora em particular.

– Claro. Irri, deixe-nos por um instante. – Pôs uma mão no ombro nu de Jhiqui e sacudiu a outra aia até acordá-la. – Você também, querida. Sor Jorah precisa falar comigo.

– Sim, *Khaleesi*. – Jhiqui tombou do beliche, nua e bocejando, com os espessos cabelos negros caindo em volta de sua cabeça. Vestiu-se depressa e saiu com Irri, fechando a porta atrás delas.

Dany deixou os dragões lutarem pelo resto do porco salgado, e deu palmadinhas na cama a seu lado.

– Sente-se, bom sor, e diga-me o que o perturba.

– Três coisas. – Sor Jorah sentou-se. – Belwas, o Forte. Aquele Arstan Barba-Branca. E Illyrio Mopatis, que os enviou.

Outra vez? Dany puxou a colcha mais para cima e passou uma ponta por sobre o ombro.

– E por quê?

– Os magos de Qarth disseram-lhe que seria traída três vezes – lembrou-lhe o cavaleiro exilado, enquanto Viserion e Rhaegal começavam a morder e arranhar um ao outro.

– Uma vez por sangue, uma vez por ouro e uma vez por amor. – Não era provável que Dany se esquecesse. – Mirri Maz Duur foi a primeira.

– O que significa que ainda restam dois traidores... e agora aparecem aqueles dois. Sim, acho isso perturbador. Não se esqueça de que Robert ofereceu uma senhoria ao homem que a matar.

Dany inclinou-se para a frente e deu um puxão na cauda de Viserion, para tirá-lo de cima do irmão verde. A colcha soltou-se de seu corpo quando se mexeu. Agarrou-a apressadamente e voltou a cobrir-se.

– O Usurpador está morto – disse.

– Mas o filho governa em seu lugar. – Sor Jorah ergueu o olhar, e os seus olhos escuros encontraram os dela. – Um filho atencioso paga as dívidas do pai. Até as dívidas de sangue.

– Esse garoto, Joffrey, pode me querer morta... caso se lembre de que estou viva. O que isso tem a ver com Belwas e Arstan Barba-Branca? O velho sequer usa uma espada. Você viu que não.

– Sim. E vi a habilidade com que ele maneja aquele bastão. Lembra-se de como matou aquela mantícora em Qarth? Com a mesma facilidade poderia ter esmagado a sua garganta.

– Poderia ter sido, mas não foi – ela ressaltou. – Era uma mantícora picadora que estava destinada a me matar. Ele salvou minha vida.

– *Khaleesi*, já lhe ocorreu que aquele Barba-Branca e Belwas podiam estar combinados com o assassino? Pode ter sido tudo um estratagema para ganhar a sua confiança.

A súbita gargalhada de Dany fez Drogon silvar e Viserion voar até o seu poleiro, acima da portinhola.

– O estratagema funcionou bem.

O cavaleiro exilado não lhe devolveu o sorriso.

– Estes são navios de Illyrio, capitães de Illyrio, marinheiros de Illyrio... e Belwas, o Forte, e o Barba-Branca também são homens dele, não seus.

– O Magíster Illyrio já me protegeu no passado. Belwas, o Forte, diz que ele chorou quando ouviu dizer que meu irmão estava morto.

– Sim – disse Mormont –, mas terá chorado por Viserys, ou pelos planos que tinha feito com ele?

– Seus planos não precisam mudar. O Magíster Illyrio é um amigo da Casa Targaryen, e é rico...

– Ele não nasceu rico. Do que já vi do mundo, nenhum homem enriquece através da bondade. Os magos disseram que a segunda traição seria por *ouro*. O que é que Illyrio Mopatis ama mais do que ouro?

– A própria pele. – Do outro lado da cabine Drogon agitou-se desassossegadamente, com vapor se erguendo de seu focinho. – Mirri Maz Duur traiu-me. Queimei-a por isso.

– Mirri Maz Duur encontrava-se em seu poder. Em Pentos, você estará em poder de Illyrio. Não é a mesma coisa. Conheço o magíster tão bem quanto você. Ele é um homem desleal, e esperto...

– Preciso me cercar de homens espertos se quiser conquistar o Trono de Ferro.

Sor Jorah fungou.

– Aquele vendedor de vinhos que tentou envenená-la também era um homem esperto. Homens espertos elaboram planos ambiciosos.

Dany puxou as pernas para cima, por baixo do cobertor.

– Você vai me proteger. Você e meus companheiros de sangue.

– Quatro homens? *Khaleesi*, acha que conhece Illyrio Mopatis, muito bem. Mas insiste em se cercar de homens que *não* conhece, como esse eunuco inchado e o mais velho escudeiro do mundo. Aprenda uma lição com Pyat Pree e Xaro Xhoan Daxos.

Ele tem boas intenções, lembrou Dany a si mesma. *Ele faz tudo isso por amor.*

– Parece-me que uma rainha que não confia em ninguém é tão tola quanto uma rainha que confia em todo mundo. Cada homem que

acolho ao meu serviço é um risco, compreendo isso, mas como poderei conquistar os Sete Reinos sem correr esses riscos? Deverei conquistar Westeros com um cavaleiro exilado e três companheiros de sangue dothraki?

O queixo de Sor Jorah retesou-se, teimosamente.

– Seu caminho é perigoso, não nego. Mas se confiar cegamente em todos os mentirosos e conspiradores que o cruzarem, acabará como seus irmãos.

A obstinação dele irritou-a. *Trata-me como a uma criança qualquer*.

– Belwas, o Forte, não conseguiria conspirar para chegar a um café da manhã. E que mentiras me contou Arstan Barba-Branca?

– Ele não é quem finge ser. Fala com você com mais ousadia do que qualquer escudeiro se atreveria.

– Falou francamente sob ordens minhas. Ele conheceu meu irmão.

– Muitos homens conheceram seu irmão. Vossa Graça, em Westeros, o Senhor Comandante da Guarda Real faz parte do pequeno conselho e serve seu rei tanto com a inteligência como com o aço. Se eu sou o primeiro de sua Guarda Real, suplico-lhe, escute-me. Tenho um plano a sugerir.

– Que plano? Conte-me.

– Illyrio Mopatis a quer de volta a Pentos, sob o teto dele. Muito bem, vá até ele... mas em um momento escolhido por você, e acompanhada. Vejamos quão leais e obedientes são realmente esses seus novos súditos. Ordene a Groleo para mudar de rumo e se dirigir à Baía dos Escravos.

Dany não tinha certeza se gostava, mesmo que um tiquinho, de como aquilo soava. Tudo que ouvira falar dos mercados de carne nas grandes cidades de escravos de Yunkai, Meereen e Astapor era terrível e assustador.

– O que há para mim na Baía dos Escravos?

– Um exército – disse Sor Jorah. – Se Belwas, o Forte, lhe agrada tanto assim, podemos comprar mais centenas como ele nas arenas de lutadores de Meereen... mas eu direcionaria minhas velas para Astapor. Em Astapor você pode comprar Imaculados.

– Os escravos com chapéu de bronze com espigão? – Dany tinha visto guardas Imaculados nas Cidades Livres, em posição ao lado dos portões de magísteres, arcontes e dinastas. – Por que eu teria Imaculados? Eles sequer montam a cavalo, e em sua maioria são gordos.

– Os Imaculados que podem ter visto em Pentos e Myr eram guardas domésticos. Isso é serviço leve e, em todo caso, os eunucos tendem a engordar. A comida é o único vício que lhes é permitido. Julgar todos os Imaculados por uns poucos velhos escravos domésticos é como julgar todos os escudeiros por Arstan Barba-Branca, Vossa

Graça. Conhece a história dos *Três Mil de Qohor*?

– Não. – A colcha deslizou do ombro de Dany, e ela voltou a colocá-la no lugar.

– Foi há quatrocentos anos ou mais, quando os dothraki chegaram pela primeira vez do leste, saqueando e incendiando todas as vilas e cidades que encontravam pelo caminho. O *khal* que os liderava chamava-se Temmo. Seu *khalasar* não era tão grande quanto o de Drogo, mas era grande o suficiente. Cinquenta mil, pelo menos, metade dos quais era de guerreiros com campainhas tinindo em suas tranças.

"Os Qohorik sabiam que ele estava a caminho. Fortaleceram as muralhas, duplicaram o tamanho de sua guarda e contrataram ainda duas companhias livres, os Brilhantes Estandartes e os Segundos Filhos. E, quase como uma ideia de última hora, enviaram um homem a Astapor para comprar três mil Imaculados. Mas era uma longa marcha de regresso a Qohor e, quando se aproximaram, viram fumaça e poeira e ouviram o estrondo distante da batalha.

"Quando os Imaculados chegaram à cidade, o sol tinha se posto. Corvos e lobos banqueteavam-se à sombra das muralhas com aquilo que restava da cavalaria pesada de Qohor. Os Brilhantes Estandartes e os Segundos Filhos tinham fugido, como os mercenários costumam fazer quando se defrontam com desvantagens insuperáveis. Com a escuridão caindo, os dothraki tinham se retirado para os seus acampamentos, a fim de beber, dançar e banquetear-se, mas ninguém duvidava de que retornariam de manhã para esmagar as portas da cidade, assaltar as muralhas e violar, saquear e escravizar a seu bel-prazer.

"Mas quando rompeu a alvorada e Temmo e seus companheiros de sangue saíram do acampamento à frente do *khalasar*, foram encontrar três mil Imaculados imóveis diante dos portões, com o estandarte da Cabra Negra esvoaçando sobre as suas cabeças. Uma força tão pequena podia ter sido facilmente flanqueada, mas conhece os dothraki. Aqueles homens estavam a pé, e homens a pé só servem para ser atropelados.

"Os dothraki investiram. Os Imaculados ergueram os escudos, baixaram as lanças, e suportaram. Contra vinte mil homens aos gritos, com campainhas nos cabelos, aguentaram.

"Dezoito vezes os dothraki investiram, e quebraram-se contra aqueles escudos e lanças como ondas em uma costa rochosa. Três vezes Temmo mandou seus arqueiros cercarem os Imaculados, e flechas choveram como chuva sobre eles, mas os Três Mil limitaram-se a erguer os escudos sobre a cabeça até a tempestade passar. Por fim, só restaram seiscentos deles... mas mais de doze mil dothraki jaziam mortos naquele campo de batalha, incluindo Khal Temmo, seus

companheiros de sangue, seus *kos* e todos os seus filhos. Na manhã do quarto dia, o novo *khal* levou os sobreviventes em uma imponente procissão junto aos portões da cidade. Um por um, todos os homens cortaram as tranças e arremessaram-nas aos pés dos Três Mil.

"Desde esse dia, a guarda urbana de Qohor é composta unicamente de Imaculados, e todos usam uma grande lança, da qual pende uma trança de cabelo humano.

"Isto é o que encontrará em Astapor, Vossa Graça. Acoste lá, e prossiga até Pentos por terra. Levará mais tempo, sim... mas quando dividir a mesa com o Magíster Illyrio, terá mil espadas atrás de si, e não apenas quatro."

Sim, há sabedoria nisso, pensou Dany, *mas…*

– Como posso comprar mil soldados escravos? Tudo que tenho de valor é a coroa que a Irmandade Turmalina me deu.

– Os dragões serão uma maravilha tão grande em Astapor como foram em Qarth. Pode ser que os negociantes de escravos façam chover presentes sobre você, como os qartenos fizeram. Se não... estes navios transportam mais do que os seus dothraki e seus cavalos. Embarcaram mercadoria em Qarth, eu percorri os porões e vi-a com meus próprios olhos. Rolos de seda e fardos de pele de tigre, esculturas em âmbar e jade, açafrão, mirra... os escravos são baratos, Vossa Graça. Peles de tigre são caras.

– Essas peles de tigre são de *Illyrio* – ela objetou.

– E Illyrio é um amigo da Casa Targaryen.

– Mais um motivo para não roubar sua mercadoria.

– Para que servem os amigos ricos se não puserem a sua riqueza ao seu dispor, minha rainha? Se o Magíster Illyrio lhe negar isso, é apenas um Xaro Xhoan Daxos com quatro queixos. E se for sincero em sua devoção à sua causa, não se mostrará relutante em dar-lhe três navios carregados de mercadoria. Que melhor uso poderá haver para as suas peles de tigre do que comprar o início de um exército para você?

Isso é verdade. Dany sentiu uma excitação crescente.

– Haverá perigos numa marcha tão longa.

– Também há perigos no mar. Corsários e piratas percorrem a rota sul e, ao norte de Valíria, o Mar Fumegante é assombrado por demônios. A próxima tempestade pode nos afundar ou nos dispersar, uma lula gigante pode nos puxar para o fundo... ou podemos nos perder de novo numa calmaria, e morrer de sede enquanto esperamos pelo vento. Uma marcha terá perigos diferentes, minha rainha, mas nenhum será maior.

– Mas e se o capitão Groleo recusar a mudança de rota? E Arstan e Belwas, o Forte, o que farão?

Sor Jorah levantou-se.

– Talvez seja hora de descobrir.

– Sim – decidiu ela. – Farei isso! – Dany atirou a colcha para trás e saltou do beliche. – Vou já falar com o capitão, ordenar-lhe que marque uma rota para Astapor. – Dobrou-se sobre o seu baú, abriu a tampa e pegou a primeira roupa que encontrou, um par de calças largas de sedareia. – Dê-me o meu cinto de medalhões – ordenou a Jorah enquanto puxava a sedareia sobre as coxas. – E o meu colete... – começou a dizer, virando-se.

Sor Jorah deslizou os braços em volta dela.

– Oh – foi tudo o que Dany teve tempo de dizer quando ele a puxou e pressionou os lábios contra os dela. Cheirava a suor, sal e couro, e os rebites de ferro em seu justilho enterraram-se nos seus seios nus quando ele a apertou com força contra si. Uma mão prendeu-a pelos ombros enquanto a outra deslizou ao longo da espinha até a base das costas, e a boca de Dany abriu-se para deixar entrar a língua dele, embora ela não lhe tivesse dito para fazer isso. *A barba dele arranha*, pensou, *mas a boca é suave*. Os dothraki não usavam barba, tinham apenas longos bigodes, e antes só Khal Drogo a beijara. *Ele não devia estar fazendo isso. Sou sua rainha, não sua mulher.*

Foi um beijo longo, embora Dany não soubesse dizer quão longo. Quando terminou, Sor Jorah largou-a, e ela deu um passo rápido para trás.

– Você... você não devia...

– Eu não devia ter esperado tanto tempo – concluiu o cavaleiro. – Devia tê-la beijado em Qarth, em Vaes Tolorro. Devia tê-la beijado no deserto vermelho, todas as noites e todos os dias. Foi feita para ser beijada, sempre e bem. – Os olhos dele estavam fixos em seus seios.

Dany cobriu-os com as mãos, antes que os mamilos a traíssem.

– Eu... isso não foi certo. Sou sua rainha.

– Minha rainha – disse ele – e a mais corajosa, mais doce e mais bela mulher que eu já vi. Daenerys...

– *Vossa Graça!*

– Vossa Graça – concedeu ele –, *o dragão tem três cabeças*, lembra? Tem refletido sobre essa frase desde que a ouviu dos feiticeiros na Casa da Poeira. Bem, aqui está o significado: Balerion, Meraxes e Vhagar, montados por Aegon, Rhaenys e Visenya. O dragão de três cabeças da Casa Targaryen... três dragões e *três cavaleiros*.

– Sim – disse Dany –, mas meus irmãos estão mortos.

– Rhaenys e Visenya eram esposas de Aegon, além de serem suas irmãs. Não tem irmãos, mas pode ter maridos. E digo-lhe com franqueza, Daenerys, não há outro homem no mundo inteiro que tenha por você nem metade da fidelidade que eu tenho.

Bran

A cadeia de montes projetava-se vivamente da terra, uma longa dobra de pedra e solo com a forma de uma garra. Árvores agarravam-se às suas vertentes inferiores, pinheiros, espinheiros e freixos, mas mais acima o terreno era nu, e a linha de cumeada definia-se bem contra o céu enevoado.

Sentiu que os rochedos elevados o chamavam. E lá subiu, a princípio a um trote fácil, e depois mais depressa e mais alto, devorando o declive com as fortes patas. Aves saltavam dos galhos por cima de sua cabeça quando passava por baixo correndo, abrindo caminho para o céu numa confusão de garras e asas. Conseguia ouvir o vento suspirar por entre as folhas, os esquilos chilreando uns para os outros, até o ruído que uma pinha fez ao cair no chão da floresta. Os cheiros eram uma canção à sua volta, uma canção que enchia o belo mundo verde.

Cascalho voou de debaixo de suas patas quando conquistou os últimos metros e chegou ao cume. O sol pendia, baixo, sobre os grandes pinheiros, enorme e vermelho, e por baixo dele as árvores e os montes prolongavam-se até perder de vista ou de odor. Muito acima, uma pipa voava em círculos, uma mancha escura contra o céu cor-de-rosa.

Príncipe. O som-de-homem entrou subitamente em sua cabeça, e no entanto ele conseguia sentir que aquilo estava certo. *Príncipe do verde, príncipe da mata de lobos*. Era forte, rápido e feroz, e tudo que vivia no belo mundo verde tinha medo dele.

Muito embaixo, na base da floresta, algo se moveu por entre as árvores. Uma imagem cinza, apenas vislumbrada e logo desaparecida, mas o suficiente para levá-lo a erguer as orelhas. Lá embaixo, ao lado de um riacho rápido e verde, outra silhueta surgiu e desapareceu, correndo. *Lobos*, compreendeu. Seus primos pequenos, à caça de alguma presa. Agora o príncipe via mais, sombras sobre velozes patas cinzentas. *Uma matilha*.

Ele também tivera uma matilha antes. Tinham sido cinco, e um sexto que ficava de lado. Em algum lugar, bem fundo em seu íntimo, alojavam-se os sons que os homens lhes tinham dado para distinguir-los uns dos outros, mas não era pelos sons que os conhecia. Lembrava-se de seus odores, dos odores de seus irmãos e irmãs. Todos tinham odores parecidos, cheiravam a *matilha*, mas cada um deles também era diferente.

O príncipe sentia que o irmão zangado com os quentes olhos verdes estava próximo, embora não o visse já havia muitas caçadas. Mas com cada sol que se punha, ele distanciava-se mais, e tinha sido o

último. Os outros estavam muito espalhados, como folhas sopradas pelo vento forte.

Mas às vezes conseguia senti-los, como se ainda estivessem com ele, escondidos de sua vista apenas por um pedregulho ou um pequeno bosque. Não era capaz de cheirá-los, nem de ouvir seus uivos noturnos, mas sentia a presença deles atrás de si... todos menos a irmã que tinham perdido. Sua cauda abaixava quando se lembrava dela. *Agora quatro, não cinco. Quatro e mais um, o branco que não tem voz*.

Aquela floresta pertencia a eles, as vertentes nevadas e os montes pedregosos, os grandes pinheiros verdes e carvalhos de folhas douradas, os impetuosos riachos e lagos azuis, emoldurados por dedos de gelo branco. Mas a irmã tinha abandonado as regiões selvagens para caminhar nos salões da rocha-de-homem, onde outros caçadores governavam, e, uma vez dentro desses salões, era difícil encontrar o caminho de volta. O príncipe lobo lembrava-se.

O vento mudou subitamente.

Veado, e medo, e sangue. O odor da presa despertou sua fome. O príncipe voltou a farejar o ar, virando-se, e então partiu, saltando ao longo da cumeada com a boca entreaberta. A outra vertente da serra era mais inclinada do que aquela por onde tinha subido, mas correu, com segurança, sobre pedras, raízes e folhas em putrefação, pela encosta abaixo e através das árvores, devorando o terreno em longas passadas. O cheiro o atraía, cada vez mais depressa.

A corça estava no chão e morria quando chegou até ela, cercada por oito de seus primos menores e cinza. As cabeças da matilha tinham começado a se alimentar, primeiro o macho e depois a sua fêmea, rasgando em turnos a carne da barriga vermelha da presa. Os outros esperavam pacientemente, todos menos a cauda da matilha, que vagueava num círculo cuidadoso, a alguns passos dos restantes, com a própria cauda entre as pernas. Seria o último animal a comer, e comeria o que quer que os irmãos lhe deixassem.

O príncipe estava contra o vento, e os lobos não o detectaram até saltar para cima de um tronco caído a seis passos do local onde se alimentavam. A cauda foi a primeira a vê-lo, soltou um ganido de dar dó, e escapuliu para longe. Os irmãos da matilha viraram-se ao ouvir o ruído e mostraram os dentes, rosnando, todos menos as cabeças macho e fêmea.

O lobo gigante respondeu aos rosnidos com um grave rugido de aviso e lhes mostrou os dentes. Era maior do que os primos, com duas vezes o tamanho da magra cauda e vez e meia o dos dois líderes da matilha. Saltou para o meio deles, e três fugiram, fundindo-se com o arvoredo. Outro atacou-o, mordendo. Enfrentou diretamente o ataque, abocanhou a perna do lobo e atirou-o para o lado, ganindo e coxeando.

E então restava apenas a cabeça a enfrentar, o grande macho cinza com o focinho ensanguentado, recém-saído de dentro da macia barriga da presa. Havia também pelos brancos em seu focinho, que o identificava como um lobo velho, mas quando sua boca se abriu, uma saliva vermelha escorreu de seus dentes.

Ele não tem medo, pensou o príncipe, *não tem mais medo do que eu*. Seria uma boa luta. Atiraram-se um contra o outro.

Lutaram longamente, rolando juntos sobre raízes, pedras, folhas caídas e as entranhas espalhadas da presa, rasgando o pelo um do outro com dentes e garras, separando-se, rodeando-se e voltando a saltar para a luta. O príncipe era maior, e muito mais forte, mas o primo tinha uma matilha. A fêmea caminhava por perto, em volta deles, farejando e rosnando, e interpunha-se sempre que seu companheiro se afastava com um novo ferimento. De tempos em tempos, os outros lobos também intervinham, mordendo uma perna ou uma orelha quando o príncipe estava virado para o outro lado. Um deles irritou-o tanto que se virou numa fúria negra e rasgou a garganta do atacante. Depois disso, os outros mantiveram-se a distância.

E na hora em que a última luz se filtrava através de ramos verdes e dourados, o lobo velho deitou-se cansado na terra e rolou para expor a garganta e a barriga. Era a submissão.

O príncipe farejou-o e lambeu o sangue do pelo e da carne rasgada. Quando o lobo velho soltou um suave ganido, o lobo gigante afastou-se. Tinha agora muita fome, e a presa era sua.

– Hodor.

O súbito som fez com que parasse e rosnasse. Os lobos olharam-no com olhos verdes e amarelos, brilhando com a última luz do dia. Nenhum deles tinha ouvido aquilo. Era um estranho vento que soprava apenas em seus ouvidos. Enterrou os dentes na barriga da corça e rasgou um pedaço de carne.

– Hodor, hodor.

Não, pensou. *Não, não quero*. Era um pensamento de garoto, não de lobo gigante. A floresta escureceu ao seu redor, até só restarem as sombras das árvores, e os clarões dos olhos dos primos. E *através* deles e atrás desses olhos, viu o rosto sorridente de um homem grande, e uma adega de pedra, cujas paredes estavam manchadas de salitre. O rico e quente sabor do sangue desvaneceu-se em sua boca. *Não, não, não, quero comer, quero comer, quero...*

– Hodor, hodor, hodor, hodor, hodor – cantarolou Hodor enquanto o sacudia suavemente pelos ombros, de um lado para o outro, de um lado para o outro. Estava tentando ser gentil, tentava sempre, mas Hodor tinha dois metros e dez de altura e era mais forte do que pensava, e suas enormes mãos faziam os dentes de Bran

tremer.

– *NÃO!* – gritou, zangado. – Hodor, largue-me, estou aqui, estou *aqui*.

Hodor parou, parecendo desconcertado.

– Hodor?

A floresta e os lobos tinham desaparecido. Bran estava outra vez de volta à úmida adega de uma antiga torre de vigia qualquer que devia ter sido abandonada havia milhares de anos. Agora não era bem uma torre. As pedras caídas estavam mesmo tão cobertas de musgo e hera que quase não se viam até se estar bem em cima delas. Bran tinha chamado o lugar de Torre Arruinada; mas fora Meera quem encontrara a descida para a adega.

– Esteve longe tempo demais. – Jojen Reed tinha treze anos, era só quatro mais velho do que Bran. Jojen também não era muito maior do que ele, não mais do que cinco centímetros, ou talvez seis, mas tinha uma maneira solene de falar que fazia com que parecesse mais velho e mais sábio do que realmente era. Em Winterfell, a Velha Ama o chamara de "pequeno avô".

Bran franziu a testa para ele.

– Queria comer.

– Meera voltará em breve com o jantar.

– Estou farto de rãs. – Meera era uma papa-rãs do Gargalo, por isso Bran supunha que não podia realmente *culpá-la* por apanhar tantas rãs, mesmo assim... – Queria comer a corça. – Por um momento, recordou o seu gosto, o sangue e a carne rica e crua, e sua boca encheu-se de água. *Ganhei a luta pela presa. Ganhei*.

– Marcou as árvores?

Bran corou. Jojen andava sempre lhe dizendo para fazer coisas quando abria o terceiro olho e colocava a pele de Verão. Arranhar a casca de uma árvore, ou pegar um coelho e trazê-lo na boca, ainda inteiro, empurrar algumas pedras para formar uma fila. *Coisas estúpidas*.

– Esqueci – disse.

– Você esquece sempre.

Era verdade. Ele pretendia fazer as coisas que Jojen pedia, mas assim que era lobo elas nunca pareciam importantes. Havia sempre coisas para ver e cheirar, um mundo verde inteiro onde caçar. E podia *correr*! Não havia nada melhor do que correr, exceto correr atrás de uma presa.

– Eu era um príncipe, Jojen – disse ele ao garoto mais velho. – Era o príncipe da floresta.

– Você é um príncipe – lembrou-lhe Jojen com suavidade. – Lembra-se disso, não é verdade? Diga-me quem é.

– Você *sabe*. – Jojen era seu amigo e professor, mas às vezes só

tinha vontade de bater nele.

– Quero que diga as palavras. Diga-me quem é.

– Bran – ele falou, sem vontade. *Bran, o Quebrado*. – Brandon Stark. – *O menino aleijado*. – O Príncipe de Winterfell. – Do Winterfell incendiado e em ruínas, de seu povo disperso e assassinado. Os jardins de vidro estavam destruídos, e jorrava água quente das paredes rachadas, fumegando ao sol. *Como se pode ser príncipe de um lugar que possivelmente nunca mais se verá?*

– E quem é o Verão? – perguntou Jojen.

– Meu lobo gigante. – Sorriu. – Príncipe do verde.

– Bran, o garoto, e Verão, o lobo. São, então, dois?

– Dois – suspirou – e um só. – Detestava Jojen quando ficava assim estúpido. *Em Winterfell queria que eu sonhasse os sonhos de lobo, e agora que sei como sonhá-los está sempre me chamando de volta*.

– Lembre-se disso, Bran. Lembre-se de *si*, senão o lobo vai consumi-lo. Quando se juntam, não basta correr, caçar e uivar na pele de Verão.

Para mim, basta, pensou Bran. Gostava mais da pele de Verão do que da sua. *De que serve ser um troca-peles, se não se pode usar a pele que quiser?*

– Vai se lembrar? E da próxima vez, marque a árvore. Qualquer árvore, não importa qual, desde que o faça.

– Eu marcarei. Vou me lembrar. Podia voltar e fazer isso agora, se quiser. Dessa vez não me esquecerei. – *Mas primeiro como a minha corça, e luto mais um pouco com aqueles pequenos lobos*.

Jojen balançou a cabeça.

– Não. É melhor que fique e coma. Com a sua boca. Um *warg* não pode viver daquilo que seu animal consome.

Como é que você sabe?, pensou Bran, com ressentimento. *Nunca foi um* warg*, não sabe como é.*

De repente, Hodor ficou em pé, quase batendo com a cabeça no teto abobadado.

– HODOR! – gritou, correndo para a porta. Meera abriu-a antes de ele alcançá-la e entrou no refúgio do grupo. – Hodor, hodor – disse o enorme cavalariço, sorrindo.

Meera Reed tinha dezesseis anos, era uma mulher-feita, mas não era mais alta do que o irmão. “Todos os cranogmanos são pequenos”, ela havia dito um dia a Bran, quando lhe perguntara por que não era mais alta. De cabelos castanhos, olhos verdes, e reta como um rapaz, caminhava com uma graça flexível que Bran só podia observar e invejar. Meera usava uma adaga longa e afiada, mas a sua maneira preferida de lutar era com uma esguia lança de três dentes para caçar rãs numa mão e uma rede na outra.

– Quem tem fome? – perguntou ela, erguendo a caça que trazia:

duas pequenas trutas prateadas e seis gordas rãs verdes.

– Eu tenho – disse Bran. *Mas não de rãs*. Em Winterfell, antes de terem acontecido todas as coisas más, os Walder costumavam dizer que comer rãs deixava os dentes verdes e fazia crescer musgo debaixo dos braços. Perguntou a si mesmo se os Walder estariam mortos. Não tinha visto seus cadáveres em Winterfell... mas foram *muitos* cadáveres, e não tinham procurado dentro das construções.

– Nesse caso, teremos de lhe dar comida. Me ajuda a limpar a caça, Bran?

Ele assentiu. Era difícil se aborrecer com Meera. Ela era muito mais alegre do que o irmão e parecia sempre saber como fazê-lo sorrir. Nada nunca a assustava ou a fazia se zangar. *Bem, exceto Jojen, às vezes...* Jojen Reed conseguia assustar quase qualquer um. Vestia-se todo de verde, tinha olhos escuros como musgo e sonhos verdes. Aquilo que Jojen sonhava tornava-se realidade. *Exceto que sonhou que eu morria, e não morri.* Mas tinha morrido, de certo modo.

Jojen mandou Hodor buscar lenha e fez uma pequena fogueira, enquanto Bran e Meera limpavam os peixes e as rãs. Usaram o elmo de Meera como panela, cortando a caça em pequenos cubos e juntando um pouco de água a ela e algumas cebolas silvestres, que Hodor achara, para fazer um guisado de rãs. Enquanto comia, Bran decidiu que não era tão bom quanto corça, mas também não era ruim.

– Obrigado, Meera – disse. – Minha Senhora.

– Não tem de quê, Vossa Graça.

– De manhã – anunciou Jojen –, é melhor que prossigamos.

Bran viu Meera ficar tensa.

– Teve um sonho verde?

– Não – admitiu o irmão.

– Então por que temos de ir embora? – quis saber a irmã. – A Torre Arruinada é um bom lugar para nós. Não há aldeias por perto, a floresta está cheia de caça, há peixe e rãs nos riachos e lagos... quem é que vai nos encontrar aqui?

– Este não é o lugar em que devemos estar.

– Mas é seguro.

– Parece seguro, eu sei – disse Jojen –, mas por quanto tempo? Houve uma batalha em Winterfell, vimos os mortos. Batalhas significam guerras. Se algum exército nos pegar desprevenidos...

– Podia ser o exército de Robb – disse Bran. – Robb voltará em breve do sul, eu sei que sim. Ele voltará com todos os seus vassalos e botará os homens de ferro para correr.

– Seu meistre não disse nada de Robb quando o encontramos à beira da morte – recordou-lhe Jojen. – *Homens de ferro na Costa Pedregosa*, ele disse, e: *a leste, o Bastardo de Bolton*. Fosso Cailin e Bosque Profundo caíram, o herdeiro de Cerwyn morreu, tal como o

castelão de Praça de Torrhen. *Guerra por todo o lado*, disse ele, *cada homem contra o vizinho*.

– Já fizemos esse caminho antes – disse a irmã. – Você quer seguir na direção da Muralha e de seu corvo de três olhos. Isso está muito certo, mas a Muralha fica muito longe e Bran não tem outras pernas que não sejam as de Hodor. Se estivéssemos a cavalo...

– Se fôssemos águias, poderíamos voar – disse Jojen em tom cortante –, mas não temos asas, assim como não temos cavalos.

– Há cavalos que podemos obter – disse Meera. – Até mesmo nas profundezas da mata de lobos há lenhadores, caseiros, caçadores. Alguns devem ter cavalos.

– E se tiverem, vamos roubá-los? Somos ladrões? A última coisa de que precisamos é de homens nos perseguindo.

– Poderíamos comprá-los – disse ela. – Negociar por eles.

– Olhe para nós, Meera. Um rapaz aleijado com um lobo gigante, um gigante simplório e dois cranogmanos a mil léguas do Gargalo. *Seremos reconhecidos*. E a notícia vai se espalhar. Enquanto Bran permanecer morto, estará a salvo. Vivo, transforma-se numa presa para todos os que o querem morto de verdade e para sempre. – Jojen dirigiu-se à fogueira para avivar as brasas com um graveto. – Em algum ponto, ao norte, o corvo de três olhos nos espera. Bran precisa de um professor mais sábio do que eu.

– Como, Jojen? – perguntou a irmã. – *Como?*

– A pé – respondeu ele. – Um passo de cada vez.

– A estrada de Água Cinzenta até Winterfell nunca mais acabava, e nós estávamos montados. Você quer que percorramos um caminho mais longo a pé, sem sequer sabermos onde termina. Para lá da Muralha, você diz. Não estive lá, assim como você, mas sei que Para-lá-da-Muralha é um lugar grande, Jojen. Há muitos corvos com três olhos ou só há um? Como é que o encontramos?

– Ele talvez nos encontre.

Antes que Meera pudesse pensar em uma resposta, ouviram o som; o uivo distante de um lobo, ecoando na noite.

– Verão? – perguntou Jojen, escutando.

– Não. – Bran conhecia a voz de seu lobo gigante.

– Tem certeza? – perguntou o pequeno avô.

– Absoluta. – Naquele dia, Verão tinha se afastado muito, e não voltaria antes da alvorada. *Jojen talvez sonhe verde, mas não distingue um lobo de um lobo gigante*. Perguntou a si mesmo por que motivo todos escutavam tanto Jojen. Não era um príncipe como Bran, nem era grande e forte como Hodor, nem tão bom caçador quanto Meera, e, no entanto, de algum modo, era sempre Jojen quem lhes dizia o que fazer.

– Deveríamos roubar cavalos, como Meera quer – disse Bran –, e

ir até os Umber, lá em cima na Última Lareira. – Refletiu por um momento. – Ou podíamos roubar um barco e descer o Faca Branca até a cidade de Porto Branco. É aquele gordo do Lorde Manderly que governa lá, ele foi amigável na festa das colheitas. Queria construir navios. Talvez tenha construído alguns, e poderíamos navegar até Correrrio e trazer Robb para casa com todo o seu exército. Então não importaria quem soubesse que eu estou vivo. Robb não deixaria que alguém nos fizesse mal.

– Hodor! – exclamou Hodor. – Hodor, hodor.

Mas ele foi o único que gostou do plano de Bran. Meera limitou-se a sorrir para ele e Jojen franziu a testa. Nunca escutavam o que ele queria, apesar de Bran ser um Stark e, além disso, um príncipe, e os Reed do Gargalo serem vassalos dos Stark.

– Hoooodor – disse Hodor, se balançando. – Hooooooodor, hooooooooodor, hoDOR, hoDOR, hoDOR. – Às vezes gostava de fazer aquilo, dizer o seu nome de diversas maneiras, uma vez, e outra, e outra. Outras vezes, ficava tão calado que dava para esquecer que ele estava ali. Com Hodor nunca se sabia. – *HODOR, HODOR, HODOR!* – gritou.

Ele não vai parar, compreendeu Bran.

– Hodor – disse –, por que não vai até lá fora treinar com a espada?

O cavalariço tinha se esquecido de sua espada, mas agora se lembrara.

– Hodor! – exclamou. Foi buscar a arma.

Tinham três espadas mortuárias que trouxeram das criptas de Winterfell quando Bran e o irmão Rickon se esconderam dos homens de ferro de Theon Greyjoy. Bran ficou com a espada do tio Brandon; Meera, com aquela que encontrara sobre os joelhos do avô, Lorde Rickard. A lâmina de Hodor era muito mais velha, um enorme e pesado pedaço de ferro, embotado por séculos de negligência e cheio de pontos de ferrugem. Podia passar horas e horas a brandi-la. Perto das pedras tombadas, havia uma árvore apodrecida que ele tinha quase desfeito em pedaços.

Mesmo depois de o gigante sair conseguiam ouvi-lo através das paredes, berrando "HODOR!" enquanto lançava estocadas e dava pancadas em sua árvore. Felizmente, a mata de lobos era enorme, e não era provável que houvesse alguém por perto para ouvir.

– Jojen, o que você quis dizer com aquilo do professor? – perguntou Bran. – Meu professor *é você*. Sei que não cheguei a marcar a árvore, mas marco da próxima vez. Meu terceiro olho está aberto, como você queria...

– Está tão escancarado que temo que possa cair através dele, e viver o resto de seus dias como um lobo na floresta.

– Não cairei, prometo.

– O garoto promete. O lobo vai se lembrar? Corre com o Verão, caça com ele, mata com ele... mas se curva mais à vontade dele do que ele se curva à sua.

– Eu só me esqueço – protestou Bran. – Só tenho nove anos. Serei melhor quando for mais velho. Nem mesmo Florian, o Bobo, e o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, eram grandes guerreiros quando tinham *nove anos*.

– Isso é verdade – disse Jojen – e seria uma coisa sensata a dizer, se os dias ainda fossem mais longos... mas não são. É uma criança de verão, eu sei. Diga-me o lema da Casa Stark.

– *O Inverno está chegando*. – Bastava dizê-lo para que Bran sentisse frio.

Jojen acenou solenemente com a cabeça.

– Sonhei com um lobo alado, preso à terra por correntes de pedra, e fui a Winterfell para libertá-lo. Já não tem as correntes, mas ainda não voa.

– Então me ensina *você*. – Bran ainda temia o corvo de três olhos que às vezes assombrava seus sonhos, bicando sem parar a pele entre os seus olhos e dizendo-lhe para voar. – É um vidente verde.

– Não – disse Jojen –, sou só um garoto com sonhos. Os videntes verdes eram mais do que isso. Eram também *wargs*, assim como *você*, e os maiores de todos podiam usar a pele de *qualquer* animal que voasse, nadasse ou caminhasse, e eram também capazes de olhar através dos olhos dos represeiros, e de ver a verdade que está por trás do mundo.

"Os deuses concedem muitos dons, Bran. Minha irmã é uma caçadora. Foi-lhe dada a capacidade de correr com rapidez e de ficar tão imóvel que parece ter desaparecido. Tem ouvidos e olhos aguçados, uma mão firme com a rede e a lança. Sabe respirar lama e voar entre as árvores. Eu não seria mais capaz de fazer essas coisas do que você. A mim, os deuses deram os sonhos verdes, e a você... você poderia ser mais do que eu, Bran. É o lobo alado, e não há como dizer quão longe ou alto poderia voar... se tivesse alguém que lhe ensinasse. Como eu poderia ajudá-lo a dominar um dom que não compreendo? No Gargalo, recordamos os Primeiros Homens, e os filhos da floresta, que eram seus amigos... mas tanto foi esquecido, e houve tanto que nunca soubemos."

Meera pegou na mão de Bran.

– Se ficarmos aqui, sem incomodar ninguém, ficará a salvo até que a guerra termine. Mas não aprenderá, exceto o que meu irmão pode lhe ensinar, e você ouviu o que ele disse. Se deixarmos este lugar para procurar refúgio na Última Lareira ou Para-lá-da-Muralha, arriscamo-nos a ser capturados. Você é apenas um garoto, eu sei, mas

também é o nosso príncipe, o filho de nosso senhor e o verdadeiro herdeiro de nosso rei. Juramos lealdade a você em nome da terra e da água, do bronze e do ferro, do gelo e do fogo. O risco é seu, Bran, tal como o dom. A escolha também deve ser sua, creio eu. Somos seus servos e estamos às suas ordens. – Ela sorriu. – Pelo menos nisso.

– Quer dizer – disse Bran – que vão fazer o que *eu* disser? Mesmo?

– Sim, meu príncipe – respondeu a garota –, portanto, reflita bem.

Bran tentou pensar em todos os detalhes, como o pai poderia ter feito. Os tios do Grande-Jon, Hother Terror-das-Rameiras e Mors Papa-Corvos, eram homens violentos, mas achava que se mostrariam leais. E os Karstark, eles também. O pai dizia sempre que Karhold era um castelo forte. *Estaríamos a salvo com os Umber ou os Karstark.*

Ou podiam ir para sul, até o gordo Lorde Manderly. Em Winterfell, ele riu muito, e nunca pareceu olhar para Bran com piedade demais, como faziam os outros senhores. O Castelo Cerwyn ficava mais perto do que Porto Branco, mas Meistre Luwin havia dito que Cley Cerwyn estava morto. *Os Umber, os Karstark e os Manderly também podem estar mortos*, compreendeu. Tal como ele ficaria, se fosse pego pelos homens de ferro ou pelo Bastardo de Bolton.

Se ficassem ali, escondidos por baixo da Torre Arruinada, ninguém os encontraria. Permaneceria vivo. *E aleijado*.

Bran percebeu que estava chorando. *Bebê imbecil*, pensou consigo mesmo. Fosse para onde fosse, para Karhold, para Porto Branco ou para a Atalaia da Água Cinzenta, seria um aleijado quando lá chegasse. Fechou as mãos em punho.

– Quero voar – disse-lhes. – Por favor. Levem-me ao corvo.

Davos

Quando subiu ao convés, a longa ponta de Derivamarca diminuía atrás deles, enquanto, adiante, Pedra do Dragão se erguia do mar. Um pálido fiapo cinzento de fumaça era soprado do topo da montanha, marcando o local onde ficava a ilha. *O Monte Dragão está agitado hoje*, pensou Davos, *ou então é Melisandre que está queimando mais alguém.*

Melisandre ocupara muito os seus pensamentos enquanto o *Dança de Shayala* abria caminho pela Baía da Água Negra e atravessava a Goela, manobrando contra perversos ventos contrários. O grande incêndio que ardia no topo da torre de vigia de Ponta Aguda, na extremidade do Gancho de Massey, tinha feito Davos se lembrar do rubi que ela usava no pescoço, e de quando o mundo ficava vermelho de madrugada e ao pôr do sol, as nuvens que pairavam no céu ganhavam a mesma cor que as sedas e os cetins de seus vestidos sussurrantes.

Ela também estaria à espera em Pedra do Dragão, à espera com toda a sua beleza e todo o seu poder, com o seu deus, as suas sombras e o rei dele. A sacerdotisa vermelha parecera sempre ser leal a Stannis, até agora. *Ela domou-o, do mesmo modo que um homem doma um cavalo. Subiria ao poder montada nele se pudesse, e por isso entregou meus filhos ao fogo. Vou arrancar o coração de seu peito e ver como queima*. Tocou o cabo da boa e longa adaga lisena que o capitão tinha lhe oferecido.

O capitão fora muito gentil com ele. Chamava-se Khorane Sathmantes, era liseno como Salladhor Saan, a quem o navio pertencia. Tinha os olhos azul-claros como os que se via com frequência em Lys, incrustados num rosto ossudo e desgastado pelas intempéries, mas passara muitos anos negociando nos Sete Reinos. Quando soube que o homem que resgatara do mar era o afamado cavaleiro das cebolas, cedeu-lhe o uso da própria cabine e de suas roupas e um par de botas novas que quase lhe serviam. Também insistiu que Davos consumisse de suas provisões, embora isso não tenha dado muito certo. O estômago do antigo contrabandista não conseguiu tolerar os caracóis, as lampreias e outros ricos alimentos que o capitão Khorane tanto apreciava, e depois de sua primeira refeição à mesa do capitão passou o resto do dia com uma extremidade ou a outra projetada sobre a amurada.

Pedra do Dragão crescia a cada remada. Agora, Davos já conseguia ver a forma da montanha e, em seu flanco, a notável cidadela negra com suas gárgulas e torres em forma de dragão. A figura de proa, feita de bronze, à frente do *Dança de Shayala* atirava ao ar asas de espuma salgada ao cortar as ondas. Ele encostou seu peso à

amurada, grato pelo apoio. A provação pela qual havia passado enfraquecera-o. Quando ficava muito tempo em pé, as pernas fraquejavam, e às vezes era dominado por incontroláveis ataques de tosse e escarrava muco ensanguentado. *Não é nada*, dizia a si mesmo. *Certamente os deuses não me fizeram atravessar, a salvo, o fogo e o mar para depois me matarem de doença*.

Enquanto escutava o bater do tambor do mestre dos remadores, o ruído das velas e o respingar e ranger rítmicos dos remos, recordou seus dias de juventude, quando os mesmos sons despertavam terror em seu coração em muitas manhãs de nevoeiro. Anunciavam a aproximação da patrulha marítima do velho Sor Tristimun, e a patrulha marítima significava a morte para os contrabandistas na época em que Aerys Targaryen ocupava o Trono de Ferro.

Mas isso foi em outra vida, pensou. *Isso foi antes do navio das cebolas, antes de Ponta Tempestade, antes de Stannis encurtar meus dedos. Isso foi antes da guerra e do cometa vermelho, antes de eu ser um Seaworth ou um cavaleiro. Nesses dias, era um homem diferente, antes de Lorde Stannis ter me erguido bem alto.*

O capitão Khorane lhe contara sobre o fim das esperanças de Stannis na noite em que o rio ardeu. Os Lannister tinham-no atacado pelo flanco, e seus instáveis vassalos o abandonaram às centenas no momento de maior necessidade.

– Também foi vista a sombra do Rei Renly – dissera o capitão – matando à esquerda e à direita enquanto liderava a vanguarda do lorde leão. Dizem que sua armadura verde tomou um brilho fantasmagórico por causa do fogovivo e que seus chifres soltavam labaredas douradas.

A sombra de Renly. Davos perguntou a si mesmo se seus filhos também regressariam como sombras. Tinha visto coisas estranhas em excesso no mar para afirmar que não existiam fantasmas.

– Ninguém se manteve fiel? – perguntara.

– Uns poucos – disse o capitão. – A família da rainha, principalmente. Levamos muitos que usavam a raposa e as flores, embora muitos mais tivessem sido deixados em terra, exibindo todos os tipos de símbolos. Lorde Florent agora é Mão do Rei em Pedra do Dragão.

A montanha crescia, coroada por fumaça pálida. A vela cantava, o tambor batia, os remos puxavam suavemente, e, não muito mais tarde, a entrada para o porto abria-se à frente deles. *Tão vazio*, pensou Davos, lembrando-se de como fora antes, com os navios enchendo todos os cais e balançando, ancorados, fora do quebra-mar. Via o navio almirante de Salladhor Saan, *Valiriana*, atracado ao cais onde antes o *Fúria* e seus irmãos estiveram amarrados. Os navios que o ladeavam também possuíam cascos lisenos rajados. Procurou, em vão,

por qualquer sinal do *Senhora Marya* ou do *Espectro*.

Arriaram a vela ao entrarem no porto, para atracarem apenas com a força dos remos. O capitão veio encontrar Davos no momento em que amarravam o navio.

– Meu príncipe deseja vê-lo imediatamente.

Um ataque de tosse dominou Davos quando tentou responder. Apoiou-se na amurada e escarrou para o mar.

– O rei – arquejou. – Tenho de encontrar o rei. – *Pois onde o rei estiver, encontrarei Melisandre.*

– Ninguém se encontra com o rei – respondeu com firmeza Khorane Sathmantes. – Salladhor Saan vai lhe contar. Primeiro ele.

Davos estava fraco demais para desafiá-lo. Só conseguiu assentir.

Salladhor Saan não se encontrava a bordo de seu *Valiriana*. Foram encontrá-lo em outro cais, a cerca de trezentos metros de distância, no interior do porão de uma larga coca de Pentos chamada *Farta Colheita*, contando a carga com o auxílio de dois eunucos. Um segurava uma lanterna, o outro, uma placa de cera e um estilete.

– Trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove – o velho tratante dizia quando Davos e o capitão desceram pela escotilha. Naquele dia, usava uma túnica cor de vinho e botas de cano alto feitas de couro branco com detalhes de prata. Tirando a rolha de um pote, cheirou, espirrou e disse: – Uma moagem grosseira, e, de acordo com meu nariz, de segunda qualidade. A nota de carga diz quarenta e três potes. Onde se enfiaram os outros, pergunto eu? Esses pentoshi por acaso acham que eu não conto a carga? – Quando viu Davos, parou subitamente. – Será a pimenta que arde meus olhos, ou lágrimas? É o cavaleiro das cebolas que está diante de mim? Não, como pode ser, meu querido amigo Davos morreu no rio em chamas, todos sabem. Por que veio me assombrar?

– Não sou nenhum fantasma, Salla.

– Que outra coisa pode ser? Meu cavaleiro das cebolas nunca foi tão magro ou pálido como você. – Salladhor Saan abriu caminho por entre os potes de especiarias e rolos de tecido que enchiam o porão do navio mercante, envolveu Davos num forte abraço, depois deu-lhe um beijo em cada bochecha e um terceiro na testa. – Ainda está quente, sor, e sinto seu coração bater. Será verdade? O mar que o engoliu cuspiu-o de volta.

Davos lembrou-se do Cara-Malhada, o bobo doido da princesa Shireen. Também tinha entrado no mar e, quando voltou, estava louco. *Também estarei louco?* Tossiu na mão enluvada e disse:

– Nadei por baixo da corrente e fui jogado à costa numa lança do rei bacalhau. Teria morrido lá se o *Dança de Shayala* não tivesse me encontrado.

Salladhor Saan pousou um braço sobre os ombros do capitão.

– Isso foi ótimo, Khorane. Estou aqui pensando que vai acabar ganhando uma bela recompensa. Meizo Mahr, seja um bom eunuco e leve meu amigo Davos à cabine do proprietário. Arranje para ele um pouco de vinho quente com cravo, que não estou gostando do som dessa tosse. Esprema também um pouco de limão lá dentro. E traga queijo branco e uma tigela daquelas azeitonas verdes tostadas que contamos há pouco. Davos, logo irei encontrá-lo, assim que tiver conversado com o nosso bom capitão. Vai me desculpar, bem sei. Não coma todas as azeitonas, senão vou acabar me zangando.

Davos deixou que o mais velho dos dois eunucos o acompanhasse até uma grande e suntuosamente mobiliada cabine na popa do navio. Os tapetes eram macios, havia vitrais nas janelas e, em qualquer um dos grandes cadeirões de couro, poderiam ter se sentado, com todo o conforto, três Davos. O queijo e as azeitonas chegaram pouco depois, com uma taça de vinho tinto quase fervendo. Pegou-a com as duas mãos e bebericou, sentindo-se grato. O calor que se espalhou por seu peito teve um efeito calmante.

Salladhor Saan apareceu não muito depois.

– Precisa me perdoar pelo vinho, meu amigo. Aqueles pentoshi beberiam o próprio mijo se fosse púrpura.

– Vai ser bom para o meu peito – disse Davos. – Minha mãe costumava dizer que vinho quente é melhor do que compressas.

– Me parece que também vai precisar de compressas. Sentado todo esse tempo numa lança, caramba. Que acha dessa excelente cadeira? Ele tem nádegas gordas, não tem?

– Quem? – perguntou Davos entre pequenos goles de vinho quente.

– Illyrio Mopatis. Uma baleia com bigodes, é o que lhe digo, de verdade. Essas cadeiras foram feitas sob medida para ele, embora raramente saia de Pentos para se sentar nelas. Um gordo senta sempre confortavelmente, me parece, pois leva a almofada consigo para onde quer que vá.

– Como foi que arranjou um navio de Pentos? – perguntou Davos. – Voltou à pirataria, senhor? – Colocou de lado a taça vazia.

– Vis calúnias. Quem sofreu mais com os piratas do que Salladhor Saan? Só peço aquilo a que tenho direito. Muito ouro é devido, ah sim, mas não sou desprovido de compreensão; portanto, em vez da moeda, aceitei um belo pergaminho, muito enrolado. Ostenta o nome e o selo de Lorde Alester Florent, a Mão do Rei. Está me nomeando Senhor da Baía da Água Negra, e nenhum navio pode atravessar as águas sob o meu domínio sem a minha senhorial licença, ah não. E quando esses fora da lei estão tentando se esgueirar durante a noite para evitar minhas legítimas taxas e direitos alfandegários, ora, não são melhores do que contrabandistas, portanto, estou perfeitamente

dentro da lei quando os confisco. – O velho pirata soltou uma gargalhada. – Mas não corto os dedos de ninguém. De que servem pedaços de dedos? Capturo os navios e as cargas, alguns resgates, nada de exorbitante. – Lançou um olhar penetrante para Davos. – Não está bem, meu amigo. Essa tosse... e tão magro que vejo seus ossos através da pele. E, no entanto, não estou vendo seu saquinho de ossos dos dedos...

O velho hábito obrigou Davos a levar a mão à bolsa de couro que já não estava lá.

– Perdi no rio. – *A minha sorte*.

– O rio foi terrível – disse solenemente Salladhor Saan. – Mesmo da baía, eu podia ver e tremi.

Davos tossiu, cuspiu e voltou a tossir.

– Vi o *Betha Negra* ardendo, e também o *Fúria* – conseguiu por fim dizer, com voz rouca. – Nenhum de nossos navios escapou do fogo? – Parte de si ainda tinha esperança.

– *Lorde Steffon*, *Jenna Esfarrapada*, *Espada Ligeira*, *Lorde que Ri* e mais alguns estavam a montante do mijo dos piromantes, sim. Não foram queimados, mas, com a forte correnteza, também não puderam fugir. Alguns poucos se renderam. A maior parte subiu a Água Negra, para longe da batalha, e depois foi afundada pela tripulação, para não cair em mãos Lannister. *Jenna Esfarrapada* e *Lorde que Ri* continuam se fazendo de piratas no rio, segundo ouvi dizer, mas quem sabe se é verdade?

– O *Senhora Marya*? – perguntou Davos. – O *Espectro*?

Salladhor Saan apoiou uma mão no braço de Davos e deu-lhe um apertão.

– Não. Esses, não. Lamento, meu amigo. Eram bons homens, os seus Dale e Allard. Mas posso lhe dar este conforto: seu jovem Devan está entre aqueles que embarcamos no fim. O bravo rapaz nunca saiu de junto do rei, segundo dizem.

Por um momento sentiu-se quase tonto, de tão palpável que era seu alívio. Temera perguntar a respeito de Devan.

– A Mãe é misericordiosa. Tenho de encontrá-lo, Salla. Tenho de vê-lo.

– Sim – disse Salladhor Saan. – E também vai querer zarpar para o Cabo da Fúria, eu sei, para ver sua mulher e os dois pequenos. Estou aqui pensando que precisa de um novo navio.

– Sua Graça vai me dar um navio – disse Davos.

O liseno sacudiu a cabeça.

– Quanto a navios, Sua Graça não tem nenhum, e Salladhor Saan tem muitos. Os navios do rei arderam no rio, mas os meus não. Ficará com um deles, velho amigo. Velejará para mim, sim? Entrará deslizando em Bravos, Myr e Volantis na noite cerrada, sem ser visto,

e sairá também deslizando, com sedas e especiarias. Ficaremos com bolsas gordas, sim.

– É gentil, Salla, mas meu dever é para com meu rei, não para com sua bolsa. A guerra continuará. Stannis ainda é o legítimo herdeiro do trono, segundo todas as leis dos Sete Reinos.

– Todas as leis não estão ajudando quando todos os navios se queimam, me parece. E o seu rei, bem, receio que vá acabar achando-o mudado. Desde a batalha não recebe ninguém, fica só matutando naquele Tambor de Pedra. A Rainha Selyse recebe em audiência em seu nome, com o tio, Lorde Alester, que anda se chamando de Mão. Ela deu o selo do rei a esse tio, para pôr nas cartas que ele escreve, e até em meu belo pergaminho. Mas o reino que eles estão governando é pequeno, pobre e rochoso, sim. Não há ouro, nem sequer um bocadinho para pagar ao fiel Salladhor Saan o que lhe é devido, e só restam os cavaleiros que levamos no fim, e nenhum navio além de minha pequena e brava frota.

Um súbito e torturante ataque de tosse obrigou Davos a se dobrar. Salladhor Saan aproximou-se para ajudá-lo, mas, com um gesto, ele pediu que se afastasse, e após um momento se recuperou.

– Ninguém? – rouquejou. – O que quer dizer com ele não receber ninguém? – sua voz soava úmida e espessa, até mesmo aos seus ouvidos, e por um momento a cabine pareceu oscilar ao seu redor.

– Ninguém além *dela* – disse Salladhor Saan, e Davos não precisou perguntar o que ele queria dizer. – Meu amigo está se cansando. É de uma cama que está precisando, não de Salladhor Saan. Uma cama e muitas mantas, com uma compressa quente no peito e mais vinho e cravo.

Davos sacudiu a cabeça

– Vou ficar bem. Conte-me, Salla, preciso saber. Ninguém além de Melisandre?

O liseno lançou um longo olhar de dúvida para ele e prosseguiu com relutância.

– Os guardas estão mantendo todos os outros afastados, até sua rainha e a filhinha. Criados trazem refeições que ninguém come. – Inclinou-se para a frente e baixou a voz. – Ouvi estranhas conversas sobre fogos esfomeados dentro da montanha, e sobre como Stannis e a mulher vermelha descem juntos para observar as chamas. Há poços, dizem, e escadas secretas que descem até o coração da montanha, até lugares quentes onde só *ela* pode caminhar sem se queimar. É mais do que suficiente para aterrorizar um velho, a tal ponto que às vezes quase não arranja forças para comer.

Melisandre. Davos estremeceu.

– A mulher vermelha fez isso a ele – disse. – Enviou o fogo para nos consumir, para punir Stannis por tê-la posto de lado, para lhe

ensinar que não tem esperança de vencer sem seus feitiços.

O liseno tirou uma gorda azeitona da tigela que se encontrava entre os dois.

– Não é o primeiro a dizer isso, meu amigo. Mas se eu fosse você, não estaria falando tão alto. Pedra do Dragão está cheia daqueles homens da rainha, ah, sim, e eles têm ouvidos aguçados e facas afiadas. – Enfiou a azeitona na boca.

– Eu também tenho uma faca. Capitão Khorane deu-me de presente. – Puxou a adaga e colocou-a na mesa, entre eles. – Uma faca para arrancar o coração de Melisandre. Se é que ela tem um.

Salladhor Saan cuspiu um caroço de azeitona.

– Davos, bom Davos, não deve andar dizendo tais coisas, nem mesmo brincando.

– Não é brincadeira. Pretendo matá-la. – *Se ela puder ser morta por armas mortais*. Davos não tinha certeza se isso era possível. Tinha visto o velho Meistre Cressen despejando veneno no vinho dela, viu com os próprios olhos, mas quando ambos beberam da taça envenenada, foi o meistre quem morreu, e não a sacerdotisa vermelha. *Mas uma faca no coração... até os demônios podem ser mortos pelo ferro frio, segundo dizem os cantores.*

– Essas são conversas perigosas, meu amigo – preveniu-o Salladhor Saan. – Acho que ainda está doente do mar. A febre cozinhou seu cérebro, sim. É melhor que vá para a cama para um longo descanso, até ficar mais forte.

Até que a minha determinação enfraqueça, você quer dizer. Davos se levantou. Realmente sentia-se febril e um pouco tonto, mas não importava.

– É um velho patife traiçoeiro, Salladhor Saan, mas um bom amigo mesmo assim.

O liseno afagou a pontiaguda barba prateada.

– Então ficará com este bom amigo, certo?

– Não, vou andando. – Tossiu.

– Andando? Olhe para si mesmo! Tosse, treme, está magro e fraco. Aonde irá andando?

– Para o castelo. Minha cama está lá, assim como o meu filho.

– E a mulher vermelha – disse Salladhor Saan com suspeita. – Ela também está no castelo.

– Ela também. – Davos voltou a enfiar a adaga na bainha.

– Você é um contrabandista de cebolas, o que sabe de ataques à surdina e punhaladas? E está doente, nem sequer consegue segurar a adaga. Sabe o que acontecerá com você, se for apanhado? Enquanto estávamos ardendo no rio, a rainha queimava traidores. *Servos da escuridão*, ela lhes chamou, pobres homens, e a mulher vermelha cantava enquanto as fogueiras eram acendidas.

Davos não se surpreendeu. *Eu sabia*, pensou, *sabia antes de ele me contar*.

– Tirou Lorde Sunglass das masmorras – adivinhou – e os filhos de Hubard Rambton.

– Exatamente, e queimou-os, tal como queimará você: se matar a mulher vermelha, vão queimá-lo por vingança, e se não a matar, vão queimá-lo pela tentativa. Ela cantará, e você gritará, e depois morrerá. E você acabou de voltar à vida!

– E foi esse o motivo – disse Davos. – Para fazer isso. Para pôr fim em Melisandre de Asshai e em todas as suas obras. Por que mais o mar teria me cuspido? Conhece a Baía da Água Cinzenta tão bem como eu, Salla. Nenhum capitão com bom senso levaria seu navio para passar entre as lanças do rei bacalhau, arriscando-se a ter o casco rasgado. O *Dança de Shayala* nunca deveria ter passado perto de mim.

– Um vento – insistiu Salladhor Saan em voz alta –, um mau vento, foi só isso. Um vento empurrou a embarcação mais para sul do que deveria.

– E quem enviou o vento? Salla, a Mãe falou comigo.

O velho liseno olhou-o pestanejando.

– Sua mãe está morta...

– *A* Mãe. Ela abençoou-me com sete filhos, e no entanto eu permiti que a queimassem. Ela falou comigo. Disse que nós *convocamos* o fogo. E também convocamos as sombras. Eu levei Melisandre, num barco a remo, até as entranhas de Ponta Tempestade e vi-a dar à luz um horror. – Ainda vislumbrava a cena em seus pesadelos, as mãos negras e descarnadas puxando as coxas da mulher enquanto se contorcia para se libertar de seu ventre inchado. – Ela matou Cressen, Lorde Renly e um homem corajoso chamado Cortnay Penrose, e também matou meus filhos. Agora é hora de alguém matá-la.

– *Alguém* – disse Salladhor Saan. – Sim, é isso mesmo, alguém. Mas não você. Está fraco como uma criança, e não é nenhum guerreiro. Fique, eu lhe suplico, voltaremos a conversar, você vai se alimentar, e talvez velejemos até Bravos para contratar um Homem sem Rosto para fazer essa coisa, sim? Mas isso, não, você precisa se sentar e comer.

Ele está tornando isso muito mais difícil, pensou Davos, fatigado, *e já era mortalmente difícil.*

– Tenho vingança nas entranhas, Salla. Não deixa espaço para comida. Agora deixe-me ir. Por nossa amizade, deseje-me sorte, e deixe-me ir.

Salladhor Saan pôs-se em pé.

– Não é um amigo verdadeiro, estou aqui pensando. Quando estiver morto, quem trará suas cinzas e ossos à senhora sua esposa e

lhe dirá que perdeu um marido e quatro filhos? Só o triste e velho Salladhor Saan. Mas, que assim seja, bravo sor cavaleiro, corra para a sepultura. Irei reunir seus ossos numa sacola e os darei aos filhos que deixa para trás, para que os tragam em saquinhos em volta do pescoço. – Brandiu uma mão zangada, com anéis em todos os dedos. – Vá, vá, vá, vá, vá.

Davos não queria deixá-lo assim.

– Salla...

– *VÁ*. Ou melhor, fique, mas se é para ir, vá.

E foi.

A caminhada desde o *Farta Colheita* até os portões de Pedra do Dragão foi longa e solitária. As ruas junto às docas onde soldados, marinheiros e pessoas simples outrora se aglomeravam encontravam-se vazias e desertas. Por onde antes caminhara entre porcos grunhindo e crianças nuas, fugiam agora ratazanas. Suas pernas, sob seu corpo, pareciam feitas de pudim, e por três vezes a tosse torturou-o de tal modo que teve de parar a fim de descansar. Ninguém veio ajudá-lo, ninguém sequer espiou por uma janela para ver o que se passava. As janelas estavam fechadas, as portas trancadas e mais da metade das casas ostentava algum sinal de luto. *Milhares subiram a Torrente da Água Negra, e centenas retornaram*, refletiu Davos. *Meus filhos não morreram sós. Que a Mãe tenha piedade de todos eles.*

Ao chegar aos portões do castelo, encontrou-os também fechados. Davos bateu com o punho na madeira reforçada com ferro. Quando não obteve resposta, chutou-a, uma e mais outra vez. Por fim, um besteiro surgiu no topo da barbacã, espreitando para baixo, entre duas grandes gárgulas.

– Quem vem lá?

Davos ergueu a cabeça e pôs as mãos em volta da boca.

– Sor Davos Seaworth, para falar com Sua Graça.

– Está bêbado? Vá embora e pare de bater.

Salladhor Saan prevenira-o. Davos tentou outra linha de ação.

– Então mande chamar meu filho. Devan, o escudeiro do rei.

O guarda franziu a testa.

– Quem você disse que era?

– Davos – gritou –, o cavaleiro das cebolas.

A cabeça desapareceu, voltando um momento mais tarde.

– Desapareça. O cavaleiro das cebolas morreu no rio. O navio dele queimou.

– O navio dele queimou – concordou Davos –, mas ele sobreviveu, e está aqui. Jate ainda é capitão do portão?

– Quem?

– Jate Blackberry. Ele me conhece bastante bem.

– Nunca ouvi falar. O mais certo é que esteja morto.

– Então Lorde Chyttering.

– Esse conheço. Ardeu na Água Negra.

– Will Cara-de-Anzol? Hal, o Porco?

– Morto e morto – disse o besteiro, mas seu rosto traiu uma súbita dúvida. – Espere aqui. – Voltou a desaparecer.

Davos esperou. *Morreram, morreram todos*, pensou, entorpecido, lembrando-se de como a barriga branca do gordo Hal se mostrava sempre por baixo de seu gibão manchado de gordura, da longa cicatriz que o anzol deixara no rosto de Will, do modo como Jate costumava tirar o chapéu para as mulheres, tivessem elas cinco ou cinquenta anos, fossem bem ou mal-nascidas. *Afogados ou queimados, com meus filhos e outros mil, desaparecidos para fazer um rei no inferno*.

De repente, o besteiro regressou.

– Dê a volta até a porta de surtida, e vão deixá-lo entrar.

Davos fez o que lhe foi pedido. Os guardas que o admitiram eram estranhos para ele. Transportavam lanças e, no peito, usavam o símbolo da raposa e das flores da Casa Florent. Escoltaram-no não para o Tambor de Pedra, como esperava, mas fizeram-no passar sob o arco da Cauda do Dragão e através do Jardim de Aegon.

– Espere aqui – disse-lhe o sargento.

– Sua Graça sabe que eu voltei? – perguntou Davos.

– Sei lá, que se dane. Espere, já falei. – O homem foi embora, levando consigo os lanceiros.

O Jardim de Aegon tinha um agradável aroma de pinheiro e altas e escuras árvores erguiam-se por todos os lados. Também havia rosas silvestres, e grandes cercas vivas espinhosas, e um local pantanoso onde cresciam mirtilos.

Por que será que me trouxeram para cá?, questionou-se Davos.

Então ouviu um tênue tinir de sinos, e um risinho de criança, e de repente o bobo Cara-Malhada saltou dos arbustos arrastando os pés o mais depressa que conseguia, com a Princesa Shireen logo atrás.

– Volte aqui – ela vinha gritando. – Malhas, volte aqui.

Quando o bobo viu Davos, parou subitamente, com as campainhas em seu capacete de latão guarnecido de chifres fazendo *ting-a-ling, ting-a-ling*. Saltitando de um pé para o outro, cantou:

– *Sangue de bobo, sangue de rei, sangue na coxa da donzela, mas pros convidados e noivo, correntes, lá, lá, lá.* – Shireen quase o pegou nessa hora, mas no último instante o bobo saltou por cima de um grupo de samambaias e desapareceu por entre as árvores. A princesa seguiu logo atrás. Vê-los fez Davos sorrir.

Virara-se para tossir na mão enluvada quando outra pequena silhueta saltou da cerca viva e esbarrou nele, atirando-o ao chão.

O rapaz também caiu, mas se levantou quase de imediato.

– Que está fazendo aqui? – quis saber enquanto se sacudia.

Cabelos negros de azeviche caíam sobre seu colarinho, e os olhos eram de um azul surpreendente. – Não devia ficar na minha frente quando estou correndo.

– Não – concordou Davos. – Não devia. – Outro ataque de tosse dominou-o na hora em que lutava para ficar de joelhos.

– Está mal? – o garoto pegou-o pelo braço e ajudou-o a se levantar. – Devo chamar o meistre?

Davos balançou a cabeça.

– É uma tosse. Vai passar.

O garoto não pensou mais no assunto.

– Estávamos brincando de monstros e donzelas – explicou. – Eu era o monstro. É um jogo infantil, mas a minha prima gosta dele. Tem um nome?

– Sor Davos Seaworth.

O rapaz olhou-o de cima a baixo com ar de dúvida.

– Tem certeza? Não parece muito cavalheiresco.

– Sou o cavaleiro das cebolas, senhor.

Os olhos azuis pestanejaram.

– O do navio negro?

– Conhece essa história?

– Trouxe ao meu tio Stannis peixe para comer antes de eu nascer, quando Lorde Tyrell o tinha cercado. – O rapaz ficou ereto. – Sou Edric Storm – anunciou. – Filho do Rei Robert.

– Claro que é. – Davos compreendera quase de imediato. O rapaz possuía as orelhas proeminentes de um Florent, mas os cabelos, os olhos, o maxilar, os malares eram todos Baratheon.

– Conheceu meu pai? – quis saber Edric Storm.

– Vi-o muitas vezes quando visitava seu tio na corte, mas nunca conversamos.

– Meu pai me ensinou a lutar – disse orgulhosamente o rapaz. – Vinha me visitar quase todos os anos, e às vezes treinávamos juntos. No último dia de meu nome mandou-me um martelo de guerra igualzinho ao dele, só que menor. Mas me obrigaram a deixá-lo em Ponta Tempestade. É verdade que meu tio Stannis cortou seus dedos?

– Só a ponta. Ainda tenho dedos, só que mais curtos.

– Mostre.

Davos tirou a luva. O rapaz estudou sua mão com atenção.

– Ele não encurtou seu polegar?

– Não. – Davos tossiu. – Não, o polegar deixou inteiro.

– Não devia ter cortado nenhum de seus dedos – decidiu o rapaz. – Isso foi errado.

– Eu era um contrabandista.

– Sim, mas contrabandeou peixe e cebolas para ele.

– Lorde Stannis fez-me cavaleiro pelas cebolas e cortou meus

dedos pelo contrabando. – Vestiu as luvas.

– Meu pai não teria cortado seus dedos.

– Como quiser, senhor. – *Robert era um homem diferente de Stannis, é bem verdade. O garoto é como ele. Sim, e também como Renly*. Esse pensamento deixou-o ansioso.

O garoto preparava-se para dizer mais alguma coisa quando ouviram passos. Davos virou-se. Sor Axell Florent descia o caminho do jardim com uma dúzia de guardas com gibões acolchoados. Ao peito traziam o coração flamejante do Senhor da Luz. *Homens da rainha*, pensou Davos. Foi subitamente atacado pela tosse.

Sor Axell era baixo e musculoso, com abdome em forma de barril, braços fortes, pernas arqueadas, e pelos que cresciam em suas orelhas. Tio da rainha, tinha servido durante uma década como castelão de Pedra do Dragão, e sempre havia tratado Davos com cortesia, sabendo que ele desfrutava da predileção de Lorde Stannis. Mas não havia nem cortesia nem calor no tom de sua voz quando disse:

– Sor Davos, e não afogado. Como isso é possível?

– As cebolas flutuam, sor. Veio para me levar ao rei?

– Vim para levá-lo até a masmorra. – Com um gesto, Sor Axell mandou os homens avançarem. – Capturem-no e retirem a adaga dele. Ele pretende usá-la contra a nossa senhora.

Jaime

Jaime foi o primeiro a ver a estalagem. O edifício principal cingia a margem sul no local onde o rio virava, com as longas e baixas janelas estendendo-se ao longo da água como que para abraçar os viajantes que velejavam seguindo a corrente. O andar inferior era de pedra cinza, o superior, de madeira caiada, o telhado, de ardósia. Também via estábulos, e um caramanchão repleto de trepadeiras.

– Não há fumaça nas chaminés – destacou quando se aproximaram. – Nem luzes nas janelas.

– A estalagem ainda estava aberta da última vez que passei por aqui – disse Sor Cleos Frey. – Fermentavam uma boa cerveja. Talvez ainda haja um pouco na adega.

– Pode haver gente – disse Brienne. – Escondida. Ou morta.

– Assustada por meia dúzia de cadáveres, garota? – indagou Jaime.

Ela o atravessou com os olhos.

– Meu nome é...

– ... Brienne, sim. Não gostaria de dormir numa cama por uma noite, Brienne? Estaríamos mais seguros do que em rio aberto, e pode ser prudente descobrir o que aconteceu aqui.

Ela não respondeu, mas após um momento moveu a cana do leme para virar o esquife na direção da gasta doca de madeira. Sor Cleos baixou desajeitadamente a vela. Quando bateram suavemente no cais, saltou para fora do barco para amarrá-lo. Jaime escalou atrás dele, de forma desastrada, por causa das correntes.

Na extremidade da doca, uma telha lascada de madeira pendia de um poste de ferro, pintada com a imagem de um rei de joelhos, com as mãos unidas num gesto de lealdade. Jaime deu uma olhada para ela e riu alto.

– Não poderíamos ter encontrado estalagem melhor.

– Este é algum lugar especial? – perguntou a garota, desconfiada.

Sor Cleos respondeu.

– Esta é a Estalagem do Ajoelhado, senhora. Fica no exato local onde o último Rei no Norte ajoelhou perante Aegon, o Conquistador, para lhe oferecer a sua submissão. Suponho que seja ele retratado na tabuleta.

– Torrhen tinha trazido suas forças ao sul depois da queda dos dois reis no Campo de Fogo – disse Jaime –, mas quando viu o dragão de Aegon e o tamanho da sua tropa, escolheu o caminho sensato, e dobrou seus joelhos gelados. – Interrompeu-se ao ouvir o relincho de um cavalo. – Cavalos no estábulo. Pelo menos um. – *E um é tudo que preciso para deixar a garota para trás*. – Vamos ver quem está em casa,

que tal? – Sem esperar resposta, Jaime seguiu tinindo ao longo da doca, encostou um ombro na porta, abriu-a com um empurrão...

... e viu-se frente a frente com uma besta carregada. Em pé, atrás dela, estava um atarracado garoto de quinze anos.

– Leão, peixe ou lobo? – exigiu saber o jovem.

– Tínhamos esperança de que houvesse um capão. – Jaime ouviu os companheiros entrando atrás dele. – A besta é uma arma de covarde.

– Espeto um dardo em seu coração mesmo assim.

– Talvez. Mas antes que possa voltar a carregá-la, o meu primo aqui derrama suas tripas pelo chão.

– Não assuste o rapaz – disse Sor Cleos.

– Não lhe desejamos nenhum mal – disse a garota. – E temos moedas para pagar por comida e bebida. – Tirou uma peça de prata da bolsa.

O rapaz olhou desconfiado para a moeda e depois para as algemas de Jaime.

– Por que é que ele está acorrentado?

– Matei alguns besteiros – disse Jaime. – Tem cerveja?

– Sim. – O rapaz baixou a besta dois centímetros. – Soltem os cintos das espadas e deixem-nos cair, e pode ser que lhes demos de comer. – Deu a volta cautelosamente para espiar através dos espessos vidros das janelas, em forma de losango, e ver se havia mais alguém lá fora. – Aquela é uma vela Tully.

– Viemos de Correrrio. – Brienne desafivelou o cinto e deixou-o retinir no chão. Sor Cleos imitou-a.

Um homem pálido com um rosto bexiguento e pouco saudável entrou pela porta da adega com um pesado cutelo de açougueiro na mão.

– São três, hã? Temos carne de cavalo suficiente para três. O cavalo era velho e rijo, mas a carne ainda está fresca.

– Tem pão? – perguntou Brienne.

– Pão duro e bolos de aveia amanhecidos.

Jaime abriu um sorriso.

– Ora, eis um estalajadeiro honesto. Todos nos servem pão amanhecido e carne fibrosa, mas a maioria não admite isso tão claramente.

– Não sou estalajadeiro coisa nenhuma. Enterrei-o lá atrás, com as mulheres.

– Matou-os?

– E eu lhe diria se o tivesse matado? – o homem escarrou. – O mais provável é que tenha sido trabalho de lobos, ou talvez de leões, qual é a diferença? Eu e a mulher os encontramos mortos. Da maneira que vemos as coisas, o lugar agora é nosso.

– Onde está essa sua mulher? – perguntou Sor Cleos.

O homem deu-lhe uma olhada desconfiada de viés.

– E por que é que quer saber isso? Não está aqui... tal como vocês não estarão, a menos que eu goste do sabor da sua prata.

Brienne atirou-lhe a moeda. Ele apanhou-a no ar, mordeu-a e enfiou-a no bolso.

– Ela tem mais – anunciou o garoto com a besta.

– Se tem. Rapaz, vá lá embaixo e traga-me algumas cebolas.

O moço colocou a besta no ombro, lançou um último olhar mal-humorado e desapareceu na adega.

– Seu filho? – perguntou Sor Cleos.

– Só um garoto que eu e a mulher acolhemos. Tínhamos dois filhos, mas os leões mataram um deles e o outro morreu de diarreia. O rapaz perdeu a mãe para os Saltimbancos Sangrentos. Nos dias de hoje, um homem precisa de alguém que fique de vigia enquanto dorme. – Indicou as mesas com o cutelo. – Pois bem, podem se sentar.

A lareira estava fria, mas Jaime escolheu a cadeira mais próxima das cinzas e estendeu suas longas pernas por baixo da mesa. O tinir das correntes acompanhava o menor de seus movimentos. *Um ruído irritante. Antes de isso acabar, ainda enrolo estas correntes em volta da garganta da garota, veremos se ela gosta delas então.*

O homem que não era estalajadeiro chamuscou três enormes bifes de cavalo e fritou as cebolas em gordura de bacon, o que quase compensou os bolos de aveia amanhecidos. Jaime e Cleos beberam cerveja, Brienne, uma taça de sidra. O rapaz manteve distância, empoleirado num barril de sidra com a besta pousada nos joelhos, pronta para disparar. O cozinheiro serviu-se de uma caneca de cerveja e sentou-se com eles.

– Quais são as notícias de Correrrio? – perguntou a Sor Cleos, tomando-o por chefe do grupo.

Sor Cleos olhou Brienne de relance antes de responder.

– Lorde Hoster está moribundo, mas o filho defende os vaus do Ramo Vermelho contra os Lannister. Houve batalhas.

– Há batalhas por todo lado. Para onde vão, sor?

– Porto Real. – Sor Cleos limpou a gordura dos lábios.

O anfitrião resfolegou.

– Então são loucos. Segundo as últimas notícias que ouvi, o Rei Stannis estava às portas da cidade. Dizem que tem cem mil homens e uma espada mágica.

As mãos de Jaime fecharam-se em volta da corrente que lhe prendia os pulsos, e torceu-a, retesando-a, desejando ter forças para quebrá-la em duas. *Então vou mostrar a Stannis onde deve embainhar a sua espada mágica.*

– Se fosse vocês, ficaria bem longe da estrada do rei – prosseguiu

o homem. – É pior do que ruim, segundo dizem. Tanto lobos como leões, e bandos de homens sem bandeira que atacam qualquer um que consigam apanhar.

– Ralé – declarou Sor Cleos com desprezo. – Gente assim nunca se atreveria a causar problemas a homens armados.

– Com a sua licença, sor, mas estou vendo um homem armado, viajando com uma mulher e um prisioneiro acorrentado.

Brienne lançou ao cozinheiro um olhar duro. *A garota odeia mesmo que lhe seja lembrado que é uma garota*, refletiu Jaime, voltando a torcer as correntes. Sentia os elos frios e duros contra a pele, sentia o ferro implacável. As algemas tinham deixado seus pulsos em carne viva.

– Pretendo seguir o Tridente até o mar – disse a garota ao anfitrião. – Arranjaremos montarias em Lagoa da Donzela e seguiremos via Valdocaso e Rosby. Isso deve nos manter bem longe do pior da batalha.

O anfitrião balançou a cabeça.

– Nunca chegará à Lagoa da Donzela por rio. A menos de cinquenta quilômetros daqui, alguns barcos foram queimados e afundaram, e o canal se assoreou em volta deles. Ali há um ninho de fora da lei que ataca qualquer um que tente passar, e existem outros como mesmo perfil mais para baixo, em volta das Pedras Saltitantes e da Ilha do Veado Vermelho. E o senhor do relâmpago também foi visto por essa região. Atravessa o rio onde bem quer, passando para cá e para lá, sempre em movimento.

– E quem é esse senhor do relâmpago? – quis saber Sor Cleos Frey.

– É Lorde Beric, com a sua licença, sor. Dão-lhe esse nome porque ataca repentinamente, como um relâmpago vindo de um céu sem nuvens. Dizem que não pode morrer.

Todos eles morrem quando se enfia uma espada no corpo deles, pensou Jaime.

– Thoros de Myr ainda o acompanha?

– Sim. O feiticeiro vermelho. Ouvi dizer que tem estranhos poderes.

Bem, tinha o poder de acompanhar Robert Baratheon na bebida, e eram bem poucos os que podiam se gabar disso. Jaime ouvira uma vez Thoros dizer ao rei que havia se tornado sacerdote vermelho porque as vestes escondiam muito bem as manchas de vinho. Robert riu tanto que encheu de cerveja o manto de seda de Cersei.

– Longe de mim questionar – disse –, mas talvez o Tridente não seja a nossa rota mais segura.

– Eu diria que é verdade – concordou o cozinheiro. – Mesmo se passarem da Ilha do Veado Vermelho sem encontrar Lorde Beric e o

feiticeiro vermelho, ainda terão à sua frente o vau rubi. Da última vez que ouvi notícias, eram os lobos do Lorde Sanguessuga que defendiam o vau, mas isso foi já há algum tempo. A essa altura podem ter voltado a ser os leões, ou Lorde Beric, ou seja lá quem for.

– Ou ninguém – sugeriu Brienne.

– Se a senhora quer apostar a pele nisso, eu não a impedirei... mas se fosse vocês, deixaria este rio aqui, cortaria caminho por terra. Se permanecerem longe das estradas principais e se abrigarem debaixo das árvores à noite, meio que escondidos... bem, ainda não quereria ir com vocês, mas talvez tenham uma pequena chance.

A grande garota estava com uma expressão de dúvida.

– Precisaríamos de cavalos.

– Aqui há cavalos – ressaltou Jaime. – Ouvi um nos estábulos.

– Sim, há cavalos – disse o estalajadeiro que não era estalajadeiro. – E logo três, por acaso, mas não estão à venda.

Jaime não conseguiu evitar uma gargalhada.

– Claro que não. Mas vai nos mostrá-los mesmo assim.

Brienne franziu a testa, mas o homem que não era estalajadeiro enfrentou seu olhar sem piscar, e um momento depois, relutantemente, ela disse:

– Mostre-me – e todos se ergueram da mesa.

Os estábulos não eram limpos havia muito tempo, julgando pelo cheiro que exalavam. Centenas de gordas moscas pretas esvoaçavam por entre a palha, zumbindo de cocheira em cocheira e passeando sobre os montículos de esterco de cavalo que se espalhavam por todo lado, mas só se viam três cavalos. Eram um trio improvável: um pesado cavalo de tração castanho, um castrado branco, muito velho, cego de um olho, e o palafrém de um cavaleiro, sarapintado de cinza e vivaz.

– Não estão à venda por nenhum preço – anunciou seu alegado dono.

– Como arranjou estes cavalos? – quis saber Brienne.

– O de tração estava preso aqui quando a mulher e eu chegamos à estalagem – disse o homem – com aquele que você acabou de comer. O castrado apareceu uma noite, e o garoto apanhou o palafrém que corria por aí, livre, ainda selado e com rédeas. Venham, eu mostro a vocês.

A sela que lhes mostrou estava decorada com relevos de prata. O xairel tinha sido originalmente axadrezado de rosa e negro, mas agora era fundamentalmente marrom. Jaime não reconhecia as cores originais, mas reconhecia manchas de sangue com bastante facilidade.

– Bem, o dono não virá pedi-lo de volta tão cedo. – Examinou as patas do palafrém, contou os dentes do castrado. – Dê uma peça de ouro pelo cinza, se incluir a sela – aconselhou a Brienne. – Uma de

prata pelo cavalo de tração. Ele devia nos pagar por tirarmos o branco das mãos dele.

– Não fale sem cortesia do seu próprio cavalo, sor. – A garota abriu a bolsa que a Senhora Catelyn havia lhe dado e tirou três moedas de ouro. – Pago um dragão por cada um.

O homem pestanejou e estendeu a mão para o ouro, e depois hesitou e recolheu a mão.

– Não sei. Não posso montar um dragão de ouro se precisar ir embora. Nem comê-lo, se tiver fome.

– Pode também ficar com o nosso esquife – disse ela. – Viaje para cima ou para baixo no rio, como quiser.

– Deixe-me ver que gosto tem esse ouro. – O homem tirou uma das moedas da palma da mão de Brienne e mordeu-a. – Hum. Diria que é verdadeiro o bastante. Três dragões *e* o esquife?

– Ele está lhe roubando, garota – disse Jaime amigavelmente.

– Também vou querer provisões – disse Brienne ao anfitrião, ignorando Jaime. – Seja o que for que possa nos arranjar.

– Há mais bolos de aveia. – O homem recolheu os outros dois dragões da palma da mão dela e sacudiu-os no punho fechado, sorrindo do som que faziam. – Bem, e peixe defumado e salgado, mas isso vai lhes custar prata. As minhas camas também vão custar dinheiro. Vão querer passar a noite aqui.

– Não – disse Brienne de imediato.

O homem franziu a testa para ela.

– Mulher, você não quer cavalgar de noite por uma região onde nunca esteve e em cavalos que não conhece. O mais certo é que acabe tropeçando em algum brejo ou quebre uma pata do cavalo.

– A lua estará brilhante esta noite – disse Brienne. – Não teremos nenhum problema em encontrar o nosso caminho.

O anfitrião remoeu aquilo.

– Se não tem a prata, pode ser que alguns cobres paguem por suas camas e uma ou duas colchas para se manterem aquecidos. Não estou propriamente dispensando viajantes, se entende onde quero chegar.

– Isso parece mais do que justo – disse Sor Cleos.

– E as colchas até estão recém-lavadas. A mulher tratou disso antes de precisar ir embora. E não há nem uma pulga nelas, tem a minha palavra quanto a isso. – Voltou a sacudir as moedas, sorrindo.

Sor Cleos estava claramente tentado.

– Uma cama apropriada faria bem a todos nós, senhora – disse a Brienne. – Faríamos um tempo melhor amanhã, depois de descansarmos. – Olhou para o primo, em busca de apoio.

– Não, primo, a garota tem razão. Temos promessas a manter, e longas léguas à nossa frente. Devíamos ir andando.

– Mas – disse Cleos – você mesmo disse...

– Antes. – *Quando pensava que a estalagem estava deserta*. – Agora estou com a barriga cheia e uma cavalgada ao luar será mesmo a coisa certa. – Sorriu à garota. – Mas, a não ser que pretenda me atirar para a garupa daquele cavalo de tração como se fosse um saco de farinha, alguma coisa tem de ser feita com estes ferros. É difícil montar com os tornozelos acorrentados.

Brienne franziu a testa ao ver a corrente. O homem que não era estalajadeiro esfregou o queixo.

– Há uma forja ali atrás do estábulo.

– Mostre-me.

– Sim – disse Jaime –, e quanto mais depressa, melhor. Há aqui muito mais bosta de cavalo do que devia para o meu gosto. Detestaria pisar nela. – Lançou à garota um olhar penetrante, perguntando a si mesmo se ela seria suficientemente esperta para entender o que queria dizer.

Acalentava a esperança de que ela também tirasse os ferros de seus pulsos, mas Brienne mantinha-se desconfiada. Cortou ao meio a corrente dos tornozelos com meia dúzia de fortes golpes dados com o martelo do ferreiro na ponta plana de um cinzel de aço. Quando sugeriu que também quebrasse a corrente do pulso, ela ignorou-o.

– A quase dez quilômetros daqui, ao longo do rio, vão encontrar uma aldeia queimada – disse o anfitrião enquanto os ajudava a selar os cavalos e a carregar a bagagem. Daquela vez dirigia os conselhos a Brienne. – A estrada bifurca-se aí. Se virar para sul, vai chegar à torre de pedra de Sor Warren. Sor Warren foi embora e morreu, portanto não sei dizer de quem ela é agora, mas é melhor evitar o lugar. Faria bem em seguir a trilha que atravessa a floresta, para sul-sudeste.

– Faremos isso – respondeu ela. – Tem os meus agradecimentos.

E, mais do que isso, tem o seu ouro. Jaime guardou o pensamento para si. Estava cansado de ser menosprezado por aquela vaca grande e feia.

Ela escolheu o cavalo de tração para si e atribuiu o palafrém a Sor Cleos. Cumprindo a ameaça, Jaime ficou com o castrado zarolho, o que pôs fim a quaisquer ideias que pudesse ter alimentado de esporear o cavalo e fazer a garota comer sua poeira.

O homem e o garoto saíram da estalagem para vê-los partir. O homem desejou-lhes boa sorte e disse-lhes para voltarem em tempos melhores, enquanto o rapaz ficou em silêncio, com a besta debaixo do braço.

– Arranje uma lança ou um malho – disse-lhe Jaime –, que lhe serão mais úteis. – O rapaz fitou-o com desconfiança. *É isso que se ganha com um conselho de amigo.* Encolheu os ombros, virou o cavalo, e não olhou para trás.

Sor Cleos era só queixas quando partiram, ainda de luto pelo

colchão de plumas perdido. Avançaram para leste, ao longo da margem do rio iluminado pelo luar. O Ramo Vermelho era muito largo ali, mas raso, com margens cheias de lama e de canaviais. A montaria de Jaime avançava placidamente, embora o pobre animal tivesse a tendência de derivar para o lado do olho bom. Era bom estar montado de novo. Não subia em um cavalo desde que os arqueiros de Robb Stark tinham matado o corcel entre as suas pernas, no Bosque dos Murmúrios.

Quando chegaram à aldeia incendiada, foram confrontados por uma escolha entre duas estradas igualmente pouco promissoras; trilhas estreitas, profundamente sulcadas pelas carroças de agricultores que traziam as colheitas até o rio. Uma partia para sudeste e rapidamente desaparecia entre as árvores que se viam a distância, enquanto a outra, mais reta e pedregosa, se lançava para sul. Brienne avaliou-as rapidamente e depois desviou o cavalo para a estrada do sul. Jaime ficou agradavelmente surpreso; era a mesma decisão que ele teria tomado.

– Mas esta é a estrada contra a qual o estalajadeiro nos preveniu – objetou Sor Cleos.

– Ele não era estalajadeiro nenhum. – Ela arqueava as costas sem qualquer encanto sobre a sela, mas apesar disso seguia bem sentada. – O homem mostrou um interesse grande demais no caminho que nós íamos tomar, e aquela floresta... lugares assim são notórios covis de fora da lei. Ele podia estar nos mandando direto para uma armadilha.

– Garota esperta. – Jaime sorriu para o primo. – Nosso anfitrião tem amigos ao longo daquela estrada, calculo. Os homens cujas montarias deram àquele estábulo um aroma tão memorável.

– Ele também podia estar mentindo sobre o rio, para nos pôr nestes cavalos – disse a garota –, mas eu não podia correr esse risco. Haverá certamente soldados no vau rubi e nas encruzilhadas.

Bem, ela pode ser feia, mas não é completamente burra. Jaime brindou-a com um sorriso relutante.

A luz avermelhada vinda das janelas superiores da casa-torre de pedra avisou-os de sua presença a uma longa distância, e Brienne levou-os pelos campos. Só quando o forte ficou bem para trás é que eles voltaram a virar e encontraram a estrada de novo.

Decorreu metade da noite antes de a garota admitir que podia ser seguro parar. A essa altura, os três já estavam prestes a cair das selas. Abrigaram-se num pequeno grupo de carvalhos e freixos ao lado de um riacho indolente. A garota não autorizou uma fogueira, e por isso partilharam um jantar tardio de bolos de aveia amanhecidos e peixe salgado. A noite estava estranhamente pacífica. Uma meia-lua rodeada de estrelas pairava sobre suas cabeças, num céu negro de feltro. A distância, um grupo de lobos uivava. Um dos cavalos do grupo soltou

um relincho nervoso. Não se ouviam outros sons. *A guerra não tocou este lugar*, pensou Jaime. Estava contente por estar ali, contente por se encontrar vivo, contente por voltar para junto de Cersei.

– Eu fico com o primeiro turno de vigia – disse Brienne a Sor Cleos, e rapidamente o Frey começou a roncar baixinho.

Jaime sentou-se de encontro ao tronco de um carvalho e perguntou a si mesmo o que Cersei e Tyrion estariam fazendo naquele momento.

– Tem irmãos, senhora? – perguntou.

Brienne olhou-o de soslaio, desconfiada.

– Não. Fui o ún... a única filha de meu pai.

Jaime soltou um risinho.

– Ia dizer *filho*. Ele pensa em você como num filho? É certo que é um tipo estranho de filha.

Sem uma palavra, ela virou as costas para ele, cerrando o punho com força no cabo da espada. *Que criatura miserável é esta*. De alguma estranha forma, fazia-lhe lembrar de Tyrion, embora à primeira vista fosse difícil encontrar duas pessoas mais diferentes. Talvez tivesse sido esse pensamento sobre o irmão que o fez dizer:

– Não pretendia ofendê-la, Brienne. Perdoe-me.

– Seus crimes estão para além do perdão, Regicida.

– Outra vez esse nome. – Jaime torceu à toa as correntes. – Por que a deixo com tanta raiva? Nunca lhe fiz mal, que me lembre.

– Fez mal a outros. Àqueles que tinha jurado proteger. Aos fracos, aos inocentes...

– ... ao rei? – voltava sempre a Aerys. – Não tenha a presunção de me julgar por aquilo que não entende, garota.

– Meu nome é...

– ... Brienne, sim. Nunca ninguém lhe disse que era tão entediante quanto feia?

– Não vai conseguir me fazer perder o controle com provocações, Regicida.

– Ah, talvez conseguisse, se eu quisesse tentar.

– Por que motivo prestou juramento? – ela quis saber. – Por que envergar o manto branco se pretendia trair tudo aquilo que ele simboliza?

Por quê? O que poderia dizer que ela fosse capaz de entender?

– Era um rapaz. Tinha quinze anos. Era uma grande honra para alguém tão jovem.

– Isso não é resposta – disse ela em tom de escárnio.

Você não ia gostar da verdade. Tinha se juntado à Guarda Real por amor, claro.

O pai chamara Cersei para a corte quando ela tinha doze anos, esperando arranjar um casamento real para ela. Tinha recusado todas

as ofertas por sua mão, preferindo mantê-la consigo na Torre da Mão enquanto crescia e se tornava mais mulher e ainda mais bela. Esperava, sem dúvida, que o Príncipe Viserys amadurecesse, ou talvez que a esposa de Rhaegar morresse ao dar à luz. Elia de Dorne nunca tinha sido a mais saudável das mulheres.

Jaime, entretanto, passara quatro anos como escudeiro de Sor Sumner Crakehall e conquistara as esporas contra a Irmandade da Mata do Rei. Mas quando fez uma breve visita a Porto Real no caminho de volta para Rochedo Casterly, principalmente para ver a irmã, Cersei puxou-o de lado e sussurrou que Lorde Tywin pretendia casá-lo com Lysa Tully, chegando ao ponto de convidar Lorde Hoster a vir à cidade para conversar sobre o dote. Mas se Jaime vestisse o branco, podia ficar sempre perto dela. O velho Sor Harlan Grandison morrera durante o sono, o que não podia ser mais apropriado para alguém cujo símbolo era um leão adormecido. Aerys iria querer um jovem para ocupar o seu lugar, portanto, por que não um leão rugindo para o lugar de um sonolento?

– O pai nunca consentirá – Jaime questionou.

– O rei não lhe pedirá consentimento. E uma vez que a coisa estiver feita, o pai não pode objetar, pelo menos abertamente. Aerys mandou arrancar a língua de Sor Ilyn Payne só por alardear que era a Mão quem realmente governava os Sete Reinos. O capitão da guarda da Mão, e no entanto o pai não se atreveu a tentar impedi-lo! Também não impedirá isso.

– Mas – disse Jaime – há Rochedo Casterly...

– O que você quer é um rochedo? Ou eu?

Lembrava-se daquela noite como se fosse ontem. Tinham-na passado numa velha estalagem na Viela das Enguias, bem longe de olhos vigilantes. Cersei fora encontrá-lo vestida como uma simples criada, o que acabou por excitá-lo ainda mais. Jaime nunca a tinha visto mais apaixonada. Sempre que adormecia, ela voltava a acordá-lo. Pela manhã, Rochedo Casterly parecia um pequeno preço a pagar para ficar sempre perto dela. Deu seu consentimento, e Cersei prometeu fazer o resto.

Uma volta de lua mais tarde, um corvo real chegou a Rochedo Casterly para informá-lo de que fora escolhido para a Guarda Real. Era-lhe ordenado que se apresentasse ao rei durante o grande torneio em Harrenhal, para prestar juramento e envergar o manto.

A investidura de Jaime libertou-o de Lysa Tully. Mas, tirando isso, nada se passou conforme planejado. O pai nunca estivera mais furioso. Não podia levantar objeções abertamente – Cersei julgara isso de forma correta –, mas usou um pretexto qualquer pouco convincente para se demitir do cargo de Mão e retornou a Rochedo Casterly, levando a filha consigo. Em vez de ficarem juntos, Cersei e Jaime

limitaram-se a trocar de lugar, e ele se viu sozinho na corte, defendendo um rei louco enquanto quatro homens menores se sucederam dançando sobre facas, cujos pés não calçavam bem os sapatos do pai. As Mãos ascendiam e caíam tão rapidamente que Jaime recordava melhor a heráldica do que o rosto deles. A Mão cornucópia e a Mão grifos dançantes tinham ambas sido exiladas; a Mão maça e punhal, mergulhada em fogovivo e queimada viva. Lorde Rossart fora o último. Seu símbolo era um archote ardente; uma escolha infeliz, tendo em conta o destino de seu predecessor, mas o alquimista tinha ascendido em grande medida por partilhar a paixão do rei pelo fogo. *Devia ter afogado Rossart em vez de estripá-lo.*

Brienne continuava à espera de sua resposta. Jaime disse:

– Não tem idade para ter conhecido Aerys Targaryen...

Ela não quis ouvir.

– Aerys era louco e cruel, nunca ninguém negou isso. Ainda assim era rei, coroado e ungido. E você jurou protegê-lo.

– Eu sei o que jurei.

– E o que fez. – Ergueu-se acima dele, um metro e oitenta de desaprovação sardenta, carrancuda e com dentes de cavalo.

– Sim, e o que *você* fez também. Aqui somos ambos regicidas, se aquilo que ouvi dizer é verdade.

– Nunca fiz mal a Renly. Mato o primeiro homem que diga que fiz.

– Nesse caso, é melhor que comece por Cleos. E, depois disso, terá bastante matança a fazer, pelo que ele conta da história.

– *Mentiras*. A Senhora Catelyn estava lá quando Sua Graça foi assassinado, ela viu. Apareceu uma sombra. As velas apagaram-se e o ar ficou frio, e houve sangue...

– Ah, muito bem. – Jaime soltou uma gargalhada. – Pensa mais depressa do que eu, confesso. Quando me encontraram em pé junto ao meu rei morto, nunca pensei em dizer: "Não, não, não fui eu, foi uma sombra, uma terrível sombra fria". – Soltou outra gargalhada. – Conte-me a verdade, de um regicida para outro: foram os Stark que lhe pagaram para cortar a goela dele, ou foi Stannis? Renly repeliu-a, foi por isso? Ou talvez estivesse com o sangue de lua. Nunca dê uma espada a uma garota quando ela estiver sangrando.

Por um momento, Jaime pensou que Brienne iria bater nele. *Mais um passo, e tiro aquele punhal da bainha dela e enterro em seu ventre*. Retesou uma perna debaixo do corpo, pronto para saltar, mas a garota não se moveu.

– Ser um cavaleiro é uma dádiva rara e preciosa – disse – e mais ainda quando se é um cavaleiro da Guarda Real. É algo dado a poucos, algo que você desprezou e conspurcou.

Algo que você deseja desesperadamente, garota, e que nunca poderá

obter.

– Eu conquistei o meu grau de cavaleiro. Nada me foi dado. Ganhei uma luta corpo a corpo num torneio com treze anos, quando ainda era escudeiro. Aos quinze, acompanhei Sor Arthur Dayne contra a Irmandade da Mata de Rei, e ele armou-me cavaleiro no campo de batalha. Foi aquele manto branco que me conspurcou, e não o contrário. Portanto, poupe-me de sua inveja. Foram os deuses que se esqueceram de lhe dar uma pica, não fui eu.

O olhar que Brienne lhe deu estava carregado de repugnância. *De bom grado me cortaria em pedaços, se não fosse o seu precioso juramento*, refletiu. *Ótimo. Já estou farto de débeis piedades e julgamentos de donzelas.* A moça afastou-se a passos largos sem dizer sequer uma palavra. Jaime enrolou-se debaixo do manto, esperando sonhar com Cersei.

Mas, quando fechou os olhos, foi Aerys Targaryen que viu, andando de um lado para o outro em sua sala de trono, repuxando as mãos cheias de crostas e sangrando. O idiota vivia se cortando nas lâminas e farpas do Trono de Ferro. Jaime tinha se esgueirado através da porta do rei, vestindo a armadura dourada e com a espada na mão. *A armadura dourada, não a branca, mas ninguém nunca se lembra disso. Bem que gostaria de ter tirado também aquele maldito manto.*

Quando Aerys viu o sangue em sua arma, exigiu saber se era de Lorde Tywin.

– Quero-o morto, o traidor. Quero a cabeça dele, vai me trazer a cabeça dele, senão queimo você com todos os outros. Todos os traidores. Rossart diz que estão *dentro das muralhas*! Foi lhes dar boas-vindas calorosas. De quem é o sangue? *De quem?*

– De Rossart – respondeu Jaime.

Aqueles olhos púrpura então se abriram enormemente, e a boca do rei caiu, escancarando-se com o choque. Havia perdido o controle das tripas, virado-se e corrido para o Trono de Ferro. Por baixo dos olhos vazios dos crânios pendurados nas paredes, Jaime arrancou o último rei-dragão dos degraus, guinchando como um porco e cheirando a latrina. Um único golpe na garganta foi tudo que precisou para acabar com ele. *Tão fácil*, lembrava-se de ter pensado. *Um rei devia ser mais duro de matar do que isso*. Rossart pelo menos tinha tentado lutar, se bem que, para falar a verdade, lutava como um alquimista. *Estranho que nunca perguntem quem matou Rossart... mas, claro, ele não era ninguém, com seu baixo nascimento, Mão durante uma quinzena, só mais uma ideia louca do Rei Louco.*

Sor Elys Westerling, Lorde Crakehall e outros dos cavaleiros do pai tinham irrompido pelo salão a tempo de ver o fim, portanto, não houve maneira de Jaime desaparecer e deixar que um fanfarrão qualquer roubasse a glória ou a culpa. Compreendeu de imediato,

assim que viu o modo como o olhavam, que seria considerado culpado... embora os olhares que lhe lançavam talvez fossem de medo. Lannister ou não, ele era um dos sete de Aerys.

– O castelo é nosso, sor, e a cidade também – disse-lhe Roland Crakehall, o que era quase verdade. Ainda havia lealistas Targaryen morrendo nas escadas em espiral e no arsenal, Gregor Clegane e Amory Lorch estavam escalando as muralhas da Fortaleza de Maegor, e, nessa altura, Ned Stark ia entrando com os seus homens pelo Portão do Rei, mas Crakehall não tinha como saber disso. Não pareceu surpreendido por encontrar Aerys morto; Jaime era filho de Lorde Tywin muito antes de ser nomeado para a Guarda Real.

– Diga-lhes que o Rei Louco está morto – ordenou. – Poupe e prenda todos aqueles que se renderem.

– Deverei também proclamar um novo rei? – perguntou Crakehall, e Jaime leu claramente a questão: seria o seu pai, ou Robert Baratheon, ou pretendia tentar criar um novo rei-dragão? Por um momento, pensou no garoto, Viserys, fugido em Pedra do Dragão, e no filho bebê de Rhaegar, Aegon, ainda em Maegor com a mãe. *Um novo rei Targaryen, e o meu pai como Mão. Como uivarão os lobos, como se engasgará de raiva o senhor da tempestade*. Por um momento sentiu-se tentado, até voltar a olhar o corpo no chão, no meio da poça crescente de sangue. *Há sangue dele em ambos*, pensou.

– Proclame quem lhe der na telha – disse a Crakehall.

Então, subiu até o Trono de Ferro e sentou-se, com a espada pousada nos joelhos, para ver quem viria reclamar o reino. Acabou sendo Ned Stark.

Também não tinha o direito de me julgar, Stark.

Em seus sonhos, os mortos surgiram em chamas, vestidos de bruxuleantes chamas verdes. Jaime dançou entre eles com uma espada dourada, mas para cada um que abatia, erguiam-se mais dois em seu lugar.

Brienne acordou-o com um chute nas costelas. O mundo ainda estava negro, e tinha começado a chover. Quebraram o jejum com bolos de aveia, peixe salgado e umas poucas amoras silvestres que Sor Cleos havia encontrado, e estavam de novo sobre as selas antes do nascer do sol.

Tyrion

O eunuco vinha cantarolando monocordicamente para si mesmo ao atravessar a porta, vestido com um manto leve de seda cor de pêssego e cheirando a limão. Quando viu Tyrion sentado junto à lareira, parou e ficou muito quieto.

– Senhor Tyrion – soou como um guincho, pontuado por um risinho nervoso.

– Ah, então você se *lembra* de mim? Tinha começado a duvidar.

– É *tão* bom vê-lo com um aspecto tão forte e bem de saúde. – Varys deu o seu sorriso mais servil. – Embora tenha de confessar que não esperava encontrá-lo nos meus humildes aposentos.

– E realmente são humildes. Na verdade, em excesso. – Tyrion esperara Varys ser convocado por seu pai antes de se esgueirar até ali para lhe fazer uma visita. Os aposentos do eunuco eram despojados e pequenos, três quartos confortáveis e sem janelas junto à muralha norte. – Esperava descobrir grande quantidade de cestos cheios de segredos suculentos para me entreter enquanto aguardava, mas não encontrei nem um papel. – Também procurei por passagens escondidas, sabendo que a Aranha tinha de ter maneiras de ir e vir sem ser vista, mas elas se mostraram igualmente esquivas. – Havia *água* em seu jarro, que os deuses tenham piedade de você – prosseguiu –, a cela onde dorme não é mais larga do que um caixão e aquela cama... é mesmo feita de pedra, ou só parece ser?

Varys fechou a porta e trancou-a.

– Sou atormentado por dores nas costas, senhor, e prefiro dormir sobre uma superfície dura.

– Teria tomado você por um amante de colchões de plumas.

– Sou uma caixinha de surpresas. Está zangado comigo por tê-lo abandonado após a batalha?

– Isso fez com que pensasse em você como em alguém de minha família.

– Não foi por falta de simpatia, meu bom senhor. Tenho um caráter tão delicado, e a sua cicatriz é tão terrível de observar... – Um estremecimento exagerado sacudiu-o. – O seu pobre nariz...

Tyrion esfregou, irritado, a escara.

– Talvez deva mandar fazer um novo, de ouro. Que tipo de nariz você sugere, Varys? Um como o seu, para farejar segredos? Ou devo dizer ao ourives que desejo o nariz de meu pai? – sorriu. – Meu nobre pai trabalha com tanta diligência que já quase não o vejo. Diga-me, é verdade que ele vai restituir ao Grande Meistre Pycelle o cargo no pequeno conselho?

– É, senhor.

– Devo agradecer à minha querida irmã por isso? – Pycelle tinha sido uma criatura da irmã; Tyrion despojara o homem do cargo, da barba e da dignidade, e atirara-o em uma cela escura.

– De modo algum, senhor. Agradeça aos arquimeistres de Vilavelha, que decidiram insistir na restituição de Pycelle com o argumento de que só o Conclave pode fazer ou desfazer um Grande Meistre.

Malditos idiotas, pensou Tyrion.

– Acho que me recordo que o carrasco de Maegor, o Cruel, desfez três com o seu machado.

– É bem verdade – disse Varys. – E o segundo Aegon deu o Grande Meistre Gerardys de comer ao dragão.

– Infelizmente, não disponho de um dragão. Creio que poderia ter mergulhado Pycelle em fogovivo, incendiando-o. A Cidadela teria preferido assim?

– Bem, estaria mais em concordância com a tradição. – O eunuco soltou um risinho abafado. – Felizmente, cabeças mais sensatas prevaleceram, e o Conclave aceitou o fato da destituição de Pycelle e tratou de escolher seu sucessor. Depois de considerar devidamente Meistre Turquin, o filho do sapateiro, e Meistre Erreck, o bastardo do pequeno cavaleiro, assim demonstrando, para sua própria satisfação, que em sua ordem a competência conta mais do que o nascimento, o Conclave estava à beira de nos enviar o Meistre Gormon, um Tyrell de Jardim de Cima. Quando contei isso ao senhor seu pai, ele agiu de imediato.

Tyrion sabia que o Conclave se reunia em Vilavelha a portas fechadas; suas deliberações eram supostamente secretas. *Então Varys também tem passarinhos na Cidadela.*

– Entendo. Portanto meu pai decidiu apanhar a rosa antes que desabrochasse. – Não conseguiu evitar um risinho. – Pycelle é um sapo. Mas antes um sapo Lannister do que um sapo Tyrell, não é?

– O Grande Meistre Pycelle sempre foi um bom amigo da sua Casa – disse Varys suavemente. – Talvez o console saber que Sor Boros Blount também vai recuperar o cargo.

Cersei tinha despido Sor Boros do manto branco por não ter morrido em defesa do Príncipe Tommen quando Bronn capturou o garoto na estrada de Rosby. O homem não era amigo de Tyrion, mas depois daquilo era provável que odiasse Cersei quase com a mesma força. *Suponho que isso seja alguma coisa*.

– Blount é um covarde fanfarrão – disse, em tom amigável.

– É? Deuses. Seja como for, é verdade que os cavaleiros da Guarda Real servem a vida inteira, tradicionalmente. Talvez Sor Boros se mostre mais corajoso no futuro. Irá sem dúvida permanecer muito leal.

– Ao meu pai – disse Tyrion propositalmente.

– Já que estamos falando da Guarda Real... pergunto a mim mesmo se esta sua visita, deliciosamente inesperada, por acaso tem algo a ver com o irmão caído de Sor Boros, o galante Sor Mandon Moore. – O eunuco afagou a bochecha empoada. – Nos últimos tempos, seu amigo Bronn parece muito interessado nele.

Bronn tinha desenterrado tudo que pôde sobre Sor Mandon, mas não havia dúvida de que Varys poderia lhe dizer muito mais... se decidisse dividir o que sabia.

– O homem parece ter sido bastante desprovido de amigos – disse Tyrion, com cautela.

– Lamentavelmente – disse Varys –, oh, lamentavelmente. Talvez conseguisse encontrar alguns familiares se revirasse algumas pedras no Vale, mas aqui... Lorde Arryn trouxe-o para Porto Real e Robert deu-lhe seu manto branco, mas temo que nenhum dos dois gostasse muito dele. Nem era o tipo de homem que os plebeus aplaudem nos torneios, apesar de sua indubitável perícia. Ora, até seus irmãos da Guarda Real nunca chegaram a nutrir por ele amizade. Certa vez, ouviram Sor Barristan dizer que o homem não tinha nenhum amigo fora a espada e nenhuma vida para além do dever... mas, entenda, não creio que Selmy dissesse isso inteiramente como elogio. E isso é estranho, se pensarmos no assunto, não é? Daria para dizer que são essas as exatas qualidades que procuramos para a nossa Guarda Real... homens que não vivem para si, mas para o seu rei. Visto sob essa luz, nosso bravo Sor Mandon era o perfeito cavaleiro branco. E morreu como um cavaleiro da Guarda Real devia morrer, de espada na mão, defendendo um homem do sangue do rei. – O eunuco brindou-o com um sorriso bajulador e observou-o atentamente.

Tentando assassinar um homem do sangue do rei, você quer dizer. Tyrion perguntou-se se Varys saberia mais a respeito do que estava dizendo. Nada do que acabara de ouvir era novo; Bronn tinha lhe trazido notícias muito semelhantes. Precisava de uma ligação com Cersei, alguma indicação de que Sor Mandon havia sido uma marionete da irmã. *O que queremos nem sempre é o que obtemos*, refletiu, com amargura, o que lhe fez lembrar...

– Não é Sor Mandon que me traz aqui.

– Certamente. – O eunuco atravessou a sala e pegou o jarro de água. – Posso servi-lo, senhor? – perguntou enquanto enchia uma taça.

– Sim. Mas não com água. – Juntou as mãos. – Quero que me traga Shae.

Varys bebericou.

– Isso será sensato, senhor? A querida e doce criança. Seria uma pena tão grande se o seu pai a enforcasse.

Não o surpreendeu que Varys soubesse.

– Não, não é sensato, é uma maldita loucura. Quero vê-la uma última vez, antes de mandá-la embora. Não consigo tolerar tê-la tão perto.

– Compreendo.

Como você pode compreender? Ainda no dia anterior Tyrion a vira, subindo a escada em espiral com um balde de água. Ficara vendo um jovem cavaleiro oferecendo-se para levar o pesado balde. O modo como ela tocou o braço dele e sorriu havia dado nós nas entranhas de Tyrion. Tinham passado a centímetros um do outro, ele descendo e ela subindo, tão perto que conseguira sentir o cheiro fresco e limpo de seus cabelos. Ela disse "Senhor" para ele, com uma pequena reverência, e ele quis estender a mão, agarrá-la e beijá-la logo ali, mas tudo que pôde fazer foi dar um rígido aceno de cabeça e seguir, bamboleando, o seu caminho.

– Vi-a várias vezes – disse a Varys –, mas não me atrevo a falar com ela. Suspeito que todos os meus movimentos estão sendo vigiados.

– Essa suspeita mostra a sua sensatez, meu bom senhor.

– Quem? – Tyrion inclinou a cabeça.

– Os Kettleblack entregam frequentes relatórios à sua querida irmã.

– Quando penso em todo o dinheiro que paguei a esses miseráveis... acha que há alguma hipótese de mais ouro reconquistá-los?

– Há sempre uma hipótese, mas eu não apostaria nisso. Eles agora são cavaleiros, todos os três, e sua irmã prometeu-lhes mais promoções. – Um risinho abafado e perverso irrompeu de entre os lábios do eunuco. – E o mais velho, Sor Osmund da Guarda Real, sonha também com outros certos... *favores*. Você pode igualar a rainha moeda a moeda, não duvido, mas ela tem uma segunda bolsa que é bastante inesgotável.

Sete infernos, pensou Tyrion.

– Está sugerindo que Cersei anda fodendo o Osmund Kettleblack?

– Oh, deuses, não, isso seria terrivelmente perigoso, não acha? Não, a rainha só *sugere*... talvez amanhã, ou depois do casamento... e depois um sorriso, um sussurro, um gracejo irreverente... um seio roçando levemente na manga dele quando se cruzam... e no entanto parece funcionar. Mas o que um eunuco poderia saber dessas coisas? – a ponta de sua língua correu pelo lábio inferior como um animal tímido e cor-de-rosa.

Se conseguisse de algum modo levá-los a fazer mais do que carícias dissimuladas, arranjar uma maneira de o pai pegá-los juntos na cama... Tyrion levou os dedos à escara do nariz. Não via como isso seria realizável, mas talvez lhe ocorresse algum plano mais tarde.

– Os Kettleblack são os únicos?

– Bom seria se assim fosse, senhor. Temo que haja muitos olhos postos em você. É... como direi? *Impossível de ignorar*? E não muito amado, lamento dizê-lo. Os filhos de Janos Slynt iriam denunciá-lo de bom grado para vingar o pai, e o nosso querido Lorde Petyr tem amigos em metade dos bordéis de Porto Real. Se fosse suficientemente insensato para visitar um qualquer, ele saberia de imediato, e o senhor seu pai, pouco depois.

É ainda pior do que eu temia.

– E o meu pai? Quem ele tem para me espiar?

Dessa vez o eunuco riu alto.

– Ora, eu, senhor.

Tyrion também riu. Não era suficientemente tolo para confiar mais em Varys do que era obrigado... mas o eunuco já sabia o suficiente sobre Shae para que ela fosse facilmente enforcada.

– Você vai me trazer Shae através das paredes, escondida de todos esses olhos. Como fez antes.

Varys torceu as mãos.

– Oh, senhor, nada me agradaria mais, mas... o Rei Maegor não queria ratazanas em suas paredes, se entende o que quero dizer. Ele exigiu uma maneira de sair secretamente, para o caso de ficar alguma vez encurralado por seus inimigos, mas essa porta não tem ligação com nenhuma outra passagem. Posso roubar a sua Shae da Senhora Lollys durante algum tempo, com certeza, mas não tenho como levá-la até o seu quarto sem que sejamos vistos.

– Então leve-a a outro lugar qualquer.

– Mas onde? Não há lugar seguro.

– Há. – Tyrion deu um sorriso. – Aqui. É hora de dar um uso melhor àquela sua cama dura como pedra, creio eu.

A boca do eunuco abriu-se. Depois soltou um risinho.

– Lollys cansa-se facilmente nos dias atuais. Está muito grávida. Imagino que estará dormindo em segurança por volta do nascer da lua.

Tyrion saltou da cadeira.

– Então será ao nascer da lua. Trate de arranjar algum vinho. E duas taças limpas.

Varys fez uma reverência.

– Será feito como o senhor ordena.

O resto do dia pareceu rastejar, lento como um verme em melaço. Tyrion subiu até a biblioteca do castelo e tentou se distrair com a *História das guerras de Roine*, de Beldecar, mas quase nem conseguia ver os elefantes, com a imaginação ocupada como estava pelo sorriso de Shae. Quando a tarde chegou, pôs o livro de lado e pediu um banho. Esfregou-se até a água esfriar, e depois ordenou que Pod

aparasse sua barba. Esta era uma provação para si mesmo; um emaranhado de pelos amarelos, brancos e pretos, irregular e grosseira, raramente menos do que desagradável à vista, mas servia para esconder parte de seu rosto, e isso era sempre bom.

Quando ficou tão limpo, cor-de-rosa e aparado como lhe era possível, Tyrion vasculhou o guarda-roupa e escolheu um par de calções apertados de cetim, do carmesim Lannister, e seu melhor gibão, o de pesado veludo negro com os rebites em forma de cabeça de leão. Teria colocado também a sua corrente de mãos douradas, se o pai não a tivesse roubado dele enquanto estava à beira da morte. Só depois de se vestir é que compreendeu a que ponto aquela loucura tinha chegado. *Sete infernos, anão, perdeu todo o juízo quando perdeu o nariz? Qualquer pessoa que o veja vai querer saber por que vestiu a roupa para audiências para visitar o eunuco*. Praguejando, Tyrion despiu-se e voltou a vestir-se, com um traje mais simples; calções pretos de lã, uma velha túnica branca e um gibão de couro marrom desbotado. *Não importa*, disse a si mesmo enquanto esperava que a lua nascesse. *Vista o que vestir, continua sendo um anão. Nunca será tão alto como aquele cavaleiro na escada, com as suas longas pernas retas, barriga dura e largos ombros viris.*

A luz se projetava sobre a muralha do castelo quando disse a Podrick Payne que ia visitar Varys.

– Vai demorar, senhor? – perguntou o garoto.

– Ah, espero que sim.

Com a Fortaleza Vermelha tão cheia de gente, Tyrion não podia acalentar a esperança de passar despercebido. Sor Balon Swann estava de guarda junto à porta, e Sor Loras Tyrell, à ponte levadiça. Parou para trocar amabilidades com ambos. Era estranho ver o Cavaleiro das Flores todo de branco quando anteriormente andara sempre tão colorido como um arco-íris.

– Quantos anos você tem, Sor Loras? – perguntou-lhe.

– Dezessete, senhor.

Dezessete, belo, e já uma lenda. Metade das garotas dos Sete Reinos querem dormir com ele, e todos os rapazes querem ser ele.

– Se me perdoa a pergunta, sor... por que é que alguém escolhe se juntar à Guarda Real aos dezessete anos?

– O Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, proferiu os votos aos dezessete – disse Sor Loras –, e o seu irmão Jaime era ainda mais novo.

– Eu conheço os motivos deles. Quais são os seus? A honra de servir junto a modelos de cavalaria como Meryn Trant e Boros Blount? – deu ao rapaz um sorriso zombeteiro. – Para defender a vida do rei, desistiu da sua. Abriu mão de suas terras e títulos, perdeu a esperança num casamento, em filhos...

– A Casa Tyrell continua por meio de meus irmãos – disse Sor Loras. – Não é necessário que um terceiro filho se case, ou se reproduza.

– Não é necessário, mas há quem ache isso prazeroso. E o amor?

– Depois de o sol se pôr, não há vela que possa substituí-lo.

– Isso vem de uma canção? – Tyrion inclinou a cabeça, sorrindo. – Sim, tem dezessete anos. Agora entendo.

Sor Loras retesou-se.

– Está caçoando de mim?

Um rapaz suscetível.

– Não. Se o ofendi, perdoe-me. Um dia eu mesmo tive uma amada, e nós também tínhamos uma canção. *Amei uma donzela bela como o verão, com luz do sol nos cabelos*. – Desejou a Sor Loras uma boa noite e prosseguiu o seu caminho.

Perto dos canis, um grupo de homens de armas assistiam a uma luta de cães. Tyrion parou tempo suficiente para ver o cão menor arrancar metade do focinho do maior, e conquistou algumas gargalhadas ao observar que o perdedor se assemelhava agora a Sandor Clegane. Então, esperando ter desarmado a desconfiança dos homens, prosseguiu na direção da muralha norte e desceu a curta escadaria que levava à pobre habitação do eunuco. A porta abriu-se no momento em que erguia a mão para bater.

– Varys? – Tyrion deslizou para dentro. – Você está aí? – Uma única vela iluminava as trevas, enchendo o ar com o cheiro de jasmim.

– Senhor. – Uma mulher surgiu à luz; roliça, suave, com aspecto de matrona e um rosto que mais parecia uma lua redonda e cor-de-rosa, além de pesados caracóis escuros. Tyrion recuou. – Há algo errado? – perguntou a mulher.

Varys, compreendeu Tyrion, aborrecido.

– Por um horrível momento pensei que tivesse me trazido Lollys em vez de Shae. Onde está ela?

– Aqui, senhor. – Ela pôs as mãos sobre seus olhos, por trás. – Será capaz de adivinhar o que estou vestindo?

– Nada?

– Oh, é tão *esperto* – disse ela, fazendo beicinho e afastando as mãos. – Como sabia?

– É muito bela dentro de nada.

– Sou? – disse ela. – Sou mesmo?

– Oh, sim.

– Então não devia estar me fodendo em vez de falando?

– Primeiro temos de nos livrar da Senhora Varys. Não sou um daqueles anões que gostam de público.

– Ele foi embora – disse Shae.

Tyrion virou-se para olhar. Era verdade. O eunuco havia

desaparecido, com saias e tudo. *As portas escondidas estão aqui, em algum lugar, têm de estar*. Foi tudo em que teve tempo de pensar antes que Shae lhe virasse a cabeça para beijá-lo. A boca dela estava úmida e esfomeada, e ela nem sequer parecia ver a sua cicatriz, ou a escara em carne viva que agora tinha no local onde antes o nariz esteve. A pele da moça era seda morna sob os seus dedos. Quando o polegar roçou no mamilo esquerdo dela, ele endureceu de imediato.

– Depressa – ela pediu, entre beijos, enquanto os dedos dele se dirigiam às ataduras –, oh, depressa, depressa, quero você dentro de mim, dentro de mim, dentro de mim. – Tyrion sequer teve tempo para se despir como deveria. Shae puxou seu pau para fora dos calções, empurrou-o para o chão e trepou em cima dele. Gritou quando Tyrion atravessou seus lábios e montou-o violentamente, gemendo: – Meu gigante, meu gigante, meu gigante – sempre que se lançava contra ele. Tyrion estava tão ardente que explodiu no quinto empurrão, mas Shae não pareceu se importar. Deu um sorriso maroto quando o sentiu ejacular e debruçou-se para a frente para beijar o suor de sua testa. – Meu gigante de Lannister – murmurou. – Fique dentro de mim, por favor. Gosto de senti-lo aí.

Então Tyrion não se moveu, exceto para pôr os braços em volta dela. *É tão bom abraçá-la, e ser abraçado*, pensou. *Como pode uma coisa tão doce ser um crime que justifique enforcá-la?*

– Shae – disse –, querida, esta tem de ser a última vez que ficamos juntos. O perigo é grande demais. Se o senhor meu pai encontrá-la...

– Gosto da sua cicatriz. – A moça percorreu-a com um dedo. – Faz com que pareça muito feroz e forte.

Ele soltou uma gargalhada.

– Muito feio, você quer dizer.

– O senhor nunca será feio aos meus olhos. – Ela beijou a escara que cobria os restos destroçados do seu nariz.

– Não é o meu rosto que deve preocupá-la, é o meu pai...

– Ele não me assusta. O senhor vai me devolver agora as joias e as sedas? Perguntei a Varys se ele podia me dá-las quando você foi ferido na batalha, mas ele não quis. Que teria acontecido com elas se tivesse morrido?

– Não morri. Aqui estou.

– Eu sei. – Shae contorceu-se em cima dele, sorrindo. – Bem no lugar certo. – Fez beicinho. – Mas por quanto tempo tenho de continuar com Lollys, agora que está bem?

– Não está ouvindo? – disse Tyrion. – Pode ficar com Lollys se quiser, mas seria melhor se saísse da cidade.

– Não quero sair. O senhor me prometeu que eu voltaria a me mudar para uma mansão depois da batalha. – A boceta dela deu-lhe um pequeno apertão, e ele começou a enrijecer de novo, dentro dela.

– Um Lannister sempre paga as suas dívidas, você disse.

– Shae, malditos sejam os deuses, pare com isso. *Escute*-me. Você tem de ir embora. Agora a cidade está cheia de Tyrells, e eu sou vigiado de perto. Você não compreende os perigos.

– Posso ir ao banquete de casamento do rei? A Lollys não quer ir. Disse-lhe que ninguém deverá estuprá-la na sala do trono do rei, mas ela é tão *burra*. – Quando Shae rolou de cima de Tyrion, o pau dele escorregou para fora com um som suave e úmido. – O Symon diz que vai haver um torneio de cantores, e acrobatas, e até uma justa de bobos.

Tyrion tinha quase se esquecido do três vezes maldito cantor de Shae.

– Como foi que falou com Symon?

– Falei dele à Senhora Tanda, e ela contratou-o para tocar para Lollys. A música acalma-a quando o bebê começa a chutar. Symon diz que vai haver um urso dançarino no banquete, e vinhos da Árvore. Nunca vi um urso dançar.

– Dançam pior do que eu. – O que o preocupava era o cantor, não o urso. Uma palavra descuidada ao ouvido errado, e Shae seria enforcada.

– Symon diz que vai haver setenta e sete pratos e uma grande torta com cem pombas lá dentro – prosseguiu Shae. – Quando a crosta for aberta, todas vão sair e levantar voo.

– E em seguida irão se empoleirar nas vigas do teto e fazer chover cocô de pássaro sobre os convidados. – Tyrion já sofrera com aquele tipo de torta de casamento. As pombas gostavam especialmente de cagar em cima *dele*, ou pelo menos sempre tinha suspeitado disso.

– Eu não poderia vestir as minhas sedas e veludos e ir como uma senhora em vez de uma criada de quarto? Ninguém saberia que não sou uma senhora.

Todo mundo saberia que não é uma senhora, pensou Tyrion.

– A Senhora Tanda podia sentir curiosidade em saber onde a aia de Lollys teria arranjado tantas joias.

– Symon diz que vai haver mil convidados. Ela nunca me veria. Eu encontraria um lugar em algum canto escuro abaixo do sal, mas sempre que se levantasse para ir à latrina, eu poderia escapulir e ir encontrá-lo. – Envolveu a pica dele nas mãos e afagou-a com suavidade. – Não levaria roupas de baixo sob o vestido, para que o senhor nem precisasse me desatar. – Os dedos dela brincaram com ele, para cima e para baixo. – Ou, se quisesse, podia fazer-lhe isto. – Enfiou-o na boca.

Tyrion ficou pronto de novo depressa. Daquela vez durou muito mais tempo. Quando terminou, Shae voltou a rolar para cima dele e aninhou-se por baixo de seu braço.

– Vai me deixar ir, não vai?

– Shae – gemeu –, *não é seguro*.

Durante algum tempo, ela não disse uma palavra. Tyrion tentou falar em outras coisas, mas deparou com uma muralha de cortesia amuada, tão gelada e inflexível como a Muralha por onde caminhara uma vez, no norte. *Deuses, sejam bons*, pensou, fatigado, enquanto observava a vela queimando e começando a oscilar, *como deixei que isso voltasse a acontecer, depois de Tysha? Será que sou um tolo tão grande como o meu pai pensa?* De bom grado lhe teria feito a promessa que ela queria, e de bom grado voltaria com ela para o seu quarto, de braço dado, para deixá-la vestir as sedas e os veludos de que tanto gostava. Se a escolha fosse sua, ela poderia sentar-se a seu lado no banquete de casamento de Joffrey, e dançaria com todos os ursos que quisesse. Mas não podia vê-la enforcada.

Quando a vela se apagou, Tyrion desprendeu-se e acendeu outra. Então fez uma ronda pelas paredes, batendo em todas, uma de cada vez, em busca da porta escondida. Shae sentou-se com as pernas dobradas próximas ao peito e os braços enrolados em volta delas, observando-o. Por fim, disse:

– Estão debaixo da cama. Os degraus secretos.

Ele olhou-a, incrédulo.

– A cama? A cama é de pedra sólida. Pesa meia tonelada.

– Há um lugar onde Varys empurra, e a cama flutua para cima. Perguntei-lhe como fazia aquilo, e ele disse que era magia.

– Sim. – Tyrion teve de sorrir. – Um feitiço de contrapeso.

Shae ficou em pé.

– Eu devia voltar. Às vezes o bebê chuta e Lollys acorda e me chama.

– Varys deve voltar em breve. Provavelmente está escutando todas as palavras que dizemos. – Tyrion apoiou a vela. Havia um ponto úmido na parte da frente dos seus calções, mas na escuridão devia passar despercebido. Disse a Shae para se vestir e esperar pelo eunuco.

– Eu espero – ela prometeu. – É o meu leão, não é? O meu gigante de Lannister?

– Sou – disse ele. – E você é...

– ... a sua rameira. – Ela pôs um dedo nos lábios dele. – Eu sei. Gostaria de ser a sua senhora, mas não posso. Se fosse, você iria me levar ao banquete. Não importa. Gosto de ser rameira para o senhor, Tyrion. Basta que me mantenha, meu leão, e que me mantenha a salvo.

– Manterei – prometeu ele. *Tolo, tolo*, gritou a sua voz interior. *Por que disse isso? Veio aqui para mandá-la embora!* Em vez disso, voltou a beijá-la.

O caminho de volta pareceu longo e solitário. Podrick Payne estava dormindo em sua bicama, aos pés da de Tyrion, mas este acordou o rapaz.

– Bronn – disse.

– Sor Bronn? – Pod afastou o sono dos olhos com as mãos. – Oh. Devo ir chamá-lo? Senhor?

– Ora, não, acordei você para termos uma conversinha sobre a maneira como ele se veste – disse Tyrion, mas o sarcasmo foi desperdiçado. Pod limitou-se a olhá-lo de boca aberta, confuso, até que o anão jogou as mãos para o ar e disse: – Sim, vá buscá-lo. Traga-o aqui. Já.

O rapaz vestiu-se às pressas e saiu do quarto praticamente correndo. *Sou mesmo tão aterrorizador assim?*, perguntou Tyrion a si mesmo, enquanto se despia, vestia um roupão e se servia de um pouco de vinho.

Bebia a terceira taça, depois de ter decorrido metade da noite, quando Pod finalmente retornou, rebocando o cavaleiro mercenário.

– Espero que o rapaz tenha mesmo uma razão muito boa para me arrastar para fora da casa de Chataya – disse Bronn enquanto se sentava.

– Da casa de *Chataya*? – disse Tyrion, aborrecido.

– É bom ser um cavaleiro. Foi-se o tempo de andar à procura dos bordéis mais baratos no fim da rua. – Bronn sorriu. – Agora é Alayaya e Marei na mesma cama de plumas, com Sor Bronn no meio.

Tyrion teve de reprimir o incômodo. Bronn tinha tanto direito de se deitar com Alayaya quanto qualquer outro homem, mesmo assim... *Nunca toquei nela, por mais que a desejasse, mas Bronn não podia saber disso. Devia ter mantido o pau longe dela*. Ele mesmo não se atrevia a visitar a casa de Chataya. Se o fizesse, Cersei se certificaria de que o pai ficasse sabendo, e Alayaya sofreria mais do que algumas chicotadas. Enviara à moça um colar de prata e jade e um par de pulseiras combinando, como forma de desculpa, mas, além disso...

Isso não leva a nada.

– Há um cantor que chama a si mesmo de Symon Língua de Prata – disse Tyrion num tom fatigado, afastando a culpa. – Às vezes toca para a filha da Senhora Tanda.

– Que tem ele?

Podia ter dito: *Mate-o*, mas o homem nada havia feito além de cantar algumas canções. *E encher a linda cabeça de Shae com visões de pombas e ursos dançarinos*.

– Encontre-o – acabou por dizer. – Encontre-o antes que outros o façam.

Arya

Estava desenterrando legumes no jardim de um morto quando ouviu a cantoria.

Arya retesou-se, quieta como pedra, escutando, subitamente esquecida das três cenouras fibrosas que tinha na mão. Pensou nos Saltimbancos Sangrentos e nos homens de Roose Bolton, e um arrepio de medo correu por sua espinha. *Não é justo, quando finalmente encontramos o Tridente, quando pensávamos que estávamos quase a salvo.*

Mas por que os Saltimbancos estariam cantando?

A canção pairava sobre o rio, vinda de algum lugar para lá da pequena elevação que havia a leste.

– *Vou à Vila Gaivota ver a bela donzela, ei-ou, ei-ou...*

Arya levantou-se, com as cenouras penduradas na mão. Soava como se o cantor viesse ao longo da estrada que ladeava o rio. No meio das couves, Torta Quente também o ouviu, julgando pela expressão que tinha no rosto. Gendry fora dormir à sombra do chalé incendiado, e não estava em estado de ouvir qualquer coisa.

– *Co'a ponta da espada roubarei um beijo dela, ei-ou, ei-ou*. – parecia ouvir também uma harpa, ao fundo do suave rumorejar do rio.

– Está ouvindo? – perguntou Torta Quente num sussurro rouco, enquanto se abraçava a um monte de couves. – Alguém está vindo.

– Vá acordar Gendry – disse-lhe Arya. – Sacuda-o só pelo ombro, não faça muito barulho. – Gendry era fácil de acordar, ao contrário do Torta Quente, que precisava levar pontapés e ouvir gritos.

– *Será o meu amor, descansando sob a tela, ei-ou, ei-ou*. – A canção tornava-se mais alta a cada palavra.

Torta Quente abriu os braços. As couves caíram ao chão com ruídos surdos e suaves.

– Temos de nos *esconder*.

Onde? O chalé incendiado e seu jardim descuidado ficavam bem ao lado das margens do Tridente. Havia alguns salgueiros crescendo ao longo do rio, e grupos de caniços nos baixios lamacentos atrás deles, mas a maior parte do terreno ao redor era dolorosamente aberta. *Eu sabia que nunca deveríamos ter saído da floresta*, pensou ela. Mas tinham tanta fome, e o jardim era uma tentação tão grande. O pão e o queijo que tinham roubado de Harrenhal acabara seis dias antes, quando eles se encontravam no meio da floresta.

– Leve Gendry e os cavalos para trás do chalé – decidiu. Lá ainda havia parte de uma parede que permanecia em pé, suficientemente grande, talvez, para esconder dois rapazes e três cavalos. *Se os cavalos não relincharem, e aquele cantor não vier meter o nariz no jardim.*

– E você?

– Eu me escondo ao pé da árvore. Ele provavelmente vem sozinho. Se me incomodar, mato-o. *Vá!*

Torta Quente partiu, e Arya largou as cenouras e puxou a espada roubada por sobre o ombro. Tinha prendido a bainha nas costas; a espada fora forjada para um adulto, e batia no chão quando ela a usava na cintura. *Além disso é pesada demais*, pensou, sentindo falta da Agulha, como acontecia sempre que pegava naquela coisa desajeitada. Mas era uma espada, e podia matar com ela, isso bastava.

Ligeira, correu para o grande e velho salgueiro que crescia ao lado da curva da estrada e caiu sobre um joelho entre a grama e a lama, no interior do véu de ramos que roçavam o chão. *Oh, velhos deuses*, rezou enquanto a voz do cantor se tornava mais forte, *oh, deuses das árvores, escondam-me, e façam com que passem por mim*. Então, um cavalo relinchou e a voz interrompeu-se subitamente. *Ele ouviu*, compreendeu, *mas talvez esteja sozinho, ou, se não estiver, talvez tenham tanto medo de nós como nós temos deles.*

– Ouviu aquilo? – disse uma voz de homem. – Parece que há alguma coisa atrás daquela parede.

– Sim – respondeu uma segunda voz, mais grave. – O que acha que pode ser, Arqueiro?

Então são dois. Arya mordeu o lábio. Não conseguia vê-los de onde estava ajoelhada, por causa do salgueiro. Mas conseguia ouvir.

– Um urso. – Uma terceira voz, ou a primeira outra vez?

– Um monte de carne num urso – disse a voz grave. – Um monte de gordura também, no Outono. Boa para comer, se for bem cozida.

– Poderia ser um lobo. Talvez um leão.

– Você acha que com quatro patas? Ou com duas?

– Não importa. Importa?

– Que eu saiba, não. Arqueiro, o que pretende fazer com todas essas flechas?

– Lançar umas tantas atrás daquela parede. Seja o que for que está escondido ali, vai sair bem depressa, espere e verá.

– Mas e se for algum homem honesto que está ali? Ou uma pobre mulher com um bebezinho de peito?

– Um homem honesto sairia e mostraria a cara. Só um fora da lei fugiria e se esconderia.

– Bem, é verdade. Então mande lá as suas flechas.

Arya ficou em pé de um salto.

– *Não!* – mostrou-lhes a espada. Viu que eram três. *Só três*. Syrio podia lutar com mais de três, e ela talvez tivesse Torta Quente e Gendry para lutar com ela. *Mas eles são garotos, e estes são homens*.

Eram homens a pé, sujos da viagem e salpicados de lama. Identificou o cantor pela harpa que embalava contra o gibão, como uma mãe embalaria um bebê. Um homem pequeno, de uns cinquenta

anos, tinha a boca grande, o nariz marcante e cabelos castanhos que já rareavam. Suas roupas, de um verde desbotado, estavam consertadas aqui e ali com remendos de couro velho, e trazia na cintura um molho de facas de arremessar e, a tiracolo, um machado de lenhador.

O homem que seguia a seu lado era uns bons trinta centímetros mais alto, e parecia um soldado. De seu cinto de couro com rebites pendia uma espada longa e um punhal, fileiras de anéis de aço sobrepostos estavam costuradas em sua camisa, e sua cabeça estava coberta por um meio elmo de ferro negro em forma de cone. Tinha dentes estragados e uma cerrada barba castanha, mas era o manto amarelo com capuz que chamava a atenção. Grosso e pesado, manchado aqui por mato e ali por sangue, puído ao longo da bainha e remendado com pele de veado no ombro direito, o manto dava ao homem o aspecto de um enorme pássaro amarelo.

O último dos três era um jovem tão esguio como o seu arco, embora não fosse tão alto. Ruivo e sardento, usava uma brigantina com rebites, botas de cano alto, luvas de couro sem dedos e uma aljava a tiracolo. As penas de suas flechas eram de ganso cinza, e seis delas estavam espetadas no chão à sua frente, como uma pequena cerca.

Os três homens olharam-na, ali, em pé, no meio da estrada, de espada na mão. Então o cantor tocou uma corda num gesto indolente.

– Menino – disse –, abaixe já essa espada se não quiser se machucar. É grande demais para você, garoto, e além disso o Anguy aqui conseguiria atravessá-lo com três flechas antes de você pensar em nos alcançar.

– Não conseguiria nada – disse Arya –, e eu sou uma *menina*.

– Ah, e não é que é verdade? – o cantor fez uma reverência. – As minhas desculpas.

– Continue pela estrada afora. Limite-se a andar adiante e continue a cantar, para que saibamos onde está. Vá embora e deixe-nos em paz, e eu não os mato.

O arqueiro sardento soltou uma gargalhada.

– Limo, ela não nos mata, ouviu?

– Ouvi – disse Limo, o soldado grande com a voz grave.

– Filha – disse o cantor –, abaixe essa espada, que nós levamos você para um lugar melhor e colocamos alguma comida nessa barriga. Há lobos por esses lados, e também leões, e coisas piores. Não é lugar para uma menininha ficar vagueando sozinha.

– Ela não está sozinha. – Gendry saiu a cavalo de trás da parede do chalé, e Torta Quente veio atrás, trazendo o cavalo de Arya pela arreata. Vestindo a cota de malha e com uma espada na mão, Gendry quase parecia um homem-feito, e perigoso. Torta Quente parecia Torta Quente. – Faça o que ela diz, e deixe-nos em paz – preveniu Gendry.

– Dois e três – contou o cantor – e é só isso? E também cavalos, lindos cavalos. Onde foi que os roubaram?

– São nossos. – Arya observou-os cuidadosamente. O cantor tentava distraí-la com a sua conversa, mas o perigo estava no arqueiro. *Se ele arrancar uma flecha do chão...*

– Vão nos dizer seus nomes como homens honestos? – perguntou o cantor aos rapazes.

– Sou o Torta Quente – disse o Torta Quente de imediato.

– Ora, e que bom para você. – O homem sorriu. – Não é todos os dias que conheço um garoto com um nome tão saboroso. E como se chamam os seus amigos, Costeleta de Carneiro e Pombinha?

Gendry franziu a testa de cima de sua sela.

– Por que devo lhe dizer o meu nome? Ainda não ouvi o seu.

– Bom, não seja por isso, sou Tom de Seterrios, mas todos me chamam de Tom Sete-Cordas, ou então Tom das Sete. Este grande grosseirão com dentes marrons é o Limo, abreviatura de Manto Limão. Ele é amarelo, está vendo, e o Limo é um cara amargo. E este jovem rapaz aqui é Anguy, ou Arqueiro, como gostamos de chamá-lo.

– E agora, quem são vocês? – exigiu saber o Limo, na voz grave que Arya tinha ouvido através dos ramos do salgueiro.

Ela não ia revelar seu verdadeiro nome assim tão facilmente.

– Se quiser que seja Pombinha, sou Pombinha – disse. – Não me importo.

O grandalhão soltou uma gargalhada.

– Uma pombinha com uma espada – disse. – Ora, eis uma coisa que não se vê todos os dias.

– Eu sou o Touro – disse Gendry, imitando Arya. Não podia censurá-lo por preferir Touro a Costeleta de Carneiro.

Tom Sete-Cordas arrancou um acorde da harpa.

– Torta Quente, Pombinha e Touro. Fugidos da cozinha de Lorde Bolton, não?

– Como sabe? – quis saber Arya, inquieta.

– Tem o símbolo dele no peito, pequena.

Havia se esquecido disso por um instante. Sob o manto, ainda usava o gibão de pajem, com o homem esfolado do Forte do Pavor cosido no peito.

– Não me chame de pequena!

– Por que não? – disse Limo. – É bastante pequena.

– Sou maior do que era. Não sou uma *criança*. – As crianças não matam gente, e ela já havia feito isso.

– Já tinha percebido, Pombinha. Nenhum de vocês é criança, não se pertenciam a Bolton.

– Nunca fomos dele. – Torta Quente nunca sabia quando devia ficar calado. – Estávamos em Harrenhal antes de ele chegar, só isso.

– Então são filhotes de leão, é isso? – perguntou Tom.

– Também não. Não somos de ninguém. E vocês, são de quem?

Anguy, o Arqueiro, disse:

– Somos homens do rei.

Arya franziu a testa.

– Qual deles?

– O Rei Robert – disse Limo, com seu manto amarelo.

– Aquele velho bêbado? – perguntou Gendry em tom de escárnio. – Está morto, um javali qualquer matou-o, todo mundo sabe disso.

– Bem, rapaz – disse Tom Sete-Cordas –, e é uma pena. – Fez soar um acorde triste na harpa.

Arya não achava nem um pouco que eles fossem mesmo homens do rei. Pareciam-se mais com fora da lei, todos andrajosos e esfarrapados. Nem sequer tinham cavalos para montar. Homens do rei teriam cavalos.

Mas Torta Quente interveio ansiosamente.

– Andamos à procura de Correrrio – disse ele. – A quantos dias de viagem fica, vocês sabem?

Arya sentiu-se capaz de matá-lo.

– Cale-se, senão encho essa sua grande boca estúpida de pedras.

– Correrrio fica a uma longa distância para montante – disse Tom. – A uma distância longa e faminta. Não querem uma refeição quente antes de seguirem caminho? Há uma estalagem ali adiante, não muito longe, que é de uns amigos nossos. Podíamos dividir umas cervejas e um pouco de pão, em vez de lutar uns com os outros.

– Uma estalagem? – pensar em comida quente fez a barriga de Arya trovejar, mas não confiava naquele Tom. Nem todo mundo que nos falava de forma amistosa era realmente nosso amigo. – Fica perto, você diz?

– Três quilômetros a montante – disse Tom. – Uma légua, no máximo.

Gendry parecia tão incerto quanto ela.

– O que quer dizer com *amigos*? – perguntou ele com cautela.

– Amigos. Esqueceu-se do que são amigos?

– O nome da estalajadeira é Sharna – interveio Tom. – Tem uma língua afiada e um olho feroz, admito, mas o coração é bom e gosta de menininhas.

– Eu não sou uma menininha – disse Arya, zangada. – Quem mais está lá? Você disse *amigos*.

– O marido de Sharna, e um garoto órfão que eles acolheram. Não lhe farão mal. Há cerveja, se achar que já tem idade. Pão fresco e talvez um pouco de carne. – Tom olhou de relance para o chalé. – E mais o que quer que tenham roubado do jardim do Velho Pate.

– Não roubamos nada – disse Arya.

– Então será que é filha do Velho Pate? Uma irmã? Uma esposa? Não minta para mim, Pombinha. Fui eu mesmo quem enterrou o Velho Pate, bem ali, debaixo daquele salgueiro onde estava escondida, e você não se parece com ele. – Arrancou da harpa um som triste. – Enterramos muitos bons homens neste último ano, mas não queremos enterrar você, juro pela minha harpa. Arqueiro, mostre-lhe.

A mão do arqueiro moveu-se mais depressa do que Arya julgaria possível. A flecha passou por sua cabeça assobiando, a dois centímetros de sua orelha, e foi se enterrar no tronco do salgueiro, que ficava atrás. Nesse momento, o arqueiro já tinha uma segunda flecha encaixada e a corda puxada. Antes Arya achava que entendia o que Syrio queria dizer com *rápida como uma cobra* e *suave como seda de verão*, mas agora sabia que não. A flecha zumbiu atrás dela como uma abelha.

– Errou – disse.

– Tola é você se acha isso – disse Anguy. – Elas vão para onde as mando.

– E vão mesmo – concordou Limo Manto Limão.

Havia uma dúzia de passos entre o arqueiro e a ponta da espada dela. *Não temos escolha*, compreendeu Arya, desejando ter um arco como o dele, e a perícia para usá-lo. Sombriamente, baixou a pesada espada até a ponta tocar o chão.

– Vamos ver essa estalagem – admitiu, tentando esconder a dúvida que tinha no coração atrás de palavras ousadas. – Caminhem em nossa frente e nós seguiremos atrás a cavalo, para podermos ver o que estão fazendo.

Tom Sete-Cordas fez uma profunda reverência e disse:

– À frente, atrás, não faz diferença. Venham, rapazes, vamos mostrar-lhes o caminho. Anguy, é melhor guardar essas flechas, não vamos precisar delas aqui.

Arya embainhou a espada e atravessou a estrada até onde os amigos estavam a cavalo, mantendo distância dos três estranhos.

– Torta Quente, pegue essas couves – disse enquanto saltava para a sela. – E as cenouras também.

Por uma vez, ele não discutiu. Puseram-se a caminho como ela quis, avançando lentamente com os cavalos ao longo da estrada sulcada, uma dúzia de passos atrás dos três caminhantes. Mas não muito tempo depois, de algum modo, estavam bem na cola deles. Tom Sete-Cordas caminhava devagar, e gostava de ir dedilhando a harpa à medida que avançava.

– Conhecem algumas canções? – perguntou-lhes. – Adoraria ter alguém com quem cantar, adoraria mesmo. O Limo não consegue cantar afinado, e o nosso rapaz do arco só conhece baladas da Marca, todas com cem versos de comprimento.

– Na Marca cantamos canções de verdade – disse brandamente Anguy.

– Cantar é *idiota* – disse Arya. – Cantar faz barulho. Ouvimos você de muito longe. Podíamos ter matado você.

O sorriso de Tom indicava que ele não tinha a mesma opinião.

– Há coisas piores do que morrer com uma canção nos lábios.

– Se houvesse lobos por aqui, saberíamos – resmungou o Limo. – Ou leões. Esta floresta é nossa.

– Não sabiam que nós estávamos aqui – disse Gendry.

– Ora, rapaz, não devia ter tanta certeza assim – disse Tom. – Às vezes um homem sabe mais do que diz.

Torta Quente mexeu-se na sela.

– Eu conheço a canção sobre o urso – disse. – Pelo menos parte dela.

Tom correu os dedos pelas cordas.

– Então vamos ouvi-la, menino das tortas. – Atirou a cabeça para trás e cantou: – *Havia um urso, um urso, um urso! Preto e castanho e coberto de pelo...*

Torta Quente juntou-se a ele cheio de energia, chegando mesmo a balançar um pouco na sela, nas rimas. Arya fitou-o, espantada. Tinha uma boa voz e cantava bem. *Nunca fez nada bem, a não ser cozinhar*, pensou consigo mesma.

Um pequeno riacho desaguava no Tridente um pouco mais à frente. Enquanto o atravessavam, a cantoria espantou um pato que estava no meio dos juncos. Anguy parou, pegou o arco, encaixou uma flecha e abateu-o. A ave caiu nos baixios, não muito longe da margem. Limo tirou o manto amarelo e entrou na água até os joelhos para recuperá-la, sem parar de se queixar.

– Acha que a Sharna terá limões lá embaixo, naquela adega dela? – perguntou Anguy a Tom enquanto observavam o Limo espirrar água, praguejando. – Certa vez, uma garota de Dorne fez pato com limões para mim. – Parecia cheio de desejo.

Tom e Torta Quente reataram a canção do outro lado do riacho, com o pato já preso ao cinto de Limo, por baixo de seu manto amarelo. De algum modo, a canção fez com que os quilômetros parecessem mais curtos. Não demorou realmente muito tempo até a estalagem aparecer à frente deles, erguendo-se da margem do rio onde o Tridente fazia uma grande curva para o norte. Arya observou-a com suspeita ao se aproximar, de olhos semicerrados. Não parecia um covil de fora da lei, tinha de admitir; aparentava um local amigável, até mesmo acolhedor, com seu andar superior caiado e o telhado de ardósia e a fumaça que saía em preguiçosas espirais da chaminé. Estábulos e outros edifícios secundários rodeavam-na, e havia um vinhedo nos fundos, e macieiras e um pequeno jardim. A estalagem

até tinha seu próprio ancoradouro, que se projetava pelo rio, e...

– Gendry – chamou Arya, com voz baixa e urgente. – Eles têm um barco. Podíamos fazer o resto do caminho até Correrrio navegando. Seria mais rápido do que a cavalo, eu acho.

Ele pareceu duvidar.

– Você alguma vez já velejou?

– Iça-se a vela – disse ela – e o vento empurra.

– E se o vento estiver soprando na direção errada?

– Então há remos para remar.

– Contra a corrente? – Gendry franziu a testa. – Isso não seria devagar? E se o barco virar e cairmos na água? Seja como for, o barco não é nosso, é da estalagem.

Podíamos roubá-lo. Arya mordeu o lábio e nada disse. Desmontaram em frente aos estábulos. Não se via mais nenhum cavalo, mas Arya reparou no estrume fresco em muitas das cocheiras.

– Um de nós devia vigiar os cavalos – disse, cautelosa.

Tom ouviu-a.

– Não há necessidade disso, Pombinha. Venha comer, eles vão ficar suficientemente seguros.

– Eu fico – disse Gendry, ignorando o cantor. – Pode vir me buscar depois de ter comido alguma coisa.

Assentindo, Arya foi atrás de Torta Quente e Limo. Ainda levava a espada na bainha, a tiracolo, e mantinha uma mão perto do cabo do punhal que roubara de Roose Bolton, para o caso de não gostar do que quer que encontrassem lá dentro.

O letreiro pintado por cima da porta mostrava a imagem de um velho rei qualquer ajoelhado. Lá dentro ficava a sala comum, onde uma mulher feia e muito alta, com um queixo protuberante, estava em pé, de mãos no quadril, encarando-a com ar zangado.

– Não fique aí parado, menino – exclamou. – Ou é uma menina? Seja como for, está bloqueando a porta. Ou entra ou sai. Limo, que foi que eu disse a respeito do meu chão? Você está pura lama.

– Abatemos um pato. – Limo mostrou-o como uma bandeira de paz.

A mulher arrancou-o de sua mão.

– O que você quer dizer é que o Anguy abateu um pato. Tire as botas, você é surdo ou é só burro? – virou-se. – *Marido!* – chamou, em voz alta. – Venha aqui pra cima, os rapazes voltaram. *Marido!*

Um homem com um avental sujo subiu a escada da adega, resmungando. Era uma cabeça mais baixo do que a mulher, e tinha o rosto grumoso e uma pele amarelada e solta, que ainda mostrava as marcas de um tipo qualquer de varíola.

– Estou aqui, mulher, pare de berrar. O que foi agora?

– Pendure isto – disse ela, entregando-lhe o pato.

Anguy remexeu os pés.

– Estávamos pensando em comê-lo, Sharma. Com limões. Se tiver alguns.

– Limões. E onde iríamos arranjar limões? Você acha que está em Dorne, meu idiota sardento? Por que não dá um pulo lá atrás até os limoeiros e colhe um balde para a gente, e também algumas azeitonas e romãs das boas? – sacudiu um dedo em frente ao nariz dele. – Ora bem, suponho que podia cozinhá-lo com o manto do Limo, se quisesse, mas só depois que o pato passar uns dias pendurado. Ou você vai comer coelho, ou não vai comer. Coelho assado no espeto é o mais rápido, se tiver fome. Ou talvez o queira cozido, com cerveja e cebolas.

Arya quase conseguia sentir o gosto do coelho.

– Não temos dinheiro, mas trouxemos algumas cenouras e couves que poderíamos trocar com você.

– Ah, trouxe? E onde estão elas?

– Torta Quente, dê as couves para ela – disse Arya, e ele entregou, embora se aproximasse da velha tão cautelosamente como se ela fosse Rorge, Dentadas ou Vargo Hoat.

A mulher inspecionou bem os legumes, e melhor o garoto.

– Onde está essa *torta quente*?

– Aqui. Eu. É o meu nome. E ela é a... ah... Pombinha.

– Debaixo do meu teto, não. Dou nomes diferentes aos clientes e aos pratos, para distingui-los uns dos outros. *Marido!*

O Marido tinha ido até lá fora, mas, ao ouvir o grito da mulher, apressou-se a voltar.

– O pato está pendurado. O que foi agora, mulher?

– Lave estes legumes – ordenou ela. – Os outros, sentem-se enquanto eu começo a cuidar dos coelhos. O garoto vai lhes trazer bebidas. – Olhou ao longo de seu grande nariz para Arya e Torta Quente. – Não tenho o hábito de servir cerveja a crianças, mas a sidra acabou, não há vacas para dar leite, e a água do rio tem gosto de guerra, com todos os mortos que vêm à deriva. Se lhes servisse uma tigela de sopa cheia de moscas mortas, vocês a tomariam?

– Arry tomaria – disse Torta Quente. – A Pombinha, quero dizer.

– E Limo também – sugeriu Anguy, com um sorriso manhoso.

– Não se preocupe com Limo – disse Sharna. – Há cerveja para todos. – E desapareceu na direção da cozinha.

Anguy e Tom Sete-Cordas ocuparam a mesa perto da lareira, enquanto Limo pendurava seu grande manto amarelo num cabide. Torta Quente deixou-se cair pesadamente num banco, junto à mesa perto da porta, e Arya enfiou-se ao lado dele.

Tom pegou a harpa.

– *Uma estalagem solitária na estrada da floresta* – cantou,

inventando lentamente uma melodia que se adaptasse às palavras. – *A mulher do estalajadeiro era feia como uma besta.*

– Cale a boca, senão não vai ter coelho para ninguém – preveniu-o Limo. – Sabe como ela é.

Arya debruçou-se, aproximando-se de Torta Quente.

– Sabe manejar um veleiro? – perguntou. Antes de ele ter tempo de responder, um rapaz atarracado com quinze ou dezesseis anos apareceu com canecas de cerveja. Torta Quente pegou reverentemente a sua, com as duas mãos, e quando bebeu um trago, deu o sorriso mais largo que Arya já tinha visto nele.

– Cerveja – sussurrou – e *coelho*.

– Bem, à saúde de Sua Graça – gritou alegremente Anguy, o Arqueiro, erguendo a caneca. – Que os Sete protejam o rei!

– Todos os doze que há por aí – resmungou Limo Manto Limão. Bebeu, e limpou a espuma da boca com as costas da mão.

O Marido entrou em grande correria pela porta da frente, com um avental cheio de legumes lavados.

– Há cavalos estranhos nos estábulos – anunciou, como se eles não soubessem.

– Sim – disse Tom, colocando a harpa de lado –, e melhores do que os três que você deu.

O Marido deixou cair os legumes sobre uma mesa, aborrecido.

– Não os dei. *Vendi* por um bom preço, e arranjei também um esquife para nós. E, seja como for, o seu grupinho deveria tê-los trazido de volta.

Sabia que eles eram fora da lei, pensou Arya, escutando. A mão desceu para baixo da mesa e tocou o cabo do punhal, para se assegurar de que ainda estava lá. *Se tentarem nos roubar, vão se arrepender.*

– Não vieram para onde estávamos – disse Limo.

– Bem, eu mandei-os. Vocês deviam estar bêbados, ou dormindo.

– Nós? Bêbados? – Tom bebeu um longo trago de cerveja. – Nunca.

– Podia tê-los pego você mesmo – disse Limo.

– O que, só com o garoto aqui? Já lhes disse duas vezes, a velha estava na Charneca dos Cordeiros ajudando a Fern a parir o bebê. E o mais certo é ter sido um de vocês quem plantou o bastardo na barriga da pobre garota. – Deu a Tom um olhar azedo. – Você, aposto, com essa sua harpa, cantando todas essas canções tristes só para fazer a pobre Fern tirar a roupa de baixo.

– Se uma canção leva uma donzela a querer tirar a roupa e sentir o bom sol quente beijar sua pele, ora, será culpa do cantor? – perguntou Tom. – E, além disso, ela gostava era do Anguy. "Posso tocar o seu arco?", ouvi Fern perguntando-lhe. "Ooohh, é tão liso, e

duro. Acha que eu podia dar uma puxadinha nele?"

O Marido resfolegou.

– Você ou o Anguy, não faz diferença. São tão culpados como eu pelos cavalos. Eram três, sabe? O que pode um homem fazer contra três?

– Três – disse Limo em tom de escárnio –, mas um era mulher e o outro tava acorrentado, foi você mesmo que disse.

O Marido fez uma careta.

– Uma mulher *grande*, vestida como um homem. E o que estava acorrentado... Não gostei da expressão nos olhos dele.

Anguy exibiu um sorriso por cima da cerveja.

– Quando não gosto dos olhos de um homem, espeto uma flecha num deles.

Arya recordou a flecha que roçara em sua orelha. Queria saber disparar flechas.

O Marido não se mostrou impressionado.

– E você fique calado quando os mais velhos estão conversando. Beba a sua cerveja e segure essa língua, senão mando a velha mostrar-lhe uma colher de pau.

– Os mais velhos falam demais, e não preciso que me diga para beber a minha cerveja. – E deu um grande trago, para mostrar que era assim.

Arya fez o mesmo. Depois de passar dias bebendo de riachos e poças e, depois, do lamacento Tridente, a cerveja tinha um sabor tão bom quanto os golinhos de vinho que o pai costumava deixá-la beber. Começava a vir da cozinha um cheiro que lhe enchia de água a boca, mas seus pensamentos ainda estavam todos naquele barco. *Manejá-lo será mais difícil do que roubá-lo. Se esperarmos até estarem todos dormindo...*

O criado voltou a aparecer com grandes pães redondos. Arya partiu um pedaço, esfomeada, e atirou-se nele. Mas era difícil de mastigar, estava espesso e grumoso, e queimado embaixo.

Torta Quente fez careta assim que o provou.

– Este pão é ruim – disse. – Está queimado, e duro.

– É melhor quando há guisado para mergulhá-lo nele – disse Limo.

– Não é, não – disse Anguy –, mas com guisado é menos provável que quebre um dente.

– Podem comê-lo ou passar fome – disse o Marido. – Tenho cara de ser um maldito padeiro? Gostaria de vê-los fazer melhor.

– Eu conseguiria – disse Torta Quente. – É fácil. Você amassou demais a massa, é por isso que é tão difícil mastigar. – Bebeu outro gole de cerveja e desatou a falar, com gosto, de pães, tortas e empadas, tudo aquilo que adorava. Arya rolou os olhos.

Tom sentou-se diante dela.

– Pombinha – disse ele –, ou Arry, ou seja lá qual for o seu verdadeiro nome, isto é para você. – Pousou um pedaço sujo de pergaminho na mesa de madeira entre ambos.

Ela olhou o pergaminho com desconfiança.

– O que é isso?

– Três dragões de ouro. Precisamos comprar aqueles cavalos.

Arya olhou-o com cautela.

– Os cavalos são *nossos*.

– O que quer dizer é que foi você que os roubou, não é? Não há vergonha nisso, menina. A guerra transforma muita gente honesta em ladrões. – Tom bateu com o dedo no pergaminho dobrado. – Estou lhe pagando um bom preço. Mais do que qualquer cavalo vale, para falar a verdade.

Torta Quente pegou o pergaminho e desdobrou-o.

– Não há ouro nenhum – protestou em voz alta. – Só há coisas escritas.

– Sim – disse Tom –, e lamento por isso. Mas, depois da guerra, pretendemos fazer esse ouro, tem a minha palavra como homem do rei.

Arya afastou-se da mesa e pôs-se em pé.

– Vocês não são homens do rei coisa nenhuma, são assaltantes!

– Se algum dia tivesse encontrado verdadeiros assaltantes, saberia que eles nunca pagam, nem mesmo em papel. Não é para nós que levamos seus cavalos, filha, é para o bem do reino, para que possamos nos deslocar mais depressa e travar as batalhas que precisam ser travadas. As batalhas do rei. Negaria isso ao rei?

Estavam todos a observá-la: o Arqueiro, o grande Limo, e o Marido, com seu rosto pálido e olhos esquivos. Até Sharna, que espreitava da porta da cozinha. *Vão roubar os cavalos, diga eu o que disser*, compreendeu. *Vamos ter de ir a pé até Correrrio, a menos que...*

– Não queremos papel – com uma palmada, Arya arrancou o pergaminho das mãos de Torta Quente. – Podem ficar com nossos cavalos em troca daquele barco que está lá fora. Mas só se nos mostrarem como manejá-lo.

Tom Sete-Cordas fitou-a por um momento, e depois sua grande boca acolhedora torceu-se num sorriso deplorável. Riu alto. Anguy juntou-se a ele, e então desataram todos a rir, Limo Manto Limão, Sharna e o Marido, até o criado, que saíra de trás dos barris com uma besta debaixo de um braço. Arya quis gritar com eles, mas em vez disso deu um sorriso...

– *Cavaleiros!* – o grito de Gendry parecia esganiçado por causa do susto. A porta abriu-se de rompante, e ali estava ele. – *Soldados* – arquejou. – Pela estrada do rio, uma dúzia deles.

Torta Quente ficou em pé de um salto, derrubando a caneca, mas Tom e os outros permaneceram imperturbados.

– Não há motivo para derramar boa cerveja no meu chão – disse Sharna. – Volte a se sentar e acalme-se, garoto, o coelho vem aí. Você também, garota. Seja qual for o mal que lhe foi feito, está feito e acabou-se, e agora está com homens do rei. Nós vamos mantê-la a salvo o melhor que pudermos.

A única resposta de Arya foi estender a mão para a espada, mas antes de tê-la meio desembainhada, Limo agarrou seu pulso.

– Não vamos ter mais nada disso. – Torceu-lhe o braço até que sua mão se abriu. Os dedos dele eram duros, cheios de calos, e terrivelmente fortes. *Outra vez!*, pensou Arya. *Está acontecendo outra vez, como na aldeia, com Chiswyck, Raff e a Montanha Que Cavalga*. Iam roubar sua espada e voltar a transformá-la num rato. A mão livre fechou-se em volta de sua caneca e brandiu-a contra o rosto de Limo. A cerveja saltou por cima da borda e derramou-se para dentro dos olhos dele, e ela ouviu o nariz do homem quebrar e viu o sangue jorrar. Quando ele soltou um urro, levou as mãos ao rosto, e ela viu-se livre.

– *Fujam!* – gritou, saltando.

Mas Limo logo caiu de novo sobre ela, com longas pernas que faziam com que um de seus passos se igualasse a três dos dela. Arya retorceu-se e esperneou, mas ele a pegou sem esforço e manteve-a pendurada enquanto o sangue corria por seu rosto.

– *Pare com isso*, tolinha – gritou, sacudindo-a de um lado para o outro. – Pare com isso, já! – Gendry fez um movimento para ir ajudá-la, mas parou quando Tom Sete-Cordas se pôs à sua frente com um punhal.

A essa altura, já era tarde demais para fugir. Ouvia cavalos lá fora, e o som de vozes de homens. Um momento mais tarde, um homem entrou, pavoneando-se, pela porta, um tyroshi ainda maior do que Limo, com uma grande barba espessa, pintada de verde vivo nas pontas, mas crescendo grisalha. Atrás dele veio um par de besteiros que ajudavam um homem ferido a caminhar entre os dois, e depois mais...

Arya nunca vira bando mais andrajoso, mas nada havia de andrajoso nas espadas, machados e arcos que traziam. Um ou dois deram olhadelas curiosas para ela ao entrar, mas nenhum disse uma palavra. Um homem zarolho com um elmo redondo e enferrujado farejou o ar e sorriu, enquanto um arqueiro com a cabeça cheia de duros cabelos loiros gritava por cerveja. Depois deles, entrou um lanceiro com um elmo encimado por um leão, um homem mais velho e coxo, um mercenário de Bravos, um...

– Harwin? – sussurrou Arya. *E era!* Sob a barba e os cabelos

emaranhados encontrava-se o rosto do filho de Hullen, que costumava levar o pônei dela pelo pátio, arremeter contra o boneco com Jon e Robb, e beber em excesso em dias de festa. Estava mais magro, de certo modo mais duro, e em Winterfell nunca tinha usado barba, mas era ele... um homem de seu pai. – *Harwin!* – contorcendo-se, atirou-se para a frente, tentando se livrar da mão de ferro de Limo. – Sou eu – gritou –, Harwin, sou eu, não me reconhece, não me reconhece? – as lágrimas chegaram, e deu por si chorando como um bebê, exatamente como uma menininha estúpida qualquer. – Harwin, *sou eu!*

Os olhos de Harwin desceram do rosto de Arya para o homem esfolado que trazia no gibão.

– Como é que me conhece? – disse, franzindo a testa, desconfiado. – O homem esfolado... quem é você, algum criado do Lorde Sanguessuga?

Por um momento, Arya não soube como responder. Tivera tantos nomes. Teria apenas sonhado com Arya Stark?

– Sou uma menina – fungou. – Fui copeira de Lorde Bolton, mas ele ia me deixar com o bode, e por isso fugi com Gendry e Torta Quente. Você *tem* de me reconhecer! Costumava levar o meu pônei quando era pequena.

Os olhos do homem esbugalharam-se.

– Pela bondade dos deuses – disse, numa voz estrangulada. – Arya Debaixo-dos-Pés? Limo, largue-a.

– Ela quebrou meu nariz. – Limo largou-a sem cerimônia no chão. – Quem, com os sete infernos, é que ela deveria ser?

– A filha do Mão. – Harwin ajoelhou-se diante dela. – Arya Stark, de Winterfell.

Catelyn

R*obb* compreendeu, no momento em que ouviu os canis entrarem em erupção.

O filho voltara a Correrrio, e Vento Cinzento vinha com ele. Só o cheiro do grande lobo gigante cinza podia deixar os cães em tamanho frenesi de ganidos e latidos. *Ele virá me encontrar*, pensou. Edmure não tinha retornado depois de sua primeira visita, preferindo passar seus dias com Marq Piper e Patrek Mallister, escutando os versos de Rymund, o Rimante, sobre a batalha no Moinho de Pedra. *Mas Robb não é Edmure. Robb virá me visitar.*

Já chovia havia dias, um dilúvio frio e cinzento que se ajustava ao estado de espírito de Catelyn. O pai ia ficando mais fraco e mais delirante a cada dia que passava, acordando apenas para murmurar "Tanásia" e pedir perdão. Edmure evitava-a, e Sor Desmond Grell ainda lhe negava a liberdade de castelo, por mais infeliz que isso parecesse deixá-lo. Só o regresso de Sor Robin Ryger e seus homens, de pés cansados e ensopados até os ossos, servira para aliviar seu espírito. Ao que parecia, tinham voltado a pé. De algum modo, o Regicida tinha conseguido afundar a galé e escapar, confidenciara-lhe o Meistre Vyman. Catelyn perguntou se podia falar com Sor Robin, para saber melhor o que tinha acontecido, mas isso foi-lhe recusado.

Algo mais estava errado. No dia em que o irmão voltara, algumas horas depois da discussão com ele, ouvira vozes iradas vindas do pátio, embaixo. Quando ela subiu ao telhado para ver o que se passava, havia grupos de homens reunidos do outro lado do castelo, junto ao portão principal. Cavalos estavam sendo trazidos dos estábulos, selados e ajaezados, e havia gritos, embora Catelyn estivesse distante demais para discernir as palavras. Um dos estandartes brancos de Robb jazia no chão, e um dos cavaleiros tinha dado a volta com o cavalo e pisoteado o lobo gigante ao esporear a montaria na direção do portão. Vários dos outros fizeram o mesmo. *Aqueles são homens que lutaram com Edmure nos vaus*, pensou. *O que poderá tê-los deixado tão zangados? Será que meu irmão os afrontou de algum modo, os insultou?* Pensou ter reconhecido Sor Perwyn Frey, que fora e voltara com ela até Pontamarga e Ponta Tempestade, e também o seu meio-irmão bastardo, Martyn Rivers, mas do local em que se encontrava era difícil ter certeza. Perto de quarenta homens jorraram dos portões do castelo, não sabia para que fim.

Não retornaram. E Meistre Vyman também não queria lhe dizer quem tinham sido, para onde tinham ido ou o que os deixara tão zangados.

– Estou aqui para cuidar do seu pai, e só para isso, senhora –

dizia. – Seu irmão em breve será Senhor de Correrrio. O que ele quiser que você saiba será dito por ele.

Mas agora Robb voltara do oeste, retornava em triunfo. *Ele vai me perdoar*, disse Catelyn a si mesma. *Ele tem de me perdoar, é meu filho, e Arya e Sansa são tanto do sangue dele como do meu. Ele vai me libertar destes quartos e então saberei o que aconteceu.*

Quando Sor Desmond veio buscá-la, já tinha tomado banho, se vestido e escovado seus cabelos ruivos.

– O Rei Robb retornou do oeste, senhora – disse o cavaleiro –, e ordena que a senhora compareça perante ele no Grande Salão.

Era o momento com que sonhara e que temera. *Será que perdi dois filhos, ou três?* Em breve saberia.

O salão estava cheio de gente quando entrou. Todos os olhos estavam postos no estrado, mas Catelyn conhecia as costas: a cota de malha remendada da Senhora Mormont, o Grande-Jon e seu filho, erguendo-se acima de todas as outras cabeças no salão, Lorde Jason Mallister, de cabelos brancos, com o elmo alado debaixo do braço, Tytos Blackwood com seu magnífico manto de penas de corvo... *Metade deles agora vai querer me enforcar. A outra metade poderá limitar-se a desviar os olhos*. Tinha também a desconfortável sensação de que faltava alguém.

Robb encontrava-se de pé sobre o estrado. *Já não é um garoto*, compreendeu com uma súbita angústia. *Tem agora dezesseis anos, é um homem-feito. Olhe para ele.* A guerra derreteu toda a suavidade de seu rosto e deixou-o duro e magro. Tinha feito a barba, mas os cabelos ruivos caíam, sem corte, sobre seus ombros. As chuvas recentes tinham enferrujado sua cota de malha e deixado manchas marrons no branco do manto e do sobretudo. Ou talvez as manchas fossem sangue. Na cabeça, trazia a coroa de espadas que tinham fabricado para ele em bronze e ferro. *Agora usa-a com mais conforto. Usa-a como um rei.*

Edmure encontrava-se embaixo do estrado repleto de gente, com a cabeça modestamente inclinada enquanto Robb elogiava sua vitória

– ... caiu no Moinho de Pedra, nunca será esquecido. Pouco admira que Lorde Tywin tenha fugido para enfrentar Stannis. Já não podia mais com homens do Norte e das terras fluviais. – Aquilo gerou risos e gritos de aprovação, mas Robb ergueu uma mão, pedindo silêncio. – Mas não se iludam. Os Lannister voltarão a pôr-se em marcha, e haverá outras batalhas a vencer antes de o reino estar seguro.

O Grande-Jon rugiu "*Rei no Norte!*" e atirou ao ar um punho revestido de cota de malha. Os senhores dos rios responderam com um grito de "*Rei do Tridente!*". O salão trovejou com o som de punhos e pés batendo.

Só alguns repararam em Catelyn e Sor Desmond no meio do tumulto, mas deram cotoveladas nos vizinhos, e um silêncio cresceu lentamente ao seu redor. Ela ergueu bem a cabeça e ignorou os olhares. *Que pensem o que quiserem. É o julgamento de Robb que interessa.*

Ver o rosto escarpado de Sor Brynden Tully no estrado deu-lhe conforto. Um garoto que não conhecia parecia estar agindo como escudeiro de Robb. Atrás dele, encontrava-se um jovem cavaleiro com um sobretudo cor de areia decorado com conchas marinhas, e um outro, mais velho, que usava três pimenteiros negros sobre uma banda cor de açafrão, com fundo listrado de verde e prata. Entre os dois, encontrava-se uma senhora bonita, de certa idade, e uma bela donzela que parecia ser sua filha. Havia também outra menina, com idade próxima à de Sansa. Catelyn sabia que as conchas eram o símbolo de uma casa menor qualquer; não reconhecia o do homem mais velho. *Prisioneiros?* Por que Robb traria cativos para o estrado?

Utherydes Wayn bateu com o bastão no chão enquanto Sor Desmond avançava com ela. *Se Robb me olhar como Edmure olhou, não sei o que farei*. Mas parecia-lhe que não era ira aquilo que via nos olhos do filho, mas outra coisa... talvez apreensão? Não, isso não fazia sentido. O que *ele* poderia temer? Era o Jovem Lobo, Rei do Tridente e no Norte.

O tio foi o primeiro a saudá-la. Um peixe tão negro como sempre, Sor Brynden não se importava com o que os outros pudessem pensar. Saltou do estrado e puxou Catelyn para si.

– É bom vê-la em casa, Cat – disse, e ela teve de lutar para manter a compostura.

– Igualmente – sussurrou.

– Mãe.

Catelyn ergueu os olhos para o seu alto e régio filho.

– Vossa Graça, rezei por seu regresso em segurança. Ouvi dizer que foi ferido.

– Uma flecha atravessou meu braço durante o assalto ao Despenhadeiro – disse ele. – Mas sarou bem. Tive o melhor dos cuidados.

– Então os deuses são bons. – Catelyn inspirou profundamente. *Diga. Não pode ser evitado*. – Devem ter contado a você o que eu fiz. Disseram-lhe os motivos?

– Pelas meninas.

– Tinha cinco filhos. Agora tenho três.

– Sim, senhora. – Lorde Rickard Karstark empurrou o Grande-Jon para passar, como um espectro sombrio em sua cota de malha negra e longa barba, malcuidada e grisalha, seu rosto estreito, atormentado e frio. – E eu tenho um filho, quando um dia tive três. Você roubou

minha vingança.

Catelyn encarou-o calmamente.

– Lorde Rickard, a morte do Regicida não teria trazido vida aos seus filhos. A sobrevivência dele pode pagar pela vida dos meus.

O lorde não estava apaziguado.

– Jaime Lannister a fez de tola. Comprou um saco de palavras vazias, nada mais. O meu Torrhen e o meu Eddard mereciam mais da senhora.

– Já chega, Karstark – trovejou Grande-Jon, cruzando-lhe o peito com seus enormes braços. – Foi uma loucura de mãe. As mulheres são assim.

– Uma loucura de mãe? – Lorde Karstark virou-se ameaçadoramente para Lorde Umber. – Eu chamo isso de traição.

– *Basta*. – Durante apenas um instante, Robb soou mais como Brandon do que como o pai. – Nenhum homem chama a senhora de Winterfell de traidora ao alcance de meus ouvidos, Lorde Rickard. – Quando se virou para Catelyn, sua voz suavizou-se. – Se pudesse voltar a acorrentar o Regicida com a força do desejo, faria isso. A senhora o libertou sem o meu conhecimento ou consentimento... mas sei que fez por amor. Por Arya e Sansa, e por pesar por Bran e Rickon. Já aprendi que o amor nem sempre é sensato. Pode nos levar a grandes loucuras, mas seguimos nosso coração... até onde quer que nos leve. Não seguimos, mãe?

Foi isso que fiz?

– Se o meu coração me levou à loucura, de bom grado darei todas as compensações que possa oferecer ao Lorde Karstark e ao senhor.

O rosto de Lorde Karstark mostrava-se implacável.

– Irão as suas *compensações* aquecer Torrhen e Eddard nas tumbas frias onde o Regicida os depositou? – abriu caminho entre Grande-Jon e Maege Mormont, e abandonou a sala.

Robb nada fez para detê-lo.

– Perdoe-o, mãe.

– Se você me perdoar.

– Já o fiz. Sei o que é amar tanto que não se é capaz de pensar em mais nada.

Catelyn inclinou a cabeça.

– Obrigada. – *Este filho, pelo menos, não perdi*.

– Temos de conversar – prosseguiu Robb. – A senhora e os meus tios. Sobre isso e... outras coisas. Intendente, encerre a audiência.

Utherydes Wayn bateu com o bastão no chão e anunciou o fim da sessão, e tanto os senhores do rio como os do norte se dirigiram para as portas. Foi só então que Catelyn compreendeu o que faltava. *O lobo. O lobo não está aqui. Onde está o Vento Cinzento?* Sabia que o lobo gigante tinha retornado com Robb, ouvira os cães, mas ele não se

encontrava no salão, nem no lugar que lhe pertencia, ao lado do filho.

Mas antes de poder pensar em interrogar Robb, deu por si rodeada por um círculo de amigos. A Senhora Mormont pegou a sua mão e disse:

– Senhora, se Cersei Lannister tivesse em seu poder duas de minhas filhas, eu teria feito o mesmo.

Grande-Jon, pouco respeitador do que era adequado, ergueu-a no ar e apertou seus braços com suas enormes mãos peludas:

– Seu lobinho espancou o Regicida uma vez, voltará a fazê-lo se for necessário.

Galbart Glover e Lorde Jason Mallister foram mais frios, e Jonos Bracken, quase gelado, mas suas palavras foram suficientemente corteses. O irmão foi o último a dirigir-se a ela.

– Também rezo por suas meninas, Cat. Espero que não duvide disso.

– Claro que não. – Beijou-o. – E adoro-o por isso.

Quando todas as palavras foram ditas, o Grande Salão de Correrrio ficou vazio, exceto por Robb, os três Tully e os seis estranhos que Catelyn não conseguia identificar. Olhou-os com curiosidade.

– Senhora, sores, são recém-chegados à causa do meu filho?

– Recém-chegados – disse o mais jovem dos cavaleiros, aquele que ostentava as conchas –, mas com uma coragem feroz e firme lealdade, como espero ter oportunidade de lhe demonstrar, senhora.

Robb fez uma expressão desconfortável.

– Mãe – disse –, permita-me que lhe apresente a Senhora Sybell, esposa de Lorde Gawen Westerling do Despenhadeiro. – A mulher mais velha avançou com um porte solene. – O esposo dela foi um daqueles que fizemos prisioneiros no Bosque dos Murmúrios.

Westerling, sim, pensou Catelyn. *Seu estandarte tem seis conchas marinhas, brancas, em fundo areia. Uma casa menor, juramentada aos Lannister.*

Robb fez sinal aos outros estranhos para avançarem, um de cada vez.

– Sor Rolph Spicer, irmão da Senhora Sybell. Era castelão no Despenhadeiro quando o tomamos. – O cavaleiro dos pimenteiros inclinou a cabeça. Com uma constituição quadrada, nariz quebrado e barba grisalha cortada rente, tinha um ar bastante valente. – Os filhos de Lorde Gawen e da Senhora Sybell. Sor Raynald Westerling. – O cavaleiro das conchas sorriu por baixo de um bigode hirsuto. Jovem, esguio, com um ar rude, tinha bons dentes e uma espessa cabeleira castanho-clara. – Elenya. – A garotinha fez uma rápida reverência. – Rollam Westerling, meu escudeiro. – O rapaz começou a ajoelhar, viu que ninguém mais ajoelhava, e em vez disso fez uma reverência.

– A honra é minha – disse Catelyn. *Poderá Robb ter conquistado a*

fidelidade do Despenhadeiro? Se assim fosse, não surpreendia que os Westerling o acompanhassem. Rochedo Casterly não admitia tais traições com gentileza. Pelo menos desde que Tywin Lannister tinha idade suficiente para partir para a guerra...

A donzela avançou por último, e de um modo muito tímido. Robb pegou a mão dela.

– Mãe – disse –, tenho a grande honra de lhe apresentar a Senhora Jeyne Westerling, filha mais velha de Lorde Gawen, e minha... ah... e a senhora minha esposa.

O primeiro pensamento que passou pela cabeça de Catelyn foi: *Não, não pode ser, você é só uma criança.*

O segundo foi: *E, além disso, está prometido a outra.*

O terceiro foi: *Pela misericórdia da Mãe, Robb, o que você fez?*

Só então chegou a memória tardia. *Loucuras feitas por amor? Pegou-me de jeito, como uma lebre numa armadilha. Aparentemente já o perdoei.* Uma admiração triste misturou-se com o aborrecimento; a situação fora encenada com uma astúcia digna de um mestre pantomimeiro... ou de um rei. Catelyn não viu outra alternativa exceto pegar as mãos de Jeyne Westerling.

– Tenho uma nova filha – disse, de um modo mais duro do que pretendera. Beijou ambas as faces da garota aterrorizada. – Seja bem-vinda ao nosso salão e lar.

– Obrigada, senhora. Serei uma esposa boa e fiel para Robb, juro. E uma rainha tão sábia quanto for capaz.

Rainha. Sim, esta garotinha bonita é uma rainha, tenho de me lembrar disso. Ela *era* bonita, inegavelmente, com seus caracóis castanhos e rosto em forma de coração, e aquele sorriso tímido. Esbelta, mas com bons quadris, notou Catelyn. *Pelo menos, não deverá encontrar problemas para ter filhos.*

A Senhora Sybell interveio antes que mais alguma coisa fosse dita.

– Sentimo-nos honrados pela companhia da Casa Stark, senhora, mas também estamos muito cansados. Viajamos uma longa distância em pouco tempo. Talvez pudéssemos nos retirar para os nossos aposentos, para que possa conversar com o seu filho?

– Seria melhor. – Robb beijou a sua Jeyne. – O intendente vai arranjar alojamento adequado para vocês.

– Eu posso levá-los até ele – ofereceu-se Sor Edmure Tully.

– É muito amável – disse a Senhora Sybell.

– Eu também devo ir? – perguntou o garoto, Rollam. – Sou o seu escudeiro.

Robb soltou uma gargalhada.

– Mas agora não tenho necessidade de um escudeiro.

– Oh.

– Sua Graça passou dezesseis anos sem você, Rollam – disse Sor

Raynald, das conchas. – Imagino que sobreviverá mais algumas horas. – Pegando firmemente na mão do irmão mais novo, levou-o para fora da sala.

– Sua esposa é adorável – disse Catelyn depois de eles terem se afastado o bastante para não ser ouvida – e os Westerling parecem ter valor... se bem que Lorde Gawen é vassalo de Tywin Lannister, não é?

– Sim. Jason Mallister capturou-o no Bosque dos Murmúrios e tem-no mantido em Guardamar para obter um resgate. Claro que agora o libertarei, embora ele talvez não queira se juntar a mim. Receio que tenhamos casado sem o consentimento dele, e esse casamento coloca-o num perigo terrível. O Despenhadeiro não é forte. Por seu amor por mim, Jeyne pode perder tudo.

– E você – disse ela suavemente – perdeu os Frey.

O estremecimento dele disse tudo. Compreendia agora as vozes iradas, o motivo por que Perwyn Frey e Martyn Rivers tinham partido com tanta pressa, pisoteando o estandarte de Robb ao sair.

– Posso perguntar quantas espadas vieram com a sua noiva, Robb?

– Cinquenta. Uma dúzia de cavaleiros. – Sua voz era sorumbática, como deveria ser no caso. Quando o contrato de casamento fora feito nas Gêmeas, o velho Lorde Walder Frey enviara com Robb mil cavaleiros montados e quase três mil homens a pé. – Jeyne é tão inteligente quanto bela. E bondosa, também. Tem um coração gentil.

É de espadas que precisa, não de corações gentis. Como pôde fazer isso, Robb? Como pôde ser tão imprudente, tão estúpido? Como pôde ser tão... tão, tão... jovem. Mas censuras de nada serviriam ali. Tudo que disse foi:

– Conte-me como isso aconteceu.

– Conquistei o castelo dela, e ela conquistou meu coração. – Robb sorriu. – O Despenhadeiro tinha uma guarnição fraca, portanto conseguimos tomá-lo de assalto em uma noite. Walder Negro e Pequeno-Jon lideraram grupos que escalaram as muralhas, enquanto eu arrombava o portão principal com um aríete. Levei uma flecha no braço imediatamente antes de Sor Rolph nos entregar o castelo. A princípio não parecia ser nada, mas inflamou. Jeyne mandou que me levassem para sua própria cama, e cuidou de mim até a febre passar. E estava comigo quando Grande-Jon me trouxe a notícia de... de Winterfell. Bran e Rickon. – Pareceu ter dificuldade em proferir o nome dos irmãos. – Nessa noite, ela... ela confortou-me, mãe.

Catelyn não precisava que lhe dissessem que tipo de conforto Jayne Westerling tinha oferecido ao filho.

– E você casou com ela no dia seguinte.

Ele olhou-a nos olhos, ao mesmo tempo orgulhoso e infeliz.

– Foi a única coisa honrosa a fazer. Ela é doce e gentil, mãe, será

uma boa esposa para mim.

– Talvez. Mas isso não apaziguará Lorde Frey.

– Eu sei – disse o filho, atingido. – Fiz besteiras em tudo, menos nas batalhas, não fiz? Pensava que as batalhas seriam a parte difícil, mas... se tivesse dado ouvidos a você e mantido Theon como refém, ainda governaria o Norte, e Bran e Rickon estariam vivos e a salvo em Winterfell.

– Talvez. Ou talvez não. Lorde Balon ainda pode ter ganho a guerra por acaso. Da última vez que estendeu a mão para uma coroa, isso custou-lhe dois filhos. Podia ter achado barato só perder um dessa vez. – Tocou seu braço. – O que aconteceu com os Frey depois de seu casamento?

Robb sacudiu a cabeça.

– Podia ter sido capaz de fazer as pazes com Sor Stevron, mas Sor Ryman é burro como uma pedra, e Walder Negro... esse não ganhou o nome devido à cor da barba, garanto. Chegou ao ponto de dizer que as irmãs não teriam problema em se casar com um viúvo. Teria matado Walder por isso se Jeyne não me tivesse suplicado que fosse misericordioso.

– Insultou gravemente a Casa Frey, Robb.

– Não era essa a minha intenção. Sor Stevron morreu por mim, e Olyvar foi um escudeiro tão leal como qualquer rei pode desejar. Pediu para ficar comigo, mas Sor Ryman levou-o com os outros. Todas as suas forças. Grande-Jon incitou-me a atacá-los...

– Lutar com os seus no meio dos inimigos? – disse ela. – Isso teria sido o seu fim.

– Sim. Pensei que talvez pudéssemos arranjar outros casamentos para as filhas de Lorde Walder. Sor Wendel Manderly ofereceu-se para aceitar uma delas, e Grande-Jon diz que os tios dele desejam voltar a se casar. Se Lorde Walder for razoável...

– Ele *não é* razoável – disse Catelyn. – É orgulhoso, e suscetível até a medula. Você sabe disso. Queria ser avô de um rei. Não o apaziguará com a oferta de dois salteadores envelhecidos e do segundo filho do homem mais gordo dos Sete Reinos. Não só quebrou o juramento, como também desrespeitou a honra das Gêmeas ao escolher uma noiva de uma casa menos importante.

Robb irritou-se ao ouvir aquilo.

– Os Westerling são de melhor sangue do que os Frey. São uma linhagem antiga, descendente dos Primeiros Homens. Os Reis do Rochedo às vezes se casavam com mulheres Westerling antes da Conquista, e houve outra Jeyne Westerling que foi rainha do Rei Maegor há trezentos anos.

– E tudo isso só jogará sal nas feridas de Lorde Walder. Sempre lhe causou ressentimento que as casas mais antigas olhassem os Frey

de cima, considerando-os arrivistas. Esse insulto não é o primeiro que sofreu, segundo o que ele conta. Jon Arryn não se mostrou disposto a criar seus netos, e o meu pai recusou a oferta a Edmure de uma de suas filhas. – Inclinou a cabeça ao irmão quando este voltou a se juntar a eles.

– Vossa Graça – disse Brynden Peixe Negro –, talvez seja melhor prosseguirmos em privado.

– Sim. – Robb tinha a voz cansada. – Era capaz de matar por uma taça de vinho. A sala de audiências, penso.

Quando começaram a subir os degraus, Catelyn colocou a questão que a perturbava desde que entrara no salão.

– Robb, onde está o Vento Cinzento?

– No pátio, com uma perna de carneiro. Disse ao mestre dos canis para lhe dar de comer.

– Antes mantinha-o sempre junto de si.

– Um salão não é lugar para um lobo. Ele fica desassossegado, já o viu. Começa a rosnar e a tentar morder. Nunca devia tê-lo levado comigo para a batalha. Matou homens demais para que agora os tema. Jeyne fica ansiosa com ele por perto, e aterroriza a mãe dela.

E aí está o coração de tudo, pensou Catelyn.

– Ele é parte de você, Robb. Temê-lo é temer a si mesmo.

– Não sou um lobo, não importa como me chamem. – Soava aborrecido. – Vento Cinzento matou um homem no Despenhadeiro, outro em Cinzamarca, e seis ou sete em Cruzaboi. Se o tivesse visto...

– Vi o lobo de Bran rasgar a garganta de um homem em Winterfell – disse ela em tom cortante – e adorei-o por isso.

– É diferente. O homem no Despenhadeiro era um cavaleiro que Jeyne conhecia desde sempre. Não pode censurá-la por ter medo. Vento Cinzento também não gosta do tio dela. Mostra os dentes sempre que Sor Rolph se aproxima dele.

Um arrepio percorreu sua espinha.

– Mande Sor Rolph embora. Imediatamente.

– Para onde? Para o Despenhadeiro, para que os Lannister possam espetar a cabeça dele num espigão? Jeyne adora-o. É tio dela, e também um bom cavaleiro. Preciso de mais homens como Rolph Spicer, não de menos. Não vou bani-lo só porque meu lobo parece não gostar de seu cheiro.

– Robb. – Catelyn parou e segurou-o pelo braço. – Disse-lhe um dia para manter Theon Greyjoy por perto, e não me escutou. Escute agora. *Mande este homem embora*. Não estou dizendo que deva bani-lo. Encontre alguma tarefa que exija um homem de coragem, um dever honroso, não importa o quê... *mas não o mantenha perto de si*.

Ele franziu a testa.

– Devo mandar Vento Cinzento farejar todos os meus cavaleiros?

Pode haver outros cujo cheiro não lhe agrade.

– Qualquer homem que não agrade ao Vento Cinzento é um homem que você não quer ter por perto. Esses lobos são mais do que lobos, Robb. *Tem* de saber que é assim. Julgo que os deuses talvez os tenham mandado até nós. Os deuses de seu pai, os velhos deuses do norte. Cinco crias de lobo, Robb, cinco, para as cinco crianças Stark.

– Seis – disse Robb. – Também havia um lobo para Jon. Fui eu que os encontrei, lembra? Sei quantos havia e de onde vieram. Costumava pensar o mesmo que você, que os lobos eram os nossos guardiães, os nossos protetores, até que...

– Até que? – ela incitou.

A boca de Robb apertou-se.

– ... até que me disseram que Theon tinha assassinado Bran e Rickon. Pouco bem lhes fizeram os lobos. Já não sou um garoto, mãe. Sou um rei, e posso me proteger sozinho. – Suspirou. – Encontrarei alguma tarefa para Sor Rolph, algum pretexto para mandá-lo para longe. Não por causa do cheiro dele, mas para sossegar seu espírito. A senhora já sofreu o bastante.

Aliviada, Catelyn deu-lhe um leve beijo na bochecha antes de os outros terem tempo de surgir naquele lance da escada, e, por um momento, ele foi de novo o seu filho, e não o seu rei.

A sala de audiências privadas de Lorde Hoster era um aposento pequeno, situado acima do Grande Salão, mais adequado a discussões íntimas. Robb sentou-se no cadeirão, tirou a coroa e apoiou-a no chão, ao seu lado, enquanto Catelyn pedia vinho. Edmure vinha enchendo os ouvidos do tio com a história completa da batalha no Moinho de Pedra. Foi só depois de os criados terem chegado e partido que o Peixe Negro pigarreou e disse:

– Acho que já ouvimos o suficiente de suas vanglórias, sobrinho.

Edmure foi surpreendido por aquilo.

– Vanglórias? O que quer dizer?

– Quero dizer – disse o Peixe Negro – que deve a Sua Graça agradecimentos pela indulgência dele. Desempenhou aquela farsa no Salão Grande para não envergonhá-lo perante a sua gente. Se tivesse sido eu, teria esfolado você por sua burrice, em vez de elogiar essa loucura nos vaus.

– Bons homens morreram para defender esses vaus, tio – Edmure parecia indignado. – O que foi? Ninguém deve conquistar vitórias a não ser o Jovem Lobo? Roubei alguma glória que lhe estava destinada, Robb?

– Vossa Graça – corrigiu Robb, friamente. – Aceitou-me como seu rei, tio. Ou também se esqueceu disso?

O Peixe Negro disse:

– Foi-lhe ordenado que defendesse Correrrio, Edmure, nada mais.

– Eu defendi Correrrio *e* ensanguentei o nariz de Lorde Tywin...

– É verdade – disse Robb. – Mas um nariz ensanguentado não ganha a guerra, não é? Alguma vez parou para se perguntar sobre o motivo de termos permanecido tanto tempo no oeste depois de Cruzaboi? Sabia que eu não tinha homens suficientes para ameaçar Lanisporto ou Rochedo Casterly.

– O motivo... havia outros castelos... ouro, gado...

– Pensa que ficamos pelo *saque*? – Robb mostrava-se incrédulo. – Tio, eu queria que Lorde Tywin viesse para oeste.

– Estávamos todos a cavalo – disse Sor Brynden. – A tropa Lannister era principalmente infantaria. Planejávamos dar ao Lorde Tywin uma bela caça de um lado para o outro ao longo da costa, e depois enfiar-nos em sua retaguarda para ocupar uma forte posição defensiva na estrada do ouro, num local que meus batedores encontraram, onde o terreno estaria grandemente a nosso favor. Se tivesse vindo contra nós ali, teria pago um preço enorme. Mas, se não atacasse, ficaria encurralado no oeste, a mil léguas de onde precisaria estar. E durante esse tempo, viveríamos de suas terras, em vez de ser ele vivendo das nossas.

– Lorde Stannis estava prestes a cair sobre Porto Real – disse Robb. – Podia ter nos livrado de Joffrey, da rainha e do Duende, com um único golpe sangrento. Então, poderíamos ter sido capazes de fazer a paz.

Os olhos de Edmure saltaram do tio para o sobrinho.

– Vossa Graça não me disse nada.

– Eu *disse* para defender Correrrio – disse Robb. – Que parte dessa ordem não entendeu?

– Quando parou Lorde Tywin no Ramo Vermelho – disse o Peixe Negro –, atrasou-o tempo suficiente para que cavaleiros vindos de Pontamarga o encontrassem, com as notícias sobre o que estava se passando no leste. Lorde Tywin imediatamente deu meia-volta com a tropa, juntou-se a Matthis Rowan e Randyll Tarly perto da nascente do Água Negra, e fez uma marcha forçada até a Cascata do Acrobata, onde encontrou Mace Tyrell e dois dos filhos à espera com uma tropa enorme e uma frota de barcaças. Flutuaram rio abaixo, desembarcaram a meio dia de viagem da cidade e apanharam Stannis pela retaguarda.

Catelyn recordou a corte do Rei Renly, como a vira em Pontamarga. Um milhar de rosas douradas flutuando ao vento, o sorriso recatado e as palavras suaves da Rainha Margaery, o irmão, o Cavaleiro das Flores, com o linho ensanguentado em volta da cabeça. *Se tinha de cair nos braços de uma mulher, meu filho, por que não foi nos de Margaery Tyrell?* A riqueza e o poderio de Jardim de Cima podiam ter feito toda a diferença nas batalhas que estavam para vir. *E talvez o*

Vento Cinzento também tivesse gostado do cheiro dela.

Edmure pareceu mal.

– Nunca quis... *nunca*, Robb, tem de permitir que lhe compense. Liderarei a vanguarda na próxima batalha!

Para compensar, irmão? Ou pela glória?, interrogou-se Catelyn.

– A próxima batalha – disse Robb. – Bem, isso acontecerá bastante depressa. Assim que Joffrey estiver casado, os Lannister voltarão a campo contra mim, não duvido, e dessa vez os Tyrell marcharão ao lado deles. E posso ter de lutar também com os Frey, se Walder Negro prosseguir assim...

– Enquanto Theon Greyjoy estiver sentado no castelo de seu pai, com o sangue de seus irmãos nas mãos, esses outros inimigos terão de esperar – disse Catelyn ao filho. – Seu primeiro dever é defender sua própria gente, reconquistar Winterfell e pendurar Theon numa gaiola para corvos, para que morra lentamente. Caso contrário, o melhor é pôr de lado essa coroa para sempre, Robb, pois os homens saberão que não é um verdadeiro rei.

Pelo modo como Robb a olhou, viu que havia passado bastante tempo desde que alguém se atrevera a lhe falar com tanta franqueza.

– Quando me disseram que Winterfell tinha caído, quis ir imediatamente para o norte – disse ele, só ligeiramente na defensiva. – Quis libertar Bran e Rickon, mas pensei... nunca sonhei que Theon pudesse realmente lhes fazer mal. Se tivesse...

– É tarde demais para *ses*, tarde demais para resgates – disse Catelyn. – Tudo que resta é a vingança.

– Segundo as últimas notícias que nos chegaram do norte, Sor Rodrik tinha derrotado uma força de homens de ferro perto da Praça de Torrhen e estava reunindo uma tropa no Castelo Cerwyn para retomar Winterfell – disse Robb. – A essa altura, pode já tê-lo feito. Já não recebemos notícias há bastante tempo. E como fica o Tridente, se eu for para o norte? Não posso pedir aos senhores das terras fluviais para abandonarem o próprio povo.

– Não – disse Catelyn. – Deixe-os para defenderem os seus, e reconquiste o Norte com nortenhos.

– Como levaria os nortenhos para o Norte? – perguntou Edmure. – Os homens de ferro controlam o mar do poente. Os Greyjoy detêm também o Fosso Cailin. Nunca nenhum exército tomou o Fosso Cailin pelo sul. Até mesmo marchar contra ele é uma loucura. Podíamos ficar encurralados na zona do talude, com os homens de ferro à nossa frente e Frey zangados na retaguarda.

– Temos de reconquistar os Frey – disse Robb. – Com eles, ainda temos alguma chance de sucesso, por menor que seja. Sem eles, não vejo esperança. Estou disposto a dar ao Lorde Walder tudo que ele pedir... desculpas, honrarias, terras, ouro... deve haver *algo* que lhe

acalme o orgulho...

– Não é algo – disse Catelyn. – É *alguém*.

Jon

São grandes o suficiente para você? – Flocos de neve salpicavam o rosto largo de Tormund, derretendo-se em seus cabelos e sua barba.

Os gigantes balançavam lentamente no topo de mamutes ao passarem por eles, dois a dois. O garrano de Jon espantou-se, assustado por tamanha estranheza, mas era difícil dizer se o que o assustava eram os mamutes ou os seus cavaleiros. Até Fantasma recuou um passo, exibindo os dentes num rosnado silencioso. O lobo gigante era grande, mas os mamutes eram muito maiores, e havia muitos mais e muitos ainda.

Jon controlou o cavalo e manteve-o quieto, para poder contar os gigantes que emergiam da neve soprada pelo vento e das névoas pálidas que rodopiavam ao longo do Guadeleite. Já passavam bastante de cinquenta quando Tormund disse alguma coisa e Jon perdeu a conta. *Deve haver centenas*. Não importa quantos passassem, pareciam continuar chegando mais.

Nas histórias da Velha Ama, os gigantes eram homens muito grandes que viviam em castelos colossais, lutavam com espadas enormes e andavam por aí calçados com botas grandes o suficiente para um garoto se esconder lá dentro. Mas aqueles eram outra coisa, mais semelhantes a ursos do que a humanos, e tão peludos como os mamutes que montavam. Sentados, era difícil ver quão grandes eram. *Três metros de altura, talvez, ou três metros e meio*, pensou Jon. *Talvez quatro metros, mas não mais do que isso*. O peito inclinado podia parecer peito de homens, mas os braços eram longos demais, e a parte inferior do torso parecia ser vez e meia mais larga do que a superior. As pernas eram mais curtas do que os braços, mas muito grossas, e eles não usavam botas; os pés eram coisas largas e achatadas, duras, calosas e pretas. Sem pescoço, tinham uma cabeça enorme e pesada, que se projetava do meio das espáduas para a frente, e o rosto era achatado e brutal. Olhos de rato, que não eram maiores do que contas, quase se perdiam no interior de dobras de pele calosa; mas fungavam continuamente, capazes de farejar tanto quanto de ver.

Eles não vestem peles, percebeu Jon. *Aquilo é pelo*. Pelagens felpudas cobriam os corpos, espessas abaixo da cintura, mais esparsas acima. O fedor que exalavam era sufocante, mas isso talvez se devesse aos mamutes. *E Joramun soprou o Berrante do Inverno e acordou gigantes da terra*. Procurou as grandes espadas de três metros de comprimento, mas só encontrou clavas. A maior parte não passava de galhos de árvores mortas, algumas ainda com ramos menores presos. Algumas delas tinham bolas de pedra firmemente amarradas às extremidades, formando marretas colossais. *A canção não chega a dizer se o berrante*

pode fazê-los adormecer de novo.

Um dos gigantes que se aproximava deles parecia mais velho do que os outros. Sua pelagem era cinza e rajada de branco, e o mamute que montava, maior do que todos os demais, também era cinza e branco. Tormund gritou qualquer coisa para ele ao passar, palavras rudes e ressonantes, numa língua que Jon não compreendia. Os lábios do gigante separaram-se para revelar uma boca cheia de enormes dentes quadrados, e ele fez um som que era meio arroto, meio trovão. Após um momento, Jon compreendeu que estava rindo. O mamute virou sua enorme cabeça para dar uma breve olhada nos dois, fazendo uma gigantesca presa passar sobre a cabeça de Jon enquanto o animal avançava pesadamente, deixando grandes pegadas na lama mole e na neve fresca ao longo do rio. O gigante gritou qualquer coisa na mesma língua grosseira que Tormund havia usado.

– Aquele era o rei deles? – perguntou Jon.

– Os gigantes não têm mais reis do que os mamutes, os ursos-das-neves ou as grandes baleias do mar cinzento. Aquele era Mag Mar Tun Doh Weg. Mag, o Poderoso. Pode ajoelhar-se diante dele se quiser, ele não vai se importar. Sei que seus joelhos de ajoelhador devem estar coçando, por falta de um rei a quem se dobrar. Mas tome cuidado para que ele não pise em você. Os gigantes têm olhos ruins, e pode ser que ele não veja um corvozinho lá embaixo, junto aos pés.

– O que você disse a ele? Isso era o Idioma Antigo?

– Sim. Perguntei se ele estava montando o pai, já que se pareciam tanto, com a diferença de que o pai cheirava melhor.

– E o que ele respondeu?

Tormund Punho de Trovão abriu um sorriso desdentado.

– Perguntou-me se quem estava a cavalo ao meu lado era a minha filha, com as suas bochechas lisas e rosadas. – O selvagem tirou neve do braço e fez o cavalo dar meia-volta. – Pode ser que ele nunca tenha visto um homem sem barba. Ande, vamos voltar. Mance fica muito irritado quando não me encontra no lugar de costume.

Jon deu meia-volta e seguiu Tormund de volta à cabeça da coluna, com o novo manto caindo, pesado, dos ombros. Era feito de peles de ovelha não lavadas, e usava-o com o lado da lã para dentro, como os selvagens tinham sugerido. Mantinha bastante bem a neve afastada, e à noite era bom e quente, mas também havia ficado com o manto negro, dobrado por baixo da sela.

– É verdade que você uma vez matou um gigante? – perguntou a Tormund enquanto avançavam. Fantasma saltava em silêncio ao lado deles, deixando rastros de patas na neve recém-caída.

– Ora, por que deveria duvidar de um homem poderoso como eu? Era inverno e eu era meio garoto, e estúpido como os garotos são. Avancei longe demais e meu cavalo morreu, e depois uma tempestade

apanhou-me. Uma tempestade *verdadeira*, não uma nevasquinha como esta. Ha! Sabia que ia congelar antes do fim. De modo que encontrei uma giganta adormecida, abri a barriga dela, e enfiei-me dentro. Manteve-me bem quentinho, ah, sim, mas o fedor quase acabou comigo. O pior foi que ela acordou quando a primavera chegou e achou que eu era seu bebê. Deu-me de mamar durante três luas completas antes que eu conseguisse fugir. Ha! Mas há horas em que sinto saudades do sabor do leite de gigante.

– Se ela o alimentou, não pode tê-la matado.

– E não matei, mas vê se não espalha isso por aí. Tormund, Terror dos Gigantes, soa melhor do que Tormund, Bebê de Gigante, e esta é a verdade verdadeira.

– Então como foi que arranjou os outros nomes? – perguntou Jon. – Mance chamou-o de Soprador de Chifres, não foi? Rei-Hidromel do Solar Ruivo, Esposo de Ursas, Pai de Tropas? – era do sopro no chifre que queria realmente ouvir falar, mas não se atrevia a perguntar tão diretamente. *E Joramun soprou o Berrante do Inverno e acordou gigantes da terra*. Teriam eles vindo daí, eles e aqueles mamutes? Teria Mance Rayder encontrado o Berrante de Joramun e dado a Tormund para soprar?

– Todos os corvos são assim tão curiosos? – perguntou Tormund. – Bom, aqui vai uma história para você. Foi em outro inverno, ainda mais frio do que aquele que passei dentro da giganta, e nevava de dia e de noite, flocos de neve do tamanho de sua cabeça, não estas coisinhas. Nevava tanto que a aldeia inteira estava meio enterrada. Eu estava em meu Solar Ruivo, só com um barril de hidromel para me fazer companhia e nada para fazer a não ser bebê-lo. Quanto mais bebia, mais pensava numa mulher que vivia ali perto, uma mulher boa e forte, com o maior par de tetas que você já viu. Tinha um gênio difícil, aquela, mas, oh, também sabia ser quente, e no meio do inverno um homem precisa de seu calor.

"Quanto mais bebia, mais pensava nela, e quanto mais pensava, mais duro ficava o meu membro, até que não aguentei mais. Idiota como era, enfiei-me em peles da cabeça aos pés, enrolei a cara numa volta de lã, e lá fui à procura dela. A neve caía com tanta força que me virou uma ou duas vezes, e o vento soprava através de mim e congelava meus ossos, mas finalmente cheguei em sua casa, todo enfaixado como estava.

"A mulher tinha um gênio terrível, e deu uma luta e tanto quando pus as mãos nela. Por pouco não conseguia levá-la para casa e tirá-la de dentro daquelas peles, mas quando fiz isso, oh, ela foi ainda mais quente do que eu me lembrava, e passamos um belo tempo juntos, e depois adormeci. Na manhã seguinte, quando acordei, a forte nevasca tinha parado e o sol brilhava, mas eu não estava em estado de

aproveitá-lo. Estava todo ferido e rasgado, com metade de meu membro arrancado a dentadas, e bem ali no chão estava a pele de uma ursa. E não demorou muito tempo para que o povo livre começasse a contar histórias sobre um urso sem pelos visto na floresta, seguido pelo mais estranho par de filhotes que já se viu. Ha! – deu uma palmada numa coxa carnuda. – Gostaria de voltar a encontrá-la. Aquela ursa era boa na cama. Nunca mulher nenhuma me deu uma luta daquelas, nem filhos tão fortes."

– O que faria se a encontrasse? – perguntou Jon, sorrindo. – Disse que ela arrancou seu membro com os dentes.

– Só metade. E metade de meu membro é duas vezes maior do que o de outro homem qualquer. – Tormund resfolegou. – E agora você... é verdade que cortam seus membros quando os levam para a Muralha?

– Não – disse Jon, afrontado.

– Eu acho que deve ser verdade. Se não, por que é que rejeita Ygritte? Ela quase não lhe daria luta, me parece. A moça quer você lá dentro, isso tá bem na cara.

Está na cara até demais, pensou Jon, *e parece que metade da coluna já percebeu isso*. Estudou a neve que caía para que Tormund não o visse corar. *Sou um homem da Patrulha da Noite*, lembrou a si próprio. Mas então por que se sentia como se fosse uma donzela tímida?

Passava a maior parte dos dias na companhia de Ygritte, e a maior parte das noites também. Mance Rayder não se mostrara cego perante a desconfiança que o Camisa de Chocalho nutria pelo "corvo-que-veio", por isso, depois de dar a Jon o novo manto de pele de ovelha, sugeriu que talvez preferisse acompanhar Tormund Terror dos Gigantes. Jon sentiu-se feliz por concordar, e no dia seguinte Ygritte e o Lança-Longa Ryk também tinham trocado o bando do Camisa de Chocalho pelo de Tormund.

– O povo livre acompanha quem quiser – a moça lhe disse –, e nós estamos de saco cheio do Saco de Ossos.

Todas as noites, quando montavam o acampamento, Ygritte estendia as suas peles de dormir ao lado das dele, quer estivesse perto da fogueira, quer estivesse longe. Uma vez, acordou com ela aninhada a si, com o braço apoiado em seu peito. Permaneceu imóvel por muito tempo, escutando a respiração dela, tentando ignorar a tensão na virilha. Era frequente que os patrulheiros dividissem as peles para obter calor, mas suspeitava que calor não era tudo que Ygritte queria. Depois disso, começou a usar Fantasma para mantê-la afastada. A Velha Ama costumava contar histórias sobre cavaleiros e suas senhoras que dormiam na mesma cama com uma lâmina entre eles, em nome da honra, mas Jon achava que aquela devia ser a primeira vez que um lobo gigante fazia as vezes de espada.

Mesmo assim, Ygritte persistia. Na antevéspera, Jon cometera o erro de desejar ter água quente para um banho.

– A fria é melhor – ela disse de imediato –, se tiver alguém para aquecê-lo depois. O rio ainda só está meio gelado, vai lá.

Jon riu.

– Você me mataria congelado.

– Todos os corvos têm medo de pele de galinha? Um bocadinho de gelo não vai matar você. Eu salto junto pra provar.

– E passamos o resto do dia com a roupa molhada e congelada agarrada à pele? – retrucou.

– Jon Snow, você não sabe nada. Não se mergulha vestido.

– Não mergulho e ponto – disse com firmeza, logo antes de ouvir Tormund Punho de Trovão berrar por ele (não tinha ouvido, mas não importa).

Os selvagens pareciam achar Ygritte uma grande beleza, por causa de seus cabelos; cabelos ruivos eram raros entre o povo livre, e dizia-se que aqueles que o possuíam tinham sido beijados pelo fogo, o que supostamente era sinal de sorte. Os cabelos de Ygritte até podiam ser sinal de sorte, e certamente eram ruivos, mas eram também tão embaraçados que Jon se sentia tentado a perguntar se ela só o escovava na mudança da estação.

Sabia que na corte de um senhor a garota nunca teria sido considerada algo mais do que comum. Tinha um rosto redondo de camponesa, nariz achatado e dentes ligeiramente tortos, e os olhos eram afastados demais. Jon havia reparado em tudo isso na primeira vez que a viu, quando encostou o punhal na garganta dela. Mas nos últimos tempos andava reparando em outras coisas. Quando ela sorria, os dentes tortos não pareciam importar. E talvez seus olhos fossem afastados demais, mas eram de uma cor bonita, azul-acinzentada, e tão cheios de vida como nenhum outro que já tivesse visto. Às vezes, cantava numa voz grave e rouca que o estimulava. E às vezes, junto à fogueira, quando ela se sentava abraçando os joelhos com as chamas a despertar ecos em seus cabelos vermelhos, e o olhava, sorrindo apenas... bem, *isso* também estimulava algumas coisas.

Mas ele era um homem da Patrulha da Noite, tinha prestado um juramento. Não tomarei esposa, não possuirei terras, não gerarei filhos. Proferira as palavras perante o represeiro, perante os deuses do pai. Não podia desdizê-las... assim como não podia admitir o motivo de sua relutância a Tormund Punho de Trovão, Pai de Ursos.

– Não gosta da garota? – perguntou-lhe Tormund enquanto passavam por mais vinte mamutes, estes transportando selvagens no topo de altas torres de madeira em vez de gigantes.

– Gosto, mas eu... – *O que posso dizer para convencê-lo?* – Ainda sou novo demais para casar.

– Casar? – Tormund soltou uma gargalhada. – Quem falou em casamento? No sul um homem precisa se casar com todas as garotas com quem dorme?

Jon sentia que estava enrubescendo novamente.

– Ela falou em meu favor quando o Camisa de Chocalho quis me matar. Não quero desonrá-la.

– Você agora é um homem livre, e Ygritte, uma mulher livre. Onde está a desonra se dormirem juntos?

– Ela pode engravidar.

– Sim, pode-se ter esperança nisso. Um filho forte ou uma menina cheia de vida e de risos, beijada pelo fogo, e que mal há nisso?

As palavras falharam-lhe por um momento.

– O menino... a criança seria um bastardo.

– Os bastardos são mais fracos do que as outras crianças? Mais enfermiços, mais sujeitos a erro?

– Não, mas...

– Você mesmo é um bastardo. E se a Ygritte não quiser um filho, ela vai até uma bruxa qualquer dos bosques para beber uma taça de chá de lua. Você não tem nada a ver com isso, depois de a semente ter sido plantada.

– *Não serei* pai de um bastardo.

Tormund balançou sua cabeça desgrenhada.

– Vocês, os ajoelhadores, são grandes bobos. Por que roubou a garota se não a queria?

– *Roubar?* Eu não...

– Você, sim – disse Tormund. – Matou os dois homens com quem ela estava e levou-a consigo, que nome dá a isso?

– Levei-a prisioneira.

– Obrigou-a a se entregar a você.

– Sim, mas... Tormund, juro que nunca toquei nela.

– Tem *certeza* de que não cortaram seu membro? – Tormund encolheu os ombros, como que para dizer que nunca conseguiria compreender tal loucura. – Bem, agora é um homem livre, mas se não quer a moça, é melhor que arranje uma ursa. Se um homem não usa o membro, ele vai ficando cada vez menor, até que um dia quer mijar e não o encontra.

Jon não tinha resposta para aquilo. Não era de admirar que os Sete Reinos considerassem o povo livre pouco acima dos animais. *Eles não têm leis, nem honra, nem sequer simples decência. Roubam-se continuamente uns aos outros, reproduzem-se como animais, preferem a violação ao casamento, e enchem o mundo de filhos ilegítimos*. E, no entanto, estava começando a gostar de Tormund Terror dos Gigantes, apesar do grande saco de vento e mentiras que o homem era. E do Lança-Longa também. *E Ygritte... não, não pensarei em Ygritte.*

Mas com Tormund e Lança-Longa seguiam outros tipos de selvagem; homens como o Camisa de Chocalho e o Chorão, que tão depressa abririam sua goela quanto escarrariam em você. Havia Harma Cabeça de Cão, uma mulher que mais parecia um barril atarracado, com lajes de carne branca no lugar das bochechas, que odiava cães e matava um a cada quinzena para arranjar uma cabeça nova para a sua insígnia; o Styr sem orelhas, Magnar de Thenn, que era considerado por seu povo mais deus do que homem; Varamyr Seis-Peles, um pequeno rato em forma de homem, cujo garanhão era um urso-das-neves branco e selvagem, que tinha quase quatro metros de altura quando ficava em pé nas patas traseiras. E onde quer que Varamyr e o urso fossem, três lobos e um gato-das-sombras seguiam-nos. Jon estivera em sua presença apenas uma vez, e uma vez fora o bastante; bastou ver o homem para se sentir irritado, ao mesmo tempo que o pelo no pescoço de Fantasma havia se eriçado quando o lobo avistou o urso e aquele grande gato preto e branco.

E havia gente ainda mais feroz do que Varamyr, vinda das regiões mais setentrionais da floresta assombrada, dos vales escondidos das Presas de Gelo e de lugares ainda mais estranhos: os homens da Costa Gelada, que seguiam em bigas feitas de ossos de morsa, puxadas por matilhas de cães selvagens; os terríveis clãs do rio de gelo, dos quais se dizia que se banqueteavam com carne humana; os habitantes das cavernas, com o rosto pintado de azul, roxo e verde. Jon contemplara com os próprios olhos os homens de Cornopé, que avançavam a trote, em coluna, sobre pés nus que tinham solas duras como couro fervido. Não tinha visto *snarks* nem grumequins, mas, até onde sabia, Tormund poderia ter alguns para comer no jantar.

Jon calculava que metade da tropa dos selvagens passara toda a vida sem ver a Muralha, nem que fosse de relance, e, entre esses, a maioria não sabia uma palavra do Idioma Comum. Não importava. Mance Rayder falava o Idioma Antigo, até cantava nele, dedilhando o seu alaúde e enchendo a noite com música estranha e selvagem.

Mance tinha passado anos reunindo aquela vasta e lenta tropa, falando aqui com uma mãe de clã e ali com um magnar, conquistando uma aldeia com palavras simpáticas, outra com uma canção e uma terceira com o gume da espada, fazendo a paz entre Harma Cabeça de Cão e o Senhor dos Ossos, entre os Cornopés e os Corredores da Noite, entre os homens-morsa da Costa Gelada e os clãs canibais dos grandes rios de gelo, fundindo uma centena de punhais diferentes numa única grande lança, apontada ao coração dos Sete Reinos. Não tinha coroa nem cetro, nem vestes de seda e veludo, mas para Jon estava claro que Mance Rayder *era* mais rei do que se assim fosse chamado.

Jon tinha se juntado aos selvagens por ordem de Qhorin Meia-Mão.

– Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles – dissera-lhe o patrulheiro, na noite antes de morrer. – E *observe*. – Mas, com toda a sua observação, pouco aprendera. Meia-Mão suspeitava que os selvagens tinham subido às desoladas e estéreis Presas de Gelo em busca de alguma arma, de algum poder, de algum terrível feitiço para derrubar a Muralha... mas, se tinham encontrado algo assim, ninguém andava se vangloriando abertamente do fato, nem o mostrava a Jon. E Mance Rayder tampouco tinha lhe confidenciado qualquer um de seus planos, qualquer parte de sua estratégia. Desde aquela primeira noite, quase não vira o homem, exceto a distância.

Vou matá-lo, se tiver de ser. A ideia não dava a Jon nenhuma alegria; não haveria honra em tal morte, e significaria também a sua. Mas não podia deixar que os selvagens abrissem uma brecha na Muralha, que ameaçassem Winterfell e o Norte, as terras acidentadas e os Regatos, Porto Branco e a Costa Pedregosa, até mesmo o Gargalo. Havia oito mil anos que os homens da Casa Stark viviam e morriam para proteger seu povo contra tais atacantes e piratas... e, bastardo ou não, era o mesmo sangue que corria em suas veias. *Além disso, Bran e Rickon ainda estão em Winterfell. Assim como Meistre Luwin, Sor Rodrik, a Velha Ama, Farlen, o mestre dos canis, Mikken, em sua forja, e Gage, junto aos fornos... todos os que conheci, todos os que amei*. Se Jon tinha de matar um homem por quem tinha meia admiração e do qual quase gostava para salvar aqueles que amava dos caprichos de Camisa de Chocalho, Harma Cabeça de Cão ou Magnar de Thenn, era isso que pretendia fazer.

Apesar de tudo, rezava aos deuses do pai para que o poupassem dessa tarefa tão desoladora. A tropa movia-se lentamente, sobrecarregada que estava com todos os rebanhos, crianças e pequenos tesouros dos selvagens, e as neves tinham tornado o progresso ainda mais lento. A maior parte da coluna estava agora para lá do sopé dos montes, escorrendo ao longo da margem ocidental do Guadeleite como mel numa manhã fria de inverno, seguindo o curso do rio em direção ao coração da floresta assombrada.

E Jon sabia que em algum lugar mais adiante, perto, o Punho dos Primeiros Homens se erguia por sobre as árvores, abrigando trezentos irmãos negros da Patrulha da Noite, armados, montados e à espera. O Velho Urso tinha enviado outros batedores além do Meia-Mão, e decerto Jarman Buckwell ou Thoren Smallwood já teriam retornado com a informação sobre aquilo que vinha descendo das montanhas.

Mormont não fugirá, pensou Jon. *É velho demais e chegou longe demais. Atacará, e que se danem os números*. Um dia, em breve, ouviria o som de berrantes de guerra e veria uma coluna de cavaleiros caindo sobre eles com esvoaçantes mantos negros e aço frio nas mãos. Trezentos homens não podiam esperar matar cem vezes mais, claro,

mas Jon achava que não precisariam fazer isso. *Ele não precisa matar mil homens, apenas um. Mance é tudo que os mantém juntos.*

O Rei-para-lá-da-Muralha estava fazendo tudo o que podia, mas os selvagens mantinham-se irremediavelmente indisciplinados, e isso tornava-os vulneráveis. Aqui e ali, na serpente com léguas de comprimento que era a sua linha de marcha, havia guerreiros tão bons como quaisquer membros da Patrulha, mas cerca de um terço deles encontrava-se agrupado nas duas extremidades da coluna, na vanguarda de Harma Cabeça de Cão e na retaguarda selvagem, com os seus gigantes, auroques e lançadores de fogo. Outro terço seguia com o próprio Mance, perto do centro, defendendo carroças, trenós e carros puxados por cães que levavam a maior parte das provisões e dos abastecimentos da tropa, tudo que restara da colheita do verão anterior. O resto, dividido em pequenos bandos sob o comando de homens como o Camisa de Chocalho, Jarl, Tormund Terror dos Gigantes e Chorão, servia como batedores, forrageiros e "chicotes", galopando sem cessar ao longo da coluna, para mantê-la em movimento de uma forma mais ou menos ordenada.

E ainda mais relevante era que só um em cem selvagens se encontrava montado. *O Velho Urso vai atravessá-los como um machado atravessa mingau de aveia*. E quando isso acontecesse, Mance os perseguiria com suas forças centrais, tentando minimizar a ameaça. Se caísse na luta que se seguiria, Jon estimava que a Muralha estaria a salvo durante mais cem anos. *Caso contrário...*

Abriu e fechou os dedos queimados de sua mão da espada. A Garralonga estava pendurada na sela, com o botão de pedra esculpida em forma de cabeça de lobo e o macio punho de couro ao alcance da mão.

A neve caía com força quando alcançaram o bando de Tormund, várias horas depois. Fantasma partiu ao longo do caminho, misturando-se à floresta ao farejar uma presa. O lobo gigante voltaria quando acampassem para passar a noite, o mais tardar à alvorada. Por mais longe que andasse, Fantasma sempre voltava ... e o mesmo, ao que parecia, fazia Ygritte.

– Então – gritou a garota quando o viu – já acredita em nós, Jon Snow? Viu os gigantes em seus mamutes?

– Ha! – gritou Tormund, antes de Jon conseguir responder. – O corvo está apaixonado! Quer casar com um!

– Com um gigante? – Lança-Longa Ryk riu.

– Não, com um *mamute*! – berrou Tormund. – Ha!

Ygritte trotou para o lado de Jon enquanto este reduzia o passo do garrano. Ela dizia ser três anos mais velha do que ele, embora fosse quinze centímetros mais baixa; qualquer que fosse a sua idade, a garota era uma coisinha rija. Cobra das Pedras chamara-a de "esposa

de lança" quando a tinham capturado no Passo dos Guinchos. Não era casada e sua arma favorita era um pequeno arco curvado feito de chifre e represeiro, mas "esposa de lança" ajustava-se a ela mesmo assim. Lembrava a Jon um pouco sua irmã, Arya, embora esta fosse mais nova e provavelmente mais magra. Era difícil dizer se Ygritte era magra ou gorda, com todas as peles que usava.

– Conhece "O último dos gigantes"? – sem esperar resposta, Ygritte continuou: – É preciso uma voz mais grave do que a minha para cantá-la como deve ser. – E então cantou: – *Oooooh, sou o último dos gigantes, o meu povo do mundo partiu.*

Tormund, Terror dos Gigantes, ouviu as palavras e sorriu.

– *O último dos gigantes de montanha, que um dia tudo possuiu* – berrou em resposta através da neve.

Lança-Longa Ryk juntou-se a eles, cantando:

– *Oh, o povo pequeno roubou-me as florestas, roubou-me os rios e os montes.*

– *E atravessou meus vales com uma grande muralha, e pescou meus peixes das fontes* – responderam-lhe Ygritte e Tormund, em vozes adequadamente gigânticas.

Os filhos de Tormund, Toregg e Dormund, juntaram também suas vozes graves à canção, seguidos por Munda e todos os demais. Outros começaram a bater com as lanças em escudos de couro para marcar um ritmo grosseiro, até todo o bando de guerreiros estar cantando enquanto avançava.

Em salões de pedra fazem suas grandes fogueiras,
em salões de pedra forjam suas afiadas lanças.
Enquanto eu caminho sozinho nas montanhas,
sem nenhum companheiro além das lembranças.
Caçam-me sempre com cães à luz do dia,
Caçam-me sempre com archotes no escuro.
Pois os homens pequenos não poderão ver-se altos,
se caminharem gigantes no futuro.
Oooooo, sou o ÚLTIMO dos gigantes,
Por isso aprenda bem a minha canção.
Pois quando eu partir nascerá o silêncio,
e durante muito tempo as canções morrerão.

Havia lágrimas no rosto de Ygritte quando a canção terminou.

– Por que está chorando? – perguntou Jon. – Foi só uma canção. Há centenas de gigantes, acabei de vê-los.

– Oh, centenas – disse ela, furiosa. – Não sabe nada, Jon Snow. Você... *JON!*

Jon virou-se ao ouvir o súbito som de asas. Penas azul-

acinzentadas encheram seus olhos, enquanto garras afiadas se enterravam em seu rosto. Uma dor rubra atravessou-o, súbita e violenta, enquanto asas batiam em volta de sua cabeça. Viu o bico, mas não houve tempo para levantar uma mão ou estendê-la para alguma arma. Jon cambaleou para trás, seu pé saltou do estribo, o garrano fugiu em pânico, e de repente estava caindo. E a águia ainda se agarrava ao seu rosto, com as garras rasgando-o enquanto a ave batia as asas, guinchava e bicava. O mundo virou de pernas para o ar, num caos de penas, carne de cavalo e sangue, e então o chão surgiu e esmagou-o.

Quando deu por si, estava caído sobre o rosto, com gosto de lama e sangue na boca, e Ygritte ajoelhava-se protetoramente sobre ele, com um punhal de osso na mão. Ainda ouvia asas, embora não visse a águia. Metade de seu mundo estava negra.

– Meu olho – disse, num pânico súbito, levando a mão ao rosto.

– É só sangue, Jon Snow. Ela errou o olho, só rasgou um pouco de sua pele.

Sentia o rosto latejar. Viu com o olho direito, enquanto esfregava o esquerdo para limpá-lo do sangue, que Tormund se encontrava perto deles, berrando. Então ouviram-se batidas de cascos, gritos, e o chocalhar de velhos ossos.

– Saco de Ossos – rugiu Tormund –, chame seu corvo infernal!

– O corvo infernal tá ali! – Camisa de Chocalho apontou para Jon. – Sangrando na lama como um cão sem fé! – A águia desceu, batendo as asas, e foi pousar no crânio rachado de gigante que servia de elmo ao guerreiro. – Venho por ele.

– Então venha buscá-lo – disse Tormund –, mas é melhor vir de espada na mão, porque é assim que vai encontrar a minha. Pode ser que ferva os *seus* ossos e use seu crânio para mijar. Ha!

– Quando eu furar você e deixar sair o ar, vai encolher até ficar menor do que aquela garota. Afaste-se, senão Mance vai ficar sabendo disso.

Ygritte levantou-se.

– O quê? É *Mance* que o quer?

– Foi o que eu disse, não foi? Ponha o cara sobre seus pés pretos.

Tormund franziu a testa para Jon.

– É melhor ir, se é Mance quem chama.

Ygritte ajudou-o a se levantar.

– Tá sangrando como um javali na matança. Olhe o que o Orell fez com o lindo rosto dele.

Será que uma ave pode odiar? Jon matara o selvagem Orell, mas uma parte do homem permanecia dentro da águia. Os olhos dourados olhavam-no com fria malevolência.

– Eu vou – disse. O sangue continuava a escorrer para dentro de

seu olho direito, e a bochecha era uma explosão de dor. Quando a tocou, as luvas pretas se mancharam de vermelho. – Deixem-me apanhar o garrano. – O que queria não era o cavalo e sim Fantasma, mas não se via o lobo gigante em lugar nenhum. *A essa altura, pode estar muito distante, dilacerando a goela de algum alce*. Talvez isso fosse bom.

O garrano fugiu dele quando se aproximou, sem dúvida assustado pelo sangue que tinha no rosto, mas Jon acalmou-o com algumas palavras ditas em voz baixa, e algum tempo depois conseguiu aproximar-se o suficiente para pegar as rédeas. Ao montar, sentiu a cabeça rodopiar. *Vou precisar tratar disso*, pensou, *mas não agora*. *Que o Rei-para-lá-da-Muralha veja o que a águia dele me fez*. A mão direita abriu-se e fechou-se, e Jon estendeu-a para a Garralonga e pôs a espada bastarda ao ombro antes de dar meia-volta e seguir a trote para onde o Senhor dos Ossos o esperava com seu bando.

Ygritte também estava à espera, montada no cavalo com uma expressão feroz no rosto.

– Também vou.

– Suma. – Os ossos da placa de peito do Camisa de Chocalho tiniram. – Mandaram-me buscar o corvo-que-desceu e mais ninguém.

– Uma mulher livre leva o cavalo para onde quiser – disse Ygritte.

O vento estava soprando neve nos olhos de Jon. Sentia o sangue congelando em seu rosto.

– Ficamos conversando ou vamos embora?

– Vamos embora – disse o Senhor dos Ossos.

Foi um galope duro. Percorreram a coluna ao longo de mais de três quilômetros, por entre flocos de neve rodopiantes, depois cortaram através de um emaranhado de carroças de bagagem e atravessaram o Guadeleite no local onde o rio fazia uma grande curva para leste. Uma crosta de gelo fino cobria os baixios do rio; a cada passo, os cascos dos cavalos quebravam-na e atravessavam-na, até chegarem a águas mais profundas, dez metros mais adiante. A neve parecia cair ainda mais depressa na margem oriental, e os montes de neve acumulada também eram mais profundos. *Até o vento é mais frio*. E a noite estava caindo.

Mas mesmo através da neve soprada pelo vento, a forma do grande monte branco que pairava acima das árvores era inconfundível. O Punho dos Primeiros Homens. Jon ouviu o guincho da águia por cima de sua cabeça. Um corvo olhou-o do alto de um pinheiro marcial e lançou um *cuorc* quando ele passou. Teria o Velho Urso feito seu ataque? Em vez do estrondo do aço e do ruído seco das flechas levantando voo, Jon ouvia apenas o suave esmagamento da crosta gelada por baixo dos cascos do garrano.

Deram a volta em silêncio até a vertente sul, onde a subida era

mais fácil. Foi aí que Jon viu o cavalo morto, estatelado no sopé do monte, meio enterrado na neve. Entranhas jorravam da barriga do animal como serpentes congeladas, e uma de suas patas tinha desaparecido. *Lobos*, foi o primeiro pensamento de Jon, mas não estava certo. Os lobos comiam os animais que matavam.

Mais garranos estavam espalhados pela encosta, com as patas retorcidas de um modo grotesco e olhos cegos fixos na morte. Os selvagens rastejavam sobre eles como moscas, despindo-os de selas, arreios, embrulhos e armaduras, e cortando sua carne com machados de pedra.

– Para cima – disse Camisa de Chocalho a Jon. – O Mance tá lá no alto.

Desmontaram junto à muralha anelar para se enfiarem através de um vão inclinado entre as pedras. A carcaça de um garrano felpudo e castanho estava empalada nos espigões afiados que o Velho Urso havia colocado dentro de todas as entradas. *Ele estava tentando sair, não entrar*. Não havia sinal de um cavaleiro.

Lá dentro havia mais, e pior. Jon nunca antes vira neve cor-de-rosa. O vento soprava em rajadas à sua volta, puxando seu pesado manto de pele de ovelha. Corvos esvoaçavam de um cavalo morto para o seguinte. *Será que aqueles corvos são selvagens ou dos nossos?* Jon não sabia dizer. Perguntou a si mesmo onde estaria agora o pobre Sam. E *o que* seria.

Uma crosta de sangue congelado rangeu por baixo do calcanhar de sua bota. Os selvagens estavam despindo os cavalos mortos de todos os restos de aço e couro, chegando mesmo a arrancar suas ferraduras dos cascos. Alguns vasculhavam pacotes que tinham achado, em busca de armas ou alimentos. Jon passou por um dos cães de Chett, ou aquilo que dele restava, jazendo numa poça viscosa de sangue meio congelado.

Ainda havia algumas tendas em pé no lado mais distante do acampamento, e foi nesse lugar que encontraram Mance Rayder. Sob o manto rasgado de lã negra e seda vermelha usava cota de malha preta e felpudos calções de pele, e na cabeça tinha um grande elmo de bronze e ferro, com asas de corvo nas têmporas. Jarl encontrava-se com ele, bem como Harma Cabeça de Cão; Styr também estava lá, assim como Varamyr Seis-Peles, com seus lobos e seu gato-das-sombras.

O olhar que Mance lançou a Jon foi ameaçador e frio.

– O que aconteceu com seu rosto?

Ygritte respondeu:

– Orell tentou arrancar-lhe um olho.

– Perguntei a ele. Perdeu a língua? Talvez devesse, para nos poupar de mais mentiras.

Styr, o Magnar, puxou uma longa faca.

– O rapaz talvez possa ver com mais clareza com um olho em vez de dois.

– Gostaria de ficar com o olho, Jon? – perguntou o Rei-para-lá-da-Muralha. – Se sim, diga-me quantos eram. E tente falar a verdade dessa vez, Bastardo de Winterfell.

Jon tinha a garganta seca.

– Meu senhor... o que...

– Não sou o seu senhor – disse Mance. – E *o que* é bastante claro. Seus irmãos morreram. A questão é: quantos?

O rosto de Jon latejava, a neve continuava caindo e era difícil pensar. *Não pode se recusar, não importa o que lhe seja solicitado*, Qhorin lhe dissera. As palavras prenderam-se em sua garganta, mas Jon forçou-se a dizer:

– Éramos trezentos.

– Éramos? – disse Mance vivamente.

– Eram. Eram trezentos. – *Não importa o que lhe seja solicitado, disse o Meia-Mão. Então por que me sinto tão covarde?* – Duzentos de Castelo Negro, e cem da Torre Sombria.

– Essa é uma canção mais verdadeira do que a que cantou em minha tenda. – Mance olhou para Harma Cabeça de Cão. – Quantos cavalos encontrou?

– Mais de cem – respondeu a enorme mulher –, menos de duzentos. Há mais mortos a leste, debaixo da neve, é difícil saber quantos. – Atrás dela encontrava-se o seu porta-estandarte, segurando uma vara com a cabeça de um cão na ponta, suficientemente fresca para ainda estar vertendo sangue.

– Não devia ter mentido para mim, Jon Snow – disse Mance.

– Eu... eu sei. – *O que poderia dizer?*

O rei selvagem estudou seu rosto.

– Quem tinha o comando aqui? E diga-me a verdade. Era Rykker? Smallwood? Não pode ter sido o Wythers, ele era fraco demais. De quem era esta tenda?

Já disse demais.

– Não encontrou o corpo dele?

Harma fungou, lançando desdém pelas narinas.

– Que idiotas esses corvos pretos.

– Da próxima vez que me responder com uma pergunta, dou você ao Senhor dos Ossos – prometeu Mance Rayder a Jon. Aproximou-se dele. – Quem comandava aqui?

Mais um passo, pensou Jon. *Mais alguns centímetros*. Deslocou a mão para mais perto do cabo da Garralonga. *Se ficar de boca fechada...*

– Tente pegar nessa maldita espada, e eu corto sua cabeça de bastardo antes de você ter tempo de tirá-la da bainha – disse Mance. –

Estou perdendo rapidamente a paciência com você, corvo.

– Diga – exortou Ygritte. – Ele está morto, seja quem for.

Seu franzir de sobrancelhas fez rachar a crosta de sangue que tinha no rosto. *Isso é difícil demais*, pensou Jon, desesperado. *Como é que eu faço papel de vira-casaca sem me transformar em um?* Qhorin não havia lhe dito. Mas o segundo passo é sempre mais fácil do que o primeiro.

– O Velho Urso.

– Aquele velho? – o tom de Harma mostrava descrença. – Veio em pessoa? Então quem comanda em Castelo Negro?

– Bowen Marsh. – Daquela vez, Jon respondeu imediatamente. *Não pode se recusar, não importa o que lhe seja solicitado.*

Mance soltou uma gargalhada.

– Se isso for verdade, temos a guerra ganha. Bowen sabe bastante mais sobre contar espadas do que algum dia soube a respeito de usá-las.

– O Velho Urso comandava – disse Jon. – Este lugar era alto e forte, e ele tornou-o mais forte. Cavou fossos e colocou estacas, armazenou comida e água. Estava pronto para...

– ... mim? – concluiu Mance Rayder. – Se estava. Se eu tivesse sido suficientemente tolo para assaltar seu monte, poderia ter perdido cinco homens para cada corvo que matasse e ainda estaria com sorte. – Os lábios endureceram. – Mas quando os mortos caminham, muralhas, estacas e espadas não significam nada. Não se pode lutar com os mortos, Jon Snow. Ninguém sabe disso tão bem quanto eu. – Ergueu o olhar para o céu que escurecia e disse: – Os corvos podem nos ter ajudado mais do que julgam. Tenho perguntado a mim mesmo por que não sofremos ataques. Mas ainda há uma centena de léguas de caminho, e o frio aumenta. Varamyr, mande seus lobos farejarem o rastro das criaturas, não quero que nos apanhem desprevenidos. Senhor dos Ossos, duplique todas as patrulhas, e certifique-se de que todos os homens têm archotes e pederneira. Styr, Jarl, vocês partem à primeira luz da aurora.

– Mance – disse Camisa de Chocalho –, quero uns ossos de corvo.

Ygritte pôs-se diante de Jon.

– Não pode matar um homem por mentir para proteger seus antigos irmãos.

– Eles ainda são seus irmãos – declarou Styr.

– Não são – insistiu Ygritte. – Ele não me matou, como lhe disseram para fazer. E matou o Meia-Mão, como todos vimos.

A respiração de Jon condensava no ar. *Se mentir para Mance, ele saberá.* Olhou Mance Rayder nos olhos, abriu e fechou a mão queimada.

– Uso o manto que me deu, Vossa Graça.

– Um manto de pele de ovelha! – disse Ygritte. – E há muitas noites dançamos por baixo dele!

Jarl soltou uma gargalhada, e até Harma Cabeça de Cão deu um sorrisinho.

– Ah, então é isso, Jon Snow? – perguntou brandamente Mance Rayder. – Ela e você?

Era fácil perder o rumo para lá da Muralha. Jon já não sabia se ainda era capaz de distinguir a honra da vergonha, ou o certo do errado. *Que o pai me perdoe.*

– Sim – disse.

Mance fez um aceno.

– Ótimo. Então vão com Jarl e Styr de manhã. Ambos. Longe de mim separar dois corações que batem como um só.

– Iremos para onde?

– Subir a Muralha. Já é mais do que hora de provar a sua lealdade com algo mais do que palavras, Jon Snow.

Magnar não ficou satisfeito.

– O que eu faço com um corvo?

– Ele conhece a Patrulha e conhece a Muralha – disse Mance – e conhece Castelo Negro melhor do que qualquer assaltante. Se não for tolo, vai encontrar uso para ele.

Styr lançou-lhe um olhar carrancudo.

– O coração dele pode ainda ser negro.

– Se for, arranque-o. – Mance virou-se para Camisa de Chocalho. – Meu Senhor dos Ossos, mantenha a coluna em movimento a qualquer preço. Se chegarmos à Muralha antes de Mormont, vencemos.

– Vão se mover. – A voz de Camisa de Chocalho estava carregada e irada.

Mance assentiu e afastou-se, com Harma e Seis-Peles ao seu lado. Os lobos e o gato-das-sombras de Varamyr seguiram atrás. Jon e Ygritte foram deixados com Jarl, Camisa de Chocalho e Magnar. Os dois selvagens mais velhos olharam Jon com rancor mal disfarçado, enquanto Jarl dizia:

– Ouviu, partimos ao nascer do dia. Traga toda a comida que puder, não vai haver tempo para caçar. E trate dessa cara, corvo. Isso tá uma porcaria.

– Tratarei – disse Jon.

– É melhor que não esteja mentindo, garota – disse o Camisa de Chocalho a Ygritte, com os olhos brilhantes por baixo do crânio de gigante.

Jon desembainhou Garralonga.

– Afaste-se de nós se não quiser o que Qhorin teve.

– Não tem nenhum lobo aqui pra ajudá-lo, rapaz. – Camisa de

Chocalho estendeu a mão para sua espada.

– Tem certeza? – Ygritte soltou uma gargalhada.

Sobre as pedras da muralha anelar, Fantasma baixava a cabeça, com os pelos brancos eriçados. Não soltava um som, mas seus olhos vermelho-escuros falavam de sangue. O Senhor dos Ossos afastou lentamente a mão da espada, recuou um passo, e deixou-os com uma praga.

Fantasma caminhou ao lado dos garranos de Jon e Ygritte enquanto desciam o Punho. Só quando já estavam no meio da travessia do Guadeleite é que Jon se sentiu suficientemente em segurança para dizer:

– Não pedi para você mentir por mim.

– Não menti – disse ela. – Só não lhes contei uma parte, nada mais.

– Disse...

– ... que fodemos muitas noites debaixo de seu manto. Mas não lhes disse quando começamos. – O sorriso que lhe deu era quase tímido. – Arranje outro lugar para o Fantasma dormir esta noite, Jon Snow. É como o Mance diz: as ações são mais verdadeiras do que as palavras.

Sansa

–Um vestido novo? – disse, tão cautelosa quanto espantada.

– Mais lindo do que qualquer outro que tenha usado, senhora – prometeu a velha. Mediu as ancas de Sansa com uma corda cheia de nós. – Todo de seda e renda de Myr, com forro de cetim. Ficará muito bela. Foi a própria rainha que o encomendou.

– Qual rainha? – Margaery ainda não era rainha de Joffrey, mas havia sido a de Renly. Ou ela estaria se referindo à Rainha dos Espinhos? Ou...

– A Rainha Regente, com certeza.

– A Rainha *Cersei*?

– Essa mesma. Há muitos anos que me dá a honra de ser freguesa. – A velha estendeu a corda ao longo da parte de dentro da perna de Sansa. – Sua Graça disse-me que agora é uma mulher, e não deve se vestir como uma garotinha. Estenda o braço.

Sansa ergueu o braço. Precisava de um vestido novo, isso era verdade. Tinha crescido sete centímetros no ano anterior, e a maior parte de seu antigo guarda-roupa havia estragado com a fumaça, quando tentou queimar o colchão no dia de sua primeira floração.

– Seu peito ficará tão lindo como o da rainha – disse a velha enquanto envolvia o peito de Sansa com a corda. – Não devia escondê-lo tanto.

O comentário fez Sansa corar. E no entanto, da última vez em que fora montar, não conseguiu atar o justilho até em cima, e o cavalariço não tirou os olhos dela enquanto a ajudava a montar. Às vezes, via também homens-feitos olhando para seu peito, e algumas de suas túnicas estavam tão apertadas que quase não conseguia respirar vestida com elas.

– De que cor será? – perguntou à costureira.

– Deixe as cores comigo, senhora. Ficará contente, tenho certeza. Também terá roupas de baixo e meias, batas, capas e mantos, e tudo o mais que é próprio de uma... de uma linda jovem senhora de nobre nascimento.

– Estarão prontos a tempo da boda do rei?

– Oh, mais cedo, muito mais cedo, Sua Graça insiste. Tenho seis costureiras e doze aprendizes, e deixaremos de lado todos os outros serviços para nos dedicarmos a este. Muitas senhoras ficarão zangadas conosco, mas foram ordens da rainha.

– Tenha a gentileza de agradecer à Sua Graça por sua amabilidade – disse Sansa com cortesia. – Ela é boa demais para mim.

– Sua Graça é muito generosa – concordou a costureira, enquanto recolhia as suas coisas e se retirava.

Mas por quê?, perguntou Sansa a si mesma quando ficou sozinha. Aquilo deixava-a inquieta. *Aposto que esse vestido é de algum modo obra de Margaery, ou da avó.*

A gentileza de Margaery tinha sido inabalável, e sua presença mudara tudo. As suas senhoras também tinham acolhido Sansa entre elas. Fazia tanto tempo que não desfrutava da companhia de outras mulheres que quase se esquecera de como podia ser agradável. A Senhora Leonette ensinava-a a tocar harpa, e a Senhora Janna partilhava com ela todas as melhores fofocas. Merry Crane tinha sempre uma história divertida para contar, e a pequena Senhora Bulwer lembrava-lhe Arya, embora não fosse tão irrequieta.

As primas Elinor, Alla e Megga estavam mais próximas da idade de Sansa. Eram Tyrell de ramos menores da Casa. "Rosas de partes mais baixas do arbusto", como brincava Elinor, que era esbelta e possuía senso de humor. Megga era redonda e ruidosa, Alla, tímida e bonita, mas Elinor governava as três por direito de maturação; era uma donzela já florida, enquanto Megga e Alla não passavam de garotas.

As primas acolheram Sansa como se a tivessem conhecido a vida inteira. Passavam longas tardes bordando e conversando, comendo bolos de limão e bebendo vinho com mel, à noite jogavam damas, cantavam juntas no septo do castelo... e era frequente que uma ou duas delas fossem escolhidas para dividir a cama com Margaery, onde gastavam metade da noite em segredos. Alla possuía uma linda voz, e quando era aliciada, tocava harpa e cantava canções de cavalaria e amores perdidos. Megga não sabia cantar, mas era louca por beijos. Confessou que ela e Alla jogavam às vezes um jogo de beijos, mas não era o mesmo que beijar um homem, muito menos um rei. Sansa perguntou a si mesma o que Megga acharia de beijar o Cão de Caça, como ela o fizera. Ele a tinha encontrado na noite da batalha, fedendo a vinho e sangue. *Beijou-me e ameaçou me matar, e obrigou-me a cantar uma canção para ele.*

– O Rei Joffrey tem lábios tão belos – exclamou Megga, absorta. – Oh, pobre Sansa, como o seu coração deve ter se partido quando o perdeu. Oh, como deve ter chorado!

Joffrey me fez chorar com mais frequência do que imagina, teve vontade de dizer, mas o Abetouro não estava por perto para abafar sua voz, por isso apertou os lábios e segurou a língua.

Quanto a Elinor, estava prometida a um jovem escudeiro, filho de Lorde Ambrose; iam se casar assim que ele ganhasse as esporas. Ele tinha usado o seu favor na Batalha da Água Negra, onde matou um besteiro de Myr e um homem de armas Mullendore.

– Alyn contou que seu favor o tornou destemido – disse Megga. – Ele diz que usou o nome de Elinor como grito de guerra, não é

galante? Um dia quero que algum campeão use o meu favor e mate cem homens. – Elinor disse-lhe para se calar, mesmo assim pareceu ficar contente.

Elas são crianças, pensava Sansa. *São garotinhas tolas, até mesmo Elinor. Nunca viram uma batalha, nunca viram um homem morrer, não sabem nada*. Seus sonhos estavam cheios de canções e histórias, como os dela tinham estado antes de Joffrey cortar a cabeça do pai. Sansa tinha dó delas. E também tinha inveja.

Mas Margaery era diferente. Doce e gentil, sim, mas também havia nela um pouco da avó. Na antevéspera, levara Sansa à caça com falcão. Foi a primeira vez que saiu da cidade depois da batalha. Os mortos tinham sido queimados ou enterrados, mas o Portão da Lama estava rachado e lascado onde os aríetes de Lorde Stannis o tinham atacado, e viam-se cascos de navios esmagados ao longo de ambas as margens do Água Negra, com mastros carbonizados que se erguiam dos baixios como lúgubres dedos negros. O único tráfego no rio era o barco de fundo chato em que fizeram a travessia, e quando chegaram à mata de rei, encontraram um campo desolado de cinzas, carvão e árvores mortas. Mas as aves aquáticas abundavam nos pântanos ao longo da baía, e o esmerilhão de Sansa abateu três patos, enquanto o falcão-peregrino de Margaery apanhava uma garça-real em pleno voo.

– Willas tem as melhores aves dos Sete Reinos – disse Margaery quando as duas ficaram sozinhas por um breve período. – Às vezes, faz voar uma águia. Você vai ver, Sansa. – Pegou na mão dela e deu-lhe um apertão. – Irmã.

Irmã. Antigamente, Sansa sonhara em ter uma irmã como Margaery; bela e gentil, com todas as graças do mundo às suas ordens. Arya havia sido completamente insatisfatória no que tocava a ser irmã. *Como posso deixar que minha irmã se case com Joffrey?*, pensou, e de repente ficou com os olhos cheios de lágrimas.

– Margaery, por favor – disse –, não pode. – Era difícil fazer sair as palavras. – Você *não pode* se casar com ele. Ele não é o que parece, não é. Vai machucá-la.

– Penso que não. – Margaery sorriu com um ar confiante. – É corajoso de sua parte prevenir-me, mas não tem nada a temer. Joff é mimado e vaidoso e não duvido que seja tão cruel como você diz, mas o pai obrigou-o a nomear Loras para a sua Guarda Real antes de concordar com o casamento. Terei o melhor cavaleiro dos Sete Reinos me protegendo dia e noite, tal como o Príncipe Aemon protegeu Naerys. Portanto, é melhor que nosso leãozinho se comporte bem, não é? – soltou uma gargalhada, e disse: – Venha, querida irmã, vamos fazer uma corrida até o rio. Isso deixará os nossos guardas bem loucos. – E, sem esperar resposta, bateu com os calcanhares no cavalo e fugiu.

Ela é tão corajosa, pensou Sansa, galopando atrás da garota... e, no

entanto, as dúvidas ainda a atormentavam. Sor Loras era um grande cavaleiro, todos eram unânimes em dizê-lo. Mas Joffrey tinha outros guardas reais, e também homens de manto dourado e vermelho, e, quando fosse mais velho, comandaria seus próprios exércitos. Aegon, o Indigno, nunca tinha feito mal à Rainha Naerys, talvez por temer o seu irmão, o Cavaleiro do Dragão... mas quando outro de seus guardas reais se apaixonou por uma de suas amantes, o rei cortou a cabeça de ambos.

Sor Loras é um Tyrell, lembrou Sansa a si mesma. *Esse outro cavaleiro era apenas um Toyne. Seus irmãos não tinham exércitos, não possuíam nenhum modo de vingá-lo a não ser pela espada*. Mas, quanto mais pensava em tudo aquilo, mais se interrogava. *Joff poderá se segurar durante algumas voltas de lua, talvez durante um ano, mas mais cedo ou mais tarde irá mostrar as garras, e quando fizer isso...* O reino poderia ver surgir um segundo Regicida, e haveria guerra *dentro* da cidade, enquanto os homens do leão e os homens da rosa fizessem as valetas correr rubras.

Sansa surpreendia-se por Margaery não ver isso também. *Ela é mais velha do que eu, deve ser mais sábia. E o pai dela, Lorde Tyrell, certamente saberá o que está fazendo. Estou só sendo tola.*

Quando falou a Sor Dontos que partiria para Jardim de Cima para se casar com Willas Tyrell, achou que ele ficaria aliviado e satisfeito por ela. Mas Sor Dontos agarrou seu braço e disse:

– Você não *pode* fazer isso! – numa voz tão carregada de horror como de vinho. – Estou falando, esses Tyrell são apenas Lannister com flores. Suplico-lhe, esqueça essa loucura, dê um beijo em seu Florian, e prometa que seguirá o caminho que planejamos. Na noite do casamento de Joffrey, não falta muito tempo, use a rede de prata para o cabelo e faça o que eu lhe disser, e depois fugiremos. – E tentou lhe dar um beijo no rosto.

Sansa desvencilhara-se de sua mão e afastara-se dele.

– Não farei isso. Não posso. Alguma coisa daria errado. Quando eu *quis* fugir, você não me levou, e agora não preciso.

Dontos fitara-a estupidamente.

– Mas os preparativos estão feitos, querida. O navio para levá-la para casa, o barco para levá-la para o navio, o seu Florian fez tudo para a sua doce Jonquil.

– Lamento todo o incômodo que lhe causei – ela disse –, mas agora não preciso de barcos e navios.

– Mas é tudo para a sua *segurança*.

– Estarei em segurança em Jardim de Cima. Willas vai me manter em segurança.

– Mas ele não a conhece – insistiu Dontos – e não a amará. Jonquil, Jonquil, abra seus belos olhos, esses Tyrell não se interessam

por você. É a sua *pretensão* que querem desposar.

– A minha pretensão? – por um momento Sansa ficou confusa.

– Querida – ele disse –, é herdeira de Winterfell. – Voltou a agarrá-la, suplicando-lhe que não fizesse aquilo, e Sansa se libertou, deixado-o cambaleando sob a árvore-coração. Não voltou a visitar o bosque sagrado desde então.

Mas também não esqueceu suas palavras. *Herdeira de Winterfell*, pensava na cama, à noite. *É a sua pretensão que querem desposar*. Sansa tinha crescido com três irmãos. Nunca pensara em ter alguma pretensão, mas com Bran e Rickon mortos... *Não importa, ainda há Robb, ele é agora um homem-feito, e em breve se casará e terá um filho. Seja como for, Willas Tyrrell terá Jardim de Cima, o que ele iria querer de Winterfell?*

Às vezes sussurrava o nome dele para a almofada, só para ouvir o som.

– Willas, Willas, Willas. – Supunha que Willas era um nome tão bom quanto Loras. Até soavam um pouco parecidos. Que importava a sua perna? Willas seria Senhor de Jardim de Cima, e ela seria a sua senhora.

Imaginava os dois sentados juntos num jardim, com cachorros no colo, ou ouvindo um cantor dedilhar um alaúde enquanto flutuavam Vago abaixo numa barcaça de prazer. *Se lhe der filhos, ele pode chegar a me amar*. Ela ia chamá-los de Eddard, Brandon e Rickon, e educá-los para serem tão valentes quanto Sor Loras. *E também para odiarem os Lannister.* Nos sonhos de Sansa, seus filhos eram tal qual os irmãos que tinha perdido. Às vezes, havia até uma menina parecida com Arya.

Mas nunca conseguia manter durante muito tempo uma imagem de Willas na cabeça; a sua imaginação transformava-o sempre em Sor Loras, jovem, gracioso e belo. *Não pode pensar nele assim*, dizia a si mesma. *Senão, Willas pode ver o desapontamento em seus olhos quando se encontrarem, e como poderá então casar com você, sabendo que é o irmão que você ama?* Recordava constantemente a si mesma que Willas tinha o dobro de sua idade, que era coxo, e talvez até gordo e de rosto vermelho como o pai. Mas, garboso ou não, poderia ser o único campeão que algum dia teria.

Uma vez sonhou que ainda era ela, e não Margaery, quem se casaria com Joff, e que na noite de núpcias ele se transformava no carrasco Ilyn Payne. Acordou tremendo. Não queria que Margaery sofresse como ela tinha sofrido, mas a ideia de que os Tyrell pudessem recusar prosseguir com o casamento aterrorizava-a. *Eu preveni, avisei, contei a verdade sobre ele*. Talvez Margaery não acreditasse nela. Joff sempre desempenhava o papel de perfeito cavaleiro com a jovem Tyrell, como fizera com Sansa. *Ela verá a sua verdadeira natureza bem depressa, depois do casamento, se não vir antes*. Sansa decidiu que

acenderia uma vela à Mãe no Céu da próxima vez que visitasse o septo e lhe pediria para proteger Margaery da crueldade de Joffrey. E talvez também uma vela ao Guerreiro, para Loras.

Usaria seu novo vestido na cerimônia no Grande Septo de Baelor, decidiu enquanto a costureira tirava as últimas medidas. *Deve ser por isso que Cersei o mandou fazer para mim, para que não assista à boda malvestida*. Devia mesmo ter um vestido diferente para o banquete que haveria depois, mas supunha que um dos velhos serviria. Não queria arriscar-se a derramar comida ou vinho sobre o novo. *Tenho de levá-lo comigo para Jardim de Cima*. Queria estar bela para Willas Tyrell. *Mesmo se Dontos tiver razão e ele desejar Winterfell e não a mim, ainda pode vir a me amar pelo que sou.* Sansa abraçou-se com força, perguntando a si mesma quanto tempo demoraria para o vestido ficar pronto. Quase não podia esperar para usá-lo.

Arya

As chuvas iam e vinham, mas havia mais céus cinzentos do que azuis, e todos os cursos de água corriam cheios. Na manhã do terceiro dia, Arya reparou que o musgo estava crescendo principalmente do lado errado das árvores.

– Estamos indo na direção errada – disse a Gendry, ao passarem por um olmo especialmente cheio de musgo. – Estamos indo para o sul. Está vendo como o musgo cresce no tronco?

Ele afastou os espessos cabelos negros dos olhos e disse:

– Estamos seguindo a estrada, é só isso. A estrada aqui vai para o sul.

Passamos o dia todo indo para o sul, ela quis lhe dizer. *E ontem também, quando seguimos o curso daquele riacho*. Mas, no dia anterior, não tinha prestado muita atenção, e por isso não podia ter certeza.

– Acho que estamos perdidos – disse em voz baixa. – Não devíamos ter deixado o rio. Tudo que tínhamos de fazer era segui-lo.

– O rio faz curvas e dá voltas – disse Gendry. – Este é só um caminho mais curto, aposto. Algum caminho secreto dos fora da lei. O Limo, o Tom e os outros vivem há anos por aqui.

Aquilo era verdade. Arya mordeu o lábio.

– Mas o musgo...

– Com toda essa chuva, daqui a pouco teremos musgo crescendo nas orelhas – queixou-se Gendry.

– Só da orelha virada para o *sul* – declarou teimosamente Arya. Não valia a pena tentar convencer o Touro do que quer que fosse. Em todo caso, era o único amigo verdadeiro que tinha, agora que Torta Quente os deixara.

– A Sharna diz que precisa de mim para fazer pão – ele tinha lhe dito, no dia em que se puseram a caminho. – E, seja como for, estou farto da chuva, das dores de sela e de andar sempre assustado. Aqui há cerveja e coelho para comer, e o pão vai ser melhor quando eu o estiver fazendo. Quando voltar verá. Vai voltar, não vai? Depois que a guerra acabar? – então se lembrou de quem ela era e acrescentou, corando: – Senhora.

Arya não sabia se a guerra chegaria a acabar, mas confirmou com a cabeça.

– Desculpe ter batido em você daquela vez – disse. Torta Quente era burro e covarde, mas a tinha acompanhado sempre desde Porto Real, e Arya habituou-se a ele. – Quebrei seu nariz.

– Também quebrou o do Limo. – Torta Quente deu um sorriso. – Isso foi bom.

– O Limo não achou – disse Arya num tom sorumbático. E então

chegou a hora de partir. Quando Torta Quente perguntou se podia beijar a mão da senhora, Arya esmurrou o ombro dele. – Não me chame disso. Você é o Torta Quente, e eu sou Arry.

– Aqui não sou o Torta Quente. Sharna só me chama de Rapaz. Do mesmo jeito que chama o outro rapaz. Vai ser uma confusão.

Sentia mais a falta dele do que achava que sentiria, mas Harwin compensava um pouco. Ela lhe contara o que acontecera ao pai, Hullen, e como o encontrara agonizando junto aos estábulos na Fortaleza Vermelha, no dia em que fugira.

– Ele sempre disse que morreria num estábulo – disse Harwin –, mas todos julgávamos que seria algum garanhão genioso que o levaria à morte, não uma matilha de leões. – Arya contou também sobre Yoren e a fuga de Porto Real, e sobre muito do que tinha acontecido desde então, mas deixou fora da história o cavalariço que ela atravessara com a Agulha, e o guarda cuja garganta rasgara para escapar de Harrenhal. Contar a Harwin seria quase como contar ao pai, e havia certas coisas que não suportaria que o pai soubesse.

E também não mencionara Jaqen H'ghar e as três mortes que ele lhe devera e pagara. Mantinha enfiada no cinto a moeda de ferro que ele lhe dera, mas às vezes, à noite, pegava-a e recordava o modo como o rosto do homem havia derretido e mudado quando passou a mão por ela.

– *Valar morghulis* – dizia em surdina. – Sor Gregor, Dunsen, Polliver, Raff, Querido, Cócegas e Cão de Caça. Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei, Rei Joffrey.

Harwin disse-lhe que só restavam seis homens de Winterfell dos vinte que o pai mandara para oeste com Beric Dondarrion, e eles estavam espalhados.

– Era uma armadilha, senhora. Lorde Tywin mandou a Montanha dele cruzar o Ramo Vermelho com fogo e espada, esperando atrair o senhor seu pai. Planejava que Lorde Eddard viesse para oeste em pessoa, a fim de lidar com Gregor Clegane. Se tivesse feito isso, teria sido morto, ou capturado e trocado pelo Duende, que naquela altura era prisioneiro da senhora sua mãe. Mas o Regicida não sabia do plano de Lorde Tywin e quando ouviu a notícia da captura do irmão, atacou seu pai nas ruas de Porto Real.

– Eu me lembro – falou Arya. – Ele matou Jory. – Jory sempre sorrira para ela, quando não estava lhe dizendo para sair do caminho.

– Ele matou Jory – concordou Harwin – e a perna de seu pai quebrou quando o cavalo caiu sobre ele. Por isso Lorde Eddard *não pôde* ir para oeste. Mandou Lorde Beric em seu lugar, com vinte homens dele e vinte de Winterfell, entre eles eu. E havia também outros. Thoros e Sor Raymun Darry e seus homens, Sor Gladden Wylde, um lorde chamado Lothar Mallery. Mas Gregor estava à nossa

espera no Vau do Saltimbanco, com homens escondidos em ambas as margens. No momento em que atravessávamos, caiu sobre nós pela frente e pela retaguarda.

"Vi a Montanha matar Raymun Darry com um único golpe, tão terrível que arrancou o braço de Darry pelo cotovelo e matou também o cavalo que tinha entre as pernas. Gladden Wylde morreu ali com ele, e Lorde Mallery foi derrubado e afogou-se. Tínhamos leões por todos os lados, e eu pensei que estava condenado com os outros, mas Alyn gritou ordens e restaurou a ordem em nossas fileiras, e aqueles de nós que ainda estávamos a cavalo reunimo-nos em volta de Thoros e libertamo-nos dando espadadas. Naquela manhã, éramos cento e vinte. Ao cair da noite, não somávamos mais de quarenta, e Lorde Beric estava gravemente ferido. Nessa noite, Thoros tirou trinta centímetros de lança de seu peito e despejou vinho fervendo no buraco que ficou.

"Todos estávamos convencidos de que sua senhoria estaria morta ao nascer do dia. Mas Thoros rezou com ele a noite inteira junto à fogueira e, quando a alvorada chegou, ele ainda estava vivo, e mais forte do que antes. Passou-se uma quinzena antes de poder montar a cavalo, mas sua coragem manteve-nos fortes. Disse-nos que nossa guerra não terminara no Vau do Saltimbanco, que só começara ali, e que cada um de nossos homens que caíra seria vingado dez vezes.

"A essa altura, a luta tinha passado por nós. Os homens da Montanha eram só a vanguarda da tropa de Lorde Tywin. Atravessaram o Ramo Vermelho em força e varreram as terras fluviais, queimando tudo que encontravam no caminho. Éramos tão poucos que tudo que pudemos fazer foi atormentar a retaguarda deles, mas dizíamos uns aos outros que nos juntaríamos ao Rei Robert quando ele marchasse para oeste para esmagar a rebelião de Lorde Tywin. Mas então soubemos que Robert estava morto e Lorde Eddard também, e que a cria da Senhora Cersei tinha ascendido ao Trono de Ferro.

"Isso virou o mundo inteiro de pernas para o ar. Fôramos enviados pela Mão do Rei para lidar com os fora da lei, está vendo, mas agora éramos *nós* os fora da lei, e Lorde Tywin era Mão do Rei. Alguns desejaram se render nesse momento, mas Lorde Beric não queria nem ouvir falar do assunto. Ainda éramos homens do rei, dizia, e aqueles que os leões andavam massacrando eram o povo do rei. Se não podíamos lutar por Robert, lutaríamos por eles, até que todos os nossos homens estivessem mortos. E foi o que fizemos, mas, à medida que íamos lutando, algo estranho começou a acontecer. A cada homem que perdíamos, surgiam dois para tomar o seu lugar. Alguns eram cavaleiros ou escudeiros, de bom nascimento, mas a maioria era gente comum... trabalhadores rurais, rabequeiros e estalajadeiros, criados e sapateiros, e até dois septões. Homens de todos os tipos, e

também mulheres, crianças, cães...

– *Cães?* – perguntou Arya.

– Sim. – Harwyn sorriu. – Um dos nossos rapazes trata dos cães mais bravos, você algum dia gostaria de ver.

– Gostaria de ter um bom cão bravo – disse Arya em tom desejoso. – Um cão matador de leões. – Antigamente tinha uma loba gigante, Nymeria, mas atirei pedras nela até pô-la em fuga, para evitar que a rainha a matasse. *Seria um lobo gigante capaz de matar um leão?*, perguntou a si mesma.

Nessa tarde voltou a chover e continuou por muito tempo, noite adentro. Felizmente, os fora da lei tinham amigos secretos por todos os lados, e não precisavam acampar ao ar livre ou procurar abrigo debaixo de algum caramanchão cheio de goteiras, como ela, Torta Quente e Gendry tinham feito tantas vezes.

De noite, abrigaram-se numa aldeia incendiada e abandonada. Pelo menos *parecia* estar abandonada, até Jack Sortudo soltar dois sopros curtos e dois longos em seu berrante. Então começou a aparecer todo tipo de gente, de dentro das ruínas e de adegas secretas. Tinham cerveja, maçãs desidratadas e um pouco de pão de cevada amanhecido, e os fora da lei traziam um ganso que Anguy havia abatido no caminho, de modo que o jantar dessa noite foi quase um banquete.

Arya estava chupando os últimos bocados de carne de uma asa quando um dos aldeões se virou para Limo Manto Limão e disse:

– Passaram homens por aqui há menos de dois dias, à procura do Regicida.

Limo fungou.

– Fariam melhor se o procurassem em Correrrio. Lá embaixo, nas masmorras mais profundas, onde é bom e úmido. – Seu nariz parecia uma maçã esmagada, vermelho, dolorido e inchado, e ele estava de mau humor.

– Não – disse outro aldeão. – Ele fugiu.

O Regicida. Arya sentiu os cabelos no pescoço se eriçarem. Segurou a respiração para escutar.

– Será que isso é verdade? – disse o Tom das Sete.

– Não acredito – respondeu o homem zarolho com o elmo redondo enferrujado. Os outros fora da lei chamavam-no de Jack Sortudo, embora perder um olho não parecesse lá muita sorte a Arya. – Já experimentei essas masmorras. Como é que ele conseguiria escapar?

Os aldeões só podiam responder com ombros encolhidos. Barba-Verde afagou seus espessos pelos cinzentos e verdes e disse:

– Os lobos irão se afogar em sangue, se o Regicida tá outra vez à solta. O Thoros tem de saber disso. O Senhor da Luz vai lhe mostrar o

Lannister nas chamas.

– Há ali um belo fogo ardendo – disse Anguy, sorrindo.

Barba-Verde soltou uma gargalhada e deu uma tapa na orelha do arqueiro.

– Acha que eu tenho ar de sacerdote, Arqueiro? Quando Pello de Tyrosh olha o fogo, as fagulhas chamuscam sua barba.

Limo estalou os dedos e disse:

– Mas Lorde Beric adoraria capturar Jaime Lannister...

– Ele o enforcaria, Limo? – perguntou uma das mulheres da aldeia. – Seria uma pena enforcar um homem tão lindinho como ele.

– Primeiro um julgamento! – disse Anguy. – Lorde Beric dá-lhes sempre um julgamento. – Sorriu. – Só *depois* é que os enforca.

Houve risos por toda a volta. Então Tom passou os dedos pelas cordas de sua harpa e começou a cantar numa voz suave.

> Os irmãos da mata do rei,
> eram um bando de fora da lei.
> A floresta era o seu castelo,
> mas vagueavam por todo lado.
> Ouro algum era por si recusado,
> das donzelas eram grande flagelo.
> Oh, os irmãos da mata do rei,
> temível bando de fora da lei.

Quente e seca, em um canto, entre Gendry e Harwin, Arya escutou a cantoria durante algum tempo, mas depois fechou os olhos e deslizou para o sono. Sonhou com sua casa; não Correrrio, mas Winterfell. Não foi um bom sonho, porém. Estava sozinha do lado de fora do castelo, enfiada até os joelhos em lama. Conseguia ver as muralhas cinzentas à sua frente, mas quando tentou alcançar os portões, cada passo pareceu mais difícil do que o anterior, e o castelo desvaneceu-se perante seus olhos, até se parecer mais com fumaça do que com granito. E também havia lobos, silhuetas descarnadas e cinzentas caminhando furtivamente por entre as árvores à sua volta, com os olhos brilhando. Sempre que olhava para eles, lembrava-se do sabor do sangue.

Na manhã seguinte, deixaram a estrada para cortar caminho pelos campos. O vento soprava em rajadas, fazendo rodopiar folhas secas marrons entre os cascos dos cavalos, mas, pela primeira vez, não chovia. Quando o sol surgiu de trás de uma nuvem, estava tão brilhante que Arya teve de puxar o capuz para a frente, a fim de cobrir os olhos.

Puxou as rédeas bruscamente.

– *Estamos* indo no sentido errado!

Gendry soltou um gemido.

– O que foi, outra vez o musgo?

– Olhe para o *sol* – disse ela. – Estamos indo para o *sul*! – Arya esquadrinhou o alforje em busca do mapa, para poder mostrar-lhes. – Nunca devíamos ter nos afastado do Tridente. Olhem. – Desenrolou o mapa sobre a perna. Agora todos a observavam. – Olhem, Correrrio fica aqui, entre os rios.

– Acontece – disse Jack Sortudo – que a gente sabe onde fica Correrrio. Cada um de nós.

– Não vamos para Correrrio – disse Limo sem rodeios.

Estava quase lá, pensou Arya. *Devia tê-los deixado levar nossos cavalos. Podia ter percorrido o resto do caminho a pé*. Lembrou-se então do seu sonho e mordeu o lábio.

– Ah, não faça uma expressão tão sentida, filha – disse Tom Sete-Cordas. – Nenhum mal acontecerá a você, tem a minha palavra quanto a isso.

– A palavra de um *mentiroso!*

– Ninguém mentiu – disse Limo. – Não fizemos promessas. Não cabe a nós dizer o que será feito com você.

Mas Limo não era o chefe, não o era mais do que Tom; o chefe era o Barba-Verde, o tyroshi. Arya virou-se para ele.

– Leve-me a Correrrio, e será recompensado – disse, desesperadamente.

– Pequena – respondeu Barba-Verde –, um camponês pode esfolar um esquilo comum para a panela, mas se encontrar um esquilo de ouro em sua árvore, leva-o ao seu senhor, senão se arrependerá de não ter feito isso.

– Não sou um esquilo – insistiu Arya.

– É, sim. – Barba-Verde soltou uma gargalhada. – Um pequeno esquilo de ouro que vai se encontrar com o senhor do relâmpago, quer queira, quer não. Ele vai saber o que fazer com você. Aposto que vai mandá-la para junto da senhora sua mãe, tal como você deseja.

Tom Sete-Cordas concordou com a cabeça.

– Sim, Lorde Beric é assim. Ele vai fazer o que é certo, você vai ver.

Lorde Beric Dondarrion. Arya recordou tudo que ouvira dizer em Harrenhal, tanto da boca dos Lannister como dos Saltimbancos Sangrentos. Lorde Beric era o fogaréu dos bosques. Lorde Beric, que fora morto por Vargo Hoat e antes disso por Sor Amory Lorch e duas vezes pela Montanha que Cavalga. *Se ele não me mandar para casa, talvez também o mate.*

– Por que é que tenho de me encontrar com Lorde Beric? – perguntou ela calmamente.

– Levamos todos os nossos cativos bem-nascidos a ele – disse

Anguy.

Cativa. Arya respirou fundo para sossegar a alma. *Calma como águas paradas.* Olhou de relance os fora da lei em seus cavalos, e virou a cabeça do seu. *Agora, rápida como uma cobra*, pensou, enquanto batia com os calcanhares no flanco do corcel. Fugiu bem entre Barba-Verde e Jack Sortudo, e viu de relance a expressão pasma de Gendry, quando a égua dele saiu de seu caminho. E então estava em campo aberto, e em fuga.

Para norte ou para sul, para leste ou oeste, agora não importava. Podia encontrar o caminho para Correrrio mais tarde, depois de tê-los despistado. Arya inclinou-se para a frente na sela e pôs o cavalo a galope. Em suas costas, os fora da lei praguejavam e gritavam-lhe para voltar. Fechou os ouvidos aos gritos, mas quando deu um olhar de relance por cima do ombro, quatro deles vinham em seu encalço, Anguy, Harwin e Barba-Verde lado a lado e, mais atrás, Limo, cujo comprido manto amarelo esvoaçava atrás dele enquanto cavalgava.

– Ligeira como uma corça – disse à sua montaria. – Agora corra, *corra*.

Arya precipitou-se por campos marrons de ervas daninhas, por mato na altura da cintura e por pilhas de folhas secas que se agitavam e voavam quando o cavalo passava a galope. Viu que havia bosques à esquerda. *Posso despistá-los ali*. Uma vala seca corria ao longo de um dos lados do terreno, mas saltou-a sem abrandar o ritmo, e mergulhou no bosque de olmos, teixos e bétulas. Uma rápida espiada para trás mostrou que Anguy e Harwin ainda continuavam muito próximos. Mas Barba-Verde tinha ficado para trás, e já não via Limo.

– Mais depressa – disse ao cavalo –, você consegue, *você consegue*.

E cavalgou por entre dois olmos, sem parar para ver de que lado o musgo crescia. Saltou por cima de um tronco apodrecido e fez uma curva aberta em volta de uma monstruosa árvore caída, eriçada de galhos quebrados. Depois subiu uma ligeira vertente e desceu pelo outro lado, abrandando e voltando a ganhar velocidade, tirando faíscas do sílex com os cascos do cavalo. No topo da colina espreitou para trás. Harwin havia se colocado à frente de Anguy, mas ambos a seguiam de perto. Barba-Verde tinha ficado mais para trás e parecia estar perdendo a força.

Um riacho barrou seu caminho. Entrou nele, atravessando a água repleta de folhas ensopadas e castanhas. Algumas vieram agarradas às patas do cavalo quando subiram do outro lado. Ali, a vegetação rasteira era mais densa, com o chão tão cheio de raízes e pedras que teve de desacelerar, mas manteve o ritmo mais elevado que ousou. Surgiu outra colina à sua frente, mais íngreme. Para cima, e de novo para baixo. *Que tamanho têm estes bosques?*, se perguntou. Sabia que tinha o cavalo mais rápido, roubara um dos melhores animais de

Roose Bolton dos estábulos de Harrenhal, mas a sua velocidade era desperdiçada ali. *Preciso voltar a encontrar campo aberto. Tenho de encontrar uma estrada*. Em vez disso, encontrou uma trilha de caça. Era estreita e irregular, mas era alguma coisa. Correu ao longo dela, com os ramos chicoteando seu rosto. Um se prendeu ao seu capuz e puxou-o para trás, e durante meio segundo Arya temeu que a tivessem apanhado. Uma raposa saltou dos arbustos após sua passagem, assustada pela fúria de sua fuga. A trilha levou-a a outro riacho. Ou seria o mesmo? Teria dado meia-volta? Não havia tempo para desvendar isso, pois ouvia os cavalos arremetendo por entre as árvores atrás de si. Espinhos arranharam seu rosto como os gatos que costumava perseguir em Porto Real. Pardais explodiram dos ramos de um amieiro. Mas agora as árvores estavam ficando mais esparsas, e de repente viu-se fora delas. Largos campos planos estendiam-se à sua frente, só ervas daninhas e trigo selvagem, ensopado e pisoteado. Arya voltou a pôr o cavalo a galope. *Corra*, pensou, *corra para Correrrio, corra para casa*. Teria conseguido despistá-los? Deu uma olhada rápida, e ali estava Harwin a cinco metros dela e ganhando terreno. *Não*, pensou, *não, ele não pode fazer isso, não ele, não é justo.*

Ambos os cavalos estavam espumando e perdendo as forças quando ele chegou ao lado, estendeu a mão e agarrou o freio dela. A própria Arya estava ofegante. Sabia que a fuga tinha terminado.

– Monta como um nortenho, senhora – disse Harwin quando a obrigou a parar. – Sua tia também era assim. A Senhora Lyanna. Mas lembre-se de que meu pai era mestre dos cavalos.

O olhar que Arya lhe lançou estava cheio de mágoa.

– Achava que era um homem de meu pai.

– Lorde Eddard está morto, senhora. Agora pertenço ao senhor do relâmpago e aos meus irmãos.

– Que irmãos? – o Velho Hullen não tinha gerado mais nenhum filho, que Arya se lembrasse.

– Anguy, Limo, Tom das Sete, Jack e Barba-Verde, todos eles. Não queremos mal ao seu irmão, senhora... mas não é por ele que lutamos. Robb tem um exército próprio, e muitos grandes senhores que dobram o joelho para ele. O povo só tem a nós. – Deu-lhe um olhar perscrutador. – É capaz de compreender o que estou dizendo?

– Sim. – Que ele não era um homem de Robb compreendia bastante bem. E também que era sua cativa. *Podia ter ficado com Torta Quente. Podíamos ter roubado o barquinho e velejado nele até Correrrio*. Estivera melhor como Pombinha. Ninguém tomaria a Pombinha cativa, ou a Nan, ou a Doninha, ou o Arry, o órfão. *Era uma loba*, pensou, *mas agora sou só uma estúpida senhorinha qualquer.*

– Voltará agora em paz? – perguntou-lhe Harwin – Ou terei de amarrá-la e colocá-la atravessada no cavalo?

– Volto em paz – disse ela num tom amuado. *Por enquanto*.

Samwell

Soluçando, Sam deu mais um passo. *Este é o último, o último de todos, não sou capaz de continuar, não sou capaz*. Mas os pés voltaram a se mover. Um deles e depois o outro. Deu um passo, e depois outro, e ele pensou: *Estes pés não são meus, são de outra pessoa, é outra pessoa que caminha, não posso ser eu.*

Quando olhou para baixo, viu-os tropeçando através da neve; coisas sem forma e desajeitadas. Parecia lembrar-se de que as botas tinham sido pretas, mas a neve formara uma crosta em volta delas, e agora eram disformes bolas brancas. Como dois pés deformados feitos de gelo.

Não queria parar, a nevasca. Os montes de neve acumulada já lhe passavam dos joelhos, e uma crosta cobria a parte de baixo de suas pernas como um par de grevas brancas. Seus passos eram arrastados, deslizantes. A mochila pesada que levava fazia com que ele parecesse um monstruoso corcunda. E estava cansado, tão cansado. *Não consigo continuar. Mãe, tenha piedade de mim, não consigo.*

A cada quatro ou cinco passos, tinha de baixar a mão e puxar para cima seu cinto da espada. Havia perdido a espada no Punho, mas a bainha ainda pesava no cinto. Possuía duas facas; o punhal de vidro de dragão que Jon lhe dera e o de aço com que cortava a carne. Todo esse peso sobrecarregava o cinto, e sua barriga era tão grande e redonda que, caso se esquecesse de puxá-lo, o cinto deslizaria até se enrolar em volta de seus tornozelos, por mais que o apertasse. Uma vez tentou afivelá-lo *por cima* da barriga, mas então chegou quase em suas axilas. Grenn quase tinha morrido de rir ao vê-lo, e Edd Doloroso disse:

– Uma vez, conheci um homem que usava assim a espada, numa corrente em volta do pescoço. Um dia tropeçou, e o cabo entrou no nariz dele.

O próprio Sam andava tropeçando. Havia pedras por baixo da neve, além de raízes de árvores e, às vezes, buracos profundos no chão gelado. Bernarr, o Negro, havia enfiado o pé em um e quebrado o tornozelo havia três dias, ou talvez quatro, ou... na verdade ele não sabia quanto tempo tinha se passado. O Senhor Comandante tinha colocado Bernarr num cavalo depois disso.

Soluçando, Sam deu mais um passo. Sentia-se mais como se estivesse caindo do que andando, sempre caindo, mas sem nunca atingir o chão, apenas caindo para a frente e mais para a frente. *Tenho de parar, dói demais. Sinto tanto frio e estou tão cansado, tenho de dormir, só um pouco de sono junto a uma fogueira, e um pouco de comida que não esteja congelada*.

Mas se parasse, morreria. Sabia disso. Todos os poucos que restavam sabiam. Tinham sido cinquenta quando fugiram do Punho, talvez mais, mas alguns haviam se perdido na neve, alguns dos feridos tinham sangrado até a morte... e, às vezes, Sam ouvia gritos atrás de si, vindos da retaguarda, e uma vez ouviu um berro *horrível*. Quando ouviu aquilo, correu, vinte ou trinta metros, tanto e tão depressa como tinha sido capaz, levantando neve com os pés meio congelados. Ainda estaria correndo se suas pernas fossem mais fortes. *Eles estão atrás de nós, eles ainda estão atrás de nós, estão nos levando um por um.*

Soluçando, Sam deu mais um passo. Havia tanto tempo que sentia frio que estava se esquecendo de como era sentir-se quente. Usava três pares de meias, duas camadas de roupa de baixo por sob uma túnica dupla de lã de carneiro e, por cima disso tudo, um espesso casaco almofadado, que o protegia do aço frio de sua cota de malha. Sobre a camisa usava um sobretudo largo, e por cima *disso* um manto de tripla espessura com um botão de osso que se prendia bem abaixo de seu queixo. O capuz tombava para a frente, por cima de sua testa. Grossas luvas de peles cobriam suas mãos, por cima de finas luvas de lã e couro, um cachecol estava bem enrolado em volta da metade inferior do rosto, e, por baixo do capuz, tinha um apertado gorro forrado com velo puxado sobre as orelhas. E mesmo assim tinha frio. Especialmente nos pés. Agora nem sequer os sentia, mas no dia anterior tinham doído tanto que quase não conseguia se manter em pé, muito menos caminhar. Cada passo fazia-o querer gritar. Teria sido no dia anterior? Não se lembrava. Não dormira desde o Punho, nem uma única vez desde que o berrante tinha soprado. A menos que tivesse dormido enquanto caminhava. Poderia um homem caminhar enquanto dorme? Sam não sabia, ou, se sabia, tinha se esquecido.

Soluçando, deu outro passo. A neve caía, rodopiando, à sua volta. Às vezes, caía de um céu branco e, às vezes, de um negro, mas isso era tudo o que restava do dia e da noite. Levava-a nos ombros como um segundo manto, e ela empilhava-se num grande monte sobre a mochila que ele transportava, tornando-a ainda mais pesada e difícil de carregar. Seu lombo doía abominavelmente, como se alguém tivesse espetado nele uma faca e a mexesse de um lado para o outro a cada passo. Seus ombros estavam em agonia por causa do peso da cota de malha. Teria dado quase tudo para tirá-la, mas tinha medo de fazer isso. E, de qualquer forma, teria de despir o manto e o capote para chegar à cota de malha, e então o frio o pegaria.

Se eu ao menos fosse mais forte... Mas não era, e não valia a pena desejar ser. Sam era fraco, e gordo, tão gordo que quase não conseguia aguentar o próprio peso, e a cota de malha era demais para ele. Sentia-se como se ela estivesse deixando seus ombros em carne viva, apesar das camadas de tecido e forro que havia entre o aço e a pele. A

única coisa que podia fazer era chorar, e, quando chorava, as lágrimas congelavam em seu rosto.

Soluçando, deu outro passo. A crosta de neve estava rachada nos locais em que colocava os pés, caso contrário não julgaria que pudesse ter se movido. À esquerda e à direita, entrevistos através das árvores silenciosas, os archotes transformavam-se em vagos halos cor de laranja na neve que caía. Quando virava a cabeça, conseguia vê-los, deslizando em silêncio pela floresta, balançando para cima e para baixo e de um lado para o outro. *O anel de fogo do Velho Urso*, lembrou a si mesmo, *e desgraçado daquele que o deixar*. Enquanto caminhava, parecia-lhe que perseguia os archotes da frente, mas eles também possuíam pernas, mais longas e mais fortes do que as dele, então nunca conseguia alcançá-los.

No dia anterior, suplicou-lhes que o deixassem ser um dos portadores dos archotes, mesmo que isso significasse caminhar fora da coluna, com a escuridão se aproximando. Sam desejava o fogo, sonhava com ele. *Se eu tivesse fogo, não teria frio*. Mas alguém lembrou a ele de que *tivera* um archote no início, mas o deixou cair na neve e apagou o fogo. Sam não se lembrava de ter deixado cair nenhum archote, mas supunha que devia ser verdade. Estava fraco demais para manter o braço erguido por muito tempo. Teria sido Edd quem o lembrou do archote, ou Grenn? Também não conseguia se lembrar disso. *Gordo, fraco e inútil, agora até os meus miolos estão congelando*. Deu mais um passo.

Tinha enrolado o cachecol por cima do nariz e da boca, mas agora estava coberto de ranho e tão duro que temia que tivesse congelado e ficado preso em seu rosto. Até respirar era difícil, e o ar estava tão frio que doía inspirá-lo.

– Mãe, tenha piedade – murmurou, numa voz abafada e rouca, por baixo da máscara gelada. – Mãe, tenha piedade, Mãe, tenha piedade, Mãe, tenha piedade. – A cada prece dava mais um passo, arrastando as pernas pela neve. – Mãe, tenha piedade, Mãe, tenha piedade, Mãe, tenha piedade.

A mãe dele encontrava-se mil léguas para sul, em segurança, com as irmãs e o irmão mais novo, Dickon, na fortaleza em Monte Chifre. *Ela não pode me ouvir, e a Mãe no Céu também não*. A Mãe era misericordiosa, os septões eram unânimes em afirmá-lo, mas os Sete não tinham poder para lá da Muralha. Ali eram os velhos deuses que governavam, os deuses sem nome das árvores, dos lobos e das neves.

– Piedade – sussurrou então, para qualquer deus que estivesse ouvindo, velho ou novo, ou até para demônios –, oh, piedade, piedade de mim, piedade de mim.

Maslyn gritou por piedade. Por que teria se lembrado subitamente daquilo? Não era nada que quisesse recordar. O homem tinha

tropeçado para trás, deixando cair a espada, suplicando, rendendo-se, chegando mesmo a arrancar a grossa luva negra e atirando-a à sua frente como se fosse uma manopla. Ainda guinchava, pedindo trégua, quando a criatura o ergueu no ar pelo pescoço e quase arrancou sua cabeça. *Nos mortos, não resta qualquer piedade, e os Outros... não, não devo pensar nisso, não pense, não se lembre, limite-se a andar, limite-se a andar, limite-se a andar.*

Soluçando, deu outro passo.

Uma raiz escondida sob a neve pegou na ponta de seu pé, e Sam tropeçou e caiu pesadamente sobre um joelho com tanta força que mordeu a língua. Sentiu o sabor do sangue na boca, mais quente do que qualquer outra coisa que havia saboreado desde o Punho. *Este é o fim*, pensou. Agora que caíra, não parecia ser capaz de encontrar as forças necessárias para voltar a se levantar. Tateou um ramo de árvore e agarrou-o com força, tentando puxar-se e ficar de pé, mas suas pernas enrijecidas não conseguiam aguentá-lo. A cota de malha era pesada demais, e ele gordo demais, e fraco demais, e estava cansado demais.

– Fique em pé, Porquinho – rosnou alguém ao passar, mas Sam não ligou. *Vou apenas ficar deitado na neve e fechar os olhos*. Não seria assim tão ruim morrer ali. Não havia como ser mais frio e, após algum tempo, não seria capaz de sentir a dor na parte de baixo das costas ou a terrível dor nos ombros, assim como já não sentia os pés. *Não serei o primeiro a morrer, eles não poderão dizer que fui*. Centenas de homens tinham morrido no Punho, tinham morrido por toda a sua volta, e muitos morreram depois, ele viu. Tremendo, Sam largou a árvore e deixou-se cair na neve. Sabia que era fria e úmida, mas quase não conseguia senti-la através de todas as suas roupas. Fixou os olhos no alto, no céu branco, enquanto flocos de neve pousavam na sua barriga, no seu peito e nas suas pálpebras. *A neve vai me cobrir como uma espessa manta branca. Ficarei quente sob a neve e, se falarem de mim, terão de dizer que morri como um homem da Patrulha da Noite. Foi o que fiz. Foi o que fiz. Cumpri meu dever. Ninguém pode dizer que quebrei o juramento. Sou gordo, fraco e covarde, mas cumpri o meu dever.*

Os corvos estavam sob sua responsabilidade. Foi por isso que o trouxeram. Sam não queria vir, lhes dissera que não, revelara a todos o grande covarde que era. Mas Meistre Aemon era muito velho e também cego, por isso enviaram Sam para cuidar dos corvos. O Senhor Comandante dera-lhe as suas ordens quando acamparam no Punho.

– Você não é um guerreiro. Ambos sabemos disso, rapaz. Se por acaso formos atacados, não tente provar o contrário, só vai ficar no meio do caminho. Deverá enviar uma mensagem. E não venha correndo perguntar o que a carta deve dizer. Escreva-a você, e mande

uma ave para Castelo Negro e outra para a Torre Sombria. – O Velho Urso apontou um dedo enluvado para o rosto de Sam. – Não quero saber se estará tão assustado que sujará os calções e não me importa se mil selvagens saltarem a muralha uivando por seu sangue, *ponha essas aves no ar*, senão juro que vou persegui-lo através de todos os sete infernos e o farei lamentar amargamente por não o ter feito. – E o corvo de Mormont balançou a cabeça para cima e para baixo e crocitou: "*Lamentar, lamentar, lamentar*".

Sam *realmente* lamentava; lamentava não ter sido mais corajoso, mais forte ou melhor com espadas, não ter sido um filho melhor para o pai ou irmão melhor para Dickon e as meninas. Lamentava também morrer, mas homens melhores tinham morrido no Punho, homens bons e leais, não rapazes gordos e resmungões como ele. Mas pelo menos o Velho Urso não o perseguiria no inferno. *Enviei as aves. Pelo menos isso fiz bem*. Tinha escrito as mensagens com antecedência, mensagens curtas e simples, falando de um ataque ao Punho dos Primeiros Homens, e então enfiou-as, a salvo, em sua bolsa para pergaminhos, esperando nunca ter de enviá-las.

Quando os berrantes soaram, Sam estava dormindo. A princípio, pensou que estava sonhando com eles, mas, quando abriu os olhos, caía neve no acampamento e todos os irmãos negros estavam pegando em arcos e lanças e correndo para a muralha anelar. O único que andava por perto era Chett, o antigo intendente do Meistre Aemon, com o rosto cheio de marcas e o grande quisto no pescoço. Sam nunca vira tanto medo no rosto de um homem como no de Chett quando aquele terceiro toque chegou, gemendo, por entre as árvores.

– Ajude-me a tirar os pássaros das gaiolas – pediu, mas o outro intendente virou-se e fugiu, de punhal na mão. *Tem de cuidar dos cães*, lembrou-se Sam. O Senhor Comandante provavelmente também havia lhe dado algumas ordens.

Seus dedos estavam rígidos e desajeitados no interior das luvas, e tremia de medo e de frio, mas encontrou a bolsa dos pergaminhos e recuperou as mensagens que havia escrito. Os corvos gritavam como loucos e, quando abriu a gaiola de Castelo Negro, um deles voou em seu rosto. Outros dois fugiram antes de Sam conseguir apanhar um, e, quando o fez, deu-lhe uma bicada através da luva, de tirar sangue. Mas, de algum modo, tinha conseguido segurá-lo o suficiente para prender o pequeno rolo de pergaminho. A essa altura, o berrante de guerra já havia silenciado, mas o Punho ressoava com ordens gritadas e o tinir do aço.

– *Voa!* – gritou Sam quando atirou o corvo ao céu.

As aves na gaiola de Torre Sombria estavam gritando e esvoaçando com tamanha ferocidade que teve medo de abrir a porta, mas obrigou-se a fazê-lo mesmo assim. Dessa vez, apanhou o primeiro

corvo que tentou fugir. Um momento mais tarde, a ave abria caminho através da neve que caía, levando consigo a notícia do ataque.

Depois de cumprido o seu dever, acabou de se vestir com dedos desastrados e assustados, enfiando o gorro, o capote e o manto com capuz e afivelando o cinto da espada, prendendo-o bem apertado para não cair. Então, procurou a mochila e enfiou nela todas as suas coisas, mudas extras de roupa de baixo e meias secas, as pontas de flecha e a ponta de lança de vidro de dragão que Jon lhe dera e também o velho chifre, os pergaminhos, as tintas e penas, os mapas que andara desenhando, e uma alheira, dura como pedra, que guardava desde a Muralha. Amarrou tudo e pôs a mochila nas costas. *O Senhor Comandante disse que eu não devia correr para a muralha anelar*, lembrou-se, *mas também disse que não devia ir correndo para junto dele*. Sam respirou fundo e percebeu que não sabia o que fazer em seguida.

Lembrava-se de ficar andando em círculos, perdido, com o medo crescendo em seu interior, como sempre acontecia. Havia cães ladrando e cavalos barrindo, mas a neve abafava os sons e fazia com que parecessem distantes. Sam não via nada além de três metros, nem mesmo os archotes que ardiam ao longo da baixa muralha de pedra que rodeava o cume do monte. *Será que os archotes se apagaram?* Pensar nisso era assustador demais. *O berrante soou três vezes, e longamente, três sopros longos quer dizer Outros*. Os caminhantes brancos da floresta, as sombras frias, os monstros das histórias que o faziam gritar e tremer quando garoto, montando as suas gigantes aranhas de gelo, sedentos de sangue...

Desajeitadamente, puxou a espada e, com ela na mão, caminhou pesadamente pela neve. Um cão passou correndo e latindo, Samwell viu alguns dos homens da Torre Sombria, grandes homens barbudos com machados de cabo longo e lanças de dois metros e meio. Sentia-se mais seguro na companhia deles, então seguiu-os até a muralha. Quando viu os archotes ainda ardendo no topo do anel de pedras, foi percorrido por um estremecimento de alívio.

Os irmãos negros estavam em pé, de espadas e lanças na mão, observando a neve que caía, à espera. Sor Mallador Locke passou a cavalo, com o elmo salpicado de neve. Sam ficou bem afastado, atrás dos outros, procurando Grenn ou Edd Doloroso com os olhos. *Se tiver de morrer, que eu morra ao lado de meus amigos*, lembrava-se de ter pensado. Mas todos os homens que o rodeavam eram estranhos, homens da Torre Sombria sob o comando do patrulheiro chamado Blane.

– Aí vêm eles – ouviu um irmão dizer.

– Encaixar – disse Blane, e vinte flechas negras foram puxadas de dentro de outras tantas aljavas e encaixadas em outros tantos arcos.

– Pela bondade dos deuses, são centenas – sussurrou uma voz.

– Puxar – disse Blane, e então: – Esperar. – Sam não conseguia e não queria ver. Os homens da Patrulha da Noite espalhavam-se atrás de seus archotes, à espera, com flechas puxadas até perto das orelhas, enquanto *algo* subia aquela encosta escura e escorregadia, através da neve. – Esperar – voltou a dizer Blane –, esperar, esperar. – E então – Soltar.

As flechas sussurraram ao voar.

Uma aclamação irregular surgiu entre os homens ao longo da muralha anelar, mas rapidamente morreu.

– Eles não estão parando, senhor – disse um homem a Blane, e um segundo gritou:

– *Mais!* Olhem ali, saindo de entre as árvores.

E um terceiro disse:

– Pela piedade dos deuses, eles rastejam. Eles tão quase aqui, *eles tão aqui!*

Sam recuara, tremendo como a última folha na árvore quando o vento aumenta, tanto de frio como de medo. Fizera muito frio naquela noite. *Até mais frio do que agora. A neve parece quase quente. Agora sinto-me melhor. Tudo que precisava era de um pouco de descanso. Talvez daqui a pouco já esteja de novo suficientemente forte para voltar a andar. Daqui a pouco.*

Um cavalo passou perto de sua cabeça, um animal felpudo e cinzento com neve na crina e cascos com uma crosta de gelo. Sam viu-o chegar e viu-o partir. Outro saiu da neve que caía, com um homem de negro conduzindo-o a pé. Quando viu Sam em seu caminho, xingou-o e desviou com o cavalo. *Gostaria de ter um cavalo*, pensou. *Se tivesse um, poderia continuar. Poderia me sentar, e até dormir um pouco na sela.* Mas a maior parte das montarias tinha sido perdida no Punho, e aquelas que restavam transportavam a comida, os archotes e os feridos. Sam não estava ferido. *Só sou gordo e fraco e o maior covarde dos Sete Reinos.*

Era *tão* covarde. Lorde Randyll, seu pai, sempre dizia isso, e tinha razão. Sam era seu herdeiro, mas nunca mostrara valor, então o pai enviou-o para a Muralha. O irmão mais novo, Dickon, herdaria as terras e o castelo dos Tarly, e a espada Veneno do Coração, que os senhores de Monte Chifre usavam com tanto orgulho havia séculos. Gostaria de saber se Dickon derramaria alguma lágrima pelo irmão que morreu na neve, em algum lugar para lá do limite do mundo. *Por que haveria de derramar? Não vale a pena chorar por um covarde.* Tinha ouvido o pai dizer exatamente isso à mãe meia centena de vezes. O Velho Urso também sabia disso.

– Disparar flechas – rugiu o Senhor Comandante naquela noite no Punho, quando surgiu, de repente, montado em seu cavalo –, deem-lhes fogo. – Foi então que reparou em Sam ali, tremendo. – *Tarly!* Saia

daqui! Seu lugar é com os corvos.

– Eu... eu... eu enviei as mensagens.

– Bom. – Empoleirado no ombro de Mormont, seu corvo ecoou: "*Bom, bom*". O Senhor Comandante parecia enorme com as peles e a cota de malha. Por trás do visor de ferro negro, os olhos brilhavam ferozes. – Aqui você está no caminho. Volte para as suas gaiolas. Se precisar enviar outra mensagem, não quero ter que procurá-lo primeiro. Trate de ter as aves prontas. – Ele não esperou resposta, deu meia-volta com o cavalo e trotou em torno do anel, gritando: – Fogo! Deem-lhes fogo!

Sam não precisou que lhe dissessem aquilo duas vezes. Voltou para junto das aves, tão depressa quanto suas pernas gordas lhe permitiram. *Devia escrever a mensagem com antecedência*, pensou, *para poder mandar as aves tão depressa quanto necessário*. Demorou mais tempo do que deveria para acender a pequena fogueira e aquecer a tinta congelada. Sentou-se numa pedra, junto do fogo, com pena e pergaminho nas mãos, e escreveu suas mensagens.

Atacados entre a neve e o frio, mas repelimo-los com flechas incendiárias, escreveu, enquanto ouvia a voz de Thoren Smallwood ressoar com uma ordem de "Encaixar, puxar... soltar". O voo das flechas fazia um som doce como uma prece de mãe.

– Queimem, seus bastardos mortos, queimem – cantarolou Dywen, entre risos.

Os irmãos davam vivas e xingavam. *Todos em segurança*, escreveu. *Permanecemos no Punho dos Primeiros Homens*. Sam esperava que os outros fossem melhores arqueiros do que ele.

Deixou esse bilhete de lado e pegou outro pergaminho em branco. *Ainda lutando no Punho, numa nevasca pesada*, escrevia, quando alguém gritou:

– Continuam a vir. – *Resultado incerto*. – Lanças – disse alguém. Podia ter sido Sor Mallador, mas Sam não poderia jurar.

Criaturas atacaram-nos no Punho, no meio da neve, escreveu, *mas as repelimos com fogo*. Virou a cabeça. Através da neve que enchia o ar, tudo o que via era a enorme fogueira no centro do acampamento, com homens a cavalo que se moviam, inquietos, à sua volta. Sabia que era a reserva, pronta para abater qualquer coisa que conseguisse abrir uma brecha na muralha anelar. Tinham se armado de tochas em vez de espadas, e as estavam acendendo nas chamas.

Criaturas por toda a volta, escreveu, quando ouviu os gritos vindos da face norte. *Vêm ao mesmo tempo do norte e do sul. Lanças e espadas não os param, só o fogo*. "Soltar, soltar, soltar", gritou uma voz na noite, e outra berrou: "Enorme pacas!", e uma terceira disse "Um gigante!", e uma quarta insistiu "Um urso, um *urso*!". Um cavalo guinchou e os cães começaram a ladrar, e houve tantos gritos que Sam

não conseguia mais distinguir as vozes. Escrevia mais depressa, bilhete atrás de bilhete. *Selvagens mortos, e um gigante, ou talvez um urso, em cima de nós, por todos os lados.* Ouviu o estrondo de aço batendo em madeira, que só podia ter um significado. *Criaturas sobre a muralha anelar. Luta dentro do acampamento*. Uma dúzia de irmãos a cavalo passou por ele na direção da muralha leste, com galhos jorrando chamas nas mãos de todos os cavaleiros. *O Senhor Comandante Mormont combate-os com fogo. Ganhamos. Estamos ganhando. Estamos aguentando. Estamos abrindo caminho pelo meio deles e nos retirando para a Muralha. Estamos encurralados no Punho, sob grande pressão.*

Um dos homens da Torre Sombria saiu cambaleando da escuridão e caiu aos pés de Sam. Rastejou até meio metro da fogueira antes de morrer. *Perdemos*, escreveu Sam, *a batalha está perdida. Estamos todos perdidos.*

Por que tinha de se lembrar da batalha no Punho? Não queria lembrar. *Isso* não. Tentou forçar-se a lembrar da mãe, ou da irmã mais nova, Talla, ou daquela garota, Goiva, da Fortaleza de Craster. Alguém lhe sacudia o ombro.

– Levante-se – disse uma voz. – Sam, não pode dormir aqui. Levante-se e continue a andar.

Não estava dormindo, estava lembrando.

– Vá embora – disse, com as palavras congelando no ar frio. – Estou bem. Quero descansar.

– Levante. – A voz de Grenn, dura e rouca, erguia-se por cima de Sam, com os panos negros incrustados de neve. – O Velho Urso disse que não haveria descanso. Vai morrer.

– Grenn. – Sorriu. – Não, de verdade, estou bem aqui. Continue. Já alcanço vocês, depois de descansar um pouco mais.

– Não alcança – A espessa barba castanha de Grenn estava congelada ao redor de sua boca. Isso fazia-o parecer um velho qualquer. – Vai congelar, ou então ser pego pelos Outros. Sam, *levante-se!*

Sam lembrou-se de que na noite anterior à da partida da Muralha, Pyp provocara Grenn, como costumava fazer, sorrindo e dizendo que ele era uma ótima escolha para a patrulha, porque era burro demais para ficar aterrorizado. Grenn tinha negado com veemência até perceber o que estava dizendo. Era entroncado, com um pescoço grosso e forte (Sor Alliser Thorne chamara-o de "Auroque", tal como chamara Sam de "Sor Porquinho" e Jon de "Lorde Snow"), mas sempre tratara Sam bastante bem. *Porém, foi só por causa de Jon. Se não fosse Jon, nenhum deles teria gostado de mim.* E agora Jon tinha sumido, perdido no Passo dos Guinchos com Qhorin Meia-Mão, provavelmente estava morto. Sam teria chorado por ele, mas essas lágrimas também se limitariam a congelar, e agora mal conseguia

manter os olhos abertos.

Um irmão alto, com um archote, parou junto a eles, e por um maravilhoso momento, Sam sentiu o calor em seu rosto.

– Deixe-o – disse o homem a Grenn. – Quem não pode andar, está acabado. Guarde as suas forças para si, Grenn.

– Ele vai se levantar – respondeu Grenn. – Só precisa de uma ajuda.

O homem prosseguiu seu caminho, levando o abençoado calor consigo. Grenn tentou pôr Sam de pé.

– Isso dói – este reclamou. – Pare. Grenn, está machucando meu braço. Pare.

– É mais pesado que o diabo. – Grenn enfiou as mãos sob as axilas de Sam, soltou um grunhido e içou-o para cima de suas pernas. Mas, no momento em que o largou, o gordo voltou a se sentar na neve. Grenn deu-lhe um pontapé, uma sólida pancada que rachou a crosta de neve que havia em volta de sua bota e a fez voar para todo lado. – Em *pé*! – Voltou a chutá-lo. – Levante-se e ande. Tem de andar.

Sam caiu de lado, enrolando-se a fim de se proteger dos pontapés. Quase não os sentia, através de toda a sua lã, couro e cota de malha, mesmo assim doíam. *Pensava que Grenn fosse meu amigo. Não se deve chutar os amigos. Por que não me deixa em paz? Só preciso descansar, é só isso, descansar e dormir um bocado, e talvez morrer um pouco*.

– Se levar a tocha, eu posso levar o gordo.

De repente foi atirado ao ar frio, para longe de sua querida neve macia; estava flutuando. Havia um braço debaixo de seus joelhos, e outro sob as suas costas. Sam ergueu a cabeça e piscou os olhos. Um rosto pairou perto do seu, um rosto largo e bruto, com um nariz achatado, pequenos olhos escuros e um matagal de rija barba castanha. Já tinha visto aquele rosto, mas precisou de um momento para se lembrar dele. *Paul. Paul Pequeno*. Gelo derretendo escorreu por seus olhos devido ao calor da tocha.

– Consegue carregá-lo? – ouviu Grenn perguntar.

– Uma vez carreguei um bezerro que era mais pesado do que ele. Levei-o até a mãe, para que ele pudesse beber leite.

A cabeça de Sam balançava para cima e para baixo a cada passo que Paul Pequeno dava.

– Pare – murmurou –, me ponha no chão, não sou um bebê. Sou um homem da Patrulha da Noite. – Soluçou. – Apenas deixe-me morrer.

– Fique quieto, Sam – disse Grenn. – Poupe suas forças. Pense em suas irmãs e em seu irmão. No Meistre Aemon. Em seus pratos preferidos. Cante uma canção, se quiser.

– Em voz alta?

– Na cabeça.

Sam conhecia uma centena de canções, mas quando tentou se lembrar de uma, não foi capaz. Todas as palavras tinham fugido de sua mente. Voltou a soluçar e disse:

– Não sei nenhuma canção, Grenn. Antes sabia algumas, mas agora não sei.

– Sabe, sim – disse Grenn. – Que tal "O urso e a bela donzela"? Todo mundo conhece essa. *Havia um urso, um urso, um urso! Preto e castanho e coberto de pelo!*

– Não, essa não – suplicou Sam. O urso que tinha subido ao Punho já não tinha pelo em sua carne apodrecida. Não queria pensar em ursos. – Canções, não. Por favor, Grenn.

– Então pense em seus corvos.

– Nunca foram meus. – *Eram os corvos do Senhor Comandante, os corvos da Patrulha da Noite*. – Pertenciam ao Castelo Negro e à Torre Sombria.

Paul Pequeno franziu a testa.

– Chett disse que eu podia ficar com o corvo do Velho Urso, aquele que fala. Guardei comida para ele e tudo. – Balançou a cabeça. – Mas esqueci. Deixei a comida onde a escondi. – Continuou a avançar pesadamente, com o hálito branco saindo de sua boca a cada passo, e então disse, de repente: – Posso ficar com um dos seus corvos? Só um. Prometo que não deixo que Lark o coma.

– Eles foram embora – disse Sam. – Lamento. – *Lamento tanto*. – Agora estão voando de volta à Muralha.

Samwell tinha libertado as aves quando ouviu os berrantes de guerra soar uma vez mais, ordenando à Patrulha que montasse nos cavalos. *Dois sopros curtos e um longo, isso era o toque de montar*. Mas não havia motivo para montar, a não ser que fosse para abandonar o Punho, e isso queria dizer que a batalha estava perdida. O medo atacou-o então com tanta força que só conseguiu abrir as gaiolas. Só quando viu o último corvo erguer-se na tempestade de neve percebeu que havia se esquecido de enviar qualquer uma das mensagens que escrevera.

– Não – ele gritou então –, oh não, oh não. – A neve caía e os berrantes soavam; *ahuuu ahuuu ahuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu*, gritavam, *a cavalo, a cavalo, a cavalo*. Sam viu dois corvos empoleirados numa pedra e correu atrás deles, mas as aves bateram indolentemente as asas através dos redemoinhos de neve, em direções opostas. Perseguiu um deles, com o hálito saindo de sua boca e de seu nariz em densas nuvens brancas, tropeçou e deu por si a três metros da muralha anelar.

Depois disso... lembrava-se de ver os mortos saltando as pedras com flechas espetadas nos rostos e nas gargantas. Alguns estavam cobertos por cotas de malha, e outros vinham quase nus... selvagens, a

maior parte, mas alguns usavam panos negros desbotados. Lembrava-se de ver um dos homens da Torre Sombria espetando a lança na barriga pálida e macia de uma das criaturas, fazendo-a sair pelas costas, e do modo como a coisa se empurrou, cambaleando pelo cabo da lança acima, estendendo as mãos negras e torcendo a cabeça do irmão até lhe fazer sair sangue da boca. Tinha quase certeza de que foi nesse momento que sua bexiga se soltou pela primeira vez.

Não se lembrava de ter fugido, mas deve tê-lo feito, pois na lembrança seguinte encontrava-se junto à fogueira, a meio acampamento de distância, com o velho Sor Ottyn Wythers e alguns arqueiros. Sor Ottyn estava ajoelhado na neve, fitando sem reação o caos que os rodeava, até que um cavalo sem cavaleiro chegou e lhe deu um coice no rosto. Os arqueiros não prestaram atenção nele. Estavam disparando flechas incendiárias contra sombras na escuridão. Sam viu uma criatura ser atingida, ser engolida pelas chamas, mas, atrás dela, havia uma dúzia de outras e uma enorme silhueta pálida que devia ser o urso, e pouco depois os arqueiros ficaram sem flechas.

E então Sam deu por si sobre um cavalo. Não era o seu cavalo, e também não se recordava de ter montado nele. Talvez fosse o cavalo que esmagara o rosto de Sor Ottyn. Os berrantes ainda soavam, por isso esporeou o cavalo e virou-o na direção do som.

No meio da carnificina, do caos e da neve soprada pelo vento, encontrou Edd Doloroso montado em um garrano, com um estandarte negro sem adornos flutuando numa lança.

– Sam – disse Edd quando o viu –, não quer me acordar? Estou tendo um pesadelo terrível.

Mais homens montavam a cada momento que passava. Os berrantes de guerra estavam chamando. *Ahuuu ahuuu ahuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu.*

– Eles saltaram a muralha oeste, senhor – gritou Thoren Smallwood para o Velho Urso, enquanto lutava para controlar o cavalo. – Vou enviar reservas...

– *NÃO!* – Mormont teve de berrar a plenos pulmões para ser ouvido sobre os berrantes. – Chamem-nos de volta, temos que abrir caminho para fora daqui. – Ficou em pé nos estribos, com o manto negro batendo ao vento e o fogo brilhando em sua armadura. – *Ponta de lança!* – rugiu. – Formação em cunha, avançamos. Pela encosta sul, e depois para leste!

– Senhor, a encosta sul está cheia de criaturas!

– As outras são demasiado inclinadas – disse Mormont. – Temos...

Seu garrano relinchou, empinou-se e quase o atirou ao chão quando o urso surgiu cambaleando através da neve. Sam voltou a urinar nas calças. *Pensava que não tinha sobrado mais nada dentro de mim*. O urso estava morto, pálido e apodrecendo, com o pelo e a pele

descolados do músculo e metade do braço direito queimada até o osso, mesmo assim avançava. Só os seus olhos viviam. Azul-claros, tal como o Jon dizia. Brilhavam como estrelas congeladas. Thoren Smallwood avançou, com a espada brilhando, laranja e vermelha à luz da fogueira. Sua estocada quase arrancou a cabeça do urso. E então a fera arrancou a dele.

– *AVANÇAR!* – gritou o Velho Urso, dando meia-volta.

Já iam a galope quando atingiram o anel. Antes, Sam sempre tivera medo demais para saltar a cavalo, mas quando a pequena muralha de pedra se aproximou dele, soube que não tinha alternativa. Esporeou o animal, fechou os olhos e choramingou, e o garrano levou-o para o outro lado, sem que ele soubesse como, *sem que soubesse como*, o garrano levou-o para o outro lado. O cavaleiro à sua direita caiu num emaranhado de aço, couro e carne de cavalo gritante, e então as criaturas formigaram em volta dele e a cunha se fechou. Mergulharam encosta abaixo, em corrida, através de mãos negras que tentavam agarrá-los, ardentes olhos azuis e neve soprada pelo vento. Cavalos tropeçaram e rolaram, homens foram varridos de cima de suas selas, tochas rodopiaram pelo ar, machados e espadas retalharam carne morta, e Samwell Tarly soluçava, agarrando-se desesperadamente ao cavalo, com uma força que nunca soube que possuía.

Seguiu no meio da ponta de lança em fuga, com irmãos de ambos os lados, e também à frente e atrás dele. Um cão acompanhou-os durante parte do caminho, saltando pela encosta nevada abaixo, enfiando-se entre as patas dos cavalos e saltando para fora de seu caminho, mas não conseguiu manter o ritmo. As criaturas mantinham-se firmes em suas posições e eram atropeladas e pisoteadas. Mesmo quando caíam, tentavam agarrar espadas, estribos e as patas dos cavalos que passavam por elas. Sam viu uma delas rasgar a barriga de um cavalo com a mão direita, enquanto se agarrava à sela com a esquerda.

De repente, as árvores estavam em volta deles, e Sam atravessava chapinhando um riacho gelado, com os sons do massacre minguando lá atrás. Virou-se, com a respiração presa devido ao alívio... até que um homem de negro saltou dos arbustos e o arrancou de cima da sela. Sam nunca chegou a ver quem foi; montou num instante e no seguinte afastava-se a galope. Quando tentou correr atrás do cavalo, seus pés se prenderam numa raiz, e ele caiu com força, batendo o rosto no chão, e ficou deitado, chorando como um bebê, até que Edd Doloroso o encontrou.

Essa era a sua última recordação coerente do Punho dos Primeiros Homens. Mais tarde, horas mais tarde, deu por si tremendo entre os outros sobreviventes, metade montada, metade a pé. Encontravam-se

já a quilômetros do Punho, embora Sam não se lembrasse de como isso tinha acontecido. Dywen trouxe para baixo cinco cavalos de carga, bem carregados de comida, óleo e archotes, e três tinham chegado ali. O Velho Urso fez com que redistribuísse as cargas, para que a perda de qualquer um dos cavalos e de suas provisões não fosse uma catástrofe muito grande. Tirou garranos dos homens saudáveis e deu-os aos feridos, organizou os caminhantes e colocou archotes para defender os flancos e a retaguarda. *Tudo que tenho de fazer é andar*, disse Sam a si mesmo enquanto dava aquele primeiro passo de volta para casa. Mas antes mesmo de uma hora ter passado, ele já começava a sentir dificuldades e a ficar para trás...

Via que agora também estavam ficando para trás. Lembrou-se de Pyp contar, certa vez, como Paul Pequeno era o homem mais forte da Patrulha. *E deve ser, para me levar no colo*. Mesmo assim, a neve estava ficando mais profunda, o terreno, mais traiçoeiro, e os passos de Paul começavam a encurtar-se. Mais cavaleiros passaram, feridos que olhavam para Sam com olhos baços e sem curiosidade. Alguns porta-archotes também passaram por eles.

– Está ficando para trás – disse-lhes um deles.

O seguinte concordou.

– Ninguém vai esperar por você, Paul. Deixe o porco para os mortos.

– Ele prometeu que eu podia ficar com um pássaro – disse Paul Pequeno, embora Sam não o tivesse feito, não exatamente. *Não são meus para dá-los*. – Quero ter um pássaro que fale e venha comer milho na minha mão.

– Maldito idiota – disse o homem do archote. E depois desapareceu.

Passou-se algum tempo antes de Grenn parar de repente.

– Estamos sozinhos – disse ele numa voz rouca. – Não consigo ver os outros archotes. Aquilo era a guarda de retaguarda?

Paul Pequeno não tinha uma resposta para lhe dar. O grandalhão soltou um grunhido e ajoelhou-se. Seus braços tremiam quando pousou cuidadosamente Sam na neve.

– Não posso levá-lo mais. Queria, mas não posso. – Tremeu com violência.

O vento suspirava por entre as árvores, atirando uma neve fina no rosto deles. O frio era tanto que Sam se sentia nu. Procurou os outros archotes, mas tinham desaparecido, todos eles. Só havia aquele que Grenn transportava, com chamas erguendo-se como sedas de um laranja-claro. Conseguia ver a escuridão através delas. *Aquele archote irá se apagar em breve*, pensou, *e estamos sozinhos, sem comida, amigos ou fogo.*

Mas enganava-se. Não estavam nada sozinhos.

Os galhos mais baixos da grande sentinela verde largaram a sua carga de neve com um *plop* suave e úmido. Grenn girou sobre si mesmo, projetando o archote à frente.

– Quem está aí? – uma cabeça de cavalo emergiu da escuridão. Sam sentiu um momento de alívio, até ver o cavalo. A geada cobria-o como uma película de suor congelado, e um emaranhado de entranhas rígidas e negras saía de sua barriga aberta. Sobre o dorso, trazia um cavaleiro branco como gelo. Sam soltou um som lamentoso vindo do fundo da garganta. Estava tão assustado que poderia ter se urinado mais uma vez, mas tinha o frio dentro de si, um frio tão violento que parecia que a bexiga havia congelado. O Outro deslizou graciosamente da sela e ficou em pé na neve. Era magro como uma espada, e de um branco leitoso. Sua armadura ondulava e transformava-se quando ele se movia, e seus pés não quebravam a crosta de neve recém-caída.

Paul Pequeno desprendeu o machado de cabo longo que trazia preso às costas.

– Por que fez mal a esse cavalo? Era o cavalo de Mawney.

Sam tateou em busca do cabo de sua espada, mas a bainha estava vazia. Lembrou-se tarde demais que a perdera no Punho.

– Vá embora! – Grenn deu um passo, estendendo o archote à sua frente. – *Vá*, senão vai arder. – Empurrou-o com as chamas.

A espada do Outro cintilou com uma tênue incandescência azul. Moveu-se na direção de Grenn, rápida como um relâmpago, golpeando. Quando a lâmina de um azul gelado roçou as chamas, um grito agudo apunhalou os ouvidos de Sam, afiado como uma agulha. A ponta do archote caiu de lado e desapareceu sob um grande monte de neve, com o fogo extinto num instante. E tudo o que restou na mão de Grenn foi um pequeno pedaço de madeira. Atirou-o no Outro, praguejando, no momento em que Paul Pequeno avançava com seu machado.

O medo que então dominou Sam foi pior do que qualquer medo que já sentira, e Samwell Tarly conhecia todos os tipos de medo.

– Mãe, tenha piedade de mim – chorou, esquecendo os deuses antigos em seu terror. – Pai, proteja-me, oh, oh... – Os dedos encontraram o punhal e Sam encheu a mão com ele.

As criaturas tinham sido coisas lentas e desajeitadas, mas o Outro era ligeiro como neve no vento. Esquivou-se do machado de Paul, com a armadura ondulando, e sua espada de cristal torceu-se, girou e deslizou entre os anéis de ferro da cota de malha de Paul, através de couro e lã, de osso e carne. Saiu por suas costas com um *sssssssssssilvo* e Sam ouviu Paul dizer "Oh" quando deixou cair o machado. Empalado, com o sangue fumegando em volta da espada, o grandalhão tentou agarrar seu assassino com as mãos e quase conseguiu antes de cair. Seu peso arrancou a estranha espada pálida

das mãos do Outro.

Vá em frente agora. Pare de chorar e lute, seu bebê. Lute, covarde. Era o pai que ouvia, era Alliser Thorne, era o irmão Dickon e o garoto Rast. *Covarde, covarde, covarde*. Soltou um risinho histérico, perguntando a si mesmo se fariam dele uma criatura, uma criatura enormemente gorda sempre a tropeçar nos próprios pés mortos. *Vá em frente, Sam*. Aquele agora seria Jon? Jon estava morto. *Consegue ir em frente, consegue, apenas vá em frente*. E então viu-se tropeçando para a frente, realmente caindo mais do que correndo, fechando os olhos e projetando cegamente o punhal adiante, com ambas as mãos. Ouviu um *crac*, um som como aquele que o gelo faz quando se quebra sob os pés de um homem, e em seguida um guincho tão estridente e penetrante que cambaleou para trás com as mãos nos ouvidos, e estatelou-se sobre o traseiro.

Quando abriu os olhos, a armadura do Outro escorria por suas pernas em riachos, enquanto o sangue azul-claro silvava e fumegava em volta do punhal negro de vidro de dragão que trazia espetado na garganta. Estendeu duas mãos brancas como osso para arrancar a arma, mas onde os dedos tocavam a obsidiana *fumegavam*.

Sam rolou sobre o flanco, com olhos esbugalhados enquanto, o Outro minguava e se liquefazia, dissolvendo-se. Em vinte segundos, sua carne tinha desaparecido, afastando-se em redemoinhos de névoa branca. Por baixo, havia ossos parecidos com vidro leitoso, brancos e brilhantes, e também eles se derretiam. Por fim, só o punhal de vidro de dragão ficou, embrulhado em vapor, como se estivesse vivo e transpirando. Grenn dobrou-se para apanhá-lo, e atirou-o imediatamente no chão.

– Mãe, como está *frio*!

– Obsidiana. – Sam ajoelhou-se com dificuldade. – Chamam de vidro de dragão. Vidro de *dragão*. – Riu e chorou e dobrou-se para vomitar a sua coragem na neve.

Grenn ajudou Sam a ficar em pé, verificou se Paul Pequeno tinha pulso e fechou seus olhos, e depois voltou a pegar o punhal. Daquela vez conseguiu segurá-lo.

– Fique com ele – disse Sam. – Não é covarde como eu.

– Tão covarde que matou um Outro. – Grenn apontou com a faca. – Olhe para lá, entre as árvores. Luz cor-de-rosa. A alvorada, Sam. A alvorada. Aquilo deve ser o leste. Se seguirmos naquela direção, alcançaremos o Mormont.

– Se você diz. – Sam deu um chute numa árvore com o pé esquerdo, para desprender toda a neve. Depois com o direito. – Eu tento. – Fazendo uma careta, deu um passo. – Tento de verdade. – E depois outro.

Tyrion

A corrente de mãos de Lorde Tywin projetava uma cintilação dourada sobre o profundo tom bordô de sua túnica de veludo. Os Senhores Tyrell, Redwyne e Rowan reuniram-se à sua volta quando ele entrou. Cumprimentou-os um por um, deu uma palavrinha em voz baixa a Varys, beijou o anel do Alto Septão e a face de Cersei, apertou a mão do Grande Meistre Pycelle e sentou-se no lugar do rei, à cabeceira da longa mesa, entre a filha e o irmão.

Tyrion tinha se apoderado do antigo lugar de Pycelle, ao fundo da mesa, tendo-lhe acrescentado almofadas para poder estender o olhar ao longo de toda a mesa. Desalojado, Pycelle se mudara para junto de Cersei, sentando-se quase tão longe do anão quanto podia sem reclamar a cadeira do rei. O Grande Meistre era um esqueleto trôpego, apoiando-se pesadamente numa bengala retorcida e tremendo ao caminhar, com um punhado de cabelos brancos brotando de seu longo pescoço enrugado onde outrora tivera a sua luxuriante barba branca. Tyrion fitou-o sem remorso.

Os outros tiveram de disputar os lugares: Lorde Mace Tyrell, um homem pesado e robusto, com cabelos castanhos encaracolados e uma barba em forma de folha bem salpicada de branco; Paxter Redwyne, da Árvore, de ombros estreitos e magro, com a cabeça calva rodeada de tufos de cabelo cor de laranja; Mathis Rowan, Senhor de Bosquedouro, escanhoado, entroncado e transpirando; o Alto Septão, um homem frágil, com uma barbicha fina e branca. *Muitos rostos desconhecidos*, pensou Tyrion, *muitos jogadores novos. O jogo mudou enquanto eu apodrecia na cama, e ninguém vai me contar as regras*.

Oh, os lordes tinham sido bastante corteses, embora Tyrion visse como se sentiam desconfortáveis ao olhar para ele.

– Aquela sua corrente, isso foi astucioso – tinha dito Mace Tyrell, num tom alegre, e Lorde Redwyne assentiu e completou:

– É bem verdade, é bem verdade, o nosso senhor de Jardim de Cima fala por todos nós – também com grande alegria.

Vá dizer isso ao povo desta cidade, pensou Tyrion amargamente. *Vá dizer isso aos malditos cantores que andam por aí, com suas canções sobre o fantasma de Renly.*

Tio Kevan fora o mais caloroso, chegando ao ponto de lhe dar um beijo na face e dizer:

– Lancel contou-me de sua bravura, Tyrion. Fala muito bem de você.

É melhor que fale, caso contrário eu teria algumas coisas a dizer sobre ele. Tinha se obrigado a sorrir e respondeu:

– Meu bom primo é demasiado gentil. Confio que seu ferimento

esteja cicatrizando, certo?

Sor Kevan franziu a testa.

– Um dia parece mais forte, no seguinte... é preocupante. Sua irmã vai com frequência visitá-lo à cama, para melhorar seu moral e rezar por ele.

Mas estará rezando para que sobreviva ou para que morra? Cersei usara desavergonhadamente o primo, na cama e fora dela; um pequeno segredo que sem dúvida esperava que Lancel levasse para a tumba, agora que o pai estava ali e já não precisava dele. *Mas chegaria ao ponto de assassiná-lo?* Ao vê-la hoje, nunca se suspeitaria de que Cersei era capaz de ser assim tão implacável. Ela era toda encanto, flertando com Lorde Tyrell enquanto conversavam sobre o banquete de casamento de Joffrey, elogiando Lorde Redwyne pelo valor de seus gêmeos, amaciando o rude Lorde Rowan com gracejos e sorrisos, dirigindo ruídos piedosos ao Alto Septão.

– Começamos pelos preparativos para o casamento? – ela perguntou, quando Lorde Tywin se sentou.

– Não – disse o pai. – Pela guerra. Varys.

O eunuco deu um sorriso de seda.

– Tenho notícias *deliciosas* para todos os senhores. Ontem de madrugada, o nosso bravo Lorde Randyll apanhou Robett Glover nos arredores de Valdocaso e encurralou-o contra o mar. As perdas foram pesadas de ambos os lados, mas no fim os nossos leais homens prevaleceram. Dizem que Sor Helman Tallhart está morto, bem como mais de mil homens. Robett Glover volta a Harrenhal com os sobreviventes, em sangrenta desordem, sem sonhar que irá encontrar atravessados no caminho o valente Sor Gregor e seus bravos.

– Que os deuses sejam louvados! – disse Paxter Redwyne. – Uma grande vitória para o Rei Joffrey!

O que Joffrey teve a ver com isso?, pensou Tyrion.

– E uma terrível derrota para o Norte, certamente – observou Mindinho –, mas uma derrota em que Robb Stark não desempenhou nenhum papel. O Jovem Lobo permanece invencível no campo de batalha.

– O que sabemos dos planos e movimentos dos Stark? – perguntou Mathis Rowan, sempre direto e sem rodeios.

– Correu de volta a Correrrio com o saque, abandonando os castelos que tomou no oeste – anunciou Lorde Tywin. – Nosso primo, Sor Daven, está reorganizando os restos do exército de seu falecido pai em Lanisporto. Quando estiverem preparados, vai se juntar a Sor Forley Prester no Dente Dourado. Assim que o rapaz Stark marchar para norte, Sor Forley e Sor Daven cairão sobre Correrrio.

– Está certo de que Lorde Stark pretende ir para o Norte? – perguntou Lorde Rowan. – Mesmo com os homens de ferro em Fosso

Cailin?

Mace Tyrell interveio.

– Haverá alguma coisa mais inútil do que um rei sem reino? Não, é evidente, o rapaz tem de abandonar as terras fluviais, voltar a juntar suas forças às de Roose Bolton e a atirar todo o seu poderio contra Fosso Cailin. Seria isso que *eu* faria.

Tyrion teve de morder a língua ao ouvir aquilo. Robb Stark vencera mais batalhas em um ano do que o Senhor de Jardim de Cima em vinte. A reputação de Tyrell se baseava em uma vitória não decisiva sobre Robert Baratheon em Vaufreixo, numa batalha praticamente ganha pela vanguarda de Lorde Tarly, antes mesmo de a tropa principal chegar. O cerco de Ponta Tempestade, onde Mace Tyrell realmente detinha o comando, arrastara-se durante um ano sem qualquer resultado, e após a batalha no Tridente, o Senhor de Jardim de Cima tinha saudado docilmente Eddard Stark com seus estandartes.

– Devia escrever a Robb Stark uma carta severa – disse Mindinho. – Ouvi dizer que o seu subordinado Bolton anda guardando cabras no *meu* salão de audiências, é realmente uma grande falta de escrúpulos.

Sor Kevan Lannister pigarreou.

– No que diz respeito aos Stark... Balon Greyjoy, que agora se intitula Rei das Ilhas e do Norte, escreveu-nos oferecendo termos para uma aliança.

– O que devia oferecer era fidelidade – exclamou Cersei. – Com que direito se intitula rei?

– Com o direito da conquista – disse Lorde Tywin. – O Rei Balon tem dedos de estrangulador apertados em volta do Gargalo. Os herdeiros de Robb Stark estão mortos, Winterfell caiu e os homens de ferro detêm Fosso Cailin, Bosque Profundo e a maior parte da Costa Pedregosa. Os dracares do Rei Balon controlam o mar de poente e estão em boa posição para ameaçar Lanisporto, Ilha Bela e até Jardim de Cima, se o provocarmos.

– E se aceitarmos essa aliança? – inquiriu Lorde Mathis Rowan. – Que termos ele propõe?

– Que reconheçamos a sua condição régia e lhe demos tudo a norte do Gargalo.

Lorde Redwyne soltou uma gargalhada.

– O que há a norte do Gargalo que um homem são possa querer? Se o Greyjoy quiser trocar espadas e velas por pedras e neve, eu digo que devemos ir em frente e nos achar com sorte.

– É verdade – concordou Mace Tyrell. – Isso é o que eu faria. Que o Rei Balon acabe com os nortenhos enquanto nós acabamos com Stannis.

O rosto de Lorde Tywin não mostrava nenhum sinal do que sentia.

– Também é preciso lidar com Lysa Arryn. Viúva de Jon Arryn, filha de Hoster Tully, irmã de Catelyn Stark... cujo marido andava conspirando com Stannis Baratheon no momento de sua morte.

– Ah – disse Mace Tyrell em voz alegre –, as mulheres não têm estômago para a guerra. Que seja deixada em paz, penso eu, não é provável que nos cause problemas.

– Concordo – disse Redwyne. – A Senhora Lysa não participou na luta e tampouco cometeu qualquer ato claro de traição.

Tyrion mexeu-se na cadeira.

– Ela atirou-me numa cela e levou a minha vida a julgamento – apontou, com certa quantidade de rancor. – E não voltou a Porto Real para jurar lealdade a Joff como lhe foi ordenado. Senhores, deem-me homens suficientes e eu tratarei de Lysa Arryn. – Não conseguia lembrar-se de nada que pudesse lhe dar mais prazer, exceto talvez estrangular Cersei. Às vezes ainda sonhava com as celas do céu do Ninho da Águia e acordava ensopado em suores frios.

O sorriso de Mace Tyrell era jovial, mas por trás dele Tyrion detectou desprezo.

– Talvez seja melhor que deixe a guerra para os guerreiros – disse o Senhor de Jardim de Cima. – Homens melhores do que você perderam grandes exércitos nas Montanhas da Lua, ou estilhaçaram-nos contra o Portão Sangrento. Conhecemos seu valor, senhor, não há necessidade de tentar a sorte.

Tyrion ergueu-se nas almofadas, irritado, mas o pai falou antes que tivesse oportunidade de reagir.

– Tenho em mente outras tarefas para Tyrion. Creio que Lorde Petyr pode deter a chave para o Ninho da Águia.

– Oh, se tenho – disse Mindinho –, tenho-a aqui bem entre as pernas. – Havia travessura em seus olhos cinza-esverdeados. – Senhores, com a sua licença, proponho-me a viajar até o Vale e lá cortejar e conquistar a Senhora Lysa Arryn. Assim que me tornar seu consorte, entregarei o Vale de Arryn aos senhores, sem que seja derramada uma gota de sangue.

Lorde Rowan demonstrou um ar de dúvida.

– Mas a Senhora Arryn vai querer aceitá-lo?

– Já me aceitou várias vezes antes, Lorde Mathis, e não exprimiu nenhuma queixa.

– Dormir com alguém – disse Cersei – não é o mesmo que casar-se com tal pessoa. Até uma anta como a Lysa Arryn será capaz de compreender a diferença.

– Com certeza. Não seria próprio para uma filha de Correrrio casar com alguém tão abaixo de seu estatuto. – Mindinho abriu as mãos. – Mas agora... um casamento entre a Senhora do Ninho da Águia e o Senhor de Harrenhal não é assim tão impensável, não é?

Tyrion reparou no olhar que foi trocado entre Paxter Redwyne e Mace Tyrell.

– Talvez sirva – disse Lorde Rowan –, se tem a certeza de ser capaz de manter a mulher leal à Graça do Rei.

– Senhores – proclamou o Alto Septão –, o outono está aí, e todos os homens de bom coração se sentem cansados da guerra. Se Lorde Baelish for capaz de trazer o Vale à paz do rei sem mais derramamento de sangue, os deuses certamente o abençoarão.

– Mas será que ele é capaz de tal coisa? – perguntou Lorde Redwyne. – O Senhor do Ninho da Águia é agora o filho de Jon Arryn. Lorde Robert.

– Não passa de um garoto – disse Mindinho. – Vou me assegurar de que cresça como o mais leal dos súditos de Joffrey, e um firme amigo de todos nós.

Tyrion estudou o homem esbelto com barba pontiaguda e irreverentes olhos cinza-esverdeados. *Senhor de Harrenhal, uma honraria vazia? O raio que o parta, pai. Mesmo que nunca ponha os pés no castelo, o título torna esse casamento possível, tal como ele sempre soube.*

– Não nos faltam inimigos – disse Sor Kevan Lannister. – Se o Ninho da Águia puder ser mantido fora da guerra, ótimo. Estou disposto a ver o que Lorde Petyr será capaz de alcançar.

Tyrion sabia, por longa experiência, que Sor Kevan era a vanguarda do pai nos conselhos; nunca tinha um pensamento que antes não tivesse passado pela cabeça de Lorde Tywin. *Tudo já foi combinado com antecedência*, concluiu, *e esta discussão não passa de um espetáculo*.

As ovelhas baliam o seu acordo, sem se darem conta da limpeza com que tinham sido tosquiadas, por isso, coube a Tyrion levantar objeções.

– Como a coroa pagará as suas dívidas sem Lorde Petyr? Ele é o nosso mago da moeda, e não temos ninguém que o substitua.

Mindinho sorriu.

– Meu pequeno amigo é gentil demais. Tudo que faço é contar cobres, como o Rei Robert costumava dizer. Qualquer mercador inteligente poderia se sair igualmente bem... e um Lannister, abençoado com o toque de ouro de Rochedo Casterly, irá sem dúvida ultrapassar-me em muito.

– Um Lannister? – aquilo deu a Tyrion um mau pressentimento.

Os olhos salpicados de ouro de Lorde Tywin encontraram-se com os olhos desiguais do filho.

– É admiravelmente adequado para a tarefa, creio eu.

– Deveras! – disse cordialmente Sor Kevan. – Não tenho dúvidas de que será um magnífico mestre da moeda, Tyrion.

Lorde Tywin virou-se de novo para Mindinho.

– Se Lysa Arryn recebê-lo como esposo e regressar à paz do rei, devolveremos a Robert o título de Protetor do Leste. Quando pode partir?

– Amanhã, se os ventos permitirem. Há uma galé de Bravos ao largo, para lá da corrente, embarcando carga por intermédio de barcos. O *Rei Bacalhau*. Falarei com o seu capitão a propósito de uma cabine.

– Faltará ao casamento do rei – disse Mace Tyrell.

Petyr Baelish encolheu os ombros.

– As marés e as noivas não esperam por ninguém, senhor. Assim que se iniciem as tempestades de outono, a viagem vai se tornar muito mais perigosa. O afogamento certamente diminuiria meus encantos como noivo.

Lorde Tyrell soltou um risinho.

– É verdade. É melhor que não se demore.

– Que os deuses o acompanhem em sua viagem – disse o Alto Septão. – Todos em Porto Real rezarão por seu sucesso.

Lorde Redwyne apertou o nariz.

– Podemos voltar ao problema da aliança Greyjoy? A meu ver, há muito a ser dito em seu favor. Os dracares Greyjoy reforçarão a minha frota e vão nos dar força suficiente no mar para assaltar Pedra do Dragão e pôr fim às pretensões de Stannis Baratheon.

– Os dracares do Rei Balon no momento estão ocupados – disse educadamente Lorde Tywin –, assim como nós. Greyjoy exige metade do reino como preço por uma aliança, mas o que fará para merecê-lo? Lutar contra os Stark? Já está fazendo isso. Por que havemos de pagar por aquilo que nos deu de graça? A melhor coisa a fazer a respeito de nosso senhor de Pyke é nada, a meu ver. Com tempo suficiente, uma alternativa melhor poderá se apresentar. Uma alternativa que não exija que o rei abra mão de metade de seu reino.

Tyrion observou o pai com atenção. *Há alguma coisa que ele não está dizendo.* Lembrou-se daquelas cartas importantes que Lorde Tywin estava escrevendo na noite em que Tyrion exigiu Rochedo Casterly. *O que foi que ele disse? Algumas batalhas ganham-se com espadas e lanças, outras com penas e corvos...* Perguntou a si mesmo quem seria a "melhor alternativa", e que tipo de preço estaria exigindo.

– Talvez devêssemos passar ao casamento – disse Sor Kevan.

O Alto Septão falou dos preparativos que estavam sendo feitos no Grande Septo de Baelor, e Cersei detalhou os planos que tinha feito para o banquete. Iriam ter mil convidados na sala do trono, mas muitos mais lá fora, nos pátios. Os pátios exterior e intermediário seriam cobertos por toldos de seda, com mesas de comida e barris de cerveja para todos os que não pudessem ser acomodados no salão.

– Vossa Graça – disse o Grande Meistre Pycelle –, em relação ao número de convidados... recebemos um corvo de Lançassolar. Trezentos dorneses vêm a caminho de Porto Real neste exato momento e esperam chegar antes da boda.

– Vêm como? – perguntou bruscamente Mace Tyrell. – Não pediram autorização para atravessar as *minhas* terras. – Tyrion reparou que seu grosso pescoço havia se tornado vermelho-escuro. Dorneses e o povo de Jardim de Cima nunca tinham tido grande simpatia uns pelos outros; ao longo dos séculos, tinham travado incontáveis guerras fronteiriças, além de desencadearem ataques para lá e para cá, atravessando montanhas e campinas, mesmo em tempo de paz. A inimizade atenuara-se um pouco depois de Dorne ter se tornado parte dos Sete Reinos... até que o príncipe dornês que chamavam de Víbora Vermelha aleijou o jovem herdeiro de Jardim de Cima num torneio. *Isso pode vir a ser constrangedor*, pensou o anão, esperando para ver como o pai lidaria com o assunto.

– O Príncipe Doran vem a convite de meu filho – disse calmamente Lorde Tywin –, não só para se juntar à nossa festa, mas também para reclamar seu lugar neste conselho e a justiça que Robert lhe negou pelo assassinato da irmã Elia e de seus filhos.

Tyrion observou o rosto de Lorde Tyrell, de Redwyne e de Rowan, perguntando a si mesmo se algum dos três seria suficientemente ousado para dizer "Mas, Lorde Tywin, não foi *você* quem apresentou os corpos a Robert, enrolados em mantos Lannister?". Nenhum deles fez isso, mas a pergunta estava lá, em suas expressões, mesmo assim. *Redwyne não está nem aí*, pensou, *mas Rowan parece pronto para vomitar*.

– Quando o rei estiver casado com a sua Margaery e Myrcella com o Príncipe Tristane, seremos todos uma grande Casa – recordou Sor Kevan a Mace Tyrell. – As inimizades do passado devem permanecer no passado, não concorda, senhor?

– Este é o *casamento da minha filha*...

– ... e do meu neto – disse firmemente Lorde Tywin. – Certamente não será o lugar adequado para velhas rixas.

– Não tenho nenhuma rixa com *Doran* Martell – insistiu Lorde Tyrell, embora seu tom de voz fosse mais do que um pouco ríspido. – Se deseja atravessar a Campina em paz, só precisa pedir a minha autorização.

Isso é pouco provável, pensou Tyrion. *Ele vai subir o caminho do espinhaço, virar para leste perto de Solarestival, e seguir pela estrada do rei.*

– Trezentos dorneses não irão perturbar os nossos planos – disse Cersei. – Podemos colocar os homens de armas no pátio, enfiar mais alguns bancos na sala do trono para os fidalgos e cavaleiros de bom

nascimento e arranjar para o Príncipe Doran um lugar de honra no estrado.

Perto de mim, não, era a mensagem que Tyrion lia nos olhos de Mace Tyrell, mas o Senhor de Jardim de Cima limitou-se a responder com um aceno brusco.

– Talvez possamos passar a uma tarefa mais agradável – disse Lorde Tywin. – Os frutos da vitória aguardam divisão.

– O que poderia ser mais animador? – perguntou Mindinho, que já havia engolido seu fruto, Harrenhal.

Cada senhor tinha as suas exigências; este castelo e aquela aldeia, extensões de terra, um pequeno rio, uma floresta, a tutela de certos menores deixados sem pai pela batalha. Felizmente, os frutos eram abundantes, e havia órfãos e castelos para todos. Varys tinha listas. Quarenta e sete fidalgos menores e seiscentos e dezenove cavaleiros tinham perdido a vida sob o coração flamejante de Stannis e de seu Senhor da Luz, bem como vários milhares de homens de armas plebeus. Todos eles traidores, seus herdeiros eram deserdados, suas terras e castelos oferecidos àqueles que tinham se mostrado mais leais.

Jardim de Cima teve a colheita mais rica. Tyrion olhou a grande barriga de Mace Tyrell e pensou: *Esse aí tem um apetite prodigioso*. Tyrell exigiu as terras e castelos de Lorde Alester Florent, seu próprio vassalo, que tivera o singular mau discernimento de apoiar primeiro Renly e depois Stannis. Lorde Tywin fez sua vontade com toda a satisfação. A Fortaleza de Águas Claras e todas as suas terras e rendimentos foram oferecidos ao segundo filho de Lorde Tyrell, Sor Garlan, transformando-o num grande senhor num piscar de olhos. O irmão mais velho, naturalmente, estava na linha para herdar o próprio Jardim de Cima.

Extensões menores de terra foram oferecidas a Lorde Rowan e separadas para Lorde Tarly, Senhora Oakheart, Lorde Hightower e outros ilustres que não se encontravam presentes. Lorde Redwyne pediu apenas trinta anos de perdão nos impostos que Mindinho e seus feitores vinícolas tinham feito cair sobre certos dos melhores vinhos da Árvore. Quando isso lhe foi concedido, declarou-se plenamente satisfeito e sugeriu que mandassem vir um casco de vinho dourado da Árvore, a fim de brindar ao Rei Joffrey e à sua sábia e benevolente Mão. Ao ouvir aquilo, Cersei perdeu a paciência.

– É de espadas que Joff precisa, não de brindes – exclamou. – Seu reino continua empesteado de candidatos a usurpadores e autoproclamados reis.

– Mas não por muito tempo, penso eu – disse untuosamente Varys.

– Ainda restam alguns assuntos, senhores. – Sor Kevan consultou seus papéis. – Sor Addam encontrou alguns dos cristais da coroa do

Alto Septão. Agora parece certo que os ladrões separaram os cristais e fundiram o ouro.

– Nosso pai no Céu conhece a culpa deles e vai levá-los todos a julgamento – disse piamente o Alto Septão.

– Sem dúvida que sim – disse Lorde Tywin. – Seja como for, você deve estar coroado na boda do rei. Cersei, convoque nossos ourives, temos de arranjar uma coroa que a substitua. – Não esperou pela resposta dela e virou-se imediatamente para Varys. – Tem relatórios?

O eunuco tirou um pergaminho da manga.

– Foi vista uma lula-gigante ao largo dos Dedos. – Soltou um risinho. – Não um *Greyjoy*, notem, uma lula-gigante de verdade. Atacou um baleeiro ibbenês e afundou-o. Luta-se nos Degraus, e uma nova guerra entre Tyrosh e Lys parece provável. Ambas as cidades têm esperança de ganhar Myr como aliada. Marinheiros vindos do Mar de Jade relatam que um dragão de três cabeças nasceu em Qarth e é a maravilha dessa cidade...

– Dragões e lulas-gigantes não me interessam, independentemente de quantas cabeças tenham – disse Lorde Tywin. – Seus informantes terão por acaso encontrado algum rastro do filho de meu irmão?

– Infelizmente, nosso bem-amado Tyrek desapareceu por completo, pobre e bravo rapaz. – Varys parecia perto de rebentar em lágrimas.

– Tywin – disse Sor Kevan, antes que Lorde Tywin tivesse oportunidade de expressar a sua óbvia insatisfação –, alguns dos homens de manto dourado que desertaram durante a batalha esgueiraram-se de volta aos quartéis, pensando retornar ao serviço. Sor Addam quer saber o que fazer com eles.

– Podem ter posto Joff em perigo com sua covardia – disse imediatamente Cersei. – Quero-os executados.

Varys suspirou.

– Eles certamente mereceriam a morte, Vossa Graça, ninguém pode negar. E, no entanto, talvez fosse mais sensato se os mandássemos para a Patrulha da Noite. Nos últimos tempos, recebemos mensagens perturbadoras da Muralha. Sobre selvagens em movimento...

– Selvagens, lulas-gigantes e dragões. – Mace Tyrell soltou um risinho. – Ora essa, haverá alguém que *não* se agita?

Lorde Tywin ignorou-o.

– Os desertores servem-nos melhor como lição. Quebrem seus joelhos com martelos. Não voltarão a fugir. Assim como qualquer homem que os veja mendigando pelas ruas. – Passou o olhar pela mesa, para ver se algum dos outros senhores discordava.

Tyrion lembrou-se de sua visita à Muralha, e dos caranguejos que tinha dividido com o velho Lorde Mormont e seus oficiais. Lembrou-se

também dos temores do Velho Urso.

– Talvez possamos quebrar os joelhos de alguns para afirmar nossa posição. Aqueles que mataram Sor Jacelyn, por exemplo. Quanto aos outros, podemos mandá-los para o Marsh. A Patrulha está com uma grave falta de efetivos. Se a Muralha cair...

– ... os selvagens inundarão o Norte – concluiu o pai – e os Stark e os Greyjoy terão outro inimigo para combater. Se, como parece, já não desejam ser súditos do Trono de Ferro, com que direito olham para ele em busca de ajuda? Tanto o Rei Robb como o Rei Balon reivindicam o Norte. Que *eles* o defendam, se conseguirem. E, se não conseguirem, esse Mance Rayder até pode se revelar um aliado útil. – Lorde Tywin olhou para o irmão. – Mais alguma coisa?

Sor Kevan sacudiu a cabeça.

– Terminamos. Senhores, Sua Graça, o Rei Joffrey, desejará sem dúvida agradecer a todos por sua sabedoria e bons conselhos.

– Gostaria de trocar umas palavras em privado com meus filhos – disse Lorde Tywin quando os outros se levantaram para sair da sala. – Você também, Kevan.

Obedientemente, os outros conselheiros fizeram as suas despedidas. Varys foi o primeiro a sair e Tyrell e Redwyne, os últimos. Quando todos exceto os quatro Lannister tinham saído da sala, Sor Kevan fechou a porta.

– *Mestre da moeda?* – perguntou Tyrion numa voz fina e tensa. – De quem foi essa ideia, diga-me?

– De Lorde Petyr – disse o pai –, mas é útil ter o tesouro nas mãos de um Lannister. Você pediu um trabalho importante. Teme ser incapaz de desempenhar a tarefa?

– Não – disse Tyrion. – Tenho medo de uma armadilha. Mindinho é sutil e ambicioso. Não confio nele. E o senhor também não deveria confiar.

– Ele conquistou Jardim de Cima para o nosso lado... – começou Cersei.

– ... e vendeu-lhe Ned Stark, eu sei. Vai nos vender com a mesma rapidez. Nas mãos erradas, uma moeda é tão perigosa quanto uma espada.

Tio Kevan olhou-o com uma expressão estranha.

– Decerto que não para nós. O ouro de Rochedo Casterly...

– ... é escavado do chão. O ouro de Mindinho é feito a partir do ar, com um estalar de dedos.

– Uma habilidade mais útil do que qualquer uma das suas, querido irmão – ronronou Cersei, numa doce voz de malícia.

– Mindinho é um mentiroso...

– ... e também é preto, disse a gralha sobre o corvo.

Lorde Tywin bateu na mesa.

– *Basta!* Não admito mais essa briguinha indecorosa. São ambos Lannister e vão se comportar como tal.

Sor Kevan pigarreou.

– Eu preferiria ter Petyr Baelish governando o Ninho da Águia do que qualquer outro dos pretendentes da Senhora Lysa. Yohn Royce, Lyn Corbray, Horton Redfort... são homens perigosos, cada um à sua maneira. E orgulhosos. Mindinho pode ser esperto, mas não tem nem nascimento elevado nem perícia com as armas. Os Senhores do Vale nunca aceitarão um homem assim como seu suserano. – Olhou para o irmão. Quando Lorde Tywin acenou com a cabeça, prosseguiu. – E há o seguinte: Lorde Petyr continua a demonstrar sua lealdade. Ontem mesmo trouxe-nos a notícia de um estratagema dos Tyrell para levar Sansa Stark até Jardim de Cima para uma "visita", e lá casá-la com o filho mais velho de Lorde Mace, Willas.

– *Mindinho* trouxe-lhe essa notícia? – Tyrion debruçou-se sobre a mesa. – Não foi o nosso mestre dos sussurros? Que interessante.

Cersei olhou o tio com incredulidade.

– Sansa é minha refém. Ela não vai a *lugar nenhum* sem a minha licença.

– Licença que forçosamente teria que dar, se Lorde Tyrell a pedisse – ressaltou o pai. – Recusá-la seria equivalente a declarar que não confiamos nele. Ele iria se ofender.

– Que se ofenda. E daí?

Maldita idiota, pensou Tyrion.

– Querida irmã – explicou pacientemente –, se ofender os Tyrell, ofenderá também os Redwyne, os Tarly, os Rowan e os Hightower, e talvez os faça começar a pensar se Robb Stark não poderia ser mais obsequioso para com os seus desejos.

– Não quero a rosa e o lobo gigante juntos na cama – declarou Lorde Tywin. – Temos de nos antecipar.

– Como? – perguntou Cersei.

– Através do casamento. O seu, para começar.

Aquilo foi tão súbito que Cersei não conseguiu fazer mais do que fitá-lo por um momento. Então, seu rosto enrubesceu como se tivesse sido esbofeteado.

– Não. Outra vez, não. Não farei isso.

– Vossa Graça – disse Sor Kevan com cortesia –, é uma mulher jovem, ainda bela e fértil. Certamente não vai querer passar o resto de seus dias sozinha. E um novo casamento afastará de uma vez por todas essa história de incesto.

– Enquanto permanecer sem casar, estará permitindo que Stannis espalhe essa repugnante difamação – disse Lorde Tywin à filha. – Precisa ter um novo marido em sua cama, para lhe gerar filhos.

– Três filhos são mais do que suficientes. Sou Rainha dos Sete

Reinos, não uma égua reprodutora! A Rainha *Regente*!

– É minha filha, e fará o que eu ordenar.

Ela pôs-se em pé.

– Não ficarei aqui ouvindo essa...

– Ficará se quiser dizer algo sobre a escolha de seu próximo marido – disse calmamente Lorde Tywin.

Ela hesitou e depois se sentou, Tyrion compreendeu que ela tinha perdido, apesar de sua sonora declaração de que:

– *Não* voltarei a me casar!

– Vai se casar e se reproduzir. Cada filho que der à luz tornará Stannis mais mentiroso. – Os olhos do pai pareciam pregá-la à cadeira como se fossem alfinetes. – Mace Tyrell, Paxter Redwyne e Doran Martell são casados com mulheres mais jovens, que provavelmente sobreviverão a eles. A esposa de Balon Greyjoy é idosa e de saúde delicada, mas um casamento desses iria nos comprometer a uma aliança com as Ilhas de Ferro, e eu ainda não estou certo de que esse seja o caminho mais sensato.

– Não – disse Cersei por entre os lábios brancos. – Não, não, não.

Tyrion não conseguiu suprimir por completo o sorriso que veio aos seus lábios ao pensar em despachar a irmã para Pyke. *Justamente quando eu me preparava para desistir das rezas, um deus bondoso entrega-me isto*.

Lorde Tywin prosseguiu.

– Oberyn Martell poderia servir, mas os Tyrell levariam uma coisa dessas muito a mal. Portanto, temos que olhar para os filhos. Presumo que não levante objeções a se casar com um homem mais novo do que você.

– Levanto objeções a casar com *qualquer*...

– Pensei nos gêmeos Redwyne, em Theon Greyjoy, em Quentyn Martell e em vários outros. Mas a nossa aliança com Jardim de Cima foi a espada que quebrou Stannis. Deve ser temperada e fortalecida. Sor Loras envergou o branco e Sor Garlan está casado com uma das Fossoway, mas ainda resta o filho mais velho, o rapaz que planejam casar com Sansa Stark.

Willas Tyrell. Tyrion estava tendo um prazer perverso com a fúria impotente de Cersei.

– Esse é o aleijado – ele disse.

O pai gelou-o com um olhar.

– Willas é herdeiro de Jardim de Cima, e, segundo tudo que se diz, um jovem brando e cortês, apreciador da leitura e da observação das estrelas. Tem também uma paixão pela criação e seleção de cruzas de animais, possui os melhores cães de caça, falcões e cavalos dos Sete Reinos.

Um casamento perfeito, devaneou Tyrion. *Cersei também tem uma*

paixão por cruzar. Sentiu pena do pobre Willas Tyrell, e não soube se devia rir da irmã ou chorar por ela.

– O herdeiro Tyrell seria a minha escolha – concluiu Lorde Tywin –, mas se preferir outro, escutarei seus argumentos.

– Isso é tão gentil de sua parte, pai – disse Cersei com fria cortesia. – A escolha que me deixa é tão complicada. Quem eu preferiria levar para a cama, a lula velha ou o cãozinho aleijado? Precisarei de alguns dias para pensar no assunto. Tenho a sua licença para me retirar?

Você é a rainha, Tyrion quis lhe dizer. *Ele devia estar pedindo licença a você*.

– Vá – disse o pai. – Voltaremos a conversar depois de ter recuperado a compostura. Lembre-se de seus deveres.

Cersei caminhou, dura, para fora da sala, ostentando claramente a sua raiva. *Mas no fim fará o que o pai pede*. Ela provara isso com Robert. *Se bem que haja Jaime a considerar.* O irmão era muito mais novo quando Cersei se casou pela primeira vez; poderá não aceitar tão facilmente um segundo casamento. O infeliz Willas Tyrell corria o risco de contrair um súbito caso fatal de espada-através-das-entranhas, o que poderia amargar consideravelmente a aliança entre Jardim de Cima e Rochedo Casterly. *Devia dizer alguma coisa, mas o quê? Perdoe-me, pai, mas é com o nosso irmão que ela quer se casar?*

– Tyrion.

Deu um sorriso resignado.

– Estarei ouvindo o arauto me chamar para a liça?

– Seu gosto por prostitutas é uma fraqueza – disse Lorde Tywin sem preâmbulos –, mas talvez parte da culpa seja minha. Como não é mais alto do que um garoto, acostumei-me a esquecer que é realmente um adulto, com todas as necessidades básicas de um homem. Já é mais do que tempo de se casar.

Eu já me casei, ou será que se esqueceu? A boca de Tyrion retorceu-se, e dela saiu um ruído que era meio gargalhada e meio rosnido.

– A ideia de casamento o diverte?

– Só de imaginar o noivo demoniacamente bonito que serei. – Uma esposa poderia ser exatamente aquilo de que precisava. Se lhe trouxesse terras e uma fortaleza, poderia providenciar-lhe um lugar no mundo afastado da corte de Joffrey... e de Cersei e do pai.

Por outro lado, havia Shae. *Ela não vai gostar disso, apesar de todas as juras sobre contentar-se em ser a minha prostituta.*

Mas isso não era propriamente um argumento que influenciasse o pai, por isso Tyrion retorceu-se mais para cima na cadeira e disse:

– Você pretende me casar com Sansa Stark. Mas os Tyrell não irão considerar essa união uma afronta se tiverem planos para a garota?

– Lorde Tyrell não abordará o assunto da garota Stark até depois

da boda de Joffrey. Se Sansa se casar antes disso, como poderá se ofender, se não nos deu nenhuma pista de suas intenções?

– Precisamente – disse Sor Kevan –, e quaisquer ressentimentos que persistam deverão ser acalmados pela oferta de Cersei para o seu Willas.

Tyrion esfregou os restos inflamados do nariz. A cicatriz às vezes coçava abominavelmente.

– Sua Graça, a real pústula, transformou a vida de Sansa num inferno desde o dia em que o pai dela morreu, e agora que está finalmente livre de Joffrey você propõe casá-la comigo. Isso parece extraordinariamente cruel. Até para o senhor, pai.

– Por quê? Pretende tratá-la mal? – o pai parecia mais curioso do que preocupado. – Minhas intenções não incluem a felicidade da menina, e as suas também não deviam inclui-la. Nossas alianças no sul podem ser sólidas como o Rochedo Casterly, mas resta o norte por conquistar, e a chave para o norte é Sansa Stark.

– Ela não passa de uma criança.

– Sua irmã jura que já floresceu. Se assim for, é uma mulher em condições de se casar. Terá de deflorá-la para que ninguém possa dizer que o casamento não foi consumado. Depois disso, se preferir esperar um ano ou dois antes de voltar a dormir com ela, estará no seu direito de marido.

Shae é toda a mulher de que preciso no momento, pensou, *e Sansa é uma garota, diga o que disser.*

– Se a sua intenção com isso é afastá-la dos Tyrell, por que não a devolve à mãe? Isso talvez convencesse Robb Stark a dobrar o joelho.

O olhar de Lorde Tywin era de escárnio.

– Se a mandarmos para Correrrio, a mãe arranjará um casamento com um Blackwood ou um Mallister, para escorar as alianças do filho ao longo do Tridente. Se a mandarmos para norte, estará casada com algum Manderly ou Umber antes da volta da lua. Mas não é menos perigosa aqui na corte, como essa história com os Tyrell demonstra. Ela tem de se casar com um Lannister, e depressa.

– O homem que casar com Sansa Stark pode reclamar Winterfell em seu nome – interveio tio Kevan. – Isso não lhe ocorreu?

– Se não quiser a garota, podemos dá-la a um de seus primos – disse o pai. – Kevan, crê que Lancel está suficientemente forte para se casar?

Sor Kevan hesitou.

– Se levarmos a garota à sua cabeceira, deverá ser capaz de proferir as palavras... mas para a consumação, não... Eu sugeriria um dos gêmeos, mas os Stark detêm ambos em Correrrio. Também têm o filho de Genna, Tion, se for o caso, ele poderia servir.

Tyrion deixou-os desenvolver seu enredo secundário. Sabia que

era tudo para ele ouvir. *Sansa Stark*, meditou. A Sansa de falinhas mansas e cheiros doces, que gostava de sedas, canções, cavalaria e cavaleiros altos e galantes com rostos bonitos. Sentia-se de volta à ponte do navio, com o convés se movendo debaixo de seus pés.

– Você me pediu para recompensá-lo por seus atos na batalha – disse Lorde Tywin vivamente. – Isto é uma oportunidade para você, Tyrion, a melhor que provavelmente terá na vida. – Tamborilou impacientemente na mesa com os dedos. – Antigamente tive esperança de casar seu irmão com Lysa Tully, mas Aerys nomeou-o para a sua Guarda Real antes de os preparativos estarem concluídos. Quando sugeri ao Lorde Hoster que Lysa poderia se casar com você em vez de Jaime, ele respondeu que queria um homem inteiro para a filha.

Portanto casou-a com Jon Arryn, que tinha idade para ser avô dela. Tyrion estava mais inclinado a sentir-se agradecido do que zangado, considerando aquilo em que Lysa Arryn se tornara.

– Quando o ofereci a Dorne, foi-me dito que a sugestão era um insulto – prosseguiu Lorde Tywin. – Nos anos seguintes recebi respostas semelhantes de Yohn Royce e Leyton Hightower. Por fim, desci ao ponto de sugerir que poderia aceitar a moça Florent que Robert deflorou na cama de núpcias do irmão, mas o pai preferiu dá-la a um dos cavaleiros de sua guarnição.

"Se não aceitar a garota Stark, vou arranjar outra esposa para você. Em algum lugar, no reino, haverá sem dúvida algum fidalgote que se separará de bom grado de uma filha para conquistar a amizade de Rochedo Casterly. A Senhora Tanda ofereceu Lollys..."

Tyrion estremeceu de susto.

– Preferiria cortá-lo e dá-lo de comer às cabras.

– Então abra os olhos. A garota Stark é nova, núbil, afável, do melhor nascimento e ainda donzela. Não é feia. Por que haveria de hesitar?

E por quê, realmente?

– É só uma idiossincrasia minha. É estranho dizê-lo, mas preferiria uma esposa que me queira na sua cama.

– Se acha que as suas rameiras querem você nas camas delas, é um idiota ainda maior do que eu suspeitava – disse Lorde Tywin. – Você me decepciona, Tyrion. Tinha esperança de que essa união lhe agradasse.

– Sim, todos nós sabemos como meu agrado é importante para você, pai. Mas há mais coisas envolvidas nisso. A chave para o Norte, você diz? Agora quem controla o Norte são os Greyjoy, e o Rei Balon tem uma filha. Por que Sansa Stark, e não ela? – Olhou os olhos do pai, frios e verdes, com seus salpicos de ouro.

Lorde Tywin uniu os dedos sob o queixo.

– Balon Greyjoy pensa em termos de saque, não de governo. Que

aproveite um outono de coroa e aguente um inverno do norte. Não dará aos súditos motivo para gostar dele. Ao chegar a primavera, os nortenhos estarão fartos de lulas-gigantes. Quando levar o neto de Eddard Stark para casa, para reclamar o seu direito de nascença, tanto os senhores como o povo se erguerão juntos para instalá-lo no cadeirão de seus ancestrais. Você *é* capaz de engravidar uma mulher, espero eu?

– Creio que sim – disse Tyrion, irritado. – Confesso que não posso provar. Embora ninguém possa dizer que não tentei. Ora, se planto as minhas sementinhas sempre que tenho oportunidade...

– Nas fossas e nas sarjetas – concluiu Lorde Tywin – e em terreno plebeu, onde só ervas bastardas ganham raízes. Já é mais do que hora de manter seu próprio jardim. – Pôs-se em pé. – Nunca terá Rochedo Casterly, garanto. Mas case com Sansa Stark, e é possível que conquiste Winterfell.

Tyrion Lannister, Senhor Protetor de Winterfell. A ideia provocou-lhe um estranho arrepio.

– Muito bem, pai – disse lentamente –, mas há uma questão que não estão considerando. Robb Stark é tão *capaz* quanto eu, presume-se, e está prometido a uma daquelas férteis Frey. E assim que o Jovem Lobo gerar uma ninhada, as crias que Sansa trouxer ao mundo não serão herdeiras de nada.

Lorde Tywin não se mostrou preocupado.

– Robb Stark não gerará nenhum filho nessa fértil Frey, tem a minha palavra quanto a isso. Há algumas notícias que não achei por bem partilhar com o conselho, embora os bons senhores irão sem dúvida saber delas em breve. O Jovem Lobo tomou a filha mais velha de Gawen Westerling como esposa.

Por um momento, Tyrion não conseguiu acreditar que ouvira bem o que o pai dissera.

– Ele quebrou a palavra? – disse, incrédulo. – Ele jogou fora os Frey por... – As palavras falharam-lhe.

– Uma donzela de dezesseis anos, chamada Jeyne – disse Sor Kevan. – Lorde Gawen sugeriu-a uma vez para Willem ou Martyn, mas tive de recusar. Gawen é um bom homem, mas sua esposa é Sybell Spicer. Ele nunca devia ter se casado com ela. Os Westerling sempre tiveram mais honra do que bom senso. O avô da Senhora Sybell era um mercador de açafrão e pimenta, de um nascimento quase tão baixo quanto o daquele contrabandista de Stannis. E a avó era uma mulher qualquer que ele trouxe do leste. Uma velha assustadora, supostamente uma sacerdotisa. Chamavam-lhe *Maegi*. Ninguém conseguia pronunciar seu verdadeiro nome. Metade de Lanisporto ia até ela em busca de curas, poções de amor e coisas do gênero. – Encolheu os ombros. – Ela está morta há muito tempo, é certo. E

Jeyne parecia uma doce criança, admito, embora só a tenha visto uma vez. Mas com um sangue tão duvidoso...

Tendo casado uma vez com uma prostituta, Tyrion não podia partilhar inteiramente do horror do tio à ideia de se casar com uma garota cujo bisavô vendia cravos. Mesmo assim... *Uma doce criança*, dissera Sor Kevan, mas muitos eram os venenos que também eram doces. Os Westerling eram de sangue antigo, mas possuíam mais orgulho do que poder. Não o surpreenderia se lhe dissessem que a Senhora Sybell trouxera mais riqueza ao casamento do que o seu esposo bem-nascido. As minas Westerling tinham se esgotado havia anos, suas melhores terras tinham sido vendidas ou perdidas, e o Despenhadeiro era mais ruína do que fortaleza. *Uma ruína romântica, porém, projetando-se ousadamente sobre o mar.*

– Estou surpreso – Tyrion teve de confessar. – Julgava que Robb Stark tinha mais bom senso.

– É um garoto de dezesseis anos – disse Lorde Tywin. – Nessa idade, o senso pouco pesa contra o desejo, o amor e a honra.

– Ele quebrou um juramento, envergonhou um aliado, traiu uma promessa solene. Onde está a honra nisso?

Foi Sor Kevan quem respondeu.

– Ele colocou a honra da garota acima da sua. Depois de deflorá-la, não tinha alternativa.

– Podia ter sido mais gentil deixá-la com um bastardo na barriga – disse Tyrion sem rodeios. Os Westerling arriscavam-se assim a perder tudo; as terras, o castelo, até a própria vida. *Um Lannister sempre paga as suas dívidas.*

– Jeyne Westerling é filha de sua mãe – disse Lorde Tywin – e Robb Stark é filho de seu pai.

Aquela traição Westerling não parecia ter enraivecido o pai tanto quanto Tyrion esperaria. Lorde Tywin não tolerava deslealdades por parte dos vassalos. Extinguira completamente os orgulhosos Reyne de Castamere e os antigos Tarbeck de Solar Tarbeck quando mal deixara de ser um rapaz. Os cantores tinham até feito uma canção bastante lúgubre sobre o assunto. Alguns anos mais tarde, quando Lorde Farman de Belcastro se tornou truculento, Lorde Tywin enviou um embaixador que levava um alaúde em vez de uma carta. Mas, depois de ouvir "As chuvas de Castamere" ecoando em seu salão, Lorde Farman deixou de causar problemas. E se a canção não bastasse, os castelos destruídos dos Reyne e dos Tarbeck ainda estavam lá, como testemunhos mudos do destino que esperava aqueles que escolhiam escarnecer do poder de Rochedo Casterly.

– O Despenhadeiro não é muito longe de Solar Tarbeck e Castamere – destacou Tyrion. – Seria esperado que os Westerling tivessem passado por esses locais e visto a lição que lá se encontra.

– E talvez o tenham feito – disse Lorde Tywin. – Garanto-lhe que estão bem cientes de Castamere.

– Poderão os Westerling e Spicer ser tão idiotas que creem que o lobo pode derrotar o leão?

Muito de vez em quando, Lorde Tywin Lannister chegava mesmo a ameaçar um sorriso; nunca o fazia, mas a simples ameaça era terrível de contemplar.

– Os maiores idiotas são às vezes mais espertos do que os homens que deles riem – disse, e depois: – Casará com Sansa Stark, Tyrion. E em breve.

Catelyn

Trouxeram os cadáveres nos ombros e pousaram-nos sob o estrado. O silêncio caiu sobre o salão iluminado por archotes, e nele Catelyn conseguiu ouvir Vento Cinzento uivando a meio castelo de distância. *Ele sente o cheiro do sangue*, pensou. *Através de paredes de pedra e portas de madeira, através da noite e da chuva, mesmo assim reconhece o odor da morte e da ruína.*

Estava à esquerda de Robb, junto ao cadeirão, e por um momento sentiu-se quase como se estivesse olhando seus próprios mortos, Bran e Rickon. Aqueles rapazes eram muito mais velhos, mas a morte encolhera-os. Nus e molhados, pareciam umas coisinhas tão pequenas e tão imóveis que era difícil lembrar deles com vida.

O rapaz louro andava tentando deixar crescer uma barba. Uma penugem amarelo-clara cobria suas bochechas e seu queixo por cima da ruína vermelha em que a faca transformou a sua garganta. Seus longos cabelos dourados ainda estavam molhados, como se tivesse sido arrancado de um banho. A expressão era a de quem havia morrido em paz, talvez dormindo, mas seu primo de cabelos castanhos tinha lutado pela vida. Seus braços exibiam cortes onde havia tentado parar as lâminas, e gotas vermelhas ainda pingavam das punhaladas que lhe cobriam o peito, a barriga e as costas como outras tantas bocas sem língua, embora a chuva o tivesse lavado quase por completo.

Robb tinha posto a coroa antes de entrar na sala, e o bronze brilhava, escuro, à luz dos archotes. Sombras esconderam seus olhos quando observou os mortos. *Será que ele também vê Bran e Rickon?* Catelyn poderia ter chorado, mas já não lhe restavam lágrimas. Os rapazes mortos estavam pálidos devido ao longo encarceramento, e ambos eram de tez clara; contra a pele lisa e branca, o sangue era chocantemente rubro, insuportável de contemplar. *Será que irão colocar Sansa nua sob o Trono de Ferro depois de a matarem? Irá sua pele parecer assim tão branca, seu sangue tão vermelho?* Do exterior chegavam o ruído contínuo da chuva e os inquietos uivos de um lobo.

O irmão, Edmure, estava à direita de Robb, com uma mão apoiada no espaldar da cadeira do pai, e o rosto ainda inchado de sono. Tinham-no acordado, tal como a ela, batendo em sua porta, na noite cerrada, para arrancá-lo rudemente dos sonhos. *Eram bons sonhos, irmão? Sonha com a luz do sol, com risos e com os beijos de uma donzela? Rezo para que sim*. Os sonhos dela eram escuros e fustigados por terrores.

Os capitães e senhores vassalos de Robb espalhavam-se pelo salão, alguns armados e com as cotas de malha vestidas, outros em

vários estados de desalinho e nudez. Sor Raynald e o tio, Sor Rolph, encontravam-se entre eles, mas Robb tinha achado por bem poupar sua rainha daquela monstruosidade. *O Despenhadeiro não fica longe de Rochedo Casterly*, recordou Catelyn. *Jeyne pode perfeitamente ter brincado com esses garotos quando eram crianças.*

Voltou a baixar o olhar para os cadáveres dos escudeiros Tion Frey e Willem Lannister, e esperou que o filho falasse.

Pareceu passar-se muito tempo até que Robb erguesse o olhar dos mortos ensanguentados.

– Pequeno-Jon – disse –, diga ao seu pai que os traga. – Sem uma palavra, Pequeno-Jon Umber virou-se para obedecer, com os passos ecoando no grande salão de pedra.

Enquanto Grande-Jon introduzia os prisioneiros na sala, Catelyn notou o modo como alguns dos outros homens recuavam para lhes dar espaço, como se a traição pudesse de algum modo ser transmitida por um toque, um olhar, um pouco de tosse. Os captores e os cativos eram muito parecidos; homens grandes, todos eles, com barbas espessas e cabelos compridos. Dois dos homens de Grande-Jon estavam feridos, e três de seus prisioneiros também. Só o fato de alguns terem lanças e outros bainhas vazias os distinguia. Todos usavam camisões de cota de malha ou camisas de anéis cosidos, com botas pesadas e mantos grossos, alguns de lã, outros de peles. *O Norte é duro e frio, e não tem misericórdia*, Ned tinha lhe dito quando ela veio a Winterfell pela primeira vez, mil anos antes.

– Cinco – disse Robb quando os prisioneiros foram postos à sua frente, molhados e silenciosos. – São todos?

– Eram oito – trovejou Grande-Jon. – Matamos dois quando os capturamos e um terceiro está agora agonizando.

Robb estudou o rosto dos presos.

– Foram precisos oito de vocês para matar dois escudeiros desarmados.

Edmure Tully interveio.

– Eles também assassinaram dois de meus homens para chegar à torre. Delp e Elwood.

– Não foi assassinato, sor – disse Lorde Rickard Karstark, que não se mostrava mais derrotado pela corda que prendia seus pulsos do que pelo sangue que corria por seu rosto. – Qualquer homem que se interponha entre um pai e a sua vingança está pedindo a morte.

As palavras dele ressoaram nos ouvidos de Catelyn, duras e cruéis, como o bater de um tambor de guerra. Sua garganta estava completamente seca. *Fui eu que fiz isso. Estes dois rapazes morreram para que minhas filhas pudessem sobreviver.*

– Eu vi seus filhos morrerem naquela noite no Bosque dos Murmúrios – disse Robb ao Lorde Karstark. – Tion Frey não matou

Torrhen. Willem Lannister não tirou a vida de Eddard. Assim, como pode chamar isso de vingança? Isso foi uma loucura, e um assassinato sangrento. Seus filhos morreram honradamente no campo de batalha, de espada nas mãos.

– Eles *morreram* – disse Rickard Karstark, sem ceder um milímetro. – O Regicida abateu-os. Estes dois eram da laia dele. Só sangue pode pagar sangue.

– O sangue de crianças? – Robb apontou para os cadáveres. – Que idade eles tinham? Doze anos, treze? *Escudeiros*.

– Morrem escudeiros em todas as batalhas.

– Sim, morrem lutando. Tion Frey e Willem Lannister entregaram as espadas no Bosque dos Murmúrios. Eram prisioneiros, trancados numa cela, adormecidos, desarmados... garotos. *Olhe para eles!*

Lorde Kastark preferiu olhar para Catelyn.

– Diga à sua mãe para olhar para eles – falou. – Ela matou-os tanto quanto eu.

Catelyn apoiou uma mão no espaldar da cadeira de Robb. O salão pareceu girar à sua volta. Sentiu-se prestes a vomitar.

– Minha mãe não teve nada a ver com isso – disse Robb, irritado. – Isso foi obra sua. O assassinato foi seu. A *traição* foi sua.

– Como pode ser traição matar Lannisters quando não é traição libertá-los? – perguntou rudemente Karstark. – Vossa Graça esqueceu-se de que estamos em guerra com o Rochedo Casterly? Na guerra, matam-se os inimigos. Seu pai não lhe ensinou isso, rapaz?

– *Rapaz?* – com o punho revestido de cota de malha, Grande-Jon deu uma bofetada que deixou Rickard Karstark de joelhos.

– Deixe-o! – a voz de Robb ressoou com autoridade. Umber afastou-se do cativo.

Lorde Karstark cuspiu um dente.

– Sim, Lorde Umber, deixe-me para o rei. Ele pretende me dar uma descompostura antes de me perdoar. É assim que ele lida com a traição, o nosso Rei no Norte. – Sorriu um sorriso úmido e vermelho. – Ou será que devo chamá-lo de Rei que perdeu o Norte, Vossa Graça?

Grande-Jon tirou uma lança das mãos do homem que estava ao seu lado e ergueu-a sobre o ombro.

– Deixe-me atravessá-lo, senhor. Deixe-me abrir a barriga dele para vermos a cor de suas tripas.

As portas do salão abriram-se com estrondo, e Peixe Negro entrou com água escorrendo do manto e do elmo. Homens de armas Tully seguiram-no, enquanto lá fora relâmpagos cruzavam o céu e uma chuva forte e negra assolava as pedras de Correrrio. Sor Brynden tirou o elmo e caiu sobre um joelho.

– Vossa Graça – foi tudo que disse, mas seu tom lúgubre falava por si.

– Ouvirei em privado o que Sor Brynden tem a dizer, na sala de audiências. – Robb levantou-se. – Grande-Jon, mantenha Lorde Karstark aqui até a minha volta, e enforque os outros sete.

Grande-Jon abaixou a lança.

– Até os mortos?

– Sim. Não quero essa gente conspurcando os rios do senhor meu tio. Que alimentem os corvos.

Um dos prisioneiros ajoelhou-se.

– Misericórdia, senhor. Eu não matei ninguém, fiquei só à porta, de vigia, por causa dos guardas.

Robb refletiu naquilo por um momento.

– Conhecia as intenções de Lorde Rickard? Viu as facas desembainhadas? Ouviu os gritos, as súplicas de misericórdia?

– Sim, mas não participei. Era só o vigia, juro...

– Lorde Umber – disse Robb –, este era só o vigia. Enforque-o por último, para que possa vigiar a morte dos outros. Mãe, tio, venham comigo, por favor. – Deu as costas enquanto os homens de Grande-Jon cerravam fileiras em volta dos prisioneiros e os levavam do salão sob a ameaça de lanças. Lá fora, os trovões ribombavam e estrondeavam, tão alto que parecia que o castelo estava ruindo em volta de seus ouvidos. *Será este o som de um reino desmoronando?*, perguntou Catelyn a si mesma.

Estava escuro dentro da sala de audiências, mas pelo menos o som dos trovões era abafado por mais uma parede de pedra. Um criado entrou com uma candeia de azeite para acender a lareira, mas Robb mandou-o embora e ficou com a candeia. Havia mesas e cadeiras, mas só Edmure se sentou, e levantou-se quando percebeu que os outros permaneceram em pé. Robb tirou a coroa e pousou-a na mesa, à sua frente.

Peixe Negro fechou a porta.

– Os Karstark desapareceram.

– Todos? – seria ira ou desespero o que pesava daquela maneira na voz de Robb? Nem mesmo Catelyn tinha certeza.

– Todos os guerreiros – respondeu Sor Brynden. – Algumas seguidoras de acampamento e criados foram deixados com os feridos. Interrogamos tantos quantos foram necessários para nos certificarmos da verdade. Começaram a partir ao cair da noite, escapando a princípio um a um ou dois a dois, e depois em grupos maiores. Foi ordenado aos feridos e criados que mantivessem as fogueiras acesas para que ninguém soubesse que tinham partido, mas depois que começou a chover, deixou de valer a pena.

– Irão voltar a se agrupar longe de Correrrio? – perguntou Robb.

– Não. Espalharam-se, à caça. Lorde Karstark jurou oferecer a mão de sua filha donzela a qualquer homem, bem ou malnascido, que

lhe traga a cabeça do Regicida.

Que os deuses nos valham. Catelyn voltou a sentir náuseas.

– Quase trezentos cavaleiros e duas vezes mais montarias desaparecidos na noite. – Robb esfregou as têmporas, no local onde a coroa havia deixado sua marca, na pele macia acima das orelhas. – Todas as forças de cavalaria de Karhold, perdidas.

Perdidas por mim. Por mim, que os deuses me perdoem. Catelyn não precisava ser um soldado para compreender a armadilha em que Robb se encontrava. Por ora, controlava as terras fluviais, mas seu reino estava cercado de inimigos por todos os lados, exceto pelo leste, onde Lysa se empoleirava em seu cume de montanha. Até o Tridente estava pouco seguro desde que o Senhor da Travessia retirara sua fidelidade. *E agora perdemos também os Karstark...*

– Nem uma palavra sobre isso deve sair de Correrrio – disse Edmure. – Lorde Tywin faria... os Lannister pagam as suas dívidas, sempre dizem isso. Que a Mãe nos guarde quando ele souber.

Sansa. As unhas de Catelyn enterraram-se na carne macia das palmas de suas mãos, tal foi a força com que cerrou os punhos.

Robb lançou a Edmure um frio olhar.

– Quer me transformar num mentiroso além de um assassino, tio?

– Não precisamos falar nenhuma falsidade. Basta não dizer nada. Enterramos os rapazes e permanecemos em silêncio até o fim da guerra. Willem era filho de Sor Kevan Lannister e sobrinho de Lorde Tywin. Tion era filho da Senhora Genna, *e* um Frey. Temos também de manter a notícia longe das Gêmeas, até...

– ... até conseguirmos trazer os assassinados de volta à vida? – disse Brynden Peixe Negro em tom cortante. – A verdade fugiu com os Karstark, Edmure. É tarde demais para esses jogos.

– Devo a seus pais a verdade – disse Robb. – E a justiça. Também lhes devo isso. – Fitou a coroa, o brilho escuro do bronze, o círculo de espadas de ferro. – Lorde Rickard desafiou-me. Traiu-me. Não tenho escolha a não ser condená-lo. Só os deuses sabem o que fará a infantaria Karstark que está com Roose Bolton quando lhes chegar a notícia de que executei seu suserano por traição. Bolton precisa ser prevenido.

– O herdeiro de Lorde Karstark também estava em Harrenhal – recordou-lhe Sor Brynden. – O filho mais velho, aquele que os Lannister capturaram no Ramo Verde.

– Harrion. Chama-se Harrion. – Robb soltou uma gargalhada amarga. – Um rei faz bem em conhecer o nome de seus inimigos, não acha?

Peixe Negro lançou-lhe um olhar astuto.

– Sabe disso com certeza? Que isso fará do jovem Karstark seu inimigo?

– O que mais poderá acontecer? Estou prestes a matar o pai dele, não é provável que me agradeça.

– Pode agradecer. Há filhos que odeiam os pais, e com um só golpe estará transformando-o no Senhor de Karhold.

Robb balançou a cabeça.

– Mesmo se Harrion fosse esse tipo de homem, nunca poderia perdoar abertamente o homem que matou seu pai. Seus próprios homens iriam se voltar contra ele. Estamos falando de *nortenhos*, tio. O Norte tem memória.

– Então perdoe-o – sugeriu Edmure Tully.

Robb fitou-o com franca incredulidade.

Sob aquele olhar, o rosto de Edmure corou.

– Poupe sua vida, quero dizer. Não gosto mais da ideia do que você, senhor. Ele também matou homens meus. O pobre Delp tinha acabado de se recuperar do ferimento que Sor Jaime lhe infligiu. Karstark deve ser punido, certamente. Mantenha-o acorrentado.

– Um refém? – disse Catelyn. *Poderia ser melhor...*

– Sim, um refém! – o irmão tomou a sua reflexão por concordância. – Diga ao filho que, desde que permaneça leal, o pai não será maltratado. Caso contrário... agora não temos esperança de reconquistar os Frey, nem que eu me oferecesse para casar com *todas* as filhas de Lorde Walder e transportasse sua liteira. Se também perdermos os Karstark, que esperança nos restará?

– Que esperança... – Robb suspirou, afastou os cabelos dos olhos e disse: – Nada nos chegou de Sor Rodrik no norte, nenhuma resposta veio de Walder Frey à nossa nova oferta, recebemos apenas silêncio do Ninho da Águia. – Apelou à mãe. – Sua irmã não nos responderá nunca? Quantas vezes terei de lhe escrever? Não quero acreditar que *nenhuma* das aves chegou até ela.

Catelyn percebeu que o filho queria ser confortado; queria que ela lhe dissesse que tudo ficaria bem. Mas seu rei precisava da verdade.

– As aves chegaram ao Ninho da Águia. Embora ela possa lhe dizer que não, se alguma vez chegarem a falar do assunto. Não espere ajuda desse lado, Robb. Lysa nunca foi corajosa. Quando éramos meninas, ela fugia e escondia-se sempre que fazia algo errado. Talvez pensasse que o senhor nosso pai esqueceria de se zangar com ela caso não fosse capaz de encontrá-la. Agora é a mesma coisa. Ela fugiu de Porto Real por medo, para o lugar mais seguro que conhece, e recolhe-se em sua montanha com a esperança de que todos a esqueçam.

– Os cavaleiros do Vale poderiam fazer toda a diferença nesta guerra – disse Robb –, mas se ela não quer lutar, que assim seja. Só lhe pedi que nos abrisse o Portão Sangrento e nos desse navios em Vila Gaivotas para nos levar ao norte. A estrada de altitude seria difícil, mas não tão difícil quanto abrir caminho pelo Gargalo lutando. Se

conseguisse desembarcar em Porto Branco, poderia flanquear Fosso Cailin e expulsar os homens de ferro do norte em meio ano.

– Isso não acontecerá, senhor – disse Peixe Negro. – Cat tem razão. A Senhora Lysa é temerosa demais para deixar entrar um exército no Vale. *Qualquer* exército. O Portão Sangrento permanecerá fechado.

– Então que os Outros a levem – praguejou Robb, numa fúria causada pelo desespero. – E o maldito Rickard Karstark também. E Theon Greyjoy, Walder Frey, Tywin Lannister e todos os outros. Pela bondade dos deuses, por que alguém haveria de querer ser rei? Quando todos estavam gritando *Rei no Norte, Rei no Norte*, eu disse a mim mesmo... *jurei* a mim mesmo... que seria um bom rei, tão honrado quanto o pai, forte, justo, leal para com os meus amigos e bravo quando enfrentasse os inimigos... agora sequer sei distingui-los uns dos outros. Como foi que tudo isso ficou tão *confuso*? Lorde Rickard lutou ao meu lado em meia dúzia de batalhas. Os filhos dele morreram por mim no Bosque dos Murmúrios. Tion Frey e Willem Lannister eram meus inimigos. Mas agora tenho de matar o pai de meus amigos mortos por causa deles. – Olhou-os. – Os Lannister vão me agradecer pela cabeça de Lorde Rickard? E os Frey?

– Não – disse Brynden Peixe Negro, direto como sempre.

– Mais um motivo para poupar a vida de Lorde Rickard e mantê-lo como refém – insistiu Edmure.

Robb estendeu ambas as mãos para baixo, ergueu a pesada coroa de bronze e ferro e voltou a colocá-la na cabeça, e de repente era um rei novamente.

– Lorde Rickard morre.

– Mas *por quê*? – perguntou Edmure. – Foi você mesmo que disse...

– Eu sei o que disse, tio. Não muda o que tenho de fazer. – As espadas de sua coroa encostavam-se, rígidas e negras, contra a sua testa. – Em batalha poderia ter matado Tion e Willem em pessoa, mas isso não foi uma batalha. Eles estavam dormindo em suas camas, nus e desarmados, na cela em que os coloquei. Rickard Karstark matou mais do que um Lannister e um Frey. *Matou a minha honra*. Tratarei dele à alvorada.

Quando o dia nasceu, cinzento e gelado, a tempestade se reduzira a uma chuva contínua, mesmo assim o bosque sagrado estava repleto de gente. Senhores do rio e nortenhos, de alto e baixo nascimento, cavaleiros, mercenários e cavalariços espalhavam-se entre as árvores para ver o fim da dança negra da noite. Edmure dera ordens, e um cepo de carrasco fora colocado em frente à árvore-coração. Chuva e folhas caíam em volta deles quando os homens de Grande-Jon atravessaram a multidão com Lorde Rickard Karstark, ainda de mãos

atadas. Seus homens já pendiam das grandes muralhas de Correrrio, balançando na ponta de longas cordas enquanto a chuva lhes lavava o rosto que enegrecia.

Lew Longo esperava ao lado do cepo, mas Robb tirou o machado de sua mão e ordenou-lhe que se afastasse.

– Isso é tarefa minha – disse. – Ele morre por ordem minha. Deve morrer por minhas mãos.

Lorde Rickard Karstark inclinou rigidamente a cabeça.

– Por isso lhe agradeço. Mas por mais nada. – Vestira-se para a morte com uma longa túnica negra de lã, decorada com o resplendor branco de sua Casa. – O sangue dos Primeiros Homens corre tanto nas minhas veias quanto nas suas, rapaz. Faria bem em se lembrar disso. Fui batizado em honra de seu avô. Convoquei meus vassalos contra o Rei Aerys por seu pai, e contra o Rei Joffrey por você. Em Cruzaboi, no Bosque dos Murmúrios e na Batalha dos Acampamentos cavalguei ao seu lado, e acompanhei Lorde Eddard no Tridente. Somos parentes, os Stark e os Karstark.

– Esse parentesco não o impediu de me trair – disse Robb. – E não o salvará agora. Ajoelhe-se, senhor.

Catelyn sabia que Lorde Karstark falara a verdade. Os Karstark traçavam sua genealogia até Karlon Stark, um filho mais novo de Winterfell que derrubou um senhor rebelde mil anos antes e a quem tinham sido concedidas terras por seu valor. O castelo que construíra fora chamado Karls Hold, mas logo transformou-se em Karhold, e, ao longo dos séculos, os Stark de Karhold foram se transformando em Karstark.

– Segundo os deuses antigos ou modernos, não faz diferença – Lorde Rickard disse ao filho dela –, não há homem mais amaldiçoado do que aquele que mata parentes.

– Ajoelhe-se, traidor – voltou a dizer Robb. – Ou terei de ordenar-lhes que empurrem a sua cabeça contra o cepo?

Lorde Karstark se ajoelhou.

– Os deuses vão julgá-lo, tal como você me julgou. – Deitou a cabeça no cepo.

– Rickard Karstark, Senhor de Karhold. – Robb ergueu o pesado machado com ambas as mãos. – Aqui, à vista dos deuses e dos homens, considero-o culpado de assassinato e alta traição. Em meu nome o condeno. Com as minhas mãos tiro a sua vida. Quer dizer uma última palavra?

– Mate-me, e que seja amaldiçoado. Não é o meu rei.

O machado caiu. Pesado e bem afiado, matou em um único golpe, mas foram precisos três para separar a cabeça do corpo, e quando tudo terminou, tanto os vivos como o morto estavam encharcados de sangue. Robb atirou o machado ao chão, enojado, e virou-se para a

árvore-coração sem dizer uma palavra. E ali ficou, tremendo e com as mãos semicerradas e a chuva correndo por seu rosto. *Que os deuses o perdoem*, rezou Catelyn em silêncio. *Ele é só um rapaz, e não tinha alternativa*.

Não voltou a ver o filho naquele dia. A chuva prosseguiu ao longo de toda a manhã, açoitando a superfície dos rios e transformando a relva do bosque sagrado em lama e poças. Peixe Negro reuniu uma centena de homens e saiu em busca de Karstarks, mas ninguém esperava que trouxesse muitos de volta.

– Só rezo para não ter de enforcá-los – disse ao partir. Quando foi embora, Catelyn retirou-se para o aposento privado do pai, para sentar-se novamente à cabeceira de Lorde Hoster.

– Não durará muito mais – preveniu-a Meistre Vyman quando apareceu naquela tarde. – Suas últimas forças estão se esgotando, embora ainda tente lutar.

– Sempre foi um lutador – disse ela. – Um homem teimoso e querido.

– Sim – disse o meistre –, mas esta é uma batalha que não pode ganhar. É hora de pousar a espada e o escudo. É hora de se render.

De se render, pensou ela, *de fazer a paz*. O meistre estaria falando de seu pai ou de seu filho?

Ao cair da noite, Jeyne Westerling veio visitá-la. A jovem rainha entrou timidamente no aposento privado.

– Senhora Catelyn, não quero incomodá-la...

– É muito bem-vinda aqui, Vossa Graça. – Catelyn estava bordando, mas pôs a agulha de lado.

– Por favor. Chame-me de Jeyne. Não me sinto como uma Graça.

– E, no entanto, é o que é. Por favor, venha sentar-se, Vossa Graça.

– Jeyne. – Ela sentou-se junto à lareira e alisou ansiosamente a saia.

– Como quiser. Como posso servi-la, Jeyne?

– É Robb – disse a garota. – Ele está tão infeliz, tão... tão zangado e desconsolado. Não sei o que fazer.

– Tirar a vida de um homem é uma coisa dura.

– Eu sei. Disse-lhe que devia usar um carrasco. Quando Lorde Tywin envia um homem para a morte, tudo que faz é dar a ordem. Assim é mais fácil, não acha?

– Sim – disse Catelyn –, mas o senhor meu esposo ensinou aos filhos que matar nunca deve ser fácil.

– Oh. – A Rainha Jeyne umedeceu os lábios. – Robb não comeu o dia inteiro. Mandei que Rollam lhe levasse um bom jantar, costelas de javali com cebolas cozidas e cerveja, mas nem tocou no prato. Passou a manhã inteira escrevendo uma carta e disse-me para não incomodá-

lo, mas quando a carta ficou pronta, queimou-a. Agora está sentado, olhando uns mapas. Perguntei-lhe o que procurava, mas não me respondeu. Acho que nem sequer me ouviu. Nem quis mudar de roupa. Passou o dia inteiro molhado e ensanguentado. Eu quero ser uma boa esposa para ele, quero mesmo, mas não sei como ajudar. Não sei como animá-lo ou reconfortá-lo. Não sei de que *precisa*. Por favor, senhora, é a mãe dele, diga-me o que devo fazer.

Diga-me o que devo fazer. Catelyn poderia fazer a mesma pergunta, se seu pai estivesse em condições de responder. Mas Lorde Hoster tinha partido, ou estava perto disso. O seu Ned também. *E também Bran e Rickon, e a mãe, e Brandon, há tanto tempo*. Só lhe restava Robb, Robb e a esperança que se desvanecia de recuperar as filhas.

– Às vezes – disse Catelyn lentamente –, a melhor coisa que podemos fazer é nada. Quando cheguei a Winterfell, sentia-me magoada sempre que Ned ia ao bosque sagrado e lá se sentava sob a árvore-coração. Sabia que parte de sua alma estava naquela árvore, uma parte que eu nunca partilharia. Mas rapidamente percebi que sem essa parte ele não teria sido Ned. Jeyne, filha, você casou com o Norte, tal como eu fiz... e no Norte os invernos chegam. – Tentou sorrir. – Seja paciente. Seja compreensiva. Ele a ama e precisa de você, e voltará para você bem depressa. Talvez nesta mesma noite. Procure estar lá quando ele fizer isso. É tudo que posso lhe dizer.

A jovem rainha escutou, arrebatada.

– Estarei – disse, quando Catelyn terminou. – Estarei lá. – Pôs-se em pé. – Devia voltar. Ele pode ter sentido a minha falta. Verei. Mas se ainda estiver com os seus mapas, serei paciente.

– Faça isso – disse Catelyn, mas quando a garota chegou à porta, lembrou-se de mais uma coisa. – Jeyne – chamou-a –, há algo mais que Robb precisa de você, embora ele próprio talvez não saiba ainda. Um rei precisa de um herdeiro.

A garota sorriu ao ouvir aquilo.

– Minha mãe diz o mesmo. Ela faz uma poção para mim, com ervas, leite e cerveja, para ajudar a me tornar fértil. Bebo todas as manhãs. Disse a Robb que tenho certeza de que vou lhe dar gêmeos. Um Eddard e um Brandon. Ele gostou da ideia, acho eu. Nós... nós tentamos quase todos os dias, senhora. Certos dias duas vezes ou mais. – A garota corou de uma forma encantadora. – Vou esperar um bebê em breve, prometo. Rezo à nossa Mãe no Céu todas as noites.

– Muito bem. Juntarei também as minhas preces. Aos velhos deuses *e* aos novos.

Depois que a garota saiu, Catelyn voltou para junto do pai e alisou os finos cabelos brancos por cima da testa.

– Um Eddard e um Brandon – suspirou em voz baixa. – E talvez, a seu tempo, um Hoster. Gostaria disso? – ele não respondeu, mas ela

nunca tinha esperado que respondesse. Enquanto o som da chuva no telhado se misturava com a respiração do pai, pensou em Jeyne. A garota realmente parecia ter bom coração, como Robb dissera. *E boas ancas, o que pode vir a ser mais importante.*

Jaime

Há dois dias de viagem, para ambos os lados da estrada do rei, entraram numa larga faixa de destruição, quilômetros de campos e pomares enegrecidos, onde os troncos de árvores mortas se projetavam para o ar como postes de arqueiro. As pontes também estavam queimadas, e os riachos seguiam cheios pelas chuvas do outono, de modo que tinham de patrulhar as margens em busca de vaus. As noites estremeciam com os uivos dos lobos, mas não viam ninguém.

Em Lagoa da Donzela, o salmão vermelho de Lorde Mooton ainda flutuava sobre o castelo em sua colina, mas as muralhas da vila encontravam-se desertas, os portões, derrubados, metade das casas e lojas, incendiada ou saqueada. Não viram nenhum ser vivo exceto um punhado de cães selvagens, que escapuliram ao ouvir sua aproximação. A lagoa que deu à vila seu nome, onde a lenda dizia que Florian, o Bobo, pela primeira vez vislumbrara Jonquil banhando-se com as irmãs, estava de tal maneira repleta de cadáveres em decomposição que a água se tranformara numa sopa escura, de cor cinza-esverdeada.

Jaime deu uma olhada e começou a cantar.

– *Cinco donzelas havia numa lagoa de nascente...*

– O que está *fazendo*? – quis saber Brienne.

– Estou cantando "Seis donzelas na lagoa", certamente já ouviu a canção. E que donzelinhas tímidas elas eram. Muito parecidas com você. Embora um tanto mais belas, aposto.

– Silêncio – disse a moça, com um olhar que sugeria que adoraria deixá-lo flutuando na lagoa entre os cadáveres.

– Por favor, Jaime – suplicou o primo Cleos. – Lorde Mooton está juramentado a Correrrio, não queremos atrai-lo para fora de seu castelo. E pode haver outros inimigos escondidos nas ruínas...

– Inimigos dela ou nossos? Não são os mesmos, primo. Tenho um forte desejo de ver se a garota sabe usar aquela espada que transporta.

– Se não ficar em silêncio, não me deixa escolha a não ser amordaçá-lo, Regicida.

– Desacorrente minhas mãos, e eu brincarei de mudo até chegarmos a Porto Real. O que poderia ser mais justo do que isso, garota?

– *Brienne!* Meu nome é *Brienne!* – três corvos levantaram voo, assustados pelo ruído.

– Não quer tomar um banho, Brienne? – soltou uma gargalhada. – É uma donzela, e ali está a lagoa. Eu lavo suas costas. – Costumava esfregar as costas de Cersei, quando éramos crianças no Rochedo

Casterly.

A garota virou a cabeça do cavalo e afastou-se a trote. Jaime e Sor Cleos seguiram-na para fora das cinzas de Lagoa da Donzela. Um quilômetro e meio adiante, o verde começou a voltar ao mundo. Jaime sentiu-se satisfeito. As terras queimadas faziam-lhe lembrar Aerys em excesso.

– Ela está seguindo a estrada de Valdocaso – murmurou Sor Cleos. – Seria mais seguro seguir pela costa.

– Mais seguro, mas mais lento. Eu sou favorável a Valdocaso, primo. Para falar a verdade, sua companhia aborrece-me. – *Pode ser meio Lannister, mas não tem nada a ver com a minha irmã.*

Nunca tinha conseguido suportar estar muito tempo separado de sua gêmea. Até quando crianças, costumavam enfiar-se nas camas um do outro e dormir de braços entrelaçados. *Até no ventre*. Muito antes de a irmã florescer ou do advento de sua própria masculinidade, tinham visto éguas e garanhões nos campos e cães e cadelas nos canis e brincado de fazer o mesmo. Uma vez, a aia da mãe pegou-os no ato... não se lembrava bem do que estavam fazendo, mas, fosse o que fosse, havia horrorizado a Senhora Joanna. Ela mandou a aia embora, mudou o quarto de Jaime para o outro lado de Rochedo Casterly, colocou um guarda à porta do de Cersei e disse-lhes que não podiam voltar a fazer aquilo *nunca mais*, caso contrário não teria alternativa e seria obrigada a contar ao senhor pai deles. Mas não precisariam ter medo. Aquilo fora um pouco antes de ela morrer ao dar à luz Tyrion. Jaime quase nem se lembrava do rosto da mãe.

Stannis Baratheon e os Stark talvez lhe tivessem feito um favor. Tinham espalhado a sua história de incesto por todos os Sete Reinos, portanto nada mais havia a esconder. *Por que não devo me casar abertamente com Cersei e dividir a cama com ela todas as noites? Os dragões sempre se casavam com as irmãs.* Septões, senhores e povo tinham fechado os olhos aos Targaryen durante centenas de anos, que fizessem o mesmo com a Casa Lannister. Certamente devastaria a pretensão de Joffrey ao trono, mas no fim das contas tinham sido as espadas que conquistaram o Trono de Ferro para Robert, e espadas também podiam manter Joffrey lá, independente de que semente havia lhe dado origem. *Poderíamos casá-lo com Myrcella, depois de enviarmos Sansa Stark de volta à mãe. Isso mostraria ao reino que os Lannister estão acima das leis deles, tal como os deuses e os Targaryen.*

Jaime tinha decidido que *iria* devolver Sansa e a garota mais nova também, se fosse possível encontrá-la. Não era coisa que lhe reconquistasse a honra perdida, mas a ideia de cumprir com a palavra dada quando todos esperavam uma traição divertia-o mais do que seria capaz de exprimir.

Passavam por um campo de trigo espezinhado e um muro baixo

de pedra quando Jaime ouviu um suave *frum* vindo de trás, como se uma dúzia de aves tivessem levantado voo ao mesmo tempo.

– Para baixo! – gritou, atirando-se sobre o pescoço do cavalo. O castrado relinchou e empinou-se quando uma flecha o atingiu na garupa. Outras flechas passaram assobiando por eles. Jaime viu Sor Cleos cair da sela, torcendo-se quando seu pé ficou preso no estribo. Seu palafrém fugiu, e o Frey passou por eles arrastado, aos gritos, com a cabeça batendo contra o chão.

O castrado de Jaime arrastou-se pesadamente, bufando e resfolegando de dor. Esticou a cabeça para procurar Brienne. Ainda estava montada, com uma flecha alojada nas costas e outra na perna, mas parecia não senti-las. Viu-a puxar a espada e descrever um círculo, em busca dos arqueiros.

– *Atrás do muro* – gritou Jaime, lutando para virar a sua montaria meio cega de volta à luta. As rédeas emaranhavam-se em suas malditas correntes, e o ar estava de novo repleto de flechas. – *Avançar!* – gritou, esporeando para mostrar à mulher como se fazia. Em algum canto, o velho e coitado cavalo encontrou um sopro de velocidade. De repente, dispararam pelo campo de trigo, fazendo voar nuvens de palha. Jaime só teve tempo suficiente para pensar: *É melhor que a garota me siga antes que eles percebam que quem avança sobre eles é um homem desarmado e acorrentado.* Então ouviu-a vindo de trás em grande velocidade.

– *Entardecer!* – gritou ela, quando seu cavalo de tração passou por Jaime trovejando. Brandia a espada. – Tarth! Tarth!

Algumas últimas flechas passaram inofensivamente por eles; então os arqueiros se separaram e fugiram, como os arqueiros sem reforço sempre faziam diante do ataque de cavaleiros. Brienne refreou o cavalo junto ao muro. Quando Jaime chegou ao seu lado, todos os arqueiros tinham desaparecido na floresta, vinte metros adiante.

– Perdeu o gosto pela batalha?

– Eles estavam fugindo.

– Essa é a melhor hora para matá-los.

Ela embainhou a espada.

– Por que você atacou?

– Os arqueiros são destemidos desde que possam se esconder atrás de muros e disparar de longe, mas, se são atacados, fogem. Sabem o que lhes acontece quando são apanhados. Você tem uma flecha nas costas, sabia? E outra na perna. Devia me deixar tratar delas.

– Você?

– Se não for eu, quem será? Da última vez que vi primo Cleos, o palafrém estava usando a cabeça dele para arar um sulco. Apesar disso, suponho que deveríamos ir à sua procura. Ele *é* uma espécie de Lannister.

Encontraram Cleos ainda preso ao estribo. Tinha uma flecha espetada no braço direito e uma segunda no peito, mas fora o chão que dera cabo dele. O topo da cabeça estava empastado de sangue e mole ao toque, e pedaços de osso partido moviam-se por baixo da pele, sob a pressão da mão de Jaime.

Brienne ajoelhou-se e pegou na mão dele.

– Ainda está quente.

– Esfriará em breve. Quero o cavalo e as roupas dele. Estou farto de farrapos e moscas.

– Ele era seu primo. – A moça estava chocada.

– *Era* – concordou Jaime. – Não se preocupe, possuo ampla provisão de primos. Também quero a espada dele. Precisará de alguém com quem dividir as vigias.

– Pode ficar de vigia sem armas. – A garota levantou.

– Acorrentado a uma árvore? Talvez possa. Ou talvez possa negociar à minha maneira com o próximo bando de fora da lei e os deixe cortar esse seu grosso pescoço, garota.

– Não vou armá-lo. E meu nome é...

– Brienne, já sei. Eu prestaria o juramento de não lhe fazer mal, se isso atenuasse os seus medos de menina.

– Seus juramentos não têm qualquer valor. Prestou um juramento a Aerys.

– Que eu saiba, você não cozinhou ninguém dentro de sua armadura. E ambos queremos que eu chegue a Porto Real em segurança e inteiro, não queremos? – Acocorou-se ao lado de Cleos e começou a desafivelar o cinto dele.

– Afaste-se. Já. Pare com isso.

Jaime estava cansado. Cansado das suspeitas dela, cansado de seus insultos, cansado de seus dentes tortos, de seu rosto largo e manchado e daqueles seus cabelos finos e sem vida. Ignorando os protestos da garota, pegou com ambas as mãos no cabo da espada do primo, prendeu o cadáver ao chão com o pé e puxou. No momento em que a lâmina deslizou para fora da bainha, já estava rodopiando, trazendo a espada à sua volta e para cima num rápido e mortífero arco. Aço encontrou aço com um ressonante *clang* de fazer tremer os ossos. Sem que ele soubesse como, Brienne puxou a própria lâmina bem a tempo. Jaime riu.

– Muito bem, garota.

– Dê-me a espada, Regicida.

– Ah, darei. – Pôs-se em pé como uma mola, e arremeteu contra ela, com a espada viva nas mãos. Brienne saltou para trás, parando o ataque, mas ele seguiu-a, mantendo a pressão. Assim que a garota parava um golpe, o seguinte caía sobre ela. As espadas beijavam-se, saltavam para longe e voltavam a se beijar. O sangue de Jaime

cantava. Era àquilo que estava destinado; nunca se sentia tão vivo como quando estava lutando, com a morte equilibrada em cada golpe. *E com os pulsos acorrentados, a moça pode até me desafiar durante algum tempo*. As correntes forçavam-no a usar uma empunhadura a duas mãos, embora fosse claro que o peso e o alcance eram menores do que seriam se a lâmina fosse uma verdadeira espada longa de duas mãos, mas que importava? A espada do primo era suficientemente longa para pôr um ponto final naquela Brienne de Tarth.

Pelo alto, por baixo, com o braço lançado acima do ombro, fez chover aço sobre ela. Pela esquerda, pela direita, para trás, brandindo a espada com tanta força que chispas voavam quando as lâminas se encontravam, para cima, estocada lateral, lançada sobre o ombro, sempre atacando, caindo contra ela, passo e esquiva, ataque e passo, passo e ataque, golpeando, cortando, mais depressa, mais depressa, mais depressa...

... até que, sem fôlego, deu um passo para trás e deixou a ponta da espada cair ao chão, dando-lhe um momento de descanso.

– Nada mal – reconheceu. – Para uma garota.

Ela inspirou lenta e profundamente, mantendo os olhos cuidadosos a vigiá-lo.

– Não quero machucá-lo, Regicida.

– Como se fosse capaz. – Rodopiou a lâmina por sobre a cabeça e voltou a cair sobre ela, num chacoalhar de correntes.

Jaime não saberia dizer durante quanto tempo prosseguiu o ataque. Podiam ter sido minutos ou podiam ter sido horas; o tempo dormia quando as espadas acordavam. Empurrou-a para longe do cadáver do primo, empurrou-a para o outro lado da estrada, empurrou-a para o meio das árvores. Brienne tropeçou uma vez numa raiz que não chegou a ver, e por um momento Jaime pensou que ela estivesse acabada, mas a mulher apoiou-se num joelho em vez de cair, e não perdeu o controle. A espada dela ergueu-se de um salto para bloquear um golpe alto que lhe teria aberto o tronco do ombro à virilha, e então golpeou-*o*, uma vez e mais outra, ganhando golpe a golpe o espaço para voltar a se levantar.

A dança prosseguiu. Jaime encurralou-a contra um carvalho, praguejou quando ela se esquivou dele, seguiu-a através de um riacho raso quase coberto de folhas caídas. O aço ressoou, o aço cantou, o aço gritou, raspou e soltou chispas, e a mulher passou a grunhir como uma porca a cada golpe, mas Jaime não encontrou maneira de atingi-la. Era como se, em volta dela, houvesse uma gaiola de ferro que parasse todos os golpes.

– Nada mal mesmo – disse ele quando fez um segundo de pausa para recuperar o fôlego, rodeando-a pela direita.

– Para uma garota?

– Para um escudeiro, digamos. Um verde. – Soltou uma gargalhada irregular e sem fôlego. – Vem, vem, minha querida, a música ainda está tocando. Posso ter a honra desta dança, minha senhora?

Grunhindo, ela atacou-o, com a espada a rodopiar, e de repente era Jaime quem lutava para manter o aço afastado da pele. Um dos golpes de Brienne varreu sua testa, e sangue correu para seu olho direito. *Que os Outros a levem, e também a Corrrerrio!* Sua perícia tinha enferrujado e apodrecido naquela maldita masmorra, e as correntes também não ajudavam em nada. Seu olho fechou-se, os ombros começavam a ficar entorpecidos por causa de toda a trepidação que tinham suportado, e seus pulsos doíam com o peso de correntes, algemas e espada. A espada ficava mais pesada a cada golpe, e Jaime sabia que não a brandia tão depressa como antes, nem a erguia tão alto.

Ela é mais forte do que eu.

Perceber aquilo gelou-o. Robert tinha sido mais forte do que ele, certamente. Touro Branco e Gerold Hightower, em seu apogeu, também, bem como Sor Arthur Dayne. Entre os vivos, Grande-Jon Umber era mais forte, Javali Forte de Crakehall muito provavelmente também, ambos os Clegane com toda a certeza. A força da Montanha não tinha nada de humano. Não importava. Com velocidade e perícia, Jaime era capaz de derrotar todos eles. Mas aquilo era uma *mulher*. Uma mulher que mais parecia uma enorme vaca, com certeza, mesmo assim... por tudo aquilo que era certo, quem devia estar se cansando era ela.

Em vez disso, forçou-o a voltar ao riacho, gritando:

– Renda-se! Jogue fora a espada!

Uma pedra escorregadia virou-se sob o pé de Jaime. Ao sentir-se caindo, transformou o azar numa estocada em mergulho. A ponta da espada ultrapassou a defesa dela e mordeu sua coxa superior. Uma flor vermelha desabrochou, e Jaime teve um instante para saborear a visão do sangue de Brienne antes de seu joelho colidir com uma pedra. A dor cegou-o. Brienne andou até ele, espalhando água, e afastou a espada de suas mãos com um chute.

– *RENDA-SE!*

Jaime atirou o ombro contra as pernas dela, fazendo-a cair por cima de si. Rolaram, esperneando e esmurrando-se, até que por fim ela conseguiu sentar-se montada nele. Jaime conseguiu tirar o punhal da bainha dela, mas antes de ter tempo de mergulhá-lo em sua barriga, ela apanhou seu pulso e bateu-o com tanta força numa pedra que foi como se lhe tivesse arrancado o braço do ombro. Com a outra mão, a garota segurou seu rosto.

– Renda-se! – empurrou sua cabeça para baixo, manteve-a dentro

da água, puxou-a para cima. – *Renda-se!* – Jaime cuspiu água no rosto dela. Um empurrão, um espirrar de água, e estava de novo submerso, esperneando inutilmente, lutando para respirar. De novo para cima. – *Renda-se, senão vou afogá-lo!*

– E quebrará seu juramento? – rosnou ele. – Como eu?

Ela largou-o, e ele mergulhou com um esparramar de água.

E a floresta ressoou com gargalhadas roucas.

Brienne pôs-se em pé com dificuldade. Abaixo da cintura, ela era toda lama e sangue, tinha a roupa em desalinho e o rosto vermelho. *Pelo aspecto dela é como se nos tivessem apanhado fodendo, e não lutando.* Jaime engatinhou pelas pedras até a água rasa, limpando o sangue do olho com as mãos acorrentadas. Homens armados margeavam ambos os lados do riacho. *Pouco admira, estávamos fazendo uma barulheira tão grande que acordaríamos um dragão.*

– Sejam bem-vindos, amigos – gritou-lhes amigavelmente. – Minhas desculpas se os incomodei. Pegaram-me dando um corretivo na esposa.

– A mim pareceu que quem tava dando o *corretivo* era ela. – O homem que falou era forte e poderoso, e barra nasal de seu meio-elmo de ferro não escondia por completo a ausência de seu nariz.

Jaime percebeu subitamente que aqueles não eram os fora da lei que tinham matado Sor Cleos. Estavam cercados pela escumalha da terra: dorneses trigueiros e lisenos louros, dothraki com sinetas nas tranças, ibbeneses cabeludos, ilhéus do verão, negros como carvão, com manto de penas. Conhecia-os. *Os Bravos Companheiros.*

Brienne encontrou a voz.

– Tenho cem veados...

Um homem de aspecto cadavérico, com um manto esfarrapado de couro, disse:

– A gente aceita-os pra começar, senhora.

– E depois aceita a sua boceta – disse o homem sem nariz. – Não pode ser tão feia quanto o resto de você.

– Vire-a e meta no cu dela, Rorge – sugeriu um lanceiro de Dorne com um lenço de seda vermelho enrolado em volta do elmo. – Assim não precisa olhar para ela.

– E roubar dela o prazer de olhar pra *mim*? – disse o sem-nariz, e os outros riram.

Por mais feia e teimosa que fosse, a garota merecia coisa melhor do que um estupro coletivo por uma escória como aquela.

– Quem comanda aqui? – exigiu saber Jaime em voz alta.

– Sou eu quem tem essa honra, Sor Jaime. – Os olhos do cadáver estavam debruados de vermelho, e seus cabelos eram finos e secos. Conseguiam ver-se veias azul-escuras através da pálida pele de suas mãos e de seu rosto. – Sou Urswyck. Chamam-me de Urswyck, o Fiel.

– Sabe quem eu sou?

O mercenário inclinou a cabeça.

– É preciso mais do que uma barba e uma cabeça rapada para enganar os Bravos Companheiros.

Os Saltimbancos Sangrentos, você quer dizer. Jaime não via mais utilidade naqueles do que em Gregor Clegane ou Amory Lorch. *Cães*, chamava o pai a todos, e usava-os como cães, para espantar as presas e plantar o medo em seu coração.

– Se me conhece, Urswyck, sabe que terá a sua recompensa. Um Lannister sempre paga as suas dívidas. Quanto à garota, é bem-nascida, e vale um bom resgate.

O outro inclinou a cabeça para o lado.

– Ah, é? Que sorte.

Havia uma certa astúcia no sorriso de Urswyck que não agradou a Jaime.

– Ouviu o que eu disse. Onde está o bode?

– A algumas horas de distância. Ele ficará satisfeito por vê-lo, não tenho dúvida, mas, se fosse você, não o chamaria de bode em sua presença. *Lorde* Vargo tem ficado suscetível quanto à sua dignidade.

Desde quando aquele selvagem baboso tem dignidade?

– Farei o possível para me lembrar disso quando nos encontrarmos. Senhor do quê, diga-me?

– Harrenhal. Foi-lhe prometido.

Harrenhal? Será que meu pai perdeu o juízo? Jaime ergueu as mãos.

– Quero estas correntes tiradas.

O risinho de Urswyck foi seco como papel.

Algo aqui está muito errado. Jaime não mostrou sinais de sua confusão e limitou-se a sorrir.

– Disse alguma coisa divertida?

O sem-nariz deu um sorriso.

– É a coisa mais engraçada que eu vi desde que o Dentadas arrancou as tetas daquela septã com mordidas.

– Você e seu pai perderam batalhas demais – esclareceu o dornês. – Tivemos de trocar as nossas peles de leão por peles de lobo.

Urswyck abriu as mãos.

– O que o Timeon quer dizer é que os Bravos Companheiros já não estão a soldo da Casa Lannister. Agora servimos Lorde Bolton, e o Rei no Norte.

Jaime dirigiu-lhe um frio sorriso de desprezo.

– E os homens ainda dizem que *eu* tenho merda no lugar de honra!

Urswyck não ficou satisfeito com aquele comentário. Ao seu sinal, dois dos Saltimbancos agarraram Jaime pelos braços e Rorge enfiou-lhe no estômago um punho revestido de cota de malha. Quando se

dobrou, grunhindo, ouviu a garota protestar:

– Parem, ele não deve ser ferido! Foi a Senhora Catelyn que nos enviou, uma troca de cativos, ele está sob a minha proteção... – Rorge bateu outra vez nele, arrancando-lhe o ar dos pulmões. Brienne mergulhou em busca da espada que estava sob as águas do riacho, mas os Saltimbancos caíram sobre ela antes que conseguisse alcançar a arma. Forte como era, foram precisos quatro para espancá-la até deixá-la submissa.

No fim, o rosto da moça ficou tão inchado e ensanguentado quanto o de Jaime devia estar, e tinham quebrado dois de seus dentes. Isso em nada contribuiu para melhorar sua aparência. Tropeçando e sangrando, os dois prisioneiros foram arrastados pela floresta até os cavalos, com Brienne mancando do ferimento na coxa que Jaime lhe causara no riacho. Ele sentiu pena da garota. Não tinha dúvidas de que Brienne perderia a virgindade naquela noite. Aquele canalha sem nariz iria possuí-la com certeza, e era provável que alguns dos outros também esperassem a sua vez.

O dornês amarrou-os costas com costas em cima do cavalo de tração de Brienne, enquanto os outros Saltimbancos despiam Cleos Frey até a pele e dividiam entre si as suas posses. Rorge ganhou o sobretudo manchado de sangue, com seus orgulhosos quartos Lannister e Frey. As flechas tinham aberto buracos tanto nos leões como nas torres.

– Espero que esteja satisfeita, garota – murmurou Jaime a Brienne. Tossiu e cuspiu um punhado de sangue. – Se tivesse me armado, nunca teríamos sido capturados. – Ela não respondeu. *É uma cadela teimosa que nem uma mula,* pensou. *Mas valente, sim*. Não podia negar isso. – Quando acamparmos para a noite, você será estuprada, e mais de uma vez – preveniu-a. – Seria sensato não resistir. Se resistir, perderá mais do que alguns dentes.

Sentiu as costas de Brienne retesarem contra as suas.

– Seria isso que *você* faria, se fosse uma mulher?

Se eu fosse uma mulher, seria Cersei.

– Se eu fosse uma mulher, iria obrigá-los a me matar. Mas não sou. – Jaime induziu o cavalo deles a trote. – *Urswyck!* Uma palavrinha!

O mercenário cadavérico com o manto de couro esfarrapado puxou as rédeas por um momento, e depois pôs-se a seu lado.

– O que quer de mim, sor? E tenha cuidado com a língua, senão voltarei a dar um corretivo em você.

– Ouro – disse Jaime. – Gosta de ouro?

Urswyck estudou-o através de olhos avermelhados.

– Tem os seus usos, confesso.

Jaime dirigiu a Urswyck um sorriso astuto.

– Todo o ouro em Rochedo Casterly. Por que deixar que seja o bode quem se beneficiará dele? Por que não nos leva a Porto Real e recolhe você mesmo o meu resgate? O dela também, se quiser. Uma donzela disse-me que chamam Tarth de Ilha Safira. – A mulher contorceu-se ao ouvir aquilo, mas nada disse.

– Toma-me por um vira-casaca?

– É claro. Que outra coisa seria?

Urswyck pesou a proposta durante meio segundo.

– Porto Real fica muito longe, e seu pai está lá. Lorde Tywin pode nutrir ressentimentos por nós, por termos vendido Harrenhal ao Lorde Bolton.

Ele é mais esperto do que parece. Jaime tinha acalentado a esperança de enforcar o desgraçado assim que seus bolsos estivessem repletos de ouro.

– Deixe o meu pai comigo. Arranjo um perdão régio por quaisquer crimes que tenha cometido. Arranjo um grau de cavaleiro para você.

– Sor Urswyck – disse o homem, saboreando o som. – Como a minha querida esposa ficaria orgulhosa de ouvir isso. Se ao menos eu não a tivesse matado. – Suspirou. – Então, e o bravo Lorde Vargo?

– Deverei cantar um verso de "As chuvas de Castamere" para você? O bode não será assim tão bravo quando meu pai puser as mãos nele.

– E como ele fará tal coisa? Serão os braços de seu pai tão compridos que conseguem passar por cima das muralhas de Harrenhal e arrancar-nos de lá?

– Se for necessário. – A monstruosa loucura do Rei Harren já tinha caído antes, e poderia voltar a cair. – É tão estúpido que acredita que o bode pode vencer o leão?

Urswyck debruçou-se e deu-lhe um tabefe indolente no rosto. A pura *insolência* casual do gesto foi pior do que o golpe em si. *Ele não tem medo de mim*, compreendeu Jaime, com um arrepio.

– Já ouvi o bastante, Regicida. Teria de ser realmente um grande idiota para acreditar nas promessas de um perjuro como você. – Esporeou o cavalo e galopou vivamente em frente.

Aerys, pensou Jaime com ressentimento. *Acaba sempre chegando em Aerys*. Balançava com os movimentos do cavalo, desejando uma espada. *Duas espadas seria ainda melhor. Uma para a garota e uma para mim. Morreríamos, mas levaríamos metade deles para o inferno conosco.*

– Por que lhe disse que Tarth era a Ilha Safira? – murmurou Brienne quando Urswyck não podia mais ouvi-la. – É provável que pense que meu pai é rico em pedras preciosas...

– É melhor que reze para que ele pense assim.

– Todas as palavras que você diz são mentiras, Regicida? Tarth é

chamada de Ilha Safira devido ao azul de suas águas.

– Grite um pouco mais alto, garota, acho que Urswyck não ouviu. Quanto mais depressa souberem o pouco que vale de resgate, mais depressa o estupro começa. Todos os homens que aqui estão irão montar em você, mas que importa? Basta fechar os olhos, abrir as pernas e fingir que todos eles são Lorde Renly.

Misericordiosamente, aquilo fechou a boca dela durante algum tempo.

O dia tinha quase chegado ao fim quando encontraram Vargo Hoat, que saqueava um pequeno septo com mais uma dúzia de seus Bravos Companheiros. As janelas de vitral tinham sido quebradas e os deuses de madeira esculpida arrastados para a luz do sol. O mais gordo dothraki que Jaime vira na vida estava sentado sobre o peito da Mãe quando se aproximaram, arrancando seus olhos de calcedônia com a ponta da faca. Ali perto, um septão magricela e perdendo o cabelo pendia, de pernas para o ar, de um galho de um grande castanheiro. Três dos Bravos Companheiros estavam usando seu cadáver como alvo de tiro com arco. Um deles devia ser bom; o morto tinha flechas espetadas em ambos os olhos.

Quando os mercenários viram Urswyck e os prisioneiros, soou um grito em meia dúzia de línguas. O bode estava sentado junto a uma fogueira, comendo uma ave meio assada que tinha num espeto, com gordura e sangue escorrendo por seus dedos e sua longa barba filamentosa. Limpou as mãos na túnica e levantou-se.

– Regifida – babou. – Vofê é meu catifo.

– Senhor, sou Brienne de Tarth – gritou a garota. – A Senhora Catelyn Stark ordenou-me que entregasse Sor Jaime ao irmão dele em Porto Real.

O bode lançou-lhe um olhar desinteressado.

– Filenfiem-na.

– Escute-me – rogou Brienne enquanto Rorge cortava as cordas que a ligavam a Jaime –, em nome do Rei no Norte, o rei que você serve, por favor, escute...

Rorge arrastou-a de cima do cavalo e começou a chutá-la.

– Veja se não quebra nenhum osso – gritou-lhe Urswyck. – A cadela com cara de cavalo vale o próprio peso em safiras.

O dornês Timeon e um ibbenês malcheiroso puxaram Jaime de cima da sela e empurraram-no rudemente na direção da fogueira. Não lhe teria sido difícil agarrar num dos punhos de suas espadas enquanto o maltratavam, mas os mercenários eram muitos e Jaime continuava acorrentado. Poderia abater um ou dois, mas no fim morreria por isso. Jaime ainda não estava pronto para morrer, especialmente por alguém como Brienne de Tarth.

– Efte é um dia effelente – disse Vargo Hoat. Em seu pescoço

havia uma corrente de moedas interligadas, moedas de todas as formas e tamanhos, cunhadas e esculpidas, ostentando retratos de reis, feiticeiros, deuses e demônios, e de todos os tipos de animais fantasiosos.

Moedas de todas as terras onde lutou, recordou Jaime. A cobiça era a chave para aquele homem. *Se ele mudou de lado uma vez, pode mudar de novo.*

– Lorde Vargo, foi uma tolice ter abandonado o serviço do meu pai, mas não é tarde demais para corrigi-la. Ele pagará bem por mim, sabe disso.

– Ah, fim – disse Vargo Hoat. – Metade do ouro em Rofedo Cafterly ferá meu. Maf primeiro tenho de lhe enviar uma menfagem. – Disse qualquer coisa em sua língua escorregadia de bode.

Urswyck empurrou Jaime para trás, e um bobo vestido de losangos verdes e rosa chutou suas pernas, fazendo-o cair. Quando atingiu o chão, um dos arqueiros agarrou a corrente entre os pulsos de Jaime e usou-a para puxar seus braços para a frente. O dothraki gordo pôs a faca de lado para desembainhar um enorme *arakh*, a diabolicamente afiada espada-gadanha que os senhores dos cavalos adoravam.

Querem me assustar. O bobo subiu nas costas de Jaime, aos risinhos, enquanto o dothraki gingava em sua direção. *O bode quer que eu me mije nas calças e suplique por misericórdia, mas nunca terá esse prazer*. Ele era um Lannister de Rochedo Casterly, Senhor Comandante da Guarda Real; nenhum mercenário o faria gritar.

A luz do sol correu, prateada, pelo gume do *arakh* quando ele desceu tremendo, quase depressa demais para ser visto. E Jaime gritou.

Arya

A pequena fortaleza quadrada estava meio arruinada, e o mesmo acontecia ao grande cavaleiro grisalho que lá vivia. Era tão velho que não compreendia as perguntas que lhe faziam. Não importava o que lhe dissessem, limitava-se a sorrir e a murmurar:

– Eu defendi a ponte contra Sor Maynard. Ele tinha cabelos vermelhos e um humor negro, mas não conseguiu me afastar. Fui ferido seis vezes antes de matá-lo. Seis!

O meistre que cuidava dele era um jovem, felizmente. Depois de o velho cavaleiro ter adormecido em sua cadeira, ele chamou-os para um canto e disse:

– Temo que procure um fantasma. Chegou-nos uma ave, há séculos, pelo menos meio ano. Os Lannister capturaram Lorde Beric perto do Olho de Deus. Foi enforcado.

– Sim, enforcado foi, mas Thoros cortou sua corda antes de morrer. – O nariz quebrado de Limo já não estava tão vermelho e inchado como algum tempo antes, mas estava sarando torto, dando ao seu rosto um aspecto assimétrico. – Sua senhoria é um homem difícil de matar, ah, se é.

– E um homem difícil de achar, ao que parece – disse o meistre. – Já perguntou à Senhora das Folhas?

– Perguntaremos – disse o Barba-Verde.

Na manhã seguinte, ao atravessarem a pequena ponte de pedra que havia por trás da fortaleza, Gendry perguntou se aquela seria a ponte pela qual o velho tinha lutado. Ninguém sabia.

– É o mais provável – disse Jack Sortudo. – Não vejo nenhuma outra ponte.

– Se houvesse uma canção, saberíamos com certeza – disse Tom Sete-Cordas. – Com uma boa canção saberíamos quem era Sor Maynard e por que ele queria tanto atravessar esta ponte. O pobre velho Lychester podia ser tão afamado quanto o Cavaleiro do Dragão, se ao menos tivesse tido o bom senso de manter um cantor.

– Os filhos de Lorde Lychester morreram na rebelião de Robert – resmungou Limo. – Alguns de um lado, outros do outro. Desde então, não anda bom da cabeça. Nenhum diabo de canção ia mudar isso.

– O que o meistre quis dizer quanto a perguntar à Senhora das Folhas? – perguntou Arya a Anguy enquanto avançavam.

O arqueiro sorriu.

– Espere e verá.

Três dias mais tarde, ao atravessarem um bosque amarelo, Jack Sortudo desprendeu o berrante e soprou um aviso, diferente daqueles que fizera soar antes. Os sons mal haviam se extinguido quando

escadas de corda caíram, desenrolando-se, dos galhos das árvores.

– Amarrem os cavalos e lá vamos nós – disse Tom, semientoando as palavras. Subiram até uma aldeia escondida nos ramos mais elevados, um labirinto de passadiços de corda e pequenas casas cobertas de musgo, escondidas atrás de paredes vermelhas e douradas, e foram levados à Senhora das Folhas, uma mulher magra como um espeto, de cabelos brancos, vestida de tecido grosseiro.

– Não podemos ficar aqui muito mais tempo, pois o outono está chegando – disse-lhes ela. – Há nove dias, uma dúzia de lobos andou caçando pela estrada de Vaufeno. Se tivessem por acaso olhado para cima, poderiam ter nos visto.

– Não viu Lorde Beric? – perguntou Tom Sete-Cordas.

– Está morto. – A mulher parecia desgostosa. – A Montanha pegou-o, e enfiou um punhal num olho dele. Foi um irmão mendicante que nos contou. Ele ouviu isso dos lábios de um homem que viu tudo.

– Essa história é velha, rançosa e falsa – disse Limo. – O senhor do relâmpago não é assim tão fácil de matar. Sor Gregor pode ter tirado um de seus olhos, mas um homem não morre disso. Jack poderia contar.

– Bem, eu não morri – disse o zarolho Jack Sortudo. – Meu pai arranjou uma maneira de ser bem enforcadinho pelo meirinho de Lorde Piper, meu irmão Wat foi mandado pra Muralha, e os Lannister mataram meus outros irmãos. Um olho não é nada.

– Jura que ele não está morto? – a mulher agarrou o braço de Limo. – Abençoado seja, Limo, essa é a melhor novidade que ouvi em meio ano. Que o Guerreiro o proteja, e o sacerdote vermelho também.

Na noite seguinte encontraram abrigo dentro do esqueleto carbonizado de um septo, numa aldeia queimada chamada Brotadança. Só restavam estilhaços de suas janelas de vitral, e o idoso septão que os acolheu disse que os saqueadores tinham até levado as caras vestes da Mãe, a lanterna dourada da Velha e a coroa de prata que o Pai usava.

– Também cortaram os seios da Donzela, embora fossem só de madeira – disse-lhes. – E os olhos, os olhos eram de jade, lápis-lazúli e madrepérola, arrancaram-nos com as facas. Que a Mãe tenha piedade de todos eles.

– Isso foi obra de quem? – perguntou Limo Manto Limão. – Saltimbancos?

– Não – respondeu o velho. – Eram nortenhos. Selvagens que adoram árvores. Disseram que procuravam o Regicida.

Arya ouviu-o e mordeu o lábio. Sentiu Gendry observá-la. Isso a deixou zangada e envergonhada.

Havia uma dúzia de homens vivendo nas galerias por baixo do septo, por entre teias de aranha, raízes e barris de vinho quebrados,

mas também não tinham notícia de Beric Dondarrion. Nem mesmo o chefe, que usava uma armadura enegrecida pela fuligem e um tosco relâmpago no manto. Quando Barba-Verde viu Arya a fitá-lo, riu e disse:

– O senhor do relâmpago está em todo lado e em lado algum, esquilo magricela.

– Não sou um esquilo – disse ela. – Vou ser quase uma mulher em breve. Vou fazer onze anos.

– Então é melhor ter cuidado para que eu não me case com você! – tentou fazer cócegas nela sob o queixo, mas Arya afastou sua estúpida mão com uma pancada.

Naquela noite, Limo e Gendry jogaram dominó com seus anfitriões, enquanto Tom Sete-Cordas cantava uma canção boba sobre Ben Barrigudo e o ganso do Alto Septão. Anguy deixou Arya experimentar o arco, mas por mais que ela mordesse o lábio, não conseguia puxá-lo.

– Precisa de um arco mais leve, senhora – disse o arqueiro sardento. – Se houver madeira seca em Correrrio, talvez faça um para você.

Tom ouviu-o e interrompeu a canção.

– É um imbecil, Arqueiro. Se formos a Correrrio, será só para recolher o resgate dela, não vai haver tempo para andar por lá fazendo arcos. Fique contente se sair com o couro inteiro. Lorde Hoster já enforcava homens fora da lei quando você ainda nem se barbeava. E aquele filho dele... eu sempre digo que um homem que odeia música não é de confiança.

– Não é música que ele odeia – disse Limo. – É você, palerma.

– Bem, não tem motivo para isso. A garota estava disposta a fazer dele um homem, será culpa minha que tenha bebido demais para tratar do assunto?

Limo fungou através de seu nariz quebrado.

– Foi você quem fez uma canção sobre isso, ou terá sido outro burro qualquer apaixonado pela própria voz?

– Só a cantei daquela vez – protestou Tom. – E quem disse que a canção era sobre ele? Era sobre um peixe.

– Um peixe murcho – disse Anguy, rindo.

Arya não queria saber sobre o que eram as estúpidas canções de Tom. Virou-se para Harwin.

– O que ele quis dizer com aquilo do resgate?

– Temos uma grande falta de cavalos, senhora. E também de armaduras. Espadas, escudos, lanças. Tudo aquilo que as moedas podem comprar. Sim, e sementes para plantar. O inverno está chegando, lembra? – tocou-lhe sob o queixo. – Não será a primeira cativa de elevado nascimento que resgatamos. Nem a última, espero

eu.

Arya sabia que aquilo era verdade. Os cavaleiros andavam sempre sendo capturados e resgatados, e às vezes as mulheres também. *Mas e se Robb não quiser pagar o preço deles?* Ela não era nenhum cavaleiro famoso, e era de esperar que os reis colocassem o reino à frente das irmãs. E a senhora sua mãe, o que diria? Ainda a quereria de volta, depois de todas as coisas que havia feito? Arya mordeu o lábio e desejou saber.

No dia seguinte chegaram a um local chamado Coração Alto, um monte tão elevado que de seu cume parecia a Arya que era possível ver metade do mundo. Em volta desse cume havia um anel de enormes tocos brancos, tudo que restava de um círculo de majestosos represeiros. Arya e Gendry caminharam em volta do monte para contá-los. Havia trinta e um, e alguns eram tão largos que poderiam tê-los usado como cama.

O Coração Alto fora sagrado para os filhos da floresta, contou-lhe Tom Sete-Cordas, e parte de sua magia permanecia no local.

– Nenhum mal pode acontecer àqueles que aqui dormem – disse o cantor.

Arya pensou que devia ser verdade; o monte era tão alto e as terras que o cercavam eram tão planas que nenhum inimigo poderia se aproximar sem ser visto.

Tom disse-lhe que o povo das redondezas evitava o lugar; dizia-se que estava assombrado pelos fantasmas dos filhos da floresta que tinham morrido ali quando o rei ândalo chamado Errog, o Fratricida, derrubou o seu bosque. Arya sabia algo sobre os filhos da floresta e também sobre os ândalos, mas fantasmas não a assustavam. Quando era pequena, costumava esconder-se nas criptas de Winterfell e brincava de entra-no-meu-castelo e de monstros entre os reis de pedra sentados em seus tronos.

Mesmo assim, seus cabelos da nuca se arrepiaram naquela noite. Estava dormindo, mas a tempestade acordou-a. O vento arrancou a manta de cima dela e soprou-a, rodopiando, para os arbustos. Quando foi atrás dela, ouviu vozes.

Junto às brasas da fogueira, viu Tom, Limo e Barba-Verde conversando com uma mulherzinha minúscula, uns trinta centímetros mais baixa do que Arya e mais velha do que a Velha Ama, toda corcunda e enrugada, apoiada em uma bengala nodosa e negra. Seus cabelos brancos quase chegavam ao chão de tão longos e esvoaçavam em volta de sua cabeça como uma nuvem quando o vento soprava. A pele era ainda mais branca, da cor do leite, e pareceu a Arya que seus olhos eram vermelhos, embora fosse difícil ter certeza do meio dos arbustos.

– Os velhos deuses movimentam-se e não querem me deixar

dormir – ouviu a mulher dizer. – Sonhei ver uma sombra com um coração em chamas matando um veado dourado, sim. Sonhei com um homem sem rosto, à espera numa ponte que oscilava e balançava. Em seu ombro estava empoleirado um corvo afogado, com algas penduradas nas asas. Sonhei com um rio rugindo e uma mulher que era um peixe. Estava à deriva, morta, com lágrimas vermelhas nas faces, mas quando seus olhos se abriram, *oh*, acordei aterrorizada. Tudo isso sonhei, e mais ainda. Têm presentes para mim, para me pagar pelos sonhos?

– Sonhos – resmungou Limo Manto Limão –, de que servem os sonhos? Mulheres-peixe e corvos afogados. Eu também tive um sonho na noite passada. Estava beijando uma moça de taberna que conheci. Vai me pagar por isso, velha?

– A moça está morta – sibilou a mulher. – Só os vermes podem beijá-la agora. – E depois disse a Tom Sete-Cordas: – Quero a minha canção, caso contrário quero vocês fora daqui.

E assim o cantor tocou para ela, uma canção muito suave e triste, mas Arya só ouviu fragmentos das palavras, embora a melodia lhe fosse vagamente familiar. *Sansa iria reconhecê-la, aposto*. A irmã conhecia todas as canções, e até sabia tocar um pouco, e cantava com toda a doçura. *Tudo que eu consegui alguma vez fazer foi gritar as palavras.*

Na manhã seguinte, não se via a pequena mulher branca em lugar algum. Enquanto selavam os cavalos, Arya perguntou a Tom Sete-Cordas se os filhos da floresta ainda habitavam o Coração Alto. O cantor soltou um risinho.

– Você a viu, foi?

– Era um fantasma?

– Os fantasmas reclamam de como as suas articulações rangem? Não, ela é só uma velha anã. Mas é estranha, e tem olhos diabólicos. E sabe coisas que não devia saber, e às vezes nos diz se gosta de nosso aspecto.

– Ela gostou do *seu* aspecto? – perguntou Arya de modo duvidoso.

O cantor riu.

– Pelo menos gostou do meu som. Mas obriga-me a cantar sempre a mesma maldita canção. Não é ruim, veja bem, mas conheço outras que são igualmente boas. – Balançou a cabeça. – O que importa é que agora temos o cheiro. Aposto que em breve irá ver Thoros e o senhor do relâmpago.

– Se são homens deles, por que se escondem de vocês?

Tom Sete-Cordas rolou os olhos ao ouvir aquilo, mas Harwin deu-lhe uma resposta.

– Eu não chamaria isso de esconder, senhora, mas é verdade, Lorde Beric desloca-se muito e raramente revela seus planos. Assim,

ninguém pode traí-lo. A essa altura, nós, os homens que lhe prestamos juramento, devemos ser centenas, talvez milhares, mas não seria bom se andássemos todos atrás dele. Deixaríamos os campos nus para nos alimentarmos, ou seríamos massacrados numa batalha por alguma tropa maior. Da maneira como estamos espalhados em pequenos bandos, podemos atacar uma dúzia de locais ao mesmo tempo, e partir para qualquer outro antes que eles saibam o que aconteceu. E quando um de nós é pego e levado a interrogatório, bem, não lhes pode dizer onde encontrar Lorde Beric, façam eles o que fizerem. – Hesitou. – Sabe o que significa ser levado a interrogatório?

Arya assentiu com a cabeça.

– Chamavam isso de fazer cócegas. O Polliver, o Raff e os outros. – Contou-lhes tudo sobre a aldeia nas margens do Olho de Deus onde ela e Gendry tinham sido capturados e sobre as perguntas que Cócegas fazia. "Há ouro escondido na aldeia?", era sempre como começava. "Prata, pedras preciosas? Há comida? Onde está Lorde Beric? Quais dos habitantes da aldeia o ajudaram? Para onde foi? Quantos homens estavam com ele? Quantos cavaleiros? Quantos arqueiros? Quantos estavam montados? Como estavam armados? Quantos feridos? Para onde disse que foram?" Só de pensar naquilo conseguia ouvir de novo os gritos, e sentir o fedor de sangue, merda e carne queimada. – Ele fazia sempre as mesmas perguntas – disse solenemente aos fora da lei –, mas todos os dias mudava a forma de fazer cócegas.

– Nenhuma criança devia ser obrigada a aguentar isso – disse Harwin quando ela terminou. – Ouvimos dizer que a Montanha perdeu metade de seus homens no Moinho de Pedra. Pode ser que esse Cócegas agora esteja flutuando Ramo Vermelho abaixo, com peixes mordiscando sua cara. Se não, bem, é mais um crime pelo qual hão de responder. Ouvi sua senhoria dizer que esta guerra começou quando a Mão lhe ordenou que levasse a justiça do rei a Gregor Clegane, e é assim que pretende que termine. – Deu-lhe uma palmadinha de encorajamento no ombro. – É melhor que monte, senhora. É um longo dia de viagem até o Solar de Bolotas, mas quando terminarmos teremos um teto sobre nossa cabeça e sopa quente na barriga.

E *foi* um longo dia de viagem, mas ao anoitecer vadearam um riacho e chegaram ao Solar de Bolotas, com suas muralhas exteriores de pedra e a grande fortaleza de carvalho. Seu senhor andava longe, lutando na companhia do senhor *dele*, Lorde Vance, e deixara os portões do castelo fechados e trancados em sua ausência. Mas a senhora sua esposa era uma velha amiga de Tom Sete-Cordas, e Anguy dizia que um dia tinham sido amantes. Anguy viajava com frequência ao lado de Arya; de todos, era quem mais se aproximava de sua idade, salvo Gendry, e contava-lhe histórias engraçadas sobre a Marca de Dorne. Mas nunca a enganou. *Ele não é meu amigo. Só fica por perto*

para me vigiar e certificar-se de que não voltarei a fugir. Bem, Arya também sabia vigiar. Syrio Forel ensinara-lhe a fazer isso.

A Senhora Smallwood deu as boas-vindas aos fora da lei com bastante gentileza, embora lhes tenha dado um sermão por arrastarem uma garotinha pela guerra. Ficou mais irada ainda quando Limo deixou escapar que Arya era bem-nascida.

– Quem vestiu a pobre criança com esses farrapos dos Bolton? – exigiu saber. – Esse símbolo... há muitos homens que a enforcariam em meio segundo por usar um homem esfolado no peito. – Arya foi prontamente levada para cima, forçada a entrar numa banheira, e mergulhada em água escaldante. As aias da Senhora Smallwood esfregaram-na com tanta força que Arya se sentiu como se *elas* a estivessem esfolando. Até derramaram uma coisa qualquer com um fedor adocicado de flores.

E depois, insistiram para que se vestisse com coisas de menina, meias marrons de lã, uma combinação leve de linho e, por cima disso, um vestido verde-claro com bolotas bordadas em fio castanho por todo o corpete, e mais bolotas ao longo da bainha da saia.

– Minha tia-avó é septã num convento em Vilavelha – disse a Senhora Smallwood enquanto as mulheres atavam o vestido ao longo das costas de Arya. – Mandei minha filha para lá quando a guerra começou. Quando voltar, certamente já estará grande demais para usar essas coisas. Gosta de dançar, filha? A minha Carellen é uma ótima dançarina. Também canta lindamente. O que é que você gosta de fazer?

Arya arrastou os pés nas esteiras.

– Trabalhos de agulha.

– São muito relaxantes, não são?

– Bem – disse Arya –, da maneira como eu os faço, não.

– Não? Sempre os achei relaxantes. Os deuses oferecem a cada uma de nós pequenos dons e talentos, e é sua intenção que os usemos, diz sempre a minha tia. Qualquer ato pode ser uma prece, se for desempenhado tão bem quanto formos capazes. Não é um pensamento adorável? Lembre-se dele da próxima vez que trabalhar com a agulha. Trabalha todos os dias?

– Trabalhava até perder a Agulha. A nova não é tão boa.

– Em tempos como estes, todos temos de nos arranjar o melhor possível. – A Senhora Smallwood ajeitou o corpete do vestido. – Agora já parece uma jovem senhora como deve ser.

Não sou uma senhora, Arya quis lhe dizer, *sou uma loba*.

– Não sei quem você é, filha – disse a mulher –, e talvez ainda bem que não saiba. Alguém importante, temo. – Alisou o colarinho de Arya. – Em tempos como estes, é melhor ser insignificante. Bem que gostaria de poder ficar com você aqui. Mas não seria seguro. Tenho

muralhas, mas homens insuficientes para defendê-las. – Suspirou.

O jantar estava sendo servido no salão quando Arya entrou, toda lavada, penteada e vestida. Gendry deu uma olhada e riu tanto que o vinho saiu por seu nariz, até que Harwin lhe deu uma forte palmada na orelha. A refeição foi simples, mas nutritiva; carneiro e cogumelos, pão escuro, purê de ervilhas e maçãs cozidas com queijo amarelo. Depois da refeição e de os criados terem sido mandados embora, Barba-Verde baixou a voz para perguntar se sua senhoria teria notícias do senhor do relâmpago.

– Notícias? – ela sorriu. – Estiveram aqui não faz nem quinze dias. Eles e mais uma dúzia, pastoreando ovelhas. Quase não acreditei nos meus olhos. Thoros deu-me três em agradecimento. Comemos uma esta noite.

– Thoros pastoreando ovelhas? – Anguy soltou uma gargalhada.

– Admito que foi uma estranha visão, mas Thoros afirmou que, sendo sacerdote, sabia como cuidar de um rebanho.

– Sim, e como tosquiá-lo também – gracejou Limo Manto Limão.

– Alguém podia fazer disso uma canção, e das boas. – Tom fez vibrar uma corda em sua harpa.

A Senhora Smallwood lançou-lhe um olhar fulminante.

– Talvez alguém que não rime *bombom* com *Dondarrion*. Ou que não toque "Oh, deite minha doce menina na relva" para todas as amas de leite do condado, deixando duas delas com grandes barrigas.

– Foi "Deixe-me beber a sua beleza" – disse defensivamente Tom – e as amas de leite sempre ficam felizes por ouvi-la. Tal como uma certa senhora de elevado nascimento de que eu bem me lembro. Toco para agradar.

As narinas dela dilataram-se.

– As terras fluviais estão cheias de donzelas a quem agradou, todas elas bebendo chá de tanásia. Seria de se imaginar que um homem com a sua idade já soubesse como não derramar a semente em suas barrigas. Daqui a pouco, os homens vão chamá-lo de Tom Sete-Filhos.

– Acontece – disse Tom – que já passei de sete há muitos anos. E que belos rapazes são, com vozes belas como a do rouxinol. – Era claro que o assunto não lhe interessava.

– Sua senhoria disse para onde se dirigia, senhora? – perguntou Harwin.

– Lorde Beric nunca divulga seus planos, mas reina a fome perto do Septo de Pedra e do Bosque de Três Dinheiros. Eu iria procurá-lo aí. – Bebeu um gole de vinho. – É melhor que saiba que também tive visitantes menos agradáveis. Uma matilha de lobos veio uivar em volta de meus portões, achando que eu poderia ter aqui o Jaime Lannister.

Tom parou de dedilhar a harpa.

– Então é verdade? O Regicida anda de novo à solta?

A Senhora Smallwood deu-lhe um olhar de escárnio.

– Não me parece que andariam à caça dele se estivesse acorrentado por baixo de Correrrio.

– O que foi que a senhora lhes disse? – perguntou Jack Sortudo.

– Ora, que Sor Jaime estava nu na minha cama, mas que o tinha deixado exausto demais para descer. Um deles teve o desplante de me chamar de mentirosa, portanto pusemo-los para andar com uma meia dúzia de dardos. Acho que seguiram para Volta de Fundonegro.

Arya agitou-se impacientemente no banco.

– Que nortenhos eram esses que vieram à procura do Regicida?

A Senhora Smallwood pareceu surpreendida por ela intervir.

– Não me disseram os nomes, filha, mas vinham vestidos de preto, com um sol branco no peito.

Um sol branco sobre negro era o símbolo de Lorde Karstark, pensou Arya. *Aqueles eram homens de Robb*. Perguntou a si mesma se ainda andariam por perto. Se conseguisse escapulir dos fora da lei e encontrá-los, talvez a levassem à mãe em Correrrio...

– Disseram como foi que o Lannister conseguiu escapar? – perguntou Limo.

– Disseram – disse a Senhora Smallwood. – Não que eu acredite numa palavra sequer. Afirmaram que a Senhora Catelyn o libertou.

Aquilo surpreendeu tanto Tom que ele estourou uma corda.

– Até parece – disse ele. – Isso é uma loucura.

Não é verdade, pensou Arya. *Não pode ser verdade.*

– Pensei o mesmo – disse a Senhora Smallwood.

Foi então que Harwyn se lembrou de Arya.

– Esta conversa não é para os seus ouvidos, senhora.

– Não, eu quero ouvir.

Os fora da lei mostraram-se inflexíveis.

– Vá embora, esquilinho magricela – disse Barba-Verde. – Seja uma boa senhorinha e vá brincar no pátio enquanto nós conversamos.

Arya saiu a passos largos, zangada, e teria batido a porta se não fosse tão pesada. A escuridão havia caído sobre o Solar de Bolotas. Algumas tochas ardiam ao longo das muralhas, mas era tudo. Os portões do pequeno castelo encontravam-se fechados e trancados. Sabia que prometera a Harwin que não tentaria fugir novamente, mas isso tinha sido antes de começarem a contar mentiras sobre sua mãe.

– Arya? – Gendry tinha seguido a menina para fora. – A Senhora Smallwood disse que havia uma forja. Quer ir dar uma olhada?

– Se quiser. – Não tinha mais nada para fazer.

– Esse Thoros – disse Gendry enquanto passavam pelos canis – é o mesmo Thoros que vivia no castelo em Porto Real? Um sacerdote

vermelho, gordo, com a cabeça raspada?

– Acho que sim. – Que se lembrasse, Arya nunca tinha falado com Thoros em Porto Real, mas sabia quem ele era. Ele e Jalabhar Xho tinham sido as personagens mais coloridas na corte de Robert, e Thoros era também um grande amigo do rei.

– Ele não vai se lembrar de mim, mas costumava vir à nossa forja. – A dos Smallwood já não era usada havia algum tempo, embora o ferreiro tivesse pendurado as ferramentas ordenadamente na parede. Gendry acendeu uma vela e apoiou-a na bigorna enquanto pegava um par de tenazes. – Meu mestre o repreendia sempre por causa das espadas em chamas. Não eram modos de tratar bom aço, dizia ele, mas esse Thoros nunca usava bom aço. Limitava-se a mergulhar uma espada barata qualquer em fogovivo e incendiava-a. Era só um truque de alquimista, dizia meu mestre, mas assustava os cavalos e alguns dos cavaleiros mais verdes.

Arya contraiu a testa, tentando recordar se o pai alguma vez falara em Thoros.

– Ele não é muito sacerdotal, não é?

– Não – admitiu Gendry. – Meistre Mott dizia que Thoros até conseguia beber mais do que o Rei Robert. Eram farinha do mesmo saco, disse-me ele, ambos glutões e bêbados.

– Não devia chamar o rei de bêbado. – O Rei Robert talvez costumasse beber muito, mas fora amigo do pai de Arya.

– Estava falando de Thoros. – Gendry estendeu as tenazes como que para agarrar o rosto dela, mas Arya afastou-as com uma pancada. – Ele gostava de banquetes e torneios, por isso é que o Rei Robert era tão amigo dele. E era um homem de coragem. Quando as muralhas de Pyke ruíram, foi o primeiro a atravessar a brecha. Lutou com uma de suas espadas flamejantes, incendiando homens de ferro a cada golpe.

– Gostaria de ter uma espada flamejante. – Arya conseguia se lembrar de montes de gente em que gostaria de atear fogo.

– É só um truque, já lhe disse. O fogovivo estraga o aço. Meu mestre vendia a Thoros uma espada nova depois de cada torneio. E tinham sempre uma discussão sobre o preço. – Gendry voltou a pendurar as tenazes e pegou o martelo pesado. – Mestre Mott dizia que era hora de eu fazer a minha primeira espada longa. Deu-me um belo pedaço de aço, e eu sabia exatamente que forma queria dar à lâmina. Mas o Yoren veio e levou-me para a Patrulha da Noite.

– Ainda pode fazer espadas, se quiser – disse Arya. – Pode fazê-las para o meu irmão Robb, quando chegarmos a Correrrio.

– Correrrio. – Gendry apoiou o martelo e olhou-a. – Você agora parece diferente. Como uma menina de verdade.

– Pareço um carvalho, com todas estas bolotas estúpidas.

– Mas bonito. Um carvalho bonito. – Aproximou-se um passo e

farejou-a. – Até cheira bem, para variar.

– Você, não. Você *fede*. – Arya empurrou-o contra a bigorna e tentou fugir, mas Gendry segurou-a pelo braço. Ela enfiou um pé entre as suas pernas e passou-lhe uma rasteira, mas ele puxou-a ao cair, e rolaram pelo chão da forja. Ele era muito forte, mas ela era mais rápida. Todas as vezes que ele tentava dominá-la, ela libertava-se com uma contorção e dava um murro nele. Gendry limitava-se a rir dos golpes, e isso deixava-a furiosa. Por fim, ele pegou ambos os pulsos dela com uma mão e começou a fazer-lhe cócegas com a outra, e Arya enfiou o joelho entre as pernas dele e libertou-se. Ambos estavam cobertos de sujeira, e o estúpido vestido de bolotas tinha uma manga rasgada.

– Aposto que *agora* já não estou tão bonita – gritou ela.

Tom estava cantando quando voltaram ao salão.

> Meu colchão de penas é grande e suave,
> e é lá que a vou deitar
> Vou vestir-la toda de seda amarela,
> e na testa uma coroa pousar.
> Pois será o meu amor, senhora,
> e eu seu senhor serei.
> Sempre a manterei quente e segura,
> e com espada a defenderei.

Harwin deu um olhar de relance para eles e estourou em gargalhadas, e Anguy deu um de seus estúpidos sorrisos sardentos e disse:

– Temos *certeza* de que esta é uma senhora bem-nascida?

Limo Manto Limão deu um cascudo na cabeça de Gendry.

– Se quer lutar, lute comigo! Ela é uma menina, e tem metade de sua idade! Mantenha essas mãos longe dela, ouviu?

– Fui eu que comecei – disse Arya. – Gendry estava só conversando.

– Deixe o moço, Limo – disse Harwin. – Foi mesmo ela quem começou, não duvido. Era a mesma coisa em Winterfell.

Tom piscou o olho para ela e cantou:

> E como sorriu e como ela riu,
> a donzela do pinheiro.
> Fugiu num rodopio e disse-lhe,
> não quero o seu braseiro.
> Usarei um vestido de folhas douradas,
> a trança com ervas atada,
> Mas você pode ser meu amor da floresta,

e eu a sua namorada.

– Não tenho trajes de folhas – disse a Senhora Smallwood, com um pequeno sorriso simpático –, mas Carellen deixou aqui mais alguns vestidos que podem servir. Venha, filha, vamos lá em cima ver o que encontramos.

Foi ainda pior do que antes; a Senhora Smallwood insistiu que Arya tomasse *outro* banho, e também que cortasse e escovasse os cabelos; o vestido em que a enfiou daquela vez era de uma cor parecida com lilás, e decorado com pequenas perolazinhas. A única coisa boa era ser tão delicado que ninguém podia esperar que Arya montasse a cavalo com ele. Por isso, na manhã seguinte, enquanto quebravam o jejum, a Senhora Smallwood deu-lhe calções, cinto e túnica para vestir, e um gibão marrom de pele de veado com rebites de ferro.

– Eram coisas de meu filho – disse ela. – Morreu com sete anos.

– Lamento, senhora. – Arya subitamente sentiu-se envergonhada e com pena dela. – Também lamento ter rasgado o vestido das bolotas. Era bonito.

– Sim, filha. E você também é. Seja corajosa.

Daenerys

No centro da Praça do Orgulho havia uma fonte de tijolo vermelho cujas águas cheiravam a enxofre, e no meio da fonte erguia-se uma monstruosa harpia feita de bronze martelado. Empinava-se até seis metros de altura. Tinha rosto de mulher, com cabelos dourados, olhos de marfim e dentes pontiagudos também de marfim. A água jorrava amarela de seus seios pesados. Mas, no lugar dos braços, possuía as asas de um morcego ou dragão; suas pernas eram as de uma águia, e atrás tinha a cauda enrolada e venenosa de um escorpião.

A harpia de Ghis, pensou Dany. A Velha Ghis caíra havia cinco mil anos, se bem se lembrava; suas legiões foram despedaçadas pelo poderio da jovem Valíria; suas muralhas de tijolo, arrasadas; suas ruas e seus edifícios, transformados em cinzas e brasas por fogo de dragão; os campos, semeados com sal, enxofre e crânios. Os deuses de Ghis estavam mortos, e seu povo também; aqueles astapori eram mestiços, dizia Sor Jorah. Até a língua ghiscari estava quase completamente esquecida; as cidades escravagistas falavam o Alto Valiriano de seus conquistadores, ou aquilo em que o tinham transformado.

Mas o símbolo do Velho Império ainda resistia ali, embora aquele monstro de bronze tivesse uma pesada corrente pendurada das garras, com uma algema aberta em cada extremidade. *A harpia de Ghis tinha um relâmpago nas garras. Esta é a harpia de Astapor.*

– Diga à prostituta westerosi para baixar os olhos – resmungou o senhor de escravos Kraznys mo Nakloz para a jovem escrava que falava por ele. – Eu negocio carne, não metal. O bronze não está à venda. Diga-lhe para olhar para os soldados. Até os fracos olhos púrpuras de uma selvagem do poente são certamente capazes de ver como as minhas criaturas são magníficas.

O Alto Valiriano de Kraznys era tortuoso e carregado com o rosnado característico de Ghis e temperado aqui e ali com palavras de calão de feitor. Dany compreendia-o bastante bem, mas sorriu e olhou sem expressão para a escrava, como quem se interroga sobre o que ele teria dito.

– O Bom Mestre Kraznys pergunta, não são magníficos? – a garota falava bem o Idioma Comum, para alguém que nunca estivera em Westeros. Com não mais de dez anos, tinha o rosto redondo e achatado, pele morena e olhos dourados de Naath. Chamavam seu povo de *Povo Pacífico*. Todos eram unânimes em afirmar que davam os melhores escravos.

– Podem ser adequados para as minhas necessidades – respondeu Dany. Tinha sido sugestão de Sor Jorah que ela falasse apenas em dothraki e no Idioma Comum enquanto estivesse em Astapor. *O meu*

urso é mais esperto do que parece. – Fale-me de seu treinamento.

– Eles agradam à mulher westerosi, mas ela não os elogia, para manter o preço baixo – disse a tradutora ao seu dono. – Quer saber como foram treinados.

Kraznys mo Nakloz inclinou a cabeça. Aquele senhor de escravos cheirava como se tivesse tomado banho em framboesas, e sua protuberante barba vermelha e negra brilhava de óleo. *Os seios dele são maiores do que os meus*, refletiu Dany. Via-os através da seda verde-marinho do *tokar* debruado de ouro que ele trazia enrolado em volta do corpo e por cima de um ombro. A mão esquerda mantinha o *tokar* no lugar ao caminhar, enquanto a direita empunhava um curto chicote de couro.

– Todos os porcos westerosi são assim tão ignorantes? – protestou. – O mundo inteiro sabe que os Imaculados são mestres de lança, escudo e espada curta. – Dirigiu a Dany um largo sorriso. – Diga-lhe o que quer saber, escrava, e depressa. O dia está quente.

Isso, pelo menos, não é mentira nenhuma. Um par de jovens escravas encontrava-se atrás deles, segurando por cima de suas cabeças um toldo de seda riscado, mas, mesmo à sombra, Dany sentia-se um pouco tonta, e Kraznys transpirava abundantemente. A Praça do Orgulho cozia ao sol desde o nascer do dia. Dany conseguia sentir o calor dos tijolos vermelhos sob os pés mesmo através do solado de suas sandálias. Ondas de calor erguiam-se desses tijolos, estremecendo o ar e fazendo com que as pirâmides de degraus de Astapor que se erguiam ao redor da praça quase parecessem fazer parte de um sonho.

Se os Imaculados sentiam o calor, não mostravam qualquer sinal disso. *Eles mesmos podiam ser feitos de tijolo, julgando pelo modo como estão ali*. Um milhar tinha sido trazido das casernas para a sua inspeção; alinhados em dez formações de cem homens perante a fonte e a sua grande harpia de bronze, estavam rigidamente em sentido, com os olhos de pedra fixos à frente. Nada vestiam além de panos de linho branco atados na altura dos rins e elmos cônicos de bronze rematados por um espigão afiado com trinta centímetros de altura. Kraznys ordenara-lhes que apoiassem as lanças e os escudos no chão e despissem os cintos de espadas e as túnicas acolchoadas, para que a Rainha de Westeros pudesse inspecionar melhor a rigidez esguia de seus corpos.

– São escolhidos ainda jovens, pelo tamanho, rapidez e força – disse-lhe a escrava. – Iniciam o treinamento aos cinco anos. Treinam todos os dias, da alvorada ao pôr do sol, até dominarem a espada curta, o escudo e as três lanças. O treino é muito rigoroso, Vossa Graça. Só um garoto em três sobrevive a ele. Isso todos sabem. Entre os Imaculados diz-se que no dia em que ganham seu capacete de espigão o pior ficou para trás, pois nenhum dever que for atribuído a

eles poderá ser tão duro quanto o treinamento.

Kraznys mo Nakloz, supostamente, não falava o Idioma Comum, mas balançava a cabeça enquanto escutava e de vez em quando empurrava a escrava com a ponta do chicote.

– Diga-lhe que aqueles estão ali em pé há um dia e uma noite, sem comida nem água. Diga-lhe que ficarão ali até caírem se eu lhes ordenar que o façam, e que quando novecentos e noventa e nove tiverem caído e morrido sobre os tijolos, o último ainda estará ali e não se moverá até que a própria morte o reclame. É assim a coragem deles. Diga-lhe isso.

– Eu chamo isso de loucura, não de coragem – disse Arstan Barba-Branca quando a solene pequena escriba terminou. Bateu com a ponta de seu bastão de madeira nos tijolos, *tap tap*, como que para afirmar seu descontentamento. O velho não quisera viajar até Astapor; tampouco era favorável à compra daquele exército de escravos. Uma rainha devia escutar todos os lados antes de tomar uma decisão. Era por isso que Dany o havia trazido consigo até a Praça do Orgulho, não para mantê-la em segurança. Seus companheiros de sangue fariam isso suficientemente bem. Deixara Sor Jorah Mormont a bordo do *Balerion* para proteger seu povo e seus dragões. Muito a contragosto, havia prendido os dragões no porão. Deixá-los voar livremente sobre a cidade era perigoso demais; o mundo estava repleto de homens que os matariam de bom grado por nenhum outro motivo além de poder se autodenominar *matador de dragões*.

– O que disse o velho fedorento? – perguntou o feitor à tradutora. Quando ela lhe disse, ele sorriu e falou: – Informe os selvagens de que chamamos isso de *obediência*. Outros podem ser mais fortes, mais rápidos ou maiores do que os Imaculados. Alguns, poucos, podem até igualar a sua perícia com a espada, a lança e o escudo. Mas em nenhum lugar entre os mares encontrarão alguém mais obediente.

– As ovelhas são obedientes – disse Arstan quando as palavras foram traduzidas. Ele também sabia algum valiriano, embora não tanto quanto Dany, mas, assim como ela, fingia ignorância.

Kraznys mo Nakloz mostrou seus grandes dentes brancos quando aquilo lhe foi transmitido.

– Uma palavra minha e aquelas ovelhas derramam as velhas tripas fedorentas dele nos tijolos – disse ele –, mas não lhe diga isso. Diga-lhes que estas criaturas são mais cães do que ovelhas. Eles comem cão ou cavalo lá nos Sete Reinos?

– Preferem porcos e vacas, excelência.

– Carne de vaca. Pfuá. Comida para selvagens que não se lavam.

Ignorando-os, Dany percorreu lentamente a fileira de soldados escravos. As mulheres seguiram-na de perto com o toldo de seda, para mantê-la à sombra, mas os mil homens à sua frente não desfrutavam

de tal proteção. Mais da metade possuía pele acobreada e olhos amendoados dos dothraki e dos lhazarenos, mas Dany também viu nas fileiras homens das Cidades Livres, bem como qarthenos de pele clara, ilhéus de verão com rosto de ébano, e outros cuja origem não era capaz de adivinhar. E alguns tinham pele do mesmo tom de âmbar de Kraznys mo Nakloz, e os cabelos rijos vermelhos e negros que identificavam o antigo povo de Ghis, aqueles que chamavam a si mesmos de filhos da harpia. *Até vendem os seus*. Não a devia ter surpreendido. Os dothraki faziam o mesmo, quando *khalasar* se encontrava com *khalasar* no mar de erva.

Alguns dos soldados eram altos e outros, baixos. Dany calculou que as idades oscilariam entre os catorze e os vinte anos. Os rostos eram lisos, e os olhos todos iguais, fossem negros, castanhos, azuis, cinza ou ambarinos. *São como um único homem*, pensou, até se lembrar de que não eram homens coisa nenhuma. Os Imaculados eram eunucos, todos eles.

– Por que os cortam? – perguntou a Kraznys através da escrava. – Sempre ouvi dizer que homens inteiros são mais fortes do que eunucos.

– Um eunuco cortado ainda novo nunca terá a força bruta de um de seus cavaleiros westerosi, é verdade – disse Kraznys mo Nakloz quando a pergunta lhe foi colocada. – Um touro também é forte, mas touros morrem todos os dias nas arenas de luta. Uma menina de nove anos matou um há três dias na Arena de Jothiel. Os Imaculados têm algo melhor do que a força, diga-lhe. Têm disciplina. Lutamos à maneira do Velho Império, sim. São as legiões marchantes da Velha Ghis regressadas, absolutamente obedientes, absolutamente leais, e totalmente desprovidas de medo.

Dany escutou pacientemente a tradução.

– Até os homens mais corajosos temem a morte e a mutilação – disse Arstan quando a garota terminou.

Kraznys voltou a sorrir quando ouviu aquilo.

– Diga ao velho que ele cheira a mijo e precisa de uma bengala para mantê-lo em pé.

– Digo mesmo, excelência?

Ele cutucou-a com o chicote.

– Não, não diz mesmo, é uma menina ou uma cabra para fazer uma pergunta tão imbecil? Diga que os Imaculados não são homens. Diga que a morte não significa nada para eles, e a mutilação menos do que nada. – Parou perante um homem atarracado com traços de Lhazar e ergueu violentamente o chicote, deixando uma linha de sangue em sua face acobreada. O eunuco piscou, e ali ficou, sangrando. – Quer outra?

– Se sua excelência desejar.

Foi difícil fingir não entender. Dany pousou uma mão no braço de Kraznys antes de ele ter tempo de voltar a erguer o chicote.

– Diga ao Bom Mestre que eu vejo como seus Imaculados são fortes e suportam corajosamente a dor.

Kraznys soltou um risinho quando ouviu as palavras dela em valiriano.

– Diga a essa prostituta ignorante do ocidente que coragem não tem nada a ver com o assunto.

– O Bom Mestre diz que aquilo não foi coragem, Vossa Graça.

– Diga-lhe para abrir esses olhos de cadela.

– Ele pede-lhe que observe com atenção, Vossa Graça.

Kraznys aproximou-se do eunuco que se seguia na fileira, um jovem muito alto com os olhos azuis e os cabelos louros de Lys.

– A sua espada – disse. O eunuco ajoelhou, desembainhou a arma e ofereceu-a, com o cabo para a frente. Era uma espada curta, feita mais para trespassar do que para cortar, mas o gume parecia afiado como uma navalha. – Fique em pé – ordenou Kraznys.

– Sua excelência. – O eunuco levantou-se, e Kraznys mo Nakloz deslizou lentamente a espada por seu tronco acima, deixando uma fina linha vermelha na barriga e entre as costelas. Depois espetou a ponta da espada por baixo de um grande mamilo cor-de-rosa e começou a manejá-la para trás e para a frente.

– O que ele está fazendo? – perguntou Dany à garota, enquanto o sangue escorria pelo peito do homem.

– Diga à vaca que pare de mugir – disse Kraznys sem esperar pela tradução. – Isso não lhe fará grande mal. Os homens não precisam dos mamilos, e os eunucos menos ainda. – O mamilo pendeu, preso por um fio de pele. Ele o cortou e fez com que rolasse pelos tijolos, deixando em seu lugar um olho vermelho que chorava sangue copiosamente. O eunuco não se mexeu, até que Kraznys entregou-lhe a espada de volta, com o cabo para a frente. – Tome, está dispensado.

– Este está feliz por tê-lo servido.

Kraznys virou-se para Dany.

– Eles não sentem dor, está vendo?

– Como isso é possível? – ela quis saber através da escriba.

– *O vinho da coragem* – foi a resposta que ele lhe deu. – Não é um vinho de verdade, mas sim uma bebida feita a partir de beladona, larvas de mosca de sangue, raízes de lótus negra e muitas coisas secretas. Bebem-no em todas as refeições desde o dia de seu corte, e a cada ano que passa sentem cada vez menos. Isso torna-os destemidos em batalha. E também não podem ser torturados. Diga à selvagem que seus segredos estão seguros com os Imaculados. Ela pode colocá-los de guarda em seus conselhos e até em seu quarto, sem nunca se preocupar com o que eles possam ouvir.

“Em Yunkai e Meeren, os eunucos são frequentemente gerados através da remoção dos testículos de um rapaz, deixando o pênis. Uma criatura dessas é infértil, mas frequentemente ainda capaz de ereção. Apenas problemas podem advir de tal prática. Nós removemos também o pênis, sem deixar nada. Os Imaculados são as criaturas mais puras da face da Terra. “Ofereceu a Dany e Arstan outro largo sorriso branco.” Ouvi dizer que nos Reinos do Poente os homens fazem votos solenes de se manterem castos e não gerar filhos, mas viver apenas para o seu dever. É verdade?”

– É – disse Arstan, quando a pergunta foi colocada. – Há muitas ordens dessas. Os meistres da Cidadela, os septões e as septãs que servem os Sete, as irmãs silenciosas dos mortos, a Guarda Real e a Patrulha da Noite...

– Pobres coitados – rosnou o senhor de escravos depois da tradução. – Os homens não deveriam viver assim. Seus dias são um tormento de tentação, qualquer tolo pode ver isso, e não há dúvida de que a maioria sucumbe aos seus instintos mais primários. Nossos Imaculados não são assim. Estão casados com suas espadas de uma maneira que seus Irmãos Juramentados não podem ter esperanças de igualar. Nenhuma mulher poderá alguma vez tentá-los, e nenhum homem também.

A garota transmitiu a essência do discurso, com mais delicadeza.

– Há outras maneiras de tentar os homens, além da carne – retrucou Arstan Barba-Branca depois de ela terminar.

– Os homens, sim, mas os Imaculados, não. O saque não lhes interessa mais do que a violação. Nada possuem além de suas armas. Nem sequer permitimos que tenham nomes.

– Não têm nomes? – Dany franziu a testa para a pequena escriba. – Poderá ser isso que o Bom Mestre disse? Eles não têm nomes?

– É verdade, Vossa Graça.

Kraznys parou na frente de um ghiscari que podia ter sido um irmão seu mais alto e em melhor forma e estalou o chicote num pequeno disco de bronze que ele tinha preso no cinto da espada, a seus pés.

– O nome dele está ali. Pergunte à rameira de Westeros se sabe ler glifos ghiscari. – Quando Dany admitiu que não sabia, o feitor virou-se para o Imaculado. – Como se chama? – quis saber.

– O nome deste é Pulga Vermelha, excelência.

A garota repetiu a conversa no Idioma Comum.

– E ontem, qual era?

– Rato Preto, reverência.

– No dia anterior?

– Pulga Marrom, reverência.

– E antes disso?

– Este não se lembra, reverência. Talvez Sapo Azul. Ou Verme Azul.

– Diga-lhe que todos os nomes deles são assim – ordenou Kraznys à garota. – Recordam-lhes de que, por conta própria, são bichos. Os discos com os nomes são atirados dentro de um barril vazio ao terminarem os deveres do dia, e todas as alvoradas são de lá sorteados.

– Mais loucuras – disse Arstan quando ouviu aquilo. – Como um homem pode se lembrar de um nome novo todos os dias?

– Os que não podem são excluídos no treino, com aqueles que não são capazes de correr o dia inteiro com a bagagem completa, escalar uma montanha no meio da noite, caminhar sobre brasas ou matar uma criança.

A boca de Dany certamente se contorceu ao ouvir aquilo. *Ele terá visto, ou será tão cego quanto é cruel?* Virou-se depressa, tentando manter uma máscara no rosto até ouvir a tradução. Foi só então que se permitiu dizer:

– De quem são as crianças que matam?

– Para conquistar seu capacete de espigão, um Imaculado deve ir aos mercados de escravos com um marco de prata, encontrar um recém-nascido qualquer e matá-lo diante dos olhos da mãe. Dessa maneira, certificamo-nos de que não resta neles qualquer fraqueza.

Dany sentiu-se prestes a desmaiar. *O calor*, tentou dizer a si própria.

– Arrancam um bebê dos braços da mãe, matam-no com ela assistindo e pagam por sua dor com uma moeda de prata?

Quando a tradução lhe chegou, Kraznys mo Nakloz soltou uma sonora gargalhada.

– Que idiota chorona e molenga esta aí é. Diga à puta de Westeros que o marco é para o dono da criança, não para a mãe. Os Imaculados não estão autorizados a roubar. – Bateu com o chicote na perna. – Diga-lhe que são poucos os que falham nesse teste. Os cães são mais difíceis para eles, na verdade. Damos um cachorro a cada garoto no dia em que é cortado. Ao fim do primeiro ano, ele deve estrangulá-lo. Todos os que não conseguem fazer isso são mortos e dados de comer aos cães sobreviventes. Achamos que isso serve como uma boa e forte lição.

Arstan Barba-Branca batucou com a ponta de seu bastão nos tijolos enquanto ouvia aquilo. *Tap tap tap*. Lenta e regularmente. *Tap tap tap*. Dany viu-o afastar os olhos, como se não conseguisse olhar mais para Kraznys.

– O Bom Mestre disse que esses eunucos não podem ser tentados com moedas ou carne – disse Dany à garota –, mas se algum inimigo meu lhes oferecesse a *liberdade* por me traírem...

– Eles iriam matá-lo imediatamente e trariam-lhe a cabeça, diga-lhe isso – respondeu o feitor. – Outros escravos podem roubar e guardar prata em segredo na esperança de comprar a liberdade, mas um Imaculado não a aceitaria se a eguazinha a oferecesse de presente. Não têm vida fora de seu dever. São *soldados*, e só.

– É de soldados que preciso – admitiu Dany.

– Diga-lhe que, nesse caso, fez bem em vir a Astapor. Pergunte-lhe qual é o tamanho do exército que deseja comprar.

– Quantos Imaculados tem para vender?

– Oito mil completamente treinados e disponíveis de imediato. Ela deve saber que só os vendemos em larga escala. Em milhares ou centenas. Antes os vendíamos em dezenas, para guardas domésticos, mas isso revelou-se um erro. Dez são poucos demais. Misturam-se com os outros escravos, e até com homens livres, e esquecem-se de quem e do que são. – Kraznys esperou que aquilo fosse transmitido no Idioma Comum e depois prosseguiu. – Essa rainha pedinte precisa compreender que tais maravilhas não saem baratas. Em Yunkai e Meereen, espadachins escravos podem ser obtidos por menos do que o preço de suas espadas, mas os Imaculados são a melhor infantaria do mundo inteiro, e cada um deles representa muitos anos de treino. Diga-lhe que eles são como aço valiriano, dobrados uma e mais uma vez e martelados anos a fio, até ficarem mais fortes e resistentes do que qualquer metal da Terra.

– Eu conheço o aço valiriano – disse Dany. – Pergunte ao Bom Mestre se os Imaculados têm seus próprios oficiais.

– Precisa pôr seus oficiais à frente deles. Nós os treinamos para obedecer, não para pensar. Se é inteligência que ela quer, que compre escribas.

– E o equipamento?

– Espada, escudo, lança, sandálias e túnica acolchoada estão incluídos – disse Kraznys. – E os capacetes de espigão, com certeza. Eles usarão qualquer armadura que você queira, mas quem vai fornecê-la é você.

Dany não conseguia pensar em mais perguntas. Olhou para Arstan.

– Viveu longo tempo no mundo, Barba-Branca. Agora que já os viu, o que diz?

– Digo que *não*, Vossa Graça – o velho respondeu de imediato.

– Por quê? – perguntou ela. – Fale livremente. – Dany julgava saber o que ele diria, mas queria que a menina escrava o escutasse, para que Kraznys mo Nakloz ouvisse depois.

– Minha rainha – disse Arstan –, não há escravos nos Sete Reinos há milhares de anos. Tanto os velhos deuses como os novos consideram a escravidão uma abominação. Maligna. Se desembarcar

em Westeros à frente de um exército de escravos, muitos bons homens irão se opor a você por nenhum outro motivo além desse. Causará grande dano à sua causa e à honra de sua Casa.

– E, no entanto, preciso ter algum exército – disse Dany. – O rapaz Joffrey não me dará o Trono de Ferro se eu pedir educadamente.

– Quando chegar o dia de içar os estandartes, metade de Westeros estará com a senhora – prometeu Barba-Branca. – Seu irmão Rhaegar ainda é lembrado com grande amor.

– E meu pai? – perguntou Dany.

O velho hesitou antes de dizer:

– O Rei Aerys também é recordado. Deu ao reino muitos anos de paz. Vossa Graça não tem necessidade de escravos. O Magíster Illyrio pode mantê-la a salvo enquanto seus dragões crescem e pode mandar enviados secretos para o outro lado do mar estreito em seu nome, para sondar os grandes senhores a respeito de sua causa.

– Esses mesmos grandes senhores que abandonaram o meu pai em favor do Regicida e se curvaram a Robert, o Usurpador?

– Mesmo aqueles que dobraram os joelhos podem ansiar no seu íntimo pelo retorno dos dragões.

– *Podem* – disse Dany. *Podem* era uma palavra tão escorregadia! Em qualquer língua. Virou-se para Kraznys mo Nakloz e para sua pequena escrava. – Tenho de refletir cuidadosamente.

O negociante de escravos encolheu os ombros.

– Diga-lhe para refletir depressa. Há muitos outros compradores. Não há mais de três dias mostrei estes mesmos Imaculados a um rei corsário que espera comprar todos eles.

– O corsário só queria cem, excelência – Dany ouviu a pequena escrava dizer.

Ele cutucou-a com a ponta do chicote.

– Os corsários são todos mentirosos. Ele vai comprar todos. Diga-lhe isso, garota.

Dany sabia que levaria mais de cem, se chegasse a levar algum.

– Lembre ao Bom Mestre quem eu sou. Lembre-lhe de que sou Daenerys Nascida na Tormenta, Mãe de Dragões, a Não Queimada, legítima rainha dos Sete Reinos de Westeros. Meu sangue é o sangue de Aegon, o Conquistador, e da antiga Valíria antes dele.

Mas suas palavras não tocaram o rotundo e perfumado negociante de escravos, mesmo depois de transmitidas em sua feia língua.

– A antiga Ghis dominava um império quando os valirianos ainda andavam fodendo ovelhas – rosnou para a pobre pequena escriba – e nós somos os filhos da harpia. – Encolheu os ombros. – Tagarelar com mulheres é um desperdício. No leste ou no oeste são todas iguais, são incapazes de decidir até terem sido paparicadas, aduladas e

empanturradas de docinhos. Bom, se é esse o meu destino, que seja. Diga à rameira que se quiser um guia para a nossa bela cidade, Kraznys mo Nakloz está a seu serviço... e também pode lhe prestar outros serviços, se for mais mulher do que parece.

– O Bom Mestre Kraznys terá todo o gosto em mostrar-lhe Astapor enquanto a senhora reflete, Vossa Graça – disse a tradutora.

– Dou-lhe geleia de miolos de cão, um belo e rico guisado de polvo vermelho e feto de cão para comer. – Passou a língua pelos lábios.

– Ele diz que aqui é possível provar muitos pratos deliciosos.

– Diga-lhe como as pirâmides são bonitas à noite – rosnou o negociante de escravos. – Diga-lhe que lamberei mel dos peitos dela, ou deixarei que lamba mel dos meus, se preferir.

– Astapor é muito bela ao pôr do sol, Vossa Graça – disse a pequena escrava. – Os Bons Mestres acendem lanternas de seda em todos os terraços, para que todas as pirâmides brilhem com luzes coloridas. Barcaças do prazer percorrem o Verme, cheias de música suave e acostando nas pequenas ilhas para oferecer comida, vinho e outras delícias.

– Pergunte se ela quer ver as nossas arenas de luta – acrescentou Kraznys. – A Arena de Douquor tem um bom espetáculo marcado para esta noite. Um urso e três garotinhos. Um menino será besuntado de mel, outro de sangue e outro de peixe podre, e ela pode apostar qual deles o urso comerá primeiro.

Tap tap tap, ouviu Dany. O rosto de Arstan Barba-Branca estava imóvel, mas seu bastão demonstrava a ira que sentia. *Tap tap tap*. Obrigou-se a sorrir.

– Tenho meu próprio urso na *Balerion* – disse à tradutora – e pode bem me comer se não voltar para junto dele.

– Está vendo – disse Kraznys quando as palavras de Dany foram traduzidas. – Não é a mulher que decide, é este homem para quem corre. Como sempre!

– Agradeça ao Bom Mestre por sua paciente gentileza – disse Dany – e diga-lhe que pensarei em tudo que aprendi aqui. – Ofereceu o braço a Arstan Barba-Branca, para que o velho escudeiro a levasse através da praça até a liteira. Aggo e Jhogo rodearam-nos, caminhando com o gingar de pernas arqueadas que todos os senhores dos cavalos adotavam quando eram forçados a desmontar e caminhar pela terra como simples mortais.

Dany subiu na sua liteira com a expressão carregada e fez sinal a Arstan para que subisse também. Um homem tão velho como ele não devia andar a pé num calor tão forte. Não fechou as cortinas quando se puseram em movimento. Com o sol castigando tão duramente aquela cidade de tijolos vermelhos, qualquer brisa perdida era algo a

ser apreciado, mesmo se viesse acompanhada de um redemoinho de fina poeira vermelha. *Além disso, tenho de ver*.

Astapor era uma cidade estranha, mesmo aos olhos de alguém que tinha andado pela Casa de Poeira e se banhado no Ventre do Mundo à sombra da Mãe das Montanhas. Todas as ruas eram feitas dos mesmos tijolos vermelhos que pavimentavam a praça. E o mesmo material construíra as pirâmides de degraus, as profundamente escavadas arenas de luta – com suas arquibancadas em forma de anéis descendentes –, as fontes sulfurosas e as sombrias adegas, e as antigas muralhas que os cercavam. *Tantos tijolos*, pensou, *e tão velhos e desgastados*. A fina poeira que soltavam encontrava-se por toda a parte, dançando pelas valetas a cada sopro de vento. Pouco admirava que tantas mulheres de Astapor velassem o rosto, a poeira de tijolo pinicava mais nos olhos do que a areia.

– Abram alas! – gritava Jhogo, do cavalo à frente da liteira. – Abram alas para a Mãe de Dragões! – Mas quando desenrolou o grande chicote de cabo de prata que ela lhe dera e o fez estalar no ar, Dany debruçou-se para fora e disse-lhe que não.

– Neste lugar, não, sangue do meu sangue – disse, na língua dele. – Estes tijolos ouviram o som de chicotes mais do que deveriam.

As ruas tinham estado praticamente desertas quando saíram do porto naquela manhã, e não pareciam muito mais povoadas agora. Um elefante passou pesadamente por eles, com uma liteira gradeada sobre o dorso. Um garoto nu com a pele descascando estava sentado numa valeta de tijolo seca, com o dedo enfiado no nariz e olhando, carrancudo, para um grupo de formigas que caminhavam pela rua. Ergueu a cabeça ao ouvir o ruído de cascos e ficou olhando de boca aberta quando uma coluna de guardas a cavalo passou por ele a trote, numa nuvem de poeira vermelha e gargalhadas quebradiças. Os discos de cobre cosidos aos seus mantos de seda amarela cintilavam como outros tantos sóis, mas suas túnicas eram de linho bordado, e abaixo da cintura usavam sandálias e saias de linho plissadas. De cabeça nua, cada homem tinha penteado, untado e retorcido seus rígidos cabelos vermelhos e negros, dando-lhes uma forma fantástica qualquer, cornos, asas e lâminas, e até mãos dadas, de modo que pareciam uma trupe de demônios fugida do sétimo inferno. O garoto nu observou-os por um tempo, tal como Dany, mas eles rapidamente desapareceram, e o menino voltou às suas formigas, com um dedo no nariz.

Esta é uma cidade antiga, refletiu, *mas não tão populosa quanto foi no seu apogeu, nem de perto tão povoada quanto Qarth, Pentos ou Lys*.

A liteira parou subitamente num cruzamento, para permitir que um comboio de escravos passasse à sua frente, arrastando os pés, incentivado a avançar pelo estalar do chicote de um capataz. Aqueles não eram Imaculados, reparou Dany, mas homens de um tipo mais

comum, com pele parda clara e cabelos castanhos. Havia mulheres entre eles, mas crianças não. Estavam todos nus. Dois astapori vinham atrás dos escravos, montados em burros brancos, um homem com um *tokar* de seda vermelha e uma mulher com véu, vestida de fino linho azul, decorado com lascas de lápis-lazúli. Em seus cabelos vermelhos e negros trazia um pente de marfim. O homem ria enquanto lhe segredava alguma coisa, sem prestar mais atenção em Dany do que em seus escravos ou no capataz com o chicote retorcido de cinco pontas, um dothraki grande e atarracado que tinha a harpia e as correntes orgulhosamente tatuadas em seu peito musculoso.

– Tijolos e sangue construíram Astapor – murmurou o Barba-Branca ao seu lado – e tijolos e sangue construíram o seu povo.

– O que é isso? – perguntou-lhe Dany, curiosa.

– Uns versos antigos que um meistre me ensinou, quando eu era garoto. Nunca soube como eram verdadeiros. Os tijolos de Astapor são vermelhos do sangue dos escravos que os fizeram.

– Consigo acreditar nisso perfeitamente – disse Dany.

– Então abandone este lugar antes que seu coração também se transforme em um tijolo. Zarpe hoje mesmo, na maré da noite.

Bem que gostaria de poder fazê-lo, pensou Dany.

– Sor Jorah diz que quando eu deixar Astapor, deverá ser com um exército.

– O próprio Sor Jorah foi um comerciante de escravos, Vossa Graça – recordou-lhe o velho. – Há mercenários em Pentos, Myr e Tyrosh que você pode contratar. Um homem que mata por dinheiro não tem honra, mas pelo menos não é escravo. Encontre lá o seu exército, suplico à senhora.

– Meu irmão visitou Pentos, Myr, Bravos, quase todas as Cidades Livres. Os magísteres e arcontes alimentaram-no com vinho e promessas, mas mataram sua alma de fome. Um homem não pode jantar da tigela de pedinte a vida toda e continuar a ser homem. Eu experimentei isso em Qarth e foi o bastante. Não voltarei a Pentos de tigela na mão.

– Antes chegar como pedinte do que como senhora de escravos – disse Arstan.

– Fala alguém que não foi nenhum dos dois. – As narinas de Dany dilataram-se. – Sabe o que é ser *vendido*, escudeiro? Eu sei. Meu irmão vendeu-me a Khal Drogo em troca da promessa de uma coroa dourada. Bem, Drogo coroou-o de ouro, embora não da maneira que ele havia desejado, e eu... o meu sol e estrelas fez de mim uma rainha, mas se tivesse sido um homem diferente, as coisas poderiam ter acontecido de uma forma totalmente distinta. Acha que me esqueci de como é ter medo?

Barba-Branca inclinou a cabeça.

– Vossa Graça, não pretendi ofendê-la.

– Só as mentiras me ofendem, nunca os conselhos honestos. – Dany deu uma palmadinha na mão manchada de Arstan para sossegá-lo. – Tenho um gênio de dragão, é só isso. Não pode permitir que ele o atemorize.

– Tentarei me lembrar disso – Barba-Branca sorriu.

Ele tem rosto gentil e uma grande força, pensou Dany. Não conseguia compreender por que Sor Jorah desconfiava tanto do velho. *Poderá sentir ciúmes por eu ter encontrado outro homem com quem conversar?* Sem pedir licença, seus pensamentos voltaram àquela noite, no *Balerion*, em que o cavaleiro exilado a beijara. *Ele nunca devia ter feito aquilo. É três vezes mais velho do que eu, e de um nascimento baixo demais para mim, e não lhe dei permissão. Nenhum verdadeiro cavaleiro beijaria uma rainha sem a sua permissão*. Depois daquela noite, tinha tomado cuidado para nunca ficar sozinha com Sor Jorah, mantendo as aias consigo a bordo do navio, e às vezes também os companheiros de sangue. *Ele deseja me beijar de novo, vejo em seus olhos.*

Dany nem era capaz de começar a expressar aquilo que desejava, mas o beijo de Jorah tinha acordado alguma coisa dentro dela, algo que estivera adormecido desde a morte de Khal Drogo. Deitada em seu estreito beliche, dava por si perguntando-se sobre como seria ter um homem ao seu lado em vez de sua aia, e a ideia era mais excitante do que deveria ser. Às vezes fechava os olhos e sonhava com ele, mas nunca era com Jorah Mormont que sonhava; seu amante era sempre mais jovem e mais belo, embora o rosto de Sor Jorah nunca deixasse de surgir, como uma sombra em constante mutação.

Uma noite, tão atormentada que não conseguia dormir, Dany enfiou uma mão entre as pernas e ficou sobressaltada quando verificou quão molhada se encontrava. Quase sem se atrever a respirar, moveu os dedos para a frente e para trás entre seus lábios inferiores, lentamente para não acordar Irri, que dormia ao seu lado, até que encontrou um local especial e se demorou ali, tocando-se levemente, a princípio com timidez, mas depois mais depressa. Mesmo assim o alívio que desejava parecia afastar-se à sua frente, até que os dragões se agitaram e um deles soltou um grito na cabine, e Irri acordou e compreendeu o que ela estava fazendo.

Dany sabia que seu rosto estava corado, mas na escuridão Irri certamente não conseguiria ver. Sem uma palavra, a aia pôs uma mão num seio dela e depois debruçou-se para tomar um mamilo na boca. A outra mão deslocou-se ao longo da suave curva da sua barriga, através do montículo de finos pelos prateados, e começou a trabalhar entre as coxas de Dany. Não passaram mais do que alguns momentos antes que as suas pernas se contorcessem, seus seios se elevassem e todo o seu corpo estremecesse. Então gritou. Ou talvez tivesse sido Drogon. Irri

não chegou a dizer nada, limitou-se a enrolar-se e a voltar ao sono no momento em que o ato foi concluído.

No dia seguinte, tudo aquilo tinha parecido um sonho. E o que tinha Sor Jorah a ver com o assunto? *É Drogo que eu desejo, o meu sol e estrelas*, recordou Dany a si mesma. *Não Irri, e não Sor Jorah, apenas Drogo*. Mas Drogo estava morto. Julgara que aqueles sentimentos tivessem morrido com ele, ali no deserto vermelho, mas um beijo traiçoeiro os havia trazido de volta à vida sem que ela soubesse como. *Ele nunca devia ter me beijado. Ousou demais, e eu deixei. Não pode nunca voltar a acontecer*. Fez uma expressão sombria com a boca e sacudiu a cabeça, e a sineta em sua trança tilintou suavemente.

Mais perto da baía, a cidade apresentava uma aparência mais agradável. As grandes pirâmides de tijolo margeavam a costa, a maior tinha cento e vinte metros de altura. Todo tipo de árvores, trepadeiras e flores cresciam em seus largos terraços, e os ventos que rodopiavam em volta delas cheiravam a verde e a perfume. Outra harpia gigantesca erguia-se sobre o portão, esta era feita de argila vermelha cozida, e visivelmente se desfazia, não lhe restando mais do que um toco onde antes estivera a cauda de escorpião. A corrente que segurava com as garras de barro era ferro-velho, repleto de ferrugem. Mas, perto da água, estava mais fresco. O bater das ondas contra os pilares corroídos produzia um som curiosamente calmante.

Aggo ajudou Dany a descer da liteira. Belwas, o Forte, estava sentado num alto pilar, comendo um grande pedaço de carne assada.

– Cachorro – disse ele em tom alegre quando viu Dany. – Bom cachorro em Astapor, pequena rainha. Comer? – ofereceu com um sorriso gorduroso.

– É gentil de sua parte, Belwas, mas não. – Dany tinha comido cachorro em outros lugares, em outros tempos, mas naquele momento tudo em que conseguia pensar era nos Imaculados e em seus estúpidos filhotes. Passou rapidamente pelo enorme eunuco e subiu a prancha até o convés do *Balerion*.

Sor Jorah Mormont estava à sua espera.

– Vossa Graça – disse, baixando a cabeça. – Os feitores vieram e foram embora. Três, com uma dúzia de escribas e outros tantos escravos para os transportes. Percorreram cada centímetro de nossos porões e tomaram nota de tudo que possuímos. – Acompanhou-a até o fundo. – Quantos homens eles têm à venda?

– Nenhum. – Seria com Mormont que estava zangada, ou com aquela cidade e o seu obstinado calor, seus fedores, suores e tijolos em ruína? – Vendem eunucos, não homens. Eunucos feitos de tijolo, como o resto de Astapor. Devo comprar oito mil eunucos de tijolo com olhos mortos que nunca se movem, que matam bebês de peito por causa de um chapéu com um espigão e estrangulam os próprios cães? Nem

sequer têm nomes. Portanto não os chame de *homens*, sor.

– *Khaleesi* – disse ele, surpreendido com a sua fúria –, os Imaculados são escolhidos ainda garotos e treinados...

– Já ouvi tudo que quero ouvir a respeito do *treino*. – Dany sentiu lágrimas jorrando de seus olhos, súbitas e indesejadas. Sua mão saltou e atingiu com força o rosto de Sor Jorah. Era isso ou gritar.

Mormont tocou a bochecha que ela havia estapeado.

– Se desagradei à minha rainha...

– *Desagradou*. Desagradou-me muito, sor. Se fosse meu cavaleiro leal, nunca teria me trazido a esta vil pocilga. – *Se fosse meu leal cavaleiro, nunca teria me beijado, ou olhado meus seios como fez, ou...*

– Às ordens de Vossa Graça. Direi ao Capitão Groleo que se prepare para zarpar na maré da noite, rumo a uma pocilga menos vil.

– Não – disse Dany. Groleo observava-os do castelo de proa, e sua tripulação também assistia. Barba-Branca, seus companheiros de sangue, Jhiqui, todos tinham parado o que estavam fazendo ao ouvir a bofetada. – Quero zarpar *agora*, e não na maré, quero navegar para longe e depressa e não olhar para trás. Mas não posso, não é? Há oito mil eunucos de tijolo à venda, e tenho que arranjar uma maneira de comprá-los. – E com aquilo o deixou e foi para baixo.

Atrás da porta de madeira esculpida da cabine do capitão, seus dragões estavam inquietos. Drogon ergueu a cabeça e soltou um grito, com fumaça clara saindo de suas narinas, e Viserion voou para ela e tentou se empoleirar em seu ombro, como fazia quando era menor.

– Não – disse Dany, tentando afastá-lo com suavidade. – Agora é grande demais para isso, querido. – Mas o dragão enrolou a sua cauda branca e dourada em volta de um braço e enterrou garras negras no tecido de sua manga, agarrando-se bem. Impotente, Dany afundou-se na grande cadeira de couro de Groleo, aos risinhos

– Estiveram agitados enquanto esteve fora, *khaleesi* – disse-lhe Irri. – Viserion arrancou lascas da porta com as garras, vê? E Drogon tentou escapar quando os feitores vieram vê-los. Quando agarrei sua cauda para detê-lo, ele se virou e me mordeu. – Mostrou a Dany as marcas dos dentes do dragão em sua mão.

– Algum deles tentou libertar-se pelo fogo? – isso era o que mais assustava Dany.

– Não, *khaleesi*. Drogon soltou seu fogo, mas para o ar. Os negociantes de escravos tiveram medo de se aproximar dele.

Beijou a mão de Irri no local onde Drogon a mordera.

– Sinto muito que ele a tenha machucado. Os dragões não foram feitos para ficar trancados numa pequena cabine de navio.

– Nisso, os dragões são como os cavalos – disse Irri. – E também como os cavaleiros. Os cavalos relincham lá embaixo, *khaleesi*, e dão coices nas paredes de madeira. Eu ouço. E Jhiqui diz que as velhas e

os pequenos também gritam quando não está aqui. Não gostam desta carroça de água. Não gostam do negro mar salgado.

– Eu sei – disse Dany. – Sei mesmo.

– A minha *khaleesi* está triste?

– Sim – admitiu Dany. *Triste e perdida.*

– Deverei dar prazer à *khaleesi*?

Dany afastou-se dela.

– Não. Irri, não precisa fazer isso. O que aconteceu naquela noite, quando você acordou... não é escrava de cama, eu libertei-a, lembra? Você...

– Sou aia da Mãe de Dragões – disse a moça. – É uma grande honra dar prazer à minha *khaleesi.*

– Eu não quero – insistiu Dany. – Não quero. – Virou-se num movimento brusco. – Agora deixe-me. Quero ficar sozinha. Para pensar.

A escuridão tinha começado a cair sobre as águas da Baía dos Escravos quando Dany voltou ao convés. Parou junto à amurada e olhou para Astapor. *Daqui parece quase bela*, pensou. As estrelas estavam aparecendo, no céu, e as lanternas de seda também, na terra, tal como a tradutora de Kraznys prometera. As pirâmides de tijolo tremeluziam com a luz. *Mas embaixo está escuro, nas ruas, praças e arenas de luta. E onde a escuridão é maior é nas casernas, onde algum garotinho está dando restos de comida a um cachorro que lhe deram quando roubaram sua virilidade.*

Houve um passo suave atrás dela.

– *Khaleesi*. – A voz dele. – Posso falar com franqueza?

Dany não se virou. Não conseguia suportar olhá-lo naquele momento. Se o fizesse, poderia voltar a estapeá-lo. Ou chorar. Ou beijá-lo. E não chegar a saber o que era certo, o que era errado e o que era uma loucura.

– Diga o que quiser, sor.

– Quando Aegon, o Dragão, pisou na costa de Westeros, os Reis do Vale, do Rochedo e da Campina não correram para lhe entregar suas coroas. Se quer se sentar no seu Trono de Ferro, terá de conquistá-lo, tal como ele fez, com aço e fogo de dragão. E isso significa ter sangue nas mãos antes de tudo acabar.

Sangue e fogo, pensou Dany. As palavras da Casa Targaryen. Conhecera-as por toda a vida.

– Derramarei com satisfação o sangue de meus inimigos. O sangue de inocentes é outra coisa. Querem me oferecer oito mil Imaculados. Oito mil bebês mortos. Oito mil cães estrangulados.

– Vossa Graça – disse Jorah Mormont –, eu vi Porto Real depois do Saque. Também foram massacrados bebês nesse dia, e também velhos e crianças que brincavam. Foram violadas mais mulheres do

que é possível contar. Há um animal selvagem em todos os homens, e quando se dá a esse homem uma espada ou uma lança e esse homem é enviado para a guerra, o animal acorda. O cheiro de sangue é o suficiente para acordá-lo. Mas nunca ouvi dizer que esses Imaculados tivessem violado, ou dizimado uma cidade com a espada, ou sequer saqueado, exceto por ordem expressa daqueles que os lideravam. Até podem ser de tijolo, como diz, mas se os comprar, daqui em diante os únicos cães que matarão serão aqueles que a *senhora* quiser mortos. E, se bem me lembro, a senhora tem alguns cães que quer ver mortos.

Os cães do Usurpador.

– Sim. – Dany fitou as suaves luzes coloridas e permitiu que a fresca brisa salgada a acariciasse. – Fala de saquear cidades. Responda-me uma coisa, sor: por que os dothraki nunca saquearam *esta* cidade? – apontou. – Olhe para as muralhas. É possível ver onde já começaram a ruir. Ali e ali. Vê algum guarda naquelas torres? Eu não. Estarão escondidos, sor? Vi hoje esses filhos da harpia, todos os seus orgulhosos guerreiros de alto nascimento. Vestem-se com saia de linho, e a coisa mais feroz neles era os cabelos. Até um *khalasar* modesto conseguiria rachar esta Astapor como uma noz e derramar seu conteúdo podre. Diga-me, portanto, por que é que aquela feia harpia não está às margens do caminho dos deuses em Vaes Dothrak entre os outros deuses roubados?

– Possui um olho de dragão, *khaleesi*, vê-se isso claramente.

– Quero uma resposta, não um elogio.

– Há dois motivos. Os bravos defensores de Astapor não passam de palha, isso é verdade. Nomes antigos e bolsas gordas que se vestem com açoites ghiscari para fingir que ainda dominam um vasto império. Todos eles são oficiais de elevada patente. Nos dias de festa travam guerras de mentira nas arenas, para demonstrar como são brilhantes comandantes, mas são os eunucos que morrem. Da mesma forma, qualquer inimigo que quisesse saquear Astapor teria de saber que defrontaria Imaculados. Os senhores de escravos colocariam a guarnição inteira a serviço da defesa da cidade. Os dothraki não atacam Imaculados desde que deixaram as tranças aos portões de Qohor.

– E o segundo motivo?

– Quem atacaria Astapor? – perguntou Sor Jorah. – Meereen e Yunkai são rivais mas não inimigos, a Perdição destruiu Valíria, o povo do interior, para oriente, é todo ghiscari, e para lá dos montes fica Lhazar. Os Homens-Ovelhas, como os seus dothraki os chamam, são um povo notavelmente avesso à guerra.

– Sim – concordou ela –, mas a *norte* das cidades dos negociantes de escravos fica o mar dothraki, e duas dúzias de poderosos *khal* que apreciam mais do que qualquer coisa saquear cidades e levar seus

povos como escravos.

– Levá-los para *onde*? De que servem os escravos depois de se matar seus negociantes? Valíria já não existe, Qarth fica do outro lado do deserto vermelho, e as Nove Cidades Livres estão a milhares de léguas para oeste. E pode estar certa de que os filhos da harpia são pródigos nas ofertas a qualquer *khal* que por aqui passe, tal como fazem os magísteres em Pentos, Norvos e Myr. Sabem que se banquetearem os senhores dos cavalos e lhes derem presentes, eles em breve partirão. É mais barato do que lutar, e bastante mais seguro.

Mais barato do que lutar, pensou Dany. *Sim, talvez seja*. Se ao menos pudesse ser assim tão fácil para ela. Como seria agradável velejar até Porto Real com seus dragões e pagar ao rapaz Joffrey uma arca de ouro para fazer com que fosse embora.

– *Khaleesi*? – disse Sor Jorah depois de ela ficar em silêncio durante muito tempo. Tocou ligeiramente o cotovelo dela.

Dany afastou-o, e disse:

– Viserys teria comprado todos os Imaculados que tivesse dinheiro para isso. Mas você certa vez disse que eu era como Rhaegar...

– Lembro-me disso, Daenerys.

– *Vossa Graça* – corrigiu ela. – O Príncipe Rhaegar levou homens livres para a batalha, não escravos. Barba-Branca disse que foi o próprio quem armou os escudeiros cavaleiros e também armou muitos outros homens.

– Não havia honra maior do que receber o grau de cavaleiro das mãos do Príncipe de Pedra do Dragão.

– Então diga-me: quando ele tocava um homem no ombro com a espada, o que dizia? "Vá e mate os fracos"? Ou "Vá e defenda-os"? No Tridente, esses homens corajosos de que Viserys falou e que morreram sob os nossos estandartes do dragão... deram a vida porque *acreditavam* na causa de Rhaegar, ou porque tinham sido comprados e pagos? – Dany virou-se para Mormont, cruzou os braços e esperou por uma resposta.

– Minha rainha – disse lentamente o forte homem –, tudo que diz é verdade. Mas Rhaegar perdeu no Tridente. Perdeu a batalha, perdeu a guerra, perdeu o reino e perdeu a vida. Seu sangue escorreu rio abaixo com os rubis de sua placa de peito, e Robert, o Usurpador, cavalgou por cima de seu cadáver para roubar o Trono de Ferro. Rhaegar lutou valentemente, Rhaegar lutou com nobreza, lutou com honra. E Rhaegar *morreu*.

Bran

Nenhuma estrada atravessava os retorcidos vales de montanha que agora percorriam. Entre os picos cinzentos de pedra havia calmos lagos azuis, longos, profundos e estreitos, e as infinitas sombras verdes de florestas de pinheiros. O castanho-avermelhado e o dourado das folhas de outono tornaram-se menos comuns quando abandonaram a mata de lobos para subir as velhas colinas de sílex, e desapareceram quando as colinas se transformaram em montanhas. Gigantescas árvores sentinela cinza-esverdeadas erguiam-se agora por cima deles, ombreando com abetos e pinheiros-marciais numa profusão sem fim. Por baixo, a vegetação rasteira era pouco densa, e o chão da floresta estava atapetado de agulhas verde-escuras.

Quando se perdiam, como aconteceu uma ou duas vezes, bastava-lhes esperar por uma noite fria e límpida em que as nuvens não se intrometessem e olhar para o céu em busca do Dragão de Gelo. A estrela azul no olho do dragão indicava o caminho para o norte, segundo Osha tinha lhe dito um dia. Pensar em Osha fazia Bran se perguntar sobre onde ela estaria. Imaginava-a a salvo em Porto Branco, com Rickon e Cão-Felpudo, comendo enguias, peixe e torta quente de caranguejo com o gordo Lorde Manderly. Ou talvez se aquecessem na Última Lareira, diante das fogueiras do Grande-Jon. Mas a vida de Bran transformara-se em dias infinitos e gelados nas costas de Hodor, subindo e descendo em seu cesto as vertentes de montanhas.

– Para cima e para baixo – suspirava às vezes Meera enquanto caminhavam – e depois para baixo e para cima. E depois outra vez para cima e para baixo. Detesto estas suas malditas montanhas, Príncipe Bran.

– Ontem disse que as adorava.

– Ah, e adoro. O senhor meu pai tinha me falado de montanhas, mas nunca tinha visto nenhuma até agora. Adoro-as mais do que consigo expressar.

Bran fez uma careta para ela.

– Mas acabou de dizer que as detestava.

– Por que é que não pode ser as duas coisas? – Meera esticou a mão para apertar o nariz de Bran.

– Porque são coisas *diferentes* – insistiu ele. – Como a noite e o dia, ou o gelo e o fogo.

– Se o gelo pode queimar – disse Jojen em sua voz solene –, então o amor e o ódio podem se juntar. Montanha ou pântano, não importa. A terra é só uma.

– Uma – concordou a irmã –, mas enrugada demais.

Os vales de altitude raramente lhes faziam o favor de correr de norte para sul, de modo que era frequente verem-se seguindo ao longo de léguas na direção errada, e às vezes eram forçados a voltar.

– Se tivéssemos seguido a estrada do rei, a esta altura já poderíamos estar chegando à Muralha – Bran costumava lembrar aos Reed. Queria encontrar o corvo de três olhos, para poder aprender a voar. Repetira isso meia centena de vezes, até que Meera começou a caçoar dele, proferindo as palavras ao mesmo tempo que ele. – Se tivéssemos seguido a estrada do rei também não teríamos tanta fome – começou então a dizer.

Lá embaixo, nas colinas, não tinham tido falta de alimentos. Meera era uma boa caçadora, e melhor ainda em arrancar peixes dos riachos com a sua lança de três dentes para caçar rãs. Bran gostava de observá-la, admirando a sua rapidez, o modo como arremessava a lança e a puxava de volta com uma truta prateada contorcendo-se na ponta. E também tinham Verão para caçar para eles. O lobo gigante desaparecia quase todas as noites quando o sol se punha, mas estava sempre de volta antes do nascer do dia, normalmente com alguma coisa nas mandíbulas, um esquilo ou uma lebre.

Mas ali, nas montanhas, os riachos eram menores e gelados, e a caça, mais escassa. Meera ainda caçava e pescava quando podia, mas era mais difícil, e certas noites nem o Verão encontrava presas. Era frequente irem dormir de barriga vazia.

Mas Jojen continuava teimosamente determinado a permanecer bem longe das estradas.

– Onde você encontra estradas, encontra viajantes – dizia, com aquela sua maneira de falar –, e os viajantes têm olhos para ver e bocas para espalhar histórias sobre o rapaz aleijado, seu gigante e o lobo que caminha com eles. – Ninguém era capaz de ser tão teimoso quanto Jojen, portanto avançavam com dificuldade por território bravio, e todos os dias iam um pouco mais alto, e caminhavam um pouco mais para o norte.

Havia dias em que chovia, outros eram ventosos, e uma vez foram pegos por uma saraivada tão forte que até Hodor berrou de medo. Nos dias sem nuvens, frequentemente tinham a impressão de que eram as únicas criaturas vivas no mundo inteiro.

– Ninguém vive aqui em cima? – perguntou certa vez Meera Reed, enquanto rodeavam um maciço de granito tão grande quanto Winterfell.

– Há gente – disse-lhe Bran. – Os Umber vivem principalmente a leste da estrada do rei, mas pastoreiam suas ovelhas nos prados de altitude durante o verão. Há os Wull a oeste das montanhas ao longo da Baía de Gelo, os Harclay atrás de nós, nas colinas, e os Knott, Liddle e Norrey e até alguns Flint aqui em cima, nas zonas altas. – A

mãe da mãe de seu pai fora uma Flint das montanhas. A Velha Ama certa vez dissera que era o sangue dessa antepassada que levou Bran a gostar tanto de escalar antes da queda. Mas ela tinha morrido muitos, e muitos e muitos mais anos antes de ele nascer, até antes do pai nascer.

– Wull? – disse Meera. – Jojen, não houve um Wull que acompanhou o pai durante a guerra?

– Theo Wull – Jojen ofegava devido à subida. – Costumavam chamá-lo de Baldes.

– É o símbolo deles – disse Bran. – Três baldes marrons sobre azul, com um bordado de xadrez branco e cinza. Lorde Wull veio uma vez a Winterfell, para prestar vassalagem e conversar com o pai, e ele tinha os baldes no escudo. Mas não é um verdadeiro lorde. Bem, é, mas chamam-no só de *o Wull*, e há também o Knott, o Norrey e o Liddle. Em Winterfell, nós os chamávamos de lordes, mas seus povos não os chamam.

Jojen Reed parou para recuperar o fôlego.

– Acha que essa gente das montanhas sabe que estamos aqui?

– Eles sabem. – Bran avistara-os observando; não com os próprios olhos, mas com os olhos mais sensíveis de Verão, que deixavam escapar muito pouco. – Não nos incomodarão se não tentarmos fugir com suas cabras ou cavalos.

E não incomodaram. Só uma vez encontraram um membro do povo da montanha, quando uma súbita carga de água gelada tinha feito com que buscassem abrigo. Verão encontrou-o por eles, farejando uma gruta pouco profunda por trás dos ramos cinza-esverdeados de uma altaneira árvore sentinela, mas quando Hodor se abaixou sob a saliência rochosa, Bran viu o clarão alaranjado de uma fogueira mais para trás e compreendeu que não estavam sós.

– Entrem e aqueçam-se – chamou uma voz. – Há pedra suficiente para manter a chuva afastada de todas as nossas cabeças.

O homem ofereceu-lhes bolos de aveia e morcela e um gole da cerveja que trazia num odre, mas não lhes disse o nome; e também não perguntou o deles. Bran achou que devia ser um Liddle. O broche que prendia seu manto de pele de esquilo era de ouro e bronze, trabalhado em forma de pinha, e os Liddle usavam pinhas na metade branca de seus escudos verde e branco.

– Aqui é longe da Muralha? – perguntou-lhe Bran enquanto esperavam que a chuva parasse.

– Não muito para o voo do corvo – disse o Liddle, se é que ele era tal coisa. – Mais longe, para aqueles que não têm asas.

Bran então começou:

– Aposto que já estaríamos lá se...

– ... tivéssemos seguido a estrada do rei – concluiu Meera com ele.

O Liddle puxou uma faca e começou a desbastar um pedaço de madeira.

– Quando havia um Stark em Winterfell, uma donzela podia percorrer a estrada do rei usando o vestido do dia de seu nome e nada sofrer, e os viajantes encontravam fogo, pão e sal em muitas estalagens e castros. Mas agora as noites são mais frias, e as portas estão fechadas. Há lulas na mata de lobos, e homens esfolados percorrem a estrada do rei, perguntando por forasteiros.

Os Reed trocaram um olhar.

– Homens esfolados? – perguntou Jojen.

– Os rapazes do Bastardo, ora. Ele tava morto, mas agora não tá. E paga bom dinheiro por pele de lobos, segundo um homem ouviu dizer, e talvez até ouro por notícias de certos outros mortos que andam. – Olhou para Bran quando disse aquilo, e para Verão, que estava estendido ao seu lado. – Quanto a essa Muralha – prosseguiu o homem –, não é lugar para onde eu iria. O Velho Urso levou a Patrulha para a floresta assombrada, e tudo que voltou foram seus corvos, quase sem trazer nenhuma mensagem. *Asas escuras, palavras escuras*, dizia a minha mãe, mas parece-me que quando os pássaros voam calados, isso é ainda mais sombrio. – Atiçou o fogo com o pedaço de madeira. – Era diferente quando havia um Stark em Winterfell. Mas o velho lobo tá morto e o novo foi para o sul jogar o jogo de tronos, e tudo que nos resta são os fantasmas.

– Os lobos voltarão – disse solenemente Jojen.

– E como é que você sabe, rapaz?

– Sonhei com isso.

– Há noites em que sonho com a minha mãe, que enterrei há nove anos – disse o homem –, mas, quando acordo, ela não voltou pra junto de nós.

– Há sonhos e sonhos, senhor.

– Hodor – disse Hodor.

Passaram aquela noite juntos, pois a chuva não cedeu até bem depois de escurecer, e só Verão parecia querer abandonar a gruta. Quando a fogueira se reduziu a brasas, Bran deixou-o ir. O lobo gigante não sentia a umidade como as pessoas, e a noite chamava-o. O luar pintava os bosques molhados em tons de prata e tornava brancos os picos cinzentos. Corujas piavam na escuridão e voavam silenciosamente entre os pinheiros, enquanto cabras brancas se deslocavam pelos flancos das montanhas. Bran fechou os olhos e entregou-se ao sonho de lobo, aos cheiros e sons da meia-noite.

Quando acordaram na manhã seguinte, a fogueira tinha se apagado e o Liddle havia desaparecido, mas deixou-lhes uma morcela e uma dúzia de bolos de aveia bem embrulhados num pano verde e branco. Alguns bolos tinham pinhões misturados na massa e outros,

amoras-pretas. Bran comeu um de cada, e não conseguiu decidir de qual tinha gostado mais. Um dia voltaria a haver Stark em Winterfell, disse a si próprio, e então mandaria chamar os Liddle e pagaria cem vezes por cada pinhão e amora.

A trilha que seguiam era um pouco mais fácil naquele dia e, pelo meio-dia, o sol surgiu numa clareira entre as nuvens. Bran sentiu-se quase satisfeito, sentado em seu cesto às costas de Hodor. Cochilou um pouco, embalado pelo balanço regular dos passos do grande cavalariço e pelo suave cantarolar que ele às vezes soltava quando caminhava. Meera acordou-o com um ligeiro toque no braço.

– Olhe – disse ela, apontando para o céu com sua lança de caçar rãs –, uma águia.

Bran levantou a cabeça e viu-a, com asas cinzentas abertas e imóveis, como se flutuassem no vento. Seguiu a ave com os olhos enquanto ela subia aos círculos, perguntando a si mesmo como seria pairar pelo mundo afora com tal ausência de esforço. *Ainda melhor do que escalar.* Tentou alcançar a águia, abandonar seu estúpido corpo aleijado e subir ao céu para se juntar a ela como fazia com Verão. *Os videntes verdes conseguiam fazer isso. Eu também devia ser capaz.* Tentou e tentou, até que a águia desapareceu na bruma dourada da tarde.

– Sumiu – disse, desapontado.

– Ainda vamos ver outras – Meera falou. – Elas vivem aqui em cima.

– Suponho que sim.

– Hodor – disse Hodor.

– Hodor – concordou Bran.

Jojen deu um chute numa pinha.

– Parece que o Hodor gosta quando diz o nome dele.

– Hodor não é o verdadeiro nome dele – explicou Bran. – É só uma palavra qualquer que ele diz. A Velha Ama disse-me que seu verdadeiro nome é Walder. Ela era avó da avó dele, ou qualquer coisa do gênero. – Falar da Velha Ama entristecia-o. – Acha que os homens de ferro a mataram? – Não tinham visto o corpo dela em Winterfell. Não se lembrava de ver nenhuma mulher morta, agora que pensava nisso. – Ela nunca fez mal a ninguém, nem mesmo a Theon. Só contava histórias. Theon não ia fazer mal a alguém assim. Certo?

– Algumas pessoas machucam outras só porque podem fazer isso – disse Jojen.

– E não foi Theon quem fez a matança em Winterfell – disse Meera. – Muitos dos mortos eram homens de ferro. – Passou a lança para a outra mão. – Lembre-se das histórias da Velha Ama, Bran. Lembre-se da maneira como ela as contava, do som da voz dela. Enquanto se lembrar, parte dela estará sempre viva em você.

– Vou me lembrar – prometeu ele. Subiram em silêncio durante

muito tempo, seguindo uma trilha de animais cheia de curvas ao longo da passagem elevada entre dois picos pedregosos. Pinheiros marciais esqueléticos agarravam-se às vertentes em volta deles. Bem mais à frente Bran viu a cintilação gelada de um rio que caía pelo flanco de uma montanha. Deu por si escutando o ruído da respiração de Jojen e o som quebradiço das agulhas de pinheiro sob os pés de Hodor. – Sabem histórias? – perguntou de repente aos Reed.

Meera soltou uma gargalhada.

– Ah, algumas.

– Algumas – admitiu o irmão.

– Hodor – disse Hodor, cantarolando.

– Podiam contar uma – disse Bran. – Enquanto caminhamos. O Hodor gosta de histórias sobre cavaleiros. Eu também gosto.

– Não há cavaleiros no Gargalo – disse Jojen.

– Por cima da água – corrigiu a irmã. – Mas os pântanos estão cheios de cavaleiros mortos.

– Isso é verdade – disse Jojen. – Ândalos e homens de ferro, Frey e outros tolos, todos os orgulhosos guerreiros que tentaram conquistar a Água Cinzenta. Nem um conseguiu encontrá-la. Entram no Gargalo mas não conseguem sair. E mais cedo ou mais tarde tropeçam nos pântanos, afundam-se sob o peso de todo aquele aço e afogam-se lá, em suas armaduras.

A imagem de cavaleiros afogados debaixo d'água fez Bran arrepiar-se. Mas não levantou objeções; *gostava* dos arrepios.

– Houve um cavaleiro – disse Meera – no ano da Falsa Primavera. Chamavam-no de Cavaleiro da Árvore que Ri. Esse pode ter sido um cranogmano.

– Ou não. – O rosto de Jojen estava salpicado de sombras verdes. – Tenho certeza de que o Príncipe Bran já ouviu essa história uma centena de vezes.

– Não – disse Bran. – Não ouvi. E, se tivesse ouvido, não me importaria. Às vezes, a Velha Ama voltava a contar as mesmas histórias, mas nós nunca nos importávamos, desde que fossem boas. Ela costumava dizer que as velhas histórias são como velhos amigos. Temos de visitá-las de vez em quando.

– Isso é verdade. – Meera caminhava com o escudo nas costas, afastando do caminho um ramo ou outro com a lança para rãs. Bem quando Bran já começava a achar que ela não ia contar a história, começou: – Num tempo muito distante houve um moço engraçado que vivia no Gargalo. Era pequeno como todos os cranogmanos, mas também era bravo, esperto e forte. Cresceu caçando, pescando e subindo nas árvores e aprendeu toda a magia do meu povo.

Bran tinha quase certeza de que nunca ouvira aquela história.

– Ele tinha os sonhos verdes, como o Jojen?

– Não – disse Meera –, mas era capaz de respirar lama e correr sobre folhas e transformar a terra em água e a água em terra só com uma palavra murmurada. Sabia falar com as árvores, tecer palavras e fazer castelos aparecerem e desaparecerem.

– Gostaria de saber fazer isso – disse Bran em tom de lamento. – Quando é que ele conhece o cavaleiro da árvore?

Meera fez-lhe uma careta.

– Mais depressa, se um certo príncipe ficasse calado.

– Estava só perguntando.

– O rapaz conhecia as magias dos pântanos – prosseguiu ela –, mas queria mais. É que o nosso povo raramente viaja para longe de casa. Somos gente pequena, e nossos costumes parecem estranhos para certas pessoas, de modo que as pessoas grandes nem sempre nos tratam bem. Mas esse rapaz era mais ousado do que a maioria, e um dia, depois de chegar à idade adulta, decidiu que iria deixar os pântanos para visitar a Ilha das Caras.

– Ninguém visita a Ilha das Caras – questionou Bran. – É onde vivem os homens verdes.

– Eram os homens verdes que ele queria encontrar. Portanto vestiu uma camisa com escamas de bronze cosidas a ela, como a minha, pegou um escudo de couro e uma lança de três dentes, como os meus, e desceu o Ramo Verde remando num pequeno barco de casco de couro.

Bran fechou os olhos para tentar ver o homem em seu pequeno barco de casco de couro. Na sua cabeça, o cranogmano parecia-se com Jojen, só que mais velho e forte e vestido como Meera.

– Passou por baixo das Gêmeas de noite, para que os Frey não o atacassem, e quando chegou ao Tridente, saiu do rio, pôs o barco na cabeça e começou a caminhar. Demorou muitos dias, mas por fim chegou ao Olho de Deus, atirou o barco no lago e remou até a Ilha das Caras.

– E encontrou os homens verdes?

– Sim – disse Meera –, mas essa é outra história, e não cabe a mim contá-la. O meu príncipe pediu cavaleiros.

– Homens verdes também são bons.

– São mesmo – concordou ela, mas nada mais disse sobre eles. – O cranogmano ficou na ilha durante todo esse inverno, mas quando a primavera desabrochou, ouviu o grande mundo a chamá-lo e soube que era hora de partir. Seu barco de couro estava exatamente no local onde o deixara, por isso fez suas despedidas e remou para terra firme. Remou e remou, e por fim viu as distantes torres de um castelo erguendo-se junto ao lago. As torres subiam cada vez mais, à medida que ia se aproximando da margem, até que ele percebeu que aquele devia ser o maior castelo do mundo inteiro.

– Harrenhal! – compreendeu Bran de imediato. – Era Harrenhal!

Meera sorriu.

– Seria? À sombra das suas muralhas viu tendas de muitas cores, brilhantes estandartes balançando ao vento, e cavaleiros vestidos de cota de malha ou de placas de aço e montados em cavalos couraçados. Sentiu o cheiro de carne assando e ouviu o som de risos e o clangor das trombetas dos arautos. Um grande torneio estava prestes a começar, e tinham vindo campeões de todo o território para conquistá-lo. O próprio rei encontrava-se presente, com seu filho, o príncipe-dragão. As Espadas Brancas tinham vindo, para receber um novo irmão em suas fileiras. O senhor da tempestade andava por lá, bem como o senhor da rosa. O grande leão do rochedo tinha brigado com o rei e acabou se mantendo afastado, mas muitos de seus vassalos e cavaleiros compareceram mesmo assim. O cranogmano nunca vira tamanha pompa, e sabia que talvez nunca mais voltaria a ver coisa igual. Parte de si nada mais desejava do que participar daquilo.

Bran conhecia bastante bem essa sensação. Quando era pequeno, só sonhava em ser um cavaleiro. Mas isso fora antes de cair e perder as pernas.

– A filha do grande castelo reinava como rainha do amor e da beleza quando o torneio começou. Cinco campeões tinham jurado defender a sua coroa; seus quatro irmãos de Harrenhal e seu tio famoso, um cavaleiro branco da Guarda Real.

– Era uma donzela bela?

– Era – disse Meera, saltando sobre uma pedra –, mas havia outras ainda mais belas. Uma era a esposa do príncipe-dragão, que havia trazido uma dúzia de damas de companhia para servi-la. Todos os cavaleiros lhe suplicavam favores para atar em volta de suas lanças.

– Isso não vai ser uma daquelas histórias de *amor*, não é? – perguntou Bran, desconfiado. – O Hodor não gosta lá muito dessas.

– Hodor – disse Hodor, concordando.

– Ele gosta das histórias em que os cavaleiros lutam com monstros.

– Às vezes os monstros são os cavaleiros, Bran. O pequeno cranogmano caminhava pelo campo, desfrutando do dia quente de primavera e sem fazer mal a ninguém, quando foi atacado por três escudeiros. Nenhum deles tinha mais de quinze anos, mesmo assim eram maiores do que ele, todos os três. Do modo como viam as coisas, aquele mundo era *deles*, e o cranogmano não tinha o direito de estar lá. Roubaram sua lança e atiraram-no ao chão, e o chamaram de paparãs.

– Eram Walder? – parecia algo que o Pequeno Walder Frey poderia ter feito.

– Nenhum deles disse o nome, mas ele guardou bem seus rostos

na memória, para que pudesse se vingar mais tarde. Derrubaram-no toda vez que tentou se levantar, e chutaram-no quando se enrolou sobre si mesmo no chão. Mas então ouviram um rugido. “Esse que chutam é vassalo de meu pai”, uivou a loba.

– Uma loba com quatro patas, ou com duas?

– Duas – disse Meera. – A loba meteu-se no meio dos escudeiros com uma espada de torneio, fazendo-os debandar. O cranogmano estava machucado e ensanguentado, por isso ela levou-o para a sua toca, para limpar as feridas e cobri-las com linho. Aí, ele conheceu os irmãos de matilha dela: o lobo selvagem que os liderava, o lobo calado ao seu lado e o lobinho que era o mais novo dos quatro.

“Nessa noite, haveria um banquete em Harrenhal, para anunciar a abertura do torneio, e a loba insistiu em que o rapaz comparecesse. Ele era de elevado nascimento, com tanto direito a um lugar no banco como qualquer outro homem. Não era fácil contrariar aquela donzela-lobo, e assim ele deixou que o jovem lobinho lhe arranjasse um traje adequado para um banquete real e dirigiu-se ao grande castelo.

“Comeu e bebeu sob o teto de Harren, com os lobos e também com muitas das espadas a eles juramentadas, homens das terras acidentadas, e também alces, ursos e tritões. O príncipe-dragão cantou uma canção tão triste que fez a donzela-lobo soluçar, mas quando o seu irmão lobinho caçoou dela por chorar, ela derramou vinho na cabeça dele. Um irmão negro interveio, pedindo aos cavaleiros para se juntarem à Patrulha da Noite. O senhor da tempestade derrotou o cavaleiro dos crânios e beijos numa batalha de copos de vinho. O cranogmano viu uma donzela com sorridentes olhos púrpuras dançando com uma espada branca, uma serpente vermelha e o senhor dos grifos, e por fim com o lobo silencioso... mas só depois que o lobo selvagem falou com ela em nome do irmão, que era tímido demais para sair de seu banco.

“No meio de toda aquela alegria, o pequeno cranogmano vislumbrou os três escudeiros que o tinham atacado. Um deles servia um cavaleiro forquilha; outro, um porco-espinho, enquanto o terceiro assistia um cavaleiro com duas torres em seu sobretudo, um símbolo que todos os cranogmanos conhecem bem.”

– Os Frey – disse Bran. – Os Frey da Travessia.

– Então, assim como agora – concordou ela. – A donzela-lobo também os viu e mostrou-os aos irmãos. “Podia arranjar-lhe um cavalo e uma armadura que talvez servisse”, ofereceu o lobinho. O pequeno cranogmano agradeceu, mas não respondeu. Tinha o coração dividido. Os cranogmanos são menores do que a maioria dos homens, mas igualmente orgulhosos. O rapaz não era cavaleiro, nenhum dos seus era. Sentamo-nos mais frequentemente num barco do que num cavalo, e nossas mãos são feitas para remos, não para lanças. Por mais que

desejasse obter sua vingança, temia não fazer mais do que papel de bobo, envergonhando seu povo. O lobo silencioso ofereceu ao pequeno cranogmano um lugar em sua tenda naquela noite, mas este, antes de dormir, ajoelhou-se na margem do lago, olhando por sobre a água para onde a Ilha das Caras deveria estar, e proferiu uma prece aos deuses antigos do Norte e do Gargalo...

– Seu pai nunca lhe contou essa história? – perguntou Jojen.

– Era a Velha Ama quem contava histórias. Meera, continue, não pode parar aí.

Hodor devia sentir o mesmo.

– Hodor – disse, e depois: – Hodor hodor hodor hodor.

– Bem – disse Meera –, se quer ouvir o resto...

– Sim. *Conte*.

– Estavam planejados cinco dias de justas – disse ela. – Também haveria uma grande luta corpo a corpo entre sete equipes, e torneios de tiro ao alvo e arremesso de machados, uma corrida de cavalos e um torneio de cantores...

– Isso tudo não interessa. – Bran contorceu-se impacientemente no cesto que o prendia às costas de Hodor. – Conte o que aconteceu nas justas.

– Às ordens de meu príncipe. A filha do castelo era a rainha do amor e da beleza, com quatro irmãos e um tio para defendê-la, mas todos os quatro filhos de Harrenhal foram derrotados no primeiro dia. Os vencedores tiveram breves reinados como campeões, até serem, por sua vez, derrotados. Aconteceu que, no fim do primeiro dia, o cavaleiro do porco-espinho conquistou um lugar entre os campeões, e na manhã do segundo dia o cavaleiro da forquilha e o cavaleiro das duas torres também saíram vitoriosos. Mas, ao fim da tarde desse segundo dia, quando as sombras se tornavam longas, um misterioso cavaleiro surgiu na liça.

Bran assentiu com a cabeça, com ar sabedor. Cavaleiros misteriosos apareciam frequentemente nos torneios, com elmos que escondiam seus rostos, e escudos ora vazios ora ostentando um símbolo estranho qualquer. Às vezes eram campeões famosos sob disfarce. O Cavaleiro do Dragão certa vez ganhara um torneio como o Cavaleiro das Lágrimas, para poder nomear a irmã rainha do amor e da beleza no lugar da amante do rei. E Barristan, o Ousado, vestiu por duas vezes uma armadura de cavaleiro misterioso, a primeira quando tinha apenas dez anos.

– Aposto que era o pequeno cranogmano.

– Ninguém soube – disse Meera –, mas o cavaleiro misterioso era de baixa estatura e usava uma armadura que mal lhe servia, feita de partes avulsas. O símbolo que trazia no escudo era uma árvore-coração dos velhos deuses, um represeiro branco com uma cara

vermelha sorrindo.

– Talvez tenha vindo da Ilha das Caras – disse Bran. – Era verde? – Nas histórias da Velha Ama, os guardiães tinham pele verde-escura e folhas no lugar dos cabelos. Às vezes também tinham chifres, mas Bran não via como o cavaleiro misterioso poderia ter usado um elmo se tivesse chifres. – Aposto que foram os deuses antigos que o enviaram.

– Talvez tenham sido. O cavaleiro misterioso saudou o rei com a lança e dirigiu-se para o fim da liça, onde os cinco campeões tinham seus pavilhões. Sabe quais foram os três que ele desafiou.

– O cavaleiro do porco-espinho, o cavaleiro da forquilha e o cavaleiro das torres gêmeas. – Bran ouvira histórias suficientes para saber *isso*. – Era o pequeno cranogmano, bem que eu disse.

– Fosse quem fosse, os deuses antigos deram força ao seu braço. O cavaleiro do porco-espinho foi o primeiro a cair, seguido pelo da forquilha e, por fim, o das duas torres foi derrubado. Nenhum deles era apreciado, por isso os plebeus aplaudiram vigorosamente o Cavaleiro da Árvore que Ri, nome pelo qual o novo campeão começou rapidamente a ser conhecido. Quando seus adversários caídos procuraram resgatar cavalos e armaduras, o Cavaleiro da Árvore que Ri falou numa voz trovejante através do elmo: "*Ensinem honra aos seus escudeiros, isso será um resgate suficiente*". Depois de os cavaleiros derrotados terem punido severamente os escudeiros, seus cavalos e armaduras foram restituídos. E, assim, as preces do pequeno cranogmano foram atendidas... pelos homens verdes, pelos deuses antigos ou pelos filhos da floresta, quem saberá?

Era uma boa história, decidiu Bran depois de pensar nela por um momento ou dois.

– O que aconteceu depois? O Cavaleiro da Árvore que Ri ganhou o torneio e se casou com uma princesa?

– Não – disse Meera. – Nessa noite, no grande castelo, tanto o senhor da tempestade como o cavaleiro dos crânios e dos beijos juraram que iriam desmascará-lo, e o próprio rei exortou os homens a desafiá-lo, declarando que o rosto por trás do elmo não era seu amigo. Mas, na manhã seguinte, quando os arautos sopraram suas trombetas e o rei ocupou seu lugar, só dois campeões apareceram. O Cavaleiro da Árvore que Ri tinha desaparecido. O rei ficou furioso, e até mandou o filho, o príncipe-dragão, procurar o homem, mas tudo que encontraram foi seu escudo pintado, abandonado, pendendo de uma árvore. No fim, foi o príncipe-dragão que ganhou o torneio.

– Oh. – Bran refletiu um pouco acerca da história. – Foi uma boa história. Mas, em vez dos escudeiros, os três cavaleiros maus deviam ter machucado o homem. Então, o pequeno cranogmano poderia ter matado os três. A parte dos resgates é estúpida. E o cavaleiro

misterioso devia ter ganhado o torneio, derrotando todos os que o desafiassem, e nomeado a donzela-lobo rainha do amor e da beleza.

– Ela foi nomeada – disse Meera –, mas essa é uma história mais triste.

– Tem certeza de que nunca ouviu essa história antes, Bran? – perguntou Jojen. – O senhor seu pai nunca a contou para você?

Bran sacudiu a cabeça. O dia já estava acabando a essa altura, e longas sombras rastejavam pelos flancos das montanhas, enviando dedos negros por entre os pinheiros. *Se o pequeno cranogmano pôde visitar a Ilha das Caras, eu talvez também possa*. Todas as histórias concordavam em que os homens verdes possuíam estranhos poderes mágicos. Talvez pudessem ajudá-lo a voltar a andar, ou até a transformá-lo num cavaleiro. *Transformaram o pequeno cranogmano num cavaleiro, mesmo que só por um dia*, pensou. *Um dia seria suficiente.*

Davos

A cela era mais quente do que uma cela tinha direito de ser.

Sim, era escura. Uma tremeluzente luz laranja caía através das antigas barras de ferro, vinda do archote enfiado na arandela presa à parede do lado de fora, mas a metade interior da cela permanecia mergulhada em sombras. Também era úmida, como se poderia esperar de uma ilha como Pedra do Dragão, onde o mar nunca estava longe. E havia ratazanas, tantas quantas qualquer masmorra podia esperar ter e mais algumas.

Mas Davos não podia se queixar de frio. As passagens de pedra lisa sob a grande massa de Pedra do Dragão eram sempre quentes, e Davos ouvira dizer com frequência que ficavam mais quentes à medida que se descia. Calculava estar muito abaixo do castelo, e sentia a parede de sua cela quente quando encostava a palma da mão nela. As velhas histórias talvez fossem verdadeiras, e Pedra do Dragão talvez tivesse sido construída com pedras do inferno.

Estava doente quando o levaram até ali. A tosse que o vinha atormentando desde a batalha piorara, e tinha sido também atacado por uma febre. Seus lábios racharam, enchendo-se de bolhas sangrentas, e o calor da cela não o impedira de ter calafrios. *Não resistirei por muito tempo*, lembrava-se de ter pensado. *Morrerei em breve, aqui na escuridão.*

Davos descobriu rapidamente que nisso se enganava, tal como em muitas outras coisas. Lembrava-se vagamente de mãos gentis e de uma voz firme, e do jovem Meistre Pylos a olhá-lo de cima. Deram-lhe caldo quente de alho para beber e leite de papoula para lhe tirar as dores e os arrepios. A papoula fez com que dormisse, e enquanto dormia colaram sanguessugas na sua pele, para drenar o sangue ruim. Pelo menos fora isso que concluíra das marcas de sanguessugas que tinha nos braços quando acordou. Pouco tempo depois, a tosse parou, as bolhas desapareceram, e o caldo começou a vir com pedaços de peixe branco, e também cenouras e cebolas. E um dia percebeu que se sentia mais forte do que se sentira desde que o *Betha Negra* havia se estilhaçado sob os seus pés e o atirado ao rio.

Tinha dois carcereiros para cuidar de si. Um era largo e atarracado, com grandes ombros e mãos enormes e fortes. Usava uma brigantina de couro pontilhada de tachões de ferro, e uma vez por dia trazia a Davos uma tigela de mingau de aveia. Às vezes adoçava-a com mel ou despejava nela um pouco de leite. O outro carcereiro era mais velho, curvado e pálido, com cabelos oleosos, sujos, e pele áspera. Usava um gibão de veludo branco com um anel de estrelas bordado no peito, em fio de ouro. Caía mal nele, ao mesmo tempo curto e largo

demais, e estava sujo e rasgado. Esse trazia a Davos pratos de carne com purê, ou guisado de peixe, e uma vez até tinha lhe trazido metade de um empadão de lampreia. A lampreia estava tão condimentada que Davos não conseguira mantê-la no estômago, mesmo assim era um raro acepipe para um prisioneiro numa masmorra.

Nem sol nem luz brilhavam nas masmorras; nenhuma janela perfurava as espessas paredes de pedra. A única maneira de distinguir o dia da noite era através dos carcereiros. Nenhum dos homens falava com ele, embora Davos soubesse que não eram mudos; às vezes ouvia-os trocar algumas palavras rudes na troca da guarda. Nem sequer lhe disseram como se chamavam, por isso deu-lhes nomes inventados. Ao baixo e forte chamou Mingau, ao curvado e pálido, Lampreia, devido ao empadão. Marcava a passagem dos dias pelas refeições que eles traziam e pelas trocas de archotes na arandela fora de sua cela.

Na escuridão, um homem sente-se só e anseia pelo som da voz humana. Davos dirigia-se aos carcereiros sempre que eles vinham à cela, fosse para lhe trazer comida, fosse para trocar o balde dos dejetos. Sabia que os homens seriam surdos a súplicas por liberdade ou misericórdia; em vez disso fazia-lhes perguntas, na esperança de que talvez um dia algum deles pudesse responder. "Que notícias há da guerra?", perguntava, e "O rei está bem?". Pedia notícias do filho Devan, e da Princesa Shireen, e de Salladhor Saan. "Como anda o tempo?", perguntava, e "As tempestades de outono já começaram?", "Os navios ainda percorrem o mar estreito?".

Não importava o que perguntava; eles nunca respondiam, embora às vezes Mingau lhe dirigisse um olhar, fazendo Davos pensar durante meio segundo que ele se preparava para falar. Com o Lampreia nem isso havia. *Para ele, não sou um homem*, pensou Davos, *não passo de uma pedra que come, caga e fala*. Passado algum tempo, decidiu que gostava muito mais do Mingau. Este parecia pelo menos saber que ele estava vivo, e havia uma estranha espécie de bondade no homem. Davos suspeitava que ele alimentava as ratazanas; era por isso que havia tantas. Uma vez pensou ter ouvido o carcereiro falar com elas como se fossem crianças, mas isso talvez tivesse sido apenas um sonho.

Eles não pretendem me deixar morrer, compreendeu. *Estão me mantendo vivo, para um propósito qualquer*. Não gostava de pensar no que esse propósito poderia ser. Lorde Sunglass fora confinado nas celas sob Pedra do Dragão durante algum tempo, tal como os filhos de Sor Hubard Rambton; todos acabaram na pira. *Devia ter me entregado ao mar*, pensou Davos, sentado, fitando o archote do outro lado das barras. *Ou deixar que a vela passasse por mim, para morrer em meu rochedo. Prefiro alimentar caranguejos a chamas.*

Então, uma noite, enquanto terminava o jantar, Davos sentiu que

um estranho brilho o inundava. Olhou para cima por entre as barras e ali estava ela, vestida com um cintilante tom de escarlate, com seu grande rubi na garganta, e os olhos vermelhos brilhando tanto quanto o archote que a banhava.

– Melisandre – disse, com uma calma que não sentia.

– Cavaleiro das Cebolas – respondeu ela, igualmente calma, como se os dois tivessem se encontrado numa escada ou no pátio e trocassem saudações delicadas. – Está bem?

– Melhor do que já estive.

– Falta alguma coisa a você?

– O meu rei. O meu filho. Ambos me fazem falta. – Pôs a tigela de lado e levantou-se. – Veio me queimar?

Os estranhos olhos vermelhos da mulher estudaram-no através das barras.

– Este é um mau lugar, não é? Um lugar escuro e malcheiroso. O bom sol aqui não brilha, e a lua brilhante também não. – Ergueu uma mão para o archote na arandela da parede. – Isto é tudo que existe entre você e as trevas, Cavaleiro das Cebolas. Este pequeno fogo, esta dádiva de R'hllor. Devo apagá-la?

– Não. – Davos aproximou-se das barras. – Por favor. – Não achava que conseguisse aguentar ser deixado só na escuridão completa, sem nada além das ratazanas para lhe fazer companhia.

Os lábios da mulher vermelha curvaram-se para cima num sorriso.

– Então acabou amando o fogo, ao que parece.

– Preciso do archote. – Suas mãos se abriram e fecharam. *Não lhe suplicarei. Não suplicarei.*

– Sou como este archote, Sor Davos. Ambos somos instrumentos de R'hllor. Fomos feitos para o mesmo fim... para manter a escuridão afastada. Acredita nisso?

– Não. – Talvez devesse ter mentido e dito o que ela queria ouvir, mas Davos estava habituado demais a falar a verdade. – Você é a mãe das trevas. Eu vi isso sob Ponta Tempestade, quando pariu diante de meus olhos.

– Estará o bravo Sor Cebolas assim tão assustado por uma sombra passageira? Se é assim, anime-se. As sombras só vivem quando são geradas pela luz, e os fogos do rei ardem tão fracos que não me atrevo a tirar-lhe mais para fazer outro filho. Isso poderia até matá-lo. – Melisandre aproximou-se. – Mas com outro homem... um homem cujas chamas ainda se erguem quentes... se realmente deseja servir à causa do seu rei, venha uma noite aos meus aposentos. Poderia dar-lhe prazer tal como nunca conheceu e, com seu fogo da vida, poderia gerar...

– ... um horror. – Davos afastou-se dela. – Não quero nada com a

senhora. Ou com o seu deus. Que os Sete me protejam.

Melisandre suspirou.

– Eles não protegeram Guncer Sunglass. Rezava três vezes por dia, e usava sete estrelas de sete pontas no escudo, mas quando R'hllor lhe estendeu a mão, suas preces transformaram-se em gritos, e ele ardeu. Por que agarrar-se a esses falsos deuses?

– Adorei-os toda a minha vida.

– Toda a sua vida, Davos Seaworth? Tanto faz dizer que *era assim ontem*. – Sacudiu a cabeça, tristemente. – Nunca temeu dizer a verdade a reis, por que é que mente a si mesmo? Abra os olhos, sor cavaleiro.

– O que quer que eu veja?

– O modo como o mundo é feito. A verdade está à sua volta, basta olhar para ela. A noite é escura e cheia de terrores, o dia, luminoso, belo e cheio de esperança. Uma é negra, o outro, branco. Há gelo e há fogo. Ódio e amor. Amargor e doçura. Macho e fêmea. Dor e prazer. Inverno e verão. Mal e bem. – Ela deu um passo em sua direção. – *Vida e morte*. Em toda parte há opostos. Em toda parte há a guerra.

– A guerra? – perguntou Davos.

– A guerra – afirmou ela. – Existem dois, Cavaleiro das Cebolas. Nem sete, nem um, nem cem ou mil. Dois! Acha que atravessei metade do mundo para colocar mais um rei frívolo em mais um trono vazio? A guerra é travada desde o começo dos tempos, e, antes de chegar ao fim, todos os homens devem escolher de que lado se encontram. De um lado está R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração de Fogo, o Deus da Chama e da Sombra. Contra ele ergue-se o Grande Outro, cujo nome não pode ser pronunciado, o Senhor das Trevas, a Alma do Gelo, o Deus da Noite e do Terror. A nossa escolha não é entre Baratheon e Lannister, entre Greyjoy e Stark. O que escolhemos é a morte ou a vida. A escuridão ou a luz. – Agarrou as barras da cela com suas mãos esguias e brancas. O grande rubi em sua garganta pareceu pulsar com esplendor próprio. – Portanto, diga-me, Sor Davos Seaworth, e diga-me a verdade: o seu coração arde com a luz brilhante de R'hllor? Ou é negro, frio e cheio de vermes? – Estendeu a mão através das barras e pousou três dedos no peito de Davos, como que para sentir a sua verdade através de carne, lã e couro.

– Meu coração – disse lentamente Davos – está cheio de dúvidas.

Melisandre suspirou.

– Ahhhh, Davos. O bom cavaleiro é honesto até o fim, mesmo no seu dia de trevas. É bom que não tenha mentido para mim. Eu teria sabido. Os servos do Outro frequentemente escondem corações negros sob uma luz vívida, por isso R'hllor dá aos seus sacerdotes o poder de ver através das falsidades. – Afastou-se da cela com um passo ligeiro. – Por que queria me matar?

– Direi – disse Davos – se me disser quem me traiu. – Só poderia

ter sido Salladhor Saan, mas ainda agora rezava para que não tivesse sido.

A mulher vermelha soltou uma gargalhada.

– Ninguém o traiu, Cavaleiro das Cebolas. Vi suas intenções nas minhas chamas.

As chamas.

– Se pode ver o futuro nessas chamas, como foi que ardemos na Água Negra? Entregou meus filhos ao fogo... meus filhos, meu navio, meus homens, todos queimando...

Melisandre balançou a cabeça.

– Trata-me injustamente, Cavaleiro das Cebolas. Esses incêndios não foram meus. Se eu estivesse com vocês, sua batalha teria tido um final diferente. Mas Sua Graça estava rodeado de descrentes, e seu orgulho mostrou-se mais forte do que sua fé. A punição foi severa, mas aprendeu com o erro.

Então meus filhos nada mais foram do que uma lição para um rei? Davos sentiu sua boca contrair.

– Agora é noite nos seus Sete Reinos – prosseguiu a mulher vermelha –, mas logo o sol voltará a se levantar. A guerra continua, Davos Seaworth, e certos homens aprenderão em breve que até uma brasa entre cinzas ainda pode causar um grande incêndio. O velho meistre olhava para Stannis e via apenas um homem. Você vê um rei. Ambos se enganam. Ele é o escolhido do Senhor, o guerreiro do fogo. Vi-o à frente da luta contra a escuridão, vi-o nas chamas. As chamas não mentem, caso contrário você não estaria aqui. Isso também está escrito na profecia. Quando a estrela vermelha sangra e as trevas reúnem forças, Azor Ahai renascerá por entre fumaça e sal, para acordar dragões da pedra. A estrela sangrenta já chegou e partiu, e Pedra do Dragão é o local de fumaça e sal. Stannis Baratheon é Azor Ahai renascido! – Os olhos vermelhos da mulher ardiam como fogueiras gêmeas, e pareceram fitar as profundezas da alma de Davos. – Não acredita em mim. Até agora duvida da verdade de R'hllor... e no entanto, serviu-o mesmo assim, e voltará a servi-lo. Vou deixá-lo aqui para pensar em tudo o que lhe disse. E, porque R'hllor é a fonte de todo o bem, deixarei também o archote.

Com um sorriso e um rodopio de saias escarlates, desapareceu. Só o seu odor permaneceu depois de ela partir. Isso e o archote. Davos abaixou-se até o chão da cela e abraçou os joelhos. A luz inconstante do archote varria-o. Depois que os passos de Melisandre deixaram de ser ouvidos, o único som que ficou foi o arranhar das ratazanas. *Gelo e fogo*, pensou. *Branco e preto. Trevas e luz*. Davos não podia negar o poder do deus dela. Tinha visto a sombra sair do ventre de Melisandre, e a sacerdotisa sabia coisas que não tinha como saber. *Ela viu as minhas intenções nas chamas*. Era bom saber que Salla não o

vendera, mas a ideia de a mulher vermelha espiar seus segredos com suas fogueiras inquietava-o mais do que conseguiria exprimir. *E o que ela quis dizer quando falou que eu servi seu deus e voltarei a servi-lo?* Também não tinha gostado disso.

Ergueu os olhos para fitar o archote. Olhou-o durante muito tempo, sem piscar, observando as chamas mudando e tremeluzindo. Tentou ver para além delas, espreitar através da cortina de fogo e vislumbrar o que quer que vivesse lá atrás... mas nada havia, apenas fogo, e após algum tempo seus olhos começaram a lacrimejar.

Ofuscado e cansado, Davos enrolou-se na palha e entregou-se ao sono.

Três dias mais tarde – bem, o Mingau tinha vindo três vezes e o Lampreia, duas – Davos ouviu vozes à porta de sua cela. Sentou-se de imediato, com as costas apoiadas na parede de pedra, escutando os sons de uma luta. Aquilo era novo, uma mudança em seu mundo imutável. O ruído vinha do lado esquerdo, onde os degraus levavam à luz do dia. Conseguia ouvir uma voz de homem, suplicando e gritando.

– ... *loucura!* – o homem dizia quando surgiu à vista de Davos, arrastado entre dois guardas com corações flamejantes no peito. Mingau vinha à frente deles, fazendo tilintar um anel cheio de chaves, e Sor Axell Florent caminhava atrás. – Axell – disse o prisioneiro em tom de desespero –, pelo apreço que tem por mim, *solte-me*! Não pode fazer isso, eu não sou nenhum traidor. – Era um homem de certa idade, alto e esguio, com cabelos prateados, barba pontiaguda e rosto longo e elegante retorcido de medo. – Onde está Selyse, onde está a rainha? Exijo vê-la. Que os Outros carreguem todos vocês! *Soltem-me*!

Os guardas não prestaram atenção ao alarido que o homem fazia.

– Aqui? – perguntou o Mingau em frente à cela. Davos ficou em pé. Por um instante pensou em tentar precipitar-se sobre eles quando a porta fosse aberta, mas isso era uma loucura. Eles eram muitos, os guardas tinham espadas, e Mingau era forte como um touro.

Sor Axell assentiu bruscamente para o carcereiro.

– Que os traidores gozem da companhia um do outro.

– *Eu não sou traidor coisa nenhuma!* – guinchou o prisioneiro enquanto Mingau destrancava a porta. Embora estivesse vestido de forma simples, com um gibão de lã cinza e calções pretos, sua maneira de falar identificava-o como nobre. *Seu nascimento não o beneficiará aqui*, pensou Davos.

Mingau abriu as barras por completo, Sor Axell fez um aceno, e os guardas atiraram seu cativo, de cabeça, para dentro da cela. O homem tropeçou e poderia ter caído, mas Davos agarrou-o. Ele libertou-se imediatamente com uma sacudida e correu cambaleando para a porta, apenas para vê-la fechada na sua cara pálida e mimada.

– *Não* – gritou. – *Nãããããão*. – Toda a força abandonou de repente suas pernas e ele deslizou lentamente para o chão, agarrando-se às barras de ferro. Sor Axell, Mingau e os guardas já tinham se virado para partir. – Não podem fazer isso – gritou o prisioneiro para as costas dos homens que se afastavam. – *Eu sou a Mão do Rei!*

Foi então que Davos o reconheceu.

– É Alester Florent.

O homem virou a cabeça.

– Quem...?

– Sor Davos Seaworth.

Lorde Alester pestanejou.

– Seaworth... o cavaleiro das cebolas. Tentou assassinar Melisandre.

Davos não negou.

– Em Ponta Tempestade usou uma armadura vermelho-dourada, com flores de lápis-lazúli incrustadas na placa de peito. – Estendeu uma mão para ajudar o outro homem a pôr-se em pé.

Lorde Alester sacudiu a palha imunda de suas roupas.

– Eu... eu devo desculpar-me por minha aparência, sor. Minhas arcas foram perdidas quando os Lannister invadiram nosso acampamento. Escapei sem nada exceto a cota de malha que trazia no corpo e os anéis nos dedos.

E ainda usa esses anéis, reparou Davos, que perdera até parte de seus dedos.

– Sem dúvida que algum ajudante de cozinha ou palafreneiro anda agora se pavoneando por Porto Real com o meu gibão fendido de veludo e o manto cravejado de joias – prosseguiu Lorde Alester, absorto. – Mas a guerra tem seus horrores, como todos sabem. Sem dúvida você também sofreu suas próprias perdas.

– Meu navio – disse Davos. – Todos os meus homens. Quatro de meus filhos.

– Que o... que o Senhor da Luz os faça atravessar as trevas até um mundo melhor – disse o outro homem.

Que o Pai os julgue com justiça, e a Mãe lhes conceda misericórdia, pensou Davos, mas guardou a prece para si. Os Sete não tinham mais lugar em Pedra do Dragão.

– Meu filho está a salvo em Águas Claras – prosseguiu o lorde –, mas perdi um sobrinho no *Fúria*. Sor Imry, filho de meu irmão Ryam.

Foi Sor Imry Florent quem os levou cegamente pela Torrente da Água Negra adentro, com todos os remos em ação, sem prestar atenção nas pequenas torres de pedra na foz do rio. Não era provável que Davos se esquecesse dele.

– Meu filho Maric era mestre dos remadores de seu sobrinho. – Lembrou-se do último vislumbre que tivera do *Fúria*, envolto em

fogovivo. – Houve alguma notícia de sobreviventes?

– O *Fúria* queimou e afundou com toda a tripulação – disse sua senhoria. – Seu filho e meu sobrinho perderam-se, com um número incontável de outros bons homens. A própria guerra foi perdida nesse dia, sor.

Esse homem está derrotado. Davos recordou a conversa de Melisandre a respeito das brasas nas cinzas gerarem grandes incêndios. *Não me admira que tenha acabado aqui.*

– Sua Graça nunca se renderá, senhor.

– Uma loucura, isso é uma loucura. – Lorde Alester voltou a se sentar no chão, como se o esforço de ficar em pé por um momento tivesse sido excessivo para ele. – Stannis Baratheon nunca ocupará o Trono de Ferro. Será traição dizer a verdade? Uma verdade amarga, mas não menos verdadeira por isso. Já não tem frota, à exceção dos lisenos, e Salladhor Saan fugirá assim que avistar uma vela Lannister. A maior parte dos senhores que apoiaram Stannis passaram para o lado de Joffrey ou morreram...

– Até os senhores do mar estreito? Os senhores juramentados a Pedra do Dragão?

Lorde Alester abanou debilmente as mãos.

– Lorde Celtigar foi capturado e rendeu-se. Monford Velaryon morreu com o seu navio, a mulher vermelha queimou Sunglass, e Lorde Bar Emmon tem quinze anos, é gordo e frágil. São esses os senhores do mar estreito. Só restam a Stannis as forças da Casa Florent, contra todo o poderio de Jardim de Cima, Lançassolar e Rochedo Casterly, e agora também da maior parte dos senhores da tempestade. A melhor esperança que resta é tentar salvar qualquer coisa com a paz. Foi isso que tentei fazer. Pela bondade dos deuses, como podem chamar isso de *traição*?

Davos franziu a testa.

– Senhor, o que fez?

– Traição, não. Traição, nunca. Adoro Sua Graça mais do que qualquer outro homem. Minha própria sobrinha é a rainha dele, e permaneci fiel quando homens mais sensatos desertaram. Sou sua *Mão*, a Mão do Rei, como posso ser um traidor? Só quis salvar nossas vidas e... honra... sim. – Lambeu os lábios. – Escrevi uma carta. Salladhor Saan jurou que tinha um homem que podia levá-la a Porto Real, ao Lorde Tywin. Sua senhoria é um... um homem de razão, e os meus termos... os termos eram justos... mais do que justos.

– Que termos eram esses, senhor?

– Isto aqui está imundo – disse de repente Lorde Alester. – E esse cheiro... o que é esse cheiro?

– O balde – disse Davos com um gesto. – Aqui não temos latrina. Que termos?

Sua senhoria fitou o balde, horrorizado.

– Que Lorde Stannis retiraria sua pretensão ao Trono de Ferro e se retrataria de tudo o que havia dito a respeito da bastardia de Joffrey, sob a condição de ser aceito de volta à paz do rei e confirmado como Senhor de Pedra do Dragão e Ponta Tempestade. Jurei fazer o mesmo, em troca da devolução da Fortaleza de Águas Claras e de todas as nossas terras. Pensei... Lorde Tywin compreenderia o bom senso de minha proposta. Ele ainda precisa lidar com os Stark e também com os homens de ferro. Sugeri selarmos o acordo casando Shireen com o irmão de Joffrey, Tommen. – Balançou a cabeça. – Os termos... eram os melhores que poderemos alcançar. Até você certamente compreende?

– Sim – disse Davos –, até eu. – A não ser que Stannis gerasse um filho, um casamento assim significaria que Pedra do Dragão e Ponta Tempestade passariam um dia para as mãos de Tommen, o que sem dúvida agradaria a Lorde Tywin. Ao mesmo tempo, os Lannister teriam Shireen como refém para se certificarem de que Stannis não causaria mais rebeliões. – E o que disse Vossa Graça quando lhe propôs esses termos?

– Ele está sempre com a mulher vermelha, e... receio que não esteja no seu juízo completo. Essa conversa sobre um dragão de pedra... loucura, digo eu, pura loucura. Será que não aprendemos nada com Aerion Fogovivo, com os nove magos, com os alquimistas? Será que não aprendemos nada com *Solarestival*? Nunca bem algum veio desses sonhos de dragões, foi o que eu disse a Axell. A minha maneira era melhor. Mais segura. E Stannis deu-me seu selo, deu-me licença para governar. A Mão fala com a voz do rei.

– Nisso, não. – Davos não era cortesão, e sequer tentou amaciar as palavras. – A rendição não existe em Stannis, enquanto souber que suas razões são justas. Da mesma forma que não pode desdizer as palavras contra Joffrey, quando as crê verdadeiras. E, quanto ao casamento, Tommen nasceu do mesmo incesto que Joffrey, e Sua Graça antes gostaria de ver Shireen morta do que casada com alguém assim.

Uma veia latejava na testa de Florent.

– *Ele não tem outra opção.*

– Engana-se, senhor. Ele pode escolher morrer como rei.

– E levar-nos com ele? É isso que deseja, Cavaleiro das Cebolas?

– Não. Mas sou um homem do rei, e não farei qualquer paz sem a permissão dele.

Lorde Alester fitou-o impotente por um longo momento e então começou a chorar.

Jon

A última noite caiu, negra e sem lua, mas pela primeira vez o céu estava limpo.

– Vou subir o monte para procurar o Fantasma – disse aos Thenns na entrada da caverna, e eles soltaram um grunhido e deixaram-no passar.

Tantas estrelas, pensou, enquanto subia penosamente a encosta por entre pinheiros, abetos e freixos. O Meistre Luwin ensinara-lhe as estrelas, na infância passada em Winterfell; havia aprendido o nome das doze casas do céu e o dos regentes de cada uma; conseguia encontrar os sete viajantes sagrados para a Fé; era velho amigo do Dragão de Gelo, do Gato das Sombras, da Donzela da Lua e da Espada da Manhã. Dividia todos estes com Ygritte, mas não alguns dos outros. *Erguemos os olhos para as mesmas estrelas, e vemos coisas tão diferentes*. Segundo ela, a Coroa do Rei era o Berço; o Garanhão era o Senhor Chifrudo; o viajante vermelho, que segundo as orações dos septões era sagrado para o seu Ferreiro, ali em cima era chamado de Ladrão. E quando o Ladrão se encontrava na Donzela da Lua, insistia Ygritte, isso queria dizer que a época era propícia para que um homem raptasse uma mulher.

– Como na noite em que me raptou. O Ladrão estava brilhante naquela noite.

– Não pretendia raptá-la – disse ele. – Nem sabia que era uma mulher até encostar a faca na sua garganta.

– Se matar um homem sem querer, ele vai estar morto do mesmo jeito – disse Ygritte teimosamente. Jon nunca havia conhecido pessoa mais teimosa, exceto talvez sua irmã mais nova, Arya. *Será que ela ainda é minha irmã?*, perguntou a si próprio. *Alguma vez terá sido?* Ele nunca realmente fora um Stark, apenas o bastardo sem mãe de Lorde Eddard, que não tinha mais lugar em Winterfell do que Theon Greyjoy. E mesmo isso perdera. Quando um homem da Patrulha da Noite proferia suas palavras, punha de lado sua antiga família e juntava-se a uma nova, mas Jon Snow tinha perdido também esses irmãos.

Encontrou Fantasma no topo do monte, como imaginara. O lobo branco nunca uivava, e no entanto algo o atraía às alturas mesmo assim, e ficava ali sentado, com o hálito quente levantando-se numa névoa branca enquanto seus olhos vermelhos bebiam as estrelas.

– Você também tem nomes para elas? – perguntou Jon quando se ajoelhou ao lado do lobo gigante e coçou os espessos pelos brancos do pescoço do animal. – A Lebre? A Corça? A Loba? – Com sua língua úmida e áspera, Fantasma lambeu o rosto de Jon, raspando as crostas

onde as garras da águia tinham rasgado sua face. *A ave marcou-nos a ambos*, Jon pensou. – Fantasma – disse, em voz baixa –, amanhã de manhã passamos sobre a Muralha. Aqui não há degraus, não há gaiola e grua, não há como levá-lo para o outro lado. Temos de nos separar. Compreende?

Na escuridão, os olhos vermelhos do lobo gigante pareciam negros. Encostou o focinho no pescoço de Jon, silencioso como sempre, com o hálito numa névoa quente. Os selvagens chamavam Jon Snow de *warg*, mas se o era, era dos ruins. Não sabia como vestir uma pele de lobo, como Orell vestia a de sua águia antes de morrer. Um dia Jon sonhara que era Fantasma, e olhava o vale do Guadeleite onde Mance Rayder reunira seu povo, e esse sonho revelou-se verdadeiro. Mas agora não estava sonhando, e isso deixava-lhe apenas as palavras.

– Não pode vir comigo – disse Jon, envolvendo a cabeça do lobo nas mãos e olhando-o profundamente nos olhos. – Tem de ir para Castelo Negro. Compreende? *Castelo Negro*. Consegue encontrá-lo? O caminho para casa? É só seguir o gelo, para leste e mais para leste, para o sol, e vai encontrá-lo. Em Castelo Negro vão reconhecê-lo, e sua chegada talvez os previna. – Pensara em escrever um aviso para Fantasma levar, mas não tinha tinta nem pergaminho, nem sequer uma pena, e o risco de ser descoberto era grande demais. – Encontramo-nos em Castelo Negro, mas tem de chegar lá sozinho. Temos de caçar sozinhos durante algum tempo. *Sozinhos*.

O lobo gigante libertou-se de Jon com uma torção do corpo, suas orelhas ergueram-se. E de repente afastou-se aos saltos. Pulou através de um emaranhado de mato, saltou sobre uma árvore caída e correu pela vertente do monte, um traço branco entre as árvores. *Para Castelo Negro?*, perguntou Jon a si mesmo. *Ou atrás de uma lebre?* Gostaria de saber. Temia revelar-se tão ruim como *warg* quanto como irmão juramentado e espião.

Um vento suspirou por entre as árvores, rico com o cheiro de agulhas de pinheiro, puxando sua roupa negra desbotada. Jon via a Muralha erguer-se alta e escura ao sul, uma grande sombra que bloqueava as estrelas. O terreno montanhoso dava-lhe a ideia de que deviam estar em algum lugar entre Torre Sombria e Castelo Negro, provavelmente mais perto da Torre. Havia dias em que se dirigiam para o sul, por entre lagos profundos que se estendiam como dedos finos compridos ao longo de vales estreitos, enquanto cumeadas de sílex e montes vestidos de pinheiros se empurravam uns contra os outros de ambos os lados. Um terreno assim levava a um avanço lento, mas escondia facilmente aqueles que queriam se aproximar da Muralha sem serem vistos.

Corsários selvagens, pensou. *Como nós. Como eu*.

Para lá daquela Muralha ficavam os Sete Reinos, e tudo aquilo que jurara proteger. Tinha proferido as palavras, empenhado sua vida e sua honra, e o correto seria estar lá em cima, de sentinela. Devia estar levando um berrante aos lábios para chamar a Patrulha da Noite às armas. Mas não tinha berrante. Suspeitava que não seria difícil roubar um dos selvagens, mas o que conseguiria com isso? Mesmo se o soprasse, não haveria ninguém para ouvir. A Muralha tinha cem léguas de comprimento, e a Patrulha estava tristemente reduzida. Todos os fortes, exceto três, tinham sido abandonados; podia não haver nem um irmão num raio de cerca de sessenta e cinco quilômetros, além de si. Se é que ele ainda era um irmão...

Devia ter tentado matar Mance Rayder no Punho, mesmo se isso significasse perder a vida. Isso seria o que Qhorin Meia-Mão teria feito. Mas Jon hesitara, e a oportunidade tinha passado. No dia seguinte partiu para o sul com Styr, o Magnar, Jarl e mais de uma centena de Thenns e batedores escolhidos. Dizia a si mesmo que estava apenas à espera de sua hora, que, quando o momento chegasse, escaparia e se dirigiria a Castelo Negro. O momento nunca chegou. Descansavam a maior parte das noites em aldeias selvagens abandonadas, e Styr punha sempre uma dúzia dos seus Thenns para guardar os cavalos. Jarl vigiava-o desconfiadamente. E Ygritte nunca estava longe, de dia ou de noite.

Dois corações que batem como um só. As palavras zombeteiras de Mance Rayder ressoavam, amargas, em sua cabeça. Jon poucas vezes se sentira tão confuso. *Não tenho alternativa*, disse a si mesmo da primeira vez, quando ela deslizou para baixo de suas peles de dormir. *Se recusá-la, ela compreenderá que sou um vira-casaca. Estou desempenhando o papel que o Meia-Mão me disse para desempenhar*.

Seu corpo desempenhou o papel com bastante avidez. Seus lábios nos dela, sua mão deslizando por baixo da camisa de pele de veado de Ygritte em busca de um seio, seu membro viril enrijecendo quando ela esfregou nele o seu monte através da roupa. *Os meus votos*, pensou, recordando o grupo de represeiros onde os proferiu, as nove grandes árvores brancas dispostas em círculo, os rostos vermelhos esculpidos observando, escutando. Mas os dedos de Ygritte desatavam seus cordões, e a língua dela estava na sua boca, e a mão dela tinha deslizado para dentro de sua roupa de baixo e trazido-o para fora, e ele já não conseguia ver os represeiros, só Ygritte. Ela mordeu seu pescoço, e ele esfregou o nariz no dela, enterrando-o em seus espessos cabelos ruivos. *Sortuda*, pensou, *ela é sortuda, beijada pelo fogo*.

– Não é bom? – sussurrou Ygritte enquanto o guiava para dentro de si. Estava ensopada, lá embaixo, e não era nenhuma donzela, isso era evidente, mas Jon não se importou. Os votos dele, a virgindade dela, nada importava, só interessava o seu calor, a sua boca na dele, o

dedo que lhe beliscava o mamilo. – Não é muito bom? – voltou a dizer. – Não tão depressa, oh, devagar, sim, assim. Aí, aí, sim, bom, bom. Não sabe nada, Jon Snow, mas eu posso ensinar. Agora mais depressa. Siiiiim.

Um papel, Jon tentou lembrar a si mesmo mais tarde. *Estou desempenhando um papel. Tinha de fazer isso uma vez, para provar que abandonei meus votos. Tive de fazer com que ela confiasse em mim*. Não precisava acontecer novamente. Ainda era um homem da Patrulha da Noite, e um filho de Eddard Stark. Fizera o que tinha de ser feito, demonstrara o que tinha de ser demonstrado.

Mas a demonstração tinha sido muito agradável, e Ygritte havia adormecido ao seu lado, com a cabeça apoiada em seu peito, e isso também tinha sido agradável, perigosamente agradável. Voltou a pensar nos represeiros, e nas palavras que disse diante deles. *Foi só uma vez, e teve de ser. Até meu pai tropeçou uma vez, quando se esqueceu dos votos de casamento e gerou um bastardo.* Jon jurou a si mesmo que não repetiria o mesmo erro. *Não voltará a acontecer.*

Aconteceu mais duas vezes naquela mesma noite, e de novo de manhã, quando ela acordou e o encontrou duro. Os selvagens já se agitavam a essa altura, e vários não puderam evitar reparar no que estava se passando sob a pilha de peles. Jarl disse-lhes que se apressassem antes de ter de despejar um balde de água em cima deles. *Como um par de cães no cio*, pensou Jon mais tarde. Será que ele teria se transformado nisso? *Sou um homem da Patrulha da Noite*, insistia uma vozinha dentro de si, mas todas as noites ela parecia um pouco mais distante, e quando Ygritte beijava suas orelhas ou mordia seu pescoço, não conseguia ouvi-la muito bem. *Terá sido isso que aconteceu com meu pai?*, perguntava Jon a si mesmo. *Seria ele tão fraco quanto eu, quando se desonrou na cama de minha mãe?*

Percebeu subitamente que algo subia o monte atrás dele. Durante meio segundo pensou que poderia ser o Fantasma de volta, mas o lobo gigante nunca fazia tanto barulho. Jon desembainhou a Garralonga num único movimento fluido, mas era apenas um dos Thenns, um homem largo com um elmo de bronze.

– Snow – disse o intruso. – Venha. Magnar quer. – Os homens de Thenn falavam o Idioma Antigo, e a maior parte não sabia mais do que algumas palavras do Idioma Comum.

Jon não estava muito interessado em saber o que Magnar queria, mas não valia a pena discutir com alguém que quase não o compreenderia, por isso seguiu o homem monte abaixo.

A abertura da caverna era uma fenda na rocha que quase não era larga o suficiente para um cavalo, meio escondida por baixo de um pinheiro marcial. Abria para o norte, de modo que o brilho das fogueiras acesas lá dentro não seriam visíveis da Muralha. Mesmo se,

por algum infortúnio, uma patrulha passasse no topo da Muralha naquela noite, nada veria além de montes, pinheiros e a cintilação gelada das estrelas num lago semicongelado. Mance Rayder planejara bem a sua arremetida.

Dentro da rocha, a passagem descia seis metros antes de desembocar num espaço tão grande quanto o Grande Salão de Winterfell. Ardiam fogueiras por entre as colunas, com a fumaça subindo, enegrecendo o teto de pedra. Os cavalos tinham sido presos ao longo de uma parede, junto a uma lagoa rasa. Um buraco no centro do chão abria-se para o que podia ser uma caverna ainda maior embaixo, embora a escuridão tornasse difícil ter certeza disso. Jon ouvia também o suave ruído de um riacho subterrâneo que corria em algum lugar lá embaixo.

Jarl estava com Magnar; Mance entregara-lhes o comando conjunto. Jon notou rapidamente que Styr não estava nada satisfeito com isso. Mance Rayder chamou o escuro jovem de "animal de estimação" de Val, que era irmã de Dalla, a sua rainha, o que fazia de Jarl uma espécie de cunhado do Rei-para-lá-da-Muralha. Era evidente que Magnar se ressentia de partilhar sua autoridade. Havia trazido uma centena de Thenns, cinco vezes mais homens do que Jarl, e muitas vezes agia como se ele tivesse o comando completo. Mas Jon sabia que seria o homem mais novo quem os levaria para o outro lado do gelo. Embora não pudesse ter mais do que vinte anos, Jarl já fazia incursões havia oito, e passara por cima da Muralha uma dúzia de vezes com gente como Alfyn Mata-Corvos e Chorão, e mais recentemente com seu próprio bando.

Magnar foi direto.

– Jarl preveniu-me a respeito de corvos patrulhando lá em cima. Diga-me tudo o que sabe dessas patrulhas.

Diga-me, notou Jon, e não *diga-nos*, apesar de Jarl estar bem ao lado dele. Nada lhe daria mais prazer do que recusar a brusca exigência, mas sabia que Styr mandaria matá-lo pela mais ligeira deslealdade, e a Ygritte também, pelo crime de ser sua.

– Há quatro homens em cada patrulha, dois patrulheiros e dois construtores – disse. – Os construtores devem tomar nota de fendas, derretimentos e outros problemas estruturais, enquanto os patrulheiros procuram sinais de inimigos. Montam mulas.

– Mulas? – o homem sem orelhas franziu a testa. – As mulas são lentas.

– São lentas, mas têm patas mais seguras no gelo. É frequente que as patrulhas sigam pelo topo da Muralha, e, longe de Castelo Negro, os caminhos lá em cima já não recebem cascalho há longos anos. As mulas são criadas em Atalaialeste e especialmente treinadas para o serviço.

– É *frequente* que sigam pelo topo da Muralha? Nem sempre seguem?

– Não. Uma patrulha em cada quatro segue pela base, para procurar fendas no gelo das fundações ou sinais de abertura de túneis.

Magnar assentiu com a cabeça.

– Até na distante Thenn conhecemos a história de Arson Machado de Gelo e de seu túnel.

Jon também conhecia a história. Arson Machado de Gelo já tinha atravessado metade da Muralha quando seu túnel foi descoberto por patrulheiros vindos de Fortenoite. Não se incomodaram em perturbar suas escavações, limitaram-se a selar o caminho de volta com gelo, pedra e neve. Edd Doloroso costumava dizer que, caso se encostasse a orelha na Muralha, ainda se conseguia ouvir Arson dando machadadas no gelo.

– Quando saem essas patrulhas? Com que frequência?

Jon encolheu os ombros.

– Varia. Ouvi dizer que o Senhor Comandante Qorgyle costumava enviá-las de três em três dias de Castelo Negro para Atalaialeste do Mar, e de dois em dois dias de Castelo Negro para Torre Sombria. Mas a Patrulha tinha mais homens no tempo dele. O Senhor Comandante Mormont prefere variar o número de patrulhas e os dias de sua partida, para tornar mais difícil que alguém saiba de suas idas e vindas. E às vezes o Velho Urso até mandava uma força maior para um dos castelos abandonados durante uma quinzena ou uma volta de lua. – Jon sabia que fora o tio quem dera origem a essa tática. Tudo para deixar o inimigo incerto.

– Portapedra está atualmente guarnecido? – perguntou Jarl. – Guardagris?

Quer dizer então que estamos entre esses dois? Jon manteve o rosto cuidadosamente inexpressivo.

– Só Atalaialeste, Castelo Negro e Torre Sombria tinham guarnições quando eu deixei a Muralha. Não sei dizer o que Bowen Marsh ou Sor Denys poderão ter feito desde então.

– Quantos corvos permanecem dentro dos castelos? – perguntou Styr.

– Quinhentos em Castelo Negro. Duzentos na Torre Sombria, talvez trezentos em Atalaialeste. – Jon havia acrescentado trezentos homens à contagem. *Se pudesse ser assim tão fácil...*

Mas Jarl não se deixou enganar.

– Ele está mentindo – disse a Styr. – Ou então incluiu aqueles que se perderam no Punho.

– Corvo – avisou o Magnar –, não me tome por Mance Rayder. Se mentir para mim, corto sua língua.

– Não sou nenhum corvo, e ninguém me chama de mentiroso. –

Jon flexionou os dedos de sua mão da espada.

Magnar de Thenn estudou Jon com seus frios olhos cinzentos.

– Vamos conhecer seus números em breve – disse após um momento. – Vá. Logo mando chamar você se tiver mais perguntas.

Jon inclinou a cabeça rigidamente e partiu. *Se todos os selvagens fossem como Styr, seria mais fácil trai-los.* Mas os Thenn não eram como o resto do povo livre. Magnar afirmava ser o último dos Primeiros Homens, e governava com mão de ferro. A sua pequena terra de Thenn era um vale elevado de montanha escondido entre os picos setentrionais das Presas de Gelo, rodeado por homens das cavernas, homens de Cornopé, gigantes e os clãs canibais dos rios de gelo. Ygritte dizia que os Thenn eram guerreiros violentos, e que seu Magnar era para eles um deus. Jon conseguia acreditar nisso. Ao contrário de Jarl, Harma ou de Camisa de Chocalho, Styr exigia de seus homens obediência absoluta, e essa disciplina era sem dúvida parte do motivo por que Mance o escolhera para atravessar a Muralha.

Passou pelos Thenns, sentados sobre seus elmos arredondados de bronze, em volta das fogueiras. *Onde se meteu Ygritte?* Encontrou as coisas dela junto das suas, mas não viu sinal da garota.

– Ela pegou uma tocha e foi para lá – disse-lhe Grigg, o Bode, apontando para o fundo da caverna.

Jon seguiu na direção indicada e deu por si numa sombria sala interior, vagueando um labirinto de colunas e estalactites. *Ela não pode estar aqui*, estava pensando quando ouviu sua gargalhada. Virou-se para o som, mas dez passos depois estava num beco sem saída, de frente para uma parede lisa de calcário branco e rosa. Confuso, voltou por onde tinha vindo, e então viu-o: um buraco escuro por baixo de uma saliência de pedra úmida. Ajoelhou-se, escutou, ouviu o tênue som de água.

– Ygritte?

– Aqui – veio a voz dela, com um leve eco.

Jon teve de engatinhar uma dúzia de passos até a caverna se abrir à sua volta. Quando voltou a ficar em pé, os olhos precisaram de um momento para se ajustarem. Ygritte tinha trazido uma tocha, mas não havia nenhuma outra luz. Ela encontrava-se junto a uma pequena queda-d'água que jorrava de uma fissura na rocha para uma larga lagoa escura. As chamas amarelas e laranja brilhavam na água verde-clara.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou a ela.

– Ouvi água. Quis ver pra onde ia a gruta. – Apontou com a tocha. – Há uma passagem que desce mais. Segui-a durante cem passos antes de voltar.

– Um beco sem saída?

– Não sabe nada, Jon Snow. Continuava, e continuava, e

continuava. Há centenas de cavernas nestes montes, e lá embaixo todas se juntam. Há até um caminho por baixo da Muralha. O Caminho de Gorne.

– Gorne – disse Jon. – Gorne foi Rei-para-lá-da-Muralha.

– Sim – disse Ygritte. – Com o irmão Gendel, há três mil anos. Levaram uma tropa do povo livre pelas cavernas e a patrulha não percebeu. Mas quando saíram, os lobos de Winterfell caíram sobre eles.

– Houve uma batalha – recordou Jon. – Gorne matou o Rei do Norte, mas o filho deste pegou o estandarte e tomou a coroa de sua cabeça, e abateu Gorne, por sua vez.

– E o som das espadas acordou os corvos em seus castelos, e saíram todos de preto pra pegar o povo livre pela retaguarda.

– Sim. Gendel tinha o rei ao sul, os Umber a leste e a Patrulha a norte. Ele também morreu.

– Não sabe nada, Jon Snow. Gendel não morreu. Ele abriu caminho com a espada, *por entre* os corvos, e levou seu povo de volta pro norte com os lobos uivando nos seus calcanhares. Mas Gendel não conhecia as cavernas como Gorne, e escolheu um caminho errado. – Agitou a tocha de um lado para o outro, para que as sombras saltassem e se movessem. – Desceu mais, e mais, e quando tentou voltar pra trás, os caminhos que pareciam familiares acabavam em pedra em vez de céu. Pouco depois, os seus archotes começaram a se apagar, um por um, até que no fim não havia nada além de escuridão. O povo de Gendel nunca mais foi visto, mas nas noites calmas é possível ouvir os filhos dos filhos de seus filhos soluçando por baixo dos montes, ainda à procura de uma saída. Está ouvindo? Consegue ouvi-los?

Tudo que Jon ouvia era a água que caía e o tênue crepitar das chamas.

– Esse caminho por baixo da Muralha também se perdeu?

– Alguns procuraram-no. Aqueles que descem demais encontram os filhos de Gendel, e os filhos de Gendel sempre tão com fome. – Sorrindo, encaixou cuidadosamente a tocha num entalhe de rocha e dirigiu-se a ele. – No escuro não há nada pra comer além de carne – sussurrou, mordendo-lhe o pescoço.

Jon enfiou o nariz nos cabelos dela e encheu-o com seu cheiro.

– Parece a Velha Ama contando a Bran uma história de monstros.

Ygritte deu um murro no ombro dele.

– Ah, sou uma velha, é?

– É mais velha do que eu.

– Sim, e mais sábia. Você não sabe nada, Jon Snow. – Empurrou-o e contorceu-se para fora de seu vestido de pele de coelho.

– O que você está fazendo?

– Estou mostrando a idade que tenho. – Desatou a camisa de pele de veado, atirou-a para o lado, tirou pela cabeça todas as três camisolas de lã que usava por baixo. – Acho que devia me ver.

– Nós não devíamos...

– *Devíamos*. – Os seios dela saltitaram quando se equilibrou num pé só para puxar uma bota, e depois saltou para o outro pé, para tratar da outra. Seus mamilos eram grandes círculos cor-de-rosa. – Você também – disse Ygritte enquanto puxava para baixo os calções de pele de ovelha de Jon. – Se quer ver, precisa mostrar. Não sabe nada, Jon Snow.

– Sei que desejo você – ouviu sua própria voz dizer, esquecido de todos os votos e honra. Ela estava na sua frente, nua como no dia em que nasceu, e ele estava duro como a rocha que os rodeava. Àquela altura já tinha estado dentro dela meia centena de vezes, mas sempre por baixo das peles, com outras pessoas em volta. Nunca vira como ela era bela. As pernas de Ygritte eram magras, mas bem torneadas; os pelos no local onde as coxas se juntavam, de um vermelho mais vivo do que os que tinha na cabeça. *Será que isso faz dela ainda mais sortuda?* Puxou-a para mais perto.

– Adoro seu cheiro – disse. – Adoro seus cabelos vermelhos. Adoro sua boca, e o jeito como me beija. Adoro seu sorriso. Adoro seus peitos. – Beijou-os, primeiro um e depois o outro. – Adoro suas pernas magras, e o que está entre elas. – Ajoelhou-se para beijá-la ali, a princípio levemente em seu monte de vênus, mas Ygritte abriu um pouco as pernas e ele viu o cor-de-rosa no interior e beijou-o também, e saboreou-o. Ela soltou um pequeno arquejo.

– Se adora tudo isso, por que é que ainda tá vestido? – sussurrou. – Não sabe nada, Jon Snow. *Nad... oh. Oh. OHHH*.

Mais tarde, ela ficou quase acanhada, ou tão acanhada quanto Ygritte poderia ficar.

– Aquela coisa que você fez – disse, deitada com ele na pilha de roupas. – Com a sua... boca. – Hesitou. – É isso... é isso que os senhores fazem com suas senhoras, lá no sul?

– Acho que não. – Nunca ninguém havia dito a Jon o que os senhores faziam com as suas senhoras. – Eu só... quis beijar ali, foi só isso. Parece que você gostou.

– Sim. Eu... gostei um bocadinho. Ninguém lhe ensinou aquilo?

– Não houve ninguém – confessou ele. – Só você.

– Um donzelo – brincou ela. – Era um donzelo.

Ele deu-lhe um beliscão brincalhão no mamilo mais próximo.

– Eu era um homem da Patrulha da Noite. – *Era*, ouviu-se dizer. O que seria agora? Não queria debruçar-se sobre esse assunto. – Você era donzela?

Ygritte apoiou-se num cotovelo.

– Tenho dezenove anos, sou uma esposa de lanças e beijada pelo fogo. Como poderia ser donzela?

– Quem foi?

– Um rapaz numa festa, há cinco anos. Tinha vindo comerciar, com os irmãos, e seus cabelos eram como os meus, beijados pelo fogo, por isso pensei que ele devia ter sorte. Mas era fraco. Quando voltou pra me raptar, o Lança-Longa quebrou o braço dele e botou-o para correr, e ele não voltou a tentar, nem uma vez.

– Então não foi o Lança-Longa? – Jon estava aliviado. Gostava do Lança-Longa, com seu rosto simples e modos amigáveis.

Ela esmurrou-o.

– Isso é nojento. Você se deitaria com a sua irmã?

– Lança-Longa não é seu irmão.

– É da minha aldeia. Não sabe nada, Jon Snow. Um homem de verdade rapta uma mulher de longe, pra fortalecer o clã. As mulheres que se deitam com irmãos, pais ou gente do clã ofendem os deuses e são amaldiçoadas com filhos fracos ou doentes. Ou até monstros.

– Craster casa com as próprias filhas – destacou Jon.

Ela voltou a esmurrá-lo.

– Craster é mais da sua gente do que da nossa. O pai dele era um corvo que raptou uma mulher da aldeia de Brancarbor, mas depois de tê-la, voou de volta pra sua Muralha. Uma vez, ela foi a Castelo Negro pra mostrar o filho ao corvo, mas os irmãos sopraram seus berrantes e botaram a mulher pra correr. O sangue do Craster é preto, e ele carrega uma pesada maldição. – Passou os dedos levemente pela barriga dele. –Antes tinha medo de que você fizesse o mesmo. Que fugisse de volta pra Muralha. Você nunca soube o que fazer depois de me raptar.

Jon sentou-se.

– Ygritte, eu não raptei você.

– Raptou, sim. Saltou da montanha e matou o Orell, e antes de eu conseguir chegar ao machado tinha uma faca encostada na minha garganta. Pensei que você ia me possuir naquela hora, ou me matar, ou talvez as duas coisas, mas não. E quando lhe contei a história do Bael, o Bardo, e do modo como ele colheu a rosa de Winterfell, imaginei que ia me colher com certeza na hora, mas não. Não sabe *nada*, Jon Snow. – Dirigiu-lhe um sorriso acanhado. – Mas pode ser que ande aprendendo umas coisas.

De repente, Jon reparou que a luz oscilava em volta de Ygritte. Olhou ao redor.

– É melhor subirmos. A tocha está quase no fim.

– O corvo tá com medo dos filhos de Gendel? – disse ela, com um sorriso. – É rapidinho pra chegar lá em cima, e eu ainda não acabei o que queria fazer com você, Jon Snow. – Voltou a puxá-lo para baixo e

montou nele. – Não quer... – Hesitou.

– O quê? – perguntou ele, enquanto a tocha começava a se apagar.

– Fazer aquilo de novo? – disse Ygritte, muito depressa. – Com a boca? O beijo do senhor? E eu... eu podia ver se você também gosta.

Quando a tocha se extinguiu, Jon Snow já não se importou.

A culpa chegou mais tarde, mas mais fraca do que antes. *Se isso é assim tão errado*, pensou, *por que os deuses fizeram com que desse uma sensação tão boa?*

A gruta estava negra como breu quando terminaram. A única luz era o tênue brilho da passagem de volta à caverna maior, onde ardiam vinte fogueiras. Pouco depois andavam tateando e esbarrando um no outro enquanto tentavam se vestir no escuro. Ygritte tropeçou e caiu na lagoa, e soltou um grito devido à água gelada. Quando Jon riu, ela puxou-o também para dentro. Lutaram e espirraram água na escuridão, e então ela acabou de novo nos braços dele, e descobriram que, afinal, ainda não tinham terminado.

– Jon Snow – disse-lhe Ygritte, depois de ele gastar a sua semente dentro dela –, não se mexa agora, querido. Gosto de sentir você aí, gosto mesmo. E se a gente não voltasse pra junto do Styr e do Jarl? E se fôssemos pra dentro, pra nos juntarmos aos filhos de Gendel? Nunca mais quero sair desta gruta, Jon Snow. Nunca mais.

Daenerys

–T*odos?* – a jovem escrava soava cautelosa. – Vossa Graça, os ouvidos sem valor desta ouviram-na mal?

Uma luz fresca e verde filtrava-se pelos painéis de vidro colorido em forma de diamante montados nas paredes triangulares e inclinadas, e uma brisa soprava suavemente pelas portas do terraço, trazendo do jardim que nele crescia o cheiro de frutos e flores.

– Seus ouvidos ouviram bem – disse Dany. – Quero comprar todos. Diga isso aos Bons Mestres, por favor.

Naquele dia, havia escolhido um vestido qarteno. A seda de um tom profundo de violeta realçava a cor púrpura de seus olhos. O corte desnudava seu seio esquerdo. Enquanto os Bons Mestres de Astapor conferenciavam entre si em voz baixa, Dany bebericou vinho ácido de caqui de uma taça alta de prata. Não conseguia compreender tudo que eles estavam dizendo, mas ouvia a avidez.

Cada um dos oito negociantes era servido por dois ou três escravos pessoais... embora um Grazdan, o mais velho, tivesse seis. Para não parecer uma pedinte, Dany tinha trazido seus próprios servidores; Irri e Jhiqui, com suas calças de sedareia e coletes pintados, o velho Barba-Branca e o poderoso Belwas, e seus companheiros de sangue. Sor Jorah encontrava-se atrás dela, sufocando em seu sobretudo verde com o urso negro de Mormont bordado. O cheiro do suor do cavaleiro era uma resposta terrena aos doces perfumes que ensopavam os astapori.

– Todos – rosnou Kraznys mo Nakloz, que naquele dia cheirava a pêssegos. A jovem escrava repetiu a palavra no Idioma Comum de Westeros. – Milhares, temos oito. É isso que ela quer dizer com *todos*? Há também seis centenas, que farão parte de um nono milhar quando completas. Também as quer?

– Quero – disse Dany quando a questão lhe foi colocada. – Os oito milhares, as seis centenas... e também os que ainda estão em treinamento. Aqueles que não conquistaram os espigões.

Kraznys voltou a se virar para os seus companheiros. De novo conferenciaram entre si. A tradutora tinha dito a Dany seus nomes, mas era difícil guardá-los. Quatro dos homens pareciam se chamar Grazdan, presumivelmente em honra de Grazdan, o Grande, que fundara a Velha Ghis na aurora dos tempos. Todos eram parecidos; homens fortes e carnudos, com pele ambarina, nariz largo e olhos escuros. Seus cabelos hirsutos eram negros, ou de um vermelho-escuro, ou daquela estranha mistura de vermelho e negro que era característica dos ghiscari. Todos se enrolavam em *tokars*, uma vestimenta que só era autorizada aos homens livres de Astapor.

O Capitão Groleo tinha dito a Dany que era o debrum do *tokar* que proclamava o estatuto de um homem. Naquela fresca sala verde no topo da pirâmide, dois dos negociantes de escravos usavam *tokars* debruados de ouro, e um deles, o Grazdan mais velho, exibia um debrum de grandes pérolas brancas que chocalhavam levemente quando ele se mexia no assento ou movimentava um braço.

– Não podemos vender rapazes meio treinados – um dos Grazdan vestido em debrum de prata dizia aos outros.

– Podemos, se o ouro dela for bom – disse um homem mais gordo, cujo debrum era de ouro.

– Eles não são Imaculados. Não mataram seus bebês. Se falharem no campo de batalha, vão nos envergonhar. E mesmo se cortarmos cinco mil garotos crus amanhã, vão se passar dez anos até que estejam prontos para serem vendidos. O que diremos ao próximo comprador que vier em busca de Imaculados?

– Diremos que precisa esperar – disse o gordo. – Ouro na minha bolsa é melhor do que ouro no meu futuro.

Dany deixou-os discutir, bebericando do vinho ácido de caqui e tentando manter o rosto sem expressão, como se não entendesse nada do que diziam. *Terei todos, seja qual for o preço*, disse a si própria. A cidade tinha uma centena de negociantes de escravos, mas os oito que se encontravam diante dela eram os maiores. Quando vendiam escravos sexuais, trabalhadores rurais, escribas, artesãos e tutores, aqueles homens eram rivais, mas seus ancestrais tinham-nos aliado a fim de criar e vender os Imaculados. *Tijolos e sangue construíram Astapor, e tijolos e sangue construíram o seu povo.*

Foi Kraznys quem finalmente anunciou a decisão.

– Diga-lhe que obterá os oito milhares, se o seu ouro for suficiente. E as seis centenas, se desejar. Diga-lhe para voltar dentro de um ano, e venderemos a ela mais dois milhares.

– Dentro de um ano estarei em Westeros – disse Dany depois de ouvir a tradução. – Preciso deles *agora*. Os Imaculados estão bem treinados, mesmo assim muitos caem em batalha. Preciso dos garotos como reforços para apanhar as espadas que caírem. – Pôs o vinho de lado e inclinou-se para a jovem escrava. – Diga aos Bons Mestres que quero até os pequenos que ainda têm seus cachorros. Diga-lhes que pagarei tanto pelo rapaz que cortaram ontem como por um Imaculado com elmo de espigão.

A moça disse-lhes. A resposta continuou a ser não.

Dany franziu a testa, aborrecida.

– Muito bem. Diga-lhes que pagarei o dobro, na condição de obter todos.

– O dobro? – o gordo com o debrum de ouro por pouco não se babou.

– Essa vadiazinha é realmente uma tola – disse Kraznys mo Nakloz. – Devíamos pedir o triplo. Ela está suficientemente desesperada para pagar. Sim, peçamos dez vezes o preço de cada escravo.

O Grazdan alto com a barba pontiaguda falou no Idioma Comum, embora não tão bem quanto a jovem escrava.

– Vossa Graça – rosnou –, Westeros está sendo rico, sim, mas você não está sendo rainha agora. Talvez nunca estará sendo rainha. Até Imaculados podem estar perdendo batalhas para selvagens cavaleiros de aço de Sete Reinos. Estou recordando, os Bons Mestres de Astapor não estão vendendo carne em troca de promessas. Está tendo ouro e bens de comércio suficientes para pagar por todos esses eunucos que está querendo?

– Conhece a resposta para isso melhor do que eu, Bom Mestre – respondeu Dany. – Seus homens vasculharam meus navios e contaram cada conta de âmbar e frasco de açafrão. Quanto tenho eu?

– Suficiente para comprar um dos milhares – disse o Bom Mestre, com um sorriso desdenhoso. – Mas vai pagar o dobro, está dizendo. Então, cinco centenas é tudo que compra.

– Sua bonita coroa pode pagar outra centena – disse o gordo em valiriano. – A sua coroa dos três dragões.

Dany esperou que as palavras dele fossem traduzidas.

– Minha coroa não está à venda. – Quando Viserys vendeu a coroa da mãe, perdeu a alegria que lhe restava, sobrou apenas a raiva. – Nem escravizarei meu povo, nem venderei seus bens ou cavalos. Mas podem ficar com meus navios. A grande coca *Balerion* e as galés *Vhagar* e *Meraxes*. – Prevenira Groleo e os outros capitães de que podia chegar àquele ponto, embora eles tivessem contestado furiosamente a necessidade da venda. – Três bons navios devem valer mais do que um punhado de reles eunucos.

O Grazdan gordo virou-se para os outros. Voltaram a conferenciar em voz baixa.

– Dois dos milhares – disse o da barba pontiaguda quando voltou a se virar para ela. – É demais, mas os Bons Mestres estão sendo generosos e sua necessidade está sendo grande.

Dois mil nunca serviriam para aquilo que queria fazer. *Tenho de obter todos*. Dany sabia o que tinha de fazer naquele momento, embora o sabor fosse tão amargo que nem mesmo o vinho de caqui conseguia tirá-lo de sua boca. Refletira longa e duramente, e não havia encontrado outra maneira. *É a minha única chance*.

– Deem-me todos – disse – e podem ficar com um dragão.

Ouviu-se o som do prender da respiração de Jhiqui ao seu lado. Kraznys sorriu para seus companheiros.

– Não disse? Ela vai nos dar qualquer coisa.

Barba-Branca fitou-a, numa incredulidade chocada. Sua mão tremia agarrada ao bastão.

– *Não.* – Ajoelhou perante ela. – Vossa Graça, suplico-lhe, conquiste seu trono com dragões, não com escravos. Não pode fazer isso...

– *Você* é que não pode se atrever a me dar instruções. Sor Jorah, tire Barba-Branca de minha presença.

Mormont agarrou rudemente o velho por um cotovelo, colocou-o em pé com um puxão e levou-o para o terraço.

– Diga aos Bons Mestres que lamento essa interrupção – disse Dany à jovem escrava. – Diga-lhes que aguardo sua resposta.

Mas sabia qual seria a resposta; podia vê-la na cintilação dos olhos deles e nos sorrisos que grandemente se esforçavam para esconder. Astapor tinha milhares de eunucos, e ainda mais garotos escravos à espera de serem cortados, mas só havia três dragões vivos em todo o grande mundo. *E os ghiscari anseiam por dragões*. Como podiam não ansiar? Cinco vezes a Velha Ghis havia competido com Valíria quando o mundo era jovem, e cinco vezes havia caído, em derrota desoladora. Pois a Cidade Franca possuía dragões e o Império, não.

O mais velho dos Grazdan agitou-se no assento, e suas pérolas chocalharam baixinho.

– Um dragão à nossa escolha – disse, numa voz fina e dura. – O negro é maior e mais saudável.

– O nome dele é Drogon. – Ela assentiu.

– Todos os seus bens, exceto sua coroa e vestuário real, que lhe permitiremos manter. Os três navios. E Drogon.

– Feito – disse ela, no Idioma Comum.

– Feito – respondeu o velho Grazdan no seu denso valiriano.

Os outros serviram de ecos ao velho do debrum de pérolas.

– Feito – traduziu a jovem escrava – e feito, e feito, oito vezes feito.

– Os Imaculados aprenderão seu idioma selvagem bastante depressa – acrescentou Kraznys mo Nakloz, depois de tudo combinado –, mas até esse momento irá necessitar de um escravo para falar com eles. Aceite esta como presente, um penhor de um bom negócio.

– Aceitarei – disse Dany.

A jovem escrava transmitiu-lhe as palavras dele e a ele as de Dany. Se tinha alguma emoção sobre ser oferecida como penhor, teve o cuidado de não deixar transparecer.

Arstan Barba-Branca também domou a língua quando Dany passou por ele no terraço. Seguiu-a pela escadaria em silêncio, mas ela ouvia seu bastão de madeira rígida fazendo *tap-tap* nos tijolos vermelhos enquanto caminhavam. Não o censurava por sua fúria. O

que fizera foi deplorável. *A Mãe de Dragões vendeu o seu filho mais forte*. Até a ideia a deixava nauseada.

Mas lá embaixo, na Praça do Orgulho, em pé sobre os quentes tijolos vermelhos entre a pirâmide dos negociantes de escravos e as casernas dos eunucos, Dany virou-se para o velho.

– Barba-Branca – disse –, quero seus conselhos, e nunca deve sentir medo de me dizer o que pensa... quando estivermos sozinhos. Mas *nunca* me questione na frente de estranhos. Entendido?

– Sim, Vossa Graça – disse ele, em tom infeliz.

– Não sou uma criança – disse-lhe ela. – Sou uma rainha.

– Mas até as rainhas podem errar. Os astapori enganaram-na, Vossa Graça. Um dragão vale mais do que qualquer exército. Aegon provou-o há trezentos anos, no Campo de Fogo.

– Eu sei o que Aegon provou. Pretendo também provar umas coisinhas. – Dany virou-se para a jovem escrava que estava obedientemente em pé ao lado de sua liteira. – Você tem nome, ou precisa tirar um novo todos os dias de dentro de um barril?

– Isso é só para os Imaculados – disse a moça. Então percebeu que a pergunta havia sido feita em Alto Valiriano. Seus olhos esbugalharam-se. – Oh.

– Seu nome é Oh?

– Não. Vossa Graça, perdoe esta pelo descontrole. O nome de sua escrava é Missandei, mas...

– Missandei já não é uma escrava. Liberto-a, a partir deste instante. Junte-se a mim na liteira, quero conversar. – Rakharo ajudou-a a entrar, e Dany fechou as cortinas à poeira e ao calor. – Se ficar comigo, vai me servir como uma de minhas aias – disse, quando se puseram em movimento. – Manterei você ao meu lado para falar por mim como falou por Kraznys. Mas pode deixar o meu serviço na hora que desejar, se tiver um pai ou uma mãe para junto de quem prefira voltar.

– Esta ficará – disse a garota. – Esta... eu... não tenho para onde ir. Esta... eu vou servi-la, e de bom grado.

– Posso dar-lhe liberdade, mas não posso lhe dar segurança – preveniu Dany. – Tenho um mundo para atravessar e guerras para travar. Pode vir a passar fome. Pode adoecer. Pode ser morta.

– *Valar morghulis* – disse Missandei, em Alto Valiriano.

– Todos os homens têm de morrer – concordou Dany –, mas podemos rezar para que isso demore muito tempo para acontecer. – Encostou-se nas almofadas e tomou a mão da garota nas suas. – Estes Imaculados são realmente destemidos?

– Sim, Vossa Graça.

– Agora está a meu serviço. É verdade que não sentem dor?

– O vinho da coragem mata essas sensações. Quando matam os

bebês, já o bebem há anos.

– E são obedientes?

– Tudo que conhecem é a obediência. Se lhes disser para não respirarem, acharão isso mais fácil do que não obedecer.

Dany fez um gesto afirmativo com a cabeça.

– E quando não precisar mais deles?

– Vossa Graça?

– Quando tiver ganhado a minha guerra e reclamado o trono que era de meu pai, meus cavaleiros embainharão as espadas e voltarão para suas fortalezas, para suas esposas, filhos e mães... para suas vidas. Mas esses eunucos não têm vida. O que farei com oito mil eunucos depois de deixar de haver batalhas a travar?

– Os Imaculados dão bons guardas e excelentes vigias, Vossa Graça – disse Missandei. – E nunca é difícil encontrar um comprador para tropas tão boas e experientes.

– Os homens não são comprados e vendidos em Westeros, segundo me dizem.

– Com todo o respeito, Vossa Graça, os Imaculados não são homens.

– Se os revendesse, como saberia que não seriam usados contra mim? – perguntou Dany sem rodeios. – Fariam isso? Lutariam *contra* mim, chegariam a me machucar fisicamente?

– Se o seu dono o ordenasse. Eles não questionam, Vossa Graça. Todas as questões lhes foram arrancadas. Eles obedecem. – Parecia perturbada. – Quando não... quando não precisar mais deles... Vossa Graça pode ordenar-lhes que caiam sobre as espadas.

– E até isso fariam?

– Sim – A voz de Missandei suavizara-se. – Vossa Graça.

Dany apertou sua mão.

– Mas preferiria que eu não lhes pedisse isso. Por quê? Por que se preocupa?

– Esta não... eu... Vossa Graça...

– Diga-me.

A garota baixou os olhos.

– Três deles foram antigamente meus irmãos, Vossa Graça.

Então espero que seus irmãos sejam tão corajosos e inteligentes quanto você. Dany voltou a encostar-se na almofada, e deixou que a liteira a levasse em frente, uma última vez de volta ao *Balerion*, para colocar o seu mundo em ordem. *E de volta a Drogon.* Sua boca apertou-se numa expressão carrancuda.

A noite que se seguiu foi longa, escura e ventosa. Dany alimentou os dragões como sempre fazia, mas descobriu que ela mesma não tinha apetite. Chorou um pouco, sozinha, em sua cabine, e depois secou as lágrimas durante tempo bastante para mais uma discussão

com Groleo.

– O Magíster Illyrio não está aqui – teve finalmente de lhe dizer –, e se estivesse, também não conseguiria me dissuadir. Preciso mais dos Imaculados do que destes navios, e não quero ouvir nem mais uma palavra.

A ira consumiu-lhe o desgosto e o medo, pelo menos durante algumas horas. Mais tarde chamou os companheiros de sangue à sua cabine, com Sor Jorah. Eram os únicos em quem realmente confiava.

Pretendia dormir depois, para estar bem repousada de manhã, mas uma hora de agitação insone no confinamento abafado da cabine rapidamente a convenceu de que não devia continuar tentando. À porta, encontrou Aggo colocando uma nova corda no arco à luz de uma oscilante candeia de azeite. Rakharo estava sentado no chão, ao seu lado, de pernas cruzadas, afiando o *arakh* com uma pedra de amolar. Dany disse a ambos para continuarem o que estavam fazendo, e subiu ao convés para tomar um pouco do ar fresco da noite. A tripulação deixou-a em paz enquanto tratava de seus assuntos, mas Sor Jorah rapidamente veio lhe fazer companhia junto à amurada. *Ele nunca está longe*, pensou Dany. *Conhece meus estados de espírito bem demais.*

– *Khaleesi*. Devia estar dormindo. Amanhã estará quente e será duro, garanto-lhe. Precisará de suas forças.

– Lembra-se de Eroeh? – perguntou-lhe ela.

– A garota lhazarena?

– Estavam violando a garota, mas eu impedi-os e coloquei-a sob a minha proteção. Só que quando o meu sol e estrelas morreu, Mago tomou-a de volta, voltou a usá-la e matou-a. Aggo disse que era o seu destino.

– Lembro-me disso – disse Sor Jorah.

– Estive só durante muito tempo, Jorah. Completamente só, tirando o meu irmão. Era uma coisinha tão pequena e assustada. Viserys deveria ter me protegido, mas em vez disso machucava-me e assustava-me mais ainda. Ele não devia ter feito isso. Não era só meu irmão, era meu *rei*. Por que os deuses criam os reis e as rainhas, se não for para proteger aqueles que não conseguem fazer isso por conta própria?

– Alguns reis criam-se a si mesmos. Foi o que Robert fez.

– Ele não era um verdadeiro rei – disse Dany com desdém. – Não oferecia justiça. Justiça... é para isso que os reis *servem*.

Sor Jorah não encontrou resposta. Limitou-se a sorrir, e tocou seus cabelos, muito de leve. Foi o bastante.

Naquela noite sonhou que era Rhaegar, a caminho do Tridente. Mas ia montada num dragão, e não num cavalo. Quando viu a tropa rebelde do Usurpador do outro lado do rio, eles tinham armaduras de

gelo, mas ela banhou-os em fogo de dragão e eles derreteram-se como orvalho e transformaram o Tridente numa torrente. Uma pequena parte de si sabia que estava sonhando, mas outra parte exultou. *Era assim que estava destinado a ser. A outra maneira foi um pesadelo, e só agora acordei.*

Acordou subitamente na escuridão de sua cabine, ainda transbordante de triunfo. O *Balerion* pareceu acordar com ela, e ouviu o tênue ranger de madeira, água batendo de encontro ao casco, um passo no convés por cima de sua cabeça. E algo mais.

Alguém estava com ela na cabine.

– Irri? Jhiqui? Onde estão? – as aias não responderam. Estava escuro demais para ver, mas ouvia-as respirar. – Jorah, é você?

– Eles dormem – disse uma mulher. – Todos eles dormem. – A voz estava muito próxima. – Até os dragões têm de dormir.

Ela está em cima de mim.

– Quem está aí? – Dany tentou ver na escuridão. Julgou detectar uma sombra, o mais tênue contorno de uma silhueta. – O que quer de mim?

– Lembre-se. Para ir para o norte, deve viajar para o sul. Para alcançar o oeste, tem de ir para leste. Para ir em frente, deve voltar para trás, e para tocar a luz, tem de passar sob a sombra.

– *Quaithe?* – Dany saltou da cama e escancarou a porta. A pálida luz amarela das lanternas inundou a cabine, e Irri e Jhiqui sentaram-se, sonolentas.

– *Khaleesi?* – murmurou Jhiqui, esfregando os olhos. Viserion acordou e abriu as mandíbulas, e uma baforada de chamas iluminou até os cantos mais escuros. Não havia sinais de uma mulher com uma máscara de laca vermelha. – *Khaleesi*, não está bem? – perguntou Jhiqui.

– Um sonho. – Dany sacudiu a cabeça. – Tive um sonho, foi só isso. Voltem a dormir. Vamos todas voltar a dormir. – Mas, por mais que tentasse, o sono não queria voltar.

Se olhar para trás, estou perdida, disse Dany a si mesma na manhã seguinte, ao entrar em Astapor pelos portões do porto. Não se atrevia a lembrar a si mesma como, na realidade, era pequena e insignificante a sua comitiva, caso contrário perderia toda a coragem. Naquele dia montava a sua prata, vestida com calças de pelo de cavalo e um colete de couro pintado, com um cinto de medalhões de bronze na cintura e mais dois cruzados entre os seios. Irri e Jhiqui tinham trançado seus cabelos e prendido neles uma minúscula sineta de prata, cujo tilintar cantava uma canção sobre os Imorredouros de Qarth, queimados em seu Palácio de Poeira.

As ruas de tijolo vermelho de Astapor estavam quase repletas nessa manhã. Escravos e criados aglomeravam-se junto às paredes,

enquanto os senhores de escravos e suas mulheres tinham vestido seus *tokars* para observar do alto das pirâmides de degraus. *No fim das contas, não são assim tão diferentes dos qartenos*, pensou Dany. *Querem um vislumbre de dragões que possam contar aos filhos e aos filhos dos filhos*. Aquele pensamento fez Dany indagar-se sobre quantos deles chegariam a ter filhos.

Aggo seguia na sua frente, com seu grande arco dothraki. Belwas, o Forte, caminhava à direita de sua égua, e a pequena Missandei à esquerda. Sor Jorah Mormont vinha atrás, de cota de malha e sobretudo, lançando olhares carrancudos a todos os que se aproximassem em excesso. Rakharo e Jhogo protegiam a liteira. Dany ordenara que o topo fosse removido, para que os três dragões pudessem ser acorrentados à plataforma. Irri e Jhiqui seguiam com eles, para tentar mantê-los calmos. Mas Viserion brandia a cauda para um lado e para o outro, e uma fumaça subia, irritada, de suas narinas. Rhaegal também sentia que algo não estava bem. Por três vezes tentou levantar voo, só conseguindo ser puxado para baixo pela pesada corrente que Jhiqui tinha na mão. Drogon enrolara-se numa bola, com as asas e a cauda bem aconchegadas. Só os seus olhos indicavam que não estava dormindo.

O resto do seu povo seguia-os: Groleo e os outros capitães e suas tripulações, e os oitenta e três dothraki que restavam dos cem mil que um dia tinham acompanhado o *khalasar* de Drogo. Dany tinha colocado os mais velhos e mais fracos no centro da coluna, com as lactantes, as grávidas, as meninas pequenas e os garotos novos demais para trançar o cabelo. Os outros – aquilo que possuía de guerreiros – seguiam no exterior e faziam avançar a sua triste manada, os cento e tantos cavalos descarnados que tinham sobrevivido seja ao deserto vermelho, seja ao negro mar salgado.

Devia mandar bordar um estandarte, pensou enquanto avançava à frente de seu bando andrajoso ao longo dos meandros do rio de Astapor. Fechou os olhos para imaginar seu aspecto: todo de seda negra e leve, e nele o dragão vermelho de três cabeças de Targaryen, exalando chamas douradas. *Um estandarte que Rhaegar pudesse ter usado*. As margens do rio eram estranhamente tranquilas. Os astapori chamavam-no de Verme. Era largo, lento e cheio de curvas, semeado de minúsculas ilhas cobertas de florestas. Vislumbrou crianças que brincavam numa delas, correndo por entre elegantes estátuas de mármore. Em outra ilha, um casal de amantes beijava-se à sombra de altas árvores verdes, tão desprovidos de vergonha como um dothraki num casamento. Sem roupas, não sabia dizer se eram escravos ou livres.

A Praça do Orgulho, com sua grande harpia de bronze, era pequena demais para conter todos os Imaculados que tinha comprado.

Em vez de estarem ali, os escravos tinham sido reunidos na Praça da Punição, em frente ao portão principal de Astapor, para poderem ser levados diretamente da cidade assim que Dany estivesse na posse deles. Ali não havia estátuas de bronze; só uma plataforma de madeira onde escravos rebeldes eram torturados, esfolados e enforcados.

– Os Bons Mestres colocam-nos assim para que sejam a primeira coisa que um novo escravo vê quando entra na cidade – disse-lhe Missandei quando entraram na praça.

À primeira vista, Dany pensou que os castigados tinham pele listrada, como os zebralos dos Jogos Nhai. Então aproximou-se na sua prata e viu a carne viva sob as listras negras em movimento. *Moscas. Moscas e larvas*. Tinham arrancado a pele dos escravos rebeldes como se descasca uma maçã, numa longa fita enrolada. Um dos homens tinha um braço negro de moscas dos dedos ao cotovelo, e vermelho e branco por baixo. Dany freou o cavalo por baixo dele.

– O que este fez?

– Levantou uma mão contra o dono.

Com o estômago embrulhado, Dany virou sua prata e trotou na direção do centro da praça, e do exército que comprara a um preço tão elevado. Estavam em pé, fileira atrás de fileira, atrás de fileira, seus meios-homens de pedra com coração de tijolo; oito mil e seiscentos com os capacetes de espigão em bronze de Imaculados plenamente treinados, e cerca de cinco mil atrás deles, de cabeça descoberta, mas armados com lanças e espadas curtas. Viu que aqueles que se encontravam mais para trás não passavam de meninos, mas estavam tão rígidos e imóveis quanto os outros.

Kraznys mo Nakloz encontrava-se ali com todos os seus companheiros para saudá-la. Outros astapori de elevado nascimento juntavam-se em grupos atrás deles, bebericando vinho de taças altas de prata, enquanto escravos circulavam entre eles com bandejas cheias de azeitonas, cerejas e figos. O Grazdan mais velho ocupava uma liteira, sustentada por quatro enormes escravos com peles acobreadas. Meia dúzia de lanceiros a cavalo percorria os limites da praça, mantendo afastadas as multidões que tinham vindo assistir. O sol refulgia nos discos de cobre polido costurados aos seus mantos com um brilho que cegava, mas Dany não pôde deixar de reparar como seus cavalos pareciam nervosos. *Temem os dragões. E não é de admirar que os temam.*

Kraznys ordenou a um escravo que a ajudasse a descer da sela. Ele tinha as mãos ocupadas; uma agarrava o *tokar*, enquanto a outra empunhava um ornamentado chicote.

– Aqui estão eles. – Olhou para Missandei. – Diga-lhe que são seus... se puder pagar.

– Pode – disse a garota.

Sor Jorah ladrou uma ordem, e a mercadoria foi trazida. Seis fardos de pele de tigre, trezentos rolos de boa seda. Potes de açafrão, potes de mirra, potes de pimenta, curry e cardamomo, uma máscara de ônix, doze macacos de jade, barris de tinta vermelha, preta e verde, uma caixa de raras ametistas negras, uma caixa de pérolas, um barril de azeitonas sem caroço recheadas com lagartas, uma dúzia de barris de bagres cegos em salmoura, um grande gongo de latão e um martelo para bater nele, dezessete olhos de marfim, e uma enorme arca cheia de livros escritos em línguas que Dany não sabia ler. E mais, e mais, e mais. Seu povo empilhou tudo diante dos negociantes de escravos.

Enquanto o pagamento era feito, Kraznys mo Nakloz concedeu-lhe algumas palavras finais sobre o modo de lidar com as tropas.

– Eles ainda estão verdes – disse ele através de Missandei. – Diga à prostituta de Westeros que faria bem em dar-lhes rapidamente o batismo de sangue. Há muitas cidades pequenas no caminho, cidades prontas para serem pilhadas. Qualquer saque que obtenha será apenas seu. Os Imaculados não cobiçam o ouro ou as pedras preciosas. E se capturar prisioneiros, alguns guardas serão suficientes para trazê-los para Astapor. Compraremos os saudáveis, e por um bom preço. E quem sabe? Daqui a dez anos, alguns dos garotos que nos mandar poderão ser por sua vez Imaculados. Assim todos prosperaremos.

Por fim, já não havia mais mercadoria a adicionar à pilha. Seus dothraki voltaram a subir para os cavalos, e Dany disse:

– Isto foi tudo o que pudemos transportar. O resto aguarda nos navios, uma grande quantidade de âmbar, vinho e arroz negro. E vocês têm os próprios navios. Então tudo que nos resta é...

– ... o dragão – terminou o Grazdan com a barba pontiaguda, que falava o Idioma Comum com forte sotaque.

– E aqui está ele. – Sor Jorah e Belwas dirigiram-se ao seu lado para a liteira, onde Drogon e os seus irmãos tostavam ao sol. Jhiqui desprendeu uma ponta da corrente e entregou-a a ela. Quando lhe deu um puxão, o dragão negro ergueu a cabeça, silvando, e abriu asas de noite e escarlate. Kraznys mo Nakloz deu um largo sorriso quando a sombra das asas caiu sobre si.

Dany entregou ao comerciante de escravos a ponta da corrente de Drogon. Em troca, ele presenteou-a com o chicote. O cabo era de osso negro de dragão, elaboradamente esculpido e incrustado de ouro. Nove longas e finas tiras de couro saíam desse cabo, todas rematadas por uma garra dourada. O botão de ouro era uma cabeça de mulher, com dentes pontiagudos de marfim.

– Os dedos da harpia – chamou Kraznys ao açoite.

Dany revirou o chicote na mão. *Uma coisa tão leve, com um peso tão grande.*

– Então está feito? Eles pertencem a mim?

– Está feito – concordou o homem, dando um forte puxão na corrente para que Drogon descesse da liteira.

Dany montou sua prata. Sentia o coração tamborilando no peito. Sentia um medo desesperado. *Seria isso o que o meu irmão teria feito?* Perguntou a si mesma se o Príncipe Rhaegar se sentira tão ansioso assim quando viu a tropa do Usurpador em formação do outro lado do Tridente, com todos os seus estandartes flutuando ao vento.

Pôs-se em pé nos estribos e ergueu os dedos da harpia sobre a cabeça, para que todos os Imaculados os vissem.

– *ESTÁ FEITO!* – gritou, o mais alto que foi capaz. – *VOCÊS SÃO MEUS!* – Esporeou a égua e galopou ao longo da primeira fileira, mantendo os dedos erguidos. – *PERTENCEM AGORA AO DRAGÃO! FORAM COMPRADOS E PAGOS! ESTÁ FEITO! ESTÁ FEITO!*

Vislumbrou o velho Grazdan virando rapidamente a cabeça grisalha. *Ele me ouviu falar valiriano*. Os outros negociantes de escravos não estavam atentos. Aglomeravam-se em volta de Kraznys e do dragão, gritando conselhos. Embora os astapori puxassem e empurrassem, Drogon não saía da liteira. Fumaça cinza subia de suas mandíbulas abertas, e seu longo pescoço enrolava-se e endireitava-se enquanto ele tentava morder o rosto do feitor.

É hora de atravessar o Tridente, pensou Dany, ao virar-se e trazer a prata de volta. Seus companheiros de sangue aproximaram-se e cercaram-na.

– Está em dificuldades – observou Dany.

– Ele não quer vir – disse Kraznys.

– Há uma razão. Um dragão não é escravo de ninguém. – E Dany chicoteou com toda a força o rosto do negociante de escravos. Kraznys gritou e cambaleou para trás, com sangue escorrendo, vermelho, para sua barba perfumada. Os dedos da harpia tinham quase desfeito suas feições de um golpe, mas Dany não parou para contemplar o estrago. – Drogon – cantou em voz alta, em tom doce, todo o seu medo esquecido. – *Dracarys*.

O dragão negro abriu as asas e rugiu.

Uma lança de turbilhonantes chamas escuras atingiu em cheio o rosto de Kraznys. Seus olhos derreteram e escorreram pelas maçãs de seu rosto, e o óleo que tinha nos cabelos e barba incendiou-se com tanta violência que, por um instante, o senhor de escravos usou uma coroa flamejante duas vezes mais alta do que sua cabeça. O súbito fedor de carne carbonizada conseguiu sobrepor-se até mesmo ao seu perfume, e seu grito de dor pareceu afogar todos os outros sons.

Então a Praça da Punição estourou em sangue e caos. Os Bons Mestres guinchavam, esbarravam e empurravam-se uns aos outros, tropeçavam, com a pressa, no debrum de seus *tokars*. Drogon voou quase preguiçosamente contra Kraznys, batendo asas negras. Enquanto

oferecia ao senhor de escravos mais um pouco de fogo, Irri e Jhiqui desacorrentaram Viserion e Rhaegal, e de repente havia três dragões no ar. Quando Dany se virou para olhar, um terço dos orgulhosos guerreiros de chifres demoníacos de Astapor lutava para se manter montado em suas aterrorizadas montarias, e outro terço fugia num brilhante clarão de cobre brilhante. Um homem manteve-se sobre a sela tempo suficiente para puxar uma espada, mas o chicote de Jhogo enrolou-se em torno do pescoço dele e cortou seu grito. Outro perdeu uma mão para o *arakh* de Rakharo e afastou-se, cambaleando e jorrando sangue. Aggo sentou-se calmamente, encaixando flechas na corda de seu arco e disparando-as contra *tokars*. Não importava nem um pouco que o debrum fosse de prata, ouro ou simples. Belwas, o Forte, também tinha o seu *arakh* desembainhado, e fazia-o rodopiar enquanto atacava.

Dany ouviu um astapori gritar:

– *Lanças!* – era Grazdan, o velho Grazdan com seu *tokar* carregado de pérolas. – *Imaculados!* Defendam-nos, parem-nos, defendam os seus senhores! Lanças! Espadas!

Quando Rakharo enfiou uma flecha na boca dele, os escravos que sustentavam a sua liteira separaram-se e fugiram, deixando-o cair sem cerimônia no chão. O velho engatinhou até a primeira fileira de eunucos, deixando poças de sangue nos tijolos. Os Imaculados sequer olharam para baixo, para vê-lo morrer. Fileira atrás de fileira, atrás de fileira, permaneceram em pé.

E não se moveram. *Os deuses ouviram a minha prece*.

– *Imaculados!* – Dany galopou à frente deles, com a trança de um louro prateado esvoaçando atrás, e a sineta tilintando a cada passo. – Matem os Bons Mestres, matem os soldados, matem todos os homens que usem um *tokar* ou tenham um chicote nas mãos, mas não façam mal a nenhuma criança com menos de doze anos, e arranquem as correntes de todos os escravos que virem. – Ergueu os dedos da harpia... e então atirou o açoite para longe. – *Liberdade!* – entoou. – *Dracarys! Dracarys!*

– *Dracarys!* – gritaram eles em resposta, a mais bela palavra que já ouvira. – *Dracarys! Dracarys!* – E por toda a sua volta, feitores fugiam, soluçavam, suplicavam e morriam, e o ar poeirento encheu-se de lanças e fogo.

Sansa

Na manhã em que seu novo vestido devia ficar pronto, as criadas encheram a banheira de Sansa com água quente fumegante e esfregaram-na dos pés à cabeça até a deixarem rosada e reluzente. A própria aia da rainha tratou de suas unhas e escovou e ondulou seus cabelos ruivos para que caíssem por suas costas em suaves caracóis. Trouxe também uma dúzia das essências que Cersei preferia. Sansa escolheu uma fragrância viva e doce, com um toque de limão sob o cheiro de flores. A aia despejou um pouco no dedo e tocou Sansa atrás de cada orelha, e sob o queixo, e então, levemente, nos mamilos.

A própria Cersei chegou com a costureira e ficou vendo enquanto vestiam Sansa com sua roupa nova. A roupa de baixo era toda de seda, mas o vestido era de samito cor de marfim e pano de prata, forrado de cetim prateado. As extremidades de suas longas mangas pontiagudas quase tocavam o chão quando baixava os braços. E era um vestido de mulher, não de menina, não havia dúvida quanto a isso. O corpete era aberto na frente, quase até a barriga, com o profundo "v" coberto por um painel de ornamentada renda de Myr num cinza-claro. As saias eram longas e cheias, a cintura era tão apertada que Sansa teve de prender a respiração quando a amarraram. Trouxeram-lhe também sapatos novos, chinelos de suave pele de corça cinza que abraçavam seus pés como amantes.

– Está muito bela, senhora – disse a costureira quando acabaram de vesti-la.

– Estou, não estou? – Sansa soltou um risinho e girou, fazendo rodopiar as saias ao seu redor. – Oh, *estou*. – Mal podia esperar que Willas a visse assim. *Ele vai me amar, vai mesmo, tem de amar... esquecerá Winterfell quando me vir, vou me certificar de que esqueça.*

A Rainha Cersei estudou-a criticamente.

– Algumas pedras preciosas, acho. As pedras de lua que Joffrey lhe deu.

– Imediatamente, Vossa Graça – respondeu a aia.

Depois de as pedras de lua estarem penduradas nas orelhas de Sansa e em seu pescoço, a rainha fez um aceno com a cabeça.

– Sim. Os deuses foram bons para você, Sansa. É uma menina adorável. Parece quase obsceno esbanjar essa doce inocência naquela gárgula.

– Que gárgula? – Sansa não estava compreendendo. Estaria se referindo a Willas? *Como poderia saber?* Ninguém sabia além dela, de Margaery e da Rainha dos Espinhos... ah, e Dontos, mas esse não contava.

Cersei Lannister ignorou a pergunta.

– O manto – ordenou, e as mulheres trouxeram-no: um longo manto de veludo branco carregado de pérolas. Um feroz lobo gigante estava bordado nele em fio de prata. Sansa olhou-o com súbito temor.
– As cores de seu pai – disse Cersei, enquanto o prendiam em volta do pescoço da garota com uma delicada corrente de prata.

Um manto de donzela. A mão de Sansa subiu à garganta. Teria arrancado aquela coisa se se atrevesse.

– É mais bonita com a boca fechada, Sansa – disse-lhe Cersei. – Venha já, o septão está à espera. E os convidados do casamento também.

– Não – exclamou Sansa. – *Não.*

– Sim. É protegida da coroa. O rei faz as vezes de seu pai, uma vez que seu irmão é um traidor proscrito. Isso significa que tem todo o direito de dispor de sua mão. Vai se casar com meu irmão Tyrion.

A minha pretensão, pensou, agoniada. Dontos, o bobo, não era assim tão tolo, afinal; tinha visto a verdade. Sansa afastou-se da rainha.

– Não vou. – *Vou me casar com Willas, vou ser a senhora de Jardim de Cima, por favor...*

– Compreendo a sua relutância. Chore se precisar. Em seu lugar, eu provavelmente arrancaria os cabelos. Ele é um desprezível duendezinho, não há dúvida, mas vai mesmo se casar com ele.

– Não pode me obrigar.

– Claro que podemos. Pode vir calmamente e proferir seus votos como é próprio de uma senhora, ou pode lutar, gritar e dar um espetáculo que deixe os cavalariços aos risinhos, mas seja como for vai acabar casada e na cama com o seu esposo. – A rainha abriu a porta. Sor Meryn Trant e Sor Osmund Kettleblack esperavam lá fora, com a armadura de escamas brancas da Guarda Real. – Escoltem a Senhora Sansa até o septo – disse-lhes. – Carreguem-na, se for preciso, mas tentem não rasgar o vestido. Foi muito caro.

Sansa tentou fugir, mas a aia de Cersei apanhou-a antes de ter percorrido um metro. Sor Meryn Trant dirigiu-lhe um olhar que a fez encolher-se de medo, mas Kettleblack tocou quase gentilmente nela e disse:

– Faça o que lhe dizem, querida, não será assim tão mau. Espera-se que os lobos sejam bravos, não é?

Bravos. Sansa respirou fundo. *Eu sou uma Stark, sim, posso ser brava.* Estavam todos a observá-la daquela maneira como a tinham olhado no pátio, no dia em que Sor Boros Blount rasgara sua roupa. Nesse dia foi o Duende quem a salvou de um espancamento, o mesmo homem que estava agora à sua espera. *Ele não é tão mau quanto os outros,* disse a si mesma.

– Eu vou.

Cersei sorriu.

– Eu sabia que sim.

Mais tarde não conseguiria se lembrar de ter saído do quarto, de descer os degraus ou de atravessar o pátio. O simples ato de pôr um pé à frente do outro pareceu tomar toda a sua atenção. Sor Meryn e Sor Osmund caminhavam ao seu lado, usando mantos tão claros quanto o seu, faltando-lhes apenas as pérolas e o lobo gigante que fora de seu pai. O próprio Joffrey encontrava-se à sua espera, nos degraus do septo do castelo. O rei resplandecia de carmesim e ouro, com a coroa na cabeça.

– Hoje sou seu pai – anunciou.

– Não é – irritou-se ela. – Nunca será.

O rosto do rei ensombrou-se.

– Sou. Sou seu pai, e posso casá-la com quem eu desejar. Com *qualquer um*. Casará com um criador de porcos, se eu ordenar, e vai se deitar com ele na pocilga. – Seus olhos verdes cintilaram de divertimento. – Ou talvez devesse dá-la a Ilyn Payne, gostaria mais dele?

O coração de Sansa deu um salto.

– Por favor, Vossa Graça – suplicou. – Se alguma vez me amou nem que fosse um pouquinho, não me obrigue a casar com seu...

– ... tio? – Tyrion Lannister atravessou as portas do septo. – Vossa Graça – disse a Joffrey. – Tenha a gentileza de me conceder um momento a sós com a Senhora Sansa, por favor.

O rei estava prestes a recusar, mas a mãe lançou-lhe um olhar penetrante. Afastaram-se alguns metros.

Tyrion vestia um gibão de veludo negro coberto de arabescos dourados, botas cujos canos chegavam às suas coxas e que acrescentavam sete centímetros à sua altura, uma corrente de rubis e cabeças de leão. Mas o rasgão em seu rosto estava vermelho e em carne viva, e o nariz era uma hedionda escara.

– Está muito bela, Sansa – disse-lhe.

– É bondade sua, senhor. – Não sabia o que mais responder. *Deveria dizer-lhe que é bonito? Vai me achar uma tola ou uma mentirosa.* Baixou os olhos e dominou a língua.

– Senhora, isso não é maneira de trazê-la para o seu casamento, peço-lhe perdão. E por fazer isso de forma tão súbita e secreta. O senhor meu pai achou necessário, por razões de estado. De outra forma, teria ido encontrá-la mais cedo, conforme eu desejava. – Bamboleou-se para mais perto. – Não pediu este casamento, eu sei. Eu também não. Mas se a tivesse recusado, eles teriam casado a senhora com meu primo Lancel. Talvez tivesse preferido assim. Ele tem uma idade próxima da sua, e é mais bonito de se ver. Se for esse seu desejo, diga, e eu porei fim a esta farsa.

Não quero nenhum Lannister, ela quis dizer. *Quero Willas, quero Jardim de Cima, os cachorros e a barcaça, e filhos chamados Eddard, Bran e Rickon*. Mas então lembrou-se do que Dontos havia lhe dito no bosque sagrado. *Tyrell ou Lannister, não faz diferença, não é a mim que querem, é só a minha pretensão.*

– É gentil, senhor – disse, derrotada. – Sou protegida da coroa e meu dever é casar segundo as ordens do rei.

Ele estudou-a com seus olhos desiguais.

– Eu sei que não sou o tipo de esposo com que as garotas sonham, Sansa – disse, com suavidade –, mas também não sou Joffrey.

– Não – disse ela. – Foi gentil comigo. Eu me lembro.

Tyrion ofereceu-lhe uma mão grossa de dedos curtos.

– Então venha. Vamos cumprir o nosso dever.

E assim ela pousou a mão na dele e ele levou-a até o altar nupcial, onde o septão esperava entre a Mãe e o Pai para unir suas vidas. Sansa viu Dontos, com o seu traje de bobo, olhando-a com grandes olhos redondos. Sor Balon Swann e Sor Boros Blount encontravam-se lá, ostentando o branco da Guarda Real, mas Sor Loras não. *Nenhum dos Tyrell está aqui*, compreendeu de repente. Mas havia fartura de outras testemunhas; o eunuco Varys, Sor Addam Marbrand, Lorde Philip Foote, Sor Bronn, Jalabhar Xho, uma dúzia de outros. Lorde Gyles tossia, a Senhora Ermesande mamava, e a filha grávida da Senhora Tanda soluçava por nenhum motivo aparente. *Que soluce*, pensou Sansa. *Eu talvez faça o mesmo antes que este dia acabe.*

A cerimônia passou como que num sonho. Sansa fez tudo o que lhe foi pedido. Houve preces, votos e cânticos, e grandes velas queimando, uma centena de luzes dançantes, que as lágrimas em seus olhos se transformaram num milhar. Felizmente, ninguém pareceu reparar que ela estava chorando enquanto se encontrava ali, em pé, envolvida nas cores do pai; ou se viram, fingiram não ver. Naquilo que pareceu não ser tempo algum, chegaram à troca dos mantos.

Na condição de pai do reino, Joffrey ocupou o lugar de Eddard Stark. Sansa permaneceu dura como uma lança enquanto as mãos dele passaram sobre seus ombros para lutar contra o broche de seu manto. Uma delas roçou num seio e demorou-se lá, para lhe dar um pequeno apertão. Então o broche abriu-se, e Joff tirou seu manto de donzela com um floreado régio e um sorriso.

A parte do tio não correu tão bem. O manto de noiva que segurava era enorme e pesado, de veludo carmesim ricamente trabalhado com leões e debruado de cetim dourado e rubis. Mas ninguém havia se lembrado de trazer um banco, e Tyrion era meio metro mais baixo do que sua noiva. Quando ele se colocou atrás dela, Sansa sentiu um forte puxão na saia. *Ele quer que eu ajoelhe*, compreendeu, corando. Ficou mortificada. Não deveria ser assim.

Sonhara mil vezes com seu casamento, e em todas elas imaginara o modo como seu noivo ficaria atrás dela, alto e forte, envolveria majestosamente seus ombros com o manto de sua proteção, e a beijaria ternamente no rosto ao debruçar-se para a frente, a fim de lhe prender o broche.

Sentiu outro puxão na saia, mais insistente. *Não farei isso. Por que devo poupar os sentimentos dele, quando ninguém se preocupa com os meus?*

O anão puxou-a pela terceira vez. Teimosamente, apertou os lábios e fingiu não reparar. Alguém atrás deles soltou um riso abafado. *A rainha*, pensou, mas não importava. Pouco depois estavam todos rindo, ninguém mais alto do que Joffrey.

– Dontos, de quatro – ordenou o rei. – Meu tio precisa de ajuda para subir até sua noiva.

E foi assim que o senhor seu esposo a cobriu com um manto nas cores da Casa Lannister enquanto se empoleirava nas costas de um bobo.

Quando Sansa se virou, o homenzinho fitava-a, de boca contraída, com o rosto tão vermelho quanto seu manto. De repente, sentiu-se envergonhada por sua teimosia. Alisou as saias e ajoelhou-se diante de Tyrion, para que as cabeças ficassem no mesmo nível.

– Com este beijo empenho o meu amor, e o tomo como meu senhor e esposo.

– Com este beijo empenho o meu amor – respondeu o anão em voz rouca – e a tomo como minha senhora e esposa. – Debruçou-se para a frente, e os lábios tocaram-se brevemente.

Ele é tão feio, pensou Sansa quando o rosto dele se aproximou do seu. *É ainda mais feio do que o Cão de Caça.*

O septão ergueu bem alto seu cristal, para que a luz arco-íris caísse sobre os dois.

– Aqui, à vista dos deuses e dos homens – disse –, proclamo solenemente que Tyrion da Casa Lannister e Sansa da Casa Stark são marido e mulher, uma carne, um coração, uma alma, agora e sempre, e maldito seja quem se interpuser entre eles.

Teve de morder o lábio para não soluçar.

O banquete de casamento foi servido no Pequeno Salão. Havia talvez cinquenta convidados; a maioria servidores e aliados dos Lannister, juntando-se àqueles que tinham estado no casamento. E ali Sansa encontrou os Tyrell. Margaery olhou-a de um modo cheio de tristeza, e quando a Rainha dos Espinhos entrou, vacilante, entre o Esquerdo e o Direito, sequer a olhou. Elinor, Alla e Megga pareciam determinadas a não conhecê-la. *Minhas amigas*, pensou Sansa amargamente.

Seu esposo bebeu muito e quase não comeu. Escutava sempre que

alguém se levantava para fazer um brinde, e às vezes fazia um brusco aceno de apreço, mas fora isso daria para dizer que seu rosto era feito de pedra. O banquete pareceu prolongar-se sem fim, embora Sansa não tivesse provado nada da comida. Queria que aquilo acabasse, e no entanto temia o seu fim. Pois, após o banquete, vinha a noite de núpcias. Os homens iriam levá-la para sua cama nupcial, despindo-a no caminho e fazendo piadas grosseiras sobre aquilo que a aguardava entre os lençóis, enquanto as mulheres prestariam a Tyrion o mesmo serviço. Só depois de serem enfiados nus na cama é que os deixariam sós, e mesmo então os convidados permaneceriam à porta do aposento nupcial, gritando para dentro sugestões obscenas. A noite de núpcias parecera maravilhosamente maliciosa e excitante quando Sansa era garota, mas, agora que o momento estava quase chegando, sentia apenas terror. Não achava que seria capaz de suportar que arrancassem sua roupa, e estava certa de que rebentaria em lágrimas à primeira brincadeira lúbrica.

Quando os músicos começaram a tocar, Sansa apoiou timidamente a mão sobre a de Tyrion e disse:

– Senhor, lideramos o baile?

A boca dele torceu-se.

– Acho que já lhes demos divertimento suficiente para uma noite, não acha?

– Como quiser, senhor. – Retirou a mão.

Em vez deles, Joffrey e Margaery lideraram. *Como é possível que um monstro dance de forma tão bela?*, perguntou Sansa a si mesma. Tinha sonhado acordada muitas vezes sobre o modo como dançaria em seu casamento, com todos os olhos postos em si e em seu belo senhor. Nos sonhos, estavam todos sorrindo. *Nem sequer o meu esposo sorri.*

Outros convidados rapidamente se juntaram ao rei e à sua prometida. Elinor dançou com seu jovem escudeiro, e Megga, com o Príncipe Tommen. A Senhora Merryweather, a bela myrana de cabelos negros e grandes olhos escuros, girava tão provocantemente que em pouco tempo todos os homens presentes no salão a observavam. O Senhor e a Senhora Tyrell moviam-se mais calmamente. Sor Kevan Lannister pediu a honra à Senhora Janna Fossoway, irmã de Lorde Tyrell. Merry Crane juntou-se aos dançarinos com o príncipe exilado Jalabhar Xho, magnífico em seus adornos de penas. Cersei Lannister fez par primeiro com Lorde Redwyne, depois com Lorde Rowan, e por fim com o próprio pai, que dançava com uma graça fluida e séria.

Sansa ficou sentada com as mãos no colo, observando o modo como a rainha se movia, ria e sacudia os louros caracóis. *Ela encanta a todos*, pensou, entorpecida. *Como eu a odeio*. Afastou o olhar, dirigindo-o para onde o Rapaz Lua dançava com Dontos.

– Senhora Sansa. – Sor Garlan Tyrell estava em pé junto ao estrado. – Dá-me a honra? Se o seu senhor consentir?

Os olhos desiguais do Duende estreitaram-se.

– A minha senhora pode dançar com quem quiser.

Talvez devesse ter permanecido ao lado do marido, mas queria tanto dançar... e Sor Garlan era irmão de Margaery, de Willas, de seu Cavaleiro das Flores.

– Vejo por que lhe chamam Garlan, o Galante, sor – disse, ao pegar na mão dele.

– É muito amável por dizer isso, minha senhora. Foi meu irmão Willas quem me deu esse nome, por acaso. Para me proteger.

– Para protegê-lo? – Sansa dirigiu-lhe um olhar confuso.

Sor Garlan soltou uma gargalhada.

– Eu era um menininho rechonchudo, temo eu, e nós temos um tio chamado Garth, o Grosseiro. Por isso Willas atacou primeiro, não sem antes me ameaçar com Garlan, o Galo, Garlan, o Gatuno e Garlan, a Gárgula.

Aquilo era tão encantador e inocente que Sansa foi obrigada a rir, apesar de tudo. Depois, sentiu-se absurdamente grata. Sem saber como, o riso tinha lhe dado de novo esperança, ainda que por pouco tempo. Sorrindo, deixou que a música a dominasse, perdendo-se nos passos, no som de flauta, gaita de foles e harpa, no ritmo do tambor... e de tempos em tempos nos braços de Sor Garlan, quando a dança os juntava.

– A senhora minha esposa está muito preocupada com a senhora – disse ele em voz baixa numa dessas vezes.

– A Senhora Leonette é bondosa demais. Diga-lhe que estou bem.

– Uma noiva no seu casamento devia estar mais do que *bem*. – A voz dele não era desprovida de gentileza. – Parecia à beira das lágrimas.

– Lágrimas de alegria, sor.

– Seus olhos revelam a mentira de sua língua. – Sor Garlan virou-a, puxou-a para o seu lado. – Senhora, vi como olha para meu irmão. Loras é valente e bonito, e todos o amamos muito... mas o seu Duende será melhor marido. Ele é um homem maior do que parece, penso eu.

A música afastou-os antes de Sansa conseguir pensar numa resposta. Foi Mace Tyrell quem surgiu à sua frente, com o rosto vermelho e suado, e depois Lorde Merryweather, e depois o Príncipe Tommen.

– Também quero me casar – disse o rechonchudo principezinho, que tinha nove anos. – Sou mais alto do que o meu tio!

– Eu sei que é – disse Sansa, antes de os pares voltarem a trocar. Sor Kevan disse-lhe que estava bela, Jalabhar Xho disse qualquer coisa na Língua do Verão que ela não compreendeu, e Lorde Redwyne

desejou-lhe muitas crianças gordas e longos anos de alegria. E então a dança deixou-a cara a cara com Joffrey.

Sansa retesou-se quando a mão dele tocou na dela, mas o rei apertou sua mão e puxou-a para si.

– Não devia estar com um ar tão triste. Meu tio é uma coisinha feia, mas você ainda terá a mim.

– O senhor irá se casar com Margaery!

– Um rei pode ter outras mulheres. Prostitutas. Meu pai teve. Um dos Aegon também. O terceiro ou o quarto. Teve um monte de prostitutas e um monte de bastardos. – Enquanto rodopiavam ao som da música, Joff deu-lhe um beijo úmido. – Meu tio vai trazê-la à minha cama sempre que eu ordenar.

Sansa balançou a cabeça.

– Não vai.

– Vai, senão corto a cabeça dele. Esse Rei Aegon, ele tinha todas as mulheres que desejava, quer fossem ou não casadas.

Felizmente, era hora de mudar mais uma vez. Mas suas pernas tinham se transformado em madeira, e Lorde Rowan, Sor Tallad e o escudeiro de Elinor devem tê-la achado uma dançarina muito desajeitada. E então viu-se de novo com Sor Garlan, e pouco depois, abençoadamente, a dança terminou.

O alívio foi curto. Assim que a música acabou, ouviu Joffrey dizer:

– Está na hora de levá-los para a cama! Vamos tirar a roupa dela e dar uma passada de olhos no que a loba tem a dar ao meu tio! – Outros homens juntaram-se ruidosamente ao grito.

O anão seu marido ergueu lentamente os olhos da taça de vinho.

– Não haverá nada de noite de núpcias.

Joffrey agarrou o braço de Sansa.

– Haverá, se eu ordenar.

O Duende espetou violentamente o punhal na mesa, onde ficou vibrando, e disse:

– E depois vai ter de servir a sua mulher com um cacete de madeira. Eu castro você, juro.

Caiu um pesado silêncio. Sansa tentou libertar-se de Joffrey, mas ele tinha-a bem agarrada e sua manga rasgou. Ninguém pareceu sequer ouvir. A Rainha Cersei virou-se para o pai.

– Ouviu o que ele disse?

Lorde Tywin levantou-se da cadeira.

– Acho que podemos dispensar a noite de núpcias. Tyrion, tenho certeza de que não pretendia ameaçar a pessoa do rei.

Sansa viu um espasmo de raiva percorrer o rosto do marido.

– Expressei-me mal – disse. – Foi uma brincadeira de mau gosto, senhor.

– Ameaçou me *castrar*! – disse Joffrey com uma voz esganiçada.

– Ameacei, Vossa Graça – disse Tyrion –, mas foi só por invejar o seu régio membro. O meu é tão pequeno e torto... – Seu rosto contorceu-se num olhar malicioso. – E se cortar minha língua, não me deixará nenhuma maneira de dar prazer a esta encantadora esposa que me deu.

Uma gargalhada explodiu dos lábios de Sor Osmund Kettleblack. Alguém soltou um risinho abafado. Mas Joff não riu, e Lorde Tywin também não.

– Vossa Graça – disse este –, meu filho está bêbado, pode constatar o fato.

– Estou – confessou o Duende –, mas não tão bêbado que não possa tratar da minha noite de núpcias. – Saltou do estrado e agarrou Sansa rudemente. – Venha, mulher, é hora de derrubar a sua porta levadiça. Quero brincar de entrar no castelo.

Corada, Sansa saiu com ele do Pequeno Salão. *Que escolha tenho?* Tyrion bamboleava-se ao caminhar, especialmente quando caminhava tão depressa quanto agora. Os deuses eram misericordiosos, e nem Joffrey nem nenhum dos outros fez um movimento para segui-los.

Para a noite de núpcias, tinham-lhes concedido o uso de um quarto arejado no alto da Torre da Mão. Tyrion fechou a porta com um pontapé depois de entrarem.

– Há um jarro de bom dourado da Árvore no aparador, Sansa. Quer fazer a gentileza de me servir uma taça?

– Será isso sensato, senhor?

– Não há nada mais sensato. Não estou realmente bêbado, compreende? Mas pretendo ficar.

Sansa encheu uma taça para cada um. *Será mais fácil se eu também estiver bêbada*. Sentou-se na beira da grande cama de dossel e ingeriu metade do conteúdo de sua taça em três longos goles. Sem dúvida que o vinho era muito bom, mas estava nervosa demais para saboreá-lo. A bebida deixou sua cabeça flutuando.

– Quer que eu tire minhas roupas, senhor?

– Tyrion. – Ele ergueu a cabeça. – Meu nome é Tyrion, Sansa.

– Tyrion. Senhor. Devo tirar o vestido, ou quer me despir? – bebeu mais um gole de vinho.

O Duende virou as costas para ela.

– Da primeira vez que me casei, fomos só nós e um septão bêbado, e alguns porcos como testemunhas. Comemos uma das testemunhas no banquete de casamento. Tysha deu na minha boca pele torrada de porco assado e eu lambi a gordura dos dedos dela, e estávamos rindo quando caímos na cama.

– Foi casado antes? Eu... eu tinha me esquecido.

– Não esqueceu. Nunca soube.

– Quem era ela, senhor? – a contragosto, Sansa sentia curiosidade.

– A Senhora Tysha. – A boca dele torceu-se. – Da Casa Punho de Prata. As armas deles são uma moeda de ouro e cem de prata, num lençol ensanguentado. Nosso casamento foi muito curto... como é próprio de um homem muito baixo, suponho.

Sansa fitou as mãos e nada disse.

– Quantos anos você tem, Sansa? – perguntou Tyrion após um momento.

– Treze – disse ela –, quando a lua virar.

– Deuses, piedade. – O anão bebeu outro gole de vinho. – Bem, conversar não fará você ficar mais velha. Vamos tratar disso, senhora? Se for do seu agrado?

– Será do meu agrado agradar ao senhor meu esposo.

Aquilo pareceu enfurecê-lo.

– Esconde-se atrás da cortesia como se fosse uma muralha de castelo.

– A cortesia é a armadura de uma senhora – disse Sansa. Sua septã sempre lhe dizia isso.

– Eu sou o seu marido. Agora pode tirar a armadura.

– E a roupa?

– Isso também. – Fez um gesto na direção dela com a taça de vinho. – O senhor meu pai ordenou-me que consumasse este casamento.

As mãos de Sansa tremiam quando começou a remexer as roupas. Tinha dez polegares no lugar dos dedos, e todos estavam quebrados. Mas de algum modo conseguiu se desembaraçar dos nós e botões, e o seu manto, o vestido, o espartilho e a seda íntima deslizaram para o chão, até que por fim saiu de dentro da roupa de baixo. A pele de seus braços e pernas ficou arrepiada. Manteve os olhos no chão, tímida demais para olhá-lo, mas quando terminou, lançou-lhe um relance de olhos e viu-o a fitá-la. Havia fome no olho verde, pareceu a ela, e fúria no negro. Sansa não sabia qual dos dois a assustava mais.

– É uma criança – disse ele.

Ela cobriu os seios com as mãos.

– Já floresci.

– Uma criança – repetiu ele –, mas desejo você. Isso a assusta, Sansa?

– Sim.

– A mim também. Eu sei que sou feio...

– Não, sen...

Ele ergueu-se.

– Não minta, Sansa. Sou deformado, mutilado e pequeno, mas... – Sansa viu que ele procurava as palavras – ... na cama, depois das velas sopradas, não sou pior constituído do que os outros homens. No

escuro, sou o Cavaleiro das Flores. – Bebeu um trago de vinho. – Sou generoso. Leal para com aqueles que me são leais. Provei que não sou covarde. E sou mais inteligente do que a maioria, decerto a esperteza deve contar para alguma coisa. Até posso ser bondoso. Temo que a bondade não seja um hábito entre nós, os Lannister, mas sei que tenho alguma, em algum lugar. Poderia ser... poderia ser bom para você.

Ele está tão assustado quanto eu, percebeu Sansa. Isso talvez devesse tê-la deixado mais compreensiva para com ele, mas não a deixou. Tudo que sentiu foi pena, e a pena é a morte do desejo. O anão olhava-a, à espera de que dissesse alguma coisa, mas todas as suas palavras tinham murchado. Só conseguiu ficar ali, em pé, tremendo.

Quando finalmente compreendeu que ela não tinha uma resposta para lhe dar, Tyrion Lannister entornou o resto do vinho.

– Compreendo – disse amargamente. – Vá para a cama, Sansa. Temos de cumprir o nosso dever.

Ela subiu para o colchão de plumas, consciente de que ele a encarava. Uma vela perfumada de cera de abelha ardia na mesa de cabeceira e pétalas de rosas tinham sido espalhadas entre os lençóis. Tinha começado a puxar uma manta para se cobrir quando o ouviu dizer:

– Não.

O frio fazia-a tremer, mas obedeceu. Seus olhos fecharam-se, e esperou. Um momento depois, ouviu o som do marido descalçando as botas, e o roçagar de roupa enquanto se despia. Quando saltou para a cama e pôs uma mão no seu seio, Sansa não conseguiu evitar um estremecimento. Ficou de olhos fechados, com cada músculo tenso, aterrorizada com o que poderia vir em seguida. Ele voltaria a tocá-la? Iria beijá-la? Deveria abrir já as pernas para ele? Não sabia o que era esperado de si.

– Sansa. – A mão tinha desaparecido. – Abra os olhos.

Prometera obedecer; abriu os olhos. Ele estava sentado junto aos seus pés, nu. Onde as pernas se juntavam, seu bastão de homem erguia-se, teso e rijo, de uma mata de ásperos pelos amarelos, mas essa era a única coisa nele que era direita.

– Minha senhora – disse Tyrion – É adorável, não duvide, mas... não posso fazer isso. Que se dane o meu pai. Esperaremos. A volta da lua, um ano, uma estação, o tempo que for preciso. Até que me conheça melhor, e talvez confie um pouco em mim. – O sorriso podia pretender ser tranquilizador, mas sem nariz só o fazia parecer mais grotesco e sinistro.

Olhe para ele, disse Sansa a si mesma, *olhe para o seu marido, para todo ele, a Septã Mordane dizia que todos os homens são belos, encontre a beleza dele, tente.* Fitou as pernas tortas, a testa inchada e animalesca,

o olho verde e o negro, os restos em carne viva de seu nariz e a cicatriz irregular e rosada, o rude emaranhado de pelos amarelos e pretos que nele passava por barba. Até o seu membro viril era feio, grosso e cheio de veias, com uma cabeça bulbosa e roxa. *Isso não está certo, isso não é justo, como terei pecado tanto para levar os deuses a fazerem isso comigo, como?*

– Por minha honra como Lannister – disse o Duende –, juro não tocá-la até que queira que eu o faça.

Precisou de toda a coragem que possuía para olhar aqueles olhos desiguais e dizer:

– E se eu nunca quiser que faça isso, senhor?

A boca dele contraiu-se como se o tivesse esbofeteado.

– Nunca? – Sansa tinha o pescoço tão tenso que quase não conseguiu assentir. – Ora – disse ele –, é por isso que os deuses fazem as prostitutas, para duendes como eu. – Fechou seus dedos curtos e grossos num punho e saltou da cama.

Arya

O Septo de Pedra era a maior localidade que Arya tinha visto desde Porto Real, e Harwin disse-lhe que o pai dela ganhara ali uma batalha famosa.

– Os homens do Rei Louco andavam no encalço de Robert, tentando apanhá-lo antes de conseguir se reunir com seu pai – disse-lhe enquanto se aproximavam do portão. – Robert estava ferido, cercado de alguns amigos que tratavam dele, quando Lorde Connington, a Mão, tomou a cidade com uma força poderosa e ordenou buscas casa a casa. Mas antes de conseguirem encontrá-lo, Lorde Eddard e seu avô caíram sobre a cidade e assaltaram as muralhas. Lorde Connington retrucou ferozmente. Lutou-se pelas ruas e pelos becos, e até nos telhados, e todos os septões bateram os sinos para que o povo soubesse que devia trancar as portas. Robert saiu do esconderijo para se juntar à luta quando os sinos começaram a soar. Dizem que matou seis homens nesse dia. Um deles foi Myles Mooton, um cavaleiro famoso que tinha sido escudeiro do Príncipe Rhaegar. Teria matado também a Mão, mas a batalha nunca os aproximou. Em contrapartida, Connington feriu gravemente seu avô Tully, e matou Sor Denys Arryn, o predileto do Vale. Mas quando viu que o dia estava perdido, fugiu com toda a velocidade dos grifos de seu escudo. Depois, chamaram esse confronto de a Batalha dos Sinos. Robert sempre disse que foi seu pai quem a ganhou, e não ele.

Pelo aspecto do lugar, Arya achou que batalhas mais recentes também tinham sido travadas ali. Os portões da cidade eram feitos de madeira nova e verde; do lado de fora das muralhas ainda se erguia uma pilha de tábuas carbonizadas indicando o que acontecera com os antigos.

Septo de Pedra estava bem fechado, mas quando o capitão do portão viu quem eles eram, abriu uma porta de surtida para eles.

– Como andam de comida? – perguntou Tom quando entraram.

– Não tão mal quanto estávamos. O Caçador trouxe um rebanho de ovelhas, e tem havido algum comércio ao longo da Água Negra. A colheita não foi queimada a sul do rio. Claro, há um monte de gente que quer nos tirar o que temos. Num dia lobos, no outro Saltimbancos. Aqueles que não andam à procura de comida, andam à procura de saque ou de mulheres pra estuprar, e aqueles que não andam por aí por causa de ouro ou de moças andam à procura do maldito Regicida. Dizem que escapuliu bem pelo meio dos dedos de Lorde Edmure.

– *Lorde* Edmure? – Limo franziu a testa. – Então Lorde Hoster está morto?

– Morto ou morrendo. Acha que o Lannister pode vir pra Água

Negra? O Caçador jura que é o caminho mais rápido pra Porto Real. – O capitão não esperou resposta. – Ele levou os cães pra cheirar por aí. Se Sor Jaime anda por estas bandas, vai encontrá-lo. Já vi aqueles cães darem cabo de ursos. Acha que vão gostar do sabor de sangue de leão?

– Um cadáver mastigado não serve a ninguém – disse Limo. – O Caçador também sabe muito bem disso.

– Quando os ocidentais chegaram, estupraram a mulher e a irmã do Caçador, passaram fogo em suas colheitas, comeram metade das ovelhas dele e mataram a outra metade por vontade de fazer mal. Também mataram seis cães e atiraram suas carcaças no poço. Eu diria que um cadáver mastigado lhe serve perfeitamente. E a mim também.

– É melhor que ele não faça isso – disse Limo. – É tudo que eu tenho a dizer. É melhor que não faça isso, e você é um maldito de um idiota.

Arya seguiu entre Harwin e Anguy enquanto os fora da lei avançavam pelas ruas em que o pai lutara antigamente. Via o septo em sua colina e, por baixo, uma robusta fortaleza pouco elevada de pedra cinzenta, que parecia muito menor do que devia ser para uma cidade tão grande. Mas um terço das casas por onde passavam era uma casca enegrecida, e não viu ninguém.

– Os habitantes da cidade estão todos mortos?

– Só desconfiados. – Anguy apontou para dois arqueiros num telhado, e para um grupo de rapazes com o rosto coberto de fuligem acocorados nas ruínas de uma cervejaria. Mais adiante, um padeiro escancarou uma janela e gritou para Limo. O som da voz dele levou mais gente a sair dos esconderijos, e Septo de Pedra pareceu voltar lentamente à vida em volta deles.

Na praça do mercado, no coração da cidade, havia uma fonte com a forma de uma truta saltando, de onde corria água para uma lagoa rasa. Mulheres enchiam ali baldes e jarros. A um par de metros de distância, uma dúzia de gaiolas de ferro pendurava-se, rangendo, de postes de madeira. *Gaiolas para corvos*, compreendeu Arya. Os corvos estavam quase todos fora das gaiolas, chapinhando na água ou empoleirados nas barras; dentro delas havia homens. Limo puxou as rédeas do cavalo, franzindo a testa.

– O que é isso agora?

– Justiça – respondeu uma mulher junto à fonte.

– Que foi, estão com falta de corda de cânhamo?

– Isso foi feito por determinação de Sor Wilbert? – perguntou Tom.

Um homem soltou uma gargalhada amarga.

– Os leões mataram Sor Wilbert há um ano. Os filhos dele andam todos com o Jovem Lobo, engordando no oeste. Acha que eles dão a mínima pra gente como nós? Foi o Caçador Louco que apanhou esses

lobos.

Lobos. Arya gelou. *Homens de Robb e do meu pai*. Sentiu-se atraída para as gaiolas. As barras deixavam tão pouco espaço que os prisioneiros não podiam se sentar nem se virar; estavam em pé, nus, expostos ao sol, ao vento e à chuva. As primeiras três gaiolas continham mortos. Corvos tinham comido seus olhos, mas as órbitas vazias pareciam segui-la. O quarto homem da fileira agitou-se quando ela passou. Em volta da boca, a sua barba andrajosa estava repleta de sangue e de moscas. Como que explodiram quando ele falou, zumbindo em volta de sua cabeça.

– *Água* – A palavra era um crocitar. – Por favor... água...

O homem na gaiola seguinte abriu os olhos ao ouvir o som.

– Aqui – disse. – Aqui, eu. – Era um velho; a barba era grisalha e o couro cabeludo, calvo e pintalgado de marrom pela idade.

Depois do velho havia outro morto, um grande homem de barba ruiva, com uma atadura cinzenta em putrefação cobrindo a orelha esquerda e parte da cabeça. Mas o pior estava entre as pernas, onde nada restava além de um buraco marrom coberto por uma crosta e repleto de larvas. Mais à frente encontrava-se um gordo. A gaiola para corvos era tão cruelmente estreita que era difícil entender como conseguiram enfiá-lo lá dentro. O ferro enterrava-se dolorosamente em sua barriga, fazendo sair protuberâncias por entre as barras. Longos dias torrando ao sol tinham-no deixado dolorosamente vermelho da cabeça aos pés. Quando mudou o ponto de apoio de seu peso, a gaiola rangeu e balançou, e Arya viu listras brancas nos locais em que as barras tinham bloqueado sua pele do sol.

– São homens de quem? – perguntou-lhes.

Ao ouvir o som de sua voz, o gordo abriu os olhos. A pele em volta deles estava tão vermelha que pareciam ovos cozidos flutuando num prato de sangue.

– Água... uma bebida...

– De quem? – repetiu.

– Não ligue para eles, moço – disse-lhe o habitante da cidade. – Não dizem respeito a você. Avance.

– O que foi que eles fizeram? – perguntou-lhe Arya.

– Passaram oito pessoas na espada na Cascata do Acrobata – disse ele. – Queriam encontrar o Regicida, mas ele não estava lá, então trataram de arranjar uns estupros e assassinatos. – Agitou um polegar na direção do cadáver com larvas onde devia estar o membro viril. – Foi aquele que estuprou. Agora avance.

– Uma gota – gritou o gordo para baixo. – Misericórdia, rapaz, uma gota. – O velho ergueu um braço para se agarrar às barras. O movimento fez sua gaiola balançar violentamente.

– Água – arquejou aquele que tinha moscas na barba.

Ela olhou para o cabelo imundo, barbas macilentas e olhos vermelhos, para os lábios secos, rachados e sangrentos. *Lobos*, voltou a pensar. *Como eu*. Seria aquela a sua matilha? Como podem ser homens de Robb? Quis bater neles. Quis machucá-los. Quis chorar. Todos pareciam olhá-la, tanto os vivos como os mortos. O velho havia estendido três dedos entre as barras.

– Água – disse –, água.

Arya saltou do cavalo. *Não podem me fazer mal, estão morrendo*. Tirou sua taça de dentro do rolo de dormir e dirigiu-se à fonte.

– O que você acha que tá fazendo, moço? – disse o habitante da cidade num tom incisivo. – Eles não dizem respeito a você. – Arya levou a taça à boca do peixe. A água derramou-se sobre seus dedos e desceu por sua manga, mas Arya não se mexeu até a taça começar a transbordar. Quando virou-se de volta para as gaiolas, o habitante da cidade pôs-se na sua frente. – Afaste-se deles, moço...

– Ela é uma moça – disse Harwin. – Deixe-a.

– É – disse Limo. – Lorde Beric não gosta de engaiolar homens pra que morram de sede. Por que é que não os enforcam decentemente?

– Não houve nada decente nas coisas que eles fizeram na Cascata do Acrobata – rosnou-lhe o cidadão.

As barras eram próximas demais para introduzir nelas uma taça, mas Harwin e Gendry ajudaram-na a subir na gaiola. Apoiou um pé nas mãos de Harwin, girou para cima dos ombros de Gendry e agarrou-se às barras do topo da gaiola. O gordo virou o rosto para cima e encostou a bochecha no ferro, e Arya despejou a água por cima dele. O homem sugou-a avidamente e deixou que escorresse pela cabeça, rosto e mãos, e depois lambeu a umidade que ficou nas barras. Teria lambido os dedos de Arya se ela não os tivesse afastado. Quando serviu os outros dois da mesma forma, uma multidão tinha se reunido para observá-la.

– O Caçador Louco vai ouvir falar disso – ameaçou um homem. – E não vai gostar. Não vai gostar, não.

– Então vai gostar ainda menos disto. – Anguy colocou uma corda no arco, tirou uma flecha da aljava, encaixou-a, puxou a corda e soltou. O gordo estremeceu quando a flecha se enterrou entre seus queixos, mas a gaiola não o deixou cair. Outras duas flechas acabaram com os outros dois nortenhos. O único som na praça do mercado era o esparramar da água que caía e o zumbir das moscas.

Valar morghulis, pensou Arya.

No lado oriental da praça do mercado erguia-se uma modesta estalagem com paredes caiadas e janelas quebradas. Metade de seu telhado queimara recentemente, mas o buraco havia sido remendado. Por cima da porta pendia uma telha de madeira onde se encontrava pintado um pêssego com uma grande mordida. Desmontaram junto ao

estábulo, que se dispunha diagonalmente, e Barba-Verde berrou por cavalariços.

A rechonchuda estalajadeira ruiva uivou de prazer ao vê-los e prontamente passou a zombar deles.

– Barba-Verde, é? Ou Barba-Grisalha? Pela misericórdia da Mãe, quando foi que envelheceu tanto? Limo, é você? Ainda usa o mesmo manto maltrapilho, hã? Eu sei por que é que nunca o lava, ah, se sei. Tem medo de que o mijo saia todo e a gente veja que na verdade é um cavaleiro da Guarda Real! O Tom das Sete, seu bode velho atrevido. Vem visitar aquele seu filho? Bem, veio tarde, ele saiu pra caçar com aquele maldito Caçador. E não me diga que não é seu!

– Ele não tem a minha voz – protestou fracamente Tom.

– Mas tem o seu nariz. Sim, e as outras partes tam'ém, pelo que dizem as garotas. – Então viu Gendry, e deu-lhe um beliscão no rosto. – Olhe para este belo e jovem boi. Espere só a Alyce ver estes braços. Oh, e ainda por cima cora como uma donzela. Bem, a Alyce resolve esse seu problema, rapaz, você vai ver.

Arya nunca tinha visto Gendry ficar tão vermelho.

– Tanásia, deixe o Touro em paz, ele é um bom rapaz – disse Tom Sete-Cordas. – Tudo que precisamos de você é de camas seguras para passar a noite.

– Fale por si, cantor. – Anguy passou o braço em volta de uma jovem e robusta criada, tão sardenta quanto ele.

– Camas, temos – disse a ruiva Tanásia. – Nunca faltaram camas no Pêssego. Mas vão todos à banheira primeiro. Da última vez que seu grupo ficou debaixo do meu teto, deixou as pulgas aqui. – Espetou o dedo no peito do Barba-Verde. – E as suas tam'ém eram verdes. Querem comer?

– Se tem comida sobrando, não diremos não – concedeu Tom.

– Ora, e quando foi que você disse "não" a alguma coisa, Tom? – gritou a mulher. – Vou assar um pouco de carneiro para os seus amigos, e uma velha ratazana seca para você. É mais do que merece, mas se me gargarejar uma ou duas canções, pode ser que eu amoleça. Sempre tive piedade dos aflitos. Venham, venham. Cass, Lanna, ponham as panelas no fogo. Jyzene, ajude-me a tirar a roupa deles, que tam'ém vamos precisar fervê-la.

E cumpriu todas as ameaças. Arya tentou dizer-lhes que tinham dado banho nela *duas vezes* no Solar de Bolotas ainda não havia uma quinzena, mas a ruiva não queria ouvir falar do assunto. Duas criadas levaram-na no colo escada acima, discutindo sobre se seria um menino ou uma menina. A que se chamava Helly ganhou, por isso a outra teve de ir buscar a água quente e esfregar as costas de Arya com uma escova eriçada e rígida que quase arrancou sua pele. Então roubaram toda a roupa que a Senhora Smallwood tinha lhe dado e vestiram-na

de linho e rendas, como uma das bonecas de Sansa. Mas, pelo menos, quando acabaram, pôde descer e comer.

Ao se sentar na sala comum, em suas estúpidas roupas de menina, Arya lembrou-se do que Syrio Forel havia lhe ensinado, o truque de olhar e ver o que estava lá. Quando olhou, viu mais criadas do que qualquer estalagem poderia querer, em sua maioria jovens e atraentes. E, ao cair a noite, montes de homens começaram a entrar e sair do Pêssego. Não ficavam muito tempo na sala comum, nem mesmo quando Tom pegou sua harpa e começou a cantar "Seis donzelas numa lagoa". Os degraus de madeira eram velhos e íngremes e rangiam furiosamente sempre que um dos homens levava uma garota para cima.

– Aposto que isto é um bordel – murmurou a Gendry.

– Você nem sequer sabe o que é um bordel.

– Sei, sim – insistiu ela. – É como uma estalagem, com garotas.

Ele estava outra vez corando.

– Então o que você está fazendo aqui? – quis saber. – Um bordel não é lugar para uma maldita de uma senhora bem-nascida, todo mundo sabe.

Uma das garotas sentou-se no banco ao lado dele.

– Quem é senhora bem-nascida? A magricela? – Olhou para Arya e riu. – Eu sou filha de um rei.

Arya sabia que estavam caçoando dela.

– Não é nada.

– Bem, poderia ser. – Quando a garota encolheu os ombros, seu vestido escorregou de um lado. – Dizem que o Rei Robert fodeu a minha mãe quando se escondeu aqui, antes da batalha. Não que não tenha possuído também todas as outras garotas, mas Leslyn diz que ele gostava mais da minha mãe.

A garota *realmente* tinha cabelos parecidos com os do antigo rei, pensou Arya; uma grande e espessa cabeleira, preta como carvão. *Mas isso não quer dizer nada. Gendry também tem o mesmo tipo de cabelo. Um monte de gente tem cabelos pretos.*

– Sou chamada de Sineta – disse a garota a Gendry. – Por causa da batalha. Aposto que também conseguiria tocar o *seu* sino. Quer?

– Não – disse ele bruscamente.

– Aposto que quer. – Correu uma mão ao longo do braço dele. – Sou cortesia para amigos de Thoros e do senhor do relâmpago.

– Eu disse que *não*. – Gendry ficou abruptamente em pé e afastou-se da mesa, saindo para a noite.

Sineta virou-se para Arya.

– Ele não gosta de garotas?

Arya encolheu os ombros.

– É só estúpido. Gosta de polir capacetes e bater espadas com

martelos.

– Ah. – Sineta ajeitou de novo o vestido no ombro e foi falar com Jack Sortudo. Não muito tempo depois, estava sentada no colo dele, rindo e bebendo vinho de sua taça. Barba-Verde tinha duas garotas, uma em cada joelho. Anguy tinha desaparecido com a sua sardenta, e Limo também tinha sumido. Tom Sete-Cordas estava sentado junto à lareira, cantando "As donzelas que desabrocham na primavera". Arya bebericou da taça de vinho aguado que a ruiva lhe autorizara, escutando. Do outro lado da praça, os mortos apodreciam em suas gaiolas de corvos, mas dentro do Pêssego todo mundo estava alegre. Só que de algum modo lhe parecia que alguns deles estavam rindo alto demais.

Teria sido uma boa hora para escapar e roubar um cavalo, mas Arya não via como isso a ajudaria. Só poderia chegar até os portões da cidade. *Aquele capitão nunca me deixaria passar, e se deixasse, Harwin viria atrás de mim, e aquele Caçador com os seus cães também*. Desejou ter o mapa, para poder ver a que distância de Correrrio ficava Septo de Pedra.

Quando sua taça se esvaziou, Arya já bocejava. Gendry não tinha voltado. Tom Sete-Cordas estava cantando "Dois corações que batem como um só", e beijando uma garota diferente no fim de cada verso. No canto, junto à janela, Limo e Harwin conversavam em voz baixa com a ruiva Tanásia.

– ... passou a noite na cela de Jaime – ouviu a mulher dizer. – Ela e outra moça, aquela que matou Renly. Os três juntos, e ao chegar a manhã a Senhora Catelyn libertou-o por amor. – Soltou uma gargalhadinha gutural.

Não é verdade, pensou Arya. *Ela nunca faria isso*. Sentiu-se triste, zangada e solitária, tudo ao mesmo tempo.

Um velho sentou-se ao seu lado.

– Ora, aqui está um pessegozinho bonito. – O hálito do homem cheirava quase tão mal quanto os mortos nas gaiolas, e seus pequenos olhos de porco percorriam-na de cima a baixo. – O meu querido pessegozinho tem nome?

Durante meio segundo, Arya esqueceu-se de quem se esperava que ela fosse. Não era pêssego nenhum, mas também não podia ser Arya Stark, ali, para um bêbado fedido que não conhecia.

– Eu sou...

– Ela é a minha irmã. – Gendry apoiou uma mão pesada no ombro do velho e apertou. – Deixe-a em paz.

O homem virou-se, desejoso de uma luta, mas, quando viu o tamanho de Gendry, pensou duas vezes.

– Sua irmã, é? Que raio de irmão é você? Nunca traria uma irmã minha ao Pêssego, isso é certo. – Levantou-se do banco e afastou-se

resmungando, à procura de uma nova amiga.

– Por que foi que disse aquilo? – Arya levantou-se em um salto. – Você não é meu irmão.

– É verdade – disse ele num tom irritado. – Meu nascimento é baixo demais para ser da família de sua alteza.

Arya surpreendeu-se pela fúria na voz dele.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Foi, sim senhora. – Gendry sentou-se no banco, aninhando uma taça de vinho nas mãos. – Vá embora. Quero beber este vinho em paz. Depois, de repente vou atrás daquela garota de cabelos pretos para tocar o sino dela.

– Mas...

– Eu disse: *vá embora*. Senhora.

Arya virou-se e deixou-o ali. *Um estúpido bastardo cabeça-dura é o que ele é*. Podia tocar todos os sinos que quisesse, ela não queria nem saber.

O quarto deles ficava no topo da escada, abaixo do beiral. No Pêssego, talvez não faltassem camas, mas só havia uma para gente como eles. Era uma cama *grande*, porém. Enchia o quarto quase por completo, e o bolorento colchão estofado de palha parecia suficientemente grande para acomodá-los todos. Por enquanto, no entanto, tinha-o todo para si. Sua roupa de verdade estava pendurada em um gancho na parede, entre as coisas de Gendry e as de Limo. Arya despiu o linho e a renda, enfiou a túnica pela cabeça, subiu para a cama e enterrou-se sob as mantas.

– Rainha Cersei – sussurrou para a almofada. – Rei Joffrey, Sor Ilyn, Sor Meryn. Dunsen, Raff e Polliver. Cócegas, Cão de Caça e Sor Gregor, a Montanha. – Às vezes gostava de embaralhar a ordem dos nomes. Isso ajudava-a a recordar quem eram e o que tinham feito. *Alguns talvez estejam mortos*, pensou. *Talvez, em algum lugar, estejam dentro de gaiolas de ferro, e os corvos estejam bicando seus olhos.*

O sono chegou assim que fechou os olhos. Nessa noite, sonhou com lobos, caçando em uma floresta úmida com um pesado cheiro de chuva, putrefação e sangue no ar. Mas, no sonho, eram cheiros bons, e Arya sabia que nada tinha a temer. Era forte, ligeira e feroz, e a sua matilha rodeava-a, seus irmãos e suas irmãs. Perseguiram juntos um cavalo assustado, rasgaram sua garganta e banquetearam-se. E quando a lua surgiu entre as nuvens, jogou a cabeça para trás e *uivou*.

Mas, quando o dia chegou, acordou com o ladrar de cães.

Arya sentou-se, bocejando. Gendry agitava-se à sua esquerda e Limo Manto Limão roncava sonoramente à direita, mas os latidos lá fora quase não deixavam que o ouvisse. *Deve haver meia centena de cães lá fora*. Saiu de debaixo das mantas e saltou por cima de Limo, Tom e Jack Sortudo, até chegar à janela. Quando escancarou as

venezianas, o vento, a umidade e o frio jorraram juntos para dentro do quarto. O dia estava cinzento e encoberto. Embaixo, na praça, os cães latiam, correndo em círculos, rosnando e uivando. Era uma matilha, grandes mastins negros, lobeiros esguios e cães pastores pretos e brancos, e raças que Arya não conhecia, animais hirsutos e malhados, com grandes dentes amarelos. Entre a estalagem e a fonte encontrava-se uma dúzia de cavaleiros montados em seus cavalos, observando os homens da cidade que abriam a gaiola do gordo e o puxavam pelo braço até que seu corpo inchado caiu no chão. Os cães caíram sobre ele de imediato, arrancando pedaços de carne de seus ossos.

Arya ouviu um dos cavaleiros rir.

– Aqui está seu novo castelo, maldito bastardo Lannister – disse. – Um tanto compacto para um cara como você, mas não se preocupe, a gente enfia você lá dentro. – Ao seu lado estava sentado um prisioneiro, carrancudo, com várias voltas de corda de cânhamo apertadas ao redor dos pulsos. Alguns dos homens da cidade estavam atirando esterco nele, mas o prisioneiro nem vacilava. – Vai *apodrecer* nessa gaiola – seu captor gritava. – Os corvos vão comer seus olhos enquanto nós gastamos todo este seu bom ouro Lannister! E quando os corvos acabarem, vamos mandar o que sobrar de você ao seu maldito irmão. Embora eu duvide que ele o reconheça.

O barulho tinha acordado metade do Pêssego. Gendry enfiou-se ao lado de Arya na janela, e Tom aproximou-se por trás deles, nu como no dia em que nasceu.

– Que diabo de gritaria é essa? – Limo protestou da cama. – Um homem tá tentando dormir um pouco, diabos!

– Onde está o Barba-Verde? – perguntou Tom.

– Na cama com a Tanásia – disse o Limo. – Por quê?

– É melhor ir atrás dele. E do Arqueiro também. O Caçador Louco voltou, com mais um homem para as gaiolas.

– Lannister – disse Arya. – Eu ouvi-o dizer *Lannister*.

– Pegaram o Regicida? – quis saber Gendry.

Lá embaixo, na praça, uma pedra atingiu o cativo no rosto, obrigando-o a virar a cabeça. *Não é o Regicida*, pensou Arya quando viu seu rosto. Os deuses tinham ouvido as suas preces, afinal.

Jon

Fantasma tinha desaparecido quando os selvagens trouxeram os cavalos da gruta. *Terá compreendido o que lhe disse sobre Castelo Negro?* Jon inspirou o ar fresco da manhã e permitiu-se ter esperança. O céu oriental mostrava-se rosado perto do horizonte e cinza-claro mais acima. A Espada da Manhã ainda podia ser vista ao sul, com a brilhante estrela branca de seu cabo cintilando como um diamante na alvorada, mas os negros e cinza da floresta sombria estavam se transformando mais uma vez em verdes e dourados, vermelhos e castanhos. E, por cima dos pinheiros marciais, carvalhos, freixos e sentinelas, erguia-se a Muralha, com o gelo branco e de brilho fraco sob a poeira e a terra que manchavam sua superfície.

Magnar mandou uma dúzia de homens para oeste e uma dúzia para leste, a fim de subirem os montes mais altos que conseguissem encontrar e ficarem alerta a qualquer sinal de patrulheiros na floresta ou cavaleiros lá em cima, no gelo. Os Thenns transportavam berrantes de guerra reforçados com bronze, a fim de dar avisos caso a Patrulha fosse avistada. Os outros selvagens seguiram atrás de Jarl, e Jon e Ygritte juntaram-se ao grupo. Aquela seria a hora da glória do jovem corsário.

Dizia-se com frequência que a Muralha se erguia a duzentos metros de altura, mas Jarl havia encontrado um lugar onde era ao mesmo tempo mais alta e mais baixa. À frente deles, o gelo subia abruptamente de entre as árvores como uma imensa falésia, coroada por ameias escavadas pelo vento que se projetavam a pelo menos duzentos e quarenta metros de altura, chegando talvez a duzentos e setenta em alguns locais. Mas, ao aproximar-se, Jon compreendeu como isso era enganoso. Brandon, o Construtor, dispusera os blocos das fundações ao longo dos trechos elevados sempre que possível, e naquela zona os montes subiam bruscos e irregulares.

Certa vez, Jon ouvira o tio Benjen dizer que a Muralha era uma espada a leste de Castelo Negro, mas uma serpente a oeste. Era verdade. Estendendo-se sobre um enorme monte encurvado, o gelo mergulhava num vale, subia o topo escalavrado de uma grande crista de granito ao longo de uma légua, ou mais, percorria uma cumeada irregular, voltava a mergulhar num vale ainda mais profundo e depois subia mais e mais alto, saltando de monte em monte até perder de vista, na direção do oeste montanhoso.

Jarl tinha escolhido escalar a extensão de gelo ao longo da crista. Ali, embora o topo da Muralha se erguesse duzentos e quarenta metros acima do chão da floresta, um bom terço dessa altura era composto por terra e pedra em vez de gelo; a encosta era íngreme demais para

os cavalos, uma escalada quase tão difícil quanto o Punho dos Primeiros Homens, mas, apesar disso, muito mais fácil de subir do que a face absolutamente vertical da própria Muralha. E, além disso, a crista também era densamente arborizada, fornecendo fácil cobertura. Em outros tempos, irmãos vestidos de negro saíam todos os dias com machados para cortar as árvores invasoras, mas esses dias tinham ficado para trás havia muito, e ali a floresta crescia bem junto ao gelo.

O dia prometia ser úmido e frio, e mais úmido e frio estaria junto à Muralha, sob aquelas toneladas de gelo. Quanto mais perto chegavam, mais os Thenn se retraíam. *Eles nunca tinham visto a Muralha, nem mesmo o Magnar*, compreendeu Jon. *Assusta-os*. Nos Sete Reinos dizia-se que a Muralha marcava o fim do mundo. *Isso também é verdade para eles*. Tudo dependia do lado em que se estava.

E de que lado estou eu? Jon não sabia. Para ficar com Ygritte, teria de se tornar um selvagem, de alma e coração. Se a abandonasse para retornar ao seu dever, o Magnar poderia arrancar o coração da garota. E se a levasse consigo... partindo do princípio de que ela iria, o que era longe de ser certo... bem, dificilmente poderia levá-la de volta para Castelo Negro, para viver entre os irmãos. Um desertor e uma selvagem não podiam esperar boas-vindas em qualquer parte dos Sete Reinos. *Suponho que poderíamos ir à procura dos filhos de Gendel. Muito embora fosse provável que nos comessem em vez de nos darem as boas-vindas.*

Jon via que a Muralha não atemorizava os assaltantes de Jarl. *Todos eles já fizeram isso antes*. Jarl gritou nomes quando desmontaram sob a crista, e onze homens juntaram-se à sua volta. Todos eram jovens. O mais velho não parecia ter mais de vinte e cinco anos, e dois dos dez eram mais novos do que Jon. Mas eram todos esguios e rijos; aparentavam uma força vigorosa que lhe fazia lembrar Cobra das Pedras, o irmão que Meia-Mão enviara a pé quando Camisa de Chocalho andava no encalço deles.

Bem à sombra da Muralha, os selvagens fizeram os preparativos, enrolando grossas voltas de corda de cânhamo em um ombro e cruzando o peito, e amarrando estranhas botas de pele de corça de veado. As botas tinham espigões que se projetavam de suas pontas; de ferro para Jarl e outros dois, bronze para alguns, mas era mais frequente serem de osso denteado. Pequenos martelos com cabeça de pedra estavam pendurados em uma anca, e um saco de couro cheio de estacas em outra. Seus machados de gelo eram chifres com pontas aguçadas, atadas com faixas de couro cru a cabos de madeira. Os onze alpinistas agruparam-se em três equipes de quatro homens; o próprio Jarl era o décimo segundo.

– Mance promete espadas para cada membro da primeira equipe a atingir o topo – disse-lhes, com o hálito se condensando no ar frio. –

Espadas sulistas de aço forjado em castelo. E também seu nome na canção que vai escrever a respeito disso. O que mais pode um homem livre pedir? *Para cima*, e que os Outros carreguem os últimos!

Que os Outros carreguem todos eles, pensou Jon, enquanto os observava subindo a íngreme encosta da crista e desaparecendo sob as árvores. Não seria a primeira vez que selvagens escalavam a Muralha, nem sequer a centésima primeira. As patrulhas tropeçavam em alpinistas duas ou três vezes por ano, e às vezes os patrulheiros encontravam os cadáveres estraçalhados daqueles que caíam. Ao longo da costa oriental era mais frequente os corsários construírem barcos para se esgueirarem através da Baía das Focas. No oeste, desciam até as profundezas negras da Garganta para seguir caminho em volta da Torre Sombria. Mas entre esses dois pontos, a única forma de derrotar a Muralha era saltar por cima dela, e muitos atacantes tinham feito isso. *São menos os que voltam, porém*, pensou, com certo orgulho cruel. Os alpinistas eram obrigados a deixar os cavalos para trás, e muitos dos atacantes mais jovens e inexperientes começavam roubando os primeiros cavalos que encontravam. Então era dado o alarme, corvos levantavam voo, e geralmente a Patrulha da Noite apanhava-os e enforcava-os antes de conseguirem voltar com o saque e as mulheres raptadas. Jon sabia que Jarl não cometeria esse erro, mas não tinha certeza quanto a Styr. *O Magnar é um governante, não um corsário. Ele pode não saber como o jogo é jogado.*

– Ali estão eles – disse Ygritte, e Jon olhou para cima e viu o primeiro alpinista surgindo por cima das copas das árvores. Era Jarl. Encontrara uma árvore sentinela que se inclinava para a Muralha e levou seus homens pelo tronco, para obter uma partida mais rápida. *Nunca deviam ter permitido que a floresta chegasse tão perto. Estão a noventa metros de altura e ainda nem tocaram no gelo propriamente dito.*

Viu o selvagem passar cuidadosamente da árvore para a Muralha, esculpindo um apoio para a mão com golpes curtos, mas precisos, do seu machado de gelo, e depois apoiando-se nele. A corda que tinha em volta da cintura prendia-o ao segundo homem da fila, que ainda vinha subindo a árvore. Passo a passo, lentamente, Jarl foi subindo, abrindo apoios para os pés com as botas guarnecidas de espigões quando não conseguia encontrar apoios naturais. Ao chegar a três metros acima da sentinela, parou numa estreita saliência de gelo, pendurou o machado no cinto, puxou o martelo e espetou um espigão de ferro em uma fenda. O segundo homem passou para a Muralha atrás dele enquanto o terceiro escalava até o topo da árvore.

As outras duas equipes não tinham árvores dispostas favoravelmente para lhes ajudar, e não demorou muito até os Thenn começarem a se perguntar se não teriam se perdido ao escalar a crista. Todo o grupo de Jarl já se encontrava na Muralha, a vinte e cinco

metros de altura, quando os primeiros alpinistas dos outros grupos surgiram à vista. As equipes estavam espaçadas por cerca de vinte metros. Os quatro de Jarl seguiam pelo centro. À sua esquerda, subia uma equipe liderada por Grigg, o Bode, cuja longa trança loura tornava facilmente detectável de baixo. À esquerda, quem liderava os alpinistas era um homem muito magro chamado Errok.

– Tão devagar – lamentou-se o Magnar em voz alta enquanto observava o avanço dos outros. – Será que ele se esqueceu dos corvos? Devia subir mais depressa, antes de sermos descobertos.

Jon teve de controlar a língua. Lembrava-se bem demais do Passo dos Guinchos, e da escalada ao luar que havia feito com Cobra das Pedras. Naquela noite engolira o coração meia dúzia de vezes e, ao final, doíam seus braços e pernas e os dedos estavam meio congelados. *E aquilo era pedra, não gelo*. A pedra era sólida. O gelo era uma coisa traiçoeira na melhor das hipóteses e, num dia como aquele, quando a Muralha chorava, o calor da mão de um alpinista podia ser o suficiente para derretê-lo. Os enormes blocos podiam estar gelados e duros como pedra no interior, mas a superfície exterior estaria escorregadia, com fiozinhos de água escorrendo e manchas de gelo deteriorado onde o ar tinha penetrado. *Sejam os selvagens o que forem além disso, são corajosos.*

Mesmo assim, Jon viu-se desejando que os temores de Styr tivessem fundamento. *Se os deuses forem bons, uma patrulha aparecerá por acaso e porá fim nisso.*

– Nenhuma muralha pode mantê-lo em segurança – dissera-lhe o pai uma vez, enquanto percorriam as muralhas de Winterfell. – Uma muralha tem apenas a força dos homens que a defendem. – Os selvagens podiam ter cento e vinte homens, mas quatro defensores seriam suficientes para botá-los para correr, com algumas flechas bem colocadas e talvez um balde de pedras.

Mas não apareceram defensores; nem quatro, nem sequer um. O sol subiu no céu e os selvagens subiram a Muralha. Os quatro de Jarl mantiveram-se bem adiantados até o meio-dia, quando atingiram uma extensão de gelo em mau estado. Jarl tinha enrolado a corda em volta de um pináculo esculpido pelo vento e o estava usando para suportar seu peso quando, de repente, ele ruiu por inteiro e se precipitou para o chão, com Jarl ainda preso. Fragmentos de gelo do tamanho da cabeça de um homem bombardearam os três que estavam embaixo, mas eles agarraram-se aos apoios para as mãos, as estacas aguentaram, e Jarl parou bruscamente na ponta da corda.

Quando sua equipe recuperou-se desse azar, Grigg, o Bode, estava quase emparelhado com eles. Os quatro de Errok continuavam muito atrás. A área que estavam subindo parecia lisa e sem buracos, coberta por uma película de gelo derretido que mostrava um brilho úmido

onde o sol a roçava. A seção de Grigg parecia mais escura, com traços mais evidentes; longas saliências horizontais onde um bloco havia sido mal posicionado sobre aquele que estava por baixo, rachaduras e fendas, e até mesmo chaminés ao longo das juntas verticais, onde o vento e a água tinham escavado buracos suficientemente grandes para um homem se esconder.

Em pouco tempo Jarl tinha seus homens de novo a subir. Os seus quatro e os de Grigg deslocavam-se quase lado a lado, com os de Errok quinze metros abaixo. Machados de chifre de veado picavam e cortavam, enviando nuvens de cintilantes estilhaços em longas cascatas que caíam sobre as árvores. Martelos de pedra enfiavam estacas no gelo profundamente, para que servissem de fixação para as cordas; as estacas de ferro esgotaram-se antes de chegarem no meio do caminho e, depois disso, os alpinistas usaram chifres e ossos afiados. E os homens chutavam, batendo com os espigões de suas botas contra o gelo duro e resistente, uma e mais outra vez, e outra e outra ainda, até fazerem um apoio para os pés. *Eles devem estar com as pernas dormentes*, pensou Jon depois de quatro horas. *Quanto tempo mais conseguirão continuar com aquilo?* Observou tão inquieto quanto o Magnar, com o ouvido atento ao gemido distante de um berrante de guerra Thenn. Mas os berrantes mantiveram-se em silêncio, e não surgiu sinal da Patrulha da Noite.

Depois de seis horas, Jarl voltara a tomar a dianteira em relação a Grigg, o Bode, e seus homens estavam alargando a vantagem.

– O animal de estimação de Mance deve querer uma espada – disse o Magnar, protegendo os olhos da luz. O sol estava alto no céu, e o terço superior da Muralha apresentava-se, quando visto de baixo, de um azul cristalino, com reflexos tão brilhantes que olhá-lo fazia doer os olhos. Os quatro de Jarl e os de Grigg quase se perdiam naquele clarão, embora o grupo de Errok permanecesse na sombra. Em vez de avançarem para cima, estavam se deslocando para o lado a cerca de cento e cinquenta metros de altura, dirigindo-se para uma chaminé. Jon observava seus movimentos lentos quando ouviu o som – um súbito *crac* que pareceu rolar ao longo do gelo, seguido de um grito de alarme. E então o ar encheu-se de lascas, gritos e homens caindo, quando uma folha de gelo com trinta centímetros de espessura e quinze metros quadrados de área se desprendeu da Muralha e caiu, desfazendo-se, retumbando, varrendo tudo à sua frente. Mesmo no sopé da crista, alguns pedaços vieram girando através das árvores e rolando pela encosta. Jon agarrou Ygritte e puxou-a para baixo para protegê-la, e um dos Thenn foi atingido no rosto por um pedaço que lhe quebrou o nariz.

E quando olharam para cima, Jarl e seu grupo tinham desaparecido. Homens, cordas, estacas, tudo desaparecido; nada

restava acima dos cento e oitenta metros. Havia uma ferida na Muralha, no local onde os alpinistas estavam agarrados um instante antes, com um gelo tão liso e branco como mármore polido brilhando ao sol. Muito, muito abaixo, via-se uma mancha vermelha no local onde alguém tinha colidido com um pináculo gelado.

A Muralha defende-se, pensou Jon enquanto ajudava Ygritte a ficar em pé de novo.

Encontraram Jarl numa árvore, empalado num galho rachado e ainda preso pela corda aos três homens que jaziam, quebrados, por baixo dele. Um ainda estava vivo, mas tinha as pernas e a coluna estilhaçadas, bem como a maior parte das costelas.

– Misericórdia – disse quando se aproximaram dele. Um dos Thenn esmagou sua cabeça com uma grande maça de pedra. O Magnar deu ordens, e seus homens começaram a reunir combustível para uma pira.

Os mortos já ardiam no momento em que Grigg, o Bode, atingiu o topo da Muralha. Quando os quatro de Errok se juntaram a eles, nada restava de Jarl e de seu grupo além de ossos e cinzas.

A essa altura, o sol tinha começado a baixar, e os alpinistas desperdiçaram pouco tempo. Desenrolaram as longas voltas de cânhamo que tinham enrolado em volta do peito, ataram-nas umas às outras e atiraram uma ponta para baixo. A ideia de tentar subir cento e cinquenta metros por aquela corda encheu Jon de terror, mas Mance planejara as coisas melhor do que isso. Os corsários que Jarl tinha deixado embaixo desenrolaram uma enorme escada de mão, com degraus de cânhamo entretecido da grossura do braço de um homem, e amarraram-na à corda dos alpinistas. Errok, Grigg e seus homens gemeram e içaram, puxando-a até lá em cima, prenderam-na no topo com espigões, e depois voltaram a baixar a corda para içar uma segunda escada. Havia cinco ao todo.

Quando todas estavam colocadas em seus lugares, o Magnar gritou uma brusca ordem no Idioma Antigo, e cinco de seus Thenn começaram a subir juntos. Mesmo com as escadas não era uma subida fácil. Ygritte observou-os penando durante algum tempo.

– Odeio esta Muralha – disse, numa voz baixa e zangada. – Consegue sentir como é *fria*?

– É feita de gelo – ressaltou Jon.

– Não sabe nada, Jon Snow. Esta muralha é feita de sangue.

E ela ainda não havia tomado a sua dose. Ao pôr do sol, dois dos Thenn tinham caído da escada e morrido, mas foram os últimos. Era perto da meia-noite quando Jon chegou ao topo. As estrelas estavam de novo no céu, e Ygritte terminou a subida tremendo.

– Quase caí – disse ela, com lágrimas nos olhos. – Duas vezes. Três. A Muralha estava tentando me atirar lá pra baixo, conseguia

sentir isso. – Uma das lágrimas libertou-se e escorreu lentamente por seu rosto.

– O pior já ficou para trás. – Jon tentou soar confiante. – Não fique assustada. – Tentou pôr um braço em volta dela.

Ygritte bateu no peito dele com o lado da mão, com tanta força que doeu, mesmo através das camadas de lã, cota de malha e couro fervido que ele vestia.

– Não estou *assustada*. Não sabe nada, Jon Snow.

– Então está chorando por quê?

– Não é por medo! – bateu violentamente no gelo com um calcanhar, arrancando um naco dele. – Estou chorando porque não encontramos o Berrante do Inverno. Abrimos meia centena de sepulturas e deixamos todas essas sombras à solta no mundo, e não encontramos o Berrante de Joramun, para botar abaixo esta coisa fria!

Jaime

Sua mão ardia.

Ainda, *ainda*, muito depois de terem apagado o archote que tinham usado para cauterizar seu toco sangrento, dias antes, ainda sentia o fogo atravessando seu braço, e os dedos se torcendo no meio das chamas, os dedos que já não tinha.

Já tinha sido ferido antes, mas nunca assim. Nunca soubera que podia haver uma dor tamanha. Às vezes, sem serem chamadas, velhas preces saíam borbulhando de seus lábios, preces que tinha aprendido quando criança e nas quais não voltara a pensar, preces que proferira pela primeira vez com Cersei ajoelhada ao seu lado no septo de Rochedo Casterly. Às vezes até chorava, até ouvir os Saltimbancos rindo. Então obrigou os olhos a secar e o coração a morrer, e rezou para que a febre queimasse suas lágrimas. *Agora sei como Tyrion se sentiu, todas aquelas vezes que riram dele.*

Depois de cair pela segunda vez da sela, ataram-no bem a Brienne de Tarth e obrigaram-nos de novo a dividir um cavalo. Um dia, em vez de os colocarem unidos pelas costas, amarraram-nos cara a cara.

– Os amantes – suspirou sonoramente Shagwell –, e que bela visão que formam. Seria cruel separar o bom cavaleiro de sua senhora. – Então soltou aquela sua gargalhada esganiçada e disse: – Ah, mas qual deles é o cavaleiro e qual é a senhora?

Se eu tivesse a minha mão, saberia depressa, pensou Jaime. Seus braços doíam e as pernas estavam dormentes devido às cordas, mas após algum tempo nada disso importava. Seu mundo reduziu-se ao latejar de agonia que era a sua mão fantasma, e a Brienne encostada a si. *Pelo menos ela está quente*, pensou, consolando-se, embora o hálito da garota fosse tão desagradável quanto o seu.

A mão sempre estava entre os dois. Urswyck a havia pendurado ao pescoço dele com um cordão, e ela balançava de encontro ao seu peito, batendo nos seios de Brienne enquanto Jaime ia perdendo e recuperando os sentidos. Seu olho direito estava fechado devido ao inchaço, um ferimento inflamado no local em que Brienne o golpeara durante a luta, mas era sua mão que mais doía. Sangue e pus jorravam do coto, e a mão em falta latejava toda vez que o cavalo dava um passo.

Tinha a garganta tão inflamada que não podia comer, mas bebia vinho quando davam, e água quando não havia alternativa. Uma vez deram-lhe uma taça, e ele esvaziou-a de um trago só, tremendo, e os Bravos Companheiros estouraram em gargalhadas tão roucas e sonoras que deixaram seus ouvidos doendo.

– Isso que você tá bebendo é mijo de cavalo, Regicida – disse-lhe

Rorge. Jaime tinha tanta sede que bebeu mesmo assim, mas depois vomitou tudo. Obrigaram Brienne a lavar o vômito da barba dele, tal como a obrigavam a limpá-lo quando se sujava na sela.

Numa manhã fria e úmida em que estava se sentindo ligeiramente mais forte, foi tomado por um ataque de loucura, estendeu a mão esquerda para a espada do dornês e arrancou-a desajeitadamente da bainha. *Não me importa que me mate*, pensou, *desde que morra lutando, de espada na mão*. Mas não deu certo. Shagwell veio contra ele pulando com uma perna de cada vez, dançando agilmente para o lado quando Jaime lhe lançava estocadas. Desequilibrado, cambaleou em frente, brandindo violentamente a espada na direção do bobo, mas Shagwell girou, abaixou-se e fugiu até deixar todos os Saltimbancos rindo das tentativas fúteis de Jaime para atingi-lo. Quando tropeçou numa pedra e caiu de joelhos, o bobo saltou diante dele e pregou um beijo úmido no topo de sua cabeça.

Por fim, Rorge afastou-o com um empurrão e, com um pontapé, arrancou a espada dos fracos dedos de Jaime quando este tentou erguê-la.

– Iffo foi divertido, Regifida – disse Vargo Hoat –, maf fe voltar a tentar, corto fua outra mão, ou talvef um pé.

Jaime ficou deitado de costas depois, fitando o céu noturno, tentando não sentir a dor que serpenteava seu braço direito acima sempre que o movia. A noite estava estranhamente bela. A lua era um gracioso crescente, e parecia que nunca tinha visto tantas estrelas. A Coroa do Rei encontrava-se no zênite, e via o Garanhão empinando-se, e ali o Cisne. A Donzela da Lua, tímida como sempre, estava meio escondida atrás de um pinheiro. *Como uma noite como esta pode ser bela?*, perguntou a si mesmo. *Por que as estrelas olhariam para alguém como eu?*

– Jaime – sussurrou Brienne, tão baixo que pensou que sonhava. – Jaime, o que está fazendo?

– Estou morrendo – murmurou de volta.

– Não – disse ela –, não, tem de sobreviver.

Aquilo deu-lhe vontade de rir.

– Pare de me dizer o que fazer, garota. Eu morro se quiser.

– É assim tão covarde?

A palavra chocou-o. Ele era Jaime Lannister, um cavaleiro da Guarda Real, era o Regicida. Nunca homem algum o chamara de covarde. Chamavam-no de outras coisas, sim; perjuro, mentiroso, assassino. Diziam que era cruel, traiçoeiro, imprudente. Mas covarde, nunca.

– O que posso fazer além de morrer?

– Viver – disse ela –, viver, lutar e procurar vingança. – Mas falou alto demais. Rorge ouviu sua voz, embora não as palavras, e veio

chutá-la, gritando-lhe que segurasse a língua se quisesse ficar com ela.

Covarde, pensou Jaime, enquanto Brienne lutava para abafar os gemidos. *Será? Roubaram-me a mão da espada. Isso era tudo que eu era, uma mão de espada? Pela bondade dos deuses, será verdade?*

A garota tinha razão. Não podia morrer. Cersei esperava-o. Devia sentir falta dele. E Tyrion, seu irmão mais novo, que o amava devido a uma mentira. E seus inimigos também esperavam; o Jovem Lobo, que o derrotara no Bosque dos Murmúrios e matara os homens que o rodeavam, Edmure Tully, que o mantivera em trevas e correntes, estes Bravos Companheiros.

Quando a manhã chegou, obrigou-se a comer. Deram-lhe ração de aveia, comida de cavalo, mas forçou-se a engolir todas as colheradas. Voltou a comer ao cair da noite, e no dia seguinte também. *Viva*, disse rudemente a si próprio quando a ração parecia prestes a levá-lo ao vômito, *viva por Cersei, viva por Tyrion, viva para a vingança. Um Lannister sempre paga as suas dívidas*. A mão que não tinha latejava, ardia e fedia. *Quando chegar a Porto Real, mandarei forjar uma mão nova, uma mão de ouro, e um dia vou usá-la para rasgar a goela de Vargo Hoat.*

Os dias e as noites fundiram-se num incêndio de dor. Dormia na sela, encostado em Brienne, com o nariz cheio do fedor da mão em putrefação, e depois à noite ficava desperto, deitado no chão duro, preso num pesadelo acordado. Apesar de muito fraco, prendiam-no sempre a uma árvore. Dava-lhe um certo consolo frio saber que o temiam tanto assim, mesmo agora.

Brienne ficava sempre amarrada a seu lado. Ficava deitada com as suas cordas como uma grande vaca morta, sem dizer uma palavra. *A garota construiu uma fortaleza dentro de si. Devem estuprá-la em breve, mas não podem tocar nela atrás dessas muralhas*. Porém, as muralhas de Jaime tinham desaparecido. Tinham-lhe tirado a mão, tinham-lhe tirado a *mão da espada*, e sem ela não era nada. A outra de nada lhe servia. Desde que aprendera a andar, seu braço esquerdo era o braço do escudo e nada mais. Era a mão direita que fazia dele um cavaleiro; o braço direito que tinha feito dele um homem.

Um dia, ouviu Urswyck dizer qualquer coisa a respeito de Harrenhal, e lembrou-se de que era esse o destino do grupo. Isso fez Jaime rir em voz alta, e *isso* fez com que Timeon golpeasse seu rosto com um chicote longo e estreito. O corte sangrou, mas comparado com a mão, quase não o sentiu.

– Por que você riu? – perguntou a mulher naquela noite, num sussurro.

– Foi em Harrenhal que me deram o manto branco – sussurrou em resposta. – No grande torneio do Whent. Quis mostrar a todos nós o seu grande castelo e os seus belos filhos. Eu também quis lhes mostrar

umas coisas. Só tinha quinze anos, mas ninguém conseguiria me derrotar naquele dia. Aerys não me deixou participar da justa. – Voltou a rir. – Mandou-me embora. Mas agora estou de volta.

Eles ouviram o riso. Naquela noite foi Jaime quem recebeu os pontapés e murros. Também pouco os sentiu, até que Rorge avançou com a bota contra o coto, e então o prisioneiro desmaiou.

Foi na noite seguinte que finalmente apareceram os três piores; Shagwell, Rorge sem nariz e o gordo dothraki Zollo, aquele que tinha cortado sua mão. Zollo e Rorge discutiam sobre quem seria o primeiro enquanto se aproximavam; parecia não haver qualquer dúvida de que o bobo seria o último. Shagwell sugeriu que podiam ir os dois primeiro e tomá-la pela frente e por trás. Zollo e Rorge gostaram da ideia, mas então começaram a discutir sobre quem ficaria com a frente e quem iria por trás.

Também vão deixá-la mutilada, mas por dentro, onde não se vê.

– Garota – sussurrou enquanto Zollo e Rorge xingavam um ao outro –, deixe-os ficar com a carne, e vá para longe. Terminará mais depressa, e eles obterão menos prazer do ato.

– Eles não vão obter prazer nenhum daquilo que vou lhes dar – murmurou em resposta, desafiadora.

Estúpida cadela teimosa e corajosa. Sabia que ela ia acabar se levando à morte. *E que me importa que morra? Se não tivesse sido tão cabeça-dura, eu ainda teria uma mão*. E no entanto, ouviu-se sussurrando:

– Deixe que façam o que querem e retire-se para dentro. – Foi o que fizera quando os Stark morreram na sua frente, Lorde Rickard cozinhando dentro de sua armadura enquanto o filho Brandon se estrangulava na tentativa de salvá-lo. – Pense em Renly, se o amava. Pense em Tarth, em montanhas e mares, lagoas, cascatas, seja o que for que tenha na sua Ilha Safira, pense...

Mas, a essa altura, Rorge já tinha ganhado a discussão.

– É a mulher mais feia que eu já vi – disse a Brienne –, mas não ache que não posso deixá-la mais feia ainda. Quer um nariz como o meu? Lute, e fica com um. E dois olhos são demais. Um grito vindo de você e arranco um e obrigo você a comê-lo, e depois arranco a merda dos seus dentes um a um.

– Oh, faça isso, Rorge – pediu Shagwell. – Sem os dentes, ela fica bem parecida com a minha querida mãe. – Soltou um cacarejo. – E eu *sempre* quis foder a minha querida mãe pelo cu.

Jaime soltou uma risadinha.

– Ora, aí está um bobo engraçado. Tenho uma charada para você, Shagwell. Por que você se importa que ela grite? Ah, espere, eu sei. – E gritou o mais alto que pôde: – SAFIRAS.

Praguejando, Rorge voltou a chutar seu coto. Jaime soltou um

uivo. *Não fazia ideia de que havia no mundo uma agonia tão grande*, foi a última coisa que se lembrava de ter pensado. Era difícil saber quanto tempo esteve desacordado, mas quando a dor o cuspiu, Urswyck estava lá, e o próprio Vargo Hoat também.

– Ela não deve fer tocada – gritou o bode, enchendo Zollo de perdigotos. – Ela tem de fer donfela, feuf idiotaf! Ela vale um faco de fafiraf! – E daí em diante, Hoat colocou guardas junto a eles todas as noites, para protegê-los de seus próprios homens.

Duas noites passaram em silêncio antes de a garota finalmente encontrar coragem para murmurar:

– Jaime? Por que gritou?

– Por que foi que gritei *"safiras"*, é isso que quer perguntar? Use a cabeça, garota. Acha que esses tipos teriam se importado se eu tivesse gritado *"estupro"*?

– Não precisava ter gritado nada.

– Já é suficientemente difícil olhar para você *com* nariz. Além disso, quis obrigar o bode a dizer "fafiraf". – Soltou uma gargalhadinha. – Para você é bom que eu seja um grande mentiroso. Um homem honroso teria dito a verdade sobre a Ilha Safira.

– Seja como for – disse ela. – Agradeço-lhe, sor.

A mão dele estava latejando de novo. Apertou os dentes e disse:

– Um Lannister paga as suas dívidas. Aquilo foi pelo rio, e por aquelas pedras que despejou em cima de Robin Ryger.

O bode quis fazer de sua entrada em Harrenhal um espetáculo, então Jaime foi obrigado a desmontar a um quilômetro e meio dos portões do castelo. Uma corda foi amarrada em volta de sua cintura, e uma segunda em torno dos pulsos de Brienne; as extremidades foram atadas ao arção da sela de Vargo Hoat. Avançaram aos tropeções, lado a lado, atrás do zebralo listrado do qohorik.

A raiva de Jaime manteve-o em movimento. O linho que cobria seu coto estava cinzento e fedia a pus. Seus dedos fantasmas gritavam a cada passo. *Eu sou mais forte do que eles pensam*, disse a si mesmo. *Ainda sou um Lannister. Ainda sou um cavaleiro da Guarda Real*. Chegaria a Harrenhal, e depois a Porto Real. Sobreviveria. *E vou pagar esta dívida com juros.*

Ao se aproximarem das muralhas semelhantes a falésias do monstruoso castelo de Harren, o Negro, Brienne apertou seu braço.

– Lorde Bolton controla este castelo. Os Bolton são vassalos dos Stark.

– Os Bolton esfolam os inimigos. – Isso era tudo que Jaime recordava do nortenho. Tyrion conheceria tudo que havia para saber sobre o senhor do Forte do Pavor, mas encontrava-se a mil léguas de distância, com Cersei. *Não posso morrer enquanto Cersei for viva*, disse a si mesmo. *Morreremos juntos, assim como nascemos juntos.*

A aldeia junto às muralhas tinha sido reduzida a cinzas e pedras enegrecidas, e muitos homens e cavalos tinham acampado recentemente junto à margem do lago, no local onde Lorde Whent havia organizado seu grande torneio no ano da falsa primavera. Um sorriso amargo tocou os lábios de Jaime ao atravessarem aquele terreno revolvido. Alguém tinha escavado uma fossa sanitária no exato local onde ele ajoelhara um dia para proferir seus votos. *Nunca sonhei que o doce podia amargar tão depressa. Aerys nem sequer me deixou saborear aquela noite. Honrou-me, e em seguida cuspiu em mim.*

– Os estandartes – observou Brienne. – Homem esfolado e torres gêmeas, veja. Homens juramentados ao Rei Robb. Ali, por cima da guarita, cinza sobre fundo branco. Eles exibem o lobo gigante.

Jaime torceu a cabeça para cima, para dar uma olhada.

– É o seu maldito lobo, é verdade – reconheceu. – E aquilo são cabeças que estão ao seu lado.

Soldados, criados e seguidoras de acampamentos reuniram-se para gritar para eles. Uma cadela malhada seguiu-os, latindo e rosnando, pelo acampamento afora, até que um dos lisenos a empalou numa lança e galopou até a cabeça da coluna.

– Transporto o estandarte do Regicida – gritou, sacudindo a cadela morta por cima da cabeça de Jaime.

As muralhas de Harrenhal eram tão espessas que passar por baixo delas era como passar através de um túnel de pedra. Vargo Hoat enviara na frente dois de seus dothraki, a fim de avisar Lorde Bolton de sua chegada, então o pátio exterior estava cheio de curiosos. Afastavam-se para Jaime passar cambaleando, com a corda que trazia enrolada na cintura a puxá-lo sempre que desacelerava.

– Aprefento-lhef o Regifida – proclamou Vargo Hoat naquela sua voz densa e babosa. Uma lança golpeou a parte de baixo das costas de Jaime, fazendo-o estatelar-se.

O instinto levou-o a levantar as mãos para amparar a queda. Quando o coto colidiu com o chão, a dor o deixou cego, e Jaime ficou sem saber como conseguiu apoiar-se num joelho. À sua frente, um lance de largos degraus de pedra levava à entrada de uma das colossais torres redondas de Harrenhal. Cinco cavaleiros e um nortenho encontravam-se lá em cima, olhando-o; este de olhos claros e vestido de lã e peles, os cinco com um aspecto feroz, em armaduras e cotas de malha, ostentando o símbolo das torres gêmeas nos sobretudos.

– Um bando de Freys – declarou Jaime. – Sor Danwell, Sor Aenys, Sor Hosteen. – Conhecia os filhos de Lorde Walder de vista; afinal de contas, a tia casara-se com um deles. – Aceitem as minhas condolências.

– Por quê, sor? – perguntou Sor Danwell Frey.

– Pelo filho de seu irmão, Sor Cleos – disse Jaime. – Acompanhou-nos até que os fora da lei o encheram de flechas. Urswyck e os homens dele tiraram suas coisas e deixaram-no para os lobos.

– *Senhores!* – Brienne libertou-se e avançou. – Vi seus estandartes. Escutem-me em nome de seus juramentos!

– Quem fala? – quis saber Sor Aenys Frey.

– A ama de leite do Lanifter.

– Sou Brienne de Tarth, filha de Lorde Selwyn, a Estrela da Tarde, e sob juramento para com a Casa Stark, assim como vocês.

Sor Aenys cuspiu aos pés dela.

– Isso é para os seus votos. Confiamos na palavra de Robb Stark, e ele pagou nosssa fidelidade com traição.

Ora, aqui temos algo interessante. Jaime torceu-se para ver como Brienne receberia a acusação, mas a garota era obstinada como uma mula com o freio nos dentes.

– Não sei de traição alguma. – Sacudiu, irritada, as cordas que envolviam seus pulsos. – A Senhora Catelyn ordenou-me que entregasse o Lannister ao irmão, em Porto Real...

– Ela estava tentando afogá-lo quando os encontramos – disse Urswyck, o Fiel.

A moça corou.

– Na ira, descontrolei-me, mas nunca o teria matado. Se ele morrer, os Lannister passarão na espada as filhas de minha senhora.

Sor Aenys não pareceu tocado.

– Por que é que devemos nos importar com isso?

– Peçamos um resgate por ele a Correrrio – sugeriu Sor Danwell.

– Rochedo Casterly tem mais ouro – retrucou um dos irmãos.

– Matemo-lo! – disse outro. – A cabeça dele pela de Ned Stark!

Shagwell, o Bobo, com seu traje de losangos cinza e rosa, deu uma cambalhota para os degraus mais baixos e começou a cantar.

– *Houve um dia um leão que c'um urso dançou, o-oh, o-oh...*

– Filênfio, bobo. – Vargo Hoat deu-lhe uma bofetada. – O Regifida não é para o urfo. Ele é meu.

– Se morrer, não é de ninguém. – Roose Bolton falava tão baixo que os homens se silenciavam para ouvi-lo. – E peço-lhe que recorde, senhor, que não é senhor de Harrenhal até que eu marche para o norte.

A febre tornara Jaime tão destemido quanto tolo.

– Poderá ser este o senhor do Forte do Pavor? Segundo as últimas notícias que tive, meu pai tinha posto o senhor para correr com o rabo entre as pernas. Quando foi que parou de fugir, senhor?

O silêncio de Bolton era cem vezes mais ameaçador do que a malevolência babosa de Vargo Hoat. Claros como a névoa da manhã, seus olhos escondiam mais do que revelavam. Jaime não gostou

daqueles olhos. Faziam-lhe lembrar do dia, em Porto Real, em que Ned Stark o encontrara sentado no Trono de Ferro. O senhor do Forte do Pavor finalmente enrugou os lábios e disse:

– Perdeu uma mão.

– Não – disse Jaime –, ela está aqui, pendurada no pescoço.

Roose Bolton estendeu uma mão para baixo, rompeu o cordão e atirou a mão a Hoat.

– Leve isto daqui. Esta coisa ofende minha vista.

– Vou mandá-la ao fenhor feu pai. Vou difer-lhe que tem de pagar fem mil dragõef, fenão devolvemof-lhe o Regifida pedafo por pedafo. E quando refebermof o ouro dele, mandamof o For Jaime ao Karftark e arranjamof também uma donfela! – um rugido de gargalhadas ergueu-se entre os Bravos Companheiros.

– Um belo plano – disse Roose Bolton, com o mesmo tom com que poderia ter dito "Um belo vinho" a um companheiro de jantar –, embora Lorde Karstark não possa lhe dar a filha dele. Rei Robb deixou-o uma cabeça menor, por traição e assassinato. Quanto ao Lorde Tywin, ele continua em Porto Real, e lá ficará até o ano novo, quando o neto recebe como esposa uma filha de Jardim de Cima.

– Winterfell – disse Brienne. – Quer dizer Winterfell. Rei Joffrey está prometido a Sansa Stark.

– Já não está mais. A Batalha da Água Negra mudou tudo. A rosa e o leão uniram-se lá, para desbaratar a tropa de Stannis Baratheon e reduzir sua frota a cinzas.

Eu avisei, Urswyck, pensou Jaime, *e a você também, bode. Quando apostaram contra os leões, perderam mais do que a sua bolsa*.

– Há notícias de minha irmã? – perguntou.

– Ela está bem. Assim como o seu... sobrinho. – Bolton fez uma pausa antes de dizer *sobrinho*, uma pausa que significava *eu sei*. – Seu irmão também está vivo, embora tenha sido ferido na batalha. – Fez um sinal para um severo nortenho vestido com uma brigantina tachonada. – Leve Sor Jaime a Qyburn. E desamarre as mãos desta mulher. – Quando a corda entre os pulsos de Brienne foi cortada em duas, disse: – Peço as suas desculpas, senhora. Em tempos conturbados assim, é difícil distinguir os amigos dos inimigos.

Brienne esfregou a parte de dentro do pulso, onde o cânhamo esfolara sua pele.

– Senhor, estes homens tentaram me estuprar.

– Ah, é? – Lorde Bolton virou os olhos claros para Vargo Hoat. – Estou descontente. Por isso, e por esse assunto da mão de Sor Jaime.

No pátio havia cinco nortenhos e outros tantos Frey para cada Bravo Companheiro. O bode podia não ser tão inteligente como alguns, mas pelo menos sabia contar até cinco. Manteve-se em silêncio.

– Eles ficaram com a minha espada – disse Brienne –, a minha armadura...

– Não precisará de armadura aqui, senhora – disse-lhe Lorde Bolton. – Em Harrenhal, está sob a minha proteção. Amabel, arranje quartos adequados para a Senhora Brienne. Walton, você vai cuidar imediatamente de Sor Jaime. – Não esperou resposta, virou-se e subiu os degraus, fazendo o manto debruado de peles rodopiar. Jaime teve apenas tempo suficiente para trocar um rápido olhar com Brienne antes de serem levados dali, cada um para seu lado.

Nos aposentos do meistre, por baixo da colônia de corvos, um homem grisalho de ar paternal chamado Qyburn prendeu a respiração quando retirou o linho do toco da mão de Jaime.

– Está assim tão ruim? Vou morrer?

Qyburn enfiou um dedo no ferimento, e torceu o nariz com o jorro de pus.

– Não. Se bem que mais alguns dias... – Cortou a manga de Jaime. – A putrefação espalhou-se. Vê como a carne está mole? Tenho de cortar isto tudo. A coisa mais certa a fazer seria cortar o braço inteiro.

– Se fizer isso, quem morre é *você* – prometeu Jaime. – Limpe o coto e dê os pontos. Eu corro os meus riscos.

Qyburn franziu a testa.

– Posso deixar o braço superior, cortar pelo cotovelo, mas...

– Se me cortar algum pedaço do braço é melhor que corte o outro também, senão estrangulo-o com ele mais tarde.

Qyburn olhou-o nos olhos. O que quer que tenha visto neles fez com que refletisse cuidadosamente.

– Muito bem. Vou cortar a carne apodrecida, nada mais. Tentarei afastar a putrefação com vinho fervente e um cataplasma de urtigas, sementes de mostarda e bolor de pão. Isso talvez seja suficiente. É sobre a sua cabeça que pesa. Vai querer leite de papoula...

– Não. – Jaime não se atrevia a deixar que o adormecessem; podia ter um braço a menos quando acordasse, não importa o que o homem dissesse.

Qyburn ficou surpreso.

– Vai doer.

– Gritarei.

– Doer muito.

– Gritarei muito alto.

– Vai beber algum vinho, ao menos?

– O Alto Septão reza?

– Quanto a isso, não tenho certeza. Trarei o vinho. Deite-se, que tenho de amarrar seu braço.

Com uma bacia e uma lâmina afiada, Qyburn limpou o coto enquanto Jaime emborcava vinho-forte, babando-se todo enquanto

ingeria. A mão esquerda não parecia saber como encontrar sua boca, mas havia uma vantagem nisso. O cheiro de vinho na barba encharcada ajudava a disfarçar o fedor do pus.

Nada ajudou quando chegou o momento de desbastar a carne apodrecida. Jaime gritou e esmurrou a mesa com o punho bom, uma vez e mais outra. Voltou a gritar quando Qyburn despejou vinho fervendo sobre o que restava do coto. Apesar de todas as suas promessas e de todos os seus temores, perdeu os sentidos durante algum tempo. Quando acordou, o meistre estava costurando seu braço com uma agulha e tripa de gato.

– Deixei uma dobra de pele para tapar o pulso.

– Você já fez isso antes – murmurou Jaime numa voz fraca. Sentia o gosto do sangue na boca, onde havia mordido a língua.

– Cotos não são estranhos a nenhum homem que sirva com Vargo Hoat. Ele cria cotos onde quer que vá.

Jaime pensou que Qyburn não parecia um monstro. Era gentil, falava suavemente e tinha uns olhos castanhos calorosos.

– Como é que um meistre acaba na companhia dos Bravos Companheiros?

– A Cidadela tirou a corrente de mim. – Qyburn pôs a agulha de lado. – Também devia fazer alguma coisa com essa ferida acima do olho. A carne está muito inflamada.

Jaime fechou os olhos e deixou que o vinho e Qyburn fizessem seu trabalho.

– Fale-me da batalha. – Na qualidade de cuidador dos corvos de Harrenhal, Qyburn teria sido o primeiro a saber das novidades.

– Lorde Stannis foi pego entre o seu pai e o fogo. Dizem que o Duende incendiou o rio.

Jaime imaginou chamas verdes subindo ao céu, mais altas do que as torres mais altas, enquanto homens em chamas gritavam nas ruas. *Já tinha sonhado esse sonho*. Era quase engraçado, mas não havia ninguém com quem dividir a piada.

– Abra o olho. – Qyburn ensopou um pano em água morna e limpou com pequenas pancadas a crosta de sangue seco. A pálpebra estava inchada, mas Jaime descobriu que conseguia forçá-la a abrir até a metade. O rosto de Qyburn erguia-se por cima dele. – Como foi que arranjou esta? – perguntou o meistre.

– Presente de uma garota.

– Namoro violento, senhor?

– Essa garota é maior do que eu e mais feia do que você. Também devia tratar dela. Ainda manca da perna que eu feri quando lutamos.

– Perguntarei por ela. O que essa mulher é de você?

– A minha protetora. – Jaime teve de rir, por mais que doesse.

– Vou triturar umas ervas que poderá misturar com o vinho para

baixar sua febre. Volte amanhã, e colocarei uma sanguessuga na sua pálpebra para drenar o sangue ruim.

– Uma sanguessuga. Lindo.

– Lorde Bolton gosta muito de sanguessugas – disse Qyburn com um ar afetado.

– Sim – disse Jaime. – Deve gostar.

Tyrion

Nada restava para lá do Portão do Rei além de lama, cinzas e pedaços de osso queimado, mas já havia pessoas vivendo à sombra das muralhas da cidade, e outras vendendo peixe em cima de carrinhos de mão e barris. Tyrion sentiu os olhos deles postos em si quando passou; olhos frios, zangados e sem compaixão. Ninguém se atrevia a falar com ele, ou a tentar barrar seu caminho; pelo menos enquanto tivesse Bronn ao seu lado, vestindo cota de malha negra oleada. *Mas se estivesse sozinho, arrancariam-me do cavalo e esmagariam minha cara com uma pedra da calçada, como fizeram com Preston Greenfield.*

– Voltam mais depressa do que ratazanas – queixou-se. – Queimamos tudo que tinham uma vez, era de esperar que pudessem ver nisso uma lição.

– Dê-me umas dúzias de mantos dourados, e mato todos – disse Bronn. – Depois de mortos, não voltam.

– Não, mas vêm outros para o lugar deles. Deixe-os estar... mas se começarem outra vez a encostar barracas na muralha, derrube-as imediatamente. A guerra ainda não acabou, não importa o que esses idiotas pensem. – Olhou o Portão da Lama, mais adiante. – Já vi o suficiente por ora. Voltamos amanhã com os mestres da guilda, para rever seus planos. – Suspirou. *Bem, queimei a maior parte disso, suponho que seja apenas justo que o reconstrua.*

Essa tarefa devia ter sido do tio, mas o sólido, firme e incansável Sor Kevan Lannister não era o mesmo desde que o corvo chegara de Correrrio com a notícia do assassinato do filho. O gêmeo de Willem, Martyn, também fora capturado por Robb Stark, e o irmão mais velho de ambos, Lancel, continuava preso ao leito, atormentado por uma ferida ulcerada que não queria cicatrizar. Com um filho morto e outros dois em perigo mortal, Sor Kevan andava consumido pelo pesar e pelo medo. Lorde Tywin sempre dependera do irmão, mas agora não tinha opção exceto virar-se de novo para o filho anão.

O custo da reconstrução ia ser a ruína, mas não havia alternativa. Porto Real era o principal porto do reino, equiparado apenas por Vilavelha. O rio tinha de ser reaberto, e quanto mais depressa melhor. *E onde vou encontrar o maldito dinheiro?* Isso era quase suficiente para levá-lo a sentir falta do Mindinho, que tinha zarpado para o norte havia uma quinzena. *Enquanto ele dorme com Lysa Arryn e governa o Vale ao seu lado, eu tenho de limpar a confusão que deixou para trás.* Se bem que, pelo menos, o pai estava dando um trabalho significativo para ele fazer. *Não quer me nomear herdeiro de Rochedo Casterly, mas me usa sempre que pode*, pensou Tyrion, enquanto o capitão dos homens de manto dourado lhes fazia sinal para atravessarem o Portão

da Lama.

As Três Rameiras ainda dominavam a praça do mercado junto ao portão, mas agora encontravam-se ociosas, e os pedregulhos e barris de piche tinham sido guardados. Havia crianças escalando as grandes estruturas de madeira, subindo como macacos vestidos de tecido grosseiro, para irem se empoleirar nos braços lançadores e gritar uns aos outros.

– Lembre-me de dizer a Sor Addam para colocar aqui alguns de seus homens – disse Tyrion a Bronn enquanto avançavam entre dois dos trabucos. – Um garoto imbecil qualquer é capaz de cair e quebrar a espinha. – Ouviu-se um grito vindo de cima, e um torrão de estrume explodiu no chão, meio metro à frente deles. A égua de Tyrion empinou-se e quase o derrubou. – Pensando bem – disse, depois de controlar o cavalo –, que os fedelhos piolhentos se esmaguem nas pedras como melões passados.

Estava de péssimo humor, e não era só porque um punhado de garotos de rua queriam cobri-lo de bosta. O casamento era uma agonia diária. Sansa Stark mantinha-se donzela, e metade do castelo parecia saber disso. Enquanto selavam os cavalos naquela manhã, ouviu atrás de si dois cavalariços aos risinhos abafados. Quase tinha imaginado que os cavalos também soltavam gargalhadinhas. Arriscara a pele para evitar o ritual nupcial, na esperança de preservar a privacidade de seu quarto, mas essa esperança tinha sido desfeita bem depressa. Ou Sansa fora suficientemente burra para fazer confidências a uma de suas aias, todas elas espiãs de Cersei, ou os responsáveis eram Varys e seus passarinhos.

Que diferença fazia? Riam dele do mesmo jeito. A única pessoa na Fortaleza Vermelha que não parecia achar seu casamento uma fonte de divertimento era a senhora sua esposa.

A infelicidade de Sansa aprofundava-se a cada dia. Tyrion teria de bom grado aberto caminho através de sua cortesia para lhe dar o conforto que pudesse, mas não servia de nada. Nenhuma palavra conseguiria algum dia torná-lo belo aos olhos dela. *Ou menos Lannister.* Era aquela a esposa que lhe tinham dado, pelo resto de sua vida, e odiava isso.

E as noites que passavam juntos na grande cama eram outra fonte de tormento. Já não conseguia suportar dormir nu, como era seu costume. A esposa estava bem treinada demais para soltar uma palavra pouco amável, mas a repugnância nos olhos dela sempre que olhava seu corpo era mais do que conseguia suportar. Tyrion ordenara a Sansa que também usasse uma camisa de dormir. *Desejo-a*, percebeu. *Desejo Winterfell, sim, mas também desejo Sansa, seja criança, seja mulher, seja o que for. Quero confortá-la. Quero ouvi-la rir. Quero que venha até mim por vontade própria, que me traga as suas alegrias, as suas*

mágoas e o seu desejo. Sua boca torceu-se num sorriso amargo. *Sim, e também quero ser alto como Jaime e forte como Sor Gregor, a Montanha, por todo o bem que isso traz*.

Involuntariamente, seus pensamentos saltaram para Shae. Tyrion não queria que ela ouvisse a novidade de outros lábios que não os seus, então tinha ordenado a Varys que a trouxesse até ele na noite anterior ao casamento. Voltaram a se encontrar nos aposentos do eunuco, e quando Shae tinha começado a desatar os nós do seu gibão, ele pegou-a pelo pulso e a afastou.

– Espere – disse –, há uma coisa que tenho de lhe dizer. Amanhã deverei me casar...

– ... com Sansa Stark. Eu sei.

Tinha perdido a fala por um instante. A essa altura nem mesmo *Sansa* sabia.

– Como pode saber? Varys contou?

– Um pajem qualquer estava contando a história a Sor Tallad quando levei Lollys ao septo. Ouvira-a de uma criada que ouviu Sor Kevan falar com seu pai. – Desembaraçou-se das mãos de Tyrion e despiu o vestido pela cabeça. Como sempre, por baixo estava nua. – Não me importa. Ela é só uma garotinha. Vai deixá-la com uma barrigona e voltar para mim.

Uma parte dele tinha esperado menos indiferença. *Tinha esperado*, escarneceu amargamente, *mas agora sabe como é, anão. Shae é todo o amor que provavelmente terá.*

A Rua da Lama estava cheia de gente, mas tanto os soldados como os habitantes da cidade abriam caminho para deixar passar o Duende e sua escolta. Crianças de olhos encovados fervilhavam pelo chão, algumas olhando para cima num apelo silencioso, enquanto outras mendigavam ruidosamente. Tyrion tirou um grande punhado de moedas de cobre de sua bolsa e atirou-as ao ar, e as crianças desataram a correr atrás delas, aos empurrões e aos gritos. As mais afortunadas talvez conseguissem comprar uma fatia de pão bolorento naquela noite. Nunca vira mercados tão cheios de gente, e apesar de toda a comida que os Tyrell vinham trazendo, os preços mantinham-se absurdamente elevados. Seis cobres por um melão, um veado de prata por oito galões de milho, um dragão por um quarto de vaca ou seis leitões magricelas. E, apesar disso, não parecia faltar compradores. Homens doentiamente descarnados e mulheres de aspecto desvairado aglomeravam-se em volta de todas as carroças e bancadas, enquanto pessoas ainda mais esfarrapadas as olhavam, mal-humoradas, das vielas.

– Por aqui – disse Bronn quando chegaram ao princípio do Gancho. – Ainda quer...?

– Quero. – A zona ribeirinha fora uma desculpa conveniente, mas

Tyrion tinha outro objetivo em mente. Não era tarefa que lhe desse prazer, mas precisava ser desempenhada. Viraram as costas à Colina de Aegon e dirigiram-se ao labirinto de ruas menores que se aglomeravam em volta do sopé da Colina de Visenya. Bronn ia na frente. Uma ou duas vezes Tyrion olhou discretamente sobre o ombro para ver se eram seguidos, mas não havia nada para ver além do populacho habitual: um carroceiro espancando o cavalo, uma velha atirando os dejetos da noite pela janela, dois garotinhos lutando com paus, três homens de manto dourado escoltando um prisioneiro... todos pareciam inocentes, mas qualquer um podia ser o seu fim. Varys tinha informantes por todos os lados.

Viraram uma esquina, e de novo a seguinte, e atravessaram lentamente uma multidão de mulheres junto a um poço. Bronn levou-o por uma ruela curva, por uma viela, por baixo de uma arcada bastante destruída. Atravessaram as ruínas de uma casa que havia queimado e levaram os cavalos pela arreata ao longo de um breve lance de degraus de pedra. Os edifícios eram próximos e pobres. Bronn parou no início de uma viela torta, estreita demais para que dois cavaleiros a percorressem lado a lado.

– Há duas reentrâncias e depois um beco sem saída. O antro fica no porão do último edifício.

Tyrion saltou do cavalo.

– Certifique-se de que ninguém entre ou saia até eu voltar. Não vou demorar. –Introduziu sua mão no manto, para se certificar de que o ouro ainda estava no bolso escondido. Trinta dragões. *Uma maldita fortuna para um tipo como ele.* Bamboleou-se rapidamente viela afora, ansioso para resolver aquilo.

A taberna era um lugar soturno, escuro e úmido, com paredes embranquecidas por salitre e o teto tão baixo que Bronn teria de se abaixar para não bater a cabeça nas vigas. Tyrion Lannister não teria tal problema. Àquela hora, a sala da frente encontrava-se vazia, exceto por uma mulher de olhos mortos, sentada num banco atrás de um balcão feito de tábuas rudemente cortadas. Entregou-lhe uma taça de vinho amargo e disse:

– Lá atrás.

A sala de trás era ainda mais escura. Uma vela tremeluzente ardia sobre uma mesa baixa, ao lado de um jarro de vinho. O homem por trás dela não tinha um aspecto muito ameaçador: baixo – ainda que todos os homens fossem altos para Tyrion –, com cabelos castanhos que rareavam, bochechas rosadas e uma pequena barriga empurrando os botões de osso do seu gibão de pele de veado. Nas mãos suaves, brandia uma harpa de madeira com doze cordas, que era mais mortífera do que uma espada.

Tyrion sentou-se diante do homem.

– Symon Língua de Prata.

O homem inclinou-se. Era calvo no alto da cabeça.

– Senhor Mão – disse.

– Está me confundindo. Meu pai é a Mão do Rei. Receio que eu já nem sequer seja um dedo.

– Vai voltar a subir, estou certo. Um homem como você. Minha querida senhora Shae contou que é recém-casado. Seria bom se tivesse me chamado mais cedo. Iria me sentir honrado por cantar em seu banquete.

– A última coisa de que minha esposa precisa é de mais canções – disse Tyrion. – E quanto a Shae, ambos sabemos que ela não é senhora nenhuma, e eu agradeceria se você não dissesse o nome dela em voz alta.

– Às ordens da Mão – disse Symon.

Da última vez que Tyrion tinha visto o homem, uma palavra ríspida fora o suficiente para deixá-lo suando, mas o cantor parecia ter encontrado alguma coragem em algum lugar. *Provavelmente naquele jarro*. Ou talvez fosse o próprio Tyrion o culpado por aquela nova ousadia. *Ameacei-o, mas nada chegou a se seguir à ameaça, portanto agora pensa que não tenho dentes*. Suspirou.

– Dizem que é um cantor muito dotado.

– É muita amabilidade sua dizê-lo, senhor.

Tyrion concedeu-lhe um sorriso.

– Creio que está na hora de levar sua música às Cidades Livres. Em Bravos, Pentos e Lys são grandes amantes de canções, e generosos com aqueles que lhes agradam. – Bebeu um gole de vinho. Apesar de ser uma porcaria, era forte. – Uma turnê por todas as nove cidades seria o melhor. Não quer negar a ninguém a alegria de ouvi-lo cantar. Um ano em cada uma deve bastar. – Enfiou a mão no interior do manto, onde tinha escondido o ouro. – Com o porto fechado, terá de ir a Valdocaso para embarcar, mas Bronn vai lhe arranjar um cavalo, e vou me sentir honrado se permitir que pague sua passagem...

– Mas, senhor – objetou o homem –, nunca me ouviu cantar. Peço que escute por um momento. – Os dedos dele moveram-se habilmente sobre as cordas da harpa, e uma música suave encheu a adega. Symon começou a cantar.

Cavalgou pelas ruas da cidade,
desde o alto de sua colina,
Por becos e degraus e calçadas,
para os braços de sua menina.
Porque ela era o secreto tesouro,
sua vergonha e seu prazer.
E a corrente e o forte nada são,

comparados com beijos de mulher.

– Há mais – disse o homem quando parou de tocar. – Ah, bem mais. O refrão é particularmente bonito, na minha opinião. *Porque mãos de ouro são sempre frias, mas há calor em mãos de mulher...*

– Basta. – Tyrion puxou os dedos de dentro do manto, vazios. – Isso não é canção que eu queira ouvir novamente. Nunca mais.

– Não? – Symon Língua de Prata pôs a harpa de lado e bebeu o gole de vinho. – É uma pena. Seja como for, cada homem tem a sua canção, como o meu velho mestre costumava dizer quando me ensinou a tocar. Outros podem gostar mais desta minha música. A rainha, talvez. Ou o senhor seu pai.

Tyrion esfregou a cicatriz de seu nariz e disse:

– Meu pai não tem tempo para cantores, e minha irmã não é tão generosa como imagina. Um homem sensato ganharia mais com o silêncio do que com canções. – Não podia deixar as coisas muito mais claras do que aquilo.

Symon pareceu compreender bem depressa o que Tyrion queria dizer.

– Vai achar meu preço modesto, senhor.

– É bom saber. – Tyrion temia que trinta dragões de ouro não seriam suficientes para resolver a situação. – Diga-me qual é.

– No banquete de casamento do Rei Joffrey – disse o homem – deverá haver um torneio de cantores.

– E malabaristas, bobos e ursos dançarinos.

– Só um urso dançarino, senhor – disse Symon, deixando claro que tinha seguido os preparativos de Cersei com muito mais interesse do que Tyrion –, mas sete cantores. Galeyon de Cuy, Bethany Dedos-Belos, Aemon Costayne, Alaric de Eysen, Hamish, o Harpista, Collio Quaynis e Orland de Vilavelha vão competir por um alaúde dourado com cordas de prata... e, no entanto, inexplicavelmente, nenhum convite foi enviado ao homem que é mestre de todos eles.

– Deixe-me adivinhar. Symon Língua de Prata?

Symon sorriu com modéstia.

– Estou preparado para demonstrar a verdade da minha vanglória perante o rei e a corte. Hamish é velho, e esquece frequentemente aquilo que está cantando. E Collio, com aquele absurdo sotaque tyroshi! Se você compreender uma palavra em três, pode se considerar com sorte.

– Foi minha querida irmã quem organizou o banquete. Mesmo se pudesse lhe assegurar este convite, poderia parecer estranho. Sete reinos, sete votos, sete desafios, setenta e sete pratos... mas *oito* cantores? O que pensaria o Alto Septão?

– Não sabia que era um homem devoto, senhor.

– A questão não é a devoção. Certas formalidades têm de ser seguidas.

Symon bebeu um gole de vinho.

– Apesar disso... a vida de um cantor não é desprovida de perigos. Oferecemos o nosso talento em cervejarias e tabernas, perante bêbados descontrolados. Se um dos sete de sua irmã sofrer algum imprevisto, espero que possa pensar em mim para ocupar seu lugar. – Deu um sorriso astuto, desmesuradamente satisfeito consigo mesmo.

– Seis cantores seria tão despropositado quanto oito, certamente. Tentarei me informar sobre a saúde dos sete de Cersei. Se algum deles estiver indisposto, Bronn vai encontrá-lo.

– Muito bem, senhor. – Symon podia ter deixado as coisas assim, mas, transbordante de triunfo, acrescentou: – Eu *vou* cantar na noite da boda do Rei Joffrey. Se por acaso for chamado à corte, ora, vou querer oferecer ao rei as minhas melhores composições, canções que cantei mil vezes e que certamente agradarão. Mas se der por mim cantando em alguma triste taberna... bem, essa seria uma ocasião adequada para experimentar a minha nova canção. *Porque mãos de ouro são sempre frias, mas há calor em mãos de mulher.*

– Isso não será necessário – disse Tyrion. – Tem a minha palavra de Lannister de que Bronn o visitará em breve.

– Muito bem, senhor. – O cantor barrigudo e perdendo cabelos voltou a pegar a harpa.

Bronn esperava junto dos cavalos, na entrada da viela. Ajudou Tyrion a subir para a sela.

– Quando é que levo o homem para Valdocaso?

– Não leva. – Tyrion virou o cavalo. – Dê-lhe três dias, e depois informe-o de que Hamish, o Harpista, quebrou o braço. Diga-lhe que suas roupas nunca servirão para a corte, e que tem de imediatamente arranjar um traje novo. Ele virá com você a toda velocidade. – Fez uma careta. – Pode querer ficar com a língua dele, ouvi dizer que é de prata. O resto dele nunca deverá ser encontrado.

Bronn deu um sorriso.

– Conheço uma casa de pasto na Baixada das Pulgas que faz uma saborosa panela de castanho. Ouvi dizer que tem todos os tipos de carne.

– Certifique-se de que eu nunca coma lá. – Tyrion pôs o cavalo a trote. Gostaria de um banho, e quanto mais quente melhor.

Mas até esse modesto prazer lhe foi negado, pois assim que voltou aos seus aposentos, Podrick Payne informou-o de que tinha sido convocado à Torre da Mão.

– Sua senhoria deseja vê-lo. A Mão. Lorde Tywin.

– Eu me lembro de quem é Mão, Pod – disse Tyrion. – Perdi o

nariz, não os miolos.

Bronn soltou uma gargalhada.

– Não arranque a cabeça do rapaz a dentadas.

– E por que não? Ele nunca a usa. – Tyrion perguntava a si mesmo o que teria feito agora. *Ou o que não fiz, mais provavelmente*. Uma convocatória de Lorde Tywin trazia sempre preocupação; o pai nunca mandava buscá-lo só para dividir uma refeição ou uma taça de vinho, isso era certo.

Quando entrou no aposento privado do pai, alguns momentos mais tarde, ouviu uma voz dizendo:

– ... cerejeira para as bainhas, ligadas com couro vermelho e ornamentadas com uma fileira de tachões em forma de cabeça de leão e de ouro puro. Talvez com granadas para os olhos...

– Rubis – disse Lorde Tywin. – Às granadas falta o fogo.

Tyrion pigarreou.

– Senhor. Mandou me chamar?

O pai olhou para cima.

– Chamei. Venha aqui ver isso. – Uma trouxa de oleado encontrava-se sobre a mesa, entre eles, e Lorde Tywin tinha uma espada longa na mão. – Um presente de casamento para Joffrey – disse a Tyrion. A luz que entrava pelas vidraças em forma de diamante fazia a lâmina tremeluzir de negro e vermelho quando Lorde Tywin a virou para inspecionar o gume, enquanto o botão e a guarda flamejavam de ouro. – Com este falatório besta a respeito de Stannis e sua espada mágica, pareceu-me melhor que déssemos também a Joffrey algo de extraordinário. Um rei deve usar uma espada régia.

– Isso é espada demais para Joff – disse Tyrion.

– Ele ainda vai crescer. Tome, sinta o peso. – Ofereceu-lhe a arma, pelo cabo.

A espada era muito mais leve do que esperava. Ao virá-la na mão, compreendeu o porquê. Só um metal podia ter se tornado tão fino e manter força suficiente para a batalha, e não era possível confundir aquelas ondulações, os sinais de um aço que havia sido dobrado sobre si próprio muitos milhares de vezes.

– Aço valiriano?

– Sim – disse Lorde Tywin num tom de profunda satisfação.

Finalmente, pai? Lâminas de aço valiriano eram raras e caras, mas ainda havia milhares no mundo, talvez duzentas só nos Sete Reinos. Sempre aborrecera o pai que nenhuma pertencesse à Casa Lannister. Os antigos reis do Rochedo tinham possuído uma arma dessas, mas a espada longa Brilhante Rugido perdeu-se quando o segundo Rei Tommen a levou de volta a Valíria em sua estúpida demanda. Nunca havia regressado; e o tio Gery também não, o mais novo e mais imprudente dos irmãos do pai, que partira em busca da espada

perdida cerca de oito anos antes.

Lorde Tywin oferecera-se pelo menos três vezes para comprar espadas valirianas de casas menores e empobrecidas, mas suas propostas foram sempre firmemente rejeitadas. Os fidalgotes separavam-se de bom grado de suas filhas, se um Lannister viesse pedi-las, mas estimavam as velhas espadas de família.

Tyrion perguntou a si mesmo de onde teria vindo o metal para aquela. Alguns mestres armeiros podiam voltar a trabalhar aço valiriano, mas os segredos de sua manufatura tinham sido perdidos quando a Perdição chegou à antiga Valíria.

– As cores são estranhas – comentou enquanto virava a lâmina à luz do sol. A maior parte do aço valiriano era de um cinza tão escuro que parecia quase negro, como era o caso daquela espada. Mas misturado nas dobras encontrava-se um vermelho tão profundo quanto o cinza. As duas cores enrolavam-se uma sobre a outra, sem chegarem a se tocar, com cada ondulação distinta, como ondas de noite e sangue em algum litoral de aço. – Como obteve este padrão? Nunca vi nada parecido.

– Nem eu, senhor – disse o armeiro. – Confesso que estas cores não eram o que eu pretendia, e não sei se sou capaz de duplicá-las. O senhor seu pai pediu-me o carmesim de sua Casa, e foi essa a cor que tentei infundir no metal. Mas o aço valiriano é obstinado. Estas velhas espadas têm memória, dizem, e não mudam facilmente. Usei meia centena de feitiços e clareei o vermelho algumas vezes, mas a cor escurecia sempre, como se a lâmina estivesse bebendo o sol dela. E algumas dobras não quiseram aceitar o vermelho de jeito nenhum, como pode ver. Se os senhores de Lannister estiverem insatisfeitos, voltarei, naturalmente, a tentar, tantas vezes quanto desejarem, mas...

– Não é necessário – disse Lorde Tywin. – Isto servirá.

– Uma espada carmesim pode brilhar agradavelmente ao sol, mas a bem da verdade gosto mais destas cores – disse Tyrion. – Têm uma beleza ameaçadora... e tornam esta lâmina única. Não há outra espada como ela no mundo inteiro, creio eu.

– Há uma. – O armeiro debruçou-se sobre a mesa e desenrolou a trouxa de oleado, revelando uma segunda espada longa.

Tyrion pousou a espada de Joffrey e pegou a outra. Ainda que não fossem irmãs gêmeas, as duas eram certamente primas próximas. Esta era mais grossa e mais pesada, pouco mais de um centímetro mais larga e sete centímetros mais longa, mas partilhavam as mesmas linhas belas e limpas e a mesma cor única, as ondulações de sangue e noite. Três sulcos, profundamente incisos, corriam na segunda lâmina, do cabo à ponta; a espada do rei tinha apenas dois. O cabo da arma de Joff era bastante mais ornamentado, os braços da guarda esculpidos em forma de patas de leão com garras de rubi projetadas, mas ambas

as espadas tinham punhos de couro vermelho finamente trabalhado e cabeças de leão em ouro como botões.

– Magnífico. – Mesmo em mãos tão inábeis como as de Tyrion, a lâmina parecia viva. – Nunca senti melhor balanço.

– Destina-se ao meu filho.

Não vale a pena perguntar qual deles. Tyrion colocou a espada de Jaime de volta na mesa, ao lado da de Joffrey, perguntando a si mesmo se Robb Stark deixaria o irmão viver tempo suficiente para empunhá-la. *Nosso pai certamente deve pensar que sim; caso contrário, para que mandar forjar esta lâmina?*

– Fez um bom trabalho, Mestre Mott – disse Lorde Tywin ao armeiro. – Meu intendente tratará do seu pagamento. E lembre-se: rubis para as bainhas.

– Lembrarei, senhor. É muito generoso. – O homem voltou a enrolar as espadas no oleado, enfiou a trouxa debaixo de um braço e ajoelhou-se. – É uma honra servir a Mão do Rei. Entregarei as espadas um dia antes do casamento.

– Certifique-se disso.

Depois de os guardas acompanharem o armeiro até a porta, Tyrion subiu para uma cadeira.

– Então... uma espada para Joff, uma espada para Jaime e nem sequer um punhal para o anão. É assim que as coisas são, pai?

– O aço era suficiente para duas lâminas, não para três. Se precisa de um punhal, vá buscar um no arsenal. Robert deixou uns cem quando morreu. Gerion deu-lhe um punhal dourado com cabo de marfim e botão de punho de safira como presente de casamento, e metade dos enviados que vieram à corte tentaram obter favores presenteando Sua Graça com facas incrustadas de joias e espadas com relevos de prata.

Tyrion sorriu.

– Teriam agradado mais se o tivessem presenteado com as suas filhas.

– Sem dúvida. A única lâmina que usava era a faca de caçar que tinha sido presente de Jon Arryn quando era garoto. – Lorde Tywin sacudiu uma mão, deixando de lado o Rei Robert e todas as suas facas. – O que você encontrou na zona ribeirinha?

– Lama – disse Tyrion – e algumas coisas mortas que ninguém se incomodou em enterrar. Antes de podermos reabrir o porto, o Água Negra terá de ser dragado, e os navios afundados, desfeitos ou tirados da água. Três quartos dos cais precisam de reparos, e alguns poderão precisar ser demolidos e reconstruídos. O mercado de peixe desapareceu por completo, e tanto o Portão do Rio como o Portão do Rei foram rachados pelos aríetes de Stannis e devem ser substituídos. Tremo de pensar no custo. – *Se é verdade que caga ouro, pai, arranje*

uma latrina e ponha-se em ação, teve vontade de dizer, mas não era assim tão tolo.

– Arranjará todo o ouro que for necessário.

– Ah, é? Onde? O tesouro está vazio, já tinha dito ao senhor. Ainda não acabamos de pagar aos alquimistas por todo aquele fogovivo, nem aos ferreiros pela minha corrente e Cersei comprometeu a coroa a pagar metade do custo da boda de Joffrey: setenta e sete pratos, que os Outros os carreguem, mil convidados, uma torta cheia de pombas, cantores, malabaristas...

– A extravagância tem seus usos. Temos de demonstrar o poderio e a riqueza de Rochedo Casterly para que todo o reino veja.

– Então talvez deva ser o Rochedo Casterly responsável por pagar.

– Por quê? Vi as contas de Mindinho. Os rendimentos da coroa são dez vezes maiores do que eram no tempo de Aerys.

– Tal como as despesas. Robert era tão generoso com o dinheiro como com o pinto. Mindinho fez grandes empréstimos. De você, entre outros. Sim, os rendimentos são consideráveis, mas quase não chegam para cobrir a usura dos empréstimos de Mindinho. Quer perdoar a dívida da coroa para com a Casa Lannister?

– Não diga idiotices.

– Então talvez sete pratos fossem suficientes. Trezentos convidados em vez de mil. Ouvi dizer que um casamento pode ter o mesmo valor *sem* um urso dançarino.

– Os Tyrell iriam nos julgar avarentos. Quero o casamento e a zona ribeirinha. Se não conseguir pagar as duas coisas, diga, que eu arranjo um mestre da moeda que consiga.

A desgraça de ser afastado depois de tão pouco tempo não era algo que Tyrion quisesse ter que suportar.

– Eu encontrarei o dinheiro.

– Encontrará – garantiu o pai –, e já que está com a mão na massa, veja se também consegue encontrar a cama de sua esposa.

Então o falatório chegou até ele.

– Já encontrei, muito obrigado. É aquele móvel entre a janela e a lareira, com o dossel de veludo e o colchão cheio de plumas de ganso.

– Agrada-me que conheça isso. Agora talvez devesse tentar conhecer a mulher que a divide com você.

Mulher? Criança, você quer dizer.

– Alguma aranha andou sussurrando no seu ouvido, ou tenho de apresentar agradecimentos à minha querida irmã? – Tendo em conta as coisas que se passavam sob as mantas de Cersei, seria de se pensar que ela teria a decência de manter o nariz longe daquilo. – Diga-me, por que é que todas as aias de Sansa são mulheres a serviço de Cersei? Estou farto de ser espionado em meus próprios aposentos.

– Se não gosta das criadas de sua esposa, mande-as embora e

contrate outras mais do seu agrado. Está no seu direito. O que me preocupa é a virgindade de sua esposa, não as aias dela. Esta... delicadeza confunde-me. Parece não ter dificuldade em se deitar com prostitutas. A garota Stark é feita de outra forma?

– Por que diabos lhe interessa tanto o lugar onde enfio o caralho? – quis saber Tyrion. – Sansa é nova demais.

– Tem idade suficiente para ser Senhora de Winterfell depois que o irmão estiver morto. Tire sua virgindade e ficará um passo mais perto de obter o Norte. Faça-lhe um filho, e o prêmio está praticamente ganho. Precisa que eu lhe lembre que um casamento que não foi consumado pode ser posto de lado?

– Pelo Alto Septão ou um Concílio da Fé. Nosso atual Alto Septão é uma foca treinada que ladra lindamente quando recebe ordens para tal. É mais provável que o meu casamento seja anulado pelo Rapaz Lua do que por ele.

– Talvez devesse ter casado Sansa Stark com o Rapaz Lua. Ele talvez soubesse o que fazer com ela.

As mãos de Tyrion fecharam-se nos braços da cadeira.

– Já ouvi tudo o que pretendo ouvir sobre a virgindade de minha esposa. Mas já que estamos discutindo casamentos, por que é que não ouço nada sobre as núpcias iminentes de minha irmã? Se bem me lembro...

Lorde Tywin interrompeu-o.

– Mace Tyrell recusou minha oferta para casar Cersei com seu herdeiro Willas.

– *Recusou* a nossa querida Cersei? – aquilo deixava Tyrion com o humor muito melhor.

– Quando abordei com ele pela primeira vez o assunto da união, pareceu bastante bem disposto – disse o pai. – Um dia mais tarde e tudo mudou. Obra da velha. Ela intimida implacavelmente o filho. Varys afirma que ela lhe disse que sua irmã era velha e *usada* demais para seu precioso neto perneta.

– Cersei deve ter adorado isso. – Soltou uma gargalhada.

Lorde Tywin lançou-lhe um frio olhar.

– Ela não sabe. Nem saberá. É melhor para todos se a oferta nunca tiver sido feita. Veja se não se esquece disso, Tyrion. *A oferta nunca foi feita*.

– Que oferta? – Tyrion tinha fortes suspeitas de que Lorde Tyrell podia acabar lamentando aquele vexame.

– Sua irmã *será* casada. A questão é: com quem? Tenho várias ideias... – Antes de poder enumerá-las, ouviu-se uma pequena batida na porta e um guarda enfiou a cabeça na sala para anunciar o Grande Meistre Pycelle. – Pode entrar – disse Lorde Tywin.

Pycelle entrou vacilante, apoiado em uma bengala, e parou

durante tempo suficiente para lançar a Tyrion um olhar capaz de coalhar leite. Sua outrora magnífica barba branca, que alguém tinha incompreensivelmente aparado, estava crescendo rala e fina, deixando-o com disformes pelancas cor-de-rosa penduradas por baixo do queixo.

– Senhor Mão – disse o velho, fazendo a reverência mais profunda que conseguia sem cair –, chegou outra ave de Castelo Negro. Talvez possamos falar em particular?

– Não há necessidade. – Lorde Tywin fez sinal ao Grande Meistre Pycelle que se sentasse. – Tyrion pode ficar.

Oooooh, posso? Esfregou o nariz e esperou.

Pycelle limpou a garganta, o que envolvia bastante tosse e ruidosas escarradas.

– A carta é do mesmo Bowen Marsh que enviou a última. O castelão. Escreve que Lorde Mormont enviou notícia de grande número de selvagens se deslocando para o sul.

– As terras para lá da Muralha não podem suportar grande número de pessoas – disse firmemente Lorde Tywin. – Esse aviso não é novo.

– Este último é, senhor. Mormont enviou uma ave da floresta assombrada, relatando que estava sob ataque. Mais corvos chegaram mais tarde, mas nenhum com cartas. Bowen Marsh teme que Lorde Mormont tenha sido morto, com todas as suas forças.

Tyrion gostava bastante do velho Jeor Mormont, com seu jeito rude e a ave falante.

– Essa informação é segura? – perguntou.

– Não – admitiu Pycelle –, mas nenhum dos homens de Mormont retornou, por enquanto. Marsh teme que os selvagens os tenham matado, e que a própria Muralha possa ser atacada em seguida. – Remexeu nas vestes e encontrou o papel. – Aqui está a carta dele, senhor, um apelo a todos os cinco reis. Quer homens, tantos quantos possamos mandar.

– Cinco reis? – o pai estava aborrecido. – Há um rei em Westeros. Esses tolos de negro podiam tentar se lembrar disso, se desejam que Sua Graça lhes dê ouvidos. Quando responder, diga-lhe que Renly está morto e que os outros são traidores e farsantes.

– Sem dúvida ficarão contentes por saber disso. A Muralha fica a um mundo de distância e é frequente que as notícias cheguem tarde lá. – Pycelle meneou a cabeça para cima e para baixo. – O que deverei dizer a Marsh a respeito dos homens que pede? Devemos convocar o conselho...

– Não há necessidade. A Patrulha da Noite é formada por um bando de ladrões, assassinos e grosseirões ilegítimos, mas ocorre-me que *poderiam* demonstrar ser diferentes, desde que tivessem a

disciplina adequada. Se Mormont está realmente morto, os irmãos negros têm de escolher um novo Senhor Comandante.

Pycelle lançou a Tyrion um olhar malicioso.

– Uma excelente ideia, senhor. Conheço o homem certo. Janos Slynt.

Tyrion não gostou nada daquela ideia.

– Os irmãos negros escolhem seu próprio comandante – lembrou-lhes. – Lorde Slynt é novo na Muralha. Eu sei, fui eu quem o mandou para lá. Por que haveriam de *preferi-lo* a uma dúzia de homens com mais tempo na Patrulha?

– Porque – disse o pai, num tom que sugeria que Tyrion era um completo simplório –, se não votarem como lhes é dito, a sua Muralha poderá derreter antes de ver mais algum homem.

Sim, isso irá funcionar. Tyrion puxou-se para a frente.

– Janos Slynt é o homem errado, pai. Seríamos mais bem servidos pelo comandante da Torre Sombria. Ou de Atalaialeste do Mar.

– O comandante da Torre Sombria é um Mallister de Guardamar. Atalaialeste é governada por um homem de ferro. – O tom de Lorde Tywin era claro em dizer que nenhum serviria os seus propósitos.

– Janos Slynt é filho de um açougueiro – recordou Tyrion ao pai em tom enérgico. – Você mesmo me disse...

– Eu me lembro do que lhe disse. No entanto, Castelo Negro não é Harrenhal. A Patrulha da Noite não é o conselho real. Há uma ferramenta para cada tarefa, e uma tarefa para cada ferramenta.

A ira de Tyrion estourou.

– Lorde Janos é uma armadura oca, que se venderá a quem pagar melhor.

– Conto isso como um ponto a seu favor. Quem poderia mais do que nós? – virou-se para Pycelle. – Envie um corvo. Escreva que o Rei Joffrey ficou profundamente entristecido ao ouvir a notícia da morte do Senhor Comandante Mormont, mas lamenta não poder dispensar nenhum homem a essa altura, quando tantos rebeldes e usurpadores permanecem em campo. Sugira que as coisas podem ser bastante diferentes depois que o trono ficar seguro... desde que o rei tenha plena confiança na liderança da Patrulha. Para encerrar, solicite a Marsh que dê os melhores cumprimentos de Sua Graça ao seu fiel amigo e servidor, Lorde Janos Slynt.

– Sim, senhor. – Pycelle voltou a balançar sua cabeça mirrada. – Escreverei conforme as ordens da Mão. Com grande prazer.

Devia ter aparado sua cabeça em vez da barba, refletiu Tyrion. *E Slynt devia ter ido tomar um banho com seu querido amigo Allar Deem.* Pelo menos não havia cometido o mesmo erro estúpido com Symon Língua de Prata. *Vê, pai?*, quis gritar. *Vê como eu aprendo depressa as minhas lições?*

Samwell

No sótão, uma mulher estava dando ruidosamente à luz, enquanto embaixo um homem jazia, moribundo, junto ao fogo. Samwell Tarly não saberia dizer qual dos dois o assustava mais.

Tinham coberto o pobre Bannen com uma pilha de peles e alimentado bem o fogo, mas tudo que ele conseguia dizer era:

– Tenho frio. Por favor, tenho tanto frio. – Sam estava tentando alimentá-lo com caldo de cebola, mas ele não conseguia engolir. O caldo escorria sobre seus lábios e queixo abaixo assim que Sam o enfiava na boca com uma colher.

– Esse está morto. – Craster olhou o homem com indiferença enquanto atacava uma salsicha. – Era melhor enfiar uma faca no peito dele do que essa colher pela goela abaixo, se quer a minha opinião.

– Não me lembro de termos pedido a sua opinião. – O Gigante não tinha mais de um metro e meio de altura (seu verdadeiro nome era Bedwyck), mas apesar disso era um homenzinho feroz. – Matador, pediu conselhos ao Craster?

Sam encolheu-se por causa do nome, mas sacudiu a cabeça. Encheu mais uma colherada, levou-a à boca de Bannen e tentou despejá-la entre seus lábios.

– Comida e fogo – estava o Gigante dizendo –, foi tudo que lhe pedimos. E a comida vem de má vontade.

– Contente-se por não lhe dar também o fogo de má vontade. – Craster era um homem corpulento, tornado ainda mais corpulento pelas esfarrapadas e malcheirosas peles de ovelha que usava dia e noite. Tinha o nariz largo e achatado, a boca caída para um lado e uma orelha em falta. E, embora seus cabelos eriçados e sua barba emaranhada fossem grisalhos, suas mãos duras e nodosas ainda pareciam suficientemente fortes para machucar. – Dei-lhes de comer o que pude, mas vocês, corvos, estão sempre com fome. Vocês têm sorte por eu ser um homem devoto, senão teria botado todos para correr. Acha que gosto de tipos como ele, morrendo sobre o meu chão? Acha que preciso de todas as suas bocas, homenzinho? – O selvagem cuspiu. – Corvos. Quando foi que um pássaro preto trouxe o bem à casa de um homem, pergunto a você? Nunca. Nunca.

Mais caldo escorreu pelo canto da boca de Bannen. Sam limpou-o com um canto da manga. Os olhos do patrulheiro estavam abertos, mas nada viam.

– Tenho frio – voltou a dizer, num sussurro. Um meistre poderia ter sabido como salvá-lo, mas eles não tinham meistre. Kedge Olho-Branco cortara o pé retalhado de Bannen nove dias antes, num jorro de pus e sangue que deixou Sam agoniado, mas tinha sido pouco e

tarde demais. – Tenho tanto frio – repetiram os lábios pálidos.

Em volta do salão, uma esfarrapada vintena de irmãos negros agachavam-se no chão ou sentavam-se em bancos grosseiros, bebendo taças do mesmo caldo ralo de cebola e roendo pedaços de pão duro. Alguns deles estavam feridos com maior gravidade do que Bannen. Fornio tinha passado vários dias em delírio, e o ombro de Sor Byam vertia um fétido pus amarelo. Quando deixaram Castelo Negro, Bernarr Castanho levava sacos de fogo de Myr, unguento de mostarda, alho moído, tanásia, papoula, cobre-de-rei e outras ervas curativas. Até sonodoce, que concedia a dádiva da morte sem dor. Mas Bernarr Castanho morreu no Punho e ninguém pensou em procurar os remédios do Meistre Aemon. Hake também sabia algo sobre ervas, como cozinheiro que era, mas Hake igualmente tinha ficado para trás. Por isso, cabia aos intendentes sobreviventes fazer o que pudessem pelos feridos, e isso era muito pouco. *Pelo menos aqui estão secos, com um fogo para aquecê-los. Mas precisam de mais comida*.

Todos precisavam de mais comida. Os homens andavam resmungando havia dias. Karl Pé-Torto andava sempre dizendo que Craster tinha de ter uma despensa escondida, e Garth de Vilavelha começou a servir de eco, quando estava fora do alcance dos ouvidos do Senhor Comandante. Sam pensara em pedir algo mais nutritivo, pelo menos para os feridos, mas não tinha coragem. Os olhos de Craster eram frios e maus, e sempre que o selvagem olhava na sua direção, as mãos dele torciam-se um pouco, como se quisessem se fechar em punhos. *Será que ele sabe que falei com Goiva da última vez que estivemos aqui?*, perguntava a si mesmo. *Será que ela lhe contou que eu disse que a levaríamos? Será que ele arrancou isso dela na porrada?*

– Tenho frio – disse Bannen. – Por favor, tenho frio.

Apesar de todo o calor e fumaça que havia no salão de Craster, o próprio Sam sentia frio. *E cansaço, tanto cansaço*. Precisava dormir, mas sempre que fechava os olhos sonhava com neve soprada pelo vento e mortos arrastando os pés em sua direção, com mãos negras e brilhantes olhos azuis.

Em cima, no sótão, Goiva soltou um soluço trêmulo que ecoou ao longo do comprido salão sem janelas.

– Empurre – ouviu uma das esposas mais velhas de Craster dizer à garota. – Mais forte. *Mais forte*. Grite, se ajudar. – E ela gritou, tão alto que Sam se encolheu.

Craster virou a cabeça para lançar às mulheres um olhar irritado.

– Já tô mais que farto desses gritos – berrou-lhes. – Dê um trapo pra ela morder, senão vou aí em cima e faço-a provar a minha mão.

E Sam sabia que ele faria. Craster tinha dezenove mulheres, mas nenhuma se atreveria a interferir depois de ele começar a subir a escada. Assim como os irmãos negros não interferiram duas noites

antes, quando ele tinha espancado uma das garotas mais novas. Houve resmungos, certamente.

– Ele está matando a garota – Garth de Viaverde falou.

Karl Pé-Torto riu e disse:

– Se ele não quiser aquele bombonzinho, pode dar para mim.

Bernarr Negro praguejou em voz baixa e irritada, e Alan de Rosby levantou-se e saiu para não ter de ouvir.

– O teto é dele, as regras também – recordou-lhes o patrulheiro Ronnel Harcley. – Craster é amigo da Patrulha.

Um amigo, pensou Sam, enquanto escutava os gritos abafados de Goiva. Craster era um homem brutal que governava as mulheres e filhas com mão de ferro, mesmo assim sua fortaleza era um refúgio.

– Corvos congelados – tinha zombado Craster quando entraram, em desordem, os poucos que tinham sobrevivido à neve, às criaturas e ao frio penetrante. – E um bando bem menor do que o que foi pro norte. – Mas tinha cedido lugar a eles no seu chão, um teto para manter a neve afastada, um fogo onde puderam se secar, e suas mulheres tinham trazido taças de vinho quente para levar algum calor à barriga deles. – Malditos corvos – chamava-lhes, mas também os alimentava, por menor que fosse a ração.

Somos hóspedes, lembrou Sam a si mesmo. *Goiva é dele. Filha dele, mulher dele. O teto é dele, as regras também.*

A primeira vez em que estivera na Fortaleza de Craster, Goiva viera suplicar-lhe ajuda, e Sam emprestara seu manto negro para esconder sua barriga quando foi à procura de Jon Snow. *Espera-se que os cavaleiros defendam mulheres e crianças*. Só alguns dos irmãos negros eram cavaleiros, mesmo assim... *Todos proferimos as palavras*, pensou Sam. *Sou o escudo que defende os reinos dos homens*. Uma mulher era uma mulher, mesmo que fosse selvagem. *Devíamos ajudá-la. Devíamos*. Era pelo filho que Goiva temia; tinha medo de que pudesse ser um menino. Craster criava as filhas para se tornarem suas esposas, mas não se viam nem homens nem garotos no seu complexo. Goiva tinha dito a Jon que Craster entregava os filhos aos deuses. *Se os deuses forem bons, vão enviar uma filha*, rezou Sam.

Em cima, no sótão, Goiva abafou um grito.

– É isso – disse uma mulher. – Agora mais um empurrão. Oh, estou vendo a cabeça dele.

Dela, pensou Sam, infeliz. *A cabeça dela, dela.*

– Frio – disse Bannen fracamente. – Por favor. Tenho tanto frio. – Sam pôs de lado a tigela e a colher, estendeu outra pele para cima do moribundo, enfiou outro graveto no fogo. Goiva soltou um guincho e começou a arquejar. Craster roeu sua morcela dura. Tinha morcelas para si e para suas mulheres, mas não para a Patrulha.

– Mulheres – lamentou-se. – Berram de uma maneira... Uma vez

tive uma porca gorda que deu à luz uma ninhada de oito sem soltar mais que um grunhido. – Mastigando, virou a cabeça para olhar de soslaio e com desprezo para Sam. – Era quase tão gorda quanto você, rapaz. Matador. – Soltou uma gargalhada.

Aquilo foi mais do que Sam conseguia suportar. Afastou-se da fogueira tropeçando, passando desajeitadamente por cima e em volta dos homens que estavam dormindo, agachados ou morrendo no chão de terra batida. A fumaça, os gritos e os gemidos estavam fazendo com que se sentisse prestes a desmaiar. Baixando a cabeça, empurrou as abas de pele de veado que serviam de porta a Craster e saiu para a tarde.

O dia estava nublado, mas ainda era suficientemente luminoso para cegá-lo após a escuridão do salão. Montes de neve pesavam nos ramos das árvores ao redor e cobriam as colinas douradas e acastanhadas, mas menos do que antes. A tempestade tinha terminado, e os dias passados na Fortaleza de Craster tinham sido... bem, quentes talvez não, mas de um frio não tão penetrante. Sam ouvia o suave *ploc-ploc-ploc* da água derretendo nos pingentes que decoravam a borda do espesso telhado de colmo. Inspirou, profunda e tremulamente, e olhou em volta.

Para oeste, Ollo Mão-Cortada e Tim Stone deslocavam-se entre os cavalos, dando de comer e beber aos garranos que restavam.

Para o lado de onde o vento soprava, outros irmãos matavam e esfolavam os animais que estavam fracos demais para prosseguir. Lanceiros e arqueiros faziam rondas por trás dos diques de terra que eram a única defesa de Craster contra o que quer que se escondesse na floresta do outro lado, enquanto uma dezena de fogueiras para cozinhar soltavam espessas nuvens de fumaça cinza-azulada. Sam ouvia os ecos distantes de machados trabalhando na floresta, onde um grupo de trabalho recolhia a lenha necessária para manter as chamas ardendo durante toda a noite. As noites eram a pior hora. Quando escurecia. E *esfriava*.

Não tinha havido nenhum ataque desde que estavam na Fortaleza de Craster, nem de criaturas, nem de Outros. Nem haveria, segundo Craster.

– Um homem devoto não tem motivo para temer tais coisas. Disse isso mesmo a Mance Rayder, quando ele veio meter o nariz aqui. Não me deu mais ouvidos do que vocês, os corvos, com suas espadas e suas malditas fogueiras. Isso não vai ajudá-los em nada quando o frio branco chegar. A essa altura, só os deuses os ajudarão. É melhor ficar de bem com os deuses.

Goiva também havia falado do frio branco e contara-lhes que tipo de oferendas Craster fazia aos seus deuses. Sam quis matá-lo quando soube. *Não há leis para lá da Muralha*, lembrou a si mesmo, *e Craster é*

um amigo da Patrulha.

Um grito rouco veio de detrás do edifício de taipa. Sam foi ver o que se passava. O chão sob seus pés era uma massa de neve em liquefação e lama mole que Edd Doloroso insistia ser composta pela merda do Craster. No entanto, era mais densa do que merda; sugava com tanta força as botas de Sam que ele sentiu uma tentando sair.

Por trás de uma horta e de um curral de ovelhas vazio, uma dúzia de irmãos negros disparava flechas contra um alvo que tinham feito de feno e palha. O intendente magro e louro que chamavam de Doce Donnel tinha espetado uma bem ao lado do centro do alvo, disparada de uma distância de cinquenta metros.

– Faça melhor do que isso, velho – disse.

– Tá bem, eu faço. – Ulmer, recurvado, de barba grisalha e pele e membros flácidos, dirigiu-se à marca e tirou uma flecha da aljava que trazia à cintura. Na juventude, tinha sido um fora da lei, um membro da infame Irmandade da Mata de Rei. Afirmava ter um dia atravessado com uma flecha a mão do Touro Branco da Guarda Real, para roubar um beijo dos lábios de uma princesa de Dorne. Também roubara suas joias e um baú de dragões de ouro, mas era do beijo que gostava de se gabar quando estava de pileque.

Encaixou uma flecha e puxou a corda, todo ele suave como seda de verão, e então deixou-a voar. A flecha atingiu o alvo dois centímetros e meio mais perto do centro do que a de Donnel Hill.

– É suficiente, moço? – disse, dando um passo para trás.

– É mais do que suficiente – disse o homem mais novo, de má vontade. – O vento cruzado ajudou você. Soprava com mais força quando eu disparei.

– Nesse caso, devia tê-lo considerado. Tem um bom olho e uma mão firme, mas vai precisar de bem mais do que isso para ganhar de um homem da mata de rei. Quem me ensinou a dobrar o arco foi o Fletcher Dick, e nunca existiu melhor arqueiro. Já lhe contei a história do Fletcher Dick?

– Só trezentas vezes. – Todos os homens de Castelo Negro tinham ouvido as histórias de Ulmer sobre o grande bando de fora da lei de outros tempos; sobre Simon Toyne e o Cavaleiro Sorridente, sobre Oswyn Pescoço-Comprido, o Três Vezes Enforcado, sobre Wenda, o Corço Branco, sobre Fletcher Dick, sobre o Bem Barrigudo e todos os outros. Em busca de uma escapatória, o Doce Donnell olhou em volta e viu Sam no meio da lama. – *Matador* – chamou. – Venha, mostre-nos como matou o Outro. – E estendeu o grande arco de teixo.

Sam corou.

– Não foi com uma flecha, foi com um punhal, vidro de dragão... – Sabia o que aconteceria se pegasse o arco. Erraria o alvo e enviaria a flecha por cima do dique até as árvores. E então ouviria os risos.

– Não importa – disse Alan de Rosby, outro bom arqueiro. – Estamos todos com vontade de ver o Matador disparar o arco. Não estamos, rapazes?

Não conseguia encará-los; os sorrisos de escárnio, as pequenas brincadeiras maldosas, o desprezo em seus olhos. Sam virou-se para ir embora por onde tinha vindo, mas o pé direito afundou-se profundamente na lama, e quando tentou puxá-lo, a bota saiu. Teve de ajoelhar para soltá-la, com as gargalhadas ressoando em seus ouvidos. Apesar de todas as meias que tinha calçadas, quando conseguiu fugir, a neve que derretia já as tinha empapado até os dedos do pé. *Imprestável*, pensou, infeliz. *Meu pai conhecia-me bem. Não tenho o direito de estar vivo quando tantos homens corajosos morreram*.

Grenn estava cuidando da fogueira ao sul do portão do complexo, como dorso nu enquanto rachava a madeira. Tinha o rosto vermelho do esforço e o suor evaporava-se da sua pele em nuvenzinhas de vapor. Mas sorriu quando Sam se aproximou, bufando.

– Os Outros ficaram com a sua bota, Matador?

Ele também?

– Foi a lama. Não me chame disso, por favor.

– Por que não? – Grenn parecia honestamente surpreso. – É um bom nome, e arranjou-o com justiça.

Pyp costumava provocar Grenn por ter a cabeça dura como a muralha de um castelo, portanto Sam explicou pacientemente.

– É só uma maneira diferente de me chamarem de covarde – disse, apoiado na perna esquerda e esforçando-se para enfiar o pé direito novamente na bota lamacenta. – Estão caçoando de mim, da mesma maneira que caçoam do Bedwyck quando o chamam de Gigante.

– Mas ele não é um gigante – disse Grenn – e o Paul nunca foi pequeno. Bem, talvez fosse quando era bebê de peito, mas depois disso não. Mas você *matou* mesmo o Outro, portanto não é a mesma coisa.

– Eu só... eu nunca... eu estava *assustado!*

– Não mais do que eu. É só o Pyp que diz que eu sou burro demais para me assustar. Fico tão assustado quanto qualquer um. – Grenn dobrou-se para apanhar uma tora partida e atirou-a na fogueira. – Costumava ter medo do Jon, sempre que tinha de lutar com ele. Ele era muito rápido e lutava como se quisesse me matar. – A madeira verde e úmida caiu nas chamas, fumegando antes de pegar fogo. – Mas nunca contei. Às vezes acho que todo mundo anda só fingindo ter coragem, e nenhum de nós a temos de verdade. Vai ver é fingindo que *arranjamos* coragem, não sei. Deixe que chamem você de Matador, e daí?

– Nunca gostou que Sor Alliser o chamasse de Auroque.

– Ele estava dizendo que eu sou grande e estúpido. – Grenn coçou

a barba. – Mas se o Pyp quisesse me chamar de Auroque, poderia. Ou você, ou o Jon. Um auroque é um animal feroz e forte, por isso não é assim tão ruim, e eu *sou* grande, e estou ficando maior. Você não gostaria mais de ser Sam, o Matador, do que o Sor Porquinho?

– Por que não posso ser só o Samwell Tarly? – sentou-se pesadamente em uma tora úmida que Grenn ainda não tinha cortado. – Foi o vidro de dragão que o matou. Não fui eu, foi o vidro de dragão.

Sam tinha contado a eles, tinha contado a todos. Sabia que alguns não acreditavam nele. O Adaga havia mostrado a Sam a sua adaga e dito:

– Tenho ferro, pra que quero vidro? – Bernarr Negro e os três Garths deixaram claro que duvidavam de toda a história, e Rolley de Vilirmãs chegou a ponto de dizer:

– O mais certo é que tenha apunhalado uns arbustos que se mexiam e tenha descoberto depois que era o Paul Pequeno dando uma cagada, por isso inventou uma mentira.

Mas Dywen tinha escutado, assim como Edd Doloroso, e obrigaram Sam e Grenn a contar ao Senhor Comandante. Mormont passou toda a história com a testa franzida e colocou questões contundentes, mas era um homem cauteloso demais para rejeitar qualquer possibilidade de obter proveito. Pediu a Sam todo o vidro de dragão que trazia na mochila, embora fosse bem pouco. Sempre que Sam pensava no tesouro que Jon encontrara enterrado sob o Punho sentia vontade de chorar. Havia lâminas de punhal e pontas de lança, e pelo menos duzentas ou trezentas pontas de flecha. Jon tinha feito punhais para si, para Sam e para o Senhor Comandante Mormont, e deu a Sam uma ponta de lança, um velho chifre quebrado e algumas pontas de flecha. Grenn também ficou com um punhado de pontas de flecha, mas era tudo.

Portanto, tudo que tinham agora era o punhal de Mormont e aquele que Sam dera a Grenn, mais dezenove flechas e uma grande lança de madeira dura, com uma ponta negra de vidro de dragão. As sentinelas entregavam a lança umas às outras quando o turno mudava, e Mormont tinha distribuído as flechas entre seus melhores arqueiros. Bill Resmungão, Garth Pena-Cinza, Ronnel Harcley, Doce Donnel Hill e Alan de Rosby tinham três cada um, e Ulmer quatro. Mas mesmo se acertassem todos os disparos, logo ficariam reduzidos a flechas incendiárias, como todos os outros. Tinham disparado centenas de flechas incendiárias no Punho, mas as criaturas continuaram a vir.

Não será suficiente, pensou Sam. As paliçadas inclinadas de lama e neve em derretimento de Craster pouco segurariam o passo das criaturas, que tinham escalado as encostas muito mais íngremes do Punho e saltado em grande número a muralha anelar. E em vez de

trezentos homens alinhados em fileiras organizadas, as criaturas encontrariam quarenta e um sobreviventes esfarrapados para combatê-las, nove dos quais feridos demais para lutar. Quarenta e quatro tinham entrado aos tropeções no reduto de Craster, dos sessenta e tantos que conseguiram fugir do Punho, mas três morreram em decorrência dos ferimentos, e Bannen em breve seria o quarto.

– Acha que as criaturas foram embora? – perguntou Sam a Grenn. – Por que é que não vêm acabar conosco?

– Elas só vêm quando está frio.

– Sim – disse Sam –, mas é o frio que traz as criaturas, ou são as criaturas que trazem o frio?

– Que importa? – o machado de Grenn fez voar lascas de madeira. – Vêm juntos, e é isso que interessa. E agora que a gente sabe que o vidro de dragão as mata, talvez nem sequer venham. Talvez agora tenham medo de *nós*!

Sam quis poder acreditar naquilo, mas parecia-lhe que quando se estava morto, o medo não tinha mais significado do que a dor, o amor ou o dever. Envolveu as pernas com os braços, suando sob as camadas de lã, couro e peles que o cobriam. O punhal de pedra de dragão tinha derretido a coisa pálida na floresta, é verdade... mas Grenn estava falando como se ele fizesse o mesmo às criaturas. *Não sabemos se é assim*, pensou. *Na verdade, não sabemos nada. Gostaria que Jon estivesse aqui.* Sam gostava de Grenn, mas não podia falar com ele da mesma forma. *Eu sei que Jon não me chamaria de Matador. E poderia conversar com ele a respeito do bebê de Goiva.* Mas Jon partira com Qhorin Meia-Mão, e não tinham recebido notícias dele desde então. *Ele também tinha um punhal de vidro de dragão, mas terá pensado em usá-lo? Estará morto e deitado congelado em algum desfiladeiro... ou, pior, estará morto e caminhando?*

Não conseguia entender por que motivo os deuses quereriam levar Jon e Bannen e deixá-lo aqui, covarde e desajeitado como era. *Devia* ter morrido no Punho, onde se mijara três vezes e além disso perdera a espada. E *teria* morrido na floresta, se o Paul Pequeno não tivesse vindo carregá-lo. *Gostaria que tudo isso fosse um sonho. Então poderia acordar*. Como seria bom acordar no Punho dos Primeiros Homens com todos os irmãos ainda ao seu redor, até mesmo Jon e o Fantasma. Ou, melhor ainda, acordar em Castelo Negro, atrás da Muralha, e ir até a sala comum para comer uma tigela do espesso mingau de trigo do Hobb Três-Dedos, com uma grande colherada de manteiga derretendo no meio e um bocado de mel. Só de pensar nisso, seu estômago vazio ressoou.

"Neve."

Sam olhou para cima ao ouvir o som. O corvo do Senhor Comandante Mormont circundava a fogueira, batendo o ar com

grandes asas negras.

"Neve", crocitou a ave. *"Neve, neve."*

Onde quer que o corvo fosse, Mormont surgiria pouco depois. O Senhor Comandante emergiu de entre as árvores, montado em seu garrano, entre o velho Dywen e o patrulheiro com cara de raposa chamado Ronnel Harclay, que tinha sido promovido ao lugar de Thoren Smallwood. Os lanceiros ao portão gritaram um desafio, e o Velho Urso respondeu com um resmungo de impaciência:

– Quem, nos sete infernos, vocês *acham* que vem lá? Os Outros levaram seus olhos? – passou a cavalo entre os postes do portão, um dos quais exibia um crânio de carneiro e o outro um de urso, e em seguida puxou as rédeas ao animal, ergueu um punho e assobiou. O corvo desceu ao seu chamado.

– Senhor – ouviu Ronnel Harclay dizer –, temos só vinte e duas montarias, e duvido que metade delas chegue à Muralha.

– Eu sei – resmungou Mormont. – Mas temos de ir mesmo assim. Craster deixou isso claro. – Lançou um relance de olhos para oeste, onde um grupo de nuvens escuras escondia o sol. – Os deuses deram-nos uma folga, mas durante quanto tempo? – Mormont saltou da sela, sobressaltando o corvo, que voltou a levantar voo. Então viu Sam e berrou: – *Tarly!*

– Eu? – Sam pôs-se desajeitadamente em pé.

"*Eu?*" O corvo pousou na cabeça do velho. "*Eu?*"

– Seu nome é Tarly? Tem algum irmão nas redondezas? Sim, você. Feche a boca e venha comigo.

– Com o senhor? – as palavras jorraram num guincho.

O Senhor Comandante Mormont fulminou-o com o olhar.

– É um homem da Patrulha da Noite. Tente não sujar a roupa de baixo sempre que olho para você. Venha, disse eu. – As botas de Mormont faziam sons úmidos na lama e Sam teve de se apressar para acompanhá-lo. – Tenho pensado nesse seu vidro de dragão.

– Não é *meu* – disse Sam.

– Está bem, no vidro de dragão de Jon Snow. Se punhais de vidro de dragão são aquilo de que necessitamos, por que é que só temos dois? Cada homem na Muralha devia ser armado com um no dia em que profere suas palavras.

– Não sabíamos...

– *Não sabíamos!* Mas um dia devemos ter sabido. A Patrulha da Noite esqueceu a sua verdadeira função, Tarly. Não se constrói uma muralha com duzentos metros de altura para evitar que selvagens vestidos de peles raptem mulheres. A Muralha foi feita para *defender os reinos dos homens*... e não contra outros homens, que é o que os selvagens são, se olharmos bem as coisas. Demasiados anos, Tarly, demasiadas centenas e milhares de anos. Perdemos de vista o

verdadeiro inimigo. E agora ele está aqui, mas não sabemos como lutar contra ele. O vidro de dragão é feito por dragões, como o povo gosta de dizer?

– Os m... meistres pensam que não – gaguejou Sam. – Os meistres dizem que vem dos fogos da terra. Chamam de obsidiana.

Mormont fungou.

– Podiam chamar de torta de limão, que eu não me importaria. Se mata como você diz, quero mais.

Sam tropeçou.

– O Jon encontrou mais, no Punho. Centenas de pontas de flecha, e também pontas de lança...

– Você já tinha dito. De pouco nos vale aqui. Para chegarmos de novo ao Punho teríamos de estar armados com as armas que não teremos até chegarmos ao maldito Punho. E ainda temos de lidar com os selvagens. Precisamos encontrar vidro de dragão em outro lugar qualquer.

Sam quase tinha se esquecido dos selvagens, com tudo que acontecera nos últimos tempos.

– Os filhos da floresta usavam lâminas de vidro de dragão – disse. – Deviam saber onde encontrar obsidiana.

– Os filhos da floresta estão todos mortos – disse Mormont. – Os Primeiros Homens mataram metade deles com lâminas de bronze, e os Ândalos concluíram o serviço com ferro. Por que um punhal de vidro deveria ...

O Velho Urso interrompeu-se quando Craster surgiu de entre as abas de pele de veado de sua porta. O selvagem sorria, revelando uma boca cheia de dentes marrons e estragados.

– Tenho um filho.

"*Filho*", crocitou o corvo de Mormont. "*Filho, filho, filho.*"

O rosto do Senhor Comandante ficou rígido.

– Fico contente por você.

– Ah, fica? Quanto a mim, ficarei contente quando você e seus homens forem embora. Já é mais que tempo, tô achando.

– Assim que nossos feridos estejam suficientemente fortes...

– Eles estão tão fortes quanto poderiam ficar, velho corvo, e ambos sabemos disso. Quanto àqueles que tão morrendo, e também sabe quem são, corte suas malditas goelas e acabe com o problema. Ou então deixe-os, se não tiver estômago, e eu tratarei deles.

O Senhor Comandante Mormont irritou-se.

– Thoren Smallwood dizia que era amigo da Patrulha...

– Sim – disse Craster. – Dei-lhes tudo aquilo que podia dispensar, mas o Inverno vem aí, e agora a garota me empatou com mais uma boca chorona para sustentar.

– Podíamos levá-lo – guinchou alguém.

A cabeça de Craster virou-se. Seus olhos estreitaram-se. Cuspiu aos pés de Sam.

– O que foi que disse, Matador?

Sam abriu e fechou a boca.

– Eu... eu... eu só quis dizer... se não o quisesse... a sua boca para sustentar... com o Inverno vindo aí, nós... nós podíamos levá-lo, e...

– O meu filho. O meu sangue. Acha que iria dá-lo a corvos?

– Só pensei... – *Você não tem filhos, você os abandona, foi o que Goiva disse, você os deixa na floresta, é por isso que só tem esposas, e filhas que crescem para se transformarem em esposas*.

– Cale-se, Sam – disse o Senhor Comandante. – Já disse o bastante. Mais do que o suficiente. Vá para dentro.

– S-senhor...

– *Vá para dentro!*

Corado, Sam atravessou as peles de veado, voltando à escuridão do salão. Mormont seguiu-o.

– Que espécie de idiota você é? – disse o velho lá dentro, com a voz estrangulada e zangada. – Mesmo se Craster nos desse a criança, estaria morta antes de chegarmos à Muralha. Precisamos tanto de um recém-nascido para cuidar como de mais neve. Tem leite para lhe dar nessas suas grandes tetas? Ou pensava em levar também a mãe?

– Ela quer vir – disse Sam. – Suplicou-me...

Mormont ergueu uma mão.

– Não ouvirei nem mais uma palavra sobre isso, Tarly. Foi-lhe dito e *redito* para se manter bem longe das esposas de Craster.

– Ela é filha dele – disse Sam numa voz fraca.

– Vá cuidar de Bannen. Já. Antes que me deixe furioso.

– Sim, senhor. – Sam afastou-se correndo, tremendo.

Mas quando chegou à fogueira, foi só a tempo de ver o Gigante puxar um manto de peles por sobre a cabeça de Bannen.

– Ele dizia que tinha frio – disse o pequeno homem. – Espero que tenha ido para algum lugar quente, espero mesmo.

– O ferimento... – disse Sam.

– Que se foda o ferimento. – O Adaga deu uma pancada no cadáver com o pé. – Ele tinha *o pé* ferido. Conheci um homem lá na minha aldeia que perdeu um pé. Viveu até os quarenta e nove.

– O frio – disse Sam. – Ele não chegou a se aquecer.

– Ele não chegou a *comer* – disse o Adaga. – Não como deve ser. Aquele bastardo do Craster matou-o de fome.

Sam olhou em volta ansiosamente, mas Craster não tinha retornado ao salão. Se tivesse, as coisas poderiam ter ficado feias. O selvagem odiava bastardos, embora os patrulheiros dissessem que ele próprio era ilegítimo, gerado numa mulher selvagem por um corvo morto havia muito tempo.

– Craster tem os seus para alimentar – disse o Gigante. – Todas essas mulheres. Ele deu-nos o que pôde.

– Não acredite nessa lorota. No dia em que formos embora, vai furar uma barrica de hidromel e se sentar pra se banquetear com presunto e mel. E vai *rir* imaginando a gente passando fome na neve. Ele é um maldito selvagem, não passa disso. Nenhum deles é amigo da Patrulha. – Chutou o cadáver de Bannen. – Se não acredita em mim, pergunte a ele.

Queimaram o cadáver do patrulheiro ao pôr do sol, na fogueira que Grenn tinha passado o dia alimentando. Tim Stone e Garth de Vilavelha transportaram o cadáver nu e fizeram-no balançar duas vezes entre eles antes de o lançarem às chamas. Os irmãos sobreviventes dividiram entre si a roupa dele, as armas, a armadura, e tudo mais que possuía. Em Castelo Negro, a Patrulha da Noite enterrava seus mortos com toda a cerimônia que lhes era devida. Mas não estavam em Castelo Negro. *E ossos não voltam como criaturas.*

– O nome dele era Bannen – disse o Senhor Comandante Mormont, quando as chamas o envolveram. – Era um homem corajoso, um bom patrulheiro. Veio até nós de... de onde ele veio?

– Lá de baixo, dos lados de Porto Branco – gritou alguém.

Mormont fez um aceno.

– Veio até nós de Porto Branco e nunca falhou no seu dever. Cumpriu seus votos o melhor que pôde, percorreu longas distâncias, lutou ferozmente. Não voltaremos a ver alguém como ele.

– *E agora terminou a sua vigia* – disseram os irmãos negros, num cântico solene.

– E agora terminou a sua vigia – ecoou Mormont.

"*Terminou*", gritou seu corvo. "*Terminou.*"

Sam tinha os olhos vermelhos e sentia-se enjoado devido à fumaça. Quando olhou para o fogo, teve a impressão de ver Bannen sentado, com as mãos fechando-se em punhos, como que para lutar contra as chamas que o consumiam, mas foi apenas por um instante, antes que as volutas de fumaça escondessem tudo. Mas o pior era o *cheiro*. Se tivesse sido um cheiro ruim e desagradável, podia ter suportado, mas o irmão que ardia cheirava tanto a porco assado que ficou com água na boca, e isso era tão horrível que, assim que o pássaro grasnou "*terminou*", Sam correu para trás do edifício para vomitar na vala.

Estava ali, ajoelhado na lama, quando Edd Doloroso se aproximou.

– Escavando à procura de minhocas, Sam? Ou está só enjoado?

– Enjoado – disse Sam numa voz frágil, limpando a boca com as costas da mão. – O cheiro...

– Não sabia que o Bannen podia cheirar tão bem. – O tom de Edd

era tão sombrio como sempre. – Quase desejei cortar uma fatia dele. Se tivesse um pouco de molho de maçã talvez tivesse cortado. O porco sempre fica mais gostoso com molho de maçã, acho eu. – Edd desatou os nós da roupa e tirou o pinto para fora. – É melhor não morrer, Sam, senão tenho medo de sucumbir. Vai haver mais pele pururuca em você do que o Bannen jamais teve, e eu nunca consegui resistir a um pouco de pururuca. – Suspirou quando a urina começou a sair em arco, amarela e fumegante. – Seguimos a cavalo à primeira luz da aurora, você sabia? Faça sol ou faça neve, segundo me disse o Velho Urso.

Sol ou neve. Sam lançou um olhar ansioso ao céu.

– Neve? – guinchou. – Nós... a cavalo? Todos?

– Bem, não, alguns terão de caminhar. – Sacudiu. – O Dywen diz que temos de aprender a montar cavalos mortos, como os Outros fazem. Diz que isso pouparia na comida. Quanto será que come um cavalo morto? – Edd amarrou os nós. – Não posso dizer que a ideia me agrade. Depois de descobrirem uma maneira de dominar um cavalo morto, é a nossa vez. E o mais certo é que eu seja o primeiro. "Edd", vão dizer, "morrer já não é desculpa para ficar deitado, portanto levante-se e pegue essa lança, pois está de vigia esta noite". Bem, eu não devia ser tão pessimista. Pode ser que morra antes de eles descobrirem isso.

Pode ser que todos nós morramos, e mais depressa do que gostaríamos, pensou Sam, enquanto levantava-se, desajeitadamente.

Quando Craster soube que seus indesejados hóspedes partiriam na manhã seguinte, o selvagem ficou quase amigável, ou tão perto disso quanto podia ficar.

– Já era tempo – disse –, aqui não é o lugar de vocês, já tinha lhes dito. Seja como for, vou me despedir de vocês como deve ser, com um banquete. Bem, com uma refeição. Minhas esposas podem assar esses cavalos que mataram, e eu arranjo cerveja e pão. – Exibiu seu sorriso marrom. – Não há nada melhor do que cerveja e carne de cavalo. Eu digo sempre que quem não pode montá-los deve comê-los.

As esposas e filhas dele trouxeram os bancos e as longas mesas feitas de troncos, e também cozinharam e serviram. Com exceção de Goiva, Sam quase não conseguia distinguir as mulheres umas das outras. Algumas eram velhas e outras novas, e algumas eram só garotas, mas muitas eram não só esposas de Craster mas também filhas dele, e todas tinham mais ou menos o mesmo aspecto. Enquanto tratavam do seu serviço, falavam umas com as outras em voz baixa, mas nunca se dirigiam aos homens de negro.

Craster não possuía mais do que uma cadeira. Sentou-se nela, vestido com um gibão sem mangas de pele de ovelha. Seus braços grossos estavam cobertos de pelos brancos, e em volta de um pulso tinha um aro retorcido de ouro. O Senhor Comandante Mormont

ocupou seu lugar ao topo do banco, à sua direita, enquanto os irmãos se aglomeravam, joelho contra joelho; uma dúzia ficou lá fora, para guardar o portão e cuidar das fogueiras.

Sam arranjou lugar entre Grenn e o Órfão Oss, com o estômago a resmungar. A carne de cavalo assada pingava de gordura enquanto as esposas de Craster rodavam os espetos por cima da fogueira, e o cheiro que ela exalava deixou-o de novo com água na boca, mas isso fez com que se lembrasse de Bannen. Por mais fome que tivesse, Sam sabia que vomitaria se desse apenas uma mordida. Como podiam comer os pobres e leais garranos que os tinham trazido até tão longe? Quando as esposas de Craster trouxeram cebolas, pegou avidamente uma. Um dos lados estava negro de podridão, mas cortou essa parte com o punhal e comeu crua a metade boa. Também havia pães, mas apenas dois filões. Quando Ulmer pediu mais, a mulher limitou-se a negar com um movimento de cabeça. Foi então que a confusão começou.

– Dois pães? – queixou-se Karl Pé-Torto de seu lugar no banco. – Suas mulheres são assim tão burras? Precisamos de mais pão do que isso!

O Senhor Comandante Mormont dirigiu-lhe um olhar duro.

– Aceite o que lhe é dado e agradeça. Gostaria mais de estar no meio da tempestade comendo neve?

– Estaremos lá bem depressa. – Karl Pé-Torto não vacilou diante da fúria do Velho Urso. – Preferia comer o que o Craster está escondendo, senhor.

Craster estreitou os olhos.

– Dou aos corvos o suficiente. Tenho as minhas mulheres para sustentar.

Punhal espetou um pedaço de carne de cavalo.

– Pois bem. Então admite que tem uma despensa escondida. De que outra forma aguentaria um Inverno?

– Sou um homem devoto... – começou Craster.

– É um sovina – disse Karl – e um mentiroso.

– Presuntos – disse Garth de Vilavelha, com uma voz cheia de reverência. – Da última vez que viemos aqui havia porcos. Aposto que ele tem presuntos escondidos em algum lugar. Presuntos defumados e salgados, e bacon também.

– Salsichas – disse Adaga. – Daquelas compridas e pretas, são como rocha, conservam-se durante anos. Aposto que ele tem umas cem, penduradas num porão qualquer.

– Aveia – sugeriu Ollo Mão-Cortada. – Grão, cevada.

"*Grão*", disse o corvo de Mormont, batendo as asas. "*Grão, grão, grão, grão, grão*."

– Basta – disse o Senhor Comandante Mormont, por cima dos

gritos roucos da ave. – Calem-se todos. Isso é uma loucura.

– Maçãs – disse Garth de Viaverde. – Barris e barris de maçãs frescas de Outono. Há macieiras lá fora, eu vi.

– Frutos silvestres secos. Repolhos. Pinhões.

"*Grão, grão, grão.*"

– Carneiro salgado. Há um curral de ovelhas. Ele tem barricas e barricas de carneiro armazenadas, eu sei que tem.

Àquela altura, Craster já parecia a ponto de pô-los todos no espeto. O Senhor Comandante Mormont levantou-se.

– *Silêncio*. Não quero ouvir mais dessa conversa.

– Então encha as orelhas de pão, velho. – Karl Pé-Torto afastou-se da mesa. – Ou será que já engoliu a porra da sua migalha?

Sam viu o rosto do Velho Urso ficar vermelho.

– Esqueceu-se de quem eu sou? Sente-se, coma e cale-se. Isto é uma *ordem*.

Ninguém falou. Ninguém se moveu. Todos os olhos estavam postos no Senhor Comandante e no grande patrulheiro manco, enquanto os dois se encaravam por cima da mesa. Pareceu a Sam que Karl tinha sido o primeiro a ceder e se preparava para se sentar, embora carrancudo...

... mas Craster levantou-se, e tinha o machado na mão. O grande machado de aço negro que Mormont lhe dera como presente de hospedagem.

– Não – rosnou. – Não vai sentar. Ninguém que me chame de sovina dorme debaixo do meu teto e come à minha mesa. Fora daqui, aleijado. E você também, e você, e você. – espetou a cabeça do machado na direção de Adaga, Garth e Garth. – Vão dormir no frio, de barriga vazia, o bando todo, senão...

– Maldito *bastardo*! – Sam ouviu um dos Garth xingar. Nunca chegou a saber qual deles.

– *Quem me chamou de bastardo?* – rugiu Craster, varrendo pratos, carne e taças de vinho da mesa com a mão esquerda enquanto erguia o machado com a direita.

– Não é mais do que o que todos sabem – respondeu Karl.

Craster deslocou-se mais depressa do que Sam teria acreditado ser possível, saltando sobre a mesa de machado na mão. Uma mulher gritou, Garth Viaverde e o Órfão Oss sacaram facas, Karl deu um salto para trás e tropeçou em Sor Byam, que se encontrava no chão, ferido. Num instante Craster vinha atrás dele, cuspindo palavrões. No seguinte estava cuspindo sangue. Adaga agarrara-o pelos cabelos, puxara sua cabeça para trás e abrira sua goela de orelha a orelha com um longo golpe. Então deu um forte empurrão nele, e o selvagem caiu para a frente, estatelando-se de cabeça sobre Sor Byam. Byam gritou de agonia enquanto Craster se afogava no próprio sangue, deixando o

machado escorregar de seus dedos. Duas das mulheres de Craster choravam, uma terceira praguejava, uma quarta voou contra o Doce Donnel e tentou arrancar seus olhos com as unhas. Este atirou-a ao chão. O Senhor Comandante ficou diante do cadáver de Craster, escuro de raiva.

– Os deuses vão nos amaldiçoar – gritou. – Não há crime mais hediondo do que um hóspede trazer assassinato para o salão de um homem. Por todas as leis do lar, nós...

– Não há leis para lá da Muralha, velho. Lembra? – Adaga agarrou uma das esposas de Craster pelo braço e pôs a ponta do punhal ensanguentado debaixo do queixo dela. – Mostre-nos onde ele guarda a comida, senão acontece com você o mesmo que com ele, mulher.

– Largue-a. – Mormont deu um passo. – Vou decapitá-lo por isso, seu...

Garth de Viaverde bloqueou seu caminho, e Ollo Mão-Cortada empurrou-o para trás. Ambos tinham armas na mão.

– Cuidado com a língua – preveniu Ollo.

Mas, em vez de lhe obedecer, o Senhor Comandante tentou tirar o punhal dele. Ollo só tinha uma mão, mas essa era rápida. Libertou-se das mãos do velho, enfiou a faca na barriga de Mormont e puxou-a de volta, toda vermelha. E então o mundo enlouqueceu.

Mais tarde, muito mais tarde, Sam deu por si sentado de pernas cruzadas no chão, com a cabeça de Mormont no colo. Não se lembrava de como tinha chegado ali, ou de muito mais do que havia acontecido depois de o Velho Urso ser apunhalado. Lembrava-se de que Garth de Viaverde matara Garth de Vilavelha, mas não se lembrava por quê. Rolley de Vilirmãs tinha caído do sótão e quebrado o pescoço depois de subir a escada para provar as mulheres de Craster. Grenn...

Grenn tinha gritado e estapeado Sam, e então fugido com Gigante, Edd Doloroso e alguns dos outros. Craster continuava caído por cima de Sor Byam, mas o cavaleiro ferido já não gemia. Quatro homens de negro estavam sentados no banco comendo pedaços queimados de carne de cavalo enquanto Ollo copulava sobre a mesa com uma mulher em lágrimas.

– Tarly. – Quando tentou falar, o sangue pingou da boca do Velho Urso para cima de sua barba. – Tarly, vá. *Vá*.

– Para onde, senhor? – tinha a voz monocórdica e sem vida. *Não tenho medo*. Era uma sensação estranha. – Não há para onde ir.

– A Muralha. Dirija-se à Muralha. Já.

"*Já*", crocitou o corvo. "*Já, já.*" A ave caminhou ao longo do braço do velho até o seu peito e arrancou-lhe um pelo da barba.

– Tem. Tem de lhes contar.

– Contar o que, senhor? – perguntou Sam polidamente.

– Tudo. O Punho. Os selvagens. Vidro de dragão. Isto. *Tudo*. – Sua respiração era agora muito superficial e sua voz, um sussurro. – Diga ao meu filho. Jorah. Diga-lhe, vista o negro. Meu desejo. Último desejo.

"*Desejo?*" O corvo ergueu a cabeça, com os olhos negros como contas brilhando. "*Grão?*", perguntou a ave.

– Grão, não – disse Mormont fracamente. – Diga a Jorah. Perdoo-o. Meu filho. Por favor. Vá.

– É longe demais – disse Sam. – Nunca chegarei à Muralha, senhor. – Estava tão cansado. Tudo que queria era dormir, dormir e dormir, e nunca acordar, e sabia que se ficasse ali tempo suficiente, Adaga, Ollo Mão-Cortada ou Karl Pé-Torto se zangariam com ele e lhe concederiam o desejo, só para o verem morrer. – Preferia ficar com o senhor. Veja, já não estou assustado. Com o senhor, ou... com nada.

– Devia estar – disse uma voz de mulher.

Três das mulheres de Craster estavam em pé por cima deles. Duas eram velhas macilentas que ele não conhecia, mas Goiva encontrava-se entre elas, toda enrolada em peles e embalando uma trouxa de pelo marrom e branco que devia conter seu bebê.

– Nós não devemos falar com as esposas de Craster – disse-lhes Sam. – Temos ordens.

– Isso agora acabou – disse a velha da direita.

– Os corvos mais pretos estão lá embaixo no porão, empanturrando-se – disse a velha da esquerda –, ou lá em cima no sótão com as mais novas. Mas vão voltar depressa. É melhor que já tenha ido embora quando voltarem. Os cavalos fugiram, mas Dyah apanhou dois.

– Disse que me ajudaria – lembrou-lhe Goiva.

– Eu disse que Jon a ajudaria. Jon é corajoso, e um bom guerreiro, mas acho que deve estar morto. Eu sou um covarde. E gordo. Olhe só como sou gordo. Além disso, Lorde Mormont está ferido. Não vê? Não poderia abandonar o Senhor Comandante.

– Filho – disse a outra velha –, esse velho corvo foi embora na sua frente. Olhe.

A cabeça de Mormont continuava no seu colo, mas os olhos estavam abertos e fixos e os lábios já não se moviam. O corvo inclinou a cabeça e crocitou, e depois olhou para cima, para Sam. "*Grão?*"

– Não há grão. Ele não tem grão. – Sam fechou os olhos do Velho Urso e tentou pensar numa prece, mas tudo que lhe veio à cabeça foi: – Mãe, tenha piedade. Mãe, tenha piedade. Mãe, tenha piedade.

– Sua mãe não pode ajudar em nada – disse a velha da esquerda. – Esse velho morto também não. Pegue sua espada e leve aquele grande manto quente de peles dele e leve o cavalo dele se conseguir encontrá-lo. E vá embora.

– A garota não mente – disse a velha da direita. – Ela é minha filha, e arranquei a mentira dela na marra há um bom tempo. Disse que a ajudaria. Faça o que a Ferny diz, rapaz. Leva a garota e depressa.

"*Depressa*", disse o corvo. "*Depressa depressa depressa*."

– Para onde? – perguntou Sam, confuso. – Para onde devo levá-la?

– Para algum lugar quente – disseram as duas velhas em uníssono.

Goiva estava chorando.

– Eu e o bebê. Por favor. Serei sua mulher como fui de Craster. Por favor, sor corvo. Ele é um menino, exatamente como Nella disse que seria. Se não o levar, *eles* levam.

– Eles? – disse Sam, e o corvo ergueu a cabeça negra e repetiu, num eco: "*Eles. Eles. Eles.*"

– Os irmãos do garoto – disse a velha da esquerda. – Os filhos de Craster. O frio branco está se erguendo lá fora, corvo. Sinto nos meus ossos. Estes pobres ossos velhos não mentem. Eles estarão aqui em breve, os filhos.

Arya

Seus olhos tinham se acostumado ao negrume. Quando Harwin puxou o capuz da cabeça dela, o clarão avermelhado dentro do monte oco fez Arya piscar como uma coruja estúpida.

Uma enorme cova para fogueiras tinha sido escavada no centro do chão de terra, e as chamas que ali ardiam subiam rodopiando e crepitando para o teto manchado de fumaça. As paredes eram de pedra e terra em partes iguais, com enormes raízes brancas que se retorciam por elas como se fossem um milhar de lentas serpentes pálidas. Enquanto observava, pessoas emergiram de entre essas raízes; saindo das sombras para lançar um olhar sobre os cativos, aparecendo nas aberturas de túneis negros como breu, saltando de fendas e frestas por todos os lados. Num ponto, do outro lado da fogueira, as raízes formavam uma espécie de escadaria que levava a um vão na terra onde um homem se encontrava sentado, quase perdido no emaranhado do represeiro.

Limo tirou o capuz de Gendry.

– Que lugar é este? – perguntou o Touro.

– É um lugar antigo, profundo e secreto. Um refúgio onde nem lobos nem leões vêm zanzar.

Nem lobos nem leões. Arya ficou arrepiada. Lembrou-se do sonho que tivera, e do sabor de sangue de quando tinha arrancado do ombro o braço do homem.

Embora a fogueira fosse grande, a gruta era maior; tornando difícil dizer onde começava e onde terminava. As aberturas de túneis podiam ter meio metro de profundidade ou prolongar-se por três quilômetros. Arya viu homens, mulheres e crianças, todos a observá-la cautelosamente.

Barba-Verde disse:

– Aqui está o feiticeiro, esquilo magricela. Agora vai ter as suas respostas. – Apontou para a fogueira, onde Tom Sete-Cordas conversava com um homem alto e magro com peças desencontradas de velhas armaduras afiveladas por cima de uma maltrapilha veste cor-de-rosa. *Este não pode ser Thoros de Myr*. Nas lembranças que Arya guardava, o sacerdote vermelho era um homem gordo de rosto liso e uma brilhante cabeça calva. Aquele homem tinha uma cara seca e a cabeça repleta de cabelos grisalhos armados. Algo que Tom disse fez com que ele a olhasse, e Arya pensou que o homem estivesse prestes a ir até ela. Mas então surgiu o Caçador Louco, empurrando seu cativo para a luz, e ela e Gendry foram esquecidos.

O Caçador revelou-se um homem atarracado, vestido de couro remendado castanho-amarelado, com os cabelos a rarear e um queixo

recuado, além de briguento. No Septo de Pedra, ela achara que Limo e Barba-Verde ficariam em pedaços quando o enfrentaram ao pé das gaiolas para corvos, para reclamar o seu prisioneiro em nome do senhor do relâmpago. Os cães tinham-nos rodeado, farejando e rosnando. Mas Tom das Sete acalmou-os com sua música, Tanásia atravessou a praça com o avental cheio de ossos e carneiro gordo, e Limo apontou para Anguy, à janela do bordel, em pé com uma flecha preparada. O Caçador Louco amaldiçoou-os todos, chamando-os de lambe-botas, mas acabou concordando em levar o homem que tinha capturado ao Lorde Beric para ser julgado.

Tinham amarrado os pulsos dele com corda de cânhamo, posto um laço em volta do pescoço e enfiado um saco na cabeça, mesmo assim o homem era perigoso. Arya podia senti-lo pairando na gruta. Thoros – se é que aquele *era* Thoros – foi encontrar captor e cativo a meio caminho da fogueira.

– Como foi que o capturou? – perguntou o sacerdote.

– Os cães apanharam o cheiro. Estava se recuperando de uma bebedeira debaixo de um salgueiro, por incrível que pareça.

– Traído por sua própria espécie. – Thoros virou-se para o prisioneiro e arrancou seu capuz. – Bem-vindo ao nosso humilde salão, cão. Não é tão grandioso quanto a sala de trono de Robert, mas a companhia é melhor.

As chamas oscilantes pintaram o rosto queimado de Sandor Clegane com sombras cor de laranja, deixando-o com um aspecto ainda mais terrível do que à luz do dia. Quando puxou a corda que lhe atava os pulsos, lascas de sangue seco caíram no chão. A boca do Cão de Caça torceu-se.

– Conheço você – disse ele a Thoros.

– Conheceu. Em lutas corpo a corpo costumava amaldiçoar a minha espada flamejante, embora por três vezes eu o tenha derrotado com ela.

– Thoros de Myr. Costumava raspar a cabeça.

– Para denotar um coração humilde, embora na realidade meu coração fosse vaidoso. Além disso, perdi a navalha na floresta. – O sacerdote deu um tapinha na barriga. – Sou menos do que era, mas sou mais. Um ano no meio da natureza derrete a carne do corpo de um homem. Bem que gostaria de encontrar um alfaiate que me apertasse a pele. Poderia voltar a parecer jovem, e belas donzelas iriam me banhar com beijos.

– Só as cegas, sacerdote.

Os fora da lei riram, nenhum tão alto quanto Thoros.

– Exatamente. Mas não sou o falso sacerdote que conhecia. O Senhor da Luz despertou no meu coração. Muitos poderes há muito adormecidos estão despertando, e há forças em movimento sobre a

terra. Vi-as nas minhas chamas.

Cão de Caça não se mostrou impressionado.

– Que se fodam as suas chamas. E que se foda você também. – Passou o olhar pelos outros. – Anda em estranha companhia para um homem santo.

– Estes são meus irmãos – disse Thoros simplesmente.

Limo Manto Limão abriu caminho entre os outros. Ele e Barba-Verde eram os únicos homens com altura suficiente para olhar Cão de Caça nos olhos.

– Tenha cuidado com a maneira como late, cão. Temos a sua vida nas mãos.

– Então é melhor que você limpe a merda dos dedos. – Cão de Caça soltou uma gargalhada. – Há quanto tempo estão escondidos neste buraco?

Anguy, o Arqueiro, irritou-se com a sugestão de covardia.

– Pergunte ao bode se temos estado escondidos, Cão de Caça. Pergunte ao seu irmão. Pergunte ao senhor das sanguessugas. Tiramos sangue de todos eles.

– Vocês? Não me façam rir. Parecem mais guardadores de porcos do que soldados.

– Alguns de nós éramos guardadores de porcos – disse um homem baixo que Arya não conhecia. – E alguns éramos curtidores, cantores ou pedreiros. Mas isso foi antes de vir a guerra.

– Quando partimos de Porto Real, éramos homens de Winterfell, homens de Darry e homens de Portonegro, homens dos Mallery e homens dos Wylde. Éramos cavaleiros, escudeiros e homens de armas, senhores e plebeus, unidos apenas pelo nosso objetivo. – A voz vinha do homem sentado entre as raízes de represeiro a meia altura da parede. – Seis vintenas de nós partiram para levar a justiça do rei ao seu irmão. – O orador vinha descendo o emaranhado de degraus em direção ao chão. – Seis vintenas de homens bravos e leais, liderados por um tolo com um manto estrelado. – Um homem que mais parecia um espantalho, ele usava um manto negro em farrapos salpicado de estrelas e uma placa de peito de ferro amassada por uma centena de batalhas. Um matagal de pelos ruivo-alourados escondia a maior parte de seu rosto, exceto numa zona calva por cima de sua orelha esquerda, onde um golpe havia aberto uma concavidade na cabeça. – Mais de oitenta membros da nossa companhia estão agora mortos, mas outros pegaram as espadas que caíram de suas mãos. – Quando chegou ao chão, os fora da lei afastaram-se para deixá-lo passar. Arya viu que ele tinha perdido um dos olhos, e a pele em volta da órbita estava pregueada e cheia de cicatrizes, e ostentava um anel negro em volta do pescoço. – Com a ajuda deles, continuamos a lutar o melhor que podemos, por Robert e pelo reino.

– Robert? – arranhou Sandor Clegane, incrédulo.

– Ned Stark enviou-nos – disse Jack Sortudo com seu elmo redondo –, mas ele estava sentado no Trono de Ferro quando nos deu as ordens, portanto nunca fomos realmente homens dele, e sim de Robert.

– Robert agora é o rei dos vermes. É por isso que estão debaixo da terra, para serem a sua corte?

– O rei está morto – admitiu o cavaleiro-espantalho –, mas continuamos a ser homens do rei, embora o estandarte real que trazíamos tenha sido perdido no Vau do Saltimbanco quando os carniceiros de seu irmão caíram sobre nós. – Tocou o peito com um punho. – Robert foi morto, mas sua terra perdura. E nós a defendemos.

– Defendem-*na*? – Cão de Caça resfolegou. – Ela é a sua mãe, Dondarrion? Ou a sua puta?

Dondarrion? Beric Dondarrion tinha sido belo; Jeyne, a amiga de Sansa, apaixonara-se por ele. Nem mesmo Jeyne Poole era tão cega para achar aquele homem bonito. Mas quando Arya voltou a olhar para ele, viu os restos de um relâmpago bifurcado de cor púrpura, no esmalte rachado de sua placa de peito.

– Sua terra é feita de pedras, árvores e rios – Cão de Caça estava dizendo. – As pedras precisam de quem as defenda? Robert acharia que não. Qualquer coisa que não pudesse foder, combater ou beber aborrecia-o, assim como vocês, os... *bravos companheiros*.

O ultraje varreu o monte oco.

– Volte a nos chamar por esse nome, cão, e engolirá a língua. – Limo puxou a espada.

Cão de Caça fitou a arma com desprezo.

– Ora, aqui está um homem corajoso, mostrando aço a um prisioneiro amarrado. Por que é que não me desata? Veremos então como anda essa coragem. – Lançou um olhar ao Caçador Louco que se encontrava atrás dele. – E você? Ou será que deixou toda a sua coragem nos canis?

– Não, mas devia tê-lo deixado numa gaiola para corvos. – Caçador puxou uma faca. – E ainda posso fazer isso.

Cão de Caça riu na cara dele.

– Aqui somos irmãos – declarou Thoros de Myr. – Irmãos sagrados juramentados ao reino, ao nosso deus e uns aos outros.

– A irmandade sem estandartes. – Tom Sete-Cordas fez soar uma corda. – Os cavaleiros do monte oco.

– *Cavaleiros?* – Clegane transformou a palavra em chacota. – Dondarrion é um cavaleiro, mas o resto de vocês é o mais lamentável bando de fora da lei e homens quebrados que eu já vi. Cago homens melhores do que vocês.

– Qualquer cavaleiro pode armar cavaleiros – disse o espantalho que era Beric Dondarrion – e todos os homens que vê na sua frente sentiram uma espada no ombro. Somos a companhia esquecida.

– Mande-me embora e também os esqueço – rouquejou Clegane. – Mas se pretende me assassinar, então trate disso de uma vez. Roubou minha espada, meu cavalo e meu ouro, portanto roube minha vida e acabou-se... mas poupe-me desses balidos devotados.

– Morrerá em breve, cão – prometeu Thoros –, mas não será assassinato, e sim justiça.

– Sim – disse o Caçador Louco –, e um destino mais bondoso do que merece por tudo aquilo que a sua laia tem feito. Leões, vocês chamam a si mesmos. Em Sherrer e no Vau do Saltimbanco foram estupradas meninas de seis e sete anos, e bebês de peito foram cortados em dois enquanto as mães eram obrigadas a ver. Nenhum leão jamais matou tão cruelmente.

– Não estive em Sherrer nem no Vau do Saltimbanco – disse-lhe Cão de Caça. – Deposite suas crianças mortas em outra porta qualquer.

Foi Thoros quem respondeu.

– Nega que a Casa Clegane foi construída sobre os ossos de crianças mortas? Vi-os depositando o Príncipe Aegon e a Princesa Rhaenys perante o Trono de Ferro. O certo seria suas armas terem dois bebês ensanguentados em vez daqueles cães feios.

A boca de Cão de Caça retorceu-se.

– Toma-me por meu irmão? Agora é crime nascer Clegane?

– O assassinato é um crime.

– Quem foi que eu assassinei?

– Lorde Lothar Mallery e Sor Gladden Wylde – disse Harwin.

– Meus irmãos Lister e Lennocks – declarou Jack Sortudo.

– O pai de família Beck e Mudge, o filho do moleiro, de Bosque de Donnel – gritou uma velha das sombras.

– A viúva de Merriman, que amava tão bem – acrescentou Barba-Verde.

– Aqueles septões no Charco Lamacento.

– Sor Andrey Charlton. O seu escudeiro, Lucas Roote. Todos os homens, mulheres e crianças em Campopedra e no Moinho do Rato.

– O Senhor e a Senhora Deddings, que eram tão ricos.

Tom Sete-Cordas começou a enumerar.

– Alyn de Winterfell, Joth Arco-Ligeiro, Matt Pequeno e a irmã, Randa, Anvil Ryn. Sor Ormond. Sor Dudley. Pate de Mory, Pate de Bosquelança, Velho Pate e Pate de Bosque de Shermer. Wyl Cego, o entalhador. Patroa Maerie. Maerie, a Prostituta. Becca Padeira. Sor Raymun Darry, Lorde Darry, o jovem Lorde Darry. Bastardo de Bracken. Fletcher Will. Harsley. Patroa Nolla...

– *Basta*. – O rosto de Cão de Caça estava comprimido de fúria. –

Está fazendo barulho. Esses nomes não significam nada. Quem eram eles?

– Pessoas – disse Lorde Beric. – Pessoas grandes e pequenas, jovens e velhas. Pessoas boas e pessoas más, que morreram na ponta de lanças Lannister ou viram a barriga aberta por espadas Lannister.

– Não era a *minha* espada na barriga deles. Quem disser isso é um mentiroso.

– Serve aos Lannister de Rochedo Casterly – disse Thoros.

– Servi, antigamente. Eu e mais milhares. Será cada um de nós culpado pelos crimes dos outros? – Clegane escarrou. – Pode ser que *sejam* cavaleiros, afinal. Mentem como cavaleiros, pode ser que assassinem como cavaleiros.

Limo e Jack Sortudo começaram a gritar com ele, mas Dondarrion levantou uma mão para pedir silêncio.

– Conte-nos o que quer dizer com isso, Clegane.

– Um cavaleiro é uma espada com um cavalo. O resto, os votos e os óleos sagrados e os favores das senhoras, são fitas de seda atadas em volta da espada. A espada talvez seja mais bonita com fitas penduradas nela, mas mata igualmente bem sem elas. Bem, que se fodam as suas fitas, e que enfiem as suas espadas no cu. Eu sou igual a vocês. A única diferença é que não minto a respeito do que sou. Portanto matem-me, mas não me chamem de assassino enquanto ficam aí dizendo uns aos outros que a sua merda não fede. *Estão me ouvindo?*

Arya espremeu-se tão depressa para a frente de Barba-Verde que ele nem a viu.

– Você *é* um assassino! – gritou. – Matou o *Mycah*, e não diga que não matou. *Assassinou-o*!

Cão de Caça fitou-a sem sequer um lampejo de reconhecimento.

– E quem era esse Mycah, menino?

– Não sou um menino! Mas o Mycah era. Era filho de um açougueiro e você o *matou*. Jory disse que você quase o cortou ao meio, e ele sequer tinha uma espada. – Agora, conseguia sentir os olhos deles sobre si, as mulheres, as crianças e os homens que se denominavam cavaleiros do monte oco.

– Quem é essa agora? – perguntou alguém.

Cão de Caça respondeu.

– *Sete infernos*. A irmã mais nova. A fedelha que atirou a linda espada de Joffrey ao rio. – Soltou um latido de riso. – Não sabe que está morta?

– Não, *você* é que está morto – disparou ela de volta.

Harwin pegou o braço de Arya e puxou-a para trás enquanto Lorde Beric dizia:

– A garota chamou-o de assassino. Nega ter matado esse filho de

açougueiro, Mycah?

O grandalhão encolheu os ombros.

– Eu era defensor juramentado de Joffrey. O filho do açougueiro atacou um príncipe de sangue.

– Isso é uma *mentira*! – Arya sacudiu-se entre as mãos de Harwin. – Fui *eu*. Eu é que bati no Joffrey e joguei o dente de leão no rio. Mycah só fugiu, como eu lhe disse para fazer.

– Viu o rapaz atacar o Príncipe Joffrey? – perguntou Lorde Beric Dondarrion ao Cão de Caça.

– Ouvi a história dos lábios reais. Não me cabe questionar príncipes. – Clegane sacudiu as mãos na direção de Arya. – A própria irmã desta contou a mesma história diante de seu precioso Robert.

– A Sansa é só uma mentirosa – disse Arya, de novo furiosa com a irmã. – Não foi como ela disse. Não *foi*.

Thoros puxou Lorde Beric de lado. Os dois homens conversaram em murmúrios enquanto Arya fervia. *Eles têm de matá-lo. Rezei para ele morrer, centenas e centenas de vezes.*

Beric Dondarrion virou-se de novo para Cão de Caça.

– Foi acusado de assassinato, mas ninguém aqui conhece a verdade ou a falsidade da acusação, portanto não cabe a nós julgá-lo. Agora só o Senhor da Luz pode fazer isso. Condeno-o a ser julgado por batalha.

Cão de Caça franziu a testa, desconfiado, como se não acreditasse em seus próprios ouvidos.

– Você é tolo ou é louco?

– Nem uma coisa nem outra. Sou um senhor justo. Prove a sua inocência com uma arma, e ficará livre para partir.

– Não – gritou Arya, antes de Harwin cobrir sua boca. *Não, eles não podem fazer isso, ele ficará livre*. Cão de Caça era mortífero com uma espada, todos sabiam disso. *Ele vai rir deles*, pensou.

E foi o que ele fez, uma longa gargalhada áspera que ecoou nas paredes da caverna, uma gargalhada sufocada de desprezo.

– Então, quem vai ser? – olhou para o Limo Manto Limão. – O corajoso com o manto cor de mijo? Não? E que tal você, Caçador? Já chutou alguns cães, experimente comigo. – Viu Barba-Verde. – Você é suficientemente grande, Tyrosh, avance. Ou será que espera que seja a garotinha a lutar comigo? – Voltou a rir. – Venha, quem quer morrer?

– Serei eu quem você enfrentará – disse Lorde Beric Dondarrion.

Arya recordou todas as histórias. *Ele não pode ser morto*, pensou, esperando com um último fio de esperança. Caçador Louco cortou as cordas que prendiam as mãos de Sandor Clegane.

– Vou precisar de espada e armadura. – Cão de Caça esfregou um pulso ferido.

– Terá a sua espada – declarou Lorde Beric –, mas a armadura

terá de ser a sua inocência.

A boca de Clegane torceu-se.

– Minha inocência contra a sua placa de peito, é assim que funciona?

– Ned, ajude-me a tirar a placa de peito.

Arya ficou arrepiada quando Lorde Beric disse o nome do pai, mas este Ned era só um garoto, um escudeiro de cabelos claros que não teria mais de dez ou doze anos. Aproximou-se rapidamente para abrir as fivelas que prendiam o aço amassado em volta do senhor da Marcha. O almofadado por baixo estava podre de velhice e suor, e caiu quando o metal foi desprendido. Gendry prendeu a respiração.

– Mãe, misericórdia.

As costelas de Lorde Beric delineavam-se vivamente por baixo de sua pele. Uma cratera enrugada marcava seu peito imediatamente acima do mamilo esquerdo, e quando se virou para pedir uma espada e um escudo, Arya viu uma cicatriz condizente em suas costas. *A lança atravessou-o*. Cão de Caça tinha visto também. *Estará assustado?* Arya queria-o assustado antes de morrer, tão assustado como Mycah deve ter se sentido.

Ned trouxe ao Lorde Beric o cinto da espada e um longo sobretudo negro. Destinava-se a ser usado sobre a armadura, e por isso envolvia seu corpo com folga, mas nele crepitava o relâmpago púrpura bifurcado da sua Casa. Desembainhou a espada e devolveu o cinto ao escudeiro.

Thoros trouxe ao Cão de Caça seu cinto da espada.

– Um cão tem honra? – perguntou o sacerdote. – Caso pense em tentar abrir caminho para a liberdade com a espada ou tomar alguma criança como refém... Anguy, Dennet, Kyle, encham-no de penas ao primeiro sinal de traição. – Só depois de os três arqueiros prepararem suas flechas é que Thoros entregou a Clegane o cinto.

Cão de Caça libertou a espada com um movimento brusco e jogou fora a bainha. Caçador Louco entregou-lhe seu escudo de carvalho, cheio de tachões de ferro e pintado de amarelo, exibindo os três cães negros de Clegane. O pequeno Ned ajudou Lorde Beric com seu escudo, tão desgastado e cheio de marcas de golpes que o relâmpago púrpura e as estrelas esparramadas tinham sido quase obliterados.

Mas quando Cão de Caça ameaçou se aproximar do adversário, Thoros de Myr impediu-o.

– Primeiro oramos. – Virou-se para o fogo e ergueu os braços. – Senhor da Luz, olhe para nós.

Por toda a gruta, a irmandade sem estandartes ergueu as vozes em resposta.

– *Senhor da Luz, defenda-nos.*

– Senhor da Luz, proteja-nos na escuridão.

– *Senhor da Luz, brilhe sobre nós.*

– Acenda a sua chama entre nós, R'hllor – disse o sacerdote vermelho. – Mostre-nos a verdade ou a falsidade deste homem. Abata-o se for culpado, e empreste força à sua espada se for inocente. Senhor da Luz, dê-nos sabedoria.

– *Pois a noite é escura* – entoaram os outros, com a voz de Harwin e a de Anguy soando mais altas que a dos demais – *e cheia de terrores*.

– Esta gruta também é escura – disse Cão de Caça –, mas aqui o terror sou eu. Espero que seu deus seja bom, Dondarrion. Vai encontrá-lo em breve.

Sem sorrir, Lorde Beric apoiou o gume da espada na palma da mão esquerda e puxou-a lentamente para baixo. O sangue correu, escuro, do golpe que ele fez, e espalhou-se pelo aço.

E então a espada incendiou-se.

Arya ouviu Gendry sussurrar uma prece.

– Que queime nos sete infernos – praguejou Cão de Caça. – Você e Thoros também. – Lançou um olhar de relance ao sacerdote vermelho. – Quando acabar com ele, você é o próximo, Myr.

– Cada palavra que pronuncia proclama a sua culpa, cão – respondeu Thoros, enquanto Limo, Barba-Verde e Jack Sortudo gritavam ameaças e pragas. O próprio Lorde Beric esperava em silêncio, calmo como águas paradas, com o escudo no braço esquerdo e a espada ardendo na mão direita. *Mate-o*, pensou Arya, *por favor, tem de matá-lo*. Iluminado de baixo, seu rosto era uma máscara de morte, o olho em falta, um ferimento vermelho e revolto. A espada estava em chamas da ponta ao copo, mas Dondarrion parecia não sentir o calor. Estava tão imóvel que podia ter sido esculpido em pedra.

Mas quando Cão de Caça avançou sobre ele, moveu-se bastante depressa.

A espada flamejante saltou para parar a fria, com longas flâmulas de fogo a segui-la como as fitas de que Cão de Caça falara. Aço ressoou em aço. Assim que o seu primeiro golpe foi parado, Clegane lançou um segundo, mas daquela vez o escudo de Lorde Beric colocou-se no caminho da espada, e voaram lascas de madeira com a força da pancada. As estocadas vieram duras e rápidas, de baixo e de cima, da direita e da esquerda, e todas elas foram bloqueadas por Dondarrion. As chamas rodopiavam em volta de sua espada e deixavam para trás fantasmas vermelhos e amarelos marcando sua passagem. Cada movimento de Lorde Beric atiçava-as e fazia-as arder mais fortemente até parecer que o senhor do relâmpago se encontrava no interior de uma jaula de fogo.

– É fogovivo? – perguntou Arya a Gendry.

– Não. Isso é diferente. Isso é...

– ... magia? – concluiu ela no momento em que Cão de Caça

recuava.

Agora era Lorde Beric que atacava, enchendo o ar com cordões de fogo, fazendo o homem maior apoiar-se nos calcanhares. Clegane parou um golpe elevado com o escudo, e um cão pintado perdeu uma cabeça. Contra-atacou, e Dondarrion interpôs o seu escudo e atirou um golpe incendiário para trás. A irmandade fora da lei incitava seu chefe aos gritos. "*É seu!*", ouviu Arya, e "*Vai nele! Vai nele! Vai nele!*". Cão de Caça parou um golpe dirigido à sua cabeça, fazendo uma careta quando o calor das chamas colidiu com seu rosto. Soltou um grunhido e uma praga e cambaleou para trás.

Lorde Beric não lhe deu descanso. Pressionou duramente o homem maior, sem parar um momento de movimentar o braço. As espadas colidiram, saltaram para longe e voltaram a colidir, voaram lascas do escudo do relâmpago enquanto chamas rodopiantes beijavam os cães uma, duas, três vezes. Cão de Caça moveu-se para a direita, mas Dondarrion bloqueou-o com um rápido passo para o lado e empurrou-o para o outro ... na direção do soturno clarão vermelho da fogueira. Clegane cedeu terreno até sentir o calor em suas costas. Um rápido relance de olhos sobre o ombro mostrou-lhe o que havia atrás de si, e quase lhe custou a cabeça quando Lorde Beric atacou novamente.

Arya viu o branco nos olhos de Sandor Clegane quando voltou a arremeter para a frente. Três passos adiante e dois para trás, um movimento para a esquerda que Lorde Beric bloqueou, mais dois passos para a frente e um para trás, *clang* e *clang*, e os grandes escudos de carvalho recebiam um golpe após outro, após outro. Os cabelos escuros e escorridos de Cão de Caça colavam-se à sua testa, num brilho de suor. *Suor de vinho*, pensou Arya, lembrando-se de que ele fora capturado bêbado. Julgou ver o início do medo despertando em seus olhos. *Ele vai perder*, disse a si mesma, exultante, enquanto a espada flamejante de Lorde Beric rodopiava e golpeava. Numa violenta saraivada, o senhor do relâmpago recuperou todo o terreno que Cão de Caça ganhara, voltando a deixar Clegane cambaleando à beira da fogueira. *Ele vai morrer, vai, vai*. Ficou nas pontas dos pés para ver melhor.

– *Maldito bastardo!* – gritou Cão de Caça ao sentir o fogo lamber a parte de trás de suas coxas. Avançou, brandindo a pesada espada cada vez com mais violência, tentando esmagar o homem menor com força bruta, tentando quebrar lâmina, escudo ou braço. Mas as chamas das defesas de Dondarrion tentaram morder seus olhos, e quando Cão de Caça se afastou delas com uma sacudida, perdeu o apoio e caiu sobre um joelho. Lorde Beric aproximou-se de imediato, com um golpe para baixo que gritou pelo ar e foi seguido por flâmulas de fogo. Ofegando de exaustão, Clegane pôs o escudo por cima da cabeça bem a tempo, e

a gruta ressoou com o sonoro *crac* do carvalho lascado.

– O escudo dele pegou fogo – disse Gendry numa voz abafada. Arya viu isso no mesmo instante. As chamas espalharam-se pela rachada tinta amarela, e os três cães negros foram engolidos.

Sandor Clegane tinha conseguido ficar em pé novamente com um contra-ataque temerário. Só depois de Lorde Beric ter recuado um passo é que Cão de Caça pareceu notar que o fogo que rugia tão perto de seu rosto era seu próprio escudo queimando. Com um grito de repugnância, golpeou violentamente o carvalho partido, completando sua destruição. O escudo estilhaçou-se, e uma parte voou, rodopiando, ainda em chamas, enquanto a outra se agarrava teimosamente ao antebraço de Clegane. Seus esforços para se libertar só conseguiram atiçar as chamas. A manga pegou fogo, e agora era todo o seu braço esquerdo que queimava.

– *Acabe com ele!* – gritou Barba-Verde ao Lorde Beric, e outras vozes uniram-se num cântico de "*Culpado!*". Arya gritou com os demais. "*Culpado, culpado, mate-o, culpado!*"

Suave como seda de verão, Lorde Beric deslizou para perto, com o propósito de dar cabo do homem à sua frente. Cão de Caça soltou um grito áspero, levantou a espada com ambas as mãos e fez com que caísse com todas as suas forças. Lorde Beric bloqueou facilmente o golpe...

– Nãããããããããão – gritou Arya.

... mas a espada flamejante partiu-se em duas, e o aço frio do Cão de Caça lavrou a carne de Lorde Beric onde o ombro se juntava ao pescoço, e abriu um golpe limpo dali até o esterno. O sangue irrompeu num jorro quente e negro.

Sandor Clegane deu um salto para trás, ainda ardendo. Arrancou os restos do escudo e atirou-os para longe com uma praga, depois rolou na terra para abafar o fogo que corria por seu braço.

Os joelhos de Lorde Beric dobraram-se lentamente, como que para rezar. Quando sua boca se abriu, só sangue saiu dela. A espada de Cão de Caça ainda estava em seu corpo quando tombou para a frente. A terra bebeu seu sangue. Sob o monte oco não se ouviu um som além do suave crepitar das chamas e do ganido que Cão de Caça soltou quando tentou se levantar. Arya só conseguia pensar em Mycah e em todas as estúpidas preces que rezara para que Cão de Caça morresse. *Se existem deuses, por que Lorde Beric não ganhou?* Ela *sabia* que Cão de Caça era culpado.

– Por favor – rouquejou Sandor Clegane, agarrado ao braço. – Estou queimado. Ajudem-me. Alguém. Ajudem-me. – Estava chorando. – *Por favor*.

Arya olhou-o com espanto. *Ele está chorando como um bebezinho*, pensou.

– Melly, cuide dos ferimentos dele – disse Thoros. – Limo, Jack, ajudem-me com Lorde Beric. Ned, é melhor que venha também. – O sacerdote vermelho arrancou a espada de Cão de Caça do corpo caído de seu senhor e espetou-a na terra empapada de sangue. Limo deslizou suas grandes mãos sob os braços de Dondarrion, enquanto Jack Sortudo o pegava pelos pés. Levaram-no ao redor da fogueira, para a escuridão de um dos túneis. Thoros e o pequeno Ned seguiram-nos.

Caçador Louco cuspiu.

– Acho que devíamos levá-lo de volta para o Septo de Pedra e enfiá-lo numa gaiola para corvos.

– Sim – disse Arya. – Ele assassinou Mycah. Assassinou *mesmo*.

– Que esquilo mais zangado – murmurou Barba-Verde.

Harwin suspirou.

– R'hllor considerou-o inocente.

– Quem é o *Rulore*? – Arya nem conseguia pronunciar o nome.

– Senhor da Luz. Thoros ensinou-nos...

Arya não queria saber o que Thoros tinha ensinado a eles. Puxou o punhal de Barba-Verde de sua bainha e girou para longe antes de ele conseguir agarrá-la. Gendry também tentou apanhá-la, mas sempre tinha sido rápida demais para ele.

Tom Sete-Cordas e uma mulher qualquer estavam ajudando Cão de Caça a ficar em pé. O aspecto do braço dele chocou-a de tal modo que a deixou sem fala. Havia uma faixa cor-de-rosa no local onde a correia de couro estava presa, mas, por cima e por baixo, a pele encontrava-se rachada, vermelha e sangrando desde o cotovelo até o pulso. Quando seus olhos se encontraram com os dela, sua boca retorceu-se.

– Quer tanto assim que eu morra? Então vá, menina-lobo. Enfie em mim. É mais limpo do que o fogo. – Clegane tentou ficar em pé, mas quando se moveu, um pedaço de carne queimada desprendeu-se de seu braço e os joelhos perderam a força. Tom segurou-o pelo braço bom e manteve-o em pé.

O braço dele, pensou Arya, e *o rosto*. Mas ele era o Cão de Caça. Merecia queimar num inferno ardente. Sentiu a faca pesada na mão. Apertou-a com mais força.

– Você matou Mycah – voltou a dizer, desafiando-o a negar. – Conte a eles. Matou. *Matou*.

– Matei. – Todo o seu rosto se torceu. – Persegui-o a cavalo, cortei-o ao meio e ri. Também os vi espancarem sua irmã até sair sangue, e vi-os cortar a cabeça de seu pai.

Limo agarrou o pulso de Arya e torceu-o, tirando o punhal dela. Ela chutou-o, mas ele não retrucou.

– Vá para o inferno, Cão de Caça – gritou para Sandor Clegane numa fúria impotente de mãos vazias. – *Você vai para o inferno!*

– Ele já foi – disse uma voz, pouco mais forte do que um murmúrio.

Quando Arya se virou, Lorde Beric Dondarrion estava em pé atrás dela, agarrando o ombro de Thoros com a mão ensanguentada.

Catelyn

Que os reis do Inverno fiquem com a sua cripta fria debaixo da terra, pensou Catelyn. Os Tully tiravam a sua força do rio, e era ao rio que retornavam depois de suas vidas terem cumprido seus percursos.

Deitaram Lorde Hoster num esguio barco de madeira, revestido por uma brilhante armadura de prata, com placa e cota de malha. O manto estava aberto por baixo dele, em ondas de azul e vermelho. O sobretudo também era azul e vermelho. Uma truta, com escamas de prata e bronze, coroava o grande elmo que colocaram ao lado de sua cabeça. Sobre o peito, pousaram uma espada de madeira pintada e fecharam seus dedos sobre o cabo. Manoplas de cota de malha escondiam suas mãos enfraquecidas e faziam com que quase parecesse forte de novo. Seu pesado escudo de carvalho e ferro estava apoiado junto ao seu flanco esquerdo, e o berrante à direita. O resto do barco fora enchido de madeira trazida pelo rio, gravetos, pedaços de pergaminho e pedras, para torná-lo pesado na água. Seu estandarte flutuava à proa, a truta saltante de Correrrio.

Foram escolhidos sete homens para empurrar o barco funerário para dentro da água, em honra às sete faces de deus. Robb era um deles, na qualidade de suserano de Lorde Hoster. Acompanhavam-no os lordes Bracken, Blackwood, Vance e Mallister, Sor Marq Piper... e o Coxo Lothar Frey, que chegara das Gêmeas com a resposta que aguardavam. Em sua escolta vieram quarenta soldados, comandados por Walder Rivers, o mais velho dos bastardos de Lorde Walder, um homem severo e grisalho com uma formidável reputação como guerreiro. Sua chegada, apenas horas após o falecimento de Lorde Hoster, tinha deixado Edmure em fúria.

– Walder Frey devia ser esfolado e esquartejado – gritou. – Manda um aleijado e um bastardo para negociar conosco, não me diga que não pretende nos insultar com isso.

– Não tenho qualquer dúvida de que Lorde Walder escolheu seus enviados com cuidado – replicou Catelyn. – Foi um ato impertinente, uma forma mesquinha de vingança, mas lembre-se de quem é o homem com quem estamos lidando. O pai costumava chamá-lo de Atrasado Lorde Frey. O homem tem um gênio ruim, e é acima de tudo *orgulhoso*.

Abençoadamente, o filho mostrara mais bom senso do que o irmão. Robb cumprimentou os Frey com toda a cortesia, encontrou lugar nas casernas para a escolta e pediu calmamente a Sor Desmond Grell que se afastasse para que Lothar pudesse ter a honra de ajudar a enviar Lorde Hoster para sua última viagem. *Meu filho ganhou noções de sabedoria que estão para além de sua idade*. A Casa Frey podia ter

abandonado o Rei no Norte, mas o Senhor da Travessia ainda era o mais poderoso dos vassalos de Correrrio, e Lothar encontrava-se ali em seu nome.

Os sete lançaram Lorde Hoster da escada de água, descendo os degraus enquanto a porta levadiça era içada. Lothar Frey, um homem corpulento e pouco musculoso, respirava pesadamente enquanto empurravam o barco para a corrente. Jason Mallister e Tytos Blackwood, à proa, entraram no rio até o peito, para pôr o barco no curso certo.

Catelyn observou das ameias, esperando e vigiando, como esperara e vigiara tantas vezes antes. Embaixo, o rápido e turbulento Pedregoso mergulhava como uma lança no flanco do largo Ramo Vermelho, agitando as lamacentas águas turvas do rio maior com sua corrente azul-esbranquiçada. Uma névoa matinal pairava sobre a água, fina como gaze e como os filamentos da memória.

Bran e Rickon estarão à espera dele, pensou tristemente Catelyn, *tal como eu costumava esperar antigamente.*

A esguia embarcação saiu, à deriva, sob a arcada de pedra vermelha do Portão da Água, ganhando velocidade ao ser apanhada pela impetuosa corrente do Pedregoso e empurrada na direção da zona turbulenta onde as águas se encontravam. No momento em que o barco emergiu de sob o abrigo das grandes muralhas do castelo, sua vela quadrada encheu-se de vento, e Catelyn viu a luz do sol relampejar no elmo do pai. O leme de Lorde Holter Tully manteve-se firme, e ele velejou serenamente pelo centro do canal, na direção do sol nascente.

– Agora – disse o tio. Ao lado dele, o irmão Edmure (agora *Lorde* Edmure de fato, e quanto tempo levaria para se habituar a isso?) encaixou uma flecha na corda do arco. O escudeiro aproximou um tição da ponta. Edmure esperou até a chama pegar, e então ergueu o grande arco, puxou a corda até a orelha e soltou. Com um profundo *trum*, a flecha ergueu-se no ar. Catelyn seguiu seu voo com os olhos e o coração, até que mergulhasse na água com um silvo suave, bem à popa do barco de Lorde Hoster.

Edmure soltou uma praga em voz baixa.

– O vento – disse, pegando uma segunda flecha. – Outra vez. – O tição beijou o trapo ensopado em óleo atrás da ponta da flecha, as chamas subiram, Edmure ergueu o arco, puxou e soltou. A flecha voou alto e longe. Longe demais. Desapareceu no rio uma dúzia de metros para lá do barco, e o fogo tremeluziu e apagou-se num instante. Um rubor estava subindo pelo pescoço de Edmure, tão vermelho quanto sua barba. – De novo – ordenou, tirando uma terceira flecha da aljava. *Está tão tenso quanto a corda de seu arco*, pensou Catelyn.

Sor Brynden deve ter visto o mesmo.

– Permita-me, senhor – ofereceu.

– Eu consigo – insistiu Edmure. Deixou-os acender a flecha, levantou bruscamente o arco, respirou fundo, puxou a corda. Por um longo momento pareceu hesitar enquanto o fogo subia lentamente a haste, crepitando. Por fim soltou. A flecha subiu como um relâmpago, e por fim voltou a curvar para baixo, caindo, caindo... e passando com um silvo pela vela enfunada.

Um erro por pouco, não mais do que uma mão, mas mesmo assim um erro.

– Que os Outros levem isto! – praguejou o irmão de Catelyn. O barco estava quase fora de alcance, deslizando rio abaixo, penetrando e saindo das névoas fluviais. Sem uma palavra, Edmure entregou o arco ao tio.

– Depressa – disse Sor Brynden. Encaixou uma flecha, manteve-a firme para receber o tição, puxou e soltou antes de Catelyn ter certeza de que o fogo tinha pegado, ... mas quando a flecha subiu, viu as chamas a segui-la pelo ar, uma flâmula laranja-clara. O barco tinha desaparecido na névoa. Caindo, a flecha em chamas foi também engolida... mas só por um segundo. Então viram o vermelho desabrochar em flor, súbito como a esperança. A vela incendiou-se, e o nevoeiro incandesceu, cor-de-rosa e laranja. Por um momento, Catelyn viu claramente a silhueta do barco, decorada pela grinalda de chamas saltitantes.

Espere-me, gatinha, ouviu-o murmurar.

Catelyn estendeu cegamente a mão, tateando em busca da do irmão, mas Edmure afastara-se, para ficar só, no ponto mais elevado das ameias. Foi o tio Brynden quem pegou na sua mão em vez do irmão, entrelaçando seus fortes dedos aos dela. Juntos, observaram o pequeno incêndio diminuir à medida que o barco em chamas se afastava na distância.

E então desapareceu... ainda à deriva pelo rio abaixo, talvez, ou quebrado e se afundando. O peso da armadura levaria Lorde Hoster para o fundo, para descansar na lama mole do leito do rio, nos salões aquáticos onde os Tully concediam eternas audiências, com cardumes de peixes como seus últimos servidores.

Assim que o barco em chamas desapareceu da vista de quem estava no castelo, Edmure foi embora. Catelyn teria gostado de abraçá-lo, ainda que só por um momento; teria gostado de se sentar por uma hora, por uma noite ou por uma volta de lua, para falar do morto e fazer luto. Mas sabia tão bem quanto ele que aquela não era a hora certa; ele era agora senhor de Correrrio, e seus cavaleiros estavam à sua volta, murmurando condolências e promessas de lealdade, separando-o de algo tão pequeno como a dor de uma irmã. Edmure escutava, sem ouvir nenhuma das palavras.

– Não é desonra falhar o tiro – disse-lhe o tio em voz baixa. – Alguém devia dizer isso a Edmure. No dia em que o senhor meu pai desceu o rio, Hoster também falhou.

– Com a primeira flecha. – Catelyn era nova demais para se lembrar, mas Lorde Hoster contara a história com frequência. – A segunda atingiu a vela. – Suspirou.

Edmure não era tão forte quanto parecia. A morte do pai havia sido uma misericórdia quando enfim chegou, mesmo assim atingiu duramente o irmão.

Na noite anterior, embriagado, desabou e chorou, cheio de remorsos por coisas que não tinha feito e palavras que não tinha dito. Disse-lhe entre lágrimas que nunca devia ter saído para travar a sua batalha nos vaus; que devia ter ficado junto à cabeceira do pai.

– Devia ter estado com ele, como você esteve – tinha dito. – Ele falou de mim no fim? Diga-me a verdade, Cat. Ele perguntou por mim?

A última palavra de Lorde Hoster havia sido "*Tanásia*", mas Catelyn não conseguia se levar a dizer isso.

– Ele murmurou o seu nome – mentiu, e o irmão assentiu, grato, e beijou sua mão. *Se ele não tivesse tentado afogar o pesar e a culpa, poderia ter sido capaz de dominar um arco*, pensou consigo mesma, suspirando, mas isso era algo que não se atrevia a dizer.

Peixe Negro levou-a das ameias até onde Robb se encontrava entre os vassalos, com sua jovem rainha ao lado. Quando a viu, o filho tomou-a nos braços, em silêncio.

– Lorde Hoster parecia nobre como um rei, senhora – murmurou Jeyne. – Gostaria de ter tido a oportunidade de conhecê-lo.

– E eu de conhecê-lo melhor – acrescentou Robb.

– Ele também teria gostado disso – disse Catelyn. – Havia léguas demais entre Correrrio e Winterfell. – *E montanhas, rios e exércitos demais entre Correrrio e o Ninho da Águia, ao que parece*. Lysa não tinha respondido à sua carta.

E de Porto Real chegara também só silêncio. Esperava que àquela altura Brienne e Sor Cleos já tivessem chegado à cidade com o seu cativo. Até podia acontecer de Brienne retornar, trazendo consigo as meninas. *Sor Cleos jurou que obrigaria o Duende a enviar o corvo assim que a troca fosse feita. Ele jurou!* Mas os corvos nem sempre chegavam ao destino. Algum arqueiro podia ter abatido e assado a ave para o jantar. A carta que poderia deixar seu coração em paz talvez agora estivesse junto às cinzas de uma fogueira, ao lado de uma pilha de ossos de corvo.

Outros esperavam para entregar a Robb as suas condolências, e Catelyn afastou-se pacientemente enquanto Lorde Jason Mallister, Grande-Jon e Sor Rolph Spicer falavam com ele, um de cada vez. Mas

quando Lothar Frey se aproximou, ela puxou-o pela manga. Robb virou-se e esperou para ouvir o que Lothar ia dizer.

– Vossa Graça – rechonchudo e com cerca de trinta e cinco anos, Lothar Frey tinha olhos juntos, uma barba pontiaguda e cabelos escuros que caíam em caracóis sobre os ombros. Uma perna, torcida no parto, dera-lhe o nome de Coxo Lothar. Havia servido como intendente do pai durante a última dúzia de anos. – É com relutância que nos intrometemos em seu luto, mas talvez possa nos conceder uma audiência esta noite?

– Com todo o prazer – disse Robb. – Nunca foi minha intenção semear a inimizade entre nós.

– Nem minha ser a causa disso – disse a Rainha Jeyne.

Lothar Frey sorriu.

– Compreendo, e o senhor meu pai também. Ele instruiu-me para dizer que já foi jovem um dia, e se lembra bem do que é se deixar levar pelo coração.

Catelyn duvidava muito de que Lorde Walder tivesse dito tal coisa, ou que alguma vez tivesse se deixado levar pelo coração. O senhor da Travessia sobrevivera a sete esposas e estava agora casado com a oitava, mas falava delas apenas como aquecedoras de cama e éguas de reprodução. Apesar disso, as palavras eram bonitas, e dificilmente poderia levantar objeções ao elogio. Robb tampouco o fez.

– Seu pai é muito atencioso – disse. – Esperarei ansiosamente a nossa conversa.

Lothar fez uma reverência, beijou a mão da rainha e retirou-se. A essa altura, uma dúzia de outros homens já tinha se reunido para dar uma palavra ao rei. Robb falou com todos, deixando um agradecimento aqui, um sorriso ali, conforme era necessário. Só se virou para Catelyn depois que o último foi embora.

– Há algo que temos de discutir. Pode vir comigo?

– Às suas ordens, Vossa Graça.

– Não foi uma ordem, mãe.

– Então será um prazer.

– O filho tratara-a com bastante gentileza desde que retornara a Correrrio, mas raramente a procurava. Se ele se sentia mais confortável com sua jovem rainha, Catelyn não podia censurá-lo. *Jeyne faz Robb sorrir, e eu nada tenho a partilhar com ele exceto o pesar*. Robb também parecia apreciar a companhia dos irmãos de sua esposa; o jovem Rollam, seu escudeiro, e Sor Raynald, seu porta-estandartes. *Está substituindo aqueles que perdeu*, percebeu Catelyn quando os viu juntos. *Rollam ocupou o lugar de Bran, e Raynald é em parte Theon e em parte Jon Snow*. Só quando estava com os Westerling é que via Robb sorrir, ou o ouvia rir como o rapaz que era. Para os outros era sempre

o Rei no Norte, com a cabeça sobrecarregada com o peso da coroa, mesmo quando sua testa estava nua.

Robb deu um beijo carinhoso na mulher, prometeu encontrá-la em seus aposentos e saiu com a senhora sua mãe. Seus passos levaram-nos para o bosque sagrado.

– Lothar pareceu amigável, e isso é sinal esperançoso. Precisamos dos Frey.

– Isso não significa que viremos a tê-los.

Ele assentiu com a cabeça. Havia um ar sombrio em seu rosto e uma inclinação em seus ombros que fez com que o coração de Catelyn se dirigisse a ele. *A coroa o está esmagando*, pensou. *Ele deseja tanto ser um bom rei, ser bravo, honroso e inteligente, mas o peso é excessivo para ser suportado por um rapaz*. Robb estava fazendo tudo que podia, mas os golpes continuavam caindo, um após outro, sem darem descanso. Quando lhe trouxeram a notícia da batalha em Valdocaso, onde Lorde Randyll Tarly desbaratara as forças de Robett Glover e de Sor Helman Tallhart, seria de se esperar vê-lo enfurecido, mas ele limitou-se a olhar, numa incredulidade estupidificada, e dizer:

– Valdocaso, no mar estreito? Por que eles iriam para Valdocaso? – sacudiu a cabeça, desconcertado. – Um terço de minha infantaria perdido por *Valdocaso*?

– Os homens de ferro têm o meu castelo e agora os Lannister têm o meu irmão – disse Galbart Glover, numa voz carregada de desespero. Robett Glover sobreviveu à batalha, mas fora capturado perto da estrada do rei não muito mais tarde.

– Não será por muito tempo – prometeu o filho de Catelyn. – Vou oferecer Martyn Lannister em troca dele. Lorde Tywin terá de aceitar, por causa do irmão. – Martyn era filho de Sor Kevan, irmão gêmeo de Willem, que Lorde Karstark assassinara. Catelyn sabia que aqueles homicídios ainda perturbavam o filho. Ele tinha triplicado a guarda em volta de Martyn, mas ainda temia por sua segurança.

– Devia ter trocado o Regicida por Sansa quando me pediu – disse Robb no momento em que entraram na galeria. – Se tivesse proposto casá-la com o Cavaleiro das Flores, os Tyrell poderiam ser nossos e não de Joffrey. Devia ter pensado nisso.

– Sua cabeça estava nas suas batalhas, e com razão. Nem mesmo um rei pode pensar em tudo.

– Batalhas – resmungou Robb enquanto seguiam sob as árvores. – Ganhei todas as batalhas mas, sem saber como, estou perdendo a guerra. – Olhou para cima, como se a resposta pudesse estar escrita no céu. – Os homens de ferro controlam Winterfell e também Fosso Cailin. O pai está morto, Bran e Rickon também, e talvez até Arya. E agora também o seu pai.

Não podia permitir que ele se desesperasse. Conhecia bem demais

o sabor dessa bebida.

– Meu pai esteve moribundo durante muito tempo. Você não podia ter mudado isso. Cometeu erros, Robb, mas que rei não os comete? Ned estaria orgulhoso de você.

– Mãe, há uma coisa que precisa saber.

O coração de Catelyn parou por um instante. *Isso é algo que ele detesta. Algo que tem medo de me contar*. Tudo em que conseguiu pensar foi em Brienne e na sua missão.

– É o Regicida?

– Não. É Sansa.

Está morta, pensou imediatamente Catelyn. *Brienne falhou, Jaime está morto, e Cersei matou a minha querida menina por vingança*. Por um momento quase não conseguiu falar.

– Ela… ela partiu, Robb?

– Partiu? – ele pareceu sobressaltado. – Morta? Ah, mãe, não, isso não, não lhe fizeram mal, dessa forma não, só... chegou uma ave ontem à noite, mas não consegui arranjar coragem de lhe contar até que seu pai fosse enviado para o descanso dele. – Robb pegou na mão dela. – Casaram-na com Tyrion Lannister.

Os dedos de Catelyn agarraram-se aos dele.

– O Duende.

– Sim.

– Ele jurou trocá-la pelo irmão – disse, entorpecida. – Sansa e Arya. Teríamos as duas de volta se devolvêssemos o seu precioso Jaime, ele jurou perante toda a corte. Como pôde se casar com ela depois de dizer aquilo à vista dos deuses e dos homens?

– É irmão do Regicida. A quebra de promessas corre no sangue deles. – Os dedos de Robb rasparam o botão de sua espada. – Se pudesse, cortaria aquela cabeça feia dele. Sansa seria então viúva, e livre. Não há outra maneira, que eu veja. Obrigaram-na a pronunciar os votos perante um septão e a vestir um manto carmesim.

Catelyn recordou o homenzinho retorcido que tinha capturado na estalagem do entroncamento e levado até o Ninho da Águia.

– Devia ter deixado que Lysa o atirasse por sua Porta da Lua. Minha pobre, querida, Sansa... por que alguém faria isso com ela?

– Por Winterfell – disse Robb de imediato. – Com Bran e Rickon mortos, Sansa é minha herdeira. Se algo acontecer comigo...

Catelyn agarrou com força a mão dele.

– Nada acontecerá a você. Nada. Eu não suportaria. Eles roubaram-me Ned e os seus irmãos. Sansa está casada, Arya, perdida, meu pai, morto... se algo de mal acontecer com você, eu enlouqueço, Robb. É tudo que me resta. É tudo que resta ao *norte*.

– Ainda não estou morto, mãe.

De repente, Catelyn sentiu-se repleta de terror.

– As guerras não têm de ser travadas até a última gota de sangue. – Até ela conseguia ouvir o desespero em sua voz. – Não seria o primeiro rei a dobrar o joelho, nem sequer o primeiro Stark.

A boca dele apertou-se.

– Não. Nunca.

– Não há vergonha nisso. Balon Greyjoy dobrou o joelho a Robert quando sua rebelião falhou. Torrhen Stark preferiu dobrar o joelho diante de Aegon, o Conquistador, a obrigar seu exército a enfrentar os incêndios.

– Aegon matou o pai do Rei Torrhen? – ele puxou suas mãos de entre as dela. – Nunca, já disse.

Agora está brincando de rapaz, não de rei.

– Os Lannister não precisam do Norte. Irão exigir homenagens e reféns, nada mais... e o Duende ficará com Sansa, façamos o que fizermos, portanto, já têm o seu refém. Os homens de ferro serão um inimigo mais implacável, garanto. Para ter alguma esperança de manter o Norte, os Greyjoy não podem deixar vivo nem um rebento da Casa Stark, para não terem quem dispute o direito ao trono com eles. Theon assassinou Bran e Rickon, agora basta-lhes matar você... sim, *e* Jeyne. Acha que Lorde Balon pode se dar ao luxo de deixá-la viver para lhe dar herdeiros?

O rosto de Robb estava frio.

– Foi por isso que libertou o Regicida? Para fazer a paz com os Lannister?

– Libertei Jaime por Sansa... e por Arya, se ainda estiver viva. Sabe disso. Mas se nutria alguma esperança de comprar também a paz, seria isso assim tão ruim?

– Sim – disse ele. – Os Lannister mataram meu pai.

– Acha que me esqueci disso?

– Não sei. Esqueceu?

Catelyn nunca batera nos filhos quando em fúria, mas naquele momento quase bateu em Robb. Precisou de um grande esforço para lembrar-se de como ele devia sentir-se assustado e só.

– Você é Rei no Norte, a escolha é sua. Só peço que pense no que eu disse. Os cantores põem nas alturas os reis que morrem valentemente em batalha, mas a sua vida vale mais do que uma canção. Pelo menos para mim, que fui quem a deu. – Baixou a cabeça. – Tenho licença para ir embora?

– Sim. – Ele virou as costas a ela e puxou a espada. Catelyn não saberia dizer o que o filho pretendia fazer com ela. Ali não havia inimigos, não havia ninguém com quem lutar. Só estavam lá os dois, por entre árvores altas e folhas caídas. *Há batalhas que nenhuma espada pode ganhar*, quis lhe dizer, mas temia que o rei estivesse surdo para palavras assim.

Horas mais tarde, estava costurando em seu quarto quando o jovem Rollam Westerling veio correndo chamá-la para o jantar. *Ótimo*, pensou Catelyn, aliviada. Não tinha certeza de que o filho a quereria lá, depois da discussão que tinham tido.

– Um escudeiro cumpridor – disse a Rollam com um ar grave. *Bran teria sido igual.*

Se Robb parecia frio à mesa e Edmure mal-humorado, o Coxo Lothar compensava a ambos. Era um modelo de cortesia, recordando calorosamente Lorde Hoster, dando a Catelyn amáveis condolências pela perda de Bran e Rickon, elogiando Edmure pela vitória no Moinho de Pedra, e agradecendo a Robb pela "justiça rápida e segura" que fizera com Rickard Karstark. O irmão bastardo de Lothar, Walder Rivers, era bem diferente; um homem amargo e ríspido, com o rosto suspeito do velho Lorde Walder, falava raramente e dedicava a maior parte de sua atenção aos alimentos e às bebidas que eram colocados na sua frente.

Depois de proferidas todas as palavras vazias, a rainha e os demais Westerling pediram licença, os restos da refeição foram levados, e Lothar Frey pigarreou.

– Antes de passarmos ao assunto que nos trouxe aqui, há outra questão – disse com solenidade. – Uma questão grave, temo. Esperei que não coubesse a mim trazer essas notícias a vocês, mas aparentemente tem de ser assim. O senhor meu pai recebeu uma carta dos netos.

Catelyn tinha estado tão perdida em desgosto pelos seus que quase havia se esquecido dos dois Frey que aceitara criar. *Mais, não*, pensou. *Pela misericórdia da Mãe, quantos golpes mais poderemos suportar?* De algum modo sabia que as palavras que ouviria em seguida iriam mergulhar mais uma lâmina no seu coração.

– Os netos em Winterfell? – obrigou-se a perguntar. – Os meus protegidos?

– Walder e Walder, sim. Mas, no momento, eles encontram-se no Forte do Pavor, senhora. Dói-me contar-lhe isso, mas houve uma batalha. Winterfell foi incendiado.

– Incendiado? – a voz de Robb estava incrédula.

– Seus senhores do norte tentaram tomar o castelo de volta dos homens de ferro. Quando Theon Greyjoy viu que a conquista estava perdida, passou o archote no castelo.

– Não ouvimos dizer nada de batalha alguma – falou Sor Brynden.

– Os meus sobrinhos são novos, admito, mas estavam lá. O Grande Walder escreveu a carta, embora o primo também tenha assinado. Pelo relato deles a coisa foi sangrenta. Seu castelão foi morto. Sor Rodrik, era esse o nome dele?

– Sor Rodrik Cassel – disse Catelyn, atordoada. *Aquela leal,*

corajosa e querida velha alma. Quase conseguia vê-lo puxando as ferozes suíças brancas. – E o resto do nosso povo?

– Temo que os homens de ferro tenham matado muitos deles na espada.

Sem palavras devido à fúria, Robb atirou um punho contra a mesa e virou o rosto para que os Frey não vissem suas lágrimas.

Mas a mãe viu. *O mundo fica um pouco mais escuro a cada dia*. Os pensamentos de Catelyn estenderam-se para a filha pequena de Sor Rodrik, Beth, para o incansável Meistre Luwin e o alegre Septão Chayle, Mikken em sua forja, Farlen e Palla nos canis, a Velha Ama e o simples Hodor. Sentiu o coração doente.

– Por favor, que não sejam *todos*.

– Não – disse o Coxo Lothar. – As mulheres e crianças esconderam-se, com os meus sobrinhos Walder e Walder entre elas. Com Winterfell em ruínas, os sobreviventes foram levados para o Forte do Pavor por um filho de Lorde Bolton.

– Um *filho* de Bolton? – a voz de Robb estava tensa.

Walder Rivers interveio.

– Um filho bastardo, creio.

– Não seria Ramsay Snow? Lorde Roose tem mais algum bastardo? – Robb franziu a testa. – Esse Ramsay era um monstro e um assassino, e morreu como um covarde. Ou pelo menos foi o que me disseram.

– Nada posso dizer quanto a isso. Em todas as guerras existe muita confusão. Muitas notícias falsas. Tudo que posso lhe dizer é que meus sobrinhos afirmam que foi o filho bastardo de Bolton quem salvou as mulheres de Winterfell e os pequenos. Agora todos os que restam estão em segurança no Forte do Pavor.

– Theon – disse subitamente Robb. – O que aconteceu com Theon Greyjoy? Foi morto?

O Coxo Lothar abriu as mãos.

– Isso não sei dizer, Vossa Graça. Walder e Walder não fazem menção ao destino dele. Lorde Bolton talvez saiba, caso tenha recebido notícias desse filho dele.

Sor Brynden disse:

– Certamente lhe perguntaremos.

– Vejo que estão todos perturbados. Lamento ter lhes trazido esse novo desgosto. Talvez devêssemos adiar nossa reunião até amanhã. Nosso assunto pode esperar até terem se recomposto...

– Não – disse Robb –, quero a questão resolvida.

Edmure assentiu.

– Eu também. Tem uma resposta para a nossa proposta, senhor?

– Tenho. – Lothar sorriu. – O senhor meu pai pede-me que diga a Vossa Graça que concordará com essa nova aliança de matrimônio

entre as nossas casas e em renovar a sua lealdade ao Rei no Norte sob a condição de que a Graça Real peça perdão pelo insulto feito à Casa Frey, na sua real pessoa, cara a cara.

Um pedido de desculpas era um preço bastante pequeno a pagar, mas Catelyn sentiu imediato desagrado por aquela mesquinha condição imposta por Lorde Walder.

– Estou satisfeito – disse cautelosamente Robb. – Nunca foi meu desejo causar essa fratura entre nós, Lothar. Os Frey lutaram valentemente pela minha causa. Gostaria de tê-los de novo ao meu lado.

– É muita gentileza, Vossa Graça. Uma vez esses termos aceitos, fui instruído para oferecer ao Lorde Tully a mão de minha irmã, a Senhora Roslin, uma donzela de dezesseis anos. Roslin é a filha mais nova de meu pai e da Senhora Bethany da Casa Rosby, sua sexta esposa. Tem um temperamento afável e um dom para a música.

Edmure mexeu-se na cadeira.

– Não seria melhor se eu primeiro a conhecesse?

– Vai conhecê-la quando se casarem – disse bruscamente Walder Rivers. – A menos que Lorde Tully sinta necessidade de contar seus dentes primeiro.

Edmure conteve o gênio.

– Confiarei em sua palavra no que diz respeito aos seus dentes, mas seria agradável se pudesse contemplar o seu rosto antes de desposá-la.

– Tem de aceitá-la agora, senhor – disse Walder Rivers. – Caso contrário a oferta de meu pai será retirada.

O Coxo Lotar abriu as mãos.

– Meu irmão tem a falta de modos de um soldado, mas o que diz é verdade. É desejo do senhor meu pai que este casamento ocorra imediatamente.

– *Imediatamente?* – Edmure soou tão infeliz que Catelyn teve o indigno pensamento de que ele talvez alimentasse ideias de quebrar a promessa após o fim da guerra.

– Será que Lorde Walder esqueceu-se de que estamos travando uma guerra? – perguntou Brynden Peixe Negro num tom duro.

– Nem um pouco – disse Lothar. – É por isso que insiste que o casamento aconteça agora, sor. Os homens morrem na guerra, até aqueles que são jovens e fortes. O que aconteceria à nossa aliança se Lorde Edmure caísse antes de tomar Roslin como esposa? E também deve-se levar em conta a idade de meu pai. Já tem mais de noventa anos e não é provável que veja o fim dessas lutas. Seu nobre coração ficaria em paz se pudesse ver sua querida Roslin casada e em segurança antes de os deuses o levarem, para poder morrer sabendo que a garota teria um esposo forte para lhe dar carinho e protegê-la.

Todos nós queremos que Lorde Walder morra feliz. Catelyn estava ficando cada vez menos confortável com aquele acordo.

– Meu irmão acabou de perder o pai. Precisa de tempo para o luto.

– Roslin é uma garota alegre – disse Lothar. – Pode ser exatamente aquilo de que Lorde Edmure precisa para o ajudar a superar o desgosto.

– E meu pai ganhou aversão a noivados longos – acrescentou o bastardo Walder Rivers. – Não consigo imaginar o motivo.

Robb lançou-lhe um frio olhar.

– Compreendo o que quer dizer, Rivers. Por favor, deixem-nos a sós.

– Às ordens de Sua Graça. – O Coxo Lothar ergueu-se, e o irmão bastardo ajudou-o a manquejar para fora da sala.

Edmure estava fervendo de raiva.

– É quase como se estivessem dizendo que a minha palavra de nada vale. Por que devo deixar que aquela velha doninha escolha a minha noiva? Lorde Walder tem outras filhas além dessa Roslin. E netas também. Deviam ser oferecidas a mim as mesmas opções que a você. Sou o suserano dele, ele devia transbordar de alegria por eu estar disposto a me casar com *qualquer uma* delas.

– Ele é um homem orgulhoso e nós o ferimos – disse Catelyn.

– Que os Outros levem o seu orgulho! Não serei envergonhado em meu próprio salão. A minha resposta é não.

Robb lançou-lhe um olhar cansado.

– Não ordenarei que faça isso. Isso não. Mas, se recusar, Lorde Frey vai encarar como outra desfeita, e qualquer esperança de colocar a situação nos eixos será perdida.

– Não pode saber se será assim – insistiu Edmure. – O Frey me quer para uma de suas filhas desde o dia em que nasci. Não deixará que uma chance dessas escape daqueles seus dedos ambiciosos. Quando Lothar lhe levar a nossa resposta, ele retornará todo adulador e aceitará um noivado... com uma filha que *eu* escolher.

– Talvez, a seu tempo – disse Brynden Peixe Negro. – Mas será que podemos esperar enquanto Lothar anda para trás e para a frente com propostas e contrapropostas?

As mãos de Robb fecharam-se em punhos.

– Eu *tenho* de voltar para o Norte. Meus irmãos mortos, Winterfell incendiado, meu povo submetido à espada... só os deuses sabem o que esse bastardo de Bolton anda fazendo, ou se Theon ainda está vivo e à solta. Não posso ficar aqui sentado, à espera de um casamento que pode ou não acontecer.

– *Tem* de acontecer – disse Catelyn, embora sem alegria. – Não desejo mais do que você aguentar os insultos e as queixas de Walder

Frey, irmão, mas não vejo aqui muitas opções. Sem esse casamento, a causa de Robb está perdida. Edmure, temos de aceitar.

– *Temos* de aceitar? – ecoou ele num tom impertinente. – Não a vejo se oferecendo para se tornar a nona Senhora Frey, Cat.

– A oitava Senhora Frey ainda está viva e bem de saúde, que eu saiba – respondeu ela. *Felizmente*. Caso contrário, poderia bem ter chegado a esse ponto, pelo que conhecia de Lorde Walder.

Peixe Negro disse:

– Eu sou o último homem nos Sete Reinos a poder dizer a alguém com quem se casar, sobrinho. No entanto, você *disse* algo a respeito de uma reparação por sua Batalha dos Vaus.

– Tinha em mente um tipo diferente de reparação. Combate singular com o Regicida. Sete anos de penitência como irmão suplicante. Atravessar o mar do poente a nado com as pernas amarradas. – Quando viu que ninguém sorria, Edmure atirou as mãos ao ar. – Que os Outros carreguem todos vocês! Muito bem, casarei com a garota. Como *reparação*.

Davos

Lorde Alester olhou vivamente para cima.

– Vozes – disse. – Está ouvindo, Davos? Alguém vem nos buscar.

– Lampreia – disse Davos. – Está na hora do jantar, ou perto disso. – Na noite anterior, Lampreia trouxera meio empadão de carne com bacon e também um jarro de hidromel. Só de pensar nisso sua barriga começou a roncar.

– Não, é mais de uma pessoa.

Ele tem razão. Davos ouvia pelo menos duas vozes, e passos se tornavam mais sonoros. Ficou em pé e dirigiu-se às barras.

Lorde Alester sacudiu a palha da roupa.

– O rei mandou me buscar. Ou então a rainha, sim, Selyse nunca me deixaria ficar aqui apodrecendo, logo eu, de seu próprio sangue.

Fora da cela, Lampreia surgiu com um molho de chaves na mão. Sor Axell Florent e quatro guardas seguiam-no de perto. Esperaram sob o archote enquanto Lampreia procurava a chave certa.

– Axell – disse Lorde Alester. – Pela bondade dos deuses. É o rei que manda me buscar, ou a rainha?

– Ninguém mandou buscá-lo, traidor – disse Sor Axell.

Lorde Alester recuou como se tivesse levado um tapa.

– Não, juro, não cometi nenhuma traição. Por que não me escuta? Se ao menos Sua Graça me deixasse explicar...

Lampreia enfiou uma grande chave de ferro na fechadura, virou-a e abriu a cela. As ferraduras enferrujadas guincharam num protesto.

– Você – disse ele a Davos. – Venha.

– Para onde? – Davos olhou para Sor Axell. – Diga-me a verdade, sor, pretendem me queimar?

– Mandaram chamá-lo. Consegue andar?

– Consigo. – Davos saiu da cela. Lorde Alester soltou um grito de consternação quando Lampreia voltou a fechar a porta com estrondo.

– Traga o archote – ordenou Sor Axell ao carcereiro. – Deixe o traidor nas trevas.

– Não – disse o irmão. – Axell, por favor, não leve a luz... que os deuses tenham piedade...

– Deuses? Só existem R'hllor e o Outro. – Sor Axell gesticulou categoricamente, e um de seus guardas puxou o archote da arandela e começou a subir a escada à frente dos demais.

– Está me levando até Melisandre? – perguntou Davos.

– Ela estará lá – disse Sor Axell. – Nunca está longe do rei. Mas é Sua Graça em pessoa quem manda buscá-lo.

Davos levou a mão ao peito, ao local onde a sua sorte estivera pendurada por uma correia, dentro de uma bolsa de couro.

Desapareceu, lembrou-se, *e as pontas de meus dedos com ela*. Mas as mãos ainda eram suficientemente longas para se fechar em volta da garganta de uma mulher, pensou, especialmente uma garganta esguia como a dela.

E subiram, ascendendo em fila indiana pela escada em caracol. As paredes eram de pedra escura áspera, fria ao toque. A luz das tochas seguia à frente e, nas paredes, as sombras dos homens marchavam ao lado deles. Na terceira volta, passaram por um portão de ferro que se abria para a escuridão, e por um outro na quinta volta. Davos calculou que, a essa altura, deviam estar perto da superfície, talvez já acima dela. A terceira porta a que chegaram era feita de madeira, mas continuaram a subir. Agora as paredes eram interrompidas por estreitas fendas para arqueiros, mas nenhuma brecha de luz do sol abria caminho através da espessura da pedra. Lá fora era noite.

Suas pernas doíam quando Sor Axell escancarou uma porta pesada e, com gestos, lhe indicou que passasse. Para lá da porta, uma ponte elevada de pedra fazia um arco sobre o vazio e levava à maciça torre central que tinha o nome de Tambor de Pedra. Um vento marítimo soprava incessantemente pelas arcadas que suportavam o telhado, e quando cruzou a ponte, Davos conseguiu sentir o cheiro da água salgada. Respirou fundo, enchendo os pulmões com o ar puro e frio. *Vento e água, deem-me forças*, orou. Uma enorme fogueira ardia no pátio lá embaixo, para manter afastados os terrores da escuridão, e os homens da rainha encontravam-se reunidos ao seu redor, cantando louvores ao seu novo deus vermelho.

Estavam no centro da ponte quando Sor Axell parou subitamente. Fez um gesto brusco com a mão, e seus homens afastaram-se para onde não pudessem ouvi-los.

– Se a escolha fosse minha, queimaria você com o meu irmão Alester – disse a Davos. – São ambos traidores.

– Diga o que quiser. Eu nunca trairia o Rei Stannis.

– Trairia. Trairá. Vejo em seu rosto. E também vi nas chamas. R'hllor abençoou-me com esse dom. Tal como à Senhora Melisandre, mostra-me o futuro no fogo. Stannis Baratheon *irá* sentar no Trono de Ferro. Eu vi. E sei o que tem de ser feito. Sua Graça precisa fazer de mim sua Mão, no lugar de meu irmão traidor. E você vai lhe dizer exatamente isso.

Ah, vou? Davos nada disse.

– A rainha pediu a minha nomeação – prosseguiu Sor Axell. – Até seu velho amigo de Lys, o pirata Saan, até ele diz o mesmo. Construímos juntos um plano, ele e eu. Mas Sua Graça não age. A derrota o corrói por dentro, um verme negro em sua alma. Cabe a nós, os que o amamos, mostrar-lhe o que fazer. Se é tão devotado à sua causa como diz, contrabandista, irá juntar sua voz à nossa. Diga-lhe

que eu sou a única Mão de que ele necessita. Diga-lhe e, quando zarparmos, vou me assegurar de que você tenha um novo navio.

Um navio. Davos estudou o rosto do outro. Sor Axell tinha grandes orelhas Florent, muito semelhantes às da rainha. Pelos ralos cresciam nelas, tal como nas narinas; mais pelos brotavam em tufos e manchas por baixo de seu queixo duplo. Seu nariz era largo e a testa, proeminente, os olhos eram juntos e hostis. *Ele antes me daria uma pira do que um navio, foi o que afirmou, mas se lhe fizer esse favor…*

– Se acha que pode me trair – disse Sor Axell –, rogo que se lembre de que sou castelão de Pedra do Dragão há muito tempo. A guarnição é minha. Talvez não possa queimá-lo sem o consentimento do rei, mas quem dirá que não poderia sofrer uma queda? – apoiou uma mão carnuda na parte de trás do pescoço de Davos e empurrou-o com força contra a balaustrada da ponte, que chegava à cintura, e depois empurrou com um pouco mais de força, para obrigar sua cabeça a projetar-se sobre o pátio. – Está me ouvindo?

– Estou – disse Davos. *E atreve-se a me chamar de traidor?*

Sor Axell largou-o.

– Ótimo. – Sorriu. – Sua Graça aguarda. É melhor não o fazermos esperar.

Bem no topo do Tambor de Pedra, dentro da grande sala redonda chamada Câmara da Mesa Pintada, foram encontrar Stannis Baratheon em pé, atrás do objeto que dava nome ao salão, uma maciça prancha de madeira esculpida e pintada com a forma de Westeros, tal como havia sido nos tempos de Aegon, o Conquistador. Um braseiro de ferro estava ao lado do rei, com as brasas brilhando num tom laranja avermelhado. Quatro janelas altas e pontiagudas olhavam para norte, sul, leste e oeste. Para além delas ficava a noite e o céu estrelado. Davos ouvia o vento em movimento e, mais baixos, os sons do mar.

– Vossa Graça – disse Sor Axell –, segundo as suas ordens, trouxe o Cavaleiro das Cebolas.

– Estou vendo que sim. – Stannis usava uma túnica de lã cinza, um manto vermelho-escuro e um cinto simples de couro negro, de onde pendiam a espada e o punhal. Uma coroa de ouro vermelho com pontas em forma de chama rodeava sua testa. Sua aparência foi um choque. Parecia dez anos mais velho do que o homem que Davos tinha deixado em Ponta Tempestade quando zarpou para a Água Negra e para a batalha que seria a ruína deles. A barba do rei, aparada rente, incluía vários pelos grisalhos, e ele tinha perdido quinze quilos ou mais. Nunca foi um homem carnudo, mas, agora, os ossos moviam-se sob a sua pele como lanças, lutando para atravessá-la. Até a coroa parecia grande demais para a sua cabeça. Os olhos eram poços azuis perdidos em profundas covas, e conseguia-se ver a forma do crânio sob o rosto.

Mas quando viu Davos, um tênue sorriso roçou seus lábios.

– Então o mar devolveu-me meu cavaleiro do peixe e das cebolas.

– Devolveu, Vossa Graça. – *Será que sabe que me tinha numa masmorra?* Davos ajoelhou-se.

– Levante-se, Sor Davos – ordenou Stannis. – Senti sua falta, sor. Tenho necessidade de bons conselhos, e você nunca me deu outra coisa. Portanto, diga-me a verdade: qual é a pena por traição?

A palavra pairou no ar. *Uma palavra medonha*, pensou Davos. Estaria sendo pedido a ele que condenasse o companheiro de cela? Ou talvez a si próprio? *Os reis conhecem melhor do que qualquer outro homem a pena por traição.*

– Traição? – conseguiu enfim dizer, em voz fraca.

– De que mais chamaria renegar o rei e tentar roubar o trono que é dele por direito? Volto a perguntar: qual é a pena por traição, segundo a lei?

Davos não tinha alternativa exceto responder.

– A morte – disse. – A pena é a morte, Vossa Graça.

– Sempre foi assim. Eu *não sou*... um homem cruel, Sor Davos. Conhece-me. Conhece-me há muito tempo. Este decreto não é meu. Sempre foi assim, desde os tempos de Aegon, e mesmo antes. Daemon Blackfyre, os irmãos Toyne, o Rei Abutre, o Grande Meistre Hareth... traidores sempre pagaram com a vida... até Rhaenyra Targaryen. Era filha de um rei e mãe de mais dois, e no entanto teve uma morte de traidora por tentar usurpar a coroa do irmão. É a lei. *Lei*, Davos. Não crueldade.

– Sim, Vossa Graça. – *Ele não fala de mim*. Davos sentiu um momento de compaixão por seu companheiro de cela, lá embaixo, no escuro. Sabia que deveria manter silêncio, mas estava cansado e doente até o âmago, e ouviu-se dizer: – Senhor, Lorde Florent não pretendeu trair.

– Os contrabandistas têm outro nome para o ato? Fiz dele Mão, e ele teria vendido meus direitos por uma tigela de creme de ervilhas. Até lhes teria dado Shireen. Minha única filha, que ele teria casado com um bastardo nascido do incesto. – A voz do rei estava carregada de fúria. – Meu irmão tinha um dom para inspirar lealdade. Até nos adversários. Em Solarestival ganhou três batalhas num só dia, e trouxe Lorde Grandison e Lorde Cafferen para Ponta Tempestade como prisioneiros. Pendurou seus estandartes como troféus no salão. Os corços brancos de Cafferen estavam manchados de sangue, e o leão adormecido de Grandison encontrava-se quase rasgado em dois. E, no entanto, eles passavam noites sentados por baixo desses estandartes, bebendo e festejando com Robert. Até os levou à caça. "Esses homens queriam entregá-lo a Aerys para ser queimado", eu disse-lhe depois de vê-los arremessando machados no pátio. "Não devia pôr machados em

suas mãos." Robert limitou-se a rir. Eu teria atirado Grandison e Cafferen numa masmorra, mas ele transformou-os em amigos. Lorde Cafferen morreu no Castelo de Vaufreixo, abatido por Randyll Tarly enquanto lutava *por* Robert. Lorde Grandison foi ferido no Tridente e morreu em decorrência disso um ano mais tarde. Meu irmão fez com que o amassem, mas, ao que parece, eu só inspiro traição. Até no meu próprio sangue e família. Irmão, avô, primos, tio da esposa...

– Vossa Graça – disse Sor Axell –, eu imploro, dê-me a oportunidade de lhe provar que nem todos os Florent são assim tão fracos.

– Sor Axell gostaria de me levar a retomar a guerra – disse o Rei Stannis a Davos. – Os Lannister acham que estou acabado e derrotado, e os senhores meus vassalos abandonaram-me, quase todos. Até Lorde Estermont, pai de minha própria mãe, dobrou o joelho a Joffrey. Os poucos homens leais que me restam vão perdendo o ânimo. Desperdiçam seus dias bebendo e jogando e lambem as feridas como vira-latas enxotados.

– A batalha voltará a incendiar seus corações, Vossa Graça – disse Sor Axell. – A derrota é uma doença, e a vitória é a cura.

– Vitória. – A boca do rei retorceu-se. – Há vitórias e vitórias, sor. Mas conte o seu plano a Sor Davos. Quero ouvir o que ele pensa do que você propõe.

Sor Axell virou-se para Davos, com uma expressão no rosto bem próxima à expressão que o orgulhoso Lorde Belgrave deve ter feito no dia em que o Rei Baelor, o Abençoado, lhe ordenou que lavasse os pés ulcerados do pedinte. Apesar disso, obedeceu.

O plano que Sor Axell concebera com Salladhor Saan era simples. A algumas horas de viagem de Pedra do Dragão estava a Ilha da Garra, sede marítima ancestral da Casa Celtigar. Lorde Ardrian Celtigar lutara sob o coração flamejante na Água Negra, mas, depois de capturado, não perdeu tempo até passar para o lado de Joffrey. Ainda permanecia em Porto Real.

– Com medo demais da fúria de Sua Graça para se aproximar de Pedra do Dragão, sem dúvida – declarou Sor Axell. – E sensatamente. O homem traiu seu legítimo rei.

Sor Axell propunha usar a frota de Salladhor Saan e os homens que escaparam da Água Negra – Stannis ainda tinha cerca de mil e quinhentos homens em Pedra do Dragão, mais de metade dos quais pertenciam aos Florent – a fim de exigir compensação pela deserção de Lorde Celtigar. A Ilha da Garra tinha uma guarnição leve, e dizia-se que o castelo estava recheado de tapetes de Myr, vidro volanteno, baixelas de ouro e prata, taças cravejadas de joias, magníficos falcões, um machado de aço valiriano, um berrante que era capaz de invocar monstros vindos das profundezas, baús de rubis, e mais vinho do que

um homem conseguiria beber em cem anos. Embora o Celtigar tivesse mostrado ao mundo um rosto avarento, nunca impusera limites ao seu próprio conforto.

– Sugiro que imponha a tocha ao seu castelo e a espada ao seu povo – concluiu Sor Axell. – Que deixe a Ilha da Garra numa desolação de cinzas e ossos, adequada apenas para gralhas pretas, para que o reino veja o destino que aguarda aqueles que se deitam na cama dos Lannister.

Stannis ouviu em silêncio a récita de Sor Axell, mexendo lentamente o maxilar de um lado para o outro. Quando terminou de ouvir, disse:

– Creio que pode ser realizado. O risco é pequeno. Joffrey não tem força no mar até que Lorde Redwyne zarpe da Árvore. O saque pode servir para manter leal esse pirata liseno do Salladhor Saan durante algum tempo. A Ilha da Garra em si não tem valor algum, mas sua queda pode servir de aviso ao Lorde Tywin que a minha causa ainda não está acabada. – O rei virou-se de novo para Davos. – Fale a verdade, sor. O que acha da proposta de Sor Axell?

Fale a verdade, sor. Davos lembrou-se da cela escura que dividira com Lorde Alester, lembrou-se de Lampreia e de Mingau. Pensou nas promessas que Sor Axell havia feito na ponte por cima do pátio. *Um navio ou um empurrão, o que será?* Mas aquele que perguntava era Stannis.

– Vossa Graça – disse lentamente –, acho uma loucura... sim, e uma covardia.

– *Covardia?* – Sor Axell quase gritou. – Ninguém me chama de covarde perante meu rei!

– Silêncio – ordenou Stannis. – Sor Davos, prossiga, quero ouvir suas razões.

Davos virou-se para encarar Sor Axell.

– Diz que devíamos mostrar ao reino que ainda não estamos acabados. Dar um golpe. Sim, fazer a guerra... mas com que inimigo? Não vai encontrar nenhum Lannister na Ilha da Garra.

– Encontraremos *traidores* – disse Sor Axell –, se bem que eu possa até encontrar alguns mais perto de casa. Até mesmo nesta sala.

Davos ignorou a provocação.

– Não duvido de que Lorde Celtigar tenha dobrado o joelho ao jovem Joffrey. É um homem velho e acabado, que nada mais deseja do que terminar seus dias no seu castelo, bebendo seu bom vinho de uma de suas taças cravejadas de joias. – Voltou-se novamente para Stannis. – E, no entanto, veio quando o chamou, senhor. Veio, com seus navios e suas espadas. Esteve ao seu lado em Ponta Tempestade quando Lorde Renly caiu sobre nós, e seus navios subiram a Água Negra. Seus homens lutaram pelo senhor, mataram pelo senhor, *arderam* pelo

senhor. A Ilha da Garra tem fracas defesas, sim. É defendida por mulheres, crianças e velhos. E por quê? Porque seus maridos, filhos e pais morreram na Água Negra, eis o porquê. Morreram nos remos, ou com espadas nas mãos, lutando sob as nossas bandeiras. E, no entanto, Sor Axell propõe que ataquemos as casas que eles deixaram para trás, que violemos suas viúvas e que submetamos seus filhos à espada. Essas pessoas não são traidoras...

– Mas *são* – insistiu Sor Axell. – Nem todos os homens de Celtigar foram mortos na Água Negra. Centenas foram capturados com o seu senhor e dobraram o joelho quando ele o fez.

– Quando ele o fez – repetiu Davos. – Eram seus homens. Estavam juramentados a ele. Que alternativa foi dada a eles?

– Todo homem tem alternativas. Podiam ter se recusado. Alguns se recusaram e morreram por isso. Mas morreram honestos e leais.

– Alguns homens são mais fortes do que outros. – Era uma resposta fraca, e Davos sabia disso. Stannis Baratheon era um homem com determinação de ferro, que nem compreendia nem perdoava a fraqueza nos outros. *Estou perdendo*, pensou, desesperando-se.

– É dever de todos os homens permanecerem leais ao seu legítimo rei, mesmo se o senhor que servem se revela falso – declarou Stannis num tom que não admitia discussões.

Um desvario desesperado dominou Davos, uma temeridade próxima da loucura.

– Tal como o senhor permaneceu leal ao Rei Aerys quando seu irmão convocou os vassalos? – deixou escapar.

Seguiu-se um pesado silêncio, até que Sor Axell gritou:

– Traição! – e desembainhou o punhal. – Vossa Graça, ele diz essa infâmia na sua cara!

Davos ouvia Stannis rangendo os dentes. Uma veia latejava, azul e inchada, na testa do rei. Os olhos dos dois encontraram-se.

– Guarde essa faca, Sor Axell. E deixe-nos.

– Se Vossa Graça desejar...

– Desejo que vá embora – disse Stannis. – Saia da minha presença e mande-me Melisandre.

– Às suas ordens. – Sor Axell voltou a embainhar a faca, fez uma reverência e apressou-se em direção à porta. Suas botas ressoavam contra o chão, furiosas.

– Sempre abusou de minha indulgência – preveniu-o Stannis quando ficaram sozinhos. – Posso encurtar sua língua tão facilmente como encurtei seus dedos, contrabandista.

– Eu pertenço ao senhor, Vossa Graça. Por isso a língua é sua, para fazer com ela o que quiser.

– Pois é – disse ele, mais calmo. – E eu quero que ela fale a verdade. Mesmo que a verdade às vezes tenha um gosto amargo.

Aerys? Se soubesse... essa foi uma escolha difícil. Meu sangue ou meu suserano. Meu irmão ou meu rei. – Fez uma careta. – Alguma vez viu o Trono de Ferro? As farpas no encosto, as fitas de aço retorcido, as pontas espetadas de espadas e facas, todas emaranhadas e derretidas? Não é um assento *confortável*, sor. Aerys cortava-se tantas vezes que os homens começaram a chamá-lo de Rei Crosta, e Maegor, o Cruel, foi assassinado nessa cadeira. *Por* essa cadeira, segundo a versão que alguns contam. Não é assento em que um homem possa descansar descontraído. Muitas vezes me pergunto por que será que meus irmãos o desejaram tão desesperadamente.

– Então por que é que o senhor o deseja? – perguntou-lhe Davos.

– Não é questão de desejo. O trono é meu, como herdeiro de Robert. Essa é a lei. Depois de mim, deve passar para a minha filha, a menos que Selyse finalmente me dê um filho. – Passou três dedos levemente pela mesa, sobre as camadas de verniz liso e duro, escurecido pela idade. – Eu *sou* rei. Os quereres não entram nisso. Tenho um dever para com a minha filha. Para com o reino. Até para com Robert. Ele gostava pouco de mim, eu sei, mas era meu irmão. A mulher Lannister pôs os chifres nele e fez dele um bobo vestido de xadrez. Até pode tê-lo assassinado, tal como assassinou Jon Arryn e Ned Stark. Para crimes assim tem de haver justiça. Começando por Cersei e suas abominações. Mas só para começar. Pretendo esfregar aquela corte até ficar limpa. Como Robert devia ter feito, depois do Tridente. Sor Barristan disse-me uma vez que a podridão no reinado do Rei Aerys começou com Varys. O eunuco nunca devia ter sido perdoado. Tal como o Regicida. No mínimo, Robert devia ter arrancado de Jaime o manto branco e enviado o homem para a Muralha, como Lorde Stark lhe pediu. Em vez disso, deu ouvidos a Jon Arryn. Eu ainda estava em Ponta Tempestade, sob cerco e sem ser consultado. – Virou-se abruptamente, para lançar a Davos um olhar duro e astuto. – E agora a verdade. Por que quis assassinar a Senhora Melisandre?

Então ele sabe. Davos não podia mentir.

– Quatro de meus filhos arderam na Água Negra. Ela entregou-os às chamas.

– Está sendo injusto com Melisandre. Aqueles incêndios não foram obra dela. Amaldiçoe o Duende, amaldiçoe os piromantes, amaldiçoe aquele idiota do Florent que avançou com a minha frota para dentro das mandíbulas de uma armadilha. Ou amaldiçoe-me por meu orgulho obstinado, por mandá-la embora quando mais precisava dela. Mas Melisandre não. Ela continua sendo minha fiel servidora.

– Meistre Cressen era seu fiel servidor. Ela matou-o, tal como matou Sor Cortnay Penrose e seu irmão Renly.

– Agora soa como um tolo – protestou o rei. – Ela *viu* o fim de

Renly nas chamas, sim, mas não desempenhou nele um papel maior do que eu. A sacerdotisa estava na minha companhia. Seu Devan poderá confirmar. Pergunte a ele, se duvida de mim. Ela teria poupado Renly se tivesse podido. Foi Melisandre quem me pediu para me encontrar com ele e lhe dar uma última chance de reparar sua traição. E foi Melisandre quem me disse para mandar buscar você quando Sor Axell quis entregá-lo a R'hllor. – Deu um fino sorriso. – Isso o surpreende?

– Sim. Melisandre sabe que não sou amigo dela ou de seu deus vermelho.

– Mas é meu amigo. Ela também sabe disso. – Fez sinal para que Davos se aproximasse. – O garoto está doente. Meistre Pylos tem andado sangrando-o.

– O garoto? – os pensamentos de Davos rumaram ao seu Devan, o escudeiro do rei. – Meu filho, senhor?

– Devan? Bom garoto. Tem nele muito de você. É o bastardo de Robert que está doente, o garoto que encontramos em Ponta Tempestade.

Edric Storm.

– Falei com ele no Jardim de Aegon.

– Tal como ela quis. Tal como ela viu. – Stannis suspirou. – O garoto encantou-o? Tem esse dom. Tirou isso do pai, com o sangue. Sabe que é filho de um rei, mas prefere esquecer que é ilegítimo. E adora Robert, tal como Renly adorava quando era novo. O meu real irmão se fazia de pai amigo durante as suas visitas a Ponta Tempestade, e havia presentes... espadas, pôneis e mantos forrados de peles. Trabalho do eunuco, todos eles. O garoto escrevia para a Fortaleza Vermelha, cheio de agradecimentos, e Robert ria e perguntava a Varys o que tinha enviado naquele ano. Renly não era melhor. Deixou a educação do garoto a castelões e meistres, e todos eles caíram vítimas de seu encanto. Penrose preferiu morrer a entregá-lo. – O rei rangeu os dentes. – Isso ainda me enfurece. Como ele pôde pensar que eu iria fazer mal ao garoto? Escolhi Robert, não escolhi? Quando esse duro dia chegou. Escolhi o sangue em detrimento da honra.

Ele não usa o nome do garoto. Isso deixou Davos muito desconfortável.

– Espero que o jovem Edric se recupere rapidamente.

Stannis sacudiu uma mão, colocando de lado a sua preocupação.

– É um resfriado, nada mais. Ele tosse, tem arrepios e febre. Em breve, Meistre Pylos irá deixá-lo bom. Em si mesmo, o garoto não é nada, entende? Mas nas veias dele corre o sangue de meu irmão. Há poder no sangue de um rei, diz ela.

Davos não teve de perguntar quem *ela* era.

Stannis tocou a Mesa Pintada.

– Olhe-o, Cavaleiro das Cebolas. Meu reino de direito. Meu Westeros. – Passou uma mão pelo mapa. – Essa conversa de Sete Reinos é uma loucura. Aegon compreendeu isso há trezentos anos, quando estava onde nos encontramos agora. Pintaram esta mesa por ordem dele. Pintaram rios e baías, colinas e montanhas, castelos, cidades e vilas francas, lagos, pântanos e florestas... mas nenhuma fronteira. *É tudo um só*. Um reino, para que um rei o governe sozinho.

– Um rei – concordou Davos. – Um rei significa a paz.

– Eu trarei justiça a Westeros. Algo que Sor Axell compreende tão mal quanto compreende a guerra. A Ilha da Garra não me traria nada... e seria uma coisa maligna, como você disse. Celtigar tem de pagar o preço da traição pessoalmente. E quando eu subir ao trono, pagará. Cada homem colherá o que semeou, do mais alto dos senhores ao mais baixo rato de sarjeta. E alguns perderão mais do que as pontas dos dedos, garanto. Fizeram o meu reino sangrar, e não me esqueço disso. – O Rei Stannis afastou-se da mesa. – De joelhos, Cavaleiro das Cebolas.

– Vossa Graça?

– Pelas cebolas e pelo peixe, fiz-lhe um dia cavaleiro. Por isso, estou decidido a fazê-lo senhor.

Isso? Davos não entendia.

– Sinto-me satisfeito por ser seu cavaleiro, Vossa Graça. Não saberia como começar a ser senhorial.

– Ótimo. Ser senhorial é ser falso. Aprendi duramente essa lição. Agora, *ajoelhe-se*. É o seu rei que o ordena.

Davos ajoelhou-se e Stannis puxou a espada. Melisandre chamara-a de *Luminífera*; a espada vermelha dos heróis, arrancada dos fogos onde os sete deuses eram consumidos. A sala pareceu ficar mais luminosa quando a lâmina saiu de dentro da bainha. O aço possuía brilho; ora laranja, ora amarelo, ora vermelho. O ar tremeluzia em volta dela, e nenhuma joia algum dia cintilou tão vivamente. Mas quando Stannis tocou com ela no ombro de Davos, este não a sentiu diferente de qualquer outra espada.

– Sor Davos da Casa Seaworth – disse o rei –, é meu verdadeiro e honesto vassalo, agora e para sempre?

– Sou, Vossa Graça.

– E jura servir-me com lealdade todos os seus dias, dar-me conselhos honestos e obediência rápida, defender os meus direitos e o meu reino contra todos os adversários, em grandes e pequenas batalhas, proteger o meu povo e punir os inimigos?

– Sim, Vossa Graça.

– Então volte a levantar-se, Davos Seaworth, e levante-se como Senhor da Mata de Chuva, Almirante do Mar Estreito e Mão do Rei.

Por um momento, Davos ficou atordoado demais para se mexer. *Hoje de manhã acordei em sua masmorra.*

– Vossa Graça, não pode... eu não sou o homem certo para ser Mão do Rei.

– Não há homem mais certo. – Stannis embainhou Luminífera, ofereceu a mão a Davos e ajudou-o a se levantar.

– Sou de baixo nascimento – recordou-lhe. – Um contrabandista elevado a nobre. Seus senhores nunca me obedecerão.

– Então arranjaremos novos senhores.

– Mas... eu não sei ler... nem escrever.

– Meistre Pylos pode ler por você. Quanto a escrever, meu último Mão escreveu tanto que sua cabeça saiu de cima de seus ombros. Tudo que lhe peço é aquilo que sempre me deu. Honestidade. Lealdade. Serviço.

– Certamente haverá alguém melhor... algum grande senhor...

Stannis fungou.

– Bar Emmon, aquele rapaz? Meu avô sem fé? Celtigar abandonou-me, o novo Velaryon tem seis anos, e o novo Sunglass zarpou para Volantis depois de eu queimar seu irmão. – Fez um gesto irritado. – Restam alguns bons homens, é verdade. Sor Gilbert Farring ainda controla Ponta Tempestade em meu nome, com duzentos homens leais. Lorde Morrigen, o Bastardo de Nocticantiga, o jovem Chyttering, meu primo Andrew... mas não confio em nenhum deles como confio em você, senhor da Mata de Chuva. Será minha Mão. É o senhor que eu quero ao meu lado para a batalha.

Outra batalha será o fim de todos nós, pensou Davos. *Lorde Alester viu isso com bastante clareza.*

– Vossa Graça pediu conselhos honestos. Então honestamente... faltam-nos as forças para outra batalha contra os Lannister.

– Sua Graça está falando da grande batalha – disse uma voz de mulher, enriquecida com o sotaque do leste. Melisandre encontrava-se junto à porta, vestida com suas sedas vermelhas e seus cintilantes cetins, com um prato de prata tampado nas mãos. – Essas guerrinhas não são mais do que uma briga de crianças diante daquilo que está por vir. Aquele cujo nome não pode ser proferido está reunindo o seu poder, Davos Seaworth, um poder impiedoso, maligno e poderoso para lá de todas as medidas. Em breve chegará o frio, e a noite que nunca termina. – Apoiou o prato de prata na Mesa Pintada. – A não ser que homens verdadeiros encontrem a coragem de lutar contra ele. Homens cujo coração seja fogo.

Stannis fitou o prato de prata.

– Ela mostrou-me, Lorde Davos. Nas chamas.

– Viu isso, senhor? – mentir sobre uma coisa dessas não seria algo que Stannis Baratheon faria.

– Com meus próprios olhos. Depois da batalha, quando estava perdido em desespero, a Senhora Melisandre pediu-me para fitar o fogo da lareira. A chaminé puxava o ar com força, e pedacinhos de cinzas erguiam-se do fogo. Eu fitei-os, sentindo-me um pouco tolo, mas ela me pediu para olhar mais fundo, e... as cinzas eram brancas, erguendo-se na corrente ascendente de ar, mas de repente era como se estivessem caindo. *Neve*, pensei. Então as fagulhas no ar pareceram formar um círculo, para se transformarem em um anel de archotes, e eu estava olhando *através* do fogo para um monte alto qualquer numa floresta. As brasas tinham se transformado em homens de negro atrás dos archotes, e havia silhuetas em movimento através da neve. Apesar de todo o calor do fogo, senti um frio tão terrível que me arrepiei, e quando isso aconteceu, a visão desapareceu, e o fogo era de novo apenas um fogo. Mas o que vi foi real, apostaria nisso o meu reino.

– E foi o que fez – disse Melisandre.

A convicção na voz do rei assustou Davos profundamente.

– Um monte numa floresta... silhuetas na neve... eu não...

– Significa que a batalha começou – disse Melisandre. – A areia corre agora mais depressa pela ampulheta, e o tempo do homem sobre a terra está quase no fim. Temos de agir com ousadia, senão toda a esperança estará perdida. Westeros tem de se unir sob seu único rei verdadeiro, o príncipe que foi prometido, Senhor de Pedra do Dragão e escolhido de R'hllor.

– Então R'hllor faz estranhas escolhas. – O rei fez uma careta, como quem saboreia algo desagradável. – Por que eu e não meus irmãos? Renly e seu pêssego. Em meus sonhos, vejo o sumo escorrendo da boca dele, e o sangue da garganta. Se tivesse cumprido seu dever para com o irmão, teríamos esmagado Lorde Tywin. Uma vitória de que até Robert poderia se orgulhar. Robert... – Seus dentes rangeram, de um lado para o outro. – Ele também aparece em meus sonhos. Rindo. Bebendo. Vangloriando-se. Eram as coisas que ele fazia melhor. Isso, e lutar. Nunca o venci em nada. O Senhor da Luz devia ter feito de Robert o seu campeão. Por que eu?

– Porque é um homem reto – disse Melisandre.

– Um homem reto. – Stannis tocou com um dedo a bandeja de prata tampada. – Com sanguessugas.

– Sim – falou Melisandre –, mas tenho de lhe dizer de novo, esta não é a maneira certa.

– Jurou que daria certo. – O rei parecia zangado.

– Dará... e não dará.

– Ou uma coisa ou a outra.

– Ambas.

– Fale com sentido comigo, mulher.

– Quando os fogos falarem mais claramente, o mesmo farei eu. Há

verdade nas chamas, mas nem sempre é fácil ver. – O grande rubi em sua garganta bebia fogo do clarão do braseiro. – Dê-me o garoto, Vossa Graça. É a maneira mais segura. A melhor maneira. Dê-me o garoto e acordarei o dragão de pedra.

– Já lhe disse que não.

– Ele é apenas um garoto ilegítimo, contra todos os garotos de Westeros e todas as garotas também. Contra todas as crianças que podem nunca chegar a nascer, em todos os reinos do mundo.

– O garoto é inocente.

– O garoto conspurcou sua cama nupcial e, se assim não fosse, certamente teria filhos seus. Ele envergonhou-o.

– Quem fez isso foi *Robert*. Não o garoto. Minha filha tornou-se amiga dele. E ele é do meu próprio sangue.

– É do sangue de seu irmão – disse Melisandre. – Do sangue de um rei. Só o sangue de um rei pode acordar o dragão de pedra.

Stannis rangeu os dentes.

– Não quero ouvir mais nada sobre isso. Os dragões acabaram-se. Os Targaryen tentaram trazê-los de volta meia dúzia de vezes. E fizeram papel de bobos, ou de cadáveres. Cara-Malhada é o único bobo de que precisamos neste rochedo esquecido por deus. Você tem as sanguessugas. Faça o seu trabalho.

Melisandre inclinou rigidamente a cabeça e disse:

– Às ordens de meu rei. – Enfiou a mão direita na manga esquerda e atirou um punhado de pó dentro do braseiro. Os carvões rugiram. Enquanto chamas pálidas se contorciam por cima deles, a mulher vermelha pegou o prato de prata e levou-o ao rei. Davos viu-a levantar a tampa. Por baixo dela encontravam-se três grandes sanguessugas negras, inchadas com sangue.

O sangue do garoto, soube Davos. *Sangue de um rei*.

Stannis estendeu uma mão, e seus dedos fecharam-se em volta de uma das sanguessugas.

– Diga o nome – ordenou Melisandre.

A sanguessuga retorcia-se na mão do rei, tentando se prender a um de seus dedos.

– O usurpador – disse ele. – Joffrey Baratheon. – Quando atirou a sanguessuga no fogo, ela enrolou-se entre os carvões como uma folha de outono e incendiou-se.

Stannis agarrou a segunda.

– O usurpador – declarou, dessa vez mais alto. – Balon Greyjoy. – Deu-lhe um piparote ligeiro para dentro do braseiro, e o corpo do animal abriu-se e crepitou. O sangue jorrou de seu interior, silvando e fumegando.

A última sanguessuga estava na mão do rei. Estudou aquela por um momento, enquanto se contorcia entre seus dedos.

– O usurpador – disse por fim. – Robb Stark. – E atirou-a para as chamas.

Jaime

A casa de banhos de Harrenhal era uma sala sombria, repleta de vapor e com teto baixo, cheia de grandes banheiras de pedra. Quando fizeram Jaime entrar, foram encontrar Brienne sentada numa delas, esfregando o braço quase furiosamente.

– Com menos força, garota – gritou ele. – Assim faz sair a pele. – Ela deixou cair a escova e cobriu os peitos com mãos tão grandes quanto as de Gregor Clegane. Os pequenos botões pontiagudos que estava tão decidida a esconder teriam parecido mais naturais em qualquer garotinha de dez anos do que em seu peito amplo e musculoso.

– O que está fazendo aqui? – exigiu saber.

– Lorde Bolton insiste que eu jante com ele, mas esqueceu de convidar as minhas pulgas. – Jaime puxou o guarda com a mão esquerda. – Ajude-me a tirar estes farrapos fedorentos. – Com apenas uma mão nem sequer era capaz de desatar os calções. O homem obedeceu de má vontade, mas obedeceu. – Agora deixe-nos – disse Jaime quando sua roupa já jazia numa pilha no chão úmido de pedra. – A Senhora de Tarth não quer ralé como você olhando de boca aberta para os peitos dela. – Apontou com o coto para a mulher com rosto de machadinha que prestava assistência a Brienne. – Você também. Espere lá fora. Só há essa porta, e a garota é grande demais para tentar subir por uma chaminé.

O hábito de obediência estava profundamente entranhado. A mulher seguiu o guarda para fora, deixando a casa de banhos para os dois. As banheiras tinham tamanho suficiente para seis ou sete pessoas, à moda das Cidades Livres, e Jaime entrou na da moça, desajeitado e lento. Tinha ambos os olhos abertos, embora o direito ainda estivesse um pouco inchado, apesar das sanguessugas de Qyburn. Jaime sentia-se com cento e nove anos, o que era bastante melhor do que se sentia quando tinha chegado a Harrenhal.

Brienne encolheu-se para longe dele.

– Há outras banheiras.

– Esta está bastante boa para mim. – Imergiu-se na água fumegante, com cautela, até o queixo. – Não tenha medo, garota. Suas coxas estão roxas e verdes e não estou interessado no que tem entre elas. – Teve de apoiar o braço direito na borda da banheira, pois Qyburn prevenira-o para manter o linho seco. Conseguia sentir a tensão desaparecendo de suas pernas, mas a cabeça começou a girar. – Se eu desmaiar, puxe-me para fora. Nunca nenhum Lannister se afogou no banho, e não pretendo ser o primeiro.

– Por que me importaria se morresse?

– Prestou um voto solene. – Sorriu quando um rubor subiu pela grossa coluna branca que era o pescoço da garota. Ela virou as costas para ele. – Continua se fazendo de donzela recatada? O que é que você acha que eu ainda não vi? – procurou às apalpadelas a escova que ela tinha deixado cair, encontrou-a com os dedos e começou a se esfregar sem método. Até isso era difícil e incômodo. *Minha mão esquerda não presta para nada.*

Apesar de tudo, a água escureceu à medida que a sujeira incrustada que tinha na pele foi se dissolvendo. A garota manteve as costas voltadas para ele, com os músculos de seus grandes ombros corcovados e duros.

– Ver o meu coto aflige-a assim tanto? – perguntou Jaime. – Deveria estar satisfeita. Perdi a mão com que matei o rei. A mão que atirou o pequeno Stark daquela torre. A mão que enfiava entre as coxas de minha irmã para deixá-la molhada. – Pôs o coto diante do rosto dela. – Não admira que Renly tenha morrido, com você a guardá-lo.

Brienne ficou em pé de um salto, como se Jaime tivesse batido nela, fazendo com que uma onda de água quente percorresse a banheira. Jaime obteve um vislumbre do espesso matagal louro que a garota tinha entre as coxas quando ela saiu da banheira. Era muito mais peluda do que sua irmã. Absurdamente, sentiu o pau se agitar dentro da água. *Agora sei que estou há tempo demais longe de Cersei*. Desviou os olhos, perturbado pela resposta de seu corpo.

– Isso foi indigno – murmurou. – Fui estropiado e estou amargo. Perdoe-me, garota. Protegeu-me tão bem quanto qualquer homem poderia proteger, e melhor do que a maioria.

Ela enrolou sua nudez numa toalha.

– Está zombando de mim?

Aquilo voltou a enfurecê-lo.

– Terá uma cabeça tão dura como a muralha de um castelo? Isso foi um pedido de desculpas. Estou farto de lutar com você. O que diz de fazermos uma trégua?

– As tréguas constroem-se com base na confiança. Quer que eu confie...

– No Regicida, sim. O perjuro que assassinou o pobrezinho do Aerys Targaryen. – Jaime fungou. – Não é de Aerys que me arrependo, é de Robert. "Ouvi dizer que chamam você de Regicida", disse-me no banquete de sua coroação. "Que não pense em fazer disso um hábito." E riu. Por que é que ninguém chama Robert de perjuro? Ele despedaçou o reino, e no entanto *eu* é que tenho merda no lugar da honra.

– Robert fez o que fez por amor. – A água escorria pelas pernas de Brienne e formava uma poça sob seus pés.

– Robert fez o que fez por orgulho, uma boceta e um rosto bonito. – Fechou a mão em punho... ou teria fechado, se tivesse mão. A dor atravessou seu braço, cruel como uma gargalhada.

– Ele foi à guerra para salvar o reino – insistiu ela.

Para salvar o reino.

– Sabia que meu irmão incendiou a Torrente da Água Negra? O fogovivo arde na água. Aerys teria tomado banho nele se tivesse se atrevido. Todos os Targaryen eram loucos por fogo. – Jaime sentia-se entontecido. *Será por causa do calor que faz aqui, do veneno que tenho no coração, dos restos da febre? Não sou eu mesmo*. Recostou-se até que a água chegou na altura de seu queixo. – Sujei o meu manto branco... nesse dia usava a armadura dourada, mas...

– Armadura dourada? – a voz dela soava distante, tênue.

Jaime flutuava no calor, na memória.

– Depois que grifos dançantes perdeu a Batalha dos Sinos, Aerys exilou-o. – *Por que estou dizendo isso a esta criança absurdamente feia?* – Tinha finalmente compreendido que Robert não era um mero senhor fora da lei que pudesse ser esmagado ao seu bel-prazer, mas sim a maior ameaça que a Casa Targaryen havia enfrentado desde Daemon Blackfyre. O rei rudemente lembrou Lewyn Martell de que tinha Elia em seu poder e ordenou-lhe que fosse comandar os dez mil dorneses que subiam a estrada do rei. Jon Darry e Barristan Selmy cavalgaram para o Septo de Pedra a fim de reunirem todos os homens dos grifos que conseguissem, e o Príncipe Rhaegar retornou do sul e persuadiu o pai a engolir o orgulho e mandar chamar meu pai. Mas nenhum corvo voltou de Rochedo Casterly, e isso deixou o rei ainda mais assustado. Via traidores em todo lugar, e Varys estava sempre lá para apontar algum que ele pudesse ter deixado escapar. Assim, Sua Graça ordenou que seus alquimistas escondessem reservas de fogovivo por todo Porto Real. Sob o Septo de Baelor e os casebres da Baixada das Pulgas, por baixo de estábulos e armazéns, em todos os sete portões, até mesmo nos porões da própria Fortaleza Vermelha.

"Tudo foi feito no maior segredo por um punhado de mestres piromantes. Nem sequer confiaram em seus próprios acólitos para ajudar. Os olhos da rainha já estavam fechados havia anos, e Rhaegar andava ocupado organizando um exército. Mas o novo ocupante do cargo de Mão de Aerys, o da maça e punhal, não era inteiramente burro, e com Rossart, Belis e Garigus entrando e saindo noite e dia, começou a desconfiar. Chelsted, era esse o nome dele, Lorde Chelsted. "O nome veio-lhe de súbito à memória, com o contar da história." Eu julgava o homem covarde, mas no dia em que confrontou Aerys encontrou coragem em algum lugar. Fez tudo que pôde para dissuadi-lo. Argumentou, gracejou, ameaçou e por fim implorou. Quando isso falhou, tirou a corrente do cargo e jogou-a no chão. Por causa disso,

Aerys queimou-o vivo, e pendurou a corrente no pescoço de Rossart, seu piromante preferido. O homem que cozinhara Lorde Rickard Stark em sua própria armadura. E, durante todo esse tempo, eu fiquei em pé com a minha armadura branca, na base do Trono de Ferro, imóvel como um cadáver, guardando o meu suserano e todos os seus queridos segredos.

"Todos os meus irmãos juramentados estavam longe, compreende? Mas Aerys gostava de me manter por perto. Eu era filho do meu pai, por isso não confiava em mim. Queria-me onde Varys pudesse me vigiar, de dia e de noite. Portanto, ouvi tudo. "Recordou como os olhos de Rossart costumavam brilhar quando desenrolava seus mapas para mostrar onde a *substância* devia ser colocada. Garigus e Belis eram iguais." Rhaegar defrontou Robert no Tridente, e já sabe o que aconteceu aí. Quando a notícia chegou à corte, Aerys enviou a rainha para Pedra do Dragão com o Príncipe Viserys. A Princesa Elia também queria ir, mas ele proibiu-a. De algum modo, tinha se convencido de que o Príncipe Lewyn devia ter traído Rhaegar no Tridente, mas achava que podia manter Dorne leal desde que mantivesse Elia e Aegon junto a si. 'Os traidores querem a minha cidade', ouvi-o dizer a Rossart, 'mas não lhes darei nada a não ser cinzas. Que Robert seja rei de ossos carbonizados e carne esturricada'. Os Targaryen nunca enterram seus mortos, queimam-nos. Aerys queria ter a maior pira funerária de todas. Se bem que, a bem da verdade, não creio que ele realmente esperasse morrer. Tal como Aerion Chama-Viva, antes dele, Aerys acreditava que o fogo o transformaria... que se ergueria novamente, renascido como dragão, e transformaria todos os inimigos em cinzas.

"Ned Stark corria para o sul com a vanguarda de Robert, mas as forças de meu pai chegaram primeiro à cidade. Pycelle convenceu o rei de que seu Guardião do Oeste viera defendê-lo, por isso mandou abrir os portões. A única vez em que *devia* ter dado ouvidos a Varys, ignorou-o. Meu pai mantivera-se afastado da guerra, remoendo todas as desfeitas que Aerys tinha feito a ele e determinado a ver a Casa Lannister do lado dos vencedores. O Tridente decidiu-o.

"Coube a mim defender a Fortaleza Vermelha, mas eu sabia que estávamos perdidos. Mandei uma mensagem a Aerys, pedindo sua autorização para combinar uma rendição. Meu homem regressou com uma ordem régia. 'Traga-me a cabeça de seu pai, se não for um traidor.' Aerys não se renderia. Meu mensageiro disse-me que Lorde Rossart se encontrava com ele. Eu sabia o que *isso* queria dizer.

"Quando encontrei Rossart, ele estava vestido como um homem de armas comum e caminhava apressado na direção de uma porta falsa. Foi quem matei primeiro. E depois matei Aerys, antes que ele pudesse encontrar mais alguém que levasse sua mensagem aos

piromantes. Dias mais tarde, cacei os outros e matei-os também. Belis ofereceu-me ouro, e Garigus chorou por misericórdia. Bem, uma espada é mais misericordiosa do que o fogo, mas não me parece que Garigus tenha gostado muito da bondade que lhe fiz."

A água tinha esfriado. Quando Jaime abriu os olhos, deu por si fitando o coto da sua mão da espada. *A mão que fez de mim Regicida*. O bode privara-o da glória e da vergonha, tudo ao mesmo tempo. *Deixando o quê? Quem sou eu agora?*

A garota tinha um aspecto ridículo, apertando a toalha aos seus pobres peitos, com as grossas pernas brancas saindo por baixo.

– Minha história deixou-a sem fala? Vá lá, amaldiçoe-me, beije-me ou chame-me de mentiroso. *Qualquer coisa.*

– Se isso é verdade, por que é que ninguém sabe?

– Os cavaleiros da Guarda Real juram guardar os segredos do rei. Queria que quebrasse o juramento? – Jaime soltou uma gargalhada. – Acha que o nobre Senhor de Winterfell queria ouvir as minhas débeis explicações? Um homem tão *honroso*. Bastou olhar para mim para me julgar culpado. – Jaime pôs-se em pé, com a água escorrendo fria por seu peito. – Com que direito o lobo julga o leão? *Com que direito*? – um violento arrepio dominou-o, e bateu com o coto contra a borda da banheira quando tentava sair dela.

A dor trespassou-o... e de repente a casa de banhos estava girando. Brienne apanhou-o antes de ele cair. O braço dela estava todo arrepiado, úmido e gelado, mas a garota era forte, e mais gentil do que ele julgara. *Mais gentil do que Cersei*, pensou enquanto ela o ajudava a sair da banheira, com pernas bambas como um pau mole.

– *Guardas!* – ouviu a garota gritar. – O Regicida!

Jaime, pensou ele, *meu nome é Jaime.*

Quando acordou, jazia no chão úmido com os guardas, a moça e Qyburn em pé à sua volta, com expressões preocupadas no rosto. Brienne estava nua, mas no momento parecia ter se esquecido do fato.

– O calor das banheiras é capaz disso – Meistre Qyburn estava lhes dizendo. *Não, ele não é um meistre, tiraram seu colar*. – E também ainda há veneno em seu sangue, e está malnutrido. O que lhe têm dado para comer?

– Vermes, mijo e vômito cinzento – informou Jaime.

– Pão duro, água e mingau de aveia – insistiu o guarda. – Mas ele quase não come. O que devemos fazer com ele?

– Esfreguem-no, vistam-no e carreguem-no até a Pira do Rei, se for preciso – disse Qyburn. – Lorde Bolton insiste em jantar com ele esta noite. Começamos a ficar sem tempo.

– Tragam roupas limpas para ele – disse Brienne –, vou me certificar de que se lave e se vista.

Os outros ficaram mais do que satisfeitos por ceder a tarefa à

garota. Puseram-no de pé e sentaram-no num banco de pedra junto da parede. Brienne afastou-se para recuperar a toalha, e voltou com uma escova rija para acabar de esfregá-lo. Um dos guardas deu-lhe uma navalha para aparar a barba de Jaime. Qyburn retornou com roupas de baixo de tecido grosseiro, uns calções limpos de lã negra, uma túnica larga e verde, e um gibão de couro amarrado na frente. Jaime já se sentia menos tonto a essa altura, embora igualmente desajeitado. Com a ajuda da garota conseguiu se vestir.

– Agora só preciso de um espelho de prata.

Meistre Sangrento também trouxera roupa lavada para Brienne; um vestido de cetim cor-de-rosa manchado e uma túnica de linho.

– Lamento, senhora. Estes são os únicos trajes de mulher que temos em Harrenhal grandes o suficiente para você.

Tornou-se evidente de imediato que o vestido fora cortado para alguém com braços mais esbeltos, pernas mais curtas e seios muito mais cheios. A fina renda de Myr pouco fazia para ocultar os hematomas que manchavam a pele de Brienne. Juntando tudo, o vestido fazia a garota parecer ridícula. *Ela tem ombros mais largos do que os meus e um pescoço maior*, pensou Jaime. *Pouco admira que prefira vestir cota de malha*. E o rosa também não era cor que a favorecesse. Uma dúzia de piadas cruéis vieram-lhe à cabeça, mas, por uma vez, manteve-as lá dentro. Era melhor não irritá-la; Jaime não tinha chance contra ela, com uma mão apenas.

Qyburn também tinha trazido um frasco.

– O que é isso? – perguntou Jaime quando o meistre sem colar insistiu para que bebesse.

– Alcaçuz macerado em vinagre, com mel e cravo. Vai dar alguma força e limpar a sua cabeça.

– Traga-me a poção que faz nascer novas mãos – disse Jaime. – É essa que eu desejo.

– Beba – disse Brienne, sem sorrir, e ele bebeu.

Passou-se meia hora até que se sentisse suficientemente forte para ficar em pé. Depois do calor sombrio e úmido da casa de banhos, o ar lá fora foi como um tapa na cara.

– A esta hora, o senhor deve andar à procura dele – disse um guarda a Qyburn. – E dela também. Tenho de carregá-lo?

– Ainda consigo andar. Brienne, dê-me o braço.

Agarrando-se a ela, Jaime permitiu que o pastoreassem através do pátio e para o interior de um grande salão cheio de correntes de ar, que era maior até do que a sala do trono em Porto Real. Enormes lareiras abriam-se nas paredes, uma a cada três metros, mais ou menos, em maior número do que ele era capaz de contar, mas nenhum fogo fora aceso, e o frio entre as paredes chegava aos ossos. Uma dúzia de lanceiros com manto de peles guardava as portas e os

degraus que levavam às duas galerias superiores. E, no centro daquele imenso vazio, em uma mesa de montar rodeada por aquilo que parecia ser acres de assoalho liso de ardósia, o Senhor do Forte do Pavor aguardava, servido apenas por um copeiro.

– Senhor – disse Brienne, quando se aproximaram dele.

Os olhos de Roose Bolton eram mais claros do que pedra, mais escuros do que leite, e sua voz tinha a suavidade das aranhas.

– Agrada-me vê-lo suficientemente forte para me fazer companhia, sor. Senhora, sente-se. – Fez um gesto para o queijo, o pão, as carnes frias e as frutas que cobriam a mesa. – Preferem branco ou tinto? Receio que sejam de uma colheita banal. Sor Amory deixou a adega da Senhora Whent quase seca.

– Confio que o tenha mandado matar por isso. – Jaime deslizou rapidamente para a cadeira que lhe foi oferecida, de modo que Bolton não pudesse ver quão fraco se encontrava. – Branco é para os Stark. Bebo do tinto, como um bom Lannister.

– Eu preferiria água – disse Brienne.

– Elmar, o tinto para Sor Jaime, água para a Senhora Brienne e hipocraz para mim. – Bolton sacudiu uma mão na direção da escolta, mandando-a embora, e os homens se retiraram em silêncio.

O hábito levou Jaime a estender a mão direita para o vinho. O coto fez a taça balançar, salpicando de vermelho vivo suas ataduras de linho limpas e forçando-o a pegar a taça com a mão esquerda antes que ela caísse, mas Bolton fingiu não notar sua falta de jeito. O nortenho serviu-se de uma ameixa seca e comeu-a com pequenas e rápidas dentadas.

– Experimente estas ameixas, Sor Jaime. São extremamente doces, e também ajudam as tripas a trabalhar. Lorde Vargo tirou-as de uma estalagem antes de incendiá-la.

– Minhas tripas trabalham bem, o bode não é lorde nenhum, e suas ameixas não me despertam nem metade do interesse que sinto por suas intenções.

– A seu respeito? – um leve sorriso tocou os lábios de Roose Bolton. – É um troféu perigoso, sor. Semeia a discórdia onde quer que vá. Até aqui, em minha feliz casa de Harrenhal. – Sua voz era um milímetro acima de um murmúrio. – E em Correrrio também, ao que parece. Sabe que Edmure Tully ofereceu mil dragões de ouro por sua recaptura?

Só isso?

– Minha irmã pagará dez vezes esse valor.

– Ah, sim? – de novo aquele sorriso, exibido por um instante, desaparecido no seguinte. – Dez mil dragões é uma soma formidável. Claro, deve-se também considerar a oferta de Lorde Karstark. Ele promete a mão da filha dele ao homem que lhe trouxer sua cabeça.

– Só mesmo seu bode para entender isso ao contrário – disse Jaime.

Bolton soltou um suave risinho.

– Harrion Karstark era cativo aqui quando tomamos o castelo, sabia? Dei-lhe todos os homens de Karhold que ainda tinha comigo e mandei-o com Glover. Espero que nada de mal lhe aconteça em Valdocaso... caso contrário, Alys Karstark será tudo que resta da descendência de Lorde Rickard. – Escolheu outra ameixa seca. – Felizmente para você não preciso de uma esposa. Casei com a Senhora Walda Frey enquanto estava nas Gêmeas.

– A Bela Walda? – desajeitadamente, Jaime tentou segurar o pão com o coto enquanto o partia com a mão esquerda.

– A Walda Gorda. O senhor de Frey ofereceu-me o peso de minha noiva em prata como dote, portanto fiz a escolha apropriada. Elmar, parta um pouco de pão para Sor Jaime.

O rapaz arrancou um bocado do tamanho de um punho de uma das extremidades do pão e entregou-o a Jaime. Brienne partiu seu próprio pão.

– Lorde Bolton – perguntou a garota –, dizem que pretende entregar Harrenhal a Vargo Hoat.

– Foi esse o seu preço – disse Lorde Bolton. – Os Lannister não são os únicos que pagam as suas dívidas. Em todo o caso, tenho de me retirar em breve. Edmure Tully deverá se casar com a Senhora Roslin Frey nas Gêmeas, e meu rei ordena-me que esteja presente.

– *Edmure* vai se casar? – perguntou Jaime. – Não é Robb Stark?

– Sua Graça o Rei Robb já se casou. – Bolton cuspiu um caroço de ameixa na mão e deixou-o de lado. – Com uma Westerling do Despenhadeiro. Foi-me dito que o nome dela é Jeyne. Sem dúvida a conhece, sor. O pai dela é vassalo do seu.

– Meu pai tem bastantes vassalos, e a maioria deles tem filhas. – Jaime tateou só com uma mão em busca da taça, tentando se recordar daquela Jeyne. Os Westerling eram uma casa antiga, com mais orgulho do que poder.

– Isso não pode ser verdade – disse teimosamente Brienne. – O Rei Robb jurou se casar com uma Frey. Ele nunca quebraria a promessa, ele...

– Sua Graça é um rapaz de dezesseis anos – disse brandamente Roose Bolton. – E eu agradeceria se não questionasse a minha palavra, senhora.

Jaime quase sentiu pena de Robb Stark. *Ele ganhou a guerra no campo de batalha e perdeu-a numa cama, pobre tolo.*

– Lorde Walder aprecia jantar truta em vez de lobo? – perguntou.

– Oh, truta dá um jantar saboroso. – Bolton levantou um dedo pálido para o copeiro. – Embora meu pobre Elmar tenha sido posto de

lado. Ele deveria se casar com Arya Stark, mas meu sogro Frey não teve escolha exceto quebrar o noivado, quando o Rei Robb o traiu.

– Há alguma notícia de Arya Stark? – Brienne inclinou-se para a frente. – A Senhora Catelyn temeu que... a garota ainda está viva?

– Oh, sim – disse o Senhor do Forte do Pavor.

– Tem conhecimento seguro desse fato, senhor?

Roose Bolton encolheu os ombros.

– Arya Stark andou perdida durante algum tempo, é verdade, mas agora foi encontrada. Pretendo enviá-la de volta ao Norte em segurança.

– Tanto ela quanto a irmã – disse Brienne. – Tyrion Lannister prometeu-nos ambas as garotas em troca do irmão.

Aquilo pareceu divertir o Senhor do Forte do Pavor.

– Minha senhora, ninguém lhe disse? Os Lannister mentem.

– Isso é uma desfeita à honra de minha Casa? – Jaime pegou a faca do queijo com a mão boa. – Uma ponta redonda, e pouco afiada – disse, deslizando o polegar pelo gume da lâmina –, mas entrará em seu olho mesmo assim. – O suor cobriu sua testa de gotículas. Só podia esperar que não parecesse tão fraco quanto se sentia.

O pequeno sorriso de Lorde Bolton fez outra visita aos seus lábios.

– Fala com ousadia, para um homem que precisa de ajuda para partir o pão. Recordo-lhe de que meus guardas se encontram em toda a nossa volta.

– Em toda a nossa volta e a meia légua de distância. – Jaime lançou um olhar de relance ao longo do vasto comprimento do salão. – Quando chegarem até nós, estará tão morto como Aerys.

– É pouco cavalheiresco lançar ameaças ao seu anfitrião por cima de seus próprios queijos e azeitonas – disse o Senhor do Forte do Pavor, em tom de reprimenda. – No Norte ainda temos como sagradas as leis da hospitalidade.

– Eu aqui sou um prisioneiro, não um hóspede. Seu bode cortou minha mão. Se acha que um punhado de ameixas secas fará com que me esqueça disso, está muito enganado.

Aquilo surpreendeu Roose Bolton.

– Talvez esteja. Talvez deva fazer de você um presente de casamento para Edmure Tully... ou cortar sua cabeça, como sua irmã fez a Eddard Stark.

– Não aconselharia isso. Rochedo Casterly tem boa memória.

– Há mil léguas de montanha, mar e pântano entre as minhas muralhas e o seu rochedo. A inimizade dos Lannister pouco significa para um Bolton.

– A amizade dos Lannister poderia significar muito. – Jaime julgava conhecer o jogo que agora jogavam. *Mas será que a garota também o conhece?* Não se atreveu a olhar para ver.

– Não estou certo de que sejam o tipo de amigos que um homem sensato quereria. – Roose Bolton fez um gesto para chamar o garoto. – Elmar, corte uma fatia de assado para os nossos convidados.

Brienne foi servida primeiro, mas não fez qualquer movimento para comer.

– Senhor – disse –, Sor Jaime deve ser trocado pelas filhas da Senhora Catelyn. Deve nos libertar para prosseguirmos o nosso caminho.

– O corvo que chegou de Correrrio falou de uma fuga, não de uma troca. E se ajudou este prisioneiro a escapar de suas correntes, é culpada de traição, senhora.

A grande moça pôs-se em pé.

– Eu sirvo a Senhora Stark.

– E eu sirvo o Rei no Norte. Ou o Rei que Perdeu o Norte, como alguns o chamam agora. O qual nunca desejou negociar Sor Jaime com os Lannister.

– Sente-se e coma, Brienne – exortou Jaime, enquanto Elmar colocava uma fatia de assado à sua frente, escura e sangrando. – Se Bolton pretendesse nos matar, não estaria desperdiçando suas preciosas ameixas conosco, colocando suas tripas em tamanho perigo. – Fitou a carne e compreendeu que não tinha como cortá-la só com uma mão. *Agora valho menos do que uma menina*, pensou. *O bode equilibrou a troca, embora eu duvide que a Senhora Catelyn lhe agradeça quando Cersei lhe devolver as cachorrinhas em igual estado*. A ideia levou Jaime a fazer uma careta. *Também arcarei com a culpa por isso, aposto.*

Roose Bolton cortou metodicamente sua carne, fazendo o sangue escorrer pelo prato.

– Senhora Brienne, vai se sentar se lhe disser que espero deixar Sor Jaime prosseguir viagem, tal como você e a Senhora Stark desejam?

– Eu... o senhor nos deixaria prosseguir? – a garota soava cautelosa, mas sentou-se. – Isso é bom, senhor.

– É. No entanto, Lorde Vargo criou-me uma pequena... dificuldade. – Virou os olhos claros para Jaime. – Sabe por que motivo Hoat cortou sua mão?

– Ele gosta de cortar mãos. – O linho que cobria o coto de Jaime estava salpicado de sangue e vinho. – Também gosta de cortar pés. Não parece precisar de um motivo.

– No entanto, tinha um. Hoat é mais astuto do que parece. Nenhum homem comanda por muito tempo uma companhia como os Bravos Companheiros, a menos que tenha alguns miolos. – Bolton apunhalou um bocado de carne com a ponta de seu punhal, colocou-o na boca, mastigou pensativamente, engoliu. – Lorde Vargo abandonou a Casa Lannister porque eu lhe ofereci Harrenhal, uma recompensa

mil vezes maior do que qualquer uma que pudesse esperar obter de Lorde Tywin. Sendo estranho a Westeros, ele não sabia que o prêmio estava envenenado.

– A maldição de Harren, o Negro? – zombou Jaime.

– A maldição de Tywin Lannister. – Bolton estendeu a taça e Elmar voltou a enchê-la em silêncio. – O nosso bode devia ter consultado os Tarbeck ou os Reyne. Eles talvez o tivessem prevenido de como o senhor seu pai lida com a traição.

– Não há nenhum Tarbeck ou Reyne – disse Jaime.

– É exatamente aí que eu quero chegar. Não há dúvida de que Lorde Vargo esperava que Lorde Stannis triunfasse em Porto Real, e então confirmasse a sua posse deste castelo como forma de gratidão pelo pequeno papel que ele desempenhou na queda da Casa Lannister. – Soltou um risinho seco. – Temo que ele também saiba pouco sobre Stannis Baratheon. Este podia ter-lhe dado Harrenhal pelos serviços prestados, mas teria dado também um nó corrediço por seus crimes.

– Um nó corrediço é mais simpático do que aquilo que receberá de meu pai.

– A essa altura, ele já chegou à mesma conclusão. Com Stannis derrotado e Renly morto, só uma vitória Stark pode salvá-lo da vingança de Lorde Tywin, mas as chances de isso acontecer estão ficando perigosamente escassas.

– O Rei Robb ganhou todas as batalhas – disse Brienne em tom resoluto, tão obstinadamente leal de discurso como era de atos.

– Ganhou todas as batalhas enquanto perdia os Frey, os Karstark, Winterfell e o Norte. É uma pena que o lobo seja tão novo. Os rapazes de dezesseis anos pensam sempre que são imortais e invencíveis. Um homem mais velho dobraria o joelho, penso eu. Após uma guerra há sempre uma paz, e com a paz há perdões... para gente como Robb Stark, pelo menos. Não para homens como Vargo Hoat. – Bolton dirigiu a Jaime um pequeno sorriso. – Ambos os lados o usaram, mas nenhum derramará uma lágrima com a sua morte. Os Bravos Companheiros não lutaram na Batalha da Água Negra, mas morreram lá mesmo assim.

– Vai me perdoar se não fizer luto?

– Não tem piedade de nosso desgraçado e condenado bode? Ah, mas os deuses devem ter... caso contrário, por que teriam colocado *você* nas mãos dele? – Bolton mastigou outro pedaço de carne. – Karhold é menor e pior do que Harrenhal, mas fica bem fora de alcance das garras do leão. Depois de se casar com Alys Karstark, Hoat pode se tornar um verdadeiro senhor. Se conseguisse arrecadar algum ouro de seu pai, melhor ainda, mas entregaria o sor ao Lorde Rickard, não importa a quantia que Lorde Tyrion pagasse. Seu preço seria a donzela e um refúgio seguro.

"Mas para vendê-lo tem de mantê-lo em sua posse, e as terras fluviais estão cheias de homens que de bom grado o raptariam. Glover e Tallhart foram derrotados em Valdocaso, mas restos de sua tropa ainda andam por aí, com a Montanha a massacrar os que ficam para trás. Mil Karstarks percorrem as terras a sul e a leste de Correrrio, à sua caça. Em outros pontos, há homens de Darry deixados sem senhor e sem lei, matilhas de lobos de quatro patas, e os bandos de foras da lei do senhor do relâmpago. Dondarrion de bom grado enforcaria você e o bode na mesma árvore. – O Senhor do Forte do Pavor ensopou um pedaço de pão no sangue. – Harrenhal era o único lugar onde Lorde Vargo poderia ter esperança de mantê-lo a salvo, mas aqui os seus Bravos Companheiros estão em grande desvantagem numérica em relação aos meus homens, e a Sor Aenys e seus Frey. Ele sem dúvida temia que eu o devolvesse a Sor Edmure em Correrrio... ou pior, que o deixasse seguir caminho para junto de seu pai.

"Ao mutilá-lo, pretendeu remover a ameaça de sua espada, arranjar uma lembrança macabra para enviar ao seu pai e diminuir o valor que teria para mim. Pois ele é homem meu, tal como eu sou um homem do Rei Robb. Portanto, o crime dele é meu, ou pode assim parecer aos olhos de seu pai. E aí reside a minha... pequena dificuldade. – Fitou Jaime, sem pestanejar, com os olhos claros, expectante, gelado.

Estou vendo.

– Quer que o absolva de culpa. Que diga ao meu pai que este coto não é obra sua. – Jaime soltou uma gargalhada. – Senhor, mande-me para Cersei, e eu cantarei uma canção tão doce quanto quiser sobre a gentil forma como me tratou. – Sabia que qualquer outra resposta significava que Bolton voltaria a entregá-lo ao bode. – Se eu tivesse uma mão, escreveria. Como fui mutilado pelo mercenário que meu próprio pai trouxe para Westeros, e resgatado pelo nobre Lorde Bolton.

– Confiarei na sua palavra, sor.

Eis algo que não ouço com frequência.

– Quando nos será permitido que partamos? E como planeja fazer que eu passe por todos esses lobos, salteadores e Karstark?

– Partirá quando Qyburn disser que está suficientemente forte, com uma forte escolta de homens selecionados e sob o comando de meu capitão, Walton. Chamam-no de Pernas de Aço. Um soldado de férrea lealdade. Walton vai entregá-lo a salvo e inteiro em Porto Real.

– Desde que as filhas da Senhora Catelyn também sejam entregues a salvo e inteiras – disse a garota. – Senhor, a proteção desse seu Walton é bem-vinda, mas as meninas estão a *meu* cargo.

O Senhor do Forte do Pavor deu-lhe um relance de olhos desinteressado.

– Já não tem de se preocupar com as meninas, senhora. A Senhora Sansa é esposa do anão, só os deuses podem separá-los agora.

– A esposa dele? – disse Brienne, espantada. – Do Duende? Mas... ele jurou, perante a corte inteira, à vista dos deuses e dos homens...

Ela é tão inocente. Jaime estava quase tão surpreso quanto a garota, mas escondia melhor. *Sansa Stark, isso deve ter posto um sorriso na cara de Tyrion*. Lembrou-se de como o irmão fora feliz com a pequena filha do caseiro... durante uma quinzena.

– O que o Duende jurou ou deixou de jurar pouco importa agora – disse Lorde Bolton. – Principalmente a você. – A garota pareceu quase machucada. Talvez tenha finalmente sentido as mandíbulas de aço da armadilha quando Roose Bolton fez sinal aos guardas. – Sor Jaime prosseguirá até Porto Real. Receio que eu não tenha dito nada a seu respeito. Seria pouco escrupuloso de minha parte privar Lorde Vargo de ambos os seus troféus. – O Senhor do Forte do Pavor estendeu a mão para outra ameixa. – Se fosse você, senhora, iria me preocupar menos com os Stark e bastante mais com safiras.

Tyrion

Um cavalo relinchou impacientemente atrás dele, entre as fileiras de homens de manto dourado formadas na estrada. Tyrion ouvia também Lorde Gyles tossir. Não tinha pedido a presença de Gyles, tal como não solicitara as de Sor Addam, Jalabhar Xho ou qualquer um dos demais, mas o senhor seu pai achou que Doran Martell talvez não gostasse se apenas um anão viesse escoltá-lo na travessia do Água Negra.

O próprio Joffrey devia ter vindo ao encontro dos dorneses, refletiu enquanto esperava, *mas ele estragaria tudo, sem dúvida*. Nos últimos tempos, o rei andava repetindo piadinhas sobre os dorneses que tinha ouvido dos homens de armas de Mace Tyrell. *Quantos dorneses são necessários para pôr a ferradura em um cavalo? Nove. Um para prender a ferradura e oito para levantar o cavalo*. Por algum motivo, parecia a Tyrion que Doran Martell não acharia aquilo divertido.

Viu os estandartes esvoaçando quando os cavaleiros emergiram da verde floresta viva numa longa coluna poeirenta. Dali até o rio, só restavam árvores nuas e enegrecidas, um legado de sua batalha. *Estandartes demais*, pensou amargamente, enquanto observava as cinzas que eram levantadas pelos cascos dos cavalos que se aproximavam, tal como tinham sido erguidas pelos cascos da vanguarda Tyrell antes de ela esmagar Stannis pelo flanco. *Aparentemente, Martell trouxe metade dos senhores de Dorne*. Tentou pensar em algum bem que pudesse advir disso, mas não conseguiu.

– Conta quantos estandartes? – perguntou a Bronn.

O cavaleiro mercenário pôs a mão acima dos olhos para tapar o sol.

– Oito... não, nove.

Tyrion virou-se na sela.

– Pod, venha aqui. Descreva as armas que vê e diga-me que casas representam.

Podrick Payne aproximou-se em seu castrado. Transportava o estandarte real, o grande veado e leão de Joffrey, e lutava com o seu peso. Bronn levava o estandarte de Tyrion, o leão de Lannister em ouro sobre carmesim.

Ele está ficando mais alto, percebeu Tyrion quando Pod ficou em pé sobre os estribos para ver melhor. *Em breve vai fazer sombra em mim como todos os outros*. O garoto andara fazendo um estudo diligente da heráldica de Dorne, por ordem de Tyrion, mas estava nervoso, como sempre.

– Não consigo ver. O vento está agitando os estandartes.

– Bronn, diga ao garoto o que vê.

Bronn parecia muito cavaleiro naquele dia, com gibão e manto novos, e o colar flamejante sobre o peito.

– Um sol vermelho em fundo laranja – anunciou – com uma lança espetada na parte de trás.

– Martell – disse imediatamente Podrick Payne, visivelmente aliviado. – A Casa Martell de Lançassolar, senhor. O Príncipe de Dorne.

– Até meu cavalo saberia essa – disse secamente Tyrion. – Mande outra, Bronn.

– Há uma bandeira púrpura com bolas amarelas.

– Limões? – perguntou Pod em tom esperançoso. – Um fundo púrpura coberto de limões? Da Casa Dalt? De... de Limoeiros.

– Pode ser. A próxima é um grande pássaro preto sobre fundo amarelo. Com qualquer coisa rosa ou branca nas garras, é difícil saber o que, com a bandeira tremulando.

– O abutre de Blackmont segura um bebê nas garras – disse Pod. – A Casa Blackmont de Monpreto, sor.

Bronn soltou uma gargalhada.

– Outra vez lendo livros? Os livros vão arruinar seu olho da espada, garoto. Também vejo um crânio. Um estandarte preto.

– O crânio coroado da Casa Manwoody, osso e ouro sobre negro. – Pod soava mais confiante a cada resposta correta. – Os Manwoody de Tumbarreal.

– Três aranhas pretas?

– São escorpiões, sor. Casa Qorgyle de Arenito, três escorpiões negros sobre vermelho.

– Vermelho e amarelo, com uma linha em zigue-zague entre eles.

– As chamas de Toca do Inferno. Casa Uller.

Tyrion estava impressionado. *O rapaz não é nada burro, depois de desatada a língua.*

– Continue, Pod – instou. – Se acertar todos, lhe darei um presente.

– Uma rodela com fatias vermelhas e pretas – disse Bronn. – Há uma mão dourada no centro.

– A Casa Allyrion de Graçadivina.

– Uma galinha vermelha comendo uma cobra, parece.

– Os Gargalen de Costa do Sal. Um basilisco. Sor. Perdão. Não é galinha. Vermelho, com uma serpente negra no bico.

– Muito bem! – exclamou Tyrion. – Mais um, garoto.

Bronn examinou as fileiras de dorneses que se aproximavam.

– O último é uma pena dourada sobre xadrez verde.

– Jordayne da Penha.

Tyrion soltou uma gargalhada.

– Nove, e muito bem. Eu mesmo não teria conseguido identificar

a todos. – Aquilo era uma mentira, mas daria ao rapaz certo orgulho, e isso era algo de que ele precisava desesperadamente.

O Martell traz alguns formidáveis companheiros, ao que parece. Nenhuma das casas que Pod havia identificado era pequena ou insignificante. Nove dos maiores senhores de Dorne subiam a estrada do rei, eles ou seus herdeiros, e de algum modo não parecia a Tyrion que tivessem percorrido toda aquela distância só para ver o urso dançarino. Havia ali uma mensagem. *E não é uma mensagem que me agrada*. Perguntou a si mesmo se teria sido um erro enviar Myrcella para Lançassolar.

– Senhor – disse Pod, com uma certa timidez –, não há nenhuma liteira.

Tyrion virou vivamente a cabeça. O rapaz tinha razão.

– Doran Martell viaja sempre numa liteira – disse o garoto. – Uma liteira entalhada, com cortinas de seda e sóis nos panos.

Tyrion tinha ouvido dizer o mesmo. O Príncipe Doran tinha já mais de cinquenta anos e sofria de gota. *Ele pode ter desejado fazer um tempo melhor*, disse a si mesmo. *Pode ter temido que sua liteira constituísse um alvo tentador demais para bandoleiros, ou que se revelasse incômoda demais nas passagens de altitude do Caminho do Espinhaço. Talvez esteja melhor da gota.*

Então por que tinha um pressentimento tão ruim a respeito daquilo?

Aquela espera era intolerável.

– Estandartes, em frente – exclamou. – Vamos ao encontro deles. – Esporeou o cavalo. Bronn e Pod seguiram-no, um de cada lado. Quando os dorneses viram que eles se puseram em movimento, esporearam as próprias montarias, fazendo ondular os estandartes ao avançar. De suas ornamentadas selas pendiam os escudos redondos de metal que preferiam, e muitos traziam feixes de curtas lanças de arremesso, ou os arcos dorneses de dupla curvatura que sabiam usar tão bem de cima dos cavalos.

Havia três tipos de dorneses, observara o primeiro Rei Daeron. Havia os dorneses salgados, que viviam ao longo das costas, os dorneses arenosos dos desertos e longos vales fluviais e os dorneses pedregosos, que construíam suas fortalezas nos passos e nas alturas das Montanhas Vermelhas. Os dorneses salgados eram os que tinham mais sangue de Roine e os pedregosos, os que menos tinham.

Os três tipos pareciam bem representados na comitiva de Doran. Os dorneses salgados eram ágeis e escuros, com uma pele lisa cor de azeitona e longos cabelos negros tremulando ao vento. Os dorneses arenosos eram ainda mais escuros, com o rosto bronzeado pelo quente sol de Dorne até tomar um tom pardo-escuro. Enrolavam longos lenços de cores claras em volta dos elmos, para se protegerem da

insolação. Os dorneses pedregosos eram maiores e mais claros, filhos dos ândalos e dos primeiros homens, de cabelos castanhos ou louros, com um rosto que ganhava sardas ou queimava ao sol em vez de se bronzear.

Os senhores usavam vestes de seda e cetim, com cintos cravejados de joias e mangas soltas. Suas armaduras eram fortemente esmaltadas e possuíam relevos de cobre polido, prata cintilante e suave ouro vermelho. Vinham montados em cavalos vermelhos e dourados e alguns brancos como a neve, todos eles esguios e ligeiros, com pescoço longo e cabeça estreita e bela. Os legendários corcéis de areia de Dorne eram menores do que cavalos de guerra propriamente ditos e não aguentavam todo o peso das armaduras que estes costumavam usar, mas dizia-se que eram capazes de correr durante um dia, uma noite e o dia seguinte sem nunca se cansar.

O líder dornês vinha montado num garanhão negro como o pecado, com crina e cauda da cor do fogo. Sentava-se na sela como se ali tivesse nascido, alto, esguio, gracioso. Um manto de seda vermelho-clara flutuava preso aos seus ombros, e sua camisa era couraçada com fileiras sobrepostas de discos de cobre, que cintilavam como um milhar de moedas recém-cunhadas quando ele se movia. Seu grande elmo dourado exibia um sol de cobre na testa, e o escudo redondo pendurado atrás dele trazia o sol e a lança da Casa Martell em sua superfície de metal polido.

Um sol Martell, mas dez anos novo demais, pensou Tyrion ao puxar as rédeas do cavalo, *e também em muito boa forma, e muito mais feroz do que deveria*. A essa altura, já sabia com o que tinha de lidar. *Quantos dorneses são necessários para começar uma guerra?*, perguntou a si mesmo. *Só um*. E, no entanto, não tinha outra alternativa.

– Prazer, senhores. Recebemos notícias de sua chegada, e Sua Graça, o Rei Joffrey, pediu-me para vir ao seu encontro, a fim de lhes dar as boas-vindas em seu nome. O senhor meu pai, a Mão do Rei, manda igualmente as suas saudações. – Fingiu uma confusão amigável. – Qual dos senhores é o Príncipe Doran?

– A saúde de meu irmão exige que permaneça em Lançassolar. – O príncipe infante tirou o elmo. Por baixo, seu rosto era marcado e sombrio, com finas sobrancelhas arqueadas sobre olhos grandes, tão negros e brilhantes como lagoas de betume. Só alguns fios de prata manchavam o lustroso cabelo negro que se afastava de sua testa, formando, ao centro, um bico tão marcado quanto seu nariz. *Um dornês salgado, com toda a certeza*. – O Príncipe Doran enviou-me para ocupar o lugar dele no conselho do Rei Joffrey, se Sua Graça desejar.

– Sua Graça ficará muito honrada por ter o conselho de um guerreiro de tanto renome como o Príncipe Oberyn de Dorne – disse Tyrion, ao mesmo tempo que pensava: *Isso vai significar sangue nas*

sarjetas. – E os seus nobres companheiros também são muito bem-vindos.

– Permita-me que os apresente, senhor de Lannister. Sor Deziel Dalt, de Limoeiros. Lorde Tremond Gargalen. Lorde Harmen Uller e seu irmão, Sor Ulwyck. Sor Ryon Allyrion e seu filho natural, Sor Daemon Sand, o Bastardo de Graçadivina. Lorde Dagos Manwoody, seu irmão, Sor Myles, seus filhos Mors e Dickon. Sor Arron Qorgyle. E não poderia deixar de mencionar as senhoras. Myria Jordayne, herdeira da Penha. Senhora Larra Blackmont, sua filha Jynessa, e o filho Perros. – Ergueu uma mão esguia para uma mulher de cabelos negros que se encontrava na retaguarda, fazendo-lhe sinal para que se aproximasse. – E esta é Ellaria Sand, minha amante.

Tyrion engoliu um gemido. *Sua amante, e bastarda. Cersei vai ter um chilique daqueles se ele a quiser no casamento*. Se atribuísse à mulher um lugar em algum canto escuro afastado dos nobres, a irmã iria se arriscar a despertar a fúria do Víbora Vermelha. Sentá-la ao lado dele faria com que todas as outras mulheres no estrado se ofendessem. *O Príncipe Doran tinha a intenção de provocar um quiproquó?*

O Príncipe Oberyn virou o cavalo para trás, para defrontar os outros dorneses.

– Ellaria, senhores e senhoras, sores, vejam como o Rei Joffrey gosta de nós. Sua Graça teve a bondade de enviar o próprio tio Duende para nos levar à sua corte.

Bronn respondeu com um resfolego de risada, e Tyrion foi obrigado a também fingir divertimento.

– Não sozinho, senhores. Isso seria uma tarefa gigantesca demais para um homem pequeno como eu. – A essa altura, sua comitiva já tinha se aproximado, por isso foi sua vez de enumerar os nomes. – Permitam-me que lhes apresente Sor Flement Brax, herdeiro de Valcorno. Lorde Gyles de Rosby. Sor Addam Marbrand, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade. Jalabhar Xho, Príncipe do Vale da Flor Vermelha. Sor Harys Swyft, sogro de meu tio Kevan. Sor Merlon Crakehall. Sor Philip Foote e Sor Bronn da Água Negra, dois heróis de nossa recente batalha contra o rebelde Stannis Baratheon. E meu escudeiro, o jovem Podrick da Casa Payne. – Os nomes iam ressoando bem à medida que Tyrion os desenrolava, mas aqueles que os possuíam não eram um grupo nem de longe tão distinto e formidável quanto aquele que acompanhava o Príncipe Oberyn, como ambos sabiam perfeitamente.

– Senhor de Lannister – disse a Senhora Blackmont –, percorremos um caminho longo e poeirento, e um pouco de descanso seria muito bem-vindo, para restaurarmos as forças. Podemos prosseguir para a cidade?

– Imediatamente, senhora. – Tyrion virou a cabeça do cavalo e

chamou por Sor Addam Marbrand. Os homens de manto dourado que constituíam a maior parte de sua guarda de honra manobraram vivamente os cavalos à ordem de Sor Addam, e a coluna dirigiu-se para o rio e para Porto Real.

Oberyn Nymeros Martell, resmungou Tyrion, em surdina, enquanto se punha ao lado do homem. *A Víbora Vermelha de Dorne. E o que, com os sete infernos, esperam que eu faça com ele?*

Conhecia o homem apenas de reputação, certamente... mas a reputação era assustadora. Quando mal tinha dezesseis anos, o Príncipe Oberyn fora encontrado na cama com a amante do velho Lorde Yronwood, um homem enorme, de feroz reputação e gênio tempestuoso. Seguiu-se um duelo, embora, em vista da juventude e do elevado nascimento do príncipe, fosse apenas até o primeiro sangue. Ambos os homens receberam golpes, e a honra foi satisfeita. Mas o Príncipe Oberyn recuperou-se rapidamente, ao passo que os ferimentos de Lorde Yronwood gangrenaram e o levaram à morte. Depois de seu falecimento, os homens começaram a murmurar que Oberyn lutara com uma espada envenenada, e daí em diante tanto os amigos como os adversários passaram a chamá-lo de Víbora Vermelha.

Isso havia acontecido muitos anos antes, com certeza. O rapaz de dezesseis anos era agora um homem com mais de quarenta e sua lenda tornara-se mais sombria. Tinha viajado pelas Cidades Livres, onde aprendeu a arte dos venenos, e talvez artes ainda mais negras, caso se acreditasse nos rumores. Estudou na Cidadela, chegando até a forjar seis elos de uma corrente de meistre antes de se aborrecer. Serviu como soldado nas Terras Disputadas, do outro lado do mar estreito, acompanhando os Segundos Filhos durante algum tempo antes de formar a própria companhia. Seus torneios, suas batalhas, seus duelos, seus cavalos, sua luxúria... dizia-se que dormia tanto com homens quanto com mulheres e que tinha gerado bastardas por todo o Dorne. Os homens chamavam suas filhas de *serpentes de areia*. Até onde Tyrion sabia, o Príncipe Oberyn nunca fora pai de um filho.

E, claro, tinha mutilado o herdeiro de Jardim de Cima.

Não há homem nos Sete Reinos que seja menos bem-vindo a um casamento Tyrell, pensou Tyrion. Mandar o Príncipe Oberyn para Porto Real enquanto a cidade ainda abrigava Lorde Mace Tyrell, dois de seus filhos e milhares de seus homens de armas era uma provocação tão perigosa quanto o próprio Príncipe Oberyn. *Uma palavra errada, um gracejo feito num momento inoportuno, um olhar serão o suficiente, e nossos nobres aliados vão se lançar às gargantas uns dos outros.*

– Já nos encontramos uma vez – disse o príncipe dornês a Tyrion, com ligeireza, enquanto cavalgavam lado a lado pela estrada do rei, passando por campos de cinzas e esqueletos de árvores. – Mas não espero que se lembre. Era ainda menor do que é agora.

Na voz do homem, havia uma aresta de zombaria que desagradava a Tyrion, mas não ia permitir que o dornês o provocasse.

– Quando aconteceu isso, senhor? – perguntou, num tom de interesse educado.

– Oh, há muitos e muitos anos, quando minha mãe governava em Dorne e o senhor seu pai era Mão de um rei diferente.

Não tão diferente quanto possa pensar, refletiu Tyrion.

– Foi quando visitei Rochedo Casterly com a minha mãe, o seu consorte e a minha irmã Elia. Tinha, oh, catorze, quinze anos, por aí, e Elia era um ano mais velha. O seu irmão e sua irmã tinham oito ou nove anos, se bem me lembro, e você havia acabado de nascer.

Estranha hora para uma visita. A mãe havia morrido no parto, então os Martell teriam encontrado Rochedo Casterly profundamente mergulhado em luto. Especialmente o pai. Lorde Tywin raras vezes mencionava a mulher, mas Tyrion ouviu os tios falarem do amor que havia entre eles. Naqueles tempos, o pai era Mão de Aerys, e muitos diziam que Lorde Tywin Lannister governava os Sete Reinos, mas a Senhora Joanna governava Lorde Tywin.

– Ele não era o mesmo homem depois que ela morreu, Duende – disse-lhe um dia o tio Gery. – A melhor parte dele morreu com ela. – Gerion era o mais novo dos quatro filhos de Lorde Tytos Lannister, e o tio de que Tyrion mais gostava.

Mas agora estava desaparecido, perdido além dos mares, e o próprio Tyrion tinha levado a Senhora Joanna para a sepultura.

– Achou Rochedo Casterly do seu agrado, senhor?

– Pouco. O seu pai ignorou-nos todo o tempo que lá estivemos, depois de ordenar a Sor Kevan que tratasse de nos entreter. A cela que me deram tinha uma cama de penas e tapetes de Myr no chão, mas era escura e não tinha janelas, muito semelhante a uma masmorra se você parar para pensar, tal como eu disse a Elia na época. Seus céus eram cinzentos demais, seus vinhos, doces demais, suas mulheres, castas demais, sua comida, insípida demais... e você foi o maior desapontamento de todos.

– Tinha acabado de nascer. O que esperava de mim?

– Enormidade – respondeu o príncipe de cabelo negro. – Era pequeno mas afamado. Estávamos em Vilavelha quando de seu nascimento, e a cidade só falava do monstro que tinha nascido da Mão do Rei, e de como aquilo podia ser um mau presságio para o reino.

– Fome, peste e guerra, sem dúvida. – Tyrion deu um sorriso amargo. – É sempre fome, peste e guerra. Ah, e o inverno, e a longa noite que nunca termina.

– Tudo isso – disse o Príncipe Oberyn – e também a queda de seu pai. Ouvi um irmão mendicante pregar que Lorde Tywin se tornara maior do que o Rei Aerys, mas só um deus deve estar acima de um rei.

Você seria a sua maldição, uma punição enviada pelos deuses para lhe ensinar que não era melhor do que qualquer outro homem.

– Eu tento, mas ele recusa-se a aprender. – Tyrion soltou um suspiro. – Prossiga, por favor. Adoro uma boa história.

– E é natural, pois a história que se contava de você era que tinha um rabo, duro e recurvado como o de um porco. A sua cabeça era monstruosamente grande, segundo ouvimos dizer, com vez e meia o tamanho do seu corpo, e havia nascido com densos cabelos pretos e também com barba, um olho maligno e garras de leão. Seus dentes eram tão longos que não podia fechar a boca, e entre as pernas encontravam-se as partes privadas de uma menina, assim como as de um menino.

– A vida seria muito mais simples se os homens pudessem se foder a si mesmos, não acha? E eu consigo me lembrar de algumas ocasiões em que garras e dentes poderiam ter se revelado úteis. Mesmo assim, começo a ver a natureza de sua queixa.

Bronn soltou uma risadinha, mas Oberyn apenas sorriu.

– Podíamos nem tê-lo visto, se não fosse a sua querida irmã. Você nunca aparecia à mesa ou nos salões, se bem que às vezes, à noite, ouvíssemos um bebê berrando nas profundezas do Rochedo. Tinha uma voz monstruosamente alta, isso garanto. Chorava durante horas, e nada o sossegava a não ser uma teta de mulher.

– Continua a ser assim, curiosamente.

Dessa vez o Príncipe Oberyn riu.

– É um gosto que partilhamos. Lorde Gargalen disse-me uma vez que esperava morrer com uma espada na mão, ao que eu respondi que preferiria partir com um seio na minha.

Tyrion teve de sorrir.

– Falava de minha irmã?

– Cersei prometeu a Elia que iria mostrá-lo a nós. Na véspera do dia em que devíamos zarpar, enquanto minha mãe e seu pai estavam fechados, juntos, sua irmã e Jaime levaram-nos até o seu quarto. A sua ama de leite tentou nos mandar embora, mas Cersei não quis nem saber. “Ele é meu”, ela disse, “e você é só uma vaca leiteira, não pode me dizer o que fazer. Quieta, senão mando meu pai cortar sua língua. Uma vaca não precisa de língua, só precisa de úberes”.

– Sua Graça aprendeu o encanto numa idade precoce – disse Tyrion, divertido com a ideia da irmã a reclamá-lo como seu. *Os deuses sabem como nunca mais se esforçou em reclamar por mim.*

– Cersei até tirou seus cueiros para que víssemos melhor – prosseguiu o príncipe dornês. – Realmente possuía um olho maligno, e um pouco de penugem negra no couro cabeludo. A sua cabeça talvez fosse maior do que a da maior parte dos bebês... mas não havia rabo, nem barba, nem dentes ou garras, e nada entre as suas pernas além de

um minúsculo pinto cor-de-rosa. Depois de todos os maravilhosos murmúrios, o Castigo de Lorde Tywin revelou ser apenas um hediondo bebê vermelho, com pernas atrofiadas. Elia até fez o ruído que as meninas fazem ao ver bebês, estou certo de que já o ouviu. O mesmo ruído que fazem por causa de gatinhos fofos ou cachorros brincalhões. Creio que desejou embalá-lo, por mais feio que fosse. Quando eu comentei que parecia uma espécie fraca de monstro, a sua irmã disse: "Ele matou a minha mãe", e torceu o seu pintinho com tanta força que pensei que poderia arrancá-lo. Você guinchou, mas foi só quando o seu irmão Jaime disse "Largue-o, está machucando-o" que Cersei o soltou. "Não importa", disse-nos. "Todo mundo diz que ele deve morrer em breve. Nem devia ter sobrevivido tanto tempo."

O sol brilhava, forte, por cima deles, e o dia estava agradavelmente quente para o outono, mas Tyrion Lannister gelou quando ouviu aquilo. *A minha querida irmã.* Coçou a cicatriz no nariz e deu ao dornês uma dose de seu "olho maligno". *Mas por que motivo será que ele contou essa história? Estará me testando, ou será que deseja simplesmente torcer meu pinto, como Cersei fez, para me ouvir gritar?*

– Não se esqueça de contar essa história ao meu pai. Vai deleitá-lo tanto quanto me deleitou. Especialmente a parte a respeito de meu rabo. Eu realmente tive um, mas ele mandou cortá-lo.

O Príncipe Oberyn soltou um risinho.

– Tornou-se mais divertido desde a última vez que nos encontramos.

– Sim, mas o que *tentei* foi me tornar mais alto.

– Por falar em divertimento, ouvi uma história curiosa contada pelo intendente de Lorde Buckler. Ele diz que você criou um imposto sobre as bolsas privadas das mulheres.

– É um imposto sobre a prostituição – disse Tyrion, novamente irritado. *E foi ideia de meu maldito pai*. – Só uma moeda a cada, ah... ato. A Mão do Rei achou que poderia ajudar a melhorar a moralidade na cidade. – *E também a pagar o casamento de Joffrey*. Não é preciso dizer que, como mestre da moeda, Tyrion tinha arcado com toda a culpa. Bronn dizia que andavam chamando a taxa, nas ruas, de *moeda do anão*. "Toca a abrir as pernas para o Meio-Homem", gritavam nos bordéis e tabernas, de acordo com o mercenário.

– Vou me certificar de manter a minha bolsa cheia de moedas. Até um príncipe precisa pagar seus impostos.

– Por que precisaria de prostitutas? – olhou de relance para onde Ellaria Sand cavalgava entre as outras mulheres. – Cansou-se da sua amante no caminho?

– Nunca. Dividimos coisas demais. – O Príncipe Oberyn encolheu os ombros. – Mas nunca dividimos uma bela loura, e Ellaria está curiosa. Conhece alguma criatura assim?

– Sou um homem casado. – *Embora de casamento ainda não consumado*. – Já não me deito com prostitutas. – *A menos que queira que sejam enforcadas.*

Oberyn mudou abruptamente de assunto.

– Dizem que serão servidos setenta e sete pratos no banquete de casamento do rei.

– Tem fome, meu príncipe?

– Há muito tempo que tenho fome. Embora não de comida. Diga-me, por favor, quando será servida a *justiça*?

– Justiça. – *Sim, é por isso que ele está aqui, devia ter compreendido isso de imediato*. – Você era próximo de sua irmã?

– Quando crianças, Elia e eu éramos inseparáveis, assim como seu irmão e sua irmã.

Deuses, espero que não.

– Guerras e casamentos têm nos mantido bem ocupados, Príncipe Oberyn. Receio que ninguém ainda tenha tido tempo para dedicar a assassinatos cheirando a mofo após dezesseis anos, por mais terríveis que tenham sido. Faremos isso, naturalmente, assim que pudermos. Qualquer ajuda que Dorne possa oferecer para restaurar a paz do rei só iria acelerar o início do inquérito do senhor meu pai...

– Anão – disse a Víbora Vermelha, num tom que se tornara acentuadamente menos cordial –, poupe-me de suas mentiras de Lannister. Toma-nos por ovelhas ou por idiotas? Meu irmão não é um homem sedento de sangue, mas também não passou dezesseis anos dormindo. Jon Arryn veio a Lançassolar um ano depois de Robert subir ao trono, e pode ter certeza de que foi seriamente interrogado. Ele e mais uma centena de homens. Não vim para um espetáculo de saltimbanco em forma de *inquérito*. Vim em busca de justiça para Elia e seus filhos, e vou obtê-la. Começando por esse cretino do Gregor Clegane... mas não termina aí, creio eu. Antes de morrer, a Enormidade que Cavalga irá me dizer de onde vieram suas ordens, por favor garanta isso ao senhor seu pai. – Sorriu. – Um velho septão certa vez disse que eu era a prova viva da bondade dos deuses. Sabe por que, Duende?

– Não – admitiu Tyrion com cautela.

– Ora, se os deuses fossem cruéis, teriam feito de mim o primogênito de minha mãe, e de Doran seu terceiro filho. Eu *sou* um homem sedento de sangue, entende? E é comigo que tem de lidar agora, e não com meu paciente, prudente e artrítico irmão.

Tyrion via o sol brilhar na Torrente da Água Negra a cerca de um quilômetro de distância, e nas muralhas, torres e colinas de Porto Real depois do rio. Olhou de relance por sobre o ombro, para a coluna resplandecente que os seguia pela estrada do rei.

– Fala como quem está à frente de uma grande tropa – disse –,

mas não encontro mais de trezentos homens. Vê aquela cidade ali, a norte do rio?

– A pilha de estrume que chama de Porto Real?

– Essa mesma.

– Não só a vejo, como creio que já consigo cheirá-la.

– Então cheire-a bem, senhor. Encha o nariz. Vai descobrir que meio milhão de pessoas fede mais do que trezentas. Cheira os homens de manto dourado? São quase cinco mil. As espadas juramentadas ao meu pai devem somar mais vinte mil. E depois há as rosas. As rosas cheiram tão bem, não é verdade? Especialmente quando há *tantas*. Cinquenta, sessenta, setenta mil rosas na cidade ou acampadas nos arredores, não sou realmente capaz de dizer quantas restam, mas, seja como for, há mais do que desejo contar.

Martell deu de ombros.

– Na Dorne de antigamente, antes de casarmos com Daeron, dizia-se que todas as flores se curvam perante o sol. Se as rosas tentarem obstruir meu caminho, de bom grado as pisarei.

– Tal como pisou Willas Tyrell?

O dornês não reagiu como era de se esperar.

– Recebi uma carta de Willas há menos de meio ano. Partilhamos o interesse em criação de cavalos de qualidade. Ele nunca nutriu nenhuma má vontade por mim por aquilo que aconteceu na liça. Eu atingi sua placa de peito de forma limpa, mas o pé dele ficou preso num estribo ao cair e o cavalo tombou por cima de seu corpo. Mandei um meistre até ele depois, mas só conseguiu salvar a perna do rapaz. O joelho estava longe de poder ser curado. Se há alguém a culpar, é o palerma do pai dele. Willas Tyrell estava tão verde quanto seu sobretudo e não devia andar em tais companhias. A Flor Gorda atirou-o para torneios numa idade tenra demais, assim como fez com os outros dois. Queria outro Leo Grande-Espinho, e arranjou um aleijado.

– Há quem diga que Sor Loras é melhor do que Leo Grande-Espinho jamais foi – disse Tyrion.

– A rosinha de Renly? Duvido.

– Duvide quanto quiser – disse Tyrion –, mas Sor Loras derrotou muitos bons cavaleiros, incluindo meu irmão Jaime.

– Por *derrotar* quer dizer *derrubar do cavalo*, num torneio. Diga-me quem ele matou em batalha, caso queira me assustar.

– Sor Robar Royce e Sor Emmon Cuy, para dar dois exemplos. E os homens dizem que realizou prodigiosos feitos de valor na Água Negra, lutando ao lado do fantasma de Lorde Renly.

– Então os mesmos homens que viram os prodigiosos feitos viram também o fantasma, foi? – O dornês soltou uma leve gargalhada.

Tyrion olhou-o por um longo tempo.

– A casa de Chataya na Rua da Seda tem várias garotas que

podem se adequar às suas necessidades. Dancy tem cabelos da cor do mel. Os de Marie são de um branco-louro muito claro. Aconselharia que você mantivesse uma ou outra permanentemente ao seu lado, senhor.

– Permanentemente? – o Príncipe Oberyn ergueu uma sobrancelha fina e negra. – E por que, meu bom Duende?

– Disse que deseja morrer com um seio na mão. – Tyrion avançou a meio galope para onde as balsas esperavam, na margem sul do Água Negra. Suportara tudo que pretendia suportar daquilo que passava por sagacidade em Dorne. *No fim, o pai devia ter enviado Joffrey. Ele poderia ter perguntado ao Príncipe Oberyn se sabia em que um dornês diferia de uma cagada de vaca*. Aquilo fez Tyrion sorrir, a contragosto. Faria questão de estar presente quando a Víbora Vermelha fosse apresentada ao rei.

Arya

O homem no telhado foi o primeiro a morrer. Estava agachado junto à chaminé, a duzentos metros de distância, não mais do que uma vaga sombra na escuridão que antecedia a alvorada, mas quando o céu começou a clarear, agitou-se, espreguiçou-se e ficou em pé. A flecha de Anguy acertou seu peito. Tombou sem força do íngreme degrau de ardósia e caiu diante da porta da septeria.

Os Saltimbancos tinham colocado ali dois guardas, mas o archote deixara-os cegos para a noite, e os fora da lei tinham se arrastado para perto. Kyle e Notch dispararam ao mesmo tempo. Um homem caiu com uma flecha espetada na garganta, o outro, com uma na barriga. O segundo homem deixou o archote cair e as chamas lamberam-no. Soltou um grito quando sua roupa pegou fogo, e isso foi o fim do avanço furtivo. Thoros gritou, e os fora da lei atacaram a sério.

Arya observou de cima do cavalo, no topo da cumeeira arborizada que se elevava diante da septeria, do moinho, da cervejaria, dos estábulos e da desolação de ervas daninhas, árvores queimadas e lama que os rodeavam. As árvores já estavam praticamente nuas, e as poucas folhas marrons e enrugadas que ainda se agarravam aos galhos pouco faziam para obstruir sua visão. Lorde Beric tinha colocado Dick Sem Barba e Mudge de guarda. Arya detestava ser deixada para trás como se fosse alguma *criança* estúpida, mas pelo menos Gendry também fora mantido ali. Sabia que não devia tentar discutir. Aquilo era uma batalha, e numa batalha era preciso obedecer.

O horizonte a leste transformou-se num clarão de ouro e rosa, e por cima de sua cabeça uma meia-lua espreitou por detrás de nuvens baixas e rápidas. O vento soprava frio, e Arya ouvia o som de água corrente e o ranger da grande roda de madeira do moinho. Havia um cheiro de chuva no ar da alvorada, mas as gotas ainda não caíam. Flechas incendiárias levantaram voo através da névoa da manhã, seguidas por pálidas fitas de fogo, e foram se espetar com um ruído surdo nas paredes de madeira da septeria. Algumas penetraram através de janelas fechadas e, em pouco tempo, finos anéis de fogo começavam a subir através das venezianas perfuradas.

Dois Saltimbancos irromperam lado a lado da septeria, de machado nas mãos. Anguy e os outros arqueiros estavam à espera. Um dos homens morreu de imediato. O outro conseguiu se esquivar, e a flecha rasgou seu ombro. O homem avançou cambaleando, até que mais duas flechas o atingiram, tão depressa que era difícil dizer qual delas foi a primeira. As longas hastes perfuraram sua placa de peito como se fosse feita de seda em vez de aço. Caiu pesadamente. Anguy tinha flechas de ponta larga, mas também possuía outras, com

furadores nas pontas. Estes eram capazes de perfurar até placa pesada. *Vou aprender a disparar um arco*, pensou Arya. Adorava esgrima, mas notava também como as flechas eram boas.

Chamas escalavam a parede oeste da septeria, e uma fumaça espessa jorrava de uma janela quebrada. Um besteiro de Myr esticou a cabeça através de outra janela, disparou um dardo e se agachou de novo para recarregar a arma. Arya também ouvia sons de luta vindos dos estábulos, gritos misturados com os relinchos dos cavalos e o tinir do aço. *Matem-nos todos*, pensou, com ferocidade. Mordeu o lábio com tanta força que sentiu o gosto do sangue. *Não deixem ficar nem um*.

O besteiro voltou a aparecer, mas, assim que disparou, três flechas passaram silvando por sua cabeça. Uma chocalhou contra seu elmo. O homem desapareceu, com besta e tudo. Arya via chamas em várias das janelas do segundo andar. Entre a fumaça e a névoa matinal, o ar era uma neblina de preto e branco soprada pelo vento. Anguy e os outros arqueiros estavam se aproximando, a fim de melhor ver os alvos.

Então a septeria entrou em erupção, com os Saltimbancos saltando para o exterior como formigas irritadas. Dois ibbeneses correram pela porta, com escudos marrons e felpudos erguidos bem alto à frente, atrás deles veio um dothraki com um grande *arakh* curvo e sineta na trança, e, atrás deste, surgiram três mercenários volantenos cobertos de ferozes tatuagens. Outros saltavam por janelas e pulavam para o chão. Arya viu um homem com uma perna passada sobre o parapeito de uma janela ser atingido por uma flecha no peito, e ouviu-o gritar quando caiu. A fumaça estava se tornando mais espessa. Dardos e flechas voavam para todos os lados. Watty caiu com um grunhido, e o arco escorregou de sua mão. Kyle estava tentando encaixar outra flecha em seu arco quando um homem vestido de cota de malha negra trespassou sua barriga com uma lança. Arya ouviu Lorde Beric gritar. E o resto de seu bando jorrou de entre as árvores e das valas, de aço na mão. Viu o luminoso manto amarelo de Limo esvoaçando atrás dele enquanto seu dono abatia o homem que havia matado Kyle. Thoros e Lorde Beric encontravam-se por toda a parte, com as espadas num rodopio de fogo. O sacerdote vermelho golpeou um escudo de peles até que este se desfez em pedaços, enquanto seu cavalo escoiceava o rosto do homem. Um dothraki gritou e atacou o senhor do relâmpago, e a espada flamejante saltou para deter seu *arakh*. As lâminas beijaram-se, rodopiaram e voltaram a se beijar. Então os cabelos do dothraki pegaram fogo e, um momento mais tarde, ele estava morto. Arya viu também Ned, lutando ao lado do senhor do relâmpago. *Não é justo, ele é só um pouco mais velho do que eu, deviam ter me deixado lutar.*

A batalha não durou muito tempo. Os Bravos Companheiros que

continuavam de pé rapidamente morreram ou jogaram fora as espadas. Dois dos dothraki conseguiram recuperar os cavalos e fugiram, mas só porque Lorde Beric os deixou ir.

– Que levem a notícia a Harrenhal – disse, com a espada em chamas na mão. – Dará ao Senhor Sanguessuga e ao seu bode mais algumas noites sem dormir.

Jack Sortudo, Harwin e Merrit de Vilalua enfrentaram a septeria incendiada em busca de cativos. Emergiram da fumaça e das chamas alguns momentos mais tarde, com oito irmãos pardos, um dos quais tão fraco que Merrit teve de transportá-lo no ombro. Havia também um septão com eles, de ombros curvados e perdendo os cabelos, mas trajando cota de malha negra sobre suas vestes cinzentas.

– Encontrei-o escondido debaixo dos degraus do porão – disse Jack, tossindo.

Thoros sorriu ao vê-lo.

– Você é Utt.

– O *Septão* Utt. Um homem de deus.

– Que deus ia querer um homem como você? – rosnou Limo.

– Pequei – choramingou o septão. – Eu sei. Eu sei. Perdoe-me, Pai. Oh, como pequei gravemente.

Arya lembrava-se do Septão Utt dos tempos passados em Harrenhal. Shagwell, o Bobo, dizia que ele chorava e rezava sempre por perdão depois de matar o seu garoto mais recente. Às vezes até obrigava os outros Saltimbancos a flagelá-lo. Todos achavam aquilo muito divertido.

Lorde Beric enfiou a espada na bainha, abafando as chamas.

– Deem aos moribundos a dádiva da misericórdia e amarrem os pés e as mãos dos demais, para o julgamento – ordenou, e a ordem foi cumprida.

Os julgamentos foram rápidos. Vários dos fora da lei avançaram para contar coisas que os Bravos Companheiros tinham feito; vilas e aldeias saqueadas, colheitas incendiadas, mulheres violadas e assassinadas, homens mutilados e torturados. Alguns falaram dos rapazes que o Septão Utt tinha dado cabo. O septão chorou e rezou durante todo o julgamento.

– Sou um fraco caniço – disse ao Lorde Beric. – Rezo ao Guerreiro por força, mas os deuses fizeram-me fraco. Tenha misericórdia de minha fraqueza. Os rapazes, os doces rapazes... nunca pretendi lhes fazer mal...

O Septão Utt logo acabou pendurado pelo pescoço, sob um grande olmo, balançando lentamente, nu como no dia de seu nascimento. Os outros Bravos Companheiros seguiram-no, um por um. Alguns lutaram, esperneando e se contorcendo enquanto o laço era apertado em volta de sua garganta. Um dos besteiros não parava de gritar “Eu

soldado, eu soldado", com um denso sotaque de Myr. Outro ofereceu-se para levar seus captores a um local onde havia ouro; um terceiro explicou-lhes como daria um bom fora da lei. Todos foram despidos, atados e enforcados. Tom Sete-Cordas tocou uma canção fúnebre para eles em sua harpa, e Thoros implorou ao Senhor da Luz para assar suas almas até o fim dos tempos.

Uma árvore de saltimbancos, pensou Arya ao vê-los pendurados, com a pele branca pintada de um vermelho lúgubre pelas chamas da septeria incendiada. Os corvos já se aproximavam, vindos de lugar nenhum. Ouviu-os crocitando e cacarejando uns para os outros, e sentiu curiosidade em saber o que estariam dizendo. Arya não temera tanto o Septão Utt como Rorge, Dentadas e alguns outros em Harrenhal, mesmo assim estava satisfeita por ele estar morto. *Também deviam ter enforcado ou cortado a cabeça do Cão de Caça*. Em vez disso, para seu grande descontentamento, os fora da lei trataram o braço queimado de Sandor Clegane, devolveram-lhe a espada, o cavalo e a armadura, e libertaram-no a alguns quilômetros de distância do monte oco. Tudo que tiraram dele foi o ouro.

Em pouco tempo, a septeria ruiu, num estrondo de fumaça e chamas, quando as paredes deixaram de sustentar seu pesado telhado de ardósia. Os oito irmãos pardos observavam com resignação. Eram os que restavam, explicou o mais velho, que usava um pequeno martelo de ferro pendurado em uma correia em volta do pescoço, para simbolizar sua devoção ao Ferreiro.

– Antes da guerra éramos quarenta e quatro, e este lugar era próspero. Tínhamos uma dúzia de vacas leiteiras e um touro, cem colmeias, um vinhedo e um pomar de maçãs. Mas quando os leões chegaram, levaram todo o nosso vinho, mel e leite, abateram as vacas e entregaram o vinhedo à tocha. Depois disso... perdi a conta dos nossos visitantes. Esse falso septão foi apenas o último. Houve um monstro... demos-lhe toda a nossa prata, mas ele tinha certeza de que tínhamos ouro escondido, por isso seus homens mataram-nos um por um para fazer o Irmão Mais Velho falar.

– Como foi que vocês oito sobreviveram? – perguntou Anguy, o Arqueiro.

– Estou envergonhado – disse o velho. – Fui eu. Quando chegou a minha vez de morrer, disse-lhes onde o ouro estava escondido.

– Irmão – disse Thoros de Myr –, a única vergonha foi não lhes dizer imediatamente.

Naquela noite, os fora da lei abrigaram-se na cervejaria junto do pequeno rio. Seus anfitriões tinham um esconderijo cheio de comida sob o chão dos estábulos, e partilharam um jantar simples; pão de aveia, cebolas e uma sopa de couves aguada que tinha um leve gosto de alho. Arya encontrou uma fatia de cenoura flutuando na sua tigela

e considerou-se sortuda. Os irmãos nunca perguntaram os nomes aos fora da lei. *Eles sabem*, pensou Arya. Como podiam não saber? Lorde Beric usava o relâmpago na placa de peito, no escudo e no manto, e Thoros trazia suas vestes vermelhas, ou aquilo que delas restava. Um irmão, um jovem noviço, foi suficientemente ousado para dizer ao sacerdote vermelho para não rezar ao seu falso deus enquanto se encontrasse sob o seu teto.

– Que se dane com isso – disse Limo Manto Limão. – Ele também é o nosso deus, e vocês devem a nós suas miseráveis vidas. E o que tem ele de falso? Seu Ferreiro pode reparar uma espada quebrada, mas será que consegue reparar um homem quebrado?

– Basta, Limo – ordenou Lorde Beric. – Sob o teto deles, honraremos as regras deles.

– O sol não deixará de brilhar se pularmos uma prece ou duas – concordou brandamente Thoros. – Se alguém sabe disso, sou eu.

O próprio Lorde Beric não comeu. Arya nunca o vira comer, embora de tempos em tempos bebesse uma taça de vinho. Tampouco parecia dormir. O seu olho bom fechava-se com frequência, como que devido ao cansaço, mas quando se falava com ele, voltava a se abrir de imediato. O Senhor da Marcha continuava vestido com o seu maltrapilho manto negro e sua placa de peito amassada, com o relâmpago de esmalte lascado. Até dormia com aquela placa de peito. O baço aço negro escondia o terrível ferimento que Cão de Caça provocara nele, da mesma forma que seu espesso cachecol de lã ocultava o anel escuro que tinha em volta da garganta. Mas nada escondia a cabeça rachada, com um grande buraco na têmpora, ou o poço vermelho em carne viva que era o olho que lhe faltava, ou a forma do crânio sob o seu rosto.

Arya olhou-o com prudência, recordando todas as histórias que se contavam dele em Harrenhal. Lorde Beric pareceu sentir seu medo. Virou a cabeça e fez-lhe sinal para se aproximar.

– Eu a assusto, pequena?

– Não. – Arya mordeu o lábio. – É só que... bem... pensei que o Cão de Caça tinha matado você, mas...

– Um ferimento – disse Limo Manto Limão. – Um ferimento grave, sim, mas Thoros curou-o. Nunca existiu curandeiro melhor.

Lorde Beric fitou Limo com uma expressão estranha no olho bom e nenhuma expressão no outro, só cicatrizes e sangue seco.

– Não há melhor curandeiro – concordou num tom fatigado. – Limo, já passa da hora de trocar a guarda, creio eu. Trate disso, por favor.

– Sim, senhor. – O comprido manto amarelo de Limo rodopiou atrás dele ao penetrar na noite ventosa.

– Até os homens corajosos se cegam, às vezes, quando têm medo

de ver – disse Lorde Beric depois de Limo partir. – Thoros, quantas vezes já me trouxe de volta?

O sacerdote vermelho inclinou a cabeça.

– É R'hllor quem o traz de volta, senhor. O Senhor da Luz. Eu sou apenas o seu instrumento.

– Quantas vezes? – insistiu Lorde Beric.

– Seis – disse Thoros com relutância. – E é cada vez mais difícil. Tornou-se imprudente, senhor. A morte é assim tão encantadora?

– Encantadora? Não, meu amigo. Encantadora, não.

– Então não a corteje tanto. Lorde Tywin lidera a partir da retaguarda. Lorde Stannis também. O senhor seria sensato se fizesse o mesmo. Uma sétima morte pode significar o fim de nós dois.

Lorde Beric tocou o local por cima da orelha esquerda, onde a têmpora tinha uma reentrância.

– Foi aqui que Sor Burton Crakehall quebrou meu elmo e minha cabeça com um golpe da sua maça. – Tirou o cachecol, expondo a ferida negra que emoldurava seu pescoço. – Esta é a marca que a mantícora fez nas Cataratas Impetuosas. Prendeu um pobre criador de abelhas e a mulher dele, julgando que eram dos meus, e divulgou por todo lado que os enforcaria, a menos que eu me entregasse. Quando fiz isso, enforcou-os mesmo assim, e a mim também, na forca do meio. – Ergueu um dedo para o poço vermelho do seu olho. – Foi aqui que a Montanha enfiou o punhal através de meu visor. – Um sorriso cansado roçou seus lábios. – Com isso, foram três vezes que morri pelas mãos da Casa Clegane. Seria de se imaginar que eu teria aprendido...

Arya sabia que era uma brincadeira, mas Thoros não riu. Apoiou uma mão no ombro de Lorde Beric.

– É melhor não pensar muito nisso.

– Será que eu posso pensar naquilo que quase não recordo? Antigamente tive um castelo na Marca, e houve uma mulher com quem estava prometido que me casasse, mas hoje não conseguiria encontrar esse castelo nem dizer a cor dos cabelos dessa mulher. Quem me armou cavaleiro, velho amigo? Quais eram os meus pratos preferidos? Tudo se desvanece. Às vezes penso que nasci na relva ensanguentada daquele bosque de freixos, com o sabor de fogo na boca e um buraco no peito. Você é a minha mãe, Thoros?

Arya fitou o sacerdote de Myr, todo ele cabelo desgrenhado, farrapos cor-de-rosa e partes de velhas armaduras. Uma barba rala grisalha cobria suas faces e a pele solta por baixo do queixo. Não se parecia muito com os feiticeiros das histórias da Velha Ama, mas mesmo assim...

– Poderia trazer de volta um homem sem cabeça? – perguntou Arya. – Só uma vez, não seis. Poderia fazer isso?

– Não tenho magia, filha. Só preces. Daquela primeira vez, sua

senhoria tinha um buraco que atravessava seu corpo e sangue na boca, eu sabia que não havia esperança. Portanto, quando seu pobre peito rasgado parou de se mover, dei-lhe o beijo do bom deus para encaminhá-lo. Enchi a boca com fogo e soprei as chamas para dentro dele, através de sua garganta, para pulmões, coração e alma. Chama-se *o último beijo*, e vi muitas vezes os velhos sacerdotes concedendo-o aos servos do Senhor quando estes morriam. Eu mesmo o tinha dado uma ou duas vezes, como todos os sacerdotes têm de fazer. Mas nunca antes tinha sentido um morto estremecer enquanto o fogo o enchia, nem visto seus olhos se abrirem. Não fui eu quem o convocou, senhora. Foi o Senhor. R'hllor ainda pretende algo dele. A vida é calor, e o calor é fogo, e o fogo é de Deus e só de Deus.

Arya sentiu lágrimas subindo aos seus olhos. Thoros tinha usado muitas palavras, mas tudo que queriam dizer era *não*, pelo menos isso compreendeu.

– Seu pai era um homem bom – disse Lorde Beric. – Harwin contou-me muitas coisas sobre ele. Por ele, eu de bom grado renunciaria ao seu resgate, mas necessitamos muito desesperadamente de ouro.

Arya mordeu o lábio. *Isso é verdade, suponho*. Sabia que ele tinha dado o ouro do Cão de Caça ao Barba-Verde e ao Caçador, para comprarem provisões a sul do Vago.

– A última colheita foi queimada, esta está se afogando, e o inverno chegará em breve – ouviu-o dizer quando os enviara. – O povo precisa de cereais e sementes, e nós precisamos de lâminas e cavalos. Muitos de meus homens montam cavalos ronceiros ou de puxar carreta e mulas contra inimigos montados em corcéis e cavalos de batalha.

Mas Arya não sabia quanto Robb pagaria por ela. Ele agora era um rei, não o rapaz que deixara em Winterfell, com neve derretendo nos cabelos. E se soubesse das coisas que ela tinha feito, do cavalariço e do guarda em Harrenhal e tudo isso...

– E se meu irmão não quiser me resgatar?

– Por que pensaria numa coisa dessas? – perguntou Lorde Beric.

– Bem – disse Arya – Meus cabelos estão uma bagunça, minhas unhas, sujas e meus pés estão duros. – Robb não se importaria com isso, provavelmente, mas a mãe se importaria. A Senhora Catelyn sempre quis que ela fosse como Sansa, que cantasse, dançasse, costurasse e seguisse os bons modos. Só de pensar nisso, Arya tentou pentear os cabelos com os dedos, mas eram só nós e embaraçamentos e tudo que conseguiu foi arrancar um pouco deles. – Estraguei aquele vestido que a Senhora Smallwood me deu, e não costuro lá muito bem. – Mordeu o lábio. – Não costuro *particularmente bem*, quero dizer. A Septã Mordane costumava dizer que eu tinha mãos de

ferreiro.

Gendry soltou uma gargalhada.

– Essas coisinhas moles? – gritou. – Nem sequer conseguiria pegar num martelo.

– Conseguiria se quisesse! – respondeu, furiosa.

Thoros soltou um risinho.

– Seu irmão pagará, filha. Quanto a isso, não tenha medo.

– Sim, mas e se *não* pagar? – insistiu ela.

Lorde Beric suspirou.

– Então vou mandá-la durante algum tempo para junto da Senhora Smallwood, ou talvez para o meu castelo de Portonegro. Mas estou certo de que isso não será necessário. Assim como Thoros, não tenho o poder para trazer seu pai de volta, mas posso pelo menos tratar de devolvê-la em segurança aos braços de sua mãe.

– *Jura?* – perguntou-lhe. Yoren também prometeu levá-la para casa, mas em vez disso tinha se deixado matar.

– Pela minha honra como cavaleiro – disse solenemente o senhor do relâmpago.

Estava chovendo quando Limo voltou à cervejaria, resmungando pragas enquanto a água escorria de seu manto amarelo e ia se acumular em poças no chão. Anguy e Jack Sortudo estavam sentados perto da porta, jogando dados, mas não importa o jogo que jogavam, o zarolho do Jack não tinha sorte nenhuma. Tom Sete-Cordas substituiu uma corda em sua harpa e cantou "As lágrimas de mãe", "Quando a mulher de Willum se molhou", "Lorde Harte partiu num dia de chuva" e então "As chuvas de Castamere".

> E quem é você, disse o altivo senhor,
> pra que a vênia seja profunda?
> Só um gato com um manto diferente,
> essa é a verdade fecunda.
> Num manto de ouro ou num manto vermelho,
> suas garras um leão mantém,
> E as minhas são longas e afiadas, senhor,
> como o senhor as tem também.
> E assim falou, e assim conversou,
> o senhor de Castamere
> Mas agora a chuva chora no seu salão,
> e ninguém está lá para a ver.
> Sim, agora a chuva chora no seu salão,
> e ninguém está lá para a ver.

Por fim, Tom ficou sem canções de chuva e pôs de lado a harpa. Então ouviu-se apenas o som da própria chuva tamborilando no

telhado de ardósia da cervejaria. O jogo de dados terminou, e Arya equilibrou-se numa perna e depois na outra, escutando as queixas de Merrit a respeito de seu cavalo ter perdido uma ferradura.

– Eu poderia ferrá-lo – disse Gendry de repente. – Era só um aprendiz, mas o mestre dizia que minha mão tinha sido feita para segurar um martelo. Sei ferrar cavalos, fechar buracos em cotas de malha e tirar amassados de armaduras. Aposto que também conseguiria fazer espadas.

– O que você está dizendo, rapaz? – perguntou Harwin.

– Posso ser o seu ferreiro. – Gendry ajoelhou-se perante Lorde Beric. – Se me aceitar, senhor, poderia ser útil. Já fiz ferramentas e facas, e uma vez fiz um elmo que não era muito ruim. Um dos homens da Montanha roubou-o quando fomos capturados.

Arya mordeu o lábio. *Ele também quer me abandonar*.

– Estaria melhor servindo Lorde Tully, em Correrrio – disse Lorde Beric. – Não posso pagar por seu trabalho.

– Ninguém nunca pagou. Quero uma forja e comida e um lugar onde possa dormir. Isso basta, senhor.

– Um ferreiro é bem-vindo em quase todo lado. Um armeiro experiente, ainda mais. Por que você preferiria ficar conosco?

Arya viu Gendry franzir seu estúpido rosto, pensando.

– No monte oco, o que disse sobre serem homens do Rei Robert, e irmãos, eu gostei disso. Gostei de ter oferecido ao Cão de Caça um julgamento. Lorde Bolton só enforcava as pessoas, ou cortava a cabeça delas, e Lorde Tywin e Sor Amory eram iguais. Preferiria trabalhar de ferreiro para o senhor.

– Temos muita malha precisando de conserto, senhor. – recordou Jack ao Lorde Beric. – A maior parte foi tirada dos mortos, e há buracos por onde a morte a atravessou.

– Deve ser um retardado, rapaz – disse Limo. – Nós somos *fora da lei*. Ralé de baixo nascimento, na maioria, exceto sua senhoria. E não pense que será como nas canções bestas de Tom. Não vai andar roubando beijos de uma princesa, nem entrando em torneios com uma armadura roubada. Caso se junte a nós, vai acabar com uma corda no pescoço, ou a cabeça exposta em algum portão de castelo.

– É a mesma coisa que fariam por você – disse Gendry.

– Bem, é verdade – disse Jack Sortudo num tom alegre. – Os corvos esperam por todos nós. Senhor, o rapaz parece ter bastante coragem, e precisamos daquilo que nos traz. O Jack diz: aceite-o.

– E depressa – sugeriu Harwin com um risinho –, antes que a febre passe e ele recupere o juízo.

Um sorriso abatido atravessou os lábios de Lorde Beric.

– Thoros, a minha espada.

Daquela vez o senhor do relâmpago não incendiou a lâmina e

limitou-se a apoiá-la levemente no ombro de Gendry.

– Gendry, jura perante os olhos dos deuses e dos homens defender aqueles que não podem defender a si mesmos, proteger todas as mulheres e crianças, obedecer aos seus capitães, ao seu suserano e ao seu rei, lutar bravamente quando necessário e desempenhar as demais tarefas que lhe sejam atribuídas, por mais duras, humildes ou perigosas que possam ser?

– Juro, senhor.

O Senhor da Marcha passou a espada do ombro direito para o esquerdo e disse:

– Levante-se, Sor Gendry, cavaleiro do monte oco, e seja bem-vindo à nossa irmandade.

Da porta, chegou uma gargalhada rude e áspera.

A chuva pingava dele. Seu braço queimado estava enrolado em folhas e linho e bem preso ao peito por uma tosca tipoia de corda, mas as queimaduras mais antigas que marcavam seu rosto cintilavam, negras e lisas, ao brilho da pequena fogueira dos fora da lei.

– Fazendo mais cavaleiros, Dondarrion? – disse o intruso num rosnado. – Devia matá-lo outra vez por causa disso.

Lorde Beric encarou-o friamente.

– Esperava que não o víssemos mais, Clegane. Como nos encontrou?

– Não foi difícil. Fizeram uma fumaceira tão grande que até de Vilavelha se veria.

– O que aconteceu com as sentinelas que coloquei?

A boca de Clegane torceu-se.

– Aqueles dois cegos? Talvez tenha matado ambos. O que faria se assim fosse?

Anguy prendeu uma corda no arco. Notch estava fazendo o mesmo.

– Deseja tanto assim morrer, Sandor? – perguntou Thoros. – Deve estar louco ou bêbado para nos seguir até aqui.

– Bêbado de chuva? Não me deixaram ouro suficiente para comprar uma taça de vinho, seus filhos da puta.

Anguy pegou uma flecha.

– Somos fora da lei. Os fora da lei roubam. Está nas canções, se pedir com jeitinho o Tom talvez lhe cante uma. Fique grato por não termos matado você.

– Venha tentar, Arqueiro. Arranco essa aljava da sua mão e enfio essas flechas pelo seu cuzinho sardento acima.

Anguy ergueu o arco, mas Lorde Beric levantou uma mão antes de ele ter oportunidade de disparar.

– Por que veio até aqui, Clegane?

– Para recuperar o que é meu.

– Seu ouro?

– O que mais poderia ser? Não foi pelo prazer de olhar para a sua cara, Dondarrion, devo dizer. Agora é mais feio do que eu. E também um cavaleiro ladrão, ao que parece.

– Dei-lhe uma nota em troca do ouro – disse calmamente Lorde Beric. – Uma promessa de pagamento para quando a guerra chegar ao fim.

– Limpei o cu com o seu papel. Quero o ouro.

– Não o temos. Mandei-o para o sul, com Barba-Verde e Caçador, para comprar cereais e sementes do lado de lá do Vago.

– Para alimentar todos aqueles cujas colheitas você queimou – disse Gendry.

– Ah, a história agora é essa? – Sandor Clegane soltou outra gargalhada. – Acontece que era isso mesmo que eu pretendia fazer com ele. Alimentar um monte de feios camponeses e suas crias piolhentas.

– Está mentindo – disse Gendry.

– Vejo que o rapaz tem boca. Por que acredita neles e não em mim? Não pode ser pela minha cara, ou pode? – Clegane olhou de relance para Arya. – Vai também armá-la cavaleira? A primeira menina de oito anos cavaleira?

– Tenho *doze* – mentiu Arya em voz alta – e podia ser cavaleira se quisesse. Também podia ter matado você, só que o Limo roubou a minha faca. – Lembrar-se daquilo ainda a deixava zangada.

– Queixe-se ao Limo, não a mim. E depois enfie o rabo entre as pernas e fuja. Sabe o que os cães fazem com lobos?

– Da próxima vez mato você *mesmo*. E mato também o seu irmão.

– Não. – Os olhos escuros dele estreitaram-se. – Isso não fará. – Virou-se de novo para Lorde Beric. – Olha, arme o meu cavalo cavaleiro. Ele nunca caga nos salões, e não dá mais coices do que a maioria, merece ser armado cavaleiro. A menos que também pretenda roubá-lo.

– É melhor subir nesse cavalo e ir embora – preveniu Limo.

– Irei com o meu ouro. O próprio deus que adora disse que não sou culpado...

– O Senhor da Luz devolveu-lhe a vida – declarou Thoros de Myr. – Não o proclamou a reencarnação de Baelor, o Abençoado. – O sacerdote vermelho desembainhou a espada, e Arya viu que Jack e Merrit também tinham desembainhado as deles. Lorde Beric ainda segurava a lâmina que usara para armar Gendry. *Talvez dessa vez o matem.*

A boca do Cão de Caça voltou a se torcer.

– Não são mais do que ladrões comuns.

Limo olhou-o fixamente.

– Seus amigos leões entram numa aldeia qualquer, roubam toda a comida e todas as moedas que conseguirem encontrar, e chamam isso de *forragear*. Os lobos também, portanto por que não nós? Ninguém o roubou, cão. Foi só bem *forrageado*.

Sandor Clegane olhou o rosto deles, um a um, como se estivesse tentando gravá-los todos na memória. Então saiu de volta para a escuridão e a chuva intensa de onde viera, sem proferir outra palavra. Os fora da lei ficaram na expectativa, questionando-se...

– É melhor eu verificar o que ele fez às nossas sentinelas. – Harwin espiou cuidadosamente pela porta antes de sair, a fim de se certificar de que Cão de Caça não estava só à espreita lá fora.

– E, de qualquer forma, como terá aquele maldito sacana arranjado todo aquele ouro? – disse Limo Manto Limão, para quebrar a tensão.

Anguy encolheu os ombros.

– Ele ganhou o torneio da Mão. Em Porto Real. – O arqueiro deu um sorriso. – Eu mesmo ganhei uma bela fortuna, mas depois conheci Dancy, Jayde e Alayaya. Ensinaram-me qual é o gosto do cisne assado e como tomar banho em vinho da Árvore.

– Deu cabo dele todo, foi? – riu Harwin.

– *Todo* não. Comprei estas botas e este excelente punhal.

– Devia era ter comprado alguma terra e tornado uma dessas moças do cisne assado numa mulher honesta – disse Jack Sortudo. – Arranjaria uma colheita de nabos e outra de filhos.

– Que o Guerreiro me proteja! Que desperdício seria transformar o ouro em nabos.

– Eu gosto de nabos – disse Jack, ofendido. – Agora mesmo bem que encararia um purezinho de nabo.

Thoros de Myr não prestou atenção às brincadeiras.

– Cão de Caça perdeu mais do que alguns sacos de moeda – refletiu. – Perdeu também seu dono e o canil. Não pode voltar para os Lannister, o Jovem Lobo nunca o acolheria, e também não é provável que o irmão o receba. Aquele ouro era tudo que lhe restava, parece.

– Inferno – disse Watty, o Moleiro. – Então ele com certeza virá nos assassinar quando estivermos dormindo.

– Não. – Lorde Beric tinha embainhado a espada. – Sandor Clegane mataria todos nós de bom grado, mas não enquanto dormíssemos. Anguy, amanhã vá para a retaguarda com o Dick Sem Barba. Se vir o Clegane ainda farejando atrás de nós, mate seu cavalo.

– É um bom cavalo – protestou Anguy.

– Sim – disse Limo. – É o maldito cavaleiro que deveríamos matar. Poderíamos usar aquele cavalo.

– Eu concordo com o Limo – disse Notch. – Deixe-me pôr penas no cão algumas vezes, desencorajá-lo um pouquinho.

Lorde Beric sacudiu a cabeça.

– Clegane conquistou a vida sob o monte oco. Não a roubarei dele.

– O senhor é sábio – disse Thoros aos outros. – Irmãos, um julgamento pela batalha é algo sagrado. Ouviram-me pedir a R'hllor para dar uma ajuda e viram o seu dedo ardente quebrar a espada de Lorde Beric, justo no momento em que ele se preparava para pôr fim em Clegane. Ao que parece, o Senhor da Luz ainda tem planos para o Cão de Caça de Joffrey.

Harwyn voltou depressa à cervejaria.

– Pé-de-Chouriço estava dormindo como uma pedra, mas inteiro.

– Espere até eu colocar as mãos nele – disse Limo. – Abro um novo olho do cu. Podia ter feito com que todos nós fôssemos mortos.

Ninguém descansou muito confortavelmente naquela noite, sabendo que Sandor Clegane se encontrava lá fora, no escuro, em algum lugar nas imediações. Arya enrolou-se perto do fogo, quente e aconchegada, mas o sono não queria vir. Tirou para fora a moeda que Jaqen H'ghar lhe dera e enrolou os dedos em volta dela, mantendo-se deitada por baixo de seu manto. Segurá-la fazia com que se sentisse forte, recordando-se de como havia sido o fantasma de Harrenhal. Na época, ela podia matar com um murmúrio.

Mas Jaqen partiu. Abandonou-a. *O Torta Quente também me deixou, e agora é o Gendry que está partindo*. Lommy morreu, Yoren morreu, Syrio Forel morreu, até o pai morreu, e Jaqen deu-lhe uma estúpida moeda de ferro e desapareceu.

– *Valar morghulis* – murmurou suavemente, apertando tanto o punho que as duras arestas da moeda se enterraram na palma de sua mão. – Sor Gregor, Dunsen, Polliver, Raff, o Querido. Cócegas e Cão de Caça. Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei. – Arya tentou imaginá-los depois de mortos, mas era difícil trazer seus rostos à memória. Conseguia ver Cão de Caça, assim como o irmão, a Montanha, e nunca se esqueceria do rosto de Joffrey, ou do da mãe dele... mas Raff, Dunsen e Polliver desvaneciam-se, e até Cócegas, cujo aspecto era tão banal.

O sono finalmente dominou-a, mas na noite fechada Arya acordou de novo, com uma sensação de formigamento. A fogueira reduzira-se a brasas. Mudge estava em pé, junto à porta, e havia outro guarda fazendo rondas lá fora. A chuva tinha parado, e ouviam-se lobos uivando. *Tão perto*, pensou, *e tantos*. Pelo barulho pareciam estar por toda a volta do estábulo, dezenas de animais, talvez centenas. *Espero que comam o Cão de Caça*. Recordou o que ele havia dito a respeito dos lobos e dos cães.

Chegada a manhã, o Septão Utt ainda oscilava sob a árvore, mas os irmãos pardos andavam pela chuva com pás, cavando covas rasas

para os outros mortos. Lorde Beric agradeceu-lhes pelo alojamento da noite e pela refeição e deu-lhes um saco de veados de prata para ajudar na reconstrução. Harwin, o Luke Promissor e Watty, o Moleiro, saíram batendo o terreno, mas não foram encontrados nem lobos nem cães.

Arya estava apertando a correia de sua sela quando Gendry veio encontrá-la para lhe pedir desculpas. Ela pôs um pé no estribo e saltou para a sela, para poder olhá-lo de cima, e não de baixo. *Podia fazer espadas em Correrrio para o meu irmão*, pensou, mas o que disse foi:

– Se quer ser um estúpido cavaleiro fora da lei e acabar enforcado, por que é que devo me importar? Vou estar em Correrrio, a salvo, com o meu irmão.

Não houve chuva naquele dia, felizmente, e por uma vez avançaram depressa.

Bran

A torre erguia-se numa ilha, com a gêmea refletida nas calmas águas azuis. Quando o vento soprava, ondulações deslocavam-se pela superfície do lago, perseguindo-se umas às outras como crianças brincando. Carvalhos cresciam densos ao longo das margens, um bosque cerrado com um tapete de bolotas caídas por baixo de seus ramos. Depois das árvores ficava a aldeia, ou aquilo que dela restava.

Era a primeira aldeia que viam desde que estiveram nos montes. Meera tinha batido o terreno em frente, para se certificar de que não havia ninguém escondido entre as ruínas. Caminhando com prudência entre carvalhos e macieiras, com sua rede e lança na mão, espantou três veados vermelhos e fez os animais fugirem aos saltos por entre a vegetação rasteira. Verão viu o movimento repentino e imediatamente partiu para perseguir os animais. Bran viu o lobo gigante afastar-se aos saltos, e, por um momento, não havia nada que desejasse mais do que enfiar-se na pele dele e correr junto, mas Meera estava acenando para que avançassem. Relutantemente, deu as costas ao Verão e disse a Hodor para prosseguir até a aldeia. Jojen acompanhou-os.

Bran sabia que o terreno dali até a Muralha era composto por pastagens, campos incultos e colinas baixas e onduladas, prados nas terras altas e brejos nas baixas. Progrediriam muito mais facilmente do que nas montanhas que tinham ficado para trás, mas tanto espaço aberto deixava Meera inquieta.

– Sinto-me nua – confessou. – Não há lugar para nos escondermos.

– De quem é esta terra? – perguntou Jojen a Bran.

– Da Patrulha da Noite – respondeu este. – Esta é a Dádiva. A Nova Dádiva, e a norte dela fica a Dádiva de Brandon. – Meistre Luwin ensinara-lhe a história. – Brandon, o Construtor, deu toda a terra a sul da Muralha aos irmãos negros, dentro de uma distância de vinte e cinco léguas. Para o seu... para o seu *sustento e suporte*. – Sentiu-se orgulhoso por ainda se lembrar daquela parte. – Alguns meistres dizem que foi outro Brandon qualquer, não o Construtor, mesmo assim é a Dádiva de Brandon. Milhares de anos mais tarde, a Boa Rainha Alysanne visitou a Muralha em seu dragão Asaprata e achou a Patrulha da Noite tão corajosa que levou o Velho Rei a duplicar o tamanho de suas terras, até cinquenta léguas. Portanto, essa foi a Segunda Dádiva. – Fez um gesto com a mão. – Aqui. Tudo isto.

Bran via que ninguém vivia na aldeia havia longos anos. Todas as casas estavam desabando. Até a estalagem. Nunca fora *grande coisa* como estalagem, pelo aspecto, mas agora tudo que dela restava era uma chaminé de pedra e duas paredes rachadas, erguidas no meio de

uma dúzia de macieiras. Uma crescia no meio da sala comum, onde uma camada de úmidas folhas marrons e maçãs em putrefação atapetava o chão. O ar estava pesado, com o cheiro que elas exalavam, um odor nauseabundo de sidra que era quase sufocante. Meera apunhalou algumas maçãs com sua lança para rãs, tentando encontrar alguma que ainda estivesse boa para comer, mas estavam todas marrons e bichadas.

Era um ponto pacífico, calmo, tranquilo e bonito, mas Bran achou que havia tristeza numa estalagem vazia, e Hodor pareceu sentir isso também.

– Hodor? – disse ele, com um ar confuso. – Hodor? Hodor?

– Esta terra é boa. – Jojen pegou um punhado de solo, desfazendo-o entre os dedos. – Uma aldeia, uma estalagem, uma fortaleza robusta no lago, todas essas macieiras... mas onde estão as pessoas, Bran? Por que abandonariam um lugar como este?

– Tinham medo dos selvagens – disse Bran. – Os selvagens passam por cima da Muralha ou atravessam as montanhas, para fazer incursões, roubar e levar mulheres. Se pegam alguém, transformam seu crânio numa taça para beber sangue, costumava dizer a Velha Ama. A Patrulha da Noite não é tão forte como foi nos tempos de Brandon ou da Rainha Alysanne, por isso mais selvagens conseguem passar. Os lugares próximos da Muralha começaram a ser atacados com tanta frequência que o povo se mudou para o sul, para as montanhas ou para as terras dos Umber, a leste da estrada do rei. O povo do Grande-Jon também era atacado, mas não tanto quanto as pessoas que costumavam viver na Dádiva.

Jojen Reed virou a cabeça devagar, ouvindo uma música que só ele era capaz de ouvir.

– Temos de nos abrigar aqui. Vem aí uma tempestade. Uma das grandes.

Bran olhou para o céu. Tinha sido um belo, revigorante e cristalino dia de outono, ensolarado e quase quente, mas era verdade que agora surgiam nuvens escuras a oeste, e o vento parecia estar aumentando.

– Não há telhado na estalagem e só há as duas paredes em pé – ressaltou. – Deveríamos ir para a fortaleza.

– Hodor – disse Hodor. Talvez estivesse de acordo.

– Não temos barco, Bran. – Meera remexeu ociosamente as folhas com a lança para rãs.

– Há um caminho elevado na água. Um caminho de pedra, escondido sob a água. Podíamos chegar lá a pé. – *Eles* podiam, pelo menos; Bran teria de ir de cavalinho nos ombros de Hodor, mas pelo menos assim ficaria seco.

Os Reed trocaram um olhar.

– Como sabe disso? – perguntou Jojen. – Já esteve aqui, meu príncipe?

– Não. A Velha Ama me contou. A torre tem uma coroa dourada, está vendo? – Apontou para o edifício. Viam-se manchas de tinta dourada descascando por toda a volta, nas ameias. – A Rainha Alysanne dormiu ali, e por isso pintaram os merlões de dourado em sua honra.

– Um caminho elevado? – Jojen estudou o lago. – Tem certeza?

– Absoluta – disse Bran.

Meera encontrou o início com bastante facilidade, depois de saber o que procurar; um caminho de pedra, com um metro de largura, projetado diretamente para dentro do lago. Levou os outros passo a passo, com toda a cautela, testando o caminho com a lança para rãs. Eles viram o local onde o caminho voltava a emergir, saindo da água para a ilha e transformando-se num curto lance de degraus de pedra que levavam à porta da fortaleza.

Trilha, degraus e porta estavam dispostos em linha reta, o que levava a pensar que o caminho elevado seguia direto, mas não era assim. Sob o lago, ele ziguezagueava, rodeando um terço da ilha antes de fazer uma curva brusca para o outro lado. As curvas eram traiçoeiras, e o longo caminho significava que qualquer um que se aproximasse estaria exposto durante muito tempo a tiros de flecha vindos da torre. Além disso, as pedras escondidas estavam cobertas de lodo e eram escorregadias; por duas vezes, Hodor quase pisou em falso e gritou "*HODOR!*", alarmado, antes de recuperar o equilíbrio. A segunda vez assustou fortemente Bran. Se Hodor caísse no lago com ele no cesto, podia muito bem se afogar, especialmente se o enorme cavalariço entrasse em pânico e se esquecesse de que Bran estava lá, como às vezes acontecia. *Talvez devêssemos ter ficado na estalagem, debaixo da macieira*, pensou, mas a essa altura era tarde demais.

Felizmente, não houve uma terceira vez, e a água nunca chegou a ultrapassar a cintura de Hodor, embora chegasse ao peito dos Reed. E não muito tempo depois estavam na ilha, subindo os degraus que levavam à fortaleza. A porta ainda era robusta, embora suas pesadas tábuas de carvalho tivessem se deformado com os anos e já não fosse possível fechá-la por completo. Meera abriu-a toda, fazendo as enferrujadas dobradiças de ferro gritar. O lintel era baixo.

– Abaixe, Hodor – disse Bran, e o cavalariço obedeceu, mas não o suficiente para evitar que Bran batesse a cabeça. – Isso doeu – protestou.

– Hodor – disse Hodor, endireitando-se.

Encontravam-se numa caixa-forte sombria, que mal tinha espaço para abrigar os quatro. Degraus esculpidos na parede interior da torre curvavam-se para cima à esquerda e para baixo à direita, por trás de

grades de ferro. Bran olhou para cima e viu outra grade bem acima de sua cabeça. *Um alçapão.* Sentiu-se feliz por não haver ninguém agora lá em cima para despejar óleo fervente por cima deles.

As grades estavam trancadas, mas as barras de ferro encontravam-se vermelhas de ferrugem. Hodor agarrou a porta da esquerda e deu um puxão nela, grunhindo com o esforço. Nada aconteceu. Tentou empurrar, sem sucesso. Sacudiu as barras, chutou-as, empurrou-as com o ombro, chacoalhou-as e esmurrou as dobradiças com uma mão enorme até deixar o ar cheio de lascas de ferrugem, mas a porta de ferro não se movia. A que levava ao porão não se mostrou mais cooperante.

– Não há como entrar – disse Meera, encolhendo os ombros.

O alçapão ficava bem acima da cabeça de Bran, sentado ali em seu cesto às costas de Hodor. O garoto estendeu as mãos e agarrou-se às barras, para testá-las. Quando puxou para baixo, a grade desprendeu-se do teto, numa cascata de ferrugem e pedra esmigalhada.

– *HODOR!* – gritou Hodor. A pesada grade de ferro deu a Bran outra pancada na cabeça e caiu com estrondo junto aos pés de Jojen quando ele a afastou com as mãos.

Meera soltou uma gargalhada.

– Veja só, meu príncipe – disse –, você é mais forte do que Hodor. – Bran corou.

Com a grade fora do caminho, Hodor foi capaz de erguer Meera e Jojen através do alçapão escancarado. Os cranogmanos pegaram Bran pelos braços e puxaram-no também. Fazer Hodor entrar foi a parte difícil. Ele era pesado demais para os Reed o erguerem como tinham feito com Bran. Por fim, Bran disse-lhe para procurar algumas pedras grandes. Disso a ilha não tinha falta, e Hodor conseguiu empilhá-las até a altura suficiente para se agarrar às bordas esfareladas do alçapão e subir por ele.

– Hodor – ofegou em tom feliz, sorrindo para todos eles.

Viram-se num labirinto de pequenas celas, escuras e vazias, mas Meera explorou até encontrar o caminho de volta aos degraus. Quanto mais subiam, melhor era a luz; no terceiro andar a espessa parede exterior era perfurada por seteiras, o quarto tinha janelas de verdade e o quinto e último era um grande aposento redondo com portas em arco em três lados que se abriam para pequenas varandas de pedra. No quarto ao lado ficava uma latrina, empoleirada por cima de uma calha de escoamento que descarregava diretamente no lago.

Quando chegaram ao telhado, o céu estava completamente encoberto, e as nuvens para oeste mostravam-se negras. O vento soprava com tanta força que levantou o manto de Bran e fez com que ondulasse e batesse.

– Hodor – respondeu Hodor ao barulho.

Meera descreveu um círculo.

– Sinto-me quase uma gigante, aqui por cima do mundo.

– Há árvores no Gargalo que são duas vezes mais altas do que isto – lembrou-lhe o irmão.

– Sim, mas têm outras árvores em volta com a mesma altura – disse Meera. – O mundo no Gargalo é apertado, e o céu é muito menor. Aqui... sente este vento, irmão? E olhe como o mundo se tornou grande.

Era verdade, dali via-se a uma longa distância. A sul erguiam-se os sopés dos montes, com as montanhas cinzentas e verdes mais atrás. As planícies onduladas da Nova Dádiva estendiam-se a perder de vista em todas as outras direções.

– Tinha esperança de conseguirmos ver a Muralha daqui – disse Bran, desapontado. – Foi besteira, ainda devemos estar a cinquenta léguas de distância. – Só de falar nisso sentia-se cansado e com frio também. – Jojen, o que faremos quando chegarmos à Muralha? Meu tio contava sempre como ela é grande. Duzentos metros de altura, e tão espessa na base que os portões são como túneis abertos no gelo. Como é que vamos passar para ir à procura do corvo dos três olhos?

– Há castelos abandonados ao longo da Muralha, segundo ouvi dizer – respondeu Jojen. – Fortalezas construídas pela Patrulha da Noite, mas agora deixadas sem guarnição. Uma delas pode ser o caminho para passar.

A Velha Ama chamava-os de *castelos fantasma*. Uma vez, Meistre Luwin obrigara Bran a aprender o nome de todos os fortes ao longo da Muralha. Foi uma tarefa difícil; havia dezenove ao todo, embora não mais de dezessete tivessem tido, em algum momento, guarnição. No banquete dado por ocasião da visita do Rei Robert a Winterfell, Bran recitou os nomes para o tio Benjen, de leste para oeste e depois de oeste para leste. Benjen Stark riu e disse:

– Você os conhece melhor do que eu, Bran. Talvez devesse ser você o Primeiro Patrulheiro. Eu fico aqui no seu lugar. – Mas isso foi antes de Bran cair. Antes de ficar mutilado. Quando acordou aleijado de seu sono, o tio já tinha retornado para Castelo Negro.

– Meu tio dizia que os portões eram selados com gelo e pedras sempre que um castelo tinha de ser abandonado – disse Bran.

– Então teremos de abri-los de novo – disse Meera.

Aquilo deixou-o inquieto.

– Não devíamos fazer isso. Podem entrar coisas más vindas do outro lado. Devíamos simplesmente ir a Castelo Negro e dizer ao Senhor Comandante para nos deixar passar.

– Vossa Graça – disse Jojen –, temos de evitar Castelo Negro, tal como evitamos a estrada do rei. Há centenas de homens lá.

– Homens da Patrulha da Noite – disse Bran. – Eles prestam juramentos, de não participar de guerras ou algo parecido.

– Sim – disse Jojen –, mas bastaria um homem disposto a quebrar seu juramento para vender o seu segredo aos homens de ferro ou ao Bastardo de Bolton. E não temos certeza se a Patrulha concordaria em nos deixar passar. Podiam decidir nos reter ou nos mandar de volta.

– Mas meu pai era amigo da Patrulha da Noite, e meu tio é Primeiro Patrulheiro. Talvez ele saiba onde vive o corvo de três olhos. E Jon também está em Castelo Negro. – Bran acalentara a esperança de voltar a ver Jon e o tio. Os últimos irmãos negros a visitar Winterfell disseram que Benjen Stark tinha desaparecido durante uma patrulha, mas certamente já teria encontrado uma forma de voltar. – Aposto que a Patrulha até nos daria cavalos – prosseguiu.

– Silêncio. – Jojen fez sombra com a mão sobre os olhos e olhou na direção do sol poente. – Olhem. Há alguma coisa... um cavaleiro, parece. Conseguem vê-lo?

Bran também fez sombra com a mão sobre os olhos, e mesmo assim teve de semicerrá-los. A princípio nada viu, até que um movimento o fez virar-se. Pensou que poderia ser o Verão, mas não era. *Um homem a cavalo*. Estava afastado demais para conseguir ver muito mais do que isso.

– Hodor? – Hodor também tinha posto a mão sobre os olhos, mas estava olhando para o lugar errado. – Hodor?

– Ele não vem com pressa – disse Meera –, mas parece-me que se dirige para esta aldeia.

– É melhor irmos para dentro antes que sejamos vistos – disse Jojen.

– Verão está perto da aldeia – objetou Bran.

– Verão vai ficar bem – prometeu Meera. – É só um homem montado num cavalo cansado.

Algumas gotas gordas começaram a bater contra a pedra na hora em que o grupo se retirava para o andar inferior. O momento foi bem escolhido; a chuva começou a cair forte pouco tempo depois. Conseguiam ouvi-la vergastando a superfície do lago mesmo através das espessas paredes. Sentaram-se no chão da sala redonda e vazia, no meio das sombras que aumentavam. A varanda virada para o norte dava para a aldeia abandonada. Meera rastejou até lá fora, para espreitar por sobre o lago e ver o que tinha acontecido ao cavaleiro.

– Ele abrigou-se nas ruínas da estalagem – disse-lhes quando voltou para dentro. – Parece que está fazendo uma fogueira na lareira.

– Gostaria que pudéssemos fazer o mesmo – disse Bran. – Estou com frio. Há mobília quebrada no fundo das escadas, eu vi. Poderíamos botar o Hodor para cortá-la e nos aquecermos.

Hodor gostou da ideia.

– Hodor – disse, em tom esperançoso.

Jojen sacudiu a cabeça.

– Fogo significa fumaça. Fumaça vinda desta torre pode ser vista a longa distância.

– Se houver alguém para ver – argumentou a irmã.

– Há o homem na aldeia.

– Um homem.

– Um homem seria o suficiente para levar Bran aos seus inimigos, se for o homem errado. Ainda temos meio pato que sobrou de ontem. Devíamos comer e descansar. Ao amanhecer, o homem seguirá caminho e nós faremos o mesmo.

Jojen conseguiu o que queria; conseguia sempre. Meera dividiu o pato entre os quatro. Apanhara-o com sua rede no dia anterior, no momento em que a ave tentava levantar voo do charco onde foi surpreendida. Não era tão saboroso frio como havia sido quente e crocante, recém-saído do espeto, mas pelo menos não iriam passar fome. Bran e Meera dividiram o peito, enquanto Jojen comeu a sobrecoxa. Hodor devorou a asa e a coxa, murmurando "Hodor" e lambendo a gordura dos dedos após cada mordida. Era a vez de Bran de contar uma história, e falou-lhes de outro Brandon Stark, aquele que chamavam de Brandon, o Construtor Naval, o qual velejara para lá do Mar do Poente.

Caía o crepúsculo quando pato e história terminaram e a chuva continuava caindo. Bran perguntou a si mesmo se Verão estaria muito longe e se teria caçado algum dos veados.

Sombras cinzentas encheram a torre e, lentamente, foram se transformando em escuridão. Hodor ficou inquieto e começou a andar circulando as paredes, parando toda vez que passava pela latrina, para espiar lá dentro, como se tivesse se esquecido do que havia ali. Jojen ficou em pé, junto da varanda norte, escondido pelas sombras, olhando para a noite e para a chuva. Em algum lugar para o norte, um relâmpago ziguezagueou pelo céu, iluminando o interior da torre por um instante. Hodor deu um salto e soltou um ruído assustado. Bran contou até oito, à espera do trovão. Quando ele chegou, Hodor gritou:

– *Hodor!*

Espero que o Verão não esteja assustado também, pensou Bran. Os cães nos canis de Winterfell sempre assustavam-se com as trovoadas, assim como Hodor. *Devia ir ver o companheiro, para acalmá-lo...*

O relâmpago voltou a cair e dessa vez o trovão chegou aos seis.

– Hodor! – berrou de novo Hodor. – HODOR! HODOR! – Pegou a espada, como que para lutar com a tempestade.

Jojen disse:

– Quieto, Hodor. Bran, diga para ele não gritar. Consegue tirar a espada dele, Meera?

– Posso tentar.

– Hodor, *chiu* – disse Bran. – Fique calado. Chega desse estúpido hodorar. Sente-se.

– Hodor? – o grande homem entregou obedientemente a espada a Meera, mas seu rosto era uma máscara de confusão.

Jojen voltou a se virar para a escuridão, e todos o ouviram prender a respiração.

– O que se passa? – perguntou Meera.

– Homens na aldeia.

– O homem que vimos antes?

– Outros homens. Armados. Vi um machado e lanças também – Nunca antes Jojen tinha soado tanto como o garoto que era. – Vi-os quando o relâmpago caiu, em movimento entre as árvores.

– Quantos?

– Muitos e mais ainda. Demais para contar.

– Montados?

– Não.

– Hodor. – Hodor parecia assustado. – Hodor. Hodor.

Bran também se sentia um pouco assustado, embora não quisesse admitir isso na frente de Meera.

– E se vierem até aqui?

– Não virão. – Ela sentou-se a seu lado. – Por que viriam?

– Em busca de abrigo. – A voz de Jojen era lúgubre. – A menos que a tempestade passe. Meera, você pode ir até lá embaixo barrar a porta?

– Nem sequer conseguiria fechá-la. A madeira está deformada demais. Mas eles não passarão por aqueles portões de ferro.

– Podem passar. Podiam quebrar a fechadura, ou as dobradiças. Ou subir pelo alçapão, como nós fizemos.

Um relâmpago rasgou o céu e Hodor choramingou. Então, um grande trovão rolou por sobre o lago.

– HODOR – rugiu o cavalariço, apertando as orelhas com as mãos e andando em círculos e aos tropeções através das trevas. – HODOR! HODOR! HODOR!

– *NÃO!* – gritou-lhe Bran. – PARE DE HODORAR!

De nada serviu.

– HOOOODOR! – gemeu Hodor. Meera tentou segurá-lo e acalmá-lo, mas ele era forte demais. Atirou-a para o lado com apenas um encolher de ombros. – HOOOOOODOOOOOOR! – gritou o cavalariço quando um relâmpago voltou a encher o céu, e agora até Jojen estava gritando, gritando para que Bran e Meera calassem Hodor.

– Fique *quieto!* – disse Bran numa voz esganiçada e assustada, tentando inutilmente alcançar a perna de Hodor quando ele passou ao seu lado, tentando alcançá-lo, tentando *alcançá-lo*.

Hodor vacilou e fechou a boca. Balançou lentamente a cabeça de um lado para o outro, deixou-se cair de novo no chão e sentou-se de pernas cruzadas. Quando o trovão ressoou, pareceu quase não ouvi-lo. Os quatro ficaram sentados na torre escura, quase sem se atreverem a respirar.

– Bran, o que você fez? – murmurou Meera.

– Nada. – Bran sacudiu a cabeça. – Não sei. – Mas sabia. *Consegui alcançá-lo, da mesma forma que consigo alcançar o Verão*. Bran *tinha sido* Hodor durante meio segundo. Aquilo assustava-o.

– Está acontecendo alguma coisa para lá do lago – disse Jojen. – Acho que vi um homem apontando para a torre.

Não vou ter medo. Ele era o Príncipe de Winterfell, filho de Eddard Stark, quase um homem-feito e, além disso, um *warg*, já não era um garotinho como Rickon. *Verão não teria medo*.

– O mais provável é que sejam homens dos Umber – disse. – Ou podem ser Knott, Norrey ou Flint descidos das montanhas, ou mesmo irmãos da Patrulha da Noite. Usavam mantos negros, Jojen?

– De noite, todos os mantos são negros, Vossa Graça. E o relâmpago apareceu e desapareceu depressa demais para eu ver o que vestiam.

Meera mostrava-se prudente.

– Se fossem irmãos negros, estariam montados, não é verdade?

Bran tinha pensado em outra coisa.

– Não importa – disse com confiança. – Eles não poderiam chegar até nós, mesmo se quisessem. A não ser que tenham um barco ou saibam do caminho pela água.

– O caminho elevado! – Meera esfregou os cabelos de Bran e beijou-o na testa. – Nosso querido príncipe! Ele tem razão, Jojen, esses homens não sabem do caminho elevado. E mesmo se soubessem, nunca o encontrariam à noite e na chuva.

– Mas a noite terminará. Se ficarem até de manhã... – Jojen deixou o resto por dizer. Uns momentos mais tarde, disse: – Eles estão alimentando a fogueira que o primeiro homem acendeu. – Um relâmpago cruzou o céu, e a luz encheu a torre e delineou-os nas sombras. Hodor balançava-se de um lado para o outro, cantarolando.

Bran conseguiu sentir o medo de Verão naquele instante luminoso. Fechou dois olhos e abriu um terceiro, e sua pele de garoto deslizou de cima de si como um manto ao deixar a torre para trás...

... e se ver na chuva, com a barriga cheia de veado, aninhando-se com medo na vegetação rasteira enquanto o céu se abria e ressoava por cima de si. O cheiro de maçãs podres e folhas molhadas quase afogava o odor dos homens, mas ele estava lá. Ouviu o tinir e deslizar da pele dura, viu homens se deslocando sob as árvores. Um homem com um pedaço de madeira e uma pele puxada por cima da cabeça

passou por ele aos tropeções, deixando-o cego e surdo. O lobo rodeou-o a distância, por trás de um espinheiro que gotejava e por baixo dos ramos nus de uma macieira. Conseguia ouvi-los conversando, e sentiu, sob os odores de chuva, folhas e cavalo, o fedor vivo e vermelho do medo...

Jon

O terreno estava coberto de agulhas de pinheiro e folhas sopradas pelo vento, um tapete de verde e marrom ainda úmido das chuvas recentes. Esguichava água por baixo dos pés do grupo. Enormes carvalhos de ramos nus, altas sentinelas e tropas de pinheiros marciais erguiam-se por toda a volta. Numa colina acima deles, erguia-se outra torre redonda, antiga e vazia, com um espesso musgo verde escalando o seu lado quase até o cume.

– Quem construiu aquilo, assim, tudo em pedra? – perguntou-lhe Ygritte. – Algum rei?

– Não. Foram só os homens que viviam aqui.

– O que aconteceu com eles?

– Morreram ou foram embora. – A Dádiva de Brandon tinha sido cultivada durante milhares de anos, mas, conforme a Patrulha ia minguando, o número de mãos para arar os campos, cuidar das abelhas e plantar os pomares diminui, e assim a natureza reclamou o controle de muitos campos de cultivo e salões. Na Nova Dádiva houve aldeias e castros, cujos impostos, entregues em bens e trabalho, ajudavam a alimentar e vestir os irmãos negros. Mas essas também tinham desaparecido em grande parte.

– Foram tolos por deixar um castelo como este – disse Ygritte.

– É só uma casa-torre. Um pequeno fidalgo qualquer viveu aí um dia, com a família e alguns homens juramentados a ele. Quando chegavam assaltantes, acendia um farol no telhado. Winterfell tem torres três vezes maiores do que estas.

Ela olhou-o como se julgasse que Jon estava inventando aquilo.

– Como é possível que os homens construam tão alto, sem gigantes para levantar as pedras?

Segundo as lendas, Brandon, o Construtor, *tinha* usado gigantes para ajudar a erguer Winterfell, mas Jon não quis confundir as coisas.

– Os homens conseguem construir a alturas muito maiores do que esta. Em Vilavelha há uma torre mais alta do que a Muralha. – Percebeu que ela não acreditou no que ele dizia. *Se pudesse lhe mostrar Winterfell... dar uma flor apanhada nos jardins de vidro, banqueteá-la no Grande Salão e mostrar os reis de pedra em seus tronos. Poderíamos tomar banho nas lagoas quentes e fazer amor à sombra da árvore-coração enquanto os deuses antigos nos vigiavam.*

O sonho era agradável... mas Winterfell nunca seria seu para mostrar. Pertencia ao seu irmão, o Rei no Norte. Ele era um Snow, não um Stark. *Bastardo, perjuro e vira-casaca...*

– Talvez, depois a gente possa voltar para cá e viver naquela torre – disse ela. – Você gostaria, Jon Snow? Depois?

Depois. A palavra era uma estocada de lança. *Depois da guerra. Depois da conquista. Depois de os selvagens abrirem uma brecha na Muralha...*

Um dia, o senhor seu pai havia falado em fazer novos senhores e instalá-los nos castros abandonados como escudo contra os selvagens. O plano exigiria que a Patrulha cedesse uma grande parte da Dádiva, mas o tio Benjen acreditava que o Senhor Comandante podia ser persuadido a fazer isso, desde que os novos fidalgos pagassem impostos a Castelo Negro, e não a Winterfell.

– Mas é um sonho para a primavera – tinha dito Lorde Eddard. – Com o inverno chegando, nem mesmo a promessa de terras atrairia homens ao norte.

Se o inverno tivesse chegado e partido mais depressa e a primavera tivesse seguido seu curso, eu poderia ter sido escolhido para ocupar uma destas torres em nome de meu pai. Mas Lorde Eddard estava morto e seu irmão Benjen, desaparecido; o escudo que tinham sonhado juntos nunca seria forjado.

– Esta terra pertence à Patrulha – disse Jon.

As narinas dela dilataram-se.

– Ninguém vive aqui.

– Os seus corsários afugentaram-nos.

– Então eram covardes. Se queriam a terra, deviam ter ficado e lutado.

– Talvez estivessem cansados de lutar. Cansados de barrar as portas todas as noites, imaginando se Camisa de Chocalho ou alguém como ele as arrombaria para raptar suas mulheres. Fartos de verem as colheitas roubadas, juntamente com qualquer coisa de valor que possuíssem. É mais fácil ir viver fora do alcance de assaltantes. – *Mas, se a Muralha cair, todo o Norte ficará ao alcance deles.*

– Você não sabe nada, Jon Snow. São as filhas que são levadas, não as mulheres. São *vocês* que roubam. Roubaram o mundo inteiro e construíram a Muralha pra manter o povo livre fora dele.

– Ah, é? – às vezes, Jon se esquecia de quão selvagem ela era, e então Ygritte o lembrava disso. – Como foi que isso aconteceu?

– Os deuses fizeram a terra pra todos os homens partilharem. Mas aí os reis chegaram com suas coroas e espadas de aço e disseram que a terra era toda deles. "As árvores são minhas", disseram, "não podem comer as maçãs". "O riacho é meu, não podem pescar aqui. A floresta é minha, não podem caçar. A minha terra, a minha água, o meu castelo, a minha filha, mantenham as mãos longe, senão eu as corto, mas se vocês se ajoelharem, deixo vocês cheirarem." Chamam-nos de ladrões, mas ao menos um ladrão tem que ser corajoso, esperto e rápido. O tipo que ajoelha só tem que ajoelhar.

– Harma e Saco de Ossos não fazem incursões em busca de peixe

e maçãs. Roubam espadas e machados. Especiarias, sedas e peles. Arrecadam todas as moedas, anéis e taças incrustadas de joias que conseguem encontrar, barris de vinho no verão e barris de carne no inverno, e roubam mulheres em todas as estações e levam-nas para lá da Muralha.

– E daí se fazem isso? Cá pra mim, é melhor ser raptada por um homem forte do que ser dada a algum fracote pelo meu pai.

– É o que você diz, mas como é que sabe? E se fosse raptada por alguém que detestasse?

– Ele teria de ser rápido, astuto e bravo pra *me* raptar. Assim, nossos filhos também seriam fortes e espertos. Por que é que eu ia detestar um homem assim?

– Pode ser que ele nunca se lave, e cheire tão mal como um urso.

– Nesse caso, eu o empurraria pra dentro de um riacho ou atiraria um balde d'água nele. Seja como for, os homens não devem cheirar bem como flores.

– O que as flores têm de errado?

– Nada, pra uma abelha. Pra cama, eu quero um destes. – Ygritte tentou agarrar a parte da frente dos calções de Jon.

Este agarrou o pulso dela.

– E se o homem que a raptasse bebesse demais? – insistiu. – E se fosse brutal ou cruel? – Apertou com mais força, para dar peso ao argumento. – E se fosse mais forte do que você e gostasse de espancá-la até deixá-la em carne viva?

– Cortava a goela dele quando estivesse dormindo. Você não sabe nada, Jon Snow. – Ygritte retorceu-se como uma enguia e libertou-se dele.

Sei uma coisa. Sei que você é selvagem até os ossos. Às vezes era fácil se esquecer disso, quando estavam rindo juntos, ou beijando-se. Mas então um deles diria alguma coisa ou faria algo, e ele subitamente se lembraria da muralha que se erguia entre seus mundos.

– Um homem pode ser dono de uma mulher ou pode ser dono de uma faca – disse-lhe Ygritte –, mas nenhum homem pode ser dono das duas coisas. Todas as meninas aprendem isso com as mães. – Ergueu o queixo em desafio e sacudiu os espessos cabelos ruivos. – E os homens não podem ser donos da terra, como não podem ser donos do mar ou do céu. Vocês, os ajoelhadores, pensam que são, mas o Mance vai mostrar outra coisa a vocês.

Era uma vanglória bela e corajosa, mas soava vazia. Jon deu um olhar de relance para trás, a fim de se certificar de que o Magnar não pudesse ouvi-lo. Errok, o Grande Furúnculo, e o Dan de Cânhamo caminhavam alguns metros atrás deles, mas não estavam prestando atenção na discussão. O Grande Furúnculo se queixava do traseiro.

– Ygritte – disse em voz baixa –, Mance não pode ganhar esta

guerra.

– Claro que pode! – insistiu ela. – Você não sabe nada, Jon Snow. Nunca viu o povo livre lutar!

Os selvagens lutavam como heróis ou demônios, dependendo de quem contava a história, mas no fim das contas acabava dando no mesmo. *Eles lutam com uma coragem intrépida, com todos os homens em busca de glória.*

– Não duvido de que sejam todos muito corajosos, mas quando chega a hora da batalha, a disciplina sempre vence o valor. No fim, Mance falhará, como todos os Reis-para-lá-da-Muralha antes dele. E quando isso acontecer, morrerão. Todos vocês.

Ygritte pareceu tão zangada que Jon pensou que ela fosse bater nele.

– Todos *nós* – disse. – Você também. Agora já não é um corvo, Jon Snow. Eu jurei que não era, portanto é melhor não ser. – Empurrou-o contra o tronco de uma árvore e beijou-o em cheio nos lábios, bem ali, no meio da coluna desordenada. Jon ouviu Grigg, o Bode, dizer-lhe para continuar andando. Outra pessoa soltou uma gargalhada. Ele devolveu o beijo, apesar de tudo. Quando enfim se separaram, Ygritte estava corada. – É meu – sussurrou. – Meu, como eu sou sua. E se morrermos, morremos. Todos os homens têm de morrer, Jon Snow. Mas, primeiro, vivemos.

– Sim. – A voz de Jon estava pesada. – Primeiro vivemos.

Ela sorriu ao ouvir aquilo, mostrando-lhe os dentes tortos que ele, sem saber como, acabara amando. *Selvagem até o osso*, pensou de novo, com uma sensação doentia e triste na boca do estômago. Dobrou os dedos da mão da espada e perguntou a si mesmo o que Ygritte faria se soubesse o que se passava em seu coração. Ela o trairia caso se sentasse com ela e lhe dissesse que ainda era filho de Ned Stark e um homem da Patrulha da Noite? Esperava que não, mas não se atrevia a correr esse risco. Vidas demais dependiam de sua capacidade para chegar a Castelo Negro antes do Magnar... partindo do princípio de que encontraria uma oportunidade de fugir dos selvagens.

Tinham descido a face sul da Muralha em Guardagris, um castelo abandonado havia duzentos anos. Uma seção dos enormes degraus de pedra tinha ruído havia um século, mesmo assim a descida foi bastante mais fácil do que a subida. Dali, Styr levou-os para o interior profundo da Dádiva, para evitar as habituais patrulhas dos homens de negro. Grigg, o Bode, guiou-os ao redor do punhado de aldeias habitadas que restavam naquelas terras. Além de umas poucas torres redondas que se projetavam para o céu como dedos de pedra, não viram sinal de homens. Marcharam por colinas úmidas e planícies ventosas, sem serem vigiados, sem serem vistos.

Não pode se recusar, não importa o que lhe seja solicitado, tinha dito o Meia-Mão. *Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles, durante o tempo que for preciso.* E ele cavalgara, ao longo de muitas léguas, e caminhara mais ainda, partilhara o pão e o sal deles e também as mantas de Ygritte, mas ainda assim não confiavam nele. Os Thenn observavam-no noite e dia, alertas a qualquer sinal de traição. Não conseguia se afastar, e logo seria tarde demais.

Lute com eles, disse Qhorin, antes de entregar a vida à Garralonga... mas ainda não havia chegado a esse ponto. *Assim que derramar o sangue de um irmão, estou perdido. Então atravesso a Muralha para sempre, e não há caminho de volta.*

Após a marcha de cada dia, o Magnar chamava-o para fazer perguntas astutas e perspicazes sobre Castelo Negro, sua guarnição e suas defesas. Jon mentia naquilo que se atrevia e às vezes fingia ignorância, mas Grigg, o Bode, e Errok também estavam ouvindo e eles sabiam o suficiente para deixar Jon cauteloso. Uma mentira evidente demais poderia traí-lo.

Mas a verdade era terrível. Castelo Negro não tinha defesas além da própria Muralha. Nem sequer possuía paliçadas de madeira ou diques de terra. O "castelo" nada mais era do que um aglomerado de torres e fortalezas, dois terços das quais estavam quase em ruínas. Quanto à guarnição, o Velho Urso levara duzentos homens em sua incursão. Teria algum regressado? Jon não tinha como saber. Talvez restassem quatrocentos no castelo, mas a maior parte desses homens era de construtores ou intendentes, não patrulheiros.

Os Thenns eram guerreiros tarimbados, e mais disciplinados do que um selvagem comum; fora sem dúvida por isso que Mance os escolhera. Os defensores de Castelo Negro incluiriam o cego Meistre Aemon e seu intendente meio cego Clydas, o Donal Noye, que não tinha um braço, o bêbado do Septão Cellador, Dick Surdo Follard, o cozinheiro Hobb Três-Dedos, o velho Sor Wynton Stout, bem como Halder, Sapo, Pyp, Albett e o resto dos rapazes que tinham treinado com Jon. E no comando deles estaria Bowen Marsh, com seu rosto vermelho, o rechonchudo Senhor Intendente que fora nomeado castelão na ausência de Lorde Mormont. Às vezes, Edd Doloroso chamava Marsh de "Velha Romã", o que se adequava a ele tão bem quanto "Velho Urso" se ajustava a Mormont.

– Ele é o homem que você quer na liderança quando os inimigos estão em campo – dizia Edd com sua habitual voz severa. – Ele vai contá-los direitinho por você. É um autêntico demônio para as contas, esse.

Se o Magnar pegar Castelo Negro desprevenido, será um massacre sangrento, com rapazes assassinados em suas camas antes mesmo de saberem que estão sob ataque. Jon tinha de preveni-los, mas como?

Nunca era mandado para forragear ou caçar, nem lhe era permitido ficar sozinho de vigia. E também temia por Ygritte. Não podia levá-la, mas, se a deixasse, será que o Magnar iria fazê-la responder por sua traição? *Dois corações que batem como um só...*

Todas as noites dividiam as mesmas peles de dormir, e ele adormecia com a cabeça dela sobre o seu peito e os cabelos ruivos fazendo cócegas em seu queixo. O cheiro dela tinha se tornado uma parte de Jon. Seus dentes tortos, a textura de seu seio quando ele o segurava, o sabor de sua boca... eram o seu júbilo e o seu desespero. Muitas noites ficava acordado, com Ygritte quente ao seu lado, perguntando a si mesmo se o senhor seu pai teria se sentido assim tão confuso com a sua mãe, quem quer que ela tivesse sido. *Ygritte montou a armadilha, e Mance Rayder empurrou-me para dentro dela.*

Cada dia passado entre os selvagens tornava mais difícil aquilo que tinha de fazer. Teria de arranjar alguma maneira de trair aqueles homens e, quando o fizesse, eles morreriam. Não desejara a sua amizade, tal como não desejara o amor de Ygritte. E no entanto... Os Thenns expressavam-se no Idioma Antigo e raramente falavam com ele, mas era diferente com os homens de Jarl, com os homens que tinham escalado a Muralha. Jon começava a conhecê-los, apesar de não querer: o magro e calmo Errok, o sociável Grigg, o Bode, os rapazes Quort e Bodger, o Dan de Cânhamo, o cordoeiro. O pior de todos era Del, um jovem com cara de cavalo e quase da mesma idade de Jon, que costumava falar em tom sonhador da garota selvagem que pretendia raptar.

– Ela é sortuda, como a sua Ygritte. É beijada pelo fogo.

Jon tinha de morder a língua. Não queria saber nada a respeito da garota de Del ou da mãe de Bodger, do lugar junto ao mar de onde Henk, o Elmo, tinha vindo, de como Grigg ansiava por visitar os homens verdes na Ilha das Caras, ou daquela ocasião em que um alce obrigou Dedo-do-Pé a subir em uma árvore. Não queria ouvir falar do furúnculo no traseiro do Grande Furúnculo, nem da quantidade de cerveja que Polegares de Pedra conseguia beber ou da forma como o irmão mais novo de Quort havia lhe implorado que não partisse com Jarl. Quort não podia ter mais de catorze anos, embora já tivesse raptado uma mulher e tivesse um filho a caminho.

– Pode ser que ele nasça num castelo qualquer – vangloriava-se o rapaz. – Nascido num castelo, como um senhor! – Estava muito arrebatado pelos "castelos" que tinham visto, designando por essa palavra as torres de vigia.

Jon interrogava-se sobre onde estaria agora o Fantasma. Teria ido para Castelo Negro, ou andaria vagueando pelos bosques com alguma alcateia? Não tinha qualquer percepção do lobo gigante, nem mesmo em sonhos. Isso fazia-o sentir como se parte de si mesmo tivesse sido

cortada. Até com Ygritte dormindo ao seu lado sentia-se só. Não queria morrer sozinho.

Nessa tarde, as árvores começaram a se tornar mais esparsas, e o grupo marchou para leste, sobre planícies suavemente onduladas. Em volta deles, a grama erguia-se à altura da cintura, e plantações de milho selvagem oscilavam lentamente quando o vento soprava, mas a maior parte do dia foi quente e ensolarado. No entanto, à medida que o pôr do sol se aproximava, nuvens começaram a se acumular, ameaçadoras, a ocidente. Em pouco tempo, engoliram o sol laranja, e Lenn previu que uma tempestade violenta se aproximava. A mãe dele era uma bruxa dos bosques, por isso todos concordavam que o homem possuía um dom para prever o tempo.

– Há uma aldeia aqui perto – disse Grigg, o Bode, ao Magnar. – A quatro ou cinco quilômetros. Poderíamos arranjar abrigo lá. – Styr concordou de imediato.

Foi já bem depois de escurecer e de a tempestade eclodir que chegaram ao lugar. A aldeia encontrava-se junto a um lago e estava abandonada havia tanto tempo que a maior parte das casas tinha ruído. Até a pequena estalagem de madeira que um dia devia ter sido uma visão bem-vinda para os viajantes estava meio derrubada e sem teto. *Aqui, pouco abrigo encontraremos*, pensou Jon sombriamente. Sempre que o relâmpago caía, via uma torre circular de pedra que se erguia de uma ilha no meio do lago, mas, sem barcos, não tinham como chegar lá.

Errok e Del avançaram cautelosamente para explorar as ruínas, mas Del retornou quase de imediato. Styr fez a coluna parar e mandou uma dúzia de seus Thenns em frente, a trote, de lanças nas mãos. Então Jon também já tinha visto: o clarão de uma fogueira, avermelhando a chaminé da estalagem. *Não estamos sozinhos*. O temor enrolou-se em seu interior como uma serpente. Ouviu um cavalo relinchar, e depois gritos. *Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles*, tinha dito Qhorin.

Mas a luta tinha terminado.

– Era só um homem – disse Errok quando voltou. – Um velho com um cavalo.

O Magnar gritou ordens no Idioma Antigo e uma vintena de seus Thenns espalhou-se para estabelecer um perímetro em volta da aldeia, enquanto outros rondaram por entre as casas, a fim de se certificarem de que ninguém mais estava escondido entre o mato e as pedras caídas. Os outros aglomeraram-se na estalagem sem teto, empurrando-se uns aos outros para se aproximarem da lareira. Os galhos partidos que o velho estivera queimando pareciam gerar mais fumaça do que calor, mas qualquer calor era bem-vindo numa noite selvagem e chuvosa como aquela. Dois dos Thenns tinham jogado o homem ao

chão e estavam revistando suas coisas. Outro segurava seu cavalo, enquanto outros três saqueavam seus alforjes.

Jon afastou-se. Uma maçã apodrecida estourou sob seu calcanhar. *Styr vai matá-lo*. O Magnar havia dito isso em Guardagris; quaisquer ajoelhadores que encontrassem seriam mortos de imediato, para terem certeza de que não dariam o alarme. *Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles*. Será que isso queria dizer que devia ficar mudo e impotente enquanto abriam a garganta de um velho?

Perto do limite da aldeia, Jon viu-se cara a cara com um dos guardas que Styr colocara. O Thenn rosnou qualquer coisa no Idioma Antigo e apontou com a lança para a estalagem. *Volte para o lugar a que pertence*, adivinhou Jon. *Mas que lugar é esse?*

Caminhou na direção da água e descobriu um local quase seco sob a parede inclinada de taipa de uma choupana em ruínas que tinha desabado quase por completo. Foi ali que Ygritte o encontrou, sentado, fitando o lago açoitado pela chuva.

– Eu conheço este lugar – disse-lhe quando ela se sentou ao seu lado. – Aquela torre... olhe para o topo da próxima vez que o relâmpago cair e diga-me o que vê.

– Tá bem, se quiser – disse ela, e depois: – Alguns dos Thenns tão dizendo que ouviram barulho ali. Gritos, dizem eles.

– Trovões.

– Eles dizem que são gritos. Podem ser fantasmas.

A fortaleza realmente tinha um aspecto sombrio e assustador, ali erguida, negra, no topo de sua ilha rochosa, com a tempestade vergastando o lago em volta.

– Podíamos dar uma olhada – sugeriu ele. – Duvido que possamos ficar muito mais molhados do que já estamos.

– Nadar? No meio da tempestade? – ela riu da ideia. – Isso é algum truque pra tirar minha roupa, Jon Snow?

– Ainda preciso de um truque para isso? – brincou ele. – Ou será que não sabe nadar? – Jon era um bom nadador, tendo aprendido a arte quando garoto, no grande fosso de Winterfell.

Ygritte esmurrou o braço dele.

– Você não sabe nada, Jon Snow. Eu sou meio peixe, vou lhe mostrar.

– Meio peixe, meio cabra, meio cavalo... há muitas metades em você, Ygritte. – Balançou a cabeça. – Se este lugar é o que eu penso, não teríamos de nadar. Poderíamos ir a pé.

Ela recostou-se e olhou-o.

– Caminhar na água? Que feitiçaria sulista é essa?

– Não é feit... – começou ele no momento em que um enorme relâmpago se precipitou do céu e tocou a superfície do lago. Durante meio segundo o mundo foi brilhante como ao meio-dia. O trovão soou

tão alto que Ygritte se assustou e cobriu as orelhas.

– Viu? – perguntou Jon enquanto o som rolava para longe e a noite ficava negra novamente. – Percebeu?

– Amarelo – disse ela. – É isso o que quer dizer? Algumas daquelas pedras em pé lá em cima são amarelas.

– Chamamos de merlões. Foram pintadas de dourado há muito tempo. Isto é Coroadarrainha.

Do outro lado do lago, a torre estava negra novamente, uma silhueta tênue, tenuemente entrevista.

– Uma rainha vivia aqui? – perguntou Ygritte.

– Uma rainha passou uma noite aqui. – Foi a Velha Ama que tinha lhe contado a história, mas Meistre Luwin confirmou a maior parte dela. – Alysanne, a esposa do Rei Jaehaerys, o Conciliador. Ele é chamado de Velho Rei por ter reinado durante muito tempo, mas era jovem quando subiu ao Trono de Ferro. Naquela época, era seu costume viajar por todo o reino. Quando veio a Winterfell, trouxe a sua rainha, seis dragões e metade da corte. O rei tinha assuntos a discutir com o seu Protetor do Norte, e Alysanne ficou entediada, por isso montou em seu dragão Asaprata e voou para o norte, a fim de ver a Muralha. Esta aldeia foi um dos lugares onde parou. Mais tarde, o povo pintou o topo de sua fortaleza para se parecer com a coroa de ouro que ela usava quando tinha passado a noite entre eles.

– Nunca vi um dragão.

– Ninguém viu. Os últimos dragões morreram há cem anos ou mais. Mas isso foi há mais tempo.

– A Rainha Alysanne, você diz?

– A Boa Rainha Alysanne, como a chamaram mais tarde. Um dos castelos da Muralha também foi batizado em sua honra. Portão da Rainha. Antes de sua visita, chamavam-no de Portão da Neve.

– Se era assim tão boa, devia ter derrubado aquela Muralha.

Não, pensou ele. *A Muralha protege o reino. Dos Outros... e também de você e dos seus, querida.*

– Tive outro amigo que também sonhava com dragões. Um anão. Ele disse...

– *JON SNOW!* – um dos Thenns encontrava-se em pé junto deles, de testa franzida. – Magnar quer. – Jon achou que podia ser o mesmo homem que o encontrara na porta da gruta na noite anterior à escalada da Muralha, mas não tinha certeza. Ficou em pé. Ygritte veio com ele, o que sempre fazia Styr franzir a testa, mas toda vez que tentava mandá-la embora, ela lembrava-lhe que era uma mulher livre, não uma ajoelhadora. Ia e vinha conforme lhe apetecia.

Foram encontrar o Magnar em pé, embaixo da árvore que crescia no chão da sala comum da estalgem. Seu prisioneiro estava ajoelhado diante da lareira, cercado por lanças de madeira e espadas de bronze.

Observou a aproximação de Jon, mas nada disse. A chuva corria pelas paredes e tamborilava nas poucas folhas que ainda se prendiam à árvore, enquanto a fumaça subia rodopiando, densa, da fogueira.

– Ele tem de morrer – disse Styr, o Magnar. – Trate disso, corvo.

O velho não proferiu uma palavra. Limitou-se a olhar para Jon, que estava entre os selvagens. Por entre a chuva e a fumaça, iluminado apenas pelo fogo, não podia ter visto que Jon estava todo vestido de negro exceto pelo manto de pele de ovelha. *Ou podia?*

Jon tirou Garralonga da bainha. A chuva lavou o aço e a luz da fogueira traçou uma lúgubre linha alaranjada ao longo do gume. *Uma fogueira tão pequena para custar a vida de um homem*. Recordou o que Qhorin Meia-Mão havia dito quando avistaram a fogueira no Passo dos Guinchos. *O fogo é vida aqui em cima*, disse-lhes, *mas também pode ser morte*. Mas aquilo fora nas alturas das Presas de Gelo, nas regiões bravias e sem lei para lá da Muralha. Isso era a Dádiva, protegida pela Patrulha da Noite e pelo poderio de Winterfell. Um homem devia ser livre para acender ali uma fogueira sem morrer por isso.

– Por que hesita? – disse Styr. – Mate-o e acabou.

Mesmo então, o cativo não falou. Podia ter dito "Misericórdia", ou "Roubou-me o cavalo, o dinheiro, a comida, deixe-me ficar com a vida", ou "Não, por favor, não lhe fiz nenhum mal". Podia ter dito mil coisas, ou chorado, ou apelado aos seus deuses. Mas nenhuma palavra poderia salvá-lo agora. Ele talvez soubesse disso. Portanto, manteve a língua sob controle e olhou para Jon, com acusação e súplica no olhar.

Não pode se recusar, não importa o que lhe seja solicitado. *Cavalgue com eles, coma com eles, lute com eles...* Mas esse velho não tinha oferecido resistência. Teve azar, nada mais. Quem era, de onde viera, onde queria chegar em seu pobre cavalo de dorso muito curvo... nada disso importava.

Ele é um velho, disse Jon a si mesmo. *Tem cinquenta anos, talvez sessenta. Viveu uma vida mais longa do que a maioria dos homens. Os Thenns acabarão matando-o de qualquer forma, nada do que eu diga ou faça poderá salvá-lo*. Garralonga parecia mais pesada do que chumbo em sua mão, pesada demais para erguer. O homem não parava de encará-lo, com olhos grandes e negros como poços. *Vou cair naqueles olhos e me afogar*. O Magnar também estava a olhá-lo, e Jon quase conseguia sentir o gosto de sua desconfiança. *O homem está morto. Que importa que seja a minha mão a matá-lo?* Um golpe resolveria o assunto, rápida e limpamente. Garralonga tinha sido forjada com aço valiriano. Tal como Gelo. Jon recordou outra morte; o desertor de joelhos, com a cabeça rolando, o tom vivo do sangue na neve... a espada do pai, as palavras do pai, o rosto do pai...

– Vá, Jon Snow – insistiu Ygritte. – Precisa matá-lo. Pra provar que não é um corvo, e sim um membro do povo livre.

– Um velho sentado junto a uma fogueira?

– O Orel tam'ém tava sentado junto a uma fogueira. E você o matou bem depressa. – O olhar que ela lhe lançou então foi duro. – E tam'ém queria me matar até ver que eu era uma mulher. E eu tava dormindo.

– Isso foi diferente. Vocês eram soldados... sentinelas.

– Sim, e os corvos não queriam ser vistos. É como a gente agora. É a mesma coisa. Mate-o.

Jon deu as costas ao homem.

– Não.

O Magnar aproximou-se, alto, frio, perigoso.

– Eu disse que sim. Sou eu quem comanda aqui.

– Você comanda os Thenns – disse-lhe Jon –, não o povo livre.

– Não vejo povo livre nenhum. Vejo um corvo e uma mulher de corvo.

– Eu não sou mulher de corvo coisa nenhuma! – Ygritte arrancou a faca de dentro da bainha. Três passos rápidos e puxou pelos cabelos a cabeça do velho para trás e abriu sua garganta de orelha a orelha. Nem mesmo na morte o homem gritou. – Você não sabe *nada*, Jon Snow – gritou-lhe e atirou a faca ensanguentada aos pés dele.

O Magnar disse qualquer coisa no Idioma Antigo. Podia estar mandando os Thenns matarem Jon ali mesmo, mas ele nunca saberia se isso era verdade. Um relâmpago tombou do céu, um imenso raio azul-esbranquiçado que atingiu o topo da torre do lago. Conseguiram cheirar sua fúria, e quando o trovão chegou, pareceu sacudir a noite.

E a morte saltou para o meio deles.

O relâmpago tinha ofuscado a visão de Jon, mas ele conseguiu vislumbrar a sombra que se movia a grande velocidade meio segundo antes de ouvir o guincho. O primeiro Thenn morreu como o velho, com sangue jorrando de sua garganta rasgada. Então a luz desapareceu e a silhueta estava de novo girando, rosnando, e outro homem caiu na escuridão. Houve imprecações, gritos, uivos de dor. Jon viu Grande Furúnculo tropeçar e cair para trás, derrubando três homens. *Fantasma*, pensou, durante um louco instante. *O Fantasma saltou a Muralha*. Então o relâmpago transformou a noite em dia, e viu o lobo que estava em pé sobre o peito de Del, com sangue escorrendo, negro, de suas mandíbulas. *Cinza. Ele é cinza*.

A escuridão caiu com o trovão. Os Thenns estavam dando estocadas com as lanças enquanto o lobo voava entre eles. A égua do velho empinou-se, enlouquecida pelo cheiro do massacre e atacou furiosamente com os cascos. Garralonga continuava em sua mão. E, de repente, Jon Snow percebeu que nunca teria uma oportunidade melhor.

Abateu o primeiro homem quando se virou para o lobo, passou

por um segundo com um empurrão, golpeou um terceiro. Em meio àquela loucura, ouviu alguém chamar seu nome, mas se foi Ygritte ou o Magnar não soube dizer. O Thenn que lutava para controlar o cavalo nem chegou a vê-lo. Garralonga era leve como uma pena. Brandiu-a contra a barriga da perna do homem e sentiu o aço enterrar-se até o osso. Quando o selvagem caiu, a égua fugiu, mas, sem saber como, Jon conseguiu se agarrar à crina com a mão esquerda e saltar para o dorso dela. Uma mão fechou-se em volta de seu tornozelo, e ele deu um golpe para baixo e viu o rosto de Bodger dissolver-se numa balbúrdia de sangue. O cavalo empinou-se, escoiceando para a frente. Um dos cascos atingiu o Thenn na têmpora, com um *crunch*.

E então estavam a galope. Jon não fez qualquer esforço para guiar o cavalo. Precisou de todas as suas forças para se manter em cima dele enquanto mergulhavam através da lama, da chuva e dos trovões. Mato úmido chicoteava seu rosto e uma lança passou voando junto à sua orelha. *Se o cavalo tropeça e quebra uma pata, apanham-me e matam-me*, pensou, mas os deuses antigos acompanharam-no e o cavalo não tropeçou. O relâmpago estremeceu através da cúpula negra do céu e o trovão rolou pelas planícies. Os gritos reduziram-se e morreram atrás de Jon.

Longas horas mais tarde, a chuva parou. Jon deu por si sozinho, num mar de mato alto e negro. Havia uma profunda dor latejante em sua coxa direita. Quando olhou para baixo, ficou surpreendido por ver uma flecha espetada na parte de trás da coxa. *Quando foi que isso aconteceu?* Agarrou a haste e deu um puxão, mas a ponta da flecha estava profundamente enterrada na carne de sua perna, e a dor quando a puxou foi insuportável. Tentou pensar na loucura na estalagem, mas tudo que conseguiu recordar foi o animal, esguio, cinza e terrível. *Era grande demais para ser um lobo comum. Um lobo gigante, portanto. Tinha de ser*. Nunca tinha visto um animal mover-se tão depressa. *Como um vento cinzento...* Poderia Robb ter retornado ao Norte?

Jon sacudiu a cabeça. Não tinha respostas. Era difícil demais pensar... sobre o lobo, o velho, Ygritte, tudo aquilo...

Desajeitadamente deslizou de cima da égua. A perna ferida cedeu sob seu corpo, e ele teve de engolir um grito. *Isso vai ser uma agonia*. Mas a flecha tinha de sair, e esperar apenas pioraria a situação. Jon colocou a mão em volta das penas, respirou fundo e empurrou a flecha para a frente. Soltou um grunhido e depois um xingamento. Doeu tanto que teve de parar. *Estou sangrando como um porco na matança*, pensou, mas não havia nada a fazer até que a flecha saísse. Fez uma careta e voltou a tentar... e depressa voltou a parar, tremendo. Tentou novamente. Daquela vez gritou, mas, quando terminou, a ponta da flecha espetava a parte da frente da coxa. Jon comprimiu contra a

perna os calções ensanguentados a fim de conseguir pegar melhor na flecha, fez um esgar e puxou lentamente a haste através da perna. Nunca soube como conseguiu terminar aquilo sem desmaiar.

Depois ficou deitado no chão, agarrado ao seu troféu e sangrando calmamente, fraco demais para se mover. Algum tempo depois compreendeu que, caso não se *forçasse* a se mover, provavelmente sangraria até a morte. Jon rastejou na direção do riacho raso onde a égua matava a sede, lavou a coxa na água fria e apertou-a bem com uma faixa de tecido arrancada do manto. Lavou também a flecha, virando-a nas mãos. As penas eram cinzentas ou brancas? Ygritte usava penas de ganso cinza-claras nas flechas. *Terá disparado uma flecha contra mim quando eu fugi?* Jon não podia culpá-la por isso. Perguntou a si mesmo se teria apontado para ele ou para o cavalo. Se a égua tivesse caído, estaria condenado.

– Sorte que a minha perna se pôs no caminho – murmurou.

Descansou por algum tempo, para deixar a égua pastar. O animal não vagueou até longe. Isso era bom. Coxo, com uma perna em mau estado, nunca teria conseguido apanhá-la. Precisou de todas as suas forças para se obrigar a ficar em pé e subir ao dorso do animal. *Como foi que a montei antes, sem sela nem estribos, e de espada na mão?* Essa era outra questão que não conseguia responder.

Um trovão ribombou a distância, mas, por cima de sua cabeça, as nuvens estavam se abrindo. Jon perscrutou o céu até encontrar o Dragão de Gelo e depois virou a égua para o norte, na direção da Muralha e de Castelo Negro. As pulsações de dor no músculo da coxa fizeram-no estremecer quando bateu os calcanhares no cavalo do velho. *Vou para casa*, disse a si mesmo. Mas se isso era verdade por que se sentia tão vazio?

Cavalgou até de madrugada, enquanto as estrelas olhavam para baixo como se fossem olhos.

Daenerys

Seus batedores dothraki tinham-lhe dito como era, mas Dany queria ver por si mesma. Sor Jorah Mormont atravessou com ela, a cavalo, uma floresta de vidoeiros e subiu uma íngreme cumeeira de arenito.

– Estamos suficientemente próximos – avisou-a ao chegar ao topo.

Dany freou a égua e olhou por sobre os campos, para o local onde a tropa de Yunkai atravessava seu caminho. Barba-Branca andara ensinando-lhe a melhor forma de estimar os números de um inimigo.

– Cinco mil – disse, passado um momento.

– Diria que sim. – Sor Jorah apontou. – Aqueles nos flancos são mercenários. Lanceiros e arqueiros a cavalo, com espadas e machados para o trabalho de proximidade. Os Segundos Filhos na ala esquerda, os Corvos Tormentosos na direita. Cerca de quinhentos homens cada. Vê os estandartes?

A harpia de Yunkai agarrava um chicote e uma coleira de ferro em vez de uma corrente. Mas os mercenários hasteavam os próprios estandartes por baixo dos da cidade que serviam: do lado direito, quatro corvos entre relâmpagos cruzados; do esquerdo, uma espada quebrada.

– São os próprios yunkaitas que constituem o centro – destacou Dany. A distância, seus oficiais eram indistinguíveis dos de Astapor; elmos altos e brilhantes e mantos revestidos de cintilantes discos de cobre. – Os soldados que lideram são escravos?

– Em grande parte. Mas não se igualam aos Imaculados. Yunkai é conhecida por treinar escravos de cama, não soldados.

– O que acha? Podemos derrotar este exército?

– Facilmente – disse Sor Jorah.

– Mas não sem sangue. – Grande quantidade de sangue empapou os tijolos de Astapor quando a cidade caiu, embora pouco dele pertencesse a ela ou aos seus. – Podemos ganhar aqui uma batalha, mas a um custo que talvez não nos permita tomar a cidade.

– Esse é sempre um risco, *khaleesi*. Astapor estava complacente e vulnerável. Yunkai está prevenida.

Dany refletiu. A tropa dos senhores de escravos parecia pequena comparada com a sua, mas os mercenários estavam montados. Viajara tempo demais com os dothraki para não ter um saudável respeito por aquilo que guerreiros a cavalo podiam fazer à infantaria. *Os Imaculados poderiam aguentar a carga deles, mas os meus libertados seriam massacrados*.

– Os senhores de escravos gostam de falar – disse. – Envie uma mensagem dizendo que os receberei esta noite em minha tenda. E

convide também os comandantes das companhias mercenárias para uma visita. Mas não juntos. Os Corvos Tormentosos ao meio-dia, e os Segundos Filhos duas horas mais tarde.

– Às suas ordens – disse Sor Jorah. – Mas se não vierem...

– Virão. Terão curiosidade de ver os dragões e de ouvir o que eu tenho para dizer, e os que forem inteligentes verão aí uma oportunidade para avaliar as minhas forças. – Fez a égua prateada dar meia-volta. – Vou esperá-los em meu pavilhão.

Céus de um azul carregado e ventos fortes acompanharam Dany de volta à sua tropa. O profundo fosso que iria cercar o acampamento já estava meio cavado, e a floresta encontrava-se cheia de Imaculados que cortavam galhos de vidoeiro para afiar e transformar em estacas. Os eunucos não conseguiam dormir em um acampamento que não estivesse fortificado, ou pelo menos era isso que Verme Cinzento insistia em dizer. Ele estava lá, vigiando o trabalho. Dany parou um momento para conversar com o eunuco.

– Yunkai preparou-se para a batalha.

– Isso é bom, Vossa Graça. Estes têm sede de sangue.

Quando ordenou aos Imaculados para selecionarem oficiais de entre as suas fileiras, Verme Cinzento foi o escolhido da esmagadora maioria para o posto mais elevado. Dany colocou Sor Jorah acima dele, a fim de treiná-lo para o comando, e o cavaleiro exilado dizia que, até agora, o jovem eunuco era duro mas justo, rápido em aprender, incansável e totalmente inflexível em sua atenção aos detalhes.

– Os Sábios Mestres reuniram um exército de escravos para nos defrontar.

– Um escravo em Yunkai aprende a natureza dos sete suspiros e as dezesseis posições do prazer, Vossa Graça. Os Imaculados aprendem a natureza das três lanças. O seu Verme Cinzento espera mostrar-lhe.

Uma das primeiras coisas que Dany fez após a queda de Astapor foi abolir o costume de dar aos Imaculados novos nomes de escravo todos os dias. A maioria daqueles que tinham nascido livres voltou aos nomes com que nasceu; pelo menos os que ainda se lembravam deles. Outros adotaram nome de heróis ou deuses, e às vezes armas, pedras preciosas e até flores, o que resultou em soldados com nomes muito peculiares aos ouvidos de Dany. Verme Cinzento permaneceu Verme Cinzento. Quando lhe perguntou por quê, ele disse:

– É um nome de sorte. O nome com que este nasceu estava amaldiçoado. Era o nome que ele tinha quando foi escravizado. Mas Verme Cinzento foi o nome que coube a este no dia em que Daenerys Filha da Tormenta o libertou.

– Se houver uma batalha, que Verme Cinzento mostre sabedoria além de valor – disse-lhe Dany. – Poupe qualquer escravo que fugir ou

que jogue fora a sua arma. Quanto menos forem mortos, mais ficarão para se juntar a nós depois.

– Este vai se lembrar.

– Eu sei que sim. Venha à minha tenda ao meio-dia. Quero você lá com os outros oficiais quando tratar com os capitães mercenários. – Dany esporeou a sua prata e dirigiu-se ao acampamento.

Dentro do perímetro que os Imaculados tinham estabelecido, as tendas estavam sendo erguidas em fileiras ordenadas, com seu grande pavilhão dourado no centro. Havia um segundo acampamento logo depois do dela; cinco vezes maior, irregular e caótico, esse segundo acampamento não tinha fossos, não tinha tendas, não tinha sentinelas, não tinha fileiras de cavalos. Aqueles que possuíam cavalos ou mulas dormiam ao lado dos animais, por temerem que fossem roubados. Cabras, ovelhas e cães meio famintos vagueavam livremente entre hordas de mulheres, crianças e velhos. Dany deixara Astapor nas mãos de um conselho de antigos escravos liderado por um curandeiro, um erudito e um sacerdote. Todos homens sensatos, pensava, e justos. Mesmo assim, dezenas de milhares preferiram segui-la para Yunkai em vez de permanecer em Astapor. *Dei-lhes a cidade e a maioria estava assustada demais para aceitá-la.*

A colcha de retalhos que era a tropa dos libertados fazia a sua parecer pequena, mas eles eram mais um fardo do que uma vantagem. Talvez um em cem possuísse um burro, um camelo ou um boi; a maior parte trazia armas, obtidas pela pilhagem do arsenal de algum dos negociantes de escravos, mas só um em dez era suficientemente forte para lutar, e nenhum se encontrava treinado. Por onde passavam, deixavam a terra nua, como gafanhotos de sandálias. Mas Dany não conseguia se convencer a abandoná-los, como Sor Jorah e seus companheiros de sangue sugeriam. *Disse-lhes que eram livres. Não posso dizer-lhes agora que não são livres para se juntarem a mim*. Olhou a fumaça que se erguia de suas fogueiras e engoliu um suspiro. Podia ter os melhores soldados de infantaria do mundo, mas também tinha os piores.

Arstan Barba-Branca encontrava-se em pé à porta de sua tenda, enquanto Belwas, o Forte, se sentava de pernas cruzadas na grama, ali perto, comendo uma tigela de figos. Durante a marcha, o dever de guardá-la caía sobre os ombros daqueles dois. Fizera de Jhogo, Aggo e Rakharo seus *kos*, além de companheiros de sangue, e agora precisava mais deles para comandar os dothraki do que para proteger a sua pessoa. O *khalasar* era minúsculo, trinta e poucos guerreiros a cavalo, a maior parte dos quais rapazes sem tranças e velhos corcundas. Mas eram toda a cavalaria que possuía, e não se atrevia a passar sem eles. Os Imaculados podiam ser a melhor infantaria do mundo inteiro, como Sor Jorah dizia, mas também precisava de batedores e guardas

avançados.

– Yunkai terá a guerra – disse Dany ao Barba-Branca, dentro do pavilhão. Irri e Jhiqui tinham coberto o chão com tapetes, e Missandei acendera um incenso para adoçar o ar poeirento. Drogon e Rhaegal dormiam sobre um montinho de almofadas, enrolados um no outro, mas Viserion estava empoleirado na borda de sua banheira vazia. – Missandei, que língua falam estes yunkaitas? Valiriano?

– Sim, Vossa Graça – disse a garota. – Um dialeto diferente do de Astapor, mas suficientemente próximo para ser entendido. Os senhores de escravos chamam a si próprios de Sábios Mestres.

– Sábios? – Dany sentou-se de pernas cruzadas numa almofada, e Viserion abriu as asas brancas e douradas e esvoaçou para junto dela. – Veremos quão sábios são – disse, enquanto coçava a cabeça escamosa do dragão atrás dos chifres.

Sor Jorah Mormont retornou uma hora mais tarde, acompanhado por três capitães dos Corvos Tormentosos. Os mercenários usavam penas negras em seus elmos polidos, e diziam ser todos iguais em honra e autoridade. Dany estudou-os enquanto Irri e Jhiqui serviam o vinho. Prendahl na Ghezn era um ghiscari atarracado, com rosto largo e cabelos escuros que começavam a ficar grisalhos; Sallor, o Calvo, tinha uma retorcida cicatriz em seu rosto claro de qarteno; e Daario Naharis era extravagante até mesmo para um tyroshi. Sua barba era cortada na forma de uma forquilha de três dentes e pintada de azul, da mesma cor dos olhos e dos cabelos encaracolados que caíam sobre seu colarinho. Os bigodes pontiagudos estavam pintados de dourado. A roupa era toda em tons de amarelo; uma nuvem de renda de Myr da cor da manteiga jorrava do colarinho e das mangas, o gibão era decorado com medalhões de latão com a forma de dentes-de-leão, arabescos ornamentais em ouro subiam até suas coxas pelo cano das botas altas de couro. Luvas de suave camurça amarela estavam enfiadas num cinto de anéis dourados, e tinha as unhas pintadas de azul.

Mas foi Prendahl na Ghezn quem falou pelos mercenários.

– Faria bem em levar daqui a sua gentalha – disse. – Tomou Astapor pela via da traição, mas Yunkai não cairá com tanta facilidade.

– Quinhentos de seus Corvos Tormentosos contra dez mil de meus Imaculados – disse Dany. – Sou apenas uma garotinha, e não compreendo as coisas da guerra, mas suas chances não me parecem boas.

– Os Corvos Tormentosos não resistirão sozinhos – disse Prendahl.

– Corvos tormentosos não resistem a nada. Fogem ao primeiro sinal de trovões. Talvez devessem fugir agora. Ouvi dizer que mercenários são notoriamente pouco confiáveis. De que lhes valerá a

dedicação quando os Segundos Filhos passarem para o nosso lado?

– Isso não acontecerá – insistiu Prendahl, inabalável. – E, se acontecesse, não importaria. Os Segundos Filhos não são nada. Lutamos ao lado dos valentes homens de Yunkai.

– Lutam ao lado de rapazes de cama armados com lanças. – Quando virou a cabeça, as sinetas gêmeas que trazia na trança tiniram com suavidade. – Que não venham pedir clemência depois que a batalha começar. Mas se escolherem se juntar agora a mim, o ouro que os yunkaitas lhe pagaram será seu e poderão, além disso, obter uma parte do saque, com grandes recompensas para mais tarde, quando eu controlar o meu reino. Se lutarem pelos Sábios Mestres, o seu pagamento será a morte. Imaginam porventura que Yunkai abrirá os portões quando os meus Imaculados estiverem massacrando vocês à sombra das muralhas?

– Mulher, você zurra como um burro, e não faz mais sentido do que ele.

– *Mulher?* – Dany soltou um risinho. – Isso foi um insulto? Eu daria o troco, se o julgasse um homem. – Dany enfrentou o olhar do mercenário. – Sou Daenerys Filha da Tormenta da Casa Targaryen, a Não Queimada, Mãe de Dragões, *khaleesi* dos cavaleiros de Drogo e rainha dos Sete Reinos de Westeros.

– O que você é – disse Prendahl na Ghezn – é uma puta de um senhor dos cavalos. Quando vencermos, será dada ao meu garanhão para que ele monte em você.

Belwas, o Forte, puxou o *arakh*.

– Belwas, o Forte, dá a feia língua dele à pequena rainha, se ela quiser.

– Não, Belwas. Dei a estes homens salvo-conduto. – Sorriu. – Diga-me o seguinte: os Corvos Tormentosos são escravos ou homens livres?

– Somos uma irmandade de homens livres – declarou Sallor.

– Ótimo. – Dany pôs-se em pé. – Nesse caso, volte e conte aos seus irmãos o que lhe disse. Pode ser que alguns deles prefiram se alimentar de ouro e glória do que de morte. Vou querer a sua resposta de manhã.

Os capitães dos Corvos Tormentosos levantaram-se simultaneamente.

– A nossa resposta é não – disse Prendahl na Ghezn. Os companheiros seguiram-no para fora da tenda... mas, ao sair, Daario Naharis olhou de relance para trás e inclinou a cabeça numa despedida polida.

Duas horas mais tarde o comandante dos Segundos Filhos chegou sozinho. Revelou-se um bravosi muito alto, com olhos verde-claros e uma espessa barba vermelha e dourada que quase chegava ao seu

cinto. Seu nome era Mero, mas se autodenominava Bastardo do Titã.

Mero entornou imediatamente o vinho, limpou a boca com as costas da mão e olhou de esguelha para Dany.

– Acho que fodi a sua irmã gêmea numa casa do prazer lá na terra. Ou era você?

– Penso que não. Eu me lembraria de um homem de tal magnificência, sem dúvida.

– Sim, é verdade. Nunca nenhuma mulher alguma vez esqueceu o Bastardo do Titã. – O bravosi estendeu a taça para Jhiqui. – Que acha de tirar essa roupa e vir sentar no meu colo? Se me der prazer, posso trazer os Segundos Filhos para o seu lado.

– Se trouxer os Segundos Filhos para o meu lado, posso não mandar capá-lo.

O grandalhão soltou uma gargalhada.

– Garotinha, houve outra mulher, uma vez, que tentou me capar com os dentes. Agora não tem dentes, mas a minha espada é tão longa e grossa quanto sempre foi. Quer que a tire para fora e a mostre?

– Não há necessidade. Depois que os meus eunucos a cortarem, posso examiná-la quando bem entender. – Dany bebeu um gole de vinho. – É verdade que sou apenas uma garotinha, e não conheço as coisas da guerra. Explique-me como pretende derrotar dez mil Imaculados com os seus quinhentos homens. Inocente como sou, suas chances parecem-me fracas.

– Os Segundos Filhos enfrentaram condições piores e ganharam.

– Os Segundos Filhos enfrentaram situações piores e fugiram. Em Qohor, quando os Três Mil defenderam a sua posição. Ou será que nega isso?

– Isso foi há muitos anos e, além disso, antes de os Segundos Filhos serem liderados pelo Bastardo do Titã.

– Então é em você que eles arranjam coragem? – Dany virou-se para Sor Jorah. – Quando a batalha começar, mate este primeiro.

O cavaleiro exilado sorriu.

– De bom grado, Vossa Graça.

– Claro – disse a Mero –, poderia voltar a fugir. Não o impediríamos. Pegue o seu ouro de Yunkai e parta.

– Se já tivesse visto o Titã de Bravos, garota tonta, saberia que não tem rabo para meter entre as pernas.

– Então fique e lute por mim.

– É verdade que valeria a pena lutar por você – disse o bravosi – e eu de bom grado a deixaria beijar minha espada, se eu fosse livre. Mas aceitei as moedas de Yunkai e dei a minha palavra sagrada.

– Moedas podem ser devolvidas – disse ela. – Eu pagarei o mesmo, e mais ainda. Tenho outras cidades a conquistar e um reino inteiro à minha espera a meio mundo de distância. Sirva-me fielmente,

e os Segundos Filhos não precisarão voltar a procurar contratos.

O bravosi afagou sua espessa barba vermelha.

– O mesmo e mais ainda, e talvez um beijo para arrematar, hã? Ou mais do que um beijo? Para um homem tão magnífico como eu?

– Talvez.

– Vou gostar do sabor de sua língua, eu acho.

Dany sentia a ira de Sor Jorah. *Meu urso negro não gosta dessa conversa sobre beijos.*

– Pense esta noite no que lhe disse. Posso ter a sua resposta de manhã?

– Pode. – O Bastardo do Titã deu um sorriso. – Posso levar um jarro deste belo vinho aos meus capitães?

– Pode levar um tonel. Vem das adegas dos Bons Mestres de Astapor, e tenho carroças cheias dele.

– Então dê-me uma carroça. Um sinal de sua amizade.

– Você tem uma grande sede.

– Eu sou todo grande. E tenho muitos irmãos. O Bastardo do Titã não bebe sozinho, *khaleesi*.

– Que seja então uma carroça, se prometer beber à minha saúde.

– Feito! – trovejou o homem. – E feito, e feito! Farei três brindes a você e trarei uma resposta quando o sol nascer.

Mas, quando Mero saiu, Arstan Barba-Branca disse:

– Aquele ali tem má reputação, até em Westeros. Não se deixe iludir por suas maneiras, Vossa Graça. Ele fará três brindes à sua saúde esta noite e amanhã vai violá-la.

– O velho tem razão, por uma vez – disse Sor Jorah. – Os Segundos Filhos são uma companhia antiga, que não é desprovida de valor, mas, sob a liderança de Mero, tornaram-se quase tão maus quanto os Bravos Companheiros. O homem é tão perigoso para quem o emprega como para os seus inimigos. É por isso que o encontra aqui. Nenhuma das Cidades Livres o contrata mais.

– Não é a sua reputação que eu quero, são os seus quinhentos homens a cavalo. E os Corvos Tormentosos, há alguma esperança ali?

– Não – disse Sor Jorah sem rodeios. – Aquele Prendahl é de sangue ghiscari. É provável que tivesse família em Astapor.

– Pena. Bem, talvez não precisemos lutar. Esperemos para ouvir o que os yunkaitas têm a dizer.

Os enviados de Yunkai chegaram ao pôr do sol; cinquenta homens montados em magníficos cavalos negros e um montado em um grande camelo branco. Seus elmos eram duas vezes mais altos do que as cabeças, para não esmagarem as bizarras torções, torres e esculturas de cabelos que tinham por baixo. Tingiam de um amarelo vivo as saias e túnicas de linho e cosiam discos de cobre aos mantos.

O homem do camelo branco apresentou-se como Grazdan mo

Eraz. Esguio e duro, possuía um sorriso branco semelhante ao que Kraznis tinha ostentado até Drogon queimar seu rosto. Os cabelos estavam puxados para o alto, num chifre de unicórnio que se projetava de sua testa, e o *tokar* era debruado de renda de Myr dourada.

– Antiga e gloriosa é Yunkai, a rainha das cidades – disse, quando Dany lhe deu as boas-vindas à sua tenda. – Nossas muralhas são fortes; nossos nobres, orgulhosos e ferozes; nosso povo, desprovido de medo. Nosso é o sangue da antiga Ghis, cujo império já era antigo quando Valíria não passava de uma criança chorosa. Foi sensata por se sentar para conversar, *khaleesi*. Não encontrará aqui uma conquista fácil.

– Ótimo. Meus Imaculados apreciarão um pouco de luta. – Olhou para Verme Cinzento, que assentiu com a cabeça.

Grazdan fez um largo encolher de ombros.

– Se o que deseja é sangue, pois que jorre. Dizem que libertou os seus eunucos. A liberdade tem tanto significado para um Imaculado como um chapéu para um bacalhau. – Sorriu para Verme Cinzento, mas daria para dizer que o eunuco era feito de pedra. – Voltaremos a escravizar aqueles que sobreviverem, e vamos usá-los para arrancar Astapor das mãos do populacho. Também poderemos fazer de você uma escrava, não duvide. Há casas do prazer em Lys e Tyrosh onde os homens pagariam belas somas para dormir com a última Targaryen.

– É bom ver que sabe quem sou – disse Dany em voz branda.

– Orgulho-me de meu conhecimento do selvagem e disparatado ocidente. – Grazdan abriu as mãos, um gesto de conciliação. – E, no entanto, por que temos de falar tão duramente um ao outro? É verdade que você cometeu selvagerias em Astapor, mas nós, os yunkaitas, somos um povo muito clemente. A sua disputa não é conosco, Vossa Graça. Por que desperdiçar suas forças contra as nossas poderosas muralhas, quando precisa de todos os homens para reconquistar o trono de seu pai no longínquo Westeros? Yunkai só lhe deseja sucesso nessa empreitada. E, para provar a verdade dessas palavras, trouxe-lhe um presente. – Bateu palmas, e dois dos membros de sua escolta avançaram, trazendo uma pesada arca de cedro, reforçada com bronze e ouro. Colocaram-na a seus pés. – Cinquenta mil marcos de ouro – disse Grazdan num tom muito doce. – São seus, num gesto de amizade dos Sábios Mestres de Yunkai. Ouro dado livremente é decerto melhor do que saque comprado com sangue. Portanto, digo-lhe, Daenerys Targaryen, aceite esta arca e parta.

Dany abriu a tampa da arca com um pequeno pé enfiado num chinelo. Estava cheia de moedas de ouro, tal como o enviado dissera. Pegou um punhado e deixou-as correr por entre os dedos. Cintilavam, brilhantes, ao rodar e cair; a maioria era recém-cunhada, com uma pirâmide de degraus numa das faces e a harpia de Ghis na outra.

– Muito lindo. Pergunto a mim mesma quantas arcas como esta encontrarei quando tomar sua cidade.

Ele soltou um risinho.

– Nenhuma, pois nunca fará tal coisa.

– Tenho também um presente para você. – Fechou a arca com estrondo. – Três dias. Na manhã do terceiro dia, mande seus escravos para fora da cidade. Todos. A cada homem, mulher e criança será dada uma arma e tanta comida, roupas, moedas e bens quanto ele ou ela puderem transportar. Será permitido a eles que escolham livremente esses objetos de entre as posses de seus donos, como pagamento pelos anos de servidão. Depois de todos os escravos partirem, vocês abrirão os portões e permitirão que meus Imaculados entrem na cidade e a revistem, para assegurar que ninguém permanece em escravidão. Se fizerem isso, Yunkai não será queimada nem saqueada, e nenhum dos membros de seu povo será molestado. Os Sábios Mestres terão a paz que desejam e terão demonstrado serem realmente sábios. O que diz?

– Digo que é louca.

– Ah, sou? – Dany encolheu os ombros e disse: – *Dracarys*.

Os dragões responderam. Rhaegal silvou e soltou uma baforada de fumaça, Viserion tentou morder e Drogon cuspiu uma chama rodopiante, vermelha e negra. Esta tocou a prega do *tokar* de Grazdan e a seda pegou fogo em meio segundo. Marcos de ouro derramaram-se pelos tapetes quando o enviado tropeçou na arca, gritando pragas e batendo no braço até que Barba-Branca lhe despejou um jarro de água em cima, para apagar as chamas.

– Jurou que eu teria salvo-conduto! – lamentou-se o enviado de Yunkai.

– Será que todos os yunkaitas se lamuriam tanto por causa de um *tokar* chamuscado? Comprarei um novo para você... se entregar seus escravos dentro de três dias. Caso contrário, Drogon dará um beijo mais quente. – Torceu o nariz. – Você se borrou. Leve o ouro e vá, e assegure-se de que os Sábios Mestres ouçam a minha mensagem.

Grazdan mo Eraz colocou o dedo em riste.

– Lamentará essa arrogância, vadia. Esses lagartinhos não a manterão a salvo, garanto. Encheremos o ar de flechas se eles chegarem a menos de uma légua de Yunkai. Acha que é muito difícil matar um dragão?

– É mais difícil do que matar um feitor. Três dias, Grazdan. Diga-lhes. Ao fim do terceiro dia, entrarei em Yunkai, quer me abra os portões, quer não.

A noite já tinha caído por completo quando os yunkaitas partiram do acampamento. Prometia ser uma noite sombria; sem luar, sem estrelas, com um vento gelado e úmido que soprava de oeste. *Uma*

bela noite negra, pensou Dany. Ardiam fogueiras por toda a volta, pequenas estrelas cor de laranja espalhadas por campos e colinas.

– Sor Jorah – disse –, convoque meus companheiros de sangue. – Dany sentou-se num monte de almofadas para esperá-los, com os dragões à sua volta. Quando se reuniram, disse: – Uma hora depois da meia-noite deverá ser tempo suficiente.

– Sim, *khaleesi* – disse Rakharo. – Tempo para quê?

– Para montar o nosso ataque.

Sor Jorah Mormont franziu a testa.

– Disse aos mercenários...

– ... que queria suas respostas de manhã. Não fiz nenhuma promessa a respeito desta noite. Os Corvos Tormentosos estarão discutindo sobre a minha proposta. Os Segundos Filhos estarão bêbados com o vinho que dei a Mero. E os yunkaitas julgam que têm três dias. Vamos pegá-los com a cobertura desta escuridão.

– Eles deverão ter batedores nos vigiando.

– E, na escuridão, verão centenas de fogueiras queimando – disse Dany. – Se chegarem a ver alguma coisa.

– *Khaleesi* – disse Jhogo –, eu tratarei desses batedores. Não são cavaleiros, são apenas feitores em cima de cavalos.

– Exatamente – concordou. – Acho que devíamos atacar de três lados. Verme Cinzento, seus Imaculados vão atacá-los pela direita e pela esquerda, enquanto meus *kos* levam a cavalaria em cunha numa arremetida através do centro. Soldados escravos nunca resistirão a dothraki montados. – Sorriu. – Com certeza, sou apenas uma garotinha e pouco sei de guerra. O que acham, senhores?

– Acho que é a irmã de Rhaegar Targaryen – disse Sor Jorah com um meio-sorriso tristonho.

– Sim – disse Arstan Barba-Branca –, e também uma rainha.

Levaram uma hora para resolver todos os detalhes. *Agora começa o momento mais perigoso*, pensou Dany quando seus capitães partiram para junto de seus homens. Só podia rezar para que as sombras da noite escondessem do inimigo os preparativos.

Perto da meia-noite, levou um susto quando Sor Jorah passou disparando por Belwas, o Forte.

– Os Imaculados apanharam um dos mercenários tentando entrar no acampamento às escondidas.

– Um espião? – aquilo assustou-a. Se tinham pego um, quantos mais teriam escapado?

– Ele diz que veio trazendo presentes. É o idiota amarelo de cabelos azuis.

Daario Naharis.

– Esse. Então ouvirei o que tem a dizer.

Quando o cavaleiro exilado o trouxe, Dany perguntou a si mesma

se já teria havido no mundo dois homens mais diferentes um do outro. O tyroshi era claro onde Sor Jorah era moreno; esguio, enquanto o cavaleiro era musculoso; embelezado com abundantes madeixas, ao passo que o outro ia perdendo os cabelos, e no entanto tinha uma pele lisa onde Mormont era peludo. E seu cavaleiro vestia-se com simplicidade, enquanto o outro homem fazia com que um pavão parecesse monótono, embora, para aquela visita, tivesse colocado um pesado manto negro sobre seus brilhantes adornos amarelos. Transportava uma pesada saca de lona atirada sobre um ombro.

– *Khaleesi* – gritou –, trago presentes e alegres novas. Os Corvos Tormentosos são seus. – Um dente de ouro cintilou em sua boca, quando sorriu. – E Daario Naharis também!

Dany tinha dúvidas. Se aquele tyroshi tivesse vindo espiar, aquela declaração podia não passar de uma artimanha desesperada para salvar sua cabeça.

– O que dizem disso Prendahl na Ghezn e Sallor?

– Pouca coisa. – Daario virou a saca e a cabeça de Sallor, o Calvo, e a de Prendahl na Ghezn derramaram-se sobre os tapetes. – Meus presentes para a rainha do dragão.

Viserion farejou o sangue que gotejava do pescoço de Prendahl e soltou um novelo de chamas que atingiu em cheio o rosto do morto, enegrecendo e enchendo de bolhas sua face sem sangue. Dragon e Rhaegal agitaram-se com o cheiro de carne assada.

– Foi você que fez isso? – perguntou Dany, repugnada.

– Eu e ninguém mais. – Se os dragões desconcertavam Daario Naharis, ele escondia bem. A julgar pela atenção que prestava neles, bem podiam ser três gatinhos brincando com um rato.

– Por quê?

– Por ser tão bela. – As mãos dele eram grandes e fortes, e havia algo em seus duros olhos azuis e no grande nariz curvo que sugeria a ferocidade de uma magnífica ave de rapina. – Prendahl falava muito e dizia pouco. – Seu vestuário, apesar de rico, estava muito usado; manchas de sal criavam um padrão em suas botas, o esmalte das unhas estava lascado, a renda mostrava-se manchada pelo suor, e Dany via o ponto onde a bainha do manto estava ficando puída. – E Sallor escarafunchava o nariz como se o ranho dele fosse feito de ouro. – O homem estava em pé, com as mãos cruzadas nos pulsos, descansando as palmas nos botões de suas armas; um *arakh* dothraki curvo na anca esquerda e um esguio punhal de Myr na direita. Os cabos formavam um par de mulheres douradas, nuas e sensuais.

– Usa essas belas lâminas com habilidade? – perguntou-lhe Dany.

– Prendahl e Sallor diriam que sim, se os mortos falassem. Não conto um dia como vivido, a não ser que tenha amado uma mulher, matado um inimigo ou comido uma bela refeição... e os dias que vivi

são tão incontáveis quanto as estrelas no céu. Transformo o massacre num ato de beleza, e muitos acrobatas e dançarinos de fogo suplicaram aos deuses poder ter metade de minha rapidez, um quarto de minha graciosidade. Diria para você o nome de todos os homens que matei, mas, antes de conseguir acabar, seus dragões iriam se tornar tão grandes como castelos, as muralhas de Yunkai ruiriam, transformadas em poeira amarela, e o inverno chegaria, partiria e chegaria novamente.

Dany soltou uma gargalhada. Gostava da presunção que via naquele Daario Naharis.

– Puxe a espada e juramente-a ao meu serviço.

Num piscar de olhos, o *arakh* de Daario viu-se livre da bainha. A submissão do homem foi tão extravagante como todo o resto nele, um grande mergulho que levou seu rosto até os dedos dos pés de Dany.

– Minha espada é sua. Minha vida é sua. Meu amor é seu. Meu sangue, meu corpo, minhas canções, é dona de tudo. Vivo e morro às suas ordens, bela rainha.

– Então viva – disse Dany – e lute por mim esta noite.

– Isso não seria sensato, minha rainha. – Sor Jorah lançou a Daario um olhar frio e duro. – Mantenha este homem aqui, guardado, até que a batalha esteja concluída e ganha.

Dany refletiu por um momento, e depois balançou a cabeça.

– Se ele puder nos dar os Corvos Tormentosos, a surpresa é certa.

– E se nos trair, a surpresa estará perdida.

Dany voltou a examinar o mercenário. Ele mostrou um tal sorriso que ela corou e afastou o olhar.

– Não trairá.

– Como pode saber isso?

Ela apontou para os pedaços de carne esturricada que os dragões estavam consumindo, uma dentada sangrenta após a outra.

– Eu chamaria aquilo de uma prova de sua sinceridade. Daario Naharis, tenha os seus Corvos Tormentosos prontos para atacar a retaguarda yunkaita quando meu ataque começar. Conseguirá voltar em segurança?

– Se me pararem, direi que andei batendo o terreno e nada vi. – O tyroshi pôs-se em pé, fez uma reverência e saiu a passos largos.

Sor Jorah Mormont deixou-se ficar.

– Vossa Graça – disse, sem rodeios –, isso foi um erro. Nada sabemos sobre esse homem...

– Sabemos que é um grande guerreiro.

– Um grande falador, a senhora quer dizer.

– Ele traz os Corvos Tormentosos para nós. – *E tem olhos azuis*.

– Quinhentos mercenários de lealdade incerta.

– Todas as lealdades são incertas em tempos como estes –

recordou-lhe Dany. *E eu serei traída mais duas vezes, uma por ouro e outra por amor.*

– Daenerys, tenho o triplo de sua idade – disse Sor Jorah. – Já vi quão falsos são os homens. Muito poucos são dignos de confiança, e Daario Naharis não é um deles. Até na barba tem cores falsas.

Aquilo a deixou irritada.

– Ao passo que você tem uma barba honesta, é isso que está me dizendo? Que é o único homem em que poderei confiar?

Ele endireitou-se.

– Não disse isso.

– É o que diz todos os dias. Pyat Pree é um mentiroso, Xaro é um maquinador, Belwas é um fanfarrão, Arstan, um assassino... pensa que continuo sendo uma garotinha virgem, incapaz de ouvir as palavras por trás das palavras?

– Vossa Graça...

Ela interrompeu-o.

– Você tem sido o melhor amigo que já conheci, um irmão melhor do que Viserys alguma vez foi. É o primeiro membro de minha Guarda Real, o comandante de meu exército, meu conselheiro mais estimado, minha boa mão direita. Honro-o, respeito-o e estimo-o... mas não o desejo, Jorah Mormont, e estou cansada de vê-lo tentando empurrar todos os outros homens do mundo para longe de mim, para que tenha de depender de você e apenas de você. Isso não pode ser, e não me fará amá-lo mais.

Mormont corara quando ela começou a falar, mas, quando Dany terminou, tinha o rosto pálido novamente. Ficou imóvel como pedra.

– Se a minha rainha ordena – disse, seco e frio.

Dany estava suficientemente quente para ambos.

– Ordena – disse. – Ela *ordena*. E agora vá cuidar de seus Imaculados, sor. Tem uma batalha a travar e vencer.

Quando o cavaleiro foi embora, Dany jogou-se sobre as almofadas, para junto dos dragões. Não pretendera ser tão ríspida com Sor Jorah, mas a contínua suspeita de Mormont finalmente tinha despertado o dragão.

Ele vai me perdoar, disse a si mesma. *Sou a suserana dele*. Dany deu por si interrogando-se sobre se ele teria razão a respeito de Daario. De repente, sentiu-se muito só. Mirri Maz Duur assegurara que ela nunca mais daria à luz um filho vivo. *A Casa Targaryen terminará comigo*. Aquilo entristeceu-a.

– Vocês têm de ser os meus filhos – disse aos dragões –, os meus três ferozes filhos. Arstan diz que os dragões vivem mais tempo do que os homens, portanto sobreviverão depois de eu morrer.

Drogon curvou o pescoço para mordiscar sua mão. Tinha dentes muito afiados, mas nunca rompia sua pele quando brincavam assim.

Dany riu e fez o dragão rolar de um lado para o outro até que ele rugiu, com a cauda estalando como um chicote. *É mais comprido do que era*, ela percebeu, *e amanhã será ainda mais. Eles agora crescem depressa e, quando forem grandes, terei as minhas asas*. Montada num dragão, poderia ir à frente de seus homens para a batalha, como fizera em Astapor, mas, por enquanto, ainda eram pequenos demais para suportar seu peso.

Uma quietude caiu sobre o acampamento, quando a meia-noite chegou e passou. Dany permaneceu em seu pavilhão com as aias, enquanto Arstan Barba-Branca e Belwas, o Forte, montavam guarda. *A espera é a parte mais dura*. Ficar sentada na tenda com as mãos vazias, enquanto a batalha era travada sem sua presença, fez com que Dany se sentisse de novo quase uma criança.

As horas arrastaram-se sobre patas de tartaruga. Mesmo depois de Jhiqui massagear seus ombros para aliviar a tensão, Dany permaneceu inquieta demais para dormir. Missandei ofereceu-se para cantar uma canção de embalar do Povo Pacífico, mas Dany recusou, movendo a cabeça.

– Traga-me Arstan – disse.

Quando o velho entrou, Dany encontrava-se enrolada em sua pele de *hrakkar*, cujo cheiro bolorento ainda lhe fazia lembrar Drogo.

– Não consigo dormir quando há homens morrendo por mim, Barba-Branca – disse. – Fale-me mais a respeito de meu irmão Rhaegar, por favor. Gostei da história que me contou no navio, sobre o modo como ele decidiu que tinha de ser um guerreiro.

– Vossa Graça é bondosa por pedir isso.

– Viserys dizia que nosso irmão ganhou muitos torneios.

Arstan inclinou respeitosamente sua cabeça branca.

– Não é próprio de minha parte negar as palavras de Sua Graça...

– Mas? – disse Dany rispidamente. – Conte-me. Eu ordeno.

– A perícia do Príncipe Rhaegar era inquestionável, mas ele raramente entrava nas liças. Nunca gostou da canção das espadas, como Robert ou Jaime Lannister gostavam. Era algo que tinha de fazer, uma tarefa que o mundo tinha lhe atribuído. Desempenhava-a bem, pois fazia tudo bem. Era essa a sua natureza. Mas não tirava dela nenhuma alegria. Os homens diziam que o Príncipe Rhaegar gostava muito mais da harpa do que da lança.

– Mas ele certamente ganhou *alguns* torneios – disse Dany, desapontada.

– Quando era novo, Sua Graça participou brilhantemente num torneio em Ponta Tempestade, derrotando Lorde Steffron Baratheon, Lorde Jason Mallister, a Víbora Vermelha de Dorne e um cavaleiro misterioso, que se revelou ser o infame Simon Toyne, chefe dos fora da lei da mata do rei. Quebrou doze lanças contra Sor Arthur Dayne

nesse dia.

– Então foi ele o campeão?

– Não, Vossa Graça. Essa honra foi para outro cavaleiro da Guarda Real, que derrubou o Príncipe Rhaegar na disputa final.

Dany não queria ouvir falar de Rhaegar sendo derrubado.

– Mas que torneios meu irmão *ganhou*?

– Vossa Graça. – O velho hesitou. – Ele ganhou o maior torneio de todos.

– Que torneio foi esse? – quis saber Dany.

– O torneio que Lorde Whent montou em Harrenhal, ao lado do Olho de Deus, no ano da falsa primavera. Um evento notável. Além das justas, houve um corpo a corpo no estilo antigo, disputado entre sete equipes de cavaleiros, bem como tiro com arco e arremesso de machados, uma corrida de cavalos, um torneio de cantores, um espetáculo de saltimbancos e muitos banquetes e divertimentos. Lorde Whent era tão mão-aberta quanto rico. As pródigas bolsas que proclamou atraíram centenas de competidores. Até o seu real pai se deslocou para Harrenhal, ele que não abandonava a Fortaleza Vermelha havia longos anos. Os maiores senhores e mais poderosos campeões dos Sete Reinos participaram desse torneio, e o Príncipe de Pedra do Dragão superou todos eles.

– Mas esse foi o torneio em que Lyanna Stark foi coroada rainha do amor e da beleza! – disse Dany. – A Princesa Elia, esposa dele, estava lá, e, no entanto, meu irmão deu a coroa à garota Stark, e mais tarde roubou-a do prometido dela. Como pôde ter feito uma coisa dessas? A mulher dornesa tratava-o tão mal assim?

– Não cabe a alguém como eu dizer o que pode ter passado pelo coração de seu irmão, Vossa Graça. A Princesa Elia era uma senhora bondosa e graciosa, embora sua saúde sempre tenha sido delicada.

Dany envolveu os ombros com a melhor pele de leão.

– Viserys disse uma vez que a culpa era minha, por ter nascido tarde demais. – Lembrava-se de ter negado acaloradamente, chegando ao ponto de dizer a Viserys que a culpa tinha sido dele, por não ter nascido menina. Ele espancara-a cruelmente por essa insolência. – Se eu tivesse nascido em um momento mais oportuno, disse ele, Rhaegar teria se casado comigo e não com Elia, e tudo teria sido diferente. Se Rhaegar tivesse sido feliz com a esposa, não teria necessitado da garota Stark.

– Talvez fosse assim, Vossa Graça. – Barba-Branca fez uma pausa momentânea. – Mas não tenho certeza de que Rhaegar tivesse a capacidade de ser feliz.

– Faz com que ele pareça tão amargo – protestou Dany.

– Amargo não, não, mas... havia uma melancolia no Príncipe Rhaegar, um sentido... – O velho voltou a hesitar.

– Diga – pediu ela. – Um sentido...?

– ... de tragédia. Ele nasceu em pesar, minha rainha, e essa sombra pairou sobre ele durante toda a vida.

Viserys só falara uma vez do nascimento de Rhaegar. A história talvez o entristecesse demais.

– Era a sombra de Solarestival que o assombrava, não era?

– Sim. E, no entanto, Solarestival era o lugar que o príncipe mais amava. Ia para lá de tempos em tempos, acompanhado apenas de sua harpa. Nem mesmo os cavaleiros da Guarda Real o serviam ali. Gostava de dormir no salão arruinado, sob a lua e as estrelas, e sempre que regressava trazia uma canção. Quando se ouvia o príncipe tocar sua harpa com cordas de prata e cantar a respeito de penumbras, lágrimas e a morte de reis, era impossível não sentir que ele estava cantando sobre si e sobre aqueles que amava.

– E o Usurpador? Ele também tocava canções tristes?

Arstan soltou um risinho.

– Robert? Robert gostava de canções que o fizessem rir, e quanto mais obscenas melhor. Só cantava quando estava bêbado, e então eram coisas do gênero de "Um barril de cerveja", "Cinquenta e quatro tonéis" ou "O urso e a bela donzela". Robert era muito...

Como um só, os dragões ergueram a cabeça e rugiram.

– Cavalos! – Dany pôs-se em pé imediatamente, apertando-se à pele de leão. Lá fora, ouviu Belwas, o Forte, berrar alguma coisa, e depois outras vozes, e o ruído de muitos cavalos. – Irri, vá ver quem...

A aba da tenda abriu-se de rompante e Sor Jorah Mormont entrou. Vinha empoeirado e salpicado de sangue, mas fora isso não parecia afetado pela batalha. O cavaleiro exilado ajoelhou-se perante Dany e disse:

– Vossa Graça, trago-lhe a vitória. Os Corvos Tormentosos viraram a casaca, os escravos fugiram e os Segundos Filhos estavam bêbados demais para lutar, tal como tinha dito. Duzentos mortos, na maioria yunkaitas. Seus escravos jogaram fora as lanças e fugiram, e seus mercenários renderam-se. Temos vários milhares de cativos.

– As nossas perdas?

– Uma dúzia. Se tanto.

Só então se permitiu um sorriso.

– Levante-se, meu bom e corajoso urso. Grazdan foi capturado? Ou o Bastardo do Titã?

– Grazdan foi a Yunkai entregar as suas exigências. – Sor Jorah levantou-se. – Mero fugiu, assim que percebeu que os Corvos Tormentosos tinham passado para o nosso lado. Tenho homens atrás dele. Não deve permanecer foragido por muito tempo.

– Muito bem – disse Dany. – Mercenário ou escravo, poupe todos aqueles que me jurarem lealdade. Se um número suficiente dos

Segundos Filhos se juntar a mim, mantenha a companhia intacta.

No dia seguinte, marcharam as três últimas léguas até Yunkai. A cidade tinha sido construída com tijolos amarelos em vez de vermelhos; tirando isso, era uma cópia perfeita de Astapor, com as mesmas muralhas esfarelando-se e maciças pirâmides de degraus, e uma grande harpia montada sobre os portões. A muralha e as torres estavam repletas de besteiros e fundibulários. Sor Jorah e Verme Cinzento posicionaram seus homens, Irri e Jhiqui ergueram o pavilhão de Dany, e esta sentou-se, à espera.

Na manhã do terceiro dia, os portões da cidade abriram-se e uma fileira de escravos começou a sair. Dany montou a prata para ir ao encontro deles. Ao passarem, a pequena Missandei foi-lhes dizendo que deviam a liberdade a Daenerys Nascida na Tormenta, a Não Queimada, Rainha dos Sete Reinos de Westeros e Mãe de Dragões.

– *Mhysa!* – gritou-lhe um homem de pele mulata.

Ele trazia uma criança ao ombro, uma menininha, e ela gritou a mesma palavra em sua vozinha fina:

– *Mhysa! Mhysa!*

Dany olhou para Missandei.

– O que estão eles gritando?

– É ghiscari, a antiga língua pura. Quer dizer "Mãe".

Dany sentiu uma leveza no peito. *Nunca darei à luz um filho vivo*, recordou. Sua mão tremeu ao ser erguida. Talvez tenha sorrido. Deve ter sorrido, pois o homem também sorriu e voltou a gritar, e outros acompanharam o seu grito.

– *Mhysa!* – gritaram. – *Mhysa! MHYSA!* – Estavam todos sorrindo para Dany, estendendo as mãos para ela, ajoelhando à sua frente. Alguns chamavam-na de "*Maela*", outros gritavam "*Aelalla*" ou "*Qathei*" ou "*Tato*", mas qualquer que fosse a língua, todas as palavras tinham o mesmo significado. *Mãe. Eles estão me chamando de Mãe*.

O cântico cresceu, espalhou-se, avolumou-se. Avolumou-se tanto que assustou sua montaria, e a égua recuou, abanou a cabeça e agitou a cauda cinza-prateada. Avolumou-se até parecer sacudir as muralhas amarelas de Yunkai. Mais escravos saíam pelos portões a cada momento, e, ao chegarem, juntavam-se ao grito. Agora corriam para ela, empurrando-se, tropeçando, desejando tocar sua mão, afagar a crina de sua montaria, beijar seus pés. Seus pobres companheiros de sangue não conseguiam manter todos afastados, e até Belwas, o Forte, grunhiu e resmungou de susto.

Sor Jorah tentou convencê-la a sair dali, mas Dany lembrou-se de um sonho que tivera na Casa dos Imorredouros.

– Eles não me farão mal – disse-lhe. – Eles são meus filhos, Jorah. – Soltou uma gargalhada, bateu com os calcanhares na égua e cavalgou na direção dos escravos, com as sinetas nos cabelos

tilintando em doce vitória. Trotou, depois passou a meio-galope e em seguida pôs-se a galope, com a trança ondulando atrás de si. Os escravos libertados abriram caminho para ela. “Mãe”, gritaram cem gargantas, mil, dez mil. “Mãe”, cantaram, com os dedos afagando suas pernas enquanto voava através deles. “Mãe, Mãe, Mãe!”

Arya

Quando Arya viu a forma do grande monte erguendo-se a distância, dourado ao sol da tarde, reconheceu-o de imediato. Tinham retornado a Coração Alto.

Ao pôr do sol estavam no topo, acampando onde nenhum mal poderia lhes acontecer. Arya percorreu o círculo de tocos de represeiro com o escudeiro de Lorde Beric, Ned, e ficaram em pé sobre um deles, observando a última luz que desaparecia a oeste. Dali de cima via uma tempestade que se enfurecia para o norte, mas Coração Alto erguia-se *acima* da chuva. No entanto, não estava acima do vento; as rajadas sopravam com tanta força que era como se alguém estivesse atrás de Arya, puxando-a pelo manto. Porém, quando se virou, não havia ninguém lá.

Fantasmas, recordou. *Coração Alto está assombrado.*

Fizeram uma grande fogueira no topo do monte, e Thoros de Myr sentou-se de pernas cruzadas diante dela, olhando as profundezas das chamas como se nada mais existisse no mundo inteiro.

– O que ele está fazendo? – perguntou Arya a Ned.

– Às vezes, ele vê coisas nas chamas – disse-lhe o escudeiro. – O passado. O futuro. Coisas que estão acontecendo muito longe.

Arya observou o fogo com os olhos semicerrados, tentando enxergar o que o sacerdote vermelho via, mas só conseguiu ficar com os olhos cheios de lágrimas e, pouco tempo depois, afastou-os da fogueira. Gendry também estava observando o sacerdote vermelho.

– Pode mesmo ver o futuro aí? – ele perguntou de súbito.

Thoros afastou os olhos do fogo, suspirando.

– Aqui, não. Agora não. Mas certos dias, sim, o Senhor da Luz concede-me visões.

Gendry não parecia convencido.

– Meu mestre dizia que você era um bêbado e uma fraude, um sacerdote ruim como nunca houve.

– Isso foi pouco amável. – Thoros soltou um risinho. – Verdadeiro, mas pouco amável. Quem era esse seu mestre? Eu conhecia você, rapaz?

– Eu era aprendiz do mestre armeiro Tobho Mott, na Rua do Aço. Costumava comprar as espadas dele.

– É verdade. Ele cobrava de mim o dobro do que elas valiam, e depois repreendia-me por botar fogo nelas. – Thoros soltou uma gargalhada. – O seu mestre tinha razão. Eu não era um sacerdote lá muito santo. Fui o mais novo de oito filhos, e por isso meu pai deu-me ao Templo Vermelho, mas não teria sido esse o caminho que eu escolheria. Orava as orações e proferia os feitiços, mas também

liderava ataques às cozinhas e, de tempos em tempos, encontravam garotas na minha cama. Umas garotas tão malvadas... nunca soube como elas iam parar lá.

"Mas eu tinha um dom para línguas. E quando olhava as chamas, bem, de vez em quando via coisas. Mesmo assim, eu dava mais trabalho do que valia e acabaram me enviando para Porto Real, a fim de trazer a luz do Senhor ao sete vezes embrutecido Westeros. O Rei Aerys gostava tanto de fogo que pensavam que poderia ser convertido. Infelizmente, seus piromantes conheciam truques melhores dos que os meus.

"Porém, o Rei Robert gostava de mim. Da primeira vez que entrei num corpo a corpo com uma espada flamejante, o cavalo de Kevan Lannister empinou-se e atirou-o ao chão, e Sua Graça riu tanto que eu pensei que explodiria. – A recordação fez o sacerdote vermelho sorrir. – Mas aquilo não era maneira de tratar uma lâmina, o seu mestre também tinha razão quanto a isso."

– O fogo consome. – Lorde Beric estava em pé atrás deles, e havia algo na sua voz que silenciou Thoros de imediato. – Ele *consome*, e quando termina, nada resta. *Nada*.

– Beric. Querido amigo. – O sacerdote tocou o senhor do relâmpago no antebraço. – O que está dizendo?

– Nada que já não tenha dito. Seis vezes, Thoros? Seis vezes é muito. – Afastou-se abruptamente.

Naquela noite, o vento uivava quase como um lobo, e havia alguns lobos de verdade a oeste dando lições a ele. Notch, Anguy e Merrit de Vilalua estavam de vigia. Ned, Gendry e muitos dos outros dormiam profundamente quando Arya vislumbrou a pequena silhueta clara que se movia por trás dos cavalos, com cabelos finos e brancos esvoaçando loucamente, enquanto se apoiava numa bengala cheia de nós. A mulher não podia ter mais de noventa centímetros de altura. A luz da fogueira fazia seus olhos cintilarem num tom tão vermelho quanto o dos olhos do lobo de Jon. *Ele também era um fantasma*. Arya esgueirou-se para mais perto e ajoelhou-se a fim de espiar.

Thoros e Limo faziam companhia ao Lorde Beric quando a anã se sentou junto da fogueira sem ser convidada. Olhou-os de soslaio, com olhos que eram como carvões ardentes.

– A Brasa e o Limão vêm de novo me visitar, com Sua Graça, o Senhor dos Cadáveres.

– Um nome de mau agouro. Já lhe pedi que não o usasse.

– Sim, pediu. Mas o fedor da morte é fresco em você, senhor. – Não lhe restava mais do que um dente. – Dê-me vinho, senão vou embora. Meus ossos estão velhos. Minhas articulações doem quando os ventos sopram, e aqui em cima os ventos não param de soprar.

– Um veado de prata por seus sonhos, senhora – disse Lorde Beric,

com uma solene cortesia. – E outro se tiver notícias para nos dar.

– Não posso comer um veado de prata e também não posso montá-lo. Um odre de vinho por meus sonhos, e, pelas notícias, um beijo do grande idiota com o manto amarelo. – A pequena mulher soltou um cacarejo. – Sim, um beijo molhado, um pouco de língua. Passou-se tempo demais, demais. A boca dele vai ter gosto de limões e a minha, de ossos. Sou velha demais.

– Sim – protestou Limo. – Velha demais para vinho e beijos. Tudo que levará de mim é a parte romba da espada, bruxa.

– Meus cabelos caem aos montes e ninguém me beija há mil anos. É duro ser tão velha. Bem, nesse caso aceito uma canção. Uma canção do Tom das Sete, pelas notícias.

– Terá a sua canção do Tom – prometeu Lorde Beric. Foi ele mesmo que lhe entregou o odre de vinho.

A anã bebeu profundamente, deixando escorrer vinho pelo queixo abaixo. Quando baixou o odre, limpou a boca com as costas de uma mão enrugada e disse:

– Vinho amargo por notícias amargas, o que poderia ser mais adequado? O rei está morto, isso é suficientemente amargo para você?

O coração de Arya ficou preso na garganta.

– *Qual* dos malditos reis está morto, velha? – exigiu saber Limo.

– O molhado. O rei da lula gigante, senhores. Sonhei que ele estava morto, e ele morreu, e agora as lulas de ferro viraram-se umas contra as outras. Oh, e Lorde Hoster Tully também morreu, mas vocês sabem disso, não é verdade? No salão dos reis, o bode está só e febril, enquanto o grande cão cai sobre ele. – A velha bebeu outro longo trago de vinho, espremendo o odre enquanto o levava aos lábios.

O grande cão. Estaria a velha falando do Cão de Caça? Ou talvez do irmão, a Montanha que Cavalga? Arya não tinha certeza. Ambos usavam as mesmas armas, três cães negros em fundo amarelo. Metade dos homens por cujas mortes rezava pertenciam a Sor Gregor Clegane; Polliver, Dunsen, Raff, o Querido, Cócegas e o próprio Sor Gregor. *Talvez Lorde Beric enforque todos*.

– Sonhei com um lobo uivando na chuva, mas ninguém ouvia seu lamento – a anã estava dizendo. – Sonhei com um tal clangor que julguei que minha cabeça fosse estourar, com tambores, berrantes, flautas e gritos, mas o som mais triste era o de pequenas campainhas. Sonhei com uma donzela num banquete com serpentes roxas nos cabelos e veneno pingando das presas delas. E mais tarde voltei a sonhar com essa donzela, matando um gigante selvagem num castelo feito de neve. – Virou vivamente a cabeça e sorriu através das sombras, diretamente para Arya. – Não pode se esconder de mim, filha. Chegue mais perto, agora.

Dedos frios desceram pelo pescoço de Arya. *O medo corta mais*

profundamente do que as espadas, lembrou a si mesma. Levantou-se e aproximou-se cautelosamente da fogueira, pisando levemente nas pontas dos pés, pronta para fugir.

A anã estudou-a com seus sombrios olhos vermelhos.

– Estou vendo você – sussurrou. – Estou vendo você, criança lobo. Criança de sangue. Achava que era o lorde quem cheirava a morte... – Começou a soluçar, fazendo estremecer seu pequeno corpo. – É cruel por vir ao meu monte, cruel. Empanturrei-me de pesar em Solarestival, não preciso do seu. Desapareça daqui, coração negro. *Desapareça!*

Havia tanto medo na voz dela que Arya deu um passo para trás, perguntando a si mesma se a mulher estaria louca.

– Não assuste a criança – protestou Thoros. – Não há nenhum mal nela.

O dedo de Limo Manto Limão dirigiu-se ao seu nariz quebrado e ele disse:

– Não tenha tanta certeza quanto a isso.

– Ela partirá de manhã, conosco – garantiu Lorde Beric à pequena mulher. – Vamos levá-la para Correrrio, para junto da mãe.

– Não – disse a anã. – Não vão. Quem controla os rios agora é o peixe negro. Se querem a mãe, procurem-na nas Gêmeas. Pois haverá um *casamento*. – Voltou a soltar um cacarejo. – Olhe os seus fogos, sacerdote cor-de-rosa, e verá. Mas não agora, e não aqui, aqui não verá nada. Este lugar ainda pertence aos antigos deuses... permanecem aqui, assim como eu, encolhidos e frágeis, mas ainda vivos. E não gostam das chamas. Pois o carvalho recorda a bolota, a bolota sonha o carvalho, e o toco vive em ambos. E eles se lembram de quando os Primeiros Homens chegaram com fogo nos punhos. – Bebeu o resto do vinho em quatro longos tragos, atirou o odre para o lado e apontou a bengala ao Lorde Beric. – Quero agora o meu pagamento. Quero a canção que me prometeram.

E então Limo despertou Tom Sete-Cordas de debaixo de suas peles, e trouxe-o bocejando até junto da fogueira com a harpa na mão.

– A mesma canção de sempre? – perguntou.

– Ah, sim. A canção da minha Jenny. Existe mais alguma?

E ele assim cantou, e a anã fechou os olhos e começou a balançar o corpo lentamente de um lado para o outro, murmurando as palavras e chorando. Thoros pegou firmemente na mão de Arya e afastou-se com ela.

– Deixa-a saborear a canção em paz – disse. – É tudo que lhe resta.

Eu não ia fazer mal a ela, pensou Arya.

– O que ela quis dizer com as Gêmeas? Minha mãe está em Correrrio, não está?

– Estava. – O sacerdote vermelho coçou-se por baixo do queixo. – Um casamento, disse ela. Veremos. Mas esteja onde estiver, Lorde Beric vai encontrá-la.

Não muito tempo depois, o céu se abriu. Estourou o relâmpago, o trovão rolou sobre os montes e a chuva começou a cair em lençóis que cegavam. A anã desapareceu tão subitamente como surgira, enquanto os fora da lei catavam galhos e erguiam abrigos improvisados.

Choveu toda a noite e, ao chegar a manhã, Ned, Limo e Watty, o Moleiro, acordaram com arrepios. Watty não conseguiu manter o café da manhã no estômago e o jovem Ned estava ora febril, ora tremendo, com a pele fria e úmida ao toque. Notch disse ao Lorde Beric que havia uma aldeia abandonada a meio dia de viagem para norte; lá encontrariam melhor abrigo, um lugar onde esperar que o pior das chuvas passasse. E assim arrastaram-se para cima das selas e fizeram os cavalos descer o grande monte.

As chuvas não davam trégua. Cavalgaram por florestas e campos de cultivo, vadeando riachos em cheia, nos quais as rápidas águas chegavam à altura da barriga dos cavalos. Arya puxou o capuz do manto para cima da cabeça e encolheu-se, ensopada e tremendo, mas determinada a não esmorecer. Merritt e Mudge logo estavam tossindo tanto quanto Watty, e o pobre Ned parecia ficar mais infeliz a cada quilômetro.

– Quando uso o elmo, a chuva bate no aço e me deixa com dor de cabeça – ele queixou-se. – Mas, quando o tiro, meus cabelos ficam encharcados e colam na minha cara e entram na minha boca.

– Você tem uma faca – sugeriu Gendry. – Se os cabelos o aborrecem tanto assim, raspa a porcaria da cabeça.

Ele não gosta de Ned. O escudeiro parecia a Arya bastante simpático; talvez um pouco tímido, mas de boa índole. Sempre tinha ouvido dizer que os dorneses eram baixos e trigueiros, com cabelos e pequenos olhos negros, mas Ned tinha grandes olhos azuis, tão escuros que quase pareciam púrpuras. E os cabelos eram de um louro claro, mais cinza do que mel.

– Há quanto tempo é escudeiro de Lorde Beric? – perguntou, para afastar a mente dele dos problemas.

– Ele tomou-me como pajem quando se comprometeu com a minha tia. – Tossiu. – Tinha sete anos, mas quando fiz dez me promoveu a escudeiro. Uma vez, ganhei um prêmio, avançando contra anéis.

– Nunca aprendi a usar a lança, mas podia ganhar de você com uma espada – disse Arya. – Já matou alguém?

Aquilo pareceu alarmá-lo.

– Só tenho doze anos.

Matei um rapaz com oito, Arya quase disse, mas achou melhor não

fazer isso.

– Mas esteve em batalhas.

– Sim. – Não parecia muito orgulhoso do fato. – Estive no Vau do Saltimbanco. Quando Lorde Beric caiu no rio, arrastei-o para a margem, para que não se afogasse, e fiquei sobre ele de espada na mão. Mas não precisei lutar. Lorde Beric tinha uma lança quebrada espetada nele, por isso ninguém nos incomodou. Quando reagrupamos, o Gergen Verde ajudou a colocar sua senhoria de volta no cavalo.

Arya estava se lembrando do cavalariço em Porto Real. Depois dele houve aquele guarda cuja garganta tinha cortado em Harrenhal, e os homens de Sor Amory, naquela fortaleza junto ao lago. Não sabia se Weese e Chiswyck contavam, ou aqueles que tinham morrido por conta da sopa de doninha... de repente, sentiu-se muito triste.

– Também chamavam meu pai de Ned – disse.

– Eu sei. Vi-o no torneio da Mão. Queria me aproximar e falar com ele, mas não consegui pensar no que dizer. – Ned estremeceu sob o manto, uma faixa encharcada roxo-clara. – Você estava no torneio? Vi sua irmã lá. Sor Loras Tyrell deu-lhe uma rosa.

– Ela me contou. – Tudo parecia ter acontecido há tanto tempo. – Jeyne Poole, a amiga dela, apaixonou-se por seu Lorde Beric.

– Ele está prometido à minha tia. – Ned fez uma expressão de desconforto. – Mas isso foi antes. Antes de ele...

... *morrer*? pensou Arya, enquanto a voz de Ned se reduzia a um silêncio incômodo. Os cascos dos cavalos faziam sons de sucção ao se soltarem da lama.

– Senhora? – disse Ned por fim. – Você tem um irmão ilegítimo... Jon Snow?

– Ele está com a Patrulha da Noite, na Muralha. – *Talvez devesse ir para a Muralha em vez de Correrrio. Jon não se importaria com quem matei ou se me penteei ou não...* – Jon é parecido comigo, apesar de ter nascido bastardo. Costumava despentear-me os cabelos e me chamar de "irmãzinha". – De todos, era de Jon que Arya sentia mais falta. Bastava dizer seu nome para ser tomada de tristeza. – Como sabe do Jon?

– Ele é meu irmão de leite.

– Irmão? – Arya não compreendia. – Mas você é de Dorne. Como pode ser do sangue de Jon?

– Irmãos *de leite*. Não de sangue. A senhora minha mãe não tinha leite quando eu era pequeno, e Wylla teve de me amamentar.

Arya não entendeu.

– Quem é Wylla?

– A mãe de Jon Snow. Ele nunca lhe disse? Ela esteve a nosso serviço durante anos e mais anos. Desde antes de eu nascer.

– Jon nunca conheceu a mãe. Nem sequer sabe o nome dela. – Arya deu a Ned um olhar desconfiado. – Conhece-a? Mesmo? – *Será que ele está caçoando de mim?* – Se mentir, dou um murro na sua cara.

– Wylla foi a minha ama de leite – repetiu o rapaz com solenidade. – Juro pela honra da minha Casa.

– Você tem uma Casa? – a pergunta foi estúpida; ele era um escudeiro, é claro que tinha uma Casa. – Quem *é* você?

– Senhora? – Ned fez uma expressão embaraçada. – Sou Edric Dayne, o... o Senhor de Tombastela.

Atrás deles, Gendry gemeu.

– Senhores e senhoras – proclamou, num tom de repugnância. Arya arrancou uma maçã apodrecida de um galho de passagem e atirou-a em Gendry, fazendo-a quicar em sua dura cabeça de touro. – Ai – disse ele. – Isso doeu. – Tateou a pele por cima do olho. – Que tipo de senhora atira maçãs nas pessoas?

– O tipo mau – disse Arya, de repente arrependida. Virou-se de novo para Ned. – Lamento não saber quem você era. Senhor.

– A culpa é minha, senhora. – Ele era muito educado.

Jon tem uma mãe. Wylla, o nome dela é Wylla. Teria de se lembrar para poder lhe dizer da próxima vez que o visse. Perguntou a si mesma se ele ainda a chamaria de "irmãzinha". *Já não sou assim tão "inha". Ele vai ter que me chamar de outra coisa qualquer.* Quando chegasse a Correrrio, talvez pudesse escrever uma carta a Jon e contar-lhe o que Ned havia dito.

– Havia um Arthur Dayne – lembrou-se. – Aquele que chamavam de Espada da Manhã.

– Meu pai era o irmão mais velho de Sor Arthur. A Senhora Ashara era minha tia. Mas nunca a conheci. Ela jogou-se ao mar do alto da Espada Branca antes de eu nascer.

– Por que ela faria uma coisa dessas? – perguntou Arya, surpreendida.

Ned fez uma expressão de desconfiança. Talvez tivesse receio de que ela atirasse qualquer coisa nele.

– O senhor seu pai nunca falou dela? – disse. – Da Senhora Ashara Dayne, de Tombastela?

– Não. Ele a conhecia?

– Antes de Robert ser rei. Ela conheceu o seu pai e os irmãos em Harrenhal, durante o ano da falsa primavera.

– Oh. – Arya não sabia o que mais dizer. – Mas por que foi que ela se jogou no mar?

– Teve o coração partido.

Sansa teria suspirado e derramado uma lágrima pelo amor verdadeiro, mas Arya achava que era simplesmente uma estupidez. Mas não podia dizer isso a Ned, não podia dizer tal coisa sobre a tia

do rapaz.

– Alguém o partiu?

Ele hesitou.

– Talvez não me caiba...

– *Conte-me.*

O rapaz olhou-a de maneira desconfortável.

– Minha tia Allyria diz que a Senhora Ashara e o seu pai se apaixonaram em Harrenhal...

– Não é verdade. Ele amava a senhora minha mãe.

– Estou certo de que sim, senhora, mas...

– Era a *única* mulher que ele amava.

– Então deve ter encontrado aquele bastardo debaixo de uma folha de repolho – disse Gendry atrás deles.

Arya quis ter outra maçã para fazer quicar no rosto dele.

– Meu pai tinha *honra* – disse Arya, zangada. – E, seja como for, não estávamos falando com *você*. Por que é que não volta para o Septo de Pedra e toca as estúpidas sinetas daquela garota?

Gendry ignorou-a.

– Pelo menos o seu pai *criou* o bastardo dele; o meu não. Nem sequer sei o nome de meu pai. Algum bêbado fedorento, aposto, como os outros que a minha mãe arrastava da cervejaria para casa. Sempre que se zangava comigo, dizia: "Se o seu pai estivesse aqui, batia em você até tirar sangue". Isso é tudo que sei dele. – Cuspiu no chão. – Bem, se estivesse aqui agora, pode ser que eu batesse *nele* até tirar sangue. Mas está morto, imagino, e o seu pai também está morto, portanto que importa com quem ele se deitou?

A Arya importava, embora não soubesse dizer por quê. Ned estava tentando se desculpar por tê-la perturbado, mas ela não quis ouvir. Encostou os calcanhares no cavalo e deixou os dois para trás. Anguy, o Arqueiro, seguia alguns metros mais à frente. Quando o alcançou, disse:

– Os dorneses mentem, não mentem?

– São famosos por isso. – O arqueiro sorriu. – Mas claro que eles dizem o mesmo de nós, os da Marca, portanto, eis aí. O que foi agora? O Ned é um bom rapaz...

– Ele é só um estúpido mentiroso.

Arya abandonou a trilha, saltou um tronco apodrecido e cruzou um riacho, fazendo espirrar água para todos os lados, ignorando os gritos dos fora da lei atrás de si. *Só querem me contar mais mentiras*. Pensou em tentar fugir deles, mas eram muitos e conheciam aquelas terras bem demais. De que servia fugir se a apanhassem?

Por fim, foi Harwin que se aproximou.

– Onde acha que vai, senhora? Não devia fugir. Há lobos nesta floresta, e coisas piores.

– Não tenho medo – disse ela. – Aquele rapaz, o Ned, disse...

– Sim, ele me contou. A Senhora Ashara Dayne. É uma história antiga, essa. Ouvi-a uma vez em Winterfell, quando ainda não era mais velho do que a senhora é agora. – Agarrou firmemente no freio dela e virou seu cavalo. – Duvido que haja nela alguma verdade. Mas se houver, qual é o problema? Quando Ned conheceu essa senhora dornesa, o irmão Brandon ainda estava vivo, e era ele o noivo da Senhora Catelyn, portanto não há nenhuma mancha na honra de seu pai. Não há nada como um torneio para aquecer o sangue, e talvez algumas palavras tenham sido murmuradas numa tenda em alguma noite, quem sabe? Palavras ou beijos, talvez mais, mas onde está o mal? A primavera tinha chegado, ou pelo menos era o que pensavam, e nenhum dos dois estava comprometido.

– Mas ela se matou – disse Arya com incerteza. – O Ned diz que ela saltou de uma torre para o mar.

– É verdade – admitiu Harwin enquanto a conduzia de volta –, mas foi por desgosto, aposto. Ela tinha perdido um irmão, a Espada da Manhã. – Balançou a cabeça. – Deixe isso, senhora. Estão mortos, todos eles. Deixe quieto... e, por favor, quando chegarmos a Correrrio, não diga nada sobre ele à sua mãe.

A aldeia ficava mesmo onde Notch havia prometido. Abrigaram-se num estábulo de pedra cinza. Só restava meio telhado, mas isso era meio telhado a mais do que havia em qualquer outro edifício da aldeia. *Isso não é uma aldeia, são só pedras pretas e ossos velhos.*

– Foram os Lannister que mataram as pessoas que viviam aqui? – perguntou Arya enquanto ajudava Anguy a secar os cavalos.

– Não. – Ele apontou. – Olhe como o musgo cresce alto nas pedras. Ninguém anda por aqui há muito tempo. E há uma árvore crescendo ali da parede, está vendo? Este lugar foi passado pelo archote há muito tempo.

– Então quem foi que fez isso? – perguntou Gendry.

– Hoster Tully. – Notch era um homem curvado, magro e de barba grisalha, nascido naquela região. – Esta era a aldeia de Lorde Goodbrook. Quando Correrrio declarou apoio a Robert, Goodbrook manteve-se fiel ao rei, por isso Lorde Tully caiu sobre ele com fogo e espada. Depois do Tridente, o filho de Goodbrook fez a paz com Robert e Lorde Hoster, mas isso não ajudou em nada os mortos.

Caiu um silêncio. Gendry lançou a Arya um olhar estranho, após o que lhe deu as costas para escovar o cavalo. Lá fora, a chuva caía sem parar.

– Acho que precisamos de uma fogueira – declarou Thoros. – A noite é escura e cheia de terrores. E também molhada, hã? Molhada demais.

Jack Sortudo arrancou um pouco de madeira seca de uma

cocheira, enquanto Notch e Merris juntavam palha para fazer o fogo pegar. O próprio Thoros tirou a faísca, e Limo atiçou as chamas com seu grande manto amarelo até deixá-las rugindo e rodopiando. Em pouco tempo, o estábulo ficou quase aquecido. Thoros sentou-se em frente à fogueira de pernas cruzadas, devorando as chamas com os olhos, tal como tinha feito no topo de Coração Alto. Arya observava-o de perto, e uma vez os lábios dele moveram-se e ela julgou ouvi-lo murmurar "Correrrio". Limo começou a andar de um lado para o outro, tossindo, com uma longa sombra a acompanhá-lo a cada passo, enquanto Tom das Sete tirava as botas e esfregava os pés.

– Devo estar louco para voltar a Correrrio – protestou o cantor. – Os Tully nunca deram sorte ao velho Tom. Foi aquela Lysa que me mandou pela estrada de altitude, quando os homens da lua me roubaram o ouro e o cavalo e também toda a roupa. Há cavaleiros no Vale que ainda contam a história de como eu cheguei a pé ao Portão Sangrento só com a harpa pra manter a modéstia. Eles obrigaram-me a cantar "O rapaz do dia de seu nome" e "O rei sem coragem" antes de abrirem aquele portão. Meu único consolo foi que três deles morreram rindo. Nunca mais voltei ao Ninho da Águia e também não canto "O rei sem coragem", nem por todo o ouro do Rochedo...

– *Lannisters* – disse Thoros. – Rugindo em vermelho e dourado. – Pôs-se em pé e foi até Lorde Beric. Limo e Tom não perderam tempo para juntar-se a eles.

Arya não conseguiu distinguir o que estavam conversando, mas o cantor não parava de olhar de relance para ela, e às tantas Limo irritou-se tanto que esmurrou a parede. Foi então que Lorde Beric lhe fez um gesto para que ela se aproximasse. Era a última coisa que queria fazer, mas Harwyn pôs uma mão na parte de baixo de suas costas e empurrou-a para a frente. Arya deu dois passos e hesitou, cheia de terror.

– Senhor. – Esperou para ouvir o que Lorde Beric diria.

– Diga-lhe – ordenou o senhor do relâmpago a Thoros.

O sacerdote vermelho acocorou-se ao lado dela.

– Senhora – disse –, o Senhor concedeu-me uma visão de Correrrio. Parecia uma ilha num mar de fogo. As chamas eram leões aos saltos, com longas garras carmesim. E como rugiam! Um mar de Lannisters, senhora. Correrrio será atacado em breve.

Arya sentiu-se como se ele a tivesse esmurrado na barriga.

– *Não!*

– Querida – disse Thoros –, as chamas não mentem. Às vezes leio-as incorretamente, por ser o idiota cego que sou. Mas não dessa vez, penso. Em breve, os Lannister terão Correrrio sob cerco.

– Robb vai vencê-los. – Arya fez uma expressão obstinada. – Ele vai ganhar deles como ganhou antes.

– Seu irmão pode ter partido – disse Thoros. – E sua mãe também. Não os vi nas chamas. Esse casamento de que a velha falou, um casamento nas Gêmeas... aquela lá tem suas maneiras de saber das coisas. Os represeiros murmuram ao ouvido dela quando dorme. Se ela diz que a sua mãe partiu para as Gêmeas...

Arya virou-se para Tom e Limo.

– Se não me tivessem apanhado, eu poderia *estar* lá. Poderia estar em *casa*.

Lorde Beric não prestou atenção àquela explosão.

– Senhora – disse, com uma cortesia fatigada –, reconheceria o irmão do seu avô se o visse? Sor Brynden Tully, chamado Peixe Negro? Poderia ele, porventura, reconhecê-la?

Arya balançou a cabeça, infeliz. Tinha ouvido a mãe falar de Sor Brynden Peixe Negro, mas, se alguma vez o conhecera pessoalmente, havia sido quando era pequena demais para se lembrar.

– Não há grandes chances de o Peixe Negro pagar bom dinheiro por uma garota que não conhece – disse Tom. – Aqueles Tully são uma gente amarga e desconfiada, o mais certo é que ele pense que estamos lhe vendendo um artigo falso.

– Vamos convencê-lo – insistiu Limo Manto Limão. – *Ela* vai, ou então o Harwin. Correrrio fica mais perto. Sugiro que a levemos para lá, recebamos o ouro e nos livremos de vez da garota.

– E se os leões nos pegarem dentro do castelo? – perguntou Tom. – Não há nada de que fossem gostar mais do que pendurar sua senhoria do topo de Rochedo Casterly numa gaiola.

– Não pretendo ser capturado – disse Lorde Beric. Uma última palavra pairou, por proferir, no ar. *Vivo*. Todos a ouviram, até mesmo Arya, embora ela não tivesse chegado a sair de seus lábios. – Mesmo assim, não nos atrevemos a ir cegamente até lá. Quero saber onde se encontram os exércitos, tanto os lobos como os leões. Sharna saberá alguma coisa, e o meistre de Lorde Vance saberá mais. O Solar de Bolotas não é longe daqui. A Senhora Smallwood vai nos dar abrigo durante algum tempo enquanto enviamos batedores para investigar...

As palavras dele esbarravam em seus ouvidos como o bater de um tambor, e, de repente, Arya não conseguiu suportar mais. Desejava Correrrio, não o Solar de Bolotas; desejava a mãe e o irmão Robb, não a Senhora Smallwood ou um tio qualquer que nunca chegara a conhecer. Girando sobre si mesma, disparou para a porta, e quando Harwin tentou agarrá-la pelo braço, esquivou-se dele, rápida como uma cobra.

Fora do estábulo continuava a chover, e um relâmpago distante caiu a oeste. Arya correu tão depressa quanto foi capaz. Não sabia para onde ia, sabia apenas que queria ficar sozinha, longe de todas as vozes, longe das palavras vazias deles e de suas promessas quebradas.

Tudo que eu queria era ir para Correrrio. A culpa era sua, por ter trazido Gendry e Torta Quente quando abandonou Harrenhal. Teria ficado melhor sozinha. Se estivesse sozinha, os fora da lei nunca a teriam apanhado, e àquela altura já estaria com Robb e a mãe. *Eles nunca foram a minha alcateia. Se tivessem sido, não teriam me abandonado*. Atravessou uma poça lamacenta espirrando água. Alguém estava gritando seu nome. Provavelmente Harwin, ou Gendry, mas o trovão submergiu-os ao rolar por sobre os montes, meio segundo depois do relâmpago. *O senhor do relâmpago*, pensou, zangada. Talvez não pudesse morrer, mas podia mentir.

Em algum lugar à sua esquerda, um cavalo relinchou. Arya não podia estar a mais de cinquenta metros do estábulo, mas já se encontrava ensopada até os ossos. Abaixou-se junto ao canto de uma das casas em ruínas, esperando que as paredes cobertas de musgo a protegessem da chuva, e quase colidiu com uma das sentinelas. Uma mão revestida de cota de malha fechou-se com força em volta de seu braço.

– Está me *machucando* – disse, torcendo-se sob aquela mão. – *Solte*, eu ia voltar, eu...

– Voltar? – a gargalhada de Sandor Clegane era ferro raspando em pedra. – Que se dane isso, garota lobo. Você é *minha*. – Só precisou de uma mão para levantá-la do chão e levá-la, esperneando, para o cavalo que o esperava. A chuva fria açoitava a ambos e arrastava seus gritos, e Arya só conseguia pensar naquilo que ele tinha lhe perguntado. *Sabe o que os cães fazem aos lobos?*

Jaime

Embora a febre persistisse teimosamente, o coto estava cicatrizando bem, e Qyburn dizia que o braço já não corria perigo. Jaime estava ansioso para ir embora, para deixar Harrenhal, os Saltimbancos Sangrentos e Brienne de Tarth para trás. Uma mulher de verdade esperava por ele na Fortaleza Vermelha.

– Vou mandar Qyburn junto, para cuidar de você durante a viagem até Porto Real – disse Roose Bolton na manhã da partida. – Ele alimenta a esperança de que o seu pai se mostre suficientemente grato para forçar a Cidadela a devolver-lhe a corrente.

– Todos alimentamos esperanças. Se me fizer crescer uma mão nova, meu pai fará dele Grande Meistre.

Walton Pernas-de-Aço comandava a escolta de Jaime; sem papas na língua, brusco, brutal, no fundo um simples soldado. Jaime tinha servido a vida inteira com aquele tipo de homem. Homens como Walton matariam às ordens de seu senhor, violariam quando seu sangue fervesse após a batalha e saqueariam sempre que possível, mas assim que a guerra terminasse voltariam para suas casas, trocariam as lanças por enxadas, casariam com a filha dos vizinhos e criariam uma matilha de filhos ruidosos. Homens daqueles obedeciam sem questionar, mas a profunda crueldade maligna dos Bravos Companheiros não fazia parte de sua natureza.

Ambos os grupos abandonaram Harrenhal na mesma manhã, sob um céu frio e cinzento que prometia chuva. Sor Aenys Frey tinha seguido em marcha três dias antes, avançando para nordeste, rumo à estrada do rei. Bolton pretendia segui-lo.

– O Tridente está em cheia – ele disse a Jaime. – A travessia será difícil, mesmo no vau rubi. Dará as minhas cordiais saudações ao seu pai?

– Desde que dê as minhas a Robb Stark.

– Darei.

Alguns Bravos Companheiros tinham se reunido no pátio para assistir à partida. Jaime foi a trote até junto deles.

– Zollo. Que bondade a sua vir se despedir de mim. Pyg. Timeon. Sentirão saudades de mim? Não há uma última brincadeira para rirmos, Shagwell? Para aliviar meu caminho estrada afora? E Rorge, veio me dar um beijo de despedida?

– Desapareça, aleijado – disse Rorge.

– Já que insiste tanto. Mas sossegue, voltarei. Um Lannister sempre paga suas dívidas. – Jaime deu meia-volta com o cavalo e voltou a se juntar a Walton Pernas-de-Aço e aos seus duzentos homens.

Lorde Bolton paramentara-o como um cavaleiro, preferindo ignorar a mão em falta que transformava em caricatura esse vestuário guerreiro. Jaime seguia com espada e punhal ao cinto, escudo e elmo pendurados na sela, cota de malha sob um sobretudo marrom-escuro. Mas não era tão idiota para exibir o leão dos Lannister em suas armas, nem o brasão branco puro que era seu de direito como Irmão Juramentado da Guarda Real. No arsenal, tinha encontrado um velho escudo, amassado e fendido, cuja tinta lascada ainda exibia a maior parte do grande morcego negro da Casa Lothston num fundo de prata e ouro. Os Lothston tinham sido os donos de Harrenhal antes dos Whent e foram uma família poderosa em seus dias, mas estavam mortos havia séculos, por isso era improvável que alguém levantasse objeções a ele usar as suas armas. Não seria primo de ninguém, inimigo de ninguém, espada juramentada a ninguém... em suma, não seria ninguém.

Saíram através do portão oriental de Harrenhal, menor, e despediram-se de Roose Bolton e de sua tropa dez quilômetros adiante, virando para sul a fim de seguir a estrada do lago durante algum tempo. Walton pretendia evitar a estrada do rei enquanto pudesse, preferindo os caminhos de agricultores e as trilhas de caça perto do Olho de Deus.

– A estrada do rei seria mais rápida. – Jaime estava ansioso por voltar tão depressa quanto possível para Cersei. Caso se apressassem, até poderia chegar a tempo do casamento de Joffrey.

– Não quero encrenca – disse Pernas-de-Aço. – Só os deuses sabem quem iríamos encontrar nessa estrada do rei.

– Ninguém que pudesse temer, certamente. Tem duzentos homens.

– Tenho mesmo. Mas outros podem ter mais. O senhor disse para levá-lo a salvo ao senhor seu pai, e é isso que eu vou fazer.

Já passei por aqui, refletiu Jaime alguns quilômetros mais à frente, quando passaram por um moinho deserto junto ao lago. Agora cresciam ervas daninhas no local de onde a filha do moleiro havia lhe sorrido timidamente e o próprio moleiro gritara para ele: "O torneio é para o outro lado, sor". *Como se eu não soubesse*.

Rei Aerys tinha feito um grande espetáculo da investidura de Jaime. Proferiu os votos perante o pavilhão real, ajoelhado na grama verde com a sua armadura branca, enquanto metade do reino o observava. Quando Sor Gerald Hightower o ajudou a se levantar e colocou o manto branco em volta de seus ombros, ressoou uma aclamação tamanha que Jaime ainda a recordava, depois de todos esses anos. Mas, nessa mesma noite, Aerys amargou, declarando que não precisava de *sete* membros da Guarda Real ali em Harrenhal. Foi ordenado a Jaime que voltasse a Porto Real, para proteger a rainha e

o pequeno Príncipe Viserys, que tinham ficado para trás. Mesmo quando o Touro Branco se ofereceu para desempenhar esse dever, a fim de que Jaime pudesse competir no torneio de Lorde Whent, Aerys recusou.

– Ele não conquistará aqui nenhuma glória – tinha dito o rei. – Agora é meu, não de Tywin. Servirá como eu bem entender. O rei sou eu. Eu governo, e ele obedecerá.

Foi então que Jaime compreendeu, pela primeira vez, que não fora sua perícia com a espada e a lança que conquistara para ele o manto branco, nem quaisquer feitos de valor que teria realizado contra a Irmandade da Mata de Rei. Aerys o tinha escolhido para humilhar o seu pai, para roubar o herdeiro de Lorde Tywin.

Mesmo agora, tantos anos depois, a ideia era amarga. E naquele dia, enquanto cavalgava para o sul com seu novo manto branco sobre os ombros, a fim de defender um castelo vazio, havia sido quase intolerável. Se pudesse, teria arrancado o manto naquele momento, mas era tarde demais. Proferira as palavras sob os olhares de metade do reino, e um homem da Guarda Real servia para a vida inteira.

Qyburn se aproximou.

– A mão está incomodando?

– A falta da mão está incomodando. – As manhãs eram a pior hora. Em seus sonhos, Jaime era um homem completo, e todas as madrugadas ficava deitado, meio acordado, e sentia os dedos mexendo. *Foi um pesadelo*, sussurrava uma parte de si, recusando-se a acreditar, mesmo agora, *só um pesadelo*. Mas, depois, abria os olhos.

– Ouvi dizer que teve uma visita ontem à noite – disse Qyburn. – Espero que tenha desfrutado dela.

Jaime deu-lhe um olhar frio.

– Ela não disse quem a tinha enviado.

O meistre sorriu com modéstia.

– Sua febre tinha praticamente passado, e pensei que talvez gostasse de um pouco de exercício. Pia é bastante habilidosa, não achou? E tão... solícita.

Ela certamente tinha sido. Deslizou tão depressa porta adentro e das roupas para fora que Jaime achou que ainda estava sonhando.

Só despertou depois que a mulher se enfiou debaixo das mantas e colocou a mão boa dele sobre um seio. *E também era uma coisinha bonita*.

– Eu não passava de uma criancinha quando o sor veio ao torneio de Lorde Whent e o rei lhe deu o manto – tinha confessado. – Era tão bonito todo de branco, e todos elogiavam o bravo cavaleiro que era. Às vezes, quando estou com algum homem, fecho os olhos e finjo que é você quem está ali, em cima de mim, com a sua pele lisa e seus caracóis dourados. Mas nunca pensei que realmente o teria.

Depois daquilo, mandá-la embora não tinha sido fácil, mas Jaime fez isso mesmo assim. *Tenho uma mulher*, lembrou a si mesmo.

– Manda mulheres a todos os homens que você sangra? – perguntou a Qyburn.

– É mais frequente que seja Lorde Vargo que as manda a mim. Gosta que eu as examine antes de... bem, basta que lhe diga que uma vez amou insensatamente, e não deseja voltar a fazê-lo. Mas nada tema, Pia é bastante saudável. Assim como a sua donzela de Tarth.

Jaime lançou-lhe um olhar penetrante.

– Brienne?

– Sim. Garota forte, essa. E ainda tem a virgindade intacta. Até a noite passada, pelo menos. – Qyburn soltou um risinho.

– Ele mandou-o examiná-la?

– Com certeza. É... melindroso, digamos.

– Isso diz respeito ao resgate? – perguntou Jaime. – O pai dela exige uma prova de que a garota continua donzela?

– Não ouviu as novidades? – Qyburn encolheu os ombros. – Recebemos uma ave de Lorde Selwyn. Em resposta à minha. A Estrela da Tarde oferece trezentos dragões pela devolução da filha em segurança. Eu disse ao Lorde Vargo que não havia safiras em Tarth, mas ele não quis me dar ouvidos. Está convencido de que a Estrela da Tarde pretende enganá-lo.

– Trezentos dragões é um bom resgate por um cavaleiro. O bode devia aceitar o que lhe oferecem.

– O bode é Senhor de Harrenhal, e o Senhor de Harrenhal não regateia.

A novidade irritou-o, embora achasse que devia ter previsto aquilo. *A mentira poupou-a durante algum tempo, garota. Fique grata por isso*.

– Se a virgindade dela for tão dura quanto o resto, o bode vai quebrar o pau ao tentar entrar – gracejou.

Jaime calculava que Brienne fosse suficientemente dura para sobreviver a alguns estupros, embora Vargo Hoat pudesse começar a cortar-lhe mãos e pés se a garota resistisse com vigor em excesso. *E se o fizer, por que devo me importar? Ainda poderia ter minha mão se ela tivesse me deixado ficar com a espada de meu primo sem ficar estúpida*. Ele mesmo quase tinha cortado a perna dela com o seu primeiro golpe, mas depois a garota lhe deu mais do que desejara. *O Hoat pode não conhecer a força anormal que ela possui. É melhor que tenha cuidado, senão ela quebra aquele pescoço magricela. E que agradável isso seria.*

A companhia de Qyburn estava o deixando farto. Jaime trotou até a cabeça da coluna. Um nortenho chamado Nage, que mais parecia um carrapatozinho, ia à frente de Pernas-de-Aço, com o estandarte de paz; uma bandeira riscada de arco-íris com sete longas pontas, num

bastão encimado por uma estrela de sete pontas.

– Vocês, os nortenhos, não deveriam ter uma espécie diferente de bandeira de paz? – perguntou a Walton. – O que são os Sete para vocês?

– Deuses do sul – disse o homem –, mas aquilo de que precisamos é de uma paz do sul para levá-lo a salvo ao seu pai.

Meu pai. Jaime gostaria de saber se Lorde Tywin tinha recebido a exigência de resgate do bode, acompanhada ou não da mão apodrecida. *Quanto vale um espadachim sem sua mão da espada? Metade do ouro de Rochedo Casterly? Trezentos dragões? Ou nada?* O pai nunca se deixara influenciar indevidamente pelas emoções. O pai de Tywin Lannister, Lorde Tytos, certa vez aprisionara um vassalo indisciplinado, Lorde Tarbeck. A temível Senhora Tarbeck respondeu aprisionando três Lannister, incluindo o jovem Stafford, cuja irmã estava prometida ao primo Tywin.

– Envie-me o meu senhor e amor, senão estes três responderão por qualquer mal que lhe aconteça – a mulher escreveu para Rochedo Casterly.

O jovem Tywin sugeriu que o pai fizesse a vontade dela, mandando de volta Lorde Tarbeck em três pedaços. Mas Lorde Tytos era um tipo mais brando de leão, e a Senhora Tarbeck conquistou mais alguns anos com o seu estúpido senhor, e Stafford se casou, procriou e continuou fazendo asneiras até Cruzaboi. Mas Tywin Lannister perdurara, eterno como o Rochedo Casterly. *E agora tem um filho aleijado para somar ao anão, senhor. Como detestará esse fato...*

A estrada levou-os a atravessar uma aldeia queimada. Devia ter passado um ano ou mais desde que o lugar fora incendiado. Os casebres estavam enegrecidos e sem telhados, mas as ervas daninhas que cresciam nos campos em volta batiam na cintura. Pernas-de-Aço ordenou uma parada para permitir que dessem água aos cavalos. *Também conheço este lugar*, pensou Jaime enquanto esperava junto do poço. Houvera uma pequena estalagem no local onde agora se erguiam apenas algumas pedras de fundação e uma chaminé, e ele tinha entrado para beber uma cerveja. Uma criada de olhos escuros trouxe-lhe queijo e maçãs, mas o estalajadeiro recusou o seu dinheiro.

– É uma honra ter um cavaleiro da Guarda Real debaixo de meu teto, sor – o homem disse. – É uma história que vou contar aos meus netos.

Jaime olhou para a chaminé que se projetava por entre as ervas daninhas e perguntou a si mesmo se o homem teria arranjado esses netos. *Terá dito a eles que um dia o Regicida bebeu de sua cerveja e comeu de seu queijo e de suas maçãs, ou terá tido vergonha de admitir que alimentou um homem como eu?* Não que algum dia chegasse a saber; quem quer que tivesse incendiado a estalagem provavelmente também

matara os netos.

Sentiu os dedos fantasma cerrarem-se. Quando Pernas-de-Aço disse que talvez devessem acender uma fogueira e comer um pouco, Jaime sacudiu a cabeça.

– Não gosto deste lugar. Prosseguimos.

Ao cair da noite, deixaram o lago para seguir uma trilha sulcada através de um bosque de carvalhos e olmos. O coto de Jaime latejava surdamente quando Pernas-de-Aço decidiu acampar. Felizmente, Qyburn tinha trazido um odre de vinho de sonhos. Enquanto Walton distribuía os turnos de vigia, Jaime esticou-se junto à fogueira e encostou uma pele de urso enrolada a um toco de árvore para servir de almofada. A garota teria dito que ele devia comer antes de dormir, para manter as forças, mas ele sentia mais cansaço do que fome. Fechou os olhos e esperou sonhar com Cersei. Os sonhos febris eram todos tão vívidos...

Achou-se nu e sozinho, rodeado de inimigos, com uma muralha de pedra por toda a volta, muito próxima. *O Rochedo*, compreendeu. Sentia seu imenso peso sobre a cabeça. Estava em casa. Estava em casa e inteiro.

Levantou a mão direita e dobrou os dedos para sentir a sua força. Era tão bom quanto sexo. Tão bom quanto lutar de espada na mão. *Quatro dedos e um polegar*. Tinha sonhado que estava mutilado, mas não era verdade. O alívio entonteceu-o. *A minha mão, a minha mão boa*. Nada lhe faria mal, desde que estivesse inteiro.

À sua volta, encontrava-se uma dúzia de vultos altos e escuros, vestidos com togas encapuzadas que escondiam seus rostos. Nas mãos, traziam lanças.

– Quem são vocês? – perguntou-lhes em tom de desafio. – O que querem de Rochedo Casterly?

As sombras não deram resposta, limitaram-se a cutucá-lo com a ponta das lanças. Não teve alternativa a não ser descer. Seguiram por uma passagem que se encurvava, com degraus estreitos esculpidos na rocha viva, para baixo e mais para baixo. *Tenho de ir para cima*, disse a si mesmo. *Para cima, não para baixo. Por que estou descendo?* Por baixo da terra esperava a sua perdição, soube com a certeza do sonho; algo sombrio e terrível o esperava ali, algo que o desejava. Jaime tentou parar, mas as lanças obrigaram-no a prosseguir. *Se ao menos tivesse a espada, nada poderia me fazer mal.*

Os degraus terminaram abruptamente numa escuridão cheia de ecos. Jaime teve a sensação de um vasto espaço à sua frente. Parou de súbito, balançando na borda do nada. Uma ponta de lança espetou-se na parte de baixo de suas costas, atirando-o para o abismo. Gritou, mas a queda foi curta. Caiu sobre as mãos e os joelhos, em areia mole e água rasa. Havia cavernas cheias de água bem abaixo de Rochedo

Casterly, mas aquela era-lhe estranha.

– O seu lugar. – A voz ecoou; era uma centena de vozes, um milhar, as vozes de todos os Lannister desde Lann, o Esperto, que vivera na aurora dos dias. Mas, acima de tudo, era a voz de seu pai, e ao lado de Lorde Tywin encontrava-se a irmã, pálida e bela, com uma tocha ardendo na mão. Joffrey, o filho que tinham feito juntos, também estava lá, e atrás deles havia mais uma dúzia de silhuetas escuras com cabelos dourados.

– Irmã, por que o pai nos trouxe para cá?

– "Nos"? Este lugar é seu, irmão. Esta escuridão é sua. – A tocha dela era a única luz na caverna. A tocha dela era a única luz no mundo. Virou-se para ir embora.

– Fique comigo – suplicou Jaime. – Não me deixem aqui sozinho. – Mas eles estavam partindo. – *Não me deixem no escuro!* – algo terrível vivia lá embaixo. – Deem-me ao menos uma espada.

– Eu lhe dei uma espada – disse Lorde Tywin.

Estava a seus pés. Jaime a procurou, apalpando por baixo da água até que sua mão se fechou em torno do cabo. *Nada pode me fazer mal desde que tenha uma espada.* Ao levantar a arma, um dedo de uma chama pálida tremeluziu na ponta e avançou ao longo do gume, parando a uma mão do cabo. O fogo tinha tomado a cor do próprio aço, por isso ardia com uma luz azul-prateada, e as sombras afastaram-se. Inclinando-se, à escuta, Jaime descreveu um círculo, pronto para qualquer coisa que pudesse saltar das trevas. A água entrou nas suas botas até o tornozelo, terrivelmente fria. *Cuidado com a água*, disse a si mesmo. *Pode haver criaturas vivendo nela, poços escondidos...*

De trás veio um grande jorrar de água. Jaime rodopiou para o som... mas a tênue luz revelou apenas Brienne de Tarth, com as mãos presas por pesadas correntes.

– Jurei mantê-lo a salvo – disse teimosamente a garota. – Fiz um juramento. – Nua, ergueu as mãos para Jaime. – Sor. Por favor. Se tivesse a bondade.

Os elos de aço rasgaram-se como seda.

– Uma espada – suplicou Brienne, e ali estava ela, com bainha, cinto e tudo. Afivelou-o em volta de sua larga cintura. A luz era tão tênue que Jaime quase não conseguia vê--la, embora não estivessem afastados mais do que escassas dezenas de centímetros. *Nessa luz, ela podia quase ser uma beldade,* pensou. *Nessa luz, ela podia quase ser um cavaleiro*. A espada de Brienne também se incendiou, ardendo com um azul-prateado. As trevas recuaram um pouco mais.

– As chamas arderão enquanto viver – ele ouviu Cersei gritar. – Quando morrerem, você também terá de morrer.

– *Irmã!* – gritou. – Fique comigo. *Fique!* – não houve resposta

além do som suave de passos que se afastavam.

Brienne moveu sua espada de um lado para o outro, observando as chamas prateadas tremulando e cintilando. Sob os seus pés, um reflexo da lâmina em chamas brilhava na superfície da água negra e lisa. Ela era tão alta e forte quanto se lembrava, mas pareceu a Jaime que agora tinha mais formas de mulher.

– Eles têm um urso lá embaixo? – Brienne caminhava de forma lenta e cuidadosa, de espada na mão; um passo, virar e escutar. Cada passo fazia um pequeno barulho de água. – Um leão das cavernas? Lobos gigantes? Um urso? Diga-me, Jaime. O que vive aqui? O que vive nas trevas?

– A perdição. – *Não é um urso*, soube ele. *Não é um leão*. – Só a perdição.

À fria luz azul-prateada das espadas, a grande garota parecia pálida e feroz.

– Não gosto deste lugar.

– Eu mesmo não o aprecio. – As lâminas criavam pequenas ilhas de luz, mas em volta estendia-se um mar de escuridão, sem fim. – Meus pés estão molhados.

– Podíamos voltar pelo caminho por onde nos trouxeram. Se subisse em meus ombros, não teria dificuldade em alcançar a abertura do túnel.

Então poderia encontrar Cersei. Sentiu-se enrijecendo-se com aquele pensamento e virou-se para que Brienne não reparasse.

– Escute. – Ela apoiou uma mão em seu ombro e ele estremeceu com o súbito toque. *Ela está quente*. – Algo está vindo. – Brienne ergueu a espada para apontar para a esquerda. – Ali.

Jaime espreitou as sombras até que também conseguiu ver. Algo se movia pelas trevas, mas não conseguia distinguir o que seria...

– Um homem a cavalo. Não, dois. Dois cavaleiros, lado a lado.

– Aqui, por baixo do Rochedo? – não fazia sentido. E, no entanto, ali vinham dois cavaleiros, montados em cavalos claros, tanto os homens como as montarias revestidos de armaduras. Os cavalos de batalha emergiram do negrume a passo lento. *Eles não fizeram nenhum som*, percebeu Jaime. *Nenhum esparramar de água, nenhum tinir de malha ou ruído de casco*. Lembrou-se de Eddard Stark, percorrendo a cavalo todo o comprimento da sala do trono de Aerys, envolto em silêncio. Só seus olhos tinham falado; olhos de senhor, frios, cinzentos e cheios de julgamento.

– É você, Stark? – gritou Jaime. – Venha. Nunca o temi vivo, não o temo morto.

Brienne tocou seu braço.

– Há mais.

Ele também os viu. Parecia-lhe que estavam todos couraçados de

neve, e faixas de névoa fluíam em torvelinhos de seus ombros. As viseiras dos seus elmos estavam fechadas, mas Jaime Lannister não precisava contemplar seus rostos para reconhecê-los.

Cinco tinham sido seus irmãos. Oswell Whent e Jon Darry. Lewyn Martell, um príncipe de Dorne. O Touro Branco, Gerold Hightower. Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã. E, junto a eles, coroado em névoa e pesar com seus longos cabelos fluindo pelas costas, seguia Rhaegar Targaryen, Príncipe de Pedra do Dragão e legítimo herdeiro do Trono de Ferro.

– Vocês não me assustam. – Gritou, girando, quando eles se dividiram e o cercaram. Não sabia para que lado se virar. – Lutarei contra vocês um por um ou todos ao mesmo tempo. Mas com quem a garota vai duelar? Ela fica zangada quando é posta de lado.

– Prestei o juramento de mantê-lo em segurança – disse ela à sombra de Rhaegar. – Prestei um juramento sagrado.

– Todos nós prestamos juramentos – disse Sor Arthur Dayne, num tom tristíssimo.

As sombras desmontaram de seus fantasmagóricos cavalos. Quando puxaram as espadas, não fizeram um som.

– Ele ia queimar a cidade – disse Jaime. – Para não deixar a Robert nada além de cinzas.

– Ele era o seu rei – disse Darry.

– Jurou mantê-lo a salvo – falou Whent.

– E às crianças, a elas também – disse o Príncipe Lewyn.

O Príncipe Rhaegar ardia com uma luz fria, ora branca, ora vermelha, ora escura.

– Eu deixei minha esposa e meus filhos em suas mãos.

– Nunca pensei que ele lhes faria mal. – A espada de Jaime agora emitia menos luz. – Eu estava com o rei...

– Matando o rei – disse Sor Arthur.

– Cortando a garganta dele – falou o Príncipe Lewyn.

– O rei por quem tinha jurado morrer – disse Touro Branco.

Os fogos que corriam ao longo da lâmina estavam se apagando, e Jaime lembrou-se daquilo que Cersei tinha dito. *Não*. O terror cerrou uma mão em volta de sua garganta. Então sua espada escureceu, e só a de Brienne continuava ardendo enquanto os fantasmas o atacaram.

– Não – disse –, não, não, não. *Nãããããããããão!*

Com o coração aos saltos, acordou num pulo e deu por si no meio da escuridão estrelada, no interior de um grupo de árvores. Sentia o sabor de bílis na boca e tremia, encharcado em suor, ao mesmo tempo quente e frio. Quando olhou para a mão da espada, viu que o punho terminava em couro e linho, bem apertado em volta de um coto feio. Sentiu que súbitas lágrimas subiam aos seus olhos. *Senti, senti a força nos meus dedos e o couro áspero do cabo da espada. A minha mão...*

– Senhor. – Qyburn ajoelhou-se ao seu lado, com o rosto paternal todo enrugado de preocupação. – O que houve? Ouvi-o gritar.

Walton Pernas-de-Aço estava em pé sobre eles, alto e severo.

– O que houve? Por que gritou?

– Um sonho... só um sonho. – Jaime fitou o acampamento que o rodeava, momentaneamente desorientado. – Estava no escuro, mas tinha a minha mão de volta. – Olhou para o coto e sentiu-se de novo doente. *Não há um lugar como aquele por baixo do Rochedo*, pensou. Sentia o estômago dolorido e vazio, e a cabeça latejava no local onde a encostara ao toco de árvore.

Qyburn pôs a mão na testa dele.

– Ainda tem um pouco de febre.

– Um sonho febril. – Jaime estendeu a mão para cima. – Ajudem-me. – Pernas-de-Aço pegou-o pela mão boa e o colocou em pé.

– Outra taça de vinho dos sonhos? – perguntou Qyburn.

– Não. Já sonhei o suficiente por esta noite. – Perguntou a si mesmo quanto tempo faltaria até a alvorada. De algum modo sabia que se fechasse os olhos voltaria àquele lugar escuro e úmido.

– Então leite de papoula? E alguma coisa para a febre? Ainda está fraco, senhor. Precisa dormir, descansar.

Isso é a última coisa que pretendo fazer. O luar cintilava, pálido, no toco de árvore sobre o qual Jaime tinha descansado a cabeça. O musgo cobria-o de tal forma que antes não notara, mas via agora que a madeira era branca. Fez com que pensasse em Winterfell, e na árvore-coração de Ned Stark. *Não era ele*, pensou. *Nunca foi ele*. Mas o toco estava morto, e Stark também, bem como todos os outros, Príncipe Rhaegar, Sor Arthur e as crianças. *E Aerys. Aerys é o mais morto de todos*.

– Acredita em fantasmas, meistre? – perguntou a Qyburn.

O rosto do homem ganhou uma expressão estranha.

– Uma vez, na Cidadela, entrei numa sala vazia e vi uma cadeira vazia. E, no entanto, sabia que uma mulher tinha estado ali apenas um momento antes. A almofada estava comprimida onde ela se sentara, o tecido ainda estava quente e o cheiro dela permanecia no ar. Se deixamos nossos cheiros atrás de nós quando saímos de uma sala, decerto parte de nossa alma deve permanecer quando deixamos esta vida, não? – Qyburn estendeu as mãos. – Mas os arquimeistres não gostavam de minha forma de pensar. Bem, Marwyn gostava, mas era o único.

Jaime passou os dedos pelos cabelos.

– Walton – disse –, sele os cavalos. Quero voltar.

– Voltar? – Pernas-de-Aço olhou-o com uma expressão de dúvida.

Ele acha que enlouqueci. E talvez tenha enlouquecido.

– Deixei uma coisa em Harrenhal.

– É Lorde Vargo quem agora detém o castelo. Ele e seus Saltimbancos Sangrentos.

– Tem o dobro dos homens que ele possui.

– Se não entregá-lo ao seu pai conforme ordenado, Lorde Bolton arranca minha pele. Continuamos rumo a Porto Real.

Em outros tempos, Jaime poderia ter replicado com um sorriso e uma ameaça, mas aleijados manetas não inspiram muito medo. Perguntou a si mesmo o que o irmão faria. *Tyrion encontraria uma saída*.

– Os Lannister mentem, Pernas-de-Aço. Lorde Bolton não lhe disse isso?

O homem franziu a testa, desconfiado.

– E se tivesse dito?

– Se não me levar de volta a Harrenhal, a canção que vou cantar ao meu pai poderá não ser aquela que o Senhor do Forte do Pavor gostaria de ouvir. Posso até dizer que foi Bolton quem ordenou que minha mão fosse cortada, e Walton Pernas-de-Aço quem manejou a lâmina.

Walton olhou-o boquiaberto.

– Isso não é verdade.

– Não mesmo, mas meu pai acreditará em quem? – Jaime obrigou-se a sorrir, da maneira como costumava fazer quando nada no mundo podia assustá-lo. – Seria tão mais fácil se simplesmente voltássemos. Estaríamos bem depressa de novo a caminho, e eu cantaria uma canção tão simpática em Porto Real que nem acreditaria em seus ouvidos. Ficaria com a garota, e uma bela e gorda bolsa de ouro como agradecimento.

– Ouro? – Walton gostou bastante da ideia. – Quanto ouro?

É meu.

– Ora, quanto você quer?

E quando o valor foi acordado, já estavam a meio caminho de Harrenhal.

Jaime incitou o cavalo muito mais do que no dia anterior, e Pernas-de-Aço e os nortenhos foram obrigados a acompanhar o ritmo dele. Mesmo assim, passou-se o meio-dia antes de chegarem ao castelo que se debruçava sobre o lago. Sob um céu que escurecia e ameaçava desabar, as imensas muralhas e as cinco grandes torres mostravam-se negras e sinistras. *Parece tão morto*. As muralhas estavam vazias, os portões fechados e trancados. Mas, bem alto, acima da barbacã, um único estandarte pendia, flácido. *A cabra negra de Qohor*, soube Jaime. Pôs as mãos em volta da boca para gritar.

– Vocês aí! Abram os portões, senão ponho-os abaixo aos chutes!

Foi só quando Qyburn e Pernas-de-Aço somaram as vozes à de Jaime que uma cabeça finalmente surgiu nas ameias lá em cima. O

homem arregalou os olhos para eles, e depois desapareceu. Pouco tempo depois, ouviram a porta levadiça sendo içada. Os portões abriram-se, e Jaime Lannister esporeou o cavalo para atravessar a muralha, quase sem dar um relance aos alçapões enquanto passava por baixo. Tinha se preocupado com a possibilidade de o bode não deixá-los entrar, mas parecia que os Bravos Companheiros ainda pensavam neles como aliados. *Idiotas*.

O pátio exterior encontrava-se deserto; só os compridos estábulos com telhado de ardósia mostravam sinais de vida, e o que interessava a Jaime naquele momento não eram cavalos. Puxou as rédeas e olhou em volta. Ouvia ruídos vindos de algum lugar atrás da Torre dos Fantasmas e homens gritando em meia dúzia de línguas. Pernas-de-Aço e Qyburn aproximaram-se e pararam junto a Jaime, um de cada lado.

– Vá buscar o que veio buscar, e vamos de novo embora – disse Walton. – Não quero encrenca com os Saltimbancos.

– Diga aos seus homens para manterem as mãos no cabo das espadas, e os Saltimbancos não quererão encrenca com você. Dois para um, lembra?

A cabeça de Jaime virou-se vivamente ao ouvir um rugido distante, tênue mas feroz. Ecoou nas muralhas de Harrenhal, e as gargalhadas subiram como o mar. De repente, compreendeu o que estava acontecendo. *Teremos chegado tarde demais?* Seu estômago deu um solavanco, e ele espetou com força as esporas no cavalo, atravessando a galope o pátio exterior, passando sob uma ponte de pedra em arco, rodeando a Torre dos Lamentos e cruzando o Pátio das Lâminas.

Tinham-na na arena dos ursos.

Rei Harren, o Negro, quis fazer até as lutas de ursos em estilo suntuoso. A arena tinha dez metros de diâmetro e cinco de profundidade, era fechada por muros de pedra, possuía um chão de areia e era rodeada por seis fileiras de bancos de mármore. Ao desmontar desajeitadamente do cavalo, Jaime viu que os Bravos Companheiros enchiam apenas um quarto dos lugares. Os mercenários estavam tão absortos pelo espetáculo, lá embaixo, que só aqueles que se encontravam do outro lado da arena notaram a sua chegada.

Brienne trajava o mesmo vestido que usara para jantar com Roose Bolton e que tão mal lhe caía. Nada de escudo, nada de placa de peito, nada de cota de malha, nem mesmo couro fervido, só cetim cor-de-rosa e renda de Myr. O bode talvez pensasse que era mais divertida quando estava vestida de mulher. Metade do vestido pendia em farrapos, e o braço esquerdo sangrava onde o urso a arranhara.

Pelo menos deram-lhe uma espada. A garota pegava nela com uma mão, movendo-se de lado, tentando colocar alguma distância entre si

e o urso. *Não vai dar certo, a arena é pequena demais*. Ela tinha de atacar, dar um fim rápido àquilo. Bom aço era adversário à altura para qualquer urso. Mas a garota parecia ter medo de se aproximar. Os Saltimbancos faziam chover sobre ela insultos e sugestões obscenas.

– Isso não nos diz respeito – preveniu Pernas-de-Aço a Jaime. – Lorde Bolton disse que a garota era deles para fazerem com ela o que quisessem.

– O nome dela é Brienne. – Jaime desceu os degraus, passando por uma dúzia de mercenários surpresos. Vargo Hoat ocupava o camarote do senhor, na fila de baixo. – Lorde Vargo – chamou por sobre os gritos.

O qohorik quase cuspiu o vinho.

– *Regifida?* – tinha uma atadura desajeitada no lado esquerdo do rosto e o linho que cobria sua orelha estava manchado de sangue.

– Tire-a dali.

– Não fe meta nifto, Regifida, a menof que queira outro coto. – Brandiu uma taça de vinho. – O feu alfe fêmea arrancou-me uma orelha com of dentef. Pouco admira que o pai não queira refgatar um monftrengo deftes.

Um rugido fez Jaime se virar. O urso tinha dois metros e quarenta de altura. *Gregor Clegane com pelagem*, pensou, *embora provavelmente mais esperto*. O animal não tinha o alcance da Montanha com aquela sua monstruosa espada, porém.

Berrando de fúria, o urso mostrou uma boca cheia de grandes dentes amarelos e depois voltou a cair de quatro e arremeteu diretamente contra Brienne. *Aí está a sua oportunidade*, pensou Jaime. *Ataque! Agora!*

Mas, em vez disso, ela furou-o ineficazmente com a ponta da espada. O urso recuou, e avançou logo de seguida, urrando. Brienne deslizou para a esquerda e voltou a lançar uma estocada à cara do urso. Dessa vez, ele ergueu uma pata para afastar a espada com uma pancada.

Ele está cauteloso, percebeu Jaime. *Já defrontou outros homens antes. Sabe que espadas e lanças podem feri-lo. Mas isso não o manterá afastado dela por muito tempo.*

– Mate-o! – gritou, mas sua voz perdeu-se no meio de todos os outros gritos.

Se Brienne ouviu, não deu sinal. Moveu-se em volta da arena, mantendo as costas viradas para o muro. *Perto demais. Se o urso a encurralar contra o muro...*

O animal virou-se desajeitadamente, longe e depressa demais. Rápida como uma gata, Brienne mudou de direção. *Aí está a garota de que me lembro*. Deu um salto adiante para lançar um golpe às costas do urso. Rugindo, a fera voltou a se levantar nas patas traseiras. Brienne

afastou-se precipitadamente. *Onde está o sangue?* Então, de repente, compreendeu.

– Deu uma espada de torneio a ela.

O bode zurrou uma gargalhada, fazendo chover sobre Jaime vinho e cuspe.

– Claro que fim.

– *Eu* pago o maldito resgate dela. Ouro, safiras, o que quiser. Tire-a dali.

– Quer a garota? Vá bufcá-la.

E foi o que ele fez.

Jaime pôs a mão boa no parapeito de mármore e saltou por cima, rolando ao atingir a areia. O urso virou-se ao ouvir o *pof*, farejando, observando o novo intruso com precaução. Jaime apoiou-se num joelho. *Bem, e o que é que, com os sete infernos, eu faço agora?* Encheu o punho de areia.

– Regicida? – ouviu Brienne dizer, estupefata.

– Jaime. – Desdobrou-se, atirando a areia na cara do urso. O animal socou o ar e rugiu como brasas.

– O que você está *fazendo* aqui?

– Uma estupidez. Fique atrás de mim. – Descreveu um círculo na direção dela, colocando-se entre Brienne e o urso.

– Fique *você* atrás. Eu tenho a espada.

– Uma espada sem ponta e sem gume. *Fique atrás de mim!* – viu uma coisa meio enterrada na areia e apanhou-a com a mão boa. O objeto revelou ser um maxilar humano, com um pouco de carne esverdeada ainda presa ao osso, repleto de larvas. *Encantador*, pensou, perguntando a si mesmo de quem seria a cara que tinha na mão. O urso aproximava-se lentamente, e Jaime sacudiu o braço e atirou osso, carne e larvas na cabeça do urso. Errou por um bom metro. *Devia cortar também a mão esquerda, de tão útil que ela me é.*

Brienne tentou avançar em volta dele, mas Jaime deu-lhe um pontapé nas pernas e fez com que se desequilibrasse. A garota caiu na areia, agarrada à espada inútil. Jaime escarranchou-se sobre ela, e o urso avançou sobre ambos.

Ouviu-se um profundo *tuang*, e uma haste com penas brotou de repente sob o olho esquerdo da fera. Sangue e saliva escorreram-lhe da boca aberta, e outro dardo acertou sua pata. O urso rugiu, empinou-se. Voltou a ver Jaime e Brienne e voltou a se arrastar na direção deles. Mais bestas dispararam, rasgando pelagem e carne com seus dardos. A tão curta distância, os besteiros dificilmente falhariam. Os dardos atingiam o urso com a força de maças, mas o animal deu outro passo. *Pobre, burro e corajoso bruto*. Quando a fera tentou golpeá-lo, afastou-se dançando, gritando, fazendo voar areia. O urso virou-se para seguir o homem que o atormentava e levou mais dois dardos no

dorso. Deu um último rosnado trovejante, sentou-se sobre os quartos traseiros, estendeu-se na areia manchada de sangue e morreu.

Brienne ajoelhou-se, agarrando a espada e respirando rápida e irregularmente. Os besteiros de Pernas-de-Aço estavam esticando as cordas de suas bestas e recarregando-as enquanto os Saltimbancos Sangrentos gritavam-lhes xingamentos e ameaças. Jaime viu que Rorge e Três Dedos tinham espadas desembainhadas e Zollo estava desenrolando o chicote.

– Vofê matou o meu urfo! – guinchou Vargo Hoat.

– E sirvo-lhe o mesmo prato se me causar encrenca – atirou Pernas-de-Aço em resposta. – Vamos levar a garota.

– O nome dela é Brienne – disse Jaime. – Brienne, a donzela de Tarth. Ainda *é* donzela, espero?

O largo rosto grosseiro da garota ficou vermelho.

– Sim.

– Oh, ótimo – disse Jaime. – Só salvo donzelas. – Dirigindo-se a Hoat, disse: – Terá o seu resgate. Por nós dois. Um Lannister paga suas dívidas. Agora vá buscar cordas e tire-nos daqui.

– Foda-se o resgate – rosnou Rorge. – Mate-os, Hoat. Senão vai acabar desejando ter acabado com eles!

O qohorik hesitou. Metade de seus homens estavam bêbados; os nortenhos, sóbrios como pedras, e eram duas vezes mais numerosos. Alguns dos besteiros já estavam recarregados àquela altura.

– Pufem-nof pra fora – disse Hoat e depois, para Jaime: – Defidi fer mifericordiofo. Diga ao fenhor feu pai.

– Direi, senhor. – *Não que isso lhe sirva para alguma coisa*.

Foi só depois de estarem a meia légua de Harrenhal e fora do alcance dos arqueiros nas muralhas que Walton Pernas-de-Aço mostrou a sua ira.

– Está *louco*, Regicida? Pretendia morrer? Nenhum homem pode lutar com um urso de mãos vazias!

– Uma mão vazia e um coto vazio – corrigiu Jaime. – Mas eu tinha esperança de que matasse o animal antes que ele me matasse. De outra forma, Lorde Bolton iria descascá--lo como a uma laranja, não é verdade?

Pernas-de-Aço amaldiçoou-o e chamou-o de Lannister idiota, esporeou o cavalo e galopou ao longo da coluna.

– Sor Jaime? – mesmo com cetim cor-de-rosa sujo e renda rasgada, Brienne parecia mais um homem de vestido do que uma mulher. – Sinto-me grata, mas... você estava bem longe. Por que voltou?

Veio à sua mente uma dúzia de ditos de espírito, cada um mais cruel do que o anterior, mas Jaime limitou-se a encolher os ombros.

– Sonhei com você – disse.

Catelyn

Robb despediu-se três vezes de sua jovem rainha. Uma vez no bosque sagrado, perante a árvore-coração, à vista dos deuses e dos homens. A segunda vez, por baixo da porta levadiça, onde Jeyne o deixou partir com um longo abraço e um beijo ainda mais longo. E, por fim, uma hora depois de atravessar o Pedregoso, quando a garota chegou a galope num cavalo coberto de espuma para suplicar ao seu jovem rei que a levasse junto.

Catelyn viu que Robb ficou tocado por aquele gesto, mas também envergonhado. O dia estava úmido e cinzento, tinha começado a garoar e a última coisa que queria era interromper a marcha para ficar no molhado consolando uma jovem esposa chorosa diante de metade de seu exército. *Ele fala com ela gentilmente*, pensou ao vê-los juntos, *mas por baixo existe irritação*.

Durante todo o tempo que o rei e a rainha passaram conversando, Vento Cinzento caminhou ao redor deles, parando apenas para sacudir a chuva do pelo e mostrar os dentes à chuva. Quando Robb deu, por fim, um último beijo em Jeyne, despachou uma dúzia de homens para levá-la para Correrrio e voltou a montar no cavalo, o lobo gigante correu em frente com a rapidez de uma flecha disparada de um grande arco.

– Vejo que a Rainha Jeyne tem um coração amoroso – disse Lothar Frey a Catelyn. – Assim como as minhas irmãs. Ora, era capaz de apostar que nesse mesmo instante Roslin anda dançando pelas Gêmeas, cantarolando "Senhora *Tully*, Senhora *Tully*, Senhora Roslin *Tully*". De manhã, vai ficar levando ao rosto tecidos do vermelho e azul de Correrrio, para imaginar o aspecto que terá com o manto nupcial. – Virou-se na sela para sorrir a Edmure. – Mas o senhor está estranhamente quieto, Lorde Tully. Pergunto a mim mesmo como *o senhor* se sente.

– Sinto algo bastante semelhante ao que senti no Moinho de Pedra logo antes de os berrantes de guerra soarem – disse Edmure, só em parte brincando.

Lothar soltou uma gargalhada bondosa.

– Rezemos para que o seu casamento termine de forma igualmente feliz, senhor.

E que os deuses nos protejam se não terminar. Catelyn encostou os calcanhares no cavalo, deixando o irmão e Lothar Coxo na companhia um do outro.

Tinha sido ela quem insistiu para que Jeyne permanecesse em Correrrio, enquanto Robb preferiria mantê-la ao seu lado. Lorde Walder podia perfeitamente interpretar a ausência da rainha no

casamento como outra desfeita, mas sua presença seria outro tipo de insulto, sal nas feridas do velho.

– Walder Frey tem uma língua afiada e uma longa memória – prevenira o filho. – Não duvido que você seja suficientemente forte para aturar as reprimendas do velho como preço a pagar por sua aliança, mas tem em si muito do seu pai para se segurar sentado enquanto ele lança insultos na cara de Jeyne.

Robb não podia negar a sensatez daquilo. *Mas, ao mesmo tempo, nutre ressentimento contra mim, e parte dele me culpa pela ausência dela, embora saiba que foi um bom conselho*.

Dos seis Westerling que tinham vindo do Despenhadeiro com o filho, só um permanecia ao seu lado; Sor Raynald, irmão de Jeyne, o porta-estandartes real. Robb tinha enviado o tio de Jeyne, Rolph Spicer, para entregar o jovem Martyn Lannister ao Dente Dourado, no mesmo dia em que recebera o acordo de Lorde Tywin com relação à troca de cativos. Tinha sido um gesto hábil. O filho ficava aliviado de seus receios quanto à segurança de Martyn, Galbart Glover ficava aliviado por saber que o irmão Robett tinha sido posto num navio em Valdocaso, Sor Rolph tinha uma tarefa importante e honrosa... e Vento Cinzento estava de novo ao lado do rei. *Onde é o lugar dele*.

A Senhora Westerling permaneceu em Correrrio com os filhos; Jeyne, a irmã mais nova, Eleyna, e o jovem Rollam, escudeiro de Robb, que protestou amargamente por ser deixado para trás. E, no entanto, isso também era sensato. Olyvar Frey havia sido escudeiro de Robb e estaria sem dúvida presente no casamento da irmã; exibir a ele seu substituto seria tão insensato como grosseiro. Quanto a Sor Raynald, era um alegre jovem cavaleiro que jurou que nenhum insulto de Walder Frey conseguiria provocá-lo. *E rezemos para que só tenhamos de lidar com insultos*.

Mas Catelyn tinha seus temores a esse respeito. O senhor seu pai nunca voltara a confiar em Walder Frey após o Tridente, e ela tinha isso sempre em mente. A Rainha Jeyne estaria mais segura atrás das altas e fortes muralhas de Correrrio, com o Peixe Negro a protegê-la. Robb até tinha criado para ele um novo título, Protetor das Marcas Meridionais. Se algum homem conseguiria defender o Tridente, esse homem era Sor Brynden.

Fosse como fosse, Catelyn teria saudades do rosto escarpado do tio, e Robb sentiria a falta dos conselhos dele. Sor Brynden desempenhou um papel em todas as vitórias que o filho conquistara. Galbart Glover tomou seu lugar no comando dos batedores e da escolta dianteira; um bom homem, leal e firme, mas sem o brilhantismo do Peixe Negro.

Atrás da tela de batedores de Glover, a linha de marcha de Robb estendia-se por vários quilômetros. Grande-Jon liderava a vanguarda.

Catelyn viajava na coluna principal, rodeada por pesados cavalos de guerra com homens cobertos de aço sobre o dorso. Atrás, vinha o comboio da bagagem, uma procissão de carroças carregadas de comida, forragem, material para acampar, presentes de casamento e os feridos que estavam fracos demais para caminhar, vigiados de perto por Sor Wendel Manderly e seus cavaleiros de Porto Branco. Manadas de ovelhas, cabras e bois descarnados seguiam atrás, e depois vinha uma pequena comitiva de seguidoras de acampamentos, de pés doloridos. Ainda mais para trás, avançava Robin Flint e a retaguarda. Não havia inimigos atrás deles ao longo de centenas de quilômetros, mas Robb não queria correr riscos.

Eram três mil e quinhentos, três mil e quinhentos que tinham passado pelo batismo de sangue no Bosque dos Murmúrios, que tinham ruborizado as espadas na Batalha dos Acampamentos, em Cruzaboi, em Cinzamarca, no Despenhadeiro e ao longo dos montes ricos em ouro do ocidente Lannister. À exceção da pequena comitiva de amigos de Lorde Edmure, os senhores do Tridente tinham ficado para trás, a fim de defender as terras fluviais enquanto o rei recuperava o Norte. Em frente esperavam a noiva de Edmure e a batalha seguinte de Robb... *e, para mim, dois filhos mortos, uma cama vazia e um castelo cheio de fantasmas*. Era uma perspectiva sem alegria. *Brienne, onde você está? Devolva-me as minhas meninas, Brienne. Devolva-as em segurança.*

A garoa que os tinha acompanhado quando partiram de Correrrio transformou-se numa chuva suave e constante pelo meio-dia e prosseguiu até bem depois do cair da noite. No dia seguinte, os nortenhos não chegaram a ver o sol, avançando sob céus de chumbo com o capuz vestido, a fim de manter a água afastada dos olhos. Era uma chuva pesada que transformava estradas em lama e campos em atoleiros, enchendo os rios e despindo as árvores de suas folhas. O bater constante das gotas tornava a conversa miúda muito difícil para o pouco que importava, e por isso os homens falavam apenas quando tinham algo a dizer, o que era bastante raro.

– Somos mais fortes do que parecemos, senhora – disse a Senhora Maege Mormont enquanto avançavam. Catelyn tinha começado a nutrir amizade pela Senhora Maege e por sua filha mais velha, Dacey; descobrira que eram mais compreensivas do que a maioria no que dizia respeito a Jaime Lannister. A filha era alta e esguia, a mãe, baixa e robusta, mas vestiam-se de forma semelhante, com cota de malha e couro, com o urso negro da Casa Mormont desenhado nos escudos e nos sobretudos. Aos olhos de Catelyn, era um vestuário bizarro para uma senhora, mas Dacey e a Senhora Maege pareciam mais confortáveis, como guerreiras e como mulheres, do que a garota de Tarth jamais esteve.

– Lutei ao lado do Jovem Lobo em todas as batalhas – disse alegremente Dacey Mormont. – Ainda não perdeu nenhuma.

Não, mas perdeu todo o resto, pensou Catelyn, mas não seria bom dizê-lo em voz alta. Aos nortenhos não faltava coragem, mas estavam longe de casa, com pouco que os sustentasse além da fé em seu jovem rei. Essa fé tinha de ser protegida, a todo custo. *Tenho de ser mais forte*, disse a si mesma. *Tenho de ser forte por Robb. Se me desesperar, a dor vai me consumir*. Tudo dependia daquele casamento. Se Edmure e Roslin estivessem felizes um com o outro, se o Atrasado Lorde Frey pudesse ser apaziguado e seu poderio de novo casado com o de Robb... *Mesmo assim, que chances teremos, encurralados entre os Lannister e os Greyjoy?* Era uma questão que Catelyn não se atrevia a aprofundar, embora Robb tratasse de pouco mais do que isso. Ela via como ele estudava seus mapas sempre que montavam o acampamento, em busca de um plano que lhe pudesse reconquistar o Norte.

O irmão Edmure tinha outras preocupações.

– Não acreditam que *todas* as filhas de Lorde Walder se parecem com ele, não é? – perguntou, ao sentar-se em seu grande pavilhão listrado, com Catelyn e os amigos.

– Com tantas mães diferentes, algumas das donzelas têm necessariamente de sair atraentes – disse Sor Marq Piper –, mas por que haveria o velho patife de lhe dar uma das bonitas?

– Por absolutamente nada – disse Edmure, deprimido.

Aquilo foi mais do que Catelyn podia suportar.

– Cersei Lannister é atraente – disse, num tom cortante. – Seria mais sensato rezar para que Roslin seja forte e saudável, com uma boa cabeça e um coração leal. – E, com aquilo, deixou-os.

Edmure não acolheu bem aquela atitude. Na marcha do dia seguinte, evitou-a por completo, preferindo a companhia de Marq Piper, Lymond Goodbrook, Patrek Mallister e dos jovens Vance. *Eles só o repreendem de brincadeira*, disse Catelyn a si mesma quando passaram a toda por ela, naquela tarde, quase sem uma palavra. *Sempre fui dura demais com Edmure, e agora o pesar afia todas as minhas palavras*. Arrependeu-se da censura. Já havia chuva suficiente caindo do céu sem a ajuda dela. E seria mesmo assim tão terrível desejar uma esposa bonita? Lembrava-se do desapontamento infantil que sofrera da primeira vez que pôs os olhos em Eddard Stark. Imaginara-o como uma versão mais nova do irmão Brandon, mas tinha se enganado. Ned era mais baixo e tinha um rosto mais simples, e era muito melancólico. Falava de forma bastante cortês, mas, por baixo das palavras Catelyn sentia uma frieza oposta ao que era Brandon, cujas alegrias tinham sido tão violentas quanto as iras. Mesmo quando tomou sua virgindade, o amor deles teve mais dever do que paixão. *Mas fizemos Robb naquela noite, fizemos juntos um rei. E depois da*

guerra, em Winterfell, tive amor suficiente para qualquer mulher, depois de encontrar o coração bom e doce que batia por baixo do rosto solene de Ned. Não há motivo para que Edmure não encontre a mesma coisa com a sua Roslin.

Segundo a vontade dos deuses, o caminho levou-os a atravessar o Bosque dos Murmúrios, onde Robb havia conquistado a sua primeira grande vitória. Seguiram o leito do riacho serpenteante no fundo daquele vale apertado e estreito, tal como os homens de Jaime Lannister tinham feito naquela noite fatídica. *Naquela época, fazia mais calor*, recordou Catelyn, *as árvores ainda se mantinham verdes, e o riacho não tinha transbordado das margens*. Folhas caídas agora afogavam o curso da água e estendiam-se em emaranhados encharcados por entre as pedras e raízes, e as árvores que tinham escondido o exército de Robb haviam trocado seus trajes verdes por folhas de um dourado opaco, salpicadas de marrom e de um vermelho que fazia Catelyn lembrar de ferrugem e sangue seco. Só os abetos e os pinheiros marciais ainda se mostravam verdes, espetando-se na barriga das nuvens como grandes lanças escuras.

Foram mais do que árvores o que morreu desde então, refletiu. Na noite do Bosque dos Murmúrios, Ned ainda estava vivo em sua cela por baixo da Colina de Aegon, Bran e Rickon encontravam-se a salvo atrás das muralhas de Winterfell. *E Theon Greyjoy lutava ao lado de Robb e gabava-se de como quase tinha cruzado espadas com o Regicida. Seria bom que tivesse feito isso. Se Theon tivesse morrido em vez dos filhos de Lorde Karstark, quanto mal teria sido desfeito?*

Ao passarem pelo campo de batalha, Catelyn viu sinais da carnificina que ali tinha ocorrido; um elmo virado ao contrário que se enchia de chuva, uma lança estilhaçada, os ossos de um cavalo. Montes de pedra haviam sido erguidos sobre alguns dos homens que ali tinham tombado, mas os assaltantes de túmulos já tinham caído sobre eles. Por entre os montes de pedra, vislumbrou belos tecidos coloridos e pedaços de metal brilhante. Uma vez viu um rosto a olhá-la, com o contorno do crânio emergindo sob a carne marrom em putrefação.

Isso fez com que se interrogasse sobre o local onde Ned acabou por descansar. As irmãs silenciosas tinham levado seus ossos para o Norte, escoltadas por Hallis Mollen e uma pequena guarda de honra. Teria Ned conseguido chegar a Winterfell, para ser enterrado ao lado do irmão Brandon nas criptas escuras sob o castelo? Ou teria a porta se fechado em Fosso Cailin antes de Hal e das irmãs conseguirem passar?

Três mil e quinhentos cavaleiros seguiam o seu caminho sinuoso pelo fundo do vale, através do coração do Bosque dos Murmúrios, mas Catelyn Stark raras vezes havia se sentido mais solitária. Cada légua

que vencia levava-a para mais longe de Correrrio, e deu por si imaginando se alguma vez voltaria a ver o castelo. Ou estaria perdido para sempre, como tantas outras coisas?

Cinco dias mais tarde, os batedores retornaram para preveni-los de que as águas da enchente tinham arrastado a ponte de madeira em Feirajusta. Galbart Glover e dois de seus homens mais ousados tentaram levar as montarias a passar a nado o turbulento Ramo Azul em Vaucarneiro. Dois dos cavalos tinham sido arrastados e afogados, juntamente com um dos cavaleiros; o próprio Glover conseguiu se agarrar a um rochedo até que o puxassem para a margem.

– O rio não corria tão alto desde a primavera – disse Edmure. – E se essa chuva continuar a cair, subirá ainda mais.

– Há uma ponte mais a frente, perto de Pedravelhas – recordou Catelyn, que tinha atravessado aquelas terras com frequência na companhia do pai. – É mais antiga e menor, mas se ainda estiver lá...

– Desapareceu, senhora – disse Galbart Glover. – Foi levada antes mesmo da de Feirajusta.

Robb olhou para Catelyn.

– Há mais alguma ponte?

– Não. E os vaus estarão intransitáveis. – Tentou vasculhar a memória. – Se não conseguirmos atravessar o Ramo Azul, teremos de rodeá-lo, por Seterrios e pelo Atoleiro da Bruxa.

– Brejos e estradas ruins, quando elas existem – preveniu Edmure. – O avanço será lento, mas suponho que acabaremos chegando.

– Estou certo de que Lorde Walder esperará – disse Robb. – Lothar enviou-lhe uma ave de Correrrio, ele sabe que estamos a caminho.

– Sim, mas o homem é suscetível e desconfiado por natureza – disse Catelyn. – Pode tomar esse atraso como um insulto deliberado.

– Muito bem, vou pedir perdão também por nossa indolência. Serei um rei de dar dó, desculpando-me a cada duas inspirações. – Robb fez uma careta. – Espero que Bolton tenha atravessado o Tridente antes das chuvas começarem. A estrada do rei segue diretamente para o norte, deverá ter uma marcha fácil. Mesmo a pé, deve chegar às Gêmeas antes de nós.

– E quando tiver juntado os seus homens aos dele e casado o meu irmão, o que vem depois? – perguntou-lhe Catelyn.

– Para o norte. – Robb coçou Vento Cinzento atrás de uma orelha.

– Pelo talude? Contra Fosso Cailin?

Ele deu um sorriso enigmático a ela.

– Essa é uma forma de ir – disse, e ela compreendeu por seu tom de voz que nada mais diria. *Um rei sensato guarda coisas para si*, lembrou a si mesma.

Chegaram a Pedravelhas depois de mais oito dias de chuva contínua e acamparam sobre a colina com vista para o Ramo Azul,

dentro de um forte arruinado dos antigos reis do rio. Suas fundações resistiam entre as ervas daninhas, para mostrar onde tinham se erguido as muralhas e as fortalezas, mas o povo local tinha se apropriado da maior parte das pedras havia muito tempo, para levantar seus celeiros, septos e castros. No entanto, no centro daquilo que antigamente teria sido o pátio do castelo, ainda se erguia um grande sepulcro esculpido, meio escondido por mato marrom que chegava à cintura, no meio de um grupo de freixos.

A tampa do sepulcro tinha sido esculpida para retratar o homem cujos ossos jaziam lá dentro, mas as chuvas e os ventos tinham desempenhado seu papel: conseguiam ver que o rei usava uma barba, mas, fora isso, seu rosto era suave e sem expressão, com apenas vagas sugestões de uma boca, um nariz, olhos e da coroa sobre as têmporas. Suas mãos fechavam-se no cabo de um martelo de guerra em pedra que se apoiava sobre o peito dele. Antigamente, o machado de guerra deveria ter tido gravadas runas que revelavam o nome e a história do morto, mas os séculos tinham-nas levado por completo. A própria pedra estava rachada e se desfazendo nos cantos, descolorida aqui e ali por manchas brancas de líquenes em crescimento, ao passo que rosas selvagens subiam pelos pés do rei e chegavam quase ao peito dele.

Foi ali que Catelyn encontrou Robb, em pé e melancólico no crepúsculo que se aprofundava, acompanhado apenas por Vento Cinzento. A chuva havia parado pela primeira vez, e ele estava com a cabeça nua.

– Este castelo tem um nome? – perguntou em voz baixa quando Catelyn se aproximou.

– Todo o povo o chamava de Pedravelhas quando eu era menina, mas sem dúvida teve outro nome quando ainda era uma sede de reis. – Acampara ali uma vez com o pai, a caminho de Guardamar. *Petyr também estava conosco...*

– Há uma canção – recordou Robb. – "Jenny de Pedravelhas, com as flores nos cabelos".

– No fim, somos todos só canções. Se tivermos sorte. – Naquele dia brincara de ser Jenny, chegando até a colocar flores nos cabelos. E Petyr fingira ser seu Príncipe das Libélulas. Catelyn não teria mais de doze anos, Petyr era apenas um garotinho.

Robb estudou o sepulcro.

– De quem é esta sepultura?

– Aqui jaz Tristifer, o Quarto de Seu Nome, Rei dos Rios e dos Montes. – Um dia, o pai lhe contara sua história. – Governou do Tridente ao Gargalo, milhares de anos antes de Jenny e de seu príncipe, nos dias em que os reinos dos Primeiros Homens caíam um atrás do outro perante o avanço dos ândalos. Chamavam-no de

Martelo da Justiça. Lutou uma centena de batalhas e venceu noventa e nove, ou pelo menos é isso que os cantores dizem, e quando levantou este castelo, era o mais forte de Westeros. – Pousou uma mão no ombro do filho. – Morreu em sua centésima batalha, quando sete reis ândalos juntaram forças contra ele. O quinto Tristifer não se comparava a ele, e em pouco tempo o reino estava perdido, e depois o castelo, e por fim a linhagem. Com Tristifer Quinto morreu a Casa Mudd, que tinha governado as terras fluviais durante os mil anos anteriores à chegada dos ândalos.

– O herdeiro falhou com ele. – Robb passou uma mão sobre a pedra áspera e desgastada. – Tive esperança de deixar Jeyne esperando um bebê... tentamos com bastante frequência, mas não tenho certeza...

– Nem sempre acontece na primeira vez. – *Embora tenha acontecido com você*. – Nem mesmo na centésima. É muito novo.

– Novo, e um rei – disse ele. – Um rei precisa ter um herdeiro. Se morrer em minha próxima batalha, o reino não pode morrer comigo. Pela lei, Sansa é a seguinte na linha de sucessão, portanto, Winterfell e o Norte devem passar para ela. – A boca dele comprimiu-se. – Para ela, e para o senhor seu esposo. Tyrion Lannister. Não posso permitir que isso aconteça. *Não permitirei*. Esse anão não pode nunca possuir o Norte.

– Não – concordou Catelyn. – Tem de nomear outro herdeiro, até o momento em que Jeyne lhe dê um filho. – Refletiu por um momento. – O pai do seu pai não tinha irmãos, mas o pai dele tinha uma irmã que se casou com um filho mais novo de Lorde Raymar Royce, do ramo menor da casa. Eles tiveram três filhas, todas as quais casaram com fidalgos do Vale. Um Waynwood e um Corbray com certeza. A mais nova... pode ter sido um Templeton, mas...

– Mãe. – Havia certa rispidez no tom de Robb. – Está se esquecendo. Meu pai teve quatro filhos homens.

Catelyn não tinha se esquecido; não quis encarar o fato, mas ali estava.

– Um Snow não é um Stark.

– Jon é mais Stark do que um fidalgo qualquer do Vale que nunca sequer pôs os olhos em Winterfell.

– Jon é um irmão da Patrulha da Noite, e jurou não tomar esposa nem possuir terras. Aqueles que vestem o negro servem para a vida.

– O mesmo acontece com os cavaleiros da Guarda Real. Isso não impediu os Lannister de arrancar o manto branco de Sor Barristan Selmy e de Sor Boros Blount quando deixaram de ter utilidade para eles. Se eu enviar à patrulha uma centena de homens para o lugar de Jon, aposto que vão encontrar alguma maneira de libertá-lo de seus votos.

Ele está decidido a fazer isso. Catelyn sabia como o filho podia ser teimoso.

– Um bastardo não pode herdar.

– É verdade, a menos que seja legitimado por decreto real – disse Robb. – Há mais precedente para isso do que para libertar um Irmão Juramentado de seus votos.

– Precedente – disse ela com amargura. – Sim, Aegon Quarto legitimou todos os seus bastardos no leito de morte. E quanta dor, desgosto, guerra e assassinato nasceram daí? Sei que confia em Jon. Mas pode confiar nos filhos dele? Ou nos filhos *deles*? Os pretendentes Blackfyre atormentaram os Targaryen ao longo de cinco gerações, até que Barristan, o Ousado, matou os últimos nos Degraus. Se legitimar Jon, não há maneira de torná-lo bastardo de novo. Se ele se casar e tiver filhos, os filhos que você tiver com Jeyne nunca estarão a salvo.

– Jon nunca faria mal a um filho meu.

– Tal como Theon Greyjoy nunca faria mal a Bran e Rickon?

Vento Cinzento saltou para cima da cripta do Rei Tristifer, com os dentes à mostra. O rosto de Robb estava frio.

– Isso é tão cruel quanto injusto. Jon não é como Theon.

– Você reza para que não seja. Já pensou em suas irmãs? E os direitos *delas*? Concordo que não podemos permitir que o Norte passe para o Duende, mas e Arya? Por lei, ela vem depois de Sansa... sua própria irmã, legítima...

– ... e *morta*. Ninguém viu ou ouviu falar de Arya desde que cortaram a cabeça do pai. Por que você mente para si mesma? Arya partiu, assim como Bran e Rickon, e matarão também Sansa assim que o anão conseguir dela um filho. Jon é o único irmão que me resta. Se eu morrer sem descendência, quero que ele me suceda como Rei no Norte. Tive a esperança de que apoiasse a minha escolha.

– Não posso – disse ela. – Em tudo o mais, Robb. Em tudo. Mas não nessa... nessa loucura. Não me peça isso.

– Não tenho de pedir. Sou o rei. – Robb virou-se e afastou-se, com Vento Cinzento saltando de cima da tumba e pulando atrás dele.

O que eu fiz?, pensou Catelyn, fatigadamente, quando ficou sozinha junto do sepulcro de pedra de Tristifer. *Primeiro irrito Edmure, e agora Robb, mas tudo que fiz foi dizer a verdade. Serão os homens tão frágeis que não consigam suportar ouvi-la?* Podia ter chorado nesse momento, se o céu não estivesse fazendo isso por ela. Tudo que pôde fazer foi voltar à tenda e sentar-se lá, em silêncio.

Nos dias que se seguiram, Robb esteve por todo lado; cavalgando à cabeça da vanguarda com o Grande-Jon, batendo terreno com Vento Cinzento, correndo para trás a fim de se juntar a Robin Flint e à retaguarda. Os homens diziam com orgulho que o Jovem Lobo era o primeiro a se levantar todas as madrugadas e o último a adormecer à

noite, mas Catelyn perguntava a si mesma se ele dormia de todo. *Está se tornando tão magro e esfomeado quanto seu lobo selvagem.*

– Senhora – disse-lhe Maege Mormont certa manhã enquanto atravessavam uma chuva constante –, parece tão triste. Há algo errado?

O senhor meu esposo está morto e o meu pai também. Dois de meus filhos foram assassinados, a minha filha foi dada a um anão sem fé para lhe dar à luz filhos nojentos, a minha outra filha está desaparecida e é provável que esteja morta e o meu último filho e o meu único irmão estão ambos zangados comigo. O que é que pode haver de errado? No entanto, aquilo era mais verdade do que a Senhora Maege gostaria de ouvir.

– Esta é uma chuva maligna – disse, em vez da verdade. – Sofremos muito, e há mais perigos e desgostos adiante. Precisamos enfrentá-los com ousadia, com berrantes soando e estandartes tremulando cheios de bravura. Mas essa chuva nos abate. Os estandartes pendem, encharcados, e os homens aconchegam-se debaixo de seus mantos e quase não conversam uns com os outros. Só uma chuva maligna gelaria nossos corações quando mais precisamos que eles ardam bem quentes.

Dacey Mormont olhou para o céu.

– Gosto mais de ter água chovendo sobre mim do que flechas.

Catelyn sorriu a contragosto.

– Receio que seja mais corajosa do que eu. Todas as mulheres da Ilha dos Ursos são assim guerreiras?

– Ursas, sim – disse a Senhora Maege. – Temos precisado ser assim. Antigamente, os homens de ferro faziam incursões com os seus dracares, ou se não eram eles, eram os selvagens vindos da Costa Gelada. Os homens na maior parte das vezes estavam longe, na pesca. As esposas que eles deixavam para trás tinham de defender a si e aos seus filhos, para não serem todos levados.

– Há uma imagem esculpida em nosso portão – disse Dacey. – Uma mulher vestida com pele de urso, com um bebê em um braço, mamando. Na outra mão traz um machado de batalha. Não é uma senhora como deve ser, essa, mas sempre gostei dela.

– Uma vez, meu sobrinho Jorah trouxe para casa uma senhora como deve ser – disse a Senhora Maege. – Conquistou-a num torneio. Como ela odiava aquela imagem.

– Sim, e todo o resto também – disse Dacey. – Tinha cabelos que eram como fios de ouro, aquela Lynesse. A pele era como creme. Mas suas mãos suaves não tinham sido feitas para machados.

– Nem as tetas para dar de mamar – disse a mãe, sem rodeios.

Catelyn sabia de quem falavam; Jorah Mormont tinha trazido sua segunda esposa a Winterfell para festas, e certa vez permaneceram durante uma quinzena. Lembrava-se de como a Senhora Lynesse era

jovem, bela e infeliz. Uma noite, após várias taças de vinho, confessara a Catelyn que o Norte não era lugar para uma Hightower de Vilavelha.

– Houve uma Tully de Correrrio que sentiu o mesmo um dia – Catelyn respondeu com gentileza, tentando consolá-la –, mas, com o tempo, encontrou aqui muitas coisas que podia amar.

Tudo agora perdido, refletiu. *Winterfell e Ned, Bran e Rickon, Sansa, Arya, tudo perdido. Só resta Robb*. Teria havido nela muito de Lynesse Hightower, no fim das contas, e pouco dos Stark? *Gostaria de ter sabido como manejar um machado, talvez tivesse sido capaz de protegê-los melhor*.

Os dias seguiram-se aos dias, e a chuva continuava a cair. Cavalgaram ao longo de toda a extensão do Ramo Azul, passando por Seterrios, onde o rio se desdobrava numa confusão de córregos e riachos, e depois atravessando o Atoleiro da Bruxa, onde lagoas de um verde reluzente esperavam para engolir os incautos e o terreno fofo sugava os cascos dos cavalos como um bebê faminto no peito da mãe. O avanço era mais do que lento. Metade das carroças teve de ser abandonada no lodaçal, e suas cargas foram distribuídas entre mulas e cavalos de tração.

Lorde Jason Mallister alcançou-os nos pântanos do Atoleiro da Bruxa. Restava ainda mais de uma hora de luz do dia quando ele se aproximou com a sua coluna, mas Robb mandou parar de imediato, e Sor Raynald Westerling veio escoltar Catelyn à tenda do rei. Encontrou o filho sentado ao lado de um braseiro, com um mapa sobre as coxas. Vento Cinzento dormia aos seus pés. Grande-Jon acompanhava-o, bem como Galbart Glover, Maege Mormont, Edmure e um homem que Catelyn não reconheceu, um homem robusto e perdendo os cabelos, de aspecto servil. *Este não é fidalgo nenhum*, compreendeu no momento em que pôs os olhos no estranho. *Nem sequer é um guerreiro.*

Jason Mallister levantou-se para oferecer a Catelyn a cadeira. Nos cabelos, tinha quase tanto branco como castanho, mas o Senhor de Guardamar ainda era um homem bonito; alto e esguio, com um rosto bem delineado e escanhoado, maçãs do rosto salientes e uns ferozes olhos azul-acinzentados.

– Senhora Stark, é sempre um prazer. Trago boas novas, espero.

– Temos grande necessidade de algumas, senhor. – Sentou-se, ouvindo a chuva tamborilar ruidosamente na lona por cima de sua cabeça.

Robb esperou que Sor Raynald fechasse a aba da tenda.

– Os deuses ouviram as nossas preces, senhores. Lorde Jason trouxe-nos o capitão do *Myraham*, um navio mercante de Vilavelha. Capitão, conte-lhes o que me disse.

– Sim, Vossa Graça. – O homem lambeu nervosamente os lábios. – O último porto onde estive antes de Guardamar foi Fidalporto, em Pyke. Os homens de ferro não me deixaram sair durante mais de meio ano, pois é. Ordens do Rei Balon. Só que, bom, pra resumir uma história comprida, ele tá morto.

– Balon Greyjoy? – o coração de Catelyn parou por um momento. – Está nos dizendo que Balon Greyjoy está morto?

O pequeno capitão maltrapilho confirmou com a cabeça.

– Sabe como Pyke tá construída num promontório, e parte do castelo tá em rochedos e ilhas ao largo da costa, com pontes entre elas? Bem, segundo me contaram em Fidalporto, veio uma rajada de vento de oeste, com chuva e trovões, e o velho Rei Balon tava atravessando uma das pontes quando o vento a pegou e fez a coisa em pedaços. Deu à costa dois dias depois, todo inchado e partido. Ouvi dizer que os caranguejos comeram seus olhos.

Grande-Jon soltou uma gargalhada.

– Caranguejos-reais, espero eu, para jantar essa geleia real, hã?

O capitão balançou afirmativamente a cabeça.

– Sim, mas isso não é tudo, ah, não! – inclinou-se para a frente. – O *irmão* voltou.

– Victarion? – perguntou Galbart Glover, surpreso.

– Euron. Chamam-no de Olho de Corvo, um pirata mais negro que qualquer outro que tenha içado uma vela. Desapareceu há anos, mas mal Lorde Balon tinha esfriado, lá tava ele, entrando em Fidalporto com o seu *Silêncio*. Velas pretas e um casco vermelho, e tripulado por mudos. Ouvi dizer que foi a Asshai e voltou. Mas onde quer que tivesse, agora tá em casa e marchou diretinho pra Pyke e sentou o rabo na Cadeira de Pedra do Mar e afogou Lorde Botley numa barrica de água do mar quando ele protestou. Foi nessa hora que eu fugi de volta pro *Myraham* e icei âncora, esperando conseguir ir embora enquanto as coisas tivessem confusas. E foi o que fiz, e aqui estou.

– Capitão – disse Robb quando o homem terminou –, tem os meus agradecimentos, e não partirá sem uma recompensa. Lorde Jason vai levá–lo de volta ao seu navio quando terminarmos. Por obséquio, espere lá fora.

– Isso espero, Vossa Graça. Isso espero.

Assim que o homem saiu do pavilhão real, Grande-Jon desatou a rir, mas Robb silenciou-o com um olhar.

– Euron Greyjoy não é a ideia de ninguém para um rei, se metade daquilo que Theon disse dele for verdade. Theon é o legítimo herdeiro, a menos que esteja morto... mas Victarion comanda a Frota de Ferro. Não posso crer que permaneça em Fosso Cailin enquanto Euron Olho de Corvo mantiver Cadeira da Pedra do Mar. Ele *tem* de voltar.

– Também há uma filha – relembrou-lhe Galbart Glover. – Aquela que mantém em seu poder no Bosque Profundo, e a esposa e o filho de Robett.

– Se ficar em Bosque Profundo, isso é *tudo* que pode esperar manter – disse Robb. – O que é verdade para os irmãos é ainda mais verdade para ela. Terá de zarpar para casa, a fim de expulsar Euron e promover a sua pretensão. – O filho de Catelyn virou-se para Lorde Jason Mallister. – Tem uma frota em Guardamar?

– Uma frota, Vossa Graça? Meia dúzia de dracares e duas galés de guerra. O suficiente para defender as minhas costas contra corsários, mas não posso ter esperança de enfrentar a Frota de Ferro em batalha.

– Nem pediria isso ao senhor. Os homens de ferro irão rumar a Pyke, espero. Theon contou-me como a gente dele pensa. Cada capitão é um rei no seu convés. Todos vão querer ter voz na sucessão. Senhor, preciso que dois de seus dracares contornem o Cabo das Águias e subam o Gargalo até a Atalaia da Água Cinzenta.

Lorde Jason hesitou.

– A floresta úmida é drenada por uma dúzia de cursos de água, todos eles rasos, assoreados e por mapear. Nem chamaria de rios. Os canais andam sempre derivando e se alterando. Há inúmeros bancos de areia, troncos caídos e emaranhados de árvores em putrefação. E a Atalaia da Água Cinzenta *desloca-se*. Como os meus navios irão encontrá-la?

– Subam o rio exibindo o meu estandarte. Os cranogmanos vão encontrá-los. Quero dois navios para duplicar as chances de minha mensagem chegar a Howland Reed. A Senhora Maege irá num deles, Galbart no segundo. – Virou-se para os dois que tinha indicado. – Levarão cartas para os meus senhores que permanecem no Norte, mas todas as ordens nelas contidas serão falsas, para o caso de terem o azar de serem capturados. Se isso acontecer, deverão dizer-lhes que se dirigiam ao norte. De volta à Ilha dos Ursos, ou na direção da Costa Pedregosa. – Bateu com um dedo no mapa. – A chave é Fosso Cailin. Lorde Balon sabia disso, e foi por sabê-lo que enviou para lá o irmão Victarion com o núcleo duro das forças Greyjoy.

– Com disputas de sucessão ou sem elas, os homens de ferro não são burros a ponto de abandonar Fosso Cailin – disse a Senhora Maege.

– Não mesmo – admitiu Robb. – Victarion deixará para trás a melhor parte de sua guarnição, suponho. No entanto, cada homem que levar consigo será um homem a menos com que teremos de lutar. E ele *irá* levar muitos de seus capitães, contem com isso. Os líderes. Precisará desses homens para falar por ele se quiser ter esperança de se sentar na Cadeira da Pedra do Mar.

– Não pode querer atacar pelo talude, Vossa Graça – disse Galbart

Glover. – As aproximações são estreitas demais. Não há maneira de desdobrar em linha. Nunca ninguém tomou o Fosso.

– A partir do sul – disse Robb. – Mas se pudermos atacar ao mesmo tempo a partir de norte e de oeste, e pegar os homens de ferro pela retaguarda enquanto eles afastam aquilo que julgam ser o ataque principal, ao longo do talude, então temos uma chance. Depois de me unir a Lorde Bolton e aos Frey, terei mais de doze mil homens. Pretendo dividi-los em três batalhões e fazê-los avançar pelo talude com meio dia de intervalo. Se os Greyjoy têm olhos ao sul do Gargalo, verão todas as minhas forças correndo impetuosamente contra Fosso Cailin.

"Roose Bolton ficará à frente da retaguarda, enquanto eu comandarei o centro. Grande-Jon, você liderará a vanguarda contra Fosso Cailin. Seu ataque deverá ser tão violento que os homens de ferro não tenham tempo para se perguntar se alguém estará se esgueirando sobre eles a partir do norte."

Grande-Jon soltou um risinho.

– É melhor que os seus homens cheguem se esgueirando depressa, senão os meus homens assaltam aquelas muralhas e conquistam Fosso Cailin antes que mostre a cara. Darei o castelo de presente ao senhor quando chegar do passeio.

– Esse é um presente que ficarei feliz em aceitar – disse Robb.

Edmure franzia a testa.

– Fala de atacar os homens de ferro pela retaguarda, senhor, mas como planeja passar para norte deles?

– Há caminhos através do Gargalo que não se encontram em nenhum mapa, tio. Caminhos que só os cranogmanos conhecem... estreitas trilhas entre os pântanos e as estradas aquáticas através dos juncos que só barcos podem seguir. – Virou-se para os dois mensageiros. – Digam a Howland Reed que ele deve me enviar guias, dois dias depois de eu começar a subir o talude. Que os envie para o batalhão central, onde flutua o meu estandarte. Três tropas partirão das Gêmeas, mas só duas chegarão a Fosso Cailin. Meu batalhão vai se dissolver no Gargalo, para voltar a emergir no Febre. Se formos rápidos depois do casamento de meu tio, poderemos estar todos em posição por volta do fim do ano. Cairemos sobre o Fosso de três lados no primeiro dia do novo século, no momento em que os homens de ferro acordarem com martelos batendo nas cabeças do hidromel que vão emborcar na noite anterior.

– Gosto desse plano – disse Grande-Jon. – Gosto bastante dele.

Galbart Glover esfregou a boca.

– Há riscos. Se os cranogmanos falharem...

– Não ficaremos pior do que antes. Mas eles não falharão. Meu pai conhecia o valor de Howland Reed. – Robb enrolou o mapa, e só

então olhou para Catelyn. – Mãe.

Ficou tensa.

– Tem algum papel nisso para mim?

– O seu papel é ficar a salvo. Nossa viagem através do Gargalo será perigosa, e nada nos espera no norte a não ser batalhas. Mas Lorde Mallister teve a bondade de se oferecer para mantê-la em segurança em Guardamar até a guerra acabar. Sei que lá estará confortável.

Será esta a minha punição por me opor a ele no assunto de Jon Snow? Ou por ser uma mulher e, pior, uma mãe? Precisou de um momento para perceber que todos a observavam. Eles já *sabiam*, compreendeu. Catelyn não devia ter se surpreendido. Não conquistara amigos ao libertar o Regicida, e mais de uma vez tinha ouvido Grande-Jon dizer que um campo de batalha não era lugar para mulheres.

A fúria deve ter relampejado em seu rosto, porque Galbart Glover interveio antes que dissesse uma palavra.

– Senhora, Sua Graça é sensato. É melhor que não venha conosco.

– Guardamar será iluminada por sua presença, Senhora Catelyn – disse Lorde Jason Mallister.

– Quer fazer de mim uma prisioneira – disse ela.

– Uma hóspede de honra – insistiu Lorde Jason.

Catelyn virou-se para o filho.

– Não pretendo ofender Lorde Jason – disse, rigidamente –, mas se não puder prosseguir com você, preferiria voltar a Correrrio.

– Deixei a minha esposa em Correrrio. Quero a minha mãe em outro lugar. Se você guardar todos os seus tesouros numa bolsa, só estará tornando a vida daqueles que querem assaltá-lo mais fácil. Após o casamento, irá para Guardamar, e esta é a minha ordem régia. – Robb levantou-se, e, com igual rapidez, seu destino ficou decidido. Pegou uma folha de pergaminho. – Mais uma coisa. Lorde Balon deixou o caos atrás de si, esperamos nós. Eu não farei o mesmo. Mas ainda não tenho um filho, meus irmãos Bran e Rickon estão mortos e minha irmã encontra-se casada com um Lannister. Refleti longa e duramente sobre quem poderá me suceder. Ordeno-lhes agora, como meus senhores legítimos e leais, que coloquem seus selos neste documento como testemunhas de minha decisão.

Deveras um rei, pensou Catelyn, derrotada. Só podia esperar que a armadilha que ele tinha planejado para Fosso Cailin funcionasse tão bem quanto aquela na qual acabara de prendê-la.

Samwell

Brancarbor, pensou Sam. *Por favor, que isto seja Brancarbor*. Lembrava-se de Brancarbor. Ficava nos mapas que tinha desenhado, rumo ao norte. Se aquela aldeia fosse Brancarbor, saberia onde se encontravam. *Por favor, tem de ser*. Desejava isso tanto que se esqueceu dos pés por um instante, esqueceu-se das dores nas panturrilhas e nos rins e dos dedos rígidos e tão gelados que quase não sentia. Até se esqueceu de Lorde Mormont e de Craster, das criaturas e dos Outros. *Brancarbor*, rezou Sam, a qualquer deus que pudesse estar ouvindo.

Mas todas as aldeias selvagens eram muito parecidas umas com as outras. Um enorme represeiro crescia no centro daquela... mas uma árvore branca não queria necessariamente dizer Brancarbor. O represeiro em Brancarbor não era maior do que aquele? Talvez estivesse se lembrando mal. O rosto esculpido no tronco branco como osso era longo e triste; lágrimas vermelhas de seiva seca escorriam de seus olhos. *Era esse o seu aspecto quando viemos para o norte?* Sam não conseguia se lembrar.

Em volta da árvore erguia-se um punhado de cabanas de um só cômodo, com telhado de turfa, um edifício comprido feito de troncos e coberto de musgo, um poço de pedra, um curral de ovelhas... mas sem ovelhas, e sem pessoas. Os selvagens tinham partido para se juntar a Mance Rayder nas Presas de Gelo, levando tudo que possuíam, exceto suas casas. Sam sentia-se grato por isso. A noite estava chegando, e seria bom dormir sob um teto, para variar. Estava tão cansado. Parecia que tinha passado metade da vida caminhando. Suas botas estavam se desfazendo, e todas as bolhas em seus pés tinham estourado e se transformado em calos, mas agora tinha bolhas novas *debaixo* dos calos e os dedos dos pés estavam ficando queimados pelo frio.

Mas era caminhar ou morrer, e Sam sabia disso. Goiva ainda estava fraca do parto e além disso transportava o bebê; precisava mais do cavalo do que ele. O segundo cavalo tinha morrido três dias depois de partirem da Fortaleza de Craster. Era um milagre que tivesse durado tanto, pobre animal meio esfomeado. O peso de Sam tinha provavelmente acabado com ele. Podiam ter tentado montar ambos no cavalo que sobrara, mas Sam temia que a mesma coisa pudesse voltar a acontecer. *É melhor que eu caminhe*.

Sam deixou Goiva no grande edifício fazendo uma fogueira, enquanto ele enfiava a cabeça nas cabanas. Ela era melhor fazendo fogueiras; ele nunca parecia ser capaz de fazer o fogo pegar; da última vez que tentara tirar uma faísca de pederneira e aço, conseguiu se cortar na faca. Goiva atou-lhe o corte, mas sua mão estava rígida e

dolorida, ainda mais desajeitada do que antes. Sabia que devia lavar o ferimento e trocar a atadura, mas tinha medo de olhar para ele. Além disso, fazia tanto frio que detestava tirar as luvas.

Sam não sabia o que esperava encontrar nas casas vazias. Os selvagens talvez tivessem deixado para trás alguma comida. Precisava ir ver. Jon tinha feito uma busca às choupanas em Brancarbor, a caminho do norte. Dentro de uma das cabanas, Sam ouviu uma restolhar de ratazanas vindo de um canto escuro, mas fora isso nada havia, em nenhuma delas, além de palha velha, cheiros antigos e algumas cinzas sob os buracos para a fumaça.

Virou-se para o represeiro e estudou por um momento o rosto nele esculpido. *Não é o rosto que vimos*, admitiu para si mesmo. *A árvore não tem nem metade do tamanho daquela de Brancarbor*. Os olhos vermelhos choravam sangue, e também não se lembrava disso. Desajeitadamente, Sam se ajoelhou.

– Deuses antigos, escutem as minhas preces. Os Sete eram os deuses de meu pai, mas proferi as palavras perante vocês quando me juntei à Patrulha. Ajudem-nos agora. Temo que possamos estar perdidos. Também temos fome, e tanto frio. Não sei em que deuses acredito agora, mas... por favor, se estiverem aí, ajudem-nos. Goiva tem um filhinho. – Aquilo foi tudo em que conseguiu pensar para dizer.

O ocaso se aprofundava, as folhas do represeiro restolhavam suavemente, ondulando como mil mãos vermelhas de sangue. Se os deuses de Jon o tinham ouvido ou não, não saberia dizer.

Quando voltou ao salão, Goiva tinha o fogo ardendo. Estava sentada junto a ele, com as peles abertas e o bebê ao peito. *Tem tanta fome quanto nós*, pensou Sam. A velha dera-lhes às escondidas um pouco da comida de Craster, mas já tinham comido a maior parte. Sam era um fracasso como caçador até em Monte Chifre, onde as presas eram abundantes e tinha cães e caçadores para ajudá-lo; ali, naquela floresta vazia sem fim, as chances de pegar alguma coisa eram remotas. Suas tentativas de pescar em lagos e riachos meio congelados também tinham resultado em tristes fracassos.

– Quanto tempo mais, Sam? – perguntou Goiva. – Ainda está longe?

– Não muito. Não tanto quanto estava. – Sam encolheu-se para fora das alças da mochila, deixou-se cair desajeitadamente no chão e tentou cruzar as pernas. Tinha uma dor tão abominável nas costas devido à caminhada que teria gostado de se encostar em um dos pilares de madeira esculpida que suportavam o telhado, mas a fogueira estava no centro da sala, sob o buraco para a fumaça, e ansiava ainda mais por calor do que por conforto. – Mais alguns dias e devemos chegar lá.

Sam tinha seus mapas, mas se aquilo não era Brancarbor, então os mapas não iam lhe servir muito. *Fomos para leste demais para contornar aquele lago*, afligiu-se, *ou talvez para oeste demais quando tentei voltar*. Começava a odiar lagos e rios. Ali nunca havia botes ou pontes, o que implicava fazer a pé o percurso inteiro em volta dos lagos e procurar locais onde fosse possível vadear os rios. Era mais fácil seguir uma trilha de caça do que abrir caminho através do mato, era mais fácil rodear uma serrania do que subi-la. *Se Bannen ou Dywen estivessem conosco, a essa altura estaríamos em Castelo Negro, aquecendo os pés na sala comum*. Mas Bannen estava morto e Dywen tinha ido embora com Grenn, Edd Doloroso e os outros.

A Muralha tem quase quinhentos quilômetros de comprimento e duzentos metros de altura, lembrou Sam a si mesmo. Se continuassem seguindo para o sul, tinham de encontrá-la, mais cedo ou mais tarde. E ele estava certo de que se dirigiam para o sul. De dia, orientava-se pelo sol, e nas noites limpas podiam seguir a cauda do Dragão de Gelo, se bem que não tivessem viajado muito de noite desde que o segundo cavalo tinha morrido. Até quando a lua estava cheia a escuridão era excessiva debaixo das árvores, e teria sido muito fácil que Sam ou o último garrano quebrassem uma perna. *Temos de estar bem a sul a essa altura, temos mesmo*.

Não tinha grande certeza era quanto poderiam ter se desviado para leste ou oeste. Sim, chegariam à Muralha... dentro de um dia ou de uma quinzena, decerto não poderia estar mais longe do que isso, decerto que não... mas *onde*? Aquilo que tinham de encontrar era o portão em Castelo Negro; a única passagem através da Muralha ao longo de uma centena de léguas.

– A Muralha é tão grande como Craster dizia? – perguntou Goiva.

– Maior. – Sam tentou parecer alegre. – É tão grande que nem sequer se conseguem ver os castelos que estão escondidos por detrás. Mas eles estão lá, você vai ver. A Muralha é toda feita de gelo, mas os castelos são de pedra e madeira. Há torres altas e porões profundos e um salão enorme com um grande fogo ardendo na lareira, de noite e de dia. Faz tanto calor lá dentro, Goiva, que nem vai acreditar.

– Poderei ficar junto do fogo? Eu e o garoto? Não por muito tempo, só até ficarmos bem quentinhos?

– Poderá ficar junto do fogo todo o tempo que quiser. Vai ter também o que comer e beber. Vinho aquecido com açúcar, canela e outras coisas e uma tigela de guisado de veado com cebolas, e o pão do Hobb, recém-saído do forno, tão quente que queimará seus dedos. – Sam descalçou uma luva para agitar os dele perto das chamas, e rapidamente se arrependeu. Tinham estado dormentes por causa do frio, mas quando as sensibilidade voltou, doeram tanto que quase gritou. – Às vezes um dos irmãos canta – disse, para afastar a mente

da dor. – Daeron era quem cantava melhor, mas mandaram-no para Atalaialeste. Mas ainda temos o Halder. E o Sapo. O nome verdadeiro dele é Todder, mas parece um sapo, e o chamamos assim. Ele gosta de cantar, mas tem uma voz horrível.

– Você canta? – Goiva mudou a posição de suas peles, e passou o bebê de um seio para o outro.

Sam corou.

– Eu... eu conheço algumas canções. Quando era pequeno, gostava de cantar. E também dançava, mas o senhor meu pai nunca gostou que fizesse isso. Ele dizia que se eu queria dar voltas, devia fazer isso no pátio, com uma espada na mão.

– Pode cantar uma canção do sul? Para o bebê?

– Se quiser. – Sam pensou por um momento. – Há uma canção que o nosso septão costumava cantar para mim e para as minhas irmãs, quando éramos pequenos e era hora de irmos para a cama. Chama-se "A canção dos sete". – Limpou a garganta e cantou em voz baixa:

A face do Pai é severa e forte,
entre o bem e o mal determina um corte.
Pesa a vida, do nascimento à morte,
e adora os seus filhinhos.
A Mãe concede a dádiva da vida,
pras esposas é apoio e guarida.
Um sorriso e pra tudo há saída,
e ela ama os seus filhinhos.
O Guerreiro enfrenta o inimigo,
e é sempre para todos um abrigo.
Com espada e lança e com arco e espigo,
protege os seus filhinhos.
A Velha é tão sabedora e antiga,
que de todos o destino investiga.
Uma candeia de ouro ergue e liga,
orienta os seus filhinhos.
O Ferreiro trabalha noite e dia,
pra devolver ao mundo a harmonia.
Com martelo, arado, fogo e mestria,
constrói para os filhinhos.
A Donzela anda pelo céu a dançar,
vive quando um amante suspirar.
Sorri e as aves aprendem a voar,
e dá sonhos aos filhinhos.
Os Sete Deuses que a todos criaram,
sempre ouviram aqueles que os chamaram.

Podem adormecer, não cairão,
eles vigiam-nos, filhinhos.
Só fechem os olhos, não cairão,
eles vigiam-nos, filhinhos.

Sam lembrou-se da última vez que tinha cantado a canção com a mãe, para embalar o bebê Dickon. O pai ouviu as vozes e arremeteu quarto adentro, furioso.

– Não quero voltar a ver isso – tinha dito Lorde Randyll à mulher num tom duro. – Estragou um rapaz com essas canções moles de septão, quer fazer o mesmo com este bebê? – depois olhou para Sam e disse: – Vá cantar com as suas irmãs, se tem mesmo de cantar. Não quero você perto de meu filho.

O bebê de Goiva tinha adormecido. Era uma coisinha tão minúscula e estava tão quieto que Sam temeu por ele. Nem sequer tinha nome. Interrogara Goiva a respeito disso, mas ela havia dito que dava azar dar nome a uma criança antes de ela fazer dois anos. Eram muitas as que morriam.

Voltou a aconchegar o mamilo dentro das peles.

– Isso foi bonito, Sam. Você canta bem.

– Devia ouvir o Dareon. Tem uma voz doce como hidromel.

– Bebemos o hidromel mais doce que já provei no dia em que Craster fez de mim uma esposa. Naquela época era verão, e não estava tão frio. – Goiva lançou-lhe um olhar de dúvida. – Só cantou sobre seis deuses? O Craster sempre nos disse que vocês, no sul, tinham sete.

– Sete – concordou ele –, mas ninguém canta sobre o Estranho. – O rosto do Estranho era o rosto da morte. Até falar dele deixava Sam desconfortável. – Devíamos comer qualquer coisa. Uma mordida ou duas.

Nada restava além de algumas morcelas, duras como madeira. Sam serrou algumas fatias finas para ambos. O esforço fez seu pulso doer, mas tinha fome suficiente para persistir. Se mastigasse as fatias o suficiente, elas amoleciam e tinham um sabor bom. As esposas de Craster condimentavam-nas com alho.

Depois de terminarem, Sam pediu desculpas e saiu para se aliviar e cuidar do cavalo. Soprava um vento mordente do norte, e as folhas das árvores crepitaram para ele ao passar. Teve de quebrar a fina película de gelo que cobria o riacho para que o cavalo pudesse beber. *Era melhor que o levasse para dentro*. Não queria acordar ao romper da aurora e descobrir que o cavalo tinha morrido congelado durante a noite. *Goiva prosseguiria mesmo se isso acontecesse*. A garota era muito corajosa, ao contrário dele. Desejou saber o que faria com ela quando voltasse a Castelo Negro. A garota andava sempre dizendo que seria

sua esposa se ele quisesse, mas os irmãos negros não tinham esposas; e, além disso, ele era um Tarly de Monte Chifre, nunca poderia se casar com uma selvagem. *Terei de pensar em algo. Desde que cheguemos vivos à Muralha, o resto não importa, não importa nem um pouquinho*.

Levar o cavalo até o casarão foi bastante simples. Fazê-lo atravessar a porta não foi, mas Sam persistiu. Goiva já cochilava quando ele conseguiu obrigar o garrano a entrar. Prendeu o cavalo a um canto, pôs um pouco de lenha na fogueira, tirou seu manto pesado e contorceu-se para baixo das peles, ao lado da selvagem. Seu manto era suficientemente grande para cobrir os três e manter o calor de seus corpos.

Goiva cheirava a leite, alho e pelo velho e bolorento, mas já tinha se acostumado a isso. Para Sam, eram cheiros bons. Gostava de dormir ao lado dela. Fazia-o lembrar-se de tempos passados havia muito, quando dividia uma enorme cama em Monte Chifre com duas das irmãs. Aquilo terminou quando Lorde Randyll decidiu que o estava tornando mole como uma menina. *Mas dormir sozinho na minha cela fria não me tornou mais duro ou corajoso*. Perguntou a si mesmo o que diria o pai se o visse agora. *Matei um dos Outros, senhor*, imaginava-se dizendo. *Apunhalei-o com um punhal de obsidiana, e agora meus irmãos juramentados chamam-me de Sam, o Matador*. Mas mesmo em imaginação, Lorde Tarly limitava-se a franzir a testa, descrente.

Os sonhos que teve nessa noite foram estranhos. Estava de volta a Monte Chifre, ao castelo, mas o pai não se encontrava lá. O castelo agora era de Sam. Jon Snow estava com ele. Lorde Mormont, o Velho Urso, também, bem como Grenn, Edd Doloroso, Pyp e o Sapo e todos os outros irmãos da Patrulha, mas usavam cores vivas em vez de negro. Sam sentou-se à mesa e banqueteou-os a todos, cortando grossas fatias de um assado com a espada longa do pai, Veneno do Coração. Havia bolos doces para comer e vinho com mel para beber, havia canto e dança, e todo mundo estava aquecido. Quando o banquete terminou, subiu para dormir; não até o quarto do senhor, onde a mãe e o pai viviam, mas para o quarto que antes dividia com as irmãs. Porém, em vez das irmãs, era Goiva quem esperava na enorme cama macia, sem nenhuma roupa exceto uma grande pele hirsuta, com leite escorrendo de seus seios.

Acordou subitamente, cheio de frio e de terror.

A fogueira reduzira-se a brasas rubras. O próprio ar parecia congelado, de tão intenso que era o frio. No canto, o garrano relinchava e escoiceava as toras. Goiva estava sentada ao lado da fogueira, abraçada ao bebê. Sam sentou-se, atordoado, com o hálito saindo em nuvens brancas de sua boca. O salão encontrava-se escuro, cheio de sombras, negras e outras mais negras ainda. Os pelos de seus braços estavam em pé.

Não é nada, disse a si mesmo. *Tenho frio, é só isso*.

Então, junto à porta, uma das sombras moveu-se. Uma sombra grande.

Isso ainda é um sonho, rezou Sam. *Oh, faça com que eu continue a dormir, faça com que isso seja um pesadelo. Ele está morto, ele está morto, eu vi-o morrer.*

– Ele veio buscar o bebê – chorou Goiva. – Sente o cheiro dele. Um bebê recém-nascido fede a vida. Ele veio buscar a vida.

A enorme silhueta escura curvou-se sob o lintel, entrou no salão e aproximou-se deles arrastando os pés. À luz tênue da fogueira, a sombra transformou-se em Paul Pequeno.

– Vá embora – coaxou Sam. – Não o queremos aqui.

As mãos de Paul eram carvão, seu rosto, leite, os olhos brilhavam com um azul amargo. A geada esbranquiçava sua barba e sobre um ombro empoleirava-se um corvo, bicando seu rosto, comendo a carne morta e branca. A bexiga de Sam largou-se, e sentiu o calor que corria pernas abaixo.

– Goiva, acalme o cavalo e leve-o lá para fora. Faça o que eu digo.

– Você... – começou ela.

– Eu tenho a faca. O punhal de vidro de dragão. – Puxou-o às apalpadelas enquanto se punha em pé. Tinha dado a primeira faca a Grenn, mas felizmente lembrou-se de trazer o punhal de Lorde Mormont antes de fugir da Fortaleza de Craster. Agarrou-o bem, afastando-se da fogueira, afastando-se de Goiva e do bebê. – Paul? – pretendera soar bravo, mas a palavra tinha saído como um guincho. – Paul Pequeno. Reconhece-me? Sou o Sam, o gordo Sam, Sam, o Assustado, salvou-me na floresta. Carregou-me quando não consegui dar nem mais um passo. Ninguém mais poderia ter feito isso, mas você fez. – Sam recuou, de faca na mão, fungando. *Sou um covarde tão grande*. – Não nos faça mal, Paul. Por favor. Por que quereria nos fazer mal?

Goiva começou a engatinhar, de costas, pelo chão de terra batida. A criatura virou a cabeça para olhá-la, mas Sam gritou "*NÃO!*", e Paul voltou a se virar. O corvo em seu ombro arrancou-lhe uma tira de carne da bochecha pálida e arruinada. Sam levantou o punhal à sua frente, respirando como um fole de ferreiro. Do outro lado do salão, Goiva chegou junto do garrano. *Deuses, deem-me coragem*, rezou Sam. *Por uma vez, deem-me um pouco de coragem. Só durante tempo suficiente para ela sair.*

Paul Pequeno dirigiu-se a ele. Sam recuou até se encostar em uma rústica parede de troncos. Agarrou o punhal com ambas as mãos para mantê-lo firme. A criatura não pareceu temer o vidro de dragão. Talvez não soubesse o que era. Movia-se lentamente, mas Paul Pequeno nunca fora rápido, mesmo em vida. Atrás dele, Goiva

murmurou para acalmar o garrano e tentar fazê-lo se dirigir para a porta. Mas o cavalo deve ter sentido um pouco do odor estranho e frio da criatura. De repente, recuou, empinando-se, golpeando com os cascos o ar glacial. Paul girou na direção do som e pareceu perder todo o interesse em Sam.

Não houve tempo para pensar, rezar ou ter medo. Samwell Tarly atirou-se para a frente e mergulhou o punhal nas costas de Paul Pequeno. Meio virada, a criatura não chegou a vê-lo. O corvo soltou um guincho e levantou voo.

– Está morto! – gritou Sam enquanto apunhalava. – Está morto, está morto. – Apunhalava e gritava, uma vez, e outra, e outra, rasgando enormes buracos no pesado manto negro de Paul. Cacos de vidro de dragão voaram por todo lado quando a lâmina se estilhaçou na malha de ferro por baixo da lã.

O gemido de Sam criou uma névoa branca no ar negro. Soltou o cabo agora inútil e deu um passo apressado para trás enquanto Paul Pequeno se virava. Antes de conseguir puxar a outra faca, a faca de aço que todos os irmãos usavam, as mãos negras da criatura fecharam-se sob seu queixo. Os dedos de Paul estavam tão frios que pareciam queimar. Enterraram-se profundamente na carne mole da garganta de Sam. *Foge, Goiva, foge*, quis gritar, mas quando abriu a boca, apenas surgiu um ruído afogado.

Seus dedos atrapalhados finalmente encontraram o punhal, mas quando o empurrou contra a barriga da criatura, a ponta resvalou nos elos de ferro, e a lâmina saltou rodopiando da mão de Sam. Os dedos de Paul apertaram inexoravelmente e começaram a torcer. Ele vai arrancar minha cabeça, pensou Sam em desespero. Sentia a garganta gelada, tinha os pulmões em fogo. Esmurrou e puxou os pulsos da criatura, inutilmente. O mundo reduziu-se a duas estrelas azuis, a uma terrível dor esmagadora e a um frio tão intenso que as lágrimas congelaram sobre seus olhos. Sam contorceu-se e puxou-se, desesperado... e então inclinou-se para a frente.

Paul Pequeno era grande e poderoso, mas Sam ainda pesava mais do que ele, e as criaturas eram desajeitadas, ele tinha visto no Punho. A súbita mudança de equilíbrio levou Paul a dar um passo cambaleante para trás, e o homem vivo e o morto estatelaram-se juntos. O impacto arrancou uma mão da garganta de Sam, e este conseguiu encher rapidamente os pulmões de ar antes que os dedos gelados e negros voltassem. O sabor do sangue tomou sua boca. Torceu o pescoço, em busca da faca, e viu um tênue clarão laranja. *A fogueira!* Só restavam brasas e cinzas, mesmo assim... não conseguia respirar, nem pensar... Sam contorceu-se para o lado, puxando Paul consigo... seus braços bateram no chão de terra, tateando, esticando-se, espalhando as cinzas, até por fim encontrarem algo quente... um

pedaço de madeira carbonizada, com brasas vermelhas e laranja dentro da parte negra... os dedos fecharam-se em volta dela e enfiou-a na boca de Paul, com tanta força que sentiu os dentes se quebrando.

Mesmo assim, a criatura não fraquejou. Os últimos pensamentos de Sam dirigiram-se à mãe que o amara e ao pai que desiludira. O salão já girava em sua volta quando viu o fio de fumaça que subia de entre os dentes quebrados de Paul. Então o rosto do morto estourou em chamas, e as mãos se foram.

Sam bebeu o ar, e rolou debilmente para longe. A criatura ardia, com geada escorrendo, pingando, de sua barba enquanto a pele, por baixo, enegrecia. Sam ouviu o corvo guinchar, mas Paul não soltou um som. Quando a boca se abriu, só saíram chamas. E os seus olhos... *Desapareceu, o brilho azul desapareceu*.

Arrastou-se para a porta. O ar estava tão frio que respirar doía, mas era uma dor tão boa e doce. Abaixou-se para sair do salão.

– Goiva? – chamou. – Goiva, matei-o. Gil...

Ela estava em pé, encostada ao represeiro, com o menino nos braços. As criaturas rodeavam-na. Eram uma dúzia, uma vintena, mais... algumas tinham sido selvagens um dia, e ainda usavam peles... mas as que tinham sido irmãos de Sam eram mais numerosas. Viu Lark, o homem das Irmãs, Pé-Leve, Ryles. O quisto no pescoço de Chett estava negro e as pústulas estavam cobertas por uma fina película de gelo. E aquele parecia-se com Hake, embora fosse difícil ter certeza com metade da cabeça faltando. Tinham despedaçado o pobre garrano, e estavam arrancando suas entranhas com mãos que pingavam vermelho. Vapor esbranquiçado subia da barriga dele.

Sam soltou um gemido.

– Não é justo...

"*Justo*." O corvo pousou em seu ombro. "*Justo, justo, justo*." Bateu as asas e acompanhou o grito de Goiva. As criaturas estavam quase em cima dela. Sam ouviu as folhas vermelho-escuras do represeiro restolhar, sussurrando umas para as outras numa língua que não conhecia. A própria luz das estrelas parecia se agitar, e por toda a volta as árvores gemiam e estalavam. Sam Tarly ficou da cor do leite coalhado, e seus olhos esbugalharam-se. *Corvos!* Estavam no represeiro, às centenas, aos milhares, empoleirados em galhos brancos como ossos, espreitando através das folhas. Viu seus bicos abrirem quando gritaram, viu-os abrirem suas asas negras. Guinchando, batendo as asas, caíram sobre as criaturas em nuvens furiosas. Um enxame deles rodeou o rosto de Chett e lançou-lhe bicadas nos olhos azuis, cobriram o homem das Irmãs como moscas, arrancaram pedaços de carne crua de dentro da cabeça desfeita de Hake. Havia tantos que, quando Sam olhou para cima, não conseguiu ver a lua.

"*Vá*", disse a ave que se empoleirava em seu ombro. "*Vá, vá, vá*."

Sam correu, com nuvens de geada explodindo de sua boca. A toda a volta, as criaturas brandiam os braços contra as asas negras e os bicos certeiros que as atacavam, caindo num silêncio arrepiante sem soltar um grunhido ou um grito. Mas os corvos ignoravam Sam. Pegou na mão de Goiva e puxou-a para longe do represeiro.

– Temos de ir.

– Mas para onde? – Goiva seguiu-o correndo, trazendo o bebê. – Eles mataram o cavalo, como vamos...

– *Irmão!* – o grito atravessou a noite, atravessando os guinchos de um milhar de corvos. Sob as árvores, um homem, envolto da cabeça aos pés numa confusão de negros e cinza, montava um alce. – *Aqui* – gritou o cavaleiro. Um capuz engolia seu rosto.

Ele veste negro. Sam empurrou Goiva na direção do homem. O alce era enorme, um alce gigante, com três metros de altura no cachaço, e com um par de chifres que tinham quase outros tantos metros de largura. O animal caiu de joelhos para permitir que montassem.

– Aqui – disse o cavaleiro, estendendo uma mão enluvada para puxar Goiva para trás de si. Então foi a vez de Sam.

– Muito obrigado – bufou. Só quando agarrou a mão oferecida percebeu que o cavaleiro não usava luvas. A mão era negra e fria, com dedos duros como pedra.

Arya

Quando atingiram o topo da cumeeira e viram o rio, Sandor Clegane puxou as rédeas com força e praguejou.

A chuva caía de um céu negro de ferro, espicaçando a torrente verde e marrom com dez mil espadas. *Deve ter um quilômetro e meio de largura*, pensou Arya. As copas de meia centena de árvores projetavam-se das águas rodopiantes, com ramos que tentavam se agarrar ao céu como os braços de homens arrastados pela corrente. Espessos tapetes de folhas encharcadas entupiam a margem, e mais para dentro do canal vislumbrou algo claro e inchado, um veado ou talvez um cavalo morto, deslocando-se rapidamente para jusante. E também se ouvia um som, um rumor surdo no limite da audição, como o ruído que um cão solta logo antes de rosnar.

Arya contorceu-se na sela e sentiu os elos da cota de malha do Cão de Caça enterrando-se em suas costas. Os braços dele rodeavam-na; no esquerdo, o queimado, tinha colocado um braçal de aço para protegê-lo, mas vira-o trocando as ataduras e o braço por baixo continuava em carne viva e cheio de pus. Mas se as queimaduras doíam, Sandor Clegane não demonstrava.

– Isto é a Torrente da Água Negra? – tinham cavalgado tanto pela chuva e na escuridão, através de bosques sem trilhas e aldeias sem nome, que Arya perdera qualquer noção de onde se encontravam.

– É um rio que temos de atravessar, isso é tudo que você precisa saber.

Clegane respondia-lhe de vez em quando, mas prevenira-a para não retrucar. Tinha lhe dado um monte de avisos naquele primeiro dia.

– Da próxima vez que me bater, amarro suas mãos atrás das costas – disse. – Da próxima vez que tentar fugir, amarro seus pés um ao outro. Chore, grite ou volte a me morder, e amordaço você. Podemos seguir montados um atrás do outro, ou posso atirá-la na garupa do cavalo, amarrada como uma porca a caminho da matança. Quem escolhe é você.

Ela escolhera ir montada, mas da primeira vez que acamparam tinha esperado até julgar que ele dormia e arranjado uma grande pedra irregular para lhe esmagar a cabeça. *Silenciosa como uma sombra*, disse a si mesma enquanto se aproximava dele, pé ante pé, mas o silêncio não fora suficiente. No fim das contas, Cão de Caça não estava dormindo. Ou talvez tivesse acordado. Fosse como fosse, seus olhos se abriram, sua boca torceu-se e ele tirou a pedra de Arya como se ela fosse um bebê. A única coisa que conseguiu fazer foi chutá-lo.

– Dessa vez passa – disse ele quando atirou a pedra para o meio

dos arbustos. – Mas se for suficientemente burra para voltar a tentar, vou machucá-la.

– Por que é que não me *mata*, como fez com o Mycah? – tinha gritado Arya.

A essa altura, ainda estava desafiadora, mais zangada do que assustada.

Ele respondeu agarrando a parte da frente da túnica dela e puxando-a até que encostasse em seu rosto queimado.

– Da próxima vez que disser esse nome, dou-lhe uma sova tão grande que vai *desejar* que tivesse matado você.

Depois disso, enrolava-a na manta do cavalo todas as noites quando ia dormir e atava cordas em volta da parte de cima e da parte de baixo do corpo dela, deixando-a tão apertada quanto um bebê enfaixado.

Tem de ser a Água Negra, decidiu Arya enquanto observava a chuva açoitando o rio. Cão de Caça era o cão de Joffrey; estava levando-a de volta para a Fortaleza Vermelha, para entregá-la a Joffrey e à rainha. Desejou que o sol surgisse para poder ver em que direção seguiam. Quanto mais olhava para o musgo nas árvores, mais confusa ficava. *A Água Negra não era tão larga em Porto Real, mas isso foi antes das chuvas*.

– Os vaus vão estar todos impossíveis – disse Sandor Clegane –, e também não me agrada tentar atravessar a nado.

Não há maneira de atravessar, pensou ela. *Lorde Beric vai nos alcançar com certeza*. Clegane forçara bastante o seu grande garanhão negro, voltando três vezes para trás, a fim de despistar os perseguidores, chegando até a avançar ao longo de quase um quilômetro pelo leito de um riacho em cheia... mas Arya ainda esperava ver os fora da lei sempre que olhava para trás. Tinha tentado ajudá-los arranhando o nome nos troncos de árvores quando ia para o meio dos arbustos tirar a água do joelho, mas na quarta vez Cão de Caça a flagrou e pôs fim à tentativa. *Não importa*, tinha dito Arya a si mesma, *Thoros vai me encontrar em suas chamas*. Só que isso não tinha acontecido. Ainda não, pelo menos, e depois de atravessarem o rio...

– A vila de Harroway não deve estar longe – disse Cão de Caça. – Onde o Lorde Roote abriga o cavalo de água de duas cabeças do Velho Rei Andahar. Talvez atravessemos nele.

Arya nunca ouvira falar do Velho Rei Andahar. Também nunca vira um cavalo com duas cabeças, particularmente um que fosse capaz de correr sobre água, mas sabia que não era boa ideia fazer perguntas. Controlou a língua e ficou rígida sobre a sela enquanto Cão de Caça virava a cabeça do garanhão e trotava ao longo da cumeeira, seguindo o rio para jusante. Pelo menos, naquela direção a chuva batia nas costas. Já estava farta de ter a chuva picando os olhos, deixando-a

quase cega, e correndo pelo seu rosto como se fossem lágrimas. *Os lobos nunca choram*, voltou a lembrar a si mesma.

Não podia passar muito do meio-dia, mas o céu estava escuro como no anoitecer. Arya já tinha perdido a conta dos dias em que não viam o sol. Estava ensopada até os ossos, esfolada pela sela, tinha o nariz entupido e sentia-se dolorida. Também tinha febre, e às vezes tremia descontroladamente, mas quando disse ao Cão de Caça que estava doente, ele limitou-se a rosnar para ela e mandar que ela limpasse o nariz e fechasse a boca.

– Ele passava agora metade do tempo dormindo na sela, confiando que o garanhão seguisse o caminho rural sulcado ou a trilha de caça em que se encontrassem. O cavalo era um corcel pesado, quase tão grande quanto um cavalo de batalha, mas muito mais rápido. Cão de Caça chamava-o de *Estranho*. Arya tentou roubá-lo uma vez, no momento em que Clegane urinava contra uma árvore, pensando que talvez conseguisse se afastar antes de ele alcançá-la. Estranho quase lhe arrancara o rosto com os dentes. Com o dono, era gentil como um velho castrado, mas com outras pessoas tinha um temperamento tão negro quanto o pelo. Nunca vira um cavalo tão rápido em morder ou escoicear.

Seguiram pela margem do rio durante horas, passando por dois afluentes lamacentos antes de chegarem ao lugar que Sandor Clegane mencionara.

– A Vila de Lorde Harroway – disse, e depois, quando a viu: – *Sete infernos!* – a vila estava submersa e desolada. As águas da enchente tinham transbordado as margens do rio. Tudo que restava da vila de Harroway era o andar superior de uma estalagem de taipa, a cúpula de sete lados de um septo afundado, dois terços de uma torre redonda de pedra, alguns telhados de sapê bolorentos e uma floresta de chaminés.

Mas Arya viu que saía fumaça da torre, e um barco largo de fundo achatado encontrava-se bem amarrado por baixo de uma janela em arco. O barco tinha uma dúzia de toletes e um par de grandes esculturas de cabeça de cavalo, montadas na proa e na popa. *O cavalo de duas cabeças*, compreendeu. Havia uma casa de madeira com telhado de turfa bem no meio do convés, e quando Cão de Caça pôs as mãos em volta da boca e gritou, dois homens correram para fora. Um terceiro surgiu na janela da torre, trazendo uma besta engatilhada.

– *O que quer?* – gritou por sobre as turbulentas águas marrons.

– *Leve-nos para o outro lado* – gritou o Cão de Caça em resposta.

Os homens no barco conferenciaram um com o outro. Um deles, um homem grisalho com braços fortes e costas arqueadas, aproximou-se da amurada.

– *Vai custar dinheiro.*

– *Então pagarei.*

Com o quê?, perguntou Arya a si mesma. Os fora da lei tinham levado o ouro de Clegane, mas talvez Lorde Beric lhe tivesse deixado um pouco de prata e cobre. Uma travessia de barco não devia custar mais do que alguns cobres...

Os barqueiros estavam de novo conversando. Por fim, o das costas arqueadas virou-se e soltou um grito. Surgiram mais seis homens, puxando capuzes por sobre a cabeça para se protegerem da chuva. Outros ainda torceram-se para fora da janela da torre e saltaram para o convés. Metade deles era suficientemente parecida com o homem corcunda para ser de sua família. Alguns desataram as correntes e pegaram em longas varas, enquanto outros encaixaram pesados remos de lâmina larga nos toletes. O barco girou e começou a se aproximar lentamente dos baixios, com os remos batendo regularmente na água de ambos os lados. Sandor Clegane desceu a colina para ir ao seu encontro.

Quando a parte de trás do barco colidiu com a encosta da colina, os barqueiros abriram uma porta larga que havia por baixo da cabeça esculpida do cavalo, e estenderam uma pesada prancha de carvalho. Estranho refugou à beira da água, mas Cão de Caça enterrou os calcanhares no flanco do corcel e incitou-o a subir na prancha. O homem corcunda esperava-os no convés.

– Está úmido o suficiente para você, sor? – perguntou, sorrindo.

A boca de Cão de Caça torceu-se.

– Preciso de seu barco, não das suas gracinhas. – Desmontou e puxou Arya para baixo. Um dos barqueiros estendeu a mão para o freio do Estranho. – Eu não faria isso – disse Clegane, no momento em que o cavalo escoiceava. O homem saltou para trás, escorregou no convés tornado traiçoeiro pela chuva, e estatelou-se sobre o traseiro, xingando.

O barqueiro com as costas arqueadas já não estava sorrindo.

– Podemos levá-lo para o outro lado – disse ele num tom irritado. – Irá custar uma peça de ouro para você. Outra pelo cavalo. Uma terceira pelo rapaz.

– Três dragões? – Clegane latiu uma gargalhada. – Por três dragões devia me tornar dono da porcaria do barco.

– No ano passado, talvez se tornasse. Mas com este rio, vou precisar de mãos extras nas varas e nos remos só para tratar de não sermos arrastados cento e cinquenta quilômetros até o mar. As suas opções são essas. Três dragões, ou então ensinar esse seu cavalo infernal a caminhar sobre a água.

– Gosto de um bandoleiro honesto. Que seja como pretende. Três dragões... quando nos deixar a salvo na margem norte.

– Quero-os agora, senão não vamos. – O homem esticou uma mão

grossa e cheia de calos, com a palma para cima.

Clegane sacudiu a espada para que a lâmina se soltasse dentro da bainha.

– Aqui tem as *suas* opções. Ouro na margem norte, ou aço na margem sul.

O barqueiro ergueu os olhos para o rosto de Cão de Caça. Arya percebeu que o homem não gostou do que viu ali. Tinha uma dúzia de homens atrás de si, homens fortes com remos e varas de madeira dura nas mãos, mas nenhum deles estava se adiantando para ajudá-lo. Juntos, poderiam dominar Sandor Clegane, embora ele provavelmente matasse três ou quatro antes de o derrubarem.

– Como é que eu sei que tem o dinheiro? – perguntou o corcunda após um momento.

Não tem, ela quis gritar. Em vez disso, mordeu o lábio.

– Honra de cavaleiro – disse Cão de Caça, sem sorrir.

Ele nem sequer é um cavaleiro. Também não disse isso.

– Serve. – O barqueiro cuspiu. – Então venha, podemos levá-lo para a outra margem antes de escurecer. Amarre o cavalo, não o quero espantado quando estivermos a caminho. Há um braseiro na cabine se você e o seu filho quiserem se aquecer.

– *Não sou o estúpido filho dele!* – disse Arya, furiosa. Aquilo era ainda pior do que ser confundida com um menino. Estava tão zangada que poderia ter lhes dito quem *realmente* era, mas Sandor Clegane agarrou-a pela parte de trás do colarinho e ergueu-a do convés com apenas uma mão.

– Quantas vezes tenho de lhe dizer para *fechar a merda dessa boca?* – sacudiu-a com tanta força que os dentes matraquearam e depois deixou-a cair. – Vá lá para dentro e seque-se, como o homem disse.

Arya fez o que lhe foi ordenado. O grande braseiro de ferro brilhava, vermelho, enchendo a sala com um calor carregado e sufocante. Era agradável estar junto a ele, aquecer as mãos e secar-se um pouco, mas assim que sentiu o convés mover-se debaixo dos pés, voltou a deslizar pela porta da frente.

O cavalo de duas cabeças deslocava-se lentamente pelos baixios, abrindo caminho por entre as chaminés e os telhados da submersa Harroway. Uma dúzia de homens labutava aos remos, enquanto outros quatro usavam as longas varas para empurrar o barco sempre que se aproximassem de uma pedra, uma árvore ou uma casa afundada. O homem corcunda manejava o leme. A chuva tamborilava nas tábuas lisas do convés e respingava nas grandes cabeças de cavalo esculpidas que ficavam na proa e na popa. Arya estava ficando ensopada de novo, mas não se importava. Queria ver. Viu que o homem com a besta ainda se encontrava na janela da torre. Seus olhos seguiram-na

enquanto o barco deslizava por baixo. Perguntou a si mesma se seria ele o tal Lorde Roote que Cão de Caça mencionara. *Não se parece muito com um senhor*. Mas a verdade era que ela também não se parecia muito com uma senhora.

Depois de estarem fora da vila e no rio propriamente dito, a corrente ficou muito mais forte. Através da neblina cinzenta da chuva Arya conseguiu distinguir um alto pilar de pedra na outra margem, que certamente assinalava o cais para o barco, mas assim que o viu compreendeu que estavam sendo empurrados para longe dele, para jusante. Os remadores agora estavam remando com mais vigor, lutando contra a fúria do rio. Folhas e galhos partidos passaram pelo barco rodopiando, tão depressa como se tivessem sido disparados de uma balista. Os homens das varas inclinavam-se para fora e empurravam para longe qualquer coisa que se aproximasse em excesso. Ali também fazia mais vento. Sempre que se virava para olhar para montante, Arya ficava com o rosto molhado da chuva soprada pelo vento. Estranho relinchava e escoiceava enquanto o convés se movia por baixo de suas patas.

Se eu saltasse pela borda, o rio iria me levar antes mesmo que o Cão de Caça desse por minha falta. Olhou por sobre um ombro, e viu Sandor Clegane lutando com o cavalo assustado, tentando acalmá-lo. Nunca teria uma oportunidade melhor de se ver livre dele. *Mas poderia me afogar*. Jon costumava dizer que ela nadava como um peixe, mas até um peixe podia ter problemas naquele rio. Mesmo assim, o afogamento podia ser melhor do que Porto Real. Pensou em Joffrey e aproximou-se lentamente da proa. O rio estava marrom-escuro, devido à lama, e era açoitado pela chuva, parecendo-se mais com uma sopa do que com água. Arya perguntou a si mesma se a água estaria muito fria. *Não posso ficar muito mais molhada do que estou agora*. Apoiou uma mão na amurada.

Mas um súbito grito fez Arya virar a cabeça antes de ter tempo de saltar. Os barqueiros corriam em frente, de varas na mão. Por um momento não compreendeu o que estava acontecendo. Então viu: uma árvore desenraizada, enorme e escura, que vinha direto na direção do barco. Um emaranhado de raízes e ramos projetava-se da água como os braços estendidos de uma grande lula gigante. Os homens remavam freneticamente para trás, tentando evitar uma colisão que poderia virar o barco ou abrir um rombo em seu casco. O velho tinha virado o leme por completo, e o cavalo da proa estava se voltando para jusante, mas muito devagar. Cintilando em castanho e negro, a árvore corria para eles como um aríete.

Não podia estar a mais de três metros da proa quando dois dos barqueiros conseguiram encostar suas longas varas nela. Uma partiu-se, e o longo *craaac* do estilhaçamento fez com que parecesse que o

barco estava se desfazendo por baixo deles. Mas o segundo homem conseguiu dar um forte empurrão no tronco, apenas o suficiente para afastá-lo. A árvore passou pelo barco a grande velocidade, a uma distância apenas de centímetros, com os galhos arranhando a cabeça de cavalo como se fossem garras. No momento em que pareciam estar a salvo, um dos ramos superiores do monstro deu-lhes uma pancada de raspão. O barco pareceu estremecer, e Arya escorregou, caindo dolorosamente sobre um joelho. O homem com a vara quebrada não teve tanta sorte. Arya ouviu-o gritar quando tropeçou na amurada. Depois, as furiosas águas marrons fecharam-se sobre ele, e o barqueiro desapareceu no tempo que Arya demorou para voltar a ficar em pé. Um dos outros homens pegou um rolo de corda, mas não havia ninguém a quem atirá-la.

Talvez seja levado a algum lugar, mais abaixo, Arya tentou dizer a si mesma, mas o pensamento soava oco. Tinha perdido todo o desejo de nadar. Quando Sandor Clegane gritou para que voltasse para dentro antes que lhe desse uma surra, Arya obedeceu docilmente. A essa altura, o barco lutava para voltar à rota, contra um rio que só desejava levá-lo para o mar.

Quando por fim atracaram, foi a uma considerável distância do embarcadouro habitual. O barco bateu com tanta força na margem que outra vara se partiu, e Arya quase se desequilibrou mais uma vez. Sandor Clegane colocou-a no dorso de Estranho como se não fosse mais pesada do que uma boneca. Os barqueiros fitaram-nos com olhos baços e exaustos, todos menos o corcunda, que estendeu a mão.

– Seis dragões – exigiu. – Três pela passagem, e três pelo homem que perdi.

Sandor Clegane esquadrinhou a bolsa e jogou na palma da mão do homem um maço amarrotado de pergaminho.

– Tome. Fique com dez.

– Dez? – o barqueiro estava confuso. – O que é isso agora?

– Uma nota de um morto, que vale nove mil dragões, ou por aí. – Cão de Caça saltou para a sela atrás de Arya e deu um sorriso desagradável ao homem. – Dez são seus. Um dia voltarei para vir buscar o resto, por isso vê lá se não gasta tudo.

O homem semicerrou os olhos para o pergaminho.

– Escrita. De que vale a escrita? Prometeu ouro. Honra de cavaleiro, você disse.

– Os cavaleiros não têm honra nenhuma. Já é hora de aprender isso, velho. – Cão de Caça esporeou o cavalo e afastou-se a galope através da chuva. Os barqueiros lançaram pragas às suas costas, e um ou dois arremessaram pedras. Clegane ignorou tanto as pedras como as palavras, e pouco tempo depois estavam perdidos na sombra das árvores, com o rio reduzido a um rugido minguante atrás deles. – O

barco não voltará a atravessar até amanhã – disse – e aqueles ali não aceitarão promessas de papel dos próximos idiotas que aparecerem. Se os seus amigos vierem atrás de nós, vão ter de ser nadadores fortes como o diabo.

Arya encolheu-se e ficou calada. *Valar morghulis*, pensou, de mau humor. *Sor Ilyn, Sor Meryn, Rei Joffrey, Rainha Cersei. Dunsen, Polliver, Raff, o Querido, Sor Gregor e Cócegas. E Cão de Caça, Cão de Caça, Cão de Caça.*

Quando a chuva parou e as nuvens se abriram, estava tremendo e espirrando tanto que Clegane decidiu parar para a noite e até tentou acender uma fogueira. Mas a madeira que reuniram revelou-se encharcada demais. Nada que Cão de Caça fizesse era suficiente para que a centelha pegasse. Por fim, desfez o monte de lenha aos pontapés, irritado.

– Sete malditos infernos – praguejou. – Detesto fogueiras.

Sentaram-se em pedras molhadas por baixo de um carvalho, escutando o lento bater de água que pingava das folhas enquanto comiam um jantar frio de pão duro, queijo bolorento e salsicha defumada. Cão de Caça cortava a carne com o punhal e semicerrou os olhos quando flagrou Arya olhando para a faca.

– Nem pense nisso.

– Não estava pensando – mentiu ela.

Ele fungou, para mostrar o que pensava daquilo, mas deu-lhe uma grossa fatia de salsicha. Arya pôs-se a roê-la, observando-o enquanto comia.

– Nunca bati na sua irmã – disse Cão de Caça. – Mas bato em você, se me levar a isso. Pare de tentar pensar em maneiras de me matar. Nenhuma servirá de nada para você.

Ela não tinha resposta para aquela ameaça. Continuou roendo a salsicha e fitou-o friamente. *Dura como pedra*, pensou.

– Ao menos você olha para a minha cara. Isso admito, pequena loba. Gosta dela?

– Não. Está toda queimada e é feia.

Clegane ofereceu-lhe um pedaço de queijo com a ponta do punhal.

– É uma tolinha. De que adiantaria se *conseguisse* fugir? Acabaria sendo capturada por alguém pior.

– Não acabaria *nada* – insistiu ela. – Não há ninguém pior.

– Não conheceu o meu irmão. Gregor uma vez matou um homem por roncar. Um de seus próprios homens. – Quando sorriu, o lado queimado do rosto retesou-se, torcendo sua boca de uma maneira estranha e desagradável. Ele não tinha lábios desse lado, e a orelha não passava de um resto.

– Conheci o seu irmão, sim senhor. – A Montanha talvez fosse

pior, agora que Arya pensava nisso. – Conheci tanto ele qunato Dunsen, Polliver, Raff, o Querido, e Cócegas.

Cão de Caça pareceu surpreso.

– E como é que a preciosa filhinha de Ned Stark chegou a conhecer gente como essa? Gregor nunca traz suas ratazanas de estimação à corte.

– Conheço-os da aldeia. – Comeu o queijo, e estendeu a mão para um naco de pão duro. – A aldeia junto ao lago onde capturaram Gendry, eu e Torta Quente. Também capturaram Lommy Mãos-Verdes, mas Raff, o Querido, matou-o porque tinha a perna ferida.

A boca de Clegane torceu-se.

– Capturou-a? Meu irmão *capturou-a*? – Isso fez com que risse, um som amargo, em parte trovão, em parte rosnido. – Gregor nunca soube o que tinha nas mãos, não é? Não podia ter sabido, senão tinha arrastado você, esperneando e aos gritos, para Porto Real, e despejado no colo de Cersei. Oh, que maravilha. Não posso me esquecer de lhe dizer, antes de arrancar o coração dele.

Não era a primeira vez que ele falava em matar a Montanha.

– Mas ele é seu irmão – disse Arya, num tom hesitante.

– Nunca teve um irmão que quisesse matar? – voltou a rir. – Ou talvez uma irmã? – então deve ter visto qualquer coisa em seu rosto, porque se debruçou para mais perto. – Sansa. É isso, não é? A loba quer matar o passarinho.

– Não – cuspiu-lhe Arya em resposta. – Quero matar você.

– Por que cortei ao meio o seu amiguinho? Matei muitos mais do que ele, garanto. Acha que isso faz de mim um monstro qualquer. Bem, talvez faça, mas também salvei a vida de sua irmã. No dia em que a multidão a derrubou de cima do cavalo, abri caminho pelo meio deles com a espada e trouxe-a de volta ao castelo. Caso contrário, teriam dado a ela o mesmo que deram à Lollys Stokeworth. E cantou para mim. Não sabia disso, não é? Sua irmã cantou para mim uma cançãozinha doce.

– Está mentindo – disse ela de imediato.

– Não sabe nem metade do que pensa que sabe. A *Água Negra*? Onde, com os sete infernos, você acha que nós estamos? Para onde acha que vamos?

O escárnio na voz dele fez com que ela hesitasse.

– De volta a Porto Real – disse. – Vai me levar a Joffrey e à rainha. – De repente, só pelo modo como ele colocava as questões, compreendeu que se enganava. Mas tinha de dizer *alguma* coisa.

– Lobinha estúpida e cega. – A voz dele era áspera e dura como um raspar de ferro. – Que se dane o Joffrey, que se dane a rainha, e que se dane aquela gargulazinha retorcida que ela chama de irmão. Estou farto da cidade deles, farto da sua Guarda Real, farto de

Lannisters. O que faz um cão com leões, pergunto a você. – Estendeu a mão para o odre de água e bebeu um longo gole. Enquanto limpava a boca, ofereceu o odre a Arya e disse: – O rio era o Tridente, garota. O *Tridente*, não a Água Negra. Faça o mapa na cabeça, se for capaz. Amanhã devemos chegar à estrada do rei. Devemos avançar a bom ritmo depois disso, direto às Gêmeas. Serei eu quem vai entregá-la àquela sua mãe. Não o nobre senhor do relâmpago ou a fraude flamejante daquele sacerdote, o monstro. – Sorriu ao ver a expressão de seu rosto. – Acha que seus amigos fora da lei são os únicos capazes de farejar um resgate? Dondarrion ficou com o meu ouro, portanto eu fiquei com você. Diria que vale o dobro daquilo que me roubaram. Talvez até valesse mais se a vendesse de volta aos Lannister, como teme, mas não o farei. Até um cão se cansa de levar pontapés. Se este Jovem Lobo tiver a esperteza que os deuses concederam a um sapo, vai fazer de mim fidalgo e vai me suplicar para entrar no seu serviço. Ele *precisa* de mim, embora possa não saber disso ainda. Talvez chegue mesmo a matar Gregor em seu nome, ele haveria de gostar.

– Ele nunca o aceitará – cuspiu ela em resposta. – *Você*, não.

– Nesse caso, aceito tanto ouro quanto consiga carregar, rio na cara dele e vou embora. Se ele não me aceitar, seria esperto se me matasse, mas não o fará. É demasiado filho do seu pai, segundo tenho ouvido dizer. Por mim tudo bem. Seja como for, quem ganha sou eu. E você também, loba. Portanto pare de choramingar e de me responder torto, que eu estou farto. Mantenha a boca fechada e faça o que eu lhe disser, e talvez até cheguemos a tempo do maldito casamento de seu tio.

Jon

A égua estava esgotada, mas Jon não podia dar descanso a ela. Tinha de chegar à Muralha antes do Magnar. Teria dormido na sela se tivesse uma; na falta disso, já era suficientemente difícil manter-se montado quando acordado. Sua perna ferida doía cada vez mais. Não se atrevia a descansar tempo suficiente para permitir que sarasse. Em vez disso, reabria a ferida sempre que montava.

Quando chegou ao topo de uma elevação e viu os sulcos marrons da estrada do rei à sua frente, abrindo seu caminho sinuoso para o norte através de montes e planícies, deu palmadinhas no pescoço da égua e disse:

– Agora tudo que temos de fazer é seguir a estrada, garota. Em breve chegaremos à Muralha. – A essa altura, sua perna já havia se tornado rígida como madeira, e a febre o tinha deixado fora do ar que dera por si por duas vezes cavalgando na direção errada.

Em breve chegaremos à Muralha. Imaginava os amigos bebendo vinho quente na sala comum. Hobb estaria com suas panelas; Donal Noye, em sua forja; Meistre Aemon, em seus aposentos sob a colônia dos corvos. *E o Velho Urso? Sam, Grenn, Edd Doloroso, Dywen com os seus dentes de madeira...* Jon só podia rezar para que alguns deles tivessem escapado do Punho.

Ygritte também andava muito em seus pensamentos. Recordava o cheiro de seus cabelos, o calor de seu corpo... e a expressão em seu rosto no momento em que cortava a garganta do velho. *Fez mal em amá-la*, sussurrava uma voz. *Fez mal em deixá-la*, insistia uma voz diferente. Perguntava a si mesmo se o pai também se sentira assim dilacerado quando tinha deixado a mãe de Jon para voltar para junto da Senhora Catelyn. *Estava juramentado a Senhora Stark, e eu estou juramentado à Patrulha da Noite*.

Quando atravessou a Vila Toupeira, estava a tal ponto febril que quase não reconheceu onde se encontrava. A maior parte da aldeia escondia-se no subsolo, com não mais de um punhado de pequenas cabanas à vista, à luz do quarto minguante. O bordel era um casebre não maior do que uma latrina, com uma lanterna vermelha rangendo ao vento, um olho injetado de sangue espiando a escuridão. Jon desmontou no estábulo anexo, quase caindo do cavalo enquanto acordava dois rapazes com um grito.

– Preciso de uma montaria nova, com sela e arreios – disse-lhes, num tom que não admitia discussões. Trouxeram-lhe o que pediu; e também um odre de vinho e meia fatia de pão de centeio. – Acordem a aldeia – disse-lhes. – Previna-os. Há selvagens a sul da Muralha. Juntem os seus bens e dirijam-se a Castelo Negro. – Empurrou-se para

o dorso do castrado negro que lhe deram, cerrando os dentes devido às dores que a perna lhe causava, e cavalgou rapidamente para o norte.

À medida que as estrelas começavam a desvanecer no céu oriental, a Muralha foi surgindo à sua frente, erguendo-se acima das árvores e das névoas da manhã. O luar cintilava, pálido, no gelo. Incentivou o castrado a avançar, seguindo a estrada lamacenta e escorregadia até ver as torres de pedra e os edifícios de madeira de Castelo Negro, aninhados como brinquedos quebrados sob a grande falésia de gelo. A essa altura a Muralha brilhava em tons de rosa e púrpura com a primeira luz da alvorada.

Nenhuma sentinela o desafiou ao passar pelos edifícios exteriores. Ninguém surgiu para barrar seu caminho. Castelo Negro parecia tanto uma ruína como Guardagris. Ervas daninhas marrons e quebradiças cresciam entre fendas nas pedras dos pátios. Neve antiga cobria o telhado da Caserna de Pederneira e encostava-se, em montículos empurrados pelo vento, à face norte da Torre de Hardin, onde Jon costumava dormir antes de ser nomeado intendente do Velho Urso. Dedos de fuligem manchavam a Torre do Senhor Comandante, nos locais onde a fumaça se derramara das janelas. Mormont tinha se mudado para a Torre do Rei após o incêndio, mas Jon também não viu luzes ali. Do chão não podia dizer se haveria sentinelas patrulhando a Muralha duzentos metros acima, mas não viu ninguém na enorme escada em zigue-zague que subia a face sul do gelo como se fosse um enorme relâmpago de madeira.

Mas subia fumaça pela chaminé do arsenal; só um fiapo, quase invisível contra o céu cinzento do Norte. Era o bastante. Jon desmontou e mancou para lá. Jorrava calor da porta aberta como se fosse o hálito quente do verão. Lá dentro, Donal Noye manejava só com um braço os seus foles junto ao fogo. Ergueu o olhar ao ouvir barulho.

– Jon Snow?

– Ele mesmo. – Apesar da febre, da exaustão, da perna, do Magnar, do velho, de Ygritte, de Mance, apesar de tudo, Jon sorriu. Era bom estar de volta, era bom ver Noye com a sua grande barriga e a manga arregaçada, com o queixo eriçado de curtos pelos negros.

O ferreiro largou os foles.

– A sua cara...

Quase tinha se esquecido do rosto.

– Um troca-peles tentou arrancar meu olho.

Noye franziu a testa.

– Marcada ou não, é uma cara que eu pensava que não voltaria a ver. Ouvimos dizer que tinha passado para o lado de Mance Rayder.

Jon agarrou-se à porta para se manter em pé.

– Quem lhe disse isso?

– Jarman Buckwell. Ele voltou há uma quinzena. Seus batedores dizem que viram você com os próprios olhos, acompanhando a coluna dos selvagens com um manto de pele de ovelha sobre os ombros. – Noye observou-o. – Vejo que a última parte é verdade.

– É tudo verdade – confessou Jon. – Até aí, pelo menos.

– Nesse caso, devia pegar uma espada para estripá-lo?

– Não. Estava agindo sob ordens. A última ordem de Qhorin Meia-Mão. Noye, onde está a guarnição?

– Defendendo a Muralha contra os seus amigos selvagens.

– Sim, mas *onde*?

– Por todo lado. Harma Cabeça de Cão foi vista em Atalaiabosque da Lagoa, Camisa de Chocalho no Monte Longo, Chorão perto de Marcagelo. Ao longo de toda a Muralha... estão aqui, estão ali, estão escalando perto do Portão da Rainha, estão atacando os portões de Guardagris, estão se reunindo para atacar Atalaialeste... mas um vislumbre de um manto negro e desaparecem. No dia seguinte, estão em outro lugar qualquer.

Jon engoliu um gemido.

– Simulações. Mance quer que fiquemos bem espalhados, não vê? – *E Bowen Marsh fez sua vontade*. – O portão está aqui. O ataque será aqui.

Noye atravessou a sala.

– Sua perna está ensopada de sangue.

Jon olhou para baixo, entorpecido. Era verdade. A ferida tinha voltado a abrir.

– Um ferimento de flecha...

– Uma flecha de selvagem. – Não era uma pergunta. Noye só tinha um braço, mas o que tinha era grosso e musculoso. Enfiou-o sob o de Jon para ajudar a apoiá-lo. – Está branco como leite, e fervendo. Vou levá-lo a Aemon.

– Não há tempo para isso. Há selvagens ao *sul* da Muralha, subindo de Coroadarrainha para abrir o portão.

– Quantos? – Noye quase carregou Jon porta fora.

– Cento e vinte, e bem armados para selvagens. Armaduras de bronze, alguns pedaços de aço. Quantos homens restam aqui?

– Quarenta e poucos – disse Donal Noye. – Os aleijados e os enfermos, e alguns rapazes verdes ainda em treinamento.

– Se Marsh partiu, quem foi que o nomeou como castelão?

O armeiro soltou uma gargalhada.

– Sor Wynton, que os deuses o protejam. O último cavaleiro no castelo, e tudo mais. O problema é que o Stout parece ter se esquecido e ninguém se apressou em lembrá-lo disso. Suponho que sou o melhor que temos agora como comandante. O mais feroz dos aleijados.

Pelo menos isso era bom. O armeiro maneta era obstinado, duro e bem experimentado na guerra. Sor Wynton Stout, por outro lado... bem, ele tinha sido um bom homem outrora, todos concordavam, mas passara oitenta anos como patrulheiro e tanto suas forças como seu juízo tinham sumido. Uma vez adormeceu durante o jantar e quase se afogou numa tigela de sopa de ervilhas.

– Onde está o seu lobo? – perguntou Noye enquanto atravessavam o pátio.

– Fantasma. Tive de abandoná-lo quando escalei a Muralha. Tinha esperança de que ele tivesse conseguido chegar aqui.

– Lamento, jovem. Não houve sinal dele. – Coxearam até a porta do meistre, no longo edifício de madeira sob a colônia de corvos. O armeiro deu um chute nela. – *Clydas!*

Após um momento, um homenzinho, de ombros curvados e vestido de negro pôs a cabeça para fora. Seus pequenos olhos cor-de-rosa esbugalharam-se ao ver Jon.

– Deite o moço, vou buscar o meistre.

Ardia um fogo na lareira, e a sala estava quase abafada. O calor deixou Jon sonolento. Assim que Noye o deitou de costas, fechou os olhos para fazer com que o mundo parasse de girar. Ouvia os corvos crocitando e protestando, na colônia, por cima de sua cabeça. "*Snow*", uma ave estava dizendo. "*Snow, snow, snow.*" Jon lembrou-se de que aquilo havia sido obra de Sam. Perguntou a si mesmo se Samwell Tarly teria retornado em segurança, ou se tinham sido apenas as aves dele.

Meistre Aemon não demorou a chegar. Deslocava-se lentamente, com uma mão manchada apoiada no braço de Clydas, enquanto avançava com pequenos passos cautelosos. Em volta de seu pescoço fino, a corrente caía pesadamente, com os elos de ouro e prata cintilando entre ferro, chumbo, estanho e outros metais menos nobres.

– Jon Snow – disse ele –, quando estiver mais forte, precisa me contar tudo o que viu e fez. Donal, ponha uma chaleira de vinho no fogo e os meus ferros também. Vou querê-los em brasa. Clydas, vou precisar daquela sua faca boa e afiada. – O meistre tinha mais de cem anos; era encolhido, frágil, calvo e bem cego. Mas se os seus olhos leitosos nada viam, a sua mente ainda era tão aguçada como sempre fora.

– Há selvagens a caminho – contou Jon, enquanto Clydas lhe abria os calções com uma faca, cortando o pesado pano negro, incrustado de sangue velho e empapado com o novo. – Vindos do sul. Nós escalamos a Muralha...

Meistre Aemon cheirou o curativo improvisado de Jon quando Clydas o cortou.

– Nós?

– Eu acompanhava-os. Qhorin Meia-Mão ordenou-me que me juntasse a eles. – Jon estremeceu quando o dedo do meistre explorou seu ferimento, cutucando e espetando. – O Magnar de Thenn... *aaaaaah*, isso dói. – Cerrou os dentes. – Onde está o Velho Urso?

– Jon... dói-me dizer isso, mas o Senhor Comandante Mormont foi assassinado na Fortaleza de Craster, pelas mãos de seus Irmãos Juramentados.

– Irm... *os nossos próprios homens*? – as palavras de Aemon doeram cem vezes mais do que os seus dedos. Jon recordou o Velho Urso como o vira pela última vez, em pé diante de sua tenda com o corvo no braço, crocitando, pedindo milho. *Mormont morto*? Temera isso desde que vira o resultado da batalha no Punho, mas nem assim o golpe era menor. – Quem foi? Quem é que se virou contra ele?

– Garth de Vilavelha, Ollo Mão-Cortada, Adaga... ladrões, covardes e assassinos, todos eles. Devíamos ter previsto que isso iria acontecer. A Patrulha não é o que já foi. Há homens honestos de menos para manter os patifes na linha. – Donal Noye virou as lâminas do meistre no fogo. – Uma dúzia de homens leais conseguiu voltar. Edd Doloroso, Gigante, seu amigo Auroque. Soubemos da história por eles.

Só uma dúzia? Tinham saído duzentos homens de Castelo Negro com o Senhor Comandante Mormont, duzentos dos melhores homens da Patrulha.

– Isso quer dizer então que Marsh é o Senhor Comandante? – a Velha Romã era amigável, e um diligente Primeiro Intendente, mas era completamente inadequado para enfrentar uma tropa de selvagens.

– Por enquanto, até organizarmos uma eleição – disse Meistre Aemon. – Clydas, traga-me o frasco.

Uma eleição. Com Qhorin Meia-Mão e Sor Jaremy Rykker mortos e Ben Stark ainda desaparecido, quem restava? Nem Bowen Marsh nem Sor Wynton Stout, isso era certo. Teria Thoren Smallwood sobrevivido ao Punho, ou Sor Ottyn Wythers? *Não, será Cotter Pyke ou Sor Denys Mallister*. Mas qual deles? Os comandantes da Torre Sombria e de Atalaialeste eram bons homens, mas muito diferentes; Sor Denys era cortês e cauteloso, tão cavalheiresco quanto idoso, Pyke era mais jovem, de nascimento bastardo, de língua rude e excessivamente ousado. Pior, os dois homens desprezavam-se mutuamente. O Velho Urso sempre os mantivera afastados, nas extremidades opostas da Muralha. Jon sabia que os Mallister possuíam uma desconfiança congênita com relação aos homens de ferro.

Uma punhalada de dor fez-lhe lembrar os próprios infortúnios. O meistre apertou sua mão.

– Clydas foi buscar leite de papoula.

Jon tentou se levantar.

– Não preciso...

– Precisa – disse Aemon com firmeza. – Isto vai doer.

Donal Noye atravessou a sala e obrigou Jon a se deitar novamente.

– Fique quieto, senão o amarro. – Mesmo com apenas um braço, o ferreiro controlava-o como se fosse uma criança.

Clydas voltou com um frasco verde e uma taça arredondada de pedra. Meistre Aemon encheu-a.

– Beba isto.

Jon tinha mordido o lábio. Sentiu o sabor do sangue misturado com o da sedimentosa poção branca. Quase vomitou.

Clydas trouxe uma bacia de água quente, e Meistre Aemon lavou o pus e o sangue do ferimento. Por mais gentil que fosse, até o toque mais leve fazia com que Jon quisesse gritar.

– Os homens do Magnar são disciplinados e têm armaduras de bronze – disse-lhes. Falar ajudava a manter a mente afastada da perna.

– O Magnar é um senhor em Skagos – disse Noye. – Havia skagositas em Atalaialeste quando cheguei à Muralha, lembro-me de ouvi-los falando dele.

– Jon está usando a palavra em seu sentido mais antigo, creio eu – disse Meistre Aemon –, não como nome de família, mas como título. Deriva do Idioma Antigo.

– Significa senhor – concordou Jon. – Styr é o Magnar de um lugar qualquer chamado Thenn, na extremidade norte das Presas de Gelo. Tem uma centena de seus homens e uma vintena de corsários que conhecem a Dádiva quase tão bem quanto nós. Mas Mance nunca chegou a encontrar o berrante, isso vale de alguma coisa. O Berrante do Inverno. Era isso que ele andava à procura nas escavações que fez nas nascentes do Guadeleite.

Meistre Aemon fez uma pausa, com o pano da lavagem na mão.

– O Berrante do Inverno é uma lenda antiga. O Rei-Para-lá-da-Muralha realmente acredita que tal coisa existe?

– Todos acreditam – disse Jon. – Ygritte disse que abriram uma centena de tumbas... tumbas de reis e heróis, ao longo de todo o vale do Guadeleite, mas não chegaram...

– Quem é Ygritte? – perguntou Donal Noye sem rodeios.

– Uma mulher do povo livre. – Como poderia explicar Ygritte para eles? *Ela é quente, esperta e engraçada, e tanto pode beijar um homem como rasgar seu pescoço*. – Ela está com Styr, mas não é... é jovem, só uma garota, na verdade, selvagem, mas ela... – *Ela matou um velho por fazer uma fogueira*. Sentiu a língua inchada e desajeitada. O leite de papoula estava anuviando seus pensamentos. – Quebrei os meus votos com ela. Não queria, mas... – *Foi errado. Foi errado amá-la,*

foi errado deixá-la... – Não fui suficientemente forte. O Meia-Mão ordenou-me, cavalgue com eles, observe, não posso vacilar, eu... – Sentia a cabeça como se estivesse recheada de lã molhada.

Meistre Aemon voltou a cheirar o ferimento de Jon. Então pôs o pano ensanguentado na bacia novamente e disse:

– Donal, a faca quente, por favor. Vou precisar que o mantenha imóvel.

Não gritarei, disse Jon a si mesmo quando viu a lâmina brilhando, rubra. Mas também quebrou esse voto. Donal Noye segurou-o enquanto Clydas ajudava a guiar a mão do meistre. Jon não se mexeu, salvo para esmurrar a mesa, uma vez e outra mais. A dor foi tão enormemente violenta que se sentiu pequeno, fraco e impotente dentro dela, uma criança choramingando no escuro. *Ygritte*, pensou, quando o fedor da carne queimada subiu ao seu nariz e o som de seu próprio berro ecoou nos ouvidos. *Ygritte, tive de fazer isso*. Durante meio segundo, a agonia começou a diminuir. Mas então o ferro voltou a tocá-lo e ele desmaiou.

Quando suas pálpebras se abriram, estremecendo, estava envolto em lãs espessas e flutuava. Parecia não ser capaz de se mover, mas não importava. Durante algum tempo, sonhou que Ygritte se encontrava ao seu lado, cuidando dele com mãos suaves. Por fim, fechou os olhos e adormeceu.

A segunda vez que acordou não foi tão branda. O quarto estava escuro, mas sob as mantas a dor tinha voltado, um latejar na perna que se transformava em uma faca quente ao menor movimento. Jon ficou sabendo disso da pior maneira possível, quando tentou ver se ainda tinha a perna. Arquejando, engoliu um grito e voltou a fechar o punho.

– Jon? – uma vela surgiu, e um rosto de que se recordava bem estava olhando-o, com orelhas grandes e tudo. – Não devia se mexer.

– Pyp? – Jon estendeu a mão para cima, e o outro rapaz apertou-a. – Pensava que você tinha ido...

– ... com a Velha Romã? Não, ele acha que eu sou muito pequeno e verde. Grenn também está aqui.

– Também estou aqui. – Grenn aproximou-se do outro lado da cama. – Acabei dormindo.

Jon tinha a garganta seca.

– Água – arquejou. Grenn trouxe-a e levou-a aos lábios de Jon. – Eu vi o Punho – disse depois de beber um longo trago. – O sangue, e os cavalos mortos... Noye disse que uma dúzia de homens conseguiu voltar... quem?

– Dywen conseguiu. Gigante, Edd Doloroso, Doce Donnel Hill, Ulmer, Lew Mão Esquerda, Garth Pena-Cinza. Mais quatro ou cinco. Eu.

– Sam?

Grenn afastou o olhar.

– Ele matou um dos Outros, Jon. Eu vi. Apunhalou-o com aquela faca de vidro de dragão que você fez para ele, e começamos a chamá-lo de Sam, o Matador. Ele detestava.

Sam, o Matador. Jon dificilmente conseguiria imaginar um guerreiro menos provável para receber tal nome do que Sam Tarly.

– O que aconteceu com ele?

– Nós o abandonamos. – Grenn soava infeliz. – Sacudi-o e gritei com ele, até dei um tabefe na cara dele. Gigante tentou puxá-lo para colocá-lo em pé, mas ele era pesado demais. Lembra-se de como ele costumava se enrolar no chão durante o treino e ficar ali choramingando? Na Fortaleza de Craster nem sequer choramingava. Adaga e Ollo estavam desfazendo as paredes à procura de comida, Garth e o outro Garth lutavam, alguns estupravam as mulheres de Craster. Edd Doloroso achou que o grupo do Adaga fosse matar todos os homens leais para evitar que contassem o que eles tinham feito, e eram dois para cada um de nós. Abandonamos Sam com o Velho Urso. Ele não queria se *mexer*, Jon.

Era seu irmão, quase disse. *Como pôde abandoná-lo no meio de selvagens e assassinos?*

– Ele pode ainda estar vivo – disse Pyp. – Pode pregar uma surpresa em todos nós e chegar aqui amanhã, a cavalo.

– Com a cabeça de Mance Rayder, sim. – Jon via que Grenn estava tentando parecer alegre. – Sam, o Matador!

Jon tentou se sentar novamente. Foi um erro tão grande como da primeira vez. Gritou, xingando.

– Grenn, vá acordar Meistre Aemon – disse Pyp. – Diga que o Jon precisa de mais leite de papoula.

Sim, pensou Jon.

– Não – disse. – O Magnar...

– Nós sabemos – disse Pyp. – As sentinelas na Muralha receberam ordens para manter um olho virado para o sul, e Donal Noye despachou alguns homens para o Espinhaço do Tempo, para vigiar a estrada do rei. Meistre Aemon também enviou aves para Atalaialeste e a Torre Sombria.

Meistre Aemon aproximou-se da cama, com uma mão no ombro de Grenn.

– Jon, seja brando consigo mesmo. É bom que tenha acordado, mas precisa de um tempo para sarar. Encharcamos o ferimento com vinho fervente e fechamo-lo com um cataplasma de urtigas, sementes de mostarda e pão bolorento, mas se não descansar...

– Não posso. – Jon lutou contra a dor para se sentar. – Mance estará aqui em breve... milhares de homens, gigantes, mamutes... a

notícia já foi enviada a Winterfell? Ao rei? – suor pingou de sua testa. Fechou os olhos por um momento.

Grenn dirigiu a Pyp um olhar estranho.

– Ele não sabe.

– Jon – disse Meistre Aemon –, aconteceram muitas coisas enquanto esteve longe, e poucas foram boas. Balon Greyjoy voltou a se coroar e mandou os seus dracares contra o Norte. Brotam reis de todos os lados como ervas daninhas, e enviamos apelos a todos eles, mas nenhum virá. Têm usos mais prementes para as suas espadas, e nós estamos longe e esquecidos. E Winterfell... Jon, seja forte... Winterfell já não existe.

– Não existe? – Jon fitou os olhos brancos e o rosto enrugado de Aemon. – Meus irmãos estão em Winterfell. Bran e Rickon...

O meistre tocou sua testa.

– Lamento tanto, Jon. Seus irmãos morreram por ordem de Theon Greyjoy, depois de tomar Winterfell em nome do pai. Quando os vassalos de seu pai ameaçaram retomar o castelo, Greyjoy entregou-o às chamas.

– Seus irmãos foram vingados – disse Grenn. – O filho de Bolton matou todos os homens de ferro, e dizem que está esfolando Theon Greyjoy centímetro por centímetro pelo que fez.

– Lamento, Jon. – Pyp apertou seu ombro. – Todos lamentamos.

Jon nunca gostara de Theon Greyjoy, mas ele fora protegido do pai. Outro espasmo de dor atacou sua perna e, sem saber como, viu-se de novo deitado de costas.

– Há algum engano – insistiu. – Em Coroadarrainha vi um lobo gigante, um lobo gigante *cinza*... cinza... *ele me reconheceu*. – Se Bran estava morto, poderia uma parte dele sobreviver em seu lobo, tal como Orell vivia no interior de sua águia?

– Beba isto. – Grenn levou uma taça aos lábios dele.

Jon bebeu. Tinha a cabeça cheia de lobos e águias e do som dos risos dos irmãos. Os rostos em volta dele começaram a se misturar e a desvanecer. *Eles não podem estar mortos. Theon nunca faria isso. E Winterfell... granito cinza, carvalho e ferro, corvos voando em volta das torres, vapor subindo das lagoas quentes no bosque sagrado, os reis de pedra sentados em seus tronos... como podia Winterfell ter desaparecido?*

Quando os sonhos o dominaram, viu-se de novo em casa, chapinhando nas lagoas quentes sob um enorme represeiro branco que tinha o rosto do pai. Ygritte acompanhava-o, rindo dele, livrando-se das peles até ficar nua como no dia de seu nome, tentando beijá-lo, mas ele não podia fazê-lo, com o pai a observar, não. Ele era do sangue de Winterfell, um homem da Patrulha da Noite. *Não gerarei um bastardo*, disse-lhe. *Não o farei. Não o farei.*

– Você não sabe nada, Jon Snow – sussurrou ela, com a pele se

dissolvendo na água quente, e a carne se desprendendo dos ossos até que só restaram o crânio e o esqueleto, e a lagoa borbulhava, espessa e rubra.

Catelyn

Ouviram o Ramo Verde antes de o verem, um sussurro incessante, como o rugido de um grande animal qualquer. O rio era uma torrente fervente, com uma largura vez e meia superior à que tinha no ano anterior, quando Robb dividiu o exército ali e jurou tomar uma Frey como noiva, o preço a pagar pela travessia. *Precisava então de Lorde Walder e de sua ponte, e precisa ainda mais deles agora*. O coração de Catelyn estava cheio de desconfianças enquanto observava as escuras águas verdes que passavam por ela rodopiando. *Não há como vadearmos isto, ou atravessarmos a nado, e pode se passar uma volta de lua até que estas águas baixem novamente*.

Quando se aproximaram das Gêmeas, Robb colocou a coroa e chamou Catelyn e Edmure para cavalgarem a seu lado. Sor Raynald Westerling levava o seu estandarte, o lobo gigante de Stark sobre o fundo cor de gelo.

As torres da guarita emergiram da chuva como fantasmas, aparições cinzentas e brumosas que iam ficando mais sólidas à medida que se aproximavam. A fortaleza Frey não era um castelo, mas dois; imagens espelhadas de pedra úmida, erguidas dos lados opostos da água, ligadas por uma grande ponte em arco. No centro dessa ponte estava a Torre da Água, com o rio correndo por baixo, direto e veloz. Tinham sido abertos canais nas margens, para formar fossos que transformavam cada uma das gêmeas numa ilha. As chuvas tinham transformado os fossos em lagos rasos.

Do outro lado das águas turbulentas, Catelyn conseguia ver vários milhares de homens acampados em volta do castelo oriental, com estandartes que pendiam, como outros tantos gatos afogados, das lanças à porta de suas tendas. A chuva tornava impossível distinguir cores e símbolos. A maioria era cinza, parecia a ela, se bem que, sob aquele tipo de céu, todo o mundo parecia cinza.

– Pise aqui com cautela, Robb – disse, prevenindo o filho. – Lorde Walder tem a pele fina e a língua afiada, e alguns desses seus filhos devem sem dúvida ter saído ao pai. Não pode deixar que o provoquem.

– Eu conheço os Frey, mãe. Sei quanto os injuriei e até que ponto *necessito* deles. Serei doce como um septão.

Catelyn mexeu-se desconfortavelmente na sela.

– Se nos forem oferecidos refrescos na chegada, não recuse sob nenhum pretexto. Aceite o que for oferecido, e coma e beba onde todos possam ver. Se nada for oferecido, peça pão, queijo e uma taça de vinho.

– Estou mais molhado do que faminto...

– Robb, *escute-me*. Depois de comer do seu pão e sal, tem os direitos do hóspede, e as leis da hospitalidade protegem-no sob o telhado dele.

Robb pareceu mais divertido do que assustado.

– Tenho um exército para me proteger, mãe, não preciso confiar em pão e sal. Mas se Lorde Walder desejar me servir corvo guisado recheado de larvas, vou comê-lo e pedirei uma segunda porção.

Quatro Frey saíram a cavalo da guarita ocidental, envoltos em pesados mantos e espessa lã cinza. Catelyn reconheceu Sor Ryman, filho do falecido Sor Stevron, o primogênito de Lorde Walder. Com o pai morto, Ryman era herdeiro das Gêmeas. O rosto que viu por baixo de seu capuz era robusto, largo e bruto. Os outros três eram provavelmente filhos dele, bisnetos de Lorde Walder.

Edmure confirmou essa suposição.

– Edwyn é o mais velho, o homem pálido e esguio com cara de prisão de ventre. O duro com a barba é Walder Negro, um tipo bem desagradável. Petyr vem no baio, é o rapaz com a cara destroçada. Os irmãos chamam-no de Petyr Espinha. É só um ano ou dois mais velho do que Robb, mas Lorde Walder casou-o aos dez anos com uma mulher com o triplo da idade dele. Deuses, espero que Roslin não se pareça com *ele*.

Pararam para permitir que os anfitriões viessem até eles. O estandarte de Robb pendia de seu mastro, e o som constante da chuva misturava-se com o estrondo do Ramo Verde em enchente, à direita. Vento Cinzento avançou ligeiramente, de cauda tesa, observando através de olhos rasgados de um dourado escuro. Quando os Frey se aproximaram até meia dúzia de metros, Catelyn ouviu-o rosnar, um ribombar profundo que parecia quase unir-se à fúria do rio. Robb pareceu alarmado.

– Vento Cinzento, aqui. *Aqui*!

Mas o lobo gigante saltou em frente, rosnando.

O palafrém de Sor Ryman recuou com um relincho de medo, e o de Petyr Espinha empinou-se e derrubou-o. Só Walder Negro manteve a montaria sob controle. Estendeu a mão para o cabo da espada.

– *Não*! – Robb gritou. – Vento Cinzento, aqui. *Aqui*. – Catelyn esporeou e colocou-se entre o lobo gigante e os outros cavalos. Lama espirrou dos cascos de sua égua quando cortou o caminho de Vento Cinzento. O lobo desviou-se, e só então pareceu ouvir os chamados de Robb.

– É assim que um Stark faz as pazes? – gritou Walder Negro, com aço nu na mão. – Parece-me uma saudação ruim mandar o seu lobo contra nós. Foi para isso que veio?

Sor Ryman tinha desmontado para ajudar Petyr Espinha a se levantar. O rapaz estava enlameado, mas não se ferira.

– Vim para pedir perdão pela desfeita que fiz à sua Casa e para assistir ao casamento de meu tio. – Robb saltou de sua sela. – Petyr, leve o meu cavalo. O seu quase já chegou ao estábulo.

Petyr olhou para o pai e disse:

– Posso seguir na garupa de um dos meus irmãos.

Os Frey não mostraram qualquer sinal de reverência.

– Chegaram tarde – declarou Sor Ryman.

– As chuvas atrasaram-nos – disse Robb. – Enviei uma ave.

– Não vejo a mulher.

Por *a mulher*, Sor Ryman referia-se a Jeyne Westerling, e todos sabiam. A Senhora Catelyn sorriu com uma expressão apologética.

– A Rainha Jeyne estava fatigada após tantas viagens, senhores. Sem dúvida ficará feliz em vir visitá-los quando os tempos estiverem mais estáveis.

– Meu avô ficará descontente. – Embora Walder Negro tivesse embainhado a espada, o tom de voz não era mais amigável. – Falei muito a ele sobre a senhora, e ele desejava contemplá-la com os próprios olhos.

Edwyn limpou a garganta.

– Temos aposentos preparados para o senhor na Torre da Água, Vossa Graça – disse a Robb com uma cortesia cuidadosa –, bem como para Lorde Tully e a Senhora Stark. Os senhores seus vassalos também são convidados a se abrigar sob o nosso teto e a participar do banquete de casamento.

– E os meus homens? – perguntou Robb.

– O senhor meu avô lamenta não poder alimentar ou hospedar uma tropa tão grande. Temos sentido grandes dificuldades para encontrar forragem e mantimentos para nossos próprios recrutas. Apesar disso, os seus homens não serão negligenciados. Se atravessarem e montarem acampamento junto do nosso, levaremos barris de vinho e cerveja em quantidade suficiente para que todos bebam à saúde de Lorde Edmure e sua noiva. Erguemos três grandes tendas para banquetes na outra margem, para lhes dar algum abrigo das chuvas.

– O senhor seu pai é muito gentil. Meus homens vão lhe agradecer. Tiveram uma longa e úmida viagem.

Edmure Tully fez o cavalo avançar.

– Quando conhecerei a minha prometida?

– Ela espera o senhor lá dentro – prometeu Edwyn Frey. – Eu sei que irão perdoá-la se parecer tímida. Tem esperado este dia quase com ansiedade, pobre donzela. Mas talvez devamos prosseguir a conversa fora desta chuva?

– Certamente. – Sor Ryman voltou a montar, puxando Petyr Espinha para trás de si. – Se puderem me seguir, meu pai os espera. –

Virou a cabeça do palafrém na direção das Gêmeas.

Edmure pôs-se ao lado de Catelyn.

– O Atrasado Lorde Frey podia ter achado por bem vir nos receber em pessoa – protestou. – Sou seu suserano e futuro genro, e Robb é seu rei.

– Quando tiver noventa e um anos, irmão, verá a vontade que tem de andar a cavalo na chuva. – Mas perguntou a si mesma se aquilo seria toda a verdade. Lorde Walder normalmente deslocava-se numa liteira coberta, que teria mantido a maior parte da chuva afastada. *Uma desfeita deliberada?* Se fosse, podia ser a primeira de muitas outras ainda por vir.

Houve mais problemas na guarita. Vento Cinzento recusou-se a avançar no meio da ponte levadiça, sacudiu a chuva do pelo e uivou à porta levadiça. Robb assobiou impacientemente.

– Vento Cinzento. O que foi? Vento Cinzento, comigo. – Mas o lobo gigante limitou-se a mostrar os dentes. *Ele não gosta deste lugar*, pensou Catelyn. Robb teve de se agachar e falar calmamente ao lobo antes de o animal consentir em passar sob a porta levadiça. A essa altura, Lothar Coxo e Walder Rivers já tinham se aproximado.

– O que ele teme é o som da água – disse Rivers. – Os animais sabem que devem evitar o rio em cheia.

– Um canil seco e uma perna de carneiro vão deixá-lo bom de novo – disse alegremente Lothar. – Devo chamar nosso mestre dos cães?

– Ele é um lobo gigante, não um cão – disse Robb –, e é perigoso para os homens que não conhece. Sor Raynald, fique com ele. Não o levarei neste estado para o salão de Lorde Walder.

Foi hábil, decidiu Catelyn. *Robb mantém também o Westerling longe da vista de Lorde Walder.*

A gota e os ossos frágeis tinham cobrado o seu preço do velho Walder Frey. Foram encontrá-lo sentado em seu cadeirão, com uma almofada por baixo e uma manta de arminho sobre as pernas. A cadeira era de carvalho negro, com o espaldar esculpido de modo a se assemelhar a duas robustas torres, unidas por uma ponte em arco, tão maciças que seu abraço transformava o velho numa grotesca criança. Havia algo de abutre em Lorde Walder, e bastante mais de doninha. Sua cabeça calva, manchada pela idade, projetava-se dos ombros descarnados no topo de um longo pescoço cor-de-rosa. Pele solta pendia sob seu queixo recuado, os olhos eram remelentos e enevoados, e a boca desdentada movia-se constantemente, sugando o ar vazio como um bebê suga o seio da mãe.

A oitava Senhora Frey estava em pé ao lado do cadeirão de Lorde Walder. Aos seus pés sentava-se uma versão mais nova de si mesmo, um homem corcunda e magro de cinquenta anos, cujo traje

dispendioso de lã azul e cetim cinza era estranhamente realçado por uma coroa e colar ornamentados por minúsculos guizos de latão. A semelhança entre ele e o seu senhor era notável, exceto nos olhos; os de Lorde Walder eram pequenos, sombrios e desconfiados, os do outro, grandes, amigáveis e vagos. Catelyn lembrou-se de que um dos filhos de Lorde Walder tinha sido pai de um débil mental muitos anos antes. Durante visitas anteriores, o Senhor da Travessia teve sempre o cuidado de esconder aquele neto. *Será que ele usou sempre uma coroa de bobo, ou terá sido isso pensado como forma de zombar de Robb?* Era uma pergunta que não se atrevia a fazer.

Filhos, filhas, netos, maridos, esposas e criados Frey atulhavam o resto do salão. Mas foi o velho que falou.

– Vai me perdoar por não me ajoelhar, eu sei. Minhas pernas já não funcionam como antes, embora aquilo que pende entre elas trabalhe bastante bem, *heh*. – Sua boca abriu num sorriso desdentado enquanto examinava a coroa de Robb. – Alguns diriam que o rei que se coroa com bronze é um pobre rei, Vossa Graça.

– O bronze e o ferro são mais fortes do que o ouro e a prata – respondeu Robb. – Os antigos Reis do Inverno usavam uma coroa de espadas como esta.

– De pouco lhes serviu quando os dragões chegaram. *Heh*. – Aquele *heh* pareceu agradar ao retardado, que balançou a cabeça de um lado para o outro, fazendo tilintar a coroa e o colar. – Senhor – disse Lorde Walder – perdoe o barulho de meu Aegon. Ele tem menos miolos do que um cranogmano e nunca tinha conhecido um rei. É um dos rapazes de Stevron. Chamamos-lhe Guizo.

– Sor Stevron falou dele, senhor. – Robb sorriu para o débil mental. – Prazer em conhecê-lo, Aegon. O seu pai era um homem corajoso.

Guizo fez os guizos soarem. Uma fina linha de cuspe escorreu de um canto de sua boca quando sorriu.

– Poupe o seu real fôlego. Falar com ele é como falar com um penico. – Lorde Walder transferiu o olhar para os outros. – Bem, Senhora Catelyn, vejo que voltou até nós. E o jovem Sor Edmure, o vencedor do Moinho de Pedra. Agora Lorde Tully, terei de me lembrar disso. É o quinto Lorde Tully que conheço. Sobrevivi aos outros quatro, *heh*. A sua noiva anda por aqui, em algum lugar. Suponho que queira dar uma olhada nela.

– Gostaria, senhor.

– Então dará. Mas vestida. Ela é uma garota recatada, e donzela. Não a verá nua até a noite de núpcias. – Lorde Walder cacarejou. – *Heh*. Em breve, em breve. – Virou a cabeça. – Benfrey, vá buscar a sua irmã. E seja rápido, Lorde Tully percorreu todo o caminho desde Correrrio. – Um jovem cavaleiro com um sobretudo esquartelado fez

uma reverência e retirou-se, e o velho voltou a se virar para Robb. – E onde está a *sua* noiva, Vossa Graça? A bela Rainha Jeyne. Uma Westerling do Despenhadeiro, segundo me dizem, *heh*.

– Deixei-a em Correrrio, senhor. Ela estava muito cansada para mais viagens, conforme expliquei a Sor Ryman.

– Isso me deixa muito triste. Queria contemplá-la com meus próprios e fracos olhos. Todos queríamos, *heh*. Não é verdade, minha senhora?

A pálida e delgada Senhora Frey pareceu sobressaltada por ter sido requisitada a falar.

– S-sim, senhor. Todos nós desejávamos muito prestar homenagem à Rainha Jeyne. Deve ser bela.

– É muito bela, senhora. – Havia uma quietude gelada na voz de Robb que recordou a Catelyn o pai dele.

Ou o velho não a ouviu ou recusou-se a prestar atenção nela.

– Mais bela do que a minha descendência, *heh*? De outro modo, como teria o seu rosto e formas levado a Graça Real a esquecer sua promessa solene?

Robb suportou a censura com dignidade.

– Não há palavras que possam compensar esse fato, bem sei, mas vim dar satisfações pela desfeita que fiz à sua Casa e suplicar o seu perdão, senhor.

– Satisfações, *heh*. Sim, jurou dar satisfação, eu lembro. Sou velho, mas não me esqueço dessas coisas. Ao contrário de certos reis, ao que parece. Os jovens não se lembram de nada quando veem um rosto bonito e um belo e firme par de peitos, não é? Eu era igual. Alguns poderão dizer que ainda sou, *heh heh*. Estariam errados, porém, tão errados quanto você. Mas agora aqui está para fazer as pazes. No entanto, foram as minhas garotas que desprezou. Talvez sejam elas que devam ouvi-lo suplicando perdão, Vossa Graça. As minhas donzelas. Olhe para elas. – Quando sacudiu os dedos, uma chuva de feminilidade abandonou seus lugares junto das paredes para se alinhar sob o estrado. Guizo também começou a se levantar, com os guizos cantando alegremente, mas a Senhora Frey agarrou a manga do retardado e puxou-o para baixo.

Lorde Walder foi-as nomeando.

– A minha filha Arwyn – disse ele indicando uma garota de catorze anos. – Shirei, a mais nova de minhas filhas legítimas. Ami e Marianne são netas. Casei Ami com Sor Pate de Seterrios, mas a Montanha matou esse palerma, e por isso a tenho de volta aqui. Aquela é uma Cersei, mas a chamamos de Pequena Abelha, a mãe é uma Beesbury. Mais netas. Uma é uma Walda, e as outras... bem, têm nomes, sejam eles quais forem...

– Eu sou a Merry, Senhor Avô – disse uma garota.

– É barulhenta, isso é certo. Ao lado da Barulhenta está a minha filha Tyta. Depois outra Walda. Alyx, Marissa... é você, Marissa? Bem que achei. Ela não é sempre careca. O meistre raspou seus cabelos, mas jura que em breve voltarão a crescer. As gêmeas são Serra e Sarra. – Semicerrou os olhos na direção de uma das meninas mais novas. – *Heh*, você é outra Walda?

A menina não podia ter mais de quatro anos.

– Sou a Walda de Sor Aemon Rivers, senhor bisavô. – Fez uma reverência.

– Há quanto tempo fala? Não que tenha alguma coisa sensata a dizer, seu pai nunca teve. E, além do mais, ele é filho de um bastardo, *heh*. Vá embora, só queria Freys aqui em cima. O Rei no Norte não se interessa por material ilegítimo. – Lorde Walder olhou de relance para Robb, enquanto Guizo sacudia a cabeça e tilintava. – Aqui estão elas, todas donzelas. Bem, e uma viúva, mas há quem goste de uma mulher já domada. Podia ter escolhido qualquer uma.

– Teria sido uma escolha impossível, senhor – disse Robb com uma cortesia cuidadosa. – São todas adoráveis demais.

Lorde Walder fungou.

– E ainda dizem que os *meus* olhos são ruins. Algumas serviriam bastante bem, suponho. Outras... bem, não importa. Não eram suficientemente boas para o Rei no Norte, *heh*. O que tem agora a dizer?

– Minhas senhoras – Robb parecia desesperadamente desconfortável, mas sabia que aquele momento chegaria e enfrentou-o sem vacilar. – Todos os homens devem cumprir com a palavra dada, e os reis mais do que ninguém. Eu prometi me casar com uma de vocês e quebrei esse juramento. A culpa não cabe a vocês. Fiz o que fiz não por desfeita, mas sim porque amava outra. Não há palavras que possam corrigir o que foi feito, bem sei, mas venho perante vocês para lhes pedir perdão, e que os Frey da Travessia e os Stark de Winterfell possam voltar a ser amigos.

As meninas menores agitaram-se ansiosamente. As irmãs mais velhas esperaram por Lorde Walder, em seu trono negro de carvalho. O Guizo sacudiu-se de um lado para o outro, com os guizos tilintando no colar e na coroa.

– Ótimo – disse o Senhor da Travessia. – Isso foi muito bom, Vossa Graça. "Não há palavras que possam corrigir o que foi feito", *heh*. Bem dito, bem dito. Espero que não se recuse a dançar com as minhas filhas no banquete de casamento. Isso satisfaria o coração de um velho, *heh*. – Balançou sua cabeça enrugada e rosada para cima e para baixo, de uma forma muito semelhante ao jeito como o neto retardado tinha feito, embora Lorde Walder não usasse guizos. – E ali está ela, Lorde Edmure. A minha filha Roslin, o meu botãozinho mais

precioso, *heh*.

Sor Benfrey introduziu-a no salão. Eram parecidos o suficiente para serem irmãos completos. Considerando a idade, ambos eram filhos da sexta Senhora Frey; uma Rosby, segundo Catelyn julgava recordar.

Roslin era pequena para a idade, com uma pele tão branca como se tivesse acabado de sair de um banho de leite. Tinha um rosto agradável, com um queixo pequeno, nariz delicado e grandes olhos castanhos. Espessos cabelos castanhos caíam em ondas soltas até uma cintura tão minúscula que Edmure seria capaz de envolvê-la com as mãos. Por baixo do corpete rendado de seu vestido azul-claro, os seios pareciam pequenos, mas bem formados.

– Vossa Graça. – A garota ajoelhou-se. – Lorde Edmure, espero não ser um desapontamento para o senhor.

Longe disso, pensou Catelyn. O rosto do irmão tinha se iluminado ao vê-la.

– É para mim um deleite, senhora – disse Edmure. – E sei que o será sempre.

Roslin tinha uma pequena fenda entre dois de seus dentes da frente que a deixava tímida com os sorrisos, mas a falha era quase cativante. *Bastante bonita*, pensou Catelyn, *mas tão pequena, e tem sangue Rosby*. Os Rosby nunca tinham sido robustos. Preferia de longe as constituições de algumas das moças mais velhas presentes no salão; filhas ou netas, não podia ter certeza. Pareciam-se com os Crakehall, e a terceira esposa de Lorde Frey pertencera a essa Casa. *Quadris largos para dar à luz crianças, grandes seios para criá-las, braços fortes para carregá-las. Os Crakehall sempre foram uma família de ossos grandes e fortes.*

– O senhor é gentil – disse a Senhora Roslin a Edmure.

– A senhora é linda. – Edmure tomou sua mão e ergueu-a. – Mas por que está chorando?

– De alegria – disse Roslin. – Choro de alegria, senhor.

– *Basta* – interrompeu Lorde Walder. – Pode chorar e sussurrar depois de estar casada, *heh*. Benfrey, leve a sua irmã de volta aos seus aposentos, ela precisa se preparar para um casamento. E umas núpcias, *heh*, a melhor parte. Para todos, para todos. – A boca moveu-se para dentro e para fora. – Teremos música, uma música tão doce, e vinho, *heh*, o tinto correrá, e vamos endireitar algumas coisas tortas. Mas agora estão cansados, e também molhados, pingando no meu chão. Há lareiras à sua espera, e vinho quente com especiarias, e banhos, se os quiserem. Lothar, leve nossos hóspedes às suas acomodações.

– Tenho de tratar da travessia de meus homens para a outra margem, senhor – disse Robb.

– Eles não se perderão – objetou Lorde Walder. – Já atravessaram uma vez, não foi? Quando vieram do norte. Quiseram atravessar, e eu concedi-lhes passagem, e você nunca disse talvez, *heh*. Mas faça o que quiser. Leve todos os homens pela mão, se assim entender, por mim tanto faz.

– *Senhor!* – Catelyn quase tinha esquecido. – Alguns alimentos seriam muito bem-vindos. Percorremos muitas léguas sob chuva.

A boca de Walder Frey moveu-se para dentro e para fora.

– Alimentos, *heh*. Um pão, um pouco de queijo, talvez uma salsicha.

– Algum vinho para empurrar para baixo – disse Robb. – E sal.

– Pão e sal. *Heh*. Certamente, certamente. – O velho bateu palmas, e criados entraram no salão, trazendo jarros de vinho e bandejas com pão, queijo e manteiga. O próprio Lorde Walder pegou uma taça de tinto e ergueu-a com uma mão pintalgada. – Meus hóspedes – disse. – Meus hóspedes de honra. Sejam bem-vindos sob o meu teto e à minha mesa.

– Agradecemos por sua hospitalidade, senhor – respondeu Robb.

Edmure ecoou as suas palavras, e o mesmo fizeram Grande-Jon, Sor Marq Piper e os outros. Beberam do vinho dele e comeram do seu pão e de sua manteiga. Catelyn provou o vinho e mordiscou um pouco de pão e sentiu-se muito melhor por causa disso. *Agora devemos estar a salvo*, pensou.

Sabendo como o velho podia ser mesquinho, esperara que os aposentos que lhes seriam dados fossem frios e tristonhos. Mas os Frey pareciam ter feito mais do que amplos preparativos para eles. A câmara nupcial era grande e estava ricamente mobiliada, dominada por uma grande cama com colchão de penas e colunas nos cantos, esculpidas como torres de castelos. Os reposteiros eram do vermelho e azul Tully, uma cortesia simpática. Tapetes perfumados cobriam um chão de tábuas, e uma janela alta e provida de persianas abria-se para o sul. O quarto de Catelyn era pequeno, mas tinha uma mobília bonita e era confortável, com fogo queimando na lareira. Lothar Coxo assegurou-lhes de que Robb teria uma suíte inteira, como era próprio de um rei.

– Se houver algo que estiver fazendo falta, basta que diga a um dos guardas. – Fez uma reverência e retirou-se, coxeando pesadamente enquanto descia os degraus em espiral.

– Devíamos colocar nossos próprios guardas – disse Catelyn ao irmão. Descansaria mais facilmente com homens Stark e Tully à sua porta. A audiência com Lorde Walder não havia sido tão penosa como temera, mesmo assim ficaria feliz quando aquilo terminasse. *Alguns dias mais, e Robb partirá para a batalha, e eu para um confortável cativeiro em Guardamar*. Não tinha dúvidas de que Lorde Jason lhe

ofereceria todas as cortesias, mas a ideia ainda a deprimia.

Ouvia o som dos cavalos, embaixo, vindo da longa coluna de homens montados que abria caminho através da ponte, de castelo a castelo. As pedras trovejavam com a passagem de carroças muito carregadas. Catelyn foi até a janela e olhou para fora, a fim de ver a tropa de Robb emergir da gêmea oriental.

– A chuva parece estar diminuindo.

– Agora que estamos aqui dentro. – Edmure estava em pé, junto do fogo, deixando-se lavar pelo calor. – O que achou de Roslin?

Muito pequena e delicada. Dar à luz será duro para ela. Mas o irmão parecia bastante satisfeito com a garota, e por isso tudo que disse foi:

– Doce.

– Creio que ela gostou de mim. Por que estava chorando?

– É uma donzela na véspera do casamento. Algumas lágrimas são normais. – Lysa chorou lagos na manhã do casamento de ambas, embora tivesse conseguido estar de olhos secos e radiante quando Jon Arryn pôs seu manto creme e azul sobre os ombros dela.

– Ela é mais bonita do que me atrevia a esperar. – Edmure levantou uma mão antes de Catelyn poder falar. – Eu sei que há coisas mais importantes, poupe-me do sermão, septã. Mesmo assim... viu algumas das outras donzelas que o Frey exibiu? A que tinha o tique? Seria aquilo a doença dos tremores? E aquelas gêmeas tinham mais crateras e acne no rosto do que o Petyr Espinha. Quando vi aquele bando, soube que Roslin seria careca e zarolha, com a inteligência do Guizo e o temperamento de Walder Negro. Mas ela parece tão gentil quanto bela. – Fez uma expressão perplexa. – Por que haveria a velha doninha de recusar que eu escolhesse se não pretendia me empurrar qualquer coisa hedionda?

– A sua queda por um rosto bonito é bem conhecida – relembrou-lhe Catelyn. – Talvez Lorde Walder realmente queira que seja feliz com a sua noiva. – *Ou, o que é mais provável, talvez não tenha querido que você recuasse perante um furúnculo e dificultasse os planos dele*. – Ou pode ser que Roslin seja a favorita do velho. O Senhor de Correrrio é uma união muito melhor do que a maior parte das suas filhas pode esperar.

– Isso é verdade. – Mas o irmão ainda parecia incerto. – Será possível que a garota seja estéril?

– Lorde Walder quer que o neto herde Correrrio. Que objetivo teria em lhe dar uma esposa estéril?

– Livra-se de uma filha que ninguém mais aceitaria.

– De pouco lhe serviria. Walder Frey é mesquinho, mas não é burro.

– Mesmo assim... *será* possível?

– Sim – concedeu Catelyn com relutância. – Há doenças que uma

garota pode ter durante a infância que a deixam incapaz de conceber. No entanto, não existe motivo para crer que a Senhora Roslin tenha sofrido delas. – Percorreu o quarto com os olhos. – Os Frey receberam-nos com maior amabilidade do que eu esperava, a bem da verdade.

Edmure soltou uma gargalhada.

– Umas tantas palavras espinhosas e um pouco de regozijo indecoroso. Vindo dele, é cortesia. Esperava que a velha doninha mijasse em nosso vinho e nos obrigasse a elogiar a colheita.

O gracejo deixou Catelyn estranhamente inquieta.

– Se me der licença, eu devia ir vestir uma roupa seca.

– Como queira. – Edmure bocejou. – Eu talvez vá cochilar por uma hora.

Ela retirou-se para o seu quarto. O baú de roupa que trouxera de Correrrio tinha sido carregado para cima e posto aos pés da cama. Depois de se despir e de pendurar a roupa molhada perto da lareira, colocou um vestido quente de lã no vermelho e azul dos Tully, lavou e escovou os cabelos, deixou-os secar, e foi em busca dos Frey.

O trono negro de carvalho de Lorde Walder estava vazio quando entrou no salão, mas alguns de seus filhos estavam bebendo perto do fogo. Lothar Coxo ergueu-se desajeitadamente quando a viu.

– Senhora Catelyn, achei que estivesse descansando. Como posso ser útil?

– Estes são os seus irmãos? – perguntou ela.

– Irmãos, meios-irmãos, cunhados e sobrinhos. Raymund e eu partilhamos uma mãe. Lorde Lucias Vypren é esposo de minha meia-irmã Lythene e Sor Damon é filho deles. Creio que conhece o meu meio-irmão Sor Hosteen. E este é Sor Leslyn Haigh e os filhos, Sor Harys e Sor Donnel.

– Muito prazer, senhores. Sor Perwyn está no castelo? Ele ajudou a me escoltar a Ponta Tempestade e de volta a Correrrio, quando Robb me enviou para falar com Lorde Renly. Gostaria de revê-lo.

– Perwyn não se encontra nas Gêmeas – disse Lothar Coxo. – Darei os seus cumprimentos. Sei que ele sentirá por não se encontrar com a senhora.

– Decerto voltará a tempo do casamento da Senhora Roslin?

– Ele tinha essa esperança – disse Lothar Coxo –, mas com essa chuva... viu como correm os rios, senhora.

– De fato vi – disse Catelyn. – Posso pedir que me diga como posso falar com o seu meistre?

– Não está bem, senhora? – perguntou Sor Hosteen, um homem imponente, com um forte maxilar quadrado.

– É uma coisa de mulher. Nada que deva preocupá-lo, sor.

Lothar, sempre atencioso, saiu com ela do salão, acompanhou-a por alguns degraus acima e ao longo de uma ponte coberta até outra

escada.

– Deverá encontrar Meistre Brenett no torreão lá em cima, senhora.

Catelyn quase esperava que o meistre fosse ser mais um dos filhos de Walder Frey, mas Brenett não se parecia com ele. Era um homem grande e gordo, calvo, com um queixo duplo e não muito asseado, a julgar pelos excrementos de corvo que manchavam as mangas de suas vestes, mas mostrou-se bastante amigável. Quando lhe falou das preocupações de Edmure a respeito da fertilidade da Senhora Roslin, soltou um risinho.

– O senhor seu irmão nada tem a temer, Senhora Catelyn. Ela é pequena, admito, e de ancas estreitas, mas a mãe era igual, e a Senhora Bethany deu ao Lorde Walder um filho a cada ano.

– Quantos sobreviveram à infância? – perguntou ela sem rodeios.

– Cinco. – Contou-os por dedos gordos como salsichas. – Sor Perwyn. Sor Benfrey. Meistre Willamen, que proferiu os votos no ano passado e agora serve Lorde Hunter no Vale. Olyvar, que foi escudeiro de seu filho. E a Senhora Roslin, a mais nova. Quatro rapazes e uma menina. Lorde Edmure terá tantos filhos que não saberá o que fazer com eles.

– Estou certa de que isso lhe agradará. – Então a garota era provavelmente tão fértil como agradável de se ver. *Isso deve descansar a mente de Edmure*. Lorde Walder não dera ao irmão motivos para se queixar, até onde Catelyn conseguia ver.

Não retornou ao seu quarto depois de deixar o meistre; em vez disso foi até Robb. Encontrou Robin Flint e Sor Wendel Manderly com ele, bem como Grande-Jon e o filho, que ainda chamavam de Pequeno-Jon, embora ameaçasse se tornar mais alto do que o pai. Estavam todos molhados. Outro homem, ainda mais molhado, encontrava-se em pé junto ao fogo com um manto rosa-claro forrado de pele branca.

– Lorde Bolton – disse ela.

– Senhora Catelyn – respondeu ele, com uma voz tênue –, é um prazer voltar a vê-la, mesmo em tempos tão difíceis.

– É bondade sua dizê-lo. – Catelyn conseguia sentir tristeza no aposento. Até Grande-Jon parecia melancólico e vencido. Olhou o rosto carregado dos homens e perguntou: – O que aconteceu?

– Lannisters no Tridente – disse Sor Wendel num tom infeliz. – Meu irmão foi capturado novamente.

– E Lorde Bolton trouxe-nos mais novidades de Winterfell – acrescentou Robb. – Sor Rodrik não foi o único bom homem a morrer. Cley Cerwyn e Leobald Tallhart foram também mortos.

– Cley Cerwyn não passava de um rapaz – disse ela, entristecida. – Então é verdade? Todos mortos e Winterfell destruído?

Os olhos claros de Bolton encontraram-se com os seus.

– Os homens de ferro queimaram tanto o castelo como a vila de Inverno. Parte do seu povo foi levado para o Forte do Pavor por meu filho, Ramsay.

– O seu bastardo foi acusado de graves crimes – relembrou-lhe Catelyn em tom penetrante. – Assassinato, violação e coisas piores.

– Sim – disse Roose Bolton. – Seu sangue está manchado, isso não é possível negar. Mas é um bom guerreiro, tão astuto quanto destemido. Quando os homens de ferro abateram Sor Rodrik, e Leobald Tallhard pouco tempo depois, coube a Ramsay liderar a batalha, e foi o que ele fez. Jura que não vai embainhar a espada enquanto um único Greyjoy permanecer no Norte. Talvez esse serviço possa servir como um pouco de compensação pelos crimes que o seu sangue bastardo o levou a cometer. – Encolheu os ombros. – Ou não. Quando a guerra terminar, Sua Graça deverá avaliar os fatos e julgar. Por ora, espero que a Senhora Walda já tenha me dado um filho legítimo.

Este homem é frio, compreendeu Catelyn, e não era a primeira vez.

– Ramsay mencionou Theon Greyjoy? – quis saber Robb. – Foi também morto, ou conseguiu fugir?

Roose Bolton pegou uma tira rasgada de couro da bolsa que trazia à cintura.

– Meu filho mandou isto com a carta.

Sor Wendel virou seu rosto redondo para longe. Robin Flint e o Pequeno-Jon Umber trocaram um olhar, e Grande-Jon resfolegou como um touro.

– Isso é... pele? – perguntou Robb.

– A pele do mindinho da mão direita de Theon Greyjoy. Meu filho é cruel, confesso. E no entanto... o que é um pouco de pele comparado com a vida de dois jovens príncipes? Era mãe deles, senhora. Posso oferecer-lhe este... pequeno penhor de vingança?

Parte de Catelyn desejou levar o macabro troféu ao coração, mas obrigou-se a resistir.

– Guarde-o. Por favor.

– Esfolar Theon não trará meus irmãos de volta – disse Robb. – Quero a cabeça dele, não a pele.

– Ele é o único filho sobrevivente de Balon Greyjoy – disse suavemente Lorde Bolton, como se eles tivessem esquecido disso – e agora o legítimo Rei das Ilhas de Ferro. Um rei cativo tem grande valor como refém.

– Refém? – a palavra irritou Catelyn. Reféns eram frequentemente trocados. – Lorde Bolton, espero que não esteja sugerindo que *libertemos* o homem que matou meus filhos.

– Quem quer que conquiste a Cadeira de Pedra do Mar vai querer

Theon Greyjoy morto – ressaltou Bolton. – Até acorrentado tem uma pretensão superior à de qualquer um de seus tios. Sugiro que o mantenhamos prisioneiro e que exijamos concessões por parte dos homens de ferro, como preço a pagar por sua execução.

Robb pesou relutantemente a ideia, mas por fim assentiu.

– Sim. Muito bem. Assim sendo, mantenha-o vivo. Por ora. Mantenha-o bem preso no Forte do Pavor até retomarmos o Norte.

Catelyn voltou-se de novo para Roose Bolton.

– Sor Wendel disse algo sobre Lannisters no Tridente?

– Disse, senhora. Culpo-me pelo fato. Atrasei demais a partida de Harrenhal. Aenys Frey partiu vários dias antes de mim e atravessou o vau rubi, embora não sem dificuldade. Mas quando nós chegamos lá, o rio era uma torrente. Não tive alternativa exceto atravessar meus homens em pequenos barcos, os quais possuíamos em quantidade insuficiente. Dois terços de minhas forças encontravam-se na margem norte quando os Lannister atacaram aqueles que ainda esperavam para atravessar. Homens de Norrey, Locke e Burley, principalmente, com Sor Wylis Manderly e seus cavaleiros de Porto Branco na retaguarda. Eu estava do lado errado do Tridente, impotente para lhes prestar assistência. Sor Wylis reagrupou nossos homens o melhor que pôde, mas Gregor Clegane atacou com cavalaria pesada e empurrou-os para o rio. Os que se afogaram foram tantos quanto os abatidos. A maior parte fugiu, mas os demais foram capturados.

Gregor Clegane significava sempre má notícia, pensou Catelyn. Teria Robb de voltar a marchar para o sul a fim de lidar com ele? Ou viria a Montanha a caminho dali?

– Então Clegane atravessou o rio?

– Não. – A voz de Bolton era baixa, mas segura. – Deixei seiscentos homens no vau. Lanceiros dos córregos, das montanhas e da Faca Branca, cem arqueiros Hornwood, alguns cavaleiros livres e cavaleiros menores, e uma poderosa força de homens Stout e Cerwyn para lhes dar apoio. Ronnel Stout e Sor Kyle Condon têm o comando. Sor Kyle era o braço direito do falecido Lorde Cerwyn, como decerto sabe, senhora. Os leões não nadam melhor do que os lobos. Enquanto os rios permanecerem cheios, Sor Gregor não atravessará.

– A última coisa de que necessitamos é a Montanha em nossas costas quando avançarmos pelo talude – disse Robb. – Fez bem, senhor.

– É muita bondade de Vossa Graça. Sofri pesadas perdas no Ramo Verde, e Glover e Tallhart mais ainda em Valdocaso.

– *Valdocaso*. – Robb fez da palavra uma praga. – Robett Glover responderá por isso quando voltar a vê-lo, garanto.

– Uma loucura – concordou Lorde Bolton –, mas Glover tornou-se imprudente depois de saber que Bosque Profundo tinha caído. O

desgosto e o medo fazem isso aos homens.

Valdocaso era um assunto terminado e antigo; eram as batalhas ainda a travar que preocupavam Catelyn.

– Quantos homens trouxe ao meu filho? – perguntou a Roose Bolton num tom contundente.

Os estranhos olhos sem cor do homem estudaram seu rosto por um instante antes de responder.

– Cerca de quinhentos homens de cavalaria e três mil de infantaria, senhora. Homens do Forte do Pavor, na sua maior parte, e alguns de Karhold. Com a lealdade dos Karstark agora tão duvidosa, achei melhor mantê-los por perto. Lamento que não sejam mais.

– Deverá bastar – disse Robb. – Ficará com o comando de minha retaguarda, Lorde Bolton. Pretendo me dirigir ao Gargalo assim que meu tio estiver casado. Vamos para casa.

Arya

Os batedores aproximaram-se deles a uma hora do Ramo Verde, quando a carroça se arrastava ao longo de uma estrada lamacenta.

– Fique com a cabeça abaixada e a boca fechada – avisou-a Cão de Caça quando os três esporearam os cavalos na direção deles; um cavaleiro e dois escudeiros, com armaduras leves e montados em palafréns rápidos.

Clegane chicoteou a parelha, um par de velhos cavalos de tração que já tinham conhecido dias melhores. A carroça rangia e oscilava, suas duas enormes rodas de madeira faziam esguichar lama dos profundos sulcos da estrada a cada curva. Estranho seguia atrás, amarrado ao veículo.

O grande corcel de temperamento ruim não usava armadura, jaezes ou arreios, e o próprio Cão de Caça seguia vestido de tecido grosseiro, verde e sujo, e uma capa de um cinza fuliginoso com um capuz que engolia sua cabeça. Desde que mantivesse os olhos baixos não era possível ver seu rosto, enxergava-se apenas o branco de seus olhos espreitando para fora. Parecia um agricultor empobrecido. Mas um agricultor grande. E Arya sabia que sob o tecido grosseiro havia couro fervido e cota de malha oleada. Ela parecia um filho de agricultor, ou talvez de um criador de porcos. E atrás deles seguiam quatro barris rotundos de porco salgado e um de pés de porco em salmoura.

Os homens a cavalo dispersaram-se e cercaram-nos para observá-los antes de se aproximarem. Clegane fez a carroça parar e esperou pacientemente. O cavaleiro portava lança e espada, ao passo que seus escudeiros usavam arcos. O símbolo em seus gibões era uma versão menor daquele que seu chefe trazia cosido ao sobretudo; uma forquilha negra sobre barra dourada à direita, em fundo cor de ferrugem. Arya tinha pensado em se revelar aos primeiros batedores que encontrassem, mas sempre imaginara homens de manto cinzento, com o lobo gigante ao peito. Até poderia ter arriscado, caso tivessem exibido o gigante de Umber ou o punho de Glover, mas não conhecia o cavaleiro da forquilha nem sabia a quem ele servia. A coisa mais parecida com uma forquilha que tinha visto em Winterfell foi o tridente na mão do tritão de Lorde Manderly.

– Tem negócios nas Gêmeas? – perguntou o cavaleiro.

– Porco salgado para o banquete de casamento, por sua mercê, sor. – Cão de Caça murmurou a resposta, de olhos baixos e rosto escondido.

– Porco salgado nunca me agradou. – O cavaleiro da forquilha não deu a Clegane mais do que o mais apressado dos relances e não

prestou qualquer atenção em Arya, mas olhou longa e duramente para o Estranho. O garanhão não era nenhum cavalo de tração, isso ficava claro à primeira vista. Um dos escudeiros quase acabou na lama quando o grande corcel negro deu uma mordida em sua montaria. – Como arranjou este animal? – exigiu saber o cavaleiro da forquilha.

– A senhora disse-me para trazê-lo, sor – disse humildemente Clegane. – É um presente de casamento para o jovem Lorde Tully.

– Que senhora? A quem serve?

– À velha Senhora Whent, sor.

– Será que ela pensa que pode comprar Harrenhal de volta com um cavalo? – perguntou o cavaleiro. – Deuses, haverá algum tolo maior do que um velho tolo? – Mas fez sinal para que avançassem. – Sigam em frente, então.

– Sim, senhor. – Cão de Caça voltou a estalar o chicote, e os velhos cavalos de carga retomaram seu cansativo rumo. As rodas tinham se enterrado profundamente na lama durante a pausa, e foi preciso algum tempo para que a parelha retomasse o movimento. A essa altura, os batedores já se afastavam. Clegane dirigiu-lhes um último olhar e fungou. – Sor Donnel Haigh – disse. – Tirei mais cavalos dele do que sou capaz de contar. E armaduras também. Uma vez quase o matei num corpo a corpo.

– Então como é que ele não o reconheceu? – perguntou Arya.

– Porque os cavaleiros são estúpidos, e olhar duas vezes para um camponês bexigoso qualquer estaria abaixo do nível dele. – Deu um toque com o chicote nos cavalos. – Mantenha os olhos baixos e o tom respeitoso, e diga muitas vezes *sor*, que a maior parte dos cavaleiros nem sequer a verão. Prestam mais atenção nos cavalos do que nos plebeus. Ele podia ter reconhecido o Estranho, se tivesse me visto alguma vez montado nele.

Mas teria reconhecido a sua cara. Arya não tinha dúvidas quanto a isso. Não era fácil esquecer as queimaduras de Sandor Clegane depois de vê-las. E ele também não podia esconder as cicatrizes atrás de um elmo; pelo menos não de um elmo com a forma de um cão rosnando.

Foi para isso que precisaram da carroça e dos pés de porco em salmoura.

– Não vou ser arrastado acorrentado até a presença de seu irmão – tinha lhe dito Cão de Caça – e prefiro não ter de abrir caminho com a espada através de seus homens, para chegar até ele. Portanto, vamos jogar um pequeno jogo.

Um agricultor encontrado por acaso na estrada do rei forneceralhes a carroça, os cavalos, o vestuário e os barris, embora não de boa vontade. Cão de Caça tinha roubado tudo na ponta da espada. Quando o agricultor o xingou de ladrão, ele disse:

– Não, sou um forrageiro. Fique agradecido por ficar com a roupa

de baixo. Agora tire essas botas. Senão corto suas pernas. A escolha é sua. – O agricultor era tão grande quanto Clegane, mesmo assim preferiu ceder as botas e ficar com as pernas.

O anoitecer foi encontrá-los ainda se arrastando na direção do Ramo Verde e dos castelos gêmeos de Lorde Frey. *Estou quase lá*, pensou Arya. Sabia que devia se sentir ansiosa, mas tinha um nó apertado na barriga. Talvez fosse só da febre que vinha combatendo, mas talvez não. Na noite anterior teve um pesadelo, um pesadelo *terrível*. Agora não conseguia se lembrar do sonho, mas a sensação tinha permanecido ao longo de todo o dia. Se algo havia mudado, fora apenas para se tornar mais forte. *O medo golpeia mais profundamente do que as espadas*. Tinha de ser forte, como o pai havia lhe dito. Nada havia entre ela e a mãe além de um portão de castelo, um rio e um exército... mas era o exército de *Robb*, portanto ali não havia nenhum perigo real. Não é?

Roose Bolton era um deles, no entanto. O Senhor Sanguessuga, como os fora da lei o chamavam. Isso deixava-a inquieta. Fugira de Harrenhal tanto para se livrar de Bolton como dos Saltimbancos Sangrentos e teve de cortar a garganta de um de seus guardas para fugir. Será que ele sabia que ela tinha feito isso? Ou teria culpado Gendry ou Torta Quente? Teria contado à mãe dela? O que faria se a visse? *Provavelmente nem sequer me reconhecerá*. Por esses dias, parecia-se mais com uma ratazana afogada do que com a copeira de um senhor. Uma ratazana afogada *macho*. Cão de Caça tinha cortado mãos-cheias de cabelo apenas dois dias antes. Era um barbeiro ainda pior do que Yoren, e deixara-a meio careca de um lado. *Robb também não me reconhecerá, aposto. Ou mesmo a mãe*. Era uma garotinha da última vez que os viu, no dia em que Lorde Eddard Stark partiu de Winterfell.

Ouviram a música antes de verem o castelo; o ribombar distante de tambores, o estrondo brônzeo de trombetas, os guinchos finos das gaitas de foles soando tênues sob o rugido do rio e o som da chuva batendo em sua cabeça.

– Perdemos a boda – disse Cão de Caça –, mas parece que a festa ainda dura. Em breve, vou me ver livre de você.

Não, eu é que me verei livre de você, pensou Arya.

Até aquele ponto a estrada seguira principalmente para noroeste, mas agora virava para o oeste, por entre um pomar de macieiras e um milharal submerso e derrubado pela chuva. Passaram pela última das macieiras e ultrapassaram uma elevação, e os castelos, rio e acampamentos surgiram de repente. Havia centenas de cavalos e milhares de homens, a maioria dos quais andando de um lado para o outro em volta das três enormes tendas para banquetes que se erguiam lado a lado, viradas para os portões do castelo, como três grandes

salões feitos de lona. Robb tinha montado seu acampamento bem afastado das muralhas, em terreno mais alto e mais seco, mas o Ramo Verde transbordou as margens e até se apoderou de algumas tendas posicionadas sem cuidado.

A música que vinha dos castelos era mais alta ali. O som dos tambores e trombetas rolava pelo acampamento. Mas os músicos no castelo mais próximo não estavam tocando a mesma canção dos do castelo da margem oposta, e aquilo parecia mais uma batalha do que uma canção.

– Eles não são lá muito bons – observou Arya.

Cão de Caça fez um ruído que podia ter sido uma gargalhada.

– Há velhas surdas em Lanisporto queixando-se da barulheira, aposto. Tinha ouvido dizer que os olhos de Walder Frey andavam fraquejando, mas ninguém falou da porcaria dos ouvidos dele.

Arya viu-se desejando que fosse dia. Se o sol estivesse no céu e soprasse vento, poderia ter sido capaz de ver melhor os estandartes. Teria procurado o lobo gigante de Stark, ou talvez o machado de batalha de Cerwyn ou o punho de Glover. Mas, nas sombras da noite, todas as cores pareciam cinza. A chuva reduzira-se a um chuvisco, quase uma névoa, mas um pé-d'água anterior deixara os estandartes tão molhados quanto panos de prato, encharcados e ilegíveis.

Uma cerca de carros e carroças havia sido disposta ao longo do perímetro, para formar uma muralha rudimentar de madeira contra qualquer ataque que pudesse surgir. Foi aí que os guardas os pararam. A lanterna que o sargento transportava dava luz suficiente para que Arya visse que seu manto era rosa-claro, salpicado com lágrimas vermelhas. Os homens sob o seu comando tinham o símbolo do Senhor Sanguessuga cosido sobre o coração, o homem esfolado do Forte do Pavor. Sandor Clegane contou-lhes a mesma história que tinha usado com os batedores, mas o sargento Bolton era uma noz mais dura de quebrar do que Sor Donnel Haigh.

– Porco salgado não é carne própria para o banquete de casamento de um lorde – disse ele com um ar de escárnio.

– Também tenho pé de porco em salmoura, sor.

– Para o banquete? Não tem, não. O banquete já está quase no fim. E eu sou um nortenho, não um cavaleiro qualquer do sul que ainda mama leite.

– Disseram-me para ir até o intendente ou o cozinheiro...

– O castelo está fechado. Os fidalgos não devem ser incomodados. – O sargento pensou por um momento. – Pode descarregar ali, junto das tendas para banquetes. – Apontou com uma mão revestida de cota de malha. – A cerveja deixa um homem com fome, e o velho Frey não vai sentir falta de alguns pés de porco. Seja como for, não tem dentes para eles. Pergunte pelo Sedgekins, ele vai saber o que fazer com você.

– Latiu uma ordem, e seus homens empurraram uma das carroças para o lado, para deixá-los entrar.

O chicote de Cão de Caça incitou a parelha a se aproximar das tendas. Ninguém pareceu prestar nenhuma atenção neles. Passaram chapinhando por fileiras de pavilhões brilhantemente coloridos, com paredes de seda molhada iluminadas como lanternas mágicas por lâmpadas e braseiros que ardiam lá dentro; brilhavam em tons de rosa, ouro e verde, listradas, quadriculadas, axadrezadas, ornamentadas com aves e feras, asnas e estrelas, rodas e armas. Arya vislumbrou uma tenda amarela com seis bolotas nas paredes, três sobre duas sobre uma. *Lorde Smallwood*, compreendeu, lembrando-se do Solar de Bolotas, tão distante, e da senhora que tinha lhe dito que era bonita.

Mas para cada cintilante pavilhão de seda havia duas dúzias de feltro ou lona, opacos e escuros. Havia também tendas-casernas, suficientemente grandes para abrigar duas vintenas de soldados de infantaria, embora até essas parecessem anãs ao lado das três grandes tendas para banquetes. Já se bebia havia horas, ao que parecia. Arya ouviu brindes gritados e o bater de taças, misturados com os sons habituais dos acampamentos, cavalos relinchando e cães latindo, carroças trovejando pela escuridão, risos e pragas, o tinir e ressoar do aço e da madeira. A música ficou ainda mais alta quando se aproximaram do castelo, mas por baixo dela havia um som mais profundo e escuro: o rio, o Ramo Verde em cheia, rugindo como um leão em sua toca.

Arya torceu-se e virou-se, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo, na esperança de vislumbrar um lobo gigante, uma tenda decorada em cinza e branco, um rosto que conhecesse de Winterfell. Mas viu apenas estranhos. Fitou um homem que se aliviava nos juncos, mas não era o Alebelly. Viu uma garota seminua fugir de uma tenda aos risos, mas a tenda era azul-clara, e não cinza como a princípio julgara, e o homem que saiu correndo atrás dela usava no gibão um gato-das-árvores, e não um lobo. Por baixo de uma árvore, quatro arqueiros enfiavam cordas enceradas no entalhe de seus arcos, mas não eram arqueiros do pai. Um meistre atravessou o caminho deles, mas era muito novo e magro para ser o Meistre Luwin. Arya fitou as Gêmeas, em cujas torres as janelas altas brilhavam onde quer que houvesse uma vela ardendo. Através da neblina da chuva, os castelos pareciam assustadores e misteriosos, como algo saído de uma das histórias da Velha Ama, mas não eram Winterfell.

A aglomeração era maior junto das tendas para banquetes. As largas abas estavam atadas, abertas, e os homens entravam e saíam com cornos e canecas nas mãos, alguns com seguidoras de acampamentos. Arya deu uma olhada para dentro quando Cão de

Caça passou pela primeira das três tendas e viu centenas de homens aglomerados nos bancos e acotovelando-se em volta dos barris de hidromel, cerveja e vinho. Lá dentro quase não havia espaço para as pessoas se moverem, mas ninguém parecia se importar. Pelo menos estavam quentes e secas. Arya, fria e molhada, teve inveja delas. Alguns homens até cantavam. A chuvinha fina e brumosa fumegava em volta da porta devido ao calor que escapava do interior.

– Ao Lorde Edmure e à Senhora Roslin – ouviu uma voz gritar. Todos beberam, e alguém gritou:

– Ao Jovem Lobo e à Rainha Jeyne.

Quem é a Rainha Jeyne?, interrogou-se Arya por um breve momento. A única rainha que conhecia era Cersei.

Buracos para fogueiras tinham sido escavados fora das tendas para banquetes, abrigadas sob rudes dosséis de madeira entrelaçada e peles que mantinham a chuva afastada, desde que caísse na vertical. Mas o vento soprava do rio, e entrava chuva suficiente para fazer as fogueiras silvarem e tremularem. Criados viravam peças de carne enfiadas em espetos por cima das chamas. Os cheiros encheram a boca de Arya de água.

– Não devíamos parar? – perguntou a Sandor Clegane. – Há nortenhos nas tendas. – Reconhecia-os pelas barbas, pelos rostos, pelos mantos de pele de urso e de foca, pelos brindes parcialmente escutados e pelas canções que cantavam; homens Karstark, Umber e dos clãs de montanha. – Aposto que também há homens de Winterfell. – Homens do pai, homens do Jovem Lobo, os lobos gigantes de Stark.

– Seu irmão está no castelo – disse ele. – Sua mãe também. Quer ir até eles ou não?

– Sim – disse ela. – Mas e o Sedgekins? – O sargento tinha lhes falado para perguntar por Sedgekins.

– O Sedgekins pode se foder com um atiçador quente. – Clegane sacudiu o chicote, e mandou-o assobiando através da chuva suave até morder o flanco de um cavalo. – É o seu maldito irmão que eu procuro.

Catelyn

Os tambores retumbavam, retumbavam, retumbavam, e a cabeça de Catelyn retumbava com eles. As gaitas gemiam e as flautas soltavam trinados na galeria dos músicos na extremidade do salão; rabecas guinchavam, trombetas soavam, as gaitas de foles gritavam uma melodia animada, mas era a batida dos tambores que dominava tudo. Os sons ecoavam nas vigas, enquanto os convidados comiam, bebiam e gritavam uns para os outros, logo abaixo. *Walder Frey deve ser surdo como uma porta para chamar isso de música*. Catelyn bebericou uma taça de vinho e viu Guizo pavonear-se ao som de "Alysanne". Pelo menos julgava que se pretendia que fosse "Alysanne". Com aqueles músicos, podia perfeitamente ter sido "O urso e a bela donzela".

Lá fora ainda chovia, mas dentro das Gêmeas o ar estava pesado e quente. Um fogo rugia na lareira, e filas de archotes ardiam, fumacentas, em arandelas de ferro presas às paredes. Mas a maior parte do calor vinha dos corpos dos convidados do casamento, tão apertados ao longo dos bancos que cada homem que tentava levantar a sua taça dava cotoveladas nas costelas do vizinho.

Até no estrado estavam mais próximos do que Catelyn teria desejado. Tinha sido colocada entre Sor Ryman Frey e Roose Bolton, e ficara com o nariz cheio de ambos. Sor Ryman bebia como se o vinho estivesse prestes a acabar em Westeros, e suava-o todo pelo sovaco. O homem tinha tomado banho em água de limão, achava, mas nenhum limão era capaz de disfarçar tanto suor acre. Roose Bolton tinha um cheiro mais doce, mas que não era mais agradável. Preferia bebericar hipocraz a vinho ou hidromel, e pouco comia.

Catelyn não podia censurá-lo pela falta de apetite. O banquete de casamento começou com uma sopa aguada de alho-poró, seguida por uma salada de feijão verde, cebola e beterraba, lúcio escaldado em leite de amêndoa, montinhos de purê de nabo que já estava frio antes de chegar à mesa, geleia de miolos de vitela e carne de vaca fibrosa cozida em leite. Era um pobre repasto para um rei, e os miolos de vitela embrulharam o estômago de Catelyn. Mas Robb comeu sem protestar, e o irmão de Catelyn estava embevecido demais pela noiva para prestar muita atenção à comida.

Nunca se imaginaria que Edmure passou todo o caminho de Correrrio até as Gêmeas queixando-se de Roslin. Marido e mulher comiam do mesmo prato, bebiam da mesma taça e trocavam castos beijos entre os goles. Edmure mandava embora a maior parte dos pratos. Não podia censurá-lo por isso. Pouco recordava da comida servida em seu banquete de casamento. *Terei chegado a prová-la? Ou será que passei o*

tempo todo fitando o rosto de Ned, tentando perceber quem ele era?

O sorriso da pobre Roslin tinha uma certa fixidez, como se alguém o tivesse costurado ao rosto dela. *Bem, é uma donzela casada, mas a noite de núpcias ainda não aconteceu. Sem dúvida está tão aterrorizada quanto eu estava*. Robb encontrava-se sentado entre Alyx Frey e a Bela Walda, duas das mais núbeis donzelas Frey.

–"Espero que não se recuse a dançar com as minhas filhas no banquete de casamento" – tinha dito Walder Frey. –"Isso satisfaria o coração de um velho." – Se assim era, seu coração devia estar bem satisfeito; Robb havia desempenhado o seu dever como um rei. Dançou com cada uma das garotas, com a noiva de Edmure e com a oitava Senhora Frey, com a viúva Ami e com a esposa de Roose Bolton, a Walda Gorda, com as gêmeas cheias de espinhas Serra e Sarra, e até com Shirei, a mais nova das filhas de Lorde Walder, que devia ter uns seis anos. Catelyn perguntou a si mesma se o Senhor da Travessia estaria satisfeito, ou se encontraria motivos de queixa em todas as outras filhas e netas que não tiveram a sua vez com o rei.

– Suas irmãs dançam muito bem – ela disse a Sor Ryman Frey, tentando ser agradável.

– São tias e primas. – Sor Ryman bebeu um trago de vinho, com o suor escorrendo pelo rosto e desaparecendo na barba.

Um homem amargo, e embriagado, pensou Catelyn. O Atrasado Lorde Frey podia ser avaro no que tocava a alimentar os seus convidados, mas não tinha economizado na bebida. Cerveja, vinho e hidromel fluíam tão depressa quanto o rio, lá fora. Grande-Jon já estava para lá de bêbado. O filho de Lorde Walder, Merrett, estava competindo com ele, taça atrás de taça, mas Sor Whalen Frey desmaiou tentando acompanhar os dois. Catelyn teria preferido que Lorde Umber tivesse achado por bem permanecer sóbrio, mas dizer ao Grande-Jon para não beber era como lhe pedir para não respirar durante algumas horas.

O Pequeno-Jon Umber e Robin Flint estavam sentados perto de Robb, depois da Bela Walda e de Alyx, respectivamente. Nenhum dos dois estava bebendo; com Patrek Mallister e Dacey Mormont eram, naquela noite, os guardas do filho de Catelyn. Um banquete de casamento não era uma batalha, mas havia sempre perigo quando os homens se metiam nos copos, e um rei nunca devia ficar sem guarda. Catelyn sentia-se satisfeita com isso, e ainda mais com os cintos de espadas pendurados nos cabides ao longo das paredes. *Nenhum homem precisa de uma espada para lidar com geleia de miolos de vitela*.

– Todos pensavam que o meu senhor escolheria a Bela Walda – disse a Senhora Walda Bolton a Sor Wendel, gritando para ser ouvida por sobre a música. Ela mais parecia uma bola de sebo redonda e cor-de-rosa, com olhos azuis lacrimejantes, cabelos louros e sem força e

um enorme busto, mas a voz era um guincho trêmulo. Era difícil imaginá-la no Forte do Pavor, com sua renda cor-de-rosa e capa de veiro. – Mas o senhor meu avô ofereceu a Roose o peso da noiva em prata como dote, e meu senhor de Bolton me escolheu. – Os queixos da garota estremeceram quando riu. – Peso quarenta quilos a mais do que a Bela Walda, mas esta foi a primeira vez que fiquei feliz por isso. Agora sou a Senhora Bolton, e minha prima ainda é donzela e em breve fará *dezenove* anos, pobrezinha.

Catelyn viu que o Senhor do Forte do Pavor não prestava qualquer atenção à tagarelice. Às vezes provava um pouco disso, uma colher daquilo, arrancando bocados de pão com dedos curtos e fortes, mas a refeição não era capaz de distraí-lo. Bolton fez um brinde aos netos de Lorde Walder quando o banquete de casamento começou, fazendo questão de mencionar que Walder e Walder estavam aos cuidados de seu filho bastardo. Pelo modo como o velho o olhou de viés, com a boca chupando o ar, Catelyn compreendeu que ele tinha ouvido a ameaça subjacente.

Terá alguma vez havido uma boda menos alegre?, perguntou a si mesma até se lembrar de sua pobre Sansa e do casamento com o Duende. *Mãe, tenha piedade dela. Ela tem uma alma gentil*. O calor, a fumaça e o barulho estavam deixando Catelyn enjoada. Os músicos na galeria podiam ser numerosos e ruidosos, mas não eram particularmente dotados. Catelyn bebeu outro gole de vinho e deixou que um pajem lhe enchesse a taça. *Mais algumas horas, e o pior terá chegado ao fim*. Amanhã a esta hora Robb terá partido para outra batalha, dessa vez contra os homens de ferro em Fosso Cailin. Era estranho como essa perspectiva parecia quase um alívio. *Ele ganhará a sua batalha. Ele ganha todas as suas batalhas, e os homens de ferro estão sem rei. Além disso, Ned ensinou-o bem*. Os tambores retumbavam. Guizo voltou a passar à sua frente aos saltos, mas a música era tão alta que quase não conseguiu ouvir seus guizos.

Por sobre o ruído ouviu-se de repente um rosnado, quando dois cães se lançaram um contra o outro, lutando por um resto de carne. Rolaram pelo chão, atirando dentadas, enquanto um uivo de divertimento soava. Alguém lhes deu um banho com um jarro de cerveja, e eles se separaram. Um dos cães dirigiu-se mancando para o estrado. A boca desdentada de Lorde Walder abriu-se numa gargalhada quando o cão encharcado sacudiu cerveja e pelos por cima de três dos seus netos.

Ver os cães fez Catelyn desejar uma vez mais que Vento Cinzento estivesse ali, mas o lobo gigante de Robb não era visto em parte alguma. Lorde Walder recusara-se a deixá-lo entrar no salão.

– O seu animal selvagem tem gosto por carne humana, segundo ouvi dizer, *heh* – tinha falado o velho. – Rasga as gargantas, sim. Não

quero uma criatura dessas no banquete da minha Roslin, no meio das mulheres e dos pequenos, todos os meus queridos inocentes.

– Vento Cinzento não constitui qualquer perigo para eles, senhor – protestou Robb. – Desde que eu esteja presente.

– Mas você estava lá, no meu portão, não estava? Quando o lobo atacou os netos que enviei para recebê-los? Contaram-me tudo sobre isso, não pense que não, *heh*.

– Nenhum mal foi feito...

– Nenhum mal, diz o rei? Nenhum mal? Petyr caiu do cavalo, *caiu*. Perdi uma esposa da mesma forma, numa queda. – Sua boca moveu-se para dentro e para fora. – Ou teria sido só uma rameira qualquer? A mãe do Walder Bastardo, sim, agora me lembro. Caiu do cavalo e rachou a cabeça. O que faria Vossa Graça se Petyr tivesse quebrado o pescoço, *heh*? Daria desculpas no lugar de um neto? Não, não, não. Pode ser rei, não direi que não, o Rei no Norte, *heh*, mas sob o meu teto as regras são minhas. O lobo ou a boda, senhor. Ambos, não.

Catelyn tinha visto como Robb estava furioso, mas ele cedeu com tanta cortesia quanto conseguiu arranjar. "Se Lorde Walder desejar me servir corvo guisado recheado de larvas", tinha dito a ela, "vou comê-lo e pedirei uma segunda porção." E assim fez.

Grande-Jon tinha derrubado para baixo da mesa, na bebida, mais um dos descendentes de Lorde Walder. Daquela vez fora Petyr Espinha. *O rapaz tinha um terço do tamanho de Grande-Jon, o que esperava?* Lorde Umber limpou a boca, ergueu-se e começou a cantar.

– *Havia um urso, um urso, um URSO! Preto e castanho e coberto de pelo!* – A voz dele não era nada má, embora estivesse um pouco pesada por causa da bebida.

Infelizmente, os rabequeiros, tambores e flautistas lá em cima estavam tocando "Flores da primavera", que combinava tão bem com as palavras de "O urso e a bela donzela" como caracóis combinavam com uma tigela de mingau de aveia. Até o pobre do Guizo tapou os ouvidos com aquela cacofonia.

Roose Bolton murmurou algumas palavras numa voz fraca demais para ser entendida e afastou-se em busca de uma latrina. O salão repleto de gente estava em constante ebulição com as idas e vindas de convidados e criados. Catelyn sabia que um segundo banquete, para cavaleiros e senhores de um nível um tanto inferior, trovejava no outro castelo. Lorde Walder exilara seus filhos ilegítimos e os descendentes destes para aquele lado do rio, e os nortenhos de Robb tinham começado a se referir àquilo como "o banquete bastardo". Alguns dos convidados estavam sem dúvida escapulindo para ver se os bastardos estavam se divertindo mais do que eles. Alguns talvez se aventurassem até os acampamentos. Os Frey tinham fornecido

carroças cheias de vinho, cerveja e hidromel, de modo que os soldados comuns pudessem beber ao casamento de Correrrio e das Gêmeas.

Robb sentou-se no lugar deixado vago por Bolton.

– Mais algumas horas e esta farsa chegará ao fim, mãe – disse em voz baixa, enquanto Grande-Jon cantava sobre a donzela com mel nos cabelos. – Walder Negro tem se mostrado pacato como um cordeiro, finalmente. E o tio Edmure parece bastante contente com a sua noiva. – Inclinou-se por sobre ela. – Sor Ryman?

Sor Ryman Frey piscou e disse:

– Senhor. Sim?

– Tinha a esperança de pedir a Olyvar para me servir como escudeiro quando marchássemos para o norte – disse Robb –, mas não o vejo aqui. Estará no outro banquete?

– Olyvar? – Sor Ryman balançou a cabeça. – Não. Olyvar não. Partiu... partiu dos castelos. Dever.

– Compreendo. – O tom de Robb sugeria o contrário. Quando Sor Ryman nada mais disse, o rei voltou a ficar em pé. – Quer dançar, mãe?

– Obrigada, mas não. – Dançar era a última coisa de que precisava, com a cabeça latejando como estava. – Sem dúvida que uma das filhas de Lorde Walder ficará contente por ser o seu par.

– Ah, sem dúvida. – O sorriso dele era resignado.

Os músicos estavam tocando "Lanças de ferro" a essa altura, enquanto Grande-Jon cantava "O robusto rapaz". *Alguém devia apresentá-los uns aos outros, talvez melhorasse a harmonia*. Catelyn virou-se para Sor Ryman.

– Ouvi dizer que um de seus primos é cantor.

– Alesander. Filho de Symond. Alyx é irmã dele. – Ergueu uma taça na direção do local onde ela dançava com Robin Flint.

– Alesander tocará para nós esta noite?

Sor Ryman olhou-a de canto de olho.

– Ele não. Está longe. – Limpou suor da testa e levantou-se com dificuldade. – Perdão, minha senhora. Perdão. – Catelyn viu-o cambalear para a porta.

Edmure estava beijando Roslin e apertando sua mão. Em outros pontos do salão, Sor Marq Piper e Sor Danwell Frey apostavam num jogo de bebida, Lothar Coxo dizia qualquer coisa divertida a Sor Hosteen, um dos Frey mais jovens fazia malabarismo com três punhais diante de um grupo de garotas risonhas e Guizo estava sentado no chão, chupando vinho dos dedos. Os serventes traziam enormes bandejas de prata repletas de cortes de cordeiro rosado e suculento, o prato mais apetitoso que tinham visto a noite toda. E Robb dançava com Dacey Mormont.

Quando usava vestido em vez de cota de malha, a filha mais

velha da Senhora Maege era bastante bonita; alta e esbelta, com um sorriso recatado que lhe iluminava o longo rosto. Era agradável ver que sabia ser tão graciosa num salão de dança como no pátio de treinos. Catelyn ficou se perguntando se a Senhora Maege já teria chegado ao Gargalo. Levara consigo as outras filhas, porém, sendo uma das companheiras de batalha de Robb, Dacey tinha preferido permanecer ao lado dele. *Ele tem o dom que Ned tinha para inspirar lealdade*. Olyvar Frey também havia sido devotado ao filho. Robb não tinha dito que Olyvar quis permanecer com ele mesmo *depois* do casamento com Jeyne?

Sentado no meio de suas torres negras de carvalho, o Senhor da Travessia bateu as mãos manchadas. O ruído que fizeram foi tão tênue que até aqueles que se encontravam no estrado quase não ouviram, mas Sor Aenys e Sor Hosteen viram-no e começaram a bater na mesa com as taças. Lothar Coxo juntou-se a eles, seguido por Marq Piper, Sor Danwell e Sor Raymund. Em pouco tempo, metade dos convidados estava fazendo barulho com as taças. E, por fim, até os músicos na galeria repararam. Flautas, tambores e rabecas foram parando de tocar até que se fez silêncio.

– Vossa Graça – disse Lorde Walder –, o septão rezou as suas preces, algumas palavras foram ditas e Lorde Edmure envolveu a minha querida num manto com um peixe, mas eles ainda não são marido e mulher. Uma espada precisa de uma bainha, *heh*, e um casamento precisa de uma noite de núpcias. O que diz o meu senhor? Será próprio que os levemos para a cama?

Uma vintena ou mais dos filhos e netos de Walder Frey desatou a bater de novo com as taças, gritando "Para a cama! Para a cama! *Para a cama com eles*!". Roslin ficou branca. Catelyn perguntou a si mesma se seria a perspectiva de perder a virgindade que assustava a garota, ou a própria tradição das núpcias. Com tantos irmãos, o costume não devia ser estranho a ela, mas era diferente quando se era a pessoa a ser levada. Na noite de casamento de Catelyn, Jory Cassell tinha rasgado seu vestido na pressa de despi-la dele, e Desmond Grell, bêbado, não parava de pedir desculpa pelos gracejos lascivos, apenas para fazer outro logo em seguida. Quando Lorde Dustin a viu nua, disse a Ned que os seios dela o faziam desejar nunca ter sido desmamado. *Pobre homem*, pensou. Foi para o sul com Ned e não regressou. Catelyn perguntou a si mesma quantos dos homens que ali estavam naquela noite acabariam mortos antes do ano chegar ao fim. *Muitos, receio*.

Robb ergueu uma mão.

– Se acha que chegou a hora, Lorde Walder, com certeza, vamos levá-los para a cama.

Um rugido de aprovação saudou aquela proclamação. Na galeria,

os músicos voltaram a pegar nas flautas, trombetas e rabecas e começaram a tocar "A rainha tirou a sandália, o rei tirou a coroa". Guizo pôs-se a saltitar ora sobre um pé, ora sobre o outro, fazendo a coroa tilintar.

– Ouvi dizer que os homens Tully têm trutas entre as pernas no lugar dos pintos – gritou audaciosamente Alyx Frey. – Será que precisam de uma minhoca para ficarem em pé?

Ao que Sor Marq Piper retorquiu:

– *Eu* ouvi dizer que as mulheres Frey têm dois portões em vez de um!

E Alyx disse:

– Sim, mas estão os dois fechados e trancados para coisinhas pequenas como você!

Seguiu-se uma rajada de gargalhadas, até que Patrek Mallister subiu em uma mesa para propor um brinde ao peixe de um olho só de Edmure.

– E que poderoso lúcio ele é! – proclamou.

– Ná, aposto que é um vairão – gritou a Walda Gorda Bolton do lado de Catelyn.

Então, o grito geral de "*Para a cama com eles! Para a cama com eles!*" voltou a soar.

Os convidados invadiram o estrado, com os mais bêbados na frente, como sempre. Os homens e rapazes rodearam Roslin e ergueram-na ao ar enquanto as donzelas e mães presentes no salão puseram Edmure em pé e começaram a puxar sua roupa. Ele ria e gritava-lhes piadas obscenas em resposta, embora a música estivesse alta demais para que Catelyn os ouvisse. Mas ouvia Grande-Jon.

– Dê esta noivinha para mim – berrou enquanto abria caminho entre os outros homens e punha Roslin no ombro. – Olhem esta coisinha! Não tem carne nenhuma!

Catelyn sentiu pena da garota. A maior parte das noivas tentava devolver os gracejos, ou pelo menos fingia se divertir, mas Roslin estava rígida de terror, agarrando-se ao Grande-Jon, como se temesse que ele a deixasse cair. *E também está chorando*, reparou Catelyn enquanto observava Sor Marq Piper descalçar um dos sapatos da noiva. *Espero que Edmure seja gentil com a pobre criança*. Música alegre e lasciva ainda jorrava da galeria; a rainha estava agora tirando a combinação e o rei, a túnica.

Sabia que devia se juntar ao aglomerado de mulheres que rodeavam o irmão, mas acabaria apenas por estragar a diversão. A última coisa que se sentia agora era lasciva. Edmure perdoaria sua ausência, disso não duvidava; era muito mais divertido ser despido e deitado por uma vintena de voluptuosas e risonhas Frey do que por uma irmã amarga e magoada.

Enquanto o homem e a donzela eram levados do salão, deixando atrás de si um rastro de roupas, Catelyn viu que Robb também tinha ficado. Walder Frey era suficientemente suscetível para ver nisso algum insulto à filha. *Ele devia se juntar aos que levam Roslin para a cama, mas cabe a mim dizer-lhe isso?* Sentiu-se tomada pela tensão até reparar que outros também tinham ficado para trás. Petyr Espinha e Sor Whalen Frey continuavam a dormir, com a cabeça apoiada na mesa. Merrett Frey servia-se de outra taça de vinho, enquanto Guizo vagueava pelo salão, roubando nacos de comida dos pratos daqueles que tinham saído. Sor Wendel Manderly atacava com volúpia uma perna de cordeiro. E, claro, Lorde Walder era fraco demais para sair de seu lugar sem ajuda. *Mas ele espera que Robb vá*. Quase conseguia ouvir o velho perguntando por que motivo Sua Graça não queria ver a filha nua. Os tambores voltaram a retumbar, retumbar, retumbar e retumbar.

Dacey Mormont, que parecia ter sido a única mulher a ficar no salão além de Catelyn, aproximou-se de Edwyn Frey e tocou levemente o braço dele enquanto lhe dizia qualquer coisa ao ouvido. Edwyn afastou-se dela com uma violência imprópria.

– Não – disse, alto demais. – Estou farto de danças por ora.

Dacey empalideceu e afastou-se. Catelyn pôs-se lentamente em pé. *O que acabou de acontecer aqui?* A dúvida tomou seu coração, onde um instante antes havia apenas a fadiga. *Não é nada*, tentou dizer a si mesma, *está vendo gramequins na lenha, transformou-se numa velha boba, doente de desgosto e medo*. Mas algo deve ter transparecido em seu rosto. Até Sor Wendel Manderly reparou.

– Há algum problema? – perguntou, com a perna de cordeiro nas mãos.

Catelyn não lhe respondeu. Em vez disso, foi atrás de Edwyn Frey. Os músicos na galeria tinham finalmente vestido tanto o rei como a rainha com o traje do dia de seu nome. Quase sem um momento de pausa, começaram a tocar um tipo muito diferente de canção. Ninguém cantou a letra, mas Catelyn reconhecia "As chuvas de Castamere" quando a ouvia. Edwyn dirigia-se apressadamente para uma porta. Catelyn apressou-se mais, levada pela música. Seis passos rápidos e o alcancou. *E quem é você, disse o altivo senhor, pra que a vênia seja profunda?* Agarrou Edwyn pelo braço para virá-lo e ficou gelada quando sentiu os anéis de ferro sob a sua manga de seda.

Catelyn esbofeteou-o com tanta força que lhe abriu o lábio. *Olyvar*, pensou, *e Perwyn, Alesander, todos ausentes. E Roslin chorou...*

Edwyn Frey afastou-a com um empurrão. A música afogava todos os outros sons, ecoando nas paredes, como se as próprias pedras estivessem tocando. Robb lançou a Edwyn um olhar furioso e foi bloquear seu caminho... e cambaleou subitamente quando um dardo

brotou de seu flanco, logo abaixo do ombro. Se nesse momento gritou, o som foi engolido pelas flautas, trompas e rabecas. Catelyn viu um segundo dardo perfurar a perna dele, viu-o cair. Lá em cima, na galeria, metade dos músicos tinha nas mãos bestas em vez de tambores ou alaúdes. Correu para o filho, até que algo lhe atingiu na lombar, e o duro chão de pedra subiu para lhe dar uma bofetada.

– *Robb!* – gritou. Viu Pequeno-Jon Umber tirando uma mesa da armação. Dardos de bestas cravaram-se na madeira, um, dois, três, quando ele a atirou para cima de seu rei. Robin Flint estava cercado por um grupo de Freys, cujos punhais subiam e desciam. Sor Wendel Manderly levantou-se imponentemente, agarrado à perna de cordeiro. Um dardo entrou por sua boca aberta e saiu pela parte de trás do pescoço. Sor Wendel estatelou-se para a frente, soltando a tábua da mesa da armação e mandando taças, jarros, bandejas, pratos, nabos, beterrabas e vinho para o chão saltando, derramando e deslizando.

As costas de Catelyn estavam em brasa. *Tenho de chegar até ele*. Pequeno-Jon deu uma cacetada no rosto de Sor Raymund Frey com uma perna de carneiro. Mas quando estendeu a mão para o cinto da espada, um dardo de besta fez com que caísse de joelhos. *Num manto de ouro ou num manto vermelho, suas garras um leão mantém*. Catelyn viu Lucas Blackwood ser abatido por Sor Hosteen Frey. Um dos Vance foi paralisado por Walder Negro enquanto lutava com Sor Harys Haigh. *E as minhas são longas e afiadas, senhor, como o senhor as tem também*. As bestas atingiram Donnel Locke, Owen Norrey e mais meia dúzia. O jovem Sor Benfrey agarrou Dacey Mormont pelo braço, mas Catelyn viu-a pegar num jarro de vinho com a outra mão e acertar em cheio o rosto de Mormont e correr para a porta. Esta escancarou-se antes de ela conseguir alcançá-la. Sor Ryman Frey entrou no salão, vestido de aço do elmo ao esporão. Uma dúzia de homens de armas Frey apinhou-se na porta atrás dele. Estavam armados com pesados machados longos.

– *Misericórdia!* – gritou Catelyn, mas trombetas, tambores e o tinir do aço abafaram seu apelo. Sor Ryman enterrou a cabeça de seu machado no estômago de Dacey. A essa altura, jorravam também homens das outras portas, homens revestidos de cota de malha com hirsutos mantos de peles e com aço nas mãos. *Nortenhos!* Durante meio segundo tomou-os por salvadores, até que um deles cortou a cabeça de Pequeno-Jon com dois violentíssimos golpes de machado. A esperança apagou-se como uma vela na tempestade.

No meio do massacre, o Senhor da Travessia permanecia sentado em seu trono de carvalho esculpido, observando avidamente.

Havia um punhal no chão a alguns centímetros de distância. Talvez tivesse escorregado até ali quando Pequeno-Jon arrancara a mesa da armação, ou talvez tivesse caído da mão de algum

moribundo. Catelyn rastejou até ele. As pernas e os braços pareciam chumbo e sua boca tinha gosto de sangue. *Matarei Walder Frey*, disse a si mesma. Guizo estava mais perto da faca, escondido por baixo de uma mesa, mas apenas se encolheu com medo quando ela pegou a lâmina. *Matarei o velho, isso, pelo menos, posso fazer*.

Então o tampo de mesa que Pequeno-Jon atirara sobre Robb moveu-se, e o filho apoiou-se com dificuldade nos joelhos. Tinha uma flecha espetada no flanco, uma segunda na perna, uma terceira no peito. Lorde Walder levantou uma mão, e a música parou, menos um tambor. Catelyn ouviu o estrondo da batalha distante, e, mais perto, os uivos selvagens de um lobo. *Vento Cinzento*, lembrou-se, tarde demais.

– *Heh* – cacarejou Lorde Walder para Robb –, o Rei no Norte ergue-se. Parece que matamos alguns de seus homens, Vossa Graça. Oh, mas eu vou lhe dar uma *satisfação* que deixará tudo bem uma vez mais, *heh*.

Catelyn agarrou uma mão-cheia dos longos cabelos grisalhos de Guizo Frey e arrastou-o para fora de seu esconderijo.

– Lorde Walder! – gritou. – *LORDE WALDER!* – O tambor batia lento e sonoro, *fim bum fim*. – Basta – disse Catelyn. – *Basta*, disse eu. Pagou traição com traição, que fique por aqui. – Quando encostou o punhal na garganta do Guizo, a memória do quarto de doente de Bran voltou, com o toque do aço na própria garganta. O tambor continuava *bum fim bum fim bum fim bum*. – Por favor – disse. – Ele é meu filho. O meu primeiro filho, e o último. Deixe-o ir. Deixe-o ir, e eu juro que esqueceremos isto... esqueceremos tudo que fez aqui. Juro pelos deuses antigos e pelos novos, nós... nós não buscaremos vingança...

Lorde Walder olhou-a com desconfiança.

– Só um tolo acreditaria nessa bobagem. Toma-me por um tolo, senhora?

– Tomo-o por um pai. Fique comigo como refém, e com Edmure também, caso não o tenha matado. Mas deixe Robb ir.

– Não. – A voz de Robb era tênue como um suspiro. – Mãe, não...

– Sim. Robb, levante-se. Levante-se e saia, por favor, *por favor*. Salve-se... se não por mim, então por Jeyne.

– Jeyne? – Robb agarrou a borda da mesa e forçou-se a ficar em pé. – Mãe – disse –, o Vento Cinzento...

– Vá até ele. Já. Robb, *saia daqui*.

Lorde Walder resfolegou.

– E por que é que eu permitiria que ele fizesse isso?

Ela encostou a lâmina com mais força na garganta de Guizo. O retardado rolou os olhos para ela num apelo mudo. Um forte fedor assaltou seu nariz, mas não prestou mais atenção nele do que no soturno e incessante retumbar daquele tambor, *bum fim bum fim bum*

fim bum. Sor Ryman e Walder Negro estavam a rodeá-la pelas costas, mas Catelyn não se importava. Podiam fazer com ela o que quisessem; aprisioná-la, violá-la, matá-la, não interessava. Tinha vivido tempo demais e Ned a esperava. Era por Robb que temia.

– Por minha honra como Tully – disse a Lorde Walder –, por minha honra como Stark, trocarei a vida do seu rapaz pela de Robb. Um filho por um filho. – Sua mão tremia tanto que estava fazendo a cabeça de Guizo tilintar.

Bum, soou o tambor, *bum, fim, bum, fim*. Os lábios do velho projetaram-se e retraíram-se. A faca tremeu na mão de Catelyn, escorregadia de suor.

– Um filho por um filho, *heh* – repetiu ele. – Mas esse é um neto... e nunca teve grande utilidade.

Um homem com uma armadura escura e um manto rosa-claro manchado de sangue aproximou-se de Robb.

– Jaime Lannister manda cumprimentos. – Ele espetou a espada no coração do filho de Catelyn e girou.

Robb tinha faltado à palavra, mas Catelyn manteve a sua. Puxou com força os cabelos de Aegon e serrou seu pescoço até a faca começar a raspar em osso. Correu sangue sobre os seus dedos. Os pequenos guizos tilintavam, tilintavam, tilintavam, e o tambor retumbava, *bum fim bum*.

Por fim, alguém tirou a faca dela. As lágrimas ardiam como vinagre ao correrem por seu rosto. Dez corvos ferozes devastavam seu rosto com garras afiadas, rasgando fitas de carne, deixando profundos sulcos que escorriam, vermelhos de sangue. Sentia o sabor nos lábios.

Dói tanto, pensou. *Os nossos filhos, Ned, todos os nossos queridos bebês. Rickon, Bran, Arya, Sansa, Robb... Robb... por favor, Ned, por favor, faça com que pare, faça com que pare de doer...* As lágrimas brancas e as vermelhas correram juntas até que seu rosto ficou rasgado e em farrapos, o rosto que Ned amara. Catelyn Stark ergueu as mãos e viu o sangue correr por seus longos dedos, pelos pulsos, por baixo das mangas do vestido. Lentos vermes vermelhos rastejavam ao longo de seus braços e sob a roupa. *Faz cócegas*. Aquilo fez com que risse até gritar.

– Louca – disse alguém –, perdeu o juízo.

– E outra pessoa disse:

– Dê um fim nela – e uma mão agarrou seus cabelos tal como ela fizera com Guizo, e Catelyn pensou, *Não, isso não, não me corte os cabelos, Ned adora meus cabelos*. E então o aço chegou-lhe à garganta, e a sua mordida era rubra e fria.

Arya

As tendas para banquetes estavam agora atrás deles. Chapinharam por sobre barro molhado e mato arrancado, para longe da luz e de volta às sombras. Em frente erguia-se a guarita do castelo. Arya via tochas em movimento nas muralhas, com as chamas a dançar, sopradas pelo vento. A luz brilhava, baça, sobre cota de malha e elmos molhados. Mais tochas moviam-se pela ponte escura de pedra que unia as Gêmeas, uma coluna de tochas que corria da margem ocidental para a oriental.

– O castelo não está fechado – disse Arya de repente. O sargento tinha dito que estaria, mas se enganou. A porta levadiça estava sendo içada naquele exato instante, e a ponte levadiça já tinha sido baixada por sobre o fosso transbordando de água. Teve receio de que os guardas de Lorde Frey se recusassem a deixá-los entrar. Durante meio segundo mordeu o lábio, ansiosa demais para sorrir.

Cão de Caça freou os animais tão de repente que ela quase caiu da carroça.

– Sete malditos infernos de merda – ouviu-o praguejar, enquanto a roda esquerda começava a se enterrar na lama mole. A carroça foi se inclinando lentamente. – Para o *chão* – rugiu-lhe Clegane, batendo no ombro dela com o pulso para fazê-la cair de lado.

Aterrissou ligeira, como Syrio lhe ensinara, e pôs-se imediatamente em pé com o rosto cheio de lama.

– *Por que fez isto?* – gritou.

Cão de Caça também tinha saltado para o chão. Ele arrancou o assento da parte da frente da carroça e estendeu a mão para o cinto da espada que escondera por baixo dele.

Foi só então que Arya ouviu os cavaleiros jorrando do portão do castelo num rio de aço e fogo, com o trovão que os seus corcéis de batalha faziam ao atravessar a ponte levadiça quase sumido sob os tambores que soavam nos castelos. Homens e montarias usavam armaduras de aço, e um em cada dez trazia uma tocha. Os outros tinham machados, alabardas e pesadas lâminas capazes de quebrar ossos e esmagar armaduras.

Em algum lugar, ao longe, ouviu um lobo uivar. Não era um som muito alto, comparado com o ruído do acampamento, a música e o rosnar baixo e ameaçador do rio que corria rápido, mesmo assim ouviu-o. Mas talvez não tivessem sido os ouvidos a ouvi-lo. O som estremeceu através de Arya como uma faca, afiada de fúria e pesar. Mais e mais cavaleiros emergiam do castelo, uma coluna com a largura de quatro homens e que parecia sem fim, cavaleiros, escudeiros e cavaleiros livres, tochas e machados de cabo longo. E

também havia barulho vindo de trás.

Quando Arya olhou em volta, viu que só restavam duas das enormes tendas para banquetes onde tinha havido três. A do meio caíra. Por um momento, não compreendeu o que estava vendo. Então, as chamas começaram a lamber a tenda caída, e agora as outras duas caíam também, com o pesado tecido oleado assentando-se sobre os homens que estavam por baixo. Um bando de flechas incendiárias rasgou o ar. A segunda tenda pegou fogo, e logo a terceira. Os gritos tornaram-se tão ruidosos que conseguia ouvir palavras através da música. Silhuetas escuras moviam-se diante das chamas, com o aço de suas armaduras brilhando em tons de laranja quando visto de longe.

Uma batalha, compreendeu Arya. *É uma batalha. E os cavaleiros...*

Então ficou sem tempo para observar as tendas. Com o rio invadindo as margens, as águas escuras e turbulentas na extremidade da ponte levadiça chegavam à barriga dos cavalos, mas os cavaleiros avançaram através delas mesmo assim, incentivados pela música. Por uma vez, a mesma canção vinha de ambos os castelos. *Eu conheço esta canção*, compreendeu Arya subitamente. Tom das Sete cantara-a, naquela noite chuvosa em que os fora da lei tinham se abrigado na cervejaria com os irmãos pardos. *E quem é você, disse o altivo senhor, pra que a vênia seja profunda?*

Os cavaleiros Frey atravessavam com dificuldade a lama e os juncos, mas alguns deles tinham visto a carroça. Arya viu três abandonarem a coluna principal, pisando forte ao longo dos baixios. *Só um gato com um manto diferente, essa é a verdade fecunda*.

Com um único golpe de espada, Clegane cortou a corda que prendia Estranho e saltou para o dorso do animal. O corcel sabia o que se queria dele. Levantou as orelhas e virou na direção dos corcéis de batalha em carga. *Num manto de ouro ou num manto vermelho, suas garras um leão mantém. E as minhas são longas e afiadas, senhor, como o senhor as tem também*. Arya rezara centenas e centenas de vezes para que Cão de Caça morresse, mas agora... havia uma pedra em sua mão, escorregadia de lama, e nem sequer se lembrava de tê-la pegado. *Contra quem a atiro?*

Saltou ao ouvir o estrondo do metal, quando Clegane afastou o primeiro machado. Enquanto lutava com o primeiro homem, o segundo deu a volta por trás dele e desferiu um golpe contra a parte baixa de suas costas. Estranho girava, e Cão de Caça foi atingido por não mais que um golpe de raspão, o bastante para fazer um grande rasgão em sua blusa larga de camponês e expor a cota de malha que tinha por baixo. *É um contra três*. Arya continuava agarrada à sua pedra. *Vão matá-lo com certeza*. Pensou em Mycah, no filho do açougueiro que tinha sido seu amigo durante tão pouco tempo.

Então viu o terceiro cavaleiro vindo em sua direção. Arya pôs-se

atrás da carroça. *O medo golpeia mais profundamente do que as espadas*. Ouvia tambores, berrantes de guerra e flautas, garanhões berrando, o guincho do aço batendo em aço, mas todos os sons pareciam muito distantes. A única coisa que existia era o cavaleiro que se aproximava e o machado que ele tinha na mão. Usava um sobretudo sobre a armadura e ela viu as duas torres que o identificavam como um Frey. Não compreendeu. O tio ia se casar com uma filha de Lorde Frey, os Frey eram amigos de seu irmão.

– *Não!* – gritou enquanto ele rodeava a carroça, mas o homem não prestou atenção nela.

Quando ele avançou, Arya atirou a pedra, da mesma maneira que atirara uma maçã apodrecida em Gendry. Tinha acertado em Gendry bem no meio da testa, mas agora falhou a pontaria, e a pedra rolou, de lado, na têmpora do homem. Foi o suficiente para interromper a arremetida, mas apenas isso. Arya fugiu, correndo nas pontas dos pés pelo terreno lamacento, pondo a carroça de novo entre ambos. O cavaleiro seguiu-a a trote, só trevas por trás da fenda para os olhos. Nem sequer amassara seu elmo. Giraram uma, duas vezes, uma terceira. O cavaleiro amaldiçoou-a.

– *Não pode fugir para...*

A cabeça do machado acertou em cheio na nuca dele, rasgando-lhe o elmo e o crânio, por baixo, e fazendo-o voar da sela e aterrissar de cara no chão. Atrás dele encontrava-se Cão de Caça, ainda montado no Estranho. *Como foi que arranjou um machado?*, quase perguntou, antes de compreender. Um dos outros Frey estava encurralado debaixo de seu cavalo moribundo, afogando-se em trinta centímetros de água. O terceiro homem estava estatelado de costas, imóvel. Não tinha usado gorjal, e trinta centímetros de espada partida projetavam-se de debaixo de seu queixo.

– Vá buscar o meu elmo – rosnou-lhe Clegane.

O elmo estava enfiado no fundo de uma saca de maçãs secas, na parte de trás da carroça, escondida atrás dos pés de porco em salmoura. Arya virou a saca e jogou o elmo para Cão de Caça. Ele apanhou-o no ar com uma só mão e enfiou-o na cabeça, e no local onde estivera o homem havia apenas um cão de aço, rosnando para os incêndios.

– Meu irmão...

– Morto – ele gritou em resposta. – Acha que massacrariam os homens dele e o deixariam vivo? – Voltou a cabeça para o acampamento. – Olhe. *Olhe*, droga.

O acampamento transformara-se num campo de batalha. *Não, num antro de carniceiros*. As chamas vindas das tendas para banquetes chegavam a meio caminho do céu. Algumas das tendas-casernas também estavam queimando, bem como meia centena de pavilhões de

seda. Por todo lado as espadas cantavam. *Mas agora a chuva chora em seu salão, e ninguém está lá para a ver*. Viu dois cavaleiros perseguindo e abatendo um homem que fugia a pé. Um barril de madeira esmagou-se numa das tendas incendiadas e estourou, e as chamas saltaram, duas vezes mais altas. *Uma catapulta*, compreendeu. O castelo estava arremessando azeite, ou piche, ou algo parecido.

– Venha comigo. – Sandor Clegane estendeu uma mão para baixo. – Temos que sair daqui, e já. – Estranho sacudiu impacientemente a cabeça, com as ventas se abrindo ao sentir o cheiro de sangue. A canção tinha terminado. Restava apenas um tambor solitário, cujos sons lentos e monótonos ecoavam por sobre o rio como o bater de um coração monstruoso. O céu negro chorava, o rio resmungava, homens praguejavam e morriam. Arya tinha lama nos dentes e o rosto estava molhado. *Chuva. É só chuva. Não passa disso.*

– Estamos *aqui* – gritou. Sua voz soava fina e assustada, uma voz de menininha. – Robb está ali no castelo, e minha mãe também. O portão está aberto e tudo. – Não havia mais Freys saindo. *Vim até tão longe*. – Temos que buscar a minha *mãe*.

– Cadelinha estúpida. – Os incêndios refletiam-se no focinho de seu elmo e faziam os dentes de aço brilhar. – Se entrar ali, não volta a sair. O Frey talvez a deixe beijar o cadáver de sua mãe.

– Talvez possamos *salvá-la*...

– Você talvez possa. Eu não estou cansado de viver ainda. – Avançou em sua direção, empurrando-a contra a carroça. – Fique ou parta, loba. Sobreviva ou morra. A escolha...

Arya virou as costas para ele e precipitou-se para o portão. A porta levadiça estava descendo, mas lentamente. *Tenho que correr mais depressa*. Mas a lama retardou-a, e depois a água. *Corra, rápida como um lobo*. A ponte levadiça tinha começado a subir, com a água escorrendo dela em cascata e a lama caindo em pesados grumos. *Mais depressa*. Ouviu um forte esparramar de água e, quando olhou para trás, viu Estranho trovejando em sua perseguição, fazendo voar nuvens de água a cada passo. E viu também o machado, ainda molhado de sangue e miolos. E Arya correu. Agora já não pelo irmão, nem mesmo pela mãe, mas por si mesma. Correu mais depressa do que jamais correra, de cabeça baixa e com os pés fazendo o rio espumar, fugiu dele como Mycah devia ter fugido.

E o machado atingiu-a na nuca.

Tyrion

Jantaram sozinhos, como faziam tantas vezes.

– As ervilhas estão cozidas demais – arriscou sua esposa a certa altura.

– Não importa – disse. – O carneiro também está.

Era uma brincadeira, mas Sansa entendeu como crítica.

– Lamento, senhor.

– Por quê? Quem deve lamentar é um cozinheiro qualquer. Você não. As ervilhas não são de sua jurisdição, Sansa.

– Eu... eu lamento que o senhor meu esposo esteja descontente.

– Qualquer descontentamento que eu possa estar sentindo nada tem a ver com ervilhas. Tenho Joffrey e minha irmã para me descontentar, e também o senhor meu pai, e trezentos malditos dorneses. – Tinha instalado o Príncipe Oberyn e seus senhores numa torre de canto, com vista para a cidade, tão longe dos Tyrell quanto era possível sem expulsá-los por inteiro da Fortaleza Vermelha. Não era nem de perto suficientemente longe. Já tinha ocorrido um distúrbio numa casa de pasto da Baixada das Pulgas que deixou um homem de armas Tyrell morto e dois dos homens de Lorde Gargalen escaldados, e um feio confronto no pátio quando a encarquilhada e minúscula mãe de Mace Tyrell chamara Ellaria Sand de "a prostituta da serpente". Sempre que acontecia de encontrar Oberyn Martell, o príncipe perguntava quando seria feita justiça. Ervilhas cozidas demais eram o último dos problemas de Tyrion, mas não via utilidade em sobrecarregar a sua jovem esposa com eles. Sansa tinha mágoas bastantes sem precisar das suas. – As ervilhas estão boas o suficiente – disse-lhe com concisão. – São verdes e redondas, o que mais podemos esperar de ervilhas? Veja, vou repetir o prato, se agradar à senhora. – Chamou, e Podrick Payne despejou tantas ervilhas em seu prato que já não conseguia ver o carneiro. *Isso foi burrice*, disse a si mesmo. *Agora tenho que comer tudo, caso contrário ela vai começar a lamentar de novo*.

O jantar terminou num silêncio tenso, como acontecia com tantos de seus jantares. Depois, enquanto Pod recolhia as taças e bandejas, Sansa pediu a Tyrion licença para visitar o bosque sagrado.

– Como quiser. – Habituara-se às devoções noturnas da esposa. Ela também rezava no septo real e frequentemente acendia velas à Mãe, à Donzela e à Velha. Tyrion achava toda aquela piedade excessiva, a bem da verdade, mas se estivesse no lugar dela, talvez também quisesse a ajuda dos deuses. – Confesso pouco saber dos deuses antigos – disse, tentando ser agradável. – Talvez algum dia possa me esclarecer. Até poderia acompanhá-la.

– Não – disse Sansa de imediato. – É... é gentil em sugerir isso,

mas... não há *devoções*, senhor. Não há sacerdotes, canções ou velas. Só árvores e preces silenciosas. Iria aborrecê-lo.

– Tem certamente razão. – *Ela conhece-me melhor do que eu pensava*. – Se bem que o som do restolhar de folhas poderia ser mais agradável do que um septão qualquer cantarolando a respeito dos sete aspectos da graça. – Tyrion mandou-a embora com um gesto. – Não me intrometerei. Proteja-se bem, senhora, o vento lá fora é fresco. – Sentiu-se tentado a perguntar o que ela pedia ao rezar, mas Sansa era tão obediente que podia realmente lhe contar, e ele suspeitava de que não gostaria de saber.

Voltou ao trabalho depois que ela saiu, tentando seguir alguns dragões de ouro pelo labirinto dos livros-mestres do Mindinho. Petyr Baelish não acreditara em deixar o ouro guardado e juntando pó, isso era certo, mas quanto mais Tyrion procurava compreender suas contas, mais lhe doía a cabeça. Falar de reproduzir dragões em vez de trancá-los no tesouro estava muito bem, mas alguns daqueles empreendimentos cheiravam pior do que peixe pescado há uma semana. *Não teria deixado tão prontamente Joffrey atirar os Homens Chifrudos por cima das muralhas se soubesse quantos dos malditos bastardos tinham recebido empréstimos da coroa*. Teria de mandar Bronn encontrar seus herdeiros, mas temia que isso se revelasse tão infrutífero quanto tentar espremer prata de um peixinho-prateado.

Quando a convocatória do senhor seu pai chegou, foi a primeira vez, até onde Tyrion se lembrava, em que se sentiu contente por ver Sor Boros Blount. Fechou os livros-mestres com um sentimento de gratidão, apagou a candeia de azeite com um sopro, amarrou um manto em volta dos ombros e bamboleou através do castelo até a Torre da Mão. O vento era fresco, tal como prevenira Sansa, e havia cheiro de chuva no ar. Quando Lorde Tywin o dispensasse, talvez devesse ir ao bosque sagrado, para trazer Sansa para casa antes que ficasse encharcada.

Mas tudo isso foi varrido da sua cabeça quando entrou no aposento privado da Mão e deparou com Cersei, Sor Kevan e o Grande Meistre Pycelle reunidos em volta de Lorde Tywin e do rei. Joffrey estava quase aos saltos, e Cersei saboreava um sorrisinho cheio de si, embora Lorde Tywin parecesse tão sombrio como sempre. *Pergunto-me se ele seria capaz de sorrir, mesmo se quisesse.*

– O que aconteceu? – perguntou Tyrion.

O pai estendeu um rolo de pergaminho para ele. Alguém o alisara, mas ainda tentava se enrolar. "*A Roslin pegou uma bela truta gorda*", dizia a mensagem. "*Os irmãos ofereceram-lhe um par de pele de lobo como presente de casamento.*" Tyrion virou o pergaminho para inspecionar o selo quebrado. A cera era cinza-prateada, e impressas nela encontravam-se as torres gêmeas da Casa Frey.

– O Senhor da Travessia imagina que está sendo poético? Ou será que isso pretende nos confundir? – Tyrion fungou. – A truta deve ser Edmure Tully, as peles...

– Ele está *morto*! – Joffrey soava tão orgulhoso e feliz que daria para achar que tinha sido ele quem esfolou Robb Stark em pessoa.

Primeiro o Greyjoy, e agora o Stark. Tyrion pensou na criança sua esposa, que naquele momento rezava no bosque sagrado. *Rezando aos deuses do pai para que concedam ao irmão a vitória e mantenham a mãe a salvo, sem dúvida*. Os deuses antigos não ligavam mais para as preces do que os novos, aparentemente. Talvez devesse sentir-se reconfortado por isso.

– Os reis estão caindo como folhas, neste outono – disse. – Aparentemente, nossa guerrinha está se ganhando sozinha.

– As guerras não se ganham sozinhas, Tyrion – disse Cersei com uma doçura venenosa. – O senhor nosso pai ganhou esta guerra.

– Nada está ganho enquanto tivermos inimigos em campo – preveniu-os Lorde Tywin.

– Os senhores do rio não são nada tolos – concordou a rainha. – Sem os nortenhos, não podem esperar resistir ao poderio combinado de Jardim de Cima, Rochedo Casterly e Dorne. Certamente preferirão a submissão à destruição.

– A maioria, sim – concordou Lorde Tywin. – Resta Correrrio, mas enquanto Walder Frey tiver Edmure Tully como refém, o Peixe Negro não se atreverá a constituir uma ameaça. Jason Mallister e Tytos Blackwood continuarão lutando em nome da honra, mas os Frey podem manter os Mallister encurralados em Guardamar, e com o incitamento certo, Jonos Bracken pode ser persuadido a mudar de fidelidade e atacar os Blackwood. No fim, dobrarão os joelhos, sim. Pretendo oferecer termos generosos. Qualquer castelo que se renda a nós será poupado, exceto um.

– Harrenhal? – disse Tyrion, que conhecia o pai.

– É melhor que o reino se livre desses Bravos Companheiros. Ordenei a Sor Gregor para passar o castelo na espada.

Gregor Clegane. Parecia que o pai pretendia minar a Montanha até a última pepita de minério antes de entregá-la à justiça de Dorne. Os Bravos Companheiros acabariam como cabeças montadas em espigões, e Mindinho entraria de passeio em Harrenhal, sem uma única mancha de sangue naquelas suas belas roupas. Perguntou a si mesmo se Petyr Baelish já teria chegado ao Vale. *Se os deuses forem bons, enfrentou com uma tempestade no mar e afundou-se*. Mas quando os deuses tinham sido razoavelmente bons?

– Deviam ser todos passados na espada – declarou de repente Joffrey. – Os Mallister, os Blackwood e os Bracken... todos. São traidores. Quero-os mortos, avô. Não quero nenhum *termo generoso*. –

O rei virou-se para o Grande Meistre Pycelle. – E também quero a cabeça de Robb Stark. Escreva ao Lorde Frey e diga-lhe. O rei ordena. Vou servi-la a Sansa em meu banquete de casamento.

– Senhor – disse Sor Kevan numa voz chocada –, a senhora é agora sua tia pelo casamento.

– Uma brincadeira. – Cersei sorriu. – Joff não falava a sério.

– Falava, sim – insistiu Joffrey. – Ele era um traidor, e quero a sua estúpida cabeça. Vou obrigar Sansa a beijá-la.

– *Não*. – A voz de Tyrion estava enrouquecida. – Sansa já não é sua para atormentar. Veja se percebe isso, monstro.

Joffrey deu um sorriso zombeteiro.

– O monstro é você, tio.

– Ah, sou? – Tyrion inclinou a cabeça. – Então talvez devesse falar comigo mais de mansinho. Os monstros são animais perigosos, e agora os reis parecem andar morrendo como moscas.

– Podia cortar sua língua por dizer isso – disse o jovem rei, corando. – Sou o rei.

Cersei apoiou uma mão protetora no ombro do filho.

– Deixe o anão fazer todas as ameaças que quiser, Joff. Quero que o senhor meu pai e o meu tio vejam aquilo que ele é.

Lorde Tywin ignorou aquilo; foi a Joffrey que se dirigiu.

– Aerys também achava que tinha de lembrar aos homens que era o rei. E também era muito amigo de arrancar línguas. Pode interrogar Sor Ilyn Payne a esse respeito, embora não vá obter resposta.

– Sor Ilyn nunca se atreveu a provocar Aerys como o seu Duende provoca Joff – disse Cersei. – Ouviu Tyrion. "Monstro", disse ele. À Graça Real. E ameaçou-o...

– Fique calada, Cersei. Joffrey, quando os seus inimigos o desafiarem, tem de lhes servir aço e fogo. Mas quando se ajoelham, tem de ajudá-los a se levantar. De outro modo, nunca ninguém dobrará o joelho. E qualquer homem que tenha de dizer "sou o rei" não é rei de verdade. Aerys nunca compreendeu isso, mas você compreenderá. Depois de ganhar a sua guerra, restauraremos a paz régia e a justiça real. Em vez de cabeças, preocupe-se é com o cabaço de Margaery Tyrell.

Joffrey ostentava aquela sua expressão carrancuda e amuada. Cersei tinha-o firmemente preso pelo ombro, mas talvez devesse tê-lo agarrado pela garganta. O rapaz surpreendeu a todos. Em vez de fugir e de ir se enfiar debaixo de uma pedra, Joff ergueu-se com um ar desafiador e disse:

– Fala de Aerys, avô, mas tinha medo dele.

Ora essa, e não é que isso ficou interessante?, pensou Tyrion.

Lorde Tywin estudou o neto em silêncio, com salpicos de ouro brilhando em seus olhos verde-claros.

– Joffrey, peça perdão ao seu avô – disse Cersei.

Ele libertou-se das mãos dela.

– Por que devo pedir perdão? Todo mundo sabe que é verdade. O meu pai ganhou todas as batalhas. Matou o Príncipe Rhaegar e capturou a coroa, enquanto o seu pai estava escondido por baixo de Rochedo Casterly. – O rapaz dirigiu ao avô um olhar de desafio. – Um rei *forte* age com ousadia, não se limita a conversar.

– Obrigado por essas palavras de sabedoria, Vossa Graça – disse Lorde Tywin, com uma cortesia tão fria que era capaz de fazer cair suas orelhas, congeladas. – Sor Kevan, vejo que o rei está cansado. Por favor, acompanhe-o em segurança de volta ao seu quarto. Pycelle, talvez uma poção suave para ajudar Sua Graça a ter um sono descansado?

– Vinho dos sonhos, senhor?

– Não quero vinho dos sonhos nenhum – insistiu Joffrey.

Lorde Tywin teria dado mais ouvidos a um rato guinchando no canto.

– Vinho dos sonhos servirá. Cersei, Tyrion, fiquem.

Sor Kevan pegou firmemente no braço de Joffrey e levou-o porta afora, atrás da qual dois homens da Guarda Real esperavam. O Grande Meistre Pycelle apressou-se a segui-los o mais depressa que as suas velhas pernas trêmulas conseguiam levá-lo. Tyrion ficou onde estava.

– Pai, lamento – disse Cersei quando a porta foi fechada. – Joff sempre foi teimoso, eu preveni...

– Há léguas e léguas de diferença entre teimoso e burro. "Um rei forte age com ousadia?" Quem lhe disse isso?

– Eu não, garanto – disse Cersei. – O mais provável é que tenha sido algo que ouviu Robert dizer...

– A parte sobre você se esconder por baixo do Rochedo Casterly realmente soa a Robert. – Tyrion não queria que Lorde Tywin se esquecesse dessa parte da conversa.

– Sim, agora me lembro – disse Cersei – Robert disse *com frequência* a Joff que um rei tem de ser ousado.

– E o que *você* anda lhe dizendo, se não se importa? Não travei uma guerra para pôr Robert Segundo no Trono de Ferro. Você me levou a crer que o rapaz não gostava nada do pai.

– E por que haveria de gostar? Robert ignorava-o. Teria *espancado* Joff, se eu tivesse permitido. Aquele bruto com quem me obrigou a casar bateu uma vez no rapaz com tanta força que lhe tirou dois dentes de leite, por causa de uma travessura qualquer com um gato. Eu disse-lhe que o mataria durante o sono se voltasse a fazer isso, e ele não fez, mas às vezes dizia coisas...

– Aparentemente, havia coisas que precisavam ser ditas. – Lorde Tywin acenou-lhe com dois dedos, uma brusca despedida. – Saia.

E ela saiu, fervendo.

– Não é Robert Segundo – disse Tyrion. – É Aerys Terceiro.

– O rapaz tem treze anos. Ainda há tempo. – Lorde Tywin dirigiu-se à janela. Não era característico dele, estava mais perturbado do que queria mostrar. – Precisa de uma boa lição.

Tyrion tinha recebido a sua boa lição aos treze anos. Quase sentiu pena do sobrinho. Por outro lado, ninguém a merecia mais do que ele.

– Basta de falar de Joffrey – disse. – As guerras são ganhas com penas e corvos, não foi o que disse? Tenho de lhe dar os parabéns. Há quanto tempo andava conspirando isso com Walder Frey?

– Essa palavra desagrada-me – disse Lorde Tywin rigidamente.

– E a mim desagrada ser deixado no escuro.

– Não havia motivo para lhe contar. Não tinha participação nenhuma no assunto.

– Cersei foi informada? – quis saber Tyrion.

– Ninguém foi informado, exceto aqueles que tinham um papel a desempenhar. E esses só foram informados daquilo que precisavam saber. Devia saber que não há outra maneira de manter um segredo... especialmente aqui. Meu objetivo era livrar-nos de um inimigo perigoso da forma menos dispendiosa possível, não satisfazer a sua curiosidade ou fazer com que a sua irmã se sentisse importante. – Fechou as venezianas, franzindo a testa. – Você tem certa astúcia, Tyrion, mas a verdade é que *fala demais*. Essa sua língua solta ainda será o seu fim.

– Devia ter deixado que Joffrey a arrancasse – sugeriu Tyrion.

– Faria bem em não me tentar – disse Lorde Tywin. – Não quero mais conversas sobre isso. Tenho refletido sobre como melhor apaziguar Oberyn Martell e sua comitiva.

– Oh? E é alguma coisa que sou autorizado a saber, ou será que devo deixá-lo sozinho para que possa discutir o assunto consigo?

O pai ignorou o gracejo.

– A presença do Príncipe Oberyn na cidade é um infortúnio. O irmão é um homem cauteloso, um homem *racional*, sutil, ponderado, até algo indolente. É um homem que pesa as consequências de cada palavra e de cada ato. Mas Oberyn sempre foi meio louco.

– É verdade que tentou mobilizar Dorne em favor de Viserys?

– Ninguém fala disso, mas sim. Voaram corvos e galoparam mensageiros, com mensagens secretas que eu nunca soube o que diziam. Jon Arryn velejou até Lançassolar para devolver os ossos do Príncipe Lewyn, sentou-se com o Príncipe Doran e pôs fim a todo o falatório sobre guerra. Mas, depois disso, Robert nunca foi a Dorne, e o Príncipe Oberyn raramente saiu de lá.

– Bem, agora está aqui, com metade da nobreza de Dorne atrás, e fica mais impaciente a cada dia – disse Tyrion. – Talvez eu devesse

mostrar-lhe os bordéis de Porto Real, isso talvez o distraia. Uma ferramenta para cada tarefa, não é assim que as coisas são? A minha ferramenta é sua, pai. Que nunca se diga que a Casa Lannister fez soar as trombetas e eu não respondi.

A boca de Lorde Tywin comprimiu-se.

– Muito divertido. Deverei mandar fazer um traje quadriculado para você, e um chapeuzinho cheio de guizos?

– Se o usar, terei licença para dizer tudo que quiser a respeito de Sua Graça, o Rei Joffrey?

Lorde Tywin voltou a se sentar e disse:

– Fui obrigado a aguentar as loucuras de meu pai. Não aguentarei as suas. Basta.

– Muito bem, já que o pede de um modo tão simpático. Temo que o Víbora Vermelha *não* vá ser simpático... e tampouco se contente apenas com a cabeça de Sor Gregor.

– Mais um motivo para não dá-la.

– *Não* dá-la...? – Tyrion estava chocado. – Pensei que estávamos de acordo em que a floresta estava cheia de animais.

– Animais menores. – Os dedos de Lorde Tywin entrelaçaram-se sob o seu queixo. – Sor Gregor serviu-nos bem. Nenhum outro cavaleiro no reino inspira tanto terror em nossos inimigos.

– Oberyn *sabe* que foi Gregor quem...

– Ele não sabe nada. Ouviu histórias. Mexericos de estábulo e calúnias de cozinha. Não tem nem uma migalha de provas. Sor Gregor certamente não estará disposto a lhe fazer uma confissão. Pretendo mantê-lo bem afastado enquanto os dorneses estiverem em Porto Real.

– E quando Oberyn exigir a justiça que veio obter?

– Direi que foi Sor Amory Lorch quem matou Elia e os filhos – disse calmamente Lorde Tywin. – E você também, se ele perguntar.

– Sor Amory Lorch está morto – disse Tyrion numa voz sem expressão.

– Exatamente. Vargo Hoat ordenou que Sor Amory fosse desmembrado por um urso após a queda de Harrenhal. Isso deve ser suficientemente macabro para apaziguar até Oberyn Martell.

– Pode chamar isso de justiça...

– *É* justiça. Foi Sor Amory quem me trouxe o corpo da menina, já que tem de saber. Encontrou-a escondida debaixo da cama do pai, como se acreditasse que Rhaegar ainda podia protegê-la. A princesa Elia e o bebê estavam no quarto das crianças, no andar de baixo.

– Bem, é uma história, e não é provável que Sor Amory a negue. O que dirá a Oberyn quando ele perguntar quem deu a Lorch as suas ordens?

– Sor Amory agiu por conta própria, na esperança de conquistar o favor do novo rei. O ódio de Robert por Rhaegar não era nem um

pouco secreto.

Pode servir, Tyrion teve de admitir, *mas a serpente não ficará contente*.

– Longe de mim questionar a sua astúcia, pai, mas em seu lugar creio que teria deixado Robert Baratheon ensanguentar as próprias mãos.

Lorde Tywin fitou-o como se ele tivesse perdido o juízo.

– Então merece aquele traje quadriculado. Tínhamos chegado tarde à causa de Robert. Era necessário demonstrar a nossa lealdade. Quando depus aqueles cadáveres perante o trono, ninguém pôde duvidar de que eu tinha abandonado para sempre a Casa Targaryen. E o alívio de Robert foi palpável. Por mais burro que fosse, até ele sabia que os filhos de Rhaegar tinham de morrer se quisesse que o trono alguma vez estivesse seguro. Mas via-se como um herói, e os heróis não matam crianças. – O pai de Tyrion encolheu os ombros. – Admito que houve brutalidade em excesso. Elia não precisava ter sido ferida de todo, isso foi pura loucura. Em si mesma nada era.

– Então por que foi que a Montanha a matou?

– Porque não lhe disse para poupá-la. Duvido que tenha chegado a mencioná-la. Tinha preocupações maiores. A vanguarda de Ned Stark corria para o sul vinda do Tridente, e temi que se pudesse chegar ao ponto de cruzarmos espadas. E Aerys tinha disposição para assassinar Jaime, sem nenhum motivo além do rancor. Era isso que eu mais temia. Isso e o que o próprio Jaime poderia fazer. – Fechou a mão num punho. – E ainda não tinha compreendido bem o que havia em Gregor Clegane, sabia apenas que ele era enorme e terrível em batalha. O estupro... nem você poderá me acusar de ter dado *essa* ordem, espero eu. Sor Amory mostrou selvageria quase idêntica com Rhaenys. Mais tarde, perguntei-lhe por que tinham sido necessárias meia centena de estocadas para matar uma garota de... dois anos. Três? Ele disse que ela o chutou e não parava de gritar. Se Lorch tivesse metade dos miolos que os deuses deram a um nabo, teria acalmado a criança com algumas palavras doces e usado uma almofada suave de seda. – Sua boca torceu-se de repugnância. – Tinha sangue nele.

Mas em você não, pai. Não há sangue em Tywin Lannister.

– Foi uma almofada suave de seda que matou Robb Stark?

– Deveria ter sido uma flecha, no banquete de casamento de Edmure Tully. O rapaz era cauteloso demais no campo de batalha. Mantinha seus homens em boa ordem, e cercava-se de batedores e guarda-costas.

– Então Lorde Walder matou-o sob o próprio teto, à própria mesa? – Tyrion fez um punho. – E a Senhora Catelyn?

– Diria que também foi morta. *Um par de pele de lobo*. O Frey

pretendia mantê-la cativa, mas talvez algo tenha dado errado.

– E lá se foi o direito de hóspede.

– O sangue está nas mãos de Walder Frey, não nas minhas.

– Walder Frey é um velho rabugento que vive para acariciar a sua jovem esposa e matutar sobre todas as desfeitas que sofreu. Não duvido que tenha chocado esta feia galinha, mas nunca teria se atrevido a tal coisa sem uma promessa de proteção.

– Suponho que você teria poupado o rapaz e dito a Lorde Frey que a sua fidelidade não lhe fazia falta. Isso teria atirado o velho idiota nos braços dos Stark e teria conquistado mais um ano de guerra. Explique-me como é que é mais nobre matar dez mil homens em batalha do que uma dúzia no jantar. – Quando Tyrion não teve resposta para aquilo, o pai prosseguiu. – O preço foi barato, de qualquer ponto de vista. A coroa atribuirá Correrrio a Sor Emmon Frey depois que o Peixe Negro se render. Lancel e Daven deverão se casar com garotas Frey, Joy deverá se casar com um dos filhos ilegítimos de Lorde Walder quando tiver idade para isso, e Roose Bolton torna-se Protetor do Norte e leva para casa Arya Stark.

– *Arya* Stark? – Tyrion inclinou a cabeça. – Bolton também? Devia ter compreendido que o Frey não teria estômago para agir sozinho. Mas Arya... Varys e Sor Jacelyn procuraram-na durante mais de meio ano. Arya Stark está morta com certeza.

– Renly também estava, até a Água Negra.

– O que isso quer dizer?

– Talvez Mindinho tenha obtido sucesso onde você e Varys falharam. Lorde Bolton casará a garota com o seu filho bastardo. Permitiremos que o Forte do Pavor lute contra os homens de ferro durante alguns anos e veremos se consegue levar os outros vassalos dos Stark a se ajoelhar. Ao chegar a primavera, todos eles deverão estar no fim de suas forças e prontos para dobrar o joelho. O Norte passará para o seu filho e de Sansa Stark... se alguma vez arranjar suficiente virilidade para gerar um. Não se esqueça de que não é só Joffrey quem tem de pôr fim a uma virgindade.

Não me esqueci, embora tivesse esperança de que você tivesse esquecido.

– E quando acha que Sansa estará mais fértil? – perguntou Tyrion ao pai num tom que pingava ácido. – Antes ou depois de eu lhe contar como assassinamos sua mãe e seu irmão?

Davos

Por um momento, pareceu que o rei não tinha ouvido. Stannis não mostrou qualquer prazer com a notícia, nem ira, nem incredulidade, nem mesmo alívio. Encarou a sua Mesa Pintada com os dentes cerrados com força.

– Tem certeza? – perguntou.

– Não estou vendo o corpo, não, Vossa Realdade – disse Salladhor Saan. – Mas na cidade, os leões pavoneiam-se e dançam. O povo está chamando de *O Casamento Vermelho*. Juram que Lorde Frey cortou a cabeça do rapaz, costurou a cabeça do lobo gigante dele no lugar e pregou uma coroa sobre as orelhas. A senhora mãe dele também foi morta e atirada nua ao rio.

Num casamento, pensou Davos. *Sentado à mesa de seu assassino, um hóspede sob o seu teto. Aqueles Frey estão amaldiçoados*. Sentia de novo o cheiro do sangue ardendo e ouvia a sanguessuga silvar e cuspir nas brasas quentes do braseiro.

– Foi a ira do Senhor que o matou – declarou Sor Axell Florent. – Isso tem a mão de R'hllor!

– *Louvem o Senhor da Luz!* – entoou a Rainha Selyse, uma mulher magra e macilenta, com grandes orelhas e um lábio superior peludo.

– Será que a mão de R'hllor é manchada e entrevada? – perguntou Stannis. – Isso parece mais obra de Walder Frey do que de qualquer deus.

– R'hllor escolhe os instrumentos de que necessita. – O rubi na garganta de Melisandre brilhava, rubro. – Seus caminhos são misteriosos, mas nenhum homem pode resistir à sua vontade ardente.

– *Nenhum homem pode resistir a ele!* – gritou a rainha.

– Fique calada, mulher. Não está numa fogueira noturna agora. – Stannis examinou a Mesa Pintada. – O lobo não deixa herdeiros, a lula gigante deixa muitos. Os leões vão devorá-los, a menos que... Saan, vou precisar de seus navios mais rápidos para levar enviados às Ilhas de Ferro e a Porto Branco. Oferecerei indultos. – O modo como cerrou os dentes mostrou o pouco que gostava da palavra. – Indultos totais, para todos aqueles que se arrependerem da traição e jurarem lealdade ao seu legítimo rei. Têm de compreender...

– Não compreenderão. – A voz de Melisandre era suave. – Lamento, Vossa Graça. Isso não é um fim. Mais falsos reis irão se erguer em breve para tomar a coroa daqueles que morreram.

– Mais? – Stannis parecia com vontade de esganá-la. – Mais usurpadores? *Mais* traidores?

– Vi nas chamas.

A Rainha Selyse aproximou-se do rei.

– O Senhor da Luz enviou Melisandre para guiá-lo até a glória. Dê ouvidos a ela, suplico. As chamas sagradas de R'hllor não mentem.

– Há mentiras e mentiras, mulher. Mesmo quando essas chamas falam a verdade, estão cheias de truques, parece-me.

– Uma formiga que escute as palavras de um rei pode não compreender o que ele está dizendo – disse Melisandre – e todos os homens são formigas perante o rosto ardente de deus. Se às vezes confundi um aviso com uma profecia ou uma profecia com um aviso, a falha cabe ao leitor, não ao livro. Mas sei isso com certeza: enviados e indultos não lhe serão agora mais úteis do que sanguessugas. Tem de mostrar ao reino um sinal. Um sinal que prove o seu poder!

– *Poder?* – o rei fungou. – Tenho mil e trezentos homens em Pedra do Dragão, mais trezentos em Ponta Tempestade. – A mão varreu a Mesa Pintada. – O resto de Westeros está nas mãos de meus inimigos. Não tenho frota além da de Salladhor Saan. Não tenho moeda para contratar mercenários. Não tenho expectativas de saque ou glória para atrair cavaleiros livres à minha causa.

– Senhor esposo – disse a Rainha Selyse –, tem mais homens do que Aegon tinha há trezentos anos. Tudo que lhe falta são dragões.

O olhar que Stannis lhe dirigiu era sombrio.

– Nove magos cruzaram o mar para chocar os ovos de Aegon Terceiro. Baelor, o Abençoado, rezou sobre o seu durante meio ano. Aegon, o Quarto, construiu dragões de madeira e ferro. Aerion Chamaviva bebeu fogovivo para se transformar. Os magos falharam, as preces do Rei Baelor não obtiveram resposta, os dragões de madeira queimaram, e o Príncipe Aerion morreu aos gritos.

A Rainha Selyse mostrou-se inflexível.

– Nenhum desses homens era o escolhido de R'hllor. Nenhum cometa vermelho ardeu nos céus para anunciar a sua chegada. Nenhum brandia a Luminífera, a espada vermelha dos heróis. E nenhum deles pagou o preço. A Senhora Melisandre dirá, senhor. Só a morte pode pagar pela vida.

– O garoto? – o rei quase cuspiu as palavras.

– O garoto – concordou a rainha.

– O garoto – ecoou Sor Axell.

– Já estava farto desse maldito garoto antes mesmo de ele nascer – protestou o rei. – Até o nome dele é um rugido aos meus ouvidos e uma nuvem negra que paira sobre a minha alma.

– Dê-me o garoto e nunca mais terá de ouvir pronunciar seu nome novamente – prometeu Melisandre.

Não, mas vai ouvi-lo gritar quando ela o queimar. Davos segurou a língua. Era mais sensato não falar até que o rei ordenasse.

– Dê-me o garoto para R'hllor – disse a mulher vermelha – e a antiga profecia será cumprida. O seu dragão acordará e estenderá suas

asas de pedra. O reino será seu.

Sor Axell ajoelhou-se.

– Sobre um joelho dobrado lhe suplico, senhor. Acorde o dragão de pedra e faça os traidores tremerem. Tal como Aegon, começa como Senhor de Pedra do Dragão. Tal como Aegon, conquistará. Que os falsos e os inconstantes sintam as suas chamas.

– A sua própria esposa suplica também, senhor esposo. – A Rainha Selyse ajoelhou-se perante o rei, com as mãos unidas como que em prece. – Robert e Delena profanaram a nossa cama e fizeram cair uma maldição sobre a nossa união. Esse garoto é o sujo fruto de sua fornicação. Levante esta sombra de meu ventre, e eu lhe darei muitos filhos legítimos, eu sei que sim. – Envolveu as pernas dele com os braços. – Ele é apenas um garoto, nascido da luxúria de seu irmão e da vergonha da minha prima.

– Ele é do meu sangue. Pare de me agarrar, mulher. – Rei Stannis pôs uma mão no ombro dela, soltando-se desajeitadamente de seu abraço. – Robert talvez tenha amaldiçoado nosso leito nupcial. Jurou-me que nunca pretendeu me envergonhar, que estava bêbado e não chegou a saber de quem era o quarto em que entrou naquela noite. Mas será que importa? O garoto não tem culpa, seja qual for a verdade.

Melisandre pousou a mão no braço do rei.

– O Senhor da Luz aprecia os inocentes. Não há sacrifício mais precioso. Do seu sangue de rei e do seu fogo sem mácula nascerá um dragão.

Stannis não se afastou do toque de Melisandre como havia se afastado do da rainha. A mulher vermelha era tudo que Selyse não era; jovem, de corpo cheio, e estranhamente bela, com seu rosto em forma de coração, cabelos acobreados e olhos sobrenaturalmente vermelhos.

– Seria uma coisa maravilhosa ver a pedra ganhar vida – admitiu de má vontade. – E montar um dragão... lembro-me da primeira vez que o meu pai me levou à corte, Robert teve de ir de mãos dadas comigo. Eu não podia ter mais de quatro anos, o que significa que ele devia ter cinco ou seis. Depois concordamos que o rei tinha sido tão nobre como os dragões eram temíveis. – Stannis fungou. – Anos mais tarde, nosso pai disse-nos que Aerys tinha se cortado no trono naquela manhã, e por isso a sua Mão tomara o lugar dele. O homem que tanto nos impressionou foi Tywin Lannister. – Os dedos do rei tocaram a superfície da mesa, traçando levemente um caminho através dos montes envernizados. – Robert tirou os crânios das paredes quando colocou a coroa, mas não suportou a ideia de mandar destruí-los. Asas de dragão sobre Westeros... isso seria uma...

– *Vossa Graça!* – Davos inclinou-se para a frente. – Posso falar?

Stannis fechou a boca com tanta força que os dentes soltaram um estalido.

– Senhor da Mata de Chuva. Por que julga que fiz de você Mão, se não para falar? – o rei fez um gesto com a mão. – Diga o que quiser.

Guerreiro, dê-me coragem.

– Pouco sei de dragões e menos ainda de deuses... mas a rainha falou de maldições. Ninguém é tão amaldiçoado aos olhos dos deuses e dos homens como quem mata a família.

– Não há deuses além de R'hllor e do Outro, cujo nome não pode ser pronunciado. – A boca de Melisandre era uma linha dura e vermelha. – E os homens pequenos amaldiçoam aquilo que não são capazes de compreender.

– Eu sou um homem pequeno – admitiu Davos –, portanto, explique-me por que necessita desse garoto, Edric Storm, para acordar o seu grande dragão de pedra, senhora. – Estava determinado a proferir o nome do garoto tantas vezes quantas pudesse.

– Só a morte pode pagar pela vida, senhor. Uma grande dádiva requer um grande sacrifício.

– Onde está a grandeza numa criança ilegítima?

– Ele tem o sangue de um rei nas veias. Já viu o que até um pouco desse sangue pode fazer...

– Vi a senhora queimar algumas sanguessugas.

– E dois falsos reis estão mortos.

– Robb Stark foi assassinado por Lorde Walder da Travessia, e ouvimos dizer que Balon Greyjoy caiu de uma ponte. Quem foi que as suas sanguessugas mataram?

– Duvida do poder de R'hllor?

Não. Davos lembrava-se bem demais da sombra viva que saíra se contorcendo do ventre da mulher naquela noite sob Ponta Tempestade, das mãos negras empurrando as suas coxas. *Aqui tenho de pisar com cuidado, senão uma sombra pode vir me procurar também*.

– Até um contrabandista de cebolas sabe distinguir duas cebolas de três. Falta-lhe um rei, senhora.

Stannis resfolegou uma risada.

– Ele pegou-a, senhora. Dois não é igual a três.

– Com certeza, Vossa Graça. Um rei pode morrer por acaso, até dois... mas três? Se Joffrey morrer, no meio de todo o seu poder, rodeado por seus exércitos e sua Guarda Real, isso não mostraria o poder do Senhor em ação?

– Talvez mostre. – O rei falou como se se ressentisse de cada palavra.

– Ou talvez não. – Davos fez o melhor que pôde para esconder o medo.

– Joffrey *morrerá* – declarou a Rainha Selyse, serena em sua

confiança.

– Até pode já estar morto – acrescentou Sor Axell.

Stannis olhou-os com um ar aborrecido.

– São corvos treinados, para crocitarem comigo um de cada vez? Basta.

– Esposo, escute-me... – rogou a rainha.

– Por quê? Dois é diferente de três. Os reis sabem contar tão bem quanto os contrabandistas. Podem ir. – Stannis virou as costas a eles.

Melisandre ajudou a rainha a se levantar. Selyse saiu do aposento, hirta, com a mulher vermelha atrás. Sor Axell deixou-se ficar tempo suficiente para lançar a Davos um último olhar. *Um olhar feio num rosto feio*, pensou o contrabandista ao encará-lo.

Depois de os outros saírem, Davos pigarreou. O rei ergueu os olhos.

– Ainda está aqui?

– Senhor, a propósito de Edric Storm...

Stannis fez um gesto brusco.

– Poupe-me.

Davos persistiu.

– A sua filha tem aulas com ele e brinca todos os dias em sua companhia no Jardim de Aegon.

– Eu sei disso.

– O coração dela iria se quebrar se algo de mal...

– Também sei disso.

– Se ao menos o visse...

– Já o vi. Parece-se com Robert. Sim, e venera o pai. Deverei falar-lhe da frequência com que o seu querido pai lhe dirigia um pensamento? Meu irmão gostava bastante do fabrico de crianças, mas depois do nascimento eram um aborrecimento.

– Ele pergunta pelo senhor todos os dias, ele...

– Está me irritando, Davos. Não quero ouvir falar mais desse bastardo.

– O nome dele é Edric Storm, senhor.

– Eu sei o nome dele. Terá alguma vez existido um nome mais adequado? Proclama a sua bastardia, o seu elevado nascimento, e o tumulto que traz consigo. Edric Storm. Aí está, eu disse. Está satisfeito, senhor Mão?

– Edric... – começou.

– ... é *um garoto*! Poderia ser o melhor garoto que alguma vez respirou, que não teria importância. Meu dever é para com o reino. – A mão varreu a Mesa Pintada. – Quantos garotos vivem em Westeros? Quantas garotas? Quantos homens, quantas mulheres? A escuridão vai devorá-los todos, diz ela. A noite que não tem fim. Fala de profecias... um herói renascido no mar, dragões vivos chocados a partir de pedra

morta... fala de *sinais* e jura que apontam para mim. Nunca pedi isso, assim como não pedi ser rei. Mas vou me atrever a não lhe dar ouvidos? – rangeu os dentes. – Não escolhemos o nosso destino. Mas temos... temos de cumprir o nosso dever, não é? Grande ou pequeno, *temos de cumprir o nosso dever*. Melisandre jura que me viu em suas chamas, enfrentando a escuridão com a Luminífera erguida bem alto. *Luminífera*! – Stannis soltou uma fungadela derrisória. – Cintila lindamente, admito, mas na Água Negra essa espada mágica não me serviu melhor do que qualquer aço banal. Um dragão teria virado essa batalha. Aegon esteve um dia onde estou agora, olhando para esta mesa. Pensa que lhe chamaríamos hoje Aegon, o Conquistador, se não tivesse tido *dragões*?

– Vossa Graça – disse Davos –, o preço...

– *Eu conheço o preço*! Na noite passada, olhando para aquela lareira, também vi coisas nas chamas. Vi um rei, com uma coroa de fogo na testa, ardendo... *ardendo*, Davos. Sua própria coroa consumiu sua carne e transformou-o em cinzas. Acha que preciso que Melisandre me diga o que isso significa? Ou *você*? – o rei mudou de posição e sua sombra caiu sobre Porto Real. – Se Joffrey morrer... o que é a vida de um garoto bastardo perante um reino?

– Tudo – disse Davos em voz baixa.

Stannis olhou-o, com as mandíbulas cerradas.

– Vá – disse o rei por fim – antes que consiga se levar de volta à masmorra.

Às vezes os ventos de tempestade sopram com tanta força que um homem não tem alternativa exceto guardar as velas.

– Sim, Vossa Graça. – Davos fez uma reverência, mas, aparentemente, Stannis já o tinha esquecido.

Quando saiu do Tambor de Pedra, fazia frio no pátio. Um vento fresco soprava do leste, fazendo os estandartes baterem ruidosamente ao longo das muralhas. Davos sentia o cheiro do sal no ar. *O mar*. Adorava aquele cheiro. Fazia-o desejar caminhar de novo por um convés, içar a sua vela e velejar para o sul, para ir até Marya e seus dois filhos pequenos. Agora pensava neles quase todos os dias e ainda mais durante a noite. Parte de si nada desejava mais ardentemente do que pegar Devan e ir para casa. *Não posso. Ainda não. Agora sou um senhor e Mão do Rei, não posso falhar com ele*.

Ergueu os olhos e fitou as muralhas. Em vez de merlões, um milhar de ornamentos grotescos e de gárgulas olhavam-no lá de cima, cada uma diferente de todas as outras; serpes, grifos, demônios, mantícoras, minotauros, basiliscos, mastins do inferno, cocatrizes, e um milhar de criaturas mais estranhas que brotavam das ameias do castelo como se tivessem nascido ali. E havia dragões por todos os lados. O Grande Salão era um dragão deitado sobre a barriga. Entrava-

se por sua boca aberta. As cozinhas eram um dragão enrolado numa bola, com a fumaça e o vapor dos fornos saindo através de suas narinas. As torres eram dragões empoleirados nas muralhas, ou prontos para levantar voo; o Dragão de Vento parecia gritar em desafio, ao passo que a Torre do Dragão Marinho olhava serenamente por sobre as águas. Dragões menores enquadravam os portões. Garras de dragão emergiam das paredes para agarrar archotes, grandes asas de pedra abraçavam o ferreiro e o arsenal, e caudas formavam arcos, pontes e escadas exteriores.

Davos ouvia dizer com frequência que os feiticeiros de Valíria não cortavam e burilavam como os pedreiros vulgares, mas trabalhavam a pedra com fogo e magia como um oleiro trabalharia o barro. Mas agora duvidava. *E se fossem dragões verdadeiros, de algum modo transformados em pedra?*

– Se a mulher vermelha os trouxer à vida, o castelo ruirá, imagino. Que espécie de dragão está cheia de quartos, escadas e mobília? E de janelas. E de chaminés. E de fossas.

Davos virou-se para deparar com Salladhor Saan ao seu lado.

– Isso significa que perdoou a minha traição, Salla?

O velho pirata brandiu um dedo em sua direção.

– Perdoei, sim. Esqueci, não. Todo aquele bom ouro na Ilha da Garra que podia ter sido meu, fico velho e cansado só de pensar nele. Quando morrer empobrecido, minhas esposas e concubinas vão amaldiçoá-lo, Senhor das Cebolas. Lorde Celtigar tinha muitos belos vinhos que não estou saboreando, uma águia do mar que treinara para levantar voo de seu pulso e um berrante mágico para fazer sair lulas gigantes das profundezas. Muito útil seria esse berrante, para puxar para baixo os tyroshi e outras criaturas incômodas. Mas posso soprar esse berrante? Não, porque o rei fez de meu velho amigo sua Mão. – Deu o braço a Davos e disse: – Os homens da rainha não simpatizam com você, velho amigo. Estou ouvindo dizer que uma certa Mão tem andado fazendo seus próprios amigos. Isso é verdade, não?

Ouve coisas demais, velho pirata. É bom que um contrabandista conheça tão bem os homens como as marés, caso contrário não sobreviverá muito tempo contrabandeando. Os homens da rainha podiam continuar sendo fervorosos seguidores do Senhor da Luz, mas o povo de Pedra do Dragão estava voltando aos deuses que tinha conhecido a vida inteira. Diziam que Stannis estava enfeitiçado, que Melisandre o afastara dos Sete para se curvar perante um demônio qualquer feito de sombras, e que... o pior de todos os pecados... ela e seu deus lhe tinham falhado. E havia cavaleiros e fidalgos que tinham os mesmos sentimentos. Davos tinha ido atrás deles, escolhendo-os com o mesmo cuidado como antes escolhia as suas tripulações. Sor Gerald Gower tinha lutado intrepidamente na Água Negra, mas depois

foi ouvido dizendo que R'hllor devia ser um deus fraco, se permitia que seus seguidores fossem escorraçados por um anão e um morto. Sor Andrew Estermont era primo do rei e tinha servido como seu escudeiro anos antes. O Bastardo de Nocticantiga comandou a retaguarda que permitiu que Stannis chegasse à segurança das galés de Salladhor Saan, mas adorava o Guerreiro com uma fé tão feroz quanto ele mesmo. *Homens do rei, não homens da rainha*. Mas não seria boa ideia gabar-se deles.

– Um certo pirata liseno disse-me uma vez que um bom contrabandista fica longe da vista – respondeu cuidadosamente Davos. – Velas negras, remos abafados e uma tripulação que saiba controlar a língua.

O liseno riu.

– Uma tripulação sem língua é ainda melhor. Mudos grandes e fortes que não saibam ler nem escrever. – Mas depois tornou-se mais sombrio. – Mas agrada-me saber que alguém vigia sua retaguarda, velho amigo. Acha que o rei vai dar o garoto à sacerdotisa vermelha? Um pequeno dragão poderia acabar com esta grande guerra.

O hábito antigo fez Davos levar a mão à sua sorte, mas os ossos dos dedos já não estavam pendurados em seu pescoço, e nada encontrou.

– Ele não fará isso – disse Davos. – Não poderia fazer mal ao seu próprio sangue.

– Lorde Renly ficará feliz por saber disso.

– Renly era um traidor em armas. Edric Storm é inocente de qualquer crime. Sua Graça é um homem justo.

Salla encolheu os ombros.

– Veremos. Ou você verá. Quanto a mim, volto ao mar. Neste mesmo instante, pode haver contrabandistas vis velejando pela Baía da Água Negra, esperando evitar o pagamento das obrigações legais para com o seu senhor. – Deu uma palmada nas costas de Davos. – Cuide-se. Você e seus amigos mudos. Tornou-se muito grande, mas quanto mais alto um homem sobe, maior é a queda.

Davos refletiu sobre aquelas palavras enquanto subia os degraus da Torre do Dragão Marinho que levavam aos aposentos do meistre, sob a colônia dos corvos. Não precisava que Salla lhe dissesse que subira alto demais. *Não sei ler, não sei escrever, os lordes me desprezam, nada sei de governar, como posso ser Mão do Rei? Meu lugar é no convés de um navio, não em uma torre de castelo*.

Tinha dito isso mesmo ao Meistre Pylos.

– É um capitão notável – respondeu o meistre. – Um capitão governa o seu navio, não é verdade? Tem de navegar por águas traiçoeiras, içar as velas para apanhar o vento que se levanta, saber quando uma tempestade se aproxima e a melhor forma de ultrapassá-

la. Isso é muito semelhante.

Pylos pretendera ser amável, mas a sua confiança soava vazia.

– Não é, nem de longe, a mesma coisa! – protestou Davos. – Um reino não é um navio... e ainda bem, caso contrário este reino estaria afundando. Eu conheço de madeira, cordas e água, sim, mas como isso me será útil agora? Onde vou encontrar o vento que empurrará Rei Stannis até seu trono?

O meistre riu daquilo.

– E aí está, senhor. As palavras são vento, entende? E soprou as minhas para longe com o seu bom-senso. Sua Graça sabe o que tem em você, acho.

– Cebolas – disse Davos em tom sombrio. – É isso que ele tem em mim. A Mão do Rei devia ser um senhor bem-nascido, alguém sábio e instruído, um comandante de batalha ou um grande cavaleiro...

– Sor Ryam Redwyne foi o maior cavaleiro de seu tempo e um dos piores Mãos que já serviu um rei. As preces do Septão Murmison faziam milagres, mas como Mão rapidamente conseguiu pôr o reino em peso a rezar por sua morte. Lorde Butterwell era famoso pela inteligência, Myles Smallwood pela coragem, Sor Otto Hightower pela instrução, e no entanto falharam como Mãos, todos eles. Quanto ao nascimento, era frequente os reis do dragão escolherem Mãos de seu próprio sangue, com resultados tão variados quanto Baelor Lança-Quebrada e Baelor, o Cruel. Em contraponto a isso, há o Septão Barth, o filho de ferreiro que o Velho Rei arrancou da biblioteca da Fortaleza Vermelha, que deu ao reino quarenta anos de paz e abundância. – Pylos sorriu. – Leia a história, Lorde Davos, e verá que as suas dúvidas são infundadas.

– Como poderei ler história, se não sou capaz de ler?

– Qualquer homem é capaz de ler, senhor – disse Meistre Pylos. – Não é necessário ter nem magia nem elevado nascimento. Eu estou ensinando a arte ao seu filho, por ordem do rei. Deixe que lhe ensine também.

Era uma oferta amável, que Davos não podia recusar. E assim, todos os dias se dirigia aos aposentos do meistre, no topo da Torre do Dragão Marinho, para franzir a testa perante rolos, pergaminhos e grandes volumes em couro e tentar desvendar mais algumas palavras. O esforço dava-lhe frequentes dores de cabeça, e além disso fazia-o sentir-se um idiota tão grande quanto o Cara-Malhada. O filho Devan ainda não tinha doze anos, e no entanto estava bem à frente do pai, e para a Princesa Shireen e Edric Storm a leitura parecia tão natural quanto a respiração. No que tocava aos livros, Davos era mais criança do que qualquer um deles. Mas persistiu. Era agora Mão do Rei, e uma Mão do Rei devia ler.

Os degraus estreitos e sinuosos da Torre do Dragão Marinho

passaram a ser uma dolorosa provação para o Meistre Cressen depois de quebrar a bacia. Davos ainda dava por si sentindo falta do velho. Pensava que Stannis devia partilhar esse sentimento. Pylos parecia esperto, diligente e bem-intencionado, mas era muito jovem, e o rei não se apoiava nele como se apoiara em Cressen. O velho tinha acompanhado Stannis durante tanto tempo... *Até que entrou em colisão com Melisandre, e morreu por isso.*

No topo dos degraus, Davos ouviu um tênue tinir de guizos que só podia anunciar o Cara-Malhada. O bobo da princesa estava à espera dela junto à porta do meistre, como um cão fiel. Mole como massa de pão e de ombros caídos, tinha uma face larga, tatuada com um padrão de quadrados vermelhos e verdes. Cara-Malhada usava um elmo feito de um par de chifres de veado presos a um balde de estanho. Uma dúzia de guizos pendia dos galhos e tilintava quando ele se movia... o que era o mesmo que dizer constantemente, pois o bobo raramente parava quieto. Tinia e retinia para onde quer que fosse; pouco admirava que Pylos o tivesse exilado das aulas de Shireen.

– Debaixo do mar, o peixe velho come o peixe novo – murmurou o bobo a Davos. Balançou a cabeça e seus guizos tiniram, tilintaram e cantaram. – Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

– Aqui em cima os peixes novos ensinam os peixes velhos – disse Davos, que nunca se sentia tão antigo como quando se sentava para tentar ler. Podia ser diferente se tivesse sido o idoso Meistre Cressen a ensiná-lo, mas Pylos era novo o suficiente para ser seu filho.

Foi encontrar o meistre sentado à sua longa mesa de madeira coberta com livros e pergaminhos, diante de três crianças. A Princesa Shireen sentava-se entre os dois garotos. Até agora, Davos conseguia obter grande prazer de ver seu próprio sangue na companhia de uma princesa e de um bastardo real. *Devan será agora um senhor, e não apenas um cavaleiro. O Senhor da Mata de Chuva*. Davos sentia mais orgulho nisso do que em ostentar o título. *E também sabe ler. Sabe ler e escrever, como se tivesse nascido para isso*. Pylos nada tinha a dizer sobre a sua diligência, exceto elogios, e o mestre de armas dizia que Devan também se mostrava promissor com a espada e a lança. *E é também um garoto devoto*.

– Meus irmãos ascenderam ao Salão da Luz, para ocupar seus lugares junto do Senhor – tinha dito Devan quando o pai lhe contou como os quatro irmãos mais velhos tinham morrido. – Rezarei por eles nas fogueiras noturnas e por você também, pai, para que possa caminhar à Luz do Senhor até o fim dos seus dias. – Um bom dia para o senhor, pai – saudou-o o garoto.

Ele é tão parecido com Dale na sua idade, pensou Davos. Era certo que o filho mais velho nunca havia se vestido tão bem como Devan, com os seus trajes de escudeiro, mas partilhavam o mesmo rosto

quadrado e simples, os mesmos olhos castanhos e francos, o mesmo cabelo fino, castanho e solto. As bochechas e o queixo de Devan estavam salpicados de pelos louros, uma penugem que teria envergonhado um pêssego respeitável, embora o rapaz se orgulhasse ferozmente de sua "barba". *Tal como Dale se orgulhou da dele, antes*. Devan era a mais velha das três crianças que se encontravam à mesa.

Mas Edric Storm era três centímetros mais alto e mais largo de peito e ombros. Nisso era filho de seu pai; e também nunca perdia uma manhã de trabalho com a espada e o escudo. Aqueles que eram suficientemente velhos para terem conhecido Robert e Renly quando crianças diziam que o bastardo se assemelhava mais a eles do que Stannis jamais se assemelhou; os cabelos negros de carvão, os profundos olhos azuis, a boca, o queixo, os malares. Só as orelhas faziam lembrar que a mãe tinha sido uma Florent.

– Sim, bom dia, senhor – ecoou Edric. O garoto podia ser feroz e orgulhoso, mas os meistres, castelões e mestres de armas que o tinham educado o instruíram bem no que dizia respeito à cortesia. – Vem de junto de meu tio? Como passa Sua Graça?

– Bem – mentiu Davos. Para falar a verdade, o rei tinha um ar fatigado, assombrado, mas Davos não viu nenhum motivo para sobrecarregar o garoto com os seus receios. – Espero que não tenha perturbado as suas lições.

– Acabamos de terminar, senhor – disse o Meistre Pylos.

– Estávamos lendo a respeito do Rei Daeron Primeiro. – A Princesa Shireen era uma criança triste, doce e gentil, longe de ser bonita. Stannis dera-lhe o maxilar quadrado e Selyse, as orelhas Florent, e os deuses, em sua cruel sabedoria, tinham achado por bem aumentar a sua falta de graça afligindo-a de escamagris no berço. A doença deixara-lhe um lado do rosto e metade do pescoço cinzento, rachado e duro, embora tanto sua vida quanto sua visão tivessem sido poupadas. – Partiu para a guerra e conquistou Dorne. Chamavam-no de Jovem Dragão.

– Ele adorava falsos deuses – disse Devan –, mas, fora isso, era um grande rei, e muito corajoso em batalha.

– Se era – concordou Edric Storm –, mas o meu pai era mais. O Jovem Dragão nunca venceu três batalhas num só dia.

A princesa olhou-o de olhos esbugalhados.

– O tio Robert venceu três batalhas num só dia?

O bastardo confirmou com a cabeça.

– Foi logo depois de retornar para casa, para convocar os vassalos. Os Lordes Grandison, Cafferen e Fell planejaram juntar forças em Solarestival e marchar sobre Ponta Tempestade, mas ele soube dos planos deles através de um informante e avançou imediatamente com todos os seus cavaleiros e escudeiros. Quando os

conspiradores chegaram a Solarestival, um de cada vez, derrotou-os um por um antes de conseguirem juntar forças com os outros. Matou Lorde Fell em combate singular e capturou seu filho, o Machado de Prata.

Devan olhou para Pylos.

– Foi assim que as coisas se passaram?

– Foi o que eu *disse*, não foi? – disse Edric Storm antes de o meistre ter tempo de responder. – Esmagou os três, e lutou com tanta bravura que Lorde Grandison e Lorde Cafferen se tornaram seus homens, e o Machado de Prata também. Nunca ninguém venceu meu pai.

– Edric, não devia se vangloriar – disse Meistre Pylos. – O Rei Robert sofreu derrotas, como qualquer outro homem. Lorde Tyrell venceu-o em Vaufreixo, e Robert também perdeu muitas justas em torneios.

– Mas ganhou mais do que perdeu. E matou o Príncipe Rhaegar no Tridente.

– Isso é verdade – concordou o meistre. – Mas agora tenho de dar a minha atenção ao Lorde Davos, que espera com tanta paciência. Amanhã leremos mais da *Conquista de Dorne* do Rei Daeron.

A Princesa Shireen e os garotos despediram-se com cortesia. Depois de se retirarem, Meistre Pylos aproximou-se de Davos.

– Senhor, talvez quisesse experimentar um pouco da *Conquista de Dorne* também? – empurrou o estreito livro encadernado em couro para a sua frente. – O Rei Daeron escrevia com uma simplicidade elegante, e sua história é rica em sangue, batalhas e bravura. Seu filho está bastante cativado.

– Meu filho ainda não tem nem doze anos. Eu sou a Mão do Rei. Dê-me outra carta, por favor.

– Às suas ordens, senhor. – Meistre Pylos esquadrinhou a mesa, desenrolando e depois colocando de lado vários recortes de pergaminho. – Não há cartas novas. Talvez uma antiga...

Davos gostava tanto de uma boa história quanto qualquer homem, mas achava que Stannis não o tinha nomeado Mão para se divertir. Seu primeiro dever era ajudar o rei a governar, e para isso tinha de compreender as palavras que os corvos traziam. Descobrira que a melhor forma de aprender algo era fazendo; velas ou pergaminhos, não fazia diferença.

– Isto pode servir para o que queremos. – Pylos passou uma carta para a sua mão.

Davos esticou o pequeno quadrado de pergaminho enrugado e semicerrou os olhos para as letras, minúsculas e difíceis de decifrar. Ler era pesado para os olhos, pelo menos isso aprendera depressa. Às vezes se perguntava se a Cidadela ofereceria uma bolsa de campeão ao

meistre que escrevesse numa letra menor. Pylos riu da ideia, mas...

– Aos... cinco reis – leu Davos, com uma breve hesitação em *cinco*, palavra que não via frequentemente escrita por extenso. – O rei... pa... o rei... para cá?

– *Para lá* – corrigiu o meistre.

Davos fez uma careta.

– O Rei-para-lá-da-Muralha vem... vem para o *sul*. Lidera uma... uma... basta...

– Vasta.

– ... uma *vasta* tropa de sel... selv... selvagens. Lorde M... Mmmor... Mormont enviou um... corvo da... flo... flo...

– Floresta. A *floresta assombrada*. – Pylos sublinhou as palavras com a ponta do dedo.

– ... a floresta assombrada. Está... *sob* a... ataque?

– Sim.

Satisfeito, continuou a abrir caminho através da mensagem.

– Out... outras aves chegaram depois, sem notícias. Nós... tememos... que Mormont tenha sido morto com toda... com todas as suas... forcas... não, *forças*. Nós tememos que Mormont tenha sido morto com todas as suas forças... – De repente, Davos compreendeu o que estava lendo. Virou a carta e viu que a cera que a selara era negra. – Isto vem da Patrulha da Noite. Meistre, o Rei Stannis viu esta carta?

– Eu levei-a ao Lorde Alester quando ela chegou. Naquela época era ele a Mão. Creio que a discutiu com a rainha. Quando lhe perguntei se desejava enviar uma resposta, disse-me para não ser tolo. "Sua Graça não tem homens suficientes para travar suas próprias batalhas, também não os tem para desperdiçar em selvagens", disse-me.

Aquilo era bem verdade. E essa conversa de cinco reis teria sem dúvida enfurecido Stannis.

– Só um homem esfomeado suplica pão a um pedinte – murmurou.

– Perdão, senhor?

– Uma coisa que a minha mulher disse um dia. – Davos tamborilou no tampo da mesa com os seus dedos encurtados.

A primeira vez em que viu a Muralha era mais novo do que Devan e servia a bordo do *Gato da Calçada* às ordens de Roro Uhoris, um tyroshi conhecido de cima a baixo do mar estreito como Bastardo Cego, embora nem fosse cego nem filho ilegítimo. Roro tinha passado por Skagos e entrado no Mar Tremente, visitando uma centena de pequenas angras que nunca antes tinham visto um navio mercante. Trouxe aço; espadas, machados, elmos, boas camisas de cota de malha, para trocar por peles, marfim, âmbar e obsidiana. Quando o *Gato da Calçada* voltou para o sul, trazia os porões repletos, mas na

Baía das Focas surgiram três galés negras e pastorearam-no até Atalaialeste. Perderam a carga e o Bastardo perdeu a cabeça, pelo crime de vender armas aos selvagens.

Davos tinha comerciado em Atalaialeste nos seus dias de contrabandista. Os irmãos negros eram inimigos duros, mas bons clientes, para um navio com o tipo certo de carga. Mas apesar de ter aceitado o seu dinheiro, nunca esqueceu o modo como a cabeça do Bastardo Cego tinha rolado pelo convés do *Gato da Calçada*.

– Conheci alguns selvagens quando era garoto – disse ao Meistre Pylos. – Eram ladrões razoáveis, mas ruins na pechincha. Um deles desapareceu com a nossa garota de cabine. Tudo somado, pareceram-me homens como os outros, uns bons, outros maus.

– Homens são homens – concordou Meistre Pylos. – Voltamos à leitura, senhor Mão?

Sou a Mão do Rei, certo. Stannis podia ser o Rei de Westeros no nome, mas na realidade era o Rei da Mesa Pintada. Controlava Pedra do Dragão e Ponta Tempestade e tinha uma aliança cada vez mais incômoda com Salladhor Saan, mas era só. Como podia a Patrulha ter voltado os olhos para ele em busca de ajuda? *Podem não saber como ele é fraco, como a sua causa está perdida.*

– O Rei Stannis nunca viu esta carta, tem certeza absoluta? E Melisandre também não?

– Não. Deveria levá-la? Tão tarde?

– Não – disse Davos de imediato. – Cumpriu o seu dever quando a levou ao Lorde Alester. – *Se Melisandre soubesse desta carta... O que foi que ela disse? Aquele cujo nome não pode ser proferido está reunindo o seu poder, Davos Seaworth. Em breve chegará o frio, e a noite que nunca termina...* E Stannis teve uma visão nas chamas, um anel de archotes na neve, rodeados de terror.

– Senhor, está se sentindo mal? – perguntou Pylos.

Estou assustado, meistre, Davos podia ter respondido. Recordava-se de uma história que Salladhor Saan tinha lhe contado, sobre o modo como Azor Ahai temperara a Luminífera mergulhando-a no coração da mulher que amava. *Ele matou a mulher para combater a escuridão. Se Stannis for Azor Ahai regressado, será que isso quer dizer que Edric Storm tem de desempenhar o papel de Nissa Nissa?*

– Estava pensando, meistre. As minhas desculpas. – *Onde está o mal em um rei selvagem qualquer conquistar o Norte?* Afinal, Stannis sequer *controlava* o Norte. Sua Graça dificilmente podia ser acusada de não proteger pessoas que se recusavam a reconhecê-lo como rei. – Dê-me outra carta – disse abruptamente. – Esta é muito...

– ... difícil? – sugeriu Pylos.

Em breve chegará o frio, sussurrara Melisandre, *e a noite que nunca termina.*

– Perturbadora – disse Davos. – Muito... perturbadora. Outra carta, por favor.

Jon

Quando acordaram, viram a fumaça em Vila Toupeira, o lugar estava em chamas.

No topo da Torre do Rei, Jon Snow apoiou-se na muleta almofadada que Meistre Aemon lhe dera e observou a nuvem cinzenta subindo. Styr tinha perdido toda a esperança de pegar Castelo Negro desprevenido quando Jon escapou, mesmo assim não teria sido necessário avisar tão claramente que estava chegando. *Pode nos matar*, refletiu, *mas ninguém será massacrado na sua cama. Pelo menos isso consegui.*

Sua perna ainda doía como brasas quando se apoiava nela. Naquela manhã precisou que Clydas o ajudasse a vestir a roupa negra recém-lavada e a amarrar as botas, e, quando terminaram, desejou se afogar em leite de papoula. Em vez disso, contentou-se com meia taça de vinho dos sonhos, um pouco de casca de salgueiro para mascar e a muleta. O farol ardia no Espinhaço do Tempo, e a Patrulha da Noite necessitava de todos os homens.

– Posso lutar – tinha insistido quando tentaram impedi-lo.

– Sua perna está curada, é? – Noye fungou. – Então não vai se importar que lhe dê um pontapezinho?

– Preferia que não o fizesse. Está dura, mas posso coxear por aí suficientemente bem, e ficar em pé lutando, se precisar de mim.

– Preciso de todos os homens que saibam qual das extremidades de uma lança se espeta nos selvagens.

– A pontiaguda. – Jon recordou que um dia tinha dito à irmã mais nova qualquer coisa parecida.

Noye esfregou os pelos que tinha no queixo.

– Pode ser que sirva. Colocamos você numa torre com um arco, mas se cair é melhor que não venha choramingar para mim.

Via a estrada do rei abrindo seu caminho sinuoso para o sul, através de campos marrons pedregosos e por cima de colinas varridas pelo vento. O Magnar chegaria por aquela estrada antes de terminar o dia, com os seus Thenns marchando atrás dele com machados e lanças nas mãos, e seus escudos de bronze e couro nas costas. *Grigg, o Bode, Quort, o Grande Furúnculo e os outros virão também. E Ygritte*. Os selvagens nunca tinham sido seus amigos, ele não *permitiu* que fossem seus amigos, mas ela...

Sentia a dor latejar no local onde a flecha de Ygritte tinha atravessado carne e músculo de sua coxa. Lembrava-se também dos olhos do velho e do sangue negro correndo de sua garganta enquanto a tempestade rebentava no céu. Mas lembrava-se melhor da gruta, de como Ygritte era, nua, à luz do archote, do sabor de sua boca quando

a abria sob a dele. *Ygritte, fique longe. Vá para o sul e pilhe, vá se esconder numa dessas torres redondas de que tanto gostou. Aqui não encontrará nada a não ser a morte.*

Do outro lado do pátio, um dos arqueiros no telhado das velhas Casernas de Sílex tinha desatado os calções e estava urinando por uma ameia. *Mully*. Jon reconheceu-o pelos cabelos oleosos e alaranjados. Viam-se também homens com manto negro em outros telhados e topos de torres, embora nove em dez fossem na verdade feitos de palha. Donal Noye chamava de "as sentinelas-espantalho". *Só que os corvos somos nós*, refletiu Jon, *e já estamos quase todos bem espantados*.

Fosse qual fosse o nome que lhes era dado, os soldados de palha tinham sido ideia de Meistre Aemon. A Patrulha possuía, nos armazéns, mais calções, gibões e túnicas do que homens para enchê-los, sendo assim, por que não rechear algumas dessas roupas com palha, envolver seus ombros com manto e colocá-los em todas as torres e em metade das janelas? Alguns dos espantalhos até seguravam lanças, ou tinham bestas enfiadas debaixo do braço. A esperança era que os Thenns os vissem de longe e decidissem que Castelo Negro se encontrava bem defendido demais para ser atacado.

Jon dividia o topo da Torre do Rei com seis espantalhos, além de dois irmãos de verdade, dos que respiravam. Dick Surdo Follard estava sentado numa ameia, limpando e oleando metodicamente o mecanismo de sua besta, assegurando-se de que a roda girava suavemente, enquanto o rapaz de Vilavelha vagueava impacientemente ao longo dos parapeitos, remexendo a roupa dos homens de palha. *Ele talvez pense que lutarão melhor se estiverem na posição certa. Ou talvez a espera esteja mexendo com seus nervos, como está mexendo com os meus.*

O rapaz dizia ter dezoito anos, mais do que Jon tinha, mas apesar disso era verde como a grama do verão. Chamavam-no de Cetim, mesmo vestido com a lã, a cota de malha e o couro fervido da Patrulha da Noite; era o nome que obtivera no bordel onde nascera e fora criado. Era bonito como uma menina, com olhos escuros, pele macia e caracóis negros como um corvo. Mas meio ano em Castelo Negro endurecera suas mãos, e Noye dizia que não era ruim com uma besta. Agora, se tinha ou não coragem para enfrentar o que vinha por aí...

Jon usou a muleta para atravessar o topo da torre coxeando. A Torre do Rei não era a mais alta do castelo; a Lança, alta, esguia e arruinada, detinha esse título, embora Othell Yarwyck tivesse declarado que poderia desabar a qualquer momento. A Torre do Rei tampouco era a mais forte das torres: a Torre dos Guardas, junto à estrada do rei, seria uma noz mais dura de quebrar. Mas era suficientemente alta, suficientemente forte, e bem colocada ao lado da

Muralha, dominando o portão e a base da escada de madeira.

Na primeira vez que viu Castelo Negro com os próprios olhos, Jon perguntou a si mesmo por que alguém seria tão tolo a ponto de construir um castelo sem muralhas. Como poderia ser defendido?

– Não pode – tinha lhe dito o tio. – É exatamente essa a ideia. A Patrulha da Noite jura não participar nas disputas do reino. Mas, ao longo dos séculos, certos Senhores Comandantes, mais orgulhosos do que sensatos, esqueceram os votos e quase nos destruíram com suas ambições. O Senhor Comandante Runcel Hightower tentou deixar a patrulha como herança ao seu filho bastardo. O Senhor Comandante Rodrik Flint decidiu fazer de si mesmo Rei-para-lá-da-Muralha. Tristan Mudd, o Louco Marq Rankenfell, Robin Hill... sabia que há seiscentos anos os comandantes do Portão da Neve e de Fortenoite partiram para a guerra *um contra o outro*? E que quando o Senhor Comandante tentou impedi-los, juntaram forças para assassiná-lo? O Stark de Winterfell teve de dar uma mão... e cortar a cabeça deles. Coisa que fez com facilidade, porque *os fortes deles não eram defensáveis*. A Patrulha da Noite teve novecentos e noventa e seis Senhores Comandantes antes de Jeor Mormont, e em sua maioria foram homens de coragem e honra... mas também tivemos covardes e idiotas, os nossos tiranos e os nossos loucos. Sobrevivemos porque os senhores e reis dos Sete Reinos sabem que não constituímos ameaça para eles, independente de *quem* nos lidere. Os nossos únicos inimigos estão ao norte, e ao norte temos a Muralha.

Mas agora esses inimigos passaram pela Muralha e chegam do sul, refletiu Jon, *e os senhores e reis dos Sete Reinos esqueceram-nos. Estamos encurralados entre o martelo e a bigorna*. Sem uma muralha, Castelo Negro não podia ser mantido; Donal Noye sabia disso tão bem quanto todos os outros.

– O castelo não lhes serve para nada – tinha dito o armeiro à sua pequena guarnição. – Cozinhas, sala comum, estábulos, até as torres... que capturem tudo. Vamos esvaziar o arsenal, deslocar todos os abastecimentos que pudermos para o topo da Muralha e resistir em volta do portão.

E assim, Castelo Negro tinha finalmente uma espécie de muralha, uma barricada em forma de crescente, com três metros de altura, feita de material armazenado; barris de pregos e de carneiro salgado, caixotes, fardos de pano preto, troncos empilhados, tábuas, estacas endurecidas pelo fogo e sacos e mais sacos de cereais. O baluarte improvisado rodeava as duas coisas que mais valiam a pena defender: o portão para o norte e a base da grande escada de madeira em ziguezague que arranhava e escalava a face da Muralha como um relâmpago bêbado, sustentada por traves de madeira grandes como troncos de árvore, profundamente enterradas no gelo.

Jon viu que o último punhado de toupeiras ainda fazia a longa subida, incentivado pelos irmãos. Grenn levava um garotinho nos braços, enquanto Pyp, dois lances abaixo, deixava que um velho se apoiasse em seu ombro. Na base da escada, os aldeões mais velhos esperavam que a gaiola acabasse de fazer o caminho de volta desde o topo da Muralha. Pousou os olhos numa mãe que puxava duas crianças, uma em cada mão, no momento em que um rapaz mais velho passava por eles, correndo pelos degraus. Sessenta metros mais acima, Su Azul-Celeste e a Senhora Meliana (que todos os amigos eram unânimes em dizer que não era senhora coisa nenhuma) estavam paradas num patamar, olhando para o sul. Tinham uma vista da fumaça melhor do que a dele, sem dúvida. Jon perguntou a si mesmo o que acontecera aos aldeões que tinham decidido não fugir. Havia sempre alguns teimosos, estúpidos ou corajosos demais para se refugiarem, alguns que preferiam lutar, esconder-se ou render-se. Os Thenns talvez os poupassem.

O que devíamos ter feito era levar o ataque até eles, pensou. *Com cinquenta patrulheiros bem montados, podíamos desbaratá-los na estrada*. Mas não tinham cinquenta patrulheiros, nem metade dos cavalos necessários. A guarnição não tinha retornado, e não havia como saber onde estava, ou mesmo se os correios que Noye enviara a tinham alcançado.

A guarnição somos nós, disse Jon a si mesmo, *e olhe para nós*. Os irmãos que Bowen Marsh deixou para trás eram velhos, aleijados e rapazes ainda verdes, tal como Donal Noye tinha avisado. Via alguns carregando barris pelos degraus acima, e outros na barricada; o velho e robusto Barricas, tão lento como sempre, o Bota Extra, saltitando vivamente sobre a sua perna de madeira esculpida, o meio louco do Calma, que se achava Florian, o Bobo, renascido, o Dilly Dornês, o Alyn Vermelho da Mata de Rosas, o Jovem Henly (bem para lá dos cinquenta anos), o Velho Henly (bem para lá dos setenta), o Hal Peludo, o Pate Malhado da Lagoa da Donzela. Alguns deles viram Jon olhando do topo da Torre do Rei e acenaram para ele. Outros afastaram o olhar. *Ainda me julgam um vira-casaca*. Isso era desagradável, mas Jon não podia censurá-los. Afinal, ele era um bastardo. Todos sabiam que os bastardos eram desonestos e traiçoeiros por natureza, por terem nascido da luxúria e do engano. E ele tinha feito tantos inimigos como amigos em Castelo Negro... Rast, para começar. Jon certa vez ameaçou ordenar a Fantasma para rasgar sua goela se não parasse de atormentar Samwell Tarly, e Rast não se esquecia de coisas desse tipo. Naquele momento, empilhava folhas secas sob as escadas, mas de vez em quando parava tempo suficiente para dirigir a Jon um olhar maldoso.

– Não – rugiu Donal Noye para três dos homens de Vila Toupeira,

lá embaixo. – O piche vai para o guincho, o azeite para as escadas, dardos para bestas para o quarto, o quinto e o sexto patamares, lanças para o primeiro e o segundo. Enfiem a banha de porco debaixo das escadas, sim, aí, entre as tábuas. Os barris de carne são para a barricada. *Já*, seus empurradores de arado piolhentos, *JÁ!*

Ele tem uma voz de senhor, pensou Jon. O pai sempre dizia que em batalha os pulmões de um comandante eram tão importantes quanto o braço com que empunhava a espada. "Se as suas ordens não puderem ser ouvidas, não importa quão corajoso ou brilhante um homem seja", dizia Lorde Eddard aos filhos, e por isso Robb e Jon costumavam subir às torres de Winterfell para gritar um ao outro por cima do pátio. Donal Noye teria abafado a ambos. Os toupeiras andavam todos aterrorizados por ele, e com razão, pois o homem ficava o tempo todo ameaçando arrancar suas cabeças.

Três quartos da aldeia tinham levado a sério o aviso de Jon e vindo para Castelo Negro em busca de refúgio. Noye decretara que qualquer homem suficientemente vivo para pegar numa lança ou brandir um machado ajudaria a defender a barricada, caso contrário podiam perfeitamente voltar para casa e correr seus riscos com os Thenns. Tinha esvaziado o arsenal para pôr bom aço em suas mãos, grandes machados de lâmina dupla, punhais afiados como navalhas, espadas longas, clavas, maças de guerra com espigões. Vestidos com gibões de couro tachonado e pequenas camisas de cota de malha, com grevas nas pernas e gorjais para manter as cabeças sobre os ombros, alguns até pareciam soldados. *Com pouca luz. Caso se olhe de viés*.

Noye também tinha colocado mulheres e crianças para trabalhar. Aqueles que eram novos demais para lutar transportariam água e cuidariam das fogueiras, a parteira de Vila Toupeira ajudaria Clydas e Meistre Aemon com os feridos e o Hobb Três-Dedos de repente tinha tantos assadores, mexedores de panelas e cortadores de cebolas que não sabia o que fazer com eles. Duas das prostitutas tinham se oferecido para lutar e mostraram habilidade suficiente com a besta para lhes ser atribuído um lugar nos degraus a doze metros de altura.

– Está frio. – Cetim tinha enfiado as mãos nas axilas por baixo do manto. Suas bochechas estavam fortemente vermelhas.

Jon obrigou-se a sorrir.

– Nas Presas de Gelo está frio. Isto é um dia fresco de outono.

– Nesse caso, espero nunca ver as Presas de Gelo. Conheci uma garota em Vilavelha que gostava de gelar o vinho. Esse é o melhor lugar para o gelo, acho. No vinho. – Cetim deu um olhar de relance para o sul e franziu a testa. – Acha que as sentinelas-espantalho os assustaram, senhor?

– Podemos ter essa esperança. – Jon supunha que era possível... mas o mais certo era que os selvagens tivessem simplesmente feito

uma pausa para se dedicarem a um pouco de estupro e saque em Vila Toupeira. Ou talvez Styr estivesse à espera do cair da noite, para se aproximar com a cobertura da escuridão.

O meio-dia chegou e partiu, ainda sem sinal de Thenns na estrada do rei. Mas Jon ouviu passos dentro da torre, e Owen Idiota saltou do alçapão, vermelho da subida. Trazia um cesto de bolos de leite com passas debaixo de um braço, uma rodela de queijo debaixo do outro, um saco de cebolas pendurado em uma mão.

– O Hobb disse para lhes dar de comer, para o caso de ficarem presos aqui algum tempo.

Ou isso, ou para a nossa última refeição.

– Agradeça ao Hobb por nós, Owen.

Dick Follard era surdo como uma pedra, mas o nariz funcionava bastante bem. Os bolos de leite ainda estavam quentes do forno quando ele enfiou a mão no cesto e tirou um. Encontrou também um pote de manteiga e, com o punhal, espalhou um pouco no bolo.

– Passas – anunciou em tom feliz. – E também frutas secas. – Tinha uma pronúncia carregada, mas era bastante fácil compreendê-lo depois de se habituar a ela.

– Pode ficar com os meus – disse Cetim. – Não tenho fome.

– Coma – disse-lhe Jon. – Não sabemos quando haverá outra oportunidade. – Escolheu dois bolos para si. As frutas secas eram pinhões e, além das passas, havia também pedaços de maçã.

– Os selvagens vêm hoje, Lorde Snow? – perguntou Owen.

– Se vierem, saberá – disse Jon. – Fique à escuta dos berrantes.

– Dois. Dois é para os selvagens. – Owen era alto, de cabelos muito loiros e amigável, um trabalhador incansável, e surpreendentemente hábil quando se tratava de trabalhar a madeira, consertar catapultas e coisas do gênero. Mas, tal como ele alegremente afirmava, a mãe deixara-o cair de cabeça quando era bebê, e metade dos seus miolos tinham se derramado pela orelha.

– Lembra-se para onde deve ir? – perguntou-lhe Jon.

– Donal Noye diz que devo ir para as escadas. Devo subir até o terceiro patamar e disparar a besta contra os selvagens se tentarem escalar a barreira. O *terceiro* patamar, um, dois, três. – Sacudiu a cabeça para cima e para baixo. – Se os selvagens atacarem, o rei vem e nos ajuda, não é verdade? Ele é um grande guerreiro, o Rei Robert. Com certeza vem. Meistre Aemon enviou-lhe um pássaro.

Não valia a pena contar-lhe que Robert Baratheon estava morto. Esqueceria disso mais uma vez.

– Meistre Aemon enviou-lhe um pássaro – concordou Jon. Aquilo pareceu deixar Owen feliz.

Meistre Aemon tinha enviado um monte de pássaros... não a um rei, mas a quatro. *Selvagens ao portão*, dizia a mensagem. *O reino está*

em perigo. Envie toda a ajuda que puder para Castelo Negro. Os corvos voaram até lugares tão distantes como Vilavelha e a Cidadela, e para meia centena de castelos de senhores poderosos. Os senhores do norte constituíam a melhor esperança, por isso Aemon enviou duas aves a cada um deles. As aves negras levaram seu apelo aos Umber e aos Bolton, ao Castelo Cerwyn e à Praça de Torrhen, a Karhold e ao Bosque Profundo, à Ilha dos Ursos, a Castelovelho, à Atalaia da Viúva, a Porto Branco, à Vila Acidentada e aos Regatos, às fortalezas de montanha dos Liddle, dos Burley, dos Norrey, dos Harclay e dos Wull. *Selvagens ao portão. O norte em perigo. Venha com todas as suas forças.*

Bem, os corvos podiam ter asas, mas lordes e reis não as tinham. Se a ajuda estava a caminho, não chegaria hoje.

À medida que a manhã foi se transformando em tarde, a fumaça de Vila Toupeira foi soprada para longe e o céu ao sul ficou de novo limpo. *Não há nuvens*, pensou Jon. Isso era bom. A chuva ou a neve poderiam condená-los a todos.

Clydas e Meistre Aemon subiram na gaiola do guincho até a segurança do topo da Muralha, e a maior parte das esposas de Vila Toupeira também. Homens com manto negro patrulhavam incansavelmente os topos das torres e gritavam uns aos outros por cima dos pátios. O Septão Cellador liderou os homens da barricada numa prece, suplicando ao Guerreiro que lhes desse forças. Dick Surdo Follard enrolou-se sob seu manto e adormeceu. Cetim percorreu uma centena de léguas aos círculos, ao redor das ameias. A Muralha chorou e o sol atravessou lentamente um céu de um azul intenso. Perto do cair da noite, Owen Idiota voltou com um pão preto e um balde do melhor carneiro de Hobb, cozido num espesso caldo de cerveja e cebolas. Até o Dick acordou para comer. E comeram até a última migalha, usando pedaços de pão para limpar o fundo do balde. Quando terminaram, o sol encontrava-se baixo a oeste, e as sombras estendiam-se, negras e bem definidas, por todo o castelo.

– Acenda a fogueira – disse Jon ao Cetim – e encha a panela de azeite.

Desceu ele próprio as escadas para trancar a porta e tentar afastar um pouco da rigidez de sua perna. Foi um erro, e Jon compreendeu isso rapidamente, mas agarrou-se à muleta e avançou mesmo assim. A porta da Torre do Rei era de carvalho reforçado com ferro. Poderia atrasar os Thenns, mas não os impediria se quisessem entrar. Jon enfiou a tranca nos seus encaixes, fez uma visita à latrina – podia bem ser a sua última oportunidade – e voltou mancando ao topo, fazendo caretas de dor.

O ocidente tinha tomado a cor de um hematoma, mas o céu por cima de sua cabeça mostrava-se azul-cobalto, aprofundando-se até o púrpura, e estrelas começavam a surgir. Jon sentou-se entre dois

merlões, com apenas um espantalho de companhia, e observou o Garanhão galopar céu acima. Ou seria o Senhor Chifrudo? Perguntou-se onde estaria agora Fantasma. Também se interrogou sobre Ygritte, e disse a si mesmo que esse caminho levava à loucura.

Eles chegaram de noite, claro. *Como ladrões*, pensou Jon. *Como assassinos*.

Cetim urinou-se quando os berrantes soaram, mas Jon fingiu não reparar.

– Vá sacudir o Dick pelo ombro – disse ao rapaz de Vilavelha –, senão ele é capaz de passar a luta toda dormindo.

– Estou assustado. – O rosto de Cetim estava pálido como a morte.

– Eles também. – Jon encostou a muleta em um merlão e pegou o arco, vergando o liso e grosso teixo de Dorne para enfiar uma corda nos entalhes. – Não desperdice dardos, a menos que saiba que tem uma boa chance de acertar – disse quando Cetim retornou depois de acordar Dick. – Temos um grande estoque aqui em cima, mas *grande* não significa inesgotável. E fique atrás de um merlão para recarregar, não tente se esconder atrás de um espantalho. Eles são feitos de palha, uma flecha vai atravessá-los. – Não se incomodou em dizer qualquer coisa a Dick Follard. Dick sabia ler os lábios se houvesse luz suficiente e tivesse algum interesse no que lhe estava sendo dito, mas já sabia tudo aquilo.

Os três ocuparam posições em três lados da torre redonda. Jon pendurou uma aljava no cinto e puxou uma flecha. A haste era negra, as penas, cinzentas. Ao encaixá-la na corda, lembrou-se de uma coisa que Theon Greyjoy tinha dito certa vez após uma caçada, sorrindo daquele seu jeito habitual: "O javali pode ficar com as suas presas e o urso com as suas garras. Não há nada que seja nem de longe tão mortífero quanto uma pena cinzenta de ganso."

Jon nunca fora nem metade do caçador que Theon era, mas tampouco era estranho ao arco. Havia silhuetas escuras deslizando em volta do arsenal, com as costas tocando a pedra, mas não as via suficientemente bem para desperdiçar uma flecha. Ouviu gritos distantes, e viu os arqueiros na Torre dos Guardas disparando flechas contra o chão. Isso ficava longe demais para interessar a Jon. Mas quando vislumbrou três sombras se separando dos velhos estábulos, a cinquenta metros de distância, aproximou-se da ameia, ergueu o arco e puxou. Os homens corriam, por isso seguiu-os, esperando, esperando...

A flecha soltou um silvo suave quando abandonou a corda. Um momento depois ouviu-se um gemido, e de repente eram apenas duas as sombras que atravessavam o pátio trotando. Corriam o mais depressa que conseguiam, mas Jon já tinha tirado uma segunda flecha da aljava. Daquela vez apressou-se demais e errou. Os selvagens

tinham desaparecido quando voltou a encaixar mais uma flecha. Procurou outro alvo e encontrou quatro, correndo em volta da casca vazia da Fortaleza do Senhor Comandante. O luar cintilou em seus machados e lanças e nos pavorosos símbolos que traziam nos escudos redondos de couro; crânios e ossos, serpentes, garras de ursos, retorcidas caras demoníacas. *Povo livre*, compreendeu. Os Thenns usavam escudos de couro negro fervido, com relevos e bordas de bronze, mas os deles eram simples e sem adornos. Aqueles eram os escudos mais leves, de vime, dos corsários.

Jon puxou a pena de ganso até a orelha, apontou e soltou a flecha e depois encaixou, puxou e soltou de novo. A primeira flecha perfurou o escudo da garra de urso, a segunda, uma garganta. O selvagem gritou ao cair. Ouviu o profundo *trum* da besta do Dick Surdo à sua esquerda, e, um momento mais tarde, foi a do Cetim que soou.

– Acertei um! – gritou o rapaz em voz rouca. – Acertei no peito de um.

– Acerte outro – gritou Jon.

Agora não tinha de procurar alvos; só precisava escolhê-los. Abateu um arqueiro selvagem no momento em que o homem encaixava uma flecha na corda, e depois enviou uma flecha contra o corsário que atacava a porta da Torre de Hardin com um machado. Daquela vez errou, mas a flecha estremeceu no carvalho e fez o selvagem pensar duas vezes. Foi só quando o homem fugiu que reconheceu o Grande Furúnculo. Meio segundo depois, o velho Mully disparou do telhado das Casernas de Sílex e espetou uma flecha na perna dele, e o homem afastou-se engatinhando, sangrando. *Aquilo irá fazer com que deixe de choramingar por causa do furúnculo*, pensou Jon.

Quando a aljava se esvaziou, foi buscar outra, e instalou-se numa ameia diferente, lado a lado com Dick Surdo Follard. Jon soltava três flechas para cada dardo que Dick Surdo disparava, mas era essa a vantagem do arco. Havia quem insistisse que a besta penetrava melhor, mas recarregá-la era um processo lento e incômodo. Ouvia os selvagens gritarem uns para os outros, e em algum lugar a oeste ouviu-se o sopro de um berrante de guerra. O mundo era feito de luar e sombras, e o tempo transformou-se num ciclo sem fim de encaixar, puxar e soltar. Uma flecha selvagem rasgou a garganta da sentinela de palha que estava ao seu lado, mas Jon Snow quase nem reparou. *Dê-me uma mira limpa sobre o Magnar de Thenn*, suplicou aos deuses do pai. Ao menos o Magnar era um adversário que era capaz de odiar. *Dê-me Styr*.

Os dedos estavam ficando rígidos e o polegar sangrava, mas Jon continuava a encaixar, puxar e soltar. Uma mancha de fogo chamou sua atenção e virou-se para ver a porta da sala comum em chamas. Passaram-se apenas alguns momentos até todo o grande edifício de

madeira estar queimando. Sabia que Hobb Três-Dedos e seus ajudantes de Vila Toupeira estavam a salvo no topo da Muralha, mesmo assim sentiu como que um murro na barriga.

– *JON* – berrou Dick Surdo em sua voz pesada –, *o arsenal*. – Viu que havia gente no telhado. Um dos homens levava um archote. Dick saltou para a ameia a fim de ganhar uma posição melhor para o tiro, encostou a besta no ombro e disparou um dardo, com um ruído surdo, contra o homem do archote. Falhou.

Mas o arqueiro lá embaixo, não.

Follard não soltou um som, limitou-se a tombar para a frente, de cabeça, por cima do parapeito. A queda até o pátio era de trinta metros. Jon ouviu o baque no momento em que espreitava de trás de um soldado de palha, tentando ver de onde a flecha teria vindo. A menos de três metros do corpo de Dick Surdo, vislumbrou um escudo de couro, um manto esfarrapado, um matagal de espessos cabelos ruivos. *Beijada pelo fogo*, pensou, *sortuda*. Levantou o arco, mas os dedos recusaram-se a abrir, e ela desapareceu tão subitamente como aparecera. Girou sobre si mesmo, praguejando, e disparou uma flecha contra os homens que se encontravam no telhado do arsenal, mas também errou.

A essa altura os estábulos orientais também já ardiam, com fumaça negra e nuvens de feno em chamas jorrando das cocheiras. Quando o telhado ruiu, labaredas subiram, rugindo tão alto que quase abafaram os berrantes de guerra dos Thenns. Cinquenta deles surgiram em marcha pela estrada do rei, em coluna apertada, com os escudos erguidos por cima da cabeça. Outros aproximavam-se em grupos através da horta, através do pátio das lajes, ao redor do velho poço seco. Três tinham atravessado à machadada as portas dos aposentos de Meistre Aemon na fortaleza de madeira, sob a colônia dos corvos, e uma luta desesperada desenrolava-se no topo da Torre Silenciosa, com espadas opondo-se a machados de bronze. Nada disso importava. *A dança avançou*, pensou.

Jon atravessou mancando até junto de Cetim e agarrou-o pelo ombro.

– Comigo – gritou. Juntos, dirigiram-se ao parapeito norte, onde a Torre do Rei dava para o portão e a muralha que Donal Noye tinha improvisado com vigas, barris e sacas de cereais.

Os Thenns chegaram lá antes deles. Usavam meios elmos e tinham discos finos de bronze cosidos às suas longas camisas de couro. Muitos empunhavam machados de bronze, embora alguns fossem de pedra lascada. Eram mais os que manejavam lanças curtas e penetrantes, com ponta em forma de folha que cintilava, rubra, à luz vinda dos estábulos incendiados. Gritavam no Idioma Antigo enquanto assaltavam a barricada, lançando estocadas com as lanças, brandindo

machados de bronze, derramando milho e sangue com igual desembaraço, enquanto dardos e flechas choviam sobre eles vindos dos arqueiros que Donal Noye posicionara na escada.

– O que *fazemos*? – gritou o Cetim.

– Matamo-los – gritou Jon em resposta, com uma flecha negra na mão.

Nenhum arqueiro poderia pedir tiros mais fáceis. Os Thenn estavam de costas voltadas para a Torre do Rei enquanto carregavam sobre o crescente, escalando os sacos e os barris para chegar junto dos homens de negro. Tanto Jon como Cetim escolheram por casualidade o mesmo alvo. Tinha acabado de atingir o topo da barricada quando uma flecha se projetou de seu pescoço e um dardo o atingiu entre as omoplatas. Meio segundo depois, uma espada atingiu-o na barriga e ele caiu sobre o homem que vinha atrás. Jon estendeu a mão para a aljava e achou-a de novo vazia. Cetim recarregava a besta. Deixou-o cuidando disso e foi buscar mais flechas, mas não tinha dado mais de três passos quando o alçapão se abriu com estrondo a um metro dele. *Maldito inferno, nem sequer ouvi a porta se quebrando.*

Não houve tempo para pensar, fazer planos ou gritar por ajuda. Jon deixou o arco cair, estendeu a mão por sobre o ombro, arrancou a Garralonga de sua bainha e enterrou a lâmina no meio da primeira cabeça a se levantar da torre. O bronze não era adversário à altura do aço valiriano. O golpe cortou através do elmo do Thenn e mergulhou profundamente em seu crânio, e o homem tombou de volta para o lugar de onde viera. Jon compreendeu pelos gritos que havia mais atrás dele. Recuou e chamou por Cetim. O homem que subiu a seguir levou um dardo na cara. Também desapareceu.

– O azeite – disse Jon. Cetim anuiu. Juntos agarraram os grossos pegadores acolchoados que tinham deixado junto da fogueira, ergueram a pesada panela de azeite fervente e despejaram-na pelo buraco, sobre os Thenn que se encontravam embaixo. Os guinchos foram piores que qualquer coisa que tivessem ouvido, e Cetim pareceu prestes a botar tudo para fora. Jon fechou o alçapão com um pontapé, pôs a pesada panela de ferro em cima dele, e deu uma forte sacudida no rapaz de rosto bonito. – Vomite mais tarde – gritou. – *Venha*.

Tinham estado afastados das ameias apenas por alguns momentos, mas embaixo tudo havia mudado. Uma dúzia de irmãos negros e alguns dos homens de Vila Toupeira ainda resistiam em cima dos caixotes e barris, mas os selvagens estavam escalando a barricada ao longo de todo o crescente, empurrando-os para trás. Jon viu um deles espetar a lança na barriga de Rast, de baixo para cima e com tanta força que o ergueu no ar. O Jovem Henly estava morto e o Velho Henly, moribundo e cercado por inimigos. Jon viu o Calma rodopiando e desferindo golpes em todas as direções, rindo como um

louco, fazendo o manto esvoaçar ao saltar de barril em barril. Um machado de bronze atingiu-o logo abaixo do joelho, e o riso transformou-se num grito borbulhante.

– Eles estão quebrando – disse o Cetim.

– Não – disse Jon –, já quebraram.

Aconteceu rapidamente. Um dos toupeiras fugiu e depois outro, e subitamente todos os aldeões estavam largando as armas e abandonando a barricada. Os irmãos eram muito poucos para aguentar sozinhos. Jon viu-os tentar formar uma linha para recuar de maneira ordenada, mas os Thenns submergiram-nos com lanças e machados, e então também eles se puseram em fuga. Dilly Dornês escorregou e caiu de cabeça, e um selvagem plantou uma lança entre suas omoplatas. Barricas, lento e sem fôlego, tinha já quase chegado ao degrau inferior quando um Thenn agarrou na extremidade de seu manto e o obrigou a se virar com um puxão... mas um dardo de besta abateu o homem antes que desse tempo para seu machado cair.

– *Acertei* – exultou Cetim, enquanto Barricas cambaleava na direção da escada e começava a subir os degraus, sobre os joelhos e as mãos.

O portão está perdido. Donal Noye fechara-o e acorrentara-o, mas estava pronto para ser tomado, com as barras de ferro cintilando, vermelhas, com a luz refletida dos incêndios, e o túnel frio e negro por trás. Ninguém tinha recuado para defendê-lo; o único local seguro era o topo da Muralha, depois de subir duzentos metros ao longo da ziguezagueante escada de madeira.

– A que deuses você reza? – perguntou Jon ao Cetim.

– Aos Sete – disse o rapaz de Vilavelha.

– Então reze – disse-lhe Jon. – Reze aos seus deuses modernos, que eu rezo aos meus antigos. – Tudo mudava ali.

Com a confusão junto ao alçapão, Jon tinha se esquecido de encher a aljava. Atravessou de volta o topo da torre, mancando, e encheu-a, pegando também o arco. A panela não havia se movido de onde a deixara, parecia que por ora se encontravam suficientemente seguros. *A dança avançou, e nós estamos a observá-la da galeria*, pensou enquanto coxeava de volta. Cetim disparava dardos contra os selvagens que subiam os degraus, e escondia-se atrás de um merlão para recarregar a besta. *Além de ser bonito, ele também é rápido.*

A verdadeira batalha desenrolava-se nos degraus. Noye tinha posicionado lanceiros nos dois patamares inferiores, mas a fuga precipitada dos aldeãos deixou-os em pânico e tinham-se juntado à debandada, correndo na direção do terceiro patamar com os Thenns a matar todos os que ficassem para trás. Os arqueiros e besteiros nos patamares superiores estavam tentando disparar contra a cabeça dos selvagens. Jon encaixou uma flecha, puxou e soltou, e sentiu-se

satisfeito quando um dos Thenns caiu quicando pelos degraus. O calor dos incêndios fazia a Muralha chorar, e as chamas dançavam e cintilavam contra o gelo. Os degraus balançavam com os passos dos homens que tentavam se salvar.

Jon voltou a encaixar, puxar e soltar, mas só havia um Jon e um Cetim, contra uns bons sessenta ou setenta Thenns que arremetiam escadas acima, matando enquanto avançavam, bêbados de vitória. No quarto patamar, três irmãos de manto negro resistiram, ombro com ombro, de espadas na mão, e a batalha passou de novo, brevemente, a um corpo a corpo. Mas eles eram só três, e em pouco tempo a maré de selvagens os submergiu e seu sangue pingou degraus abaixo.

"Um homem nunca está tão vulnerável numa batalha como quando foge. Um homem em fuga é para um soldado como um animal ferido. Alimenta sua sede de sangue", tinha dito certo dia Lorde Eddard a Jon. Os arqueiros no quinto patamar fugiram antes mesmo de a batalha chegar até eles. Era uma debandada, uma rubra debandada.

– Vá buscar os archotes – disse Jon a Cetim. Havia quatro empilhados junto à fogueira, com as pontas enroladas em trapos empapados em azeite. Havia também uma dúzia de flechas incendiárias. O rapaz de Vilavelha enfiou um archote na fogueira até deixá-lo ardendo bem, e trouxe os outros debaixo do braço, por acender. Parecia de novo assustado, e tinha motivos para isso. Jon também estava assustado.

Foi então que viu Styr. O Magnar estava subindo a barricada, por cima das sacas de cereais rasgadas, barris quebrados e dos corpos de amigos e inimigos. Sua armadura de escamas de bronze cintilava, escura, à luz das chamas. Styr tinha tirado o elmo para estudar a cena de seu triunfo, e o filho da puta careca e sem orelhas estava sorrindo. Na mão, trazia uma longa lança de represeiro com uma ornamentada ponta de bronze. Quando viu o portão, apontou para ele com a lança e ladrou qualquer coisa no Idioma Antigo para a meia dúzia de Thenns que o rodeava. *Tarde demais*, pensou Jon. *Você devia ter saltado a barricada à frente de seus homens, podia ter sido capaz de salvar alguns*.

Lá em cima soou um berrante de guerra, um sopro longo e grave. Não no topo da Muralha, mas no nono patamar, a cerca de sessenta metros de altura, onde Donal Noye se encontrava.

Jon encaixou uma flecha incendiária no arco, e Cetim acendeu-a com o archote. Aproximou-se do parapeito, puxou, apontou, soltou. Fitas de chamas perseguiram a haste, que ganhou velocidade enquanto caía e atingiu o alvo com um baque surdo, crepitando.

Não era Styr. Eram os degraus. Ou, mais precisamente, os barris, barricas e sacas que Donal Noye havia empilhado *por baixo* dos degraus, até a altura do primeiro patamar; os barris de piche e azeite

para lâmpadas, os sacos de folhas e os trapos embebidos em óleo, as toras rachadas, as cascas de árvore e as aparas de madeira. “Outra vez”, disse Jon, e “Outra vez”, e “Outra vez”. Outros arqueiros estavam também disparando, do topo de todas as torres dentro de alcance, alguns lançando suas flechas para o alto, em grandes arcos, para caírem à frente da Muralha. Quando Jon ficou sem flechas incendiárias, ele e Cetim passaram a acender os archotes e a atirá-los das ameias.

Lá em cima, outro incêndio desabrochava. Os velhos degraus de madeira tinham bebido o óleo como esponjas, e Donal Noye empapara-os, do nono patamar até o sétimo. Jon só podia ter esperança de que a maior parte de sua gente tivesse subido até um lugar seguro antes de Noye arremessar os archotes. Os irmãos negros, pelo menos, sabiam do plano, mas os aldeões não.

O vento e o fogo fizeram o resto. Tudo que Jon precisou fazer foi observar. Com chamas por baixo e por cima, os selvagens não tinham para onde ir. Alguns continuaram a subir, e morreram. Alguns desceram, e morreram. Alguns ficaram onde estavam. Também morreram. Muitos saltaram dos degraus antes de se incendiarem, e morreram da queda. Vinte e poucos Thenns ainda se apertavam uns contra os outros entre os incêndios quando o gelo rachou devido ao calor e todo o terço inferior da escada se desprendeu, com várias toneladas de gelo. Essa foi a última vez que Jon viu Styr, o Magnar de Thenn. *A Muralha defende-se*, pensou.

Jon pediu a Cetim para ajudá-lo a descer até o pátio. A perna ferida doía tanto que quase não conseguia andar, mesmo com a muleta.

– Traga a tocha – disse ao rapaz de Vilavelha. – Preciso procurar uma pessoa. – Nos degraus havia principalmente Thenns. Certamente alguns membros do povo livre tinham escapado. Gente de Mance, não do Magnar. Ela podia ter sido um deles. Por isso desceram, passando por corpos de homens que tinham testado o alçapão, e Jon ficou vagueando pela escuridão com a muleta debaixo de um braço e o outro em volta dos ombros de um rapaz que tinha sido prostituto em Vilavelha.

A essa altura, os estábulos e a sala comum já estavam reduzidos a brasas fumegantes, mas o fogo ainda ardia furiosamente ao longo da Muralha, subindo degrau por degrau e um patamar após o outro. De tempos em tempos ouviam um gemido e logo um *craaaac*, e outro pedaço de Muralha tombava com estrondo. O ar estava repleto de cinzas e cristais de gelo.

Encontrou Quort morto, e Polegares de Pedra moribundo. Encontrou alguns Thenns que nunca chegara realmente a conhecer mortos e moribundos. Encontrou Grande Furúnculo, fraco de todo o

sangue que tinha perdido, mas ainda vivo.

Encontrou Ygritte estatelada numa mancha de neve velha por baixo da Torre do Senhor Comandante, com uma flecha entre os seios. Os cristais de gelo tinham pousado em seu rosto e, ao luar, parecia que estava usando uma cintilante máscara de prata.

Jon viu que a flecha era negra, mas tinha penas brancas de pato. *Não é minha*, disse a si mesmo, *não é uma das minhas*. Mas sentiu como se fosse.

Quando ajoelhou-se na neve ao lado dela, Ygritte abriu os olhos.

– Jon Snow – disse ela, muito baixo. Parecia que a flecha tinha atingido um pulmão. – *Isto* agora já é um verdadeiro castelo? Não é só uma torre?

– Sim. – Jon pegou na mão dela.

– Bom – sussurrou ela. – Queria ver um castelo de verdade antes... antes de...

– Vai ver uma centena de castelos – prometeu-lhe ele. – A batalha acabou. Meistre Aemon vai cuidar de você. – Tocou os cabelos dela. – É beijada pelo fogo, lembra? Sortuda. Vai ser preciso mais do que uma flecha para matá-la. Aemon vai puxá-la para fora e fazer um curativo em você, e depois arranjamos um pouco de leite de papoula para suas dores.

Ela limitou-se a sorrir.

– Lembra daquela gruta? Devíamos ter ficado naquela gruta. Eu disse.

– Vamos voltar à gruta – disse ele. – Não vai morrer, Ygritte. Não vai.

– Oh. – Ygritte envolveu o rosto dele com a mão. – Você não sabe nada, Jon Snow – suspirou, e morreu.

Bran

É só mais um castelo vazio – disse Meera Reed ao olhar a desolação de entulho, ruínas e ervas daninhas.

Não, pensou Bran, *é Fortenoite, e isto é o fim do mundo*. Nas montanhas, só conseguia pensar em chegar à Muralha e encontrar o corvo de três olhos, mas agora que estavam ali sentia-se cheio de temores. O sonho que tivera... o sonho que *Verão* tivera... *Não, não devo pensar no sonho*. Nem sequer o tinha contado aos Reed, embora pelo menos Meera parecesse sentir que havia algo errado. Se nunca falasse dele, talvez pudesse esquecer que o sonhara, e então não teria acontecido, e Robb e Vento Cinzento ainda estariam...

– Hodor. – Hodor deslocou o peso de uma perna para a outra, levando Bran atrás. Estava cansado. Tinham caminhado durante horas. *Pelo menos não está assustado*. Bran tinha medo daquele lugar, quase tanto quanto tinha de admitir isso aos Reed. *Sou um príncipe do Norte, um Stark de Winterfell, quase um homem-feito, tenho de ser tão bravo quanto Robb*.

Jojen fitou-o com seus olhos verde-escuros.

– Não há nada aqui que nos faça mal, Vossa Graça.

Bran não tinha tanta certeza. Fortenoite surgia em algumas das histórias mais assustadoras da Velha Ama. Tinha sido ali que o Rei da Noite reinou, antes de seu nome ter sido varrido da memória dos homens. Foi ali que o Cozinheiro Ratazana serviu ao rei ândalo seu empadão de príncipe e bacon, que as setenta e nove sentinelas mantiveram-se de vigia, que o bravo jovem Danny Flint foi violado e assassinado. Era esse o castelo onde o Rei Sherrit rogou a sua praga sobre os ândalos de antigamente, onde os jovens aprendizes tinham enfrentado a coisa saída da noite, onde o cego Symeon Olhos-de-Estrela viu os mastins do inferno lutando. Machado Louco caminhou um dia por aqueles pátios e subiu àquelas torres, assassinando seus irmãos na calada da escuridão.

Tudo aquilo tinha acontecido havia centenas de milhares de anos, com certeza, e algumas daquelas coisas talvez nem tivessem acontecido de verdade. Meistre Luwin dizia sempre que as histórias da Velha Ama não deviam ser engolidas inteiras. Mas, uma vez, o tio viera visitar o pai, e Bran interrogou-o a respeito de Fortenoite. Benjen Stark não chegou a dizer que as histórias eram verdadeiras, mas também não disse que não eram; limitou-se a encolher os ombros e declarar que haviam abandonado Fortenoite há duzentos anos. Como se isso fosse resposta.

Bran forçou-se a olhar em volta. A manhã estava fria mas luminosa, com o sol a brilhar num céu de um azul duro, mas os *ruídos*

não lhe agradavam. O vento causava um assobio nervoso ao estremecer por entre as torres quebradas, os baluartes gemiam e aquietavam-se e ouviam-se ratazanas arrastando-se sob o chão do grande salão. *Os filhos do Cozinheiro Ratazana fugindo do pai*. Os pátios eram pequenas florestas onde árvores esguias esfregavam seus ramos nus uns nos outros e folhas mortas corriam como baratas por cima de manchas de neve antiga. Havia árvores crescendo onde os estábulos tinham estado, e um represeiro branco e retorcido assomava por um buraco escancarado no telhado em cúpula da cozinha. Até Verão se sentia desconfortável naquele local. Bran enfiou-se em sua pele, só por um instante, para sentir o cheiro do lugar. Também não gostou dele.

E não havia maneira de atravessar.

Bran tinha lhes dito que não haveria. Tinha dito e *re*dito, mas Jojen Reed insistiu em ver com os próprios olhos. Dizia que tivera um sonho verde, e que seus sonhos verdes não mentiam. *Também não abrem portões*, pensou Bran.

O portão que Fortenoite defendia estava selado desde o dia em que os irmãos negros tinham carregado as mulas e os garranos e partido para Lago Profundo; a sua porta levadiça de ferro encontrava-se descida, as correntes que a içavam tinham sido levadas e o túnel fora preenchido com pedras e entulho, tudo congelado até se tornar tão impenetrável como a própria Muralha.

– Devíamos ter seguido Jon – disse Bran quando o viu. Pensava frequentemente no irmão bastardo, desde a noite em que Verão o vira se afastando na tempestade. – Devíamos ter procurado a estrada do rei e seguido para Castelo Negro.

– Não nos atrevemos, meu príncipe – disse Jojen. – Já lhe disse por quê.

– Mas há *selvagens*. Eles mataram um homem qualquer e também queriam matar o Jon. Jojen, eram *uma centena*.

– Foi o que você disse. Nós somos quatro. Ajudou seu irmão, se é que era realmente ele, mas isso quase lhe custou o Verão.

– Eu sei – disse Bran com um ar infeliz.

O lobo gigante tinha matado três deles, talvez mais, mas eram muitos. Depois de formarem um anel apertado em volta do homem alto sem orelhas, tinha tentado se esgueirar através da chuva, mas uma das flechas veio num relâmpago atrás dele e a súbita punhalada de dor expulsou Bran da pele do lobo e fez com que voltasse à sua. Depois que a tempestade finalmente passou, tinham se aninhado no escuro, sem uma fogueira, falando em sussurros quando falavam, escutando a respiração pesada de Hodor e perguntando a si mesmos se os selvagens iriam tentar atravessar o lago de manhã. Bran tentara várias vezes alcançar Verão, mas a dor que encontrou afastou-o, da mesma forma que uma chaleira em brasa nos faz afastar a mão

quando tentamos pegá-la. Só Hodor dormiu naquela noite, murmurando "Hodor, hodor", enquanto se debatia e virava. Bran estava aterrorizado pela possibilidade de Verão estar morrendo na escuridão. *Por favor, oh deuses antigos*, rezou, *levaram Winterfell, meu pai e minhas pernas, não levem também o Verão. E protejam também Jon Snow e façam com que os selvagens vão embora.*

Não cresciam representeiros naquela ilha pedregosa no lago, mas de algum modo os deuses antigos devem tê-lo ouvido. Os selvagens levaram tempo até partirem na manhã seguinte, despindo os corpos de seus mortos e do velho que tinham matado, e até pescando alguns peixes do lago, e houve um momento assustador quando três deles encontraram o caminho elevado e começaram a avançar pela água... mas o caminho virou e eles não, e dois quase se afogaram antes de os outros os puxarem para terra. O homem alto e careca berrou para eles, com palavras que ecoaram sobre as águas numa língua qualquer que nem mesmo Jojen conhecia, e pouco depois pegaram escudos e lanças e marcharam para nordeste, a mesma direção que Jon seguira. Bran queria partir também, para ir à procura de Verão, mas os Reed disseram que não.

– Vamos ficar mais uma noite – Jojen disse –, colocar algumas léguas entre nós e os selvagens. Não quer voltar a encontrá-los, não é?

Mais tarde nessa noite, Verão voltou de onde quer que estivera escondido, arrastando a pata traseira. Tinha comido partes dos cadáveres na estalagem, afastando os corvos, e depois nadado até a ilha. Meera arrancou a flecha quebrada da pata dele e esfregou a ferida com a seiva de umas plantas que encontrara crescendo em volta da base da torre. O lobo gigante ainda mancava, mas parecia a Bran que o fazia um pouco menos a cada dia. Os deuses tinham escutado.

– Talvez devêssemos tentar outro castelo – disse Meera ao irmão. – Talvez consigamos atravessar o portão em algum outro lugar. Podia ir bater terreno, se você quisesse, seria mais rápida sozinha.

Bran sacudiu a cabeça.

– Se for para leste, tem primeiro o Lago Profundo e depois o Portão da Rainha. Para oeste fica Marcagelo. Mas serão a mesma coisa, só que menores. Todos os portões estão selados, exceto os de Castelo Negro, Atalaialeste e Torre Sombria.

Hodor respondeu "Hodor" àquilo, e os Reed trocaram um olhar.

– Eu pelo menos podia subir até o topo da Muralha – decidiu Meera. – Talvez visse alguma coisa lá em cima.

– O que espera ver? – perguntou Jojen.

– *Alguma coisa* – disse Meera, e para variar mostrou-se inflexível.

Devia ser eu. Bran ergueu a cabeça para olhar a Muralha e imaginou-se escalando centímetro a centímetro, enfiando os dedos em fendas no gelo e abrindo apoios para os pés aos chutes. A ideia fez

Bran sorrir, apesar de tudo, dos sonhos, dos selvagens, de Jon e *de tudo*. Escalava as muralhas de Winterfell quando era pequeno, e todas as torres também, mas nenhuma tinha sido tão alta, e eram apenas de pedra. A Muralha podia *parecer* pedra, toda cinzenta e esburacada, mas então as nuvens abriam-se, o sol brilhava sobre ela de uma forma diferente, e de repente transformava-se e ali surgia, branca e azul e cintilante. Era o fim do mundo, dizia sempre a Velha Ama. Do outro lado havia monstros, gigantes e vampiros, mas não podiam passar enquanto a Muralha se mantivesse em pé. *Quero ir lá em cima com Meera*, pensou Bran. *Quero ir lá em cima e ver.*

Mas era um garoto quebrado, com pernas inúteis, por isso, tudo o que podia fazer era ficar embaixo assistindo enquanto Meera subia em seu lugar.

Ela não estava realmente *escalando*, como ele costumava escalar. Estava apenas subindo uns degraus que a Patrulha da Noite talhara havia centenas e milhares de anos. Lembrava-se de Meistre Luwin dizer que Fortenoite era o único castelo onde os degraus tinham sido cortados no gelo da própria Muralha. Ou talvez tivesse sido o tio Benjen. Os castelos mais novos tinham degraus de madeira, ou de pedra, ou longas rampas de terra e cascalho. "O gelo é traiçoeiro demais." Foi o tio que lhe contou aquilo. Ele disse que a superfície exterior da Muralha às vezes chorava lágrimas geladas, embora o núcleo, lá dentro, permanecesse congelado e duro como pedra. Os degraus deviam ter derretido e voltado a congelar mil vezes desde que os últimos irmãos negros tinham abandonado o castelo e, a cada vez que o faziam, encolhiam um pouco e tornavam-se mais lisos, mais arredondados e mais traiçoeiros.

E menores. *É quase como se a Muralha estivesse engolindo-os de volta*. Meera Reed tinha pés muito seguros, mesmo assim avançava lentamente, deslocando-se de protuberância em protuberância. Em dois locais, onde os degraus praticamente já não existiam, ficou de quatro. *Será pior quando descer*, pensou Bran, observando. Mesmo assim, desejou ser ele a estar lá em cima. Quando chegou ao topo, engatinhando pelas saliências geladas que eram tudo que restava dos degraus superiores, Meera desapareceu de sua vista.

– Quando é que ela desce? – perguntou Bran a Jojen.

– Quando estiver pronta. Ela vai querer dar uma boa olhada... na Muralha e no que está para lá dela. Devíamos fazer o mesmo aqui embaixo.

– Hodor? – disse Hodor, com ar de dúvida.

– Podíamos encontrar qualquer coisa – insistiu Jojen.

Ou pode ser que alguma coisa nos encontre. Mas Bran não podia dizer isso; não queria que Jojen o julgasse covarde.

E assim foram explorar, com Jojen Reed na liderança, Bran em

seu cesto às costas de Hodor e Verão caminhando a seu lado. Uma vez, o lobo gigante enfiou-se de repente numa porta escura e voltou um momento depois com uma ratazana cinza entre os dentes. *O Cozinheiro Ratazana*, pensou Bran, mas o animal era da cor errada, e só tinha o tamanho de um gato. O Cozinheiro Ratazana era branco e quase tão gigantesco quanto uma porca.

Havia um monte de portas escuras em Fortenoite e um monte de ratazanas. Bran ouvia seus passos ligeiros por armazéns e adegas e pelo labirinto de túneis negros como breu que os ligava. Jojen queria ir espiar lá embaixo, mas a essa ideia Hodor disse "*Hodor*", e Bran disse "Não". Havia coisas piores do que ratazanas na escuridão por baixo de Fortenoite.

– Este parece um lugar antigo – disse Jojen enquanto atravessavam uma galeria onde a luz do sol caía em feixes poeirentos através de janelas vazias.

– É duas vezes mais velho do que Castelo Negro – disse Bran, recordando. – Foi o primeiro castelo da Muralha, e também o maior. – Mas também foi o primeiro a ser abandonado, ainda no tempo do Velho Rei. Mesmo então, três quartos dele já se encontravam vazios, e era muito dispendioso mantê-lo. A Boa Rainha Alysanne sugeriu que a Patrulha o substituísse por um castelo menor e mais novo, num local a apenas onze quilômetros para leste, onde a Muralha se curvava ao longo da margem de um belo lago verde. Lago Profundo foi pago pelas joias da rainha e construído por homens que o Velho Rei enviou para o norte, e os irmãos negros entregaram Fortenoite às ratazanas.

Mas isso havia sido dois séculos antes. Agora, Lago Profundo estava tão vazio como o castelo que tinha substituído, e Fortenoite...

– Há fantasmas aqui – disse Bran. Hodor já tinha ouvido todas as histórias, mas Jojen talvez não. – Fantasmas *velhos*, de antes do Velho Rei, de antes até de Aegon, o Dragão, setenta e nove desertores que foram para o sul a fim de se tornarem fora da lei. Um deles era o filho mais novo de Lorde Ryswell, e por isso, quando chegaram às terras acidentadas, procuraram refúgio em seu castelo, mas Lorde Ryswell aprisionou-os e devolveu-os a Fortenoite. O Senhor Comandante mandou abrir buracos no topo da Muralha, enfiou neles os desertores e selou-os no gelo, vivos. Têm lanças e berrantes e estão todos virados para o norte. Chamam-se as setenta e nove sentinelas. Abandonaram seus postos em vida, portanto, na morte, sua vigília dura para sempre. Anos mais tarde, quando Lorde Ryswell já estava velho e moribundo, fez que o trouxessem para Fortenoite para poder vestir o negro e ficar junto do filho. Enviara-o de volta para a Muralha por uma questão de honra, mas ainda o amava, por isso veio acompanhá-lo na vigília.

Passaram metade do dia esquadrinhando o castelo. Algumas das torres tinham desmoronado, e outras pareciam pouco seguras, mas

subiram à torre sineira, onde não havia sinos, e à colônia dos corvos, onde não havia corvos. Sob a cervejaria, encontraram uma adega de enormes barris de carvalho que trovejavam ocamente quando Hodor batia neles com os nós dos dedos. Encontraram uma biblioteca onde as prateleiras e os escaninhos tinham desabado, não havia livros, mas era possível encontrar ratazanas por todo lado. Acharam uma masmorra úmida e fracamente iluminada, com celas suficientes para quinhentos cativos, mas quando Bran pegou numa das barras enferrujadas, ela partiu-se na sua mão. Só restava uma parede em ruínas no grande salão, a casa de banhos parecia estar se afundando no chão, e um enorme espinheiro conquistara o pátio de treinos em frente ao arsenal, onde irmãos negros um dia tinham trabalhado com lanças, escudos e espadas. No entanto, o arsenal e a forja ainda se mantinham em pé, embora as teias de aranha, as ratazanas e a poeira tivessem ocupado o lugar das lâminas, dos foles e da bigorna. Às vezes, Verão ouvia sons aos quais Bran parecia surdo, ou mostrava os dentes a coisa nenhuma, com o pelo do cangote eriçado... mas o Cozinheiro Ratazana não chegou a aparecer, e as setenta e nove sentinelas e o Machado Louco também não. Bran sentiu-se muito aliviado. *Talvez seja apenas um castelo vazio em ruínas*.

Quando Meera regressou, o sol era somente o fio de uma espada acima dos montes ocidentais.

– O que foi que viu? – perguntou-lhe o irmão Jojen.

– Vi a floresta assombrada – disse ela num tom pensativo. – Montes selvagens que se erguem até perder de vista, cobertos de árvores nunca tocadas por um machado. Vi a luz do sol cintilando num lago e nuvens que se aproximam vindas do oeste. Vi manchas de neve velha e pingentes do tamanho de lanças. Vi até uma águia pairando no céu. Acho que ela também me viu. Acenei para ela.

– Viu algum caminho para baixo? – perguntou Jojen.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não. É uma queda livre, e o gelo é tão liso... eu talvez fosse capaz de descer se tivesse uma boa corda e um machado para abrir apoios para as mãos, mas...

– ... mas nós não – terminou Jojen.

– Não – concordou a irmã. – Tem certeza de que este é o lugar que viu no seu sonho? Talvez estejamos no castelo errado.

– Não. O castelo é este. Há um portão aqui.

Sim, pensou Bran, *mas está bloqueado por pedra e gelo*.

Quando o sol começou a se pôr, as sombras das torres cresceram e o vento soprou com mais força, fazendo rajadas de folhas secas e mortas crepitar nos pátios. As sombras que se reuniam lembraram a Bran outra das histórias da Velha Ama, a história do Rei da Noite. Tinha sido o décimo terceiro homem a liderar a Patrulha da Noite,

dizia ela; um guerreiro que não conhecia o medo.

– E esse era o seu defeito – acrescentava –, pois todos os homens devem conhecer o medo. – Sua perdição havia sido uma mulher; uma mulher vislumbrada do topo da Muralha, com a pele branca como a lua e olhos que eram como estrelas azuis. Sem nada temer, ele perseguiu-a, pegou-a e amou-a, embora a pele dela fosse fria como gelo, e quando lhe entregou a sua semente, entregou também sua alma.

"Trouxe-a de volta para Fortenoite e proclamou-a rainha e a si o seu rei, e com estranhas feitiçarias prendeu os Irmãos Juramentados aos seus desígnios. Governaram durante treze anos, o Rei da Noite e sua rainha cadáver, até que por fim o Stark de Winterfell e Joramun dos selvagens se aliaram para libertar a Patrulha da servidão. Após a sua queda, quando se descobriu que o Rei da Noite tinha andado fazendo sacrifícios aos Outros, todos os registros que se referiam a ele foram destruídos e até seu nome foi proibido.

"Alguns dizem que era um Bolton – concluía sempre a Velha Ama. – Alguns falam de um Magnar de Skagos, outros dizem Umber, Flint ou Norrey. Alguns querem nos convencer de que era um Woodfoot, membro da família que governava a Ilha dos Ursos antes da chegada dos homens de ferro. Mas não era. Era um Stark, o irmão do homem que o derrubou. – Então dava sempre um beliscão no nariz de Bran, ele nunca esqueceria disso. – Era um Stark de Winterfell, e quem sabe? Talvez seu nome fosse *Brandon*. Talvez dormisse nesta mesma cama, neste mesmo quarto."

Não, pensou Bran. *Mas caminhou por este castelo, onde vamos dormir esta noite*. Não gostava nada daquela ideia. "O Rei da Noite era apenas um homem à luz do dia", dizia sempre a Velha Ama, "mas a noite era por ele governada". *E está ficando escuro*.

Os Reed decidiram dormir nas cozinhas, um octógono de pedra com uma cúpula quebrada. Parecia oferecer melhor abrigo do que a maior parte dos outros edifícios, apesar de um represeiro retorcido ter aberto caminho através do chão de ardósia ao lado do gigantesco poço central, se estendendo, inclinado, para o buraco no telhado, com os ramos brancos como ossos se esticando para o sol. Era uma árvore estranha, mais esguia do que qualquer outro represeiro que Bran tivesse visto e desprovida de rosto, mas pelo menos fazia-o sentir que os deuses estavam ali com ele.

Era a única coisa de que gostava nas cozinhas, porém. O telhado estava lá, na maior parte, então se manteriam secos caso chovesse, mas não parecia que conseguiriam ficar *quentes* ali dentro. Era possível sentir o frio se infiltrando através do chão de ardósia. Bran também não gostava das sombras, ou dos enormes fornos de tijolo que os rodeavam como bocas abertas, ou dos enferrujados ganchos para

carne, ou das cicatrizes e manchas que via na mesa de açougueiro, junto à parede. *Foi ali que o Cozinheiro Ratazana cortou o príncipe em pedaços*, compreendeu, *e ele assou o empadão num daqueles fornos*.

Mas o poço era aquilo de que menos gostava. Tinha uns bons três metros e meio de diâmetro, era todo de pedra, com *degraus* esculpidos nas paredes, descendo em círculos, cada vez mais para baixo, até se perderem nas trevas. As paredes eram úmidas e estavam cobertas de salitre, mas nenhum deles conseguiu ver a água no fundo, nem mesmo Meera com seus penetrantes olhos de caçadora.

– Talvez não tenha fundo – disse Bran com incerteza.

Hodor espreitou por sobre a borda do poço, que batia na altura do joelho, e disse:

– *HODOR!* – a palavra ecoou poço abaixo, "Hodorhodorhodorhodor", cada vez mais tênue, "hodorhodorhodorhodor", até se tornar menos do que um murmúrio. Hodor pareceu surpreendido. Então riu e dobrou-se para tirar um pedaço quebrado de ardósia.

– Hodor, *não*! – disse Bran, mas tarde demais. Hodor atirou a ardósia por sobre a borda. – Não devia ter feito isso. Não sabe o que há lá embaixo. Podia ter machucado alguma coisa ou... ou acordado alguma coisa.

Hodor olhou-o com uma expressão inocente.

– Hodor?

Muito, muito, muito embaixo, ouviram o som da pedra ao encontrar água. Não foi um *tchap*, não propriamente. Foi mais um *glup*, como se o que quer que estivesse lá embaixo tivesse aberto uma trêmula boca gélida para engolir a pedra de Hodor. Tênues ecos viajaram poço acima, e por um momento Bran pensou ouvir algo se mover, sacudindo-se de um lado para o outro, na água.

– Talvez não devêssemos ficar aqui – disse, inquieto.

– Junto ao poço? – perguntou Meera. – Ou em Fortenoite?

– Sim – disse Bran.

Ela soltou uma gargalhada e mandou Hodor ir buscar lenha. Verão também foi. A essa altura já era quase noite, e o lobo gigante queria caçar.

Hodor retornou sozinho com ambos os braços carregados de madeira morta e galhos quebrados. Jojen Reed pegou a sua pederneira e a faca e tratou de acender uma fogueira enquanto Meera desossava o peixe que tinha apanhado no último riacho por onde passaram. Bran perguntou a si mesmo quantos anos teriam transcorrido desde que houve pela última vez um jantar preparado nas cozinhas de Fortenoite. Também perguntou a si mesmo quem o teria preparado, embora talvez fosse melhor não saber.

Quando as chamas já ardiam bem, Meera pôs o peixe no fogo.

Pelo menos não é um empadão de carne. O Cozinheiro Ratazana tinha feito com o filho do rei ândalo um grande empadão com cebolas, cenouras, cogumelos, montes de pimenta e sal, uma fatia de bacon e um escuro vinho tinto de Dorne. Depois, serviu-o ao pai dele, que elogiou o sabor e pediu para repetir. Mais tarde, os deuses transformaram o cozinheiro numa monstruosa ratazana branca que só podia comer os próprios filhos. Desde então, vagueava por Fortenoite, devorando os filhos, mas sua fome ainda não estava saciada.

– Não foi por assassinato que os deuses o amaldiçoaram – dizia a Velha Ama – nem por servir ao rei ândalo o filho num empadão. Um homem tem direito à vingança. Mas matou um *hóspede* sob o seu teto, e isso os deuses não podem perdoar.

– Devíamos dormir – disse solenemente Jojen, depois de encherem a barriga. A fogueira queimava baixa. Avivou-a com um pedaço de madeira. – Talvez tenha outro sonho verde para nos mostrar o caminho.

Hodor já estava enrolado e roncando ligeiramente. De tempos em tempos agitava-se sob o seu manto e choramingava qualquer coisa que podia ser "Hodor". Bran arrastou-se para mais perto da fogueira. O calor era agradável, e o suave crepitar das chamas acalmou-o, mas o sono não queria vir. Lá fora, o vento mandava exércitos de folhas mortas marchar pelos pátios e fazia-os arranhar levemente as portas e janelas. Os sons fizeram-no pensar nas histórias da Velha Ama. Quase conseguia ouvir as fantasmagóricas sentinelas chamando umas pelas outras no topo da Muralha e soprando seus fantasmagóricos berrantes de guerra. O pálido luar entrava de viés pelo buraco na cúpula, pintando os ramos do represeiro que se esticavam para o teto. Parecia que a árvore estava tentando pegar a lua e atirá-la no poço. *Deuses antigos*, orou Bran, *se me escutam, não enviem um sonho esta noite. Ou se o fizerem, façam com que seja um sonho bom*. Os deuses não responderam.

Bran obrigou-se a fechar os olhos. Talvez até tivesse dormido um pouco, ou talvez estivesse apenas dormitando, flutuando daquela maneira característica de quando se está meio acordado e meio dormindo, tentando não pensar no Machado Louco, no Cozinheiro Ratazana, ou na coisa que chegava na noite.

Então ouviu o ruído.

Seus olhos se abriram. *O que foi isso?* Segurou a respiração. *Terei sonhado? Estaria tendo um estúpido pesadelo?* Não queria acordar Meera e Jojen por causa de um pesadelo, mas... *ali*... um leve som de arrastar, distante... *Folhas, são folhas restolhando nas paredes lá fora e raspando umas nas outras... ou o vento, podia ser o vento*... Mas o som não vinha lá de fora. Bran sentiu que os pelos de seus braços começavam a se eriçar. *O som está aqui dentro, está aqui conosco, e está*

ficando mais alto. Apoiou-se num cotovelo, à escuta. Havia vento, e também folhas por ele sopradas, mas isso era outra coisa. *Passos*. Alguém vinha naquela direção. *Algo* vinha naquela direção.

Sabia que não eram as sentinelas. As sentinelas nunca abandonavam a Muralha. Mas podia haver outros fantasmas em Fortenoite, fantasmas ainda mais terríveis. Lembrou-se do que a Velha Ama disse do Machado Louco, de como ele tinha tirado as botas e percorrido os salões do castelo de pés descalços, na escuridão, sem soltar um som que indicasse onde estava, exceto as gotas de sangue que caíam do machado, dos cotovelos e da ponta de sua barba vermelha e úmida. Ou talvez não fosse o Machado Louco, talvez fosse a coisa que chegava na noite. Todos os aprendizes a tinham visto, dizia a Velha Ama, mas depois, quando contaram ao seu Senhor Comandante, todas as descrições mostraram-se diferentes. *E três morreram naquele ano, e o quarto enlouqueceu, e cem anos mais tarde, quando a coisa regressou, os aprendizes foram vistos aos tropeções atrás dela, acorrentados.*

Mas isso era apenas uma história. Só estava assustando a si mesmo. Não existia coisa alguma que chegava na noite, foi Meistre Luwin que disse. Se algo assim tivesse existido, desaparecera do mundo, como os gigantes e os dragões. *Não é nada*, pensou Bran.

Mas os sons agora eram mais altos.

Vem do poço, compreendeu. Isso deixou-o ainda mais assustado. Algo vinha subindo de debaixo do chão, vinha subindo da escuridão. *Hodor acordou-o. Acordou-o com aquele estúpido pedaço de ardósia, e agora vem aí.* Era difícil ouvir por sobre os roncos de Hodor e o trovejar do próprio coração. Seria o som que o sangue fazia ao pingar de um machado? Ou seria o tênue e distante retinir de algemas fantasmagóricas? Bran escutou com mais atenção. *Passos*. Eram passos com certeza, cada um ligeiramente mais alto do que o anterior. Mas não conseguia identificar quantos eram. O poço fazia os sons ecoar. Não ouvia nada pingando, e também não ouvia correntes, mas *havia* algo mais... um som agudo, frágil e lamuriento, como que emitido por alguém com dores, e uma respiração pesada e abafada. Mas os passos eram mais altos. Os passos se aproximavam.

Bran estava assustado demais para gritar. A fogueira reduzira-se a algumas brasas fracas e todos os seus amigos encontravam-se adormecidos. Quase saiu de sua pele e foi em busca do lobo, mas Verão podia estar a quilômetros de distância. Não podia deixar os amigos na escuridão, impotentes para enfrentar o que quer que viesse subindo o poço. *Eu disse-lhes para não vir para cá*, pensou, infeliz. *Eu disse-lhes que havia fantasmas. Eu disse-lhes que devíamos ir para Castelo Negro*.

Para Bran, os passos soavam pesados, lentos, imponentes,

raspando contra a pedra. *Deve ser enorme*. Machado Louco era um homem grande na história da Velha Ama, e a coisa que chegava na noite era monstruosa. Em Winterfell, Sansa disse-lhe que os demônios da escuridão não podiam tocá-lo caso se escondesse por baixo da manta. Quase fez isso agora, antes de se lembrar de que era um príncipe, e quase um homem-feito.

Bran contorceu-se pelo chão, arrastando as pernas mortas atrás de si, até conseguir estender a mão e tocar Meera no pé. Ela acordou de imediato. Nunca conhecera alguém que acordasse tão depressa como Meera Reed, ou que ficasse tão alerta tão rapidamente. Bran pôs um dedo sobre a boca para que ela soubesse que não devia falar. Meera ouviu o som de imediato, Bran podia ver no rosto dela; os passos ecoantes, o tênue choramingar, a respiração pesada.

Meera pôs-se em pé sem uma palavra e recolheu as armas. Com a lança de três dentes para caçar rãs na mão direita e as dobras da rede pendendo da esquerda, deslizou descalça para junto do poço. Jojen continuou a dormir, sem perceber nada, enquanto Hodor resmungava e se debatia num sono inquieto. Ela manteve-se nas sombras ao se mover, rodeou o feixe de luz do luar tão silenciosa como uma gata. Bran passou todo o tempo a observá-la, e até ele quase não conseguia ver o tênue reflexo de sua lança. *Não posso deixar que ela combata a coisa sozinha*, pensou. Verão estava distante, mas...

... deslizou para fora de sua pele e procurou Hodor.

Não era como enfiar-se em Verão. Isso era agora tão fácil que Bran quase nem pensava no que estava fazendo. Com Hodor era mais difícil, como tentar enfiar uma bota esquerda no pé direito. Servia mal, e além disso a bota estava *assustada*, a bota não sabia o que estava acontecendo e tentava afastar o pé. Sentiu o sabor de vômito no fundo da garganta de *Hodor*, e isso foi quase o bastante para levá-lo a fugir. Mas, em vez disso, contorceu-se e impulsionou-se, sentou-se, pôs as pernas por baixo de si – as enormes e fortes pernas – e levantou-se. *Estou em pé*. Deu um passo. *Estou andando*. Era uma sensação tão estranha que quase caiu. Conseguia ver-se no frio chão de pedra, uma coisinha quebrada, mas agora não estava quebrado. Pegou a espada longa de Hodor. A respiração era tão ruidosa quanto o fole de um ferreiro.

Do poço veio um lamento, um *crich* penetrante que o atravessou como uma faca. Uma enorme silhueta negra içou-se das trevas e cambaleou na direção do luar, e o medo subiu tão denso em Bran que, antes mesmo de conseguir *pensar* em puxar a espada de Hodor como pretendera fazer, viu-se de novo no chão, com Hodor rugindo "*Hodor hodor HODOR*" como fizera na torre do lago sempre que um relâmpago caía. Mas a coisa que chegara na noite também estava gritando, e se agitando violentamente nas dobras da rede de Meera.

Bran viu a lança da garota saltar das trevas para apanhá-la, e a coisa cambaleou e caiu, lutando com a rede. O lamento continuava a sair do poço, agora ainda mais ruidoso. No chão, a coisa negra saltou e lutou, guinchando:

– *Não, não, não, por favor, NÃO...*

Meera ficou por cima do homem, com o luar brilhando, prateado, nos dentes de sua lança para rãs.

– Quem é você? – exigiu saber.

– Sou o *SAM* – soluçou a coisa negra. – Sam, Sam, sou o Sam, deixe-me *sair*, *você me furou...* – Passou rolando pela poça de luar, agitando-se e deixando-se cair, enredado na rede de Meera. Hodor continuava a gritar "Hodor hodor hodor".

Foi Jojen quem alimentou a fogueira com pedaços de madeira e a soprou até que as chamas saltaram, crepitando. Então fez-se a luz, e Bran viu a pálida garota de rosto magro junto à borda do poço, toda embrulhada em peles sob um enorme manto negro, tentando calar o bebê que chorava em seus braços. A coisa no chão estava tentando atravessar a rede com um braço para pegar a faca, mas as voltas não permitiam. Não era nenhuma fera monstruosa, nem o Machado Negro ensopado em sangue; era apenas um homem muito gordo vestido de lã negra, peles negras, couro negro e cota de malha negra.

– Ele é um irmão negro – disse Bran. – Meera, ele é da Patrulha da Noite.

– Hodor? – Hodor acocorou-se para examinar o homem na rede. – Hodor – repetiu, gritando.

– A Patrulha da Noite, sim. – O gordo continuava a respirar como um fole. – Sou um irmão da Patrulha. – Tinha uma corda sob os queixos, forçando sua cabeça para trás, e outras profundamente enterradas no rosto. – Sou um corvo, por favor. Tire-me disto aqui.

De repente, Bran ficou em dúvida.

– É o corvo de três olhos? – *Ele não pode ser o corvo de três olhos*.

– Acho que não. – O gordo rolou os olhos, mas só havia dois. – Sou só o Sam. Samwell Tarly. Deixe-me *sair*, a rede está me machucando. – Recomeçou a lutar.

Meera fez um ruído de repugnância.

– Pare de se debater. Se rasgar a minha rede, atiro-o de volta ao poço. Fique quieto que eu o desenredo.

– Quem é você? – perguntou Jojen à garota com o bebê.

– Goiva – disse ela. – Como a flor de goivo. Ele é o Sam. Não queríamos assustá-los. – Embalou o bebê e murmurou para ele, e por fim a criança parou de chorar.

Meera estava desemaranhando o irmão gordo. Jojen dirigiu-se ao poço e espiou lá dentro.

– De onde vieram?

– Da Fortaleza de Craster – disse a garota. – É você o certo?

Jojen virou-se para olhá-la.

– O certo?

– Ele disse que Sam não era o certo – explicou ela. – Que havia mais alguém, disse ele. Aquele que ele havia sido enviado para encontrar.

– Quem foi que disse isso? – quis saber Bran.

– O Mãos-Frias – respondeu Goiva em voz baixa.

Meera puxou uma ponta da rede e o gordo conseguiu se sentar. Bran viu que estava tremendo e ainda lutava para recuperar o fôlego.

– Ele disse que haveria gente – arquejou. – Gente no castelo. Mas eu não sabia que ia encontrá-los bem no topo dos degraus. Não sabia que iriam atirar uma rede em mim e me furar no estômago. – Tocou a barriga com uma mão enluvada de negro. – Estou sangrando? Não consigo ver.

– Foi só uma cutucada para derrubá-lo – disse Meera. – Vem cá, deixe-me ver. – Ajoelhou e tateou em volta do umbigo do gordo. – Está usando *cota de malha*. Nem cheguei perto da sua pele.

– Bem, doeu do mesmo jeito – lamentou-se Sam.

– É *mesmo* um irmão da Patrulha da Noite? – perguntou Bran.

Os queixos do gordo balançaram quando confirmou com a cabeça. Sua pele parecia pálida e solta.

– Só um intendente. Cuidava dos corvos de Lorde Mormont. – Por um momento pareceu prestes a chorar. – Mas perdi todos no Punho. A culpa foi minha. E também fiz que nós nos perdêssemos. Nem sequer consegui encontrar a Muralha. Tem cem léguas de comprimento e duzentos metros de altura, *e não consegui encontrá-la!*

– Bem, agora encontrou – disse Meera. – Levante o traseiro do chão, quero a minha rede de volta.

– Como foi que atravessou a Muralha? – quis saber Jojen enquanto Sam lutava para se levantar. – O poço leva a um rio subterrâneo, foi daí que veio? Nem sequer está úmido...

– Há um portão – disse o gordo Sam. – Um portão escondido, tão velho quanto a própria Muralha. Ele chamou-o de *Portão Negro*.

Os Reed trocaram um olhar.

– Encontramos esse portão no fundo do poço? – perguntou Jojen.

Sam sacudiu a cabeça.

– *Vocês* não. Eu vou ter de levá-los.

– Por quê? – quis saber Meera. – Se há um portão...

– Não o encontrarão. Se o encontrassem, ele não se abriria. Para vocês não. É o Portão *Negro*. – Sam puxou a desbotada lã negra de sua manga. – Só pode ser aberto por um homem da Patrulha da Noite, disse ele. Um Irmão Juramentado que tenha proferido suas palavras.

– Disse *ele*. – Jojen franziu a testa. – Este... Mãos-Frias?

– Esse não é seu verdadeiro nome – disse Goiva, embalando o bebê. – É só um nome que nós demos para ele, o Sam e eu. As mãos dele eram frias como gelo, mas salvou-nos dos mortos, ele e seus corvos, e trouxe-nos para cá no seu alce.

– O seu alce? – disse Bran, pasmo.

– O seu alce? – disse Meera, sobressaltada.

– Os seus *corvos*? – disse Jojen.

– Hodor? – disse Hodor.

– Ele era verde? – Bran quis saber. – Tinha chifres?

O gordo mostrou-se confuso.

– O alce?

– O *Mãos-Frias* – disse Bran com impaciência. – Os homens verdes montam alces, costumava dizer a Velha Ama. Às vezes também têm chifres.

– Ele não era um homem verde. Usava panos negros, como um irmão da Patrulha, mas era pálido como uma criatura, com mãos tão frias que a princípio tive medo. Mas as criaturas têm olhos azuis, e não têm línguas, ou então esqueceram-se de como usá-las. – O gordo virou-se para Jojen. – Ele deve estar à espera. Devíamos ir. Têm alguma coisa mais quente para vestir? O Portão Negro é frio, e o outro lado da Muralha é ainda mais frio. Vocês...

– Por que foi que ele não veio com você? – Meera fez um gesto na direção de Goiva e do bebê. – *Eles* vieram com você, por que é que ele não veio? Por que foi que não o trouxe também por esse Portão Negro?

– Ele... ele não pode.

– Por quê?

– A Muralha. Disse-nos que a Muralha é mais do que apenas gelo e pedra. Tem feitiços nela urdidos... feitiços antigos, e fortes. Não pode passar para o outro lado da Muralha.

Então caiu um silêncio muito grande sobre a cozinha do castelo. Bran ouvia o suave crepitar das chamas, o vento agitando as folhas na noite, os rangidos do esquálido represeiro que se estendia para a lua. "Do outro lado dos portões vivem os monstros, e também os gigantes e os vampiros", lembrou-se de ouvir a Velha Ama dizer, "mas não podem passar enquanto a Muralha se mantiver forte. Portanto vá dormir, meu pequeno Brandon, meu garotinho". *Não tenho nada a temer. Aqui não há monstros*.

– Não sou eu quem lhe disseram para trazer – disse Jojen Reed ao gordo Sam em seus trajes negros, manchados e largos. – É *ele*.

– Oh. – Sam olhou-o com incerteza. Talvez só então tivesse percebido que Bran era aleijado. – Eu não... não sou suficientemente forte para levá-lo, eu...

– O Hodor pode me levar. – Bran apontou para o cesto. – Eu ando

naquilo, nas costas dele.

Sam estava a encará-lo.

– É o irmão de Jon Snow. Aquele que caiu...

– Não – disse Jojen. – Aquele garoto está morto.

– Não conte – avisou Bran. – Por favor.

Sam pareceu confuso por um momento, mas por fim disse:

– Eu... eu sei guardar um segredo. A Goiva também. – Quando olhou para ela, a garota confirmou com a cabeça. – O Jon... o Jon também era *meu* irmão. Foi o melhor amigo que já tive, mas partiu com Qhorin Meia-Mão para bater as Presas de Gelo e não voltou. Estávamos à espera dele no Punho quando... quando...

– Jon está aqui – disse Bran. – Verão o viu. Estava com um grupo de selvagens, mas eles mataram um homem e Jon pegou o cavalo dele e fugiu. Aposto que foi para Castelo Negro.

Sam virou seus olhos grandes para Meera.

– Tem certeza de que era Jon? Viu-o?

– Sou a Meera – disse Meera com um sorriso. – Verão é...

Uma sombra desprendeu-se da cúpula quebrada lá em cima e saltou através do luar. Apesar da pata ferida, o lobo aterrissou leve e silencioso como um floco de neve. A garota chamada Goiva soltou um ruído assustado e apertou o bebê com tanta força contra si que ele começou a chorar de novo.

– Ele não vai fazer mal a vocês – disse Bran. – *Este* é o Verão.

– Jon disse que todos vocês tinham lobos. – Sam tirou uma luva. – Eu conheço o Fantasma. – Estendeu uma mão trêmula, com dedos brancos, moles e gordos como pequenas salsichas. Verão aproximou-se, farejou-os e deu uma lambida em sua mão.

Foi então que Bran se decidiu.

– Vamos com você.

– Todos vocês? – Sam pareceu surpreso com a ideia.

Meera despenteou os cabelos de Bran.

– Ele é o nosso príncipe.

Verão deu a volta no poço, farejando. Fez uma pausa no degrau superior e olhou para Bran. *Ele quer ir*.

– Goiva ficará a salvo se deixá-la aqui até voltar? – perguntou-lhes Sam.

– Deve ficar – disse Meera. – É bem-vinda à nossa fogueira.

Jojen disse:

– O castelo está vazio.

Goiva olhou em volta.

– Craster costumava nos contar histórias de castelos, mas não sabia que eram tão grandes.

Isto são só as cozinhas. Bran perguntou a si mesmo o que ela pensaria quando visse Winterfell, se chegasse a vê-lo.

Demoraram alguns minutos para reunir suas coisas e içar Bran para a cadeira de vime às costas de Hodor. Quando ficaram prontos para partir, Goiva estava sentada junto à fogueira, dando de mamar ao bebê.

– Vai voltar para mim – ela disse a Sam.

– Assim que puder – ele prometeu – e depois vamos para um lugar quente. – Quando ouviu aquilo, parte de Bran questionou-se sobre o que estava fazendo. *Será que voltarei para um lugar quente?*

– Eu vou na frente, conheço o caminho. – Sam hesitou no topo. – Mas há *tantos* degraus – suspirou, antes de começar a descer. Jojen seguiu-o, depois ia Verão, depois Hodor com Bran de cavalinho. Meera colocou-se na retaguarda, com a lança e a rede na mão.

Foi uma longa descida. O topo do poço estava banhado em luar, mas ele tornava-se mais estreito e mais sombrio a cada volta que davam. Os passos ecoavam nas pedras úmidas, e os sons de água foram ficando mais altos.

– Devíamos ter trazido tochas? – perguntou Jojen.

– Seus olhos vão se ajustar – disse Sam. – Mantenham uma mão na parede, e não cairão.

O poço tornava-se mais escuro e mais frio a cada volta. Quando Bran finalmente ergueu a cabeça para olhar para cima, a boca do poço já não parecia maior do que meia lua. "*Hodor*", sussurrou Hodor, "*Hodorhodorhodorhodorhodorhodor*", murmurou o poço em resposta. Os sons de água estavam próximos, mas quando Bran espiou para baixo, viu apenas negrume.

Uma volta ou duas mais tarde, Sam parou de repente. Estava a um quarto de volta de Bran e Hodor, e dois metros mais abaixo, mas Bran quase não o via. Mas via a porta. *O Portão Negro*, chamara-lhe Sam, mas não era nada negro.

Era represeiro branco, e havia nele um rosto.

Um brilho saía da madeira, como leite e luar, tão fraco que mal parecia tocar em qualquer coisa além da porta propriamente dita, nem sequer em Sam, que estava bem na sua frente. O rosto era velho e pálido, enrugado e encolhido. *Parece morto*. A boca estava fechada e os olhos também; as faces eram encovadas, a testa mirrada, o queixo caído. *Se um homem pudesse viver durante mil anos e não morrer, mas apenas tornar-se mais velho, seu rosto acabaria parecido com este.*

A porta abriu os olhos.

Também eram brancos, e cegos.

– Quem é? – perguntou a porta, e o poço sussurrou, "*Quem-quem-quem-quem-quem-quem-quem.*"

– Sou a espada na escuridão – disse Samwell Tarly. – Sou o vigilante nas muralhas. Sou o fogo que arde contra o frio, a luz que traz consigo a alvorada, a trombeta que acorda os que dormem. Sou o

escudo que defende os reinos dos homens.

– Então passe – disse a porta. Seus lábios se abriram, se abriram, se abriram e se abriram ainda mais, até que nada restou a não ser uma grande boca escancarada, rodeada por um anel de rugas.

Sam desviou-se e fez sinal para que Jojen passasse na sua frente. Seguiu-se Verão, farejando enquanto seguia, e depois foi a vez de Bran. Hodor abaixou-se, mas não o suficiente. O lábio superior da porta raspou suavemente no topo da cabeça de Bran, e um pingo de água caiu sobre ele e escorreu lentamente por seu nariz. Estava estranhamente quente, e era salgada como uma lágrima.

Daenerys

Meereen era tão grande quanto Astapor e Yunkai juntas. Tal como suas cidades-irmãs, tinha sido construída de tijolos, mas enquanto Astapor era vermelha e Yunkai amarela, Meereen era feita de tijolos de muitas cores. Suas muralhas eram mais altas do que as de Yunkai e estavam em melhor estado, pontilhadas por baluartes e fixadas em grandes torres defensivas em todos os ângulos. Por trás delas via-se o topo da Grande Pirâmide, enorme contra o céu, uma coisa monstruosa com duzentos e cinquenta metros de altura e uma altaneira harpia de bronze no topo.

– A harpia é uma coisa covarde – disse Daario Naharis quando a viu. – Tem coração de mulher e pernas de galinha. Pouco admira que seus filhos se escondam atrás de muralhas.

Mas o herói não se escondia. Atravessou os portões da cidade, revestido de escamas de cobre e azeviche e montado num corcel branco, cujos jaezes listrados de rosa e branco combinavam com o manto de seda que flutuava dos ombros do homem. A lança que trazia tinha quatro metros e vinte de comprimento, pintada numa espiral de rosa e branco, e seus cabelos haviam sido esculpidos, penteados e laqueados, tomando a forma de dois chifres recurvos de carneiro. Cavalgou de um lado para o outro à sombra das muralhas de tijolos multicoloridos, desafiando os sitiantes a enviar um campeão que o defrontasse em combate singular.

Os companheiros de sangue de Dany estavam numa tal febre de ir ao seu encontro que quase começaram a lutar uns contra os outros.

– Sangue do meu sangue – ela disse-lhes –, o lugar de vocês é aqui ao meu lado. Este homem é uma mosca zumbidora, nada mais. Ignorem-no, depressa irá embora. – Aggo, Jhogo e Rakharo eram bravos guerreiros, mas eram jovens, e valiosos demais para arriscar. Mantinham seu *khalasar* unido, e também eram seus melhores batedores.

– Isso foi sensato – disse Sor Jorah enquanto observavam o homem da porta do seu pavilhão. – Que o idiota ande de um lado para o outro aos gritos até que o cavalo fique coxo. Não nos faz nenhum mal.

– Faz – insistiu Arstan Barba-Branca. – As guerras não são ganhas só com espadas e lanças, sor. Duas tropas de igual força podem se enfrentar, mas uma quebrará e fugirá enquanto a outra resiste. Este herói fortalece a coragem no coração de seus homens e planta as sementes da dúvida nos nossos.

Sor Jorah fungou.

– E se o nosso campeão perdesse, que tipo de semente isso

plantaria?

– Um homem que teme a batalha não conquista vitórias, sor.

– Não estamos falando de batalhas. Os portões de Meereen não se abrirão se aquele palerma cair. Por que arriscar uma vida por nada?

– Pela honra, diria eu.

– Já ouvi o suficiente. – Dany não precisava somar as discussões daqueles dois a todos os outros problemas que a afligiam. Meereen apresentava perigos bem mais sérios do que um herói cor-de-rosa e branco gritando insultos, e não podia se permitir distrações. Após Yunkai, sua tropa era constituída por mais de oitenta mil pessoas, mas menos de um quarto dela eram soldados. O resto... bem, Sor Jorah chamava-os de bocas com pés, e em breve estariam passando fome.

Os Grandes Mestres de Meereen tinham se retirado diante do avanço de Dany, colhendo tudo o que podiam e queimando o que não conseguiam colher. Por todo lado, a tropa de Dany fora recebida por campos carbonizados e poços envenenados. E o pior era que os meereeneses tinham pregado uma criança escrava em cada marco quilométrico ao longo da estrada costeira que vinha de Yunkai; tinham-nas pregado ainda vivas, com as entranhas saltando da barriga e sempre um braço estendido apontando o caminho para Meereen. À frente de sua vanguarda, Daario tinha dado ordens para que retirassem as crianças dos marcos antes que Dany fosse obrigada a vê-las, mas ela o desautorizou assim que foi informada disso.

– Eu *quero* vê-las – disse. – Quero ver cada uma delas, contá-las, e olhar seus rostos. E vou me lembrar.

Quando chegaram a Meereen, erguida na costa salgada ao lado de seu rio, a contagem somava cento e sessenta e três. *Eu terei esta cidade*, jurou Dany para si mesma mais uma vez.

O herói cor-de-rosa e branco levou uma hora provocando os sitiantes, zombando de sua virilidade, das mães, esposas e deuses. Os defensores de Meereen incentivavam-no a partir das muralhas da cidade.

– O nome dele é Oznak zo Pahl – disse-lhe o Ben Mulato Plumm quando chegou para o conselho de guerra. Era o novo comandante dos Segundos Filhos, escolhido pelo voto de seus mercenários. – Fui guarda-costas do tio dele, antes de me juntar aos Segundos Filhos. Os Grandes Mestres... que maduro monte de vermes. As mulheres não eram muito más, embora olhar para a mulher errada da maneira errada custasse a vida. Conheci um homem, o Scarb, esse Oznak arrancou-lhe o fígado. Disse que estava defendendo a honra de uma senhora, ah, sim, disse que o Scarb a tinha violado com os olhos. Como é que se viola uma mulher com os *olhos*, pergunto? Mas o tio dele é o homem mais rico de Meereen e o pai comanda a guarda da cidade, por isso tive de fugir como uma ratazana antes que me

matasse também.

Viram Oznak zo Pahl desmontar de seu corcel branco, desatar a túnica, puxar o membro viril para fora e dirigir um jato de urina na direção geral do bosque de oliveiras onde o pavilhão dourado de Dany se erguia no meio das árvores queimadas. Ainda estava urinando quando Daario Naharis chegou a cavalo, de *arakh* na mão.

– Devo cortar aquilo em seu nome e enfiar goela dele abaixo, Vossa Graça? – seu dente brilhava, dourado, no meio do azul de sua barba bifurcada.

– É a sua cidade que eu quero, não o seu pequeno membro. – Mas estava se irritando. *Se continuar ignorando isso, meu próprio povo vai me julgar fraca*.

Mas quem podia enviar? Precisava tanto de Daario como de seus companheiros de sangue. Sem o extravagante tyroshi, não tinha controle sobre os Corvos Tormentosos, muitos dos quais tinham sido seguidores de Prendahl na Ghezn e Sallor, o Calvo.

No alto das muralhas de Meereen, as zombarias tinham se tornado mais ruidosas, e agora centenas dos defensores estavam seguindo o exemplo do herói e urinavam de cima das muralhas para demonstrar o desprezo que sentiam pelos sitiantes. *Estão urinando sobre escravos, para mostrar o pouco que nos temem*, pensou. *Nunca se atreveriam a tal coisa se o que estivesse em volta de suas muralhas fosse um* khalasar *dothraki.*

– Esse desafio deve ser enfrentado – voltou a dizer Arstan.

– E será – disse Dany, enquanto o herói guardava o pênis. – Diga a Belwas, o Forte, que preciso dele.

Foram encontrar o enorme eunuco pardo sentado à sombra do pavilhão de Dany, comendo uma salsicha. Terminou-a em três dentadas, limpou as mãos engorduradas nas calças e ordenou a Arstan Barba-Branca que fosse buscar suas armas. O idoso escudeiro afiava o *arakh* de Belwas todas as noites e esfregava-o com óleo vermelho vivo.

Quando Barba-Branca trouxe a espada, Belwas, o Forte, examinou o gume, soltou um grunhido, enfiou a lâmina de volta na bainha de couro e atou o cinto da espada em volta de sua vasta cintura. Arstan também tinha lhe trazido o escudo: um disco redondo de aço não maior do que uma fôrma de torta, que o eunuco segurava com a mão livre em vez de prender ao braço à maneira de Westeros.

– Arranje fígado e cebolas, Barba-Branca – disse Belwas. – Não para agora; para depois. Matar deixa Belwas, o Forte, com fome. – Não esperou resposta e saiu pesadamente do bosque de oliveiras na direção de Oznak zo Pahl.

– Por que aquele, *khaleesi*? – perguntou-lhe Rakharo. – Ele é gordo e estúpido.

– Belwas, o Forte, foi escravo aqui nas arenas de luta. Se este

bem-nascido Oznak cair perante um homem como ele, os Grandes Mestres ficarão cobertos de vergonha, ao passo que se vencer... bem, seria uma vitória fraca para alguém tão nobre, uma vitória da qual Meereen não poderá obter orgulho. – E ao contrário de Sor Jorah, Daario, Ben Mulato e seus três companheiros de sangue, o eunuco não liderava tropas, não planejava batalhas e não lhe dava conselhos. *Ele nada faz além de comer, gabar-se e berrar para Arstan*. Belwas era o homem que mais facilmente podia dispensar. E era hora de saber que tipo de protetor o Magíster Illyrio tinha lhe enviado.

Um clamor de excitação percorreu as linhas de sítio quando Belwas foi visto se deslocando lentamente na direção da cidade, e das muralhas e torres de Meereen vieram gritos e zombarias. Oznak zo Pahl voltou a montar, e esperou, com a lança listrada erguida. O corcel sacudiu impacientemente a cabeça e escavou a terra arenosa. Apesar de tão maciço, o eunuco parecia pequeno ao lado do herói no seu cavalo.

– Um homem cavalheiresco desmontaria – disse Arstan.

Oznak zo Pahl baixou a lança e avançou.

Belwas parou com as pernas bem afastadas. Numa mão tinha o pequeno escudo redondo e na outra, o *arakh* curvo de que Arstan cuidava com tanto cuidado. Sua grande barriga parda e o peito curvo estavam nus por cima da faixa de seda amarela atada em volta da cintura, e não usava armadura além do colete tachonado de couro, tão absurdamente pequeno que nem sequer cobria seus mamilos.

– Devíamos ter lhe dado cota de malha – disse Dany, de súbito ansiosa.

– A cota de malha só o atrasaria – disse Sor Jorah. – Nas arenas de luta não usam armaduras. O que a multidão corre para ver é sangue.

Voou poeira dos cascos do corcel branco. Oznak trovejou na direção de Belwas, o Forte, com o manto listrado escorrendo de seus ombros. A cidade de Meereen inteira parecia estar incentivando-o com gritos. As aclamações dos sitiantes pareciam poucas e frágeis se comparadas; os Imaculados de Dany mantinham-se em fileiras silenciosas, observando com rostos de pedra. Belwas podia ter também sido feito de pedra. Permaneceu imóvel no caminho do cavalo, com o traje bem apertado nas costas largas. A lança de Oznak foi apontada ao centro de seu peito. A brilhante ponta de aço da arma piscava à luz do sol. *Ele vai ser empalado*, pensou Dany... no momento em que o eunuco girou para o lado. E, depressa como um piscar de olhos, o cavaleiro estava atrás dele, virando, levantando a lança. Belwas não fez qualquer movimento para atacá-lo. Os meereeneses nas muralhas gritaram ainda mais alto.

– O que ele está fazendo? – quis saber Dany.

– Está dando espetáculo à multidão – disse Sor Jorah.

Oznak fez com que o cavalo rodeasse Belwas num largo círculo, após o que lhe enterrou as esporas no flanco e voltou a avançar. De novo Belwas esperou, e depois girou e afastou a ponta da lança. Dany ouviu a gargalhada trovejante do eunuco ecoar na planície quando o herói passou batido por ele.

– A lança é longa demais – disse Sor Jorah. – Tudo que Belwas tem de fazer é evitar a ponta. Em vez de tentar atravessá-lo tão esteticamente, o palerma devia simplesmente atropelá-lo.

Oznak zo Pahl carregou uma terceira vez, e agora Dany via claramente que ele estava *passando* por Belwas, como um cavaleiro de Westeros investiria sobre um adversário numa justa, em vez de *sobre* ele, como um dothraki atacaria um inimigo. O terreno plano permitia que o corcel ganhasse uma boa velocidade, mas também tornava mais fácil para o eunuco esquivar-se da pesada lança de quatro metros.

Da vez seguinte, o herói rosa e branco de Meereen tentou agir por antecipação, e virou a lança para o lado no último segundo para apanhar Belwas, o Forte, quando ele se esquivasse. Mas o eunuco também tinha antecipado essa tática, e dessa vez abaixou-se em vez de girar para o lado. A lança passou inofensivamente por cima de sua cabeça. E de repente Belwas estava rolando e brandindo o *arakh* afiado como uma navalha num arco de prata. Ouviram o corcel gritar quando a lâmina mordeu suas patas, e então o cavalo caiu, e o herói tombou da sela.

Um súbito silêncio varreu os parapeitos de tijolo de Meereen. Agora era o povo de Dany que gritava e o aclamava.

Oznak saltou para longe do cavalo e conseguiu puxar a espada antes que Belwas, o Forte, caísse sobre ele. Aço cantou contra aço, rápida e furiosamente demais para Dany seguir os golpes. Não podiam ter se passado uma dúzia de segundos antes de o peito de Belwas ficar lavado em sangue, de um corte sofrido abaixo do peitoral, e de Oznak zo Pahl ter um *arakh* enfiado bem entre seus chifres de carneiro. O eunuco soltou a lâmina e separou a cabeça do herói de seu corpo com três violentos golpes no pescoço. Segurou-a bem alto para que os meereeneses vissem, e em seguida a atirou na direção dos portões da cidade, fazendo-a quicar e rolar pela areia.

– E lá se foi o herói de Meereen – disse Daario, rindo.

– Uma vitória sem significado – preveniu Sor Jorah. – Não conquistaremos Meereen matando seus defensores um de cada vez.

– Pois não – concordou Dany –, mas estou feliz por termos matado este.

Os defensores nas muralhas começaram a disparar suas bestas contra Belwas, mas os dardos não alcançavam o eunuco ou deslizavam inofensivamente pelo chão. Belwas virou as costas à chuva com pontas

de aço, baixou as calças, acocorou-se e cagou na direção da cidade. Limpou-se com o manto listrado de Oznak e teve tempo para saquear o cadáver do herói e abater o cavalo moribundo antes de caminhar pesadamente de volta ao bosque de oliveiras.

Os sitiantes deram-lhe sonoras boas-vindas assim que chegou ao acampamento. Os dothraki riram e gritaram, e os Imaculados produziram um grande clangor batendo com as lanças nos escudos.

– Muito bem – disse-lhe Sor Jorah.

Ben Mulato atirou ao eunuco uma ameixa madura e disse:

– Um fruto doce por uma doce luta.

Até as aias dothraki de Dany tiveram palavras de elogio:

– Queríamos trançar seus cabelos e pendurar uma sineta neles, Belwas, o Forte – disse Jhiqui –, mas não tem cabelos para trançarmos.

– Belwas, o Forte, não precisa de sinetas tilintantes. – O eunuco comeu a ameixa de Ben Mulato com quatro grandes mordidas e jogou fora o caroço. – Belwas, o Forte, precisa de fígado e cebolas.

– Vai tê-los – disse Dany. – Belwas, o Forte, está ferido. – O eunuco tinha a barriga vermelha do sangue que brotava do golpe sob o peito carnudo.

– Não é nada. Deixo sempre que me cortem uma vez, antes de matá-los. – Deu uma palmada na barriga ensanguentada. – Conte os cortes e saberá quantos homens Belwas, o Forte, matou.

Mas Dany tinha perdido Khal Drogo devido a um ferimento semelhante, e não estava disposta a deixar aquele sem tratar. Ordenou a Missandei que fosse buscar um certo liberto yunkaita, famoso por seus conhecimentos nas artes curativas. Belwas urrou e protestou, mas Dany repreendeu-o e chamou-o de grande bebê careca até que ele permitiu que o curandeiro estancasse a ferida com vinagre, desse pontos e enfaixasse o peito com faixas de linho ensopadas em vinho ardente. Só depois levou seus capitães e comandantes para dentro do pavilhão para um conselho.

– Tenho de conquistar esta cidade – disse-lhes, sentando-se de pernas cruzadas numa pilha de almofadas, rodeada pelos dragões. Irri e Jhiqui serviram vinho. – Seus celeiros estão transbordando de cheios. Há figos, tâmaras e azeitonas crescendo nos terraços de suas pirâmides, e barris de peixe salgado e carne defumada enterrados em seus porões.

– E também gordas arcas de ouro, prata e pedras preciosas – lembrou-lhes Daario. – Não nos esqueçamos das pedras preciosas.

– Eu examinei as muralhas viradas para terra firme e não vi nenhum ponto fraco – disse Sor Jorah Mormont. – Com tempo, poderíamos conseguir minar por baixo de uma torre e abrir uma brecha, mas o que comeremos enquanto escavamos? Nossas reservas

estão praticamente exauridas.

– Não há pontos fracos nas muralhas *virados para terra firme*? – disse Dany. Meereen erguia-se numa saliência de areia e pedra onde o lento e marrom Skahazadhan desembocava na Baía dos Escravos. A muralha norte da cidade corria ao longo da margem do rio, a muralha oeste ao longo da costa da baía. – Isso significa que poderíamos atacar a partir do rio ou do mar?

– Com três navios? Vamos querer que o Capitão Groleo examine bem a muralha ao longo do rio, mas a menos que esteja em ruínas, isso é apenas uma maneira mais molhada de morrer.

– E se construíssemos torres de cerco? Meu irmão Viserys contava histórias de coisas assim, sei que podem ser construídas.

– De madeira, Vossa Graça – disse Sor Jorah. – Os senhores de escravos queimaram todas as árvores num raio de vinte léguas. Sem madeira, não temos trabucos para esmagar as muralhas, não temos escadas para passarmos por cima delas, não temos torres de cerco, não temos tartarugas e não temos aríetes. Podemos atacar os portões com machados, certamente, mas...

– Viu aquelas cabeças de bronze por cima dos portões? – perguntou Ben Mulato Plumm. – Fileiras de cabeças de harpia de boca aberta? Os meereeneses podem esguichar azeite fervente por esses bocas e cozinhar os seus homens ali mesmo.

Daario Naharis dirigiu a Verme Cinzento um sorriso.

– Talvez os Imaculados devessem manejar os machados. Azeite fervente para vocês não é mais do que um banho quente, segundo ouvi dizer.

– Isso é falso. – Verme Cinzento não devolveu o sorriso. – Estes não sentem as queimaduras como os homens sentem, mas esse azeite cega e mata. Contudo, os Imaculados não temem morrer. Dê a estes aríetes, e derrubamos aqueles portões ou morremos tentando.

– Morreriam – disse Ben Mulato. Em Yunkai, quando tinha recebido o comando dos Segundos Filhos, afirmou ser um veterano de uma centena de batalhas. "Embora não possa dizer que tenha lutado bravamente em todas elas. Existem mercenários velhos e mercenários ousados, mas não há mercenários velhos e ousados." Ela via que isso era verdade.

Dany suspirou.

– Não desperdiçarei a vida de Imaculados, Verme Cinzento. Talvez possamos derrotar a cidade pela fome.

Sor Jorah fez uma expressão infeliz.

– Nós passaremos fome muito antes deles, Vossa Graça. Aqui não há alimentos, nem forragem para nossas mulas e cavalos. Também não gosto da água desse rio. Meereen evacua no Skahazadhan, mas retira a sua água de beber de poços profundos. Já temos relatos de doença nos

acampamentos, febre, castanheira e três casos de diarreia sanguinolenta. Haverá mais se ficarmos aqui. Os escravos estão enfraquecidos pela marcha.

– Libertos – corrigiu Dany. – Eles já não são escravos.

– Escravos ou livres, têm fome e em breve estarão doentes. A cidade está mais bem aprovisionada do que nós e pode ser reabastecida por via aquática. Seus três navios não são suficientes para lhes negar acesso tanto ao rio quanto ao mar.

– Então o que aconselha, Sor Jorah?

– Não gostará de ouvir.

– Quero ouvir mesmo assim.

– Como quiser. Digo que deixemos esta cidade em paz. Não pode libertar todos os escravos do mundo, *khaleesi*. Sua guerra é em Westeros.

– Não me esqueci de Westeros. – Certas noites Dany sonhava com aquela terra legendária que nunca vira. – Mas se deixar que as velhas muralhas de tijolo de Meereen me derrotem tão facilmente, como poderei conquistar os grandes castelos de pedra de Westeros?

– Como Aegon conquistou – disse Sor Jorah. – Com fogo. Quando chegarmos aos Sete Reinos, seus dragões já terão crescido. E teremos também torres de cerco e trabucos, tudo aquilo de que não dispomos aqui... mas o caminho através das Terras do Longo Verão é longo e duro, e há perigos que não podemos conhecer. A senhora parou em Astapor para comprar um exército, não para começar uma guerra. Guarde as lanças e espadas para os Sete Reinos, minha rainha. Deixe Meereen para os meereeneses e marche para oeste em direção a Pentos.

– Derrotada? – disse Dany, irritando-se.

– Quando os covardes se escondem atrás de grandes muralhas, são eles os derrotados, *khaleesi* – disse Ko Jhogo.

Os outros companheiros de sangue concordaram.

– Sangue do meu sangue – disse Rakharo –, quando os covardes se escondem e queimam a comida e a forragem, os grandes *khals* têm de procurar inimigos mais corajosos. É sabido.

– É sabido – concordou Jhiqui, enquanto servia o vinho.

– Não por mim. – Dany prezava grandemente os conselhos de Sor Jorah, mas deixar Meereen intacta era mais do que conseguia suportar. Não era capaz de se esquecer das crianças em seus postes, com as aves devorando suas entranhas, seus braços magros apontando para a estrada costeira. – Sor Jorah, diz que não nos resta comida. Se eu marchar para oeste, como conseguirei alimentar os meus libertos?

– Não conseguirá. Lamento, *khaleesi*. Eles terão de arranjar alimentos para si próprios, ou passarão fome. Muitos e muitos mais ainda morrerão ao longo da marcha, é verdade. Será duro, mas não há

maneira de salvá-los. Precisamos pôr esta terra calcinada bem para trás de nós.

Dany deixou um rastro de cadáveres atrás de si quando atravessou o deserto vermelho. Era algo que não queria voltar a ver.

– Não – disse. – Não levarei meu povo para a morte. – *Os meus filhos*. – Tem de haver *alguma* maneira de entrar nesta cidade.

– Eu conheço uma maneira. – Ben Mulato Plumm afagou sua barba salpicada de cinza e branco. – Esgotos.

– Esgotos? O que quer dizer?

– Grandes esgotos de tijolo desembocam no Skahazadhan, despejando os dejetos da cidade. Podem ser uma maneira de entrar, para alguns homens. Foi assim que fugi de Meereen, depois de Scarb ficar sem cabeça. – Ben Mulato fez uma careta. – O cheiro nunca me abandonou. Às vezes sonho com ele.

Sor Jorah fez uma expressão de dúvida.

– É mais fácil sair do que entrar, tendo a acreditar. Esses esgotos desembocam no rio, você diz? Isso quer dizer que as desembocaduras estão logo abaixo das muralhas.

– E fechadas com grades de ferro – admitiu Ben Mulato –, se bem que algumas foram comidas pela ferrugem, caso contrário eu teria me afogado em merda. Uma vez lá dentro, é uma longa e malcheirosa subida numa escuridão de breu através de um labirinto de tijolo onde um homem pode se perder para sempre. A sujeira nunca fica abaixo da cintura, e pode subir acima da cabeça, julgando pelas manchas que vi nas paredes. E também há *coisas* lá embaixo. As maiores ratazanas que você já viu, e coisas piores. Nojentas.

Daario Naharis soltou uma gargalhada.

– Tão nojentas como você, quando saiu de lá? Se algum homem fosse suficientemente tolo para tentar uma coisa dessas, todos os feitores de Meereen conseguiriam cheirá-lo no momento em que emergisse.

Ben Mulato encolheu os ombros.

– Sua Graça perguntou se havia uma maneira de entrar, então eu disse... mas Ben Plumm não volta àqueles esgotos, nem por todo o ouro dos Sete Reinos. No entanto, se houver outros que queiram tentar, força.

Aggo, Jhogo e Verme Cinzento tentaram falar ao mesmo tempo, mas Dany levantou uma mão para pedir silêncio.

– Esses esgotos não parecem promissores. – Sabia que Verme Cinzento levaria seus Imaculados pelos esgotos se ela ordenasse; os companheiros de sangue não fariam menos. Mas nenhum deles era adequado para a tarefa. Os dothraki eram cavaleiros, e a força dos Imaculados residia em sua disciplina no campo de batalha. *Posso enviar homens para morrer no meio das trevas com base numa esperança*

tão frágil? – Tenho de pensar um pouco mais sobre isso. Voltem aos seus deveres.

Seus capitães fizeram reverências e deixaram-na sozinha com as aias e os dragões. Mas no momento em que Ben Mulato saía, Viserion abriu suas asas brancas e esvoaçou indolentemente na direção de sua cabeça. Uma das asas esbofeteou o mercenário no rosto. O dragão branco aterrissou desajeitadamente com uma pata na cabeça do homem e a outra no seu ombro, guinchou e voltou a levantar voo.

– Ele gosta de você, Ben – disse Dany.

– E tem razões para isso. – Ben Mulato soltou uma gargalhada. – Eu tenho cá uma gotinha de sangue de dragão, sabia?

– Você? – Dany estava surpresa. Plumm era uma criatura das companhias livres, um amigável mestiço. Tinha um largo rosto pardo, um nariz quebrado e uma cabeça cheia de cabelos grisalhos crespos, e sua mãe dothraki legara-lhe olhos grandes, escuros e amendoados. Dizia ser em parte bravosi, em parte ilhéu-do-verão, em parte ibenês, em parte qohorik, em parte dothraki, em parte dornês e em parte westerosi, mas aquela era a primeira vez que Dany ouvia falar de sangue Targaryen. Dirigiu-lhe um olhar perscrutador e perguntou: – Como isso seria possível?

– Bem – disse Ben Mulato –, houve um velho Plumm nos Reinos do Poente que casou com uma princesa do dragão. Minha avó contou-me a história. Viveu nos tempos do Rei Aegon.

– Qual dos Reis Aegon? – perguntou Dany. – Houve cinco Aegons governando Westeros. – O filho do irmão teria sido o sexto, mas os homens do Usurpador tinham esmagado a cabeça dele contra uma parede.

– Ah, houve cinco? Bem, isso é uma confusão. Não saberia lhe dar um número, minha rainha. Mas esse velho Plumm era um senhor, deve ter sido um cara famoso nos seus tempos, falado por todos os lados. O caso é, com a sua real licença, que ele tinha um pinto de dezoito decímetros.

As três sinetas na trança de Dany tilintaram quando ela riu.

– Quer dizer centímetros, creio eu.

– Decímetros – disse firmemente Ben Mulato. – Se fossem centímetros, quem se preocuparia em falar dele, Vossa Graça?

Dany riu como uma garotinha.

– Sua avó alegou ter visto esse prodígio?

– Isso foi coisa que a velha bruxa não fez. Era meio ibenesa e meio qohorik, nunca esteve em Westeros, meu avô deve ter lhe contado a história. Um dothraki qualquer matou-o antes de eu nascer.

– E de onde veio o conhecimento de seu avô?

– Uma daquelas histórias contadas em família, suponho. – Ben Mulato encolheu os ombros. – Receio que seja tudo que sei de Aegon,

o Sem-Número, ou do poderoso membro do velho Lorde Plumm. É melhor ir tratar de meus Filhos.

– Trate disso – disse-lhe Dany.

Quando Ben Mulato saiu, recostou-se nas almofadas.

– Se você fosse grande – disse a Drogon, coçando-o entre os cornos – eu voaria com você por sobre as muralhas e transformaria aquela harpia em cinzas. – Mas ainda faltavam anos até que seus dragões fossem suficientemente grandes para serem montados. *E quando forem, quem os montará? O dragão tem três cabeças, mas eu só tenho uma*. Pensou em Daario. *Se alguma vez existiu um homem capaz de violar uma mulher com os olhos...*

Na verdade, ela era igualmente culpada. Dany dava por si lançando olhares ao tyroshi quando seus capitães vinham aos conselhos, e às vezes, de noite, recordava o modo como o dente de ouro cintilava quando ele sorria. Isso, e seus olhos. *Seus brilhantes olhos azuis*. Na estrada de Yunkai, Daario trouxe-lhe todas as noites, quando vinha fazer o relatório, uma flor, um broto ou uma planta qualquer... para ajudá-la a conhecer aquela terra, dizia. Vespalgueiro, rosa-penumbrosa, hortelã silvestre, renda-de-senhora, folha-de-adaga, giesteira, comichosa, ouro-de-harpia... *E tentou me poupar da visão das crianças mortas*. Não devia ter feito isso, mas a intenção era bondosa. E Daario Naharis fazia-a rir, o que Sor Jorah nunca fazia.

Dany tentou imaginar como seria permitir que Daario a beijasse, como Jorah a beijara no navio. A ideia era ao mesmo tempo excitante e perturbadora. *É arriscado demais*. O mercenário tyroshi não era um homem bom, ninguém precisava lhe contar isso. Sob os sorrisos e gracejos era perigoso, até cruel. Sallor e Prendahl tinham acordado uma manhã como seus parceiros; nessa mesma noite, oferecera-lhe a cabeça deles. *Khal Drogo também podia ser cruel, e nunca existiu homem mais perigoso*. Mesmo assim, acabou por amá-lo. *Poderia amar Daario? O que isso significaria, se o trouxesse para a minha cama? Isso faria dele uma das cabeças do dragão?* Sabia que Sor Jorah se zangaria, mas foi ele que disse que ela tinha de tomar dois maridos. *Talvez devesse casar com ambos e pôr um ponto final no assunto.*

Mas esses eram pensamentos tolos. Tinha uma cidade a tomar, e sonhar com beijos e com os brilhantes olhos azuis de um mercenário qualquer não a ajudaria a abrir uma brecha nas muralhas de Meereen. *Sou do sangue do dragão*, recordou Dany a si mesma. Seus pensamentos giravam em círculos, como um rato perseguindo a própria cauda. De repente não conseguia mais suportar os estreitos limites do pavilhão nem por mais um momento. *Quero sentir o vento no rosto e o aroma do mar.*

– Missandei – chamou –, mande selar a minha prata. E a sua montaria também.

A pequena escriba fez uma reverência.

– Às ordens de Vossa Graça. Deverei chamar seus companheiros de sangue para guardá-la?

– Levaremos Arstan. Não pretendo deixar os acampamentos. – Não tinha inimigos entre seus filhos. E o velho escudeiro não falaria em excesso, como Belwas, nem a olharia como Daario.

O bosque de oliveiras queimadas onde montara o pavilhão ficava junto ao mar, entre o acampamento dothraki e o dos Imaculados. Assim que os cavalos foram selados, Dany e os companheiros seguiram ao longo da orla, para longe da cidade. Mesmo assim, sentia Meereen nas costas, zombando dela. Quando olhou por sobre um ombro, ali estava ela, com o sol da tarde refulgindo na harpia de bronze no topo da Grande Pirâmide. Dentro de Meereen, os senhores de escravos iam se reclinar em breve, vestidos com seus *tokars* debruados, para se banquetearem com carneiro e azeitonas, fetos de cachorro, arganazes com mel e outros acepipes do gênero, enquanto aqui fora seus filhos passavam fome. Uma súbita e violenta fúria encheu-a. *Vou derrotá-los*, jurou.

Ao passarem pelas estacas e fossos que rodeavam o acampamento dos eunucos, Dany ouviu Verme Cinzento e seus sargentos fazendo uma companhia passar por uma série de exercícios com escudo, espada curta e lança pesada. Outra companhia banhava-se no mar, vestida apenas com tangas de linho branco. Tinha reparado que os eunucos eram muito asseados. Alguns de seus mercenários cheiravam como se não tivessem tomado banho ou trocado de roupa desde que o pai havia perdido o Trono de Ferro, mas os Imaculados tomavam banho todas as noites, mesmo depois de passarem o dia inteiro em marcha. Quando não havia água disponível, limpavam-se com areia, ao modo dothraki.

Os eunucos ajoelharam à sua passagem, levando punhos fechados ao peito. Dany devolveu a saudação. A maré estava subindo, e a rebentação espumou em volta das patas de sua prata. Via seus navios ao largo. *Balerion* era o mais próximo; a grande coca anteriormente conhecida como *Saduleon*, de velas enroladas. Mais além encontravam-se as galés *Meraxes* e *Vhagar*, antes chamadas *Partida de Joso* e *Sol de Verão*. Na verdade os navios pertenciam ao Magíster Illyrio, e não a ela, e no entanto tinha lhes dado novos nomes quase sem pensar no assunto. Nomes de dragões, e mais do que isso; na antiga Valíria, de antes da Perdição, Balerion, Meraxes e Vhagar tinham sido deuses.

A sul do reino ordenado de estacas, fossos, exercícios e eunucos tomando banho ficavam os acampamentos de seus libertos, um lugar muito mais ruidoso e caótico. Dany tinha armado o melhor que pôde os ex-escravos, com armas de Astapor e Yunkai, e Sor Jorah organizou

os homens capazes de lutar em quatro fortes companhias, mas não viu ali ninguém se exercitando. Passaram por uma fogueira feita com madeira trazida pelo mar, onde uma centena de pessoas se reunira para assar a carcaça de um cavalo. Sentia o odor da carne e ouvia a gordura chiando enquanto os assadores viravam o espeto, mas a cena só a fez franzir a testa.

Crianças corriam sob os cavalos do grupo, saltando e gargalhando. Em vez de saudações, vozes chamavam-na de todos os lados numa balbúrdia de idiomas. Alguns dos libertos saudavam-na como "Mãe", enquanto outros suplicavam mercês ou favores. Alguns rezavam para que estranhos deuses a abençoassem e outros pediam que ela abençoasse a eles. Ela sorria para eles, virando-se para a esquerda e para a direita, tocando suas mãos quando as erguiam, deixando que aqueles que ajoelhavam tocassem seu estribo ou sua perna. Muitos dos libertos acreditavam que havia boa sorte em seu toque. *Se os ajuda a obter coragem, que me toquem*, pensou. *Ainda temos duros desafios pela frente.*

Dany havia parado para falar com uma grávida que queria que a Mãe de Dragões desse um nome ao seu bebê quando alguém se aproximou e agarrou seu pulso esquerdo. Virando-se, vislumbrou um homem alto e esfarrapado com a cabeça raspada e o rosto queimado pelo sol.

– Com menos força – ela começou a dizer, mas antes de conseguir terminar, ele derrubou-a da sela. O chão avançou sobre si e fez com que perdesse o fôlego, enquanto sua prata relinchava e recuava. Atordoada, Dany rolou para o lado e apoiou-se num cotovelo...

... e então viu a espada.

– Aí está a porca traiçoeira – disse ele. – Eu sabia que acabaria vindo um dia para receber beijos nos pés. – Sua cabeça era calva como um melão, o nariz era vermelho e descascava, mas Dany conhecia aquela voz e aqueles olhos verde-claros. – Vou começar cortando suas tetas. – Dany estava vagamente consciente da voz de Missandei gritando por ajuda. Um liberto deu um passo adiante, mas só um passo. Um golpe rápido e caiu de joelhos, com sangue escorrendo pelo rosto. Mero limpou a espada nos calções. – Quem é o próximo?

– Sou eu. – Arstan Barba-Branca saltou do cavalo e colocou-se por cima dela, com o vento salgado fazendo ondular seus cabelos brancos como neve, e com ambas as mãos no grande bastão de madeira rija.

– Avô – disse Mero –, fuja antes que eu parta seu cajado em dois e o enfie no seu...

O velho fez uma finta com uma das pontas do bastão, puxou-a para trás, e brandiu a outra mais depressa do que Dany teria acreditado ser possível. O Bastardo do Titã cambaleou para trás, na direção da rebentação, cuspindo sangue e dentes quebrados da ruína

de sua boca. Barba-Branca colocou Dany atrás de si. Mero lançou uma estocada no seu rosto. O velho saltou para trás, rápido como um gato. O bastão atingiu as costelas de Mero, fazendo-o recuar. Arstan chapinhou para o lado, parou um golpe em arco, afastou-se, dançando, de uma segunda investida, bloqueou um terceiro golpe no meio do caminho. Os movimentos eram tão rápidos que a garota quase não conseguia segui-los. Missandei estava ajudando Dany a ficar em pé quando esta ouviu um *crac*. Julgou que o bastão de Arstan tinha se partido até ver o osso irregular que se projetava da panturrilha de Mero. Ao cair, o Bastardo do Titã torceu-se e atacou, enviando a ponta da espada diretamente contra o peito do velho. Barba-Branca afastou sua lâmina quase com desprezo e atingiu violentamente a têmpora do grandalhão com a outra ponta do bastão. Mero estatelou-se, com sangue a borbulhar de sua boca enquanto as ondas o submergiam. Um momento mais tarde os libertos também o submergiram, com facas, pedras e punhos furiosos subindo e descendo num frenesi.

Dany afastou o olhar, nauseada. Sentia-se mais assustada agora do que enquanto os acontecimentos decorriam. *Ele podia ter me matado*.

– Vossa Graça – Arstan ajoelhou. – Sou um velho, e estou envergonhado. Ele nunca devia ter se aproximado o suficiente para agarrá-la. Fui negligente. Não o reconheci sem a barba e os cabelos.

– Assim como eu. – Dany respirou fundo para parar de tremer. *Inimigos por todo lado*. – Leve-me de volta à minha tenda. Por favor.

Quando Mormont chegou, estava enrolada em sua pele de leão, bebendo uma taça de vinho com especiarias.

– Examinei a muralha do rio – Sor Jorah começou a dizer. – É alguns centímetros mais alta do que as outras, e igualmente forte. E os meereeneses têm uma dúzia de barcos de fogo amarrados sob os baluartes...

Ela interrompeu-o.

– Podia ter me avisado de que o Bastardo do Titã tinha escapado.

Ele franziu a testa.

– Não vi necessidade de alarmá-la, Vossa Graça. Ofereci uma recompensa pela cabeça dele...

– Pague-a ao Barba-Branca. Mero tem nos acompanhado o tempo todo desde Yunkai. Raspou a barba e perdeu-se entre os libertos, aguardando uma oportunidade de vingança. Arstan matou-o.

Sor Jorah dirigiu ao velho um longo olhar.

– Um escudeiro com um bastão matou Mero de Bravos, foi isso que aconteceu?

– Um bastão – confirmou Dany –, mas não mais um escudeiro. Sor Jorah, é meu desejo que Arstan seja armado cavaleiro.

– *Não.*

A sonora recusa já era bastante surpreendente. Mais estranho

ainda foi vir de ambos os homens ao mesmo tempo.

Sor Jorah puxou a espada.

– O Bastardo do Titã era um homem perigoso. E bom em matar. Quem é você, velho?

– Um cavaleiro melhor do que você, sor – disse friamente Arstan.

Cavaleiro? Dany sentia-se confusa.

– Disse que era um escudeiro.

– E fui, Vossa Graça. – O velho ajoelhou-se. – Fui escudeiro de Lorde Swann na minha juventude, e a pedido do Magíster Illyrio servi também Belwas, o Forte. Mas durante os anos que se passaram entre uma coisa e outra, fui um cavaleiro em Westeros. Não lhe disse mentiras, minha rainha. No entanto, há verdades que calei, e por isso e por todos os meus outros pecados só posso lhe pedir perdão.

– Que verdades calou? – Dany não estava gostando daquilo. – Vai me dizer. Já.

Ele inclinou a cabeça.

– Em Qarth, quando perguntou meu nome, disse-lhe que me chamavam Arstan. Isso é verdade. Muitos homens me chamaram por esse nome enquanto Belwas e eu nos dirigíamos para leste ao seu encontro. Mas não é o meu verdadeiro nome.

Dany estava mais confusa do que zangada. *Ele enganou-me, tal como Jorah me avisou, e no entanto acabou de salvar minha vida*.

Sor Jorah enrubesceu.

– Mero raspou a barba, mas você deixou crescer uma, não é verdade? Não é à toa que parece tão familiar para mim...

– Conhece-o? – perguntou Dany ao cavaleiro exilado, perdida.

– Vi-o talvez uma dúzia de vezes... de longe, geralmente, quando estava na companhia dos irmãos ou participando de algum torneio. Mas todos os homens dos Sete Reinos conheceram Barristan, o Ousado. – Encostou a ponta da espada no pescoço do velho. – *Khaleesi*, perante a senhora ajoelha-se Sor Barristan Selmy, Senhor Comandante da Guarda Real, que traiu a sua Casa para servir o Usurpador Robert Baratheon.

O velho cavaleiro sequer pestanejou.

– O corvo chama de preto o melro, e *você* fala de traição.

– Por que está aqui? – perguntou-lhe Dany. – Se Robert o enviou para me matar, por que salvou minha vida? – *Ele serviu ao Usurpador. Ele traiu a memória de Rhaegar e abandonou Viserys para viver e morrer no exílio. Mas se quisesse me ver morta, teria precisado apenas ficar de lado...* – Agora quero a verdade *completa*, por sua honra de cavaleiro. É um homem do Usurpador, ou meu?

– Seu, se me aceitar. – Sor Barristan tinha lágrimas nos olhos. – Aceitei o perdão de Robert, é verdade. Servi-o na Guarda Real e no Conselho. Servi com o Regicida e outros quase tão maus, que

mancharam o manto branco que eu usava. Nada poderá perdoar isso. Eu poderia continuar servindo em Porto Real se o vil rapaz sentado no Trono de Ferro não tivesse me posto de lado, envergonha-me admitir. Mas quando ele tirou o manto que o Touro Branco prendeu em volta de meus ombros e mandou homens para me matar nesse mesmo dia, foi como se tivesse tirado uma membrana da frente de meus olhos. Foi então que soube que tinha de procurar meu verdadeiro rei, e morrer a serviço dele...

– Posso conceder esse desejo – disse sombriamente Sor Jorah.

– Silêncio – disse Dany. – Quero ouvir o que ele tem a dizer.

– Talvez tenha de morrer uma morte de traidor – disse Sor Barristan. – Se assim for, não deverei morrer só. Antes de receber o perdão de Robert, lutei contra ele no Tridente. Você estava do outro lado da batalha, Mormont, não é verdade? – Não esperou por uma resposta. – Vossa Graça, lamento tê-la induzido ao erro. Foi a única forma de evitar que os Lannister soubessem que tinha me juntado à senhora. É vigiada, tal como seu irmão era. Lorde Varys relatou durante anos cada movimento de Viserys. Enquanto fiz parte do pequeno conselho, ouvi uma centena de tais relatórios. E desde o dia em que desposou Khal Drogo tem um informante ao seu lado, vendendo seus segredos, trocando sussurros com a Aranha por ouro e promessas.

Ele não pode querer dizer...

– Está enganado. – Dany olhou para Jorah Mormont. – Diga-lhe que está enganado. Não há nenhum informante. Sor Jorah, diga-lhe. Atravessamos juntos o mar dothraki e o deserto vermelho... – Sentia o coração rodopiar como um pássaro apanhado numa armadilha. – Diga-lhe, Jorah. Diga-lhe como entendeu tudo errado.

– Que os Outros o carreguem, Selmy. – Sor Jorah atirou a espada no tapete. – *Khaleesi*, foi apenas no início, antes de começar a conhecê-la... antes de começar a amá...

– *Não diga essa palavra!* – afastou-se dele. – *Como pôde fazer isso?* O que o Usurpador lhe prometeu? Ouro, foi ouro? – os Imorredouros tinham dito que ela seria traída mais duas vezes, uma por ouro e outra por amor. – Diga-me o que lhe foi prometido!

– Varys disse... que eu poderia ir para casa. – Baixou a cabeça.

Eu ia levá-lo para casa! Os dragões pressentiram a sua fúria. Viserion rugiu e uma fumaça cinza subiu de seu focinho. Drogon bateu o ar com asas negras e Rhaegal torceu a cabeça para trás e arrotou uma chama. *Devia dizer a palavra e queimar os dois*. Não haveria ninguém em que pudesse confiar? Ninguém que a mantivesse em segurança?

– Serão todos os cavaleiros de Westeros tão falsos como vocês dois? Saiam, antes que os meus dragões assem ambos. Qual é o cheiro

de mentiroso assado? Cheirará tão mal quanto os esgotos de Ben Mulato? Vão!

Sor Barristan levantou-se, hirto e lento. Pela primeira vez, pareceu ter a idade que tinha.

– Para onde devemos ir, Vossa Graça?

– Para o inferno, servir o Rei Robert. – Dany sentiu lágrimas quentes nas bochechas. Dragon gritou, brandindo a cauda de um lado para o outro. – Que os Outros os carreguem. – *Vão, vão embora para sempre, vocês dois, da próxima vez que vir suas caras cortarei essas suas cabeças de traidores*. Mas não conseguiu dizer tais palavras. *Eles me traíram. Mas me salvaram. Mas mentiram.* – Vão... – *Meu urso, meu feroz e forte urso, o que farei sem ele? E o velho, amigo de meu irmão.* – Vão... vão... – *Para onde?*

E então soube.

Tyrion

Tyrion vestiu-se na escuridão, escutando a respiração suave da esposa que vinha da cama que dividiam. *Ela sonha*, pensou, quando Sansa murmurou qualquer coisa em voz baixa – um nome, talvez, embora fosse tênue demais para ter certeza – e se virou para o lado. Como marido e mulher, dividiam uma cama de casados, mas era tudo. *Até as lágrimas guarda para si*.

Esperava angústia e ira quando lhe contou da morte do irmão, mas o rosto de Sansa permaneceu tão imóvel que por um momento temeu que ela não tivesse compreendido. Foi só mais tarde, com uma pesada porta de carvalho entre ambos, que a ouviu soluçar. Tyrion então pensou em ir até ela, para lhe oferecer o conforto que pudesse. *Não*, teve de lembrar a si mesmo, *ela não procurará consolo num Lannister*. O máximo que podia fazer era protegê-la dos detalhes mais feios do Casamento Vermelho que continuavam a chegar das Gêmeas. Tinha decidido que Sansa não precisava ouvir como o corpo do irmão havia sido cortado e mutilado; nem como o cadáver da mãe fora atirado nu ao Ramo Verde numa zombaria selvagem dos costumes funerários da Casa Tully. A última coisa de que a garota precisava era mais alimento para seus pesadelos.

Mas não era o bastante. Tinha enrolado seu manto em volta dos ombros dela e jurado protegê-la, mas isso era uma brincadeira tão cruel quanto a coroa que os Frey tinham colocado sobre a cabeça do lobo gigante de Robb Stark depois de a coserem ao seu cadáver decapitado. Sansa também sabia disso. O modo como o olhava, sua rigidez quando subia para a cama... quando estava com ela, nem por um instante conseguia se esquecer de quem era, e *do que* era. Tal como ela não esquecia. A garota continuava indo todas as noites ao bosque sagrado rezar, e Tyrion imaginava se estaria rezando pela sua morte. Ela tinha perdido o lar, o seu lugar no mundo, e todos aqueles que alguma vez amara ou em quem confiara. *O inverno está chegando*, avisava o lema dos Stark, e realmente tinha chegado a eles com uma vingança. *Mas é o auge do verão para a Casa Lannister. Então por que sinto este maldito frio?*

Enfiou as botas, prendeu o manto com um broche de cabeça de leão e deslizou para o salão iluminado por archotes. Pelo menos havia uma vantagem no seu casamento; permitira-lhe fugir da Fortaleza de Maegor. Agora que tinha esposa e criados, o senhor seu pai concordara que necessitava de instalações mais adequadas, e Lorde Gyles viu-se abruptamente despojado de seus espaçosos aposentos no topo da Fortaleza das Cozinhas. E que magníficos aposentos eram, com um grande quarto de dormir e um aposento privado de tamanho

adequado, uma sala de banhos e um quarto de vestir para a esposa, e pequenos quartos adjacentes para Pod e para as aias de Sansa. Até a cela de Bronn, perto da escada, tinha uma espécie de janela. *Bem, é mais uma fenda para arqueiros, mas deixa a luz entrar*. A cozinha principal do castelo ficava bem do outro lado do pátio, era verdade, mas Tyrion achava aqueles sons e cheiros infinitamente preferíveis a dividir Maegor com a irmã. Quanto menos tivesse de ver Cersei, mais chances havia de ser feliz.

Tyrion ouviu Brella roncando quando passou por sua cela. Shae queixava-se disso, mas parecia um preço bastante pequeno a pagar. Foi Varys quem lhe sugeriu a mulher; em outros tempos, ela tinha gerido a casa de Lorde Renly na cidade, o que tinha lhe dado bastante prática em ser cega, surda e muda.

Acendendo um círio, dirigiu-se à escada dos criados e desceu. Os andares abaixo daquele que habitava estavam em silêncio, e não ouviu outros passos além dos seus. Continuou descendo, passando pelo piso térreo e prosseguindo até emergir num porão sombrio com um teto abobadado de pedra. Boa parte do castelo estava interligada pelo subsolo, e a Fortaleza das Cozinhas não era exceção. Tyrion bamboleou-se por uma longa passagem escura até encontrar a porta que queria, empurrou-a e entrou.

Lá dentro, os crânios de dragão esperavam, e Shae também.

– Pensava que o senhor tinha se esquecido de mim. – O vestido dela encontrava-se pendurado em um dente negro quase tão alto quanto ela, e a moça estava em pé dentro das mandíbulas do dragão, nua. *Balerion*, pensou Tyrion. Ou seria Vhagar? Um crânio de dragão parecia-se muito com os outros.

Só de vê-la já ficou duro.

– Saia daí.

– Não saio. – A moça sorriu seu sorriso mais malicioso. – O senhor vai me arrancar de dentro das mandíbulas do dragão, eu sei. – Mas quando ele se bamboleou para mais perto, ela debruçou-se para a frente e soprou o círio.

– Shae... – Ele estendeu a mão, mas ela rodopiou e escapou dele.

– Vai ter de me pegar. – A voz vinha da esquerda. – O senhor deve ter brincado de monstros e donzelas quando era pequeno.

– Está me chamando de monstro?

– Não mais do que a mim de donzela. – Estava atrás dele, com passos leves no chão. – Vai ter de me pegar mesmo assim.

E ele a pegou, finalmente, mas só porque ela deixou. Quando ela se enfiou para dentro de seu abraço, ele estava corado e sem fôlego de andar tropeçando em crânios de dragão. Tudo foi esquecido num instante quando sentiu os pequenos seios dela comprimidos contra o seu rosto, na escuridão, os pequenos mamilos rijos roçando levemente

nos seus lábios e na cicatriz onde tivera o nariz. Tyrion puxou-a para baixo, para o chão.

– Meu gigante – ela ofegou quando a penetrou. – Meu gigante veio me salvar.

Mais tarde, enquanto jaziam abraçados entre os crânios de dragão, Tyrion apoiou nela a cabeça, inalando o cheiro suave e limpo de seus cabelos.

– Devíamos voltar – disse com relutância. – Deve ser quase alvorada. Sansa deve estar acordando.

– Devia dar vinho dos sonhos para ela – disse Shae – como a Senhora Tanda faz com Lollys. Uma taça antes de dormir, e podíamos foder na cama ao lado dela sem que acordasse. – Soltou um risinho. – Talvez devêssemos fazer isso uma noite dessas. O senhor ia gostar? – A mão dela encontrou o seu ombro e pôs-se a massagear seus músculos. – Seu pescoço está duro como pedra. O que o inquieta?

Tyrion não conseguia ver seus dedos em frente do rosto, mesmo assim usou-os para contar as suas aflições.

– A minha esposa. A minha irmã. O meu sobrinho. O meu pai. Os Tyrell. – Teve de passar para a outra mão. – Varys. Pycelle. O Mindinho. A Víbora Vermelha de Dorne. – Tinha chegado ao último dedo. – O rosto que me fita da água quando me lavo.

Shae beijou seu nariz mutilado e cheio de cicatrizes.

– Um rosto corajoso. Um rosto bondoso e amável. Queria poder vê-lo agora.

Sua voz tinha toda a doce inocência do mundo. *Inocência? Idiota, ela é uma puta, tudo o que conhece dos homens é o negócio que têm entre as pernas. Idiota, idiota*.

– Antes você do que eu. – Tyrion sentou-se. – Temos um longo dia à nossa frente, ambos. Não devia ter apagado aquele círio. Como vamos encontrar as roupas?

Ela riu.

– Talvez tenhamos de ir nus.

E se formos vistos, o senhor meu pai a enforca. Contratar Shae como uma das aias de Sansa tinha lhe dado uma desculpa para ser visto falando com ela, mas Tyrion não se iludia quanto à sua segurança. Varys prevenira-o.

– Eu dei a Shae uma história falsa, mas destinava-se a Lollys e à Senhora Tanda. Sua irmã tem uma mente mais desconfiada. Se me perguntar o que sei...

– Contará alguma mentira inteligente para ela.

– Não. Contarei que a garota é uma seguidora de acampamentos comum que você adquiriu antes da batalha do Ramo Verde e trouxe para Porto Real contra as ordens expressas do senhor seu pai. Não mentirei à rainha.

– Já mentiu antes para ela. Deverei dizer-lhe isso?

O eunuco suspirou.

– Isso corta mais profundamente do que uma faca, senhor. Servi-lhe com lealdade, mas tenho também de servir à sua irmã sempre que puder. Quanto tempo acha que ela me deixaria viver se deixasse de lhe ser útil? Não tenho nenhum feroz mercenário para me proteger, nenhum irmão valente para me vingar, tenho apenas alguns passarinhos que segredam aos meus ouvidos. Com esses segredos tenho de comprar de novo a vida todos os dias.

– Perdoe-me se não choro por você.

– Perdoarei, mas você deve me perdoar se não choro por Shae. Confesso que não compreendo o que há nela para fazer com que um homem inteligente como você aja tão tolamente.

– Poderia entender se não fosse um eunuco.

– Então é isso? Um homem pode ter miolos ou um pedaço de carne entre as pernas, mas as duas coisas não? – Varys abafou um risinho. – Então talvez deva me sentir grato por ter sido cortado.

A Aranha tinha razão. Tyrion tateou na escuridão assombrada por dragões à procura das roupas de baixo, sentindo-se infeliz. O risco que estava correndo deixava-o tenso como um tambor, e havia também culpa. *Que os Outros levem a minha culpa*, pensou enquanto enfiava a túnica pela cabeça. *Por que devo me sentir culpado? Minha esposa não quer nada de mim e rejeita muito em especial a parte que parece desejá-la*. Talvez devesse *contar* a ela sobre Shae. Não era o caso de ser o primeiro homem a ter uma concubina. O próprio oh-tão-honroso pai de Sansa lhe dera um irmão bastardo. Até onde sabia, sua esposa poderia ficar encantada por saber que ele andava fodendo Shae, desde que isso a poupasse de atenções que não desejava.

Não, não me atrevo. Com votos ou sem eles, sua esposa não era digna de confiança. Podia ser donzela entre as pernas, mas dificilmente inocente de traição; uma vez tinha despejado os planos do próprio pai nos ouvidos de Cersei. E as garotas de sua idade não eram conhecidas por manterem segredos.

O único caminho seguro era ver-se livre de Shae. *Podia mandá-la a Chataya*, refletiu Tyrion, relutantemente. No bordel de Chataya, Shae teria todas as sedas e pedras preciosas que poderia desejar e os mais gentis fregueses de elevado nascimento. Seria de longe uma vida melhor do que a que vivia quando a tinha encontrado.

Ou então, se estivesse cansada de ganhar o pão deitada, podia arranjar-lhe um casamento. *Bronn, talvez*? O mercenário nunca se recusara a comer do prato de seu senhor, e agora era um cavaleiro, podia almejar um partido melhor do que ela. *Ou Sor Tallad?* Tyrion vira-o mais do que uma vez fitando Shae com desejo. *Por que não? É alto, forte, não é difícil olhá-lo, da cabeça aos pés um jovem cavaleiro*

talentoso. Claro, Tallad conhecia Shae apenas como a bonita aia de uma jovem senhora em serviço no castelo. *Se se casasse com ela e depois ficasse sabendo que ela era uma prostituta...*

– Senhor, onde está? Os dragões comeram-no?

– Não. Estou aqui. – Apalpou um crânio de dragão. – Encontrei um sapato, mas acho que é seu.

– O senhor parece muito solene. Desagradei-o?

– Não – disse, com demasiada brusquidão. – Você me agrada sempre. – *E aí mora o perigo*. Podia sonhar em mandá-la embora em horas como aquela, mas isso nunca durava muito tempo. Tyrion via-a tenuemente no meio das trevas, puxando uma meia de lã por uma perna esguia. *Consigo ver*. Uma vaga luminosidade vazava pela fileira de longas janelas estreitas abertas bem alto na parede do porão. Os crânios dos dragões Targaryen emergiam da escuridão que os rodeava, negros em fundo cinza. – O dia chega cedo demais. – Um novo dia. Um novo ano. Um novo século. *Sobrevivi ao Ramo Verde e à Água Negra, posso perfeitamente sobreviver ao casamento do Rei Joffrey*.

Shae despendurou o vestido do dente do dragão e enfiou-o pela cabeça.

– Eu subo primeiro. Brella vai querer ajuda com a água do banho. – Debruçou-se para lhe dar um último beijo, na testa. – Meu gigante Lannister. Amo tanto você.

E eu também a amo, querida. Podia ser uma prostituta, mas merecia mais do que o que ele tinha para dar. *Vou casá-la com Sor Tallad. Ele parece ser um homem decente. E alto...*

Sansa

F*oi um sonho tão bom*, pensou Sansa, sonolenta. Estava de volta a Winterfell, correndo pelo bosque sagrado com sua Lady. O pai estava lá, e os irmãos também, todos quentes e em segurança. *Se os sonhos pudessem se tornar realidade...*

Afastou os cobertores. *Tenho de ser brava*. Seus tormentos terminariam em breve, de um modo ou de outro. *Se Lady estivesse aqui, não teria medo*. Mas Lady estava morta; Robb, Bran, Rickon, Arya, o pai, a mãe, até a Septã Mordane. *Todos mortos, menos eu*. Agora estava sozinha no mundo.

O senhor seu esposo não estava ao seu lado, mas estava habituada a isso. Tyrion dormia mal, e frequentemente acordava antes do nascer do dia. Normalmente ia encontrá-lo no aposento privado, inclinado ao lado de uma vela, perdido num velho pergaminho qualquer ou num livro encadernado em couro. Às vezes o cheiro do pão da manhã que vinha dos fornos levava-o às cozinhas, e às vezes subia ao jardim do telhado, ou ia passear, sozinho, pelo Corredor do Traidor.

Abriu as venezianas e estremeceu quando o arrepio subiu por seus braços. Havia nuvens se acumulando no céu oriental, perfuradas por raios de sol. *Parecem dois enormes castelos flutuando no céu da manhã*. Sansa conseguia ver as muralhas de pedra arruinadas, suas poderosas fortalezas e barbacãs. Estandartes vaporosos rodopiavam no topo de suas torres e estendiam-se para as estrelas que se desvaneciam rapidamente. O sol erguia-se atrás deles, e viu-os passar de negro a cinza e a mil de tons de rosa, ouro e carmesim. Pouco depois o vento mesclou-os, e passou a haver apenas um castelo onde tinha havido dois.

Ouviu a porta se abrindo quando as aias trouxeram a água quente para o banho. Eram ambas novas ao seu serviço; Tyrion dizia que as mulheres que tomavam conta dela antes eram todas espiãs de Cersei, tal como Sansa sempre suspeitara.

– Venham ver – disse-lhes. – Há um castelo no céu.

Elas foram dar uma olhada.

– É feito de ouro. – Shae tinha cabelos escuros e curtos e olhos ousados. Fazia tudo o que lhe era pedido, mas às vezes dirigia a Sansa os mais insolentes dos olhares. – Um castelo todo feito de ouro, aí está uma coisa que eu gostaria de ver.

– Um castelo, é? – Brella tinha de semicerrar os olhos. – Aquela torre tá caindo, parece. É tudo ruínas, aquilo.

Sansa não queria ouvir falar de torres caindo e castelos arruinados. Fechou as venezianas e disse:

– Somos esperados no café da manhã da rainha. O senhor meu

esposo está no aposento privado?

– Não, senhora – disse Brella. – Não o vi.

– Pode ser que tenha ido ver o pai – declarou Shae. – Talvez a Mão do Rei precise de seus conselhos.

Brella deu uma fungada.

– Senhora Sansa, talvez queira entrar na banheira antes que a água esfrie demais.

Sansa deixou que Shae puxasse sua camisa de dormir pela cabeça e entrou na grande banheira de madeira. Sentiu-se tentada a pedir uma taça de vinho, para lhe acalmar os nervos. O casamento estava marcado para o meio-dia no Grande Septo de Baelor, do outro lado da cidade. E, ao cair da noite, o banquete seria dado na sala do trono; mil convidados e setenta e sete pratos, com cantores, malabaristas e saltimbancos. Mas primeiro havia o café da manhã no Salão de Baile da Rainha, para os Lannister e os homens Tyrell – as mulheres Tyrell quebrariam o jejum com Margaery – e cento e tantos cavaleiros e fidalgos. *Fizeram de mim uma Lannister*, pensou Sansa com amargura.

Brella mandou Shae ir buscar mais água quente enquanto lavava as costas de Sansa.

– Está tremendo, senhora.

– A água não está quente o suficiente – mentiu Sansa.

As aias a vestiam quando Tyrion apareceu, com Podrick Payne a reboque.

– Está adorável, Sansa. – Virou-se para o escudeiro. – Pod, faça a gentileza de me servir uma taça de vinho.

– Vai haver vinho no café da manhã, senhor – disse Sansa.

– Há vinho aqui. Não espera certamente que enfrente a minha irmã sóbrio? É um novo século, senhora. O tricentésimo ano desde a Conquista de Aegon. – O anão pegou a taça de tinto que Podrick tinha lhe entregado e ergueu-a bem alto. – A Aegon. Que cara afortunado. Duas irmãs, duas esposas e três grandes dragões, o que mais pode um homem pedir? – limpou a boca com as costas da mão.

Sansa reparou que as roupas do Duende estavam sujas e em desalinho; parecia que tinha dormido vestido.

– Vai vestir roupa lavada, senhor? Seu gibão novo é muito bonito.

– O *gibão* é bonito, sim. – Tyrion pôs a taça de lado. – Ande, Pod, vamos ver se encontramos algum vestuário que me faça parecer menos anão. Não vou querer envergonhar a senhora minha esposa.

Quando o Duende retornou pouco depois, estava bastante apresentável, e até um pouco mais alto. Podrick Payne também tinha trocado de roupa, e por uma vez quase parecia um escudeiro como deve ser, embora uma espinha vermelha bastante grande que tinha no canto do nariz estragasse o efeito de seu magnífico traje púrpura, branco e dourado. *É um rapaz tão tímido*. A princípio, Sansa

desconfiava do escudeiro de Tyrion; ele era um Payne, primo de Sor Ilyn Payne, que tinha cortado a cabeça do pai. No entanto, depressa percebeu que Pod tinha tanto medo dela como ela tinha do primo. Sempre que falava com ele, o rapaz ficava do mais alarmante tom de vermelho.

– Púrpura, dourado e branco são as cores da Casa Payne, Podrick? – perguntou-lhe polidamente.

– Não. Isto é, sim. – Corou. – As cores. Nossas armas são axadrezado de púrpura e branco, senhora. Com moedas de ouro. Nos quadrados. Púrpura e branco. Em ambos. – E estudou os pés dela.

– Há uma história por trás dessas moedas – disse Tyrion. – Sem dúvida Pod a confidenciará um dia aos seus dedos dos pés. Agora, porém, somos esperados no Salão de Baile da Rainha. Vamos?

Sansa sentiu-se tentada a pedir para não ir. *Podia lhe dizer que tenho um incômodo na barriga, ou que o sangue da lua chegou*. Nada desejava mais do que voltar a se enfiar na cama e puxar as cortinas. *Tenho de ser corajosa, como Robb*, disse a si mesma, ao dar rigidamente o braço ao senhor seu esposo.

No Salão de Baile da Rainha quebraram o jejum com bolinhos de mel assados com amoras silvestres e nozes, fatias de presunto defumado, iscas de peixe empanadas, bacon, peras de outono e um prato dornês de cebolas, queijo e fatias de ovo cozido com malaguetas.

– Nada como um café da manhã robusto para despertar o apetite para o banquete de setenta e sete pratos que se seguirá – comentou Tyrion enquanto os criados enchiam seus pratos. Havia jarros de leite, de hidromel e de um vinho dourado, leve e doce para empurrar a refeição para baixo. Músicos vagueavam por entre as mesas, com gaitas, flautas e rabecas, enquanto Sor Dontos galopava pela sala em seu cavalo de pau de vassoura e o Rapaz Lua fazia ruídos de peido com as bochechas e cantava canções rudes sobre os convidados.

Sansa reparou que Tyrion quase não tocou na comida, embora tivesse bebido várias taças de vinho. Quanto a si, experimentou um pouco dos ovos dorneses, mas as malaguetas queimaram sua boca. Além deles, limitou-se a beliscar a fruta, o peixe e os bolinhos de mel. Cada vez que Joffrey olhava para ela, sentia a barriga tão agitada que era como se tivesse engolido um morcego.

Depois de tirarem a mesa, a rainha presenteou solenemente Joffrey com o manto de esposa com que envolveria os ombros de Margaery.

– É o manto que eu usei quando Robert me tomou como sua rainha, o mesmo manto que a minha mãe, a Senhora Joanna, usou quando se casou com o senhor meu pai. – Sansa pensou que parecia puído, a bem da verdade, mas talvez fosse por ter sido tão usado.

Então chegou a hora dos presentes. Era tradição da Campina dar

presentes à noiva e ao noivo na manhã de seu casamento; no dia seguinte receberiam mais presentes como casal, mas as prendas naquele dia eram para cada um individualmente.

De Jalabhar Xho, Joffrey recebeu um grande arco de madeira dourada e uma aljava cheia de longas flechas com penas verdes e escarlates; da Senhora Tanda, um par de botas flexíveis de montar; de Sor Kevan, uma magnífica sela para justas feita de couro vermelho; um broche de ouro vermelho, trabalhado em forma de escorpião, foi dado pelo dornês, o Príncipe Oberyn; recebeu esporas de prata de Sor Addam Marbrand; um pavilhão de torneio em seda vermelha foi o presente de Lorde Mathis Rowan. Lorde Paxter Redwyne apresentou uma bela maquete em madeira da galé de guerra de duzentos remos que estava sendo construída naquele momento na Árvore.

– Se agradar a Vossa Graça, vai se chamar *Valor do Rei Joffrey* – disse ele, e Joff concedeu que estava muito agradado de fato.

– Farei dele meu navio almirante quando zarpar para Pedra do Dragão a fim de matar meu tio traidor, Stannis – disse.

Ele hoje se faz de rei atencioso. Sansa sabia que Joffrey podia ser galante quando lhe convinha, mas parecia convir-lhe cada vez menos. E de fato, toda a sua cortesia desapareceu de imediato quando Tyrion lhe entregou o seu presente: um enorme livro antigo intitulado *Vidas de quatro reis*, encadernado em couro e magnificamente recheado de iluminuras. O rei folheou-o sem qualquer interesse.

– E o que é isto, tio?

Um livro. Sansa perguntou a si mesma se Joffrey movia aqueles seus gordos lábios vermiformes quando lia.

– A história dos reinados de Daeron, o Jovem Dragão, Baelor, o Abençoado, Aegon, o Indigno, e Daeron, o Bom, escrita pelo Grande Meistre Kaeth – respondeu o seu pequeno esposo.

– Um livro que todo rei deveria ler, Vossa Graça – disse Sor Kevan.

– Meu pai não tinha tempo para livros. – Joffrey empurrou o presente para longe. – Se lesse menos, tio Duende, talvez a Senhora Sansa tivesse um bebê dentro dela a essa altura. – Riu... e quando o rei ri, a corte ri com ele. – Não fique triste, Sansa, depois de deixar a Rainha Margaery esperando um bebê, visitarei o seu quarto e mostrarei ao meu pequeno tio como se faz.

Sansa enrubesceu. Deu um relance nervoso a Tyrion, com medo do que ele poderia dizer. Aquilo podia se tornar tão feio como a ida para a cama no banquete deles. Mas, por uma vez, o anão encheu a boca com vinho em vez de palavras.

Lorde Mance Tyrell avançou para apresentar o seu presente: um cálice dourado de noventa centímetros de altura, com duas ornamentadas alças curvas e sete lados cintilando de pedras preciosas.

– Sete lados para os sete reinos de Vossa Graça – explicou o pai da noiva. Mostrou-lhes como cada lado ostentava o símbolo de uma das grandes casas: leão de rubi, rosa de esmeralda, veado de ônix, truta de prata, falcão de jade azul, sol de opala e lobo gigante de pérola.

– Uma taça magnífica – disse Joffrey –, mas parece-me que vamos ter de arrancar o lobo e pôr uma lula no seu lugar.

Sansa fingiu não ouvi-lo.

– Margaery e eu beberemos bastante no banquete, sogro. – Joffrey ergueu o cálice acima da cabeça, para que todos o admirassem.

– A maldita coisa é tão alta quanto eu – resmungou Tyrion em voz baixa. – Metade do cálice e Joff estará caindo de bêbado.

Ótimo, pensou ela. *Talvez quebre o pescoço*.

Lorde Tywin esperou até o fim para entregar ao rei o seu presente: uma espada longa. A bainha era feita de cerejeira, ouro e couro vermelho oleado, incrustado de cabeças de leão em ouro. Sansa viu que os leões tinham olhos de rubi. O salão de baile ficou em silêncio quando Joffrey desembainhou a espada e a ergueu acima da cabeça. Ondulações vermelhas e negras no aço cintilaram à luz da manhã.

– Magnífica – declarou Mathis Rowan.

– Uma espada digna de canções, senhor – disse Lorde Redwyne.

– A espada de um *rei* – disse Sor Kevan Lannister.

O Rei Joffrey estava tão animado que parecia querer matar alguém ali mesmo e naquele momento. Golpeou o ar e soltou uma gargalhada.

– Uma grande espada deve ter um grande nome, senhores! Como a chamarei?

Sansa lembrou-se de Dente de Leão, a espada que Arya tinha atirado no Tridente, e da Devoradora de Corações, aquela que ele a obrigara a beijar antes da batalha. Perguntou a si mesma se ele quereria que Margaery beijasse aquela.

Os convidados estavam gritando nomes para a nova arma. Joff rejeitou uma dúzia antes de ouvir um que lhe agradou.

– *Lamento da Viúva!* – gritou. – Sim! E ela irá criar muitas viúvas! – Voltou a golpear o ar. – E quando enfrentar o meu tio Stannis, quebrará a sua espada mágica em duas. – Joff experimentou um golpe vertical, forçando Sor Balon Swann a dar um apressado passo para trás. A expressão no rosto de Sor Balon fez ressoar gargalhadas no salão.

– Tenha cuidado, Vossa Graça – avisou Sor Addam Marbrand. – O aço valiriano é perigosamente afiado.

– Eu lembro. – Joffrey fez Lamento da Viúva cair, num violento golpe vertical com as duas mãos, sobre o livro que Tyrion tinha lhe dado. A pesada capa de couro fendeu-se em duas. – Afiado! Eu disse a

vocês, não sou estranho ao aço valiriano. – Precisou de meia dúzia de outros golpes para despedaçar o grosso volume, e o rapaz estava sem fôlego quando acabou. Sansa conseguia sentir o marido lutando contra a fúria enquanto Sor Osmund Kettleblack gritava:

– Rezo para que nunca vire esse perigoso gume contra mim, senhor.

– Trate de nunca me dar motivos, sor. – Joffrey deu um piparote com a ponta da espada num naco de *Vidas de quatro reis*, atirando-o para fora da mesa, e então enfiou a Lamento da Viúva de volta na bainha.

– Vossa Graça – disse Sor Garlan Tyrell. – Talvez não soubesse. Em todo o Westeros não havia mais de quatro cópias desse livro iluminadas pela própria mão de Kaeth.

– Agora há três. – Joffrey desafivelou seu velho cinto da espada para trocá-lo pelo novo. – Você e a Senhora Sansa devem-me um presente melhor, tio Duende. Este está feito em pedaços.

Tyrion estava encarando o sobrinho com seus olhos desiguais.

– Talvez uma faca, senhor. Para combinar com a sua espada. Um punhal do mesmo belo aço valiriano... digamos, com um cabo de osso de dragão?

Joff lançou-lhe um olhar penetrante.

– Você... sim, um punhal para combinar com a minha espada, ótimo. – Fez um aceno. – Um... um cabo de ouro com rubis. Osso de dragão é simples demais.

– Como quiser, Vossa Graça. – Tyrion bebeu outra taça de vinho. Julgando pela atenção que prestava a Sansa, bem podia estar sozinho em seu aposento privado. Mas quando chegou a hora de partir para o casamento, pegou-a pela mão.

Enquanto atravessavam o pátio, o Príncipe Oberyn de Dorne pôs-se ao lado deles, de braço dado com a amante de cabelos negros. Sansa deu um olhar de relance curioso à mulher. Era filha ilegítima, não era casada, e tinha dado duas filhas bastardas ao príncipe, mas não temia olhar nos olhos nem sequer a rainha. Shae tinha lhe dito que aquela Ellaria adorava uma deusa do amor lisena qualquer.

– Era quase uma prostituta quando ele a encontrou, senhora – confidenciara a aia – e agora é quase uma princesa. – Sansa nunca antes tinha estado tão perto da dornesa. *Não é realmente bela*, pensou, *mas há alguma coisa nela que atrai o olhar*.

– Uma vez tive a grande sorte de contemplar a cópia de *Vidas de quatro reis* que há na Cidadela – o Príncipe Oberyn estava dizendo ao senhor seu esposo. – As iluminuras eram uma maravilha de se ver, mas Kaeth foi muito mais amável com o Rei Viserys do que devia.

Tyrion lançou-lhe um olhar penetrante.

– Muito amável? A meu ver, ele é vergonhosamente mesquinho

com Viserys. Devia ter sido *Vidas de cinco reis*.

O príncipe riu.

– Viserys mal reinou por uma quinzena.

– Reinou durante mais de um ano – disse Tyrion.

Oberyn encolheu os ombros.

– Um ano ou uma quinzena, que importa? Envenenou o próprio sobrinho para conquistar o trono e, depois de tê-lo, não fez nada.

– Baelor matou-se de fome com jejuns – disse Tyrion. – O tio serviu-o lealmente como Mão, tal como tinha servido o Jovem Dragão antes dele. Viserys pode ter reinado apenas por um ano, mas governou por quinze, enquanto Daeron guerreava e Baelor rezava. – Fez uma expressão amarga. – E se realmente eliminou Baelor, pode culpá-lo? Alguém tinha de salvar o reino de suas loucuras.

Sansa estava chocada.

– Mas Baelor, o Abençoado, foi um grande rei. Percorreu descalço o Caminho do Espinhaço para fazer a paz com Dorne e salvou o Cavaleiro do Dragão de um fosso de serpentes. As víboras recusaram-se a atacá-lo por ele ser tão puro e santo.

O Príncipe Oberyn sorriu.

– Se fosse uma víbora, senhora, quereria morder uma vara sem sangue como Baelor, o Abençoado? Eu preferiria reservar as minhas presas para alguém mais suculento...

– O meu príncipe está brincando com você, Senhora Sansa – disse a mulher, Ellaria Sand. – Os septões e cantores gostam de dizer que as serpentes não morderam Baelor, mas a verdade é muito diferente. Ele foi mordido meia centena de vezes, e devia ter morrido disso.

– Se tivesse, Viserys teria reinado uma dúzia de anos – disse Tyrion – e os Sete Reinos poderiam ter ficado mais bem servidos. Há quem pense que Baelor ficou demente por conta de todo aquele veneno.

– Sim – disse o Príncipe Oberyn –, mas não vi serpentes nesta sua Fortaleza Vermelha. Como explica Joffrey?

– Prefiro não explicar. – Tyrion inclinou rigidamente a cabeça. – Perdoe-nos. Nossa liteira nos aguarda. – O anão ajudou Sansa a subir e escalou desajeitadamente atrás dela. – Feche as cortinas, senhora, por gentileza.

– Precisamos, senhor? – Sansa não queria ficar fechada atrás das cortinas. – O dia está tão agradável.

– É provável que o bom povo de Porto Real atire bosta à liteira se me vir aqui dentro. Faça-nos uma gentileza, senhora. Feche as cortinas.

Ela fez o que lhe foi pedido. Seguiram em silêncio durante algum tempo, enquanto o ar ia se tornando quente e abafado em volta deles.

– Lamento por seu livro, senhor – ela obrigou-se a dizer.

– O livro era de Joffrey. Podia ter aprendido uma coisa ou outra se o tivesse lido. – Parecia distraído. – Eu devia ter sabido. Devia ter visto... uma porção de coisas.

– O punhal talvez lhe agrade mais.

Quando o anão fez uma careta, a cicatriz retesou-se e torceu-se.

– E não é que o rapaz arranjou uma maneira de ganhar um punhal? – felizmente Tyrion não esperou por sua resposta. – Joff discutiu com o seu irmão Robb em Winterfell. Diga-me, havia também maus sentimentos entre Bran e Sua Graça?

– Bran? – a pergunta confundiu-a. – Fala de antes da queda? – Teve de tentar se lembrar. Tudo se passara havia tanto tempo. – Bran era um doce garotinho. Todos gostavam dele. Lembro que ele e Tommen lutaram com espadas de madeira, mas só de brincadeira.

Tyrion caiu num silêncio taciturno. Sansa ouviu o distante tinir de correntes vindo do exterior; a porta levadiça estava sendo erguida. Um momento mais tarde ouviu-se um grito, e a liteira entrou em movimento com um solavanco. Privada do cenário que atravessavam, escolheu fitar as mãos dobradas, desconfortavelmente consciente dos olhos desiguais do marido. *Por que ele está me olhando dessa maneira?*

– Amava tanto os seus irmãos como eu amo Jaime.

Será isso alguma armadilha Lannister para me levar a proferir traições?

– Meus irmãos eram traidores, e partiram para sepulturas de traidores. É traição amar um traidor.

Seu pequeno esposo fungou.

– Robb levantou armas contra seu legítimo rei. Pela lei, isso fez dele um traidor. Os outros morreram novos demais para saber o que é a traição. – Esfregou o nariz. – Sansa, sabe o que aconteceu com Bran em Winterfell?

– Bran caiu. Andava sempre escalando coisas, e por fim caiu. Sempre tememos que isso acontecesse. E Theon Greyjoy matou-o, mas isso foi mais tarde.

– Theon Greyjoy. – Tyrion suspirou. – A senhora sua mãe acusou-me uma vez... bem, não vou enchê-la com os detalhes sórdidos. Acusou-me falsamente. Nunca fiz mal a seu irmão Bran. E não lhe quero nenhum mal.

O que ele quer que eu diga?

– É bom saber, senhor. – Ele queria algo dela, mas Sansa não sabia o que era. *Parece uma criança esfomeada, mas não tenho comida para lhe dar. Por que não me deixa em paz?*

Tyrion voltou a esfregar o nariz cheio de escaras e cicatrizes, um feio hábito que atraía o olhar para o seu feio rosto.

– Nunca me perguntou como Robb ou a senhora sua mãe morreram.

– Eu... prefiro não saber. Teria pesadelos.

– Então nada mais direi.

– Isso... isso é gentil de sua parte.

–Ah, sim – disse Tyrion. – Eu sou a própria alma da gentileza. E sei o que são pesadelos.

Tyrion

A nova coroa que o pai oferecera à Fé era duas vezes mais alta do que aquela que a multidão tinha esmagado, uma glória de cristal e fio de ouro. A luz do arco-íris refulgia e cintilava a cada vez que o Alto Septão movia a cabeça, mas Tyrion teve de perguntar a si mesmo como o homem conseguia suportar o peso. E até ele tinha de admitir que Joffrey e Margaery formavam um casal régio, ali em pé, lado a lado, entre as altas estátuas douradas do Pai e da Mãe.

A noiva estava adorável, vestida de seda em tom marfim e renda de Myr, com as saias decoradas com padrões florais realçados com pérola-semente. Como viúva de Renly, podia ter usado as cores Baratheon, ouro e negro, mas chegou como uma Tyrell, num manto de donzela composto por uma centena de rosas de pano de ouro cosidas ao veludo verde. Tyrion perguntou a si mesmo se ela seria realmente donzela. *Não que seja provável que Joffrey saiba a diferença.*

O rei estava quase tão magnífico quanto a noiva, com o seu gibão de um rosa opaco, sob um manto de veludo de um profundo tom de carmesim, decorado com o seu veado e leão. A coroa assentava com facilidade em seus caracóis, ouro sobre ouro. *Eu salvei aquela maldita coroa para ele*. Tyrion deslocou o peso desconfortavelmente de um pé para o outro. Não conseguia ficar quieto. *Vinho demais*. Devia ter pensado em se aliviar antes de saírem da Fortaleza Vermelha. A noite sem dormir que passara com Shae também estava se fazendo sentir, mas acima de tudo queria estrangular o maldito do seu real sobrinho.

Não sou estranho ao aço valiriano, vangloriara-se o rapaz. Os septões andavam sempre falando sobre o modo como o Pai no Céu nos julga a todos. *Se o Pai tivesse a bondade de derrubar e esmagar Joff como se fosse um besouro vira-bosta, eu até podia acreditar nisso.*

Devia ter percebido há muito tempo. Jaime nunca mandaria outro homem matar em seu nome, e Cersei era esperta demais para usar uma faca cujo rastro poderia levar até si, mas Joff, o arrogante, perverso e estúpido canalha que era...

Recordou a manhã fria em que tinha descido os íngremes degraus exteriores da biblioteca de Winterfell e encontrou o Príncipe Joffrey gracejando com Cão de Caça sobre matar lobos. *Mandar um cão matar um lobo*, ele tinha dito. Contudo, nem mesmo Joff era tão tolo que ordenasse a Sandor Clegane que matasse um filho de Eddard Stark; Cão de Caça teria procurado Cersei. Em vez disso, o rapaz encontrou a sua ferramenta no duvidoso bando de cavaleiros livres, mercadores e seguidoras de acampamentos que se ligou à comitiva do rei à medida que esta seguia para o norte. *Um cretino purulento qualquer disposto a arriscar a vida em troca do favor de um príncipe e de algumas moedas*.

Tyrion perguntou a si mesmo de quem teria sido a ideia de esperar até Robert partir de Winterfell para abrir a goela de Bran. *O mais certo é ter sido de Joff. Sem dúvida pensou que isso era o cúmulo da astúcia.*

Tyrion julgava recordar que a adaga do príncipe tinha o botão incrustado de joias e arabescos de ouro em relevo na lâmina. Pelo menos Joff não tinha sido suficientemente estúpido para usar essa. Em vez disso tinha metido o nariz nas armas do pai. Robert Baratheon era um homem de descuidada generosidade e teria dado ao filho qualquer punhal que ele desejasse... mas Tyrion acreditava que o rapaz o teria simplesmente pego. Robert chegou a Winterfell com uma grande comitiva de cavaleiros e serventes, uma enorme casa rolante e um comboio de bagagem. Sem dúvida que algum criado diligente teria se assegurado de que as armas do rei seguiam com ele, para o caso de desejar alguma.

A lâmina que Joff escolheu era boa e simples. Nada de trabalhos em ouro, nada de joias no cabo, nada de relevos de prata na lâmina. O Rei Robert nunca a usara, provavelmente tinha esquecido que lhe pertencia. Mas o aço valiriano era mortalmente afiado... suficientemente afiado para cortar pele, carne e músculo num golpe rápido. *Não sou estranho ao aço valiriano*. Mas tinha sido, não tinha? De outro modo nunca teria sido idiota a ponto de escolher a faca de Mindinho.

O *motivo* ainda lhe escapava. *Simples crueldade talvez?* O sobrinho tinha disso em abundância. Só com grande dificuldade Tyrion evitava vomitar todo o vinho que tinha bebido, urinar-se nos calções ou fazer ambas as coisas. Remexeu-se com desconforto. Devia ter segurado a língua no café da manhã. *O rapaz agora sabe que eu sei. A minha grande boca será a minha morte, juro.*

Os sete votos foram feitos, as sete bênçãos invocadas e as sete promessas trocadas. Quando a canção nupcial foi cantada e o desafio passou sem resposta, chegou a hora da troca dos mantos. Tyrion deslocou o peso de uma perna deformada para a outra, tentando ver entre o pai e o tio Kevan. *Se os deuses forem justos, Joff vai estragar tudo isso*. Assegurou-se de não olhar para Sansa, para o caso de a amargura estar visível nos seus olhos. *Devia ter se ajoelhado, diabos. Teria sido assim tão difícil dobrar esses seus rígidos joelhos Stark, permitindo que eu mantivesse alguma dignidade?*

Mace Tyrell removeu ternamente o manto de donzela da filha, enquanto Joffrey recebia o manto de noiva, dobrado, das mãos do irmão Tommen e o sacudia com um floreado. O rei rapaz era tão alto aos treze anos quanto a sua noiva aos dezesseis; não precisaria subir nas costas de um bobo. Envolveu Margaery em carmesim e ouro e inclinou-se para lhe prender o manto em volta do pescoço. E foi com essa facilidade que ela passou da proteção do pai para a do marido.

Mas quem a protegerá de Joff? Tyrion deu um olhar de relance ao Cavaleiro das Flores, que se encontrava junto dos outros membros da Guarda Real. *É melhor que mantenha a espada bem afiada, Sor Loras.*

– Com este beijo empenho o meu amor! – declarou Joffrey num tom retumbante. Quando Margaery ecoou as palavras, ele puxou-a para si e deu-lhe um longo e profundo beijo. Luzes arco-íris voltaram a dançar em volta da coroa do Alto Septão quando este declarou solenemente que Joffrey, das Casas Baratheon e Lannister, e Margaery, da Casa Tyrell, eram uma só carne, um só coração, uma só alma.

Ótimo, terminado. Voltemos agora para o maldito castelo para que eu possa dar uma mijada.

Sor Loras e Sor Meryn seguiram à frente da procissão que partiu do septo, trajando suas armaduras de escamas brancas e mantos de neve. Depois vinha o Príncipe Tommen, espalhando à frente do rei e da rainha pétalas de rosa que tirava de um cesto. Após o casal real seguiam a Rainha Cersei e Lorde Tyrell, atrás destes a mãe da rainha de braço dado com Lorde Tywin. Depois vinha a Rainha dos Espinhos, cambaleando com uma mão apoiada no braço de Sor Kevan Lannister e a outra em sua bengala, trazendo os guardas gêmeos logo atrás, para o caso de cair. Depois vinha Sor Garlan Tyrell e a senhora sua esposa, e por fim era a vez deles.

– Senhora. – Tyrion ofereceu o braço a Sansa.

Ela aceitou-o obedientemente, mas o anão conseguia sentir a rigidez da garota enquanto caminhavam juntos pelo corredor. Não o olhou nem uma vez.

Ouviu-os em aclamações lá fora antes mesmo de chegar às portas. A multidão amava tanto Margaery que estava até disposta a voltar a amar Joffrey. Ela pertencera a Renly, o belo e jovem príncipe que os amava tanto que tinha voltado da sepultura para salvá-los. E a prodigalidade de Jardim de Cima chegara com ela, fluindo do sul pela estrada de rosas. Os palermas não pareciam lembrar-se de que foi Mace Tyrell quem *fechou* a estrada de rosas para começar, e quem gerou a maldita fome.

Saíram para o ar puro de outono.

– Temi que nunca conseguíssemos fugir – gracejou Tyrion.

Sansa não teve alternativa a olhá-lo.

– Eu... sim, senhor. É como diz. – Parecia triste. – Mas foi uma cerimônia tão bela.

Tanto quanto a nossa não foi.

– Foi longa, é o que tenho a dizer. Preciso voltar ao castelo para uma boa mijada. – Tyrion esfregou o que lhe restava de nariz. – Gostaria de ter inventado uma missão qualquer que me levasse para fora da cidade. O Mindinho é que foi esperto.

Joffrey e Margaery estavam rodeados pela Guarda Real no topo

dos degraus que davam para a grande praça de mármore. Sor Addam e seus homens de manto dourado mantinham a multidão afastada, enquanto a estátua do Rei Baelor, o Abençoado, os fitava com benevolência. Tyrion não teve alternativa exceto juntar-se à fila, com os demais, para dar os parabéns ao casal. Beijou os dedos de Margaery e desejou-lhe todas as felicidades. Felizmente, havia outras pessoas atrás deles esperando sua vez, e não precisaram demorar muito tempo.

A liteira tinha ficado ao sol, e dentro fazia muito calor. Quando entraram em movimento, Tyrion reclinou-se sobre um cotovelo e Sansa sentou-se, de olhos fixos nas mãos. *Ela é tão bonita quanto a garota Tyrell*. Os cabelos eram de um rico ruivo outonal; os olhos, de um profundo azul Tully. A mágoa tinha lhe dado um aspecto assombrado e vulnerável; isso a tornava ainda mais bela. Desejou chegar até ela, atravessar a armadura de sua cortesia. Teria sido isso que o fez falar? Ou só a necessidade de se distrair da bexiga cheia?

– Tenho andado pensando que, quando as estradas estiverem de novo seguras, podíamos fazer uma viagem a Rochedo Casterly. – *Para longe de Joffrey e da minha irmã*. Quanto mais pensava no que Joff tinha feito ao *Vidas dos quatro reis*, mais perturbado se sentia. *Havia uma mensagem ali, ah, sim*. – Adoraria mostrar-lhe a Galeria Dourada, a Boca do Leão e o Salão dos Heróis, onde Jaime e eu brincávamos quando crianças. Pode-se ouvir o trovão vindo de baixo, de onde o mar entra...

Ela levantou lentamente a cabeça. Sabia o que a garota estava vendo; a testa brutal e inchada, o toco em carne viva do nariz, a cicatriz cor-de-rosa e irregular e os olhos desiguais. Os olhos dela eram grandes, azuis e vazios.

– Irei aonde quer que o senhor meu esposo desejar.

– Esperava que pudesse agradá-la, senhora.

– Será do meu agrado agradar ao meu senhor.

A boca dele comprimiu-se. *Que homenzinho patético você é. Achava que tagarelar a respeito da Boca do Leão iria fazê-la sorrir? Quando foi que fez uma mulher sorrir sem ser por ouro?*

– Não, foi uma ideia tola. Só um Lannister pode amar o Rochedo.

– Sim, senhor. Como desejar.

Tyrion ouvia os plebeus gritarem o nome do Rei Joffrey. *Daqui a três anos esse rapaz cruel será um homem e governará sozinho... e qualquer anão com metade dos miolos funcionando estará muito longe de Porto Real*. Talvez em Vilavelha. Ou até nas Cidades Livres. Sempre desejou muito ver o Titã de Bravos. *Isso talvez agradasse a Sansa*. Em tom gentil, falou de Bravos, e encontrou uma muralha de taciturna cortesia tão gelada e inflexível como a Muralha por onde caminhara uma vez no norte. Isso o deixou fatigado. Naquela ocasião e agora.

Passaram o resto da viagem em silêncio. Após algum tempo,

Tyrion viu-se esperando que Sansa dissesse alguma coisa, fosse o que fosse, a mais insignificante das palavras, mas ela não falou. Quando a liteira parou no pátio do castelo, permitiu que um dos palafreneiros a ajudasse a descer.

– Somos esperados no banquete dentro de uma hora, senhora. Irei encontrá-la em breve. – Afastou-se sobre pernas duras. Ouviu as gargalhadas sem fôlego de Margaery do outro lado do pátio enquanto Joffrey a tirava da sela. *Um dia o rapaz será tão alto e forte quanto Jaime*, pensou. *E eu continuarei a ser um anão debaixo de seus pés. E um dia é bem capaz de me deixar ainda mais curto...*

Descobriu uma latrina e suspirou, grato, enquanto se aliviava do vinho da manhã. Havia momentos em que uma mijada era tão boa quanto uma mulher, e aquele era um deles. Gostaria de conseguir se aliviar das dúvidas e das culpas com metade daquela facilidade.

Podrick Payne esperava-o à porta de seus aposentos.

– Preparei o seu gibão novo. Aqui não. Na sua cama. No quarto.

– Sim, é lá que fica a cama. – Sansa devia estar lá, vestindo-se para o banquete. *E Shae também*. – Vinho, Pod.

Tyrion bebeu-o no banco que ficava ao lado da janela, matutando enquanto observava o caos das cozinhas lá embaixo. O sol ainda não tinha tocado o topo da muralha do castelo, mas já sentia o cheiro de pães e de carnes assando. Os convidados começariam em breve a entrar em torrente na sala do trono, cheios de expectativa; aquela seria uma noite de canções e esplendor, planejada não só para unir Jardim de Cima e Rochedo Casterly, mas também para proclamar poderio e riqueza, como lição para todos os que pudessem ainda pensar em se opor ao domínio de Joffrey.

Mas quem seria suficientemente louco para se opor agora ao domínio de Joffrey, depois daquilo que sucedera com Stannis Baratheon e Robb Stark? Ainda se lutava nas terras fluviais, mas por todos os lados os nós se apertavam. Sor Gregor Clegane tinha atravessado o Tridente e capturado o vau rubi, para em seguida tomar Harrenhal quase sem esforço. Guardamar rendeu-se ao Walder Negro Frey, Lorde Randyll Tarly dominava Lagoa da Donzela, Valdocaso e a estrada do rei. No ocidente, Sor Daven Lannister uniu-se a Sor Forley Prester no Dente Dourado para marchar sobre Correrrio. Sor Ryman Frey descia das Gêmeas à frente de dois mil lanceiros para se juntar a eles. E Paxter Redwyne dizia que a sua frota zarparia em breve da Árvore, a fim de dar início à longa viagem em volta de Dorne e através dos Degraus. Os piratas lisenos de Stannis ficariam numa inferioridade numérica de dez para um. A luta que os meistres andavam chamando de Guerra dos Cinco Reis estava praticamente no fim. Mace Tyrell foi ouvido se queixando de que Lorde Tywin não tinha deixado vitórias para ele.

– Senhor? – Pod encontrava-se ao seu lado. – Irá trocar de roupa? Preparei o gibão. Na sua cama. Para o banquete.

– Banquete? – disse Tyrion, ácido. – Que banquete?

– O banquete de casamento. – Pod não entendeu o sarcasmo, claro. – O Rei Joffrey e a Senhora Margaery. Rainha Margaery, quer dizer.

Tyrion decidiu ficar muito, muito bêbado naquela noite.

– Muito bem, jovem Podrick, vamos lá me deixar festivo.

Shae estava ajudando Sansa com os cabelos quando entraram no quarto. *Alegria e dor*, pensou o anão quando as contemplou juntas. *Riso e lágrimas*. Sansa usava um vestido de cetim prateado debruado com veiro, com mangas pendentes que quase tocavam o chão, forradas de suave feltro roxo. Shae tinha arrumado os cabelos artisticamente em uma delicada rede de prata que reluzia com pedras preciosas de um tom escuro de púrpura. Tyrion nunca a vira mais adorável, mas ostentava a mágoa naquelas longas mangas de cetim.

– Senhora Sansa – disse-lhe –, esta noite será a mais bela senhora no salão.

– O senhor é bondoso demais.

– Senhora – disse Shae em tom desejoso. – Eu não poderia ir servir às mesas? Quero tanto ver os pombos saírem voando da torta.

Sansa olhou-a com incerteza.

– A rainha escolheu todos os criados.

– E o salão estará muito cheio de gente. – Tyrion teve de reprimir o aborrecimento. – Mas haverá músicos por todo o castelo, e mesas no pátio exterior com comida e bebida para todos. – Inspecionou o seu gibão novo, de veludo carmesim com ombros almofadados e mangas bufantes com cortes que mostravam o cetim negro que tinham por baixo. *Um belo traje. Tudo o que precisa é de um belo homem para vesti-lo*. – Venha, Pod, ajude-me a entrar nisto.

Bebeu outra taça de vinho enquanto se vestia, e então tomou a esposa pelo braço e acompanhou-a para fora da Fortaleza das Cozinhas, a fim de se juntarem ao rio de seda, cetim e veludo que fluía para a sala do trono. Alguns convidados já tinham ocupado seus lugares nos bancos. Outros zanzavam diante das portas, aproveitando o calor fora de época da tarde. Tyrion desfilou com Sansa em volta do pátio, a fim de cumprir as cortesias da praxe.

Ela é boa nisso, pensou, enquanto a observava dizer ao Lorde Gyles que sua tosse parecia melhor, elogiar Elinor Tyrell pelo vestido e interrogar Jalabhar Xho acerca dos costumes nupciais das Ilhas do Verão. O primo de Tyrion, Sor Lancel, havia sido trazido para baixo por Sor Kevan, era a primeira vez que deixava a cama desde a batalha. *Tem um aspecto horrível*. Os cabelos de Lancel tinham se tornado brancos e quebradiços, e ele estava magro como um espeto. Se não

tivesse o pai ao seu lado para mantê-lo em pé, certamente teria tombado no chão. Mas quando Sansa elogiou sua bravura e disse como era bom vê-lo ganhando forças de novo, tanto Lancel como Sor Kevan resplandeceram. *Ela teria sido uma boa rainha e uma esposa ainda melhor para Joffrey se ele tivesse tido o bom-senso de amá-la*. Perguntou a si mesmo se o sobrinho seria capaz de amar alguém.

– Seu visual está muito requintado, filha – disse a Senhora Olenna Tyrell a Sansa quando se aproximou deles em seu passo titubeante, trajando um vestido de pano de ouro que devia pesar mais do que ela. – Mas o vento desmanchou seus cabelos. – A pequena velha esticou-se e ocupou-se com as madeixas soltas, voltando a colocá-las no lugar e endireitando a rede para cabelo de Sansa. – Fiquei muito triste quando soube de suas perdas – disse enquanto remexia e repuxava. – Seu irmão era um horrível traidor, eu sei, mas se começarmos a matar homens em bodas, eles ficarão com ainda mais medo do casamento do que já têm. Pronto, assim está melhor. – A Senhora Olenna sorriu. – Tenho o prazer de dizer que parto para Jardim de Cima depois de amanhã. Já estou por aqui desta cidade malcheirosa, muito obrigada. Talvez queira me acompanhar para uma pequena visita, enquanto os homens estão longe entretidos com a guerra deles? Vou sentir uma falta tão terrível de minha Margaery, e de todas as suas adoráveis senhoras. Sua companhia seria um conforto tão querido.

– É gentil demais, senhora – disse Sansa –, mas o meu lugar é junto do senhor meu esposo.

A Senhora Olenna concedeu a Tyrion um sorriso enrugado e desdentado.

– Oh? Perdoe uma velha tonta, senhor, não pretendi roubar a sua adorável esposa de você. Assumi que estaria longe, liderando uma tropa Lannister contra um inimigo malvado qualquer.

– Uma tropa de dragões e veados. O mestre da moeda tem de permanecer na corte para garantir que todos os exércitos sejam pagos.

– Com certeza. Dragões e veados, é muito inteligente. E também a moeda do anão. Já ouvi falar dessa moeda do anão. Sem dúvida que coletá-la é uma ocupação *tão* desagradável.

– Deixo a outros a coleta, senhora.

– Ah, deixa? Eu pensava que gostaria de tratar disso em pessoa. Não podemos admitir que a Coroa seja espoliada de sua moeda do anão. Podemos?

– Que os deuses não o permitam. – Tyrion começava a perguntar a si mesmo se Lorde Luthor Tyrell não teria cavalgado falésia abaixo intencionalmente. – Se nos perdoar, Senhora Olenna, é hora de ocuparmos nosso lugar.

– E eu também. Setenta e sete pratos, certamente. Não acha que isso é um pouco *excessivo*, senhor? Eu não comerei mais do que três ou

quatro garfadas, mas nós dois somos muito pequenos, não somos? – voltou a dar palmadinhas nos cabelos de Sansa e disse: – Bem, vá lá, filha, e tente se mostrar mais alegre. Onde se meteram os meus guardas? Esquerdo, Direito, onde estão? Venham me ajudar a subir para o estrado.

Embora o anoitecer ainda estivesse a uma hora de distância, a sala do trono já estava um esplendor de luz, com tochas ardendo em todas as arandelas. Os convidados alinhavam-se, em pé, ao longo das mesas, enquanto arautos gritavam nome e títulos dos senhores e senhoras que faziam sua entrada. Pajens com a libré real escoltavam-nos pelo largo corredor central. A galeria encontrava-se repleta de músicos; tambores, flautistas e rabequeiros, corda, sopro e percussão.

Tyrion pegou no braço de Sansa e fez a caminhada num passo pesado e bamboleante. Sentia os olhos postos nele, espiando a nova cicatriz que o tinha deixado ainda mais feio do que já era. *Que olhem*, pensou enquanto saltava para a cadeira. *Que me encarem e que murmurem até se fartarem, não me esconderei por causa deles*. A Rainha dos Espinhos seguiu-o, avançando com passinhos minúsculos. Tyrion perguntou a si mesmo qual dos dois pareceria mais absurdo, ele com Sansa ou a mulherzinha encarquilhada entre seus guardas gêmeos de dois metros e dez de altura.

Joffrey e Margaery entraram na sala do trono montados em cavalos brancos combinando. Pajens corriam à frente deles, espalhando pétalas de rosa sob os cascos. O rei e a rainha também tinham se trocado para o banquete. Joffrey usava calções com listras negras e carmesim e um gibão de pano de ouro com mangas de cetim negro e rebites de ônix. Margaery trocou o vestido recatado que tinha usado no septo por outro muito mais revelador, um traje de samito verde-claro com um corpete em renda miúda que lhe desnudava os ombros e a parte superior de seus pequenos seios. Soltos, os suaves cabelos castanhos caíam sobre seus ombros brancos e desciam pelas costas quase até a cintura. Na testa trazia uma esguia coroa de ouro. Seu sorriso era tímido e doce. *Uma garota adorável*, pensou Tyrion, *e um destino mais gentil do que o que o meu sobrinho merece.*

A Guarda Real escoltou-os até o estrado, até os lugares de honra à sombra do Trono de Ferro, envolto para a ocasião em longas flâmulas do dourado Baratheon, do carmesim Lannister e do verde Tyrell. Cersei abraçou Margaery e beijou suas bochechas. Lorde Tywin fez o mesmo, e o mesmo fizeram Lancel e Sor Kevan. Joffrey recebeu beijos de carinho do pai da noiva e de seus dois novos irmãos, Loras e Garlan. Ninguém pareceu muito ansioso por beijar Tyrion. Depois do rei e da rainha ocuparem seus lugares, o Alto Septão levantou-se para comandar uma prece. *Pelo menos não é tão monótono quanto o último*, pensou Tyrion, consolando-se.

Ele e Sansa tinham sido postos em lugares distantes à direita do rei, ao lado de Sor Garlan Tyrell e de sua esposa, a Senhora Leonette. Havia uma dúzia de outros convivas sentados mais perto de Joffrey, o que um homem mais suscetível teria tomado como uma afronta, dado ter sido Mão do Rei não muito tempo antes. Tyrion teria se sentido contente se esses convivas tivessem sido cem.

– Que as taças sejam enchidas! – proclamou Joffrey, depois que os deuses receberam o que lhes era devido. Seu copeiro despejou um jarro inteiro de escuro tinto da Árvore no cálice nupcial de ouro que Lorde Tyrell lhe dera naquela manhã. O rei teve de usar ambas as mãos para erguê-lo. – *À minha esposa, a rainha!*

– *Margaery!* – gritou o salão em resposta. – *Margaery! Margaery! À rainha!* – Mil taças retiniram umas nas outras e o banquete nupcial teve o seu verdadeiro início. Tyrion Lannister bebeu com os outros, esvaziando a taça naquele primeiro brinde e fazendo sinal para que voltassem a enchê-la assim que se sentou de novo.

O primeiro prato era uma sopa cremosa de cogumelos e caracóis na manteiga, servida em tigelas douradas. Tyrion quase não tocara no café da manhã, e o vinho já tinha lhe subido à cabeça, por isso a comida era bem-vinda. Terminou depressa. *Um já era, faltam setenta e seis. Setenta e sete pratos, enquanto ainda há crianças passando fome nesta cidade, e homens capazes de matar por um rabanete. Poderiam amar bem menos os Tyrell se nos vissem agora.*

Sansa provou uma colherada de sopa e afastou a tigela.

– Não lhe agrada, senhora? – perguntou Tyrion.

– Haverá tanta coisa, senhor. Tenho uma barriga pequena. – Remexeu nervosamente nos cabelos e olhou ao longo da mesa para onde Joffrey se encontrava com a sua rainha Tyrell.

Será que desejaria estar no lugar de Margaery? Tyrion franziu a testa. *Até uma criança devia ter mais juízo*. Afastou os olhos, procurando uma distração, mas para onde quer que olhasse via mulheres; boas, lindas, felizes e belas mulheres que pertenciam a outros homens. Margaery, claro, sorria com doçura enquanto partilhava com Joffrey uma bebida vinda do cálice de sete lados. Sua mãe, a Senhora Alerie, grisalha e bonita, ainda orgulhosa ao lado de Mace Tyrell. As três jovens primas da rainha, vivas como passarinhos. A esposa myresa de Lorde Merryweather, com seus cabelos negros e seus grandes olhos, negros e provocantes. Ellaria Sand entre os dorneses (Cersei colocara-os numa mesa só para eles, logo abaixo do estrado, num lugar de grande honra, mas tão longe dos Tyrell quanto a largura do salão permitia), rindo de qualquer coisa que a Víbora Vermelha havia lhe dito.

E havia uma mulher, sentada quase na ponta da terceira mesa da esquerda... a esposa de um dos Fossoway, achava ele, e bem grávida

do filho dele. Sua delicada beleza não era em nada diminuída pela barriga, e o prazer que obtinha da comida e dos divertimentos também não. Tyrion observou-a enquanto o marido lhe oferecia pedacinhos de seu prato. Bebiam da mesma taça e beijavam-se com frequência e imprevisivelmente. Sempre que o faziam, a mão dele pousava com gentileza no estômago dela, num gesto terno e protetor.

Perguntou a si mesmo o que Sansa faria se ele se debruçasse e a beijasse naquele exato momento. *O mais certo seria recuar*. Ou armar-se de coragem e aguentar, cumprindo o seu dever. *Não se pode dizer que esta minha esposa não seja cumpridora de seu dever*. Se lhe dissesse que queria romper sua virgindade esta noite, ela aguentaria isso obedientemente e não choraria mais do que tivesse de chorar.

Pediu mais vinho. Quando o obteve, o segundo prato estava sendo servido, uma fôrma feita de massa de torta e cheia de carne de porco, pinhões e ovos. Sansa não comeu mais do que uma de suas garfadas, enquanto os arautos anunciavam o primeiro dos sete cantores.

Hamish, o Harpista, de barba grisalha, anunciou que iria tocar "pros ouvidos de deuses e homens uma canção nunca antes ouvida em todos os Sete Reinos". Chamou-a de "A cavalgada de Lorde Renly".

Os dedos do homem moveram-se pelas cordas da harpa vertical, enchendo a sala do trono com um som doce.

– *Do seu trono de ossos o Senhor da Morte olhou o lorde assassinado* – começou Hamish, e prosseguiu contando o modo como Renly, arrependendo-se de sua tentativa de usurpar a coroa do sobrinho, tinha desafiado o próprio Senhor da Morte e regressado à terra dos vivos para defender o reino contra o irmão.

E foi por isso que o pobre Symon acabou numa tigela de castanho, refletiu Tyrion. A Rainha Margaery lacrimejou no fim, quando a sombra do bravo Lorde Renly voou até Jardim de Cima para olhar uma última vez o rosto de seu verdadeiro amor.

– Renly Baratheon nunca se arrependeu de nada na vida – disse o Duende a Sansa –, mas se é para arriscar alguma coisa, diria que Hamish acabou de ganhar um alaúde dourado.

O Harpista também lhes ofereceu várias canções mais familiares. "Uma rosa de ouro" era para os Tyrell, sem dúvida, assim como "As chuvas de Castamere" se destinava a lisonjear o pai de Tyrion. "Donzela, mãe e velha" deliciou o Alto Septão, e "A senhora minha esposa" agradou a todas as mocinhas com romance no coração, e, sem dúvida, a alguns dos rapazinhos também. Tyrion escutou com meio ouvido, enquanto provava bolinhos fritos de milho doce e pão de aveia quente com pedaços de tâmara, maçã e laranja e roía a costela de um javali selvagem.

Daí em diante, os pratos e diversões sucederam-se uns aos outros numa profusão desconcertante, boiando numa enchente de vinho e

cerveja. Hamish deixou-os, e o seu lugar foi ocupado por um urso razoavelmente pequeno e idoso, que dançou desajeitadamente ao som de flautas e tambores, enquanto os convidados da boda comiam truta com uma crosta de purê de amêndoas. O Rapaz Lua subiu nas pernas de pau e começou a caminhar imponentemente em volta das mesas, perseguindo o Abetouro, o bobo ridiculamente gordo de Lorde Tyrell, e os senhores e as senhoras provaram garças assadas e empadões de queijo e cebolas. Uma trupe de malabaristas de Pentos executou estrelas e mortais, equilibrou bandejas nos pés descalços e formou uma pirâmide, apoiando-se nos ombros uns dos outros. Seus feitos foram acompanhados por caranguejos cozidos com ardentes especiarias orientais, tabuleiros cheios de nacos de carneiro guisado em leite de amêndoa com cenouras, passas e cebolas, e tortas de peixe recém-saídas dos fornos, servidas tão quentes que queimavam os dedos.

Então os arautos chamaram outro cantor; Collio Quaynis de Tyrosh, cuja barba ostentava um tom vermelho-alaranjado e cujo sotaque era tão ridículo como Symon garantira que seria. Collio começou com a sua versão de "A dança dos dragões", que era mais adequada como canção para dois cantores, um homem e uma mulher. Tyrion suportou-a com a dupla ajuda de uma perdiz com mel e gengibre e de várias taças de vinho. Uma balada insinuante sobre um casal de amantes moribundos no meio da Destruição de Valíria poderia ter agradado mais ao salão se Collio não a tivesse cantado em alto valiriano, língua que a maior parte dos convidados desconhecia. Mas "Bessa, a criada de bar" reconquistou-os com a sua letra libertina. Foram servidos pavões na sua plumagem, assados inteiros e recheados de tâmaras, enquanto Collio chamava um tambor, fazia uma profunda reverência perante Lorde Tywin e se lançava em "As chuvas de Castamere".

Se me obrigarem a ouvir sete versões daquilo, pode ser que desça à Baixada das Pulgas para pedir desculpas ao guisado. Tyrion virou-se para a esposa.

– Então, qual preferiu?

Sansa olhou-o, pestanejando.

– Senhor?

– Os cantores. Qual preferiu?

– Eu... lamento, senhor. Não estava ouvindo.

E também não estava comendo.

– Sansa, há alguma coisa errada? – falou sem pensar, e sentiu-se instantaneamente idiota. *Toda a família dela foi massacrada e está casada comigo, e eu não sei o que há de errado.*

– Não, senhor. – Afastou os olhos dele e fingiu um interesse pouco convincente no Rapaz Lua, que enchia Sor Dontos de tâmaras.

Quatro mestres piromantes conjuraram feras de chamas vivas para se atacarem umas às outras com garras ardentes enquanto os criados carregavam para o salão tigelas de blandissório, uma mistura de caldo de carne com vinho fervido adoçado com mel e salpicado de amêndoas descascadas e pedaços de capão. Então veio um grupo de flautistas ambulantes, cães amestrados e engolidores de espadas, com ervilhas na manteiga, nozes fatiadas e lascas de cisne escaldado num molho de açafrão e pêssegos.

– Cisne outra vez, não – resmungou Tyrion, lembrando-se do jantar com a irmã na véspera da batalha.

Um malabarista manteve meia dúzia de espadas e machados rodopiando no ar enquanto espetos de morcela eram trazidos ainda chiando para as mesas, uma justaposição que Tyrion achou bastante esperta, embora talvez não do melhor dos gostos.

Os arautos sopraram as suas trombetas.

– Para cantar pelo alaúde dourado – gritou um deles – apresentamos Galyeon de Cuy.

Galyeon era um grande homem, com o peito em forma de barril, barba negra, cabeça calva e uma voz trovejante que enchia cada canto da sala do trono. Trouxe nada menos que seis músicos para tocar para ele.

– Nobres senhores e belas senhoras, não cantarei mais do que uma canção para vocês esta noite – anunciou. – É a canção da Água Negra e de como um reino foi salvo. – O tambor começou num ritmo lento e agourento.

– *O negro lorde cismou, no topo de sua torre* – começou Galyeon – *num castelo tão negro como a noite*.

– *Negro eram seus cabelos e negra a sua alma* – entoaram os músicos em uníssono. Uma flauta juntou-se à melodia.

– *Alimentava-se de sangue e inveja, e enchia a taça até transbordar de rancor* – cantou Galyeon. – *Meu irmão governou sete reinos, disse à bruxa da esposa. Tomarei o que era seu e vou torná-lo meu. Que o seu filho sinta o gume de minha adaga.*

– *Um jovem bravo com cabelos de ouro* – entoaram os músicos, enquanto uma harpa de mão e uma rabeca começavam a tocar.

– Se algum dia voltar a ser Mão, a primeira coisa que faço é enforcar todos os cantores – disse Tyrion, alto demais.

A Senhora Leonette soltou uma leve gargalhada ao seu lado, e Sor Garlan debruçou-se para dizer:

– Um feito valente que não for cantado não será menos valente.

– *O lorde negro reuniu as legiões, rodearam-no como corvos fazendo-o feliz. E sedentos de sangue embarcaram nos navios...*

– ... e do pobre Tyrion cortaram o nariz – concluiu Tyrion.

A Senhora Leonette soltou um risinho.

– Talvez devesse ser um cantor, senhor. Rima tão bem quanto este Galyeon.

– Não, senhora – disse Sor Garlan. – O senhor de Lannister está destinado a realizar grandes feitos, não a cantar a respeito deles. Se não fosse a sua corrente e o seu fogovivo, o inimigo teria atravessado o rio. E se os selvagens de Tyrion não tivessem matado a maior parte dos batedores de Lorde Stannis, nunca teríamos sido capazes de pegá-los desprevenidos.

Aquelas palavras fizeram com que Tyrion se sentisse absurdamente grato, e ajudaram a apaziguá-lo enquanto Galyeon cantava intermináveis versos sobre o valor do rei rapaz e de sua mãe, a rainha dourada.

– Ela não fez isso – exclamou Sansa de repente.

– Nunca acredite em nada que ouça numa canção, senhora. – Tyrion chamou um criado para voltar a encher de vinho suas taças.

Já era noite cerrada do lado de fora das grandes janelas, e Galyeon continuava a cantar. Sua canção tinha setenta e sete versos, embora parecesse ter mil. *Um para cada conviva presente no salão*. Tyrion aguentou os últimos vinte e tantos bebendo, para ajudar a resistir à vontade de enfiar cogumelos nos ouvidos. Quando o cantor finalmente fez as suas vênias, alguns dos convidados estavam suficientemente bêbados para começar a apresentar seus próprios divertimentos involuntários. O Grande Meistre Pycelle adormeceu, enquanto dançarinos das Ilhas do Verão giravam e rodopiavam com vestimentas feitas de penas brilhantes e seda esfumaçada. Medalhões de alce recheados com queijo mofado maduro estavam sendo servidos quando um dos cavaleiros de Lorde Rowan apunhalou um dornês. Os homens de manto dourado arrastaram ambos para fora da sala, um para apodrecer numa cela e o outro para ser cosido pelo Meistre Ballabar.

Tyrion brincava com o bolo de carne de porco cozido em leite e temperado com canela, cravo, açúcar e leite de amêndoa, quando o Rei Joffrey se levantou subitamente.

– *Tragam os meus reais cavaleiros!* – gritou, numa voz pesada de vinho, batendo as mãos.

Meu sobrinho está mais bêbado do que eu, pensou Tyrion enquanto os homens de manto dourado abriam as grandes portas no fundo do salão. Do local em que se encontrava sentado só conseguia ver o topo de duas lanças listradas quando dois homens a cavalo entraram lado a lado. Uma onda de gargalhadas seguiu-os pelo corredor central, na direção do rei. *Devem vir montados em pôneis*, concluiu... até surgirem à sua vista.

Os cavaleiros eram um par de anões. Um montava um feio cão cinzento, de pernas longas e maxilas pesadas. O outro montava uma

imensa porca malhada. Armaduras de madeira pintada chocalhavam e estalavam enquanto os pequenos cavaleiros eram sacudidos para cima e para baixo em suas celas. Os escudos eram maiores do que eles e lutavam intrepidamente com as lanças enquanto avançavam, balançando de um lado para o outro e trazendo à tona rajadas de humor. Um cavaleiro vinha todo de dourado, com um veado negro pintado no escudo; o outro usava cinza e branco e trazia como símbolo um lobo. As montarias vinham albardadas da mesma forma.

Tyrion relanceou pelo estrado, para todos os rostos sorridentes. Joffrey estava vermelho e sem fôlego, Tommen gritava, aos saltos na cadeira, Cersei soltava risinhos polidos, e até Lorde Tywin parecia moderadamente estar se divertindo. De todos os que estavam sentados à mesa elevada, só Sansa Stark não sorria. Poderia tê-la amado por isso, mas na verdade os olhos da garota Stark encontravam-se longe, como se nem sequer tivesse visto os ridículos cavaleiros saltitando em sua direção.

Os anões não têm culpa, decidiu Tyrion. *Quando terminarem, vou elogiá-los e dar uma gorda bolsa de prata a eles. E ao chegar a manhã, descobrirei quem planejou esta pequena diversão e tratarei de arranjar uma forma diferente de agradecer.*

Quando os anões frearam as montarias sob o estrado para saudar o rei, o cavaleiro do lobo deixou o escudo cair. Ao inclinar-se para apanhá-lo, o cavaleiro do veado perdeu o controle de sua pesada lança e atingiu-o nas costas. O cavaleiro do lobo caiu da porca, e sua lança tombou e deu uma traulitada na cabeça do adversário. Ambos acabaram no chão, numa grande confusão. Quando se ergueram, ambos tentaram montar o cão. Seguiram-se muitos gritos e empurrões. Por fim, reconquistaram as selas, só que um montado no corcel do outro, segurando o escudo errado e virados para trás.

Levou algum tempo para ajeitarem as coisas, mas por fim esporearam as montarias, dirigiram-se às extremidades opostas do salão e viraram-se para a justa. Enquanto os senhores e as senhoras soltavam gargalhadas e risinhos, os pequenos homens colidiram com estrondo e tinido, e a lança do cavaleiro do lobo atingiu o elmo do cavaleiro do veado, fazendo sua cabeça saltar. Esta rodopiou pelo ar, espalhando sangue, e foi aterrissar no colo de Lorde Gyles. O anão sem cabeça começou a cambalear ao redor das mesas, agitando os braços. Cães ladraram, mulheres gritaram, e o Rapaz Lua deu um grande espetáculo, oscilando de um lado para o outro sobre suas pernas de pau, até que Lorde Gyles tirou um melão vermelho pingando de dentro do elmo despedaçado, no mesmo momento em que o cavaleiro do veado tirou a cabeça para fora da armadura, e outra tempestade de risos sacudiu o salão. Os cavaleiros esperaram que terminasse, rodearam-se um ao outro trocando coloridos insultos

e estavam prestes a se separar para outra justa quando o cão atirou seu cavaleiro ao chão e montou a porca. O enorme animal guinchou de aflição, enquanto os convidados da boda guinchavam de riso, redobrado quando o cavaleiro do veado saltou para cima do cavaleiro do lobo, despiu seus calções de madeira e começou a se sacudir freneticamente de encontro às partes baixas do outro.

– Rendo-me, rendo-me – gritou o anão de baixo. – Bom sor, guarde a espada!

– Guardaria, guardaria, se parasse de mexer a bainha! – respondeu o anão de cima, para divertimento geral.

Vinho jorrava de ambas as narinas de Joffrey. Arfando, pôs-se em pé com dificuldade, quase derrubando seu grande cálice de duas mãos.

– Um campeão – gritou. – Temos um campeão! – O salão começou a ficar em silêncio quando os convidados perceberam que o rei estava falando. Os anões separaram-se, sem dúvida à espera dos agradecimentos reais. – Mas não é um *verdadeiro* campeão – disse Joff. – Um verdadeiro campeão derrota *todos* aqueles que o desafiam. – O rei subiu para cima da mesa. – Quem mais desafiará o nosso minúsculo campeão? – com um sorriso cheio de satisfação, virou-se para Tyrion. – *Tio!* Você irá defender a honra do meu reino, não é verdade? Pode montar o porco!

As gargalhadas estouraram sobre ele como uma onda. Tyrion Lannister não lembrava de ter se levantado, nem de ter subido na cadeira, mas deu por si empoleirado na mesa. O salão era uma mancha de rostos maliciosos, iluminada pelos archotes. Torceu o rosto na mais hedionda caricatura de um sorriso que os Sete Reinos já tinham visto.

– Vossa Graça – gritou –, eu montarei o porco... mas só se o senhor montar o cão!

Joff franziu a testa, confuso.

– Eu? Eu não sou nenhum anão. Por que eu?

Meteu o pé direitinho na argola, Joff.

– Ora, é o único homem presente no salão que eu tenho a certeza de derrotar!

Não poderia dizer o que era mais agradável; o instante de silêncio chocado, o vendaval de gargalhadas que se seguiu, ou a expressão de fúria cega no rosto do sobrinho. O anão voltou ao chão com um salto, bastante satisfeito, e, quando olhou novamente, Sor Osmund e Sor Meryn estavam ajudando Joff a descer também. Quando viu que Cersei o fulminava com o olhar, Tyrion soprou-lhe um beijo.

Foi um alívio quando os músicos começaram a tocar. Os minúsculos cavaleiros levaram o cão e a porca para fora do salão, os convidados retornaram aos seus tabuleiros de bolo de carne de porco e Tyrion pediu outra taça de vinho. Mas de repente sentiu a mão de Sor

Garlan em sua manga.

– Senhor, atenção – avisou o cavaleiro. – O rei.

Tyrion virou-se na cadeira. Joffrey estava quase em cima dele, rubro e cambaleante, fazendo saltar vinho sobre a borda do grande cálice nupcial dourado que carregava com ambas as mãos.

– Vossa Graça – foi tudo que teve tempo de dizer antes de o rei virar o cálice sobre a sua cabeça. O vinho caiu sobre seu rosto numa torrente vermelha. Empapou seu cabelo, fez seus olhos arderem, queimou seu ferimento, escorreu por suas bochechas e ensopou o veludo de seu gibão novo.

– O que acha disso, Duende? – escarneceu Joffrey.

Os olhos de Tyrion estavam em fogo. Esfregou várias vezes o rosto com a parte de trás da manga e, piscando, tentou devolver clareza ao mundo.

– Isso não foi correto, Vossa Graça – ouviu Sor Garlan dizer em voz baixa.

– De modo algum, Sor Garlan. – Tyrion não se atrevia a deixar que aquilo ficasse ainda mais feio do que já estava, não ali, com metade do reino como testemunha. – Não é um rei qualquer que pensaria em honrar um humilde súdito servindo-o do seu próprio cálice real. Uma pena que o vinho tenha se derramado.

– Não se *derramou* – disse Joffrey, dotado de demasiada deselegância para aceitar a retratação que Tyrion tinha lhe oferecido. – E também não o estava *servindo*.

A Rainha Margaery surgiu de repente junto do cotovelo de Joffrey.

– Meu querido rei – rogou a moça Tyrell –, venha, volte ao seu lugar, há outro cantor à espera.

– Alaric de Eysen – disse a Senhora Olenna Tyrell, apoiando-se na bengala e sem prestar mais atenção no anão encharcado de vinho do que a neta havia prestado. – Tenho tanta esperança de que ele toque "As chuvas de Castamere" para nós. Já se passou uma hora, esqueci-me da melodia.

– Além disso, Sor Addam quer fazer um brinde – disse Margaery. – Vossa Graça, por favor.

– Não tenho vinho – declarou Joffrey. – Como é que posso fazer um brinde se não tenho vinho? Tio Duende, pode me servir. Uma vez que não quer justar, será o meu copeiro.

– Será uma honra.

– Não é para ser uma honra! – gritou Joffrey. – Dobre-se e pegue o meu cálice. – Tyrion fez o que lhe foi pedido, mas ao estender a mão para a alça, Joff chutou o cálice por entre suas pernas. – *Pegue-o*! Será que é tão desastrado quanto feio? – teve de se enfiar debaixo da mesa para achar aquela coisa. – Ótimo, agora encha-o com vinho. – Pegou

um jarro que uma criada transportava e encheu a taça até três quartos. – Não, de joelhos, anão. – Ajoelhando, Tyrion ergueu a pesada taça, perguntando a si mesmo se estaria prestes a tomar um segundo banho. Mas Joffrey pegou o cálice nupcial com uma só mão, bebeu longamente e apoiou-o na mesa. – Agora pode se levantar, tio.

Sentiu cãibras nas pernas ao tentar se erguer, e quase voltou a cair. Tyrion teve de se agarrar a uma cadeira para se firmar. Sor Garlan estendeu-lhe uma mão. Joffrey riu, e Cersei também. Depois foram outros. Não viu quem, mas ouviu-os.

– Vossa Graça – a voz de Lorde Tywin estava impecavelmente correta. – A torta está chegando. Sua espada é necessária.

– A torta? – Joffrey pegou na mão de sua rainha. – Venha, senhora, é a torta.

Os convidados ficaram em pé, gritando, aplaudindo e batendo as taças de vinho umas nas outras enquanto a grande torta avançava lentamente ao longo da extensão do salão, empurrada por meia dúzia de radiantes cozinheiros. Tinha dois metros de largura, uma crosta e um tom dourado de marrom, e ouviam-se guinchos e batidas vindos lá de dentro.

Tyrion voltou a subir na cadeira. Tudo que lhe faltava agora era que uma pomba cagasse em cima dele para que o dia ficasse completo. O vinho tinha atravessado o gibão e as roupas de baixo, e sentia a umidade contra a pele. Devia trocar de roupa, mas não era permitido a ninguém abandonar o banquete até chegar a hora de levar os noivos para a cama. Calculou que isso ainda estivesse a uns vinte ou trinta pratos de distância.

O Rei Joffrey e sua rainha dirigiram-se à torta, colocada diante do estrado. Quando Joff puxou a espada, Margaery apoiou uma mão em seu braço para detê-lo.

– A Lamento da Viúva não se destina a cortar tortas.

– É verdade. – Joffrey ergueu a voz. – Sor Ilyn, a sua espada!

Das sombras do fundo do salão surgiu Sor Ilyn Payne. *O espectro no festim*, pensou Tyrion enquanto observava o Magistrado do Rei avançar, descarnado e sombrio. Era novo demais para ter conhecido Sor Ilyn antes de perder a língua. *Teria sido um homem diferente nesse tempo, mas agora o silêncio faz tanto parte dele como aqueles olhos vazios, aquela malha enferrujada e a espada longa que traz às costas*.

Sor Ilyn fez uma reverência perante o rei e a rainha, estendeu a mão por sobre o ombro e apresentou um metro e oitenta de ornamentada prata, cintilante de runas. Ajoelhou para oferecer a enorme lâmina a Joffrey, com o cabo para a frente; pontos de fogo vermelho piscaram dos olhos de rubi no botão, um pedaço de vidro de dragão esculpido em forma de uma caveira sorridente.

Sansa agitou-se na cadeira.

– Que espada é aquela?

Os olhos de Tyrion ainda ardiam por causa do vinho. Piscou e voltou a olhar. A espada de Sor Ilyn era tão longa e larga quanto Gelo, mas era brilhante e prateada demais; o aço valiriano possuía certa escuridão, uma espécie de fumaça em sua alma. Sansa agarrou seu braço.

– O que Sor Ilyn fez com a espada de meu pai?

Eu devia ter mandado Gelo de volta a Robb Stark, pensou Tyrion. Olhou de relance para o pai, mas Lorde Tywin observava o rei.

Joffrey e Margaery juntaram as mãos para erguer a espada e brandi-la, juntos, num arco prateado. Quando a crosta da torta se quebrou, as pombas jorraram num turbilhão de penas brancas, espalhando-se em todas as direções, dirigindo-se às janelas e às vigas. Um rugido de deleite ergueu-se dos bancos, e os rabequeiros e gaiteiros na galeria começaram a tocar uma melodia jovial. Joff tomou a noiva nos braços e fê-la girar alegremente.

Um criado colocou uma fatia quente de torta de pombo diante de Tyrion e cobriu-a com uma colherada de creme de limão. *Naquela* torta os pombos estavam bem e verdadeiramente cozidos, mas não os achou mais apetitosos do que os brancos que esvoaçavam pelo salão. Sansa também não comia.

– Está mortalmente pálida, senhora – disse Tyrion. – Precisa respirar um pouco de ar fresco e eu preciso de um gibão lavado. – Ergueu-se e ofereceu-lhe um braço. – Venha.

Mas antes de conseguirem se retirar, Joffrey voltou.

– Tio, aonde vai? É o meu copeiro, esqueceu?

– Preciso vestir um traje limpo, Vossa Graça. Posso ter a sua licença?

– Não. Gosto do aspecto que tem. Sirva-me o vinho.

O cálice do rei encontrava-se na mesa, onde ele o deixara. Tyrion teve de voltar a subir na cadeira a fim de alcançá-lo. Joff arrancou-o de suas mãos e bebeu longa e profundamente, com a garganta se agitando enquanto o vinho lhe escorria, purpúreo, pelo queixo.

– Senhor – disse Margaery –, devíamos regressar aos nossos lugares. Lorde Buckler quer fazer um brinde à nossa saúde.

– Meu tio não comeu sua torta de pombo. – Segurando o cálice com uma mão, Joff enfiou a outra na torta de Tyrion. – Não comer a torta traz má sorte – ralhou com ele enquanto enchia a boca com pombo quente e condimentado. – Está vendo? É boa. – Cuspindo flocos de crosta, tossiu e serviu-se de outro bocado. – Mas está seca. Precisa ser empurrada para baixo. – Joff bebeu um trago de vinho e voltou a tossir, com mais violência. – Quero ver, *cof*, como monta aquele, *cof cof*, porco, tio. Quero... – As suas palavras interromperam-se num ataque de tosse.

Margaery olhou-o com preocupação.

– Vossa Graça?

– É, *cof*, a torta, nad... *cof*, torta. – Joff bebeu outro gole, ou tentou, mas o vinho foi todo cuspido quando outro ataque de tosse o fez se dobrar. O rosto dele estava ficando vermelho. – Eu, *cof*, não consigo, *cof cof cof cof*... – O cálice escapou de sua mão e o escuro vinho tinto escorreu pelo estrado.

– Ele está sufocando – arquejou a Rainha Margaery.

A avó pôs-se ao seu lado.

– Ajudem o pobre rapaz! – guinchou a Rainha dos Espinhos, com uma voz que era dez vezes maior do que ela. – *Palermas!* Vão ficar todos aí de boca aberta? *Ajudem* o seu rei!

Sor Garlan afastou Tyrion com um empurrão e começou a bater nas costas de Joffrey. Sor Osmund Kettleblack rasgou o colarinho do rei. Um terrível som forte e agudo emergiu da garganta do rapaz, o som de um homem que tentava sugar um rio através de um caniço; então parou, e isso foi ainda mais terrível.

– Virem-no ao contrário! – berrou Mace Tyrrell para todos e para ninguém. – Virem-no ao contrário, sacudam-no pelos calcanhares!

Uma voz diferente estava gritando:

– Água, deem-lhe um pouco de *água!* – o Alto Septão começou a rezar ruidosamente. O Grande Meistre Pycelle gritou para alguém ajudá-lo a voltar aos seus aposentos, a fim de ir buscar as suas poções. Joffrey começou a arranhar a garganta, rasgando com as unhas fendas sangrentas na carne. Por baixo da pele, os músculos projetavam-se, duros como pedra. O Príncipe Tommen gritava e chorava.

Ele vai morrer, compreendeu Tyrion. Sentiu-se curiosamente calmo, embora o pandemônio se alastrasse por toda a sua volta. Estavam de novo batendo nas costas de Joff, mas o rosto dele só ficava mais escuro. Cães latiam, crianças berravam, homens gritavam conselhos inúteis uns aos outros. Metade dos convidados do casamento estava em pé, alguns empurrando-se para ver melhor, outros correndo para as portas na pressa de irem embora.

Sor Meryn abriu a boca do rei para lhe enfiar uma colher goela abaixo. Quando fez isso, os olhos do rapaz encontraram-se com os de Tyrion. *Ele tem os olhos de Jaime*. Porém nunca vira Jaime com uma expressão tão assustada. *O rapaz só tem treze anos*. Joffrey fazia um som seco, uma espécie de estalido, tentando falar. Seus olhos dilataram-se, brancos de terror, e ergueu uma mão... estendendo-a para o tio, ou apontando... *Estará me pedindo perdão, ou será que pensa que posso salvá-lo?*

– Nãããão – uivou Cersei – Pai, ajude-o, alguém o ajude, o meu filho, o meu *filho*...

Tyrion deu por si pensando em Robb Stark. *Em retrospectiva, o*

meu casamento está parecendo muito melhor. Tentou ver como Sansa estaria recebendo aquilo, mas a confusão no salão era tanta que não conseguiu encontrá-la. Mas seus olhos caíram sobre o cálice nupcial, esquecido no chão. Inclinou-se e apanhou-o. No fundo ainda havia um centímetro e meio de vinho de um profundo tom púrpura. Tyrion refletiu por um momento, e depois despejou-o no chão.

Margaery Tyrell chorava nos braços da avó enquanto a velha dizia: "Coragem, coragem". A maior parte dos músicos tinha fugido, mas o último flautista na galeria soprava uma canção triste. Nos fundos da sala do trono, uma balbúrdia tinha se instalado em volta das portas, e os convidados tropeçavam uns nos outros. Os homens de manto dourado de Sor Addam entraram para restaurar a ordem. Havia convidados que se precipitavam para a noite, alguns choravam, outros tropeçavam e vomitavam, outros estavam brancos de medo. Ocorreu tardiamente a Tyrion que talvez fosse sensato sair também.

Quando ouviu o grito de Cersei, soube que tinha chegado ao fim.

Eu devia sair. Já. Em vez disso bamboleou-se na direção da irmã.

Ela estava sentada numa poça de vinho, embalando o corpo do filho. Tinha o vestido rasgado e manchado, e o rosto branco como cal. Um cão negro e magro aproximou-se dela, farejando o cadáver de Joffrey.

– O rapaz está morto, Cersei – disse Lorde Tywin. Pousou a mão enluvada no ombro da filha enquanto um dos guardas enxotava o cão. – Largue-o. Deixe-o partir. – Ela não ouviu. Foram precisos dois homens da Guarda Real para desprender seus dedos de modo que o corpo do Rei Joffrey Baratheon deslizasse, sem forças e sem vida, para o chão.

O Alto Septão ajoelhou-se ao seu lado.

– Pai no Céu, julgue o nosso bom Rei Joffrey com justeza – entoou, dando início à prece pelos mortos. Margaery Tyrell desatou a soluçar, e Tyrion ouviu a mãe dela, Senhora Alerie, dizer:

– Ele engasgou-se, querida. Engasgou-se com a torta. Não teve nada a ver com você. Ele engasgou-se. Todos vimos.

– Ele não se engasgou. – A voz de Cersei era tão cortante quanto a espada de Sor Ilyn. – Meu filho foi envenenado. – Olhou para os cavaleiros brancos, em pé, impotentes, em volta dela. – Guarda Real, cumpra o seu dever.

– Senhora? – disse Sor Loras Tyrell, sem compreender.

– Prendam o meu irmão – ordenou-lhe. – Foi ele quem fez isto, o anão. Ele e a mulherzinha dele. Eles mataram o meu filho. *Levem-nos!* Levem os dois!

Sansa

Longe, do outro lado da cidade, um sino começou a repicar.

Sansa sentiu-se como se estivesse num sonho.

– Joffrey está morto – disse às árvores, para ver se isso a acordaria.

Não estava morto quando ela tinha abandonado a sala do trono. Mas estava de joelhos, arranhando a garganta, rasgando a própria pele enquanto lutava para respirar. A cena havia sido terrível demais para observar, e ela virou-se e fugiu, soluçando. A Senhora Tanda também tinha fugido.

– Tem um bom coração, senhora – disse para Sansa. – Não é qualquer donzela que choraria assim por um homem que a pôs de lado e a casou com um anão.

Um bom coração. Eu tenho um bom coração. Um riso histérico subiu por sua garganta, mas Sansa sufocou-o. Os sinos tocavam, lentos e fúnebres. Ressoando, ressoando, ressoando. Tinham tocado da mesma forma pelo Rei Robert. Joffrey estava morto, ele estava morto, estava morto, morto, morto. Estava chorando por quê, se o que queria era dançar? Seriam lágrimas de alegria?

Encontrou a roupa onde a escondera, na noite da antevéspera. Sem aias que a ajudassem, levou mais tempo do que devia desatando os cordões do vestido. Tinha as mãos estranhamente desajeitadas, embora não estivesse tão assustada como devia estar.

– Os deuses são cruéis por o levarem tão jovem e bonito, em seu próprio banquete de casamento – tinha dito a Senhora Tanda.

Os deuses são justos, pensou Sansa. Robb também morrera num banquete de casamento. Era por Robb que chorava. *Por ele e por Margaery*. Pobre Margaery, duas vezes casada e duas vezes viúva. Sansa tirou o braço de uma manga, empurrou o vestido para baixo e contorceu-se para fora dele. Enrolou-o numa bola, enfiou-o no tronco de um carvalho e puxou a roupa que ali escondera, sacudindo-a. *Vista roupa quente*, Sor Dontos havia dito, *e roupa escura*. Não tinha nada preto, por isso escolheu um vestido de grossa lã marrom. O corpete era decorado com pérolas de água doce, porém. *O manto vai cobri-las*. O manto era de um verde profundo, com um grande capuz. Enfiou o vestido pela cabeça e prendeu o manto, deixando o capuz abaixado por enquanto. Também havia sapatos, simples e resistentes, com saltos baixos e ponta quadrada. *Os deuses ouviram as minhas preces*, pensou. Sentia-se tão atordoada, tão dentro de um sonho. *Minha pele transformou-se em porcelana, em marfim, em aço*. As mãos moviam-se rigidamente, de maneira desajeitada, como se nunca antes tivessem soltado seus cabelos. Por um momento, desejou que Shae estivesse ali,

para ajudá-la com a rede.

Quando a libertou, seus longos cabelos ruivos caíram em cascata pelas costas e sobre os ombros. A rede de prata tecida pendia de seus dedos, com o fino metal a brilhar suavemente, e as pedras negras ao luar. *Ametistas negras de Asshai*. Uma delas tinha desaparecido. Sansa levantou a rede para ver melhor. Havia uma mancha escura no encaixe de prata de onde a pedra caíra.

Um súbito terror preencheu-a. O coração martelou contra suas costelas, e por um instante prendeu a respiração. *Por que estou tão assustada? É só uma ametista, uma ametista negra de Asshai, nada mais. Devia estar solta no engaste, só isso. Estava solta e caiu, e agora jaz num ponto qualquer da sala do trono, ou no pátio, a menos que...*

Sor Dontos tinha dito que a rede para cabelos era mágica, que a levaria para casa. Disse que ela devia usá-la naquela noite, no banquete de casamento de Joffrey. O fio de prata estendia-se, apertado, sobre os nós de seus dedos. Esfregou com o polegar o buraco onde a pedra estivera. Tentou parar, mas os dedos não lhe pertenciam. O polegar era atraído para o buraco, como a língua é atraída para um dente em falta. *Que tipo de magia?* O rei estava morto, o rei cruel que tinha sido o seu galante príncipe mil anos antes. Se Dontos havia mentido a respeito da rede para cabelos, teria mentido também sobre o resto? *E se não vier? E se não houver nenhum navio, nenhum barco no rio, nenhuma fuga?* O que lhe aconteceria se assim fosse?

Ouviu um tênue restolhar de folhas, e enfiou a rede de prata bem fundo no bolso do manto.

– Quem está aí? – gritou. – Quem é? – O bosque sagrado encontrava-se escuro e sombrio, e os sinos carregavam Joff para a sepultura.

– Eu. – Ele saiu cambaleando de debaixo das árvores, caindo de bêbado. Pegou no seu braço para se equilibrar. – Doce Jonquil, eu vim. O seu Florian veio, não tenha medo.

Sansa afastou-se do toque dele.

– Disse que eu devia usar a rede para cabelos. A rede de prata com... que tipo de pedras são estas?

– Ametistas. Ametistas negras de Asshai, senhora.

– Elas não são ametistas coisa nenhuma. São? *São?* Você mentiu.

– Ametistas negras – jurou ele. – Havia magia nelas.

– Havia *assassinato* nelas!

– Mais baixo, senhora, mais baixo. Assassinato não. Ele engasgou-se com a torta de pombo. – Dontos gargalhou. – Oh, torta saborosa, tão saborosa. Prata e pedras, é tudo que era, prata, pedras e magia.

Os sinos repicavam e o vento fazia um ruído igual ao que *ele* tinha feito ao tentar inspirar uma golfada de ar.

– Envenenou-o. Foi isso. Tirou uma pedra dos meus cabelos...

– Chiu, será a nossa morte. Eu não fiz nada. Venha, temos de ir, eles vão nos procurar. O seu esposo foi preso.

– Tyrion? – disse ela, chocada.

– A senhora tem outro esposo? O Duende, o tio anão, ela pensa que foi ele quem matou o rei. – Dontos agarrou a mão dela e puxou-a. – Por aqui, temos de ir, depressa, não tenha medo.

Sansa seguiu-o sem resistir. "Nunca consegui tolerar os choros das mulheres", Joff havia dito uma vez, mas a mãe dele era a única mulher que chorava agora. Nas histórias da Velha Ama os gramequins fabricavam coisas mágicas que eram capazes de fazer com que um desejo se tornasse realidade. *Será que desejei a sua morte?*, perguntou a si mesma, antes de se lembrar que já tinha idade para não acreditar em gramequins.

– Tyrion envenenou-o? – sabia que o seu esposo anão odiava o sobrinho. Poderia realmente tê-lo matado? *Será que sabia da minha rede para cabelo, das ametistas negras? Ele levou vinho a Joff*. Como era possível sufocar alguém pondo uma ametista no vinho? *Se Tyrion fez isso, eles julgarão que eu também desempenhei um papel*, compreendeu com um sobressalto de medo. E por que não? Eram marido e mulher, e Joff matara seu pai e zombara dela a propósito da morte do irmão. *Uma carne, um coração, uma alma.*

– Silêncio agora, doçura – disse Dontos. – Fora do bosque sagrado, não podemos fazer um som. Puxe o capuz e esconda o rosto. – Sansa assentiu e fez o que ele dizia.

O homem estava tão bêbado que Sansa teve de lhe dar o braço algumas vezes para impedir que caísse. Os sinos tocavam do outro lado da cidade, com um número cada vez maior se juntando aos demais. Manteve a cabeça baixa e permaneceu nas sombras, logo atrás de Dontos. Ao descer a escada em espiral, ele caiu de joelhos e vomitou. *Meu pobre Florian*, pensou, enquanto limpava a boca dele com uma manga larga. "Vista roupa escura", ele tinha dito, mas sob o manto marrom com capuz vestia o seu velho sobretudo; riscas horizontais em vermelho e rosa sob um chefe negro portando três coroas de ouro, as armas da Casa Hollard.

– Por que está usando o seu sobretudo? Joff decretou que seria a sua morte se fosse pego outra vez vestido como um cavaleiro, ele... ah... – Nada do que Joff tinha decretado importava mais.

– Quis ser um cavaleiro. Pelo menos para isto. – Dontos pôs-se de novo em pé e pegou no seu braço. – Venha. Agora fique em silêncio, nada de perguntas.

Continuaram a descer a escada em espiral e atravessaram um pequeno pátio rodeado de altas paredes. Sor Dontos abriu com um empurrão uma porta pesada e acendeu um círio. Encontravam-se dentro de uma longa galeria. Ao longo das paredes havia armaduras

vazias, escuras e empoeiradas, com os elmos coroados com fileiras de escamas que desciam por suas costas. Enquanto passavam rapidamente por elas, a luz do círio fazia com que as sombras de cada escama se estendessem e torcessem. *Os cavaleiros ocos estão se transformando em dragões*, pensou.

Mais uma escada levou-os a uma porta de carvalho reforçada com ferro.

– Seja forte agora, minha Jonquil, está quase lá. – Quando Dontos levantou a tranca e abriu a porta, Sansa sentiu uma brisa fria no rosto. Passou através de três metros e meio de muralha e então viu-se fora do castelo, no topo da falésia. Embaixo ficava o rio, em cima, o céu, e um era tão negro quanto o outro.

– Temos de descer – disse Sor Dontos. – Lá embaixo há um homem esperando para nos levar num bote até o navio.

– Eu vou cair. – Bran tinha caído, e ele adorava escalar.

– Não, não cairá. Há uma espécie de escada, uma escada secreta, entalhada na pedra. Veja, pode tateá-la, senhora. – Ajoelhou-se com ela e fez Sansa debruçar-se sobre a borda da falésia, apalpando com os dedos até encontrar o apoio de mão cortado na face do penhasco. – É quase tão bom quanto degraus de uma escada de mão.

Mesmo assim, a descida era muito longa.

– Não *consigo*.

– Precisa.

– Não há outro caminho?

– O caminho é este. Não será muito difícil para uma mulher jovem e forte como você. Agarre-se bem e nunca olhe para baixo, e chegará lá embaixo num instante. – Os olhos dele brilhavam. – Seu pobre Florian é gordo, velho e bêbado, eu é que devia estar assustado. Eu costumava cair do cavalo, esqueceu? Foi assim que começamos. Estava bêbado e caí do cavalo e Joffrey quis a minha cabeça boba, mas você me salvou. Você me *salv*ou, querida.

Ele está chorando, reparou Sansa.

– E agora foi você que me salvou.

– Só se descer. Se não, matei-nos ambos.

Foi ele, pensou ela. *Ele matou Joffrey*. Tinha de ir, tanto por ele como por si mesma.

– Vá na frente, sor. – Se ele caísse, não o queria caindo sobre a sua cabeça e arrastando ambos falésia abaixo.

– Como quiser, senhora. – Deu-lhe um beijo úmido e passou desajeitadamente as pernas pela borda do precipício, esperneando até encontrar um apoio para os pés. – Deixe-me descer um pouco, e siga-me depois. Vai vir? Precisa jurar.

– Vou – prometeu.

Sor Dontos desapareceu. Sansa ouvia-o bufando e arquejando

enquanto começava a descida. Ficou escutando o repique dos sinos, contando cada batida. Ao chegar a dez, baixou-se cautelosamente sobre a borda do penhasco, tateando com os dedos dos pés até encontrar um lugar para eles descansarem. As muralhas do castelo elevavam-se, grandes, por cima de si, e por um momento nada desejou mais do que puxar-se para cima e correr de volta para seus quentes aposentos na Fortaleza das Cozinhas. *Seja brava*, disse a si mesma. *Seja brava, como uma senhora numa canção.*

Sansa não se atreveu a olhar para baixo. Manteve os olhos postos na face da falésia, assegurando-se de cada passo antes de estender os pés para o seguinte. A pedra era áspera e fria. Às vezes sentia os dedos deslizando, e os apoios para as mãos não eram espaçados de uma forma tão regular como teria preferido. Os sinos não queriam parar de tocar. Antes de chegar na metade do caminho seus braços já estavam tremendo, e soube que ia cair. *Mais um passo*, disse a si mesma, *mais um passo*. Tinha de continuar em movimento. Se parasse, nunca mais se moveria, e a alvorada iria encontrá-la ainda agarrada à falésia, congelada de medo. *Mais um passo, e mais um passo*.

O chão apanhou-a de surpresa. Tropeçou e caiu, com o coração aos saltos. Quando rolou sobre as costas e fitou o local de onde tinha vindo, sentiu a cabeça a nadar, entontecida, e os dedos agarraram-se à terra. *Consegui. Consegui. Não caí, consegui descer e agora vou para casa.*

Sor Dontos ajudou-a a ficar em pé.

– Por aqui. Agora silêncio, silêncio, silêncio. – Permaneceu perto das sombras que se estendiam, negras e espessas, sob os penhascos. Felizmente não tiveram de ir longe. Cinquenta metros a jusante, um homem estava sentado num pequeno esquife, meio escondido pelos restos de uma grande galé que tinha dado à costa ali e queimado. Dontos manqueou até ele, bufando. – Oswell?

– Nada de nomes – disse o homem. – Para o barco. – Estava sentado, curvado sobre os remos, um homem velho, alto e de membros esguios, com longos cabelos brancos, um grande nariz adunco e os olhos escondidos por um capuz. – Entrem, e depressa – resmungou. – Temos de nos pôr a caminho.

Depois de ambos estarem a salvo a bordo, o encapuzado deslizou as pás para dentro de água e entregou as costas aos remos, fazendo o barco avançar para o canal. Por trás deles, os sinos continuavam a repicar a morte do rei rapaz. Tinham o rio escuro todo para si.

Com remadas lentas, constantes e ritmadas, abriram caminho para jusante, deslizando por cima das galés afundadas, passando por mastros partidos, cascos queimados e velas rasgadas. Os toletes tinham sido revestidos, de modo que o barco se movia quase sem um som. Uma névoa pairava sobre a água. Sansa viu o baluarte com ameias de uma das torres do guincho do Duende erguendo-se na

margem, mas a grande corrente tinha sido descida e passaram sem impedimentos pelo local onde mil homens tinham ardido. A costa afastou-se, o nevoeiro tornou-se mais denso, o som dos sinos começou a se atenuar. Por fim, mesmo as luzes desapareceram, perdidas em algum lugar atrás deles. Estavam na Baía da Água Negra, e o mundo reduziu-se a água escura, névoa soprada pelo vento e o companheiro silencioso encurvado sobre os remos.

– Temos de ir até muito longe? – ela perguntou.

– Nada de falar. – O remador era velho, mas mais forte do que parecia, e sua voz era feroz. Havia algo estranhamente familiar no rosto dele, embora Sansa não conseguisse identificar o que seria.

– Não é longe. – Sor Dontos tomou sua mão na dele e esfregou-a com gentileza. – Seu amigo está perto, à sua espera.

– *Nada de falar!* – rosnou de novo o remador. – O som chega longe sobre a água, Sor Bobo.

Desconcertada, Sansa mordeu o lábio e encolheu-se em silêncio. O resto foi remar, remar, remar.

O céu do oriente já mostrava o primeiro vago indício da alvorada quando Sansa viu por fim uma silhueta fantasmagórica na escuridão que se estendia adiante; uma galé mercante, com as velas enroladas, deslocando-se lentamente, movida por uma única fileira de remos. Quando se aproximaram, viu a figura de proa do navio, um tritão com uma coroa dourada soprando um grande búzio. Ouviu uma voz gritar, e a galé deu a volta lentamente.

Quando se posicionaram ao lado da galé, uma escada de corda foi atirada por sobre a amurada. O remador puxou os remos para o barco e ajudou Sansa a ficar em pé.

– Agora para cima. Vá lá, menina, eu seguro você. – Sansa agradeceu-lhe pela gentileza, mas só recebeu um grunhido em resposta.

Foi muito mais fácil subir a escada de corda do que tinha sido descer a falésia. O remador Oswell seguiu logo atrás dela, ao passo que Sor Dontos permaneceu no barco.

Dois marinheiros esperavam junto à amurada, para ajudá-la a subir até o convés. Sansa tremia.

– Ela está com frio – ouviu alguém dizer. O homem tirou o manto e aconchegou-o em volta de seus ombros. – Pronto, está melhor, senhora? Descanse, o pior já passou.

Conhecia a voz. *Mas ele está no Vale*, pensou. Sor Lothor Brune estava ao lado dele, com um archote.

– Lorde Petyr – chamou Dontos do barco. – Tenho de remar de volta, antes que pensem em procurar por mim.

Petyr Baelish pôs uma mão na amurada.

– Mas primeiro vai querer o pagamento. Dez mil dragões, não é?

– Dez mil. – Dontos esfregou a boca com as costas da mão. – Conforme prometeu, senhor.

– Sor Lothor, a recompensa.

Lothor Brune baixou o archote. Três homens aproximaram-se da amurada, ergueram bestas, e dispararam. Um dardo atingiu Dontos no peito quando ele olhou para cima, penetrando através da coroa esquerda de seu sobretudo. Os outros rasgaram a garganta e a barriga. Aconteceu tão depressa que nem Dontos nem Sansa tiveram tempo de gritar. Quando terminou, Lothor Brune atirou o archote para cima do cadáver. O pequeno barco ardia violentamente enquanto a galé se afastava.

– *Matou*-o. – Agarrando-se à amurada, Sansa virou-se e vomitou. Teria fugido dos Lannister para cair em armadilha pior?

– Minha senhora – murmurou Mindinho –, seu pesar é desperdiçado num homem como aquele. Era um bêbado, e não era amigo de ninguém.

– Mas ele *salvou*-me.

– Ele vendeu a senhora em troca da promessa de dez mil dragões. Seu desaparecimento irá fazê-los suspeitar de seu papel na morte de Joffrey. Os homens de manto dourado irão à caça, e o eunuco fará tinir a sua bolsa. Dontos... bem, ouviu-o. Vendeu-a por ouro e, quando o bebesse, teria voltado a vendê-la. Um saco de dragões compra o silêncio de um homem durante algum tempo, mas um dardo bem colocado compra-o para sempre. – Deu um sorriso triste. – Tudo que ele fez foi às minhas ordens. Não me atrevi a travar abertamente amizade com você. Quando me contaram como Dontos salvou sua vida no torneio de Joff, soube que ele seria o instrumento perfeito.

Sansa sentiu-se enjoada.

– Ele disse que era o meu Florian.

– Por acaso lembra-se do que lhe disse naquele dia em que seu pai se sentou no Trono de Ferro?

O momento voltou-lhe à memória com grande clareza.

– Disse-me que a vida não era uma canção. Que um dia eu aprenderia isso para minha tristeza. – Sentiu lágrimas nos olhos, mas não saberia dizer se chorava por Sor Dontos Hollard, por Joff, por Tyrion ou por si mesma. – É *tudo* mentira, desde sempre e para sempre, tudo e todos?

– Quase todos. Menos eu e você, claro. – Sorriu. – *Venha esta noite ao bosque sagrado, se quiser ir para casa.*

– A nota... era você?

– Tinha de ser o bosque sagrado. Nenhum outro local da Fortaleza Vermelha está a salvo dos passarinhos do eunuco... ou ratazaninhas, como eu os chamo. No bosque sagrado há árvores em vez de paredes. Céu no lugar de tetos. Raízes, terra e pedras em vez de assoalhos. As

ratazanas não têm por onde correr. As ratazanas precisam se esconder, para que os homens não espetem espadas nelas. – Lorde Petyr pegou-a pelo braço. – Permita que lhe mostre a sua cabine. Teve um dia longo e penoso, eu sei. Deve estar cansada.

O barquinho já não era mais do que um turbilhão de fumaça e fogo atrás deles, quase perdido na imensidão do mar da alvorada. Não havia volta; seu único caminho era em frente.

– Muito cansada – admitiu.

Enquanto a levava para baixo, ele disse:

– Fale-me do banquete. A rainha dedicou-se tanto. Os cantores, os malabaristas, o urso dançarino... o pequeno senhor seu esposo gostou de meus anões combatentes?

– Seus?

– Tive de mandar buscá-los em Bravos e de escondê-los num bordel até o casamento. A despesa só foi excedida pelo incômodo. É surpreendentemente difícil esconder um anão, e Joffrey... pode levar um rei até a água, mas com Joffrey era preciso espalhá-la por todo lado antes que ele entendesse que a podia beber. Quando lhe falei de minha pequena surpresa, Sua Graça disse: "Por que eu iria querer uns anões feios no meu banquete? Detesto anões." Tive de me aproximar e sussurrar: "Mas não tanto quanto o seu tio os detestará".

O convés balançou sob os pés de Sansa, e ela sentiu como se o próprio mundo tivesse se tornado instável.

– Eles pensam que Tyrion envenenou Joffrey. Sor Dontos disse que o prenderam.

Mindinho sorriu.

– A viuvez cairá bem em você, Sansa.

A ideia agitou sua barriga. Podia nunca mais ser obrigada a dividir uma cama com Tyrion. *Era* isso o que queria... não?

A cabine era baixa e apertada, mas tinham colocado um colchão de penas no estreito beliche a fim de deixá-lo mais confortável, e grossas peles foram empilhadas por cima.

– É pequeno, eu sei, mas não deverá ficar muito desconfortável. – Mindinho indicou uma arca de cedro sob a vigia. – Achará roupa lavada lá dentro. Vestidos, roupa de baixo, meias quentes, um manto. Temo que sejam de lã e linho. Vestuário indigno de uma donzela tão bela, mas servirá para mantê-la seca e limpa até que possamos lhe arranjar algo melhor.

Ele mandou preparar tudo isso para mim.

– Senhor, eu... eu não compreendo... Joffrey deu-lhe Harrenhal, fez de você Senhor Supremo do Tridente... por quê...

– Por que haveria de querê-lo morto? – Mindinho encolheu os ombros. – Não tive nenhum motivo. Além disso, estou a mil léguas de distância, no Vale. Mantenha sempre seus inimigos confusos. Se nunca

estiverem seguros de quem é ou do que quer, não podem saber o que é provável que faça em seguida. Às vezes, a melhor maneira de confundi-los é fazer coisas que não têm nenhum propósito, ou até que parecem prejudicar você. Lembre-se disso, Sansa, quando começar a jogar o jogo.

– Que... que jogo?

– O único jogo. O jogo dos tronos. – Afastou uma madeixa dos cabelos dela. – Já tem idade para saber que sua mãe e eu éramos mais do que amigos. Houve uma época em que Cat era tudo o que eu desejava neste mundo. Atrevi-me a sonhar com a vida que podíamos ter e os filhos que ela me daria... mas ela era filha de Correrrio, e de Hoster Tully. *Família, Dever, Honra*, Sansa. *Família, Dever, Honra* significavam que eu nunca poderia obter a mão dela. Mas ela deu-me algo melhor, um presente que uma mulher não pode dar mais do que uma vez. Como eu poderia dar as costas à filha dela? Num mundo melhor, você poderia ter sido minha, não de Eddard Stark. Minha leal e adorada filha... Afaste Joffrey da cabeça, querida. Dontos, Tyrion, todos. Nunca mais a incomodarão. Agora está em segurança, e isso é tudo o que importa. Está a salvo comigo, e a caminho de casa.

Jaime

–O *rei está morto*, disseram-lhe, sem saber que Joffrey não era só seu soberano, mas também seu filho.

– O Duende abriu a goela dele com um punhal – declarou um vendedor ambulante na estalagem à beira da estrada onde passaram a noite. – Bebeu seu sangue num grande cálice de ouro. – O homem não foi mais capaz de reconhecer o cavaleiro barbudo e maneta com o grande morcego no escudo do que qualquer um dos demais, por isso disse coisas que de outro modo poderia ter engolido, caso soubesse quem o estava ouvindo.

– Foi veneno o que despachou a coisa – insistiu o estalajadeiro. – A cara do rapaz ficou preta que nem uma ameixa.

– Que o Pai o julgue com justiça – murmurou um septão.

– A mulher do anão tratou do assassinato com ele – jurou um arqueiro vestido com a libré de Lorde Rowan. – Depois desapareceu do salão numa nuvem de enxofre, e um lobo gigante fantasma foi visto percorrendo a Fortaleza Vermelha, com sangue pingando das mandíbulas.

Jaime ouviu tudo sentado e em silêncio, deixando-se cobrir pelas palavras, com um corno de cerveja esquecido na mão boa. *Joffrey. O meu sangue. Meu primogênito. Meu filho*. Tentou trazer à memória o rosto do rapaz, mas seus traços teimavam em transformar-se nos de Cersei. *Ela vai estar de luto, com os cabelos despenteados e os olhos vermelhos de tanto chorar, a boca tremendo enquanto tenta falar. Voltará a chorar quando me vir, embora lute contra as lágrimas*. A irmã raramente chorava, exceto quando estava com ele. Não conseguia suportar que outros a julgassem fraca. Só ao gêmeo mostrava as feridas. *Ela procurará conforto e vingança em mim.*

Cavalgaram duramente no dia seguinte, por insistência de Jaime. O filho estava morto, e a irmã precisava dele.

Quando viu a cidade à sua frente, com as torres de vigia escuras contra o ocaso que se aprofundava, Jaime Lannister aproximou-se a meio-galope de Walter Pernas-de-Aço, que seguia atrás de Nage e da bandeira de paz.

– Que fedor horrível é esse? – protestou o nortenho.

A morte, pensou Jaime, mas disse:

– Fumaça, suor e merda. Porto Real, em suma. Se tiver um bom nariz, poderá também cheirar a traição. Nunca tinha cheirado uma cidade?

– Cheirei Porto Branco. Nunca fedeu assim.

– Porto Branco está para Porto Real como o meu irmão Tyrion está para Sor Gregor Clegane.

Nage subiu uma pequena colina à frente deles, com a bandeira de paz de sete pontas erguendo-se e virando ao vento, e a estrela polida de sete pontas cintilando brilhante no topo do mastro. Veria Cersei em breve, e também Tyrion, e o pai. *Meu irmão poderia realmente ter matado o rapaz?* Jaime achava difícil acreditar naquilo.

Sentia-se curiosamente calmo. Sabia que esperava-se que os homens enlouquecessem de desgosto quando os filhos morriam. Esperava-se que arrancassem os cabelos, que amaldiçoassem os deuses e jurassem rubra vingança. Então por que será que sentia tão pouco? *O rapaz viveu e morreu acreditando que Robert Baratheon era o pai dele.*

Jaime vira-o nascer, isso era certo, embora mais por Cersei do que pela criança. Mas nunca o pegara no colo.

– O que iriam achar? – avisou-o a irmã quando as mulheres finalmente os deixaram. – Já é suficientemente ruim que Joff se pareça com você sem que fique babando por cima dele. – Jaime cedeu quase sem luta. O rapaz fora uma coisinha cor-de-rosa e estridente que exigia demasiado do tempo de Cersei, do amor de Cersei e dos seios de Cersei. Que Robert ficasse com ele.

E agora está morto. Imaginou Joff jazendo imóvel e frio, com um rosto negro de veneno, e continuou a não sentir nada. Talvez *fosse* o monstro que o acusavam de ser. Se o Pai no Céu descesse para lhe oferecer de volta o filho ou a mão, Jaime sabia qual das coisas escolheria. Afinal, tinha um segundo filho, e sêmen bastante para muitos mais. *Se Cersei quiser outro filho, eu dou... e dessa vez vou pegá-lo no colo, e que os Outros carreguem quem não gostar*. Robert apodrecia em sua sepultura, e Jaime estava farto de mentiras.

Virou-se abruptamente e galopou para trás, ao encontro de Brienne. *Só os deuses sabem por que me incomodo. Ela é a criatura menos sociável que tive o infortúnio de conhecer*. A garota seguia bem atrás e cerca de um metro desviada para o lado, como que para proclamar que não fazia parte do grupo. Ao longo do caminho tinham encontrado roupas de homem para ela; uma túnica aqui, uma capa ali, um par de calções e um manto com capuz, até uma velha placa de peito de ferro. Parecia mais confortável vestida de homem, mas nada nunca faria com que parecesse bonita. *Nem feliz*. Uma vez fora de Harrenhal, sua habitual teimosia casmurra rapidamente voltou a se instalar.

– Quero minhas armas e armadura de volta – tinha insistido.

– Oh, com certeza, que a tenhamos de novo coberta de aço – respondeu Jaime. – Especialmente um elmo. Ficaremos todos mais felizes se mantiver a boca fechada e a viseira abaixada.

Pelo menos isso Brienne podia fazer, mas seus silêncios carrancudos depressa começaram a desgastar tanto o bom humor dele como as constantes tentativas de Qyburn para ser agradável. *Nunca*

pensei que daria por mim com saudades da companhia de Cleos Frey, que os deuses me ajudem. Começava a desejar tê-la deixado para o urso.

– Porto Real – anunciou Jaime quando a encontrou. – Nossa viagem terminou, senhora. Cumpriu o seu voto e entregou-me em Porto Real. Inteiro, exceto por uns dedos e uma mão.

Os olhos de Brienne mostraram-se indiferentes.

– Isso foi apenas metade de meu voto. Disse à Senhora Catelyn que lhe levaria de volta as filhas. Ou Sansa, pelo menos. E agora...

Ela nunca conheceu Robb Stark, e no entanto o pesar que sente por ele é mais profundo do que o meu por Joff. Ou talvez fosse pela Senhora Catelyn que fazia luto. *Essa* notícia chegara até eles em Bosque Malhado, pela boca de um cavaleiro corado que mais parecia uma barrica chamado Sor Bertram Beesbury, cujas armas eram três colmeias em fundo listrado de negro e amarelo. Uma companhia de homens de Lorde Piper tinha passado por Bosque Malhado no dia anterior, disse-lhes Beesbury, correndo para Porto Real sob a sua bandeira de paz.

– Com o Jovem Lobo morto, Piper não viu objetivo em continuar a lutar. Seu filho é cativo nas Gêmeas. – Brienne tinha escancarado a boca como uma vaca prestes a engasgar com o bolo de grama, e assim coube a Jaime extrair a história do Casamento Vermelho.

– Todos os grandes senhores têm vassalos insubmissos que invejam sua posição – disse-lhe depois. – Meu pai tinha os Reyne e os Tarbeck, os Tyrell têm os Florent, Hoster Tully tinha Walder Frey. Só a força mantém homens assim em seus lugares. No momento em que sentem cheiro de fraqueza... durante a Idade dos Heróis, os Bolton costumavam esfolar os Stark e usar suas peles como mantos. – Ela tinha feito uma expressão tão infeliz que Jaime quase deu por si desejando confortá-la.

Desde esse dia Brienne agia como alguém que estivesse meio morto. Nem chamá-la de "garota" conseguia provocar uma resposta. *A força dela desapareceu*. A mulher fizera cair um rochedo sobre Robin Ryger, batalhara contra um urso com uma espada de torneio, arrancara a orelha de Vargo Hoat com uma dentada e lutara com Jaime até a exaustão... mas agora encontrava-se quebrada, acabada.

– Falarei com o meu pai para devolvê-la a Tarth, se isso lhe agradar – disse-lhe. – Ou, se preferir ficar, talvez possa arranjar alguma posição para você na corte.

– Como senhora acompanhante da rainha? – disse ela sem interesse.

Jaime recordou o aspecto dela naquele vestido de cetim cor-de-rosa e tentou não imaginar o que a irmã poderia dizer de uma tal acompanhante.

– Talvez um posto na Patrulha da Cidade...

– Não servirei com perjuros e assassinos.

Então por que quis prender uma espada na cintura?, podia ter dito, mas reprimiu as palavras.

– Como queira, Brienne. – Com uma só mão, deu meia-volta com o cavalo e deixou-a para trás.

O Portão dos Deuses estava aberto quando lá chegaram, mas havia duas dúzias de carros alinhados ao longo da beira da estrada, carregados com tonéis de sidra, barris de maçã, fardos de feno e algumas das maiores abóboras que Jaime já tinha visto. Quase todas as carroças tinham seus próprios guardas; homens de armas ostentando os símbolos de fidalgos menores, mercenários vestidos de cota de malha e couro fervido, às vezes apenas um filho de agricultor de cara rosada, agarrado a uma lança de fabricação caseira com a ponta endurecida pelo fogo. Jaime sorriu a todos eles enquanto passavam a trote. Ao portão, os homens de manto dourado recebiam moedas de cada um dos condutores antes de mandarem as carroças avançar.

– O que é isto? – quis saber Pernas-de-Aço.

– Eles têm de pagar pelo direito de vender dentro da cidade. Por ordem da Mão do Rei e do mestre da moeda.

Jaime olhou para a longa fila de carroças, carros de mão e cavalos carregados.

– E mesmo assim fazem fila para pagar?

– Dá para fazer um bom dinheiro aqui, agora que a luta terminou – disse-lhes alegremente o moleiro da carroça mais próxima. – São os Lannister que dominam a cidade agora, o velho Lorde Tywin do Rochedo. Dizem que ele caga prata.

– Ouro – corrigiu secamente Jaime. – E Mindinho cunha a coisa a partir de capim-dourado, garanto.

– Agora o mestre da moeda é o Duende – disse o capitão do portão. – Ou era, até o prenderem por assassinar o rei. – O homem examinou os nortenhos com suspeita. – Quem são vocês?

– Homens de Lorde Bolton, para falar com a Mão do Rei.

O capitão olhou de relance Nage com a sua bandeira de paz.

– Vêm dobrar o joelho, quer dizer. Não são os primeiros. Subam diretamente ao castelo e tratem de não causar confusão. – Mandou-os passar com um gesto e voltou a se virar para as carroças.

Se Porto Real estava de luto pela morte de seu rei rapaz, Jaime nunca o teria deduzido. Na Rua das Sementes um irmão mendicante vestido com uma túnica puída rezava ruidosamente pela alma de Joffrey, mas os transeuntes não prestavam mais atenção nele do que teriam prestado a uma janela aberta batendo ao vento. Em outros locais, as multidões habituais deslocavam-se de um lado para o outro; homens de manto dourado e cota de malha negra, ajudantes de

padeiro vendendo tortas, pães e tortas quentes, prostitutas debruçadas em janelas com os corpetes meio desatados, sarjetas fedendo aos dejetos da noite. Passaram por cinco homens que tentavam arrastar um cavalo morto de uma viela, e, em outro local, por um malabarista que fazia girar facas no ar, para deleite de um grupo de soldados Tyrell bêbados e crianças pequenas.

Percorrendo a cavalo ruas familiares na companhia de duzentos nortenhos, um meistre sem corrente e uma mulher fenomenalmente feia ao seu lado, Jaime descobriu que quase não atraía um segundo olhar. Não sabia se devia se divertir ou se aborrecer com a situação.

– Eles não me reconhecem – disse ao Pernas-de-Aço enquanto atravessavam a Praça dos Sapateiros.

– Seu rosto está mudado, e suas armas também – disse o nortenho –, e agora eles têm um novo Regicida.

Os portões da Fortaleza Vermelha estavam abertos, mas uma dúzia de homens de manto dourado armados com lanças cortavam o caminho. Baixaram as pontas quando Pernas-de-Aço se aproximou a trote, mas Jaime reconheceu o cavaleiro branco que os comandava.

– Sor Meryn.

Os olhos abatidos de Sor Meryn Trant esbugalharam-se.

– Sor Jaime?

– Como é bom ser reconhecido. Afaste estes homens.

Passara-se muito tempo desde que alguém saltara para lhe obedecer tão depressa. Jaime tinha se esquecido de como gostava disso.

Depararam com mais dois membros da Guarda Real no pátio exterior, dois homens que não usavam manto branco da última vez que Jaime ali servira. *É tão típico de Cersei nomear-me Senhor Comandante e depois escolher meus colegas sem me consultar.*

– Vejo que alguém me deu dois novos irmãos – disse ao desmontar.

– Temos essa honra, sor. – O Cavaleiro das Flores brilhava, tão perfeito e puro em suas escamas e seda brancas que Jaime se sentiu uma coisa esfarrapada e barata por contraste.

Jaime virou-se para Meryn Trant.

– Sor, desleixou-se em ensinar os deveres aos nossos novos irmãos.

– Que deveres? – disse Meryn Trant num tom defensivo.

– Manter o rei vivo. Quantos monarcas perderam desde que deixei a cidade? Dois, não foi?

Então Sor Balon viu o coto.

– *Sua mão...*

Jaime obrigou-se a sorrir.

– Agora luto com a esquerda. Dá mais disputa. Onde posso

encontrar o senhor meu pai?

– No aposento privado, com Lorde Tyrell e o Príncipe Oberyn.

Mace Tyrell e a Víbora Vermelha dividindo o mesmo pão? Cada vez mais estranho.

– A rainha também se encontra com eles?

– Não, senhor – respondeu Sor Balon. – Vai encontrá-la no septo, rezando pelo Rei Joff...

– *Você!*

Jaime viu que o último dos nortenhos tinha desmontado, e agora Loras vira Brienne.

– Sor Loras. – Ela ficou estupidamente imóvel, segurando o freio.

Loras Tyrell aproximou-se dela a passos largos.

– Por quê? – disse. – Vai me dizer por quê. Ele tratou-a com gentileza, deu-lhe um manto arco-íris. Por que você o mataria?

– Não o matei. Teria morrido por ele.

– E morrerá. – Sor Loras puxou a espada.

– Não fui eu.

– Emmon Cuy jurou que foi, com seu último suspiro.

– Ele estava fora da tenda, não chegou a ver...

– Não havia ninguém *na* tenda além de você e da Senhora Stark. Pretende dizer que aquela velha seria capaz de cortar através de aço endurecido?

– Houve uma *sombra*. Sei como isso soa a loucura, mas... eu estava ajudando Renly a vestir a armadura, e as velas apagaram-se e apareceu sangue por todo lado. A Senhora Catelyn disse que foi Stannis. A sua... a sua sombra. Eu não desempenhei nenhum papel no ato, por minha honra...

– Não tem honra nenhuma. Desembainhe a espada. Não quero que se diga que a matei enquanto estava de mão vazia.

Jaime interpôs-se entre os dois.

– Guarde a espada, sor.

Sor Loras rodeou-o.

– Será tão covarde quanto assassina, Brienne? Terá sido por isso que fugiu, com o sangue dele em suas mãos? *Desembainhe a espada, mulher!*

– É melhor ter esperança que ela não o faça. – Jaime voltou a bloquear o caminho dele. – Senão é provável que seja seu o cadáver que levaremos daqui. A garota é tão forte quanto Sandor Clegane, embora não seja tão bonita.

– Isto não lhe diz respeito. – Sor Loras empurrou-o para o lado.

Jaime agarrou o rapaz com a mão boa e obrigou-o a virar-se.

– Eu sou o *Senhor Comandante da Guarda Real*, seu cachorrinho arrogante. O *seu* comandante, enquanto usar esse manto branco. E agora *embainhe a sua maldita espada*, senão vou ter que tirá-la de você

e enfiá-la num lugar que nem mesmo Renly encontrou.

O rapaz hesitou durante meio segundo, tempo suficiente para que Sor Balon Swann dissesse:

– Faça o que o Senhor Comandante diz, Loras. – Alguns dos homens de manto dourado puxaram então seu aço, e isso levou alguns dos homens do Forte do Pavor a fazer o mesmo. *Magnífico*, pensou Jaime, *assim que desço do cavalo temos um banho de sangue no pátio.*

Sor Loras Tyrell devolveu, com violência, a espada à bainha.

– Não foi assim tão difícil, foi?

– Quero-a presa. – Sor Loras apontou. – Senhora Brienne, acuso-a do assassinato de Lorde Renly Baratheon.

– O que vale dizer – disse Jaime – é que a garota tem honra. Mais do que vi em você. E até pode acontecer que esteja dizendo a verdade. Admito que ela não é aquilo que se poderia chamar de inteligente, mas até o meu cavalo conseguiria arranjar uma mentira melhor, se é que ela queria contar uma mentira. Mas já que insiste... Sor Balon, escolte a Senhora Brienne para uma cela de torre e mantenha-a lá sob guarda. E arranje aposentos adequados para Pernas-de-Aço e seus homens, até que o meu pai possa recebê-los.

– Sim, senhor.

Os grandes olhos azuis de Brienne estavam cheios de mágoa quando Balon Swann e uma dúzia de homens de manto dourado a levaram. *Devia estar me soprando beijos, garota*, quis dizer-lhe. Por que entendiam mal todas as coisinhas que fazia? *Aerys. Tudo tem origem em Aerys.* Jaime deu as costas à garota e atravessou o pátio em passos largos.

Outro cavaleiro de armadura branca guardava as portas do septo real; um homem alto com uma barba negra, ombros largos e nariz adunco. Este, quando viu Jaime, deu um sorriso amargo e disse:

– E aonde pensa que vai?

– Ao septo. – Jaime ergueu o coto para apontar. – Aquele mesmo ali. Pretendo ver a rainha.

– Sua Graça está de luto. E por que ela iria querer ver um tipo como você?

Porque sou seu amante e o pai de seu filho assassinado, quis dizer.

– E quem com os sete infernos é você?

– Um cavaleiro da Guarda Real, e é bom que aprenda a ter algum respeito, aleijado, senão corto essa sua outra mão e você vai ter que chupar o mingau de manhã.

– Eu sou irmão da rainha, sor.

O cavaleiro branco achou aquilo engraçado.

– Ah, fugiu, foi? E também cresceu um bocado, senhor?

– O *outro* irmão, cretino. E Senhor Comandante da Guarda Real. E agora afaste-se, senão vai desejar tê-lo feito.

Daquela vez o cretino olhou-o bem.

– É... Sor Jaime. – Endireitou-se. – Mil perdões, senhor. Não o reconheci. Tenho a honra de ser Sor Osmund Kettleblack.

Onde está a honra nisso?

– Quero passar algum tempo a sós com a minha irmã. Trate de que ninguém mais entre no septo, sor. Se formos incomodados, mandarei que cortem a porcaria da sua cabeça.

– Sim, senhor. Às suas ordens. – Sor Osmund abriu a porta.

Cersei estava ajoelhada diante do altar da Mãe. O ataúde de Joffrey tinha sido colocado por baixo do Estranho, que levava os recém-falecidos para o outro mundo. Cheiro de incenso pairava pesadamente no ar, e havia uma centena de velas ardendo, enviando ao alto uma centena de preces. *E é provável que Joff precise de todas elas*.

A irmã olhou por sobre o ombro.

– Quem? – disse, e depois: – Jaime? – Ergueu-se, com os olhos ardendo de lágrimas. – É mesmo você? – Mas não foi até ele. *Ela nunca veio até mim*, pensou. *Sempre esperou, deixando-me ir até ela. Ela dá, mas tenho de pedir*. – Devia ter vindo mais cedo – murmurou, quando ele a tomou nos braços. – Por que não pôde vir mais cedo, para mantê-lo a salvo? O meu filho...

O nosso filho.

– Vim o mais depressa que pude. – Rompeu o abraço e deu um passo para trás. – Há uma guerra lá fora, irmã.

– Está tão magro. E seus cabelos, os cabelos dourados...

– Vão crescer. – Jaime ergueu o coto. *Ela precisa ver*. – Isto não.

Os olhos de Cersei esbugalharam-se.

– Os Stark...

– Não. Isso foi obra de Vargo Hoat.

O nome não lhe dizia nada.

– Quem?

– O Bode de Harrenhal. Durante pouco tempo.

Cersei virou-se para fitar o ataúde de Joffrey. Tinham vestido o rei morto com armadura dourada, estranhamente semelhante à de Jaime. A viseira do elmo estava fechada, mas as velas refletiam-se suavemente no ouro, e o rapaz cintilava, brilhante e bravo, na morte. A luz das velas também despertava fogueiras nos rubis que decoravam o corpete do vestido de luto de Cersei. Os cabelos caíam sobre seus ombros, soltos e desordenados.

– Ele matou-o, Jaime. Tal como me avisou que faria. Um dia, quando me julgasse a salvo e feliz, transformaria minha alegria em cinzas na boca, disse ele.

– Tyrion disse isso? – Jaime não quis acreditar. O assassinato de familiares era pior do que o de reis, aos olhos dos deuses e dos

homens. *Ele sabia que o garoto era meu. Eu amei Tyrion. Fui bom para ele*. Bem, exceto daquela vez... mas o Duende não conhecia a verdade sobre ela. *Ou será que conhece?* – Por que ele mataria Joff?

– Por uma puta. – Cersei agarrou-se à sua mão boa e apertou-a bem entre as suas. – Ele *disse* que ia fazer isso. Joff sabia. Ao morrer, *apontou* para o assassino. Para o monstrinho retorcido do nosso irmão. – Beijou os dedos de Jaime. – Vai matá-lo por mim, não vai? Vai vingar o nosso filho.

Jaime libertou-se dela.

– Ele continua sendo meu irmão. – Enfiou o coto em frente do nariz dela, para o caso de ela não ter visto. – E não estou em estado de matar seja quem for.

– Tem outra mão, não tem? Não estou pedindo para você derrotar o Cão de Caça em batalha. Tyrion é um *anão*, trancado numa cela. Os guardas vão deixá-lo entrar.

A ideia fez seu estômago se retorcer.

– Tenho de saber mais sobre isso. Sobre como aconteceu.

– Saberá – prometeu Cersei. – Vai haver um julgamento. Quando ouvir contar tudo o que ele fez, irá querer vê-lo morto tanto quanto eu. – Tocou-lhe o rosto. – Senti-me perdida sem você, Jaime. Tive medo de que os Stark me enviassem a sua cabeça. Não teria conseguido suportar tal coisa. – Beijou-o. Um beijo ligeiro, o mais ligeiro roçar dos lábios nos dele, mas sentiu-a tremer quando a envolveu nos braços. – Não estou inteira sem você.

Não havia ternura no beijo com que ele lhe respondeu, só fome. A boca dela abriu-se para a sua língua.

– Não – disse, com voz fraca, quando os lábios dele começaram a descer o seu pescoço –, aqui não. Os septões...

– Que os Outros carreguem os septões. – Voltou a beijá-la, beijou-a em silêncio, beijou-a até fazê-la gemer. Então empurrou as velas para longe e ergueu-a para cima do altar da Mãe, puxando para cima as saias e a combinação de seda que ela trazia por baixo. Ela bateu no peito dele com punhos fracos, murmurando sobre o risco, o perigo, o pai de ambos, os septões, a ira dos deuses. Ele nem a ouviu. Desatou os calções, subiu para cima do altar e afastou as pernas brancas e nuas da irmã. Uma mão deslizou coxa acima, por dentro da roupa de baixo. Quando a arrancou, viu que ela estava com a lua, mas o sangue não fazia qualquer diferença.

– Rápido – ela agora sussurava –, depressa, *depressa*, agora, vem já, me possua já. Jaime, Jaime, Jaime. – As mãos ajudaram a guiá-lo. – Sim – disse Cersei quando ele empurrou –, meu irmão, querido irmão, sim, assim, sim, tenho você, agora está em casa, está em casa, em *casa*. – Beijou-lhe a orelha e afagou-lhe os cabelos curtos e espetados. Jaime perdeu-se em sua carne. Sentiu o coração de Cersei

batendo em uníssono com o seu, e a umidade do sangue e do sêmen quando se uniram.

Mas assim que acabaram, a rainha disse:

– Deixe-me levantar. Se formos descobertos assim...

Relutantemente, rolou de cima dela e ajudou-a a sair do altar. O mármore branco estava manchado de sangue. Jaime limpou-o com a manga, após o que se dobrou para apanhar as velas que derrubara. Felizmente todas tinham se apagado quando caíram. *Se o septo tivesse se incendiado, podia nem ter reparado.*

– Isso foi uma loucura. – Cersei ajeitou o vestido. – Com o pai no castelo... Jaime, temos de ter cuidado.

– Estou farto de ter cuidado. Os Targaryen casavam-se entre irmãos, por que não podemos fazer o mesmo? Case-se comigo, Cersei. Erga-se perante o reino e diga que é a mim que quer. Teremos o nosso banquete de núpcias e faremos outro filho para o lugar de Joffrey.

Ela recuou.

– Isso não tem graça.

– Está me ouvindo rir?

– Deixou os miolos em Correrrio? – a voz dela tornara-se afiada. – O trono de Tommen provém de Robert, você sabe disso.

– Ele terá Rochedo Casterly, não basta? Que o pai ocupe o trono. Tudo o que quero é você. – Tentou tocar seu rosto. Os velhos hábitos custam a morrer, e foi o braço direito que levantou.

Cersei afastou-se do coto com repugnância.

– *Não*... não fale assim. Está me assustando, Jaime. Não seja *burro*. Uma palavra errada e vai nos custar tudo. O que fizeram com você?

– Cortaram minha mão.

– Não, é mais do que isso, está *mudado*. – Afastou-se um passo. – Mais tarde nos falamos. Amanhã. Tenho as aias de Sansa Stark numa cela de torre, tenho de interrogá-las... você devia ir falar com o pai.

– Atravessei mil léguas para vir até você, e perdi a melhor parte de mim ao longo do caminho. Não me diga para deixar você.

– *Deixe-me* – repetiu ela, virando as costas para ele.

Jaime amarrou os calções e fez o que ela ordenara. Apesar de estar muito cansado, não podia ir atrás de uma cama. Àquela altura, o senhor seu pai já sabia que tinha voltado à cidade.

A Torre da Mão encontrava-se guardada por guardas domésticos Lannister, que o reconheceram de imediato.

– Os deuses são bons, para trazê-lo de volta até nós, sor – disse um deles, enquanto lhe abria a porta.

– Os deuses não desempenharam nisso nenhum papel. Foi Catelyn Stark quem me devolveu. Ela e o Senhor do Forte do Pavor.

Subiu as escadas e entrou no aposento privado sem se fazer

anunciar, indo encontrar o pai sentado junto à lareira. Lorde Tywin estava só, e Jaime sentiu-se grato por isso. Naquele momento, não tinha qualquer desejo de exibir a mão mutilada perante Mace Tyrell ou a Víbora Vermelha, muito menos perante ambos ao mesmo tempo.

– Jaime – disse Lorde Tywin, como se tivessem se visto no café da manhã. – Lorde Bolton levou-me a esperá-lo mais cedo. Achava que estaria aqui a tempo do casamento.

– Fui atrasado. – Jaime fechou suavemente a porta. – Minha irmã superou-se, segundo ouvi dizer. Setenta e sete pratos e um regicídio, nunca houve um casamento assim. Há quanto tempo sabe que estou livre?

– O eunuco disse-me alguns dias depois de sua fuga. Mandei homens para as terras fluviais à sua procura. Gregor Clegane, Samwell Spicer, os irmãos Plumm. Varys também divulgou a informação, mas em segredo. Concordamos que quanto menos pessoas soubessem que estava livre, menos o perseguiriam.

– Varys mencionou isto? – aproximou-se do fogo, para permitir que o pai visse.

Lorde Tywin saltou da cadeira, silvando entre dentes.

– *Quem fez isso?* Se a Senhora Catelyn pensa...

– A Senhora Catelyn encostou uma espada na minha garganta e obrigou-me a jurar que lhe devolveria as filhas. Isto foi obra de seu bode. Vargo Hoat, o Senhor de Harrenhal!

Lorde Tywin afastou o olhar, repugnado.

– Não é mais. Sor Gregor capturou o castelo. Os mercenários abandonaram seu antigo capitão quase até o último homem, e parte do antigo pessoal da Senhora Whent abriu uma porta falsa. Clegane foi encontrar Hoat sentado, sozinho, no Salão das Cem Lareiras, meio louco de dor e febre devido a um ferimento que gangrenou. A orelha, dizem.

Jaime teve de rir. *Que maravilha! A orelha!* Mal podia esperar para contar a Brienne, se bem que a garota não veria na coisa metade da piada que ele via.

– Já está morto?

– Em breve. Cortaram-lhe as mãos e os pés, mas Clegane parece se divertir com o modo como o qohorik se baba.

O sorriso de Jaime coalhou.

– E os seus Bravos Companheiros?

– Os poucos que ficaram em Harrenhal estão mortos. Os outros espalharam-se. Vão se dirigir para os portos, aposto, ou tentar se perder nas florestas. – Os olhos voltaram a se dirigir ao coto de Jaime, e sua boca retesou-se de fúria. – Cortaremos a cabeça deles. De todos. Consegue usar uma espada com a mão esquerda?

Mal consigo me vestir de manhã. Jaime ergueu a mão em questão

para que o pai a inspecionasse.

– Quatro dedos, um polegar, muito parecida com a outra. Por que não haveria de trabalhar tão bem?

– Ótimo. – O pai sentou-se. – Isso é ótimo. Tenho um presente para você. Pelo seu retorno. Depois de Varys me dizer...

– A menos que seja uma nova mão, que espere. – Jaime ocupou a cadeira à frente do pai. – Como foi que Joffrey morreu?

– Veneno. A ideia era que parecesse que ele tinha sufocado com um bocado de comida, mas eu mandei abrir a garganta dele e os meistres não encontraram qualquer obstrução.

– Cersei diz que foi Tyrion quem o matou.

– Seu irmão serviu ao rei o vinho envenenado, com mil pessoas olhando.

– Isso foi bastante idiota da parte dele.

– Prendi o escudeiro de Tyrion. As aias da esposa também. Veremos se têm alguma coisa a nos dizer. Os homens de manto dourado de Sor Addam andam à procura da garota Stark, e Varys ofereceu uma recompensa. A justiça do rei será feita.

A justiça do rei.

– Executaria seu próprio filho?

– Ele está sendo acusado de regicídio e assassinato de um familiar. Se for inocente, nada tem a temer. Primeiro temos de analisar as provas a favor e contra ele.

Provas. Naquela cidade de mentirosos, Jaime sabia que tipo de provas seriam encontradas.

– Renly também morreu de forma estranha, quando Stannis precisou que morresse.

– Lorde Renly foi assassinado por um de seus próprios guardas, uma mulher qualquer de Tarth.

– Essa mulher de Tarth é o motivo por que estou aqui. Atirei-a numa cela para apaziguar Sor Loras, mas antes acreditaria no fantasma de Renly do que ela lhe ter feito algum mal. Stannis, porém...

– Aquilo que matou Joffrey foi veneno, não feitiçaria. – Lorde Tywin voltou a relancear o coto de Jaime. – Não pode servir na Guarda Real sem uma mão da espada...

– Posso – interrompeu. – E é o que farei. Há precedente. Vou procurar no Livro Branco e encontrá-lo, se quiser. Mutilado ou inteiro, um cavaleiro da Guarda Real serve a vida toda.

– Cersei acabou com isso quando substituiu Sor Barristan devido à idade. Um presente adequado à Fé persuadirá o Alto Septão a libertá-lo de seus votos. Sua irmã foi tola em destituir Selmy, admito, mas agora que abriu os portões...

– ... alguém tem de fechá-los novamente. – Jaime levantou-se. –

Estou farto de ter mulheres de nascimento elevado chutando baldes de merda na minha direção, pai. Nunca ninguém me perguntou se queria ser Senhor Comandante da Guarda Real, mas parece que sou. Tenho um dever...

– Tem. – Lorde Tywin também se levantou. – Um dever para com a Casa Lannister. É o herdeiro de Rochedo Casterly. É lá que devia estar. Tommen devia acompanhá-lo, como seu protegido e escudeiro. Será no Rochedo que ele aprenderá a ser um Lannister, e quero-o longe da mãe. Pretendo encontrar um novo marido para Cersei. Oberyn Martell, talvez, depois de convencer Lorde Tyrell de que a união não ameaça Jardim de Cima. E já é mais que hora de você se casar. Os Tyrell andam agora insistindo que Margaery se case com Tommen, mas se oferecer você em vez dele...

– *NÃO!* – Jaime ouvira tudo que conseguia aguentar. Não, *mais* do que conseguia aguentar. Estava farto daquilo, farto de lordes e mentiras, farto do pai, da irmã, farto de toda aquela maldita situação. – Não. Não. Não. Não. Não. Quantas vezes tenho de dizer *não* antes que me ouça? *Oberyn Martell?* O homem é infame, e não só por envenenar a espada. Tem mais bastardos do que Robert, e deita-se também com homens. E se acha por um disparatado momento que vou me casar com a viúva de Joffrey...

– Lorde Tyrell jura que a garota ainda é donzela.

– E por mim pode morrer donzela. *Não a quero e não quero o seu Rochedo!*

– É meu filho...

– Sou um cavaleiro da Guarda Real. O *Senhor Comandante* da Guarda Real! E isso é *tudo* o que pretendo ser!

A luz do fogo cintilava, dourada, nos pelos hirtos que enquadravam o rosto de Lorde Tywin. Uma veia latejava em seu pescoço, mas ele não falou. E não falou. E não falou.

O tenso silêncio prolongou-se até ser mais do que Jaime podia aguentar.

– Pai... – começou.

– Você não é meu filho. – Lorde Tywin afastou o olhar. – Diz que é o Senhor Comandante da Guarda Real, e apenas isso. Muito bem, sor. Vá cumprir o seu dever.

Davos

As vozes deles subiam como fagulhas, rodopiando na direção do céu púrpura do princípio da noite.

– Leve-nos para longe das trevas, oh senhor. Encha-nos de fogo o coração, para que possamos percorrer o seu caminho brilhante.

A fogueira noturna ardia contra a escuridão que se aprofundava, um grande animal brilhante cuja oscilante luz laranja atirava sombras com seis metros de altura pátio afora. Ao longo das muralhas de Pedra do Dragão, o exército de gárgulas e grotescos parecia se agitar e mudar de posição.

Davos olhava de uma janela arqueada na galeria, acima. Observou Melisandre erguer os braços, como que para abraçar as chamas tremulantes.

– R'hllor – entoou numa voz sonora e clara –, é a luz nos nossos olhos, o fogo nos nossos corações, o calor nos nossos quadris. É seu o sol que aquece os nossos dias, suas são as estrelas que nos protegem na escuridão da noite.

– *Senhor da Luz, proteja-nos. A noite é escura e cheia de terrores*.

A Rainha Selyse liderava as respostas, com o rosto atormentado e cheio de fervor. O Rei Stannis estava ao seu lado, com o maxilar bem cerrado e as pontas de sua coroa de ouro vermelho cintilando sempre que movia a cabeça. *Ele está com eles, mas não é um deles*, pensou Davos. A Princesa Shireen encontrava-se entre os pais, com as manchas cinzentas mosqueadas no rosto e no pescoço quase negras à luz da fogueira.

– *Senhor da Luz, proteja-nos* – cantou a rainha. O rei não respondeu com os outros. Estava fitando as chamas. Davos perguntou a si mesmo o que ele estaria vendo ali. *Outra visão da guerra que aí vem? Ou algo mais perto de casa?*

– R'hllor, que nos deu o sopro, agradecemos ao senhor – cantou Melisandre. – R'hllor, que nos deu o dia, agradecemos ao senhor.

– *Agradecemos ao senhor pelo sol que nos aquece* – respondeu a Rainha Selyse e os outros adoradores. – *Agradecemos ao senhor pelas estrelas que nos vigiam. Agradecemos ao senhor pelas lareiras e archotes que mantêm a escuridão selvagem a distância*. – Parecia a Davos que as respostas eram proferidas por menos vozes do que na noite anterior; menos rostos pintados de cor de laranja em volta da fogueira. Mas haveria ainda menos no dia seguinte... ou mais?

A voz de Sor Axell Florent ressoava, sonora como uma trombeta. Estava em pé, de peito estufado e pernas arqueadas, com a luz do fogo lambendo seu rosto como uma monstruosa língua laranja. Davos perguntou a si mesmo se Sor Axell lhe agradeceria depois. A obra que

tinham realizado naquela noite poderia bem fazer do homem Mão do Rei, tal como sonhava.

Melisandre gritou:

– Agradecemos ao senhor por Stannis, por sua graça nosso rei. Agradecemos ao senhor pelo fogo de um branco puro de sua bondade, pela espada vermelha da justiça que empunha, pelo amor que sente por seu leal povo. Guie-o e proteja-o, R'hllor, e dê-lhe força para derrotar os inimigos.

– *Dê-lhe força* – responderam a Rainha Selyse, Sor Axell, Devan e os outros. – *Dê-lhe coragem. Dê-lhe sabedoria*.

Quando era garoto, os septões tinham ensinado Davos a rezar à Velha por sabedoria, ao Guerreiro por coragem, ao Ferreiro por força. Mas era à Mãe que rezava agora, para que mantivesse seu querido filho Devan a salvo do deus demoníaco da mulher vermelha.

– Lorde Davos? É melhor irmos. – Sor Andrew tocou suavemente em seu cotovelo. – Senhor?

O título ainda lhe soava estranho aos ouvidos, mas Davos afastou-se da janela.

– Sim. É hora.

Stannis, Melisandre e os homens da rainha permaneceriam nas suas preces durante uma hora ou mais. Os sacerdotes vermelhos acendiam as fogueiras todos os dias ao pôr do sol, para agradecer a R'hllor pelo dia que terminava e suplicar-lhe que voltasse a enviar o seu sol de manhã, para banir a escuridão. *Um contrabandista deve conhecer as marés e a altura de apanhá-las*. No fim das contas, não passava disso; Davos, o contrabandista. A mão mutilada subiu à garganta em busca de sua sorte, e nada encontrou. Baixou-a bruscamente e apressou-se um pouco mais.

Os companheiros apressaram-se com ele, ajustando os passos aos seus. O Bastardo de Nocticantiga tinha um rosto devastado pela varíola e um ar de cavalaria esfarrapada; Sor Gerald Gower era largo, brusco e louro; Sor Andrew Estermont era uma cabeça mais alto, com uma barba pontuda e hirsutas sobrancelhas castanhas. Davos os considerava todos bons homens, cada um à sua maneira. *E todos serão homens mortos em breve, se a obra desta noite correr mal.*

– O fogo é uma coisa viva – a mulher vermelha tinha dito, quando lhe pediu que o ensinasse a ver o futuro nas chamas. – Está sempre em movimento, sempre em mudança... como um livro cujas letras dançam e se movimentam mesmo enquanto se está tentando lê-las. São precisos anos de treino para ver as silhuetas por trás das chamas, e mais anos ainda para aprender a distinguir as silhuetas daquilo que irá acontecer das que mostram o que poderá acontecer ou o que já aconteceu. Mesmo então, é difícil, *difícil*. Vocês, os homens das terras do poente, não compreendem. – Davos perguntou-lhe então como Sor

Axell tinha aprendido tão depressa o truque, mas ao ouvir isso ela limitou-se a dar um sorriso enigmático e dizer: – Qualquer gato pode fitar uma fogueira e ver ratos vermelhos brincando.

Não tinha mentido a respeito de nada daquilo aos seus homens do rei.

– Pode ser que a mulher vermelha veja o que pretendemos fazer – avisou-os.

– Então devíamos começar por matá-la – sugeriu Lewys Peixeira. – Conheço um lugar onde poderíamos preparar uma cilada, quatro de nós com espadas afiadas...

– Condenaria a todos nós – disse Davos. – Meistre Cressen tentou matá-la, e ela soube de imediato. Pelas chamas, suponho. Parece-me que é muito rápida em sentir qualquer ameaça à sua pessoa, mas certamente não pode saber *tudo*. Se a ignorarmos, talvez possamos escapar à sua detecção.

– Não há honra em nos escondermos e andarmos pela calada – objetou Sor Triston do Monte da Talha, que tinha sido um homem dos Sunglass antes de Lorde Guncer ser entregue às fogueiras de Melisandre.

– É assim tão honroso arder? – perguntara-lhe Davos. – Viu Lorde Sunglass morrer. É isso que deseja? Agora não preciso de homens de honra. Preciso de *contrabandistas*. Estão comigo ou não?

Estavam. Pela bondade dos deuses, estavam.

Meistre Pylos conduzia Edric Storm por suas somas quando Davos abriu a porta. Sor Andrew vinha logo atrás dele; os outros tinham sido deixados guardando as escadas e a porta do porão. O meistre interrompeu-se.

– Por enquanto é isso, Edric.

O garoto ficou confuso pela intrusão.

– Lorde Davos, Sor Andrew. Estávamos fazendo somas.

Sor Andrew sorriu.

– Eu detestava somas quando tinha sua idade, primo.

– Não me aborrecem muito. Mas gosto mais de história. Está cheia de histórias.

– Edric – disse Meistre Pylos –, agora vá correndo buscar o seu manto. Depois vai com o Lorde Davos.

– Vou? – Edric pôs-se em pé. – Aonde vamos? – Sua boca fez uma expressão teimosa. – Não irei rezar ao Senhor da Luz. Sou um homem do Guerreiro, como o meu pai.

– Nós sabemos – disse Davos. – Venha, rapaz, não podemos perder tempo.

Edric vestiu um espesso manto com capuz de lã crua. Meistre Pylos ajudou a prendê-lo, e puxou o capuz para lhe esconder o rosto.

– Você vem conosco, meistre? – perguntou o garoto.

– Não. – Pylos tocou a corrente de muitos metais que usava em volta do pescoço. – Meu lugar é aqui em Pedra do Dragão. Agora vá com Lorde Davos e faça o que ele disser. Lembre-se de que ele é a Mão do Rei. O que foi que eu lhe disse a respeito da Mão do Rei?

– A Mão fala com a voz do rei.

O jovem meistre sorriu.

– É isso mesmo. Agora vá.

Davos sentira-se incerto sobre Pylos. Talvez nutrisse ressentimento por ele ter ocupado o lugar do velho Cressen. Mas agora só podia admirar a coragem do homem. *Isso também pode custar a vida dele*.

Fora dos aposentos do meistre, Sor Gerald Gower esperava junto à escada. Edric Storm olhou-o com curiosidade. Enquanto desciam, perguntou.

– Aonde vamos, Lorde Davos?

– Para a água. Há um navio à sua espera.

O garoto parou subitamente.

– Um navio?

– Um dos de Salladhor Saan. Salla é um bom amigo meu.

– Eu irei com você, primo – garantiu-lhe Sor Andrew. – Não há nada de que ter medo.

– Eu não tenho *medo* – disse Edric, indignado. – É só... a Shireen também vem?

– Não – disse Davos. – A princesa tem de ficar aqui com o pai e a mãe.

– Então preciso vê-la – explicou Edric. – Para me despedir. Senão ela vai ficar triste.

Não tão triste do que ficaria se o visse ardendo.

– Não há tempo – disse Davos. – Eu digo à princesa que estava pensando nela. E você pode escrever para ela, quando chegar ao lugar para onde vai.

O garoto franziu a testa.

– Tem certeza de que preciso ir? Por que é que o meu tio me enviaria para fora de Pedra do Dragão? Desagradei-lhe? Não quis lhe desagradar. – Adotou de novo aquela expressão teimosa. – Quero falar com o meu tio. Quero falar com o Rei Stannis.

Sor Andrew e Sor Gerald trocaram um olhar.

– Não há tempo para isso, primo – disse Sor Andrew.

– Quero falar com ele! – insistiu Edric, mais alto.

– Ele não quer falar com você. – Davos tinha de dizer qualquer coisa para pôr o rapaz em movimento. – Eu sou a Mão dele, falo com a voz dele. Terei de ir até o rei e dizer-lhe que você não quer fazer o que lhe dizem? Sabe como isso o deixará zangado? Alguma vez já viu o seu tio zangado? – tirou a luva e mostrou ao garoto os quatro dedos

que Stannis tinha encurtado. – Eu já.

Era tudo mentira; não houve qualquer ira em Stannis Baratheon quando cortou a extremidade dos dedos de seu Cavaleiro das Cebolas, só um sentido férreo de justiça. Mas Edric Storm ainda não era nascido naquela época, e não tinha como saber. E a ameaça teve o efeito desejado.

– Ele não devia ter feito isso – disse o garoto, mas deixou que Davos pegasse sua mão e o levasse degraus abaixo.

O Bastardo de Nocticantiga juntou-se a eles na porta do porão. Caminharam depressa, atravessando um pátio cheio de sombras e descendo alguns degraus, sob a cauda de pedra de um dragão congelado. Lewys Peixeira e Omer Blackberry esperavam na poterna, com dois guardas amarrados e amordaçados aos pés.

– O barco? – perguntou-lhes Davos.

– Está lá – disse Lewys. – Quatro remadores. A galé está ancorada logo depois do cabo. *Prendos Louco*.

Davos soltou um risinho. *Um navio batizado em honra a um louco. Sim, é adequado*. Salla tivera uma mostra do humor negro dos piratas.

Ajoelhou-se diante de Edric Storm.

– Agora tenho de deixá-lo – disse. – Há um barco à espera, para levá-lo a uma galé. Depois vai atravessar o mar. É filho de Robert, portanto sei que será corajoso, aconteça o que acontecer.

– Serei. Só que... – O rapaz hesitou.

– Pense nisso como uma aventura, senhor. – Davos tentou soar forte e alegre. – É o início da grande aventura de sua vida. Que o Guerreiro o proteja.

– E que o Pai o julgue com justiça, Lorde Davos.

O garoto saiu com o primo, Sor Andrew, pela poterna. Os outros seguiram-nos, todos menos o Bastardo de Nocticantiga. *Que o Pai me julgue com justiça*, pensou Davos com tristeza. Mas era o julgamento do rei que o preocupava agora.

– E estes dois? – perguntou Sor Rolland referindo-se aos guardas, depois de fechar e trancar o portão.

– Meta-os num porão – disse Davos. – Pode soltá-los depois de Edric estar longe e a salvo.

O Bastardo fez um aceno brusco. Não houve mais palavras a dizer; a parte fácil estava feita. Davos calçou a luva desejando que não tivesse perdido a sua sorte. Fora um homem melhor e mais corajoso com aquele saco de ossos pendurado no pescoço. Passou os dedos encurtados pelos cabelos castanhos que iam rareando e perguntou a si mesmo se precisaria cortá-los. Tinha de ter um aspecto aceitável quando se apresentasse ao rei.

Pedra do Dragão nunca parecera tão escura e temível. Caminhou lentamente, com os passos a ecoar em paredes negras e dragões.

Dragões de pedra que nunca despertarão, espero eu. O Tambor de Pedra ergueu-se, enorme, à sua frente. Os guardas à porta descruzaram as lanças quando ele se aproximou. *Não para o Cavaleiro das Cebolas, mas para a Mão do Rei*. Davos era a Mão ao entrar, pelo menos. Perguntou a si mesmo o que seria ao sair. *Se chegasse a sair...*

Os degraus pareceram mais longos e íngremes do que antes, ou talvez fosse apenas o caso de estar cansado. *A Mãe não me fez para tarefas como esta*. Subira alto demais e depressa demais, e ali na montanha o ar era rarefeito demais para ele respirar. Quando garoto, sonhou com riquezas, mas isso tinha sido muito tempo antes. Mais tarde, crescido, tudo o que desejava resumiu-se a alguns acres de boa terra, uma casa em que envelhecer, uma vida melhor para os filhos. O Bastardo Cego costumava dizer-lhe que um contrabandista inteligente não tentava obter coisas demais, nem chamava a atenção para si. *Alguns acres, um telhado de madeira, um "sor" antes do nome, devia ter ficado satisfeito*. Se sobrevivesse àquela noite, levaria Devan e viajaria para casa, para o Cabo da Fúria e para a sua gentil Marya. *Choraremos juntos os nossos filhos mortos, criaremos os vivos para que se tornem homens bons e não voltaremos a falar de reis.*

A Sala da Mesa Pintada estava escura e vazia quando Davos entrou; o rei ainda devia estar na fogueira noturna, com Melisandre e os homens da rainha. Ajoelhou e acendeu a lareira, para afastar o frio do aposento redondo e expulsar as sombras para os seus cantos. Então dirigiu-se às janelas, uma de cada vez, abrindo as pesadas cortinas de veludo e destrancando as venezianas de madeira. O vento entrou, carregado com o cheiro do sal e do mar, e puxou seu manto simples e marrom.

Na janela norte, encostou-se ao peitoril para inspirar um pouco do ar frio da noite, esperando vislumbrar o *Prendos Louco* içar as velas, mas o mar parecia negro e vazio até perder de vista. *Já terá partido?* Só podia rezar para que sim, e o garoto com ele. Uma meia-lua aparecia e desaparecia por trás de nuvens finas e altas, e Davos via estrelas familiares; ali estava a Galé, velejando para oeste; ali a Lanterna da Velha, quatro estrelas brilhantes que rodeavam uma névoa dourada. As nuvens escondiam a maior parte do Dragão de Gelo, exceto pelo brilhante olho azul que indicava o rumo do norte. *O céu está cheio de estrelas de contrabandista*. Eram velhas amigas, aquelas estrelas; Davos esperava que isso significasse boa sorte.

Mas quando baixou o olhar do céu para as ameias do castelo, deixou de ter tanta certeza. As asas dos dragões de pedra criavam sombras negras à luz proveniente da fogueira noturna. Tentou dizer a si mesmo que não passavam de esculturas, frias e sem vida. *Este foi antigamente o lugar deles. Um lugar de dragões e de senhores de dragões, a sede da Casa Targaryen*. Os Targaryen eram do sangue da velha

Valíria...

O vento suspirou pelo aposento, e na lareira as chamas estremeceram e rodopiaram. Ouviu as toras crepitarem e soltarem fagulhas. Quando Davos saiu da janela, a sua sombra seguiu à sua frente, alta e esguia, e caiu sobre a Mesa Pintada como uma espada. E ali permaneceu durante muito tempo, à espera. Ouviu as botas deles nos degraus de pedra ao subirem. A voz do rei chegou antes do rei.

– ... não é três – estava Stannis dizendo.

– Três são três – foi a resposta de Melisandre. – Juro, Vossa Graça, eu vi-o morrer e ouvi os lamentos de sua mãe.

– Na fogueira noturna. – Stannis e Melisandre atravessaram juntos a porta. – As chamas estão cheias de truques. O que é, o que será, o que poderá ser. Não pode me dar a certeza...

– Vossa Graça. – Davos deu um passo adiante. – A Senhora Melisandre viu a verdade. Seu sobrinho Joffrey está morto.

O rei não mostrou sinal de surpresa por encontrá-lo junto da Mesa Pintada.

– Lorde Davos – disse. – Ele não era meu sobrinho. Embora eu tenha julgado durante anos que fosse.

– Sufocou com um pedaço de comida no seu banquete de casamento – disse Davos. – Pode ter sido envenenado.

– É o terceiro – disse Melisandre.

– Eu sei contar, mulher. – Stannis caminhou ao longo da mesa, passando por Vilavelha e pela Árvore, subindo na direção das Ilhas Escudo e da foz do Vago. – Os casamentos tornaram-se mais perigosos do que as batalhas, ao que parece. Quem foi o envenenador? Sabe-se?

– O tio, segundo se diz. O Duende.

Stannis rangeu os dentes.

– Um homem perigoso. Fiquei sabendo disso na Água Negra. Como lhe chegou esse relatório?

– Os lisenos ainda negociam em Porto Real. Salladhor Saan não tem motivos para mentir para mim.

– Suponho que não. – O rei percorreu a mesa com os dedos. – Joffrey... lembro-me de uma vez, uma gata de cozinha... os cozinheiros gostavam de lhe dar restos e cabeças de peixe. Um deles disse ao rapaz que ela tinha gatinhos na barriga, achando que ele poderia querer um. Joffrey abriu o pobre bicho com um punhal para ver se era verdade. Quando encontrou as crias, levou-as para mostrar ao pai. Robert bateu no garoto com tanta força que julguei que o tinha matado. – O rei tirou a coroa e pousou-a na mesa. – Anão ou sanguessuga, esse assassino prestou um serviço ao reino. Agora *têm* de mandar me buscar.

– Não o farão – disse Melisandre. – Joffrey tem um irmão.

– Tommen. – O rei proferiu o nome de má vontade.

– Coroarão Tommen e governarão em seu nome.

Stannis cerrou o punho.

– Tommen é mais gentil do que Joffrey, mas nasceu do mesmo incesto. Outro monstro por se formar. Outra sanguessuga sobre a Terra. Westeros precisa de uma mão de homem, não de criança.

Melisandre aproximou-se.

– Salve-os, senhor. Permita-me que acorde os dragões de pedra. Três são três. Dê-me o garoto.

– Edric Storm – disse Davos.

Stannis virou-se para ele numa fúria fria.

– *Eu sei como ele se chama*. Poupe-me de suas censuras. Não gosto mais disso do que você, mas o meu dever é para com o reino. O meu dever... – Voltou a virar-se para Melisandre. – Jura que não há outra maneira? Jure por sua vida, porque juro que morrerá devagarinho se mentir para mim.

– O senhor é quem tem de se erguer perante o Outro. Aquele cuja vinda foi profetizada há cinco mil anos. O cometa vermelho foi o seu arauto. O senhor é o príncipe que foi prometido, e se cair, o mundo cairá junto. – Melisandre aproximou-se dele, de lábios entreabertos, com o rubi a latejar. – Dê-me este garoto – sussurrou – e eu darei o seu reino.

– Ele não pode – disse Davos. – Edric Storm partiu.

– Partiu? – Stannis virou-se. – O que quer dizer com *partiu*?

– Está a bordo de uma galé lisena, em segurança no mar. – Davos observava o rosto pálido e em forma de coração de Melisandre. Viu aí o tremeluzir do desânimo, a súbita incerteza. *Ela não o viu!*

Os olhos do rei eram hematomas azul-escuros nos buracos de seu rosto.

– O bastardo foi levado de Pedra do Dragão sem a minha autorização? Uma galé, você diz? Se esse pirata liseno pensa em usar o garoto para me extorquir ouro...

– Isso é obra da sua Mão, senhor. – Melisandre lançou a Davos um olhar sabedor. – Vai trazê-lo de volta, senhor. Vai fazer isso.

– O garoto está fora do meu alcance – disse Davos. – E fora do seu também, senhora.

Os olhos vermelhos da mulher fizeram-no contorcer-se por dentro.

– Devia tê-lo deixado no escuro, sor. Sabe o que fez?

– O meu dever.

– Alguns chamariam de traição. – Stannis dirigiu-se à janela e fitou a noite. *Estará à procura do navio?* – Eu tirei-o da lama, Davos. – Soava mais cansado do que irritado. – Seria demais esperar lealdade?

– Quatro dos meus filhos morreram pelo senhor na Água Negra. Eu mesmo podia ter morrido. Tem a minha lealdade, sempre. – Davos

Seaworth pensara dura e longamente sobre as palavras que diria em seguida; sabia que a sua vida dependia delas. – Vossa Graça, fez-me jurar dar-lhe conselhos honestos e rápida obediência, defender o seu reino contra seus inimigos, *proteger o seu povo*. Não será Edric Storm um membro do seu povo? Um daqueles que jurei proteger? Obedeci aos meus votos. Como pode isso ser traição?

Stannis voltou a ranger os dentes.

– Nunca pedi esta coroa. O ouro é frio e pesado na cabeça, mas enquanto *for* o rei, tenho um dever a cumprir... Se tiver de sacrificar uma criança às chamas para salvar um milhão da escuridão... *Sacrifício*... nunca é fácil, Davos. Se for, não é um verdadeiro sacrifício. Diga-lhe, senhora.

Melisandre falou:

– Azor Ahai temperou a Luminífera com o sangue do coração de sua amada esposa. Se um homem com mil vacas der uma a deus, isso nada é. Mas um homem que oferece a única vaca que possui...

– Ela fala de vacas – disse Davos ao rei. – Eu estou falando de um garoto, amigo de sua filha, filho de seu irmão.

– O filho de um rei, com o poder do sangue real em suas veias. – O rubi de Melisandre cintilava como uma estrela vermelha à sua garganta. – Pensa que salvou este garoto, Cavaleiro das Cebolas? Quando a longa noite cair, Edric Storm morrerá com os outros, não importa onde esteja escondido. E os seus filhos também. As trevas e o frio cobrirão a terra. Intromete-se em assuntos que não compreende.

– Há muitas coisas que não compreendo – admitiu Davos. – Nunca fingi o contrário. Conheço os mares e os rios, a forma das costas, onde há rochedos e baixios. Conheço angras escondidas onde um barco pode aportar sem ser visto. E sei que um rei protege o seu povo, caso contrário não é rei nenhum.

O rosto de Stannis escureceu.

– Zomba de mim na minha cara? Será que preciso aprender quais são os deveres de um rei com um contrabandista de cebolas?

Davos ajoelhou.

– Se o ofendi, corte minha cabeça. Morrerei como vivi, um homem que lhe é leal. Mas primeiro escute-me. Escute-me em nome das cebolas que lhe trouxe, e dos dedos que me tirou.

Stannis desembainhou a Luminífera. O brilho da espada encheu a sala.

– Diga o que quiser, mas diga depressa. – Os músculos no pescoço do rei projetavam-se como cordões.

Davos apalpou dentro do manto e tirou um pedaço amarfanhado de pergaminho. Parecia uma coisa pequena e banal, mas era todo o escudo que possuía.

– Uma Mão do Rei deve saber ler e escrever. Meistre Pylos tem

me ensinado. – Alisou a carta no joelho e começou a ler à luz da espada mágica.

Jon

Sonhou que estava de volta a Winterfell, passando mancando pelos reis de pedra em seus tronos. Seus olhos de granito, cinzentos, viravam-se para segui-lo e seus dedos de granito apertavam-se no cabo das espadas enferrujadas que descansavam sobre suas coxas. *Não é um Stark*, ouvia-os resmungar, em pesadas vozes de granito. *Não há lugar para você. Vá embora.* Caminhou mais profundamente para o interior das trevas.

– Pai? – chamou. – Bran? Rickon? – ninguém respondeu. Um vento gelado soprava em seu pescoço. – Tio? – chamou. – Tio Benjen? Pai? Por favor, pai, ajude-me. – Ouviu o som de tambores vindo de cima. *Estão se banqueteando no Salão Grande, mas não sou bem-vindo lá. Não sou um Stark, e este não é o meu lugar*. A muleta escorregou e ele caiu de joelhos. As criptas estavam se tornando mais escuras. *Uma luz apagou-se, em algum lugar*. – Ygritte? – sussurrou. – Perdoe-me. Por favor. – Mas era apenas um lobo gigante, cinza e sinistro, salpicado de sangue, com os olhos dourados brilhando tristemente na escuridão...

A cela estava escura e a cama era dura sob seu corpo. Lembrou-se de que era a sua cama, a sua cama em sua cela de intendente que ficava abaixo dos aposentos do Velho Urso. Deveria ter-lhe trazido sonhos melhores. Mesmo sob as peles tinha frio. Fantasma era seu companheiro de cela antes de partirem em patrulha, aquecendo-a contra o frio da noite. E depois Ygritte dormira ao seu lado. *Ambos se foram agora*. Ele mesmo tinha queimado Ygritte, como sabia que ela teria desejado, e o Fantasma... *Onde está?* Estaria também *ele* morto, seria esse o significado de seu sonho, o lobo ensanguentado nas criptas? Mas o lobo no sonho era cinza, não branco. *Cinza como o lobo de Bran*. Teriam os Thenns o caçado, o teriam matado após Coroadarrainha? Se fosse isso que tinha acontecido, Bran estava perdido para ele, completamente e para sempre.

Jon estava tentando descobrir um sentido naquilo quando o berrante soou.

O Berrante do Inverno, pensou, ainda confuso do sono. Mas Mance não chegara a encontrar o berrante de Joramun, portanto não podia ser. Seguiu-se um segundo sopro, tão longo e profundo quanto o primeiro. Jon tinha de se levantar e ir para a Muralha, bem sabia, mas era tão difícil...

Empurrou as peles para o lado e sentou-se. A dor na perna parecia mais amortecida, nada que não pudesse suportar. Tinha dormido vestido com os calções, túnica e roupa interior, para obter mais calor, portanto tinha apenas de calçar as botas e vestir couro, cota de malha e manto. O berrante voltou a soar, dois sopros longos, por isso pôs

Garralonga ao ombro, pegou a muleta e manquejou escada abaixo.

Lá fora era noite cerrada, fazia um frio cortante e o céu estava coberto. Os irmãos jorravam de torres e fortalezas, afivelando os cintos de espada e dirigindo-se para a Muralha. Jon procurou Pyp e Grenn, mas não conseguiu encontrá-los. Talvez fosse um deles a sentinela que soprava o berrante. *É Mance*, pensou. *Finalmente chegou*. Isso era bom. *Travaremos uma batalha, e depois descansaremos. Vivos ou mortos, descansaremos*.

Onde estivera a escada só restava um imenso monte de madeira carbonizada e gelo quebrado à sombra da Muralha. Agora era o guincho que os içava, mas a gaiola só era suficiente para dez homens de cada vez, e já subia quando Jon chegou. Teria de esperar a sua volta. Outros esperaram com ele; Cetim, Mully, Bota Extra, Barricas, o grande e louro Hareth com seus dentes salientes. Todo mundo o chamava de Cavalo. Tinha sido cavalariço em Vila Toupeira, um dos poucos toupeiras que ficaram em Castelo Negro. Os outros tinham corrido de volta aos seus campos e cabanas, ou para as suas camas no bordel subterrâneo. Mas Cavalo queria vestir o negro, o grande tolo do dentuço. Zei, a prostituta que se mostrara tão habilidosa com o arco, também ficou, e Noye acolheu três garotos órfãos cujos pais tinham morrido na escada. Eram novos – nove, oito e cinco anos –, mas ninguém mais parecia querê-los.

Enquanto esperavam que a gaiola descesse, Clydas trouxe-lhes taças de vinho quente temperado, enquanto Hobb Três-Dedos distribuía nacos de pão escuro. Jon recebeu dele uma côdea e começou a roê-la.

– É o Mance Rayder? – perguntou ansiosamente Cetim.

– Podemos ter essa esperança. – Havia coisas piores do que selvagens na escuridão. Jon lembrava-se das palavras que o rei selvagem proferira no Punho dos Primeiros Homens, enquanto conversavam na neve cor-de-rosa. "Quando os mortos caminham, muralhas, estacas e espadas nada significam. Não pode lutar com os mortos, Jon Snow. Ninguém sabe disso tão bem quanto eu." Só de pensar naquilo o vento pareceu soprar um pouco mais frio.

Por fim, a gaiola voltou a descer, retinindo e oscilando na ponta da longa corrente, e eles aglomeraram-se lá dentro, em silêncio, e fecharam a porta.

Mully puxou três vezes a corda da sineta. Um momento mais tarde, começaram a subir, a princípio aos trancos, depois mais suavemente. Ninguém falou. No topo, a gaiola balançou para o lado e saltaram para fora, um por um. Cavalo ajudou Jon a descer para o gelo. O frio atingiu-o nos dentes como um soco.

Uma linha de fogos ardia ao longo do topo da Muralha, em cestos de ferro montados em postes mais altos do que um homem. O vento,

frio como uma faca, agitava e fazia as chamas rodopiarem, de modo que a lúgubre luz laranja estava sempre mudando. Feixes de flechas, lanças e dardos para as bestas e as balistas estavam em posição por todo lado. Havia pilhas de pedra com três metros de altura, grandes barris de madeira cheios de piche e de óleo de lâmpadas alinhavam-se a seu lado. Bowen Marsh deixara Castelo Negro bem abastecido de tudo, menos de homens. O vento chicoteava o manto negro das sentinelas-espantalhos montadas ao longo das ameias, de lança na mão.

– Espero que não tenha sido um deles que soprou o berrante – disse Jon a Donal Noye quando se aproximou dele coxeando.

– Ouviu isso? – perguntou Noye.

Havia o vento, e cavalos, e algo mais.

– Um mamute – disse Jon. – Isso foi um mamute.

O hálito do armeiro gelava assim que saía de seu nariz largo e achatado. A norte da Muralha havia um mar de escuridão que parecia estender-se até o infinito. Jon conseguia distinguir a tênue cintilação vermelha de fogos distantes em movimento através da floresta. Era Mance, tão certo como a alvorada. Os Outros não acendiam archotes.

– Como é que lutamos contra eles se não os vemos? – perguntou Cavalo.

Donal Noye virou-se para dois grandes trabucos que Bowen Marsh tinha restaurado e posto em funcionamento.

– Deem-me *luz*! – rugiu.

Barris de piche foram apressadamente carregados nos estilingues e incendiados com um archote. O vento soprou as chamas até se transformarem numa viva fúria vermelha.

– *AGORA!* – berrou Noye. Os contrapesos precipitaram-se para baixo e os braços de arremesso ergueram-se até baterem com estrondo nas barras transversais almofadadas. O piche ardente partiu rodopiando pela escuridão, lançando uma fantasmagórica luz oscilante sobre o terreno lá embaixo. Jon vislumbrou mamutes que se moviam imponentemente à meia-luz, e com a mesma rapidez deixou de vê-los. Uma dúzia, talvez mais. Os barris atingiram a terra e estouraram. Ouviram uma trombeta soar num baixo profundo, e um gigante rugiu qualquer coisa no Idioma Antigo, com a voz num trovão ancestral que provocou arrepios na espinha de Jon.

– *Outra vez!* – gritou Noye, e os trabucos foram de novo carregados. Mais dois barris de piche ardente partiram, crepitando, para as sombras, e esmagaram-se entre o inimigo. Daquela vez um deles atingiu uma árvore morta, envolvendo-a em chamas. *Não é uma dúzia de mamutes*, viu Jon, *é uma centena*.

Aproximou-se da borda do precipício. *Cuidado*, recordou a si mesmo, *é uma longa queda até lá embaixo*. Alyn Vermelho fez soar mais

uma vez o seu berrante de sentinela, *Aaaaahuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu, aaaaaaahuuuuuuuuuuuuuuuuuu*. E agora os selvagens responderam, não com um berrante, mas com uma dúzia, e também com tambores e gaitas. *Chegamos*, pareciam dizer, *chegamos para quebrar a sua Muralha, para tomar suas terras e roubar suas filhas*. O vento uivava, os trabucos rangiam e estrondeavam, os barris voavam. Atrás dos gigantes e dos mamutes, Jon viu homens avançando contra a muralha com arcos e machados. Haveria vinte ou vinte mil? Na escuridão, não havia como dizer. *Esta é uma batalha de cegos, mas Mance tem alguns milhares mais do que nós.*

– O portão! – gritou Pyp. – Eles estão no *PORTÃO!*

A Muralha era grande demais para ser assaltada por meios convencionais; alta demais para escadas ou torres de cerco, espessa demais para aríetes. Nenhuma catapulta era capaz de arremessar uma pedra suficientemente grande para abrir uma brecha nela, e caso se tentasse incendiá-la, o gelo derretido extinguiria as chamas. Era possível escalá-la, como os assaltantes tinham feito perto de Guardagris, mas só se os alpinistas fossem fortes, estivessem em forma e tivessem mãos seguras, e mesmo assim podiam acabar como Jarl, empalados numa árvore. *Eles têm de tomar o portão, caso contrário não poderão passar.*

Mas o portão era um túnel sinuoso através do gelo, menor do que qualquer portão de castelo dos Sete Reinos, tão estreito que os patrulheiros tinham de levar os garranos em fila indiana. Três portões de ferro fechavam a passagem interior, todos trancados e acorrentados e protegidos por um alçapão. A porta exterior era de carvalho antigo, com vinte e três centímetros de espessura e reforçada com ferro, difícil de quebrar. *Mas Mance tem mamutes*, recordou a si mesmo, *e também tem gigantes*.

– Deve estar frio lá embaixo – disse Noye. – Que dizem de os aquecermos, rapazes? – uma dúzia de potes de óleo para lâmpadas tinham sido alinhados junto ao precipício. Pyp percorreu a fileira com um archote, incendiando-os. Owen Idiota seguiu-o, empurrando-os borda afora, um por um. Línguas de fogo amarelo-claro rodopiaram em volta dos potes quando estes mergulharam. Depois de o último ter sido atirado, Grenn soltou com um pontapé os calços de um barril de piche e fez com que também caísse pela borda da Muralha, rolando e ressaltando. Os sons que vinham de baixo transformaram-se em berros e gritos, doce música para os seus ouvidos.

Mas os tambores ainda ressoavam, os trabucos estremeciam e estrondeavam, e o som das gaitas de foles veio em baforadas pela noite, como se fosse a canção de umas aves quaisquer, estranhas e ferozes. Septão Cellador também começou a cantar, com a voz trêmula e carregada de vinho.

Gentil Mãe, de clemência fonte,
nossos filhos livre da disputa,
pare espadas, pare flechas,
deixe-os ver...

Donal Noye virou-se para ele.

– O primeiro homem aqui que parar a espada, eu mando a porcaria da bunda caída lá pra baixo... começando por você, septão. *Arqueiros!* Temos aí algum maldito arqueiro?

– Aqui – disse Cetim.

– E aqui – disse Mully. – Mas como é que encontro um alvo? Tá escuro como se estivéssemos dentro de uma barriga de porco. Onde estão eles?

Noye apontou para o norte.

– Dispare flechas suficientes e pode ser que acerte alguns. Pelo menos vai deixá-los inquietos. – Olhou em volta do círculo de rostos iluminados pelo fogo. – Preciso de dois arcos e de duas lanças para me ajudar a defender o túnel, caso eles consigam quebrar o portão. – Mais de dez deram um passo adiante, e o ferreiro escolheu seus quatro. – Jon, a Muralha é sua até eu voltar.

Por um momento Jon julgou ter ouvido mal. Parecera que Noye estava deixando-o no comando.

– Senhor?

– *Senhor?* Eu sou um ferreiro. Disse que a Muralha é sua.

Há homens mais velhos, Jon quis dizer, *homens melhores. Ainda estou verde como a grama do verão. Estou ferido, e fui acusado de deserção*. Tinha ficado com a boca seca como um osso.

– Sim – conseguiu dizer.

Mais tarde Jon Snow teria a sensação de aquela noite ter sido um sonho. Lado a lado com os soldados de palha, com arcos e bestas apertados em mãos meio congeladas, seus arqueiros atiraram uma centena de nuvens de flechas contra homens que não chegavam a ver. De tempos em tempos uma flecha dos selvagens surgia em resposta. Enviou homens para as catapultas menores e encheu o ar com pedras angulosas do tamanho de um punho de gigante, mas a escuridão engolia-as como um homem poderia engolir um punhado de nozes. Mamutes bramiam nas trevas, estranhas vozes gritavam em línguas ainda mais estranhas, e o Septão Cellador rezava pela chegada da alvorada tão alto e com uma voz tão ébria que Jon se sentiu tentado a atirá-lo ele mesmo da Muralha. Ouviram um mamute morrendo bem abaixo deles e viram outro arremetendo pela floresta, ardendo, esmagando tanto homens como árvores. O vento soprava cada vez mais frio. Hobb foi içado com taças de caldo de cebolas e Owen e

Clydas serviram-nas aos arqueiros em seus postos, para que pudessem emborcá-las entre flechas. Zei ocupou um lugar entre eles com a sua besta. Horas de repetidos abalos e choques soltaram qualquer coisa no trabuco da direita, e seu contrapeso libertou-se, súbita e catastroficamente, torcendo o braço de arremesso para o lado e estilhaçando-o. O trabuco da esquerda continuou a arremessar, mas os selvagens tinham aprendido depressa a evitar a zona onde suas cargas caíam.

Devíamos ter vinte trabucos, e não dois, e eles deviam estar montados em trenós e bases rotativas para podermos movê-los. Era um pensamento fútil. Podia também desejar mais mil homens e talvez dois ou três dragões.

Donal Noye não voltou, assim como os outros que o acompanharam a fim de defender aquele túnel negro e frio. *A Muralha é minha*, lembrava Jon a si mesmo sempre que sentia as forças fraquejarem. Ele também tinha pegado um arco e sentia os dedos cheios de cãibras e duros, meio congelados. A febre também estava de volta, e às vezes a perna tremia descontroladamente, enviando uma incandescente faca de dor pelo interior de seu corpo. *Mais uma flecha, e descanso*, disse a si mesmo meia centena de vezes. *Só mais uma*. Sempre que a aljava se esvaziava, um dos toupeiras órfãos trazia-lhe outra. *Mais uma flecha, e basta*. Não podia faltar muito tempo para o nascer do dia.

Quando a manhã chegou, a princípio nenhum deles notou. O mundo continuava escuro, mas o negro transformara-se em cinza e silhuetas entrevistas começavam a emergir das sombras. Jon baixou o arco para fitar a massa de pesadas nuvens que cobria o céu oriental. Via um brilho atrás delas, mas talvez estivesse apenas sonhando. Encaixou mais uma flecha.

Então o sol nascente penetrou por entre as nuvens e arremessou pálidas lanças no quilômetro de terra limpa que se estendia entre a Muralha e o limite da floresta. Em metade de uma noite tinham-na transformado num deserto de grama enegrecida, piche borbulhante, pedra estilhaçada e cadáveres. A carcaça do mamute queimado já começava a atrair corvos. Havia também gigantes mortos no chão, mas atrás deles...

Alguém gemeu à sua esquerda, e ouviu o Septão Cellador dizer:

– Que a Mãe tenha piedade de nós, oh. Oh, oh, oh, *que a Mãe* tenha piedade *de nós*.

Sob as árvores estavam todos os selvagens do mundo; corsários e gigantes, *wargs* e troca-peles, homens das montanhas, marinheiros do mar salgado, canibais do rio de gelo, cavernícolas com o rosto pintado, bigas puxadas por cães vindas da Costa Gelada, homens de Cornopé com suas solas semelhantes a couro fervido, todo o estranho

povo selvagem que Mance reunira para quebrar a Muralha. *Esta não é a sua terra*, Jon quis gritar para eles. *Não há lugar para vocês aqui. Vão embora*. Conseguia ouvir Tormund Terror dos Gigantes rindo daquilo. "Você não sabe nada, Jon Snow", teria dito Ygritte. Flexionou a mão da espada, abrindo e fechando os dedos, embora soubesse perfeitamente que as espadas não entrariam em ação ali em cima.

Estava gelado e febril, e de repente o peso do arco foi demasiado. Compreendeu que a batalha com o Magnar não havia sido nada, e a luta da noite, menos que nada, nada mais que uma sonda, um punhal no escuro para tentar apanhá-los desprevenidos. A verdadeira batalha estava começando agora.

– Não sabia que seriam *tantos* – disse Cetim.

Jon sabia. Já os vira antes, mas não assim, não organizados em ordem de batalha. Durante a marcha, a coluna dos selvagens tinha-se espalhado ao longo de léguas como se fosse um enorme verme, e nunca era vista toda ao mesmo tempo. Agora...

– Aí vêm eles – disse alguém em voz rouca.

Jon viu que mamutes formavam o centro das fileiras dos selvagens, cem ou mais, montados por gigantes armados com malhos e enormes machados de pedra. Mais gigantes corriam ao lado dos animais, puxando um tronco de árvore apoiado em grandes rodas de madeira, com a ponta afiada em bico. *Um aríete*, pensou friamente. Se o portão ainda resistisse, lá embaixo, alguns beijos daquela coisa em pouco tempo o transformariam em lascas. De ambos os lados dos gigantes vinha uma onda de cavaleiros com couraça de couro fervido e lanças endurecidas pelo fogo, uma massa de arqueiros correndo, centenas de homens com lanças, estilingues, tacapes e escudos de couro. As bigas de osso da Costa Gelada avançavam chocalhando nos flancos, balançando sobre pedras e raízes atrás de parelhas de enormes cães brancos. *A fúria da terra bravia*, pensou Jon ao ouvir o gemido das gaitas de foles, o ladrar e latir dos cães, o bramido dos mamutes, os assobios e gritos do povo livre, os rugidos dos gigantes no Idioma Antigo. Os tambores ecoavam no gelo como trovões.

Sentia o desespero a toda a volta.

– Devem ser cem mil – gemeu Cetim. – Como poderemos parar tantos?

– A Muralha para-os – Jon ouviu-se dizendo. Virou-se e voltou a dizer isso, mais alto. – A *Muralha* para-os. *A Muralha defende-se*. – Palavras ocas, mas precisava dizê-las, quase tanto quanto os irmãos precisavam ouvi-las. – Mance quer nos desencorajar com seus números. Será que acha que somos *burros*? – estava agora gritando, com a perna esquecida, e todos os homens o escutavam. – As bigas, os cavaleiros, todos aqueles palermas a pé... o que irão fazer conosco aqui em cima? Algum de vocês já viu um mamute escalar uma

muralha? – soltou uma gargalhada, e Pyp, Owen e meia dúzia dos outros riram com ele. – Eles não são *nada*, têm menos utilidade do que os nossos irmãos de palha aqui, não podem chegar até nós, não podem nos fazer mal, e não nos assustam, certo?

– *CERTO!* – gritou Grenn.

– Eles estão lá embaixo e nós aqui em cima – disse Jon –, e enquanto defendermos o portão não podem passar. *Eles não podem passar!* – todos já estavam gritando, rugindo de volta suas próprias palavras, brandindo espadas e arcos no ar enquanto as faces se enrubesciam. Jon viu Barricas ali em pé, com um berrante de guerra metido debaixo do braço. – Irmão – disse-lhe –, faça soar o toque de batalha.

Sorrindo, Barricas levou o berrante aos lábios e soprou as duas longas notas que significavam *selvagens*. Outros berrantes imitaram o chamamento até que a própria Muralha pareceu estremecer e o eco daqueles grandes gemidos guturais afogou todos os outros sons.

– Arqueiros – disse Jon depois de os berrantes se silenciarem –, apontem para os gigantes que trazem o aríete, todos vocês. Disparem *às minhas ordens*, não antes. *OS GIGANTES E O ARÍETE*. Quero que chovam flechas sobre eles a cada passo, mas esperaremos até estarem ao alcance. Qualquer homem que desperdiçar uma flecha que seja vai ter de descer a Muralha e ir buscá-la, estão me ouvindo?

– Eu estou – gritou Owen Idiota. – Eu estou ouvindo, Lorde Snow.

Jon riu, riu como um bêbado ou um louco, e seus homens riram com ele. Viu que as bigas e os cavaleiros dos flancos agora estavam bem à frente do centro. Os selvagens ainda não tinham atravessado um terço do quilômetro, mas sua linha de batalha já se dissolvia.

– Carregar o trabuco com estrepes – disse Jon. – Owen, Barricas, virem as catapultas para o centro. Balistas, carregar com lanças incendiárias e disparar às minhas ordens. – Apontou para os rapazes de Vila Toupeira. – Você, você e você, fiquem à espera com archotes.

Os arqueiros selvagens disparavam ao avançar; precipitavam-se para a frente, paravam, disparavam e depois corriam mais dez metros. Eram tantos que o ar estava constantemente cheio de flechas, todas elas em voos lamentavelmente curtos. *Um desperdício*, pensou Jon. *Sua falta de disciplina está se revelando*. Os arcos de chifre e madeira do povo livre, menores, tinham um alcance mais reduzido do que os grandes arcos de teixo da Patrulha da Noite, e os selvagens estavam tentando disparar contra homens que se encontravam duzentos metros acima deles.

– *Deixem-nos disparar* – disse Jon. – Esperar. Aguentar. – Os mantos batiam atrás deles. – Temos o vento na cara, isso irá custar-nos alcance. Esperar. – *Mais perto, mais perto*. As gaitas de foles gemiam, os tambores trovejavam, as flechas dos selvagens esvoaçavam e caíam.

– *PUXAR.* – Jon levantou o próprio arco e puxou a flecha até a orelha. Cetim fez o mesmo, e o mesmo fizeram Grenn, Owen Idiota, Bota Extra, Jack Negro Bulwer, Arron e Emrick. Zei levou a besta ao ombro. Jon observava o aríete que se aproximava cada vez mais, com os mamutes e gigantes a acompanhá-lo pesadamente de ambos os lados. Pareciam tão pequenos que Jon poderia esmagar a todos com uma mão. *Se ao menos a minha mão fosse suficientemente grande*. Começaram a atravessar a extensão coberta de cadáveres. Uma centena de corvos levantou voo da carcaça do mamute morto quando os selvagens passaram trovejando por ela. Mais perto e ainda mais perto até que... – *DISPARAR!*

As flechas negras silvaram para baixo, como serpentes em asas de penas. Jon não esperou para ver onde caíam. Estendeu a mão para uma segunda flecha assim que a primeira deixou o seu arco.

– *ENCAIXAR. PUXAR. DISPARAR*. – Assim que a flecha partiu, pegou outra. – *ENCAIXAR. PUXAR. DISPARAR*. – E outra vez, e depois outra vez. Jon gritou pelo trabuco, e ouviu um rangido e um pesado *tum* quando uma centena de estrepes de aço cheias de espigões partiram girando pelo ar. – *Catapultas* – gritou –, *balistas. Arqueiros, disparar à vontade*. – Flechas dos selvagens atingiam a Muralha, trinta metros abaixo deles. Um segundo gigante girou e cambaleou. *Encaixar, puxar, disparar*. Um mamute virou de encontro a outro que seguia ao seu lado, derrubando gigantes ao chão. *Encaixar, puxar, disparar*. Viu que o aríete estava caído e quebrado, com os gigantes que o tinham empurrado mortos ou agonizando. – *Flechas incendiárias* – gritou. – *Quero o aríete queimando*. – Os berros dos mamutes feridos e os gritos ressonantes dos gigantes misturavam-se com os tambores e as gaitas, criando uma música horrível, mas seus arqueiros continuavam puxando e disparando, como se todos tivessem se tornado tão surdos quanto o falecido Dick Follard. Podiam ser a escória da ordem, mas eram homens da Patrulha da Noite, ou tão perto disso que não fazia diferença. *É por isso que não passarão*.

Um dos mamutes corria, descontrolado, atingindo selvagens com a tromba e esmagando arqueiros debaixo das patas. Jon puxou seu arco uma vez mais e lançou outra flecha contra o dorso felpudo do animal, para incentivá-lo a continuar. Para leste e para oeste, os flancos da tropa dos selvagens tinham chegado à Muralha sem oposição. As bigas aproximaram-se do centro ou viraram enquanto os cavaleiros davam voltas sem rumo, sem objetivo, sob a enorme falésia de gelo.

– *No portão!* – soou um grito. Talvez o Bota Extra. – *Mamute no portão!*

– Fogo – ladrou Jon. – Grenn, Pyp.

Grenn pôs o arco de lado, derrubou um barril de óleo e rolou-o

até a borda da Muralha, onde Pyp fez saltar a rolha que o selava com uma martelada, enfiou no orifício um pano torcido e o incendiou com um archote. Empurraram-no juntos borda afora. Trinta metros abaixo, o barril atingiu a Muralha e estourou, enchendo o ar com tábuas estilhaçadas e óleo fervente. Grenn já estava rolando um segundo barril até o precipício, e Barricas também tinha um. Pyp incendiou-os a ambos.

– *Acertaram!* – gritou Cetim, esticando tanto a cabeça que Jon teve certeza de que estava prestes a cair. – *Acertaram, acertaram, ACERTARAM!* – Ouviu o rugido do fogo. Um gigante em chamas surgiu no seu campo de visão, tropeçando e rolando no chão.

Então, de repente, os mamutes puseram-se em fuga, afastando-se da fumaça e das chamas e colidindo em seu terror com os que se encontravam atrás. Esses também recuaram, com os gigantes e selvagens atrás deles, correndo para saírem do caminho. Em meio segundo, o centro inteiro ruía. Os cavaleiros nos flancos viram-se abandonados e decidiram também retirar, sem que nenhum tivesse chegado a ter o seu batismo de sangue. Até as bigas se afastaram ribombando, não tendo feito nada além de parecer temíveis e produzir muito barulho. *Quando quebram, quebram de verdade*, pensou Jon Snow enquanto os via se afastando. Todos os tambores tinham se silenciado. *Que tal essa música, Mance? O que achou da mulher do dornês?*

– Temos alguém ferido? – perguntou.

– Os malditos filhos da mãe acertaram minha perna. – Bota Extra arrancou a flecha e brandiu-a por cima da cabeça. – A de madeira!

Uma aclamação irregular ergueu-se na Muralha. Zei pegou Owen pelas mãos, girou-o em círculos e deu-lhe um longo beijo molhado ali mesmo, à vista de todos. Também tentou beijar Jon, mas ele segurou-a pelos ombros e afastou-a gentil mas firmemente.

– Não – disse. *Acabaram-se os beijos para mim*. Subitamente sentiu-se cansado demais para se manter em pé, e a perna era uma agonia do joelho à virilha. Procurou a muleta às apalpadelas. – Pyp, ajude-me a ir até a gaiola. Grenn, a Muralha é sua.

– *Minha?* – disse Grenn.

– *Dele?* – disse Pyp. Era difícil dizer qual dos dois estava mais horrorizado.

– Mas – gaguejou Grenn – M-mas o que é que eu faço se os selvagens voltarem a atacar?

– Pare-os – disse-lhe Jon.

Enquanto desciam na gaiola, Pyp tirou o elmo e limpou a testa.

– Suor congelado. Há alguma coisa mais nojenta do que suor congelado? – Soltou uma gargalhada. – Deuses, acho que nunca tive tanta fome. Era capaz de comer um auroque inteiro, juro. Acha que o

Hobb nos cozinharia o Grenn? – Quando viu o rosto de Jon, seu sorriso morreu. – Que foi? É a perna?

– É a perna – concordou Jon. Até as palavras eram um esforço.

– Mas não é a batalha? Nós ganhamos a batalha.

– Pergunte-me depois de ter visto o portão – disse Jon sombriamente. *Quero um fogo, uma refeição quente, uma cama morna e qualquer coisa que faça com que minha perna pare de doer*, disse a si mesmo. Mas primeiro tinha de ir verificar o túnel e descobrir o que acontecera a Donal Noye.

Depois da batalha com os Thenns tinham levado quase um dia tirando o gelo e as vigas quebradas do portão interno. Pate Malhado, Barricas e alguns dos outros construtores argumentaram acaloradamente sobre se deviam simplesmente deixar ali o entulho, mais um obstáculo para Mance. Mas isso teria significado o abandono da defesa do túnel, e Noye não quis ouvir falar do assunto. Com homens nos alçapões e arqueiros e lanças atrás de cada um dos portões interiores, alguns irmãos determinados seriam capazes de repelir cem vezes o seu número de selvagens e atulhar o caminho de cadáveres. Não pretendia dar a Mance Rayder livre trânsito através do gelo. E assim, com picaretas, pás e cordas, tinham afastado os degraus quebrados e escavado um caminho até o portão.

Jon esperou junto das frias barras de ferro enquanto Pyp ia pedir a chave reserva ao Meistre Aemon. Surpreendentemente, o próprio meistre voltou com ele, e Clydas também, trazendo uma lanterna.

– Venha me fazer uma visita quando terminarmos – disse o velho a Jon enquanto Pyp lutava com as correntes. – Tenho de trocar sua atadura e aplicar um cataplasma fresco, e você vai querer um pouco de vinho dos sonhos para as dores.

Jon assentiu debilmente. A porta abriu-se. Pyp entrou à frente, seguido por Clydas e pela lanterna. Jon só foi capaz de acompanhar o passo de Meistre Aemon. O gelo apertava-se em volta deles, e ele sentia o frio enfiando-se em seus ossos, o peso da Muralha por cima de sua cabeça. Era como penetrar na goela de um dragão de gelo. O túnel descreveu uma curva e depois outra. Pyp destrancou um segundo portão de ferro. Avançaram, viraram novamente e viram luz mais à frente, tênue e pálida através do gelo. *Isso é ruim*, soube Jon de imediato. *Isso é muito ruim.*

Então Pyp disse:

– Há sangue no chão.

Foi nos últimos seis metros do túnel que eles tinham lutado e morrido. A porta exterior de carvalho reforçado tinha sido atacada e quebrada e por fim arrancada das dobradiças, e um dos gigantes arrastara-se para dentro através das lascas. A lanterna banhava a macabra cena com uma luz soturna e avermelhada. Pyp virou-se para

o lado e vomitou, e Jon deu por si a invejar a cegueira de Meistre Aemon.

Noye e seus homens tinham estado à espera dentro do túnel, por trás de um portão de pesadas barras de ferro igual aos dois que Pyp havia acabado de destrancar. Os dois besteiros tinham disparado uma dúzia de dardos enquanto o gigante lutava para chegar até eles. Então os lanceiros devem ter avançado, projetando as lanças através das barras. Mesmo assim, o gigante ainda encontrara forças para estender as mãos por entre as barras, arrancar a cabeça de Pate Malhado, agarrar o portão de ferro e afastar as barras. Elos de uma corrente quebrada estavam espalhados pelo chão. *Um gigante. Tudo isso foi obra de um gigante.*

– Estão todos mortos? – perguntou o Meistre Aemon em voz baixa.

– Sim. Donal foi o último. – A espada de Noye estava profundamente enterrada na garganta do gigante, até o meio da lâmina. O armeiro sempre tinha parecido a Jon um homem tão grande, mas preso aos enormes braços do gigante quase parecia uma criança. – O gigante esmagou sua coluna. Não sei quem morreu primeiro. – Pegou a lanterna e aproximou-se para ver melhor. – Mag. – "Eu sou o último dos gigantes." Sentia a tristeza que havia ali, mas não tinha tempo para tristezas. – Foi Mag, o Poderoso. O rei dos gigantes.

Sentiu então necessidade do sol. Dentro do túnel estava frio e escuro demais, e o fedor do sangue e da morte era sufocante. Jon devolveu a lanterna a Clydas, esgueirou-se em volta dos corpos e através das barras torcidas e caminhou para a luz do dia, para ver o que havia atrás da porta estilhaçada.

A enorme carcaça de um mamute morto bloqueava parcialmente a passagem. Uma das presas do animal prendeu seu manto e rasgou-o quando passou por ele. Mais três gigantes jaziam lá fora, meio enterrados por baixo de pedras, gelo sujo e piche endurecido. Via os locais onde o fogo derretera a Muralha, onde grandes lençóis de gelo tinham se desprendido com o calor e se estilhaçado no chão enegrecido. Ergueu os olhos para o local de onde tinham vindo. *Quando estamos aqui, parece imensa, como se estivesse prestes a nos esmagar.*

Jon voltou para dentro, para onde os outros aguardavam.

– Temos de reparar o portão exterior o melhor possível e depois bloquear esta seção do túnel. Entulho, montes de gelo, qualquer coisa. Até o segundo portão, se conseguirmos. Sor Winton terá de assumir o comando, é o último cavaleiro que resta, mas tem de agir *já*, os gigantes estarão de volta antes de percebermos. Temos de lhe dizer...

– Diga-lhe o que quiser – disse Meistre Aemon em voz baixa. – Ele

sorrirá, fará um aceno, e esquecerá. Há trinta anos, Sor Wynton Stout esteve a uma dúzia de votos de ser Senhor Comandante. Teria sido dos bons. Há dez anos ainda podia ter sido capaz. Mas não mais. Sabe disso tão bem quanto Donal sabia, Jon.

Era verdade.

– Então dê você a ordem – disse Jon ao meistre. – Passou a vida inteira na Muralha, os homens vão segui-lo. Temos de fechar o portão.

– Eu sou um meistre acorrentado e juramentado. A minha ordem serve, Jon. Nós damos conselhos, não ordens.

– Alguém tem de...

– Você. Você tem de liderar.

– Não.

– Sim, Jon. Não precisa ser por muito tempo. Só até a guarnição retornar. Donal escolheu-o, e Qhorin Meia-Mão também, antes dele. O Senhor Comandante Mormont fez de você o intendente dele. É um filho de Winterfell, sobrinho de Benjen Stark. Tem de ser você, ou não será ninguém. A Muralha é sua, Jon Snow.

Arya

Sentia o buraco dentro de si todas as manhãs ao acordar. Não era fome, embora às vezes também houvesse isso. Era um lugar oco, um vazio onde o coração estivera, onde os irmãos e os pais tinham vivido. Sua cabeça também doía. Não tanto como a princípio, mas ainda doía bastante. Arya estava habituada a isso, porém, e pelo menos o galo estava desaparecendo. Mas o buraco dentro de si permanecia mesmo assim. *O buraco nunca desaparecerá*, dizia a si mesma quando ia dormir.

Em algumas manhãs, Arya não queria sequer acordar. Aninhava-se sob o manto com os olhos bem apertados e tentava voltar ao sono pela força da vontade. Se ao menos o Cão de Caça a deixasse em paz, dormiria todo o dia e toda a noite.

E sonhava. Essa era a melhor parte, os sonhos. Sonhava com lobos quase todas as noites. Uma grande alcateia de lobos, ela à frente. Era maior do que todos os outros, mais forte, mais ligeira, mais rápida. Era capaz de correr mais depressa do que cavalos e de vencer leões em luta. Quando arreganhava os dentes, até os homens fugiam dela, nunca tinha a barriga vazia por muito tempo, e o pelo mantinha-a quente mesmo quando o vento soprava frio. E os irmãos e irmãs acompanhavam-na, muitos e muitos mais, ferozes, terríveis e *seus*. Nunca a abandonariam.

Mas se as suas noites eram cheias de lobos, os dias pertenciam ao cão. Sandor Clegane obrigava-a a se levantar todas as manhãs, quer quisesse quer não. Amaldiçoava-a em sua voz arranhada, ou punha-a bruscamente de pé e sacudia-a. Uma vez tinha despejado um elmo cheio de água fria por cima de sua cabeça. Ela levantou-se repentinamente, cuspindo água e tremendo, e tentou chutá-lo, mas ele limitou-se a rir.

– Seque-se e dê de comer à merda dos cavalos – ele tinha dito, e ela obedeceu.

Agora tinham dois, o Estranho e uma égua palafrém alazã que Arya batizou de Covarde, porque Sandor disse que o animal provavelmente teria fugido das Gêmeas, tal como eles. Tinham-na encontrado vagueando sem cavaleiro pelo campo, na manhã seguinte ao massacre. Era um cavalo bastante bom, mas Arya não era capaz de amar um covarde. *Estranho teria lutado*. Apesar de tudo, cuidava da égua o melhor que sabia. Era melhor do que seguir montada no mesmo cavalo de Cão de Caça. E Covarde podia ter feito jus ao nome, mas também era jovem e forte. Arya achava que talvez fosse capaz de correr mais depressa do que Estranho, se fosse preciso.

Cão de Caça já não a vigiava tão atentamente como antes. Às

vezes não parecia se importar se ela ficava ou se ia embora, e já não a atava num manto à noite. *Uma noite, mato-o enquanto dorme*, dizia a si mesma, mas não fazia isso. *Um dia, vou embora com a Covarde, e ele não conseguirá me pegar*, pensava, mas também não fazia isso. Para onde iria? Winterfell estava destruído. O irmão do avô estava em Correrrio, mas não a conhecia, tal como ela não o conhecia. A Senhora Smallwood talvez a acolhesse em Solar de Bolotas, mas talvez não. Além disso, Arya nem sequer tinha certeza de conseguir *encontrar* o Solar de Bolotas novamente. Às vezes pensava que podia voltar para a estalagem de Sharna, se as cheias não a tivessem levado. Podia ficar com o Torta Quente, ou talvez Lorde Beric a encontrasse ali. Anguy iria ensiná-la a usar um arco, e ela poderia cavalgar com Gendry e ser uma fora da lei, como Wenda, a Cerva Branca das canções.

Mas isso era uma estupidez, como um sonho que Sansa poderia ter. Torta Quente e Gendry tinham-na abandonado assim que puderam, e Lorde Beric e os fora da lei só queriam obter um resgate por ela, assim como o Cão de Caça. Nenhum deles a queria por perto. *Nunca foram a minha alcateia, nem sequer o Torta Quente e o Gendry. Fui burra por pensar que sim, uma menininha estúpida, nem de longe uma loba.*

Por isso ficava com o Cão de Caça. Viajavam todos os dias, sem nunca dormir duas vezes no mesmo local, evitando vilas, aldeias e castelos o melhor possível. Uma vez tinha perguntado a Sandor Clegane para onde iam.

– Para longe – disse ele. – É tudo o que tem de saber. Agora não vale uma cusparada para mim, e não quero ouvir as suas lamúrias. Devia tê-la deixado correr para aquele maldito castelo.

– Devia mesmo – concordou ela, pensando na mãe.

– Se tivesse feito isso, estaria morta. Devia me agradecer. Devia cantar uma cançãozinha bonita para mim, como a sua irmã fez.

– Também bateu nela com um machado?

– Bati em você com a parte *romba* do machado, minha cachorra estúpida. Se a tivesse atingido com a lâmina, haveria pedaços de sua cabeça flutuando pelo Ramo Verde abaixo. Agora feche a merda da boca. Se eu tivesse algum juízo, dava você às irmãs silenciosas. Elas cortam a língua das garotas que falam demais.

Não era justo ele dizer aquilo. Tirando aquela vez, Arya quase nem sequer falava. Passavam-se dias inteiros sem que nenhum dos dois proferisse uma única palavra. Ela estava vazia demais para falar, e Cão de Caça tinha ira demais. Arya sentia a fúria nele; via-a em seu rosto, no modo como sua boca se comprimia e torcia, nos olhares que lhe lançava. Sempre que pegava o machado para cortar um pouco de lenha para uma fogueira, enchia-se de uma fúria fria, golpeando violentamente a árvore viva ou morta, ou o galho partido, até ficarem

com vinte vezes mais lenha do que necessitavam. Às vezes, ficava tão dolorido e cansado depois de cortar a lenha que se deitava e adormecia sem sequer acender a fogueira. Arya detestava quando isso acontecia, e detestava-o também. Eram essas as noites em que fitava mais intensamente o machado. *Parece terrivelmente pesado, mas aposto que seria capaz de brandi-lo*. E não o golpearia com a parte romba.

Às vezes, em seus deslocamentos, vislumbravam outras pessoas; camponeses nos seus campos, guardadores de suínos com seus porcos, uma leiteira conduzindo uma vaca, um escudeiro levando uma mensagem por uma estrada sulcada. Também não queria falar com eles. Era como se vivessem em alguma terra distante e falassem uma língua estranha e estrangeira, nada tinham a ver com ela. E nem ela com eles.

Além disso, ser visto não era seguro. De tempos em tempos colunas de cavaleiros passavam pelas sinuosas estradas rurais, com as torres gêmeas de Frey esvoaçando à sua frente.

– À caça de nortenhos desgarrados – tinha dito Cão de Caça depois de uma dessas colunas ter passado. – Sempre que ouvir cascos, abaixe depressa a cabeça, pois não é provável que seja um amigo.

Um dia, num buraco na terra feito pelas raízes de um carvalho caído, deram de cara com outro sobrevivente das Gêmeas. O símbolo que trazia ao peito exibia uma donzela cor-de-rosa que dançava num rodopio de seda, e ele disse-lhes que era um homem de Sor Marq Piper; um arqueiro, embora tivesse perdido o arco. O ombro esquerdo estava todo inchado e torcido no local onde se juntava ao braço; um golpe de maça, disse, tinha partido seu ombro e enterrado profundamente a cota de malha em sua carne.

– E foi um nortenho – choramingou. – O símbolo dele era um homem ensanguentado, e viu o meu e fez uma piada, homem vermelho e donzela cor-de-rosa, talvez devessem se juntar. Eu bebi ao Lorde Bolton dele, ele bebeu a Sor Marq e bebemos juntos ao Lorde Edmure, à Senhora Roslin e ao Rei no Norte. E depois matou-me. – Os olhos dele tinham um brilho febril quando disse aquilo, e Arya viu que era verdade. O ombro estava inchado de forma grotesca, e pus e sangue tinham-lhe manchado todo o lado esquerdo. E também fedia. *Cheira a cadáver*. O homem implorou um trago de vinho.

– Se tivesse algum vinho, tinha-o bebido eu – disse-lhe Cão de Caça. – Posso dar-lhe água e misericórdia.

O arqueiro olhou-o longamente antes de dizer:

– É o cão de Joffrey.

– Agora sou um cão independente. Quer a água?

– Sim. – O homem engoliu em seco. – E a misericórdia. Por favor.

Tinham passado por uma pequena lagoa pouco antes. Sandor deu a Arya o elmo e disse-lhe para enchê-lo, e ela caminhou penosamente

até a borda da água. Lama esguichou sobre a ponta de suas botas. Usou a cabeça do cão como balde. Escorreu água pelos buracos para os olhos, mas o fundo do elmo ainda tinha ficado com muita.

Quando voltou, o arqueiro virou o rosto para cima e ela despejou a água na boca dele. Ele engoliu-a tão depressa quanto ela conseguia despejar, e aquilo que não conseguiu engolir escorreu por seu rosto, indo misturar-se com o sangue marrom que estava incrustado nos pelos que o cobriam, até que lágrimas de um tom claro de rosa pingaram de sua barba. Quando a água se esgotou, agarrou o elmo e lambeu o aço.

– Ótimo – disse. – Mas preferia que tivesse sido vinho. Queria vinho.

– Eu também. – Cão de Caça enfiou o punhal no peito do homem quase com ternura, com o peso do corpo empurrando a ponta através do sobretudo, da cota de malha e do almofadado que usava por baixo. Quando voltou a puxar a faca para fora, olhou para Arya. – É ali que fica o coração, garota. É assim que se mata um homem.

Essa é uma maneira.

– Devemos enterrá-lo?

– Por quê? – disse Sandor. – Ele não se importa, e nós não temos pá. Deixe-o para os lobos e os cães selvagens. Os seus irmãos e os meus. – Dirigiu-lhe um olhar duro. – Mas primeiro vamos roubá-lo.

Havia dois veados de prata na bolsa do arqueiro, e quase trinta moedas de cobre. O punhal do homem tinha uma bonita pedra cor-de-rosa no botão. Cão de Caça sopesou a faca e depois atirou-a a Arya. Ela pegou-a pelo cabo, enfiou-a no cinto e sentiu-se um pouco melhor. Não era a Agulha, mas era aço. O morto também tinha uma aljava de flechas, mas as flechas não tinham muita utilidade sem um arco. As botas eram grandes demais para Arya e pequenas demais para Cão de Caça, portanto deixaram-nas lá. Ela também ficou com seu capacete, embora lhe caísse quase até abaixo do nariz, e tivesse de incliná-lo para trás para poder enxergar.

– Ele também deveria ter um cavalo, senão não teria fugido – disse Clegane, olhando em volta –, mas acho que já desapareceu. Não há como dizer há quanto tempo ele está aqui.

Quando chegaram ao sopé das Montanhas da Lua, as chuvas tinham quase parado. Arya conseguia ver o sol, a lua e as estrelas, e parecia-lhe que se dirigiam para leste.

– Para onde vamos? – voltou a perguntar.

Daquela vez o Cão de Caça respondeu-lhe.

– Você tem uma tia no Ninho da Águia. Talvez queira resgatar esse seu corpinho magricela, embora só os deuses saibam por quê. Depois de acharmos a estrada de altitude, podemos segui-la até o Portão Sangrento.

A tia Lysa. A ideia deixou em Arya uma sensação de vazio. Era a mãe que desejava, não a irmã da mãe. Não conhecia melhor a tia Lysa do que o tio-avô Peixe Negro. *Devíamos ter entrado no castelo*. Na verdade não *sabiam* se a mãe estava morta, ou mesmo Robb. Não os tinham propriamente visto morrer, nem nada parecido. Talvez Lorde Frey os tivesse apenas capturado. Talvez estivessem acorrentados em sua masmorra, ou talvez os Frey estivessem levando-os para Porto Real, para que Joffrey pudesse cortar a cabeça deles. Não *sabiam*.

– Devíamos voltar – decidiu de repente. – Devíamos voltar para as Gêmeas e ir buscar a minha mãe. Ela não pode estar morta. Temos de ajudá-la.

– Achava que era a sua irmã quem tinha a cabeça cheia de canções – rosnou o Cão de Caça. – O Frey podia ter mantido a sua mãe viva para obter um resgate, isso é verdade. Mas não há uma chance nos sete infernos de eu conseguir arrancá-la sozinho do seu castelo.

– Sozinho não. Eu também iria.

Ele soltou um som que era quase uma gargalhada.

– *Isso* ia fazer o velho mijar-se de susto.

– Você só tem medo de morrer! – disse ela com uma expressão de escárnio.

Agora Clegane riu *mesmo*.

– A morte não me assusta. Só o fogo. Agora veja se fica quieta, senão eu mesmo corto sua língua e poupo as irmãs silenciosas da chatice. Para nós é o Vale.

Não parecia a Arya que ele realmente cortaria sua língua; estava apenas dizendo aquilo como o Olho-Vermelho costumava dizer que bateria nela até tirar sangue. Fosse como fosse, não iria pô-lo à prova. Sandor Clegane não era nenhum Olho-Vermelho. O Olho-Vermelho não cortava gente ao meio nem batia nela com machados. Nem mesmo com a parte romba dos machados.

Naquela noite adormeceu pensando na mãe e perguntando a si mesma se deveria matar Cão de Caça enquanto dormia e salvar ela mesma a Senhora Catelyn. Quando fechou os olhos, viu o rosto da mãe na parte de dentro das pálpebras. *Ela está tão perto que quase conseguiria cheirá-la...*

... e então *conseguiu* cheirá-la. O odor era tênue sob os outros cheiros, sob o musgo, a lama e a água e o fedor de juncos e homens em putrefação. Caminhou lentamente pelo terreno macio até a beira do rio e lambeu um pouco de água, após o que ergueu a cabeça para farejar. O céu estava cinza e pesado de nuvens; o rio, verde e cheio de coisas flutuantes. Os baixios estavam coalhados de mortos, alguns ainda em movimento quando a água os empurrava, outros encalhados nas margens. Os irmãos e irmãs formigavam em volta dos corpos, devorando a rica carne putrefata.

Também lá estavam os corvos, gritando contra os lobos e enchendo o ar de penas. O sangue deles era mais quente, e uma de suas irmãs abocanhou um ao levantar voo, apanhando-o por uma asa. Aquilo fez com que também desejasse um corvo. Queria sentir o sabor do sangue, ouvir os ossos se esmagando entre seus dentes, encher a barriga com carne quente em vez de fria. Tinha fome e havia carne por toda a volta, mas sabia que não podia comer.

O cheiro agora era mais forte. Levantou as orelhas e escutou os rosnados da alcateia, os guinchos de corvos irritados, o sussurro das asas e o som da água corrente. Ouviu sons de cavalos e os gritos dos vivos vindos de algum lugar a distância, mas não eram eles que importavam. Só o odor importava. Voltou a farejar o ar. Ali estava ele, e agora também via a sua origem, algo pálido à deriva no rio, virando-se quando roçava por um obstáculo submerso. Os juncos faziam reverências à sua frente.

Chapinhou ruidosamente pelos baixios e atirou-se em águas mais profundas, batendo as patas. A correnteza era forte, mas ela era mais. Nadou, seguindo o nariz. Os cheiros do rio eram ricos e úmidos, mas não eram esses que a atraíam. Nadou atrás do vivo sussurro rubro do sangue frio, do fedor enfastiante e doce da morte. Perseguiu-os como perseguira frequentemente um veado vermelho por entre as árvores, e por fim apanhou-os e suas mandíbulas fecharam-se em volta de um braço pálido. Sacudiu-o para obrigá-lo a se mexer, mas havia apenas morte e sangue em sua boca. Começava a se cansar, e foi com dificuldade que puxou o cadáver para a terra. Enquanto o arrastava para a margem lamacenta, um de seus irmãos menores veio investigar, com a língua saindo da boca. Teve de rosnar para afastá-lo, caso contrário ele teria comido. Só então parou para sacudir a água do pelo. A coisa branca jazia de bruços na lama, com a carne morta enrugada e pálida e sangue frio pingando de sua garganta. *Levante-se*, pensou. *Levante-se, e venha comer e correr conosco.*

O ruído de cavalos fez a loba virar a cabeça. Homens. Vinham contra o vento, e por isso não sentira o cheiro deles, mas agora estavam quase ali. Homens a cavalo, com asas pretas, amarelas e cor-de-rosa que batiam ao vento e longas garras brilhantes nas mãos. Alguns de seus irmãos mais novos mostraram os dentes para proteger a comida que tinham achado, mas ela mordeu-os até fugirem. Era essa a lei da natureza. Veados, lebres e corvos fugiam perante lobos, e lobos fugiam dos homens. Abandonou a captura fria e branca na lama para onde a arrastara, e fugiu, e não sentiu vergonha.

Quando a manhã chegou, Cão de Caça não precisou gritar ou sacudir Arya para que acordasse. Ela havia acordado antes dele, por uma vez, e até tinha dado água aos cavalos. Quebraram o jejum em silêncio, até que Sandor disse:

– Aquela conversa de sua mãe...

– Não importa – disse Arya numa voz sem vida. – Eu sei que está morta. Vi-a num sonho.

Cão de Caça observou-a por um longo momento, e depois assentiu. Nada mais foi dito sobre o assunto. Continuaram a viagem na direção das montanhas.

Nas colinas mais elevadas, chegaram a uma minúscula aldeia isolada rodeada por árvores-sentinela de um cinza-esverdeado e grandes pinheiros marciais azuis, e Clegane decidiu arriscar entrar.

– Precisamos de comida – afirmou – e de um telhado sobre a cabeça. Não é provável que eles saibam o que aconteceu nas Gêmeas, e com um pouco de sorte não vão me reconhecer.

Os aldeões estavam construindo uma paliçada de madeira em volta de suas casas, e quando viram a largura dos ombros de Cão de Caça, ofereceram-lhes comida e abrigo, e até dinheiro em troca de trabalho.

– Se também houver vinho, aceito – rosnou-lhes ele. Por fim, acabou se contentando com cerveja, e todas as noites bebia até adormecer.

Mas o seu sonho de vender Arya à Senhora Arryn morreu ali nas colinas.

– Há geada acima de nós e neve nos passos de altitude – disse o ancião da aldeia. – Se não congelar ou passar fome, os gatos-das-sombras vão pegá-lo, ou então serão os ursos das cavernas. E também há os clãs. Os Homens Queimados andam destemidos desde que Timett Zarolho voltou da guerra. E há meio ano, Gunthor, filho de Gurn, desceu com os Corvos de Pedra até uma aldeia a menos de treze quilômetros daqui. Levaram todas as mulheres e todos os restos de cereais e mataram metade dos homens. Agora têm aço, espadas boas e camisas de cota de malha, e vigiam a estrada de altitude... os Corvos de Pedra, as Serpentes de Leite, os Filhos da Névoa, todos eles. Talvez possa levar alguns com você, mas no fim vão matá-lo e ir embora com a sua filha.

Não sou filha dele, podia ter gritado Arya, se não se sentisse tão cansada. Agora não era filha de ninguém. Não era ninguém. Nem Arya, nem a Doninha, nem Nan, nem Arry, nem a Pombinha, nem sequer Cabeça de Caroço. Era apenas uma garota qualquer que corria de dia com um cão e à noite sonhava com lobos.

A aldeia era sossegada. Tinham colchões de palha sem muitos piolhos, a comida era simples mas satisfazia e o ar cheirava a pinheiros. Mesmo assim, Arya depressa decidiu que a detestava. Os aldeões eram covardes. Nenhum deles sequer olhava para a cara do Cão de Caça, pelo menos não por muito tempo. Algumas das mulheres tentaram enfiá-la num vestido e obrigá-la a bordar, mas não eram a

Senhora Smallwood, e Arya nem quis ouvir falar do assunto. E havia uma garota que decidiu segui-la, filha do ancião da aldeia. Tinha a idade de Arya, mas não passava de uma *criança*; chorava se esfolasse um joelho, e carregava uma estúpida boneca de trapos para todo lado. A boneca tinha sido feita para se assemelhar a um homem de armas, mais ou menos, e por isso a menina chamava-a de Sor Soldado e gabava-se de como ele a mantinha a salvo.

– Vá embora – disse-lhe Arya meia centena de vezes. – Deixe-me em paz. – Mas ela não deixava, e Arya acabou por lhe tirar a boneca, rasgá-la, enfiar um dedo na barriga e puxar os trapos que a enchiam. – Agora parece *mesmo* um soldado! – disse, antes de atirar a boneca em um riacho.

Depois daquilo a garota deixou de importuná-la, e Arya passou a gastar os dias tratando da Covarde e do Estranho ou passeando pela floresta. Por vezes achava um pedaço de madeira e praticava seus trabalhos de agulha, mas então recordava o que havia acontecido nas Gêmeas e batia com ele numa árvore até que se partisse.

– Talvez devêssemos ficar aqui por algum tempo – disse-lhe Cão de Caça depois de uma quinzena. Estava bêbado de cerveja, mas mostrava-se mais pensativo do que sonolento. – Nunca chegaremos ao Ninho da Águia, e os Frey ainda devem andar à caça de sobreviventes nas terras fluviais. Parece que por aqui precisam de quem saiba manejar uma espada, com os ataques desses clãs. Podíamos descansar e talvez achar uma maneira de fazer chegar uma carta à sua tia.

O rosto de Arya tornou-se sombrio ao ouvir aquilo. Não queria ficar, mas também não havia para onde ir. Na manhã seguinte, quando Cão de Caça saiu para abater árvores e carregar troncos, voltou a enfiar-se na cama.

Mas quando o trabalho terminou e a grande paliçada de madeira ficou pronta, o ancião da aldeia deixou claro que não havia lugar para eles.

– Quando chegar o inverno, vamos ter dificuldade em alimentar os nossos – explicou. – E você... um homem como você traz sangue consigo.

A boca de Sandor comprimiu-se.

– Então sabe quem eu sou.

– Sim. Os viajantes não chegam aqui, é verdade, mas vamos ao mercado e a feiras. Sabemos do cão do Rei Joffrey.

– Quando esses Corvos de Pedra vierem visitá-los, podem ficar felizes por ter um cão.

– Pode ser que sim. – O homem hesitou, mas depois reuniu coragem. – Mas dizem que perdeu o estômago para a luta na Água Negra. Dizem...

– Eu sei o que eles dizem. – A voz de Sandor soava como duas

serras roçando uma na outra. – Pague-me, e vamos embora.

Quando partiram, Cão de Caça tinha uma bolsa cheia de moedas de cobre, um odre de cerveja amarga e uma espada nova. Era uma espada muito velha, a bem da verdade, embora fosse nova para ele. Trocara-a pelo machado que tinha pego nas Gêmeas, aquele que usara para criar o galo na cabeça de Arya. A cerveja desapareceu em menos de um dia, mas Clegane amolava a espada todas as noites, amaldiçoando o homem de quem a obtivera por cada entalhe e mancha de ferrugem que encontrava. *Se ele perdeu o estômago para a luta, por que é que se importa se a espada está afiada?* Não era uma pergunta que Arya se atrevesse a fazer, mas pensava muito nela. Seria por isso que ele tinha fugido das Gêmeas e a levado consigo?

De volta às terras fluviais, descobriram que as chuvas tinham se atenuado e que as águas da cheia tinham começado a baixar. Cão de Caça dirigiu-se para o sul, de volta ao Tridente.

– Vamos para Correrrio – disse a Arya enquanto assavam uma lebre que tinha matado. – O Peixe Negro talvez queira comprar uma loba.

– Ele não me conhece. Nem sequer saberá se eu sou realmente eu. – Arya estava farta de se dirigir a Correrrio. Parecia que estava se dirigindo para Correrrio havia anos, sem nunca chegar lá. Sempre que se dirigia para Correrrio acabava num lugar pior qualquer. – Ele não vai lhe dar nenhum resgate. Provavelmente só vai enforcá-lo.

– É livre para tentar. – E virou o espeto.

Ele não fala como alguém que tenha perdido o estômago para a luta.

– Eu sei para onde podemos ir – disse Arya. Ainda lhe restava um irmão. *Jon vai me querer, mesmo que mais ninguém queira. Vai me chamar de "irmãzinha" e despentear meus cabelos*. Mas era uma longa viagem, e não lhe parecia que conseguisse chegar lá sozinha. Nem sequer tinha sido capaz de chegar a Correrrio. – Podíamos ir para a Muralha.

A gargalhada de Sandor foi um meio rosnido.

– A pequena loba quer se juntar à Patrulha da Noite, é?

– Meu irmão está na Muralha – disse ela obstinadamente.

A boca dele torceu-se.

– A Muralha fica a mil léguas daqui. Precisaríamos lutar contra a merda dos Frey só para chegar ao Gargalo. Nesses pântanos há lagartos-leões que comem lobos todos os dias no café da manhã. E se conseguíssemos chegar ao norte com a pele intacta, há homens de ferro em metade dos castelos e milhares de malditos nortenhos também.

– Tem medo deles? – perguntou ela. – Perdeu o estômago para lutar?

Por um momento pensou que Cão de Caça ia bater nela. Mas a

lebre já estava corada, com a pele crocante e gordura borbulhando quando pingava na fogueira. Sandor tirou-a do espeto, abriu-a ao meio com suas grandes mãos e atirou metade para o colo de Arya.

– Não há nada de errado com o meu estômago – disse enquanto arrancava uma pata –, mas estou cagando para você e para o seu irmão. Eu também tenho um irmão.

Tyrion

–T yrion – disse Sor Kevan Lannister num tom fatigado –, se é realmente inocente da morte de Joffrey, não devia ter nenhuma dificuldade em prová-lo em tribunal.

Tyrion deu as costas à janela.

– A quem cabe me julgar?

– A justiça pertence ao trono. O rei está morto, mas o seu pai continua a ser a Mão. Uma vez que o acusado é seu próprio filho e que a vítima foi o neto, ele pediu que Lorde Tyrell e o Príncipe Oberyn o acompanhassem no julgamento.

Tyrion se sentiu pouco encorajado. Mace Tyrell tinha sido sogro de Joff, embora brevemente, e o Víbora Vermelha era... bem, uma cobra.

– Serei autorizado a exigir julgamento por batalha?

– Não o aconselharia.

– Por que não? – o julgamento por batalha salvara-o no Vale, por que não o salvaria ali? – responda-me, tio. Será permitido que eu tenha um julgamento por batalha, e um campeão para provar a minha inocência?

– Certamente, se for esse o seu desejo. No entanto, é melhor que saiba que a sua irmã pretende nomear Sor Gregor Clegane como o campeão *dela*, no caso de um julgamento desses.

A vadia corta minhas jogadas antes de eu fazê-las. Pena que não tenha escolhido um Kettleblack. Bronn trataria facilmente de qualquer um dos três irmãos, mas a Montanha que Cavalga era outra história.

– Vou ter de dormir sobre o assunto. – *Tenho de falar com Bronn, e depressa*. Não queria pensar no que era provável que aquilo lhe custasse. Bronn dava valor em excesso à própria pele. – Cersei tem testemunhas contra mim?

– Mais a cada dia que passa.

– Então tenho de ter testemunhas minhas.

– Diga-me quem quer, e Sor Addam enviará a Patrulha para trazê-las ao julgamento.

– Preferia ser eu próprio a procurá-las.

– É acusado de regicídio e assassinato de um familiar. Será que realmente imagina que lhe será permitido ir e vir a seu bel-prazer? – Sor Kevan fez um gesto na direção da mesa. – Tem pena, tinta e pergaminho. Escreva o nome das testemunhas de que necessita, e eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para apresentá-las, dou-lhe a minha palavra de Lannister. Mas não sairá desta torre, exceto para ser julgado.

Tyrion não se rebaixaria a suplicar.

– Vai autorizar o meu escudeiro a ir e vir? O garoto, Podrick Payne?

– Decerto, se for esse o seu desejo. Vou mandá-lo para cá.

– Faça isso. Mais cedo será melhor do que mais tarde, e agora será melhor do que mais cedo. – Bamboleou-se até a mesa. Mas quando ouviu a porta se abrindo, virou-se e disse: – Tio?

Sor Kevan fez uma pausa.

– Sim?

– Eu não fiz isso.

– Gostaria de poder acreditar, Tyrion.

Quando a porta se fechou, Tyrion Lannister içou-se para a cadeira, afiou uma pena e pegou um pergaminho em branco. *Quem falará por mim?* Molhou a pena no tinteiro.

A folha continuava virgem quando Podrick Payne apareceu, algum tempo mais tarde.

– Senhor – disse o rapaz.

Tyrion pousou a pena.

– Vá atrás de Bronn e traga-o aqui de imediato. Diga-lhe que vai haver ouro, mais ouro do que alguma vez sonhou, e trate de não voltar sem ele.

– Sim, senhor. Quero dizer, não. Não vou. Voltar. – E foi.

Não tinha ainda voltado ao pôr do sol, nem ao nascer da lua. Tyrion adormeceu no banco de janela e acordou tenso e dolorido à alvorada. Um criado trouxe mingau de aveia e maçãs para o desjejum, com um corno de cerveja. Comeu à mesa, com o pergaminho em branco na sua frente. Uma hora mais tarde, o criado voltou para levar a tigela.

– Viu o meu escudeiro? – perguntou-lhe Tyrion. O homem balançou a cabeça.

Suspirando, virou-se para a mesa e pôs de novo tinta na pena. *Sansa*, escreveu no pergaminho. Ficou fitando o nome, com os dentes cerrados com tanta força que doíam.

Assumindo que Joff não tivesse simplesmente morrido sufocado com uma colherada de comida, coisa que até Tyrion achava difícil de engolir, Sansa devia tê-lo envenenado. *Joff praticamente pôs a taça no colo dela, e deu-lhe amplos motivos*. Quaisquer dúvidas que Tyrion pudesse ter nutrido desapareceram quando a esposa também desapareceu. Uma carne, um coração, uma alma. Sua boca torceu-se. *Sansa não perdeu tempo para mostrar o que esses votos significavam para ela, não? Bem, o que você esperava, anão?*

E no entanto... onde teria a garota arranjado veneno? Não podia acreditar que tivesse agido sozinha. *Será que quero mesmo encontrá-la?* Iriam os juízes acreditar que a esposa-criança de Tyrion tinha envenenado um rei sem o conhecimento do marido? *Eu não*

acreditaria. Cersei insistiria que eles tinham cometido o ato em conjunto.

Mesmo assim, deu o pergaminho ao tio no dia seguinte. Sor Kevan franziu a testa ao vê-lo.

– A Senhora Sansa é sua única testemunha?

– Pensarei em outras a seu tempo.

– É melhor que pense nelas já. Os juízes pretendem dar início ao julgamento dentro de três dias.

– Isso é cedo demais. Vocês me têm aqui fechado e guardado, como vou encontrar testemunhas da minha inocência?

– Sua irmã não teve nenhuma dificuldade em encontrar testemunhas da sua culpa. – Sor Kevan enrolou o pergaminho. – Sor Addam tem homens à procura da sua esposa. Varys ofereceu cem veados por notícias sobre o paradeiro dela, e cem dragões pela própria garota. Se ela puder ser encontrada, será, eu vou trazê-la até você. Não vejo mal algum em marido e mulher partilharem a mesma cela e confortarem-se um ao outro.

– É muita bondade sua. Viu o meu escudeiro?

– Enviei-o aqui ontem. Ele não veio?

– Veio – admitiu Tyrion – e depois foi-se.

– Mandarei que venha até você novamente.

Mas demorou até a manhã seguinte para que Podrick Payne voltasse. Entrou hesitantemente no quarto, com o medo escrito no rosto. Bronn vinha atrás. O cavaleiro mercenário vestia um gibão tachonado de prata e um pesado manto de montar, com um par de luvas de couro bem trabalhadas enfiadas no cinto da espada.

Uma olhada no rosto de Bronn deu a Tyrion uma sensação de náusea no fundo do estômago.

– Levou bastante tempo.

– O rapaz suplicou, senão nem tinha vindo. Esperam-me no Castelo Stokeworth para o jantar.

– Stokeworth? – Tyrion saltou da cama. – E, diga-me, o que há para você em Stokeworth?

– Uma noiva. – Bronn sorriu como um lobo contemplando um cordeiro desgarrado. – Deverei casar com Lollys depois de amanhã.

– Lollys. – *Perfeito, perfeito como um raio*. A filha idiota da Senhora Tanda arranja um cavaleiro como marido, e uma espécie de pai para o bastardo que traz na barriga, e Sor Bronn da Água Negra sobe mais um degrau. Aquilo tinha os dedos fedorentos de Cersei por todo lado. – A cadela da minha irmã vendeu-lhe um cavalo estropiado. A garota é obtusa.

– Se eu quisesse esperteza, tinha-me casado com você.

– Lollys está esperando o filho de outro homem.

– E quando o botar pra fora, deixo-a esperando um meu.

– Ela nem sequer é herdeira de Stokeworth – ressaltou Tyrion. – Tem uma irmã mais velha. Falyse. Uma irmã *casada*.

– Casada há dez anos, e ainda estéril – disse Bronn. – O senhor seu esposo evita a sua cama. Dizem que prefere virgens.

– Podia preferir cabras, que não faria diferença. As terras passarão para a esposa do mesmo jeito quando a Senhora Tanda morrer.

– A menos que Falyse morra antes da mãe.

Tyrion perguntou a si mesmo se Cersei faria alguma ideia do tipo de serpente que tinha dado à Senhora Tanda para amamentar. *E se soubesse, será que se importaria?*

– Então por que está aqui?

Bronn encolheu os ombros.

– Uma vez disse-me que se alguém me pedisse para vendê-lo, duplicaria o preço.

Sim.

– O que quer é duas esposas, ou dois castelos?

– Um de cada deve servir. Mas se quiser que mate Sandor Clegane por você, é melhor que seja um castelo absurdamente *grande*.

Os Sete Reinos estavam cheios de donzelas bem-nascidas, mas até a mais velha, mais pobre e mais feia solteirona do reino recusaria casar-se com escória malnascida como Bronn. *A menos que seja fraca de corpo e fraca de espírito, com um filho sem pai na barriga, gerado por ter sido violada meia centena de vezes*. A Senhora Tanda andara tão desesperada por achar um marido para Lollys que até perseguira Tyrion durante algum tempo, e isso tinha sido *antes* de metade de Porto Real desfrutar dela. Sem dúvida Cersei havia adoçado um pouco a oferta, e Bronn agora *era* um cavaleiro, o que fazia dele um partido adequado para uma filha mais nova de uma casa menor.

– Encontro-me com uma calamitosa escassez tanto de castelos como de donzelas de nascimento elevado, no momento – admitiu Tyrion. – Mas posso oferecer ouro e gratidão, tal como antes.

– Ouro, já tenho. O que é que posso comprar com gratidão?

– Talvez se surpreenda. Um Lannister paga as suas dívidas.

– A sua irmã também é uma Lannister.

– A senhora minha esposa é herdeira de Winterfell. Se eu sair disso com a cabeça ainda sobre os ombros, posso vir um dia a governar o Norte em nome dela. Arranjaria um grande pedaço para você.

– Se e quando e pode ser – disse Bronn. – E lá em cima faz um frio dos Outros. A Lollys é suave, quente e está perto. Posso estar metendo nela daqui a duas noites.

– Não é uma perspectiva que me deliciasse.

– Ah não? – Bronn deu um sorriso. – Admita, Duende. Se o fizessem escolher entre foder a Lollys e lutar com a Montanha, você

abaixaria os calções e poria o pau pra fora antes de eu conseguir piscar.

Ele conhece-me bem demais. Tyrion tentou outra estratégia.

– Ouvi dizer que Sor Gregor foi ferido no Ramo Vermelho, e de novo em Valdocaso. Os ferimentos certamente irão torná-lo mais lento.

Bronn pareceu aborrecido.

– Ele nunca foi rápido. Só brutalmente grande e brutalmente forte. Admito que é mais rápido do que seria de esperar para um homem daquele tamanho. Tem um alcance monstruosamente longo e parece que não sente os golpes como um homem normal sentiria.

– Ele assusta-o tanto assim? – perguntou Tyrion, esperando provocá-lo.

– Se não me assustasse, eu seria um perfeito idiota. – Bronn encolheu os ombros. – Pode ser que conseguisse derrotá-lo. Dançar em volta dele até ele ficar tão cansado de tentar me atingir que já não conseguisse erguer a espada. Arranjar alguma maneira de desequilibrá-lo. Quando estão caídos de costas, não importa a altura que têm. Mesmo assim, é um risco. Um tropeção, e estou morto. Por que haveria de arriscar? Gosto bastante de você, por mais feio e pequeno filho da puta que seja... mas se travar a sua batalha, perco seja qual for o resultado. Ou a Montanha arranca minhas tripas, ou o mato e perco Stokeworth. Eu vendo a minha espada, não a dou. Não sou seu irmão.

– Não – disse tristemente Tyrion. – Não é. – Fez um gesto com uma mão. – Então vá embora. Corra para Stokeworth e para a Senhora Lollys. Que encontre mais alegrias na sua cama de homem casado do que eu encontrei na minha.

Bronn hesitou à porta.

– O que vai fazer, Duende?

– Matar Gregor pessoalmente. Não se faria uma alegre canção com *isso*?

– Espero ouvir cantá-la. – Bronn sorriu uma última vez e saiu do castelo e da sua vida.

Pod arrastou os pés.

– Lamento.

– Por quê? É culpa sua que Bronn seja um patife insolente de coração negro? Ele sempre foi um patife insolente de coração negro. Era isso que me agradava nele. – Tyrion serviu-se de uma taça de vinho e levou-a para o banco de janela. Lá fora o dia estava cinzento e chuvoso, mesmo assim ainda oferecia melhores perspectivas do que as suas. Supunha que podia enviar Podrick Payne em busca de Shagga, mas havia tantos esconderijos nas profundezas da mata do rei que era frequente os fora da lei levarem décadas até serem capturados. *E às*

vezes Pod tinha dificuldade em encontrar as cozinhas quando o mandava lá embaixo buscar queijo. Timett, filho de Timett estava provavelmente de volta às Montanhas da Lua a essa altura. E apesar do que tinha dito a Bronn, enfrentar Sor Gregor Clegane em pessoa seria uma farsa ainda maior do que os anões lutadores de Joffrey. Não pretendia morrer com rajadas de gargalhadas ressoando aos seus ouvidos. *E lá se foi o julgamento por combate*.

Sor Kevan fez-lhe outra visita mais tarde nesse dia, e mais uma no dia seguinte. O tio informou-o polidamente de que Sansa não havia sido encontrada. E nem o bobo Sor Dontos, que tinha desaparecido na mesma noite. Desejaria Tyrion convocar mais testemunhas? Não desejava. *Como vou provar que não envenenei o vinho, quando mil pessoas me viram encher a taça de Joff?*

Não pregou o olho naquela noite.

Em vez de dormir ficou deitado no escuro, fitando o dossel e contando os seus fantasmas. Viu Tysha sorrindo enquanto o beijava, viu Sansa nua e tremendo de medo. Viu Joffrey arranhando a garganta, com o sangue escorrendo pelo pescoço enquanto o rosto enegrecia. Viu os olhos de Cersei, o sorriso lupino de Bronn, o sorriso malvado de Shae. Nem mesmo pensar em Shae conseguiu animá-lo. Acariciou-se, pensando que se acordasse o pau e o satisfizesse, talvez depois conseguisse descansar mais facilmente, mas de nada serviu.

E então chegou a alvorada, e a hora de seu julgamento começar.

Não foi Sor Kevan que veio buscá-lo naquela manhã, mas Sor Addam Marbrand com uma dúzia de homens de manto dourado. Tyrion tinha quebrado o jejum com ovos cozidos, bacon queimado e pão frito, e vestiu a sua melhor roupa.

– Sor Addam – disse. – Achei que meu pai enviaria a Guarda Real para me escoltar até o julgamento. Ainda sou um membro da família real, não sou?

– É, senhor, mas temo que a maior parte da Guarda Real seja testemunha contra o senhor. Lorde Tywin considerou que não seria próprio servirem como seus guardas.

– Os deuses não permitam que façamos algo de *impróprio*. Por favor, vá à frente.

O julgamento teria lugar na sala do trono, onde Joffrey tinha morrido. Quando Sor Addam o escoltou através das altas portas de bronze e pelo longo tapete, sentiu os olhos postos nele. Centenas de pessoas tinham se aglomerado dentro da sala para vê-lo julgado. Pelo menos esperava que tivesse sido por isso que tinham vindo. *Pelo que sei, são todos testemunhas contra mim*. Viu a Rainha Margaery na galeria, pálida e bela no seu luto. *Duas vezes casada, duas vezes viúva, e só dezesseis anos*. A mãe estava em pé, alta, de um dos lados, e a avó, baixa, do outro, com as damas de companhia e os cavaleiros do pai

amontoados no resto da galeria.

O estrado ainda se encontrava por baixo do Trono de Ferro vazio, embora todas as mesas menos uma tivessem sido removidas. Atrás dela sentava-se o robusto Lorde Mace Tyrell com uma capa dourada sobre trajes verdes e o esguio Príncipe Oberyn Martell, trazendo leves vestes com riscas laranja, amarelas e escarlate. Lorde Tywin Lannister sentava-se entre os dois. *Talvez ainda haja esperança para mim*. O dornês e o jardineiro desprezavam-se mutuamente. *Se conseguir arranjar maneira de usar isso...*

O Alto Septão começou com uma prece, pedindo ao Pai no Céu que os guiasse à justiça. Quando terminou, o pai na terra inclinou-se para a frente para dizer:

– Tyrion, matou o Rei Joffrey?

Não quer perder um segundo.

– Não.

– Bem, isso é um alívio – disse secamente Oberyn Martell.

– Então foi Sansa Stark que fez isso? – quis saber Lorde Tyrell.

Eu teria feito, se fosse ela. Mas estivesse Sansa onde estivesse e fosse qual fosse o papel que tinha desempenhado naquilo, continuava a ser sua esposa. Envolvera seus ombros no manto de sua proteção, muito embora tivesse sido obrigado a empoleirar-se nas costas de um bobo para fazer isso.

– Os deuses mataram Joffrey. Ele sufocou com a sua torta de pombo.

Lorde Tyrell enrubesceu.

– Quer culpar os padeiros?

– A eles ou aos pombos. Só quero que me deixe fora disso. – Tyrion ouviu risos nervosos e compreendeu que tinha cometido um erro. *Tento na língua, meu tolinho, antes que cave sua sepultura.*

– Há testemunhas contra você – disse Lorde Tywin. – Vamos ouvi-las primeiro. Então, poderá apresentar as suas testemunhas. Só pode falar com a nossa licença.

Nada havia que Tyrion pudesse fazer além de assentir com a cabeça.

Sor Addam tinha falado a verdade; o primeiro homem a ser introduzido na sala foi Sor Balon Swann, da Guarda Real.

– Senhor Mão – começou, depois do Alto Septão ter aceitado o seu juramento de dizer apenas a verdade –, tive a honra de lutar ao lado de seu filho na ponte de navios. Ele é um homem corajoso, apesar do tamanho, e não quero acreditar que tenha cometido este ato.

Um murmúrio percorreu a sala, e Tyrion perguntou a si mesmo que jogo louco estaria Cersei jogando. *Por que convocar uma testemunha que me julga inocente?* Em breve ficou sabendo. Sor Balon falou relutantemente de como tinha separado Tyrion de Joffrey no dia

do tumulto.

– Ele bateu em Sua Graça, é verdade. Foi um ataque de fúria, nada mais. Uma tempestade de verão. A multidão quase nos matou a todos.

– Nos dias dos Targaryen, um homem que batesse em alguém de sangue real perderia a mão que usasse no ato – observou a Víbora Vermelha de Dorne. – Cresceu uma mãozinha nova ao anão, ou vocês, Espadas Brancas, esqueceram o seu dever?

– Ele mesmo é de sangue real – respondeu Sor Balon. – E além disso, era Mão do Rei.

– Não – disse Lorde Twyn. – Ele era Mão do Rei *interino*, no meu lugar.

Sor Meryn Trant expandiu alegremente o relato de Sor Balon, quando ocupou o seu lugar como testemunha.

– Ele atirou o rei no chão e começou a chutá-lo. Gritou que era injusto que Sua Graça tivesse escapado incólume à multidão.

Tyrion começou a compreender o plano da irmã. *Ela começou com um homem sabidamente honesto, e ordenhou dele tudo o que podia dar. Cada testemunha que seguir contará uma história pior, até que eu pareça tão mau quanto Maegor, o Cruel, e Aerys, o Louco, combinados, com uma pitada de Aegon, o Indigno, para dar sabor.*

Sor Meryn prosseguiu, relatando o modo como Tyrion tinha interrompido o castigo de Joffrey a Sansa Stark.

– O anão perguntou a Sua Graça se ele sabia o que acontecera a Aerys Targaryen. Quando Sor Boros interveio em defesa do rei, o Duende ameaçou mandar matá-lo.

O próprio Blount veio em seguida, para fazer eco a *essa* lamentável história. Apesar de qualquer antipatia que Sor Boros pudesse nutrir por Cersei por tê-lo demitido da Guarda Real, mesmo assim disse as palavras que ela desejava.

Tyrion não conseguiu dominar mais a língua.

– Por que não diz aos juízes o que Joffrey estava *fazendo*?

O grande homem queixudo atravessou-o com os olhos.

– Você disse aos seus selvagens para me matar se eu abrisse a boca, é isso o que vou lhes dizer.

– Tyrion – disse Lorde Tywin. – Pode falar apenas quando solicitarmos. Que isso sirva de aviso.

Tyrion calou-se, fervendo.

Os Kettleblack vieram a seguir, todos os três, um de cada vez. Osney e Osfryd contaram a história de seu jantar com Cersei antes da Batalha da Água Negra e relataram as ameaças que tinha feito.

– Ele disse a Sua Graça que lhe queria fazer mal – disse Sor Osfryd. – Machucá-la.

O irmão Osney detalhou.

– Ele disse que esperaria por um dia em que ela estivesse feliz, e faria com que a alegria se transformasse em cinzas em sua boca. – Nenhum dos dois mencionou Alayaya.

Sor Osmund Kettleblack, um retrato da cavalaria com uma imaculada armadura de escamas e manto branco de lã, jurou que o Rei Joffrey havia muito sabia que o tio Tyrion pretendia assassiná-lo.

– Foi no dia em que me deram o manto branco, senhores – disse aos juízes. – O bravo rapaz disse-me: "Meu bom Sor Osmund, proteja-me bem, pois o meu tio não gosta de mim. Ele quer ser rei no meu lugar".

Aquilo era mais do que Tyrion conseguia aguentar.

– *Mentiroso!* – deu dois passos adiante antes que homens de manto dourado o arrastassem para trás.

Lorde Tywin franziu a testa.

– Terei de mandar acorrentar suas mãos e pés como faria a um salteador comum?

Tyrion rangeu os dentes. *Um segundo erro, estúpido, estúpido, anão estúpido. Mantenha-se calmo, senão está perdido*.

– Não. Peço-lhes perdão, senhores. As mentiras dele enfureceram-me.

– As verdades dele, você quer dizer – disse Cersei. – Pai, peço que o ponha a ferros, para a sua proteção. Você vê como ele é.

– Eu vejo que é um anão – disse o Príncipe Oberyn. – O dia em que temer a fúria de um anão será o dia em que me afogarei numa barrica de tinto.

– Não precisamos de algemas. – Lorde Tywin olhou de relance as janelas e levantou-se. – A hora já está bem adiantada. Continuaremos de manhã.

Naquela noite, sozinho em sua cela de torre com um pergaminho em branco e uma taça de vinho, Tyrion deu por si a pensar na esposa. Não em Sansa, na sua *primeira* esposa, Tysha. *A esposa puta, não a esposa loba*. O amor dela por Tyrion tinha sido fingimento, e no entanto ele acreditara e encontrara alegria nessa crença. *Dê-me doces mentiras, e fique com as suas amargas verdades*. Bebeu o vinho e pensou em Shae. Mais tarde, quando Sor Kevan lhe fez a visita da noite, Tyrion perguntou por Varys.

– Acredita que o eunuco irá falar em sua defesa?

– Não saberei até ter falado com ele. Mande-o aqui, tio, por gentileza.

– Como quiser.

Os meistres Ballabar e Frenken iniciaram o segundo dia do julgamento. Tinham aberto o nobre cadáver do Rei Joffrey, juraram, e não encontraram nenhum pedaço de torta de pombo nem qualquer outro alimento alojado na real garganta.

– Foi veneno o que o matou, senhores – disse Ballabar, enquanto Frenken assentia com gravidade.

Então apresentaram o Grande Meistre Pycelle, apoiando-se pesadamente numa bengala retorcida e tremendo ao caminhar, com um punhado de pelos brancos saindo de seu longo pescoço de galináceo. Estava frágil demais para permanecer em pé, e os juízes permitiram que fosse trazida uma cadeira para ele se sentar, e também uma mesa. Na mesa foram colocados alguns pequenos frascos. Pycelle etiquetou alegremente cada um deles com um nome.

– Grisalheira – disse, em voz trêmula – obtida do cogumelo. Beladona, sonodoce, dança do demo. Isto é olhocego. Esta chama-se sangue de viúva, devido à cor. Uma poção cruel. Faz com que a bexiga e os intestinos deixem de funcionar, até que a vítima se afogue em seus próprios venenos. Isto é acônito, isto, veneno de basilisco, e isto são lágrimas de Lys. Sim. Conheço-as todas. O Duende Tyrion Lannister roubou-as de meus aposentos, quando mandou me aprisionar sob falsas acusações.

– *Pycelle* – gritou Tyrion, arriscando-se à ira do pai –, algum desses venenos pode sufocar um homem?

– Não. Para isso é preciso se virar para um veneno mais raro. Quando era rapaz, na Cidadela, meus professores chamavam-no simplesmente de *o estrangulador*.

– Mas esse veneno raro não foi encontrado, não?

– Não, senhor. – Pycelle piscou os olhos em sua direção. – Usou-o todo para matar a criança mais nobre que os deuses puseram nesta boa terra.

A ira de Tyrion sobrepôs-se ao seu bom-senso.

– Joffrey era cruel e estúpido, mas não o matei. Podem cortar minha cabeça se quiserem, mas não participei na morte de meu sobrinho.

– *Silêncio!* – disse Lorde Tywin. – Já o avisei três vezes. Da próxima, será amordaçado e acorrentado.

Depois de Pycelle veio a procissão, sem fim e cansativa. Senhores, senhoras e nobres cavaleiros, tanto bem-nascidos como humildes, todos tinham estado presentes no banquete nupcial, todos tinham visto Joffrey sufocar, o seu rosto se tornando tão negro quanto uma ameixa de Dorne. Lorde Redwyne, Lorde Celtigar e Sor Flement Brax tinham ouvido Tyrion ameaçar o rei; dois criados, um malabarista, Lorde Gyles, Sor Hobber Redwyne e Sor Philip Foote tinham-no visto encher o cálice nupcial; a Senhora Merryweather jurou que tinha visto o anão deixar cair qualquer coisa no vinho do rei enquanto Joff e Margaery cortavam a torta; o velho Estermont, o jovem Peckledon, o cantor Galyeon de Cuy, e os escudeiros Morros e Jothos Slynt relataram como Tyrion tinha pegado o cálice enquanto Joff estava

morrendo e despejado o resto de vinho envenenado no chão.

Quando foi que eu fiz tantos inimigos? A Senhora Merryweather era praticamente uma estranha. Tyrion perguntou a si mesmo se seria cega ou se teria sido comprada. Pelo menos Galyeon de Cuy não pôs o seu relato em música, senão talvez tivesse setenta e sete versos.

Quando o tio o visitou naquela noite após o jantar, sua atitude era fria e distante. *Ele também pensa que fui eu.*

– Tem testemunhas para nós? – perguntou-lhe Sor Kevan.

– Não propriamente, não. A menos que tenha encontrado a minha esposa.

O tio sacudiu a cabeça.

– Aparentemente o julgamento está correndo muito mal para você.

– Ah, acha que sim? Não tinha reparado. – Tyrion passou os dedos pela cicatriz. – Varys não veio.

– Nem virá. De manhã testemunha contra você.

Encantador.

– Estou vendo. – Mexeu-se na cadeira. – Estou curioso. Sempre foi um homem justo, tio. O que o convenceu?

– Para que roubar os venenos de Pycelle, se não para usá-los? – disse Sor Kevan sem rodeios. – E a Senhora Merryweather viu...

– ... *nada!* Nada havia para ver. Mas como é que eu o provo? Como provo *seja o que for*, trancado aqui em cima?

– Talvez seja hora de confessar.

Mesmo através das espessas paredes de pedra da Fortaleza Vermelha, Tyrion ouvia o cair contínuo da chuva.

– Perdão, tio? Eu seria capaz de jurar que me instou a confessar.

– Se admitisse a sua culpa perante o trono e se arrependesse de seu crime, o seu pai deteria a espada. Seria permitido que você vestisse o negro.

Tyrion riu na cara dele.

– Esses foram os mesmos termos que Cersei ofereceu a Eddard Stark. Todos sabemos como *isso* acabou.

– Seu pai não participou desse assunto.

Aquilo, ao menos, era verdade.

– Castelo Negro está cheio de assassinos, ladrões e estupradores – disse Tyrion –, mas não me lembro de conhecer regicidas quando estive lá. Espera que acredite que se admitir ser um regicida e assassino de um familiar, meu pai irá simplesmente sacudir a cabeça, perdoar-me e enviar-me para a Muralha com ceroulas quentes de lã? – soltou uma rude exclamação de menosprezo.

– Nada foi dito sobre perdões – disse severamente Sor Kevan. – Uma confissão poria um fim nesse assunto. É por esse motivo que o seu pai me envia com essa proposta.

– Agradeça-lhe gentilmente por mim, tio – disse Tyrion –, mas diga-lhe que atualmente não me encontro com disposição de confessar.

– Se eu fosse você, mudaria a disposição. Sua irmã quer a sua cabeça, e pelo menos Lorde Tyrell está inclinado a dá-la a ela.

– Então um dos meus juízes já me condenou, sem ouvir uma palavra em minha defesa? – não era mais do que aquilo que esperava. – Ainda serei autorizado a falar e apresentar testemunhas?

– Você não *tem* testemunhas – recordou-lhe o tio. – Tyrion, se for culpado dessa enormidade, a Muralha é um destino mais benevolente do que merece. E se não tiver culpa... há luta no Norte, eu sei, mesmo assim será um lugar mais seguro para você do que Porto Real, seja qual for o resultado deste julgamento. O povo está convencido de sua culpa. Se fosse insensato ao ponto de se aventurar nas ruas, despedaçariam você membro por membro.

– Vejo o quanto essa perspectiva o perturba.

– É filho de meu irmão.

– Podia lembrá-*lo* disso.

– Acha que ele permitiria que você vestisse o negro se não fosse do seu sangue e de Joanna? Tywin parece-lhe um homem duro, bem sei, mas não é mais duro do que tem de ser. Nosso pai era gentil e amigável, mas tão fraco que os vassalos caçoavam dele quando estavam de porre. Alguns acharam por bem desafiá-lo abertamente. Outros senhores pediam-nos ouro emprestado e nunca se incomodavam em pagá-lo. Na corte, faziam piadas a respeito de leões sem dentes. Até a amante o roubou. Uma mulher que mal estava um passo acima de rameira, e meteu no bolso as joias de minha mãe! Coube a Tywin devolver a Casa Lannister ao lugar que lhe é próprio. Tal como coube a ele governar este reino, quando não tinha mais de vinte anos. Suportou esse pesado fardo durante *vinte anos* e tudo que lucrou com isso foi a inveja de um rei louco. Em vez das honrarias que merecia, foi obrigado a suportar um sem-fim de afrontas, e no entanto deu aos Sete Reinos paz, abundância e justiça. É um homem justo. Faria bem em confiar nele.

Tyrion pestanejou, espantado. Sor Kevan sempre havia sido sólido, imperturbável, pragmático; nunca antes o ouvira falar com tal fervor.

– Você o ama.

– É meu irmão.

– Eu... eu pensarei no que disse.

– Então pense cuidadosamente. E rapidamente.

Naquela noite, pensou em poucas outras coisas, mas ao chegar a manhã não estava mais perto de decidir se podia confiar no pai. Um criado trouxe-lhe mingau de aveia e mel para quebrar o jejum, mas o

único sabor que sentiu foi o da bílis ao pensar na confissão. *Vão me chamar de assassino de familiares até o fim dos meus dias. Durante mil anos ou mais, se eu for lembrado, será como o monstruoso anão que envenenou o jovem sobrinho em seu banquete de casamento*. Aquela ideia deixou-o tão furioso que atirou a tigela e a colher na parede oposta, deixando nela uma mancha de mingau. Sor Addam Marbrand olhou-a com curiosidade quando veio escoltar Tyrion até o julgamento, mas teve a boa educação de não fazer perguntas.

– Lorde Varys – disse o arauto –, mestre dos segredos.

Empoada, enfeitada e cheirando a água de rosas, a Aranha levou todo o tempo que falou esfregando as mãos uma na outra. *Lavando a minha vida*, pensou Tyrion, enquanto escutava o fúnebre relato do eunuco sobre como o Duende maquinara afastar Joffrey da proteção de Cão de Caça e conversara com Bronn a respeito dos benefícios de ter Tommen como rei. *Meias-verdades são mais valiosas do que completas mentiras*. E, ao contrário dos outros, Varys tinha documentos; pergaminhos meticulosamente cheios de notas, detalhes, datas, conversas inteiras. Tanto material que a sua récita durou o dia inteiro, e muito dele era condenatório. Varys confirmou a visita noturna aos aposentos do Grande Meistre Pycelle e o roubo de seus venenos e poções, confirmou a ameaça que tinha feito a Cersei na noite em que jantaram juntos, confirmou tudo e mais alguma coisa, menos o envenenamento propriamente dito. Quando o Príncipe Oberyn lhe perguntou como era possível que soubesse tudo aquilo sem ter estado presente em nenhum daqueles acontecimentos, o eunuco limitou-se a soltar uma risadinha e disse:

– Os meus passarinhos contaram-me. Saber é a função deles, e a minha.

Como é que eu questiono um passarinho? pensou Tyrion. *Devia ter mandado cortar a cabeça do eunuco no primeiro dia que passei em Porto Real. Maldito seja. E maldito seja eu por toda a confiança que depositei nele.*

– Já ouvimos tudo? – perguntou Lorde Tywin à filha enquanto Varys saía da sala.

– Quase – disse Cersei. – Peço licença para trazer até vocês uma última testemunha, amanhã.

– Como quiser – disse Lorde Tywin.

Oh, ótimo, pensou Tyrion, furioso. *Depois desta farsa de julgamento, a execução será quase um alívio*.

Naquela noite, enquanto bebia junto à janela, ouviu vozes do lado de fora da porta. *Sor Kevan veio atrás de minha resposta*, pensou de imediato, mas não foi o tio quem entrou.

Tyrion ergueu-se para fazer uma reverência trocista ao Príncipe Oberyn.

– É permitido aos juízes visitar os acusados?

– É permitido aos príncipes ir aonde bem entenderem. Ou pelo menos foi isso que eu disse aos seus guardas. – O Víbora Vermelha sentou-se.

– Meu pai ficará descontente com o senhor.

– A felicidade de Lorde Tywin nunca esteve numa posição elevada em minha lista de interesses. É vinho de Dorne que está bebendo?

– Da Árvore.

Oberyn fez uma careta.

– Água vermelha. Envenenou o garoto?

– Não. E você?

O príncipe sorriu.

– Terão todos os anões línguas como a sua? Alguém acabará por cortá-la um dias desses.

– Não é o primeiro a me dizer isso. Talvez devesse cortá-la eu, parece arranjar um sem-fim de problemas.

– Tenho reparado. Acho que posso beber um pouco do suco de uva do Lorde Redwyne afinal.

– Como quiser. – Tyrion serviu-lhe uma taça.

O homem sorveu um gole, bochechou e engoliu.

– Servirá por enquanto. Mandarei um pouco do vinho forte de Dorne para você de manhã. – Bebeu mais um trago. – Descobri aquela puta de cabelos dourados que esperava encontrar.

– Então encontrou a casa de Chataya?

– Na Chataya deitei-me com a garota de pele preta. Creio que se chama Alayaya. Requintada, apesar das riscas que tem nas costas. Mas a puta a quem me referia é a sua irmã.

– Já o seduziu? – perguntou Tyrion, sem surpresa.

Oberyn riu alto.

– Não, mas seduzirá se eu pagar o seu preço. A rainha até insinuou um casamento. Sua Graça precisa de outro marido, e quem melhor do que um príncipe de Dorne? Ellaria acha que eu devia aceitar. Basta a ideia de ter Cersei em nossa cama para deixar aquela gata lúbrica molhada. E nem vamos ter de pagar a moeda do anão. Tudo o que a sua irmã quer de mim é uma cabeça, um tanto grande demais e com um nariz a menos.

– E? – disse Tyrion, esperando.

Em jeito de resposta, o Príncipe Oberyn rodopiou o vinho, e disse:

– Quando o Jovem Dragão conquistou Dorne, há tanto tempo, deixou o Senhor de Jardim de Cima governando-nos após a Submissão de Lançassolar. Esse Tyrell foi se mudando de fortaleza em fortaleza, com a sua comitiva, perseguindo rebeldes e assegurando-se de que os nossos joelhos permaneciam dobrados. Chegava com força, tomava um castelo como seu, ficava lá uma volta de lua, e partia para o

castelo seguinte. Era seu costume expulsar os senhores de seus aposentos e ficar com suas camas para si. Uma noite viu-se debaixo de um pesado dossel de veludo. Havia um cordão pendurado perto das almofadas, para o caso de desejar chamar uma moça. Tinha gosto por mulheres de Dorne, esse Lorde Tyrell, e quem pode censurá-lo? Portanto, puxou o cordão, e quando fez isso, o dossel rasgou-se e uma centena de escorpiões vermelhos caiu sobre a sua cabeça. Sua morte acendeu um incêndio que em pouco tempo varreria Dorne, anulando todas as vitórias do Jovem Dragão numa quinzena. Os homens ajoelhados puseram-se em pé, e nós voltamos a ser livres.

– Conheço essa história – disse Tyrion. – E daí?

– Só isso. Se alguma vez encontrar um cordão ao lado de minha cama e puxá-lo, prefiro que caiam escorpiões sobre a minha cabeça do que a rainha em toda a sua beleza nua.

Tyrion deu um sorriso.

– Então temos isso em comum.

– Decerto que tenho muito a agradecer à sua irmã. Se não fosse a acusação dela no banquete, podia perfeitamente ser você a me julgar em vez de ser eu a julgá-lo. – Os olhos do príncipe escureceram com divertimento. – Quem sabe mais sobre veneno do que a Víbora Vermelha de Dorne, afinal? Quem tem melhores motivos para querer manter os Tyrell longe da coroa? E com Joffrey em sua tumba, pela lei de *Dorne* o Trono de Ferro deveria passar para a irmã Myrcella, que por sinal está prometida ao meu sobrinho, graças a você.

– A lei de Dorne não se aplica. – Tyrion estivera tão enredado em seus próprios problemas que nem tinha parado para pensar na sucessão. – Meu pai coroará Tommen, conte com isso.

– Ele realmente pode coroar Tommen aqui em Porto Real. O que não é o mesmo que dizer que o meu irmão não pode coroar Myrcella, lá embaixo em Lançassolar. Irá o seu pai fazer a guerra contra a sua sobrinha em nome de seu sobrinho? E a sua irmã, fará isso? – encolheu os ombros. – Talvez devesse me casar com a Rainha Cersei, afinal de contas, com a condição de ela apoiar a filha contra o filho. Acha que ela o faria?

Nunca, Tyrion quis dizer, mas a palavra ficou atravessada na garganta. Cersei sempre se ressentira de ser excluída do poder devido ao sexo. *Se a lei de Dorne fosse aplicada no ocidente, ela seria herdeira de Rochedo Casterly*. Ela e Jaime eram gêmeos, mas Cersei tinha chegado primeiro ao mundo, e isso era o suficiente. Defendendo a causa de Myrcella, estaria defendendo a sua.

– Não sei como a minha irmã escolheria entre Myrcella e Tommen – admitiu. – Não importa. Meu pai nunca lhe dará essa escolha.

– Seu pai – disse o Príncipe Oberyn – pode não viver para sempre.

Algo no modo como Oberyn disse aquilo arrepiou os pelos na

nuca de Tyrion. De repente retomou consciência de Elia, e de tudo que Oberyn tinha dito enquanto atravessavam o campo de cinzas. *Ele quer a cabeça que deu as ordens, não só a mão que brandiu a espada*.

– Não é sensato proferir tais traições na Fortaleza Vermelha, meu príncipe. Os passarinhos estão à escuta.

– Que escutem. Será traição dizer que um homem é mortal? *Valar morghulis* era como se dizia na Valíria de outrora. *Todos os homens têm de morrer*. E a Perdição veio provar que era verdade. – O dornês dirigiu-se à janela e fitou a noite. – Dizem que não tem testemunhas para nos apresentar.

– Estava com esperança de que uma olhada nesta minha linda cara fosse suficiente para persuadir a todos de minha inocência.

– Está enganado, senhor. A Flor Gorda de Jardim de Cima está bem convencida da sua culpa, e determinada a vê-lo morrer. Sua preciosa Margaery também estava bebendo daquele cálice, como ele nos fez lembrar meia centena de vezes.

– E você?

– Os homens raramente são o que aparentam. Você parece tão culpado que estou convencido de sua inocência. Apesar disso, é provável que seja condenado. A justiça é um bem escasso deste lado das montanhas. Não houve nenhuma para Elia, Aegon ou Rhaenys. Por que haveria alguma para você? Talvez o verdadeiro assassino de Joffrey tenha sido comido por um urso. Isso parece acontecer com bastante frequência em Porto Real. Ah, espere, o urso estava em Harrenhal, agora me lembro.

– É esse o jogo que está jogando? – Tyrion esfregou o que lhe restava de nariz. Nada tinha a perder por dizer a Oberyn a verdade. – *Havia* um urso em Harrenhal, e matou Sor Amory Lorch.

– Que triste para ele – disse o Víbora Vermelha. – E para você. Pergunto a mim mesmo se todos os homens sem nariz mentem assim tão mal.

– Não estou mentindo. Sor Amory arrastou a Princesa Rhaenys de debaixo da cama do pai e apunhalou-a até a morte. Tinha consigo alguns homens de armas, mas não conheço seus nomes. – Inclinou-se para a frente. – Foi Sor Gregor Clegane quem esmagou a cabeça do Príncipe Aegon contra uma parede e estuprou a sua irmã Elia ainda com o sangue e os miolos dele nas mãos.

– O que é isso agora? A verdade vinda de um Lannister? – Oberyn deu um sorriso frio. – Seu pai deu as ordens, certo?

– Não. – Proferiu a mentira sem hesitação, e nem parou para perguntar a si mesmo por que deveria fazê-lo.

O dornês ergueu uma sobrancelha fina e negra.

– Um filho tão zeloso. E uma mentira tão fraca. Foi Lorde Tywin quem apresentou os filhos de minha irmã ao Rei Robert, enrolados nas

capas carmesim dos Lannister.

– Talvez devesse ter esta discussão com o meu pai. Ele estava lá. Eu estava no Rochedo, e ainda era tão novo que pensava que a coisa que tenho entre as pernas só servia para mijar.

– Sim, mas agora está aqui, e em certas dificuldades, eu diria. Sua inocência pode ser tão evidente quanto a cicatriz que tem no rosto, mas não o salvará. Tal como o seu pai não o salvará. – O príncipe dornês sorriu. – Mas eu talvez o faça.

– Você? – Tyrion estudou-o. – É um juiz em três. Como poderá me salvar?

– Como seu juiz, não. Como seu campeão.

Jaime

Um livro branco repousava sobre uma mesa branca numa sala branca. A sala era redonda, com paredes de pedra caiada cobertas de tapeçarias de lã branca. Constituía o primeiro andar da Torre da Espada Branca, uma esguia estrutura de quatro andares construída num ângulo da muralha do castelo com vista sobre a baía. A galeria subterrânea guardava armas e armaduras, e o segundo e terceiro andares, as pequenas celas individuais simples para os seis irmãos da Guarda Real.

Uma dessas celas tinha sido sua durante dezoito anos, mas naquela manhã mudara as suas posses para o andar superior, inteiramente dedicado aos aposentos do Senhor Comandante. Essas salas também eram simples, apesar de espaçosas; e ficavam acima da muralha exterior, o que significava que teria uma vista sobre o mar. *Gostarei disso*, pensou. *Da vista, e de todo o resto*.

Tão pálido quanto a sala, Jaime sentou-se diante do livro com as vestes brancas da Guarda Real, à espera de seus Irmãos Juramentados. Uma espada longa pendia de sua anca. Da anca errada. Antes, sempre tinha usado a espada junto à esquerda, puxando-a com a mão oposta quando a desembainhava. Mudou-a para a anca direita naquela manhã, para conseguir puxá-la da mesma maneira com a mão esquerda, mas estranhava o peso daquele lado, e quando tinha tentado sacar a lâmina da bainha, todo o movimento pareceu desajeitado e pouco natural. A roupa também lhe caía mal. Vestia o traje de inverno da Guarda Real, uma túnica e calções de lã alvejada e um pesado manto branco, mas tudo parecia pender de seu corpo, largo.

Jaime tinha passado os dias no julgamento do irmão, em pé bem no fundo do salão. Ou Tyrion não chegou a vê-lo ali, ou não o reconheceu, mas isso não era surpreendente. Metade da corte parecia já não conhecê-lo. *Sou um estranho na minha própria Casa*. Seu filho estava morto, o pai deserdara-o, e a irmã... não lhe permitiu ficar a sós com ela nem uma vez, após aquele primeiro dia no septo real onde Joffrey jazia entre as velas. Até quando o transportaram através da cidade para a sua sepultura no Grande Septo de Baelor, Cersei manteve uma distância cautelosa.

Olhou mais uma vez em volta da Sala Redonda. Reposteiros brancos de lã cobriam as paredes, e havia um escudo branco e duas espadas cruzadas montados por cima da lareira. A cadeira atrás da mesa era de velho carvalho negro, com almofadas em pele alvejada de vaca, com o couro já fino. *Gasto pelo traseiro ossudo de Barristan, o Ousado, e, antes dele, por Sor Gerold Hightower, pelo Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, Sor Ryam Redwyne e pelo Demônio de Darry, por*

Sor Duncan, o Alto, e pelo Grifo Branco, Alyn Connington. Como podia o Regicida estar em tão elevada companhia?

E, no entanto, ali estava.

A mesa propriamente dita era de um velho represeiro, pálido como osso, esculpido na forma de um enorme escudo sustentado por três garanhões brancos. Por tradição, o Senhor Comandante sentava-se ao topo do escudo, e os irmãos em grupos de três de cada lado, nas raras ocasiões em que todos os sete se encontravam reunidos. O livro que repousava junto de seu cotovelo era maciço; sessenta centímetros de altura e quarenta e cinco de largura, mil páginas de grossura, fino pergaminho branco encadernado em couro alvejado com dobradiças e presilhas de ouro. Seu nome formal era *O livro dos irmãos*, mas era mais habitual ser chamado simplesmente de Livro Branco.

Dentro do Livro Branco encontrava-se a história da Guarda Real. Todos os cavaleiros que algum dia tinham prestado serviço possuíam uma página, destinada a registar o seu nome e feitos para toda a eternidade. No canto superior esquerdo de cada página era desenhado o escudo que o homem usava no momento de sua escolha, em tintas de ricas cores. No canto inferior direito estava o escudo da Guarda Real; branco como neve, vazio, puro. Os escudos superiores eram todos diferentes; os inferiores, todos iguais. No espaço entre ambos eram escritos os fatos da vida e serviço de cada homem. Os desenhos heráldicos e as iluminuras eram feitos por septões enviados do Grande Septo de Baelor três vezes por ano, mas era dever do Senhor Comandante manter as entradas em dia.

Dever meu, agora. Ou melhor, seria, depois de aprender a escrever com a mão esquerda. O Livro Branco estava bem atrasado. A morte de Sor Mandon Moore e a de Sor Preston Greenfield precisavam ser acrescentadas, e o breve e sangrento serviço de Sandor Clegane na Guarda Real também. Novas páginas tinham de ser iniciadas para Sor Balon Swann, Sor Osmund Kettleblack e o Cavaleiro das Flores. *Vou ter de convocar um septão para desenhar seus escudos.*

Sor Barristan Selmy precedera Jaime como Senhor Comandante. O escudo no topo de sua página mostrava as armas da Casa Selmy: três espigas de trigo, amarelas, em fundo marrom. Jaime divertiu-se, embora não tenha ficado surpreso, ao descobrir que Sor Barristan tivera o cuidado de registrar a própria destituição antes de abandonar o castelo.

Sor Barristan da Casa Selmy. Filho primogênito de Sor Lyonel Selmy de Solar de Colheitas. Serviu como escudeiro de Sor Manfred Swann. Cognominado “o Ousado” no seu 10º ano, quando envergou uma armadura emprestada para surgir como cavaleiro misterioso no torneio em Portonegro, onde foi derrotado e desmascarado por Duncan, o Príncipe das Libélulas. Armado cavaleiro no seu 16º ano

pelo Rei Aegon V Targaryen, após realizar grandes feitos de perícia como cavaleiro misterioso no torneio de inverno em Porto Real, derrotando o Príncipe Duncan, o Pequeno, e Sor Duncan, o Alto, Senhor Comandante da Guarda Real. Matou Maelys, o Monstruoso, o último dos Pretendentes Blackfyre, em combate singular durante a Guerra dos Reis de Nove Moedas. Derrotou Lormelle Lança Longa e Cedrik Storm, o Bastardo de Portabrônzea. Nomeado para a Guarda Real no seu 23º ano pelo Senhor Comandante Sor Gerold Hightower. Defendeu a passagem contra todos os desafiantes no torneio da Ponte de Prata. Vencedor do corpo a corpo em Lagoa da Donzela. Levou o Rei Aerys II até lugar seguro durante o Desafio de Valdocaso, apesar de um ferimento de flecha no peito. Vingou o assassinato de seu Irmão Juramentado, Sor Gwayne Gaunt. Salvou a Senhora Jeyne Swann e a sua septã da Irmandade da Mata de Rei, derrotando Simon Toyne e o Cavaleiro Sorridente, e matando o primeiro. No torneio de Vilavelha, derrotou e desmascarou o cavaleiro misterioso Escudo-Negro, revelando-o como o Bastardo de Terraltas. Único campeão no torneio de Lorde Steffon em Ponta Tempestade, onde derrubou Lorde Robert Baratheon, o Príncipe Oberyn Martell, Lorde Leyton Hightower, Lorde Jon Connington, Lorde Jason Mallister e o Príncipe Rhaegar Targaryen. Ferido por flecha, lança e espada na Batalha do Tridente enquanto lutava ao lado de seus Irmãos Juramentados e Rhaegar, Príncipe de Pedra do Dragão. Perdoado e nomeado Senhor Comandante da Guarda Real pelo Rei Robert I Baratheon. Serviu na guarda de honra que trouxe a Senhora Cersei da Casa Lannister para Porto Real, a fim de desposar o Rei Robert. Liderou o ataque contra Velha Wyk durante a Rebelião de Balon Greyjoy. Campeão do torneio em Porto Real, no seu 57º ano. Destituído do serviço pelo Rei Joffrey Baratheon no seu 61º ano, por motivo de idade avançada.

A parte inicial da lendária carreira de Sor Barristan tinha sido escrita por Sor Gerold Hightower numa letra grande e enérgica. A escrita menor e mais elegante de Selmy substituía-a com o relato de seu ferimento no Tridente.

A página de Jaime era reduzida em comparação.

Sor Jaime da Casa Lannister. Filho primogênito de Lorde Tywin e da Senhora Joanna de Rochedo Casterly. Serviu contra a Irmandade da Mata de Rei como escudeiro de Lorde Sumner Crakehall. Armado cavaleiro no seu 15º ano por Sor Arthur Dayne da Guarda Real, por valor no campo de batalha. Escolhido para a Guarda Real no seu 15º ano pelo Rei Aerys II Targaryen. Durante o Saque de Porto Real, matou o Rei Aerys II aos pés do Trono de Ferro. De então em diante conhecido por “Regicida”. Perdoado por seu crime pelo Rei Robert I Baratheon. Serviu na guarda de honra que trouxe a sua irmã, a Senhora Cersei Lannister, para Porto Real, a fim de desposar o Rei

Robert. Campeão no torneio realizado em Porto Real por ocasião desse casamento.

Assim resumida, a sua vida parecia uma coisinha bastante limitada e mesquinha. Sor Barristan podia ter registado pelo menos algumas de suas outras vitórias em torneios. E Sor Gerold podia ter escrito mais algumas palavras a respeito dos feitos que tinha realizado quando Sor Arthur Dayne desbaratou a Irmandade da Mata de Rei. Jaime *salvou* a vida de Lorde Sumner no momento em que Ben Barrigudo estava prestes a esmagar-lhe a cabeça, muito embora o fora da lei tivesse escapado dele. E resistiu contra o Cavaleiro Sorridente, embora tivesse sido Sor Arthur quem o matou. *Que luta foi essa e que adversário*. O Cavaleiro Sorridente era um louco, uma mistura de crueldade e cavalaria, mas não conhecia o significado do medo. *E Dayne, com a Alvorada na mão*... No fim, a espada do fora da lei tinha tantos entalhes que Sor Arthur parou para permitir que ele fosse buscar outra.

– A que eu quero é essa sua espada branca – havia dito o cavaleiro ladrão ao retomar a luta, embora a essa altura já sangrasse de uma dúzia de ferimentos.

– Então vai obtê-la, sor – replicou o Espada da Manhã, e pôs fim ao combate.

Naqueles tempos o mundo era mais simples, pensou Jaime, *e tanto os homens como as espadas eram feitos de melhor aço*. Ou seria apenas por ter então seus quinze anos? Agora estavam todos nas respectivas tumbas, o Espada da Manhã e o Cavaleiro Sorridente, o Touro Branco e o Príncipe Lewyn, Sor Oswell Whent e seu humor negro, o zeloso Jon Darry, Simon Toyne e a sua Irmandade da Mata de Rei, o velho e brusco Sumner Crakehall. *E eu, aquele rapaz que era... quando será que ele morreu, pergunto-me. Quando pus o manto branco? Quando abri a goela de Aerys?* Aquele rapaz queria ser Sor Arthur Dayne, mas em algum ponto ao longo do caminho transformou-se no Cavaleiro Sorridente.

Quando ouviu a porta abrir, fechou o Livro Branco e levantou-se para receber seus Irmãos Juramentados. Sor Osmund Kettleblack foi o primeiro a chegar. Ofereceu a Jaime um sorriso, como se fossem velhos irmãos de armas.

– Sor Jaime – disse –, se tivesse esse aspecto na outra noite, o teria reconhecido de imediato.

– Ah, sim? – Jaime duvidava. Os criados tinham lhe dado banho, barbeado e lavado e escovado seus cabelos. Quando olhava para o espelho, já não via o homem que atravessara as terras fluviais com Brienne... mas também não via a si mesmo. O rosto estava magro e encovado e tinha rugas sob os olhos. *Pareço um velho qualquer*. – Vá para junto de seu lugar, sor.

Kettleblack obedeceu. Os outros Irmãos Juramentados foram entrando um por um.

– Sores – disse Jaime num tom formal depois de se reunirem todos os cinco –, quem guarda o rei?

– Os meus irmãos Sor Osney e Sor Osfryd – respondeu Sor Osmund.

– E o meu irmão Sor Garlan – disse o Cavaleiro das Flores.

– Vão mantê-lo a salvo?

– Sim, senhor.

– Então sentem-se. – As palavras eram rituais. Antes dos sete poderem se reunir, era necessário assegurar a segurança do rei.

Sor Boros e Sor Meryn sentaram-se à sua direita, deixando uma cadeira vazia entre ambos para Sor Arys Oakheart, que se encontrava em Dorne. Sor Osmund, Sor Balon e Sor Loras ocuparam as cadeiras de sua esquerda. *Os velhos e os novos*. Jaime perguntou a si mesmo se aquilo poderia querer dizer alguma coisa. Tinha havido momentos durante a sua história em que a Guarda Real tinha se dividido contra si própria, e a mais notável e amarga dessas ocasiões fora durante a Dança dos Dragões. Seria isso algo que também teria de temer?

Parecia-lhe estranho sentar-se no lugar do Senhor Comandante, onde Barristan, o Ousado, se sentara durante tantos anos. *E ainda mais estranho é me sentar aqui mutilado*. Fosse como fosse, era o seu lugar, e agora aquela era a sua Guarda Real. *Os sete de Tommen.*

Jaime tinha servido durante anos com Meryn Trant e Boros Blount; lutadores capazes, mas Trant era dissimulado e cruel, e Blount, um saco de ar rosnador. Sor Balon Swann era mais digno de seu manto, e claro que o Cavaleiro das Flores era supostamente tudo que um cavaleiro devia ser. O quinto homem, aquele Osmund Kettleblack, era um estranho para ele.

Perguntou a si mesmo o que Sor Arthur Dayne teria a dizer daquele grupo. *"Como foi que a Guarda Real caiu tão baixo?", provavelmente. "Foi obra minha", eu teria de responder. "Eu abri a porta, e nada fiz quando a ralé começou a entrar."*

– O rei está morto – começou Jaime. – O filho de minha irmã, um rapaz de treze anos, assassinado em seu próprio banquete de casamento, em seu próprio salão. Todos os cinco de vocês se encontravam presentes. Todos os cinco estavam a *protegê-lo*. E no entanto ele está morto. – Esperou para ver o que eles responderiam àquilo, mas nenhum chegou sequer a pigarrear. *O rapaz Tyrell está zangado, e Balon Swann, envergonhado*, notou. Nos outros três Jaime sentiu apenas indiferença. – Foi o meu irmão que fez isso? – perguntou-lhes sem rodeios. – Tyrion envenenou o meu sobrinho?

Sor Balon mexeu-se desconfortavelmente na cadeira. Sor Boros cerrou um punho. Sor Osmund deu de ombros indolentemente. Foi

Meryn Trant quem acabou por responder.

– Ele encheu a taça de Joffrey de vinho. Deve ter sido então que despejou lá o veneno.

– Tem certeza de que era o *vinho* que estava envenenado?

– O que mais poderia ser? – disse Sor Boros Blount. – O Duende despejou os sedimentos no chão. Por quê, se não para se livrar do vinho que poderia ter provado a sua culpa?

– Ele sabia que o vinho estava envenenado – disse Sor Meryn.

Sor Balon Swann franziu a testa.

– O Duende não estava sozinho no estrado. Longe disso. Com o banquete tão avançado, tínhamos pessoas em pé e movendo-se de um lado para o outro, mudando de lugar, saindo para ir à latrina, havia criados indo e vindo... o rei e a rainha tinham acabado de cortar a torta nupcial, todos os olhos estavam postos neles e naquelas três vezes malditas pombas. Ninguém estava vigiando a taça de vinho.

– Quem mais se encontrava no estrado? – perguntou Jaime.

Sor Meryn respondeu.

– A família do rei, a família da noiva, o Grande Meistre Pycelle, o Alto Septão...

– Aí está o seu envenenador – sugeriu Sor Oswald Kettleblack com um sorriso manhoso. – Muito mais santo do que devia ser, aquele velho. Pessoalmente, nunca gostei do ar dele. – Soltou uma gargalhada.

– Não – disse o Cavaleiro das Flores, sem mostrar estar se divertindo. – Sansa Stark foi a envenenadora. Todos se esquecem de que a minha irmã estava bebendo daquele cálice também. Sansa Stark era a única pessoa no salão que tinha motivo para querer ver tanto Margaery como o rei mortos. Ao envenenar a taça nupcial, podia esperar matá-los a ambos. E por que teria fugido depois, a menos que seja culpada?

O rapaz faz sentido. Tyrion pode até ser inocente. Mas ninguém se mostrava perto de encontrar a garota. Talvez Jaime devesse investigar aquilo pessoalmente. Para começar, seria bom saber como ela teria saído do castelo. *Varys pode ter uma ideia ou duas sobre isso*. Ninguém conhecia a Fortaleza Vermelha melhor do que o eunuco.

Aquilo podia esperar, porém. Naquele momento Jaime tinha preocupações mais imediatas. *Você diz que é o Senhor Comandante da Guarda Real*, tinha dito o pai. *Vá cumprir o seu dever*. Aqueles cinco não eram os irmãos que teria escolhido, mas eram os irmãos que tinha; chegara o momento de lidar com eles.

– Seja quem for que tenha cometido o ato – disse-lhes –, Joffrey está morto, e o Trono de Ferro pertence agora a Tommen. Pretendo que o ocupe até que seus cabelos embranqueçam e seus dentes caiam. E não devido a veneno. – Jaime virou-se para Sor Boros Blount. O

homem tornara-se corpulento nos últimos anos, embora tivesse ossos suficientemente grandes para transportar o peso. – Sor Boros, parece ser um homem que aprecia a comida. De hoje em diante, provará tudo que Tommen comer ou beber.

Sor Osmund Kettleblack riu alto e o Cavaleiro das Flores sorriu, mas Sor Boros enrubesceu até um profundo tom de beterraba.

– Eu não sou nenhum provador! Sou um cavaleiro da Guarda Real!

– Lamento dizê-lo, mas é. – Cersei nunca devia ter tirado do homem o seu manto branco. Mas o pai só tornara a vergonha maior ao devolvê-lo. – Minha irmã falou-me da prontidão com que cedeu meu sobrinho aos mercenários de Tyrion. Vai achar as ervilhas e cenouras menos ameaçadoras, espero. Quando os seus Irmãos Juramentados estiverem no pátio treinando com escudo e espada, pode treinar com a colher e a bandeja. Tommen adora bolos de maçã. Tente evitar que algum mercenário desapareça com eles.

– Fala-me assim? *Você*?

– Devia ter morrido antes de permitir que Tommen fosse capturado.

– Tal como você morreu protegendo Aerys, sor? – Sor Boros pôs-se em pé e agarrou o cabo da espada. – Eu não... eu não aturarei isso. Devia ser *você* o provador, parece-me. Para que mais serve um aleijado?

Jaime sorriu.

– Concordo. Sou tão indigno de guardar o rei quanto você. Portanto, puxe essa espada que está acariciando e veremos como as suas duas mãos se saem contra a minha. No fim, um de nós estará morto e a Guarda Real será melhorada. – Levantou-se. – Ou, se preferir, pode voltar aos seus deveres.

– *Bah!* – Sor Boros puxou um monte de muco verde, escarrou-o aos pés de Jaime e saiu, com a espada ainda na bainha.

O homem é covarde, ainda bem. Apesar de gordo e envelhecido e de nunca ter sido mais que medíocre, Sor Boros ainda teria sido capaz de desfazê-lo em pedaços sangrentos. *Mas Boros não sabe disso, e os outros também não podem saber. Eles temiam o homem que eu era; o homem que sou desperta piedade neles.*

Jaime voltou a se sentar e virou-se para Kettleblack.

– Sor Osmund. Não o conheço. Acho tal fato curioso. Participei em torneios, em lutas corpo a corpo e em batalhas por todos os Sete Reinos. Conheço todos os pequenos cavaleiros, cavaleiros livres e escudeiros possuidores de alguma capacidade e que tenham alguma vez ousado quebrar uma lança nas liças. Assim, como é que nunca ouvi falar de você, Sor Osmund?

– Não saberei dizer, senhor. – Ele tinha um largo sorriso no rosto,

aquele Sor Osmund, como se ele e Jaime fossem velhos camaradas de armas jogando um joguinho divertido qualquer. – Mas sou um soldado, não um cavaleiro de torneios.

– Onde prestou serviço antes de minha irmã encontrá-lo?

– Aqui e ali, senhor.

– Eu estive em Vilavelha no sul e em Winterfell no norte. Estive em Lanisporto no oeste, e em Porto Real no leste. Mas nunca estive em Aqui. Nem em Ali. – Por falta de um dedo, Jaime apontou com o coto para o nariz em forma de bico de Sor Osmund. – Vou voltar a perguntar. *Onde prestou serviço?*

– Nos Degraus. Um pouco nas Terras Disputadas. Ali há sempre luta. Acompanhei os Homens Galantes. Lutamos por Lys e um pouco por Tyrosh.

Lutou por quem quer que lhe pagasse.

– Como acabou sendo armado cavaleiro?

– No campo de batalha.

– Quem o armou?

– Sor Robert... Stone. Já morreu, senhor.

– Com certeza. – Supunha que Sor Robert Stone podia ter sido algum bastardo vindo do Vale, que tivesse andado vendendo a espada nas Terras Disputadas. Por outro lado, podia não ser mais do que um nome que Sor Osmund montou a partir de um rei morto e de uma muralha de castelo. *Em que Cersei estava pensando quando deu a este aí um manto branco?*

Pelo menos Kettleblack provavelmente saberia como usar uma espada e um escudo. Os mercenários raramente eram os mais honrosos dos homens, mas tinham de possuir certa perícia com as armas para continuarem vivos.

– Muito bem, sor – disse Jaime. – Pode ir.

O sorriso do homem voltou. Saiu se pavoneando.

– Sor Meryn. – Jaime sorriu ao azedo cavaleiro de cabelos cor de ferrugem e olheiras sob os olhos. – Ouvi dizer que Joffrey o usou para castigar Sansa Stark. – Virou o Livro Branco com uma mão só. – Tome, mostre-me onde está escrito nos nossos votos que juramos espancar mulheres e crianças.

– Fiz o que Sua Graça me ordenou. Juramos obedecer.

– De hoje em diante, irá moderar essa obediência. Minha irmã é rainha regente. Meu pai é Mão do Rei. Eu sou Senhor Comandante da Guarda Real. Obedeça a nós. A mais ninguém.

Sor Meryn fez uma expressão obstinada.

– Está me dizendo para não obedecer ao rei?

– O rei tem oito anos. Nosso primeiro dever é *protegê-lo*, o que inclui protegê-lo de si mesmo. Use essa coisa feia que mantém dentro do elmo. Se Tommen quiser que sele o cavalo dele, obedeça. Se lhe

disser para matar o cavalo, venha conversar comigo.

– Sim. Às suas ordens, senhor.

– Dispensado. – Enquanto ele saía, Jaime virou-se para Sor Balon Swann. – Sor Balon, vi-o tomar parte em justas muitas vezes, e lutei quer com você, quer contra você em lutas corpo a corpo. Disseram-me que demonstrou cem vezes o seu valor na Batalha da Água Negra. A Guarda Real é honrada por sua presença.

– A honra é minha, senhor. – Sor Balon parecia desconfiado.

– Existe apenas uma questão que gostaria de lhe colocar. Serviu-nos com lealdade, é certo... mas Varys disse-me que seu irmão acompanhou Renly e depois Stannis, enquanto o senhor seu pai decidiu não convocar os vassalos e permaneceu atrás das muralhas de Pedrelmo durante toda a guerra.

– Meu pai é um homem idoso, senhor. Já passou há muito os quarenta anos. Os dias de suas batalhas terminaram.

– E o seu irmão?

– Donnel foi ferido na batalha e rendeu-se a Sor Elwood Harte. Foi depois resgatado e jurou lealdade ao Rei Joffrey, tal como muitos outros cativos.

– É verdade – disse Jaime. – Mesmo assim... Renly, Stannis, Joffrey, Tommen... como foi que ele conseguiu deixar de lado Balon Greyjoy e Robb Stark? Podia ter sido o primeiro cavaleiro no reino a jurar lealdade a todos os seis reis.

O incômodo de Sor Balon era evidente.

– Donnel errou, mas agora é de Tommen. Dou-lhe a minha palavra.

– Não é Sor Donnel, o Constante, que me preocupa. É você. – Jaime inclinou-se para a frente. – O que fará se o bravo Sor Donnel entregar a sua espada a outro usurpador, e um dia invadir a sala do trono? E aí está você, todo de branco, entre o seu rei e o seu sangue. O que fará?

– Eu... senhor, isso nunca acontecerá.

– Aconteceu a mim – disse Jaime.

Swann limpou a testa com a manga de sua túnica branca.

– Não tem resposta?

– Senhor. – Sor Balon ficou em pé. – Pela minha espada, pela minha honra, pelo nome de meu pai, juro... não farei o que o senhor fez.

Jaime riu.

– Ótimo. Volte aos seus deveres... e diga a Sor Donnel para acrescentar um cata-vento ao seu escudo.

E então ficou sozinho com o Cavaleiro das Flores.

Esguio como uma espada, ágil e em forma, Sor Loras Tyrell usava uma túnica de linho branca como a neve e calções brancos de lã, com

um cinto dourado em volta da cintura e uma rosa de ouro prendendo seu manto de seda fina. Os cabelos eram um suave desarranjo castanho, e os olhos eram também castanhos, e brilhantes de insolência. *Ele acredita que isso é um torneio e que acabaram de anunciar a sua justa.*

– Dezessete anos, e um cavaleiro da Guarda Real – disse Jaime. – Deve se sentir orgulhoso. Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, tinha dezessete anos quando foi nomeado. Sabia disso?

– Sim, senhor.

– E sabia que eu tinha *quinze*?

– Isso também, senhor. – E sorriu.

Jaime odiou aquele sorriso.

– Eu era melhor do que você, Sor Loras. Era maior, era mais forte e era mais rápido.

– E agora é mais velho – disse o rapaz. – Senhor.

Teve de rir. *Isso é absurdo demais. Tyrion riria de mim sem dó se me ouvisse agora, comparando o pinto com este rapazinho verde.*

– Mais velho e mais sábio, sor. Devia aprender comigo.

– Tal como você aprendeu com Sor Boros e Sor Meryn?

Aquela flecha aproximou-se demais do alvo.

– Aprendi com Touro Branco e Barristan, o Ousado – disse bruscamente Jaime. – Aprendi com Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã, que conseguiria matar vocês cinco com a mão esquerda enquanto mijava com a direita. Aprendi com o Príncipe Lewyn de Dorne, com Sor Oswell Whent e Sor Jonothor Darry, todos eles homens bons.

– Todos eles homens mortos.

Ele sou eu, compreendeu Jaime subitamente. *Estou falando comigo mesmo tal como era, cheio de uma arrogância convencida e de cavalaria sem base. Isso é o que acontece quando se é bom demais e novo demais.*

Assim como na esgrima, às vezes é melhor experimentar um golpe diferente.

– Dizem que lutou magnificamente na batalha... quase tão bem quanto o fantasma de Lorde Renly ao seu lado. Um Irmão Juramentado não tem segredos para com o Senhor Comandante. Diga-me, sor. Quem estava usando a armadura de Renly?

Por um momento Loras Tyrell pareceu poder recusar-se a responder, mas por fim lembrou-se de seus votos.

– Meu irmão – disse, de mau humor. – Renly era mais alto do que eu, e mais largo de peito. A armadura dele ficava folgada em mim, mas servia bem a Garlan.

– A mascarada foi ideia sua ou dele?

– Foi Lorde Mindinho quem a sugeriu. Ele disse que assustaria os ignorantes homens de armas de Stannis.

– E assustou-os. *E também alguns cavaleiros e fidalgos*. Bem, deu aos cantores algo para inspirar rimas, suponho que isso não deva ser desprezado. O que fez com Renly?

– Enterrei-o com minhas próprias mãos, num lugar que me mostrou um dia quando eu era escudeiro em Ponta Tempestade. Nunca ninguém o encontrará lá para perturbar o seu descanso. – Olhou para Jaime em desafio. – Protegerei o Rei Tommen com todas as minhas forças, juro. Darei a minha vida pela dele se for necessário. Mas nunca trairei Renly por palavras ou por atos. Ele era o rei que devia ter sido. Era o melhor de todos.

O mais bem vestido, talvez, pensou Jaime, mas por uma vez não o disse. A arrogância tinha saído de Sor Loras no momento em que começara a falar de Renly. *Ele respondeu honestamente. É orgulhoso, imprudente e cheio de mijo, mas não é falso. Ainda não.*

– Como queira. Mais uma coisa e poderá voltar aos seus deveres.

– Sim, senhor?

– Ainda tenho Brienne de Tarth numa cela de torre.

A boca do rapaz endureceu.

– Uma cela negra seria melhor.

– Está certo de que é isso que ela merece?

– Ela merece a morte. Eu disse a Renly que uma mulher não tinha lugar na Guarda Arco-Íris. Ela ganhou o corpo a corpo com um truque.

– Acho que me recordo de um outro cavaleiro que gostava de truques. Uma vez montou uma égua no cio contra um oponente montado num garanhão de mau temperamento. Que tipo de truque usou Brienne?

Sor Loras corou.

– Ela saltou... não importa. Ganhou, concedo-lhe isso. Sua Graça pôs um manto arco-íris em seus ombros. E ela matou-o. Ou deixou-o morrer.

– Há aí uma grande diferença. – *A diferença entre o meu crime e a vergonha de Boros Blount.*

– Ela tinha jurado protegê-lo. Sor Emmon Cuy, Sor Robar Royce, Sor Parmen Crane, eles também tinham jurado. Como poderia alguém atingi-lo com ela dentro da tenda e os outros à porta? A menos que participassem do ato.

– Havia cinco de vocês no banquete de casamento – ressaltou Jaime. – Como pôde Joffrey morrer? A menos que participassem do ato?

Sor Loras endireitou-se rigidamente.

– Não houve nada que pudéssemos fazer.

– A garota diz o mesmo. Ela chora por Renly, tal como você. Garanto-lhe que nunca chorei por Aerys. Brienne é feia e teimosa como um jumento. Mas falta-lhe a esperteza para ser uma mentirosa, e

é leal para lá do bom senso. Prestou um juramento de me trazer para Porto Real, e aqui estou eu. Esta mão que perdi... bem, isso foi tanto obra minha como dela. Pesando tudo o que fez para me proteger, não tenho qualquer dúvida de que teria lutado por Renly, se tivesse havido um inimigo com quem lutar. Mas uma sombra? – Jaime sacudiu a cabeça. – Puxe a espada, Sor Loras. Mostre-me como *você* lutaria com uma sombra. Gostaria de ver isso.

Sor Loras não fez qualquer movimento para se erguer.

– Ela fugiu – disse. – Ela e Catelyn Stark abandonaram-no afogado em sangue e fugiram. Por que haveriam de fugir, se não fosse obra dela? – fitou a mesa. – Renly atribuiu-me a vanguarda. De outro modo teria sido eu a ajudá-lo a envergar a armadura. Ele muitas vezes confiava essa tarefa a mim. Nós tínhamos... tínhamos rezado juntos naquela noite. Deixei-o com ela. Sor Parmen e Sor Emmon guardavam a tenda e Sor Robar Royce também estava lá. Sor Emmon jurou que Brienne tinha... embora...

– Sim? – instou Jaime, detectando uma dúvida.

– O gorjal tinha sido atravessado. Um golpe limpo, através de um gorjal de aço. A armadura de Renly era do melhor, do mais fino aço. Como ela conseguiria fazer aquilo? Eu mesmo tentei, e não foi possível. Ela é anormalmente forte para uma mulher, mas até a Montanha teria precisado de um machado pesado. E por que vestir-lhe a armadura e só *depois* cortar a garganta dele? – dirigiu a Jaime um olhar confuso. – Mas se não foi ela... como pode ter sido uma *sombra*?

– Pergunte-lhe. – Jaime tomou uma decisão. – Vá à cela dela. Faça as suas perguntas e escute as respostas que ela der. Se ainda estiver convencido de que Brienne assassinou Lorde Renly, farei com que ela responda por isso. A decisão será sua. Acuse-a ou liberte-a. Tudo que peço é que a julgue com justiça, por sua honra de cavaleiro.

Sor Loras levantou-se.

– Farei isso. Por minha honra.

– Então terminamos.

O homem mais novo dirigiu-se à porta. Mas aí virou-se.

– Renly a achava absurda. Uma mulher vestida de cota de malha de homem, fingindo ser um cavaleiro.

– Se alguma vez a tivesse visto vestindo cetim cor-de-rosa e renda de Myr, não teria se queixado.

– Perguntei-lhe por que a mantinha por perto, se a achava assim tão grotesca. Ele disse que todos os outros cavaleiros queriam coisas dele, castelos, honrarias ou riquezas, mas tudo que Brienne queria era morrer por ele. Quando o vi todo ensanguentado, com ela fugida e os outros três incólumes... se ela for inocente, então Robar e Emmon... – Não parecia ser capaz de articular as palavras.

Jaime não tinha parado para refletir sobre aquele aspecto do

assunto.

– Eu teria feito o mesmo, sor. – A mentira chegou-lhe fácil, mas Sor Loras pareceu grato por ouvi-la.

Quando o cavaleiro saiu, o Senhor Comandante sentou-se sozinho na sala branca, cheio de questões. O Cavaleiro das Flores tinha se sentido tão louco de dor por Renly que abatera dois de seus próprios Irmãos Juramentados, mas nunca ocorreu a Jaime fazer o mesmo aos cinco que tinham falhado a Joffrey. *Ele era meu filho, meu filho secreto... Que coisa sou eu, se não ergo a mão que me resta para vingar meu próprio sangue e semente?* Devia pelo menos matar Sor Boros, só para se ver livre dele.

Olhou para o coto e fez uma careta. *Tenho de fazer qualquer coisa a esse respeito.* Se o falecido Sor Jacelyn Bywater podia usar uma mão de ferro, ele devia ter uma de ouro. *Cersei pode gostar. Uma mão dourada para afagar seus cabelos dourados e apertá-la bem contra mim*.

Mas a mão podia esperar. Havia outras coisas a tratar primeiro. Havia outras dívidas a pagar.

Sansa

A escada que levava ao castelo de proa era íngreme e cheia de lascas, por isso Sansa aceitou ajuda de Lothor Brune. *Sor Lothor*, teve de recordar a si mesma. O homem tinha sido armado cavaleiro pelo valor demonstrado na Batalha da Água Negra. Embora nenhum cavaleiro de verdade usasse aqueles calções marrons remendados e aquelas botas gastas, nem aquele gibão de couro rachado e manchado pela água. Atarracado, com rosto quadrado, nariz amassado e um emaranhado de fortes cabelos grisalhos, Brune raramente falava. *Mas é mais forte do que parece*. Ela percebeu isso pela facilidade com que a ergueu no ar, como se não pesasse nada.

Para lá da proa do *Rei Bacalhau* estendia-se uma costa nua e pedregosa, varrida pelo vento, desprovida de árvores e pouco convidativa. Mesmo assim, era uma visão bem-vinda. Havia bastante tempo que vinham se afastando da costa no caminho de volta. A última tempestade tinha-os varrido para longe da vista da terra, e atirara tamanhas ondas contra os lados da galé que Sansa tivera certeza de que iam todos se afogar. Tinha ouvido o velho Oswell dizer que dois homens haviam sido arrastados borda afora e outro caíra do mastro e quebrara o pescoço.

Ela raramente se aventurava até o convés. Sua pequena cabine era úmida e fria, mas Sansa passara a maior parte da viagem doente... doente de terror, doente de febre, ou doente de enjoo... Não conseguia manter nada no estômago e até o sono custava a vir. Sempre que fechava os olhos via Joffrey rasgando o colarinho, arranhando a suave pele da garganta, morrendo com flocos de crosta de torta nos lábios e manchas de vinho no gibão. E os lamentos do vento no cordame faziam-lhe lembrar o terrível e agudo som de sugar que ele tinha feito enquanto lutava para inspirar ar. Às vezes sonhava também com Tyrion.

– Ele não fez nada – tinha dito ao Mindinho quando ele fez uma visita à sua cabine para ver se ela estava se sentindo melhor.

– Ele não matou Joffrey, é verdade, mas as mãos do anão estão longe de estar limpas. Teve uma esposa antes de você, sabia?

– Ele contou-me.

– E ele contou que, quando se cansou dela, deu-a de presente aos guardas do pai? Podia ter feito o mesmo com você, a seu tempo. Não derrame lágrimas pelo Duende, senhora.

O vento fez correr dedos salgados por seus cabelos, e Sansa estremeceu. Até tão perto da costa, o balanço do barco deixava seu estômago indisposto. Precisava desesperadamente de um banho e de uma muda de roupa. *Devo parecer tão descomposta como um cadáver, e*

cheiro a vômito.

Lorde Petyr surgiu a seu lado, alegre como sempre.

– Bom dia. O ar salgado é tonificante, não lhe parece? Aguça-me sempre o apetite. – Rodeou seus ombros com um braço compreensivo. – Está bem? Parece tão pálida.

– É só a minha barriga. O enjoo.

– Um pouco de vinho será bom para isso. Vamos arranjar uma taça para você, assim que estivermos em terra firme. – Petyr apontou para o local onde uma velha torre de pederneira se delineava contra o céu cinzento sem vida, com as ondas se esmagando nas rochas abaixo dela. – Animado, não é? Temo que aqui não haja ancoradouro seguro. Iremos para a terra num bote.

– Aqui? – não queria ir para a terra ali. Tinha ouvido dizer que os Dedos eram um lugar lúgubre, e havia algo de abandonado e desolado na pequena torre. – Não podia ficar no navio até zarparmos para Porto Branco?

– Daqui, o *Rei* vira para leste rumo a Bravos. Sem nós.

– Mas... senhor, disse... disse que íamos para casa.

– E aqui está ela, por mais miserável que seja. A minha casa ancestral. Temo que não tenha nome. A sede de um grande senhor devia ter um nome, não concorda? Winterfell, Ninho da Águia, Correrrio, esses são *castelos*. Agora Senhor de Harrenhal, isso soa bem, mas o que era eu antes? Senhor da Bosta de Ovelha e dono do Forte Triste? Falta alguma coisa aí. – Seus olhos cinza-esverdeados olharam-na inocentemente. – Parece perturbada. Achava que nos dirigíamos a Winterfell, querida? Winterfell foi tomado, queimado e saqueado. Todos os que conhecia e amava estão mortos. Os nortenhos que não caíram perante os homens de ferro estão fazendo guerra entre si. Até a Muralha está sob ataque. Winterfell foi o lar de sua infância, Sansa, mas já não é uma criança. É uma mulher-feita, e tem de criar o seu lar.

– Mas não aqui – disse ela, consternada. – Parece tão...

– ... pequeno, sem vida e insignificante? É tudo isso, e ainda pior. Os Dedos são um lugar adorável para quem por acaso for uma pedra. Mas nada tema, não nos demoraremos mais do que uma quinzena. Calculo que a sua tia já esteja a caminho para nos encontrar. – Sorriu. – A Senhora Lysa e eu vamos nos casar.

– Casar? – Sansa estava atordoada. – O senhor e a minha tia?

– O Senhor de Harrenhal e a Senhora do Ninho da Águia.

Disse que era a minha mãe que amava. Mas claro que a Senhora Catelyn estava morta, por isso, mesmo se tivesse amado secretamente Petyr e se lhe tivesse entregado a virgindade, agora não importava.

– Tão silenciosa, senhora – disse Petyr. – Estava certo de que gostaria de me dar a sua bênção. É coisa rara que um rapaz nascido

para herdar pedras e cocozinhos de ovelha se case com a filha de Hoster Tully e viúva de Jon Arryn.

– Eu... eu rezo para que passem longos anos juntos, tenham muitos filhos e sejam muito felizes um com o outro. – Tinham-se passado anos desde que Sansa vira a irmã da mãe. *Ela será gentil comigo, certamente. É do meu sangue*. E o Vale de Arryn era belo, todas as canções diziam isso. Talvez não fosse assim tão terrível ficar ali durante algum tempo.

Lothor e o velho Oswell assumiram os remos e levaram-nos para terra. Sansa aconchegou-se à proa sob o seu manto com o capuz puxado para proteger a cabeça do vento, interrogando-se sobre o que a esperava. Criados saíram da torre ao encontro do grupo; uma velha magra e uma gorda de meia-idade, dois anciãos de cabelos brancos e uma menina com dois ou três anos e terçol num olho. Quando reconheceram Lorde Petyr, ajoelharam-se nas pedras.

– O meu pessoal – disse ele. – Não conheço a criança. Outro dos bastardos de Kella, suponho. Ela põe um no mundo a cada dois ou três anos.

Os dois velhos entraram na água até as coxas para erguer Sansa do barco de modo que não molhasse as saias. Oswell e Lothos foram espirrando água até chegarem à margem, e o mesmo fez o próprio Mindinho. Este deu à velha um beijo na bochecha e sorriu à mais nova.

– Quem é o pai desta, Kella?

A gorda riu.

– Não sei bem, senhor. Não sou mulher pra lhes dizer que não.

– E todos os moços da terra são gratos por isso, tenho certeza.

– É bom tê-lo em casa, senhor – disse um dos velhos. Parecia ter pelo menos oitenta anos, mas usava uma brigantina com rebites e uma espada longa presa ao flanco. – De quanto tempo será a sua estadia?

– O menos possível, Bryen, não tenha medo. Diria que o lugar está habitável neste momento?

– Se soubéssemos que vinham, teríamos posto esteiras novas, senhor – disse a velha. – Há um fogo de esterco queimando.

– Nada diz "casa" como o cheiro de esterco queimando. – Petyr virou-se para Sansa. – Grisel foi a minha ama de leite, mas agora toma conta de meu castelo. Umfred é o meu intendente e Bryen... não o nomeei capitão da guarda da última vez que estive aqui?

– Nomeou, senhor. Disse também que ia arranjar mais alguns homens, mas não fez isso. Eu e os cães fazemos todas as vigias.

– E muito bem, tenho certeza. Ninguém fugiu com nenhuma das minhas pedras e cocôs de ovelha, vejo-o claramente. – Petyr indicou com um gesto a gorda. – Kella cuida de meus vastos rebanhos. Quantas ovelhas tenho no momento, Kella?

Ela teve de pensar por um momento.

– Vinte e três, senhor. Havia vinte e nove, mas os cães de Bryen mataram uma e abatemos algumas das outras pra salgar a carne.

– Ah, carneiro frio em salmoura. Devo estar *mesmo* em casa. Quando quebrar o jejum com ovos de gaivota e sopa de algas, terei certeza.

– Se quiser, senhor – disse a velha chamada Grisel.

Lorde Petyr fez uma careta.

– Venha, vejamos se o meu palácio é tão lúgubre como o recordo. – Subiu a costa à frente dos outros, por rochas tornadas escorregadias por algas em putrefação. Um punhado de ovelhas vagueava em volta da base da torre de pederneira, pastando a escassa grama que crescia entre o curral e o estábulo de telhado de colmo. Sansa teve de pisar com cuidado; havia cocô de ovelha por todo lado.

Lá dentro, a torre parecia ainda menor. Uma escada aberta de pedra corria em volta da parede interior, desde a galeria subterrânea até o telhado. Cada piso não era mais do que um único cômodo. Os criados viviam e dormiam na cozinha, no piso térreo, dividindo o espaço com um enorme mastim malhado e meia dúzia de cães pastores. Por cima havia um pequeno salão, e ainda mais acima o quarto de dormir. Não existiam janelas, mas havia seteiras em intervalos regulares na parede exterior, ao longo da curvatura da escada. Por cima da lareira pendia uma espada longa quebrada e um desgastado escudo de carvalho, com a tinta rachada e descascando.

Sansa não conhecia o símbolo pintado no escudo; uma cabeça de pedra cinza com olhos de fogo em fundo verde-claro.

– O escudo do meu avô – explicou Petyr quando a viu a fitá-lo. – O pai dele nasceu em Bravos e veio para o Vale como mercenário contratado por Lorde Corbray, e por isso o meu avô escolheu a cabeça do Titã como símbolo quando foi armado cavaleiro.

– É muito feroz – disse Sansa.

– Feroz demais, para um cara amigável como eu – disse Petyr. – Prefiro de longe o meu tejo.

Oswell fez mais duas viagens até o *Rei Bacalhau* para descarregar mantimentos. Entre as cargas que trouxe para terra havia vários tonéis de vinho. Petyr serviu uma taça a Sansa, como prometido.

– Aqui está, senhora, isso deve ajudar a sua barriga, espero eu.

Ter terra firme debaixo dos pés já ajudara, mas Sansa ergueu obedientemente o cálice com ambas as mãos e bebeu um golinho. O vinho era muito bom; *uma bela colheita da Árvore*, pensou. Tinha toques de carvalho, fruta e noites quentes de verão e os sabores desabrochavam em sua boca como flores abrindo-se ao sol. Só esperava conseguir mantê-lo na barriga. Lorde Petyr estava sendo tão gentil que não queria estragar tudo vomitando em cima dele.

Ele estava estudando-a por sobre seu próprio cálice, com os brilhantes olhos cinza-esverdeados cheios de... seria divertimento? Ou outra coisa? Sansa não tinha certeza.

– Grisel – gritou ele para a velha –, traga um pouco de comida. Nada pesado demais, que a senhora tem uma barriga fraca. Um pouco de fruta poderá, talvez, servir. Oswell trouxe algumas laranjas e romãs do *Rei*.

– Sim, senhor.

– Seria possível também tomar um banho quente? – perguntou Sansa.

– Eu mando Kella ir buscar água, senhora.

Sansa bebeu outro gole de vinho e tentou pensar em algo polido para dizer, mas Lorde Petyr poupou-a do trabalho. Quando Grisel e os outros criados foram embora, disse:

– Lysa não virá sozinha. Antes de ela chegar, temos de esclarecer quem você é.

– Quem sou... não compreendo.

– Varys tem informantes por todo lado. Se Sansa Stark for vista no Vale, o eunuco vai ficar sabendo dentro de uma volta de lua, e isso criaria lamentáveis... complicações. Não é seguro ser um Stark neste momento. Portanto, diremos ao pessoal de Lysa que é minha filha ilegítima.

– Ilegítima? – Sansa estava horrorizada. – Quer dizer uma bastarda?

– Bem, dificilmente poderia ser minha filha legítima. Nunca tomei esposa, isso é bem sabido. Como se chamaria?

– Eu... poderia usar o nome de minha mãe...

– Catelyn? Um pouco óbvio demais... mas o de *minha* mãe serviria. Alayne. Você gosta?

– Alayne é bonito. – Sansa esperava conseguir lembrar-se. – Mas eu não poderia ser filha legítima de algum cavaleiro a seu serviço? Ele poderia ter morrido galantemente na batalha, e...

– Não tenho cavaleiros galantes a meu serviço, Alayne. Uma história dessas atrairia tantas perguntas indesejáveis quanto um cadáver atrai corvos. Porém, é falta de educação bisbilhotar a origem dos filhos ilegítimos de um homem. – Ergueu a cabeça. – Então, quem é?

– Alayne... Stone, é? – quando ele confirmou com a cabeça, ela disse: – Mas quem é a minha mãe?

– A Kella?

– Não, por favor – disse ela, mortificada.

– Estava brincando. Sua mãe era uma senhora de Bravos, filha de um príncipe mercador. Conhecemo-nos em Vila Gaivota quando era encarregado do porto. Ela morreu ao dá-la à luz e confiou-a à Fé.

Tenho alguns livros devocionais sobre os quais pode passar os olhos. Aprenda a citá-los. Nada desencoraja mais as perguntas indesejadas do que uma torrente de ladainha piedosa. Seja como for, em sua floração decidiu que não era seu desejo ser uma septã e escreveu-me. Foi então que eu soube da sua existência. – Afagou a barba. – Acha que é capaz de se lembrar de tudo isso?

– Espero que sim. Será como jogar um jogo, não é?

– Gosta de jogos, Alayne?

Ia ter de habituar-se ao novo nome.

– Jogos? Eu... suponho que dependeria de...

Grisel reapareceu antes de poder dizer mais, equilibrando uma grande bandeja. Apoiou-a entre ambos. Havia maçãs, peras e romãs, um punhado de uvas feiosas, uma enorme laranja sanguínea. A velha tinha trazido também uma rodela de pão e um pote de manteiga. Petyr cortou uma romã em duas com o seu punhal e ofereceu metade a Sansa.

– Devia tentar comer, senhora.

– Obrigada, senhor. – As sementes de romã sujavam tanto; Sansa preferiu uma pera, e deu uma pequena mordidinha delicada. Estava muito madura; o sumo escorreu pelo seu queixo.

Lorde Petyr desalojou uma semente com a ponta do punhal.

– Deve sentir terrivelmente a falta de seu pai, eu sei. Lorde Eddard era um homem corajoso, honesto e leal... mas um jogador bastante incapaz. – Levou a semente à boca com a faca. – Em Porto Real, há dois tipos de pessoas. Os jogadores e as peças.

– E eu era uma peça? – receou a resposta.

– Sim, mas não deixe que isso a perturbe. Ainda é quase uma criança. Todos os homens começam sendo peças, e todas as donzelas também. Mesmo alguns que acham que são jogadores. – Comeu outra semente. – Cersei, para começar. Julga-se astuta, mas na verdade é completamente previsível. Sua força reside na beleza, no nascimento e na riqueza. Só a primeira dessas coisas é realmente dela, e em breve a abandonará. Nessa hora, terei pena dela. Deseja o poder, mas não tem ideia do que fazer com ele quando o obtém. Todo mundo quer alguma coisa, Alayne. E quando ficar sabendo o que um homem quer, saberá quem ele é, e como jogar com ele.

– Tal como jogou com Sor Dontos para envenenar Joffrey? – concluíra que *tinha* de ter sido Sor Dontos.

Mindinho riu.

– Sor Dontos, o Tinto, era um odre de vinho com pernas. Nunca poderia ser confiada a ele uma tarefa de tal magnitude. Ele, se não a estragasse, teria me traído. Não, tudo que Dontos teve de fazer foi tirá-la do castelo... e assegurar-se de que usava a rede de prata para cabelos.

As ametistas negras.

– Mas... se não foi Dontos, quem? Você tem outras... peças?

– Poderia virar Porto Real do avesso e não encontraria um único homem com um tejo cosido sobre o coração, mas isso não significa que eu não tenho amigos. – Petyr dirigiu-se até junto da escada. – Oswell, venha aqui em cima e deixe que a Senhora Sansa olhe para você.

O velho apareceu alguns momentos mais tarde, sorrindo e fazendo uma reverência. Sansa examinou-o, incerta.

– O que eu deveria estar vendo?

– Não o conhece? – perguntou Petyr.

– Não.

– Olhe melhor.

Sansa estudou o rosto do velho, enrugado e queimado pelo vento, seu nariz adunco, os cabelos brancos e as enormes mãos nodosas. *Havia* algo de familiar nele, mas Sansa teve de sacudir a cabeça.

– Não o conheço. Nunca vi Oswell antes de entrar no barco dele, tenho certeza.

Oswell sorriu, mostrando uma boca cheia de dentes tortos.

– Não, mas a senhora talvez tenha conhecido os meus três filhos.

Foram os "três filhos" e também aquele sorriso.

– *Kettleblack!* – os olhos de Sansa esbugalharam-se. – É um Kettleblack!

– Sim, senhora, às suas ordens.

– Ela está fora de si de alegria. – Lorde Petyr mandou-o embora com um gesto e voltou à romã enquanto Oswell descia os degraus. – Diga-me, Alayne... o que é mais perigoso, o punhal brandido por um inimigo, ou o punhal escondido encostado às suas costas por alguém que não chega a ver?

– O punhal escondido.

– Aí está uma garota esperta. – Ele sorriu, com os lábios finos tornados vermelhos pelas sementes de romã. – Quando o Duende mandou os guardas dela embora, a rainha mandou Sor Lancel contratar-lhe mercenários. Lancel encontrou os Kettleblack, o que deliciou o pequeno senhor seu esposo, visto que os rapazes eram pagos por ele através do seu homem, Bronn. – Petyr soltou um risinho. – Mas fui eu quem disse a Oswell para mandar os filhos para Porto Real quando soube que Bronn andava à procura de espadas. Três punhais escondidos, Alayne, agora perfeitamente posicionados.

– Então um dos Kettleblack pôs o veneno na taça de Joff? – lembrou-se de que Sor Osmund tinha passado a noite inteira perto do rei.

– Terei dito isso? – Lorde Petyr cortou a laranja sanguínea em duas com o punhal e ofereceu metade a Sansa. – Os rapazes são

traiçoeiros demais para participarem de uma tramoia dessas... e Osmund tornou-se especialmente indigno de confiança desde que entrou para a Guarda Real. Acho que aquele manto branco faz coisas aos homens. Até a homens como ele. – Inclinou o queixo para trás e espremeu a laranja sanguínea para que o sumo escorresse para sua boca. – Adoro o sumo, mas abomino os dedos pegajosos – reclamou, limpando as mãos. – Mãos limpas, Sansa. Faça o que fizer, assegure-se de que as suas mãos estejam limpas.

Sansa levou à boca um pouco de sumo de sua laranja com uma colher.

– Mas se não foram os Kettleblack e não foi Sor Dontos... você nem sequer estava na cidade, e não pode ter sido Tyrion...

– Não quer fazer outra tentativa, querida?

Ela sacudiu a cabeça.

– Eu não...

Petyr sorriu.

– Aposto que a certa altura durante a noite alguém lhe disse que a rede para cabelos estava torta e a endireitou para você.

Sansa levou uma mão à boca.

– Não pode querer dizer... ela queria me levar para Jardim de Cima, para me casar com o neto...

– O gentil e piedoso Willas Tyrell, com a sua boa índole. Fique grata por ter sido poupada, ele teria aborrecido você até a morte. Mas a velha não é entediante, admito. Uma temível velha bruxa, e que não é nem de perto tão frágil como finge ser. Quando cheguei a Jardim de Cima para regatear a mão de Margaery, ela deixou que o senhor seu filho fanfarronasse enquanto ela fazia perguntas mordazes a respeito da natureza de Joffrey. Elogiei-o até os céus, com certeza... enquanto os meus homens espalhavam histórias perturbadoras entre os criados de Lorde Tyrell. É assim que se joga o jogo.

"Também plantei a ideia de Sor Loras vestir o branco. Não que o tenha *sugerido*, isso teria sido rude demais. Mas homens em minha comitiva disseminaram medonhas histórias sobre o modo como o povo tinha matado Sor Preston Greenfield e violado a Senhora Lollys, e fiz chegar algumas moedas de prata ao exército de cantores de Lorde Tyrell para que cantassem sobre Ryam Redwyne, Serwyn do Escudo Espelhado e Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão. Uma harpa pode ser tão perigosa como uma espada, nas mãos certas.

"Mace Tyrell pensou mesmo que era sua a ideia de fazer a inclusão de Sor Loras na Guarda Real parte do contrato de casamento. Quem melhor para proteger a filha do que o seu magnífico irmão cavaleiro? E aliviou-o da difícil tarefa de tentar encontrar terras e uma noiva para um terceiro filho, o que nunca é fácil, e se torna duplamente difícil no caso de Sor Loras.

"Mas, seja como for, a Senhora Olenna não estava disposta a permitir que Joff fizesse mal à sua preciosa e querida neta, mas ao contrário do filho também compreendeu que, sob as suas flores e trajes finos, Sor Loras é tão temperamental quanto Jaime Lannister. Atire Joffrey, Margaery e Loras numa panela, e tem os ingredientes para um guisado de regicida. A velha compreendeu também outra coisa. O filho estava decidido a fazer de Margaery uma rainha, e para isso precisava de um rei... mas não precisava de *Joffrey*. Teremos em breve outro casamento, espere e verá. Margaery casará com Tommen. Manterá a sua coroa de rainha e a sua virgindade, nenhuma das quais deseja em especial, mas que importa isso? A grande aliança ocidental será preservada... pelo menos por algum tempo."

Margaery e Tommen. Sansa não sabia o que dizer. Gostava de Margaery Tyrell e também de sua pequena avó de língua afiada. Tinha pensado com anseio em Jardim de Cima, com seus pátios e músicos, e as barcaças de prazer no Vago; a uma distância enorme daquela costa desolada. *Pelo menos aqui estou a salvo. Joffrey está morto, já não pode me machucar, e agora sou só uma bastarda. Alayne Stone não tem marido e não tem pretensões*. E, além disso, a tia estaria ali em breve. O longo pesadelo de Porto Real tinha ficado para trás e sua caricatura de casamento também. Podia criar para si um novo lar ali, tal como Petyr havia dito.

Passaram-se oito longos dias até Lysa Arryn chegar. Choveu em cinco desses dias, enquanto Sansa permanecia sentada, entediada e inquieta junto à lareira, ao lado do velho cão cego. O animal estava doente e desdentado demais para montar guarda com Bryen, e o que fazia era principalmente dormir, mas quando ela lhe fez festas ele ganiu e lambeu sua mão, e depois disso tornaram-se bons amigos. Quando as chuvas pararam, Petyr percorreu com ela o perímetro de sua propriedade, o que demorou menos de meio dia. Ele possuía um monte de pedras, tal como tinha dito. Havia um local onde a maré saltava de uma furna, projetando-se dez metros no ar, e um outro onde alguém esculpira a estrela de sete pontas dos deuses novos num pedregulho. Petyr disse que aquilo marcava um dos locais onde os ândalos tinham desembarcado, quando vieram do outro lado do mar para arrancar o Vale das mãos dos Primeiros Homens.

Mais para o interior, uma dúzia de famílias vivia em cabanas de pedras empilhadas ao lado de uma turfeira.

– A minha plebe – disse Petyr, embora só o mais velho parecesse conhecê-lo. Havia também uma gruta de eremita em suas terras, mas sem eremita. – Ele agora está morto, mas quando eu era rapaz, meu pai levou-me para visitá-lo. O homem não se lavava havia quarenta anos, portanto pode imaginar o cheiro, mas supostamente tinha o dom da profecia. Apalpou-me um pouco e disse que eu seria um grande

homem, e por isso o meu pai deu-lhe um odre de vinho. – Petyr fungou. – Eu teria dito a mesma coisa por meia taça.

Por fim, numa tarde cinzenta e ventosa, Bryen correu de volta à torre com os cães latindo logo atrás, para anunciar que se aproximavam cavaleiros vindos de sudoeste.

– Lysa – disse Lorde Petyr. – Venha, Alayne, vamos ao encontro dela.

Vestiram os mantos e esperaram lá fora. Os cavaleiros não eram mais de uma vintena; uma escolta muito modesta para a Senhora do Ninho da Águia. Acompanhavam-na três aias, bem como uma dúzia de cavaleiros envergando cota de malha e placa de peito. Tinha trazido também um septão e um cantor atraente com um bigode fino e longos caracóis cor de areia.

Poderá aquela ser a minha tia? A Senhora Lysa era dois anos mais nova do que sua mãe, mas aquela mulher parecia dez anos mais velha. Grossas tranças ruivas caíam-lhe abaixo da cintura, mas sob o dispendioso vestido de veludo e corpete decorado com pedras preciosas, o corpo mostrava-se flácido e saliente. O rosto vinha rosado e pintado, os seios eram pesados, os membros, grossos. Era mais alta do que Mindinho e também mais pesada; e não mostrou qualquer graça no modo desajeitado com que desceu do cavalo.

Petyr ajoelhou para lhe beijar os dedos.

– O pequeno conselho do rei ordenou-me que a cortejasse e conquistasse, senhora. Acredita que poderá me aceitar como seu senhor e esposo?

A Senhora Lysa projetou os lábios e puxou-o de volta em pé, para plantar um beijo em sua bochecha.

– Oh, talvez possa ser convencida. – Soltou um risinho. – Trouxe presentes para derreter meu coração?

– A paz do rei.

– Oh, que se dane a paz, o que mais me trouxe?

– A minha filha. – Mindinho fez sinal com uma mão a Sansa para avançar. – Senhora, permita-me que lhe apresente Alayne Stone.

Lysa Arryn não pareceu grandemente satisfeita por vê-la. Sansa fez uma profunda reverência, com a cabeça baixa.

– Uma bastarda? – ouviu a tia dizer. – Petyr, foi maroto? Quem era a mãe?

– A moça está morta. Tinha a esperança de levar Alayne para o Ninho da Águia.

– O que farei com ela lá?

– Tenho algumas ideias – disse Lorde Petyr. – Mas neste momento estou mais interessado no que farei com a senhora.

Toda a severidade derreteu no rosto redondo e rosado da tia, e por um momento Sansa pensou que Lysa Arryn estivesse a ponto de

chorar.

– Querido Petyr, tive tantas saudades suas, não faz ideia, não pode fazer ideia. Yohn Royce tem andado instigando toda espécie de problemas, exigindo que eu convoque os vassalos e parta para a guerra. E todos os outros enxameiam à minha volta, Hunter, Corbray e aquele *horrendo* Nestor Royce, todos desejando desposar-me e tomar o meu filho como protegido, mas nenhum deles me ama realmente. Só você, Petyr. Sonhei com você durante tanto tempo.

– E eu com você, senhora. – Passou um braço pelas costas dela e beijou-a no pescoço. – Quando podemos nos casar?

– Já – disse a Senhora Lysa, suspirando. – Trouxe o meu próprio septão e um cantor, e hidromel para o banquete de casamento.

– Aqui? – aquilo não lhe agradou. – Preferiria casar com a senhora no Ninho da Águia, com toda a corte presente.

– Que se dane a corte. Esperei durante tanto tempo que não aguento esperar nem mais um momento. – Envolveu-o com os braços. – Quero partilhar a sua cama esta noite, meu querido. Quero que façamos outro filho, um irmão para Robert ou uma doce filhinha.

– Eu também sonhei com isso, querida. Mas há muito a ganhar com uma grande boda pública, com todo o Vale...

– Não. – Lysa bateu o pé. – Quero-o agora, nesta mesma noite. E devo prevenir-lo de que depois de todos esses anos de silêncio e sussurros pretendo *gritar* quando me amar. Vou gritar tão alto que vão me ouvir no Ninho da Águia.

– Talvez possa dormir com você agora e casar mais tarde?

A Senhora Lysa soltou risinhos como se fosse uma menina.

– Oh, Petyr Baelish, você é tão *maroto*. Não, não, eu sou a Senhora do Ninho da Águia e ordeno que se case comigo neste exato momento.

Petyr encolheu os ombros.

– Nesse caso, seja como a senhora ordena. Sou impotente perante você, como sempre.

Proferiram seus votos menos de uma hora depois, em pé sob um dossel azul-celeste enquanto o sol se afundava a oeste. Depois, mesas foram montadas junto da pequena torre de pederneira e banquetearam-se com codorna, veado e javali assado, empurrando tudo com um bom e leve hidromel. Archotes foram acesos quando o ocaso se instalou. O cantor de Lysa tocou “O voto não proferido”, “Estações do meu amor” e “Dois corações que batem como um só”. Vários jovens cavaleiros até pediram a Sansa para dançar. A tia também dançou, fazendo rodopiar as saias quando Petyr a girou nos seus braços. O hidromel e o casamento tinham tirado anos de cima da Senhora Lysa. Ria de tudo desde que segurasse a mão do marido, e os olhos pareciam cintilar sempre que o olhava.

Quando chegou a hora de os levarem para a cama, os cavaleiros carregaram-na para a torre, despindo-a no caminho e gritando gracejos lascivos. *Tyrion poupou-me disso*, recordou Sansa. Não teria sido assim tão ruim ser despida para um homem que amasse, por amigos que os amassem a ambos. *Mas por Joffrey...* Estremeceu.

A tia só tinha trazido três senhoras consigo, por isso insistiram com Sansa para que ajudasse a despir Lorde Petyr e a empurrá-lo para a sua cama de núpcias. Ele submeteu-se com boa vontade e uma língua maliciosa, devolvendo o que recebia. Quando o conseguiram pôr dentro da torre e fora da roupa, as outras mulheres estavam coradas, com cordões soltos, vestidos tortos, saias em desarranjo. Mas Mindinho só sorria a Sansa enquanto o levavam para o quarto onde a senhora sua esposa esperava.

A Senhora Lysa e o Lorde Petyr tinham o quarto do terceiro andar para si, mas a torre era pequena... e cumprindo a promessa que havia feito, a tia gritou. Tinha começado a chover lá fora, levando os convivas para o salão um piso mais abaixo, e assim ouviram quase todas as palavras.

– Petyr – gemeu a tia de Sansa. – Oh, Petyr, Petyr, querido *Petyr*, oh oh oh. Aí, Petyr, aí. É aí o seu lugar. – O cantor da Senhora Lysa lançou-se numa versão lasciva de "O jantar da senhora", mas nem mesmo a sua voz e o som do instrumento foram capazes de abafar os gritos de Lysa. – Faça-me um bebê, Petyr – gritou –, faça-me outro bebezinho, querido. Oh, Petyr, meu precioso, meu precioso, *PEEEEEEEEEETYR!* – O último guincho foi tão alto que pôs os cães para ladrar, e duas das damas da tia quase não conseguiram conter o riso.

Sansa desceu a escada e penetrou na noite. Caía uma chuva ligeira sobre os restos do banquete, mas o ar tinha um cheiro fresco e limpo. A memória da sua noite de núpcias com Tyrion não a deixava. "No escuro, sou o Cavaleiro das Flores", ele tinha dito. "Poderia ser bom para você." Mas aquela foi apenas mais uma mentira Lannister. "Um cão consegue farejar uma mentira, sabe?", disse-lhe um dia o Cão de Caça. Quase conseguia ouvir a aspereza rude de sua voz. "Olhe em volta e dê uma boa fungadela. Aqui são todos mentirosos... e todos eles são melhores do que você." Perguntou a si mesma o que teria acontecido a Sandor Clegane. Saberia que Joffrey tinha sido morto? Será que se importaria? Durante anos, ele fora o escudo juramentado do rei.

Permaneceu fora durante bastante tempo. Quando por fim foi em busca de sua cama, molhada e friorenta, só o tênue clarão de um fogo de esterco iluminava o salão escurecido. Não se ouvia um som vindo de cima. O jovem cantor estava sentado em um canto, tocando uma canção lenta para si mesmo. Uma das aias da tia beijava um cavaleiro

no cadeirão de Lorde Petyr, ambos com as mãos atarefadas debaixo das roupas do outro. Vários homens tinham bebido até adormecer e um estava na latrina, vomitando ruidosamente. Sansa foi encontrar o velho cão cego de Bryen na sua pequena alcova debaixo da escada e deitou-se ao lado dele. Ele acordou e lambeu-lhe o rosto.

– Meu velho e triste cão de caça – disse, afagando seu pelo.

– Alayne. – O cantor da tia estava em pé acima dela. – Querida Alayne. Chamo-me Marillion. Vi você entrar vinda da chuva. A noite está gelada e úmida. Deixe-me aquecê-la.

O velho cão ergueu a cabeça e rosnou, mas o cantor deu-lhe um tabefe e o cão escapuliu, ganindo.

– Marillion? – disse ela, insegura. – É... bondoso por pensar em mim, mas... peço que me desculpe. Estou muito cansada.

– E está muito bela. Tenho passado toda a noite fazendo canções para você na cabeça. Um deleite para os seus olhos, uma balada para os seus lábios, um dueto para os seus seios. Mas não as cantarei. Eram coisas fracas, indignas de tal beleza. – Sentou-se em sua cama e pôs a mão em sua perna. – Deixe-me em vez disso cantar para você com o meu corpo.

Um pouco do hálito dele chegou-lhe ao nariz.

– Está bêbado.

– Eu nunca fico bêbado. O hidromel só me deixa alegre. Estou em fogo. – A mão deslizou coxa acima. – E você também.

– Tire as mãos de cima de mim. Está fora de si.

– Misericórdia. Há horas que canto canções de amor. Meu sangue está agitado. E o seu também está, eu sei... não há garota que tenha metade da luxúria das que nasceram bastardas. Está molhada para mim?

– Eu sou uma *donzela* – protestou.

– Sério? Oh, Alayne, Alayne, minha bela donzela, dê-me o presente de sua inocência. Irá agradecer aos deuses por tê-lo feito. Farei com que cante mais alto do que a Senhora Lysa.

Sansa afastou-se dele com um empurrão, assustada.

– Se não me largar, a minh... o meu *pai* vai enforcá-lo. Lorde Petyr.

– O Mindinho? – ele soltou um risinho abafado. – A Senhora Lysa gosta bastante de mim, e eu sou o favorito de Lorde Robert. Se o seu pai me ofender, vou destruí-lo com um verso. – Pousou uma mão em seu seio e apertou. – Vamos tirar essa roupa molhada. Não vai querê-la rasgada, eu sei. Venha, doce senhora, ceda o coração...

Sansa ouviu o som suave do aço raspando em couro.

– Cantor – disse uma voz rude –, é melhor sair daqui, se quiser voltar a cantar. – A luz era fraca, mas ela viu o tênue brilho de uma lâmina.

O cantor também a viu.

– Arranje uma mulher para você... – A faca relampejou, e ele gritou. – Você me *cortou*!

– E faço coisa pior, se não for embora.

E, num instante, Marillion desapareceu. O outro ficou ali, erguendo-se acima de Sansa na escuridão.

– Lorde Petyr disse para vigiá-la. – Percebeu que era a voz de Lothor Brune. *Não, não é a do Cão de Caça, como poderia ser? Claro que tinha de ser Lothor...*

Naquela noite, Sansa quase não dormiu; em vez disso agitou-se e virou-se como fizera a bordo do *Rei Bacalhau*. Sonhou com a morte de Joffrey, mas quando ele arranhou a garganta e o sangue escorreu por seus dedos, Sansa viu com horror que era o irmão Robb. E sonhou também com a sua noite de núpcias, com os olhos de Tyrion a devorá-la enquanto se despia. Mas então ele tornou-se maior do que Tyrion tinha direito a ser, e quando se meteu na cama, tinha cicatrizes só de um lado do rosto. "Quero que me cante uma canção", rouquejou ele, e Sansa acordou e deu com o velho cão cego de novo a seu lado.

– Gostaria que fosse a Lady – disse.

Ao chegar a manhã, Grisel subiu até o quarto para servir ao senhor e à senhora uma travessa de pão matinal, com manteiga, mel, frutas e creme de leite. Voltou para dizer que Alayne era chamada. Sansa ainda estava tomada pelo sono e precisou de um momento para se lembrar de que a Alayne era *ela*.

A Senhora Lysa ainda se encontrava deitada, mas Lorde Petyr estava de pé e vestido.

– A sua tia quer falar com você – disse a Sansa enquanto puxava uma bota. – Disse-lhe quem é.

Deuses, sejam bons.

– Eu... agradeço, senhor.

Petyr enfiou a outra bota.

– Já aguentei o máximo do lar que sou capaz de suportar. Partimos para o Ninho da Águia esta tarde. – Beijou a senhora sua esposa e lambeu um resto de mel de seus lábios, e então desceu a escada.

Sansa ficou em pé aos pés da cama enquanto a tia comia uma pera e a estudava.

– Agora vejo – disse a Senhora Lysa, ao deixar de lado o caroço. – É tão parecida com Catelyn.

– É bondade sua dizê-lo.

– Não era para ser um elogio. A bem da verdade, é parecida demais com Catelyn. Algo tem de ser feito. Vamos escurecer seus cabelos antes de levarmos você para o Ninho da Águia, acho eu.

Escurecer meus cabelos?

– Se isso a agrada, tia Lysa.

– Não pode me chamar disso. Não podemos permitir que nenhuma palavra sobre a sua presença aqui chegue a Porto Real. Não pretendo deixar que o meu filho corra perigo. – Mordiscou um canto de um favo. – Mantive o Vale fora desta guerra. A nossa colheita foi abundante, as montanhas protegem-nos, e o Ninho da Águia é inexpugnável. Mesmo assim, não será bom atrair sobre nós a ira de Lorde Tywin. – Lysa apoiou o favo e lambeu mel dos dedos. – Petyr disse que esteve casada com Tyrion Lannister. Aquele *anão* nojento.

– Obrigaram-me a desposá-lo. Eu nunca quis isso.

– Assim como eu – disse a tia. – Jon Arryn não era anão, mas era *velho*. Pode não acreditar ao me ver agora, mas no dia em que casamos estava tão linda que envergonhei a sua mãe. Mas tudo que Jon desejava eram as espadas de meu pai, para ajudar os seus queridos rapazes. Devia tê-lo recusado, mas era um homem tão velho, quanto tempo poderia viver? Já não tinha metade dos dentes, e o hálito fedia a queijo ruim. Não consigo suportar um homem com mau hálito. O hálito de Petyr é sempre fresco... mas ele foi o primeiro homem que beijei, sabia? Meu pai disse que o nascimento dele era baixo demais, mas *eu* sabia como ele havia de subir alto. Jon entregou-lhe a alfândega de Vila Gaivota para me agradar, mas quando ele aumentou os lucros dez vezes o senhor meu esposo se deu conta de sua inteligência e deu-lhe outros cargos, até o levou a Porto Real para ser mestre da moeda. Isso foi duro, vê-lo todos os dias e continuar casada com aquele velho frio. Jon cumpria o seu *dever* no quarto, mas não era mais capaz de me dar prazer do que foi capaz de me dar filhos. A sua semente era velha e fraca. Todos os meus bebês morreram, exceto Robert; três meninas e dois meninos. Todos os meus queridos bebês mortos, e aquele velho durava e durava com o seu hálito fedido. Portanto, como vê, eu também sofri. – A Senhora Lysa fungou. – Sabe que a sua pobre mãe está morta?

– Tyrion contou-me – disse Sansa. – Disse que os Frey a assassinaram nas Gêmeas, com Robb.

Lágrimas jorraram de repente dos olhos da Senhora Lysa.

– Somos agora mulheres sós, você e eu. Tem medo, filha? Seja brava. Nunca me recusaria a acolher a filha de Cat. Estamos ligadas pelo sangue. – Chamou Sansa para mais perto com um gesto. – Pode vir me beijar no rosto, Alayne.

Obedientemente, Sansa aproximou-se e ajoelhou-se junto à cama. A tia estava ensopada num odor doce, embora por baixo houvesse um cheiro azedo e leitoso. A bochecha tinha gosto de maquiagem e pó.

Quando Sansa se afastou, a Senhora Lysa pegou seu pulso.

– E agora diga-me – disse em tom penetrante. – Está esperando bebê? Quero a verdade, saberei se mentir para mim.

– Não – disse Sansa, sobressaltada pela pergunta.

– *É* uma mulher já florescida, não é?

– Sim. – Sansa sabia que a verdade sobre a sua floração não podia ser escondida por muito tempo no Ninho da Águia. – Tyrion não... ele nunca... – Sentiu o rubor subir rosto acima. – Sou ainda uma donzela.

– O anão era incapaz?

– Não. Ele era só... era... – *Gentil?* Não podia dizer isso, não ali, àquela tia que o odiava tanto. – Ele... ele tinha prostitutas, senhora. Ele próprio me disse.

– Prostitutas. – Lysa largou seu pulso. – Claro que sim. Que mulher se deitaria com tal criatura, se não por ouro? Devia ter matado o Duende quando esteve em meu poder, mas ele ludibriou-me. É cheio de baixa astúcia, esse aí. O mercenário dele matou o meu bom Sor Vardis Egen. Catelyn não o devia ter trazido para o Ninho, eu disse a ela. E ainda foi embora com o meu tio. Foi um gesto errado. O Peixe Negro era o meu Cavaleiro do Portão, e desde que nos deixou os clãs da montanha têm se tornado muito ousados. Mas Petyr em breve deixará tudo isso como deve ser. Farei dele Senhor Protetor do Vale. – A tia sorriu pela primeira vez, quase com calor. – Ele pode não ser tão alto ou forte como certos homens, mas vale mais do que todos eles. Confie nele e faça o que lhe disser.

– Farei, tia... senhora.

A Senhora Lysa pareceu agradada com aquilo.

– Eu conheci o rapaz, o Joffrey. Costumava chamar o meu Robert por nomes cruéis, e uma vez bateu nele com uma espada de madeira. Um homem dirá que o veneno é desonroso, mas a honra de uma mulher é diferente. A Mãe talhou-nos para protegermos nossos filhos, e nossa única desonra reside no fracasso. Saberá disso quando tiver um filho.

– Um filho? – disse Sansa com incerteza.

Lysa fez um gesto negligente com a mão.

– Não será antes de se passarem muitos anos. É nova demais para ser mãe. Mas um dia vai querer filhos. Tal como vai querer se casar.

– Eu... eu *sou* casada, senhora.

– Sim, mas em breve será viúva. Fique feliz por o Duende preferir as rameiras dele. Não teria sido adequado que o meu filho recebesse as sobras daquele *anão*, mas como nunca a tocou... Que acharia de se casar com o seu primo, Lorde Robert?

A ideia abateu Sansa. Tudo o que sabia sobre Robert Arryn era que se tratava de um garotinho, e enfermiço. *Não é comigo que ela quer que o filho case, é com a minha pretensão. Ninguém casará comigo por amor*. Mas mentir era agora fácil.

– Eu... mal posso esperar para conhecê-lo, senhora. Mas ele ainda é uma criança, não é?

– Tem oito anos. E não é robusto. Mas é um rapaz tão bom, tão vivo e inteligente. Será um grande homem, Alayne. *A semente é forte*, disse o senhor meu esposo antes de morrer. Foram as suas últimas palavras. Os deuses deixam-nos às vezes vislumbrar o futuro quando estamos morrendo. Não vejo motivo para que não possa se casar assim que souber que o seu marido Lannister está morto. Um casamento secreto, claro. Não se pode pensar que o Senhor do Ninho da Águia se casaria com uma bastarda, isso não seria próprio. Os corvos devem trazer-nos a notícia de Porto Real quando a cabeça do Duende rolar. Você e Robert poderão se casar no dia seguinte, não seria isso uma alegria? Será bom para ele ter uma pequena companheira. Ele brincava com o filho de Vardis Egen quando voltamos ao Ninho da Águia, e também com os filhos de meu intendente, mas sempre foram duros demais, e não tive alternativa exceto mandá-los embora. Lê bem, Alayne?

– A Septã Mordane tinha a gentileza de dizer que sim.

– Robert tem olhos fracos, mas gosta que leiam coisas para ele – confidenciou a Senhora Lysa. – Gosta de histórias sobre animais, principalmente. Conhece aquela cançãozinha sobre a galinha que se vestiu de raposa? Canto-a para ele o tempo todo, e ele nunca se cansa. E gosta de brincar de salto das rãs, de gira a espada, e de entra no meu castelo, mas tem de deixar que ganhe sempre. É apropriado, não acha? Afinal de contas, ele é o Senhor do Ninho da Águia, não pode nunca se esquecer disso. É bem-nascida, e os Stark de Winterfell sempre foram orgulhosos, mas Winterfell caiu, e agora na realidade não passa de uma pedinte, portanto deixe esse orgulho de lado. A gratidão caberá melhor a você, nas atuais circunstâncias. Sim, e a obediência. Meu filho terá uma esposa grata e obediente.

Jon

Os machados ressoavam dia e noite. Jon já não se lembrava da última vez que tinha dormido. Quando fechava os olhos, sonhava com a luta; quando acordava, lutava. Mesmo na Torre do Rei ouvia o incessante *tunc* de bronze, pederneira e aço roubados mordendo a madeira, e ouvia-o mais alto quando tentava descansar na cabana de aquecimento no topo da Muralha. Mance também tinha martelos trabalhando, assim como longas serras com dentes de osso e pederneira. Uma vez, quando Jon estava deslizando para um sono exausto, ouviu-se um grande estalo vindo da floresta assombrada e uma árvore-sentinela caiu numa nuvem de poeira e agulhas.

Quando Owen veio buscá-lo, estava acordado, tentando sem sucesso arranjar posição numa pilha de peles espalhada sobre o chão da cabana de aquecimento.

– Lorde Snow – disse Owen, sacudindo seu ombro –, a alvorada. – Estendeu uma mão a Jon para ajudá-lo a ficar em pé. Outros homens também estavam acordando, acotovelando-se uns aos outros enquanto calçavam as botas e afivelavam o cinto da espada no apertado confinamento da cabana. Ninguém falava. Estavam todos cansados demais para falar. Por aqueles dias, eram poucos os que chegavam a descer da Muralha. Demorava muito tempo para subir e descer na gaiola. Castelo Negro tinha sido abandonado ao Meistre Aemon, a Sor Wynton Sout e a mais alguns homens, velhos ou enfermos demais para lutar.

– Sonhei que o rei tinha vindo – disse Owen num tom feliz. – Meistre Aemon enviou um corvo, e o Rei Robert veio com todas as suas forças. Sonhei que via os seus estandartes dourados.

Jon obrigou-se a sorrir.

– Isso seria uma visão bem-vinda, Owen. – Ignorando a pontada de dor em sua perna, colocou um manto negro de peles sobre os ombros, apanhou a muleta e saiu para a Muralha, a fim de enfrentar mais um dia.

Uma rajada de vento enfiou finas gavinhas geladas em seus longos cabelos castanhos. A um quilômetro para o norte, os acampamentos dos selvagens acordavam, com as fogueiras erguendo dedos fumacentos para coçar o pálido céu da alvorada. Tinham erguido as suas tendas de peles ao longo do limite da floresta, incluindo mesmo um edifício tosco feito de troncos de árvores e ramos entretecidos; havia linhas de cavalos a leste, mamutes a oeste, e homens por todo lado, afiando as espadas, pondo pontas em lanças rústicas, vestindo armaduras improvisadas de peles, chifre e osso. Para cada homem que conseguia ver, Jon sabia que havia vinte outros

invisíveis na floresta. A vegetação dava-lhes algum abrigo contra os ataques e escondia-os dos olhos dos odiados corvos.

Os arqueiros deles já avançavam, empurrando os manteletes rolantes.

– Aí vêm as nossas flechas para o café da manhã – anunciou Pyp alegremente, tal como fazia todas as manhãs. *É bom que ele possa fazer disso uma brincadeira*, pensou Jon. *Alguém tem de fazer*. Três dias antes, uma dessas flechas do café da manhã tinha atingido o Alyn Vermelho da Mata de Rosas na perna. Quem se debruçasse o suficiente ainda conseguia ver o seu corpo junto à base da Muralha. Jon tinha de pensar que era melhor eles sorrirem da brincadeira de Pyp do que pensarem a respeito do cadáver de Alyn.

Os manteletes eram escudos de madeira inclinados, suficientemente largos para esconder cinco membros do povo livre. Os arqueiros empurravam-nos para perto da Muralha e depois ajoelhavam-se atrás deles para disparar suas flechas através de fendas abertas na madeira. Da primeira vez que os selvagens os tinham levado, Jon gritou por flechas incendiárias e deixou meia dúzia em chamas, mas depois disso Mance começou a cobri-los com peles cruas. Nem todas as flechas incendiárias do mundo seriam capazes de botar fogo nelas agora. Os irmãos tinham até começado a fazer apostas sobre qual das sentinelas de palha colecionaria mais flechas antes do fim. Edd Doloroso liderava com quatro, mas Othell Yarwyck, Tumberjon e Watt do Lago Longo tinham três cada. Também foi Pyp que começou a batizar os espantalhos com o nome dos irmãos desaparecidos.

– Faz com que pareça que há mais de nós – disse.

– Mais de nós com flechas espetadas na barriga – protestou Grenn, mas o hábito parecia dar ânimo aos irmãos, e assim Jon permitiu que os nomes ficassem e as apostas prosseguissem.

Na borda da Muralha, um ornamentado olho de Myr em latão apoiava-se em três longos pés. Meistre Aemon usara-o antigamente para contemplar as estrelas, antes de lhe falharem os olhos. Jon virou o tubo para baixo, a fim de observar o inimigo. Até aquela distância a enorme tenda branca de Mance Rayder, feita com peles de ursos-brancos, era inconfundível. As lentes de Myr traziam os selvagens para tão perto que Jon conseguia distinguir os rostos. Do próprio Mance não viu sinal naquela manhã, mas a sua mulher, Dalla, estava do lado de fora cuidando da fogueira, enquanto a irmã Val ordenhava uma cabra junto à tenda. Dalla parecia tão inchada que era uma surpresa conseguir se mover. *O bebê deve chegar muito em breve*, pensou Jon. Girou o olho para leste e procurou entre as tendas e árvores até encontrar a tartaruga. *Aquilo também deve chegar muito em breve*. Os selvagens tinham esfolado um dos mamutes mortos durante a noite e

estavam amarrando firmemente a pele crua e ensanguentada à armação da tartaruga, mais uma camada por cima das peles de ovelha e outros animais. A tartaruga tinha um topo arredondado e oito enormes rodas, e sob as peles havia uma robusta armação de madeira. Quando os selvagens começaram a construí-la, Cetim pensou que estivessem fazendo um barco. *Não se enganou por muito*. A tartaruga era um casco virado ao contrário e aberto na frente e atrás; um edifício sobre rodas.

– Está pronta, não está? – perguntou Grenn.

– Quase. – Jon afastou os olhos. – Virá hoje, provavelmente. Encheu os barris?

– Todos. Congelaram bem durante a noite, o Pyp verificou.

Grenn tornara-se muito diferente do grande e desajeitado rapaz de pescoço vermelho de quem Jon ficara amigo. Tinha crescido quinze centímetros, o peito e os ombros tinham se alargado e não cortava o cabelo e a barba desde o Punho dos Primeiros Homens. Isso dava-lhe um aspecto tão enorme e hirsuto como se fosse um auroque, a alcunha zombeteira que Sor Alliser Thorne tinha colado nele durante o treino. Agora parecia cansado, porém. Quando Jon disse isso, ele assentiu.

– Ouvi os machados deles a noite toda. Não consegui dormir com todas as machadadas.

– Então vá dormir agora.

– Não preciso...

– Precisa. Quero que esteja descansado. Vá lá, não o deixo dormir durante a luta. – Obrigou-se a sorrir. – É o único que consegue mover estes malditos barris.

Grenn foi embora resmungando, e Jon voltou à lente, perscrutando o acampamento dos selvagens. De tempos em tempos, uma flecha passava por cima da sua cabeça, mas tinha aprendido a ignorá-las. Os tiros eram longínquos e o ângulo ruim, portanto, as chances de ser atingido eram pequenas. Continuou sem ver sinal de Mance Rayder no acampamento, mas viu Tormund Terror dos Gigantes e dois de seus filhos em volta da tartaruga. Os filhos lutavam com a pele de mamute enquanto Tormund roía uma perna assada de cabra e berrava ordens. Em outro local, localizou o troca-peles selvagem, Varamyr Seis-Peles, caminhando entre as árvores com seu gato-das-sombras em seu encalço.

Quando ouviu o chocalhar das correntes do guincho e o gemido férreo da porta da gaiola se abrindo, soube que seria Hobb trazendo-lhes o café da manhã, tal como fazia todas as manhãs. A visão da tartaruga de Mance tinha roubado o apetite de Jon. Já quase não tinham óleo, e o último barril de piche fora atirado da Muralha havia duas noites. Em breve as flechas também começariam a escassear, e não havia ninguém fazendo mais delas. E na noite antes da última

chegara um corvo do oeste, de Sor Denys Mallister. Bowen Marsh perseguira os selvagens até a Torre Sombria, aparentemente, e ainda mais adiante, penetrando nas sombras da Garganta. Na Ponte das Caveiras tinha defrontado o Chorão e trezentos selvagens e vencido uma sangrenta batalha. Mas a vitória tinha saído cara. Mais de cem irmãos mortos, entre os quais Sor Endrew Tarth e Sor Aladale Wynch. A Velha Romã em si havia sido levada de volta à Torre Sombria gravemente ferida. Meistre Mullin estava tratando dele, mas passaria algum tempo até estar em condições de retornar a Castelo Negro.

Quando leu aquilo, Jon despachou Zei para Vila Toupeira no melhor cavalo que possuíam, a fim de suplicar aos aldeões que ajudassem a guarnecer a Muralha. A mulher não tinha voltado. Quando enviou Mully à sua procura, este voltou relatando que a aldeia inteira estava deserta, incluindo o bordel. O mais certo era que Zei os tivesse seguido, pela estrada do rei afora. *Talvez devêssemos todos fazer o mesmo*, refletiu Jon sombriamente.

Obrigou-se a comer, com ou sem fome. Já era suficientemente ruim que não conseguisse dormir, não poderia prosseguir se também não se alimentasse. *Além do mais, esta pode ser minha última refeição. Pode ser a última refeição para todos nós*. E, assim, Jon tinha a barriga cheia de pão, bacon, cebolas e queijo quando ouviu Cavalo gritar:

– *A COISA VEM AÍ!*

Ninguém precisou perguntar o que "a coisa" era. E Jon também não precisou do olho de Myr do meistre para vê-la saindo de entre as tendas e as árvores.

– Afinal não se parece lá muito com uma tartaruga – comentou o Cetim. – As tartarugas não têm pelo.

– A maior parte delas também não tem rodas – disse Pyp.

– Faça soar o berrante de guerra – ordenou Jon, e Barricas deu dois longos sopros, para acordar Grenn e os outros homens adormecidos, que tinham estado de vigia durante a noite. Se os selvagens iam atacar, a Muralha precisaria de todos os homens. *E os deuses sabem como temos poucos*. Jon olhou para Pyp, Barricas e Cetim, Cavalo e Owen Idiota, Tim Língua-Presa, Mully, Bota Extra e os outros, e tentou imaginá-los avançando, lado a lado, espada com espada, contra uma centena de selvagens aos gritos na escuridão gelada do túnel, sem nada além de algumas barras de ferro entre uns e outros. Seria a esse ponto que se chegaria, a menos que conseguissem parar a tartaruga antes de ela abrir uma brecha no portão.

– É grande – disse Cavalo.

Pyp deu um estalo com os lábios.

– Pense em toda a sopa que vai dar. – A piada nasceu morta. Até Pyp tinha uma voz fatigada. *Ele parece meio morto*, pensou Jon, *mas todos nós estamos*.

O Rei-para-lá-da-Muralha tinha tantos homens que podia atirar atacantes frescos contra eles sempre, mas era o mesmo punhado de irmãos negros que tinha de aguentar todos os assaltos, e isso deixara-os em cacos.

Jon sabia que os homens por baixo da madeira e das peles estariam puxando com força, pondo nisso os ombros, esforçando-se por manter as rodas girando, mas depois que a tartaruga estivesse instalada contra a Muralha trocariam as cordas por machados. Pelo menos Mance não tinha mandado os mamutes naquele dia. Jon sentiu-se satisfeito por isso. A espantosa força dos animais era desperdiçada na Muralha, e o seu tamanho só os transformava em alvos fáceis. O último tinha demorado um dia e meio para morrer, soltando bramidos fúnebres terríveis de se ouvir.

A tartaruga aproximou-se lentamente por entre pedras, tocos de árvores e arbustos. Os ataques anteriores tinham custado ao povo livre uma centena de vidas ou mais. A maior parte dos mortos ainda jazia no local onde tinha caído. Nos momentos de calmaria, os corvos vinham lhes fazer companhia, mas agora as aves fugiam aos guinchos. Não gostavam mais do aspecto daquela tartaruga do que ele.

Jon sabia que Cetim, Cavalo e os outros estavam olhando para ele, à espera de ordens. Sentia-se tão cansado que já quase não conseguia pensar. *A Muralha é minha*, lembrou a si mesmo.

– Owen, Cavalo, para as catapultas. Barricas, você e o Bota Extra para as balistas. Os outros ponham as cordas nos arcos. Flechas incendiárias. Vejamos se conseguimos botar fogo nela. – Jon sabia que provavelmente seria um gesto inútil, mas tinha de ser melhor do que ficar impotente.

Pesada e lenta, a tartaruga era um alvo fácil, e os arqueiros e besteiros rapidamente a transformaram num enorme ouriço de madeira... mas as peles úmidas protegeram-na, tal como tinham protegido os manteletes, e as flechas incendiárias apagavam-se praticamente no momento que atingiam o alvo. Jon xingou em surdina.

– Balistas – ordenou. – Catapultas.

Os dardos das balistas penetravam profundamente nas peles, mas não fizeram mais danos do que as flechas incendiárias. As pedras quicavam no topo da tartaruga, deixando amassados nas espessas camadas de peles. Uma pedra de um dos trabucos talvez a tivesse conseguido esmagar, mas uma das máquinas continuava avariada, e os selvagens tinham passado bem longe da área que a segunda atingia.

– Jon, continua a avançar – disse Owen Idiota.

Ele conseguia ver isso com os próprios olhos. Centímetro a centímetro, metro a metro, a tartaruga aproximava-se, rolando, retumbando e balançando enquanto atravessava o campo de morte.

Uma vez que os selvagens a instalassem contra a Muralha, ela daria todo o abrigo de que necessitavam enquanto seus machados abriam caminho através dos portões exteriores reparados às pressas. Lá dentro, debaixo do gelo, não levariam mais do que algumas horas retirando o entulho solto do túnel, e então nada haveria para detê-los além de dois portões de ferro, alguns cadáveres meio congelados e os irmãos que Jon quisesse lançar no caminho deles, para lutar e morrer nas trevas.

À sua esquerda, a catapulta soltou um *tunc* e encheu o ar de pedras girando. Estas metralharam a tartaruga como granizo e se dispersaram inofensivamente para o lado. Os arqueiros selvagens continuavam disparando flechas protegidos por seus manteletes. Uma delas atingiu com um ruído surdo o rosto de um homem de palha, e Pyp disse:

– Quatro para o Watt de Lago Longo! Temos um empate! – mas a flecha seguinte assobiou junto à sua própria orelha. – *Fora!* – gritou ele para baixo. – Eu não estou no torneio!

– As peles não queimam – disse Jon, tanto para si como para os outros. A única esperança que lhes restava era tentar esmagar a tartaruga quando atingisse a Muralha. Para isso, precisavam de pedregulhos. Por mais robusta que fosse a construção da tartaruga, um enorme pedaço de pedra que a atingisse em cheio vindo de uma altura de duzentos metros tinha de fazer algum estrago. – Grenn, Owen, Barricas, está na hora.

Junto da cabana de aquecimento havia uma fila de robustos barris de carvalho. Estavam cheios de rocha esmagada; o cascalho que os irmãos negros costumavam espalhar nos caminhos para obterem melhor apoio para os pés no topo da Muralha. Na noite anterior, depois de ver que o povo livre cobria a tartaruga de peles de ovelha, Jon tinha dito a Grenn para despejar água nos barris, tanta quanta eles pudessem conter. A água se infiltraria por entre a pedra esmagada, e durante a noite tudo aquilo estaria congelado. Era a coisa mais parecida com um pedregulho que teriam.

– Por que é que temos de congelar isto? – Grenn havia perguntado. – Por que é que não rolamos simplesmente os barris lá para baixo tal como estão?

Jon respondeu:

– Se eles baterem contra a Muralha durante a descida vão estourar, e cascalho solto iria se espalhar por todo lado. Não queremos fazer chover pedrinhas sobre os filhos da puta.

Encostou o ombro em um dos barris com Grenn, enquanto Barricas e Owen lutavam com outro. Juntos, fizeram-no balançar de um lado para o outro, a fim de libertá-lo do gelo que se formara em volta da base.

– O desgraçado pesa uma tonelada. – disse Grenn.

– Deite-o e role-o – disse Jon. – Cuidado, que se rolar por cima do seu pé acaba como o Bota Extra.

Depois de o barril estar deitado, Jon pegou um archote e agitou-o sobre a superfície da Muralha, de um lado para o outro, apenas o suficiente para derreter um pouco o gelo. A fina película de água ajudou o barril a rolar mais facilmente. Facilmente demais, na verdade; quase o perderam. Mas, por fim, com quatro homens somando esforços, rolaram o pedregulho até a borda e voltaram a pô-lo em pé.

Tinham já quatro dos grandes barris de carvalho alinhados por cima do portão quando Pyp gritou:

– Temos uma tartaruga batendo à nossa porta! – Jon escorou bem a perna ferida e debruçou-se para dar uma olhada. *Tapumes. Marsh devia ter construído tapumes*.

Havia tantas coisas que deviam ter feito. Os selvagens estavam arrastando os gigantes mortos para longe do portão. Cavalo e Mully atiravam pedras neles, e Jon pensou ver um homem cair, mas as pedras eram pequenas demais para ter algum efeito sobre a tartaruga propriamente dita. Perguntou a si mesmo o que faria o povo livre com o mamute morto que se encontrava no caminho, mas então viu a resposta. A tartaruga era quase tão larga quanto um salão, então simplesmente içaram-na *por cima* da carcaça. Sua perna estremeceu, mas Cavalo agarrou no braço dele e puxou-o para um ponto seguro.

– Não devia se debruçar assim – disse o rapaz.

– Devíamos ter construído tapumes. – Jon pensou que conseguia ouvir o bater de machados na madeira, mas aquilo era provavelmente apenas o medo ressoando em seus ouvidos. Olhou para Grenn. – Agora.

Grenn pôs-se atrás de um barril, encostou o ombro nele, grunhiu, e começou a empurrar. Owen e Mully foram ajudá-lo. Empurraram o barril trinta centímetros, e depois mais trinta. E, de repente, desapareceu.

Ouviram o *tump* que o barril soltou ao atingir a Muralha na queda e então, muito mais alto, o estrondo da madeira sendo estilhaçada, seguido por berros e gritos. Cetim soltou um grito de vitória, e Owen Idiota começou a dançar aos círculos, enquanto Pyp se debruçava para fora e gritava:

– A tartaruga estava recheada de coelhos! Vejam-nos fugindo aos saltos!

– *Outra vez!* – ladrou Jon, e Grenn e Barricas encostaram os ombros no barril seguinte e atiraram-no, rodopiando, pelo ar.

Quando terminaram, a parte da frente da tartaruga de Mance era uma ruína esmagada e lascada, e havia selvagens fugindo pela outra

extremidade e esforçando-se por voltar ao acampamento. Cetim pegou sua besta e disparou alguns dardos contra eles, para botá-los para correr mais depressa. Grenn sorria abertamente através da barba, Pyp gracejava, e nenhum deles morreria naquele dia.

Amanhã, porém... Jon olhou de relance para a cabana. Restavam oito barris de cascalho onde havia doze alguns momentos antes. Percebeu então como estava cansado e quanto lhe doía o ferimento. *Tenho de dormir. Pelo menos algumas horas*. Podia pedir um pouco de vinho dos sonhos ao Meistre Aemon, isso ajudaria.

– Vou descer até a Torre do Rei – disse-lhes. – Chamem-me se Mance preparar alguma. Pyp, a Muralha é sua.

– Minha? – disse Pyp.

– Dele? – disse Grenn.

Sorrindo, deixou-os naquilo e desceu na gaiola.

Uma taça de vinho dos sonhos *realmente* ajudou. Assim que se estendeu na estreita cama de sua cela foi tomado pelo sono. Os sonhos foram esquisitos e sem forma, cheios de estranhas vozes, gritos e choros, e do som do berrante de guerra, soando grave e ruidoso, uma única nota trovejante que pairava no ar.

Quando acordou, o céu fora da fenda que lhe servia de janela mostrava-se negro, e quatro homens que não conhecia encontravam-se em pé à sua volta. Um trazia uma lanterna.

– Jon Snow – disse bruscamente o mais alto dos quatro –, enfie as botas e venha conosco.

O primeiro pensamento atordoado que teve foi que de algum modo a Muralha caíra enquanto dormia, que Mance Rayder tinha enviado mais gigantes ou outra tartaruga e que tinha aberto caminho através do portão. Mas quando esfregou os olhos viu que os estranhos estavam todos vestidos de negro. *São homens da Patrulha da Noite*, compreendeu Jon.

– Vou para onde? Quem são vocês?

O homem alto fez um gesto, e dois dos outros arrancaram Jon da cama. Com a lanterna a iluminar o caminho levaram-no da cela e subiram meia volta de escada, até o aposento privado do Velho Urso. Viu Meistre Aemon em pé junto da lareira, com as mãos fechadas em volta do punho de uma bengala de abrunheiro. Septão Cellador estava meio bêbado, como de costume, e Sor Wynton Stout dormia num banco de janela. Os outros irmãos eram-lhe estranhos. Todos menos um.

Imaculado em seu manto forrado de peles e suas botas polidas, Sor Alliser Thorne virou-se para dizer:

– Aí está o vira-casaca, senhor. O bastardo de Ned Stark, de Winterfell.

– Não sou nenhum vira-casaca, Thorne – disse friamente Jon.

– Veremos. – Na cadeira de couro por trás da mesa onde o Velho Urso escrevia as suas cartas estava sentado um homem grande, largo e queixudo que Jon não conhecia. – Sim, veremos – voltou a dizer. – Não irá negar que é Jon Snow, espero? O bastardo do Stark?

– Ele gosta de se chamar de *Lorde* Snow. – Sor Alliser era um homem magro, esguio, compacto e vigoroso, e naquele momento seus olhos cruéis estavam escuros de divertimento.

– Foi você quem me apelidou de Lorde Snow – disse Jon. Sor Alliser gostava de dar alcunhas aos rapazes que treinava, durante os tempos passados como mestre de armas de Castelo Negro. O Velho Urso enviara Thorne para Atalaialeste-do-Mar. *Os outros devem ser homens de Atalaialeste. A ave chegou a Cotter Pyke e ele enviou-nos ajuda.* – Quantos homens trouxe? – perguntou ao homem sentado atrás da mesa.

– Quem faz perguntas sou eu – respondeu o queixudo. – Foi acusado de quebrar seus votos, covardia e deserção, Jon Snow. Nega ter abandonado os seus irmãos à morte no Punho dos Primeiros Homens e nega ter se juntado ao selvagem Mance Rayder, o autoproclamado Rei-para-lá-da-Muralha?

– *Abandonado...?* – Jon quase se engasgou com a palavra.

Meistre Aemon interveio então.

– Senhor, Donal Noye e eu discutimos estes assuntos quando Jon Snow voltou para junto de nós, e ficamos satisfeitos com as explicações dele.

– Bem, *eu* não estou satisfeito, meistre – disse o queixudo. – Vou ouvir com os meus ouvidos essas *explicações*. Ah, se vou!

Jon engoliu a ira.

– Não abandonei ninguém. Deixei o Punho na companhia de Qhorin Meia-Mão para bater o Passo dos Guinchos. Juntei-me aos selvagens sob ordens. Meia-Mão temia que Mance pudesse ter encontrado o Berrante do Inverno...

– O Berrante do Inverno? – Sor Alliser soltou um risinho. – Também lhe foi ordenado que contasse os *snarks* deles, Lorde Snow?

– Não, mas contei os seus *gigantes* o melhor que pude.

– *Sor* – exclamou o queixudo. – Irá se dirigir a Sor Alliser como *sor*, e a mim como *senhor*. Sou Janos Slynt, Senhor de Harrenhal e comandante aqui em Castelo Negro enquanto Bowen Marsh não voltar com a sua guarnição. Irá nos tratar com cortesia, ah, sim. Não admito ouvir um cavaleiro ungido como o bom Sor Alliser ser escarnecido pelo bastardo de um traidor. – Ergueu uma mão e espetou um dedo carnudo no rosto de Jon. – Nega ter levado uma mulher selvagem para a sua cama?

– Não. – O luto de Jon por Ygritte estava fresco demais para negá-la agora. – Não, senhor.

– Suponho que também tenha sido o Meia-Mão que ordenou que fodesse essa puta suja? – perguntou Sor Alliser com um sorriso afetado.

– *Sor*. Ela não era puta nenhuma, *sor*. Meia-Mão disse-me para não me recusar, não importa o que os selvagens me pedissem, mas... não negarei que fui além do que tinha de fazer, que... gostava dela.

– Então admite que quebrou os seus votos – disse Janos Slynt.

Jon sabia que metade dos homens de Castelo Negro visitavam Vila Toupeira de tempos em tempos para escavar em busca de tesouros enterrados no bordel, mas não desonraria Ygritte igualando-a às prostitutas de Vila Toupeira.

– Quebrei os meus votos com uma mulher. Isso admito. Sim.

– Sim, *senhor*! – quando Slynt franzia a testa, sua papada e seu queixo estremeciam. Era tão largo quanto o Velho Urso fora, e sem dúvida ia se tornar igualmente calvo se vivesse até a idade de Mormont. Metade de seus cabelos já tinha desaparecido, embora não pudesse ter mais de quarenta anos.

– Sim, senhor – disse Jon. – Cavalguei com os selvagens e comi com eles, como o Meia-Mão me ordenou que fizesse, e partilhei as peles com Ygritte. Mas juro-lhe que nunca virei a casaca. Fugi do Magnar assim que pude, e nunca levantei armas contra os meus irmãos ou o reino.

Os pequenos olhos de Lorde Slynt estudaram-no.

– Sor Glendon – ordenou. – Traga o outro prisioneiro.

Sor Glendon era o homem alto que tinha arrancado Jon da cama. Mais quatro homens acompanharam-no quando saiu da sala, mas retornaram pouco depois com um cativo, um homem pequeno, pálido, maltratado e de mãos e pés agrilhoados. Tinha as sobrancelhas unidas, o cabelo muito recuado nas têmporas e um bigode que parecia uma mancha de sujeira no lábio superior, mas o rosto estava inchado e manchado de hematomas, e tinha perdido a maior parte dos dentes da frente.

Os homens de Atalaialeste atiraram rudemente o cativo ao chão. Lorde Slynt olhou-o, de testa franzida.

– É este aquele de quem falou?

O cativo piscou olhos amarelos.

– É. – Foi só nesse instante que Jon reconheceu o Camisa de Chocalho. *É um homem diferente sem a armadura*, pensou. – É – repetiu o selvagem –, é o covarde que matou o Meia-Mão. Lá em cima nas Presas de Gelo, foi, depois de a gente ter caçado os outros corvos e matado todos. Queríamos também tratar deste, mas ele implorou por sua vida inútil, ofereceu-se pra se juntar à gente se o aceitássemos. O Meia-Mão jurou que antes disso ia ver o covarde morto, mas o lobo quase desfez Qhorin aos pedaços, e este aqui abriu a goela dele. –

Então concedeu a Jon um sorriso de dentes quebrados e cuspiu sangue sobre os pés dele.

– E então? – perguntou Janos Slynt a Jon num tom duro. –Você nega? Ou irá dizer que Qhorin o ordenou que o matasse?

– Ele disse-me... – As palavras custaram a vir. – Ele disse-me para fazer *não importa o que* me pedissem.

Slynt olhou em volta do aposento privado, para os outros homens de Atalaialeste.

– Será que este rapaz pensa que eu caí de cabeça em uma carroça de nabos?

– Suas mentiras não vão salvá-lo agora, Lorde Snow – preveniu Sor Alliser Thorne. – Obteremos de você a verdade, bastardo.

– Eu disse-lhe a verdade. Nossos garranos estavam fraquejando, e o Camisa de Chocalho estava próximo. Qhorin disse-me para fingir que estava me juntando aos selvagens. "Não pode se recusar, não importa o que lhe seja solicitado", disse ele. Qhorin sabia que iam me obrigar a matá-lo. Camisa de Chocalho ia matá-lo de qualquer forma, e ele também sabia disso.

– Então agora diz que o grande Qhorin Meia-Mão temia *esta* criatura? – Slynt olhou para Camisa de Chocalho e resfolegou.

– Todos os homens temem o Senhor dos Ossos – resmungou o selvagem. Sor Glendon chutou-o e ele calou-se.

– Eu não disse isso – insistiu Jon.

Slynt bateu o punho contra a mesa.

– Eu ouvi-o! Sor Alliser avaliou-o bem, segundo parece. Mente com os dentes de bastardo que tem na boca. Bem, não tolerarei isso. Não tolerarei! Pode ter enganado este *ferreiro* aleijado, mas não engana Janos Slynt! Ah, não. Janos Slynt não engole mentiras assim tão facilmente. Acha que o meu crânio está recheado de couves?

– Não sei do que é que está recheado o seu crânio. Senhor.

– Lorde Snow é um grande arrogante – disse Sor Alliser. – Assassinou Qhorin, da mesma forma que os outros vira-casacas assassinaram Lorde Mormont. Não me surpreenderia se descobrisse que tudo faz parte do mesmo terrível plano. Benjen Stark pode bem ter também um dedo nisso. Tanto quanto sabemos, ele pode estar sentado na tenda de Mance Rayder nesse exato momento. Conhece esses Stark, senhor.

– Conheço – disse Janos Slynt. – Conheço-os bem demais.

Jon descalçou a luva e mostrou-lhes a mão queimada.

– Queimei a mão protegendo Lorde Mormont de uma criatura. E meu tio era um homem de honra. Nunca teria traído os votos dele.

– Tal como você? – caçoou Sor Alliser.

Septão Cellador pigarreou.

– Lorde Slynt – disse –, este rapaz recusou-se a proferir os votos

no septo, como deve ser, e em vez disso foi para lá da Muralha a fim de proferir os votos perante uma árvore-coração. Os deuses do pai, disse ele, mas são também deuses dos selvagens.

– São os deuses do Norte, septão. – Meistre Aemon foi cortês, mas firme. – Senhores, quando Donal Noye foi morto, foi este jovem Jon Snow quem subiu à Muralha e a defendeu, contra toda a fúria do norte. Demonstrou ser valente, leal e cheio de recursos. Se não fosse ele, teria encontrado Mance Rayder aqui sentado quando chegou, Lorde Slynt. Está fazendo uma grande injustiça com ele. Jon Snow era o intendente e escudeiro do próprio Lorde Mormont. Foi escolhido para esse dever porque o Lorde Comandante viu nele grande promessa. Assim como eu.

– Promessa? – disse Slynt. – Bem, a promessa pode revelar-se falsa. Tem o sangue de Qhorin Meia-Mão nas mãos. Mormont confiava nele, você diz, mas e daí? Eu sei o que é ser traído por homens em quem se confia. Ah, sim. E conheço também os costumes dos lobos. – Apontou para o rosto de Jon. – Seu pai morreu como traidor.

– Meu pai foi assassinado. – Jon já tinha passado do ponto de importar-se com o que lhe fariam, mas não admitiria mais mentiras sobre o pai.

Slynt ficou roxo.

– Assassinato? Seu cachorro insolente. O Rei Robert ainda nem tinha esfriado quando Lorde Eddard começou a mover-se contra o filho. – Ficou de pé; mais baixo do que Mormont, mas largo de peito e braços, e com uma barriga correspondente. Uma pequena lança de ouro com esmalte vermelho na ponta prendia seu manto no ombro. – Seu pai morreu pela espada, mas era bem-nascido, uma Mão do Rei. Para você, uma corda bastará. Sor Alliser, leve este vira-casaca para uma cela de gelo.

– O senhor é sensato. – Sor Alliser agarrou Jon pelo braço.

Jon libertou-se com um empurrão e agarrou a garganta do cavaleiro com tal ferocidade que o ergueu no ar. Teria esganado o homem, se os homens de Atalaialeste não o tivessem afastado de Thorne. Este cambaleou para trás, esfregando as marcas que os dedos de Jon tinham deixado em seu pescoço.

– Veem com seus próprios olhos, irmãos. Este rapaz é um selvagem.

Tyrion

Quando a alvorada chegou, descobriu que não era capaz de enfrentar a ideia de comida. *Ao cair da noite, posso estar condenado*. Tinha o estômago ácido de bílis e sentia comichão no nariz. Tyrion coçou-o com a ponta da faca. *Aguentar uma última testemunha, e depois é a minha vez*. Mas o que fazer? Negar tudo? Acusar Sansa e Sor Dontos? Confessar, na esperança de passar o resto de seus dias na Muralha? Jogar os dados e rezar para que a Víbora Vermelha consiga derrotar Sor Gregor Clegane?

Tyrion apunhalou com indiferença uma salsicha gordurosa e cinzenta, desejando que fosse a irmã. *Faz um frio dos demônios na Muralha, mas pelo menos ficaria isolado de Cersei*. Não lhe parecia que pudesse ser um patrulheiro adequado, mas a Patrulha da Noite precisava tanto de homens inteligentes como de homens fortes. O Senhor Comandante Mormont tinha dito exatamente isso, quando Tyrion visitou Castelo Negro. *Mas há aqueles votos inconvenientes*. Significaria o fim de seu casamento e de qualquer pretensão que pudesse ter sobre Rochedo Casterly, mas, em todo caso, não parecia estar destinado a desfrutar de qualquer uma dessas coisas. E julgava recordar que havia um bordel numa aldeia próxima.

Não era a vida com que sonhara, mas era vida. E tudo que tinha de fazer para conquistá-la era confiar no pai, erguer-se em suas pequenas pernas deformadas e dizer: "Sim, fui eu, confesso". Essa era a parte que lhe dava nós nas entranhas. Quase desejava *realmente* ter cometido o ato de que era acusado, uma vez que parecia que teria de sofrer por ele fosse como fosse.

– Senhor? – disse Podrick Payne. – Eles estão aqui, senhor. Sor Addam. E os homens de manto dourado. Estão à espera lá fora.

– Pod, diga-me a verdade... acha que fui eu?

O rapaz hesitou. Quando tentou falar, não conseguiu emitir mais do que um fraco perdigoto.

Estou perdido. Tyrion suspirou.

– Não precisa responder. Foi um bom escudeiro para mim. Melhor do que eu merecia. Aconteça o que acontecer, agradeço por seus leais serviços.

Sor Addam Marbrand esperava à porta com seis homens de manto dourado. Nada tinha a dizer naquela manhã, aparentemente. *Outro homem bom que julga que sou um assassino de familiares.* Tyrion armou-se de toda a dignidade que conseguiu arranjar e bamboleou-se escadas abaixo. Sentia todos a observá-lo enquanto cruzava o pátio; os guardas nas muralhas, os palafreneiros junto aos estábulos, os ajudantes de cozinha, as lavadeiras e as criadas. Dentro da sala do trono, cavaleiros

e fidalgos afastaram-se para deixá-los passar e murmuraram aos ouvidos de suas senhoras.

Assim que Tyrion ocupou seu lugar perante os juízes, outro grupo de homens de manto dourado introduziu Shae na sala.

Uma mão fria apertou-se em volta de seu coração. *Varys traiu-a*, pensou. Então lembrou-se. *Não. Eu mesmo a traí. Devia tê-la deixado com Lollys. Claro que iriam interrogar as aias de Sansa, eu faria o mesmo*. Tyrion esfregou a cicatriz lisa que tinha onde estivera o nariz, perguntando a si mesmo por que Cersei teria se dado ao trabalho. *Shae não sabe nada que possa me prejudicar*.

– Eles planejaram o ato juntos – disse ela, aquela garota que ele amava. – O Duende e a Senhora Sansa planejaram isso depois de o Jovem Lobo ter morrido. Sansa queria vingança pelo irmão e Tyrion pretendia ficar com o trono. Ia matar a irmã em seguida, e depois o senhor seu pai, para poder se tornar Mão do Príncipe Tommen. Mas um ano ou dois mais tarde, antes de Tommen crescer demais, ia matá-lo também, para pôr a coroa na cabeça.

– Como pode saber tudo isso? – perguntou o Príncipe Oberyn. – Por que o Duende iria contar esses planos à aia da esposa?

– Ouvi uma parte, senhor – disse Shae –, e a senhora também deixou escapar algumas coisas. Mas a maior parte ouvi dos lábios dele. Não era só aia da Senhora Sansa. Fui a prostituta dele, durante todo o tempo que passou em Porto Real. Na manhã do casamento, ele arrastou-me pro lugar onde guardam os crânios de dragão e fodeu-me ali, com os monstros por toda a volta. E quando eu chorei, ele disse que devia ser mais grata, que não era qualquer moça que podia se tornar prostituta do rei. Foi aí que ele me contou como pretendia tornar-se rei. Disse que o pobre Joffrey nunca ia conhecer a noiva como ele tava me conhecendo. – Ela então começou a soluçar. – Nunca quis ser uma prostituta, senhores. Estava noiva. Ele era um escudeiro, um rapaz bom e corajoso, de bom nascimento. Mas o Duende viu-me no Ramo Verde e pôs o rapaz com quem eu queria casar na primeira fila da vanguarda, e depois de ele ser morto ordenou aos selvagens que me levassem à sua tenda. Shagga, o grande, e Timett, com o olho queimado. Ele disse que se não lhe desse prazer, me entregava a eles, e portanto eu dei. Depois trouxe-me pra cidade, pra ficar por perto quando ele me quisesse. Obrigou-me a fazer coisas tão vergonhosas...

O Príncipe Oberyn pareceu curioso.

– Que tipo de coisas?

– Coisas *indescritíveis*. – Enquanto as lágrimas rolavam lentamente por aquele rosto bonito, não havia dúvida de que todos os homens presentes no salão desejavam tomar Shae nos braços e confortá-la. – Com a boca e... outras partes do corpo, senhor. Todas as partes. Ele

usou-me de todas as maneiras que há e... costumava me obrigar a dizer como ele era grande. *O meu gigante*, eu tinha de lhe chamar, *o meu gigante de Lannister*.

Osmund Kettleblack foi o primeiro a rir. Boros e Meryn juntaram-se a ele, e depois Cersei, Sor Loras e mais senhores e senhoras do que conseguia contar. A súbita rajada de hilaridade ressoou nas vigas e sacudiu o Trono de Ferro.

– É verdade – protestou Shae. – O meu gigante de Lannister. – As gargalhadas tornaram-se duas vezes mais ruidosas. A boca deles se torceu de diversão, as barrigas balançavam. Alguns riam tanto que expeliam ranho das narinas.

Salvei-os a todos, pensou Tyrion. *Salvei esta cidade vil e todas as suas vidas sem valor*. Havia centenas de pessoas na sala do trono, todas elas rindo, menos o pai de Tyrion. Ou pelo menos era o que parecia. Até a Víbora Vermelha riu alto, e Mace Tyrell parecia a ponto de estourar, mas Lorde Tywin Lannister permanecia sentado no meio deles como se fosse feito de pedra, com os dedos juntos por baixo do queixo.

Tyrion avançou.

– *SENHORES!* – gritou. Tinha de gritar, para ter alguma esperança de ser ouvido.

O pai levantou uma mão. Pouco a pouco, o salão voltou ao silêncio.

– Levem esta puta mentirosa para longe de minha vista – disse Tyrion – e eu darei a vocês a sua confissão.

Lorde Tywin assentiu, fez um gesto. Shae pareceu meio aterrorizada quando os homens de manto dourado a cercaram. Seus olhos encontraram-se com os de Tyrion quando ela foi levada do salão. Teria sido vergonha o que viu neles, ou medo? Perguntou a si mesmo o que Cersei lhe teria prometido. *Receberá o ouro ou as joias, o que quer que tenha pedido*, pensou enquanto via as costas dela se afastando, *mas antes da volta da lua ela vai ter você entretendo os homens de manto dourado em suas casernas*.

Tyrion ergueu o olhar para os olhos duros e verdes do pai, com as suas manchas de ouro frio e brilhante.

– Sou culpado – disse –, tão culpado. É isso o que querem ouvir?

Lorde Tywin nada disse. Mace Tyrell assentiu. O Príncipe Oberyn pareceu moderadamente desapontado.

– Admite ter envenenado o rei?

– Nada disso – disse Tyrion. – Da morte de Joffrey sou inocente. Sou culpado de um crime mais monstruoso. – Deu um passo na direção do pai. – Nasci. Sobrevivi. Sou culpado de ser um anão, confesso. E independentemente de quantas vezes o meu bondoso pai tenha me perdoado, persisti na minha infâmia.

– Isso é uma loucura, Tyrion – declarou Lorde Tywin. – Fale do assunto que aqui nos traz. Não está sendo julgado por ser um anão.

– É aí que está errado, senhor. Estive sendo julgado por ser um anão minha vida toda.

– Não tem nada a dizer em sua defesa?

– Nada a não ser isto: não fui eu. Mas agora desejava ter sido. – Virou-se para enfrentar o salão, aquele mar de rostos pálidos. – Gostaria de ter veneno suficiente para todos vocês. Fazem-me lamentar não ser o monstro que gostariam que fosse, mas aí está. Sou inocente, mas aqui não obterei justiça. Não me deixam alternativa exceto apelar aos deuses. Exijo julgamento pela batalha.

– Perdeu o juízo? – disse o pai.

– Não, encontrei-o. *Exijo julgamento pela batalha!*

Sua querida irmã não podia estar mais satisfeita.

– Ele tem esse direito, senhores – lembrou aos juízes. – Deixem que os deuses julguem. Sor Gregor Clegane lutará por Joffrey. Ele retornou à cidade anteontem à noite, a fim de colocar a sua espada a meu serviço.

O rosto de Lorde Tywin estava tão sombrio que por meio segundo Tyrion perguntou a si mesmo se ele também teria bebido vinho envenenado. Atingiu a mesa com um punho, furioso demais para falar. Foi Mace Tyrell quem se virou para Tyrion e fez a pergunta.

– Tem um campeão para defender a sua inocência?

– Tem, senhor. – O Príncipe Oberyn de Dorne pôs-se em pé. – O anão conseguiu me convencer.

A algazarra foi ensurdecedora. Tyrion sentiu especial prazer na súbita dúvida que vislumbrou nos olhos de Cersei. Foi preciso que cem homens de manto dourado batessem com o cabo das lanças no chão para que a sala do trono voltasse a se aquietar. A essa altura, Lorde Tywin Lannister já estava recomposto.

– Que o assunto seja decidido amanhã – declarou, num tom férreo. – Lavo as minhas mãos. – Lançou ao filho anão um olhar frio e zangado e depois saiu da sala a passos largos, pela porta do rei que se abria por trás do Trono de Ferro, com o irmão Kevan o seu lado.

Mais tarde, de volta à cela da torre, Tyrion serviu-se de uma taça de vinho e mandou Podrick Payne ir atrás de queijo, pão e azeitonas. Duvidava ser capaz de manter no estômago qualquer coisa mais pesada. *Achava que eu iria docilmente, pai?*, perguntou à sombra que as velas desenhavam na parede. *Tenho em mim muito de si para isso*. Sentia uma estranha paz, agora que tinha tirado o poder de vida e morte das mãos do pai e o depositado nas mãos dos deuses. *Assumindo que existem deuses, e que eles não estão pouco se lixando. Caso contrário, estou em mãos dornesas*. Não importa o que acontecesse, Tyrion estava satisfeito por saber que tinha feito em pedaços os planos de Lorde

Tywin. Se o Príncipe Oberyn ganhasse, isso iria inflamar ainda mais Jardim de Cima contra os dorneses; Mace Tyrell veria o homem que aleijara seu filho ajudar o anão que quase envenenara sua filha escapar da devida punição. E se a Montanha triunfasse, Doran Martell poderia perfeitamente querer saber por que motivo o irmão tinha sido brindado com a morte em vez da justiça que Tyrion lhe prometera. Dorne podia acabar mesmo por coroar Myrcella.

Quase valia a pena morrer para saber de todos os problemas que causara. *Virá ver o fim, Shae? Ficará lá com os outros, observando enquanto Sor Ilyn corta esta minha feia cabeça? Sentirá falta de seu gigante de Lannister quando ele estiver morto?* Esvaziou a taça, jogou-a para o alto e cantou com vigor.

> Cavalgou pelas ruas da cidade,
> desde o alto de sua colina,
> Por becos e degraus e calçadas,
> para os braços de sua menina.
> Porque ela era o secreto tesouro,
> a sua vergonha e o seu prazer.
> E corrente e forte nada são,
> comparados com beijos de mulher.

Sor Kevan não o visitou naquela noite. Provavelmente estava com Lorde Tywin, tentando aplacar os Tyrell. *Receio que não voltarei a ver meu tio*. Serviu-se de outra taça de vinho. Uma pena que tivesse mandado matar Symon Língua de Prata antes de aprender a letra inteira daquela canção. Não era uma canção ruim, para falar a verdade. Especialmente se comparada com aquelas que seriam escritas sobre si futuramente.

– *Porque mãos de ouro são sempre frias, mas há calor em mãos de mulher...* – cantou. Talvez devesse escrever ele mesmo os outros versos. Se vivesse tempo suficiente.

Naquela noite, surpreendentemente, Tyrion Lannister dormiu longa e profundamente. Acordou à primeira luz da aurora, bem repousado e com um robusto apetite, e quebrou o jejum com pão frito, morcela, bolinhos de maçã e uma dose dupla de ovos cozidos com cebolas e pimenta ardida de Dorne. Depois pediu licença aos guardas para visitar o seu campeão. Sor Addam consentiu.

Tyrion foi encontrar o Príncipe Oberyn bebendo uma taça de vinho tinto enquanto punha a armadura. Era servido por quatro de seus fidalgos dorneses mais novos.

– Um bom dia para o senhor – disse o príncipe. – Aceita uma taça de vinho?

– Você devia beber antes da batalha?

– Eu sempre bebo antes das batalhas.

– Isso poderá levar à sua morte. Pior, poderá levar à *minha* morte.

O Príncipe Oberyn riu.

– Os deuses protegem os inocentes. Você *é* inocente, espero?

– Só de matar Joffrey – admitiu Tyrion. – Espero que saiba o que se prepara para enfrentar. Gregor Clegane é...

– ... grande? Ouvi dizer que sim.

– Ele tem quase dois metros e quarenta de altura e deve pesar cento e noventa quilos, e tudo de músculo. Luta com uma espada de duas mãos, mas só precisa de uma para manejá-la. É conhecido por ter cortado homens ao meio com um único golpe. Sua armadura é tão pesada que nenhum homem menor do que ele seria capaz de suportar o peso, quanto mais mexer-se lá dentro.

O Príncipe Oberyn não se mostrou impressionado.

– Já matei homens grandes antes. O truque é desequilibrá-los. Assim que caírem, estarão mortos. – O dornês parecia tão jovialmente confiante que Tyrion se sentiu quase tranquilizado, até o outro se virar e dizer: – Daemon, a minha lança! – Sor Daemon atirou-a para ele, e a Víbora Vermelha apanhou-a no ar.

– Pretende enfrentar a Montanha com uma *lança*? – aquilo deixou Tyrion inquieto de novo. Em batalha, fileiras de lanças juntas faziam uma dianteira formidável, mas combate singular contra um espadachim habilidoso era outro assunto.

– Em Dorne gostamos de lanças. Além disso, é a única forma de me opor ao seu alcance. Olhe, Lorde Duende, mas assegure-se de não tocar. – A lança era freixo torneado com dois metros e meio de comprimento, com o cabo liso, grosso e pesado. Os últimos sessenta centímetros eram de aço: uma esguia ponta de lança em forma de folha que se estreitava para formar um perigoso espigão. As arestas pareciam suficientemente afiadas para fazer a barba. Quando Oberyn girou o cabo entre as palmas das mãos, cintilaram com um brilho negro. *Óleo? Ou veneno?* Tyrion decidiu que preferia não saber.

– Espero que seja bom com isso – disse em tom de dúvida.

– Não terá razões de queixa. Embora Sor Gregor talvez venha a ter. Por mais espessa que seja a sua placa, haverá fendas nas articulações. Do lado de dentro do cotovelo e do joelho, por baixo dos braços... Vou encontrar um lugar para lhe fazer cócegas, prometo. – Pôs a lança de lado. – Dizem que um Lannister sempre paga as suas dívidas. Talvez queira voltar comigo a Lançassolar quando o derramamento de sangue do dia terminar. Meu irmão Doran ficaria muito satisfeito por conhecer o legítimo herdeiro de Rochedo Casterly... especialmente se ele trouxesse a sua adorável esposa, a Senhora de Winterfell.

Será que a cobra julga que tenho Sansa enfiada em algum lugar, como

uma noz que estivesse guardando para o inverno? Se assim era, Tyrion não iria desenganá-lo.

– Uma viagem até Dorne poderá ser muito agradável, agora que reflito sobre o assunto.

– Faça planos para uma visita longa. – O Príncipe Oberyn bebericou o vinho. – Você e Doran têm muitos assuntos de interesse mútuo a discutir. Música, comércio, história, vinho, a moeda do anão... as leis de herança e sucessão. Sem dúvida que os conselhos de um tio beneficiariam a Rainha Myrcella nos árduos tempos que virão.

Se Varys tivesse passarinhos à escuta, Oberyn estava dando-lhes uma farta colheita.

– Creio que vou aceitar essa taça de vinho – disse Tyrion. *Rainha Myrcella?* Só teria sido mais tentador se tivesse Sansa escondida por baixo do manto. *Se ela declarasse apoio a Myrcella no lugar de Tommen, iria o Norte segui-la?* O que a Víbora Vermelha estava sugerindo era traição. Seria Tyrion realmente capaz de pegar em armas contra Tommen, contra o próprio pai? *Cersei cuspiria sangue*. Bastava isso para fazer com que talvez valesse a pena.

– Lembra-se da história que lhe contei quando nos encontramos pela primeira vez, Duende? – perguntou o Príncipe Oberyn, enquanto o Bastardo de Graçadivina ajoelhava à sua frente para prender suas grevas. – Não foi apenas devido à sua cauda que eu e minha irmã fomos a Rochedo Casterly. Andávamos numa espécie de demanda. Uma demanda que nos levou a Tombastela, à Árvore, a Vilavelha, às Ilhas Escudo, a Crakehall e, por fim, a Rochedo Casterly... mas nosso verdadeiro destino era o casamento. Doran estava prometido à Senhora Mellario de Norvos, portanto foi deixado para trás, como castelão de Lançassolar. Minha irmã e eu ainda não estávamos comprometidos.

"Elia achou tudo aquilo empolgante. Estava nessa idade, e sua saúde delicada nunca lhe permitira muitas viagens. Eu preferia me divertir caçoando dos pretendentes de minha irmã. Houve o Pequeno Senhor Vesgo, o Escudeiro Boca-de-Esguicho, um que chamei de Baleia que Caminha, esse tipo de coisa. O único minimamente apresentável foi o jovem Baelor Hightower. Era um rapaz bonito, e minha irmã andou meio apaixonada por ele até que o rapaz teve o infortúnio de peidar uma vez na nossa presença. Imediatamente o apelidei de Baelor Peidorreiro, e depois disso Elia não conseguia olhá-lo sem rir. Eu era um jovenzinho monstruoso, alguém devia ter cortado minha língua perversa."

Sim, concordou Tyrion em silêncio. Baelor Hightower já não era jovem, mas continuava sendo o herdeiro de Lorde Leyton; rico, bonito e um cavaleiro de magnífica reputação. Agora chamavam-lhe *Baelor Sorriso Resplandecente*. Se Elia tivesse se casado com ele em vez de

Rhaegar Targaryen, poderia estar em Vilavelha com os filhos crescendo à sua volta. Perguntou a si mesmo quantas vidas teriam sido apagadas por aquele pum.

– Lanisporto era o fim de nossa viagem – prosseguiu o Príncipe Oberyn, enquanto Sor Arron Qorgyle o auxiliava a vestir uma túnica almofadada de couro e começava a atá-la nas costas. – Sabia que as nossas mães se conheciam desde muito antes?

– Creio recordar que tinham estado juntas na corte quando meninas. Companheiras da Princesa Rhaella?

– Exatamente. Eu estava convencido de que as mães tinham cozinhado aquela trama entre si. O Escudeiro Boca-de-Esguicho e os de sua laia, e as várias jovens donzelas cheias de espinhas que me tinham sido exibidas eram as amêndoas antes do banquete, destinando-se apenas a abrir nossos apetites. O prato principal deveria ser servido em Rochedo Casterly.

– Cersei e Jaime.

– Que anão mais esperto. Elia e eu éramos mais velhos, certamente. Seus irmãos não podiam ter mais de oito ou nove anos. Em todo o caso, uma diferença de cinco ou seis anos é bastante pequena. E havia uma cabine vazia no nosso navio, uma cabine muito boa, o tipo de cabine que poderia se destinar a uma pessoa de nascimento elevado. Como se a intenção fosse levarmos alguém para Lançassolar. Um jovem pajem, talvez. Ou uma companheira para Elia. A senhora sua mãe pretendia prometer Jaime à minha irmã, ou Cersei a mim. Talvez ambos.

– Talvez – disse Tyrion –, mas o meu pai...

– ... governava os Sete Reinos, mas em casa era governado pela senhora sua esposa, ou pelo menos era o que a *minha* mãe sempre dizia. – O Príncipe Oberyn ergueu os braços para que Lorde Dagos Manwoody e o Bastardo de Graçadivina pudessem enfiar uma longa camisa de cota de malha por sua cabeça. – Em Vilavelha ficamos sabendo da morte de sua mãe e do filho monstruoso que ela dera à luz. Podíamos ter voltado naquele momento, mas minha mãe decidiu prosseguir. Já lhe contei sobre o acolhimento que encontramos em Rochedo Casterly.

"O que não lhe contei é que a minha mãe esperou o tempo que era decente, e então abordou o seu pai com aquilo que nos levara ali. Anos mais tarde, em seu leito de morte, ela contou-me que Lorde Tywin nos recusou bruscamente. Informou-a de que a filha estava destinada ao Príncipe Rhaegar. E quando ela perguntou por Jaime, para desposar Elia, ele ofereceu a sua pessoa.

– Oferta essa que ela recebeu como um ultraje.

– E *era*. Até você pode ver isso, certamente.

– Oh, certamente. – *Tudo vem de trás e mais de trás,* pensou

Tyrion*, de nossas mães e pais e dos que vieram antes deles. Somos marionetes a dançar, presos aos cordéis daqueles que chegaram antes de nós, e um dia nossos filhos ficarão com nossos cordéis e dançarão em nosso lugar*. – Bem, o Príncipe Rhaegar casou-se com Elia de Dorne, não com Cersei Lannister de Rochedo Casterly. Portanto, parece que a sua mãe ganhou essa justa.

– Ela achou que sim – concordou o Príncipe Oberyn –, mas o seu pai não é homem para esquecer tais desfeitas. Ensinou um dia essa lição ao Senhor e à Senhora Tarbeck, e aos Reyne de Castamere. E, em Porto Real, ensinou-a à minha irmã. O elmo, Dagos. – Mandwoody entregou-o a ele; um elmo elevado e dourado com um disco de cobre montado na testa, o sol de Dorne. Tyrion viu que a viseira havia sido removida. – Elia e os filhos esperam justiça há muito tempo. – O Príncipe Oberyn calçou luvas flexíveis de couro vermelho e voltou a pegar na lança. – Mas hoje vão obtê-la.

Para o combate fora escolhido o pátio exterior. Tyrion teve de saltar e correr para acompanhar as longas passadas do Príncipe Oberyn. *A serpente está impaciente*, pensou. *Esperemos que ele também esteja venenoso*. O dia estava cinzento e ventoso. O sol lutava para abrir caminho por entre as nuvens, mas Tyrion não seria mais capaz de indicar quem iria vencer essa luta do que aquela da qual a sua vida dependia.

Pareciam um milhar, as pessoas que tinham vindo ver se ele iria sobreviver ou morrer. Aglomeravam-se ao longo dos adarves do castelo e acotovelavam-se nos degraus de torres e fortalezas. Observavam a partir de portas de estábulos, de janelas e pontes, de varandas e telhados. E o pátio estava repleto, tanta gente que os homens de manto dourado e os cavaleiros da Guarda Real tinham de empurrar todos para trás, a fim de abrir espaço suficiente para o combate. Alguns tinham trazido cadeiras para assistir com mais conforto, enquanto outros se empoleiravam em barris. *Devíamos ter feito isso na Arena dos Dragões*, pensou amargamente Tyrion. *Podíamos ter cobrado uma moeda por cabeça e arranjaríamos o suficiente para pagar tanto a boda como o funeral de Joffrey*. Alguns dos espectadores até tinham crianças pequenas montadas sobre os ombros para verem melhor. Gritavam e apontavam ao ver Tyrion.

A própria Cersei parecia quase uma criança ao lado de Sor Gregor. Em sua armadura, a Montanha parecia maior do que qualquer homem tinha direito a ser. Sob um longo sobretudo amarelo ostentando os três cães negros de Clegane, usava armadura pesada por cima de cota de malha, com o baço aço cinza amassado e riscado em batalha. Por baixo daquilo haveria couro fervido e uma camada almofadada. Um elmo de topo chato estava afivelado ao seu gorjal, com buracos para respirar em volta da boca e do nariz e uma estreita

ranhura para ver. A figura no topo do elmo era um punho de pedra.

Se Sor Gregor sofria com seus ferimentos, Tyrion não via sinal disso desde o outro lado do pátio. *Ele, ali em pé, parece ter sido esculpido em pedra*. A espada estava espetada no chão à sua frente, um metro e oitenta de metal marcado. As enormes mãos de Sor Gregor, revestidas por manoplas articuladas de aço, seguravam no guarda-mão de ambos os lados do cabo. Até a amante do Príncipe Oberyn empalideceu ao vê-lo.

– Vai lutar com *aquilo*? – disse Ellaria Sand num tom segredado.

– Vou matar aquilo – respondeu descuidadamente o seu amante.

Tyrion tinha suas próprias dúvidas, agora que se encontravam à beira do combate. Quando olhou para o Príncipe Oberyn viu-se desejando ter Bronn para defendê-lo... ou melhor ainda, Jaime. A Víbora Vermelha tinha uma armadura leve; grevas, braçais, gorjal, espaldar e braguilha de aço. Fora isso, Oberyn vestia couro flexível e sedas esvoaçantes. Sobre a cota de malha usava as suas escamas brilhantes de cobre, mas cota de malha e escamas, em conjunto, não lhe dariam um quarto da proteção da placa pesada de Gregor. Com a viseira removida, o elmo do príncipe não passava efetivamente de um meio-elmo, faltando-lhe até uma proteção para o nariz. Seu escudo redondo de aço era brilhantemente polido, e ostentava o sol e a lança em ouro vermelho, ouro amarelo, ouro branco e cobre.

Dançar em volta dele até ficar tão cansado que mal consiga erguer o braço, e depois derrubá-lo de costas. A Víbora Vermelha parecia ter a mesma ideia de Bronn. Mas o mercenário não tivera rodeios quanto ao risco dessa tática. *Espero, com os sete infernos, que saiba o que está fazendo, serpente*.

Tinham erigido uma plataforma ao lado da Torre da Mão, a meio caminho entre os dois campeões. Era aí que se sentava Lorde Tywin com o irmão, Sor Kevan. O Rei Tommen não estava visível; pelo menos por isso Tyrion sentia-se grato.

Lorde Tywin deu um breve relance ao seu filho anão, e então levantou a mão. Uma dúzia de trombeteiros soprou uma fanfarra para aquietar a multidão. O Alto Septão avançou com passinhos curtos e sua grande coroa de cristal e rezou para que o Pai no Céu os ajudasse naquele julgamento e para que o Guerreiro emprestasse a sua força ao braço do homem cuja causa era justa. *Esse sou eu*, quase gritou Tyrion, mas eles iriam apenas rir, e estava mortalmente farto de risos.

Sor Osmund Kettleblack trouxe a Clegane o seu escudo, uma coisa enorme de pesado carvalho reforçado com ferro negro. Enquanto a Montanha enfiava o braço esquerdo nas correias, Tyrion viu que outro símbolo havia sido pintado por cima dos cães de Clegane. Naquela manhã, Sor Gregor usava a estrela de sete pontas que os ândalos tinham trazido para Westeros quando cruzaram o mar estreito e

esmagaram os Primeiros Homens e os seus deuses. *Muito pio da sua parte, Cersei, mas duvido que os deuses se deixem impressionar.*

Havia cinquenta metros entre os dois. O Príncipe Oberyn avançou rapidamente, Sor Gregor de um modo mais agourento. *O chão não treme quando ele caminha*, disse Tyrion a si mesmo. *Isso é só o meu coração batendo*. Quando os dois homens chegaram a uma distância de dez metros, a Víbora Vermelha parou e gritou:

– Disseram-lhe quem eu sou?

Sor Gregor soltou um grunhido através dos buracos para respirar.

– Um morto qualquer. – E avançou, inexorável.

O dornês deslizou para o lado.

– Sou Oberyn Martell, um príncipe de Dorne – disse, enquanto a Montanha se virava para mantê-lo no seu campo de visão. – A Princesa Elia era minha irmã.

– Quem? – perguntou Gregor Clegane.

A longa lança de Oberyn saltou numa estocada, mas Sor Gregor parou a ponta dela com o escudo, empurrou-a para o lado, e investiu contra o príncipe, com a grande espada a relampejar. O dornês rodopiou para longe, intocado. A lança saltou em frente. Clegane golpeou-a com a espada, Martell puxou-a, após o que voltou a atirá-la em frente. Metal guinchou contra metal quando a ponta da espada deslizou no peito da Montanha, cortando o sobretudo e deixando um longo arranhão brilhante no aço que se encontrava por baixo.

– Elia Martell, Princesa de Dorne – sibilou a Víbora Vermelha. – Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela.

Sor Gregor grunhiu. Avançou pesadamente para acertar a cabeça do dornês. O Príncipe Oberyn evitou-o facilmente.

– Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela.

– Veio conversar ou lutar?

– Vim ouvir a sua confissão. – A Víbora Vermelha lançou um rápido golpe contra a barriga da Montanha, sem qualquer efeito.

Gregor tentou golpeá-lo e falhou. A longa lança dardejou por cima de sua espada. Qual língua de serpente, volteava para a frente e para trás, fintando embaixo e batendo em cima, em estocadas dirigidas às virilhas, ao escudo, aos olhos. *A Montanha dá um alvo grande, pelo menos*, pensou Tyrion. O Príncipe Oberyn dificilmente erraria, embora nenhum de seus golpes tivesse conseguido penetrar a placa pesada de Sor Gregor. O dornês não parava de rodear o adversário, de lançar estocadas e de voltar a saltar para trás, forçando o homem maior a virar-se e virar-se de novo. *Clegane está perdendo-o de vista*. O elmo da Montanha tinha uma viseira estreita, o que lhe limitava severamente a visão. Oberyn estava fazendo bom uso desse fato e do comprimento da lança e de sua rapidez.

A luta prosseguiu naqueles moldes durante o que pareceu um

longo período. Deslocaram-se de um lado para o outro pátio afora e rodaram e voltaram a rodar, descrevendo espirais, com Sor Gregor golpeando o ar enquanto a lança de Oberyn atingia os braços e as pernas e duas vezes as têmporas. O grande escudo de madeira de Gregor também recebeu a sua cota de golpes, até uma cabeça de cão espreitar de debaixo da estrela e em outros pontos ser o carvalho nu a surgir. Clegane soltava um grunhido de vez em quando, e uma vez Tyrion ouviu-o resmungar um xingamento, mas fora isso lutava num silêncio carrancudo.

Mas Oberyn Martell não.

– Violou-a – gritava, fintando. – Assassinou-a – dizia, esquivando-se de um golpe em arco da espada de Gregor. – Matou os filhos dela – berrava, atingindo a garganta do gigante com a ponta da lança, apenas para vê-la deslizar pelo espesso gorjal de aço com um guincho.

– Oberyn está brincando com ele – disse Ellaria Sand.

Isso é brincadeira de tolos, pensou Tyrion.

– A Montanha é grande demais para ser brinquedo de quem quer que seja.

Em torno do pátio, a multidão de espectadores aproximava-se lentamente dos dois combatentes, avançando centímetro a centímetro para ver melhor. A Guarda Real tentava contê-los, empurrando com força os basbaques com seus grandes escudos brancos, mas havia centenas de basbaques e só seis dos homens da armadura branca.

– Violou-a. – O Príncipe Oberyn parou um violento golpe com a ponta da lança. – Assassinou-a. – Atirou a ponta da lança contra os olhos de Clegane, tão depressa que o enorme homem vacilou para trás. – Matou os filhos dela. – A lança cintilou para o lado e para baixo, raspando na placa de peito da Montanha. – Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela. – A lança era sessenta centímetros mais longa do que a espada de Sor Gregor, mais do que o suficiente para mantê-lo a uma distância incômoda. A Montanha golpeava a haste sempre que Oberyn saltava sobre ele, tentando cortar a ponta da lança, mas era como se estivesse tentando cortar de um golpe as asas de uma mosca. – Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela. – Gregor tentou investir, mas Oberyn esquivou-se para o lado e rodeou-o pelas costas. – Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela.

– Fique quieto. – Sor Gregor parecia estar se movendo um pouco mais lentamente, e a sua espada já não se erguia tanto como quando a luta tinha começado. – Fecha a merda da boca.

– Violou-a – disse o príncipe, deslocando-se para a direita.

– *Basta!* – Sor Gregor deu dois longos passos e fez cair a espada sobre a cabeça de Oberyn, mas o dornês recuou uma vez mais.

– Assassinou-a – disse.

– *CALE-SE!* – Gregor arremeteu com ímpeto, direto contra a ponta

da lança, que atingiu com violência a parte direita de seu peito e depois deslizou para o lado com um hediondo guincho de aço.

De repente a Montanha encontrava-se suficientemente perto para atacar, com a sua enorme espada relampejando numa confusão de aço. A multidão também gritava. Oberyn esquivou-se do primeiro golpe e largou a lança, inútil agora que Sor Gregor tinha penetrado em seu raio de ação. O segundo golpe foi aparado pelo escudo do dornês. Metal colidiu com metal num estrondo ensurdecedor, pondo a Víbora Vermelha a cambalear para trás. Sor Gregor seguiu-o, berrando. *Ele não usa palavras, limita-se a rugir como um animal*, pensou Tyrion. A retirada de Oberyn transformou-se numa impetuosa fuga para trás, a meros centímetros da espada que lhe atacava o peito, os braços, a cabeça.

O estábulo encontrava-se atrás dele. Espectadores gritaram e empurraram-se para sair do caminho. Um deles tropeçou e caiu contra as costas de Oberyn. Sor Gregor atacou com toda a sua fúria selvagem. A Víbora Vermelha atirou-se para o lado, rolando. O infeliz cavalariço que estava atrás dele não foi assim tão rápido. No momento em que seu braço se erguia para proteger o rosto, a espada de Gregor cortou-o entre o cotovelo e o ombro.

– *Cale-SE!* – berrou a Montanha em resposta ao grito do cavalariço, e dessa vez brandiu a lâmina de lado, fazendo voar a metade superior da cabeça do rapaz por sobre o pátio, numa chuva de sangue e miolos. Centenas de espectadores pareceram perder subitamente todo o interesse na culpa ou inocência de Tyrion Lannister, julgando pelo modo como se atropelaram e empurraram uns aos outros para fugir do pátio.

Mas a Víbora Vermelha de Dorne estava de novo em pé, com a sua longa lança na mão.

– Elia – gritou para Sor Gregor. – Violou-a. Assassinou-a. Matou os filhos dela. E agora, diga o nome dela.

A Montanha rodopiou. Elmo, escudo, espada, sobretudo, estava salpicado de sangue e entranhas da cabeça aos pés.

– Você fala demais – resmungou. – Faz minha cabeça doer.

– Vou ouvi-lo dizer isso. Ela era Elia de Dorne.

A Montanha fungou de desprezo e atacou... e nesse momento o sol rompeu por entre as nuvens baixas que escondiam o céu desde a alvorada.

O sol de Dorne, disse Tyrion a si mesmo, mas quem primeiro reagiu para colocar o sol nas costas foi Gregor Clegane. *Este homem é obtuso e brutal, mas tem os instintos de um guerreiro.*

A Víbora Vermelha agachou-se, semicerrando os olhos, e voltou a fazer a lança saltar em frente. Sor Gregor tentou golpeá-la, mas a estocada havia sido apenas uma finta. Desequilibrado, deu um passo

trôpego para a frente.

O Príncipe Oberyn inclinou seu escudo amassado de metal. Um raio de luz do sol refletiu-se, cegante, em ouro e cobre polido, e penetrou na estreita fenda do elmo do adversário. Clegane ergueu seu escudo para se proteger do brilho. A lança do Príncipe Oberyn dardejou como um relâmpago e descobriu a brecha na pesada placa de aço, a articulação por baixo do braço. A ponta mergulhou através de cota de malha e couro fervido. Gregor soltou um grunhido estrangulado quando o dornês torceu a lança e a libertou.

– Elia. Diga o nome! Elia de Dorne! – descrevia um círculo, com a lança preparada para outra estocada. – *Diga o nome!*

Tyrion tinha a sua prece privada. *Caia e morra*, eram as palavras que a compunham. *Maldito seja, caia e morra!* O sangue que pingava da axila da Montanha era agora o seu, e devia estar sangrando ainda mais dentro da armadura. Quando tentou dar um passo, um joelho cedeu. Tyrion pensou que ele ia cair.

O Príncipe Oberyn tinha dado a volta por trás dele.

– *ELIA DE DORNE!* – gritou.

Sor Gregor começou a se virar, mas com demasiada lentidão e tarde demais. A ponta da lança penetrou daquela vez na parte de trás do joelho, através de camadas de cota de malha e couro entre as placas, penetrando na coxa e na barriga da perna. A Montanha cambaleou, oscilou e depois caiu de cara no chão. A enorme espada saltou de sua mão. Lenta e pesadamente, rolou sobre as costas.

O dornês jogou fora o seu escudo arruinado, pegou na lança com ambas as mãos e afastou-se lentamente. Atrás dele, a Montanha soltou um gemido e ergueu-se sobre um cotovelo. Oberyn rodopiou com a rapidez de um gato e *correu* em direção ao adversário caído.

– *EEEEELLLLLIIIIIAAAAA!* – gritou, ao empurrar a lança com todo o peso de seu corpo. O *crac* da haste de freixo quebrando foi um som quase tão delicioso quanto o lamento de fúria de Cersei, e por um instante o Príncipe Oberyn teve asas. *A serpente saltou com vara sobre a Montanha*. Um metro e vinte de lança partida projetavam-se da barriga de Clegane quando o Príncipe Oberyn rolou, se levantou e sacudiu a poeira. Jogou fora a lança estilhaçada e pegou a espada do adversário. – Se morrer antes de dizer o nome dela, sor, vou persegui-lo por todos os sete infernos – prometeu.

Sor Gregor tentou se levantar. A lança quebrada atravessara-o por completo e o estava prendendo ao chão. Fechou ambas as mãos em volta da haste, grunhindo, mas não foi capaz de puxá-la. Por baixo dele espalhava-se uma poça vermelha.

– Estou me sentindo mais inocente a cada instante – disse Tyrion a Ellaria Sand, a seu lado.

O Príncipe Oberyn aproximou-se do adversário.

– *Diga o nome!* – pôs um pé no peito da Montanha e ergueu a espada com ambas as mãos. Tyrion nunca saberia se ele pretendia cortar a cabeça de Gregor ou enfiar a ponta através de sua viseira.

A mão de Clegane saltou e agarrou o dornês atrás do joelho. A Víbora Vermelha fez a espada cair num golpe selvagem, mas estava desequilibrado, e o gume não fez mais do que deixar mais um amassado no braçal da Montanha. Então a espada foi esquecida quando a mão de Gregor se apertou e torceu, fazendo o dornês cair por cima dele. Lutaram no meio da poeira e do sangue, com a lança quebrada se mexendo de um lado para o outro. Tyrion viu com horror que a Montanha tinha envolvido o príncipe num enorme braço, apertando-o com força contra o peito, como se fosse um amante.

– Elia de Dorne – todos ouviram Sor Gregor dizer, quando os dois ficaram suficientemente próximos para se beijar. Sua voz profunda retumbava dentro do elmo. – Matei a criazinha chorona dela. – Lançou a mão livre contra o rosto sem proteção de Oberyn, enfiando dedos de aço em seus olhos. – E *então* estuprei-a. – Clegane esmagou o punho na boca do dornês, transformando seus dentes em lascas. – E depois esmaguei a porra da cabeça dela. Assim. – Quando puxou para trás o enorme punho, o sangue em sua manopla pareceu fumegar no ar frio da alvorada. Ouviu-se um *crunch* nauseante. Ellaria Sand uivou de terror e o café da manhã de Tyrion subiu borbulhando até sua boca. Deu por si de joelhos, vomitando bacon, salsicha e bolinhos de maçã, e aquela dose dupla de ovos estrelados feitos com cebolas e pimenta ardida de Dorne.

Não chegou a ouvir o pai proferir as palavras que o condenavam. Talvez não houvesse necessidade de palavras. *Pus a minha vida nas mãos da Víbora Vermelha, e ele deixou-a cair*. Quando se lembrou, tarde demais, de que as serpentes não tinham mãos, Tyrion desatou a rir histericamente.

Já tinha descido metade da escada em espiral quando percebeu que os homens de manto dourado não o estavam levando de volta à sua sala de torre.

– Fui mandado para as celas negras – disse. Não obteve resposta. *Para que gastar saliva com os mortos?*

Daenerys

Dany quebrou o jejum à sombra do caquizeiro que crescia no jardim do terraço, observando os dragões se perseguirem uns aos outros em volta do cume da Grande Pirâmide onde outrora se erguera a enorme harpia de bronze. Meereen tinha uma vintena de pirâmides menores, mas nenhuma chegava sequer à metade da altura daquela. Dali conseguia ver toda a cidade: as estreitas vielas sinuosas e as largas ruas de tijolo, templos e celeiros, choupanas e palácios, bordéis e casas de banhos, jardins e fontes, os grandes círculos vermelhos das arenas de luta. E para lá das muralhas estendia-se o mar de peltre, o sinuoso Skahazadhan, as secas colinas marrons, pomares queimados e campos enegrecidos. Ali em cima, em seu jardim, Dany sentia-se às vezes como um deus, vivendo no topo da montanha mais alta do mundo.

Será que todos os deuses se sentem assim tão sozinhos? Alguns deviam se sentir, certamente. Missandei tinha lhe contado a história do Senhor da Harmonia, adorado pelo Pacífico Povo de Naath; era o único deus verdadeiro, segundo a sua pequena escriba, o deus que sempre existiu e sempre existiria, que fez a lua, as estrelas e a terra, e todas as criaturas que viviam sobre elas. *Pobre Senhor da Harmonia*. Dany apiedava-se dele. Devia ser terrível estar só para todo o sempre, servido por hordas de mulheres-borboletas que se podia criar ou destruir com uma palavra. Westeros ao menos tinha sete deuses, embora Viserys lhe tivesse dito que alguns septões afirmavam que os sete eram apenas aspectos de um deus único, sete facetas de um único cristal. Isso era uma confusão. Os sacerdotes vermelhos acreditavam em dois deuses, segundo tinha ouvido dizer, mas os dois estavam eternamente em guerra. Dany gostava ainda menos daquilo. Não gostaria de estar eternamente em guerra.

Missandei serviu-lhe ovos de pato e salsicha de cão e meia taça de vinho adoçado misturado com o sumo de um limão. O mel atraía moscas, mas uma vela odorífera afastava-as. Descobrira que as moscas não eram tão incômodas ali em cima como no resto da cidade, mais uma coisa que lhe agradava na pirâmide.

– Tenho de me lembrar de fazer qualquer coisa a respeito das moscas – disse Dany. – Há muitas moscas em Naath, Missandei?

– Em Naath há borboletas – respondeu a escriba no Idioma Comum. – Mais vinho?

– Não. Tenho uma audiência em breve. – Dany tinha passado a gostar muito de Missandei. A pequena escriba com os grandes olhos dourados era possuidora de uma sabedoria bem para lá da idade. *E também é corajosa. Teve de ser, para sobreviver à vida que teve*. Um dia

esperava ver essa lendária ilha de Naath. Missandei dizia que o Pacífico Povo fazia música em vez de guerra. Não matavam, nem sequer animais; comiam apenas frutas e nunca tocavam em carne. Os espíritos borboletas sagrados para o seu Senhor da Harmonia protegiam a ilha deles contra os que desejavam fazer-lhes mal. Muitos conquistadores tinham velejado para Naath a fim de molharem as espadas em sangue, mas só conseguiram adoecer e morrer. *As borboletas não os ajudam quando os navios dos escravos fazem incursões, porém.* – Um dia levo-a para casa, Missandei – prometeu Dany. *Se tivesse feito a mesma promessa a Jorah, teria me vendido mesmo assim?* – Juro.

– Esta está contente por ficar com a senhora, Vossa Graça. Naath estará lá sempre. A senhora é boa para est... para mim.

– Tal como você para mim. – Dany deu a mão à garota. – Venha me ajudar a me vestir.

Jhiqui ajudou Missandei a dar-lhe banho, enquanto Irri preparava suas roupas. Hoje usaria uma veste de samito púrpura e uma faixa prateada, com a coroa do dragão de três cabeças que a Irmandade Turmalina lhe dera em Qarth. Os chinelos também eram prateados, com saltos tão altos que ela tinha sempre algum receio de cair para a frente. Quando acabou de se vestir, Missandei trouxe um espelho de prata polida para Dany poder se ver. Dany fitou-se em silêncio. *Será este o rosto de um conquistador?* Pelo que podia ver, ainda parecia uma garotinha.

Ninguém a chamava de Daenerys, a Conquistadora, mas talvez viessem a fazê-lo. Aegon, o Conquistador, tinha vencido Westeros com três dragões, mas ela tomara Meereen com ratazanas de esgoto e um pinto de madeira, em menos de um dia. *Pobre Groleo*. Dany sabia que o homem ainda andava desgostoso por causa do navio. Se uma galé de guerra podia abalroar outro navio, por que não um portão? Tinha sido essa a sua ideia quando ordenou aos capitães para encalhar os navios na costa. Os mastros tinham se transformado em seus aríetes, e uma multidão de libertos desfizera os cascos para construir manteletes, tartarugas, catapultas e escadas. Os mercenários tinham batizado os aríetes com nomes obscenos, e foi o mastro principal do *Meraxes* – anteriormente chamado *Partida de Joso* – que quebrou o portão oriental. Chamavam-no de Pica de Joso. A luta encarniçara-se, amarga e sangrenta, durante a maior parte de um dia e entrara noite adentro antes de a madeira começar a lascar e a figura de proa do *Meraxes*, uma cara de bobo risonha, conseguir trespassá-la.

Dany quis ser ela mesma a liderar o ataque, mas todos os seus capitães, sem exceção, disseram que isso seria loucura, e seus capitães nunca concordavam em coisa alguma. Em vez de liderar, tinha permanecido na retaguarda, montada em sua prata, envergando com

uma longa camisa de cota de malha. Mas *ouviu* a cidade cair de uma distância de meia légua, quando os gritos de desafio dos defensores se transformaram em gritos de medo. Nesse momento, os dragões tinham rugido como se fossem um só, enchendo a noite de chamas. *Os escravos estão se rebelando*, compreendeu de imediato. *As minhas ratazanas de esgoto roeram seus grilhões*.

Depois de os últimos restos de resistência terem sido esmagados pelos Imaculados e de o saque terminar, Dany entrou em sua cidade. A pilha de mortos diante do portão principal era tão alta que seus libertos precisaram de quase uma hora para abrir caminho para a sua prata. A Pica de Joso e a grande tartaruga de madeira que a protegera, coberta de peles de cavalo, estavam abandonadas lá dentro. Passou por edifícios incendiados e janelas quebradas, através de ruas de tijolo cujas sarjetas estavam entupidas com os mortos, rígidos e inchados. Escravos gritando vivas erguiam para si mãos manchadas de sangue e chamavam-na de "Mãe" enquanto passava.

Na praça em frente à Grande Pirâmide, os meereeneses tinham se amontoado sem esperança. Os Grandes Mestres pareciam tudo menos grandes à luz da manhã. Despojados das joias e de seus *tokars* debruados, eram desprezíveis; uma manada de velhos com bolas murchas e pele manchada e de jovens com penteados ridículos. Suas mulheres eram ou moles e carnudas ou secas como paus velhos, com a maquiagem facial riscada por lágrimas.

– Quero os seus líderes – disse-lhes Dany. – Entreguem-nos, e os demais serão poupados.

– Quantos? – perguntou uma velha, entre soluços. – Quantos quer para nos poupar?

– Cento e sessenta e três – respondeu.

Tinha ordenado que fossem pregados a postes de madeira em volta da praça, cada um apontando para o seguinte. A ira ardia feroz e quente dentro dela quando dera a ordem; fez com que se sentisse um dragão vingador. Mas, mais tarde, quando passou pelos moribundos nos postes, quando ouviu seus gemidos e sentiu o cheirou de entranhas e sangue...

Dany pôs o espelho de lado, franzindo a testa. *Foi justo. Foi mesmo. Fiz isso pelas crianças.*

A câmara de audiências ficava no piso imediatamente abaixo, uma sala cheia de ecos, de teto elevado e com paredes de mármore roxo. Era um lugar gelado, apesar de toda a sua grandiosidade. Havia ali um trono, uma coisa fantástica de madeira esculpida e dourada, com a forma de uma harpia selvagem. Tinha lançado-lhe um longo olhar e ordenado que fosse transformado em lenha.

– Não me sentarei no colo da harpia – disse-lhes. Em vez disso, sentava-se num simples banco de ébano. Servia, embora tivesse

ouvido os meereeneses resmungarem que não era adequado para uma rainha.

Os companheiros de sangue estavam à sua espera. Sinetas de prata tilintavam em suas tranças oleadas, e usavam o ouro e as joias de homens mortos. Meereen era rica além do que era possível imaginar. Até os mercenários pareciam saciados, pelo menos por ora. Do outro lado da sala, Verme Cinzento usava o uniforme simples dos Imaculados, com o capacete de bronze provido de espigão debaixo de um braço. Naqueles, pelo menos, podia confiar, ou assim esperava... e no Ben Mulato Plumm também, no sólido Ben com seus cabelos cinza-esbranquiçados e rosto desgastado, tão querido por seus dragões. E Daario, a seu lado, cintilando de ouro. Daario e Ben Plumm, Verme Cinzento, Irri, Jhiqui, Missandei... enquanto os olhava, Dany deu por si imaginando qual deles seria o próximo a traí-la.

O dragão tem três cabeças. Há no mundo dois homens em que posso confiar, se conseguir encontrá-los. Então já não estarei só. Seremos três contra o mundo, como Aegon e as irmãs.

– A noite foi tão calma como pareceu? – perguntou Dany.

– Parece que sim, Vossa Graça – disse Ben Mulato Plumm.

Ficou contente. Meereen havia sido saqueada de forma bárbara, como sempre acontecia às cidades recém-caídas, mas Dany estava determinada a que isso terminasse, agora que a cidade lhe pertencia. Decretara que os assassinos seriam enforcados, que os saqueadores perderiam uma mão e os violadores, os seus membros viris. Oito homicidas pendiam das muralhas, e os Imaculados tinham enchido um cesto de trinta e cinco litros com mãos ensanguentadas e vermes moles e vermelhos, mas Meereen estava de novo calma. *Por quanto tempo?*

Uma mosca zumbiu ao redor de sua cabeça. Dany enxotou-a, irritada, mas o inseto retornou quase imediatamente.

– Há moscas demais nesta cidade.

Ben Plumm soltou uma gargalhada.

– Havia moscas em minha cerveja hoje de manhã. Engoli uma.

– As moscas são a vingança dos mortos. – Daario sorriu e afagou o dente central de sua barba. – Os cadáveres geram vermes, e os vermes geram moscas.

– Então vamos nos livrar dos cadáveres. Começando por aqueles que estão lá embaixo na praça. Verme Cinzento, tratará disso?

– A rainha ordena, estes obedecem.

– É melhor levar tanto sacas como pás, Verme – aconselhou Ben Mulato. – Aqueles já estão bem para lá de maduros. Andam caindo daqueles postes aos pedaços e estão cheios de...

– Ele sabe. E eu também. – Dany recordou o horror que sentira quando vislumbrou a Praça da Punição em Astapor. *Criei um horror igualmente grande, mas é certo que o mereceram. Justiça dura ainda assim*

é justiça.

– Vossa Graça – disse Missandei –, os ghiscari enterram os seus mortos de honra em criptas por baixo de suas mansões. Se fervesse os ossos e os devolvesse às famílias, seria uma bondade.

As viúvas vão me amaldiçoar mesmo assim.

– Que assim se faça. – Dany fez um sinal para Daario. – Quantos pretendem hoje uma audiência?

– Apresentaram-se dois para se aquecer sob o seu esplendor.

Daario tomou para si um guarda-roupa inteiramente novo durante o saque de Meereen, e para condizer com ele voltara a pintar a barba cortada em tridente e os cabelos encaracolados com um profundo e rico tom de púrpura. Aquela coloração fazia com que os olhos parecessem também quase púrpura, como se ele fosse algum valiriano perdido.

– Chegaram durante a noite no *Estrela Índigo*, uma galé mercante de Qarth.

Um navio traficante de escravos, quer dizer. Dany franziu a testa.

– Quem são?

– O mestre do *Estrela* e um homem que diz falar por Astapor.

– Receberei primeiro o enviado.

Este revelou-se um homem pálido com cara de furão e pesados cordões de pérolas e fio de ouro pendurados do pescoço.

– Vossa Reverência! – gritou. – Meu nome é Ghael. Trago saudações do Rei Cleon de Astapor, Cleon, o Grande, para a Mãe de Dragões.

Dany ficou rígida.

– Deixei um conselho governando Astapor. Um curandeiro, um erudito e um sacerdote.

– Vossa Reverência, esses patifes manhosos traíram a sua confiança. Revelou-se que estavam maquinando a devolução do poder aos Grandes Mestres e das correntes ao povo. O Grande Cleon expôs os seus planos e cortou suas cabeças com um cutelo, e o grato povo de Astapor coroou-o por seu valor.

– Nobre Ghael – disse Missandei, no dialeto de Astapor –, será este o mesmo Cleon que era propriedade de Grazdan mo Ullhor?

A voz dela era franca, mas ficou claro que a pergunta deixou o enviado ansioso.

– Ele mesmo – admitiu. – Um grande homem.

Missandei inclinou-se para Dany.

– Era carniceiro na cozinha de Grazdan – a garota segredou-lhe ao ouvido. – Dizia-se que conseguia matar um porco mais depressa do que qualquer outro homem em Astapor.

Dei a Astapor um rei carniceiro. Dany sentiu-se enojada, mas sabia que não podia deixar que o enviado percebesse isso.

– Rezarei para que o Rei Cleon governe bem e sabiamente. O que ele quer de mim?

Ghael esfregou a boca.

– Talvez devêssemos conversar com maior privacidade, Vossa Graça?

– Não tenho segredos para os meus capitães e comandantes.

– Como desejar. O Grande Cleon pede-me para declarar a sua devoção pela Mãe de Dragões. Seus inimigos são os inimigos dele, diz o Grande Cleon, e acima de todos encontram-se os Sábios Mestres de Yunkai. Propõe um pacto entre Astapor e Meereen, contra os yunkaitas.

– Jurei que nenhum mal aconteceria a Yunkai se libertassem os escravos – disse Dany.

– Esses cães yunkaitas não são dignos de confiança, Vossa Reverência. Neste exato momento conspiram contra a senhora. Foram feitos novos recrutas e podem ser vistas escavações fora das muralhas da cidade, estão sendo construídos navios de guerra, foram enviados emissários a Nova Ghis e Volantis, no ocidente, para forjar alianças e contratar mercenários. Até enviaram cavaleiros para Vaes Dothrak, a fim de fazer cair um *khalasar* sobre a senhora. Cleon, o Grande, pediu-me que lhe diga para não ter medo. Astapor tem memória. Astapor não a abandonará. A fim de demonstrar a sua lealdade, o Grande Cleon oferece-se para selar a aliança com um casamento.

– Um casamento? Comigo?

Ghael sorriu. Seus dentes eram marrons e podres.

– O Grande Cleon dará muitos filhos fortes à senhora.

Dany viu-se privada de palavras, mas a pequena Missandei veio em seu auxílio.

– A primeira esposa dele deu-lhe filhos?

O enviado olhou-a com descontentamento.

– O Grande Cleon teve três filhas de sua primeira esposa. Duas de suas esposas mais recentes esperam bebê. Mas ele pretende pô-las de lado se a Mãe de Dragões consentir em desposá-lo.

– Que nobre da parte dele – disse Dany. – Refletirei sobre tudo o que disse, senhor. – Ordenou que fossem arranjados aposentos para Ghael passar a noite, em algum lugar num dos andares inferiores da pirâmide.

Todas as minhas vitórias se transformam em escórias em minhas mãos, pensou. *Não importa o que faça, tudo que produzo é morte e horror*. Quando a notícia do que tinha acontecido a Astapor chegasse às ruas, como certamente chegaria, dezenas de milhares de escravos meereeneses recém-libertados iriam sem dúvida decidir segui-la quando partisse para oeste, temendo o que os esperaria se ficassem... mas podia bem acontecer que o que os esperaria na marcha fosse pior.

Mesmo se esvaziasse todos os celeiros da cidade e entregasse Meereen à fome, como conseguiria alimentar tanta gente? O caminho à sua frente está repleto de dificuldades, derramamento de sangue e perigos. Sor Jorah prevenira-a disso. Prevenira-a de tantas coisas... ele... *Não, não pensarei em Jorah Mormont. Que espere um pouco mais.*

– Receberei agora esse capitão mercador – anunciou. O homem talvez tivesse melhores novas.

Essa esperança revelou-se vã. O mestre do *Estrela Índigo* era qarteno, de modo que chorou copiosamente quando foi interrogado a respeito de Astapor.

– A cidade sangra. Mortos apodrecem nas ruas, por enterrar, cada pirâmide é um acampamento armado, e os mercados não têm nem comida nem escravos para vender. E as pobres crianças! Os matadores do Rei Cutelo capturaram todos os rapazes de nascimento elevado de Astapor para fazer novos Imaculados, a fim de vendê-los, embora ainda faltem anos até estarem treinados.

O que mais surpreendeu Dany foi até que ponto não se surpreendeu. Deu por si a recordar Eroeh, a garota lhazarena que um dia tentara proteger, e aquilo que tinha acontecido a ela. *Será igual em Meereen quando me puser em marcha*, pensou. Os escravos das arenas de luta, criados e treinados para o massacre, já estavam se revelando indisciplinados e conflituosos. Pareciam julgar que a cidade agora lhes pertencia, bem como todos os homens e as mulheres que nela viviam. Dois deles estavam entre os oito que tinha enforcado. *Nada mais posso fazer*, disse a si mesma.

– O que quer de mim, capitão?

– Escravos – disse ele. – Meus porões estão estourando de marfim, âmbar cinza, peles de zebralo e outros produtos de boa qualidade. Quero trocá-los aqui por escravos, para vender em Lys e em Volantis.

– Não temos escravos para vender – disse Dany.

– Minha rainha? – Daario deu um passo adiante. – A margem do rio está cheia de meereeneses, implorando licença para se venderem a este qarteno. São mais do que as moscas.

Dany estava chocada.

– Eles *querem* ser escravos?

– Aqueles que vieram são bem-educados e de bom nascimento, querida rainha. Escravos assim são estimados. Nas Cidades Livres serão tutores, escribas, escravos de cama, e até curandeiros e sacerdotes. Dormirão em camas macias, comerão alimentos ricos e viverão em mansões. Aqui perderam tudo e vivem no medo e na miséria.

– Estou vendo. – Talvez não fosse assim tão chocante, se as histórias de Astapor fossem verdadeiras. Dany refletiu por um momento. – Qualquer homem que deseje vender-se *a si próprio* para a

escravatura pode fazê-lo. Ou qualquer mulher. – Ergueu uma mão. – Mas não podem vender os filhos, e um homem não pode vender a esposa.

– Em Astapor a cidade ficava com um décimo do preço, toda vez que um escravo trocava de mãos – disse-lhe Missandei.

– Nós faremos o mesmo – decidiu Dany. As guerras eram ganhas com espadas, mas também com ouro. – Um décimo. Em moedas de ouro ou prata, ou em marfim. Meereen não tem necessidade de açafrão, cravo ou peles de zebralo.

– Será conforme ordena, gloriosa rainha – disse Daario. – Meus Corvos de Pedra coletarão o seu dízimo.

Dany sabia que se os Corvos de Pedra supervisionassem a coleta, metade do ouro iria de algum modo se extraviar. Mas os Segundos Filhos eram igualmente maus, e os Imaculados eram tão incorruptíveis como iletrados.

– Terão de ser mantidos registros – disse. – Procurem entre os libertos homens que saibam ler, escrever e fazer somas.

Com os seus assuntos tratados, o capitão do *Estrela Índigo* fez uma reverência e retirou-se. Dany mexeu-se desconfortavelmente no banco de ébano. Receava aquilo que viria a seguir, mas sabia que já o adiara por tempo demais. Yunkai e Astapor, ameaças de guerra, propostas de casamento, a marcha para oeste pairando sobre tudo... *Preciso dos meus cavaleiros. Preciso de suas espadas, e preciso de seus conselhos*. Mas a ideia de voltar a ver Jorah Mormont deixou-a como se tivesse engolido uma colherada de moscas; zangada, agitada, agoniada. Quase as sentia zumbindo em sua barriga. *Sou do sangue do dragão. Tenho de ser forte. Tenho de ter fogo nos olhos quando os enfrentar, não lágrimas.*

– Diga a Belwas para trazer os meus cavaleiros – ordenou Dany, antes de ter tempo de mudar de ideia. – Os meus bons cavaleiros.

Belwas, o Forte, bufava por causa da subida quando os conduziu pelas portas, com uma mão carnuda segurando um braço de cada homem. Sor Barristan caminhava com a cabeça bem erguida, mas Sor Jorah fitava o chão de mármore ao se aproximar. *Um traz orgulho, o outro, culpa*. O velho escanhoara a barba branca. Parecia dez anos mais novo sem ela. Mas seu urso meio calvo parecia mais velho do que antes. Pararam diante do banco. Belwas, o Forte, deu um passo para trás e cruzou os braços sobre o peito coberto de cicatrizes. Sor Jorah pigarreou.

– *Khaleesi*...

Sentira tanta saudade da voz dele, mas tinha de ser severa.

– Cale-se. Eu lhe direi quando falar. – Ficou em pé. – Quando os enviei para os esgotos, parte de mim esperava não voltar a vê-los. Morrer afogado na merda de feitores parecia um fim adequado para mentirosos. Pensei que os deuses fossem cuidar de vocês, mas em vez

disso regressaram para mim. Meus galantes cavaleiros de Westeros, um informante e um vira-casaca. Meu irmão teria enforcado a ambos. – Pelo menos teria sido essa a atitude de Viserys. Não sabia o que Rhaegar faria. – Admito que me ajudaram a conquistar esta cidade...

A boca de Sor Jorah comprimiu-se.

– Fomos nós que conquistamos esta cidade. Nós, as ratazanas do esgoto.

– Cale-se – repetiu ela... embora *houvesse* verdade no que ele tinha dito.

Enquanto a Pica de Joso e os outros aríetes arremetiam contra os portões da cidade e os arqueiros disparavam nuvens de flechas incendiárias por sobre as muralhas, Dany enviara duzentos homens pelo rio na calada da escuridão, a fim de incendiar os cascos que havia no porto. Mas isso tinha servido apenas para esconder seu verdadeiro propósito. Enquanto os navios em chamas atraíam o olhar dos defensores nas muralhas, um punhado de nadadores semiloucos dirigiu-se à desembocadura dos esgotos e soltou uma enferrujada grade de ferro. Sor Jorah, Sor Barristan, Belwas, o Forte, e vinte bravos tolos esgueiraram-se na água marrom e pelo túnel de tijolo acima, uma força mista de mercenários, Imaculados e libertos. Dany tinha dito para escolherem apenas homens sem família... e de preferência sem olfato.

Tinham tido tanta sorte quanto coragem. Passara-se uma volta de lua desde a última chuva forte, e a água nos esgotos só chegava às coxas. O oleado em que tinham enrolado os archotes manteve-os secos, e por isso tinham luz. Alguns dos libertos assustaram-se com as enormes ratazanas até que Belwas, o Forte, apanhou uma e a cortou em duas com uma dentada. Um homem foi morto por um grande lagarto pálido que se ergueu da água escura e o arrastou pela perna, mas da vez seguinte em que foram vistas ondulações, Sor Jorah matou a fera com sua lâmina. Seguiram algumas vezes caminhos errados, mas assim que encontraram a superfície, Belwas, o Forte, levou-os para a arena de luta mais próxima, onde surpreenderam alguns guardas e arrebentaram as correntes dos escravos. Uma hora mais tarde, metade dos escravos lutadores de Meereen tinha se revoltado.

– Você *ajudou* a conquistar esta cidade – repetiu com obstinação. – E serviu-me bem no passado. Sor Barristan salvou-me do Bastardo do Titã, e do Homem Pesaroso em Qarth. Sor Jorah salvou-me do envenenador em Vaes Dothrak e voltou a salvar-me dos companheiros de sangue de Drogo depois da morte do meu sol-e-estrelas. – Tantas pessoas queriam vê-la morta que às vezes perdia a conta. – E no entanto mentiu, enganou-me, traiu-me. – Virou-se para Sor Barristan. – O senhor protegeu o meu pai por muitos anos, lutou ao lado de meu irmão no Tridente, mas abandonou Viserys no exílio e dobrou o joelho

ao Usurpador. Por quê? E fale a *verdade*.

– Há verdades que são difíceis de ouvir. Robert era... um bom cavaleiro... cavalheiresco, corajoso... poupou-me a vida, e a vida de muitos outros... o Príncipe Viserys era apenas um garoto, iam se passar muitos anos até estar preparado para governar, e... perdoe-me, minha rainha, mas pediu a verdade... até quando criança, Viserys parecia ser filho de seu pai de maneiras que Rhaegar nunca parecera.

– Filho de meu pai? – Dany franziu a testa. – O que isso quer dizer?

O velho cavaleiro não hesitou.

– Seu pai é conhecido em Westeros como "o Rei Louco". Ninguém nunca lhe disse isso?

– Viserys disse. – *O Rei Louco*. – O *Usurpador* chamava-lhe assim, o Usurpador e seus cães. – *O Rei Louco*. – Era mentira.

– Para que pedir a verdade – disse Sor Barristan em voz baixa – se fecha os ouvidos a ela? – hesitou, mas depois prosseguiu. – Já tinha lhe dito que usei um nome falso para que os Lannister não soubessem que tinha me juntado à senhora. Isso foi menos de metade do motivo, Vossa Graça. A verdade é que queria observá-la durante algum tempo antes de lhe jurar a minha espada. Para me certificar de que não era...

– ... filha do meu pai? – se não era filha do pai, quem seria?

– ... louca – concluiu ele. – Mas não vejo na senhora a mácula.

– *A mácula?* – irritou-se Dany.

– Não sou um meistre para lhe citar história, Vossa Graça. Minha vida foram as espadas, não os livros. Mas qualquer criança sabe que os Targaryen sempre dançaram demasiado perto da loucura. Seu pai não foi o primeiro. O Rei Jaehaerys disse-me um dia que a loucura e a grandeza eram dois lados da mesma moeda. "Sempre que um novo Targaryen nasce", disse ele, "os deuses atiram uma moeda ao ar e o mundo segura a respiração para ver de que lado cairá".

Jaehaerys. Este velho conheceu o meu avô. A ideia obrigou-a a refletir. A maior parte daquilo que sabia de Westeros tinha vindo do irmão, e o resto de Sor Jorah. Sor Barristan devia ter esquecido mais do que os outros dois algum dia souberam. *Este homem pode falar-me daquilo que levou até mim.*

– Então sou uma moeda nas mãos de um deus qualquer, é isso o que está dizendo, sor?

– Não – respondeu Sor Barristan. – É a legítima herdeira de Westeros. Até o fim dos meus dias, permanecerei seu leal cavaleiro, se me achar digno de voltar a pegar numa espada. Se não, contento-me em servir Belwas, o Forte, como seu escudeiro.

– E se eu decidir que é digno apenas de ser o meu bobo? – perguntou Dany num tom de escárnio. – Ou talvez o meu cozinheiro?

– Ficaria honrado, Vossa Graça – disse Selmy com calma

dignidade. – Sou capaz de assar maçãs e cozinhar carne tão bem quanto qualquer homem, e já assei muitos patos em fogueiras de acampamentos. Espero que goste deles gordurosos, com a pele tostada e os ossos cheios de sangue.

Aquilo fez Dany sorrir.

– Teria de estar louca para comer comida como essa. Ben Plumm, venha entregar a Sor Barristan a sua espada.

Mas o Barba-Branca recusou-se a aceitá-la.

– Atirei a minha espada aos pés de Joffrey e desde então não toquei em nenhuma outra. Só das mãos de minha rainha voltarei a aceitar uma espada.

– Como quiser. – Dany tirou a espada do Ben Mulato e ofereceu-a com o cabo para a frente. O velho pegou-a com reverência. – Agora ajoelhe-se – disse-lhe ela – e juramente-a ao meu serviço.

Ele ajoelhou-se e pousou a lâmina diante de Dany enquanto proferia as palavras. Ela quase não as ouviu. *Este foi o mais fácil*, pensou. *O outro será pior*. Quando Sor Barristan terminou, virou-se para Jorah Mormont.

– E agora você, sor. Diga-me a verdade.

O pescoço do grande homem estava vermelho; se de ira ou de vergonha, Dany não sabia.

– Tentei dizer-lhe a verdade meia centena de vezes. Disse-lhe que Arstan era mais do que parecia ser. Preveni a senhora de que Xaro e Pyat Pree não eram de confiança. Preveni-a...

– Preveniu-me contra todos, menos contra você. – A insolência dele enfureceu-a. *Devia ser mais humilde. Devia suplicar o meu perdão*. – "Não confie em ninguém, a não ser em Jorah Mormont", disse... e durante todo esse tempo era uma criatura da Aranha!

– Não sou *criatura* de ninguém. Sim, recebi o ouro do eunuco. Soube de algumas coisas sem importância e escrevi algumas cartas, mas foi tudo...

– *Tudo?* Espiou-me e vendeu-me aos meus inimigos!

– Durante algum tempo. – Ele disse de má vontade. – Parei.

– Quando? Quando foi que parou?

– Enviei um relatório de Qarth, mas...

– De *Qarth*? – Dany esperara que tivesse parado muito antes. – O que foi que escreveu de Qarth? Que era agora um de meus homens, que não queria mais fazer parte das tramoias deles? – Sor Jorah não enfrentava o olhar dela. – Quando Khal Drogo morreu, pediu-me para ir consigo para Yi Ti e para o Mar de Jade. Esse desejo era seu ou de Robert?

– Isso era para protegê-la – insistiu ele. – Para mantê-la longe deles. Eu sabia que cobras eles eram...

– Cobras? E o que é você, sor? – ocorreu-lhe algo indizível. –

Contou-lhes que eu esperava o filho de Drogo...

– *Khaleesi*...

– Que nem pense em negá-lo, sor – disse em tom penetrante Sor Barristan. – Eu estava presente quando o eunuco contou isso ao conselho, e Robert decretou que Sua Graça e o seu filho tinham de morrer. Você foi a fonte, sor. Até se falou que poderia realizar o ato em troca de perdão.

– Mentira. – O rosto de Sor Jorah tornou-se sombrio. – Eu nunca... Daenerys, fui eu quem *impediu* que bebesse o vinho.

– Sim. E como foi que soube que o vinho estava envenenado?

– Eu... eu apenas suspeitava... a caravana tinha trazido uma carta de Varys, prevenindo-me de que haveria atentados. Ele a queria vigiada, é certo, mas não machucada. – Ajoelhou-se. – Se não lhes tivesse dito nada, alguém o teria feito. *Sabe* disso.

– O que eu sei é que me traiu. – Tocou a barriga, onde o filho Rhaego perecera. – O que sei é que um envenenador tentou matar o meu filho graças a você. É isso o que eu *sei*.

– Não... não. – Ele sacudiu a cabeça. – Eu nunca quis... perdoe-me. Tem de me perdoar.

– *Tenho?* – era tarde demais. *Ele devia ter começado por suplicar perdão*. Não podia perdoá-lo como tinha pretendido. Ela tinha arrastado o vendedor de vinhos preso ao cavalo até nada restar dele. Não mereceria o mesmo o homem que o trouxera? *Este é Jorah, o meu urso feroz, o braço direito que nunca me falhou. Estaria morta sem ele, mas*... – Não posso perdoá-lo – disse. – Não posso.

– Perdoou o velho...

– Ele mentiu para mim a respeito do nome. Você vendeu os meus segredos aos homens que mataram meu pai e roubaram o trono de meu irmão.

– Protegi-a. Lutei por você. Matei por você.

Beijou-me, pensou ela, *traiu-me*.

– Entrei nos esgotos como se fosse uma ratazana. Por você.

Poderia ter sido uma bondade se lá tivesse morrido. Dany nada disse. Nada havia a dizer.

– Daenerys – disse ele –, eu amei-a.

E aí estava. *Três traições conhecerá. Uma vez por sangue, uma vez por ouro e uma vez por amor.*

– Os deuses não fazem nada sem um objetivo, segundo dizem. Não morreu em batalha, portanto isso deve querer dizer que ainda tem uma utilidade qualquer para eles. Mas para mim, não. Não o quero perto de mim. Está banido, sor. Volte para junto dos seus chefes em Porto Real e receba o seu perdão, se puder. Ou vá para Astapor. O rei carniceiro irá sem dúvida precisar de cavaleiros.

– Não. – Ele estendeu a mão para ela. – Daenerys, por favor,

escute-me...

Ela afastou a mão dele com um tapa.

– Nunca tenha a ousadia de voltar a tocar em mim ou proferir o meu nome. Tem até a alvorada para juntar as suas coisas e abandonar esta cidade. Se for encontrado em Meereen após o raiar do dia, ordenarei a Belwas, o Forte, que arranque sua cabeça. E farei isso. Acredite no que lhe digo. – Virou as costas para ele, fazendo rodopiar as saias. *Não suporto ver o seu rosto*. – Tirem este mentiroso da minha vista – ordenou. *Não posso chorar. Não posso. Se chorar, vou perdoá-lo*. Belwas, o Forte, pegou no braço de Sor Jorah e arrastou-o para fora da sala. Quando Dany deu um relance para trás, o cavaleiro caminhava como se estivesse bêbado, aos tropeções e lentamente. Afastou o olhar até ouvir o abrir e fechar das portas. Então afundou-se novamente no banco de ébano. *Então ele partiu. O meu pai e a minha mãe, os meus irmãos, Sor Willem Darry, Drogo, que era o meu sol-e-estrelas, o filho dele que morreu dentro de mim e agora Sor Jorah...*

– A rainha tem bom coração – ronronou Daario através de sua barba de um roxo profundo –, mas aquele homem é mais perigoso do que todos os Oznaks e Meros combinados num só. – As fortes mãos do mercenário acariciaram o cabo de suas armas idênticas, aquelas sensuais mulheres douradas. – Nem precisa dizer uma palavra, meu esplendor. Faça apenas o menor dos acenos, e o seu Daario trará à senhora a feia cabeça de Jorah.

– Deixe-o em paz. Os pratos da balança agora estão equilibrados. Deixe-o ir para casa. – Dany imaginou Jorah deslocando-se por entre velhos carvalhos nodosos e grandes pinheiros, passando por espinheiros em flor, pedras cinzentas barbadas de musgo e pequenos arroios correndo, gelados, por vertentes íngremes. Viu-o entrando num salão feito de enormes troncos de árvores, onde cães dormiam junto à lareira e o cheiro da carne e do hidromel pairava, pesado, no ar cheio de fumaça. – Por enquanto terminamos – disse aos seus capitães.

Foi com dificuldade que não subiu correndo as amplas escadas de mármore. Irri ajudou-a a despir o traje para audiências e a colocar vestes mais confortáveis; calções largos de lã, uma túnica solta de feltro, um colete pintado dothraki.

– Está tremendo, *khaleesi* – disse a garota ao ajoelhar-se para amarrar as sandálias de Dany.

– Tenho frio – mentiu Dany. – Traga-me o livro que eu estava lendo ontem à noite. – Desejava perder-se nas palavras, em outros tempos e outros lugares. O grosso volume encadernado em couro estava cheio de canções e histórias dos Sete Reinos. Histórias infantis, a bem da verdade; simples e fantasiosas demais para serem história verdadeira. Todos os heróis eram altos e bonitos, e podia-se identificar os traidores por seus olhos matreiros. Mas adorava-as mesmo assim.

Na noite passada estivera lendo a história das três princesas na torre vermelha, trancadas pelo rei pelo crime de serem belas.

Quando a aia trouxe o livro, Dany não teve dificuldade em encontrar a página em que tinha parado, mas não valia a pena. Deu por si lendo a mesma passagem meia dúzia de vezes. *Sor Jorah deu-me este livro como presente de casamento, no dia em que desposei Khal Drogo. Mas Daario tem razão, não o devia ter banido. Devia tê-lo conservado ao meu lado, ou matado*. Representava o papel de rainha, mas às vezes sentia-se ainda como uma garotinha assustada. *Viserys andava sempre dizendo como eu era tola. Seria realmente louco?* Fechou o livro. Ainda podia chamar Sor Jorah, se quisesse. Ou mandar Daario matá-lo.

Dany fugiu da decisão para o terraço. Foi dar com Rhaegal adormecido junto à piscina, um novelo verde e brônzeo tostando ao sol. Drogon estava empoleirado no topo da pirâmide, no local onde a enorme harpia de bronze tinha estado antes de ela ordenar que fosse derrubada. Abriu as asas e rugiu quando a viu. Não se via sinal de Viserion, mas quando se dirigiu ao parapeito e perscrutou o horizonte, viu asas pálidas a distância, pairando sobre o rio. *Está caçando. Tornam-se mais ousados a cada dia que passa*. Mas ainda ficava ansiosa quando voavam até muito longe. *Um dia, um deles pode não voltar*, pensou.

– Vossa Graça?

Virou-se para deparar com Sor Barristan atrás de si.

– O que mais quer de mim, sor? Poupei-o, aceitei-o ao meu serviço, dê-me agora alguma paz.

– Perdoe-me, Vossa Graça. É que... agora que sabe quem eu sou... – O velho hesitou. – Um cavaleiro da Guarda Real está na presença do rei dia e noite. Por esse motivo, nossos votos exigem que protejamos seus segredos tal como protegeríamos sua vida. Mas os segredos de seu pai são agora por direito seus, bem como seu trono, e... pensei que talvez tivesse questões a me fazer.

Questões? Tinha uma centena de questões, um milhar, dez milhares. Por que não conseguia se lembrar de nenhuma?

– Meu pai era realmente louco? – perguntou antes de conseguir evitar. *Por que é que eu perguntei isso?* – Viserys dizia que essa conversa de loucura era uma manobra do Usurpador...

– Viserys era uma criança, e a rainha protegeu-o o máximo que pôde. Agora creio que o seu pai sempre teve em si um pouco de loucura. Mas era também encantador e generoso, de modo que suas pequenas falhas eram esquecidas. Seu reinado começou tão promissor... mas à medida que os anos iam passando, as falhas tornaram-se mais frequentes, até que...

Dany fê-lo parar.

– Será que eu quero ouvir isso agora?

Sor Barristan refletiu por um momento.

– Talvez não. Agora não.

– Agora não – concordou. – Um dia. Um dia deve me contar tudo. As coisas boas e ruins. Há *algo* de bom a ser contado a respeito de meu pai, certamente?

– Há, Vossa Graça. A respeito dele, e a respeito dos que vieram antes dele. Seu avô Jaehaerys e o irmão, o pai deles, Aegon, a sua mãe... e Rhaegar. Acima de tudo a respeito dele.

– Gostaria de ter podido conhecê-lo. – Sua voz estava melancólica.

– Gostaria que ele pudesse tê-la conhecido – disse o velho cavaleiro. – Quando estiver pronta, contarei tudo.

Dany deu um beijo no rosto de Sor Barristan e mandou-o embora.

Naquela noite, as aias trouxeram-lhe carneiro, com uma salada de passas e cenouras embebidas em vinho e um pão quente e farelento que pingava de mel. Não conseguiu comer nem uma migalha. *Terá Rhaegar alguma vez se sentido tão exausto?*, perguntou a si mesma. *Ou Aegon, após a sua conquista?*

Mais tarde, quando chegou o momento de dormir, Dany levou Irri consigo para a cama, pela primeira vez desde o navio. Mas mesmo enquanto estremecia de prazer e enredava os dedos nos espessos cabelos negros da aia, fazia de conta que era Drogo que tinha nos braços... porém, de algum modo, seu rosto não parava de se transformar no de Daario. *Se desejar Daario, só tenho de dizer*. Ficou deitada com as pernas de Irri entrelaçadas nas suas. *Os olhos dele pareciam quase púrpura, hoje...*

Os sonhos de Dany foram sombrios naquela noite, e ela acordou três vezes, por conta de pesadelos ainda meio frescos na memória. Na terceira vez estava muito inquieta para voltar a dormir. O luar se infiltrava pelas janelas oblíquas, cobrindo o piso de mármore de prateado. Uma brisa fresca soprava pelas portas abertas do terraço. Irri dormia sonoramente a seu lado, com os lábios levemente entreabertos, um mamilo surgindo por sobre as sedas de dormir. Por um momento, Dany sentiu-se tentada, mas era Drogo que queria, ou talvez Daario. Não Irri. A aia era doce e habilidosa, mas seus beijos tinham gosto de dever.

Levantou-se, deixando Irri adormecida ao luar. Jhiqui e Missandei estavam dormindo em suas camas. Dany enfiou-se numa túnica e atravessou descalça o chão de mármore, dirigindo-se ao terraço. O ar estava gelado, mas gostou da sensação da relva entre os dedos dos pés e do som das folhas sussurrando umas para as outras. Ondulações provocadas pelo vento perseguiam-se pela superfície da pequena piscina para banhos e faziam o reflexo da lua dançar e tremeluzir.

Encostou-se a um parapeito baixo de tijolo a fim de olhar para

baixo, para a cidade. Meereen também dormia. *Perdida em sonhos sobre dias melhores, talvez*. A noite cobria as ruas como uma manta negra, escondendo os cadáveres e as ratazanas cinzentas que saíam dos esgotos para se banquetearem com eles, os enxames de moscas que picavam. Tochas distantes cintilavam, vermelhas e amarelas, no local onde as sentinelas faziam suas rondas, e aqui e ali viu o tênue clarão de lanternas oscilando ao longo de uma viela. Talvez uma delas fosse Sor Jorah, levando lentamente o cavalo pela arreata na direção do portão. *Adeus, velho urso. Adeus, traidor.*

Ela era Daenerys Filha da Tormenta, a Não Queimada, *khaleesi* e rainha, Mãe de Dragões, matadora de feiticeiros, quebradora de correntes, e não havia ninguém neste mundo em quem pudesse confiar.

– Vossa Graça? – Missandei estava a seu lado, enrolada num roupão, com sandálias de lã nos pés. – Acordei e vi que tinha saído. Dormiu bem? Para onde está olhando?

– Para a minha cidade – disse Dany. – Estava à procura de uma casa com uma porta vermelha, mas à noite todas as portas são negras.

– Uma porta vermelha? – Missandei estava confusa. – Que casa é essa?

– Não é casa nenhuma. Não importa. – Dany pegou na mão da garota mais nova. – Nunca minta para mim, Missandei. Nunca me traia.

– Nunca o farei – prometeu Missandei. – Veja, a alvorada chega.

O céu tinha se tornado azul-cobalto do horizonte ao zênite, e por trás da linha de colinas baixas, a leste, via-se um clarão, de ouro pálido e cor de ostra. Dany ficou vendo o sol subir ao céu, de mãos dadas com Missandei. Todos os tijolos cinza se tornaram vermelhos, amarelos, azuis, verdes e laranja. As areias escarlate das arenas de luta transformaram-se em chagas sangrando perante seus olhos. Em outro local, a cúpula dourada do Templo das Graças refulgia brilhantemente, e estrelas de bronze tremeluziam ao longo das muralhas nos locais onde a luz do sol nascente tocava os espigões dos capacetes dos Imaculados. No terraço, um punhado de moscas agitou-se indolentemente. Uma ave pôs-se a gorjear no caquizeiro, logo seguida por mais duas. Dany inclinou a cabeça para escutar sua canção, mas não demorou muito até que os ruídos da cidade que acordava a submergissem.

Os ruídos da minha cidade.

Naquela manhã convocou seus capitães e comandantes para o jardim, em vez de descer à sala de audiências.

– Aegon, o Conquistador, trouxe fogo e sangue a Westeros, mas depois deu-lhe paz, prosperidade e justiça. Mas tudo que eu trouxe à Baía dos Escravos foi morte e ruína. Fui mais *khal* do que rainha,

esmagando e saqueando, e depois seguindo viagem.

– Não há nada por que valha a pena ficar – disse Ben Mulato Plumm.

– Vossa Graça, os senhores de escravos fizeram a perdição cair sobre si mesmos – disse Daario Naharis.

– Trouxe também a liberdade – fez notar Missandei.

– Liberdade para passar fome? – perguntou Dany em tom cortante. – Liberdade para morrer? Serei eu um dragão ou uma harpia? – *Serei louca? Terei a mácula?*

– Um dragão – disse Sor Barristan num tom que não admitia dúvida. – Meereen não é Westeros, Vossa Graça.

– Mas como serei eu capaz de governar sete reinos, se não conseguir governar uma única cidade? – ele não tinha resposta para aquela pergunta. Dany deu as costas a eles para voltar a olhar a cidade. – Meus filhos precisam de tempo para curar as feridas e aprender. Meus dragões precisam de tempo para crescer e testar as suas asas. E eu preciso das mesmas coisas. Não permitirei que esta cidade siga o caminho de Astapor. Não permitirei que a harpia de Yunkai volte a acorrentar aqueles que eu libertei. – Virou-se novamente para olhar o rosto deles. – Não me porei em marcha.

– Então o que fará, *khaleesi?* – perguntou Rakharo.

– Ficarei – disse ela. – Governarei. E serei uma rainha.

Jaime

O rei estava sentado à cabeceira da mesa, com uma pilha de almofadas debaixo do traseiro, assinando cada documento que lhe era apresentado.

– Só mais alguns, Vossa Graça – garantiu-lhe Sor Kevan Lannister. – Este é um decreto de confisco contra Lorde Edmure Tully, despojando-o de Correrrio e de todas as suas terras e rendimentos, por rebelião contra o seu legítimo rei. Este é um decreto semelhante, contra o tio, Sor Brynden Tully, o Peixe Negro. – Tommen assinou-os um após o outro, mergulhando cuidadosamente a pena na tinta e escrevendo o seu nome numa letra grande e infantil.

Jaime observava do fundo da mesa, pensando em todos aqueles senhores que aspiravam a um lugar no pequeno conselho do rei. *Podem ficar com a porcaria do meu.* Se aquilo era o poder, por que teria sabor de tédio? Não se sentia particularmente poderoso vendo Tommen mergulhar de novo a pena no tinteiro. Sentia-se entediado.

E dolorido. Cada músculo de seu corpo doía, e as costelas e os ombros estavam cheios de hematomas, das pancadas que tinham levado, cortesia de Sor Addam Marbrand. Estremecia só de pensar nisso. Só podia ter esperança de que o homem mantivesse a boca fechada. Jaime conhecia Marbrand desde que este era rapaz, quando serviu como pajem em Rochedo Casterly; confiava mais nele do que em qualquer outro. O suficiente para lhe pedir para pegar em escudos e espadas de torneio. Queria saber se seria capaz de lutar com a mão esquerda.

E agora sei. O conhecimento era mais doloroso do que a surra que Sor Addam lhe dera, e a surra fora tão bem dada que quase não tinha conseguido se vestir naquela manhã. Se tivessem lutado a sério, Jaime teria morrido duas dúzias de mortes. Trocar de mão parecia tão simples. Não era. Todos os seus instintos estavam errados. Tinha de *pensar* sobre tudo, quando antes bastava se mover. E enquanto estava pensando, Marbrand batia nele. A mão esquerda nem sequer parecia capaz de *segurar* uma espada longa da maneira certa; Sor Addam desarmara-o três vezes, fazendo sua arma rodopiar pelo ar.

– Este concede as ditas terras, rendimentos e castelo a Sor Emmon Frey e à senhora sua esposa, a Senhora Genna. – Sor Kevan apresentou ao rei outro maço de pergaminhos. Tommen mergulhou a pena no tinteiro e assinou. – Isto é um decreto de legitimação para um filho ilegítimo de Lorde Roose Bolton, do Forte do Pavor. E este nomeia Lorde Bolton como o seu Protetor do Norte. – Tommen punha tinta na pena e assinava, punha tinta na pena e assinava. – Este atribui a Sor Rolph Spicer direitos sobre o castelo de Castamere e eleva-o à

categoria de lorde. – Tommen rabiscou seu nome.

Devia ter procurado Sor Ilyn Payne, refletiu Jaime. O Magistrado do Rei não era um amigo como Marbrand, e teria sido bem capaz de espancá-lo até tirar sangue... mas sem língua, não era provável que se vangloriasse disso depois. Não seria preciso mais do que um comentário casual de Sor Addam enquanto bebia, e o mundo inteiro logo saberia como ele se tornara inútil. Senhor Comandante da Guarda Real. Isso era uma piada cruel... embora não tanto quanto o presente que o pai tinha lhe enviado.

– Este é o seu real perdão para Lorde Gawen Westerling, a senhora sua esposa e a filha Jeyne, aceitando-os de volta à paz do rei – disse Sor Kevan. – Isto é um perdão para Lorde Jonos Bracken de Barreira de Pedra. Este é para Lorde Vance. Este é para Lorde Goodbrook. Este para Lorde Mooton, de Lagoa da Donzela.

Jaime pôs-se em pé.

– Parece ter esses assuntos bem controlados, tio. Deixarei Sua Graça com o senhor.

– Como quiser. – Sor Kevan também se levantou. – Jaime, devia ir encontrar o seu pai. Essa discórdia entre vocês...

– ... é obra dele. E não irá remediá-la enviando-me presentes debochados. Diga-lhe isso, se conseguir descolá-lo dos Tyrell durante tempo suficiente.

O tio fez uma expressão angustiada.

– O presente foi sincero. Achamos que poderia encorajá-lo...

– ... a fazer crescer uma mão nova? – Jaime virou-se para Tommen. Embora tivesse os caracóis dourados e os olhos verdes de Joffrey, o novo rei pouco mais tinha em comum com o seu falecido irmão. Tinha tendência a engordar, seu rosto era rosado e redondo, e até gostava de ler. *Ainda não tem nove anos, este meu filho. O garoto não é o homem*. Passariam sete anos até que Tommen governasse de seu pleno direito. Até lá, o reino permaneceria firmemente nas mãos do senhor seu avô. – Senhor – perguntou –, tenho a sua autorização para sair?

– Como quiser, sor tio. – Tommen voltou a olhar para Sor Kevan. – Posso selá-los agora, tio-avô? – pressionar o selo real contra a cera quente era a parte de ser rei que preferia até agora.

Jaime saiu a passos largos da sala do conselho. Do lado de fora, à porta, foi encontrar Sor Meryn Trant, rígido e de guarda, em sua armadura de escamas brancas e manto alvo como a neve. *Se este aí ficar sabendo como eu sou fraco, ou o Kettleblack ou o Blount ouvirem alguma coisa sobre isso...*

– Fique aqui até Sua Graça acabar – disse – e depois escolte-o de volta a Maegor.

Trant inclinou a cabeça.

– Às ordens, senhor.

Naquela manhã, o pátio exterior estava cheio de gente e ruídos. Jaime dirigiu-se aos estábulos, onde um grande grupo de homens selava os cavalos.

– Pernas-de-Aço! – chamou. – Vai embora?

– Assim que a senhora estiver montada – disse o Pernas-de-Aço Walton. – O senhor de Bolton espera-nos. Aí está ela.

Um palafreneiro conduzia uma bela égua cinza através da porta do estábulo. No dorso do animal vinha montada uma garota magricela de olhos encovados, envolta num manto pesado. Era cinza, tal como o vestido que usava por baixo, e debruado de cetim branco. O broche que o prendia ao peito era trabalhado na forma de uma cabeça de lobo com olhos fendidos de opala. Os longos cabelos castanhos da garota eram violentamente soprados pelo vento. Achou que ela tinha um rosto bonito, mas os olhos eram tristes e cautelosos.

Quando o viu, inclinou a cabeça.

– Sor Jaime – disse, numa voz fina e ansiosa. – Foi gentil em vir se despedir de mim.

Jaime estudou-a de perto.

– Ah, então me conhece?

Ela mordeu o lábio.

– Talvez não se recorde, senhor, pois eu era pequena naquela altura... mas tive a honra de conhecê-lo em Winterfell quando o Rei Robert veio visitar meu pai, Lorde Eddard. – Baixou seus grandes olhos castanhos e murmurou: – Sou Arya Stark.

Jaime nunca tinha prestado muita atenção em Arya Stark, mas parecia-lhe que aquela garota era mais velha.

– Segundo ouvi dizer, você irá se casar.

– Deverei me casar com o filho de Lorde Bolton, Ramsay. Ele era um Snow, mas Sua Graça fez dele um Bolton. Dizem que é muito corajoso. Estou muito feliz.

Então por que é que parece tão assustada?

– Desejo-lhe felicidades, senhora. – Jaime virou-se de volta para Pernas-de-Aço. – Tem o dinheiro que lhe foi prometido?

– Sim, e distribuímo-lo. Tem os meus agradecimentos. – O nortenho sorriu. – Um Lannister sempre paga as suas dívidas.

– Sempre – disse Jaime, lançando um último relance à menina. Perguntou a si mesmo se haveria muitas semelhanças. Não que isso importasse. A verdadeira Arya Stark estava, com toda a probabilidade, enterrada em alguma sepultura anônima na Baixada das Pulgas. Com os irmãos mortos, bem como ambos os pais, quem se atreveria a chamar aquela garota de fraude? – Boa viagem – disse a Pernas-de-Aço. Nage ergueu a sua bandeira de paz, e os nortenhos formaram uma coluna tão cheia de buracos quanto seus mantos de peles e

trotaram através do portão do castelo. A menina magra montada na égua cinza parecia pequena e desamparada no meio deles.

Alguns dos cavalos ainda recuavam perante a mancha escura no chão de terra batida, no local onde a terra tinha bebido o sangue vital do cavalariço que Gregor Clegane matara tão desajeitadamente. Aquela visão deixou Jaime furioso de novo. Tinha dito à Guarda Real para manter a multidão afastada, mas aquele palerma do Sor Boros se distraiu com o duelo. O idiota do rapaz partilhava parte da culpa, com certeza; e o dornês morto também. E acima de todos Clegane. O golpe que cortou o braço do rapaz tinha sido um infortúnio, mas aquele segundo golpe...

Bem, Gregor está pagando por ele agora. O Grande Meistre Pycelle andava tratando os ferimentos do homem, mas os uivos que ressoavam nos aposentos do meistre sugeriam que a cura não estava correndo tão bem como poderia.

– A carne gangrena e as feridas soltam pus – disse Pycelle ao conselho. – Nem mesmo as larvas querem tocar naquela imundície. Suas convulsões são tão violentas que tive de amordaçá-lo para evitar que cortasse a língua com os dentes. Removi o máximo de tecido que me atrevi a cortar e tratei a putrefação com vinho fervente e bolor de pão, mas sem resultado. As veias de seu braço estão se tornando negras. Quando o sangrei, todas as sanguessugas morreram. Senhores, tenho de saber qual foi a maligna substância que o Príncipe Oberyn usou na lança. Detenhamos os outros dorneses até se tornarem mais cooperativos.

Lorde Tywin havia recusado.

– Já haverá problemas suficientes com Lançassolar por causa da morte do Príncipe Oberyn. Não pretendo tornar as coisas piores prendendo seus companheiros.

– Então temo que Sor Gregor possa morrer.

– Sem dúvida que sim. Jurei que morreria na carta que enviei ao Príncipe Doran com o corpo do irmão. Mas tem de ser visto que foi a espada do Magistrado do Rei que o matou, e não uma lança envenenada. Cure-o.

O Grande Meistre Pycelle pestanejou, desalentado.

– Senhor...

– *Cure-o* – voltou a dizer Lorde Tywin, enfadado. – Vocês estão cientes de que Lorde Varys mandou pescadores para as águas que rodeiam Pedra do Dragão. Eles relatam que só resta uma força simbólica para defender a ilha. Os lisenos desapareceram da baía, e a maior parte das forças de Lorde Stannis desapareceu junto.

– Boas e melhores novas – anunciou Pycelle. – Que Stannis apodreça em Lys, digo eu. Estamos livres do homem e de suas ambições.

– Transformou-se num completo idiota quando Tyrion cortou sua barba? Estamos falando de *Stannis Baratheon*. O homem lutará até o fim, e mesmo depois. Se desapareceu, isso só pode querer dizer que pretende retomar a guerra. O mais provável é que desembarque em Ponta Tempestade e tente inflamar os senhores da tempestade. Se assim for, está acabado. Mas um homem mais ousado poderia jogar os dados com Dorne. Se ele conquistasse Lançassolar para a sua causa, poderia prolongar esta guerra durante anos. Portanto, *não iremos* ofender os Martell mais ainda, *seja por que motivo for*. Os dorneses são livres para partir, e você *irá* curar Sor Gregor.

E assim a Montanha gritava, noite e dia. Lorde Tywin Lannister conseguia intimidar até o Estranho, aparentemente.

Enquanto Jaime subia os degraus em espiral da Torre da Espada Branca, ouvia Sor Boros roncando em sua cela. A porta de Sor Balon também estava fechada; tinha ficado com o rei naquela noite e dormiria o dia inteiro. À parte os roncos de Blount, a torre estava muito silenciosa. Isso convinha bastante a Jaime. *Eu devia descansar*. Na noite anterior, depois de sua dança com Sor Addam, sentira-se dolorido demais para dormir.

Mas quando entrou no quarto, encontrou a irmã à sua espera.

Ela estava junto da janela aberta, olhando para lá das muralhas exteriores, para o mar. O vento da baía rodopiava à sua volta, encostando o vestido ao corpo dela de um modo que acelerou o pulso de Jaime. Era branco, aquele vestido, como os reposteiros que pendiam da parede e os cortinados da cama. Voltas de minúsculas esmeraldas alegravam as pontas de suas largas mangas e espiralavam pelo corpete abaixo. Esmeraldas maiores estavam embutidas na teia dourada que prendia seus cabelos dourados. O vestido tinha um corte baixo, desnudando-lhe os ombros e a parte de cima dos seios. *Ela é tão bela*. Nada mais desejava exceto tomá-la nos braços.

– Cersei. – Fechou a porta sem fazer barulho. – Por que está aqui?

– Para onde mais poderia ir? – quando se virou para ele, havia lágrimas em seus olhos. – O pai deixou claro que já não sou desejada no conselho. Jaime, não pode falar com ele?

Jaime tirou o manto e pendurou-o num gancho na parede.

– Falo todos os dias com Lorde Tywin.

– Você *tem* de ser assim tão teimoso? Tudo que ele quer...

– ... é forçar-me a sair da Guarda Real e mandar-me de volta para Rochedo Casterly.

– Isso não pode ser assim tão terrível. Ele também vai me mandar de volta para Rochedo Casterly. Quer que eu esteja longe, para que possa ter a mão livre com Tommen. Tommen é *meu* filho, não dele!

– Tommen é o rei.

– Ele é um garoto! Um garotinho assustado que viu o irmão ser

assassinado no próprio casamento. E agora dizem-lhe que precisa se casar. A garota tem o dobro da idade dele e é duas vezes viúva!

Jaime deixou-se cair numa cadeira, tentando ignorar a dor dos músculos machucados.

– Os Tyrell são insistentes. Não vejo mal nisso. Tommen tem se sentido sozinho desde que Myrcella foi para Dorne. Ele gosta de ter Margaery e suas senhoras por perto. Que se casem.

– Ele é seu filho...

– Ele é da minha semente. Nunca me chamou de pai. Assim como Joffrey. Você avisou-me mil vezes para nunca mostrar interesse indevido por eles.

– Para mantê-los a salvo! E você também. O que pareceria se o meu irmão se fizesse de pai com os filhos do rei? Até Robert poderia ter começado a desconfiar.

– Bem, ele agora já está para lá da desconfiança. – A morte de Robert ainda deixava um sabor amargo na boca de Jaime. *Devia ter sido eu a matá-lo, e não Cersei*. – Só desejaria que ele tivesse morrido pelas minhas mãos. – *Quando eu ainda tinha duas*. – Se tivesse deixado o regicídio tornar-se um hábito, como ele gostava de dizer, poderia tê-la tomado como esposa para o mundo inteiro ver. Não me envergonho de amá-la, apenas das coisas que fiz para esconder isso. Aquele garoto em Winterfell...

– Eu mandei você atirá-lo da janela? Se tivesse ido caçar como supliquei, nada teria acontecido. Mas não, tinha de me possuir, não podia esperar até voltarmos à cidade.

– Já tinha esperado tempo suficiente. Odiava ver Robert entrando aos tropeções em sua cama todas as noites, sempre sem saber se naquela noite decidiria reivindicar os seus direitos de marido. – Jaime lembrou-se de repente de outra coisa que o perturbava com relação a Winterfell. – Em Correrrio, Catelyn Stark parecia convencida de que eu tinha mandado um salteador qualquer cortar a garganta do filho. Que eu lhe tinha dado um punhal.

– Isso – disse ela em tom de escárnio. – Tyrion perguntou-me sobre isso.

– *Houve* um punhal. As cicatrizes nas mãos da Senhora Catelyn eram bem reais, ela mostrou-me. Você...?

– Ah, não diga besteiras. – Cersei fechou a janela. – Sim, tive esperança de que o garoto morresse. E você também. Até *Robert* pensou que teria sido melhor assim. "Matamos os cavalos quando quebram uma perna, e os cães quando ficam cegos, mas somos fracos demais para mostrar a mesma misericórdia por crianças aleijadas", disse-me ele. Ele mesmo estava cego nesse momento, da bebida.

Robert? Jaime protegera o rei durante tempo suficiente para saber que Robert Baratheon dizia coisas quando estava de porre que negaria

furiosamente no dia seguinte.

– Alguém estava presente quando Robert disse isso?

– Espero que não ache que ele disse isso a Ned Stark. Claro que estávamos a sós. Nós e as crianças. – Cersei tirou a rede para cabelos e enrolou-a numa das colunas da cama, após o que sacudiu seus caracóis dourados. – Talvez tenha sido Myrcella quem enviou esse homem com o punhal, parece-lhe que é possível?

Aquilo tinha a intenção de ser uma zombaria, mas Jaime compreendeu de imediato que ela acertara em cheio no cerne da questão.

– Myrcella, não. Joffrey.

Cersei franziu a testa.

– Joffrey não simpatizava com Robb Stark, mas o rapaz mais novo não lhe dizia nada. Ele próprio não passava de uma criança.

– Uma criança ansiosa por uma palmadinha na cabeça dada por esse bêbado que permitiu que ele acreditasse ser seu pai. – Teve uma ideia desconfortável. – Tyrion quase morreu por causa daquele maldito punhal. Se soubesse que tudo havia sido obra de Joffrey, podia ser esse o motivo...

– Não me interessa o *motivo* – disse Cersei. – Ele pode levar seus motivos consigo para o inferno. Se tivesse visto como Joff morreu... ele *lutou*, Jaime, ele lutou por cada golfada de ar, mas era como se algum espírito maligno tivesse as mãos em volta de sua garganta. Tinha um terror tão grande nos olhos... Quando era pequeno, corria para mim quando estava assustado ou magoado, e eu protegia-o. Mas naquela noite não houve nada que eu pudesse fazer. Tyrion assassinou-o na minha frente, e *não houve nada que eu pudesse fazer*. – Cersei ajoelhou-se diante da cadeira de Jaime e tomou a sua mão boa entre as dela. – Joff está morto e Myrcella em Dorne. Tommen é tudo que me resta. Não pode deixar que o pai o afaste de mim. Jaime, por favor.

– Lorde Tywin não pediu a minha aprovação. Posso falar com ele, mas não me escutará...

– Escutará, se concordar em abandonar a Guarda Real.

– Não vou abandonar a Guarda Real.

A irmã tentou reprimir as lágrimas.

– Jaime, você é o meu reluzente cavaleiro. Não pode me abandonar quando mais preciso de você! Ele está roubando meu filho, mandando-me embora... e a menos que o impeça, o pai vai me forçar a casar de novo!

Jaime não devia ter ficado surpreso, mas ficou. As palavras foram um golpe no estômago mais forte do que qualquer um dos que Sor Addam Marbrand lhe dera.

– Com quem?

– E isso importa? Um lorde ou outro qualquer. Alguém de que o pai pense que precisa. Não me interessa. Não aceitarei outro marido. É o único homem que eu quero na minha cama, para sempre.

– Então *diga-lhe* isso!

Ela afastou as mãos.

– Está outra vez dizendo loucuras. Quer nos ver afastados, como a mãe fez daquela vez que nos pegou brincando? Tommen perderia o trono e Myrcella, o seu casamento... eu *quero* ser sua esposa, pertencemos um ao outro, mas isso nunca poderá acontecer, Jaime. Somos irmão e irmã.

– Os Targaryen...

– *Nós não somos os Targaryen*!

– Calminha – disse ele em tom zombeteiro. – Assim tão alto vai acordar os meus Irmãos Juramentados. Não pode ser, certo? As pessoas poderiam ficar sabendo que veio me visitar.

– Jaime – soluçou ela –, acha que *eu* não desejo isso tanto quanto você? Não importa o homem com quem me casarem, quero você ao meu lado, quero você em minha cama, quero você dentro de mim. Nada mudou entre nós. Deixe-me provar. – Ela puxou a túnica dele para cima e começou a remexer nos cordões de seus calções.

Jaime deu por si a responder.

– Não – disse –, aqui, não. – Nunca tinham feito aquilo na Torre da Espada Branca, e muito menos nos aposentos do Senhor Comandante. – Cersei, este não é o local adequado.

– Tomou-me no septo. Aqui não é diferente. – Tirou seu pau para fora e inclinou a cabeça por cima dele.

Jaime empurrou-a com o coto da mão direita.

– *Não*. Aqui não, já disse. – Forçou-se a levantar-se.

Por um instante viu confusão nos brilhantes olhos verdes de Cersei, e também medo. Então a raiva substituiu-os. Ela recompôs-se, pôs-se em pé, alisou as saias.

– Foi a mão que lhe cortaram em Harrenhal, ou a virilidade? – quando sacudiu a cabeça, seus cabelos caíram em volta dos alvos ombros nus. – Fui uma tola por vir. Você não teve coragem para vingar Joffrey, por que devia pensar que protegeria Tommen? Diga-me, se o Duende tivesse matado todos os seus três filhos, teria *isso* o irritado?

– Tyrion não vai fazer mal a Tommen ou Myrcella. Ainda não tenho certeza de que matou Joffrey.

A boca dela torceu-se de fúria.

– Como pode *dizer* isso? Depois de todas as ameaças dele...

– Ameaças não querem dizer nada. Ele jura que não o fez.

– Oh, ele *jura*, então é isso? E os anões não mentem, é isso o que pensa?

– A mim, não. Assim como você.

– Seu grande idiota dourado. Ele mentiu para você mil vezes, e eu também. – Voltou a prender os cabelos e tirou a rede para cabelos da coluna da cama onde a pendurara. – Pense o que quiser. O monstrinho está numa cela negra, e em breve Sor Ilyn cortará sua cabeça. Talvez queira ficar com ela como recordação. – Lançou um relance à almofada. – Ele pode vigiá-lo enquanto você dorme sozinho naquela cama branca e fria. Até que os olhos apodreçam, pelo menos.

– É melhor ir embora, Cersei. Está me deixando bravo.

– Oh, um aleijado bravo. Que coisa assustadora. – Soltou uma gargalhada. – Pena que Lorde Tywin Lannister nunca tenha tido um filho. Eu poderia ter sido o herdeiro que ele queria, mas faltava-me o pau. E, a propósito, é melhor enfiar o seu para dentro, irmão. Tem um ar bastante tristonho e pequenino, assim pendurado nos calções.

Depois de ela ir embora, Jaime aceitou o seu conselho, lutando contra os cordões com uma só mão. Sentia uma dor fantasma nos dedos que lhe chegava aos ossos. *Perdi uma mão, um pai, um filho, uma irmã e uma amante, e em breve perderei um irmão. E no entanto não param de me dizer que a Casa Lannister ganhou esta guerra.*

Jaime envergou o manto e desceu, indo encontrar Sor Boros Blount bebendo uma taça de vinho na sala comum.

– Quando terminar a bebida, diga a Sor Loras que estou pronto para recebê-la.

Sor Boros era covarde demais para fazer muito mais do que uma carranca.

– Está pronto para receber quem?

– Limite-se a dizer isso a Loras.

– Sim. – Sor Boros esvaziou a taça. – Sim, Senhor Comandante.

Levou o seu tempo cuidando do assunto, porém, ou então foi o Cavaleiro das Flores que se mostrou difícil de achar. Tinham-se passado várias horas quando chegaram, o magro e belo jovem e a grande donzela feia. Jaime estava sentado sozinho na sala redonda, folheando ociosamente o Livro Branco.

– Senhor Comandante – disse Sor Loras –, desejava receber a Donzela de Tarth?

– Sim. – Jaime fez-lhes um gesto com a mão esquerda para que se aproximassem. – Falou com ela, suponho?

– Conforme ordenou, senhor.

– E?

O rapaz ficou tenso.

– Eu... as coisas podem ter acontecido como ela diz, sor. Talvez tenha sido Stannis. Não posso ter certeza.

– Varys diz que o castelão de Ponta Tempestade também faleceu de forma estranha – disse Jaime.

– Sor Cortnay Penrose – disse Brienne num tom triste. – Um bom homem.

– Um homem teimoso. Um dia pôs-se firmemente no caminho do Rei de Pedra do Dragão. No seguinte, saltou de uma torre. – Jaime levantou-se. – Sor Loras, conversaremos mais sobre isso mais tarde. Pode deixar Brienne comigo.

A garota parecia tão feia e desajeitada como sempre, Jaime concluiu quando o Tyrell os deixou. Alguém tinha voltado a vesti-la com roupa de mulher, mas esse vestido servia-lhe muito melhor do que aquele hediondo trapo cor-de-rosa que o bode a obrigara a usar.

– Azul é uma cor que lhe cai bem, senhora – observou Jaime. – Combina bem com os seus olhos. – *Ela realmente tem uns olhos espantosos*.

Brienne olhou-se de relance e perturbou-se.

– A Septã Donyse almofadou o corpete, para deixá-lo com esta forma. Disse que o mandou para mim. – A garota permanecia junto à porta, como se pretendesse fugir a qualquer segundo. – Está...

– Diferente? – conseguiu fazer um meio sorriso. – Mais carne sobre as costelas e menos piolhos no cabelo, é tudo. O coto é o mesmo. Feche a porta e venha cá.

Ela fez o que ele pediu.

– O manto branco...

– ... é novo, mas tenho certeza de que o sujarei bem depressa.

– Não era isso... eu ia dizer que lhe caía bem. – Brienne aproximou-se, hesitante. – Jaime, falava a sério quando disse aquilo a Sor Loras? Sobre... sobre o Rei Renly e a sombra?

Jaime encolheu os ombros.

– Eu teria matado Renly pessoalmente se tivéssemos nos encontrado em batalha, que me importa quem lhe cortou a garganta?

– Disse que eu tinha honra...

– Eu sou o maldito Regicida, esqueceu-se? Quando digo que tem honra, isso é como ter uma prostituta assegurando a sua virgindade. – Encostou-se para trás e ergueu os olhos para ela. – Pernas-de-Aço vai a caminho do Norte, para entregar Arya Stark a Roose Bolton.

– Entregou-a a *ele*? – gritou ela, consternada. – Prestou um juramento à Senhora Catelyn...

– Com uma espada encostada na garganta, mas deixemos isso de lado. A Senhora Catelyn está morta. Não poderia devolver as filhas a ela mesmo se as tivesse em meu poder. E a garota que o meu pai mandou com Pernas-de-Aço não é Arya Stark.

– *Não é* Arya Stark?

– Você ouviu. O senhor meu pai encontrou uma nortenha magricela mais ou menos da mesma idade com mais ou menos as mesmas cores. Vestiu-a de branco e cinza, deu-lhe um lobo de prata

para prender o manto e botou-a a caminho para se casar com o bastardo de Bolton. – Ergueu o coto para apontar para ela. – Quis dizer-lhe isso antes que partisse a galope para salvá-la e se fizesse matar inutilmente. Não é nada má com uma espada, mas não é suficientemente boa para derrotar sozinha duzentos homens.

Brienne sacudiu a cabeça.

– Quando Lorde Bolton souber que o seu pai lhe pagou com moeda falsa...

– Oh, ele sabe. *Os Lannister mentem*, lembra? Não importa, a garota serve ao seu propósito igualmente bem. Quem irá dizer que ela não é Arya Stark? Todo mundo de que a garota era próxima está morto, exceto a irmã, que desapareceu.

– Por que me contaria tudo isso se fosse verdade? Está traindo os segredos de seu pai.

Os segredos da Mão, pensou ele. *Já não tenho pai.*

– Eu pago as minhas dívidas, como todos os outros leõezinhos bons. Prometi as filhas à Senhora Stark... e uma delas continua viva. Meu irmão pode saber onde se encontra, mas se sabe, não o diz. Cersei está convencida de que Sansa o ajudou a assassinar Joffrey.

A boca da moça fez uma expressão obstinada.

– Não acreditarei que aquela garota gentil é uma envenenadora. A Senhora Catelyn disse que ela tinha um coração afetuoso. Foi o seu irmão. Houve um julgamento, disse Sor Loras.

– Na verdade, houve dois. Tanto as palavras como as espadas lhe falharam. Uma bagunça sangrenta. Assistiu da janela?

– Minha cela dá para o mar. Mas ouvi os gritos.

– O Príncipe Oberyn de Dorne está morto, Sor Gregor Clegane, moribundo, e Tyrion condenado perante os olhos dos deuses e dos homens. Ele será mantido numa cela negra até o matarem.

Brienne olhou-o.

– Não acredita que tenha sido ele.

Jaime concedeu-lhe um sorriso duro.

– Vê, garota? Conhecemo-nos bem demais. Tyrion deseja ser eu desde que deu o primeiro passo, mas nunca me seguiria no regicídio. Foi Sansa Stark quem matou Joffrey. Meu irmão manteve silêncio para protegê-la. Ele tem esses ataques de galanteria de vez em quando. O último custou-lhe um nariz. Dessa vez custará a cabeça.

– Não – disse Brienne. – Não foi a filha da minha senhora. Não pode ter sido ela.

– Aí está a garota teimosa e burra de que me lembro.

Ela enrubesceu.

– Meu nome é...

– Brienne de Tarth. – Jaime suspirou. – Tenho um presente para você. – Estendeu a mão por baixo da cadeira do Senhor Comandante e

tirou-a para fora, envolta em dobras de veludo carmesim.

Brienne aproximou-se como se a trouxa pudesse mordê-la, estendeu uma enorme mão sardenta e afastou uma dobra de tecido. Rubis cintilaram à luz. Pegou cuidadosamente no tesouro, enrolou os dedos em volta do cabo de couro e libertou lentamente a espada de sua bainha. As ondulações brilharam de sangue e negrume. Um dedo de luz refletida correu, vermelho, ao longo do gume.

– Isto é aço valiriano? Nunca vi cores assim.

– Nem eu. Houve um tempo em que teria dado a mão direita para brandir uma espada como essa. Agora parece que o fiz, portanto a lâmina é desperdiçada em mim. Aceite-a. – Antes que ela pudesse pensar em recusar, prosseguiu. – Uma espada tão boa precisa de um nome. Ficaria feliz se chamasse esta de Cumpridora de Promessas. Mais uma coisa. A lâmina tem um preço.

O rosto dela tornou-se sombrio.

– Eu disse-lhe, nunca servirei...

– ... criaturas tão malvadas. Sim, eu me lembro. Ouça-me até o fim, Brienne. Ambos prestamos juramentos a propósito de Sansa Stark. Cersei pretende assegurar-se de que a garota seja encontrada e morta, não importa onde ela tenha se enfiado...

O rosto simples de Brienne torceu-se de fúria.

– Se acredita que eu faria mal à filha de minha senhora em troca de uma *espada*, você...

– *Cale-se e ouça* – exclamou ele, irritado pelas suposições dela. – Quero que encontre Sansa primeiro e que a leve para qualquer lugar seguro. De outro modo, como nós iremos cumprir os estúpidos juramentos que prestamos à sua preciosa e falecida Senhora Catelyn?

A moça pestanejou.

– Eu... eu pensei...

– Eu sei o que *pensou*. – De repente, Jaime ficou farto de olhar para ela. *Bale como uma porcaria de uma ovelha*. – Quando Ned Stark morreu, a espada dele foi oferecida ao Magistrado do Rei – disse-lhe. – Mas meu pai achou que uma lâmina tão boa era desperdiçada num mero carrasco. Deu uma nova espada a Sor Ilyn, e mandou fundir a Gelo e forjá-la novamente. Havia metal suficiente para duas lâminas novas. Tem uma delas na mão. Portanto, irá proteger a filha de Ned Stark com o aço do próprio Ned Stark, se é que isso faz alguma diferença para você.

– Sor, eu... eu devo-lhe um pedido de desc...

Jaime interrompeu-a.

– Pegue a porcaria da espada e vá embora, antes que eu mude de ideia. Há uma égua baia nos estábulos, tão feia quanto você, mas um pouco mais bem treinada. Vá em perseguição do Pernas-de-Aço, vá em busca de Sansa, ou vá para casa, para a sua ilha de safiras, não me

interessa. Não quero olhar mais para você.

– Jaime...

– *Regicida* – relembrou-lhe. – É melhor que use essa espada para limpar a cera dos ouvidos, garota. Nossa conversa acabou.

Teimosamente, ela insistiu.

– Joffrey era seu...

– Meu rei. Deixe as coisas assim.

– Diz que Sansa o matou. Por que protegê-la?

Porque Joff não me era mais do que um esguicho de sêmen na boceta de Cersei. E porque merecia morrer.

– Fiz reis e desfi-los. Sansa Stark é minha última oportunidade de honra. – Jaime deu um ligeiro sorriso. – Além disso, os regicidas deviam se juntar. Nunca mais vai embora?

A grande mão de Brienne fechou-se com força em volta da Cumpridora de Promessas.

– Vou. E encontrarei a garota e a manterei a salvo. Pela senhora mãe dela. E por você. – Fez uma reverência rígida, virou-se e saiu.

Jaime ficou sentado à mesa, sozinho, enquanto as sombras iam enchendo a sala. Quando o ocaso começou a se instalar, acendeu uma vela e abriu o Livro Branco em sua página. Encontrou pena e tinta numa gaveta. Por baixo da última linha escrita por Sor Barristan, escreveu numa letra desajeitada que poderia ter sido elogiada numa criança de seis anos que estivesse aprendendo as primeiras letras com o meistre:

Derrotado no Bosque dos Murmúrios pelo Jovem Lobo Robb Stark durante a Guerra dos Cinco Reis. Mantido cativo em Correrrio e resgatado em troca de uma promessa não cumprida. Capturado de novo pelos Bravos Companheiros e mutilado por ordem de Vargo Hoat, o capitão deles, perdendo a mão da espada pela lâmina de Zollo, o Gordo. Devolvido em segurança a Porto Real por Brienne, a Donzela de Tarth.

Quando terminou, ainda restava encher mais de três quartos de sua página, entre o leão de ouro no escudo carmesim ao topo e o escudo branco e vazio no fundo. Sor Gerold Hightower tinha começado a sua história e Sor Barristan Selmy continuara-a, mas o resto teria de ser escrito pelo próprio Jaime Lannister. Dali em diante, poderia escrever o que quer que decidisse escrever.

O que quer que decidisse...

Jon

O vento soprava forte do leste, tão forte que a pesada gaiola balançava sempre que uma rajada a apanhava em seus dentes. Uivava ao longo da Muralha, tremendo pelo gelo, fazendo o manto de Jon esvoaçar de encontro às barras. O céu era um cinza de ardósia, o sol, nada mais do que uma tênue mancha brilhante por trás das nuvens. Para além do campo de morte, via a cintilação de mil fogueiras ardendo, mas suas luzes pareciam pequenas e impotentes contra tamanha escuridão e frio.

Um dia carregado. Jon Snow envolveu as barras com mãos enluvadas e segurou-se bem, enquanto o vento martelava a gaiola mais uma vez. Quando olhou para baixo, por entre os pés, viu o chão perdido em sombras, como se estivesse sendo baixado para um poço sem fundo. *Bem, a morte é uma espécie de poço sem fundo*, refletiu, *e quando a obra deste dia estiver concluída, meu nome ficará para sempre envolto em sombras*.

Os homens diziam que as crianças bastardas nasciam da luxúria e da mentira; a sua natureza era libertina e traiçoeira. Antes, Jon pretendia provar que isso era um erro, mostrar ao senhor seu pai que podia ser um filho tão bom e leal quanto Robb. *Arruinei tudo isso*. Robb tinha se transformado num rei herói; se Jon fosse por acaso recordado, seria como vira-casaca, perjuro e assassino. Estava feliz por Lorde Eddard não estar vivo para assistir à sua vergonha.

Devia ter ficado naquela gruta com Ygritte. Se houvesse uma vida para além daquela, esperava dizer-lhe isso. *Ela vai arranhar meu rosto como a águia e amaldiçoar-me de ser covarde, mas direi mesmo assim*. Flexionou a mão da espada, como Meistre Aemon lhe ensinara a fazer. O hábito tinha se tornado parte de si e precisaria dos dedos flexíveis para ter nem que fosse meia chance de assassinar Mance Rayder.

Tinham-no tirado para fora naquela manhã, depois de quatro dias passados no gelo, fechado numa cela de um metro e meio por um metro e meio por um metro e meio, baixa demais para se pôr em pé, apertada demais para se deitar de costas. Os intendentes tinham há muito descoberto que a comida e a carne duravam mais tempo nos armazéns de gelo esculpidos na base da Muralha... mas os prisioneiros não.

"Morrerá aqui, Lorde Snow", disse Sor Alliser imediatamente antes de fechar a pesada porta de madeira, e Jon tinha acreditado nele. Mas naquela manhã tinham vindo tirá-lo de lá e tinham-no levado, cheio de cãibras e tremendo, à Torre do Rei, para comparecer uma vez mais perante o queixudo Janos Slynt.

– Aquele velho meistre diz que não posso enforcá-lo – declarou

Slynt. – Escreveu a Cotter Pyke, e até teve o maldito descaramento de me mostrar a carta. Diz que não é nenhum vira-casaca.

– Aemon viveu tempo demais, senhor – garantiu-lhe Sor Alliser. – Seu discernimento tornou-se tão escuro como os olhos.

– Sim – disse Slynt. – Um cego com uma corrente em volta do pescoço, quem ele pensa que é?

Aemon Targaryen, pensou Jon, *filho de um rei e irmão de um rei, e um rei que poderia ter sido*. Mas nada disse.

– Mesmo assim – falou Slynt –, não quero que se diga que Janos Slynt enforcou um homem injustamente. Não quero. Decidi dar-lhe uma última chance de demonstrar que é tão leal como diz ser, Lorde Snow. Uma última chance de cumprir o seu dever, sim! – Levantou-se. – Mance Rayder quer parlamentar conosco. Sabe que não tem chances, agora que Janos Slynt chegou, portanto quer conversar, este Rei-para-lá-da-Muralha. Mas o homem é covarde, e não quer vir até nós. Sem dúvida que sabe que o penduraria na forca. Penduraria pelos pés do topo da Muralha, na ponta de uma corda com sessenta metros de comprimento! Mas ele não vem. Pede que lhe mandemos um enviado.

– Vamos mandá-lo, Jon Snow. – Sor Alliser sorriu.

– Eu. – A voz de Jon não tinha vida. – Por que eu?

– Acompanhou estes selvagens – disse Thorne. – Mance Rayder conhece você. Estará mais inclinado a confiar em você.

Aquilo era tão errado que Jon poderia ter rido.

– Entendeu as coisas ao contrário. Mance suspeitou de mim desde o início. Se aparecer em seu acampamento de novo com um manto negro e falando pela Patrulha da Noite, saberá que o traí.

– Ele pediu um enviado, e nós vamos enviar um – disse Slynt. – Se for covarde demais para enfrentar este rei vira-casaca, podemos devolvê-lo à sua cela de gelo. Dessa vez sem as peles, parece-me. Sim.

– Não há necessidade disso, senhor – disse Sor Alliser. – Lorde Snow fará o que pedimos. Ele quer nos mostrar que não é nenhum vira-casaca. Quer mostrar que é um membro leal da Patrulha da Noite.

Jon tinha notado que Thorne era, de longe, o mais inteligente dos dois; aquilo fedia a obra dele por todo o lado. Estava preso numa armadilha.

– Eu vou – disse, numa voz apertada e seca.

– Senhor – lembrou Janos Slynt. – Vai me tratar por...

– Eu vou, *senhor*. Mas está cometendo um erro, *senhor*. Está mandando o homem errado, *senhor*. Ver-me será o suficiente para enfurecer Mance. O *senhor* teria uma melhor possibilidade de conseguir um acordo se enviasse...

– Um acordo? – Sor Alliser soltou um risinho.

– Janos Slynt não faz acordos com selvagens sem lei, Lorde Snow. Não, não faz.

– Não o estamos enviando para *falar* com Mance Rayder – disse Sor Alliser. – Estamos enviando-o para matar Mance Rayder.

O vento assobiou por entre as barras, e Jon Snow estremeceu. Tinha a perna latejando e a cabeça também. Não tinha condições de matar um gatinho, mas ali estava. *A armadilha tinha dentes*. Com Meistre Aemon a insistir na inocência de Jon, Lorde Janos não se atrevera a deixá-lo no gelo para morrer. Aquilo era melhor.

"Nossa honra não significa mais do que nossas vidas, desde que o reino fique em segurança", Qhorin Meia-Mão tinha dito nas Presas de Gelo. Precisava se lembrar daquilo. Quer matasse Mance, quer apenas tentasse e falhasse, o povo livre iria matá-lo. Até a deserção era impossível, se estivesse inclinado a tal coisa; para Mance, ele era um mentiroso e traidor comprovado.

Quando a gaiola parou com um solavanco, Jon saltou para o chão e sacudiu o cabo de Garralonga para que a lâmina bastarda ficasse solta dentro da bainha. O portão estava a alguns metros para a sua esquerda, ainda bloqueado pelos restos estilhaçados da tartaruga, com a carcaça de um mamute apodrecendo lá dentro. Havia também outros cadáveres, espalhados entre barris quebrados, piche endurecido e manchas de mato queimado, tudo sob a sombra da Muralha. Jon não tinha qualquer desejo de se demorar ali. Pôs-se a caminhar na direção do acampamento dos selvagens, passando pelo corpo de um gigante cuja cabeça havia sido esmagada por uma pedra. Um corvo estava arrancando pedaços de cérebro do crânio estilhaçado do gigante. Olhou para cima quando ele passou. "*Snow*", gritou para ele. "*Snow, snow*." Então abriu as asas e partiu voando.

Assim que começou a avançar, um cavaleiro solitário emergiu do acampamento dos selvagens e veio em sua direção. Perguntou a si mesmo se Mance viria parlamentar na terra de ninguém. *Isso podia tornar as coisas mais fáceis, se bem que nada as tornará fáceis*. Mas quando a distância entre ambos diminuiu, Jon viu que o homem era baixo e largo, com anéis de ouro cintilando em braços grossos e uma barba branca que se espalhava por seu peito maciço.

– *Ha!* – trovejou Tormund quando se encontraram. – Jon Snow, o corvo. Tive receio de não o ver mais.

– Não sabia que tinha receio de alguma coisa, Tormund.

Aquilo fez o selvagem sorrir.

– Bem dito, moço. Tô vendo que seu manto é negro. O Mance não vai gostar disso. Se veio mudar de lado outra vez, é melhor subir de volta a sua Muralha ali.

– Enviaram-me para tratar com o Rei-para-lá-da-Muralha.

– Tratar? – Tormund riu. – Mas que palavra. Ha! Mance quer conversar, isso lá é verdade. Mas não sei lá muito bem se quer conversar com *você*.

– Foi a mim que enviaram.

– Tô vendo isso. Então é melhor vir daí. Quer montar?

– Posso ir a pé.

– Deu-nos boa luta aqui. – Tormund virou o garrano para o acampamento dos selvagens. – Você e seus irmãos. Tenho de admitir. Duzentos mortos e uma dúzia de gigantes. O próprio Mag entrou naquele seu portão e não saiu mais.

– Ele morreu pela espada de um homem valente chamado Donal Noye.

– Ah sim? Era algum grande senhor, esse Donal Noye? Um de seus cavaleiros brilhantes com roupas de baixo em aço?

– Um ferreiro. Só tinha um braço.

– Um ferreiro maneta matou Mag, o Poderoso? Ha! Essa deve ter sido uma luta digna de ser vista. O Mance vai fazer dela uma canção, você vai ver. – Tormund desprendeu um odre da sela e tirou a rolha dele. – Isso vai nos aquecer um pouco. A Donal Noye e a Mag, o Poderoso. – Bebeu um trago e passou o odre para Jon.

– A Donal Noye e a Mag, o Poderoso. – O odre estava cheio de hidromel, mas um hidromel tão potente que encheu os olhos de Jon de água e mandou gavinhas de fogo serpenteando por todo o seu peito. Depois da cela de gelo e da fria descida na gaiola, o calor era bem-vindo.

Tormund recuperou o odre e emborcou mais um trago e depois limpou a boca.

– O Magnar de Thenn jurou à gente que ia ter o portão escancarado, pra que tudo que tivéssemos de fazer fosse passear por ele cantando. Que ia botar a Muralha inteira abaixo.

– Botou abaixo parte dela – disse Jon. – Em cima da própria cabeça.

– Ha! – disse Tormund. – Bem, nunca vi grande utilidade no Styr. Quando um homem não tem nem barba, nem cabelo, nem orelhas, não se pode pegar bem nele quando se luta. – Mantinha o cavalo a passo lento, para que Jon pudesse ir coxeando a seu lado. – O que é que houve com essa perna?

– Uma flecha. Uma das de Ygritte, acho eu.

– Isso é que é mulher. Um dia tá beijando você, no outro o enche de flechas.

– Está morta.

– Ah, é? – Tormund sacudiu tristemente a cabeça. – Uma pena. Se eu fosse dez anos mais novo, tinha raptado-a pra mim. Aqueles cabelos que ela tinha... Bem, as fogueiras mais quentes são as que ardem mais depressa. – Ergueu o odre de hidromel. – A Ygritte, beijada pelo fogo! – bebeu um longo trago.

– A Ygritte, beijada pelo fogo – repetiu Jon quando Tormund lhe

entregou o odre. Bebeu um trago ainda mais longo.

– Foi você que a matou?

– Foi um irmão meu. – Jon nunca soube qual, e esperava nunca saber.

– Malditos corvos. – O tom de Tormund era duro, mas estranhamente gentil. – Aquele Lança-Longa roubou-me a filha. Munda, a minha maçãzinha de outono. Raptou-a bem da minha tenda, com os quatro irmãos dela por lá. Toregg passou o tempo todo dormindo, o grande palhaço, e Torwynd... bem, Torwynd, o Manso, isso diz tudo que é preciso dizer, não diz? Mas os mais novos deram luta ao moço.

– E Munda?

– Ela é do meu sangue – disse Tormund com orgulho. – Rasgou o lábio dele e arrancou-lhe metade de uma orelha com uma dentada, e ouvi dizer que ele tem tantos arranhões nas costas que não consegue pôr um manto. Mas gosta bastante dele. E por que não haveria de gostar? Ele não luta com lança, sabe? E nunca lutou. De onde acha que veio aquele nome dele então? Ha!

Jon teve de rir. Mesmo naquela hora, mesmo naquele local. Ygritte gostara do Lança-Longa Ryk. Jon esperava que ele tivesse encontrado alguma alegria com a Munda de Tormund. Alguém tinha de encontrar alegria em algum lugar.

"Você não sabe nada, Jon Snow", teria dito Ygritte. *Sei que vou morrer*, pensou. *Pelo menos isso sei*. "Todos os homens morrem" quase conseguia ouvi-la dizer "e as mulheres também, e todos os animais que voam, nadam ou correm. Não é *quando* se morre que importa, é *como*, Jon Snow". *É fácil para você dizer isso*, pensou em resposta. *Morreu bravamente em batalha, assaltando o castelo de um inimigo. Eu vou morrer como vira-casaca e assassino*. E a morte dele também não seria rápida, a menos que viesse na ponta da espada de Mance.

Logo estavam entre as tendas. Era o acampamento selvagem habitual; a vasta confusão de fogueiras e fossas, crianças e cabras vagueando livremente, ovelhas balindo entre as árvores, peles de cavalo penduradas para secar. Não tinha um plano, não tinha ordem, não tinha defesas. Mas havia homens, mulheres e animais por todo lado.

Muitos ignoraram-no, mas a cada um que prosseguia com a sua vida havia dez que paravam para encará-lo; crianças agachadas junto às fogueiras, velhas em carros de cães, habitantes de cavernas com o rosto pintado, corsários com garras, serpentes e cabeças cortadas pintadas em seus escudos, todos se viraram para ver. Jon também viu esposas de lanças, com longos cabelos soprados pelo vento que cheirava a pinheiro e suspirava por entre as árvores.

Ali não havia verdadeiras colinas, mas a tenda de peles brancas

de Mance Rayder havia sido erguida num local de terreno elevado e pedregoso bem no limite das árvores. O Rei-para-lá-da-Muralha esperava à porta, com o esfarrapado manto vermelho e negro esvoaçando ao vento. Jon viu que Harma Cabeça de Cão se encontrava com ele, de volta dos ataques e simulações feitos ao longo da Muralha, e Varamyr Seis-Peles também, rodeado por seu gato-das-sombras e dois esguios lobos cinzentos.

Quando viram quem a Patrulha tinha enviado, Harma virou a cabeça e cuspiu, e um dos lobos de Varamyr mostrou os dentes e rosnou.

– Deve ser muito valente ou muito estúpido, Jon Snow – disse Mance Rayder – para voltar para junto de nós vestindo um manto negro.

– O que mais vestiria um homem da Patrulha da Noite?

– Mate-o – instou Harma. – Mande o corpo de volta naquela gaiola que eles têm e diga-lhes que nos mandem outro. Eu fico com a cabeça dele como estandarte. Um vira-casaca é pior que um cão.

– Eu preveni que ele era falso. – O tom de Varamyr era brando, mas seu gato-das-sombras estava fitando Jon com uma expressão faminta nas fendas cinza que eram seus olhos. – Nunca gostei do cheiro dele.

– Recolha as garras, animal. – Tormund Terror dos Gigantes saltou do cavalo. – O moço tá aqui pra ouvir. Se puser uma pata nele, pode ser que eu arranje esse manto de gato-das-sombras que tenho cobiçado.

– Tormund Ama-Corvos – escarneceu Harma. – É um grande saco de vento, velho.

O troca-peles tinha um rosto cinzento, ombros redondos e era calvo, um homem que mais parecia um rato com olhos de lobisomem.

– Depois de um cavalo se habituar à sela, qualquer homem pode montá-lo – disse ele em voz baixa. – Depois de um animal se juntar a um homem, qualquer troca-peles pode entrar nele e montá-lo. Orell estava definhando dentro de suas penas, por isso fiquei com a águia. Mas a junção funciona nos dois sentidos, *warg*. Orell agora vive dentro de mim, murmurando como o odeia. E eu posso pairar por cima da Muralha e ver com olhos de águia.

– É assim que sabemos – disse Mance. – Sabemos como vocês eram poucos quando detiveram a tartaruga. Sabemos quantos vieram de Atalaialeste. Sabemos como seus suprimentos minguaram. Piche, óleo, flechas, lanças. Até a escada desapareceu, e aquela gaiola só pode içar uns poucos. Nós sabemos. E agora você sabe que sabemos. – Abriu a aba da tenda. – Entre. O resto de vocês, esperem aqui.

– O que, até eu? – disse Tormund.

– *Especialmente* você. Sempre.

Lá dentro fazia calor. Uma pequena fogueira ardia sob os buracos para a fumaça, e um braseiro incandescia junto da pilha de peles onde Dalla jazia, pálida e suando. A irmã estava segurando sua mão. *Val*, recordou Jon.

– Tive pena quando Jarl caiu – disse-lhe.

Val olhou-o com olhos cinza-claros.

– Ele sempre escalou depressa demais. – Era tão bonita quanto ele lembrava, esguia, com seios cheios, graciosa até em repouso, com malares altos e pronunciados e uma grossa trança de cabelos cor de mel que lhe caía até a cintura.

– A hora de Dalla está chegando – explicou Mance. – Ela e Val ficarão. Elas sabem o que eu quero dizer.

Jon manteve o rosto imóvel como gelo. *Já é suficientemente ruim matar um homem em sua própria tenda sob uma trégua. Terei também de assassiná-lo diante de sua mulher enquanto nasce seu filho?* Fechou os dedos da mão da espada. Mance não vestia armadura, mas tinha a espada embainhada junto à anca esquerda. E havia outras armas na tenda, punhais e adagas, um arco e uma aljava cheia de flechas, uma lança de ponta de bronze no chão, ao lado do grande e negro...

... berrante.

Jon prendeu a respiração.

Um berrante de guerra, um berrante de guerra grande como o diabo.

– Sim – disse Mance. – O Berrante do Inverno, que Joramun soprou um dia para despertar os gigantes da terra.

O berrante era enorme, com dois metros e quarenta ao longo da curvatura e tão largo na boca que podia ter enfiado o braço lá dentro até o cotovelo. *Se isto veio de um auroque, era o maior que já existiu*. A princípio, pensou que as tiras de metal em volta dele eram de bronze, mas quando se aproximou percebeu que eram de ouro. *Ouro velho, mais castanho do que amarelo, e gravado com runas.*

– Ygritte disse que não chegou a encontrar o berrante.

– Pensa que só os corvos sabem mentir? Eu gostei bastante de você, para um bastardo... mas nunca confiei em você. Um homem tem de ganhar a minha confiança.

Jon encarou-o.

– Se tinha o Berrante de Joramun desde o início, por que não o usou? Para que se incomodar com a construção de tartarugas e com o envio de Thenns para nos matar enquanto dormíamos? Se esse berrante for tudo que as canções dizem que é, por que não simplesmente soprá-lo e pronto?

Foi Dalla quem lhe respondeu, a Dalla da enorme barriga, deitada em sua pilha de peles ao lado do braseiro.

– Nós, o povo livre, sabemos coisas que vocês, os que ajoelham, já esqueceram. Às vezes, a estrada mais curta não é a mais segura, Jon

Snow. O Senhor Chifrudo disse um dia que a feitiçaria é uma espada sem cabo. Não há maneira segura de pegar nela.

Mance percorreu com uma mão a curvatura do grande berrante.

– Ninguém vai à caça só com uma flecha na aljava – disse. – Tive a esperança de que Styr e Jarl pegassem seus irmãos desprevenidos e nos abrissem o portão. Afastei a sua guarnição com simulações, incursões e ataques secundários. Bowen Marsh engoliu essa isca, como eu sabia que engoliria, mas seu bando de órfãos e aleijados mostrou-se mais teimoso do que eu esperava. Mas não pense que nos deteve. A verdade é que vocês são poucos demais e nós, muitos. Podia continuar com o ataque aqui e ainda mandar dez mil homens atravessar a Baía das Focas em jangadas e tomar Atalaialeste pela retaguarda. Também podia assaltar a Torre Sombria, conheço tão bem os acessos como qualquer outro homem vivo. Podia mandar homens e mamutes escavar os portões dos castelos que abandonaram, todos ao mesmo tempo.

– Então por que não faz isso? – Jon podia ter puxado Garralonga naquele momento, mas queria ouvir o que o selvagem tinha a dizer.

– Sangue – disse Mance Rayder. – No fim venceria, sim, mas vocês iriam me sangrar, e o meu povo já sangrou o suficiente.

– Suas perdas não foram assim tão pesadas.

– Pelas suas mãos, não. – Mance estudou o rosto de Jon. – Viu o Punho dos Primeiros Homens. Sabe o que aconteceu ali. Sabe o que enfrentamos.

– Os Outros...

– Eles ficam mais fortes à medida que os dias se tornam mais curtos e as noites mais frias. Primeiro matam-no, depois mandam seus mortos contra você. Os gigantes não foram capazes de lhes resistir, nem os Thenns, os clãs do rio de gelo ou os Cornopés.

– Nem você?

– Nem eu. – Havia ira naquela admissão, e uma amargura profunda demais para ser expressa por palavras. – Raymun Barba-Vermelha, Bael, o Bardo, Gendel e Gorne, o Senhor Chifrudo, todos eles vieram para o sul para conquistar, mas eu vim com o rabo entre as pernas para me esconder atrás da sua Muralha. – Voltou a encostar no berrante. – Se fizer soar o Berrante do Inverno, a Muralha cairá. Pelo menos é o que as canções me querem fazer crer. Há alguns entre o meu povo que não desejam nada com mais força...

– Mas depois que a Muralha cair – disse Dalla –, *o que irá parar os Outros?*

Mance concedeu-lhe um sorriso afetuoso.

– É uma mulher sensata, esta que encontrei. Uma verdadeira rainha. – Voltou-se de novo para Jon. – Volte e diga-lhes para abrirem o portão e deixarem-nos passar. Se o fizerem, darei o berrante, e a

Muralha ficará em pé até o fim dos tempos.

Abrir o portão e deixá-los passar. Fácil de dizer, mas o que se seguiria? Gigantes acampados nas ruínas de Winterfell? Canibais na mata de lobos, bigas varrendo as terras acidentadas, povo livre raptando as filhas de construtores navais e ourives em Porto Branco e peixeiras ao largo da Costa Pedregosa?

– É um verdadeiro rei? – perguntou Jon subitamente.

– Nunca tive uma coroa na cabeça nem sentei o traseiro na porcaria de um trono, se é isso o que está perguntando – respondeu Mance. – Meu nascimento é tão baixo quanto poderia ser, nenhum septão me besuntou a cabeça com óleos, não sou dono de castelos, e a minha rainha usa peles e âmbar, e não seda e safiras. Sou o meu próprio campeão, o meu próprio bobo e o meu próprio harpista. Não se torna Rei-para-lá-da-Muralha por causa de quem foi o seu pai. O povo livre não seguirá um nome e não se importa com qual dos irmãos nasceu primeiro. Segue lutadores. Quando abandonei a Torre Sombria, havia cinco homens fazendo barulho a respeito de como eles mesmos podiam ser do material de que são feitos os reis. Tormund era um, o Magnar, outro. Matei os outros três, quando deixaram claro que preferiam lutar a me seguir.

– Pode matar seus inimigos – disse Jon sem rodeios –, mas será capaz de governar seus amigos? Se deixarmos seu povo passar, é suficientemente forte para fazê-los manter a paz do rei e obedecer às leis?

– Às leis de quem? Às leis de Winterfell e de Porto Real? – Mance soltou uma gargalhada. – Quando quisermos leis, faremos as nossas. Pode ficar também com a sua real justiça e os seus reais impostos. Estou oferecendo-lhe o berrante, não a nossa liberdade. Não nos ajoelharemos perante vocês.

– E se recusarmos a proposta? – Jon não tinha dúvida de que recusariam. O Velho Urso poderia pelo menos ter escutado, embora recusasse diante da ideia de deixar trinta ou quarenta mil selvagens à solta nos Sete Reinos. Mas Alliser Thorne e Janos Slynt descartariam a ideia logo de cara.

– Se recusarem – disse Mance Rayder –, Tormund Terror dos Gigantes fará soar o Berrante do Inverno dentro de três dias, ao nascer do dia.

Levaria a mensagem para Castelo Negro e contaria a eles sobre o berrante, mas se deixasse Mance vivo, Lorde Janos e Sor Alliser usariam isso como prova de que era um vira-casaca. Mil pensamentos passaram pela cabeça de Jon. *Se puder destruir o berrante, esmagá-lo aqui e agora...* mas antes de poder começar a pensar bem nisso, ouviu o gemido grave de outro berrante qualquer, atenuado pelas paredes de peles da tenda. Mance também ouviu. Franzindo a testa, dirigiu-se

para a porta. Jon seguiu-o.

O berrante de guerra era mais sonoro lá fora. Seu chamado tinha agitado o acampamento dos selvagens. Cavalos relinchavam e resfolegavam, gigantes rugiam no Idioma Antigo e até os mamutes estavam inquietos.

– Berrante de batedor – disse Tormund a Mance.

– Alguma coisa vem aí. – Varamyr estava sentado de pernas cruzadas no chão meio congelado, com os lobos descrevendo círculos agitadamente em volta dele. Uma sombra pairou por cima dele, e Jon ergueu o olhar para ver as asas azul-acinzentadas de uma águia. – Vem do leste.

"Quando os mortos caminham, muralhas, estacas e espadas não significam nada, recordou. Não pode lutar com os mortos, Jon Snow." *Ninguém sabe disso tão bem quanto eu.*

Harma franziu as sobrancelhas.

– Do leste? As criaturas deviam estar atrás de nós.

– Do leste – repetiu o troca-peles. – *Alguma coisa vem aí.*

– Os Outros? – perguntou Jon.

Mance sacudiu a cabeça.

– Os Outros nunca vêm quando o sol está no céu. – Bigas chocalhavam através do campo de morte, transbordando de guerreiros que brandiam lanças de osso afiado. O rei gemeu. – Onde eles pensam que vão, porra? Quenn, leve aqueles idiotas de volta às suas posições. Alguém me traga o cavalo. A égua, não o garanhão. Também vou querer a minha armadura. – Mance deu um relance desconfiado à Muralha. No topo das ameias geladas, os soldados de palha mantinham-se em pé, colecionando flechas, mas não havia sinal de mais nenhuma atividade. – Harma, ponha em campo os seus batedores. Tormund, vá à procura de seus filhos e arranje uma linha tripla de lanças.

– Sim – disse Tormund, afastando-se a passos largos.

O pequeno troca-peles com ar de rato fechou os olhos e disse:

– Estou vendo-os. Aproximam-se ao longo dos riachos e das trilhas de caça...

– *Quem?*

– Homens. Homens a cavalo. Homens vestidos de aço e homens vestidos de negro.

– Corvos. – Mance transformou a palavra numa praga. Virou-se para Jon. – Será que os meus antigos irmãos pensaram que me apanhariam de calças arriadas se atacassem enquanto estivéssemos conversando?

– Se planejaram um ataque, não me falaram dele. – Jon não acreditava. Lorde Janos não tinha homens suficientes para atacar o campo dos selvagens. Além disso, encontrava-se do lado errado da

Muralha, e o portão estava selado com entulho. *Ele tinha um tipo diferente de traição em mente, isso não pode ser obra sua.*

– Se está outra vez mentindo para mim, não sai vivo daqui – preveniu Mance. Os guardas trouxeram-lhe o cavalo e a armadura. Em outros pontos do acampamento, Jon viu gente correndo desordenadamente, com alguns homens se posicionando como se fossem assaltar a Muralha, enquanto outros se esgueiravam para a floresta, mulheres conduzindo carros de cães para leste, mamutes vagueando para oeste. Estendeu a mão por sobre o ombro e puxou a Garralonga, exatamente no momento em que uma fina linha de patrulheiros emergia do limite da floresta a trezentos metros de distância. Usavam cota de malha negra, meios-elmos negros e mantos negros. Com a armadura meio posta, Mance puxou a espada. – Então você não sabia de nada disto? – disse friamente a Jon.

Lentos como mel numa manhã fria, os patrulheiros caíram sobre o acampamento dos selvagens, abrindo caminho por entre maciços de giestas e pequenos bosques, por sobre raízes e pedras. Selvagens voaram ao seu encontro, berrando gritos de guerra e brandindo tacapes, espadas de bronze e machados de pederneira, galopando temerariamente contra seus velhos inimigos. *Um grito, um golpe e uma boa morte valente*, era como Jon ouvira os irmãos referindo-se à maneira de lutar do povo livre.

– Acredite no que quiser – disse Jon ao Rei-para-lá-da-Muralha –, mas nada sabia de ataque algum.

Harma passou por eles trovejando antes de Mance poder responder, à frente de trinta corsários. Seu estandarte seguia à sua frente; um cão morto empalado numa lança, fazendo chover sangue a cada passo. Mance observou enquanto ela se esmagava contra os patrulheiros.

– Pode ser que esteja dizendo a verdade – disse. – Estes parecem homens de Atalaialeste. Marinheiros a cavalo. Cotter Pyke sempre teve mais coragem do que juízo. Capturou o Senhor dos Ossos em Monte Longo, pode ter pensado em fazer o mesmo comigo. Se sim, é um idiota. Não tem homens suficientes, ele...

– *Mance!* – soou o grito. Era um batedor, irrompendo de entre as árvores num cavalo coberto de espuma. – *Mance*, há mais, estão por toda a nossa volta, homens de ferro, *ferro*, uma *tropa* de homens de ferro.

Praguejando, Mance saltou para a sela.

– Varamyr, fique e trate de que nenhum mal aconteça a Dalla. – O Rei-para-lá-da-Muralha apontou a espada a Jon. – E mantenha olhos extras neste corvo. Se ele fugir, corte-lhe a goela.

– Sim, eu trato disso. – O troca-peles era uma cabeça mais baixo do que Jon, baixo e mole, mas aquele gato-das-sombras era capaz de

estripá-lo com uma pata. – Também estão vindo do norte – disse Varamyr a Mance. – É melhor ir.

Mance colocou o elmo com as suas asas de gralha. Seus homens também tinham montado.

– Ponta de lança – gritou Mance –, a mim, formar em cunha. – Mas quando deu com os calcanhares na égua e voou campo afora ao encontro dos patrulheiros, os homens que correram para acompanhá-lo perderam qualquer semelhança com uma formação.

Jon deu um passo em direção à tenda, pensando no Berrante do Inverno, mas o gato-das-sombras bloqueou-o, com a cauda balançando. As narinas da fera dilataram-se e escorreu saliva de seus dentes curvos da frente. *Ele cheira o meu medo*. Sentiu então mais do que nunca a falta de Fantasma. Os dois lobos estavam atrás dele, rosnando.

– Estandartes – ouviu Varamyr murmurar –, vejo estandartes dourados, oh... – Um mamute passou pesadamente por eles, bramindo, com meia dúzia de arqueiros na torre de madeira que levava sobre o dorso. – O rei... não...

Então o troca-peles jogou a cabeça para trás e *berrou*.

O som era chocante, ensurdecedor, pesado de agonia. Varamyr caiu, contorcendo-se, e o gato também estava gritando... e alto, alto no céu oriental, contra a muralha de nuvens, Jon viu a águia *queimando*. Durante um segundo brilhou mais do que uma estrela, engrinaldada de vermelho, dourado e laranja, batendo violentamente as asas como se fosse capaz de fugir da dor. E subiu, e subiu, e subiu ainda mais alto.

O grito fez Val sair da tenda, pálida.

– Que foi, o que aconteceu? – os lobos de Varamyr estavam lutando um contra o outro e o gato-das-sombras tinha fugido para o meio das árvores, mas o homem continuava se contorcendo no chão. – O que se passa com ele? – quis saber Val, horrorizada. – Onde está o Mance?

– Ali. – Jon apontou. – Foi lutar. – O rei levava a sua cunha esfarrapada na direção de um grupo de patrulheiros, fazendo a espada relampejar.

– Foi? Não pode ter ido, agora não. Começou.

– A batalha? – Jon viu os patrulheiros espalhando-se perante a sangrenta cabeça de cão de Harma. Os corsários gritaram, golpearam e perseguiram os homens de negro até as árvores. Mas havia mais homens saindo da floresta, uma coluna de cavalaria. *Cavaleiros em cavalaria pesada*, viu Jon. Harma teve de reagrupar e dar a volta para ir a seu encontro, mas metade de seus homens tinha se adiantado em excesso.

– O *nascimento*! – Val estava gritando-lhe.

Soavam trombetas por todo lado, sonoras e metálicas. *Os selvagens não têm trombetas, têm apenas berrantes de guerra*. E sabiam disso tão bem quanto ele; o som pôs o povo livre para correr numa confusão, alguns na direção da luta, outros para longe dela. Um mamute estava pisoteando um rebanho de ovelhas que três homens tentavam levar para oeste. Os tambores batiam enquanto os selvagens corriam para formar quadrados e linhas, mas tarde demais e com muita desorganização e lentidão. O inimigo emergia da floresta, de leste, de nordeste, do norte; três grandes colunas de cavalaria pesada, toda revestida de aço escuro e cintilante e sobretudos claros de lã. Não eram os homens de Atalaialeste, esses não tinham passado de uma linha de batedores. Um exército. *O rei?* Jon sentia-se tão confuso quanto os selvagens. Poderia Robb ter retornado? Teria o rapaz no Trono de Ferro finalmente se posto em movimento?

– É melhor que volte para a tenda – disse a Val.

Do outro lado do campo de batalha, uma coluna tinha afogado Harma Cabeça de Cão. Outra esmagara-se contra o flanco dos lanceiros de Tormund enquanto ele e os filhos tentavam desesperadamente virá-los. Mas os gigantes estavam subindo em seus mamutes, e os cavaleiros em seus cavalos albardados não gostaram nada disso; Jon viu como os corcéis e cavalos de batalha gritavam e debandavam ao ver aquelas pesadas montanhas. Mas também havia medo do lado dos selvagens, com centenas de mulheres e crianças fugindo da batalha, algumas indo se meter cegamente sob os cascos dos garranos. Viu o carro de cães de uma velha entrar no caminho de três bigas, fazendo-as chocar umas com as outras.

– Deuses – sussurrou Val –, deuses, por que é que estão fazendo isso?

– Volte para a tenda e fique com Dalla. Aqui não está em segurança. – A segurança não seria muito maior lá dentro, mas ela não precisava ouvir isso.

– Tenho de encontrar a parteira – disse Val.

– A parteira é você. Eu fico aqui até o Mance retornar. – Tinha perdido Mance de vista, mas agora encontrara-o, abrindo caminho com a espada pelo meio de um agrupamento de homens a cavalo. Os mamutes tinham estilhaçado a coluna central, mas as outras duas aproximavam-se como tenazes. No limite oriental dos acampamentos, um grupo de arqueiros disparava flechas incendiárias contra as tendas. Viu um mamute arrancar um cavaleiro da sela e atirá-lo a doze metros de altura com um golpe de tromba. Selvagens fluíam por ali, mulheres e crianças que fugiam da batalha, algumas acompanhadas de homens que as apressavam. Uns poucos lançaram a Jon olhares sombrios, mas ele tinha Garralonga na mão, e ninguém o incomodou. Até Varamyr fugiu, engatinhando sobre as mãos e os joelhos.

Mais e mais homens jorravam das árvores, já não apenas cavaleiros mas também cavaleiros livres, arqueiros a cavalo e homens de armas com jaquetas e capacetes redondos, dúzias de homens, centenas de homens. Um deslumbramento de estandartes voava por cima deles. O vento sacudia-os com violência demais para que Jon visse os símbolos, mas vislumbrou um cavalo-marinho, um campo de aves, um anel de flores. E amarelo, tanto amarelo, estandartes amarelos com um símbolo vermelho, de quem eram aquelas armas?

A leste, norte e nordeste, viu bandos de selvagens tentando tomar posição e lutar, mas os atacantes passavam por cima deles. O povo livre ainda tinha a vantagem dos números, mas os atacantes possuíam armaduras de aço e cavalos pesados. Na parte mais densa do combate, Jon viu Mance levantar-se nos estribos. Seu manto vermelho e negro e o elmo alado tornavam-no fácil de localizar. Tinha a espada erguida, e os homens reuniam-se ao redor dele quando uma cunha de cavaleiros caiu sobre eles com lanças, espadas e machados longos. A égua de Mance empinou-se, escoiceando, e uma lança espetou-se no peito dele. Então a maré de aço submergiu-o.

Acabou, pensou Jon, *eles estão quebrando*. Os selvagens fugiam, jogavam as armas fora, homens de Cornopé, cavernícolas e Thenns revestidos de escamas de bronze, todos fugiam. Mance tinha desaparecido, alguém brandia a cabeça de Harma na ponta de uma estaca, as linhas de Tormund tinham quebrado. Só os gigantes em seus mamutes ainda resistiam, ilhas peludas num rubro mar de aço. Os fogos saltavam de tenda em tenda e alguns dos grandes pinheiros também começavam a se incendiar. E outra cunha de cavaleiros couraçados surgiu por entre a fumaça, montados em cavalos albardados. Flutuando sobre eles vislumbravam-se os maiores estandartes vistos até então, estandartes reais grandes como lençóis; um amarelo com longas pontas, que exibia um coração flamejante, e outro que era como uma folha de ouro martelado, com um veado negro empinando-se e ondulando ao vento.

Robert, pensou Jon durante um momento louco, recordando o pobre Owen, mas quando as trombetas voltaram a soar e os cavaleiros avançaram, o nome que gritaram foi: "*Stannis! Stannis! STANNIS!*".

Jon virou-se, e entrou na tenda.

Arya

À porta da estalagem, pendurados em uma forca desgastada pelas intempéries, os ossos de uma mulher torciam-se e chocalhavam a cada rajada de vento.

Conheço esta estalagem. Mas não havia forca à porta quando tinha dormido ali com a irmã Sansa, sob o olhar vigilante da Septã Mordane.

– Não queremos entrar – decidiu subitamente Arya –, pode haver fantasmas.

– Sabe quanto tempo passou desde que eu bebi uma taça de vinho? – Sandor saltou da sela. – Além do mais, temos de ficar sabendo quem controla o vau rubi. Fique com os cavalos se quiser, por mim tô cagando.

– E se o reconhecerem? – Sandor já não se incomodava em esconder o rosto. Já não parecia se importar com quem o reconhecesse. – Podem querer prendê-lo.

– Que experimentem. – Soltou a espada na bainha e empurrou a porta.

Arya nunca teria melhor oportunidade de fugir. Podia se afastar, montada na Covarde, e levar também o Estranho. Mordeu o lábio. Então levou os cavalos para os estábulos e entrou atrás dele.

Eles conhecem-no. Foi o silêncio que lhe contou. Mas isso não era o pior. Ela também os conhecia. Não o estalajadeiro magricela, nem as mulheres, nem os trabalhadores rurais que estavam junto da lareira. Mas os outros. Os soldados. Ela conhecia os soldados.

– Procurando o seu irmão, Sandor? – a mão de Polliver estivera enfiada no corpete da moça que tinha no colo, mas agora a havia tirado para fora.

– Procurando uma taça de vinho. Estalajadeiro, um jarro de tinto. – Clegane atirou um punhado de moedas de cobre para o chão.

– Não quero problemas, sor – disse o estalajadeiro.

– Então não me chame de *sor*. – Sua boca torceu-se. – Está surdo, idiota? Pedi vinho. – Quando o homem fugiu, Clegane gritou às suas costas. – *Duas taças!* A garota também tem sede!

Eles são só três, pensou Arya. Polliver deu-lhe um breve relance e o rapaz que estava a seu lado nem chegou a olhá-la, mas o terceiro fitou-a longa e duramente. Era um homem de altura e constituição medianas, com um rosto tão comum que era difícil saber que idade tinha. *O Cócegas. Cócegas e Polliver juntos*. O rapaz era um escudeiro, julgando pela idade e pelo vestuário. Tinha uma grande espinha branca junto ao nariz e algumas vermelhas na testa.

– Este é o cachorro perdido de que Sor Gregor falou? – perguntou

ao Cócegas. – Aquele que fez xixi nas esteiras e fugiu?

Cócegas apoiou uma mão no braço do rapaz, num aviso, e sacudiu vivamente a cabeça. Arya compreendeu aquilo com bastante clareza.

Mas o escudeiro não, ou então não se importou.

– Sor disse que o seu irmão cachorro enfiou o rabo entre as pernas quando a batalha esquentou demais em Porto Real. Disse que fugiu ganindo. – Dirigiu ao Cão de Caça um estúpido sorriso de zombaria.

Clegane estudou o rapaz e não disse palavra. Polliver tirou rudemente a moça de cima de si e pôs-se em pé.

– O moço tá bêbado – disse. O homem de armas era quase tão alto quanto o Cão de Caça, embora não fosse tão musculoso. Uma barba arredondada cobria-lhe o queixo e as maxilas, espessa, negra e bem cortada, mas a cabeça estava mais calva do que coberta. – Ele não aguenta o vinho, é só isso.

– Então não devia beber.

– O cachorro não assusta... – começou o rapaz, mas o Cócegas torceu casualmente sua orelha entre o indicador e o polegar. As palavras transformaram-se num guincho de dor.

O estalajadeiro retornou apressadamente, trazendo duas taças de pedra e um jarro numa bandeja de peltre. Sandor levou o jarro à boca. Arya via os músculos do pescoço dele trabalhando enquanto engolia. Quando bateu com ele na mesa, metade do vinho tinha desaparecido.

– Agora já pode servir. E é melhor que apanhe aqueles cobres, que são as únicas moedas que deve ver hoje.

– Nós pagaremos quando acabarmos de beber – disse Polliver.

– Quando acabar de beber, vai fazer cócegas no estalajadeiro para saber onde ele guarda o ouro. Como faz sempre.

O estalajadeiro lembrou-se de repente de algo que tinha na cozinha. Os homens da terra também estavam saindo, e as garotas já tinham desaparecido. O único som que se ouvia na sala comum era o tênue crepitar do fogo na lareira. *Também devíamos ir embora*, compreendeu Arya.

– Se anda à procura do Sor, vem tarde demais – disse Polliver. – Ele esteve em Harrenhal, mas já não está. A rainha mandou buscá-lo. – Arya viu que o homem trazia três lâminas à cintura; uma espada longa na anca esquerda e na direita um punhal e uma lâmina mais esguia, longa demais para ser uma adaga e curta demais para ser uma espada. – O Rei Joffrey está morto, sabe? – acrescentou. – Envenenado durante o banquete do próprio casamento.

Arya penetrou um pouco mais na sala. *Joffrey está morto*. Quase conseguia vê-lo, com os caracóis louros, o sorriso maldoso e os lábios grossos e moles. *Joffrey está morto!* Sabia que aquilo devia deixá-la feliz, mas de algum modo ainda se sentia vazia por dentro. Joffrey estava morto, mas se Robb também estava, que importava?

– Lá se foram os meus bravos irmãos da Guarda Real. – Cão de Caça soltou uma fungada de desprezo. – Quem foi que o matou?

– O Duende, pensam. Ele e a mulherzinha.

– Que mulher?

– Esquecia-me de que tem estado escondido debaixo de uma pedra. A nortenha. A filha de Winterfell. Ouvimos dizer que ela matou o rei com um feitiço e que depois se transformou num lobo com grandes asas de couro, como as de um morcego, e voou por uma janela de torre. Mas deixou o anão para trás e Cersei quer cortar a cabeça dele.

Isso é estúpido, pensou Arya. *Sansa só sabe canções, e não feitiços, e nunca casaria com o Duende*.

Cão de Caça sentou-se no banco mais próximo da porta. Sua boca torceu-se, mas só do lado queimado.

– Ela devia mergulhá-lo em fogovivo e cozê-lo. Ou fazer-lhe cócegas até a lua ficar negra. – Ergueu a taça de vinho e esvaziou-a de uma só vez.

Ele é um deles, pensou Arya quando viu aquilo. Mordeu o lábio com tanta força que sentiu o gosto do sangue. *É igualzinho a eles. Devia matá-lo quando dormisse*.

– Então Gregor tomou Harrenhal? – disse Sandor.

– Não foi preciso tomar muito – disse Polliver. – Os mercenários fugiram assim que souberam que estávamos a caminho, todos menos uns poucos. Um dos cozinheiros abriu uma poterna para a gente entrar, para se vingar de Hoat por lhe ter cortado o pé. – Soltou um risinho. – Ficamos com ele para cozinhar para nós, umas meninas para aquecer nossas camas e passamos todos os outros pela espada.

– *Todos* os outros? – disse Arya antes de conseguir se segurar.

– Bem, o Sor ficou com Hoat como passatempo.

Sandor disse:

– O Peixe Negro ainda está em Correrrio?

– Não por muito tempo – disse Polliver. – Está cercado. O velho Frey vai enforcar Edmure Tully se ele não entregar o castelo. O único local onde se luta a sério é em volta de Corvarbor. Os Blackwood e os Bracken. Os Bracken agora são dos nossos.

Cão de Caça serviu uma taça de vinho a Arya e outra a si mesmo, e bebeu-a enquanto fitava o fogo na lareira.

– O passarinho voou, foi? Bem, ainda bem para ela. Cagou na cabeça do Duende e voou.

– Vão encontrá-la – disse Polliver. – Nem que seja preciso metade do ouro de Rochedo Casterly.

– Uma garota bonita, segundo ouvi dizer – disse o Cócegas. – Doce como o mel. – Estalou os lábios e sorriu.

– E cortês – concordou Cão de Caça. – Uma senhorinha como

deve ser. Ao contrário da porcaria da irmã.

– Também a encontraram – disse Polliver. – A irmã. Ouvi dizer que é para o bastardo de Bolton.

Arya bebericou o vinho para que não vissem sua boca. Não compreendia o que Polliver estava dizendo. *Sansa não tem nenhuma outra irmã*. Sandor Clegane riu alto.

– O que é tão engraçado assim? – perguntou Polliver.

Cão de Caça não deu nem um relance a Arya.

– Se quisesse que você soubesse, teria dito. Há navios em Salinas?

– Salinas? Como é que eu vou saber? Os mercadores voltaram para a Lagoa da Donzela, segundo ouvi dizer. Randyll Tarly tomou o castelo e trancou Mooton numa cela de torre. Não ouvi porra nenhuma a respeito de Salinas.

Cócegas inclinou-se para a frente.

– Iria se lançar ao mar sem se despedir de seu irmão? – Arya sentiu arrepios ao ouvi-lo fazer uma pergunta. – Sor ia preferir que voltasse a Harrenhal com a gente, Sandor. Aposto que sim. Ou a Porto Real...

– Que isso se foda. Que ele se foda. Que você se foda.

Cócegas encolheu os ombros, endireitou-se e esticou uma mão para as costas, a fim de esfregar a parte de trás do pescoço. Então tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo; Sandor pôs-se em pé, Polliver puxou a espada e a mão de Cócegas chicoteou num arco borrado para enviar qualquer coisa prateada relampejando pela sala comum. Se o Cão de Caça não estivesse em movimento, a faca podia ter arrancado o seu pomo de adão; em vez disso, apenas roçou suas costelas, e acabou espetada, tremendo, na parede perto da porta. Ele então riu, uma gargalhada tão fria e vazia como se tivesse saído do fundo de um poço profundo.

– Eu tinha esperança de que fizesse alguma coisa estúpida. – A espada deslizou para fora da bainha bem a tempo de desviar para o lado a primeira estocada de Polliver.

Arya deu um passo para trás quando a longa canção de aço se iniciou. Cócegas saltou do banco com uma espada curta numa mão e um punhal na outra. Até o atarracado escudeiro moreno se levantara, procurando o cabo da espada às apalpadelas. Arya pegou sua taça de vinho que estava sobre a mesa e atirou-a na cara dele. A pontaria foi melhor do que havia sido nas Gêmeas. A taça atingiu-o bem em cheio na grande espinha branca e ele estatelou-se sobre o traseiro.

Polliver era um lutador sombrio e metódico e empurrou firmemente Sandor para trás, movendo a sua pesada espada longa com brutal precisão. Os golpes do Cão de Caça eram mais desleixados, as paradas apressadas, os pés lentos e desajeitados. *Ele está bêbado*, compreendeu Arya com consternação. *Bebeu demais, e depressa demais,*

sem comida na barriga. E Cócegas estava deslizando ao longo da parede para ficar atrás dele. Arya pegou a segunda taça de vinho e atirou-a nele, mas o homem foi mais rápido do que o escudeiro e desviou a cabeça a tempo. O olhar que lhe dirigiu foi frio e cheio de promessas. *Há ouro escondido na aldeia?*, conseguia ouvi-lo perguntar. O estúpido do escudeiro estava se agarrando à borda de uma mesa, apoiando-se nela para se pôr de joelhos. Arya sentiu o sabor do início do pânico no fundo da garganta. *O medo golpeia mais profundamente do que as espadas. O medo golpeia mais profundamente...*

Sandor soltou um grunhido de dor. O lado queimado de seu rosto escorria, vermelho, da têmpora à bochecha, e o coto de orelha desaparecera. Aquilo pareceu zangá-lo. Empurrou Polliver para trás com um ataque furioso, pressionando-o com a velha espada amassada que arranjara nas colinas. O homem barbudo cedeu terreno, mas nenhum dos golpes chegou sequer a tocá-lo. E então o Cócegas saltou sobre um banco, rápido como uma cobra, e golpeou a parte de trás do pescoço do Cão de Caça com a aresta de sua espada curta.

Estão matando-o. Arya não tinha mais taças, mas havia algo melhor para atirar. Puxou o punhal que tinham roubado do arqueiro moribundo e tentou arremessá-lo no Cócegas da mesma maneira que ele tinha feito. Não era o mesmo que atirar uma pedra ou uma maçã, porém. A faca balançou e atingiu-o no braço com o cabo. *Ele nem sequer a sentiu*. Estava concentrado demais em Clegane.

Enquanto apunhalava, Clegane torceu-se violentamente para o lado, conquistando para si uma pausa de meio segundo. Escorria sangue por seu rosto e do golpe no pescoço. Ambos os homens da Montanha o atacavam duramente, com Polliver golpeando a cabeça e os ombros enquanto Cócegas se precipitava para apunhalar as costas e a barriga. O pesado jarro de pedra continuava sobre a mesa. Arya agarrou-o com ambas as mãos, mas no momento em que o erguia alguém a agarrou pelo braço. O jarro escorregou de seus dedos e caiu com estrondo no chão. Obrigada a girar com um empurrão, deu por si à distância de um nariz do escudeiro. *Sua estúpida, esqueceu completamente dele*. Viu que a grande espinha branca tinha estourado.

– É o cachorro do cachorro? – ele tinha a espada na mão direita e o braço dela na esquerda, mas as mãos dela estavam livres, portanto puxou a faca do rapaz de sua bainha e voltou a embainhá-la na barriga, torcendo-a. Ele não usava cota de malha, nem mesmo couro fervido, por isso a faca penetrou facilmente, como a Agulha penetrara quando Arya matou o cavalariço em Porto Real. Os olhos do escudeiro abriram-se muito e ele largou o braço dela. Arya girou na direção da porta e arrancou a faca do Cócegas da parede.

Polliver e Cócegas tinham encostado Cão de Caça em um canto, por trás de um banco, e um deles acrescentara aos seus outros

ferimentos um feio golpe vermelho na coxa superior. Sandor apoiava-se na parede, sangrando e respirando ruidosamente. Parecia quase não conseguir manter-se em pé, quanto mais lutar.

– Jogue a espada fora e levamos você de volta a Harrenhal – disse-lhe Polliver.

– Para que Gregor possa acabar comigo em pessoa?

Cócegas disse:

– Talvez o dê a mim.

– Se me quer, venha me pegar. – Sandor desencostou-se da parede e ficou semiagachado atrás do banco, com a espada cruzada em frente do corpo.

– Acha que não pegamos? – disse Polliver. – Está bêbado.

– Pode ser que sim – disse Cão de Caça –, mas você está morto. – Seu pé projetou-se para a frente e apanhou o banco, atirando-o com força contra as canelas de Polliver. De algum modo, o barbudo conseguiu manter o equilíbrio, mas Cão de Caça abaixou-se sob a sua violenta estocada e lançou a própria espada para cima, num traiçoeiro golpe para trás. Sangue esguichou no teto e nas paredes. A lâmina ficou presa no meio da cara de Polliver, e quando Cão de Caça a soltou com uma sacudida, metade da cabeça do outro veio junto.

Cócegas recuou. Arya conseguia sentir o medo dele. A espada curta que tinha na mão pareceu de repente quase um brinquedo, comparada com a longa lâmina que Cão de Caça empunhava, e além disso não tinha armadura. Moveu-se rapidamente, ligeiro de pés, sem nunca tirar os olhos de Sandor Clegane. Foi a coisa mais simples do mundo para Arya aproximar-se dele por trás e apunhalá-lo.

– Há ouro escondido na aldeia? – gritou enquanto enfiava a lâmina em suas costas. – Há prata? Pedras preciosas? – apunhalou-o mais duas vezes. – Há comida? Onde está Lorde Beric? – então já estava em cima dele, ainda apunhalando-o. – Para onde foi ele? Quantos homens o acompanhavam? Quantos cavaleiros? Quantos arqueiros? Quantos, quantos, quantos, quantos, quantos, quantos? Há *ouro* na aldeia?

Tinha as mãos vermelhas e pegajosas quando Sandor a arrastou de cima dele.

– Basta – foi tudo que disse. Ele mesmo sangrava como um porco na matança e arrastava uma perna ao caminhar.

– Há mais um – relembrou-lhe Arya.

O escudeiro tinha puxado a faca da barriga e estava tentando parar o sangue com as mãos. Quando Cão de Caça o endireitou, o rapaz gritou e desatou a choramingar como um bebê.

– Misericórdia – chorou –, por favor. Não me mate. Mãe, misericórdia.

– Eu pareço-me com a merda da sua mãe? – Cão de Caça não

tinha nada de humano. – Também matou este – disse a Arya. – Furou as tripas, e isso é o fim dele. Mas vai levar muito tempo para morrer.

O rapaz não pareceu ouvi-lo.

– Eu vim por causa das garotas – choramingou. – ... fazer de mim um homem, disse o Polly... oh, deuses, por favor, levem-me a um castelo... um meistre, levem-me a um meistre, o meu pai tem ouro... foi só por causa das garotas... misericórdia, sor.

Cão de Caça deu-lhe uma bofetada no rosto que o fez gritar outra vez.

– Não me chame de sor. – Virou-se novamente para Arya. – Este é seu, loba. Trate dele.

Arya sabia o que ele queria dizer. Dirigiu-se a Polliver e ajoelhou em seu sangue tempo suficiente para lhe desafivelar o cinto da espada. Pendurada junto ao punhal havia uma lâmina mais esguia, longa demais para ser uma adaga, curta demais para ser uma espada de homem... mas ajustava-se perfeitamente à sua mão.

– Lembra-se de onde fica o coração? – perguntou Cão de Caça.

Ela assentiu. O escudeiro rolou os olhos.

– Misericórdia.

A Agulha deslizou entre as suas costelas e deu-lhe misericórdia.

– Ótimo. – A voz de Sandor estava pesada de dor. – Se estes três estavam aqui nas putas, Gregor deve controlar o vau, além de Harrenhal. Podem aparecer mais dos seus animais de estimação a qualquer momento, e já matamos o suficiente desses malditos por um dia.

– Para onde vamos? – perguntou ela.

– Salinas. – Apoiou uma grande mão em seu ombro para evitar cair. – Arranje algum vinho, loba. E leve também o dinheiro que eles tiverem, vamos precisar dele. Se houver navios em Salinas, podemos chegar ao Vale por mar. – A boca torceu-se para ela, enquanto mais sangue escorria de onde tivera a orelha. – Pode ser que a Senhora Lysa a case com o seu pequeno Robert. *Essa* era uma união que eu gostaria de ver. – Começou a rir, mas em vez disso gemeu.

Quando chegou o momento de partir, precisou da ajuda de Arya para voltar a subir no Estranho. Atara uma tira de tecido em volta do pescoço e outra em torno da coxa, e tirara o manto do escudeiro do gancho junto à porta. O manto era verde, com uma flecha verde numa banda branca, mas quando Cão de Caça o enrolou e o comprimiu contra a orelha rapidamente se tornou vermelho. Arya teve receio de que ele caísse no momento em que se puseram em movimento, mas de algum modo ele permaneceu na sela.

Não podiam se arriscar a um encontro com quem quer que controlasse o vau rubi, portanto, em vez de seguirem a estrada do rei, desviaram-se para sudeste, cruzando campos repletos de ervas

daninhas, bosques e pântanos. Passaram-se horas até chegarem à margem do Tridente. Arya viu que o rio tinha voltado docilmente ao seu canal costumeiro, com toda a sua úmida raiva marrom desaparecida com as chuvas. *Ele também está cansado*, pensou.

Perto, à beira da água, encontraram um grupo de salgueiros que cresciam numa confusão de pedras desgastadas. Juntas, as pedras e as árvores formavam uma espécie de forte natural onde podiam se esconder tanto do rio como da trilha.

– Isto aqui serve – disse Cão de Caça. – Dê água aos cavalos e arranje lenha para uma fogueira. – Quando desmontou, teve de se apoiar num galho para não cair.

– A fumaça não será vista?

– Se alguém quiser nos encontrar, só tem de seguir o meu sangue. Água e lenha. Mas traga-me primeiro esse odre de vinho.

Depois de acender a fogueira, Sandor equilibrou o elmo sobre as chamas, despejou lá dentro metade do odre e caiu contra uma saliência de pedra coberta de musgo como se não pretendesse voltar a se levantar. Obrigou Arya a lavar o manto do escudeiro e a cortá-lo em faixas. Estas também foram enfiadas no elmo.

– Se tivesse mais vinho, bebia-o até ficar morto para o mundo. Talvez devesse mandá-la de volta àquela maldita estalagem para trazer mais dois ou três odres.

– Não – disse Arya. *Ele não faria isso, não é? Se fizer, eu simplesmente o abandono e vou embora*.

Sandor riu do medo no rosto dela.

– Uma brincadeira, lobinha. Uma merda duma brincadeira. Ache um pedaço de madeira, mais ou menos deste tamanho e não muito grosso. E lave a lama dele. Detesto o sabor de lama.

Não gostou dos primeiros dois pedaços de madeira que ela lhe trouxe. Quando encontrou um que lhe agradou, as chamas já tinham enegrecido a cabeça de cão até os olhos. Lá dentro, o vinho fervia furiosamente.

– Tire a caneca do meu rolo de dormir e encha-a até metade – disse-lhe. – Tome cuidado. Se virar aquela porcaria, mando-a *mesmo* buscar mais. Pegue o vinho e despeje-o sobre as minhas feridas. Acha que consegue fazer isso? – Arya assentiu. – Então está esperando o quê? – rosnou.

Os nós dos dedos dela roçaram no aço da primeira vez que encheu a caneca, deixando-lhe uma queimadura tão grande que ficou com bolhas. Arya teve de morder o lábio para evitar gritar. Cão de Caça usou o pedaço de madeira para o mesmo fim, prendendo-o entre os dentes enquanto ela despejava o vinho. Arya tratou primeiro do golpe na coxa, e depois da ferida menos profunda na parte de trás do pescoço. Sandor cerrou a mão direita num punho e esmurrou o chão

quando ela tratou de sua perna. Quando foi a vez do pescoço, mordeu o pedaço de madeira com tanta força que este se quebrou, e Arya teve de lhe arranjar outro. Conseguia ver o terror nos olhos de Cão de Caça.

– Vire a cabeça. – Deixou pingar o vinho sobre a rubra carne viva que surgia onde ficava sua orelha, e fios de sangue castanho e vinho tinto escorreram sobre seu maxilar. Então ele gritou *mesmo*, apesar do pau. E depois desmaiou devido às dores.

Arya descobriu o que mais devia fazer sozinha. Pescou do fundo do elmo as faixas que tinham feito com o manto do escudeiro e usou-as para atar os cortes. Quando chegou ao ouvido, teve que envolver metade da cabeça dele para estancar a hemorragia. A essa altura, o ocaso já caía sobre o Tridente. Deixou os cavalos pastar, e então os prendeu para a noite e instalou-se o mais confortavelmente que pôde num nicho entre duas pedras. A fogueira ardeu durante algum tempo e extinguiu-se. Arya observou a lua por entre os ramos, por cima de sua cabeça.

– Sor Gregor, a Montanha – disse em voz baixa. – Dunsen, Raff, o Querido, Sor Ilyn, Sor Meryn, Rainha Cersei. – Deixar de fora Polliver e Cócegas deu-lhe uma sensação estranha. E Joffrey também. Sentia-se contente por ele estar morto, mas gostaria de ter estado lá para vê-lo morrer, ou mesmo para ser ela a matá-lo. *Polliver disse que Sansa o matou, com o Duende*. Poderia isso ser verdade? O Duende era um Lannister, e Sansa... *Gostaria de poder me transformar em lobo e ganhar asas e voar para longe.*

Se Sansa também tinha desaparecido, já não havia Starks além dela. Jon estava na Muralha a mil léguas de distância, mas era um Snow, e aqueles vários tios e tias a quem o Cão de Caça queria vendê-la, esses também não eram Starks. Não eram *lobos*.

Sandor gemeu, e ela rolou sobre o flanco para olhá-lo. Percebeu que também tinha deixado de fora o nome dele. Por que teria feito isso? Tentou pensar em Mycah, mas era difícil lembrar-se de sua aparência. Não o conhecera por muito tempo. *Tudo o que ele fez foi brincar comigo de espada*.

– Cão de Caça – sussurrou, e: – *Valar morghulis*. – Ele talvez estivesse morto de manhã...

Mas quando a pálida luz da aurora chegou, filtrada pelas árvores, foi ele que a acordou com a ponta da bota. Arya sonhara de novo que era um lobo, perseguindo um cavalo sem cavaleiro por uma colina com uma alcateia atrás de si, mas o pé dele trouxe-a de volta exatamente no momento em que se aproximavam para a matança.

Cão de Caça continuava fraco, com todos os movimentos lentos e desajeitados. Afundou-se na sela e desatou a suar, e a orelha começou a sangrar através da atadura. Precisou de todas as suas forças para

evitar cair do Estranho. Se os homens da Montanha tivessem vindo em seu encalço, Arya duvidava que ele fosse capaz sequer de erguer uma espada. Arya deu um olhar de relance por sobre o ombro, mas nada havia atrás deles além de um corvo que voava de árvore em árvore. O único som era o do rio.

Muito antes do meio-dia, Sandor Clegane cambaleava. Ainda restavam horas de luz do dia quando ele decidiu fazer uma parada.

– Preciso descansar – foi tudo o que disse. Daquela vez, quando desmontou, caiu *mesmo*. Em vez de tentar ficar de pé novamente, engatinhou debilmente para baixo de uma árvore e encostou-se no tronco. – Maldito inferno – praguejou. – Maldito inferno. – Quando viu Arya a fitá-lo, disse: – Era capaz de esfolá-la viva por uma taça de vinho, menina.

Em vez disso, Arya trouxe-lhe água. Ele bebeu um pouco, queixou-se de que tinha gosto de lama e deixou-se cair num sono ruidoso e febril. Quando Arya tocou nele, a pele ardia. Arya cheirou as ataduras como o Meistre Luwin fazia às vezes quando lhe tratava os cortes ou arranhões. Foi o rosto de Cão de Caça que tinha sangrado mais, mas foi o ferimento na coxa que pareceu a Arya ter um cheiro esquisito.

Perguntou a si mesma a que distância estaria aquele lugar, Salinas, e se seria capaz de encontrá-lo sozinha. *Não teria de matá-lo. Se apenas fosse embora e o abandonasse, ele morreria sozinho. Morreria de febre, e ficaria ali debaixo daquela árvore até o fim dos tempos*. Mas talvez fosse melhor se o matasse. Matara o escudeiro na estalagem e ele nada tinha feito a não ser agarrar o braço dela. Cão de Caça tinha matado Mycah. *Mycah e mais gente. Aposto que ele matou cem Mycahs*. E provavelmente teria matado Arya também, se não fosse o resgate.

A Agulha cintilou quando a desembainhou. Polliver mantivera-a limpa e afiada, pelo menos. Posicionou o corpo de lado, numa pose de dançarina de água, sem sequer pensar nisso. Folhas mortas estalaram sob os seus pés. *Rápida como uma cobra*, pensou. *Suave como seda de verão*.

Os olhos dele abriram-se.

– Lembra-se de onde fica o coração? – perguntou num sussurro rouco.

E ela ficou imóvel como pedra.

– Eu... eu estava só...

– *Não minta* – rosnou ele. – Odeio mentirosos. E odeio ainda mais embusteiros sem culhões. Vá, trate disso. – Quando Arya não se mexeu, ele disse: – Eu matei o seu filho de açougueiro. Cortei-o quase ao meio e depois ri dele. – Soltou um som estranho, e Arya precisou de um momento para perceber que o homem estava soluçando. – E o passarinho, a sua irmã bonita, fiquei lá com o meu manto branco e

deixei que a espancassem. E *arranquei* a maldita canção dela, ela não me deu. Também queria possuí-la. Devia ter feito isso. Devia tê-la fodido até fazer sangue e devia ter arrancado seu coração antes de deixá-la para aquele anão. – Um espasmo de dor contorceu seu rosto. – Quer me obrigar a suplicar, cadela? *Trate disso!* A dádiva da misericórdia... vingue o seu pequeno Michael...

– Mycah. – Arya afastou-se dele. – Você não merece a dádiva da misericórdia.

Cão de Caça viu Arya selar a Covarde com olhos brilhantes de febre. Nem uma vez tentou erguer-se e impedi-la. Mas quando ela montou, disse:

– Um verdadeiro lobo acabaria com um animal ferido.

Talvez alguns lobos verdadeiros o encontrem, pensou Arya. *Talvez o farejem quando o sol se puser*. Então ficaria sabendo o que os lobos faziam aos cães.

– Não devia ter batido em mim com aquele machado – disse. – Devia ter salvo a minha mãe. – Virou o cavalo e afastou-se dele, e não olhou para trás nem uma vez.

Numa manhã luminosa seis dias depois, chegou a um lugar onde o Tridente começava a se alargar e o ar cheirava mais a sal do que a árvores. Permaneceu perto da água, passando por campos de cultivo e fazendas, e um pouco depois do meio-dia uma vila apareceu na sua frente. *Salinas*, pensou, esperançosa. Um pequeno castelo dominava a vila; não passava de uma fortaleza, na verdade, uma única fortificação quadrada com um cercado e uma muralha exterior. A maior parte das lojas, estalagens e cervejarias em volta do porto tinha sido saqueada ou queimada, embora algumas casas parecessem ainda habitadas. Mas o porto estava lá, e para leste estendia-se a Baía dos Caranguejos, com águas que cintilavam azuis e verdes ao sol.

E havia navios.

Três, pensou Arya, *há três*. Dois eram apenas galés fluviais, barcos de pequeno calado e fundo raso concebidos para percorrer as águas do Tridente. O terceiro era maior, um navio mercante do mar salgado com duas fileiras de remos, uma proa dourada e três grandes mastros com velas roxas dobradas. O casco também estava pintado de roxo. Arya levou a Covarde até as docas para ver melhor. Estranhos não eram tão estranhos num porto como são nas pequenas aldeias, e ninguém pareceu se importar com quem ela era ou com o motivo por que se encontrava ali.

Preciso de prata. A conclusão fez Arya morder o lábio. Tinham encontrado um veado e uma dúzia de cobres em Polliver, oito moedas de prata no escudeiro espinhento que ela tinha matado, e não mais do que um par de moedas na bolsa de Cócegas. Mas Cão de Caça tinha lhe dito para tirar as botas de Cócegas e cortar as roupas ensopadas

em sangue, e ela descobriu um veado em cada pé, e três dragões de ouro cosidos no forro de seu gibão. Mas Sandor tinha ficado com tudo. *Não foi justo. Era tanto meu como dele*. Se lhe tivesse oferecido a dádiva da misericórdia... mas não tinha. E não podia voltar, assim como não podia suplicar ajuda. *Nunca se consegue ajuda suplicando-a*. Teria de vender a Covarde e esperar conseguir dinheiro suficiente.

Ficou sabendo por um rapaz junto às docas que o estábulo tinha sido queimado, mas a ex-proprietária do lugar continuava fazendo negócio atrás do septo. Arya encontrou-a sem dificuldade; uma mulher alta e robusta com um bom cheiro de cavalo. Gostou da Covarde à primeira vista, perguntou a Arya como a arranjara, e sorriu com a resposta dela.

– É um cavalo de boa linhagem, isso é bem evidente, e não duvido que pertenceu a um cavaleiro, querida – disse. – Mas o cavaleiro não era nenhum irmão seu que morreu. Já faço negócio ali com o castelo há muitos anos, e sei como se parecem os fidalgos. Esta égua é bem-nascida, mas você não é. – Espetou um dedo no peito de Arya. – Ou a encontrou, ou a roubou, não importa, foi o que foi. É a única maneira de uma coisinha malvestida como você acabar montada num palafrém.

Arya mordeu o lábio.

– Isso quer dizer que não vai comprá-la?

A mulher soltou um risinho.

– Quer dizer que aceitará o que eu lhe der, querida. Senão vamos ao castelo, e talvez fique sem nada. Ou até acabe enforcada, por roubar um bom cavalo de cavaleiro.

Meia dúzia de outras pessoas de Salinas andavam por ali, cuidando de seus assuntos, portanto Arya sabia que não podia matar a mulher. Em vez disso teve de morder o lábio e se deixar ser tapeada. A bolsa que recebeu era deploravelmente achatada, e quando pediu mais pela sela, freios e manta, a mulher apenas riu na sua cara.

Ela nunca teria tapeado o Cão de Caça, pensou durante a longa caminhada de volta às docas. A distância parecia ter aumentado quilômetros desde que a percorrera a cavalo.

A galé roxa ainda se encontrava no mesmo lugar. Se o navio tivesse zarpado enquanto estava sendo assaltada, isso teria sido demais para suportar. Um barril de hidromel estava sendo rolado pela prancha acima quando chegou. Quando tentou segui-lo, um marinheiro no convés gritou-lhe numa língua que não conhecia.

– Quero falar com o capitão – disse-lhe Arya. Ele limitou-se a gritar mais alto. Mas a agitação atraiu a atenção de um homem robusto e grisalho vestido com um casaco de lã roxa, e ele falava o Idioma Comum.

– Eu sou o capitão aqui – disse ele. – O que deseja? Rápido,

pequena, temos de apanhar a maré.

– Quero ir para o norte, para a Muralha. Olhe, posso pagar. – Deu-lhe a bolsa. – A Patrulha da Noite tem um castelo junto ao mar.

– Atalaialeste. – O capitão despejou a prata na palma da mão e franziu a testa. – Isto é tudo que tem?

Não é suficiente, compreendeu Arya sem que lhe dissessem. Conseguia ver no rosto do homem.

– Não ia precisar de uma cabine, nem nada disso – disse. – Eu poderia dormir no porão, ou...

– Aceite-a como moça de cabine – disse um remador que passava por ali, com um fardo de lã ao ombro. – Ela pode dormir comigo.

– Tento na língua – exclamou o capitão.

– Eu poderia trabalhar – disse Arya. – Poderia esfregar os conveses. Eu já esfreguei os degraus de um castelo. Ou poderia remar...

– Não – disse ele –, não poderia. – Devolveu-lhe as moedas. – E não faria diferença se pudesse, pequena. O norte não tem nada para nós. Gelo, guerra e piratas. Vimos uma dúzia de navios piratas rumando para o norte quando viramos a Ponta da Garra Rachada, e não tenho nenhuma vontade de voltar a encontrá-los. Daqui, apontamos os remos para casa, e eu sugiro que você faça a mesma coisa.

Não tenho casa, pensou Arya. *Não tenho alcateia. E agora nem sequer tenho um cavalo*.

O capitão estava se virando quando ela disse:

– Que navio é este, senhor?

Ele parou tempo suficiente para lhe conceder um sorriso cansado.

– Esta é a galeota *Filha do Titã*, da Cidade Livre de Bravos.

– Espere – disse subitamente Arya. – Tenho mais uma coisa. – Enfiara-a na roupa de baixo para mantê-la em segurança, por isso teve de procurar bem fundo para achá-la, enquanto os remadores riam e o capitão esperava com óbvia impaciência.

– Mais uma moeda de prata não fará diferença, pequena – disse por fim.

– Não é prata. – Seus dedos fecharam-se sobre ela. – É ferro. Tome. – Enfiou-a na mão dele, a pequena moeda negra de ferro que Jaqen H'ghar lhe dera, tão gasta que o homem cuja cabeça mostrava não tinha feições. *Provavelmente não tem nenhum valor, mas...*

O capitão virou-a, pestanejou, e então voltou a olhá-la.

– Isto... como...?

Jaqen disse para pronunciar as palavras também. Arya cruzou os braços contra o peito.

– *Valar morghulis* – disse, tão alto como se soubesse o que aquilo queria dizer.

– *Valar dohaeris* – respondeu o homem, tocando a testa com dois dedos. – É *claro* que terá uma cabine.

–E le suga com mais força do que o meu. – Goiva afagou a cabeça do bebê enquanto o segurava junto do mamilo.

– Tem fome – disse a loura chamada Val, aquela que os irmãos negros chamavam de princesa selvagem. – Viveu até agora de leite de cabra e das poções daquele meistre cego.

O rapaz ainda não tinha nome, tal como o de Goiva. Era esse o costume dos selvagens. Nem mesmo o filho de Mance Rayder teria um nome até o seu terceiro ano, aparentemente, embora Sam tivesse ouvido os irmãos chamarem-no de "principezinho" e "nascido-em-batalha".

Observou a criança se alimentar do seio de Goiva e então observou Jon observando. *Jon está sorrindo*. Um sorriso triste, ainda, mas decididamente uma espécie de sorriso. Sam sentiu-se contente por ver isso. *É a primeira vez que o vejo sorrir desde que voltei*.

Tinham caminhado de Fortenoite até Lago Profundo, e de Lago Profundo até Portão da Rainha, seguindo uma estreita trilha de um castelo até o seguinte, sem nunca perder de vista a Muralha. A um dia e meio de Castelo Negro, enquanto caminhavam penosamente com pés cobertos de calos, Goiva ouviu cavalos atrás deles e virou-se para ver uma coluna de cavaleiros negros que vinha de oeste.

– Irmãos meus – Sam tinha assegurado. – Ninguém usa esta estrada a não ser a Patrulha da Noite. – No fim era Sor Denys Mallister da Torre Sombria, com o ferido Bowen Marsh e os sobreviventes da batalha na Ponte das Caveiras. Quando Sam viu Dywen, Gigante e Edd Doloroso Tollett, descontrolou-se e chorou.

Foi através deles que ficou sabendo da batalha à sombra da Muralha.

– Stannis desembarcou os seus cavaleiros em Atalaialeste, e Cotter Pyke levou-os pelos caminhos dos patrulheiros, para apanhar os selvagens desprevenidos – contou-lhe o Gigante. – Esmagou-os. Mance Rayder foi capturado, mil de seus melhores guerreiros foram mortos, incluindo Harma Cabeça de Cão. O resto dispersou-se como folhas antes de uma tempestade, segundo ouvimos dizer. – *Os deuses são bons*, pensou Sam. Se não tivesse se perdido enquanto se dirigia para o sul vindo da Fortaleza de Craster, ele e Goiva podiam ter esbarrado com a batalha... ou com o acampamento de Mance Rayder, pelo menos. Isso poderia ter sido bom para Goiva e o menino, mas não para ele. Sam tinha ouvido todas as histórias sobre aquilo que os selvagens faziam com corvos capturados. Estremeceu.

Mas nada do que os irmãos lhe tinham dito o preparara para o que foi encontrar em Castelo Negro. A sala comum tinha queimado até

o chão e a grande escada de madeira era um monte de gelo partido e vigas carbonizadas. Donal Noye estava morto, bem como Rast, Dick Surdo, Alyn Vermelho e tantos outros, e no entanto o castelo tinha mais gente do que Sam alguma vez vira; não eram irmãos negros, mas soldados do rei, mais de mil homens. Havia um rei na Torre do Rei pela primeira vez desde que havia memória, e flutuavam estandartes na Lança, na Torre de Hardin, na Fortaleza Cinzenta, no Salão dos Escudos e em outros edifícios que tinham se mantido vazios e abandonados durante longos anos.

– O grande, o dourado com o veado preto, é o estandarte real da Casa Baratheon – disse Sam para Goiva, que nunca antes tinha visto bandeiras. – A raposa com as flores são da Casa Florent. A tartaruga é de Estermont, o peixe-espada é de Bar Emmon e as trombetas cruzadas pertencem aos Wensington.

– São todos brilhantes como flores. – Goiva apontou. – Gosto daqueles amarelos, com o fogo. Olhe, e alguns dos guerreiros têm a mesma coisa nas blusas.

– Um coração flamejante. Não sei de quem é esse símbolo.

Descobriu bastante depressa.

– Homens da rainha – disse-lhe Pyp (depois de soltar um grito e berrar "Fujam e barrem as portas, rapazes, é Sam, o Matador, que voltou da sepultura", enquanto Grenn abraçava Sam com tanta força que este achou que suas costelas iam quebrar) –, mas é melhor que não ande por aí perguntando onde está a rainha. Stannis deixou-a em Atalaialeste, com a filha e a frota. Não trouxe mulher nenhuma além da vermelha.

– A vermelha? – perguntou Sam, com incerteza.

– Melisandre de Asshai – disse Grenn. – A feiticeira do rei. Dizem que queimou um homem vivo em Pedra do Dragão para que Stannis tivesse ventos favoráveis para a sua viagem ao norte. E também cavalgou a seu lado na batalha e deu-lhe a espada mágica. Chamam de Luminífera. Espere até vê-la. Brilha como se tivesse um pedaço do sol lá dentro. – Voltou a olhar para Sam e deu um grande, desamparado e estúpido sorriso. – Ainda não consigo acreditar que está aqui.

Jon Snow também tinha sorrido ao vê-lo, mas foi um sorriso cansado, como aquele que mostrava agora.

– Afinal conseguiu voltar – disse. – E também trouxe Goiva. Bom trabalho, Sam.

O próprio Jon havia feito mais do que um bom trabalho, pelo que Grenn contara. Mas nem mesmo a captura do Berrante do Inverno e de um príncipe selvagem eram o bastante para Sor Alliser Thorne e os amigos, que continuavam a chamá-lo de vira-casaca. Embora Meistre Aemon dissesse que o seu ferimento estava sarando bem, Jon tinha

outras cicatrizes, mais profundas do que aquelas que lhe rodeavam o olho. *Ele chora por sua garota selvagem e pelos irmãos.*

– É estranho – disse ele a Sam. – Craster não tinha nenhuma amizade por Mance, nem Mance por Craster, mas agora a filha de Craster está alimentando o filho de Mance.

– Eu tenho leite – disse Goiva, com uma voz suave e acanhada. – O meu só tira um pouco. Não é tão insaciável como este.

A selvagem chamada Val virou-se para eles.

– Ouvi os homens da rainha dizer que a mulher vermelha quer oferecer Mance ao fogo, assim que ele estiver suficientemente forte.

Jon lançou-lhe um olhar fatigado.

– Mance é um desertor da Patrulha da Noite. A pena por esse crime é a morte. Se tivesse sido a Patrulha a capturá-lo, já teria sido enforcado, mas é prisioneiro do rei, e ninguém além da mulher vermelha sabe o que o rei tem na cabeça.

– Quero vê-lo – disse Val. – Quero mostrar-lhe o filho. Ele merece isso antes que o matem.

Sam tentou explicar.

– Ninguém está autorizado a vê-lo exceto o Meistre Aemon, senhora.

– Se estivesse nas minhas mãos, Mance poderia pegar o filho no colo. – O sorriso de Jon desapareceu. – Lamento, Val. – Virou-lhe as costas. – Sam e eu temos que regressar aos deveres. Bem, Sam tem, pelo menos. Perguntaremos se pode visitar Mance. É tudo que posso prometer.

Sam ficou tempo suficiente para dar um apertão na mão de Goiva e prometer voltar depois do jantar. Depois correu atrás de Jon. Havia guardas à porta, homens da rainha com lanças. Jon já estava no meio da escada, mas esperou quando ouviu Sam bufando atrás de si.

– É mais do que amigo de Goiva, não é?

Sam enrubesceu.

– Goiva é boa. É boa e gentil. – Estava feliz por seu longo pesadelo ter terminado, feliz por estar de volta aos seus irmãos em Castelo Negro... mas certas noites, sozinho na cela, pensava no calor de Goiva quando se enrolavam sob as peles com o bebê entre ambos. – Ela... ela tornou-me mais corajoso, Jon. Não *corajoso*, mas... mais corajoso.

– Sabe que não pode ficar com ela – disse Jon com gentileza –, assim como eu não podia ficar com Ygritte. Proferiu as palavras, Sam, assim como eu. Assim como todos nós.

– Eu sei. Goiva disse que seria uma esposa para mim, mas... eu contei-lhe a respeito das palavras e do que elas significavam. Não sei se isso a deixou triste ou feliz, mas contei. – Engoliu nervosamente e disse: – Jon, pode haver honra numa mentira, se for dita com... boa

intenção?

– Suponho que isso dependa da mentira e da intenção. – Jon olhou para Sam. – Eu não o aconselharia. Não foi feito para mentir, Sam. Você cora, guincha e gagueja.

– É verdade – disse Sam –, mas podia mentir numa carta. Sou melhor com uma pena na mão. Tive uma... uma ideia. Quando as coisas estiverem mais estabelecidas por aqui, pensei que talvez a melhor coisa para Goiva... pensei que podia enviá-la para Monte Chifre. Para junto de minha mãe e irmãs e... e p-p-pai. Se a Goiva dissesse que o bebê era m-meu... – Estava de novo corando. – A minha mãe quereria ficar com ele, eu sei. Arranjaria algum lugar para Goiva, alguma espécie de serviço, não seria tão duro como servir Craster. E Lorde R-Randyll, ele... ele nunca *diria* isso, mas poderia ficar satisfeito se acreditasse que eu tinha feito um bastardo numa garota selvagem qualquer. Pelo menos provaria que sou homem suficiente para dormir com uma mulher e gerar um filho. Ele disse-me uma vez que eu iria morrer virgem, que nenhuma mulher jamais... você sabe... Jon, se eu fizesse isso, se escrevesse essa mentira... isso seria uma coisa boa? A vida que o garoto teria...

– Crescendo como bastardo no castelo do avô? – Jon encolheu os ombros. – Isso depende em grande medida de seu pai, e do tipo de garoto que este é. Se for como você...

– Não será. Seu verdadeiro pai é Craster. Você o viu, ele era duro como um velho toco de árvore, e Goiva é mais forte do que parece.

– Se o rapaz mostrar alguma habilidade com a espada ou a lança, deve ter pelo menos um lugar na guarda doméstica de seu pai – disse Jon. – Não é inédito que bastardos sejam treinados como escudeiros e elevados à condição de cavaleiros. Mas é melhor que tenha certeza de que Goiva consegue jogar esse jogo de forma convincente. Por aquilo que me disse de Lorde Randyll, duvido que aceite bem ser enganado.

Mais guardas estavam colocados nos degraus fora da torre. Aqueles eram homens do rei, porém; Sam rapidamente tinha aprendido a diferença. Os homens do rei eram tão terrenos e ímpios como quaisquer outros soldados, mas os da rainha eram fervorosos na sua devoção a Melisandre de Asshai e ao seu Senhor da Luz.

– Vai para o pátio de treinos outra vez? – perguntou Sam quando atravessaram o pátio. – Será sensato treinar tanto antes que a perna acabe de sarar?

Jon encolheu os ombros.

– O que mais posso fazer? Marsh afastou-me de meus deveres, com receio de que eu ainda seja um vira-casaca.

– São poucos os que acreditam nisso – garantiu-lhe Sam. – Sor Alliser e os amigos. A maior parte dos irmãos sabe que não é verdade. O Rei Stannis também sabe, aposto. Trouxe-lhe o Berrante do Inverno

e capturou o filho de Mance Rayder.

– Tudo que fiz foi proteger Val e o bebê contra saqueadores quando os selvagens fugiram, e mantê-los lá até que os patrulheiros nos encontrassem. Não *capturei* ninguém. O Rei Stannis mantém bem os seus homens na mão, isso é evidente. Deixa-os saquear um pouco, mas só ouvi falar de três selvagens estupradas, e os homens que o fizeram foram todos castrados. Suponho que devia ter matado o povo livre enquanto fugia. Sor Allister tem andado dizendo por aí que a única vez que desembainhei a espada foi para defender os nossos inimigos. Diz que não matei Mance Rayder porque estava aliado a ele.

– Isso é só o Sor Alliser – disse Sam. – Todo mundo sabe que tipo de homem ele é. – Com seu nobre nascimento, seu grau de cavaleiro e os muitos anos passados na Patrulha, Sor Alliser Thorne podia ter sido um forte pretendente ao título de Senhor Comandante, mas quase todos os homens que treinara durante seus anos como mestre de armas o desprezavam. Seu nome havia sido sugerido, claro, mas depois de ter acabado num fraco sexto lugar após o primeiro dia e de ter *perdido* votos no segundo, Thorne retirou-se em apoio ao Lorde Janos Slynt.

– O que todo mundo sabe é que Sor Alliser é um cavaleiro de nobre linhagem, e legítimo, enquanto eu sou o bastardo que matou Qhorin Meia-Mão e dormiu com uma esposa de lanças. Ouvi-os chamarem-me de *warg*. Como posso ser *warg* sem um lobo, pergunto? – sua boca torceu-se. – Já nem sequer sonho com o Fantasma. Todos os meus sonhos são sobre as criptas, sobre os reis de pedra em seus tronos. Às vezes ouço a voz de Robb e a do meu pai como se estivessem num banquete. Mas há uma parede entre nós, e sei que não foi posto nenhum lugar para mim.

Os vivos não têm lugar nos banquetes dos mortos. Despedaçou o coração de Sam manter então o silêncio. *Bran não está morto, Jon*, quis dizer. *Está com amigos, e vão para o norte num alce gigante à procura de um corvo de três olhos nas profundezas da floresta assombrada*. Aquilo parecia uma loucura tão grande que às vezes Sam Tarly pensava que devia ter sonhado, que teria imaginado toda a história por causa da febre, do medo e da fome... mas teria contado mesmo assim, se não tivesse dado sua palavra.

Três vezes jurara manter o segredo; uma ao próprio Bran, outra àquele estranho rapaz, Jojen Reed, e por fim a Mãos-Frias.

"O mundo acredita que o garoto está morto", tinha dito o seu salvador quando partiu. "Que os seus ossos não sejam perturbados. Não queremos ninguém no nosso encalço. Jure, Samwell da Patrulha da Noite. Jure pela vida que me deve."

Infeliz, Sam mudou o peso de uma perna para a outra e disse:

– Lorde Janos nunca será escolhido Senhor Comandante. – Era o

melhor conforto que podia dar a Jon, o único conforto. – Isso não acontecerá.

– Sam, você é um tolo de bom coração. Abra os olhos. Está acontecendo há dias. – Jon tirou os cabelos dos olhos e disse: – Eu posso não saber nada, mas sei isso. Agora peço que me dê licença, tenho de bater minha espada em qualquer coisa com muita força.

Nada havia que Sam pudesse fazer, exceto ver Jon caminhar a passos largos na direção do arsenal e do pátio de treinos. Era ali que Jon Snow passava a maior parte das horas em que não dormia. Com Sor Endrew morto e Sor Alliser desinteressado, Castelo Negro não tinha mestre de armas, por isso Jon encarregara-se de trabalhar com os recrutas mais verdes; Cetim, Cavalo, Robin Saltitão com sua perna de pau, Arron e Emrick. E quando eles tinham deveres a cumprir, treinava sozinho durante horas com espada, escudo e lança, ou defrontava qualquer um que quisesse lutar com ele.

Sam, você é um tolo de bom coração, conseguiu ouvir Jon dizendo ao longo de todo o caminho de volta à torre do meistre. *Abra os olhos. Está acontecendo há dias*. Poderia ele ter razão? Um homem precisava dos votos de dois terços dos Irmãos Juramentados para se tornar Senhor Comandante da Patrulha da Noite, e após nove dias e nove votações ninguém estava sequer perto disso. Lorde Janos andava ganhando votos, era verdade, ultrapassando Bowen Marsh e depois Othell Yarwyck, mas ainda estava bem atrás de Sor Denys Mallister da Torre Sombria e de Cotter Pyke de Atalaialeste-do-Mar. *Um deles será o novo Senhor Comandante, com certeza*, disse Sam a si mesmo.

Stannis também tinha colocado guardas à porta do meistre. Lá dentro, os aposentos estavam quentes e cheios com os feridos da batalha; irmãos negros, homens do rei e homens da rainha. Clydas andava de um lado para o outro entre eles, com jarros de leite de cabra e de vinho dos sonhos, mas o Meistre Aemon ainda não havia retornado de sua visita matinal a Mance Rayder. Sam pendurou o manto num gancho e foi ajudar. Mas mesmo enquanto ia buscar coisas, servir leite ou vinho e trocar ataduras, as palavras de Jon continuaram a importuná-lo. *Sam, você é um tolo de bom coração. Abra os olhos. Está acontecendo há dias.*

Passou-se uma boa hora até que conseguisse retirar-se para ir alimentar os corvos. Na subida até a colônia, parou para verificar o registro que fizera da contagem da noite anterior. No início da votação, mais de trinta nomes tinham sido sugeridos, mas a maior parte foi retirada assim que se tornou claro que não tinham chance de ganhar. Depois da noite passada, restavam sete. Sor Denys Mallister reunira duzentos e treze penhores, Cotter Pyke, cento e oitenta e sete, Lorde Slynt, setenta e quatro, Othell Yarwyck, sessenta, Bowen Marsh, quarenta e nove, Hobb Três-Dedos, cinco, e Edd Doloroso Tollett, um.

Pyp e suas estúpidas brincadeiras. Sam verificou as contagens anteriores. Sor Denys, Cotter Pyke e Bowen Marsh vinham todos perdendo votos desde o terceiro dia e Othell Yarwyck, desde o sexto. Só Lorde Janos Slynt subia, dia após dia após dia.

Ouvia as aves crocitando na colônia, por isso guardou os papéis e subiu os degraus para ir alimentá-las. Viu com prazer que mais três corvos tinham chegado. "*Snow*", gritaram-lhe. "*Snow, snow, snow.*" Foi ele que lhes ensinou aquilo. Mesmo com os recém-chegados, a colônia parecia tristemente vazia. Poucas das aves que Aemon enviara tinham voltado até agora. *Mas uma chegou a Stannis. Uma encontrou Pedra do Dragão, e um rei que ainda se importava*. Sam sabia que, mil léguas para o sul, o pai tinha juntado a Casa Tarly à causa do rapaz no Trono de Ferro, mas nem o Rei Joffrey nem o pequeno Rei Tommen tinham feito alguma coisa quando a Patrulha gritou por ajuda. *De que serve um rei que não quer defender o seu reino?*, pensou, irritado, recordando a noite no Punho dos Primeiros Homens e a terrível viagem até a Fortaleza de Craster através da escuridão, do medo e das nevascas. Os homens da rainha deixavam-no inquieto, era verdade, mas pelo menos tinham *vindo*.

Nessa noite, durante o jantar, Sam procurou por Jon Snow, mas não o viu em lugar nenhum, na cavernosa adega de pedra onde agora os irmãos faziam as refeições. Por fim, ocupou um lugar no banco, junto de seus outros amigos. Pyp estava falando ao Edd Doloroso do concurso que tinham feito para ver qual dos soldados de palha juntaria mais flechas dos selvagens.

– Você esteve à frente a maior parte do tempo, mas Watt de Lago Longo levou três no último dia e ultrapassou você.

– Nunca ganho nada – lamentou-se Edd Doloroso. – Mas os deuses sempre sorriram ao Watt. Quando os selvagens o derrubaram da Ponte das Caveiras, de algum modo conseguiu aterrissar numa boa e funda lagoa cheia de água. Quanta sorte, não acertar em nenhuma daquelas pedras.

– A queda foi longa? – Grenn quis saber. – Cair na lagoa salvou a vida dele?

– Não – disse Edd Doloroso. – Já estava morto, da machadada que levou na cabeça. Mesmo assim, foi bastante sorte não ter batido nas pedras.

Hobb Três-Dedos tinha prometido aos irmãos quadril de mamute assado para aquela noite, talvez na esperança de mendigar mais alguns votos. *Se era essa a sua ideia, devia ter arranjado um mamute mais novo*, pensou Sam, enquanto tirava um fio de cartilagem de entre os dentes. Suspirando, afastou a comida.

Haveria outra votação em breve, e a tensão no ar era mais densa do que a fumaça. Cotter Pyke estava sentado junto ao fogo, rodeado

de patrulheiros de Atalaialeste. Sor Denys Mallister encontrava-se perto da porta com um grupo menor de homens da Torre Sombria. *Janos Slynt tem o melhor lugar*, percebeu Sam, *a meio caminho entre as chamas e as correntes de ar*. Sentiu-se alarmado por ver Bowen Marsh a seu lado, pálido e acabado, com a cabeça ainda envolta em linho, mas escutando tudo o que Lorde Janos tinha a dizer. Quando mostrou isso aos amigos, Pyp disse:

– E olhe ali, é Sor Allister aos segredos com Othell Yarwyck.

Após a refeição, Meistre Aemon levantou-se para perguntar se algum dos irmãos desejava falar antes de depositarem os seus penhores. Edd Doloroso levantou-se, com o rosto de pedra e sombrio de sempre.

– Só quero dizer a quem quer que esteja votando em mim que com certeza daria um horrível Senhor Comandante. Mas estes outros também. – Foi seguido por Bowen Marsh, que se ergueu com uma mão no ombro de Lorde Slynt.

– Irmãos e amigos, peço que meu nome seja retirado desta escolha. O ferimento ainda me causa problemas e temo que a tarefa seja grande demais para mim... mas não para Lorde Janos aqui, que comandou os homens de manto dourado em Porto Real durante muitos anos. Vamos todos lhe dar o nosso apoio.

Sam ouviu resmungos irritados vindos do canto da sala onde estava Cotter Pyke, e Sor Denys olhou para um de seus companheiros e sacudiu a cabeça. *É tarde demais, o estrago está feito*. Perguntou a si mesmo onde Jon estaria, e por que motivo havia se mantido afastado.

A maior parte dos irmãos era iletrada, portanto segundo a tradição a escolha era feita depositando penhores em um grande caldeirão de ferro de fundo redondo que Hobb Três-Dedos e Owen Idiota tinham arrastado das cozinhas. Os barris de penhores estavam em um canto, atrás de uma pesada cortina, de modo que os votantes pudessem fazer sua escolha sem serem vistos. Era permitido pedir a um amigo para votar em seu nome, caso houvesse deveres a cumprir, então alguns homens tiravam dois, três ou quatro penhores, e Sor Denys e Cotter Pyke votavam pelas guarnições que tinham deixado para trás.

Quando finalmente o salão ficou vazio além deles, Sam e Clydas viraram o caldeirão de pernas para o ar na frente de Meistre Aemon. Uma cascata de conchas, pedras e moedas de cobre cobriu a mesa. As mãos enrugadas de Aemon ordenaram-nas com surpreendente rapidez, movendo as conchas para cá, as pedras para lá, as moedas para um lado, e a ocasional ponta de lança, prego e bolota para os montinhos respectivos. Sam e Clydas contaram as pilhas, mantendo cada um o seu registro.

Naquela noite era a vez de Sam dizer primeiro os resultados.

– Duzentos e três para Sor Denys Mallister – disse. – Cento e sessenta e nove para Cotter Pyke. Cento e trinta e sete para Lorde Janos Slynt, setenta e dois para Othell Yarwyck, cinco para Hobb Três-Dedos, e dois para Edd Doloroso.

– Eu tinha cento e sessenta e oito para Pyke – disse Clydas. – Temos dois votos a menos, pela minha contagem, e um pela de Sam.

– A contagem de Sam está correta – disse Meistre Aemon. – Jon Snow não votou. Não importa. Ninguém está perto.

Sam estava mais aliviado do que desapontado. Até com o apoio de Bowen Marsh, Lorde Janos ainda era apenas terceiro.

– Quem são estes cinco que continuam votando no Hobb Três-Dedos? – perguntou a ninguém em especial.

– Irmãos que o querem fora das cozinhas? – disse Clydas.

– Sor Denys caiu dez votos desde ontem – apontou Sam. – E Cotter Pyke caiu quase vinte. Isso não é bom.

– Não é bom para suas esperanças de se tornarem Senhor Comandante, com certeza – disse Meistre Aemon. – Mas no fim das contas pode ser bom para a Patrulha da Noite. Não cabe a nós decidir. Dez dias não é um tempo excessivo. Certa vez, houve uma escolha que durou quase dois anos, umas setecentas votações. Os irmãos chegarão a uma decisão a seu tempo.

Sim, pensou Sam, *mas que decisão?*

Mais tarde, sobre taças de vinho aguado na privacidade da cela de Pyp, a língua de Sam soltou-se e deu por si pensando em voz alta.

– Cotter Pyke e Sor Denys Mallister vêm perdendo terreno, mas entre eles ainda têm quase dois terços – disse a Pyp e a Grenn. – Qualquer um dos dois poderia ser um bom Senhor Comandante. Alguém tem de convencer um deles a se retirar e a apoiar o outro.

– Alguém? – disse Grenn em tom de dúvida. – Que alguém?

– Grenn é tão burro que acha que *alguém* podia ser ele – disse Pyp. – Talvez quando alguém acabar de tratar de Pyke e Mallister, devesse convencer também o Rei Stannis a se casar com a Rainha Cersei.

– O Rei Stannis já é casado – objetou Grenn.

– O que vou fazer com ele, Sam? – suspirou Pyp.

– Cotter Pyke e Sor Denys não gostam muito um do outro – argumentou obstinadamente Grenn. – Discutem sobre *tudo*.

– Sim, mas só porque têm ideias diferentes sobre o que é melhor para a Patrulha – disse Sam. – Se nós explicássemos...

– *Nós?* – disse Pyp. – Como foi que *alguém* se transformou em *nós*? Eu sou o macaco do saltimbanco, lembra? E Grenn é, bem, *Grenn*. – Sorriu a Sam e abanou as orelhas. – Agora, você... você é filho de um lorde e intendente do meistre...

– E Sam, o Matador – disse Grenn. – Matou um Outro.

– Foi o *vidro de dragão* que o matou – disse-lhe Sam pela centésima vez.

– Filho de um lorde, intendente do meistre e Sam, o Matador – meditou Pyp. – *Você* poderia falar com eles, talvez...

– Poderia – disse Sam, soando tão pessimista quanto Edd Doloroso –, se não fosse covarde demais para encará-los.

Jon

Jon rodeou Cetim lentamente, de espada na mão, obrigando-o a se virar.

– Levante o escudo – disse.

– É pesado demais – reclamou o rapaz de Vilavelha.

– Tem o peso que precisa ter para parar uma espada – disse Jon. – E agora levante-o. – Deu um passo para a frente, golpeando. Cetim ergueu o escudo a tempo de apanhar a espada na borda e brandiu a sua lâmina contra as costelas de Jon. – Boa – disse Jon, quando sentiu o impacto em seu escudo. – Isso foi bom. Mas tem de colocar o corpo no movimento. Ponha o seu peso no aço e conseguirá fazer mais estragos do que apenas com a força do braço. Vá, tente outra vez, ataque-me, mas mantenha o escudo levantado, senão faço sua cabeça ressoar como se fosse um sino...

Em vez disso, Cetim deu um passo para trás e levantou a viseira.

– Jon – disse, numa voz ansiosa.

Quando se virou, ela estava em pé atrás dele, rodeada de meia dúzia de homens da rainha. *Pouco admira que o pátio tenha ficado tão silencioso*. Tinha visto Melisandre nas fogueiras noturnas, e nas idas e vindas pelo castelo, mas nunca tão de perto. *É bela*, pensou... mas havia algo mais do que um pouco perturbador em seus olhos vermelhos.

– Senhora.

– O rei deseja falar com você, Jon Snow.

Jon espetou a espada de treino no solo.

– Talvez me possa ser permitido que troque de roupa? Não estou em estado digno de comparecer perante um rei.

– Esperaremos no topo da Muralha – disse Melisandre. *Nós*, ouviu Jon, *e não ele. É como dizem. Esta é que é a sua verdadeira rainha, e não aquela que deixou em Atalaialeste.*

Pendurou a cota de malha e a armadura no arsenal, regressou à sua cela, livrou-se das roupas manchadas de suor e vestiu um conjunto limpo de vestes negras. Sabia que faria frio e ventaria na gaiola, e seria ainda mais frio e ventaria mais no topo do gelo, por isso escolheu um pesado manto com capuz. Por último recolheu a Garralonga e atou a espada bastarda às costas.

Melisandre esperava-o na base da Muralha. Mandara embora os homens da rainha.

– O que Sua Graça quer de mim? – perguntou-lhe quando entraram na gaiola.

– Tudo o que tiver para dar, Jon Snow. Ele é um rei.

Jon fechou a porta e puxou a corda do sino. O guincho começou a

girar. Subiram. O dia estava luminoso e a Muralha chorava, com longos dedos de água escorrendo por sua superfície e cintilando ao sol. No apertado confinamento da gaiola de ferro, sentia-se vivamente consciente da presença da mulher vermelha. *Até cheira a vermelho*. O odor lembrou-lhe a forja de Mikken, o modo como o ferro cheirava quando incandescente; o odor era fumaça e sangue. *Beijada pelo fogo*, pensou, recordando Ygritte. O vento penetrou no interior das longas vestes vermelhas de Melisandre e fez com que batessem contra as pernas de Jon, a seu lado.

– Não sente frio, senhora? – perguntou-lhe.

Ela riu.

– Nunca. – O rubi na garganta parecia pulsar, em uníssono com o bater de seu coração. – O fogo do Senhor vive dentro de mim, Jon Snow. Sinta-o. – Pôs a mão no rosto dele, e manteve-a ali enquanto ele sentia como ela estava quente. – É esta a sensação que a vida deve ter – disse-lhe ela. – Só a morte é fria.

Foram encontrar Stannis Baratheon em pé, sozinho, na borda da Muralha, pensativo, virado para o campo onde tinha vencido a sua batalha e a grande floresta verde que se estendia à frente. Estava vestido com os mesmos calções, túnica e botas negras que um homem da Patrulha da Noite usaria. Só o seu manto o distinguia: um pesado manto dourado forrado de peles negras, e preso com um broche com a forma de um coração flamejante.

– Trouxe-lhe o Bastardo de Winterfell, Vossa Graça – disse Melisandre.

Stannis virou-se para estudá-lo. Sob a sua pesada testa havia olhos que eram como lagoas azuis sem fundo. Seu rosto encovado e o forte maxilar estavam cobertos com uma barba negro-azulada cortada curta e que pouco fazia para esconder a magreza de seu rosto, e o maxilar estava tenso. O pescoço e os ombros também estavam tensos, assim como a mão direita. Jon deu por si lembrando-se de uma coisa que Donal Noye havia dito um dia sobre os irmãos Baratheon. *Robert era o verdadeiro aço. Stannis é puro ferro, negro, duro e forte, mas quebradiço, como o ferro se torna. Quebrará antes de se dobrar*. Inquieto, ajoelhou, perguntando a si mesmo por que teria aquele rei quebradiço necessidade de si.

– Levante-se. Ouvi muitas coisas e mais ainda acerca de você, Lorde Snow.

– Não sou um lorde, senhor. – Jon levantou-se. – Sei o que ouviu dizer. Que sou um vira-casaca e um covarde. Que matei o meu irmão Qhorin Meia-Mão para que os selvagens me poupassem a vida. Que acompanhei Mance Rayder e tomei uma selvagem como esposa.

– Sim. Tudo isso e mais. Também é um *warg*, dizem eles, um troca-peles que de noite caminha como lobo. – O Rei Stannis tinha um

sorriso duro. – Quanto disso é verdade?

– Eu tinha um lobo gigante, o Fantasma. Abandonei-o quando escalei a Muralha perto de Guardagris, e não voltei a vê-lo desde então. Qhorin Meia-Mão ordenou-me que me juntasse aos selvagens. Ele sabia que me obrigariam a matá-lo para provar a minha deserção, e disse-me para fazer tudo o que me pedissem. A mulher chamava-se Ygritte. Quebrei os votos com ela, mas juro em nome de meu pai que nunca virei a casaca.

– Acredito em você – disse o rei.

Aquilo surpreendeu-o.

– Por quê?

Stannis fungou.

– Conheço Janos Slynt. E também conheci Ned Stark. Seu pai não era meu amigo, mas só um idiota duvidaria de sua honradez ou de sua honestidade. É parecido com ele. – Um homem grande, Stannis Baratheon erguia-se bem mais alto do que Jon, mas tão magro que parecia dez anos mais velho do que era. – Sei mais do que pode pensar, Jon Snow. Sei que foi você quem encontrou o punhal de vidro de dragão que o filho de Randyll Tarly usou para matar o Outro.

– Foi o Fantasma que o encontrou. A lâmina estava enrolada no manto de um patrulheiro e enterrada no sopé do Punho dos Primeiros Homens. Havia também outras lâminas... pontas de lança, pontas de flecha, tudo de vidro de dragão.

– Sei que defendeu o portão aqui – disse o Rei Stannis. – Se não tivesse feito isso, eu teria chegado tarde demais.

– Foi Donal Noye quem defendeu o portão. Morreu lá embaixo no túnel, lutando contra o rei dos gigantes.

Stannis fez uma careta.

– Noye fez a minha primeira espada e também o martelo de guerra de Robert. Se deus tivesse achado por bem poupá-lo, ele daria um Senhor Comandante melhor para a sua ordem do que qualquer um daqueles idiotas que andam disputando o cargo.

– Cotter Pyke e Sor Denys Mallister não são idiotas, senhor – disse Jon. – São homens bons e capazes. Othell Yarwyck também, à sua maneira. Lorde Mormont confiava em todos eles.

– Seu Lorde Mormont confiava com demasiada facilidade. Se não fosse assim, não teria morrido da forma como morreu. Mas estávamos falando de você. Não esqueci que foi você quem nos trouxe este berrante mágico e quem capturou a esposa e o filho de Mance Rayder.

– Dalla morreu. – Aquilo ainda entristecia Jon. – Val é a irmã dela. Ela e o bebê não exigiram grande captura, Vossa Graça. Havia posto os selvagens em debandada, e o troca-peles que Mance deixara guardando a sua rainha enlouqueceu quando a águia queimou. – Jon olhou para Melisandre. – Há quem diga que foi obra sua.

Ela sorriu, com os longos cabelos de cobre caindo sobre o rosto.

– O Senhor da Luz tem garras flamejantes, Jon Snow.

Jon acenou com a cabeça e voltou-se de novo para o rei.

– Vossa Graça, falou de Val. Ela pediu para ver Mance Rayder, para lhe levar o filho. Seria uma... uma gentileza.

– O homem é um desertor de sua ordem. Seus irmãos estão todos insistindo na morte dele. Por que eu lhe faria uma gentileza?

Jon não tinha resposta para aquilo.

– Se não por ele, então por Val. Em nome da irmã, a mãe da criança.

– Gosta dessa Val?

– Mal a conheço.

– Dizem-me que é atraente.

– Muito – admitiu Jon.

– A beleza pode ser traiçoeira. Meu irmão aprendeu essa lição com Cersei Lannister. Ela assassinou-o, não duvide. E também ao seu pai e a Jon Arryn. – Franziu a testa. – Você acompanhou estes selvagens. Acha que há alguma honra neles?

– Sim – disse Jon –, mas o seu próprio tipo de honra.

– E em Mance Rayder?

– Sim. Penso que sim.

– No Senhor dos Ossos?

Jon hesitou.

– Nós o chamávamos de Camisa de Chocalho. Traiçoeiro e sedento de sangue. Se há honra nele, esconde-a por baixo de sua armadura de ossos.

– E naquele outro homem, aquele Tormund de muitos nomes que escapou de nós após a batalha? Responda-me com a verdade.

– Tormund Terror de Gigantes pareceu-me ser o tipo de homem que daria um bom amigo e um mau inimigo, Vossa Graça.

Stannis balançou secamente a cabeça.

– Seu pai era um homem de honra. Não era amigo meu, mas eu conhecia o seu valor. Seu irmão era um rebelde e um traidor que pretendia roubar metade do meu reino, mas não há homem que possa questionar a sua coragem. E você?

Será que ele quer que diga que o adoro? A voz de Jon soou dura e formal quando disse:

– Eu sou um homem da Patrulha da Noite.

– Palavras. Palavras são vento. Por que pensa que abandonei Pedra do Dragão e naveguei para a Muralha, Lorde Snow?

– Não sou um lorde, senhor. Veio porque o chamamos, espero. Embora não possa dizer por que motivo levou tanto tempo para vir.

Surpreendentemente, Stannis sorriu ao ouvir aquilo.

– É suficientemente ousado para ser um Stark. Sim, devia ter

vindo mais cedo. Se não fosse o meu Mão, poderia nem sequer ter vindo. Lorde Seaworth é um homem de nascimento humilde, mas recordou-me de meu dever, quando tudo aquilo em que eu conseguia pensar era nos meus direitos. Tinha posto a carroça antes dos bois, disse Davos. Estava tentando conquistar o trono para salvar o reino, quando devia estar tentando salvar o reino para conquistar o trono. – Stannis apontou para o norte. – É ali que encontrarei o inimigo que nasci para enfrentar.

– O nome dele não pode ser proferido – acrescentou Melisandre em voz baixa. – Ele é o Deus da Noite e do Terror, Jon Snow, e essas silhuetas na neve são as suas criaturas.

– Dizem-me que matou um desses cadáveres caminhantes para salvar a vida de Lorde Mormont – disse Stannis. – Pode ser que esta guerra também seja sua, Lorde Snow. Se me quiser ceder a sua ajuda.

– Minha espada está a serviço da Patrulha da Noite, Vossa Graça – respondeu cautelosamente Jon Snow.

Aquilo não agradou ao rei. Stannis rangeu os dentes e disse:

– De você preciso mais do que uma espada.

Jon não estava entendendo.

– Senhor?

– Preciso do Norte.

O Norte.

– Eu... o meu irmão Robb era Rei no Norte...

– Seu irmão era o legítimo Senhor de Winterfell. Se tivesse ficado em casa e cumprido o seu dever, em vez de se coroar e partir para a conquista das terras fluviais, poderia estar vivo hoje. Mas, seja como for. Você não é Robb, assim como eu não sou Robert.

As palavras ríspidas afastaram qualquer empatia que Jon pudesse ter sentido por Stannis.

– Eu amava meu irmão – disse.

– E eu o meu. Mas eram como eram, e nós também. Sou o único rei legítimo em Westeros, no norte ou no sul. E você é o bastardo de Ned Stark. – Stannis estudou-o com aqueles olhos azul-escuros. – Tywin Lannister nomeou Roose Bolton Protetor do Norte, como recompensa por trair o seu irmão. Os homens de ferro estão lutando entre si desde a morte de Balon Greyjoy, mas ainda controlam Fosso Cailin, Bosque Profundo, Praça de Torrhen e a maior parte da Costa Pedregosa. As terras do seu pai sangram, e eu não tenho forças nem tempo para estancar as feridas. O que é necessário é um Senhor de Winterfell. Um Senhor de Winterfell *leal*.

Está olhando para mim, pensou Jon, atordoado.

– Winterfell já não existe. Theon Greyjoy passou o archote nele.

– O granito não arde facilmente – disse Stannis. – O castelo pode ser reconstruído, a seu tempo. Não são as muralhas que fazem um

senhor, é o homem. Seus nortenhos não me conhecem, não têm motivos para nutrir amizade por mim, mas vou precisar de suas forças para as batalhas que temos pela frente. Preciso de um filho de Eddard Stark para conquistá-los para o meu estandarte.

Ele quer fazer de mim Senhor de Winterfell. O vento soprava em rajadas, e Jon sentiu a cabeça tão leve que quase teve receio de ser soprado Muralha abaixo.

– Vossa Graça – disse –, esquece-se. Eu sou um Snow, não um Stark.

– Quem está se esquecendo é você – respondeu o Rei Stannis.

Melisandre pousou uma mão morna em seu braço.

– Um rei pode remover de um golpe a mácula da bastardia, Lorde Snow.

Lorde Snow. Sor Alliser Thorne tinha lhe dado essa alcunha, para zombar de seu nascimento bastardo. Muitos dos irmãos tinham se habituado a usá-la também, alguns com afeto, outros para magoar. Mas, de repente, ela tinha um som diferente aos ouvidos de Jon. Soava... real.

– Sim – disse, hesitante –, já houve casos de reis que legitimaram bastardos, mas... eu continuo sendo um irmão da Patrulha da Noite. Ajoelhei perante uma árvore-coração e jurei não possuir terras nem gerar filhos.

– Jon. – Melisandre estava tão próxima que conseguia sentir o calor de seu hálito. – R'hllor é o único deus verdadeiro. Um juramento prestado a uma árvore não tem mais poder do que um juramento prestado aos seus sapatos. Abra o coração e deixe que a luz do Senhor entre nele. Queime esses represeiros e aceite Winterfell como presente do Senhor da Luz.

Quando Jon era bem novo, novo demais para compreender o que significava ser bastardo, costumava sonhar que um dia Winterfell poderia ser seu. Mais tarde, mais crescido, sentiu-se envergonhado por esses sonhos. Winterfell passaria para Robb e depois para os filhos dele, ou então para Bran e Rickon, caso Robb morresse sem filhos. E depois deles vinham Sansa e Arya. Até sonhar que não fosse assim parecia desleal, como se estivesse traindo os irmãos no coração, desejando sua morte. *Nunca desejei isso*, pensou, em pé diante do rei de olhos azuis e da mulher vermelha. *Amei Robb, amei a todos eles... nunca desejei que nenhum mal acontecesse a nenhum deles, mas aconteceu. E agora só resta eu*. Tudo o que tinha de fazer era dizer uma palavra, e seria Jon Stark, nunca mais um Snow. Tudo o que tinha de fazer era jurar lealdade a este rei, e Winterfell seria seu. Tudo o que tinha de fazer...

... era abjurar de novo os seus votos.

E dessa vez não seria um estratagema. Para reivindicar o castelo do

pai, teria de se virar contra os deuses do pai.

O Rei Stannis voltou a olhar para o norte, com o manto dourado esvoaçando de seus ombros.

– Pode ser que me engane com você, Jon Snow. Ambos sabemos o que se diz dos bastardos. Poderá faltar a você a honra de seu pai, ou a perícia de seu irmão com as armas. Mas é a arma que o Senhor me deu. Encontrei-o aqui, tal como você encontrou o esconderijo de vidro de dragão aos pés do Punho, e pretendo usá-lo. Nem Azor Ahai venceu sozinho a sua guerra. Matei mil selvagens, capturei outros mil e dispersei o restante, mas ambos sabemos que eles voltarão. Melisandre viu isso em seus fogos. Esse Tormund Punho de Trovão provavelmente está reunindo os remanescentes neste exato momento, e planejando algum novo assalto. E quanto mais nos sangrarmos uns aos outros, mais fracos estaremos todos quando o verdadeiro inimigo cair sobre nós.

Jon tinha chegado à mesma conclusão.

– É como diz, Vossa Graça. – Perguntou a si mesmo onde aquele rei queria chegar.

– Enquanto seus irmãos tentam decidir quem deve liderá-los, eu tenho falado com este Mance Rayder. – Rangeu os dentes. – Um homem teimoso, esse, e orgulhoso. Não vai me deixar outra escolha a não ser entregá-lo às chamas. Mas capturamos outros também, outros líderes. Aquele que chama a si mesmo de Senhor dos Ossos, alguns dos chefes de clã deles, o novo Magnar de Thenn. Seus irmãos não gostarão disso, não mais do que os senhores de seu pai, mas eu pretendo permitir que os selvagens atravessem a Muralha... aqueles que me jurarem lealdade, que garantam manter a paz do rei e cumprir as leis do rei, e acolher o Senhor da Luz como seu deus. Até os gigantes, se aqueles grandes joelhos que eles têm puderem se dobrar. Vou instalá-los na Dádiva, depois de arrancá-la de seu novo Senhor Comandante. Quando os ventos frios se erguerem, sobreviveremos ou morreremos juntos. É hora de fazermos uma aliança contra o nosso inimigo comum. – Olhou para Jon. – Concordaria?

– Meu pai sonhava em repovoar a Dádiva – admitiu Jon. – Ele e o meu tio Benjen costumavam conversar sobre isso. – *Nunca pensou em povoá-la com selvagens, porém... mas também nunca viveu com selvagens*. Não se iludia, o povo livre daria súditos insubmissos e vizinhos perigosos. Mas quando punha num prato da balança os cabelos ruivos de Ygritte e no outro os frios olhos azuis das criaturas, a escolha era fácil. – Concordo.

– Ótimo – disse o Rei Stannis –, pois a maneira mais segura de selar uma nova aliança é através de um casamento. Pretendo casar o meu Senhor de Winterfell com esta princesa selvagem.

Jon talvez tivesse vivido tempo demais com o povo livre; não

conseguiu impedir-se de rir.

– Vossa Graça – disse –, cativa ou não, se pensa que pode simplesmente *me dar* Val, temo que tenha bastante a aprender sobre as mulheres selvagens. Quem quer que se case com ela é bom que esteja preparado para escalar até a sua janela de torre e levá-la na ponta da espada...

– *Quem quer* que case? – Stannis lançou-lhe um olhar avaliador. – Isso significa que não quer casar com a moça? Previno-o de que ela faz parte do preço que tem de pagar, se quiser o nome e o castelo de seu pai. Essa união é necessária, para ajudar a garantir a lealdade de meus novos súditos. Está me recusando, Jon Snow?

– Não – disse Jon, rápido demais. Era de Winterfell que o rei estava falando, e Winterfell não era algo que se pudesse recusar com ligeireza. – Isto é... tudo isso surgiu muito de repente, Vossa Graça. Posso suplicar-lhe algum tempo para pensar?

– Como quiser. Mas pense depressa. Não sou um homem paciente, como os seus irmãos negros estão prestes a descobrir. – Stannis apoiou uma mão magra e descarnada no ombro de Jon. – Não diga nada sobre o que falamos aqui hoje. A ninguém. Mas quando regressar, necessitará apenas dobrar o joelho, depositar a sua espada aos meus pés e colocar-se ao meu serviço, e voltará a se erguer como Jon Stark, o Senhor de Winterfell.

Tyrion

Quando ouviu ruídos através da espessa porta de madeira de sua cela, Tyrion Lannister preparou-se para morrer.

Já é mais que tempo, pensou. *Vá lá, vá lá, deem um fim a isto*. Pôs-se em pé com dificuldade. Suas pernas estavam adormecidas de estarem dobradas por baixo do corpo. Curvou-se e esfregou-as, aliviando a sensação de facas o pinicando. *Não irei para o cepo aos tropeções e bamboleios.*

Perguntou a si mesmo se o matariam ali no escuro ou se o arrastariam pela cidade para que Sor Ilyn Payne pudesse cortar-lhe a cabeça. Após a farsa que tinha sido o seu julgamento, sua querida irmã e seu dedicado pai podiam preferir ver-se livres dele discretamente, em vez de se arriscarem a uma execução pública. *Eu podia dizer ao populacho umas coisinhas bem escolhidas se me deixarem falar*. Mas seriam eles tão tolos assim?

Quando as chaves tilintaram e a porta da cela se abriu, rangendo, Tyrion encostou-se à umidade da parede, desejando ter uma arma. *Ainda posso morder e chutar. Morrerei com o sabor do sangue na boca, isso é sempre alguma coisa.* Desejou ter sido capaz de arranjar umas últimas palavras que fossem vibrantes. "Vão todos se foder" não era coisa que servisse para conquistar lugar de relevo nas histórias.

Luz de archote caiu sobre seu rosto. Protegeu os olhos com uma mão.

– Ora, tem medo de um anão? Trate disso, seu filho de uma puta bexiguenta. – Sua voz tinha se tornado roufenha com a falta de uso.

– Isso é maneira de falar da senhora nossa mãe? – o homem avançou, com uma tocha na mão esquerda. – Isto ainda é mais pavoroso do que a minha cela em Correrrio, embora não tão úmido.

Por um momento, Tyrion não conseguiu respirar.

– Você?

– Bem, a maior parte de mim. – Jaime estava magro e tinha os cabelos cortados curtos. – Deixei uma mão em Harrenhal. Trazer os Bravos Companheiros do outro lado do mar estreito não foi uma das melhores ideias do pai. – Ergueu o braço e Tyrion viu o coto.

Uma gargalhada histérica saltou de seus lábios.

– Oh, deuses – disse. – Jaime, desculpe, mas... pela bondade dos deuses, olhe para nós dois. Maneta e Narigueta, os rapazes Lannister.

– Houve dias em que a minha mão cheirava tão mal que desejei não ter nariz. – Jaime baixou a tocha, para que a luz banhasse o rosto do irmão. – Uma cicatriz impressionante.

Tyrion afastou-se do clarão.

– Obrigaram-me a travar uma batalha sem o meu irmão mais

velho para me proteger.

– Ouvi dizer que quase queimou a cidade.

– Uma mentira imunda. Só queimei o rio. – Abruptamente, Tyrion lembrou-se de onde estava e por quê. – Está aqui para me matar?

– Isso já é ingratidão. Talvez devesse deixá-lo aqui apodrecendo, se vai ser assim tão descortês.

– Apodrecer não é o destino que Cersei tem em mente para mim.

– Bem, não, para falar a verdade. Deverá ser decapitado amanhã de manhã, no antigo terreiro de torneios.

Tyrion voltou a gargalhar.

– Haverá comida? Vai ter de me ajudar com as últimas palavras, meus miolos têm andado aos círculos, como uma ratazana numa despensa.

– Não vai precisar de últimas palavras. Estou salvando você. – A voz de Jaime estava estranhamente solene.

– Quem disse que eu precisava ser salvo?

– Sabe, quase tinha me esquecido do homenzinho irritante que você é. Agora que me lembrou disso, acho que vou deixar que Cersei corte sua cabeça afinal.

– Ah, não vai, não. – Bamboleou-se para fora da cela. – É dia ou noite lá em cima? Perdi toda a noção do tempo.

– Passam três horas da meia-noite. A cidade dorme. – Jaime voltou a enfiar o archote na arandela, na parede entre as celas.

O corredor estava tão mal iluminado que Tyrion quase tropeçou no carcereiro, estatelado no frio chão de pedra. Empurrou-o com a ponta do pé.

– Está morto?

– Dormindo. Os outros três também. O eunuco misturou sonodoce no vinho deles, mas não o suficiente para matá-los. Pelo menos foi o que me jurou. Está esperando na escada, vestido com uma túnica de septão. Vai descer aos esgotos, e dali vai para o rio. Uma galé está esperando na baía. Varys tem agentes nas Cidades Livres que se assegurarão de que não lhe faltem fundos... mas tente não se fazer notar. Cersei mandará homens em seu encalço, não duvido. Pode ser boa ideia adotar outro nome.

– Outro nome? Oh, certamente. E quando os Homens Sem Rosto vierem me matar, direi: "Não, enganou-se de homem, eu sou *outro* anão com uma hedionda cicatriz na cara." – Ambos os Lannister riram do absurdo de tudo aquilo. Então Jaime ajoelhou-se e deu-lhe um rápido par de beijos nas bochechas, roçando os lábios na fita pregueada de tecido cicatricial.

– Obrigado, irmão – disse Tyrion. – Pela minha vida.

– Era... uma dívida que tinha para com você. – A voz de Jaime soava estranha.

– Uma dívida? – inclinou a cabeça. – Não compreendo.

– Ainda bem. Há portas que é melhor que fiquem fechadas.

– Ora, ora – disse Tyrion. – Haverá algo de sinistro e feio atrás disso? Será possível que alguém um dia tenha dito algo *cruel* a meu respeito? Tentarei não chorar. Conte-me.

– Tyrion...

Jaime está com medo.

– Conte-me – repetiu Tyrion.

O irmão afastou o olhar.

– Tysha – disse em voz baixa.

– Tysha? – seu estômago apertou-se. – O que tem ela?

– Não era uma prostituta. Não fui eu que a trouxe para você. Aquilo foi uma mentira que o pai me ordenou que dissesse. Tysha era... era o que parecia ser. Filha de um caseiro, encontrada por acaso na estrada.

Tyrion conseguia ouvir o tênue som da própria respiração assobiando através da cicatriz do nariz. Jaime não era capaz de encará-lo. *Tysha*. Tentou lembrar-se do aspecto dela. *Uma garota, era apenas uma garota, não era mais velha do que Sansa.*

– A minha esposa – crocitou. – Ela casou comigo.

– Pelo seu ouro, disse o pai. Era malnascida, e você, um Lannister de Rochedo Casterly. Tudo que ela queria era o ouro, o que fazia com que não fosse diferente de uma prostituta, portanto... portanto não seria uma mentira, não por completo, e... ele disse que você precisava de uma dura lição. Que aprenderia com ela e me agradeceria mais tarde...

– *Agradecê*-lo? – a voz de Tyrion estava estrangulada. – Ele deu-a aos guardas. Uma caserna cheia de guardas. E obrigou-me... a ver. – *Sim, e a mais do que ver. Também a possuí... minha esposa...*

– Eu não sabia que ele ia fazer isso. Tem de acreditar em mim.

– Ah, *tenho*, é? – rosnou Tyrion. – Por que devo acreditar em você sobre seja o que for, seja quando for? Ela era minha *esposa*!

– Tyrion...

Tyrion bateu nele. Foi um tabefe, dado com as costas da mão, mas colocou nele todas as suas forças, todo o seu medo, toda a sua raiva, toda a sua dor. Jaime estava acocorado, desequilibrado. O golpe fez com que tropeçasse e caísse de costas.

– Eu... suponho que mereci isso.

– Oh, você mereceu mais do que isso, Jaime. Você e a minha querida irmã e o nosso dedicado pai, sim. Nem consigo começar a dizer o que mereceram. Mas terão o que merecem, isso posso jurar para você. Um Lannister sempre paga as suas dívidas. – Tyrion afastou-se, bamboleando, quase voltando a tropeçar no carcereiro com a pressa. Antes de percorrer uma dúzia de metros deu um encontrão

num portão de ferro que fechava a passagem. *Oh, deuses*. Por pouco não gritou.

Jaime surgiu atrás dele.

– Eu tenho as chaves do carcereiro.

– Então use-as. – Tyrion abriu-lhe passagem.

Jaime destrancou o portão, abriu-o e atravessou-o. Olhou para trás por sobre o ombro.

– Você vem?

– Não com você. – Tyrion atravessou o portão. – Dê-me as chaves e vá embora. Eu encontro Varys sozinho. – Inclinou a cabeça e fitou o irmão com seus olhos desiguais. – Jaime, consegue lutar com a mão esquerda?

– Bastante pior do que você – disse amargamente Jaime.

– Ótimo. Nesse caso estaremos bem equilibrados se alguma vez voltarmos a nos encontrar. O aleijado e o anão.

Jaime entregou-lhe a argola cheia de chaves.

– Ofereci a verdade a você. Deve-me o mesmo. Foi você? Matou-o?

A pergunta era outra faca, torcendo-se em suas tripas.

– Tem certeza de que quer saber? – perguntou Tyrion. – Joffrey teria sido um rei pior do que Aerys alguma vez foi. Ele roubou o punhal do pai e deu-o a um salteador para que cortasse a goela de Brandon Stark, sabia disso?

– Eu... achei que pudesse ter feito isso.

– Bem, um filho sai ao pai. Joff teria me matado também, uma vez que estivesse na posse de todos os seus poderes. Pelo crime de ser baixo e feio, do qual sou tão obviamente culpado.

– Não respondeu à minha pergunta.

– Meu pobre, estúpido, cego, mutilado idiota. Terei de soletrar tudo para que entenda? Muito bem. Cersei é uma puta mentirosa, e tem andado fodendo Lancel e Osmund Kettleblack e provavelmente até o Rapaz Lua, pelo que sei. E eu sou o monstro que todos dizem que sou. Sim, matei o seu abjeto filho. – Obrigou-se a sorrir. Devia ter sido uma visão hedionda, ali na escuridão iluminada pelo archote.

Jaime virou-se sem uma palavra e afastou-se.

Tyrion ficou vendo-o partir, com passos largos de suas pernas fortes, e parte de si desejou chamá-lo, dizer-lhe que não era verdade, implorar-lhe perdão. Mas então pensou em Tysha, e manteve o silêncio. Ficou à escuta dos passos que se afastavam até já não conseguir ouvi-los, e depois foi à procura de Varys, bamboleando-se.

O eunuco estava escondido na escuridão de uma escada em espiral, vestido com uma túnica marrom e comida pelas traças, com um capuz que escondia a palidez de seu rosto.

– Demorou tanto que temi que algo tivesse dado errado – disse ele

quando viu Tyrion.

– Oh, não – sossegou-o Tyrion com veneno na voz. – O que *poderia* ter dado errado? – torceu a cabeça para trás, a fim de olhar para cima. – Mandei buscá-lo durante o julgamento.

– Não pude vir. A rainha tinha-me sob vigilância, noite e dia. Não me atrevi a ajudá-lo.

– Mas agora está me ajudando.

– Ah, estou? Ah. – Varys soltou um risinho. O som parecia estranhamente deslocado naquele lugar de pedra fria e escuridão cheia de ecos. – Seu irmão consegue ser muito persuasivo.

– Varys, você é tão frio e viscoso como uma lesma, alguém já lhe disse? Fez o melhor que pôde para me matar. Talvez eu devesse devolver o favor.

O eunuco suspirou.

– O cão fiel é chutado, e não importa o modo como a aranha tece a teia, nunca ninguém gosta dela. Mas se me matar aqui, temo por você, senhor. Pode nunca encontrar o caminho de volta à luz do dia. – Os olhos cintilaram à oscilante luz da tocha, escuros e úmidos. – Estes túneis estão cheios de armadilhas para os confiantes.

Tyrion fungou.

– Confiante? Sou o homem mais desconfiado dos Sete Reinos, você ajudou a garantir que assim fosse. – Esfregou o nariz. – Portanto diga-me, feiticeiro, onde está a minha inocente e donzela esposa?

– Não encontrei sinal da Senhora Sansa em Porto Real, lamento dizê-lo. Nem de Sor Dontos Hollard, o qual normalmente já teria aparecido bêbado em algum lugar, a essa altura. Foram vistos juntos na escada em espiral na noite em que ela desapareceu. Depois disso, nada. Houve muita confusão naquela noite. Meus passarinhos estão em silêncio. – Varys deu um leve puxão na manga do anão e puxou-o para a escada. – Senhor, temos de ir andando. Seu caminho é para baixo.

Ao menos isso não é mentira nenhuma. Tyrion bamboleou-se na pegada do eunuco, raspando com os calcanhares na pedra áspera à medida que iam descendo. Fazia muito frio na escadaria, um frio úmido de gelar os ossos que fez Tyrion começar a tremer imediatamente.

– Que parte das masmorras é esta? – perguntou.

– Maegor, o Cruel, decretou a construção de quatro pisos de masmorras para o seu castelo – respondeu Varys. – No piso superior, há celas grandes onde os criminosos comuns podem ser confinados juntos. Têm janelas estreitas, abertas no topo das paredes. O segundo piso tem as celas menores onde os cativos de nascimento elevado são mantidos. Não têm janelas, mas archotes nos corredores enviam luz suficiente através das barras. No terceiro piso as celas são menores e

as portas são de madeira. São chamadas de celas negras. Foi em uma delas que foi mantido, bem como Eddard Stark antes de você. Mas há um piso ainda mais profundo. Uma vez que um homem seja levado para o quarto piso, não volta a ver o sol nem a ouvir vozes humanas nem a respirar sem estar sujeito a uma dor agonizante. Maegor mandou construir as celas do quarto piso para a tortura. – Tinham chegado ao fundo dos degraus. Uma porta não iluminada abria-se na sua frente. – Este é o quarto piso. Dê-me a mão, senhor. Aqui é mais seguro caminhar na escuridão. Há coisas que não desejaria ver.

Tyrion hesitou por um momento. Varys já o traíra uma vez. Quem saberia que tipo de jogo o eunuco estava jogando? E que local melhor para assassinar um homem do que no meio das trevas, num lugar que ninguém sabia que existia? Seu corpo podia nunca ser encontrado.

Por outro lado, que alternativa tinha? Subir as escadas e sair pelo portão principal? Não, isso não serviria.

Jaime não teria medo, pensou, antes de se lembrar do que o irmão lhe fizera. Deu a mão ao eunuco e deixou-se conduzir através do negrume, seguindo o suave raspar do couro na pedra. Varys caminhava depressa, sussurrando de vez em quando, "Cuidado, aqui há três degraus", ou, "O túnel inclina-se para baixo aqui, senhor". *Cheguei aqui como Mão do Rei, atravessando os portões a cavalo, à frente dos meus próprios homens,* refletiu Tyrion, *e saio como uma ratazana, correndo na escuridão, de mãos dadas a uma aranha*.

Uma luz surgiu diante deles, tênue demais para ser a luz do dia, e cresceu à medida que se apressavam em sua direção. Passado algum tempo, Tyrion viu que se tratava de uma porta em arco, fechada por outro portão de ferro. Varys apresentou uma chave. Atravessaram a porta e entraram num pequeno aposento redondo. Havia mais cinco portas na sala, todas fechadas com barras de ferro. Havia também uma abertura no teto, e uma série de degraus de mão na parede por baixo da abertura, levando para cima. Um ornamentado braseiro encontrava-se de um lado, esculpido com a forma de uma cabeça de dragão. O carvão dentro da boca escancarada da fera já tinha se reduzido a brasas, mas ainda brilhava com uma lúgubre luz alaranjada. Embora bastante fraca, a luz era bem-vinda depois do negrume do túnel.

Além do braseiro, a sala encontrava-se vazia, mas o chão exibia o mosaico de um dragão de três cabeças, feito com ladrilhos vermelhos e negros. Algo perturbou Tyrion por um momento. Então ocorreu-lhe o que era. *Este é o lugar de que Shae me falou, quando Varys a levou pela primeira vez à minha cama*.

– Estamos por baixo da Torre da Mão.

– Sim. – Dobradiças geladas gritaram em protesto quando Varys abriu uma porta havia muito fechada. Partículas de ferrugem caíram

lentamente no chão. – Isso vai nos levar ao rio.

Tyrion dirigiu-se lentamente para a escada, percorreu com a mão o degrau inferior.

– Isso vai me levar ao meu quarto de dormir.

– Agora é o quarto do senhor seu pai.

Ergueu os olhos para o alçapão.

– Quanto terei de subir?

– Senhor, está fraco demais para uma loucura dessas, e além disso não há tempo. Temos de ir.

– Tenho assuntos a tratar lá em cima. Quão longa é a subida?

– Duzentos e trinta degraus, mas seja o que for que pretenda...

– Duzentos e trinta degraus, e depois o quê?

– O túnel à esquerda, mas escute-me...

– A que distância está do quarto? – Tyrion pôs um pé no degrau mais baixo da escada.

– Não passa de vinte metros. Mantenha uma mão na parede enquanto avançar. Detectará as portas pelo tato. O quarto é na terceira. – Suspirou. – Isso é uma loucura, senhor. Seu irmão devolveu-lhe a vida. Quer jogá-la fora, juntamente com a minha?

– Varys, a única coisa que prezo menos do que a minha vida neste momento é a sua. Espere-me aqui. – Deu as costas ao eunuco e começou a subir, contando em silêncio.

Degrau a degrau, penetrou na escuridão. A princípio conseguia ver o tênue contorno de cada degrau quando o agarrava, bem como a áspera textura da pedra atrás dele, mas à medida que ia subindo a escuridão cerrava-se. *Treze, catorze, quinze, dezesseis*. Ao chegar ao trigésimo degrau, os braços tremiam com a tensão de puxar. Descansou um pouco para ganhar fôlego e olhou para baixo. Um círculo de luz tênue brilhava muito embaixo, meio obscurecido por seus pés. Tyrion retomou a subida. *Trinte e nove, quarenta, quarenta e um*. Ao alcançar o quinquagésimo degrau, suas pernas ardiam. A escada era infinita, entorpecedora. *Sessenta e oito, sessenta e nove, setenta*. Ao chegar ao octagésimo degrau, tinha as costas numa agonia surda. Mas continuou a subir. Não poderia explicar por quê. *Cento e treze, cento e catorze, cento e quinze*.

Depois de duzentos e trinta degraus, o poço estava negro como breu, mas ele conseguia sentir o ar quente que saía do túnel à sua esquerda, como se fosse o hálito de alguma grande fera. Apalpou desajeitadamente com um pé e saiu com cuidado da escada. O túnel ainda era mais apertado do que o poço. Qualquer homem de estatura normal teria sido obrigado a engatinhar, mas Tyrion era suficientemente baixo para caminhar direito. *Finalmente, um lugar feito para anões*. Suas botas raspavam suavemente contra a pedra. Caminhou lentamente, contando os passos, apalpando as paredes em

busca de descontinuidades. Depois de um tempo começou a ouvir vozes, abafadas e indistintas a princípio, mas depois mais claras. Escutou com mais atenção. Dois dos guardas do pai estavam trocando gracejos a respeito da puta do Duende, dizendo como seria bom fodê-la, e como ela devia ansiar por um pau como deve ser em vez da coisinha atrofiada do anão.

– O mais provável é que seja torta – disse Lum. Isso levou-os a uma discussão sobre o modo como Tyrion morreria na manhã seguinte. – Ele vai chorar como uma mulher e suplicar misericórdia, vai ver – insistia Lum. Lester achava que enfrentaria o machado com a coragem de um leão, sendo um Lannister como era, e estava disposto a apostar nisso as botas novas. – Ah, estou cagando nas suas botas – disse Lum –, sabe que nunca vão servir aqui nestes meus pés. Olha, se eu ganhar, pode limpar a porcaria da minha cota de malha durante uma quinzena.

Ao longo de um a dois metros, Tyrion conseguiu ouvir cada palavra do regateio entre os dois, mas, quando prosseguiu, as vozes desvaneceram-se rapidamente. *Pouco admira que Varys não quisesse que eu subisse a maldita escada*, pensou Tyrion, sorrindo no escuro. *Passarinhos, oras*.

Chegou à terceira porta e tateou em volta durante bastante tempo até que seus dedos roçaram num pequeno gancho de ferro instalado entre duas pedras. Quando o puxou para baixo, ouviu-se um ruído surdo e fraco, que no silêncio pareceu o estrondo de uma avalanche, e um quadrado de tênue luz alaranjada abriu-se trinta centímetros à sua esquerda.

A lareira! Quase riu. A lareira estava cheia de cinzas quentes e tinha uma tora negra com um quente coração alaranjado ardendo por dentro. Atravessou cautelosamente, dando passos rápidos para não queimar as botas, esmagando suavemente as cinzas quentes debaixo dos calcanhares. Quando deu por si naquilo que antes havia sido o seu quarto, ficou imóvel por um longo momento, bebendo o silêncio. Teria o pai ouvido? Estenderia a mão para a espada e daria o alarme?

– Senhor? – chamou uma voz de mulher.

Isso poderia ter me machucado em outros tempos, quando ainda sentia dor. O primeiro passo foi o mais duro. Quando chegou à cama, Tyrion afastou as cortinas e ali estava ela, virando-se para ele com um sorriso sonolento nos lábios. Morreu quando viu Tyrion. A moça puxou os cobertores até o queixo, como se isso a protegesse.

– Estava à espera de alguém mais alto, querida?

Grandes lágrimas molhadas encheram os olhos dela.

– Eu não queria dizer aquelas coisas, a rainha obrigou-me. *Por favor*. Seu pai assusta-me tanto. – Sentou-se, deixando o cobertor deslizar até o colo. Por baixo encontrava-se nua, exceto pela corrente

que trazia à garganta. Uma corrente de mãos de ouro ligadas, cada uma segurando na seguinte.

– Minha senhora Shae – disse Tyrion em voz baixa. – Todo o tempo que fiquei na cela negra esperando morrer, não parava de me lembrar de sua beleza. Vestida de seda ou tecido grosseiro, ou de coisa nenhuma...

– O senhor deve estar de volta daqui a pouco. Você devia ir, ou... veio me levar?

– Alguma vez gostou? – envolveu-lhe o rosto com as mãos, lembrando-se de todas as vezes que tinha feito isso. De todas as vezes que tinha deslizado as mãos em torno da cintura dela, apertado seus pequenos e firmes seios, afagado seus curtos cabelos escuros, tocado seus lábios, bochechas, orelhas. De todas as vezes que a abrira com um dedo para sondar a sua doçura secreta e fazê-la gemer. – Alguma vez gostou do meu toque?

– Mais do que tudo – disse ela –, meu gigante de Lannister.

Essa foi a pior coisa que poderia ter dito, querida.

Tyrion enfiou uma mão por baixo da corrente do pai, e torceu. Os elos apertaram-se, enterrando-se no pescoço dela.

– Porque mãos de ouro são sempre frias, mas há calor em mãos de mulher – disse.

Deu às mãos frias outra torção enquanto as quentes batiam nele, limpando-lhe as lágrimas.

Depois, encontrou o punhal de Lorde Tywin na mesa de cabeceira e enfiou-o no cinto. Uma maça com cabeça de leão, uma alabarda e uma besta tinham sido penduradas nas paredes. A alabarda seria uma arma incômoda de usar dentro de um castelo, e a maça pendurada em um lugar alto demais para que ele a alcançasse, mas um grande baú de madeira e ferro tinha sido encostado à parede logo abaixo da besta. Subiu no baú, pegou a besta e uma aljava de couro repleta de dardos, enfiou um pé no estribo e puxou-o para baixo até que a corda do arco engatilhou. Então enfiou um dardo na ranhura.

Jaime tinha lhe dado mais do que um sermão acerca das desvantagens das bestas. Se Lum e Lester surgissem de onde quer que estivessem conversando, nunca teria tempo de recarregar, mas pelo menos levaria um para o inferno consigo. Lum, se pudesse escolher. *Vai ter de limpar você mesmo a cota de malha, Lum. Perdeu.*

Bamboleando-se até a porta, escutou por um momento, após o que a abriu lentamente. Uma lâmpada ardia num nicho de pedra, lançando uma pálida luz amarela sobre o corredor. Só a chama se movia. Tyrion deslizou para fora do quarto, mantendo a besta abaixada, encostada à perna.

Foi encontrar o pai onde sabia que o encontraria, sentado nas sombras do poço das latrinas, com o roupão enrolado em volta dos

quadris. Ao ouvir o som de passos, Lorde Tywin ergueu os olhos.

Tyrion concedeu-lhe uma meia reverência trocista.

– Senhor.

– Tyrion. – Se estava assustado, Tywin Lannister não mostrou qualquer sinal. – Quem o libertou de sua cela?

– Adoraria dizer, mas prestei um juramento sagrado.

– O eunuco – decidiu o pai. – Isto vai custar a cabeça dele. Essa é a minha besta? Aponte-a para baixo.

– Vai me punir se eu me recusar, pai?

– Esta fuga é uma loucura. Não vai ser morto, se é isso que teme. Ainda é minha intenção enviá-lo para a Muralha, mas não podia fazer isso sem o consentimento de Lorde Tyrell. Abaixe a besta, e vamos até os meus aposentos conversar.

– Podemos perfeitamente conversar aqui. Talvez eu não queira ir para a Muralha, pai. Faz um frio dos diabos lá em cima, e creio que já aguentei frio suficiente vindo do senhor. Por isso, diga-me uma coisa, e eu vou embora. Uma simples pergunta, deve-me isso.

– Não lhe devo nada.

– Deu-me menos do que isso, toda a minha vida, mas isso vai me dar. O que fez com Tysha?

– Tysha?

Ele nem sequer se lembra do nome dela.

– A garota com quem me casei.

– Ah, sim. A sua primeira puta.

Tyrion apontou para o peito do pai.

– Da próxima vez que disser essa palavra, mato-o.

– Não tem coragem suficiente.

– Vamos descobrir? É uma palavra curta, e parece vir tão facilmente aos seus lábios. – Tyrion fez um gesto impaciente com a besta. – Tysha. O que fez com ela, depois de minha liçãozinha?

– Não me lembro.

– Tente com mais força. Mandou matá-la?

O pai franziu os lábios.

– Não havia motivo para isso, ela já tinha aprendido qual era o lugar dela... e foi bem paga pelo trabalho do dia, se bem me lembro. Suponho que o intendente a tenha mandado embora. Nunca pensei em perguntar.

– Mandado embora para *onde*?

– Para onde quer que as putas vão.

O dedo de Tyrion apertou-se. A besta soltou um *uang* exatamente no momento em que Lorde Tywin começava a se levantar. O dardo atingiu-o acima da virilha e ele voltou a se sentar com um gemido. O dardo penetrou profundamente, bem até as penas, Sangue jorrou ao redor da haste, pingando sobre os pelos púbicos e as coxas nuas de

Lorde Tywin.

– Atirou em mim – disse ele, incrédulo, com os olhos vidrados, em choque.

– Sempre foi rápido em compreender as situações, senhor – disse Tyrion. – Deve ser por isso que é Mão do Rei.

– Você... não é... não é meu filho.

– É justamente aí que se engana, pai. Ora, eu creio que sou você em letra pequena. E agora faça-me a bondade de morrer depressa. Tenho um navio para alcançar.

Por uma vez, o pai fez o que Tyrion lhe pediu. A prova foi o súbito fedor, quando suas tripas se soltaram no momento da morte. *Bem, estava no lugar certo para isso*, pensou Tyrion. Mas o fedor que encheu a latrina forneceu ampla evidência de que a frequentemente repetida piada a respeito de seu pai era apenas mais uma mentira.

No fim das contas, Lorde Tywin Lannister não cagava ouro.

Samwell

O rei estava zangado. Sam viu-o de imediato. Enquanto os irmãos negros entravam, um a um, e ajoelhavam na sua frente, Stannis afastou o café da manhã de pão duro, charque e ovos cozidos, e olhou-os friamente. A seu lado, a mulher vermelha, Melisandre, parecia achar a cena divertida.

Não tenho lugar aqui, pensou Sam com ansiedade, quando os olhos vermelhos dela caíram sobre si. *Alguém tinha de ajudar Meistre Aemon a subir os degraus. Não olhe para mim, sou só o intendente do meistre*. Os outros eram candidatos ao posto do Velho Urso, todos menos Bowen Marsh, que se retirara da eleição, mas continuava a ser castelão e Senhor Intendente. Sam não compreendia por que Melisandre havia de parecer tão interessada *nele*.

O Rei Stannis manteve os irmãos negros de joelhos durante um tempo extraordinariamente longo.

– Levantem-se – disse por fim. Sam ofereceu o ombro ao Meistre Aemon para ajudá-lo a ficar em pé novamente.

O som de Lorde Janos Slynt limpando a garganta quebrou o tenso silêncio.

– Vossa Graça, permita-me que exprima o nosso agrado por sermos aqui convocados. Quando vislumbrei seus estandartes a partir da Muralha, soube que o reino estava salvo. "Aí vem um homem que nunca esquece o seu dever", disse eu ao bom Sor Alliser. "Um homem *forte*, e um verdadeiro rei." Posso felicitá-lo por sua vitória sobre os selvagens? Os cantores farão grandes coisas dela, eu sei...

– Os cantores podem fazer o que bem entenderem – interrompeu Stannis. – Poupe-me de sua bajulação, Janos, que não lhe servirá de nada. – Ficou em pé e mostrou a todos o cenho carregado. – A Senhora Melisandre disse-me que ainda não escolheram um Senhor Comandante. Estou descontente. Quando tempo mais esta loucura vai durar?

– Senhor – disse Bowen Marsh em tom defensivo –, ninguém conquistou ainda dois terços dos votos. Só se passaram dez dias.

– Nove dias a mais. Tenho cativos cujo destino deve ser decidido, um reino que precisa ser posto em ordem, uma guerra a travar. Escolhas têm de ser feitas, decisões que envolverão a Muralha e a Patrulha da Noite. Por direito, o seu Senhor Comandante deveria ter algo a dizer nessas decisões.

– Deveria, sim – falou Janos Slynt. – Mas há que dizê-lo. Nós, os irmãos, somos simples soldados. Soldados, sim! E Vossa Graça saberá que os soldados se sentem mais confortáveis obedecendo a ordens. Eles se beneficiariam de sua real orientação, parece-me. Para o bem

do reino. Para ajudá-los a escolher sabiamente.

A sugestão indignou alguns dos outros.

– Também quer que o rei limpe nosso cu? – disse irritadamente Cotter Pyke.

– A escolha de um Senhor Comandante cabe aos Irmãos Juramentados, e apenas a eles – insistiu Sor Denys Mallister.

– Se escolherem sabiamente, não me escolherão – gemeu Edd Doloroso.

Meistre Aemon, calmo como sempre, disse:

– Sua Graça, a Patrulha da Noite escolhe seu próprio líder desde que Brandon, o Construtor, ergueu a Muralha. Até Jeor Mormont tivemos novecentos e noventa e sete Senhores Comandantes em sucessão ininterrupta, todos eles escolhidos pelos homens de quem seriam líderes, uma antiga tradição de muitos milhares de anos.

Stannis rangeu os dentes.

– Não é meu desejo imiscuir-me em seus direitos e tradições. E quanto à *real orientação*, Janos, se a sua ideia é que eu devia dizer aos seus irmãos que devem escolhê-lo, tenha a coragem de afirmá-lo.

Aquilo surpreendeu Lorde Janos. Sorriu com incerteza e começou a transpirar, mas Bowen Marsh, ao seu lado, disse:

– Quem será mais adequado para comandar os homens de manto negro do que um homem que um dia comandou os de manto dourado, senhor?

– Qualquer um de vocês, creio eu. Até o cozinheiro. – O olhar que o rei lançou a Slynt era frio. – Janos dificilmente terá sido o primeiro homem de manto dourado a aceitar um suborno, admito, mas pode ter sido o primeiro comandante a engordar a bolsa através da venda de posições e promoções. Nos últimos tempos, deve ter tido metade dos oficiais na Patrulha da Cidade pagando-lhe parte de seus salários. Não é verdade, Janos?

O pescoço de Slynt estava se tornando roxo.

– Mentiras, tudo mentiras! Um homem forte faz inimigos, Vossa Graça sabe disso, eles murmuram mentiras atrás de suas costas. Nunca nada foi provado, nem um homem testemunhou...

– Dois homens que estavam preparados para testemunhar morreram subitamente durante suas rondas. – Stannis estreitou os olhos. – Não brinque comigo, senhor. Eu vi as provas que Jon Arryn apresentou ao pequeno conselho. Se o rei tivesse sido eu, você teria perdido mais do que o seu cargo, garanto-lhe, mas Robert encolheu os ombros aos seus pequenos lapsos. “Todos eles roubam”, lembro-me de ouvi-lo dizer. “É preferível um ladrão que conhecemos do que um que desconhecemos, o homem seguinte pode ser pior.” Palavras de Lorde Petyr na boca de meu irmão, aposto. Mindinho tinha faro para o ouro, e estou certo de que arranjou as coisas de forma que a coroa lucrasse

tanto com a sua corrupção quanto você.

A papada de Lorde Slynt tremia, mas antes de ele ter tempo de preparar mais protestos, Meistre Aemon disse:

– Vossa Graça, segundo a lei, os crimes e as transgressões anteriores são limpos quando um homem profere suas palavras e se torna um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite.

– Estou consciente disso. Se por acaso Lorde Janos aqui for o melhor que a Patrulha da Noite tem a oferecer, rangerei os dentes e engolirei esse fato. Não me importa nada quem de seus homens será escolhido, desde que *façam uma escolha*. Temos uma guerra a travar.

– Vossa Graça – disse Sor Denys Mallister, num tom de cuidadosa cortesia. – Se está falando dos selvagens...

– Não estou. E você sabe disso, sor.

– E o senhor deve saber que, embora nos sintamos gratos pela ajuda que nos deu contra Mance Rayder, não lhe podemos fornecer auxílio em sua disputa pelo trono. A Patrulha da Noite não participa nas guerras dos Sete Reinos. Ao longo de oito mil anos...

– Eu conheço a sua história, Sor Denys – disse bruscamente o rei. – Dou-lhe a minha palavra, não lhes pedirei para erguer a espada contra nenhum dos rebeldes e usurpadores que me atormentam. Mas espero que continuem defendendo a Muralha como sempre fizeram.

– Defenderemos a Muralha até o último homem – disse Cotter Pyke.

– Que provavelmente serei eu – disse Edd Doloroso em tom resignado.

Stannis cruzou os braços.

– Também precisarei de mais algumas coisas de vocês. Coisas que talvez não me deem com tanta prontidão. Quero seus castelos. E quero a Dádiva.

Aquelas palavras sem rodeios estouraram entre os irmãos negros como um frasco de fogovivo atirado num braseiro. Marsh, Mallister e Pyke, todos tentaram falar ao mesmo tempo. O Rei Stannis deixou-os falar. Quando terminaram, disse:

– Eu tenho três vezes mais homens do que vocês. Posso ocupar as terras, se quiser, mas preferiria fazer isso legalmente, com o seu consentimento.

– A Dádiva foi perpetuamente oferecida à Patrulha da Noite, Vossa Graça – insistiu Bowen Marsh.

– O que significa que não pode ser legalmente capturada, adquirida ou tomada de vocês. Mas o que foi oferecido uma vez pode voltar a ser oferecido.

– O que fará com a Dádiva? – quis saber Cotter Pyke.

– Darei melhor uso a ela do que vocês deram. Quanto aos castelos, Atalaialeste, Castelo Negro e Torre Sombria continuarão

sendo seus. Guarneçam-nos como sempre fizeram, mas tenho de ficar com os outros para as *minhas* guarnições, se quisermos defender a Muralha.

– Você não tem homens suficientes – retrucou Bowen Marsh.

– Alguns dos castelos abandonados são pouco mais do que ruínas – disse Othell Yarwyck, o Primeiro Construtor.

– Ruínas podem ser reconstruídas.

– Reconstruídas? – disse Yarwyck. – Mas quem fará o trabalho?

– Isso é problema meu. Necessitarei que me forneçam uma lista, detalhando o estado atual de cada castelo e o que será necessário para restaurá-lo. Pretendo tê-los todos guarnecidos de novo dentro de um ano, com fogueiras noturnas ardendo perante seus portões.

– Fogueiras noturnas? – Bowen Marsh dirigiu a Melisandre um olhar hesitante. – Agora devemos acender fogueiras noturnas?

– Sim. – A mulher levantou-se num turbilhão de seda escarlate, com os longos cabelos acobreados caindo em volta de seus ombros. – As espadas, sozinhas, não podem deter esta escuridão. Só a luz do Senhor consegue fazer isso. Não se iludam, bons sores e valentes irmãos, a guerra que viemos travar não é uma querela mesquinha a propósito de terras e honrarias. A nossa é uma guerra pela própria vida, e se falharmos o mundo morre conosco.

Sam viu que os oficiais não sabiam como entender aquilo. Bowen Marsh e Othell Yarwyck trocaram um olhar de dúvida, Janos Slynt estava furioso e Hobb Três-Dedos tinha a expressão de quem preferia estar cortando cenouras naquele momento. Mas todos pareceram surpreendidos ao ouvir Meistre Aemon murmurar:

– A guerra de que fala é a guerra pela alvorada, senhora. Mas onde está o príncipe que foi profetizado?

– Ele está na sua frente – declarou Melisandre –, embora não tenha olhos para ver. Stannis Baratheon é Azor Ahai regressado, o guerreiro do fogo. Nele, as profecias cumprem-se. O cometa vermelho ardeu no céu para anunciar a sua vinda, e ele traz a Luminífera, a espada vermelha dos heróis.

Sam viu que as palavras dela pareceram deixar o rei desesperadamente desconfortável. Stannis rangeu os dentes e disse:

– Chamaram, e eu vim, senhores. Agora têm de sobreviver comigo, ou morrer comigo. É melhor que se habituem a isso. – Fez um gesto brusco. – É tudo. Meistre, fique por um momento. E você também, Tarly. Os outros podem ir.

Eu?, pensou Sam, aflito, enquanto os irmãos faziam reverências e se dirigiam para a porta. *O que ele quer comigo?*

– É aquele que matou a criatura na neve – disse o Rei Stannis, depois de só restarem os quatro na sala.

– Sam, o Matador. – Melisandre sorriu.

Sam sentiu o rosto enrubescer.

– Não, senhora. Vossa Graça. Quer dizer, sou, sim. Sou Samwell Tarly, sim.

– Seu pai é um soldado capaz – disse o Rei Stannis. – Derrotou uma vez o meu irmão, em Vaufreixo. Mance Tyrell reclamou alegremente as honras dessa vitória, mas Lorde Randyll tinha resolvido o assunto antes de Tyrell sequer encontrar o campo de batalha. Ele matou Lorde Cafferen com aquela sua grande espada valiriana e mandou a cabeça dele a Aerys. – O rei esfregou o queixo com um dedo. – Você não é o tipo de filho que eu esperaria que um homem assim tivesse.

– Eu... eu não sou o tipo de filho que ele desejava, senhor.

– Se não tivesse vestido o negro, daria um refém útil – devaneou Stannis.

– Ele vestiu o negro, senhor – apontou Meistre Aemon.

– Estou bem consciente desse fato – disse o rei. – Estou consciente de mais do que pensa, Aemon Targaryen.

O velho inclinou a cabeça.

– Sou apenas Aemon, senhor. Abandonamos o nome de nossas Casas quando forjamos as correntes de meistre.

O rei respondeu àquilo com um aceno seco, como quem diz que sabia e não se importava.

– Matou aquela criatura com um punhal de obsidiana, segundo me dizem – disse ele a Sam.

– S-sim, Vossa Graça. Foi Jon Snow quem me deu.

– Vidro de dragão. – O riso da mulher vermelha era música. – *Fogo congelado*, na língua da antiga Valíria. Pouco admira que seja anátema para aqueles frios filhos do Outro.

– Em Pedra do Dragão, onde tinha a minha sede, vê-se muita desta obsidiana nos velhos túneis por baixo da montanha – disse o rei a Sam. – Grandes pedaços, pedregulhos, veios. A maior parte é negra, se bem me lembro, mas havia também alguma verde, alguma vermelha, até púrpura. Mandei dizer a Sor Rolland, o meu castelão, para começar a miná-la. Não controlarei Pedra do Dragão durante muito mais tempo, receio, mas o Senhor da Luz talvez nos permita obter *fogo congelado* suficiente para nos armarmos contra essas criaturas, antes que o castelo caía.

Sam pigarreou.

– S-senhor. O punhal... o vidro de dragão apenas estilhaçou-se quando tentei apunhalar uma criatura.

Melisandre sorriu.

– É a necromancia que anima essas criaturas, mas elas não deixam de ser apenas carne morta. O aço e o fogo servirão para elas. Aqueles que chamam de Outros são algo mais.

– Demônios feitos de neve, gelo e frio – disse Stannis Baratheon. – O antigo inimigo. O único inimigo que importa. – Voltou a fitar Sam. – Disseram-me que você e aquela garota selvagem passaram por baixo da Muralha, através de um portão mágico qualquer.

– O P-Portão Negro – gaguejou Sam. – Por baixo de Fortenoite.

– Fortenoite é o maior e mais antigo dos castelos na Muralha – disse o rei. – É lá que pretendo me instalar, enquanto travo esta guerra. Você irá me mostrar esse portão.

– Eu – disse Sam –, eu m-mostro, se... – *Se ainda estiver lá. Se se abrir para um homem que não veste negro. Se...*

– Mostrará – exclamou Stannis. – Eu direi quando.

Meistre Aemon sorriu.

– Vossa Graça – disse –, antes de irmos, pergunto a mim mesmo se poderia nos fazer a grande honra de mostrar essa maravilhosa lâmina de que tanto ouvimos falar.

– *Você* quer ver a Luminífera? Um *cego*?

– Sam será os meus olhos.

O rei franziu a testa.

– Todo mundo já viu a coisa, por que não um cego? – seu cinto da espada e a bainha estavam pendurados em um gancho perto da lareira. Pegou o cinto e desembainhou a espada. Aço roçou em madeira e couro, e uma radiância encheu o aposento privado; cintilando, ondulando, uma dança de luz dourada, alaranjada e vermelha, todas as cores brilhantes do fogo.

– Conte-me, Samwell. – Meistre Aemon tocou-lhe o braço.

– Ela *brilha* – disse Sam, em voz abafada. – Como se estivesse em fogo. Não há chamas, mas o aço é amarelo, vermelho e laranja, lampejando e tremeluzindo como o sol na água, só que mais bonito. Gostaria que pudesse vê-la, meistre.

– Agora estou vendo, Sam. Uma espada cheia da luz do sol. Uma beleza de se admirar. – O velho fez uma hirta reverência. – Vossa Graça. Minha senhora. Foi muita amabilidade sua.

Quando o Rei Stannis embainhou a espada cintilante, a sala pareceu ficar muito escura, apesar da luz do sol que entrava pela janela.

– Muito bem, já a viram. Podem voltar aos seus deveres. E lembrem-se do que eu disse. Seus irmãos escolherão um Senhor Comandante esta noite, caso contrário eu farei desejarem que tivessem escolhido.

Meistre Aemon manteve-se perdido em pensamentos enquanto Sam o ajudava a descer a estreita escada em espiral. Mas quando atravessavam o pátio, disse:

– Não senti nenhum calor. Você sentiu, Sam?

– Calor? Vindo da espada? – tentou lembrar-se. – O ar em volta

dela estremecia, como faz por cima de um braseiro quente.

– Mas não *sentiu* nenhum calor, não é? E a bainha em que a espada estava guardada, é de madeira e couro, não é? Ouvi o som quando Sua Graça puxou a espada. O couro estava chamuscado, Sam? A madeira parecia queimada ou enegrecida?

– Não – admitiu Sam. – Que eu visse, não.

Meistre Aemon assentiu. De volta aos seus aposentos, pediu a Sam para acender a lareira e ajudá-lo a se sentar na cadeira junto a ela.

– É difícil ser tão velho – suspirou enquanto se instalava na almofada. – E ainda mais difícil ser tão cego. Sinto falta do sol. E dos livros. Acima de tudo sinto falta dos livros. – Aemon fez um gesto com uma mão. – Não precisarei mais de você até a votação.

– A votação... Meistre, não há algo que possa fazer? O que o rei disse sobre Lorde Janos...

– Eu lembro-me – disse Meistre Aemon –, mas, Sam, eu sou um meistre, acorrentado e juramentado. Meu dever é aconselhar o Senhor Comandante, seja ele quem for. Não seria adequado que eu fosse visto favorecendo um candidato em detrimento de outro.

– Eu não sou um meistre – disse Sam. – Poderia *eu* fazer alguma coisa?

Aemon virou seus alvos olhos cegos para o rosto de Sam e sorriu suavemente.

– Ora, não sei, Samwell. Poderia?

Poderia, pensou Sam. *Tenho de fazer*. E tinha de fazer imediatamente. Se hesitasse, perderia a coragem com certeza. *Sou um homem da Patrulha da Noite*, lembrou a si mesmo enquanto cruzava o pátio, apressado. *Sou sim. Posso fazer isso*. Tinha havido uma época em que estremeceria e guincharia se Lorde Mormont apenas o olhasse, mas esse era o velho Sam, de antes do Punho dos Primeiros Homens e da Fortaleza de Craster, de antes das criaturas e do Mãos-Frias e do Outro montado em seu cavalo morto. Ele agora era mais corajoso. *Goiva tornou-me mais corajoso*, tinha dito a Jon. Era verdade. Tinha de ser verdade.

Cotter Pyke era o mais assustador dos dois comandantes, por isso Sam foi primeiro falar com ele, enquanto a coragem ainda estava quente. Foi encontrá-lo no antigo Salão dos Escudos, jogando dados com três de seus homens de Atalaialeste e um sargento ruivo que viera de Pedra do Dragão com Stannis.

Mas quando Sam pediu licença para falar com ele, Pyke ladrou uma ordem, e os outros pegaram o dado e as moedas e deixaram-nos a sós.

Ninguém chamaria algum dia Cotter Pyke de bem-apessoado, embora o corpo que se encontrava sob a sua brigantina tachonada e os calções de tecido grosseiro fosse esguio, duro e forte. Os olhos eram

pequenos e juntos, tinha o nariz quebrado, e os cabelos recuados nas têmporas formavam um bico tão pronunciado quanto a ponta de uma lança. As bexigas tinham devastado violentamente seu rosto, e a barba que deixou crescer para esconder as cicatrizes era fina e irregular.

– Sam, o Matador! – disse ele, em jeito de saudação. – Tem certeza de que apunhalou um Outro, e não um cavaleiro de neve de alguma criança?

Isso não está começando bem.

– Foi o vidro de dragão que o matou, senhor – explicou debilmente Sam.

– Sim, sem dúvida. Bem, desembucha, Matador. Foi o meistre que o mandou vir até mim?

– O meistre? – Sam engoliu em seco. – Eu... eu estive agora com ele, senhor. – Aquilo não era realmente uma mentira, mas se Pyke quisesse ler a informação da maneira errada, podia deixá-lo mais inclinado a escutar. Sam respirou fundo e lançou-se em seu apelo.

Pyke interrompeu-o antes de dizer vinte palavras.

– Quer que me ajoelhe e beije a bainha do lindo manto do Mallister, é isso? Devia ter imaginado. Vocês, os fidalgos, formam rebanhos como se fossem ovelhas. Bem, diga a Aemon que desperdiçou sua saliva e o meu tempo. Se alguém devesse se retirar, devia ser o Mallister. O homem é *velho* demais para o raio do cargo, e talvez devesse lhe dizer isso. Nós escolhemos o homem, e de repente estamos aqui de volta dentro de um ano, escolhendo outro qualquer.

– Ele é velho – concordou Sam –, mas tem muita ex-experiência.

– De se sentar em sua torre e remexer em mapas, talvez. O que ele planeja fazer? Escrever cartas às criaturas? Ele é um cavaleiro, muito bem, mas não é um *lutador*, e eu estou cagando e andando para quem ele derrubou do cavalo num torneio de idiotas qualquer há cinquenta anos. O Meia-Mão travou todas as batalhas dele, até um velho cego devia ser capaz de ver isso. E, mais do que nunca, nós precisamos de um lutador, com este maldito rei em cima de nós. Hoje são ruínas e campos vazios, muito bem, mas o que irá *Sua Graça* querer amanhã? Acha que o *Mallister* tem estômago para enfrentar Stannis Baratheon e aquela cadela vermelha? – Soltou uma gargalhada. – Eu não.

– Então não irá apoiá-lo? – disse Sam, desalentado.

– É o Sam, o Matador, ou o Dick Surdo? Não, não irei apoiá-lo. – Pyke sacudiu um dedo em frente de seu rosto. – Veja se entende isto, rapaz. Eu não *quero* a porcaria do cargo, e nunca quis. Luto melhor com um convés debaixo de mim, não com um cavalo, e Castelo Negro fica longe demais do mar. Mas prefiro ser enrabado por uma espada em brasa a entregar a Patrulha da Noite àquela águia peralta da Torre Sombria. E você pode correr de volta para junto do velho e contar-lhe o que eu disse se ele perguntar. – Ficou em pé. – Desapareça da minha

vista.

Sam precisou de toda a coragem que lhe restava para dizer:

– E... e se houvesse outra pessoa? Poderia a-apoiar outra pessoa?

– Quem? Bowen Marsh? O homem conta colheres. Othell é um seguidor, faz o que lhe dizem, e faz bem, mas não passa disso. Slynt... bem, seus homens gostam dele, admito, e quase valeria a pena enfiá-lo no real papo e ver se Stannis se engasgava, mas não. Há demasiado de Porto Real nesse aí. Um sapo ganha asas e pensa que é a merda de um dragão. – Pyke soltou uma gargalhada. – Sobra quem? Hobb? Podíamos escolhê-lo, suponho, mas depois quem é que iria assar o seu carneiro, Matador? Você parece ser um homem que gosta do seu carneiro.

Nada mais havia a dizer. Derrotado, Sam só pôde gaguejar seus agradecimentos e retirar-se. *Terei mais sucesso com Sor Denys*, tentou dizer a si mesmo enquanto atravessava o castelo. Sor Denys era um cavaleiro, bem-nascido e educado, e tinha tratado Sam com toda a cortesia quando o encontrou com Goiva na estrada. *Sor Denys vai me escutar, tem de escutar*.

O comandante da Torre Sombria tinha nascido à sombra da Torre Ressonante de Guardamar, e cada centímetro de seu corpo se parecia com um Mallister. Zibelina forrava seu colarinho e realçava as mangas de seu gibão de veludo negro. Uma águia prateada prendia as garras nas dobras de seu manto. A barba era branca como neve, o cabelo quase desaparecera, e o rosto exibia profundas rugas, era certo. Mas ele ainda possuía graça nos movimentos e dentes na boca, e os anos não tinham enevoado nem seus olhos azul-acinzentados nem sua cortesia.

– Senhor de Tarly – disse, quando seu intendente levou Sam até ele, na Lança, onde os homens da Torre Sombria estavam alojados. – Agrada-me ver que se recuperou de sua provação. Posso oferecer-lhe uma taça de vinho? A senhora sua mãe é uma Florent, se bem me lembro. Um dia tenho de lhe contar como derrubei ambos os seus avôs no mesmo torneio. Mas não hoje, sei que temos assuntos mais prementes a tratar. Vem da parte de Meistre Aemon, com certeza. Ele tem conselhos a me dar?

Sam bebeu um gole de vinho e escolheu as palavras com cuidado.

– Um meistre acorrentado e juramentado... não seria adequado que fosse visto influenciando a escolha do Senhor Comandante...

O velho cavaleiro sorriu.

– Motivo pelo qual não veio pessoalmente falar comigo. Sim, compreendo bastante bem, Samwell. Aemon e eu somos ambos velhos, e sábios em tais assuntos. Diga o que veio dizer.

O vinho era doce, e Sor Denys escutou o apelo de Sam com grave cortesia, ao contrário de Cotter Pyke. Mas quando terminou, o velho

cavaleiro sacudiu a cabeça.

– Concordo que seria um dia negro na nossa história se um rei nomeasse o nosso Senhor Comandante. Este rei, especialmente. Não é provável que mantenha a coroa por muito tempo. Mas realmente, Samwell, devia ser Pyke a retirar-se. Tenho mais apoio do que ele, e sou mais adequado ao cargo.

– É verdade – concordou Sam –, mas Cotter Pyke poderia servir. Dizem que provou frequentemente o seu valor em batalha. – Não pretendia ofender Sor Denys elogiando o seu rival, mas de que outra forma poderia convencê-lo a se retirar?

– Muitos de nossos irmãos demonstraram o seu valor em batalha. Não basta. Há assuntos que não podem ser decididos com um machado de guerra. Meistre Aemon compreenderá esse fato, embora Cotter Pyke não compreenda. O Senhor Comandante da Patrulha da Noite é um *senhor*, acima de tudo. Tem de ser capaz de lidar com outros senhores... e também com reis. Tem de ser um homem merecedor de respeito. – Sor Denys inclinou-se para a frente. – Nós dois somos filhos de grandes senhores. Conhecemos a importância do nascimento, do sangue e desse treino inicial que nunca pode ser substituído. Eu fui escudeiro aos doze anos, cavaleiro aos dezoito, campeão aos vinte e dois. Sou comandante na Torre Sombria há trinta e três anos. O sangue, o nascimento e o treino tornaram-me apto a lidar com reis. O Pyke... bem, ouviu-o esta manhã, perguntando se Sua Graça lhe limparia o traseiro? Samwell, não é meu hábito falar mal de meus irmãos, mas sejamos francos... os homens de ferro são uma raça de piratas e ladrões, e Cotter Pyke já andava violando e assassinando quando mal tinha deixado de ser um rapaz. Meistre Harmune lê e escreve as cartas dele, e tem feito isso há anos. Não, por mais relutância que sinta em desapontar o Meistre Aemon, não poderia de forma honrosa afastar-me pelo Pyke de Atalaialeste.

Daquela vez, Sam estava preparado.

– E poderia fazê-lo por outra pessoa? Se houvesse alguém mais adequado?

Sor Denys refletiu por um momento.

– Nunca desejei a honra em si mesma. Na última eleição, afastei-me, grato, quando o nome de Lorde Mormont foi sugerido, tal como tinha feito por Lorde Qorgyle na eleição anterior. Desde que a Patrulha da Noite permaneça em boas mãos, estou satisfeito. Mas Bowen Marsh não está à altura da tarefa e Othell Yarwyck também não. E este dito Senhor de Harrenhal é uma cria de carniceiro promovida pelos Lannister. Não me admira que seja venal e corrupto.

– Há outro homem – Sam deixou escapar. – O Senhor Comandante Mormont confiou nele. E Donal Noye e Qhorin Meia-Mão também. Embora o nascimento dele não seja tão nobre quanto o seu,

provém de sangue antigo. Nasceu e foi educado num castelo, e aprendeu a manejar espada e lança com um cavaleiro e as letras com um meistre da Cidadela. O pai era um senhor, e o irmão, um rei.

Sor Denys afagou sua longa barba branca.

– Talvez – disse, após um longo momento. – É muito jovem, mas... talvez. Poderá servir, admito, embora eu fosse mais adequado. Não tenho qualquer dúvida. Eu seria a escolha mais sensata.

Jon disse que podia haver honra numa mentira, se fosse dita pelos motivos certos. Sam disse:

– Se não escolhermos um Senhor Comandante esta noite, o Rei Stannis pretende nomear Cotter Pyke. Ele disse isso ao Meistre Aemon esta manhã, depois de todos vocês terem saído.

– Entendo. – Sor Denys ergueu-se. – Tenho de pensar sobre isso. Obrigado, Samwell. E dê os meus agradecimentos também ao Meistre Aemon.

Sam estava tremendo quando saiu da Lança. *O que foi que eu fiz?*, pensou. *O que foi que eu disse?* Se o pegassem mentindo... *fariam o quê? Iriam me enviar para a Muralha? Tirar minhas entranhas? Transformar-me numa criatura?* De repente, tudo aquilo lhe pareceu absurdo. Como podia se sentir tão assustado com Cotter Pyke e Sor Denys Mallister, depois de ter visto um corvo comer o rosto de Paul Pequeno?

Pyke não se mostrou satisfeito com o seu retorno.

– Você outra vez? Seja rápido, você começa a me aborrecer.

– Só preciso de mais um momento – prometeu Sam. – Disse que não se retiraria por Sor Denys, mas poderia se retirar por outro homem.

– Quem é dessa vez, Matador? Você?

– Não. Um lutador. Donal Noye entregou-lhe a Muralha quando os selvagens chegaram e era escudeiro do Velho Urso. O único problema é que é bastardo.

Cotter Pyke soltou uma gargalhada.

– Oh, inferno. Isso ia enfiar uma lança no cu do Mallister, não ia? Pode valer a pena só por isso. O rapaz talvez não seja tão ruim, não é? – fungou. – Mas eu seria melhor. Eu sou o líder de quem precisamos, qualquer idiota consegue ver isso.

– Qualquer idiota – concordou Sam –, até eu. Mas... bem, eu não devia lhe contar, mas... o Rei Stannis pretende nos obrigar a aceitar Sor Denys, se não escolhermos um homem esta noite. Ouvi-o dizendo isso ao Meistre Aemon, depois do resto de vocês ter sido mandado embora.

Jon

Emmett de Ferro era um jovem patrulheiro alto e magricela cuja resistência, força e habilidade com a espada eram o orgulho de Atalaialeste. Jon saía sempre de suas sessões hirto e dolorido, e no dia seguinte acordava coberto de hematomas, o que era exatamente o que queria. Nunca conseguiria se aperfeiçoar defrontando gente como Cetim, Cavalo ou mesmo Grenn.

Jon gostava de pensar que na maior parte dos dias batia tanto quanto apanhava, mas não naquele. Quase não tinha dormido na noite anterior, e após passar uma hora virando-se na cama, num desassossego, desistiu até de tentar, vestiu-se e percorreu o topo da Muralha até o sol nascer, lutando com a oferta de Stannis Baratheon. A falta de sono estava agora se fazendo sentir, e Emmett malhava nele sem misericórdia pátio afora, mantendo-o sobre os calcanhares com um longo golpe em arco após outro, e batendo nele de tempos em tempos com o escudo, para variar. O braço de Jon ficou dormente com os impactos, e a espada de treino sem gume parecia tornar-se mais pesada a cada momento.

Estava prestes a baixar a lâmina e pedir para pararem quando Emmett fez uma finta baixa e arremeteu por cima de seu escudo com um violento golpe direto que atingiu Jon num lado da cabeça. Cambaleou, com o elmo e a cabeça ressoando com a força do ataque. Durante meio segundo o mundo para lá de sua viseira foi uma mancha indistinta.

E então os anos desapareceram, e ele estava uma vez mais de volta a Winterfell, usando um casaco de couro almofadado em vez de cota de malha e placa de aço. Sua espada era feita de madeira, e era Robb quem o defrontava, e não Emmett de Ferro.

Tinham treinado juntos todas as manhãs, desde que tiveram idade suficiente para andar; Snow e Stark, rodopiando e golpeando-se pelos pátios de Winterfell, gritando e rindo, e às vezes chorando quando ninguém estava vendo. Quando lutavam não eram garotinhos, e sim cavaleiros e poderosos heróis. “Eu sou o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão”, gritava Jon, e Robb gritava em resposta: “Bem, eu sou Florian, o Bobo”. Ou então Robb dizia: “Eu sou o Jovem Dragão”, e Jon respondia: “Eu sou Sor Ryam Redwyne”.

Naquela manhã tinha sido ele quem gritou primeiro.

– Eu sou o Senhor de Winterfell – gritou, como gritara cem vezes antes. Mas daquela vez, *daquela* vez, Robb respondeu:

– Você não pode ser Senhor de Winterfell, é um bastardo. A senhora minha mãe diz que nunca poderá ser Senhor de Winterfell.

Achava que tinha esquecido isso. Jon sentia sangue na boca, do

golpe que sofrera.

No fim, Halder e Cavalo tiveram de afastá-lo de Emmett de Ferro, cada um dos homens segurando um de seus braços. O patrulheiro estava sentado no chão, atordoado, com o escudo meio feito em lascas, a viseira do elmo torta, e a espada a seis metros de distância.

– Jon, basta – Halder estava gritando –, ele caiu, você desarmou-o. *Basta*!

Não. Não basta. Nunca basta. Jon largou a espada.

– Desculpe – murmurou. – Emmett, está ferido?

Emmett de Ferro tirou seu elmo amassado.

– Houve alguma parte de *rendo-me* que não conseguiu entender, Lorde Snow? – Mas aquilo foi dito de forma amigável. Emmett era um homem amigável e adorava a canção das espadas. – Que o Guerreiro me proteja – gemeu –, agora sei o que Qhorin Meia-Mão deve ter sentido.

Aquilo foi demais. Jon libertou-se dos amigos e se retirou para o arsenal, sozinho. Ainda tinha os ouvidos ressoando do golpe que Emmett lhe dera. Sentou-se no banco e afundou a cabeça nas mãos. *Por que estou tão zangado?*, perguntou a si mesmo, mas era uma pergunta estúpida. *Senhor de Winterfell. Poderia ser Senhor de Winterfell. Herdeiro de meu pai.*

Mas não foi o rosto de Lorde Eddard que viu flutuando na sua frente; foi o da Senhora Catelyn. Com os seus profundos olhos azuis e a boca dura e fria, parecia-se um pouco com Stannis. *Ferro*, pensou, *mas quebradiço*. Ela o olhava daquela maneira como costumava olhá-lo em Winterfell, sempre que ele se sobrepunha a Robb nas espadas, nas somas, ou em qualquer outra coisa. *Quem é você?*, sempre lhe parecia que aquele olhar dizia. *Este não é o seu lugar. Por que está aqui?*

Os amigos ainda estavam no pátio de treinos, mas Jon não se encontrava em estado de encará-los. Saiu do arsenal pelos fundos, descendo uma íngreme escada de pedra até os caminhos de minhoca, os túneis subterrâneos que ligavam as fortalezas e as torres do castelo. Foi uma caminhada curta até a casa de banhos, onde deu um mergulho frio para lavar o suor do corpo e depois se enfiou numa quente banheira de pedra. O calor levou um pouco da dor dos músculos e fez Jon pensar nas lagoas lamacentas de Winterfell, que fumegavam e borbulhavam no bosque sagrado. *Winterfell*, pensou. *Theon deixou-o queimado e quebrado, mas eu poderia restaurá-lo*. Certamente o pai teria desejado isso, e Robb também. Nunca teriam desejado que o castelo fosse abandonado à ruína.

"Você não pode ser Senhor de Winterfell, é um bastardo", ouviu de novo Robb dizer. E os reis de pedra rosnavam para ele com línguas de granito. "Não pertence a Winterfell. Este não é o seu lugar." Quando Jon fechou os olhos, viu a árvore-coração, com seus ramos

claros, folhas vermelhas e rosto solene. Lorde Eddard sempre dizia que o represeiro era o coração de Winterfell... mas para salvar o castelo, Jon teria de arrancar esse coração até suas antigas raízes e entregá-lo ao faminto deus de fogo da mulher vermelha. *Não tenho o direito*, pensou. *Winterfell pertence aos deuses antigos*.

O som de vozes ecoando no teto abobadado trouxe-o de volta a Castelo Negro.

– Não sei – um homem estava dizendo, numa voz pesada de dúvidas. – Talvez se conhecesse melhor o homem... Lorde Stannis não tinha nada de muito bom a dizer dele, digo-lhe isso.

– Quando Stannis Baratheon teve muitas coisas boas a dizer de alguém? – voz pétrea de Sor Alliser era inconfundível. – Se permitirmos que Stannis escolha nosso Senhor Comandante, transformamo-nos em seus vassalos em tudo menos no nome. Não é provável que Tywin Lannister se esqueça disso, e você sabe que será Lorde Tywin quem vai ganhar no fim. Já derrotou Stannis uma vez, na Água Negra.

– Lorde Tywin é favorável a Slynt – disse Bowen Marsh, numa voz inquieta e ansiosa. – Posso lhe mostrar a carta dele, Othell. Chamou Slynt de "o nosso fiel amigo e servidor".

Jon Snow ergueu-se de repente, e os três homens imobilizaram-se ao ouvir o som da água escorrendo.

– Senhores – disse, com fria cortesia.

– O que está fazendo aqui, bastardo? – perguntou Thorne.

– Tomando banho. Mas não deixem que eu estrague as suas maquinações. – Jon saiu de dentro da banheira, secou-se, vestiu-se e deixou-os conspirando. Lá fora, descobriu que não fazia nenhuma ideia de onde ir. Passou pelo esqueleto da Torre do Senhor Comandante, onde um dia tinha salvado o Velho Urso de um morto; passou pelo local onde Ygritte morreu com aquele sorriso triste no rosto; passou pela Torre do Rei, onde ele, Cetim e Dick Surdo Follard tinham esperado pelo Magnar e os seus Thenns; passou pelos restos empilhados e carbonizados da grande escada de madeira. O portão interior estava aberto, então Jon penetrou no túnel e começou a atravessar a Muralha. Sentia o frio à sua volta, o peso de todo o gelo por cima de sua cabeça. Passou pelo local onde Donal Noye e Mag, o Poderoso, tinham lutado e morrido juntos, atravessou o novo portão exterior, e saiu para a luz pálida e fria do sol.

Só então se permitiu parar, respirar, pensar. Othell Yarwyck não era um homem de fortes convicções, exceto naquilo que dizia respeito a madeira, pedra e argamassa. O Velho Urso sabia disso. *Thorne e Marsh irão fazê-lo mudar de opinião, Yarwyck irá apoiar Lorde Janos, e Lorde Janos será escolhido Senhor Comandante. E isso deixa-me o quê, além de Winterfell?*

Um vento rodopiava contra a Muralha, puxando seu manto. Sentia o frio que vinha do gelo tal como o calor vem de uma fogueira. Jon puxou o capuz para cima e recomeçou a andar. A tarde encaminhava-se para o fim, e o sol estava baixo a oeste. Cem metros à frente ficava o acampamento onde o Rei Stannis confinou seus cativos selvagens dentro de um anel de valas, estacas afiadas, e altas cercas de madeira. Para a esquerda havia três grandes fossos para fogueiras, onde os vencedores tinham queimado os corpos de todos os membros do povo livre que tinham morrido à sombra da Muralha, fossem enormes gigantes cobertos de pelo, fossem pequenos homens de Cornopé. O terreno de matança ainda era uma desolação de mato chamuscado e piche endurecido, mas o povo de Mance deixou sinais de sua passagem por todo lado: uma pele rasgada que podia ter feito parte de uma tenda, um malho de gigante, a roda de uma biga, uma lança quebrada, uma pilha de estrume de mamute. No limite da floresta assombrada, onde as tendas tinham se erguido, Jon encontrou um toco de carvalho e sentou-se.

Ygritte queria que eu fosse um selvagem, Stannis quer que eu seja o Senhor de Winterfell. Mas o que eu quero? O sol engatinhou pelo céu e foi mergulhar atrás da Muralha, no local onde esta descrevia uma curva através dos montes a ocidente. Jon ficou observando, enquanto essa altíssima extensão de gelo adotava os tons vermelhos e rosados do poente. *Preferiria ser enforcado como vira-casaca por Lorde Janos ou abjurar os meus votos, casar com Val e tornar-me Senhor de Winterfell?* Parecia uma escolha fácil quando pensava nela nesses termos... se bem que, se Ygritte ainda fosse viva, pudesse ter sido ainda mais fácil. Val era uma estranha para ele. Não era de doer os olhos, com certeza, e tinha sido irmã da rainha de Mance Rayder, mesmo assim...

Teria de raptá-la se quisesse o seu amor, mas ela poderia me dar filhos. Eu poderia um dia segurar nos braços um filho de meu próprio sangue. Um filho era algo com que Jon Snow nunca se atrevera a sonhar, desde que decidira viver a sua vida na Muralha. *Podia chamá-lo de Robb. Val gostaria de ficar com o filho da irmã, mas poderíamos criá-lo em Winterfell, e o filho da Goiva também. Sam nunca teria de contar a sua mentira. E também encontraríamos lugar para Goiva, e Sam poderia ir visitá-la uma vez por ano, ou algo assim. O filho de Mance e o de Craster cresceriam como irmãos, como aconteceu comigo e Robb*.

Jon compreendeu então que desejava aquilo. Desejava-o tanto como jamais tinha desejado alguma coisa. *Sempre o desejei*, pensou, sentindo-se culpado. *Que os deuses me perdoem*. Era uma fome que trazia dentro de si, afiada como uma lâmina de vidro de dragão. Uma fome... conseguia senti-la. Era de comida que necessitava, de presas, de um veado vermelho que fedesse a medo ou de um grande alce, orgulhoso e desafiador. Desejava matar e encher a barriga de carne

fresca e sangue quente e escuro. Sua boca começou a se encher de saliva ao pensar nisso.

Passou-se um longo momento até compreender o que estava acontecendo. Quando isso aconteceu, pôs-se em pé de um salto.

– *Fantasma?* – virou-se para a floresta, e ali estava ele, saltando em silêncio do interior do ocaso verde, com a respiração saindo quente e branca de suas mandíbulas abertas. – *Fantasma!* – gritou, e o lobo gigante desatou a correr. Estava mais esguio do que antes, mas também estava maior, e o único som que fazia era o suave estalar de folhas mortas sob as patas. Quando se aproximou de Jon, saltou, e ambos lutaram entre a grama amarronzada e as longas sombras, enquanto as estrelas surgiam por cima deles. – Deuses, lobo, onde *esteve*? – disse Jon quando o Fantasma parou de lhe mordiscar o braço. – Achava que tinha morrido, como Robb e Ygritte e todos os outros. Não consegui senti-lo desde que escalei a Muralha, nem mesmo em sonhos. – O lobo gigante não tinha resposta a dar, mas lambeu o rosto de Jon com uma língua que era como lixa úmida, e seus olhos capturaram a última luz e brilharam como dois grandes sóis vermelhos.

Olhos vermelhos, percebeu Jon, *mas não como os de Melisandre*. O lobo tinha olhos de represeiro. *Olhos vermelhos, boca vermelha, pelo branco. Sangue e osso, como uma árvore-coração. Este pertence aos deuses antigos*. E só ele, entre todos os lobos gigantes, era branco. Tinham encontrado seis filhotes nas neves do fim do verão, ele e Robb; cinco que eram cinzentos, negros e castanhos, para os cinco Stark, e um branco, tão branco como a neve. Snow.

Então obteve a sua resposta.

Sob a Muralha, os homens da rainha estavam acendendo a sua fogueira noturna. Viu Melisandre emergir do túnel com o rei a seu lado, para liderar as preces que acreditava que manteriam a escuridão afastada.

– Vem, Fantasma – disse Jon ao lobo. – Comigo. Você tem fome, eu sei. Consegui sentir. – Correram juntos para o portão, dando uma volta larga em torno da fogueira noturna, na qual altas chamas enfiavam as garras na barriga negra da noite.

Os homens do rei encontravam-se em grande evidência nos pátios de Castelo Negro. Paravam quando Jon passava por eles, e ficavam olhando de boca aberta. Compreendeu que nenhum deles jamais tinha visto um lobo gigante, e Fantasma era duas vezes maior do que os lobos comuns que patrulhavam as suas florestas do sul. Enquanto se dirigia ao arsenal, Jon olhou casualmente para cima e viu Val em pé, na sua janela de torre. *Lamento*, pensou, *não sou o homem que a raptará daí.*

No pátio de treinos deparou com uma dúzia de homens do rei

com archotes e longas lanças nas mãos. O sargento olhou para Fantasma e franziu a testa, e dois dos seus homens baixaram as lanças até que o cavaleiro que os liderava disse:

– Afastem-se e deixem-nos passar. – E, dirigindo-se a Jon, disse: – Está atrasado para o jantar.

– Então saia do meu caminho, sor – respondeu Jon, e foi o que o outro fez.

Ouviu o ruído antes mesmo de chegar ao pé das escadas; vozes alteradas, xingamentos, alguém esmurrando uma mesa. Jon entrou na adega praticamente sem ser notado. Os irmãos enchiam os bancos e as mesas, mas os que estavam em pé e aos gritos eram mais numerosos do que aqueles que se encontravam sentados, e ninguém comia. Não havia comida. *O que está acontecendo aqui?* Lorde Janos Slynt berrava qualquer coisa sobre vira-casacas e traições, Emmett de Ferro encontrava-se em pé sobre uma mesa com a espada desembainhada na mão, Hobb Três-Dedos amaldiçoava um patrulheiro da Torre Sombria... um homem qualquer de Atalaialeste bateu com o punho algumas vezes na mesa, exigindo silêncio, mas tudo que conseguiu foi somar esse ruído ao burburinho que ecoava sob o teto abobadado.

Pyp foi o primeiro a notar a presença de Jon. Sorriu ao ver Fantasma, levou dois dedos à boca e assobiou como só um filho de saltimbanco sabia assobiar. O som estridente cortou o clamor como uma espada. Enquanto Jon caminhava na direção das mesas, mais irmãos reparavam nele e ficavam quietos. Um silêncio espalhou-se pela adega, até que os únicos sons que se ouviram foram os calcanhares de Jon soltando estalidos do chão de pedra, e o suave crepitar da lenha na lareira.

Sor Alliser Thorne estilhaçou o silêncio.

– O vira-casacas finalmente agracia-nos com sua presença.

Lorde Janos estava ruborizado e tremendo.

– A *fera* – arquejou. – Olhem! A fera que arrancou a vida do Meia-Mão. Um *warg* caminha entre nós, irmãos. Um *WARG*! Esta... esta *criatura* não é digna de nos liderar! Este *lobisomem* não é digno de viver!

Fantasma mostrou as presas, mas Jon apoiou uma mão na cabeça dele.

– Senhor – disse –, quer me dizer o que está acontecendo aqui?

Meistre Aemon respondeu do outro lado da sala.

– Seu nome foi sugerido para Senhor Comandante, Jon.

Aquilo era tão absurdo que Jon teve de sorrir.

– Por quem? – disse, em busca dos amigos. Aquilo tinha de ser uma das brincadeiras de Pyp, com certeza. Mas Pyp encolheu os ombros, e Grenn balançou a cabeça. Foi Edd Doloroso Tollett quem se levantou.

– Por mim. Sim, fazer isso a um amigo é terrivelmente cruel, mas antes você do que eu.

Lorde Janos recomeçou a falar furiosamente.

– Isso, isso é um ultraje. Nós devíamos enforcar esse rapaz. Sim! Enforquem-no, enforquem-no por ser um vira-casacas e *warg*, juntamente com o amigo Mance Rayder. *Senhor Comandante?* Não aceitarei isso, não admitirei isso!

Cotter Pyke pôs-se em pé.

– *Você* não admite isso? Pode ser que tenha treinado aqueles homens de manto dourado para lamber a merda do seu cu, mas agora está usando um manto preto.

– Qualquer irmão pode pôr qualquer nome à nossa consideração, desde que o homem tenha proferido seus votos – disse Sor Dennis Mallister. – Tollett está inteiramente no seu direito, senhor.

Uma dúzia de homens começou a falar ao mesmo tempo, cada um tentando sobrepor sua voz à dos outros, e não tardou muito até que metade da sala estivesse de novo aos gritos. Daquela vez foi Sor Alliser Thorne quem saltou para cima da mesa e ergueu as mãos exigindo silêncio.

– *Irmãos!* – gritou – Não lucramos nada com isso. Sugiro que votemos. Este rei que ocupou a Torre do Rei colocou homens em todas as portas para se assegurar de que não comamos nem saiamos até que a escolha seja feita. Que seja! Votaremos, e votaremos de novo, a noite inteira se necessário, até termos o nosso comandante... mas antes de depositarmos os penhores, creio que nosso Primeiro Construtor tem algo a nos dizer.

Othell Yarwyck levantou-se lentamente, de cenho franzido. O grande construtor esfregou seu queixo protuberante e disse:

– Bem, vou retirar o meu nome. Já houve dez oportunidades de me escolherem, e não o fizeram. Não o suficiente de vocês, pelo menos. Eu ia dizer que aqueles que estavam depositando um penhor por mim deviam escolher Lorde Janos...

Sor Alliser fez um aceno.

– Lorde Slynt é a melhor escolha...

– Não tinha *acabado*, Alliser – protestou Yarwyck. – Lorde Slynt comandou a Patrulha da Cidade em Porto Real, todos sabemos, e era Senhor de Harrenhal...

– Ele nem sequer *viu* Harrenhal – gritou Cotter Pyke.

– Bem, isso é verdade – disse Yarwyck. – Seja como for, agora que estou aqui em pé, não me lembro por que foi que pensei que Slynt seria uma escolha assim tão boa. Isso seria como dar um chute na boca do Rei Stannis, e não vejo como é que isso nos é útil. Pode ser que o Snow seja melhor. Está há mais tempo na Muralha, é sobrinho de Ben Stark e serviu o Velho Urso como escudeiro. – Yarwyck

encolheu os ombros. – Escolham quem quiserem, desde que não seja eu. – E sentou-se.

Jon viu que Janos Slynt, que já estava vermelho, ficara roxo, mas Sor Alliser Thorne tinha empalidecido. O homem de Atalaialeste estava de novo batendo na mesa com o punho, mas agora gritava pelo caldeirão. Alguns de seus amigos adotaram o grito.

– *Caldeirão!* – rugiram eles, como um só. – *Caldeirão, caldeirão, CALDEIRÃO!*

O caldeirão estava no canto junto à lareira, uma enorme coisa negra de fundo redondo, com duas enormes alças e uma tampa pesada. Meistre Aemon disse algo a Sam e Clydas, e eles agarraram as alças e arrastaram o caldeirão para a mesa. Alguns dos irmãos já estavam fazendo fila junto aos barris de penhores quando Clydas tirou a tampa e quase a deixou cair em cima do pé. Com um grito roufenho e um bater de asas, um enorme corvo saltou de dentro do caldeirão. Voou para cima, talvez em busca das vigas, ou de uma janela por onde escapar, mas não havia vigas no porão e também não havia janelas. O corvo estava encurralado. Crocitando ruidosamente, voou aos círculos pela sala, uma, duas, três vezes. E Jon ouviu Samwell Tarly gritar:

– Eu conheço aquela ave! É o corvo de Lorde Mormont!

O corvo pousou na mesa mais próxima de Jon. "*Snow*", crocitou. Era uma ave velha, suja e enlameada. "*Snow*", voltou a dizer, "*Snow, snow, snow*". Caminhou até a borda da mesa, abriu de novo as asas e voou para o ombro de Jon.

Lorde Janos Slynt sentou-se tão pesadamente que fez *tum*, mas Sor Alliser encheu a adega com uma gargalhada zombeteira.

– Sor Porquinho pensa que somos todos tolos, irmãos – disse. – Ele ensinou à ave este truquezinho. Todos eles dizem *snow*, é só ir à colônia e escutar com seus ouvidos. A ave de Mormont sabia mais palavras além dessa.

O corvo inclinou a cabeça e olhou para Jon. "*Grão?*", disse com ar esperançoso. Quando não obteve nem grão nem uma resposta, soltou um *cuorc* e resmungou: "*Caldeirão? Caldeirão? Caldeirão?*".

E o resto foram pontas de flecha, uma torrente de pontas de flecha, um dilúvio de pontas de flecha, pontas de flecha suficientes para afogar as últimas pedras e conchas, e também todas as moedas de cobre.

Quando a contagem terminou, Jon deu por si rodeado. Alguns deram-lhe tapinhas nas costas, enquanto outros se dobravam para ajoelhar perante si como se fosse um senhor de verdade. Cetim, Owen Idiota, Halder, Sapo, Bota Extra, Gigante, Mully, Ulmer da Mata de Rei, Donnel Doce Hill e meia centena de outros comprimiram-se ao seu redor. Dywen bateu seus dentes de madeira e disse:

– Pela bondade dos deuses, nosso Senhor Comandante ainda usa

cueiros.

Emmett de Ferro disse:

– Espero que isso não queira dizer que já não posso dar-lhe uma surra daquelas da próxima vez que treinarmos, senhor. – Hobb Três-Dedos quis saber se ele continuaria comendo com os homens ou se iria querer as refeições enviadas para o aposento privado. Até Bowen Marsh se aproximou para dizer que ficaria feliz por continuar sendo Senhor Intendente se fosse essa a vontade de Lorde Snow.

– Lorde Snow – disse Cotter Pyke –, se estragar isto, eu arranco seu fígado e como-o cru com cebolas.

Sor Denys Mallister foi mais cortês.

– Foi coisa difícil, aquela que o jovem Samwell me pediu – confessou o velho cavaleiro. – Quando Lorde Qorgyle foi eleito, eu disse a mim mesmo: "Não importa, ele está na Muralha há mais tempo do que você, a sua hora chegará". Quando foi Lorde Mormont, pensei: "Ele é forte e feroz, mas é velho, a sua hora ainda pode chegar". Mas você pouco mais é do que um rapaz, Lorde Snow, e agora tenho de retornar à Torre Sombria sabendo que a minha hora nunca virá. – Deu um sorriso cansado. – Não me faça morrer arrependido. Seu tio era um grande homem. O senhor seu pai e o pai dele também. Esperarei do senhor precisamente o mesmo.

– Sim – disse Cotter Pyke. – E pode começar por dizer àqueles homens do rei que está feito, e que queremos a porcaria do jantar.

"*Jantar*", gritou o corvo. "*Jantar, jantar.*"

Os homens do rei saíram da porta quando lhes falaram da eleição, e Hobb Três-Dedos e meia dúzia de ajudantes dirigiram-se a trote para as cozinhas a fim de ir buscar a comida. Jon não esperou para comer. Atravessou o castelo, perguntando a si mesmo se estaria sonhando, com o corvo ao ombro e Fantasma logo atrás. Pyp, Grenn e Sam seguiram-no, tagarelando, mas quase não ouviu uma palavra até que Grenn sussurrou:

– *Sam* conseguiu isso.

E Pyp disse:

– Sam *conseguiu* isso! – Pyp tinha trazido consigo um odre de vinho, e bebeu um longo trago e entoou: – Sam, Sam, Sam, o feiticeiro, Sam, o prodígio, Sam, Sam, o homem maravilha, ele conseguiu. Mas quando foi que escondeu o corvo no caldeirão, Sam, e como, com os sete infernos, podia ter certeza de que ele voaria para o Jon? Se o pássaro tivesse decidido empoleirar-se na cabeça gorda de Janos Slynt, teria estragado tudo.

– Não tive nada a ver com o corvo – insistiu Sam. – Quando voou de dentro do caldeirão, quase me molhei todo.

Jon soltou uma gargalhada, meio espantado por ainda se lembrar de como se fazia.

– São todos um bando de idiotas loucos, sabem disso?

– Nós? – disse Pyp. – Chama a *nós* de idiotas? Não fomos nós que fomos escolhidos como o nonocentésimo nonagésimo oitavo Senhor Comandante da Patrulha da Noite. É melhor que tome algum vinho, Lorde Snow. Acho que vai precisar de *muito* vinho.

Então Jon Snow tirou o odre da mão de Pyp e bebeu um gole. Mas só um. A Muralha era sua, a noite era escura, e tinha um rei a enfrentar.

Sansa

Acordou de repente, com todos os nervos a tremer. Por um momento não se lembrou de onde estava. Tinha sonhado que era pequena, dividindo ainda um quarto com a irmã Arya. Mas foi a aia que ouviu se mexendo no sono, não a irmã, e aquilo não era Winterfell, mas o Ninho da Águia. *E eu sou Alayne Stone, uma bastarda*. O quarto estava frio e negro, embora ela se sentisse quente sob os cobertores. A alvorada ainda não havia chegado. Às vezes sonhava com Sor Ilyn Payne e acordava com o coração aos saltos, mas aquele sonho não tinha sido assim. *O lar. Estava sonhando com o meu lar*.

O Ninho da Águia não era lar nenhum. Não era maior do que a Fortaleza de Maegor, e fora de suas abruptas muralhas brancas ficavam apenas a montanha e a longa e traiçoeira descida que passava por Céu, Neve e Pedra e levava aos Portões da Lua, no fundo do vale. Não havia para onde ir e pouco havia para fazer. Os criados mais velhos diziam que aqueles salões ressoavam de risos na época em que seu pai e Robert Baratheon eram protegidos de Jon Arryn, mas esses dias tinham passado havia muitos anos. A tia mantinha pouco pessoal, e raramente permitia que as visitas subissem para lá dos Portões da Lua. Além de sua idosa aia, o único companheiro de Sansa era Lorde Robert, com oito anos e quase três meses.

E Marillion. Há sempre Marillion. Quando tocava para eles no jantar, com frequência o jovem cantor parecia estar cantando diretamente para Sansa. A tia não ficava nada satisfeita. A Senhora Lysa tinha um fraco por Marillion e banira duas criadas e até um pajem por dizerem mentiras a respeito dele.

Lysa estava tão solitária quanto Sansa. Seu novo esposo parecia passar mais tempo no sopé da montanha do que em seu cume. Agora andava longe, já partira havia quatro dias, para um encontro com os Corbray. Juntando aqui e ali as conversas que tinha ouvido, Sansa sabia que os vassalos de Jon Arryn se ressentiam do casamento de Lysa e só de má vontade concediam a Petyr a sua autoridade como Senhor Protetor do Vale. O ramo principal da Casa Royce estava perto da revolta aberta devido à recusa da tia de Sansa em ajudar Robb na guerra, e os Waynwood, Redfort, Belmore e Templeton davam-lhes todo o apoio. Os clãs da montanha também andavam causando problemas, e o velho Lorde Hunter morrera de forma tão súbita que os dois filhos mais novos andavam acusando o irmão mais velho de o ter assassinado. O Vale de Arryn podia ter sido poupado do pior da guerra, mas estava longe de ser o local idílico pelo qual a Senhora Lysa o queria fazer passar.

Não vou voltar a dormir, percebeu Sansa. *Tenho a cabeça num*

tumulto. Afastou relutantemente a almofada, atirou os cobertores para trás, dirigiu-se à janela e abriu as venezianas.

Nevava no Ninho da Águia.

Lá fora, os flocos pairavam com a suavidade e o silêncio da memória. Teria *sido isso que me acordou?* A neve já jazia numa camada espessa sobre o jardim, lá embaixo, cobrindo a grama, salpicando de branco os arbustos e as estátuas e pesando nos galhos das árvores. A cena levou Sansa de volta a noites frias de muito tempo atrás, no longo verão de sua infância.

A última vez que vira neve havia sido no dia em que tinha partido de Winterfell. *Aquela foi uma nevada mais leve do que esta*, recordou. *Robb tinha flocos derretendo nos cabelos quando me abraçou, e a bola de neve que Arya tentou fazer não parava de se desfazer em suas mãos*. Doía-lhe lembrar-se de como tinha se sentido feliz naquela manhã. Hullen ajudara-a a montar, e ela partira a cavalo com os flocos de neve girando à sua volta, para ver o grande e vasto mundo. *Pensei que a minha canção estava começando naquele dia, mas tinha quase terminado*.

Sansa deixou as janelas abertas enquanto se vestia. Sabia que estaria frio, embora as torres do Ninho da Águia rodeassem o jardim e o protegessem do pior dos ventos de montanha. Vestiu roupa de baixo de seda e uma combinação de linho e, por cima, um vestido quente de lã azul de carneiro. Dois pares de meias longas para as pernas, botas que eram atadas até os joelhos, pesadas luvas de couro, e por fim um manto com capuz de suave pele de raposa branca.

A aia enrolou-se melhor em seu cobertor quando a neve começou a entrar pela janela. Sansa entreabriu a porta e desceu pela escada em caracol. Quando abriu a porta do jardim, ele estava tão lindo que prendeu a respiração, sem desejar perturbar uma beleza tão perfeita. A neve caía e caía, tudo num silêncio fantasmagórico, e acumulava-se numa camada grossa e contínua no chão. Todas as cores tinham fugido do mundo exterior. Era um lugar de brancos, negros e cinza. Torres brancas, neve branca e estátuas brancas, sombras negras e árvores negras, tudo coberto pelo céu cinza-escuro. *Um mundo puro*, pensou Sansa. *Este não é o meu lugar*.

Mas saiu mesmo assim. As botas rasgaram buracos até os tornozelos na superfície alva e lisa da neve, mas não fizeram nenhum som. Sansa vagueou por entre arbustos congelados e esguias árvores escuras e perguntou a si mesma se estaria ainda sonhando. Flocos de neve que caíam roçavam seu rosto com a leveza dos beijos de um amante e derretiam-se em suas bochechas. No centro do jardim, ao lado da estátua da mulher chorosa que jazia no chão, quebrada e meio enterrada, virou o rosto para o céu e fechou os olhos. Sentiu a neve nas pálpebras, saboreou-a nos lábios. Era o sabor de Winterfell. O sabor da inocência. O sabor dos sonhos.

Quando Sansa voltou a abrir os olhos, estava de joelhos. Não se lembrava de ter caído. Parecia-lhe que o céu tinha tomado um tom mais claro de cinza. *A alvorada*, pensou. *Outro dia. Outro novo dia*. Era dos dias antigos que tinha fome. Era por eles que rezava. Mas a quem podia rezar? Sabia que um dia o jardim se destinara a um bosque sagrado, mas o solo era raso e pedregoso demais para que um represeiro ganhasse raízes. *Um bosque sagrado sem deuses, tão vazio quanto eu*.

Pegou um punhado de neve e apertou-a entre os dedos. Pesada e úmida, a neve comprimia-se com facilidade. Sansa ficou fazendo bolas de neve, dando-lhes forma e alisando-as até ficarem redondas, brancas e perfeitas. Recordou uma nevada de verão em Winterfell, durante a qual Arya e Bran a emboscaram ao sair da fortaleza, uma bela manhã. Cada um deles tinha uma dúzia de bolas de neve à mão, e ela nenhuma. Bran estava empoleirado no telhado da ponte coberta, fora de alcance, mas Sansa perseguiu Arya pelos estábulos e em volta das cozinhas até ambas ficarem sem fôlego. Até podia tê-la apanhado, mas tinha escorregado em um pouco de gelo. A irmã voltou para ver se teria se machucado. Quando disse que não, Arya atingiu-a no rosto com outra bola de neve, mas Sansa agarrou-lhe a perna e puxou-a para baixo e estava esfregando neve no cabelo dela quando Jory apareceu e as separou, rindo.

O que faço com as bolas de neve? Olhou para o seu pequeno e triste arsenal. *Não há ninguém em quem atirá-las*. Deixou que a que estava fazendo lhe caísse das mãos. *Em vez disso, podia fazer um cavaleiro de neve*, pensou. *Ou até...*

Juntou duas das bolas de neve, acrescentou uma terceira, comprimiu mais neve em volta delas e deu a tudo a forma de um cilindro. Quando ficou pronto, colocou-o em pé e usou a ponta do mindinho para fazer os buracos das janelas. As ameias em volta do topo precisaram de um pouco mais de cuidado, mas quando ficaram prontas, tinha uma torre. *Agora preciso de muralhas*, pensou Sansa, *e, depois, de uma fortaleza*. Pôs mãos à obra.

A neve caía e o castelo erguia-se. Duas muralhas que se erguiam até a altura do tornozelo, a interior mais alta do que a exterior. Torres e torreões, fortalezas e escadarias, uma cozinha redonda, um arsenal quadrado, os estábulos ao longo do interior da muralha ocidental. Quando começou era apenas um castelo, mas não muito depois Sansa soube que era Winterfell. Encontrou gravetos e galhos caídos por baixo da neve e quebrou suas extremidades para fazer as árvores do bosque sagrado. Para as lápides do cemitério usou pedaços de casca de árvore. Pouco tempo depois tinha as luvas e as botas cobertas por uma crosta branca, as mãos formigando e os pés ensopados e frios, mas não fazia mal. O castelo era tudo o que importava. Algumas coisas eram

difíceis de recordar, mas a maior parte vinha com facilidade, como se tivesse estado lá apenas no dia anterior. A Torre da Biblioteca, com a íngreme escada de pedra enrolada à sua volta, pelo exterior. A guarita, dois enormes baluartes, o portão arqueado entre eles, ameias ao longo do topo...

E durante todo o tempo a neve não parou de cair, empilhando-se em montículos em volta de seus edifícios tão depressa quanto ela os erguia. Estava compactando o telhado do Grande Salão quando ouviu uma voz, e ergueu os olhos para se deparar com a aia chamando-a da janela e perguntando se estava bem, se desejava quebrar o jejum. Sansa balançou a cabeça e voltou à escultura de neve, acrescentando uma chaminé a uma das pontas do Grande Salão, no local onde a lareira estaria lá dentro.

A alvorada esgueirou-se para o jardim como uma ladra. O cinza do céu ficou ainda mais claro, e as árvores e os arbustos tomaram um tom de verde-escuro sob suas estolas de neve. Alguns criados saíram e observaram-na durante algum tempo, mas não prestou atenção neles, e eles rapidamente voltaram para dentro, para onde fazia mais calor. Sansa viu a Senhora Lysa olhá-la de sua varanda, enrolada num roupão de veludo azul debruado de pele de raposa, mas quando voltou a olhar a tia tinha desaparecido. Meistre Colemon esticou a cabeça da colônia de corvos e espreitou para baixo durante algum tempo, magricelo e tremendo, mas curioso.

As pontes não paravam de ruir. Havia uma ponte coberta entre o arsenal e a fortaleza principal, e outra que ligava o quarto andar da torre sineira ao segundo andar da colônia de corvos, mas por mais cuidadosa que fosse ao esculpi-las, elas não resistiam. Na terceira vez que uma delas ruiu, soltou uma praga em voz alta e sentou-se, numa frustração impotente.

– Comprima a neve em volta de uma vareta, Sansa.

Não sabia havia quanto tempo ele estava a observá-la, ou quando tinha voltado do Vale.

– Uma vareta? – perguntou.

– Isso vai lhe dar suficiente resistência para se manter, creio eu – disse Petyr. – Posso entrar em seu castelo, senhora?

Sansa estava desconfiada.

– Não o quebre. Seja...

– ... gentil? – ele sorriu. – Winterfell resistiu a inimigos mais ferozes do que eu. Isto *é* Winterfell, não é?

– Sim – admitiu Sansa.

Ele caminhou ao longo do exterior das muralhas.

– Costumava sonhar com ele, naqueles anos que se seguiram a Cat ter ido para o Norte com Eddard Stark. Em meus sonhos era sempre um lugar escuro e frio.

– Não. Sempre foi quente, mesmo quando nevava. Água das nascentes termais é canalizada através das paredes para aquecê-las, e dentro dos jardins de vidro era sempre como o mais quente dia de verão. – Levantou-se, erguendo-se acima do grande castelo branco. – Não consigo imaginar como fazer o telhado de vidro por cima dos jardins.

Mindinho afagou o queixo, onde tinha a barba antes de Lysa lhe pedir para raspá-la.

– O vidro estava preso em molduras, não estava? Sua resposta são gravetos. Tire a casca deles e cruze-os, e use casca de árvore para atá-los uns aos outros e formar molduras. Eu mostro. – Deslocou-se pelo jardim, recolhendo paus e gravetos e sacudindo a neve deles. Quando obteve o suficiente, passou por cima de ambas as muralhas com um longo passo e agachou-se no meio do pátio. Sansa aproximou-se para ver o que ele estava fazendo. As mãos de Petyr eram hábeis e seguras, e não muito depois tinha uma treliça de gravetos, muito parecida com aquela que servia de telhado aos jardins de vidro de Winterfell. – Vamos ter de imaginar o vidro, certamente – disse quando lhe entregou.

– Isto é perfeito – disse Sansa.

Ele tocou o rosto dela.

– E isto também.

Sansa não compreendeu.

– Isto o quê?

– O seu sorriso, senhora. Faço-lhe outro?

– Se quiser.

– Nada me agradaria mais.

Ela ergueu as paredes dos jardins de vidro enquanto Mindinho os cobria, e quando terminaram essa tarefa, ele ajudou-a a prolongar as muralhas e a construir o edifício dos guardas. Quando usou varetas para as pontes cobertas, elas resistiram, tal como ele havia dito que resistiriam. A Primeira Fortaleza era bastante simples, uma antiga torre redonda e atarracada, mas Sansa voltou a ficar sem saber o que fazer quando chegou a hora de pôr as gárgulas ao longo do topo. De novo, ele tinha a solução.

– Tem estado nevando em seu castelo, senhora – destacou. – Com que se parecem as gárgulas quando estão cobertas de neve?

Sansa fechou os olhos para vê-las em sua memória.

– São só protuberâncias brancas.

– Muito bem. Gárgulas são difíceis, mas protuberâncias brancas devem ser fáceis. – E eram.

A Torre Quebrada foi ainda mais simples. Fizeram juntos uma torre alta, ajoelhando-se lado a lado para rolá-la até ficar lisa, e quando a ergueram, Sansa enfiou os dedos no topo, agarrou um

punhado de neve e atirou em cheio no rosto dele. Petyr soltou um ganido quando a neve se enfiou em seu colarinho.

– Isso não foi nada cavalheiresco, senhora.

– Tal como não o foi trazer-me para cá, quando jurou que me levaria para casa.

Perguntou a si mesma de onde teria vindo a coragem, para lhe falar com tanta franqueza. *De Winterfell*, pensou. *Sou mais forte dentro das muralhas de Winterfell*.

O rosto dele ficou sério.

– Sim, enganei-a sobre isso... e sobre outra coisa também.

Sansa sentiu o estômago se agitando.

– Que outra coisa?

– Disse-lhe que nada me agradaria mais do que ajudá-la com o seu castelo. Temo que também tenha sido uma mentira. Há outra coisa que me agradaria mais. – Aproximou-se. – Isto.

Sansa tentou se afastar, mas ele puxou-a para si e de repente a estava beijando. Debilmente, tentou contorcer-se, mas só conseguiu apertar-se mais contra ele. A boca dele estava sobre a sua, engolindo suas palavras. Mindinho tinha gosto de menta. Durante meio segundo, Sansa cedeu ao seu beijo... antes de virar o rosto para o lado e se arrancar de seu abraço.

– O que está *fazendo*?

Petyr endireitou o manto.

– Estou beijando uma donzela de neve.

– É suposto que beije a *ela*. – Sansa olhou de relance para a varanda de Lysa, mas estava agora vazia. – A senhora sua esposa.

– E beijo. Lysa não tem razões de queixa. – Sorriu. – Gostaria que pudesse se ver, senhora. É tão bela. Está coberta de neve como uma pequena cria de urso, mas o rosto está corado e quase não consegue respirar. Há quanto tempo está aqui? Deve estar com muito frio. Deixe-me aquecê-la, Sansa. Tire as luvas, dê-me as suas mãos.

– Não dou. – Ele soava quase como Marillion, na noite em que o cantor se embebedara durante o casamento. Porém, dessa vez Lothor Brune não surgiria para salvá-la; Sor Lothor era um homem de Petyr. – Não devia ter me beijado. Eu poderia ser sua filha...

– Poderia – admitiu ele, com um sorriso triste. – Mas não é, certo? É filha de Eddard Stark e de Cat. Mas acho que talvez seja ainda mais bela do que a sua mãe, quando tinha a sua idade.

– Petyr, por favor. – A voz soava tão fraca. – Por favor...

– Um *castelo*!

A voz era sonora, estridente e infantil. Mindinho virou-se.

– Lorde Robert. – Esboçou uma reverência. – Devia estar na neve sem as suas luvas?

– Foi você que fez o castelo de neve, Lorde Mindinho?

– A Alayne fez a maior parte, senhor.

Sansa disse.

– Era para ser Winterfell.

– Winterfell? – Robert era pequeno para oito anos, um espeto de menino com pele manchada e olhos que estavam sempre lacrimejando. Debaixo de um braço trazia o puído boneco de pano que levava para todo lado.

– Winterfell é a sede da Casa Stark – disse Sansa ao seu futuro marido. – O grande castelo do Norte.

– Não é assim tão grande. – O menino ajoelhou perante a guarita. – Olhe, aqui vem um gigante para botá-lo abaixo. – Pôs o boneco em pé na neve e moveu-o aos trancos. – *Tumba-tumba, sou um gigante, sou um gigante* – cantarolou. – *Ho-ho-ho, abra os portões, senão trituro-os e esmago-os*. – Balançando o boneco pelas pernas, derrubou o topo de uma das torres da guarita e depois a outra.

Aquilo foi mais do que Sansa podia suportar.

– Robert, *pare com isso*.

Mas em vez de parar, ele voltou a balançar o boneco e trinta centímetros de muralha explodiram. Ela tentou agarrar a mão dele, mas só conseguiu pegar o boneco. Ouviu-se um sonoro ruído de rasgar quando o fino pano se abriu. De repente, ela tinha a cabeça do boneco, Robert tinha as pernas e o corpo, e o enchimento de trapos e serragem estava se derramando na neve.

A boca de Lorde Robert estremeceu.

– Você o *matooooooooou* – berrou. Então desatou a tremer. Começou com um pequeno arrepio apenas, mas poucos segundos depois tinha caído sobre o castelo, agitando violentamente os membros. Torres brancas e pontes de neve estilhaçaram-se e caíram por todos os lados. Sansa ficou horrorizada, mas Petyr Baelish pegou nos pulsos do garoto e gritou pelo meistre.

Guardas e criadas chegaram instantes depois para ajudar a segurar Robert, e Meistre Colemon surgiu um pouco mais tarde. A doença dos tremores de Robert Arryn não era nada de novo para as pessoas do Ninho da Águia, e a Senhora Lysa treinara-os todos para virem correndo ao primeiro grito do rapaz. O meistre segurou a cabeça do pequeno lorde e deu-lhe meia taça de vinho dos sonhos, murmurando palavras tranquilizadoras. Lentamente, a violência do ataque pareceu reduzir-se, até nada restar além de um pequeno tremor nas mãos.

– Ajudem-no a subir aos meus aposentos – disse Colemon aos guardas. – Uma sangria ajudará a acalmá-lo.

– Foi culpa minha. – Sansa mostrou-lhes a cabeça do boneco. – Eu rasguei o boneco dele em dois. Não queria fazer isso, mas...

– Sua senhoria estava destruindo o castelo – disse Petyr.

– Um gigante – sussurrou o garoto, chorando. – Não fui eu, foi um gigante que fez mal ao castelo. Ela *matou*-o! Odeio-a! É uma bastarda e eu *odeio*-a! Não *quero* ser sangrado!

– Senhor, seu sangue precisa ser refinado – disse Meistre Colemon. – É o sangue ruim que o deixa zangado, e a raiva que traz os tremores. Agora venha.

E levaram o garoto. *O senhor meu esposo*, pensou Sansa, enquanto contemplava as ruínas de Winterfell. A neve tinha parado de cair, e fazia mais frio do que antes. Perguntou a si mesma se Lorde Robert passaria a boda toda tremendo. *Pelo menos Joffrey era saudável de corpo*. Uma raiva enlouquecida tomou conta dela. Pegou um galho partido e enfiou-o na cabeça rasgada do boneco, após o que a espetou no topo da destruída guarita de seu castelo de neve. Os criados pareceram ficar horrorizados, mas quando Mindinho viu o que ela tinha feito, riu.

– Se as histórias forem verdadeiras, esse não é o primeiro gigante cuja cabeça acabou nas muralhas de Winterfell.

– São só histórias – disse ela, e abandonou-o ali.

De volta ao seu quarto, Sansa despiu o manto e as botas úmidas e sentou-se junto da lareira. Não duvidava de que seria obrigada a responder pelo ataque de Lorde Robert. *Talvez a Senhora Lysa me mande embora*. A tia era rápida para banir quem quer que lhe desagradasse, e nada lhe desagradava mais do que aqueles que suspeitava de maltratarem seu filho.

Sansa teria acolhido de bom grado o banimento. Os Portões da Lua eram muito maiores do que o Ninho da Águia, e também mais animados. Lorde Nestor Royce parecia rude e severo, mas a filha Myranda governava o castelo em seu nome, e todos eram unânimes em dizer que era brincalhona. Até a suposta bastardia de Sansa poderia não contar muito contra si lá embaixo. Uma das filhas ilegítimas do Rei Robert estava a serviço de Lorde Nestor, e dizia-se que ela e a Senhora Myranda eram grandes amigas, tão próximas quanto irmãs.

Direi à minha tia que não quero me casar com Robert. Nem o próprio Alto Septão podia declarar uma mulher casada se ela se recusasse a proferir os votos. Não era uma pedinte, não importa o que a tia dissesse. Tinha treze anos, era uma mulher florescida e casada, a herdeira de Winterfell. Sansa às vezes sentia pena de seu pequeno primo, mas não era capaz de imaginar que algum dia desejasse ser sua esposa. *Preferiria voltar a estar casada com Tyrion*. Se a Senhora Lysa soubesse disso, certamente a mandaria para longe... para longe dos beicinhos, tremores e olhos lacrimejantes de Robert, para longe dos olhares demorados de Marillion, para longe dos beijos de Petyr. *Vou contar para ela. Vou mesmo!*

Foi ao fim da tarde que a Senhora Lysa mandou chamá-la. Sansa tinha passado o dia todo reunindo coragem, mas assim que Marillion surgiu à sua porta, todas as suas dúvidas regressaram.

– A Senhora Lysa requer a sua presença no Alto Salão. – Os olhos do cantor despiam-na enquanto falava, mas Sansa já tinha se habituado a isso.

Marillion era bonito, não havia como negar; jovial e esguio, com pele lisa, cabelos cor de areia, um sorriso encantador. Mas tornara-se bastante odiado no Vale, por todos exceto a tia e o pequeno Lorde Robert. Pelo que diziam as conversas dos criados, Sansa não era a primeira donzela a sofrer o seu assédio, e as outras não tinham tido Lothor Brune para defendê-las. Mas a Senhora Lysa não queria ouvir queixas contra ele. Desde que tinha chegado ao Ninho da Águia, o cantor tornou-se seu favorito. Cantava até que Lorde Robert adormecesse todas as noites, e torcia o nariz aos pretendentes da Senhora Lysa com versos que caçoavam de seus pontos fracos. A tia fez chover sobre ele ouro e presentes; roupas caras, um bracelete de ouro, um cinto incrustado de pedras de lua, um bom cavalo. Até lhe dera o falcão preferido do falecido marido. Tudo aquilo servia para tornar Marillion impecavelmente cortês na presença da Senhora Lysa, e impecavelmente arrogante longe dela.

– Obrigada – disse-lhe rigidamente Sansa. – Eu conheço o caminho.

Ele não quis ir embora.

– A senhora disse-me para levá-la.

Levar-me? Não gostou de como aquilo soava.

– Agora é um guarda? – Mindinho tinha demitido o capitão da guarda do Ninho da Águia e colocado Sor Lothor Brune em seu lugar.

– Precisa de guarda? – disse Marillion com ligeireza. – Devia saber que ando compondo uma nova canção. Uma canção tão doce e triste que derreterá até o seu coração gelado. Pretendo chamá-la de "A rosa da beira da estrada". É sobre uma garota ilegítima tão bela que enfeitiçava todos os homens que pusessem os olhos nela.

Eu sou uma Stark de Winterfell, desejou dizer-lhe. Mas em vez disso assentiu e permitiu que a levasse ao longo da escada da torre e por uma ponte. O Alto Salão tinha estado fechado durante todo o tempo que passara no Ninho da Águia. Sansa perguntou a si mesma por que motivo a tia o teria aberto. Normalmente preferia o conforto de seu aposento privado, ou o calor aconchegante da sala de audiências de Lorde Arryn, com a sua vista sobre a queda d'água.

Dois guardas com manto azul-celeste flanqueavam as portas de madeira esculpida do Alto Salão, de lanças na mão.

– Ninguém deve entrar enquanto Alayne estiver com a Senhora Lysa – disse-lhes Marillion.

– Entendido.

Os homens deixaram-nos passar e em seguida cruzaram as lanças. Marillion fechou as portas e trancou-as com uma terceira lança, mais longa e mais grossa do que as que os guardas usavam.

Sansa sentiu uma pontada de desconforto.

– Por que fez isso?

– A senhora a espera.

Ela olhou em volta hesitantemente. A Senhora Lysa estava no estrado, sentada num cadeirão de espaldar alto feito de represeiro esculpido, sozinha. À sua direita encontrava-se um segundo cadeirão, mais alto do que o seu, com uma pilha de almofadas azuis sobre o assento, mas Lorde Robert não estava lá sentado. Sansa esperava que ele tivesse se recuperado. Mas não era provável que Marillion lhe dissesse.

Sansa percorreu o carpete de seda azul entre fileiras de pilares canelados esguios como lanças. O assoalho e as paredes do Alto Salão eram feitos de mármore de um branco leitoso, com veios azuis. Raios de pálida luz do sol caíam na diagonal, provenientes de estreitas janelas arqueadas abertas na parede oriental. Entre as janelas havia archotes, montados em altas arandelas de ferro, mas nenhum deles estava aceso. Seus passos caíam suavemente sobre o carpete. Lá fora, o vento soprava, frio e solitário.

No meio de tanto mármore branco, até a luz do sol parecia de certo modo gelada... embora nem de perto tão gelada quanto a tia. A Senhora Lysa usava um vestido de veludo de cor creme e pusera um colar de safiras e pedras de lua. Seus cabelos ruivos tinham sido penteados numa grossa trança e caíam sobre um ombro. Estava sentada no cadeirão observando a aproximação da sobrinha, com o rosto rubro e inchado por baixo da tinta e do pó. Da parede atrás dela, pendia um enorme estandarte, a lua e o falcão da Casa Arryn em creme e azul.

Sansa parou diante do estrado e fez uma reverência.

– Senhora. Mandou me chamar. – Ainda ouvia o ruído do vento, e os suaves acordes que Marillion estava tocando ao fundo do salão.

– Eu vi o que você fez – disse a Senhora Lysa.

Sansa alisou as dobras da saia.

– Espero que Lorde Robert esteja melhor. Não pretendia rasgar o seu boneco. Ele estava esmagando meu castelo de neve, eu só...

– Vai se fazer de recatada comigo? – disse a tia. – Não estava falando do boneco de Robert. Eu *vi* quando o beijou.

O Alto Salão pareceu ficar um pouco mais frio. As paredes, o chão e as colunas podiam perfeitamente ter se transformado em gelo.

– Foi ele que me beijou.

As narinas de Lysa dilataram.

– E por que ele faria isso? Tem uma esposa que o ama. Uma mulher-feita, não uma garotinha. Não tem necessidade de gente como você. Confesse, menina. Atirou-se nele. Foi assim que as coisas se passaram.

Sansa deu um passo para trás.

– Não é verdade.

– Aonde vai? Está com medo? Um comportamento impudico como esse tem de ser punido, mas não serei dura com você. Temos um carrasco para Robert, como é costume das Cidades Livres. Sua saúde é delicada demais para ser ele a brandir o açoite. Arranjarei uma garota comum qualquer para levar as suas chicotadas, mas primeiro tem de assumir o que fez. Não posso tolerar uma mentirosa, Alayne.

– Eu estava construindo um castelo de neve – disse Sansa. – Lorde Petyr estava me ajudando, e depois beijou-me. Foi isso o que viu.

– Não tem honra alguma? – disse a tia em tom penetrante. – Ou será que me toma por uma idiota? Toma, não toma? Toma-me por uma idiota. Sim, agora vejo. Não sou uma idiota. Pensa que pode ter qualquer homem que queira porque é jovem e bela. Não pense que não vi os olhares que dirige a Marillion. Sei de tudo o que se passa no Ninho da Águia, senhorinha. E também já conheci gente da sua laia antes. Mas engana-se se acha que grandes olhos e sorrisos de prostituta lhe servirão para conquistar Petyr. Ele é meu. – A tia levantou-se. – Todos tentaram afastá-lo de mim. O senhor meu pai, o meu esposo, a sua mãe... principalmente a Catelyn. Ela também gostava de beijar o meu Petyr, ah, se gostava.

Sansa recuou mais um passo.

– A minha mãe?

– Sim, a sua mãe, a sua preciosa mãe, a minha querida irmã Catelyn. Que nem pense em se fazer de inocente comigo, sua mentirosazinha nojenta. Levou todos aqueles anos em Correrrio brincando com Petyr como se ele fosse seu brinquedinho. Provocou-o com sorrisos, palavras suaves e olhares lascivos, e fez das noites dele um tormento.

– Não. – *Minha mãe está morta*, quis gritar. *Ela era sua própria irmã, e está morta*. – Ela não fez isso. Não o faria.

– Como pode saber? Estava lá? – Lysa desceu do cadeirão, fazendo rodopiar as saias. – Veio com Lorde Bracken e Lorde Blackwood, daquela vez que nos visitaram para levar a disputa deles à consideração de meu pai? O cantor de Lorde Bracken cantou para nós, e Catelyn dançou seis danças com Petyr naquela noite, *seis*, eu contei. Quando os lordes começaram a discutir, meu pai levou-os para a sua sala de audiências, de modo que deixou de haver quem nos impedisse de beber. Edmure embebedou-se, apesar de ser tão novo... e Petyr tentou beijar a sua mãe, mas ela o afastou. *Riu* dele. Ele pareceu tão

magoado que eu achei que o meu coração fosse estourar, e depois bebeu até perder os sentidos em cima da mesa. Tio Brynden levou-o para a cama antes que meu pai o encontrasse naquele estado. Mas não se lembra de nada disso, não é? – Olhou para baixo, zangada. – *Não é*?

Ela está bêbada, ou louca?

– Eu não era nascida, senhora.

– Você não era nascida. Mas eu era, portanto não ouse me dizer o que é verdade. Eu *sei* o que é verdade. Beijou-o!

– Foi ele que me beijou – voltou a insistir Sansa. – Eu nunca quis...

– Silêncio, não lhe dei licença para falar. Seduziu-o, tal como a sua mãe fez naquela noite em Correrrio, com seus sorrisos e sua dança. Acha que eu me esqueceria? Foi essa a noite em que me esgueirei para a cama dele para confortá-lo. Sangrei, mas foi a mais doce das dores. Ele disse-me então que me amava, mas chamou-me de *Cat*, logo antes de voltar a adormecer. Mesmo assim, fiquei com ele até o céu começar a se iluminar. Sua mãe não o merecia. Ela nem sequer quis lhe dar um favor para usar quando ele lutou contra Brandon Stark. *Eu* teria dado o meu favor ao Petyr. Dei-lhe tudo. Ele agora é meu. Não de Catelyn, e não seu.

A resolução de Sansa havia murchado perante o ataque da tia. Lysa Arryn a estava assustando mais que a Rainha Cersei jamais a assustara.

– Ele é seu, senhora – disse, tentando soar submissa e arrependida. – Tenho a sua licença para ir embora?

– Não, não tem. – O hálito da tia cheirava a vinho. – Se fosse outra pessoa, você seria banida. Mandaria você para baixo, para os Portões da Lua de Lorde Nestor, ou de volta para os Dedos. Gostaria de passar a vida naquela costa desolada, rodeada de mulheres porcas e cocozinhos de ovelha? Era isso que meu pai queria para Petyr. Todo mundo pensou que foi por causa daquele estúpido duelo com Brandon Stark, mas não é verdade. O pai disse que eu devia agradecer aos deuses por um senhor tão grande como Jon Arryn estar disposto a me aceitar manchada, mas eu sabia que era só por causa das espadas. Tinha de me casar com Jon, senão meu pai iria me expulsar como fez com o irmão, mas era a Petyr que eu estava destinada. Estou lhe contando isso tudo para que compreenda como nos amamos um ao outro, quanto tempo sofremos e sonhamos um com o outro. Fizemos juntos um bebê, um precioso bebezinho. – Lysa encostou as mãos na barriga, como se a criança ainda estivesse ali. – Quando o roubaram de mim, prometi a mim mesma que nunca deixaria que voltasse a acontecer. Jon queria mandar meu querido Robert para Pedra do Dragão, e aquele rei beberrão queria entregá-lo a Cersei Lannister, mas eu não permiti... assim como não vou permitir que me roube o

meu Petyr Mindinho. Está me ouvindo, Alayne, ou Sansa, ou como quer que chame a si mesma? Está ouvindo o que estou lhe dizendo?

– Sim. Juro, nunca mais o beijarei ou... ou o seduzirei. – Sansa achou que era aquilo que a tia quisesse ouvir.

– Então agora já admite? Foi você, como eu pensava. É tão libertina quanto a sua mãe. – Lysa agarrou-a pelo pulso. – Venha comigo. Há uma coisa que quero lhe mostrar.

– Está me machucando. – Sansa contorceu-se. – Por favor, tia Lysa, eu não fiz nada. Juro.

A tia ignorou seus protestos.

– *Marillion*! – gritou. – Preciso de você, Marillion! *Preciso* de você!

O cantor tinha ficado discretamente ao fundo da sala, mas acorreu de imediato ao grito da Senhora Arryn.

– Senhora?

– Toque-nos uma canção. Toque "A falsa e a bela".

Os dedos de Marillion roçaram as cordas.

– *O senhor chegou a cavalo num dia de chuva, tralolé, tralolé, tralolélolá...*

A Senhora Lysa puxou o braço de Sansa. Era andar ou ser arrastada, portanto decidiu andar, percorrendo meio salão e passando entre um par de pilares, até uma porta de represeiro instalada na parede de mármore. A porta encontrava-se firmemente fechada, com três pesadas trancas de bronze para mantê-la no lugar, mas Sansa ouvia o vento lá fora mordendo suas arestas. Quando viu o crescente de lua esculpido na madeira, plantou os pés no chão.

– A Porta da Lua. – Tentou se libertar, aos puxões. – Por que está me mostrando a Porta da Lua?

– Agora está guinchando como um rato, mas no jardim foi bastante ousada, não foi? Foi bastante ousada na neve.

– *A senhora fazia costura num dia de chuva* – cantava Marillion –, *tralolé, tralolé, tralolélolá...*

– Abra a porta – ordenou Lysa. – Estou dizendo para abri-la. Vai abri-la, senão mando chamar os meus guardas. – Empurrou Sansa em frente. – Sua mãe pelo menos era corajosa. Levante as trancas.

Se eu fizer o que ela diz, vai me largar. Sansa agarrou uma das barras de bronze, soltou-a com um puxão e atirou-a ao chão. A segunda barra retiniu no mármore, seguida pela terceira. Mal tinha tocado no trinco quando a pesada porta de madeira *voou* para dentro e bateu com estrondo na parede. Um monte de neve estava empilhado na soleira, e todo ele foi soprado contra elas, trazido numa explosão de ar frio que deixou Sansa tremendo. Tentou dar um passo para trás, mas aí encontrava-se a tia. Lysa pegou-a pelo pulso e pôs a outra mão entre as suas omoplatas, empurrando-a à força para a porta aberta.

Atrás da porta havia céu branco, neve caindo e nada mais.

– Olhe para baixo – disse a Senhora Lysa. – Olhe para *baixo*.

Tentou se libertar, mas os dedos da tia enterravam-se em seu braço como garras. Lysa deu-lhe outro empurrão, e Sansa soltou um guincho. O pé esquerdo atravessou uma crosta de neve e soltou-a. Nada havia à sua frente além de ar vazio, e um castelo intermediário cento e oitenta metros abaixo, agarrando-se ao flanco da montanha.

– Não! – gritou Sansa. – Está me assustando! – Atrás dela, Marillion continuava a tocar a harpa e a cantar "*tralolé, tralolé, tralolélolá*".

– Ainda quer licença para ir embora? Quer?

– Não. – Sansa fez pressão com os pés no chão e tentou contorcer-se para trás, mas a tia não se moveu. – Dessa maneira não. Por favor... – Ergueu uma mão, procurando com os dedos o batente da porta, mas não conseguiu encontrar um apoio, e os pés estavam escorregando no chão úmido de mármore. A Senhora Lysa empurrava-a inexoravelmente para a frente. A tia tinha mais de vinte quilos a mais do que ela.

– *A senhora trocava beijos num monte de feno* – estava cantando Marillion. Sansa torceu-se para o lado, histérica de medo, e um pé escorregou por sobre a borda. Gritou. – *Tralolé, tralolé, tralolélolá.* – O vento levantou suas saias e mordeu suas pernas nuas com dentes frios. Sentia flocos de neve derretendo nas bochechas. Sansa esbracejou, encontrou a grossa trança ruiva de Lysa e agarrou-se bem nela.

– Meu cabelo! – guinchou a tia. – Largue meu cabelo! – Estava tremendo, soluçando. As duas vacilaram na borda do precipício. Muito longe, ouviu os guardas baterem na porta com as lanças, exigindo que os deixassem entrar. Marillion interrompeu a canção.

– *Lysa!* O que significa isso? – o grito cortou através dos soluços e da respiração pesada. Passos ecoaram ao longo do Alto Salão. – *Saia* daí. Lysa, o que você está fazendo? – os guardas continuavam a bater à porta; Mindinho tinha entrado pelo fundo, pela entrada do senhor que se abria atrás do estrado.

Quando Lysa se virou, suas mãos fraquejaram o suficiente para que Sansa se libertasse. Caiu sobre os joelhos, e Petyr Baelish viu-a. Parou subitamente.

– Alayne. Qual é o problema aqui?

– É *ela.* – A Senhora Lysa agarrou uma madeixa dos cabelos de Sansa. – O problema é *ela*. Ela *beijou*-o.

– Diga-lhe – suplicou Sansa. – Diga-lhe que estávamos só construindo um castelo...

– *Cale-se!* – gritou a tia. – Não lhe dei licença para falar. Seu castelo não interessa a ninguém.

– Ela é uma criança, Lysa. A filha de Cat. O que você acha que estávamos fazendo?

– Eu ia casá-la com *Robert*! Não tem gratidão. Não tem... não tem *decência*. Você não é dela para que o beije. *Não é dela!* Estava lhe dando uma lição, só isso.

– Estou vendo. – Mindinho afagou o queixo. – Acho que ela compreende agora. Não é verdade, Alayne?

– Sim – soluçou Sansa. – Compreendo.

– Não a quero aqui. – Os olhos da tia estavam brilhantes de lágrimas. – Por que foi que a trouxe para o Vale, Petyr? Este não é o seu lugar. Não pertence a este lugar.

– Sendo assim, mandamo-la embora. De volta a Porto Real, se quiser. – Deu um passo na direção delas. – Agora largue-a. Deixe-a afastar-se da porta.

– *NÃO!* – Lysa deu outro puxão na cabeça de Sansa. Neve rodopiou em volta delas, fazendo com que as saias esvoaçassem ruidosamente. – Não pode desejá-la. Não pode. Ela é uma garotinha estúpida de cabeça oca. Não o ama como eu o tenho amado. Eu sempre o amei. Já demonstrei isso, não foi? – lágrimas escorreram por seu rosto inchado e vermelho. – Eu dei a você o presente de minha virgindade. Teria dado também um filho, mas eles assassinaram-no com chá de lua, com tanásia, menta e losna, uma colher de mel e uma gota de poejo. Não fui eu, eu nunca *soube*, só bebi o que o pai me deu...

– Isso passou e está feito, Lysa. Lorde Hoster está morto, e o seu velho meistre também. – Mindinho aproximou-se. – Caiu outra vez no vinho? Não devia falar tanto. Não queremos que Alayne saiba mais do que devia, não é? Ou Marillion.

A Senhora Lysa ignorou aquilo.

– A Cat nunca lhe deu nada. Fui eu quem arranjou seu primeiro posto, quem fez com que Jon o trouxesse para a corte para podermos ficar perto um do outro. Prometeu-me que nunca se esqueceria disso.

– E não me esqueci. Estamos juntos, tal como você sempre desejou, tal como sempre planejamos. Mas largue o cabelo de Sansa...

– Não largo! Vi-os aos beijos na neve. Ela é exatamente como a mãe. Catelyn beijou-o no bosque sagrado, mas nunca foi *a sério*, ela nunca quis você. Por que foi que a amou mais? Era eu, sempre fui *eeeeeu!*

– Eu sei, amor. – Ele deu mais um passo. – E estou aqui. Tudo o que tem de fazer é pegar na minha mão, vamos. – Estendeu-a para ela. – Não há motivo para todas essas lágrimas.

– Lágrimas, lágrimas, *lágrimas* – soluçou ela histericamente. – Não há necessidade de lágrimas... mas não foi isso o que disse em Porto Real. Disse-me para pôr as lágrimas no vinho de Jon, e foi o que eu fiz. Por Robert, e por *nós!* E escrevi a Catelyn e contei-lhe que os Lannister tinham matado o senhor meu esposo, tal como você disse

para fazer. Isso foi tão inteligente... sempre foi inteligente, eu disse isso ao pai, disse: o Petyr é tão inteligente, subirá bem alto, subirá, subirá, e é doce e gentil e tenho o seu bebê na barriga... Por que foi que a beijou? *Por quê?* Agora estamos juntos, estamos juntos após tanto tempo, tanto, tanto tempo, por que é que havia de querer *beijáááá-la*?

– Lysa – Petyr suspirou –, depois de todas as tempestades que aguentamos, devia confiar mais em mim. Juro, nunca mais sairei de seu lado, enquanto ambos formos vivos.

– Sério? – perguntou ela, chorando. – Oh, *sério*?

– Sério. Agora solte a garota e venha aqui me dar um beijo.

Lysa atirou-se nos braços do Mindinho, soluçando. Enquanto eles se abraçavam, Sansa afastou-se engatinhando da Porta da Lua e envolveu os braços no pilar mais próximo. Sentia o coração aos saltos. Havia neve em seus cabelos, e o sapato direito tinha desaparecido. *Deve ter caído*. Estremeceu e abraçou com mais força o pilar.

Mindinho deixou Lysa soluçar contra o seu peito por um momento e depois pôs as mãos em seus braços e deu-lhe um pequeno beijo.

– Minha esposa querida, pateta, ciumenta – disse ele com um risinho. – Eu só amei uma mulher, garanto.

Lysa Arryn deu um sorriso trêmulo.

– Só uma? Oh, Petyr, jura? Só uma?

– Só a Cat. – E deu-lhe um curto e forte empurrão.

Lysa tropeçou para trás, com os pés escorregando no mármore úmido. E então desapareceu. Não chegou a gritar. Durante o mais longo dos momentos não se ouviu som algum exceto o vento.

Marillion arquejou.

– Você... você...

Os guardas estavam gritando do lado de fora da porta, batendo nela com as hastes de suas pesadas lanças. Lorde Petyr pôs Sansa em pé.

– Não se machucou? – quando ela balançou a cabeça, ele disse: – Então corra, deixe os guardas entrar. Depressa, não há tempo a perder. Este cantor matou a senhora minha esposa.

Epílogo

A estrada que levava a Pedravelhas rodeava duas vezes o monte antes de chegar ao cume. Cheia de vegetação e pedregosa, teria causado um avanço lento mesmo no melhor dos tempos, mas a nevasca da noite anterior deixara-a também lamacenta. *Neve no outono nas terras fluviais, não é natural*, pensou sombriamente Merrett. Não tinha sido uma grande nevasca, era certo, só o suficiente para atapetar o solo durante uma noite. A maior parte começou a derreter assim que o sol surgiu. Mesmo assim, Merrett havia considerado isso um mau presságio. Entre chuvas, inundações, fogo e guerra, tinham perdido duas colheitas e boa parte de uma terceira. Um inverno prematuro significaria a fome por todas as terras fluviais. Muitas pessoas passariam fome e algumas morreriam. Merrett só esperava não ser uma dessas pessoas. *Mas posso vir a ser. Com a minha sorte, posso mesmo. Nunca tive sorte nenhuma.*

À sombra das ruínas do castelo, as vertentes inferiores do monte estavam cobertas por uma floresta tão densa que meia centena de fora da lei podia perfeitamente estar ali escondida. *Podem estar me observando agora mesmo*. Merrett olhou em volta, e nada viu além de tojo, fetos, cardos, junco e amoreiras-silvestres entre os pinheiros e as sentinelas cinza-esverdeadas. Em outros pontos, olmos e freixos despidos de folhas e carvalhos pequenos sufocavam o terreno como ervas daninhas. Não viu nenhum fora da lei, mas isso pouco queria dizer. Os fora da lei eram melhores em se esconder do que os homens honestos.

A bem da verdade, Merrett odiava a floresta, e odiava ainda mais os fora da lei. "Os fora da lei roubaram-me a vida", fora ouvido protestando quando estava de pileque. Estava de pileque com demasiada frequência, dizia o pai, frequente e ruidosamente. *É bem verdade*, pensou, pesaroso. Nas Gêmeas era preciso arranjar uma distinção qualquer, caso contrário eram capazes de se esquecer de sua existência, mas descobrira que uma reputação como o maior bebedor do castelo pouco havia feito para melhorar as suas chances. *Um dia esperei me tornar o maior cavaleiro que algum dia baixou uma lança para o ataque. Os deuses roubaram-me isso. Por que não haveria de beber uma taça de vinho de vez em quando? Ajuda minhas dores de cabeça. Além disso, minha mulher é uma megera, meu pai despreza-me, meus filhos são inúteis. O que tenho eu que me leve a ficar sóbrio?*

Mas agora estava sóbrio. Bem, tinha bebido dois cornos de cerveja quando quebrou o jejum e uma pequena taça de tinto quando se pôs a caminho, mas isso havia sido apenas para evitar que a cabeça latejasse. Merrett sentia a dor de cabeça preparando-se atrás dos olhos

e sabia que se lhe desse meia oportunidade, em breve se sentiria como se tivesse uma trovoada entre as orelhas. Às vezes, as dores de cabeça eram tão fortes que até chorar doía demais. Então tudo o que conseguia fazer era ficar deitado na cama, num quarto escuro, com um pano úmido por cima dos olhos, e amaldiçoar a sorte e o fora da lei anônimo que lhe fizera aquilo.

Só de pensar nisso, ficava ansioso. Agora não podia se dar ao luxo de ter uma dor de cabeça. *Se trouxer o Petyr de volta em segurança, a minha sorte mudará*. Levava o ouro, tudo que tinha de fazer era subir ao topo de Pedravelhas, encontrar-se no castelo arruinado com os malditos fora da lei, e fazer a troca. Um simples resgate. Nem ele poderia estragar aquilo... a menos que tivesse uma dor de cabeça, uma tão forte que o deixasse incapaz de montar a cavalo. Devia estar nas ruínas até o pôr do sol, não choramingando enrolado sobre si mesmo à beira da estrada. Merrett esfregou as têmporas com dois dedos. *Mais uma volta ao monte e estarei lá.* Quando a mensagem tinha chegado e ele se ofereceu para levar o resgate, o pai olhou-o de viés e disse:

– *Você*, Merrett? – e desatou a rir pelo nariz, aquele hediondo *heh, heh, heh* que fazia quando ria. Merrett tinha sido praticamente obrigado a suplicar antes de lhe darem o maldito saco de ouro.

Algo se moveu na vegetação rasteira ao longo da beira da estrada. Merrett puxou as rédeas com força e levou a mão à espada, mas era apenas um esquilo.

– Estúpido – disse a si mesmo, voltando a enfiar a espada na bainha sem ter chegado a desembainhá-la por completo. – Os fora da lei não têm cauda. Maldito inferno, Merrett, controle-se. – Seu coração estava aos saltos no peito, como se fosse um rapazinho verde em sua primeira campanha. *Como se esta fosse a mata do rei e eu me preparasse para enfrentar a antiga Irmandade, em vez do patético bando de salteadores do Senhor do Relâmpago.* Por um momento sentiu-se tentado a dar meia-volta e trotar monte abaixo, em busca da cervejaria mais próxima. Aquele saco de ouro compraria um monte de cerveja, suficiente para que se esquecesse por completo de Petyr Espinha. *Que o enforquem, foi ele que fez com que isso lhe acontecesse. Não é mais do que merece, depois de ir atrás de uma seguidora de acampamentos qualquer como se fosse um veado no cio*.

Sua cabeça tinha começado a doer; por enquanto pouco, mas sabia que pioraria. Merrett esfregou a ponte do nariz. Na realidade não tinha nenhum direito de pensar tão mal de Petyr. *Eu próprio fiz o mesmo quando era da idade dele*. No seu caso, tudo que o ato tinha lhe custado foi uma gonorreia, mesmo assim não devia condenar o outro. As prostitutas tinham encantos, especialmente quando se tinha um rosto como o de Petyr. O pobre moço tinha uma esposa, com certeza, mas ela era metade do problema. Não só tinha o dobro de sua idade,

como andava dormindo também com o irmão Walder, se o que se contava fosse verdade. Havia sempre muito falatório nas Gêmeas, e só uma pequena parte era verdade, mas naquele caso Merrett acreditava. Walder Negro era um homem que tomava aquilo que desejava, mesmo se fosse a mulher do irmão. Também possuíra a mulher de Edwyn, isso era de conhecimento geral. Sabia-se que a Bela Walda se enfiava em sua cama de tempos em tempos, e havia até quem dissesse que ele havia conhecido a sétima Senhora Frey bastante melhor do que deveria. Pouco admirava que se recusasse a se casar. Para que comprar uma vaca quando havia úberes por todo lado suplicando que os ordenhasse?

Praguejando em surdina, Merrett enfiou os calcanhares nos flancos do cavalo e retomou a subida. Por mais tentador que fosse detonar o ouro em bebida, sabia que se não voltasse com Petyr Espinha melhor seria não voltar nunca mais.

Lorde Walder faria noventa e dois anos em breve. Seus ouvidos tinham começado a fraquejar, os olhos já quase não funcionavam, e a gota estava tão ruim que tinha de ser carregado para todo lado. Todos os filhos concordavam que não era possível que durasse muito mais tempo. *E quando ele se for, tudo mudará, e não para melhor*. O pai era queixoso e teimoso, com uma vontade de ferro e uma língua viperina, mas acreditava em cuidar dos seus. De todos os seus, mesmo daqueles que lhe desagradaram e o desapontaram. *Até daqueles de cujo nome não se lembra*. Mas quando ele se fosse...

Quando Sor Stevron era o herdeiro, tudo era diferente. O velho passara sessenta anos treinando Stevron, e enfiou na cabeça dele que sangue era sangue. Mas Stevron tinha morrido em campanha com o Jovem Lobo no oeste – "da espera, sem dúvida", gracejou Lothar Coxo quando o corvo lhes trouxe a notícia –, e seus filhos e netos eram uma espécie diferente de Frey. Agora o herdeiro era o filho de Stevron, Sor Ryman; um homem obtuso, teimoso e ganancioso. E depois de Ryman vinham os filhos, Edwyn e Walder Negro, que eram ainda piores.

– Felizmente – disse uma vez Lothar Coxo – odeiam-se ainda mais um ao outro do que nos odeiam.

Merrett não tinha certeza de que isso fosse auspicioso, e, já agora, o próprio Lothar podia ser mais perigoso do que qualquer dos outros dois. Lorde Walder tinha ordenado o massacre dos Stark no casamento de Roslin, mas foi Lothar Coxo quem o planejou com Roose Bolton, até o ponto de escolher que canções seriam tocadas. Lothar era um tipo muito divertido para uma bebedeira em conjunto, mas Merrett nunca seria tolo o suficiente para lhe virar as costas. Nas Gêmeas aprendia-se bem cedo que só se podia confiar nos irmãos de pai e mãe, e mesmo nesses não até muito longe.

Era provável que quando o velho morresse fosse cada filho por si,

e cada filha também. O novo Senhor da Travessia manteria nas Gêmeas, sem dúvida, *alguns* de seus tios, sobrinhos e primos, aqueles de que gostasse ou em quem confiasse, ou, o que era mais provável, aqueles que achasse que lhe seriam úteis. *O resto de nós será posto para fora, para nos virarmos sozinhos.*

A perspectiva preocupava Merrett mais do que as palavras podiam exprimir. Faria quarenta anos dentro de menos de três, era velho demais para adotar a vida de cavaleiro andante... mesmo se *fosse* um cavaleiro, o que no caso não era. Não possuía terras nem riquezas que fossem suas. Possuía as roupas que trazia no corpo mas não muito mais, nem mesmo o cavalo que montava. Não era suficientemente inteligente para ser um meistre, não era suficientemente piedoso para septão ou selvagem o bastante para mercenário. *Os deuses não me deram nenhum dom além do nascimento, e mesmo aí limitaram-me*. De que servia ser filho de uma Casa rica e poderosa, quando se era o *nono* filho? Quando se levava em conta os netos e bisnetos, Merrett tinha mais chances de ser escolhido Alto Septão do que de herdar as Gêmeas.

Não tenho sorte nenhuma, pensou amargamente. *Nunca tive nenhuma maldita sorte*. Era um homem grande, largo de peito e ombros, apesar da altura mediana. Ao longo dos últimos dez anos tornara-se mole e carnudo, bem sabia, mas quando era mais novo, Merrett tinha sido quase tão robusto quanto Sor Hosteen, seu irmão de pai e mãe mais velho, que era habitualmente considerado o mais forte dos filhos de Lorde Walder Frey. Quando garoto, tinha sido enviado para Crakehall, a fim de servir a família da mãe como pajem. Quando o velho Lorde Sumner fez dele escudeiro, todos assumiram que se tornaria Sor Merrett em não mais do que alguns anos, mas os fora da lei da Irmandade da Mata de Rei tinham cagado nesses planos. Enquanto seu colega escudeiro Jaime Lannister se cobria de glória, Merrett começou por pegar uma gonorreia de uma seguidora de acampamentos e depois conseguiu ser capturado por uma *mulher*, aquela que chamavam de Cerva Branca. Lorde Sumner resgatou-o dos fora da lei, mas na batalha seguinte foi derrubado com um golpe de maça que lhe quebrou o elmo e o deixou sem sentidos durante uma quinzena. Disseram-lhe mais tarde que todos julgaram que morreria.

Merrett não tinha morrido, mas seus dias de luta tinham terminado. Até a mais leve pancada na cabeça lhe causava uma dor que o cegava e o reduzia às lágrimas. Sob tais circunstâncias, a cavalaria estava fora de questão, disse-lhe Lorde Sumner, não sem gentileza. Foi enviado de volta às Gêmeas para enfrentar o venenoso desdém de Lorde Walder.

Depois disso a sorte de Merrett só piorou. O pai tinha conseguido de algum modo arranjar-lhe um bom casamento; casou-se com uma

das filhas de Lorde Darry, na época em que os Darry ainda se mantinham numa posição elevada nos favores do Rei Aerys. Mas pareceu que assim que deflorou a sua noiva, Aerys perdeu o trono. Ao contrário dos Frey, os Darry tinham sido proeminentes lealistas Targaryen, o que lhes custou metade das terras, a maior parte da fortuna e quase todo o poder. E quanto à senhora sua esposa, achara-o uma grande desilusão desde o primeiro momento e insistiu em levar anos pondo no mundo nada mais do que meninas: três vivas, uma natimorta e outra que morreu na infância, antes de finalmente gerar um filho. A filha mais velha revelou-se uma devassa; a segunda, uma glutona. Quando Ami foi pega nos estábulos com nada menos do que *três* palafreneiros, foi forçado a casá-la com um maldito *cavaleiro andante*. Essa situação não podia se tornar pior, tinha pensado... até Sor Pate decidir que poderia ganhar renome derrotando Sor Gregor Clegane. Ami voltou correndo, transformada em viúva, para consternação de Merrett e indubitável deleite de todos os cavalariços das Gêmeas.

Merrett atreveu-se a esperar que a sua sorte estivesse finalmente mudando quando Roose Bolton escolheu casar-se com a *sua* Walda, em vez de alguma de suas primas mais magras e mais agradáveis à vista. A aliança Bolton era importante para a Casa Frey e a filha ajudara a garanti-la; tinha achado que aquilo certamente contaria para alguma coisa. O velho rapidamente o desenganou.

– Ele escolheu-a porque é *gorda* – disse Lorde Walder. – Pensa que o Bolton não esteve se cagando para o fato de ser cria sua? Acha que ele se sentou para pensar: "*Heh*, Merrett Cabeça de Carneiro, é esse mesmo o homem de que preciso para meu sogro? Sua Walda é uma porca vestida de seda, foi por isso que ele a escolheu, e eu não vou lhe agradecer por isso. Teríamos obtido a mesma aliança por metade do preço, se a sua porquinha largasse a colher de vez em quando."

A humilhação final foi entregue com um sorriso, quando Lothar Coxo o chamou para discutir o seu papel no casamento de Roslin.

– Todos temos de desempenhar o nosso papel, de acordo com os nossos dons – tinha dito o meio-irmão. – Você terá uma tarefa e só uma, Merrett, mas creio que está habilitado para ela. Quero que se assegure de que o Grande-Jon Umber fique tão bêbado que quase não consiga manter-se em pé, quanto mais lutar.

E mesmo nisso falhei. Levou o enorme nortenho a beber vinho suficiente para matar três homens normais, mas depois de Roslin ter sido levada para a cama, o Grande-Jon ainda conseguiu tirar a espada do primeiro homem que o abordou, quebrando o braço dele ao fazê-lo. Tinham sido precisos oito homens para acorrentá-lo, e o esforço deixou dois homens feridos, um morto e o pobre e velho Sor Leslyn Haigh com uma orelha a menos. Quando deixou de conseguir lutar

com as mãos, Umber lutou com os dentes.

Merrett fez um momento de pausa e fechou os olhos. Sua cabeça latejava como aquele maldito tambor que havia sido tocado no casamento, e durante um momento foi com dificuldade que conseguiu se manter na sela. *Tenho de continuar*, disse a si mesmo. Se pudesse trazer de volta o Petyr Espinha, isso certamente o poria nas boas graças de Sor Ryman. Petyr podia ser um ramo do lado sem sol, mas não era tão frio quanto Edwyn nem tão quente quanto o Walder Negro. *O rapaz ficará grato por meu papel, e o seu pai verá que sou leal, um homem que vale a pena ter por perto*.

Mas só se estivesse lá com o ouro até o pôr do sol. Merrett olhou o céu de relance. *Bem a tempo*. Precisava de algo para firmar suas mãos. Puxou o odre que pendia da sela, tirou a rolha dele e bebeu um longo trago. O vinho era espesso e doce, tão escuro que quase chegava a ser negro, mas, deuses, era bom.

A muralha exterior de Pedravelhas rodeara em outros tempos o cume do monte como uma coroa adorna a cabeça de um rei. Só restavam as fundações e algumas pilhas de pedras partidas e manchadas de líquenes que lhe davam na altura da cintura. Merrett avançou ao longo da linha da muralha até chegar ao local onde a guarita deveria existir. As ruínas eram mais abundantes ali, e ele teve de desmontar para atravessá-las com o palafrém. A oeste, o sol havia desaparecido atrás de um banco de nuvens baixas. Tojo e fetos cobriam as vertentes, e dentro das muralhas desaparecidas as ervas daninhas batiam em sua cintura. Merrett desprendeu a espada dentro da bainha e olhou em volta com cautela, mas não viu nenhum fora da lei. *Será que vim no dia errado?* Parou e esfregou as têmporas com os polegares, mas isso em nada contribuiu para aliviar a pressão por trás de seus olhos. *Sete malditos infernos...*

De algum lugar, bem dentro do castelo, uma música tênue chegou-lhe por entre as árvores.

Merrett viu-se tremendo, apesar do manto. Abriu o odre e bebeu outro gole de vinho. *Podia simplesmente voltar, cavalgar para Vilavelha e detonar o ouro em bebida. Nunca se conseguia nada de bom tratando com um bando de fora da lei.* Aquela vil cadela da Wenda tinha marcado sua nádega com uma cerva quando o teve cativo. Não admirava que a esposa o desprezasse. *Tenho de levar isto até o fim. Petyr Espinha poderá ser um dia Senhor da Travessia, Edwyn não tem filhos eWalder Negro só tem bastardos. Petyr vai se lembrar de quem veio buscá-lo*. Bebeu outro gole, devolveu a rolha ao odre e levou o palafrém através de pedras quebradas, tojo e árvores esguias chicoteadas pelo vento, seguindo os sons até o que tinha sido o pátio do castelo.

Folhas caídas jaziam em grande número no chão, como soldados após alguma grande matança. Um homem vestido de traje verde

remendado e desbotado estava sentado de pernas cruzadas num desgastado sepulcro de pedra, dedilhando as cordas de uma harpa. A música era suave e triste. Merrett conhecia a canção. *No alto dos salões dos reis que partiram, Jenny dançava com os seus fantasmas...*

– Saia daí – disse Merrett. – Está sentado em cima de um rei.

– O velho Tristifer não vai se importar com o meu traseiro ossudo. Chamavam-lhe o Martelo da Justiça. Há muito tempo que não ouve canções novas. – O fora da lei saltou para o chão. Saudável e magro, tinha um rosto estreito e feições de raposa, mas a boca era tão larga que o sorriso parecia tocar suas orelhas. Algumas madeixas de cabelo castanho eram sopradas sobre a sua testa. Empurrou-as para trás com a mão livre e disse: – Lembra-se de mim, senhor?

– Não. – Merrett franziu a testa. – Por que haveria de me lembrar?

– Cantei no casamento de sua filha. E creio que bastante bem. Aquele Pate com quem ela se casou era meu primo. Somos todos primos em Seterrios. Isso não o impediu de se tornar sovina quando chegou a hora de me pagar. – Encolheu os ombros. – Por que é que o senhor seu pai nunca me chamou para tocar nas Gêmeas? Será que não faço barulho suficiente para sua senhoria? Segundo o que tenho ouvido, ele gosta da coisa barulhenta.

– Traz o ouro? – perguntou uma voz mais ríspida, atrás de si.

A garganta de Merrett estava seca. *Malditos fora da lei, sempre escondidos nos arbustos*. Tinha sido a mesma coisa na mata do rei; apanhava-se cinco deles, e outros dez saltavam de lugar nenhum.

Quando se virou, rodeavam-no por todos os lados; um infeliz bando de velhos com rosto enrugado e rapazes de face lisa, mais novos do que o Petyr Espinha, todos eles vestidos de farrapos de tecido grosseiro, couro fervido e partes de armaduras pertencentes a homens mortos. Havia uma mulher com eles, enrolada num manto com capuz que era três vezes maior do que devia ser para lhe servir. Merrett estava perturbado demais para contá-los, mas pareciam ser pelo menos uma dúzia, talvez uma vintena.

– Eu fiz uma pergunta. – Quem falou foi um homem grande e barbudo com dentes tortos e verdes e um nariz quebrado; mais alto do que Merrett, embora não tão pesado na barriga. Um meio-elmo cobria sua cabeça e um remendado manto amarelo, os ombros largos. – Onde está seu ouro?

– No alforje. Cem dragões de ouro. – Merrett pigarreou. – Vão recebê-los quando eu vir que Petyr...

Um fora da lei atarracado e zarolho avançou antes de ele conseguir terminar, estendeu a mão para o alforje com uma ousadia que só vendo e encontrou o saco. Merrett fez um movimento para agarrá-lo, mas depois pensou duas vezes. O fora da lei abriu o cordel,

tirou uma moeda e mordeu-a.

– Tem o sabor certo. – Sopesou o saco. – E também tem o peso certo.

Eles vão roubar o ouro e ficar com Petyr, pensou Merrett num súbito pânico.

– Isso é o resgate completo. Tudo que pediram. – As palmas de suas mãos suavam. Limpou-as nos calções. – Qual de vocês é Beric Dondarrion? – Dondarrion era um senhor antes de se tornar fora da lei, podia ainda ser um homem de honra.

– Ora, sou eu – disse o zarolho.

– É um diabo de um mentiroso, Jack – disse o barbudo grande com o manto amarelo. – É a minha vez de ser Lorde Beric.

– Isso quer dizer que eu tenho de ser Thoros? – o cantor riu. – Senhor, lamento dizer, mas Lorde Beric foi exigido em outro local. Os tempos que correm são difíceis, e há muitas batalhas a travar. Mas nós lidaremos com você tal como ele lidaria, nada tema.

Merrett temia muitas coisas. E a cabeça latejava. Muito mais daquilo, e estaria soluçando.

– Vocês têm o seu ouro – disse. – Deem-me o meu sobrinho, e eu vou embora. – Petyr era na realidade um meio-sobrinho-neto, mas não havia necessidade de entrar nesses detalhes.

– Ele está no bosque sagrado – disse o homem com o manto amarelo. – Vamos levá-lo até ele. Notch, segure o cavalo dele.

Merrett entregou relutantemente o arreio. Não via outra alternativa.

– Meu odre – ouviu-se dizendo. – Um gole de vinho, para sossegar a minha...

– Nós não bebemos com gente como você – disse bruscamente o do manto amarelo. – É por aqui. Siga-me.

Folhas esmagaram-se sob os calcanhares do grupo, e cada passo enfiou um espeto de dor nas têmporas de Merrett. Caminharam em silêncio, com o vento soprando em rajadas em volta deles. Tinha nos olhos a última luz do sol poente enquanto ia tropeçando nos montículos cobertos de musgo que eram tudo o que restava da fortaleza. Atrás dela ficava o bosque sagrado.

Petyr Espinha pendia do galho de um carvalho, com um nó corredio bem apertado em volta de seu pescoço longo e esguio. Os olhos saltavam de um rosto negro, olhando acusadoramente para Merrett. *Chegou tarde demais*, pareciam dizer. Mas não tinha chegado. *Não tinha!* Veio quando lhe tinham dito para vir.

– Mataram-no – coaxou.

– Inteligência aguçada como uma agulha, a deste – disse o zarolho.

Um auroque trovejava na cabeça de Merrett. *Mãe, misericórdia*,

pensou.

– Eu trouxe o ouro.

– Isso foi bom de sua parte – disse amigavelmente o cantor. – Vamos nos certificar de que lhe seja dado bom uso.

Merrett afastou os olhos de Petyr. Sentia o sabor da bílis na garganta.

– Vocês... vocês não tinham direito de fazer isso.

– Tínhamos uma corda – disse o do manto amarelo. – Isso é direito suficiente.

Dois dos fora da lei agarraram os braços de Merrett e ataram-nos firmemente por trás das costas. Estava num choque profundo demais para oferecer resistência.

– Não – foi tudo que conseguiu dizer. – Eu só vim resgatar o Petyr. Disseram que se tivessem o ouro até o pôr do sol não lhe fariam mal...

– Bem – disse o cantor –, com essa nos pegou, senhor. Acontece que isso foi uma espécie de mentira.

O fora da lei zarolho avançou com um longo rolo de corda de cânhamo. Enrolou uma ponta em volta do pescoço de Merrett, apertou-a bem, e atou um nó forte por baixo de sua orelha. A outra ponta foi atirada por cima do galho do carvalho. O grandalhão do manto amarelo pegou-a.

– O que está fazendo? – Merrett sabia como aquilo parecia estúpido, mas não conseguia acreditar no que estava acontecendo, mesmo então. – Nunca se atreveriam a enforcar um Frey.

O do manto amarelo soltou uma gargalhada.

– Aquele outro, o rapaz das espinhas, disse a mesma coisa.

Ele não fala a sério. Não pode falar a sério.

– Meu pai vai pagá-los. Eu valho um grande resgate, mais do que Petyr, duas vezes mais.

O cantor suspirou.

– Lorde Walder pode estar meio cego e artrítico, mas não é tão burro para morder a mesma isca duas vezes. Temo que da próxima vez envie uma centena de espadas em vez de uma centena de dragões.

– E enviará mesmo! – Merrett tentou soar severo, mas a voz traiu-o. – Enviará mil espadas e matará todos vocês.

– Tem de nos pegar primeiro. – O cantor olhou de relance o pobre Petyr. – E não pode nos enforcar duas vezes, não é? – arrancou um acorde melancólico das cordas de sua harpa. – Vamos, não se borre todo. Tudo que tem de fazer é responder-me uma pergunta, e eu direi para o deixarem partir.

Merrett diria qualquer coisa se isso quisesse dizer que salvaria a vida.

– O que você quer saber? Direi a verdade, juro.

O fora da lei dirigiu-lhe um sorriso encorajador.

– Bem, acontece que andamos à procura de um cão que fugiu.

– Um cão? – Merrett não estava entendendo. – Que tipo de cão?

– Ele responde pelo nome de Sandor Clegane. Thoros diz que se dirigia às Gêmeas. Encontramos os barqueiros que fizeram a travessia do Tridente com ele, e o pobre diabo que assaltou na estrada do rei. Por acaso o viu no casamento?

– No Casamento Vermelho? – Merrett sentia-se como se o crânio estivesse prestes a explodir, mas fez o melhor que pôde para se lembrar. Houve tanta confusão, mas certamente alguém teria falado do cão de Joffrey se o tivessem visto farejando em volta das Gêmeas. – Ele não estava no castelo. Pelo menos não no banquete principal... pode ter estado no banquete bastardo, ou nos acampamentos, mas... não, alguém teria dito...

– Ele estaria acompanhado por uma criança – disse o cantor. – Uma menina magricela, com cerca de dez anos. Ou talvez um garoto da mesma idade.

– Acho que não – disse Merrett. – Que eu saiba, não.

– Não? Ah, que pena. Bem, então vai subir.

– *Não* – guinchou Merrett sonoramente. – Não, *não faça isso*, eu dei a sua resposta, disse que me deixaria partir.

– Parece-me que o que eu disse foi que lhes *diria* para deixarem-no partir. – O cantor olhou para o do manto amarelo. – Limo, deixe-o partir.

– Vá se foder – replicou bruscamente o fora da lei grandalhão.

O cantor ofereceu a Merrett um encolher de ombros impotente e começou a tocar "O dia em que enforcaram o Robin Negro".

– *Por favor*. – O resto da coragem de Merrett escorria-lhe perna abaixo. – Eu não lhes fiz mal. Trouxe o ouro, como ordenaram. Respondi à pergunta. Tenho *filhos*.

– Que o Jovem Lobo nunca terá – disse o fora da lei zarolho.

Merrett quase não conseguia pensar devido ao latejar na sua cabeça.

– Ele envergonhou-nos, o reino inteiro estava rindo, tínhamos de limpar a mancha em nossa honra. – O pai tinha dito tudo aquilo e mais ainda.

– Talvez. O que sabe uma porcaria de um bando de camponeses sobre a honra de um lorde? – o do manto amarelo deu três voltas ao redor da mão com a ponta da corda. – Mas sabemos umas coisas a respeito de assassinato.

– Não foi assassinato. – Tinha a voz esganiçada. – Foi vingança, nós tínhamos direito à nossa vingança. Foi a *guerra*. Aegon, nós o chamávamos de Guizo, um pobre débil mental que nunca fez mal a ninguém, a Senhora Stark cortou a goela dele. Perdemos meia centena

de homens nos acampamentos. Sor Garse Goodbrook, marido de Kyra, e Sor Tytos, filho de Jared... alguém esmagou a cabeça dele com um machado... o lobo gigante do Stark matou quatro de nossos lobeiros e arrancou o braço do mestre dos canis de seu ombro, mesmo depois de o enchermos de dardos...

– E por isso costurou a cabeça dele ao pescoço de Robb Stark depois que os dois estavam mortos – disse o do manto amarelo.

– Foi o meu pai que fez isso. Tudo o que eu fiz foi beber. Não mataria um homem por beber. – Merrett lembrou-se então de uma coisa, uma coisa que podia ser a sua salvação. – Dizem que Lorde Beric sempre concede um julgamento, que não mata nenhum homem a menos que algo seja provado contra ele. O Casamento Vermelho foi obra de meu pai, e de Ryman e de Lorde Bolton. Lothar armou as tendas de maneira a caírem e pôs os besteiros na galeria com os músicos, Walder Bastardo liderou o ataque aos acampamentos... são eles que querem, não eu, eu só bebi um pouco de vinho... *vocês não têm testemunhas*.

– Pois acontece que aí se engana. – O cantor virou-se para a mulher encapuzada. – Senhora?

Os fora da lei afastaram-se quando ela avançou, sem dizer palavra. Quando abaixou o capuz, algo se apertou no peito de Merrett, e por um momento não conseguiu respirar. *Não. Não, eu a vi morrer. Ela esteve morta durante um dia e uma noite antes de despirem-na e atirarem seu corpo no rio. Raymund abriu a garganta dela de orelha a orelha. Ela estava morta.*

O manto e o colarinho escondiam o golpe que a lâmina do irmão tinha feito, mas seu rosto estava em estado pior ainda do que ele se lembrava. A carne tornara-se esponjosa na água e tomara a cor do leite coalhado. Metade dos cabelos tinha desaparecido, e o resto ficou tão branco e quebradiço como o de uma velha. Sob o couro cabeludo destroçado, o rosto era feito de pele rasgada e sangue negro, nos locais em que a cortara com as próprias unhas. Mas os olhos eram aquilo que tinha de mais terrível. Os olhos viam-no, e o odiavam.

– Ela não fala – disse o homem grande do manto amarelo. – Vocês, malditos bastardos, cortaram a garganta dela fundo demais para isso. Mas ela lembra-se. – Virou-se para a morta e disse: – O que diz, senhora? Ele participou?

Os olhos da Senhora Catelyn não o deixaram por um instante. Assentiu com a cabeça.

Merrett Frey abriu a boca para suplicar, mas o nó corredio afogou suas palavras. Seus pés deixaram o chão, enquanto a corda cortava profundamente a carne mole por baixo de seu queixo. Subiu, esperneando e torcendo-se, subiu, subiu, e subiu.

Apêndice

Os reis e suas cortes

O Rei no Trono de Ferro

JOFFREY BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome, um rapaz de treze anos, filho mais velho do Rei Robert I Baratheon e da Rainha Cersei, da Casa Lannister,

– sua mãe, RAINHA CERSEI, Rainha Regente e Protetora do Reino,

– espadas a serviço de Cersei:

– OSFRYD KETTLEBLACK, irmão mais novo de Sor Osmund Kettleblack da Guarda Real,

– OSNEY KETTLEBLACK, o mais novo dos irmãos de Sor Osmund Kettleblack da Guarda Real,

– sua irmã, PRINCESA MYRCELLA, uma menina de nove anos, protegida do Príncipe Doran Martell, em Lançassolar,

– seu irmão, PRÍNCIPE TOMMEN, um menino de oito anos, herdeiro do Trono de Ferro,

– seu avô, TYWIN LANNISTER, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste e Mão do Rei,

– seus tios e primos paternos:

– o irmão de seu pai, STANNIS BARATHEON, senhor rebelde de Pedra do Dragão, autointitulado rei,

– a filha de Stannis, SHIREEN, uma menina de onze anos,

– o irmão de seu pai, {RENLY BARATHEON}, senhor rebelde de Ponta Tempestade, assassinado no meio de seu exército,

– o irmão de sua avó, SOR ELDON ESTERMONT,

– o filho de Sor Eldon, SOR AEMON ESTERMONT,

– o filho de Sor Aemon, SOR ALYN ESTERMONT,

– seus tios e primos maternos:

– o irmão de sua mãe, SOR JAIME LANNISTER, dito REGICIDA, cativo em Correrrio,

– o irmão de sua mãe, TYRION LANNISTER, dito DUENDE, ferido na Batalha da Água Negra,

– o escudeiro de Tyrion, PODRICK PAYNE,

– o comandante da guarda de Tyrion, SOR BRONN DA ÁGUA NEGRA, antigo mercenário,

– a concubina de Tyrion, SHAE, uma seguidora de acampamentos, agora servindo como aia de Lollys Stokeworth,

– o irmão de seu avô, SOR KEVAN LANNISTER,

– o filho de Sor Kevan, SOR LANCEL LANNISTER, antigo escudeiro do Rei Robert, ferido na Batalha da Água Negra, moribundo,

– o irmão de seu avô, {TYGETT LANNISTER}, morto de varíola,

– o filho de Tygett, TYREK LANNISTER, um escudeiro, desaparecido desde o grande tumulto,

– a esposa bebê de Tyrek, a SENHORA ERMESANDE HAYFORD,

– seus irmãos ilegítimos, bastardos do Rei Robert:

– MYA STONE, uma donzela de dezenove anos, a serviço de Lorde Nestor Royce, nos Portões da Lua,

– GENDRY, um aprendiz de ferreiro, fugitivo nas terras fluviais e ignorante de sua linhagem,

– EDRIC STORM, o único filho bastardo reconhecido pelo Rei Robert, protegido do tio Stannis em Pedra do Dragão,

– sua Guarda Real:

– SOR JAIME LANNISTER, Senhor Comandante,

– SOR MERYN TRANT,

– SOR BALON SWANN,

– SOR OSMUND KETTLEBLACK,

– SOR LORAS TYRELL, o Cavaleiro das Flores,

– SOR ARYS OAKHEART,

– seu pequeno conselho:

– LORDE TYWIN LANNISTER, Mão do Rei,

– SOR KEVAN LANNISTER, mestre das leis,

– LORDE PETYR BAELISH, dito MINDINHO, mestre da moeda,

– VARYS, um eunuco, dito ARANHA, mestre dos segredos,

– LORDE MACE TYRELL, mestre dos navios,

– GRANDE MEISTRE PYCELLE,

– sua corte e seus servidores:

– SOR ILYN PAYNE, o Magistrado do Rei, um carrasco,

– LORDE HALLYNE, O PIROMANTE, um sábio da Guilda dos Alquimistas,

– RAPAZ LUA, um bobo,

– ORMOND DE VILAVELHA, o harpista e bardo real,

– DONTOS HOLLARD, um bobo e bêbado, anteriormente um cavaleiro chamado SOR DONTOS, O VERMELHO,

– JALABHAR XHO, Príncipe do Vale da Flor Vermelha, exilado das Ilhas do Verão,

– SENHORA TANDA STOKEWORTH,

– sua filha, FALYSE, casada com Sor Balman Byrch,

– sua filha, LOLLYS, de trinta e quatro anos, por casar e de fraca inteligência, à espera de um bebê após ter sido violada,

– seu curandeiro e conselheiro, MEISTRE FRENKEN,

– LORDE GYLES ROSBY, um velho enfermiço,

– SOR TALLARD, um promissor jovem cavaleiro,

– LORDE MORROS SLYNT, um escudeiro, filho mais velho do antigo Comandante da Patrulha da Cidade,

– JOTHOS SLYNT, seu irmão mais novo, um escudeiro,

– DANOS SLYNT, ainda mais novo, um pajem,

– SOR BOROS BLOUNT, um ex-cavaleiro da Guarda Real, demitido por covardia pela Rainha Cersei,

– JOSMYN PECKLEDON, um escudeiro, e um herói da Batalha da Água Negra,

– SOR PHILIP FOOTE, nomeado Senhor da Marcha por seu valor durante a Batalha da Água Negra,

– LOTHOR BRUNE, chamado LOTHOR PAPA-MAÇÃS por seus feitos durante a Batalha da Água Negra, um ex-cavaleiro livre a serviço de Lorde Baelish,

– outros senhores e cavaleiros em Porto Real:

– MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,

– PAXTER REDWYNE, Senhor da Árvore,

– os filhos gêmeos de Lorde Paxtrer, SOR HORAS e SOR HOBBER, escarnecidos como HORROR e BABEIRO,

– o curandeiro de Lorde Redwyne, MEISTRE BALLABAR,

– ARDRIAN CELTIGAR, Senhor da Ilha da Garra,

– LORDE ALESANDER STAEDMON, dito MOEDÓFILO,

– SOR BONIFER HASTY, dito O BOM, um cavaleiro afamado,

– SOR DONNEL SWANN, herdeiro de Pedrelmo,

– SOR RONNET CONNINGTON, dito RONNET, O VERMELHO, o Cavaleiro do Poleiro do Grifo,

– AURANE WATERS, o Bastardo de Derivamarca,

– SOR DERMOT DA MATA DE CHUVA, um cavaleiro afamado,

– SOR TIMON SCRAPESWORD, um cavaleiro afamado,

– o povo de Porto Real:

– a Patrulha da Cidade (os “homens de manto dourado”):

– {SOR JACELYN BYWATER, dito MÃO DE FERRO}, Comandante da Patrulha da Cidade, morto por seus próprios homens durante a Batalha da Água Negra,

– SOR ADDAM MARBRAND, Comandante da Patrulha da Cidade, sucessor de Sor Jacelyn,

– CHATAYA, dona de um bordel de luxo,

– ALAYAYA, sua filha,

– DANCY, MAREI, JAYDE, garotas de Chataya,

– TOBHO MOTT, um mestre armeiro,

– PANÇA DE FERRO, um ferreiro,

– HAMISH, O HARPISTA, um cantor afamado,

– COLLIO QUAYNIS, um cantor de Tyrosh,

– BETHANY DEDOS-BELOS, uma cantora,

– ALARIC DE EYSEN, um cantor, muito viajado,

– GALYEON DE CUY, um cantor, notório pela duração de suas canções,

– SYMON LÍNGUA DE PRATA, um cantor,

A bandeira do Rei Joffrey ostenta o veado coroado dos Baratheon, negro sobre dourado, e o leão dos Lannister, dourado sobre carmesim, combatente.

O rei no Norte

O rei do Tridente

ROBB STARK, Senhor de Winterfell, Rei no Norte e Rei do Tridente, filho mais velho de Eddard Stark, Senhor de Winterfell, e da Senhora Catelyn, da Casa Tully,

– seu lobo gigante, VENTO CINZENTO,

– sua mãe, SENHORA CATELYN, da Casa Tully, viúva de Lorde Eddard Stark,

– seus irmãos:

– sua irmã, PRINCESA SANSA, uma donzela de doze anos, cativa em Porto Real,

– a loba gigante de Sansa {LADY}, morta no Castelo de Darry,

– sua irmã, PRINCESA ARYA, uma menina de dez anos, desaparecida e julgada morta,

– a loba gigante de Arya, NYMERIA, perdida perto do Tridente,

– seu irmão, PRÍNCIPE BRANDON, dito BRAN, herdeiro do Norte, um menino de oito anos, julgado morto,

– o lobo gigante de Bran, VERÃO,

– os companheiros e protetores de Bran:

– MEERA REED, uma donzela de dezesseis anos, filha de Lorde Howland Reed da Atalaia da Água Cinzenta,

– JOJEN REED, o seu irmão, de treze anos,

– HODOR, um cavalariço simplório, com dois metros e dez de altura,

– seu irmão, PRÍNCIPE RICKON, um menino de quatro anos, julgado morto,

– o lobo gigante de Rickon, CÃO-FELPUDO,

– a companheira e protetora de Rickon:

– OSHA, uma cativa selvagem, que servia como ajudante de cozinha em Winterfell,

– seu meio-irmão, JON SNOW, um Irmão Juramentado da Patrulha da Noite,

– o lobo gigante de Jon, FANTASMA,

– seus tios e tias paternos:

– o irmão mais velho do pai, {BRANDON STARK}, assassinado por ordem do Rei Aerys II Targaryen,

– a irmã do pai, {LYANNA STARK}, morta nas Montanhas de Dorne durante a Rebelião de Robert,

– o irmão mais novo do pai, BENJEN STARK, um homem da Patrulha da Noite, perdido para lá da Muralha,

– seus tios, tias e primos maternos:

– a irmã mais nova da mãe, LYSA ARRYN, Senhora do Ninho da Águia e viúva de Lorde Jon Arryn,

– seu filho, ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho da Águia,

– o irmão mais novo da mãe, SOR EDMURE TULLY, herdeiro de Correrrio,

– o irmão de seu avô, SOR BRYNDEN TULLY, dito PEIXE NEGRO,

– as espadas a ele juramentadas e os companheiros de batalha:

– seu escudeiro, OLYVAR FREY,

– SOR WENDEL MANDERLY, segundo filho do Senhor de Porto Branco,

– PATREK MALLISTER, herdeiro de Guardamar,

– DACEY MORMONT, filha mais velha da Senhora Maege Mormont e herdeira da Ilha dos Ursos,

– JON UMBER, dito PEQUENO-JON, herdeiro da Última Lareira,

– DONNEL LOCKE, OWEN NORREY, ROBIN FLINT, nortenhos,

– os senhores seus vassalos capitães e comandantes:

– (com o exército de Robb nas terras ocidentais)

– SOR BRYNDEN TULLY, o PEIXE NEGRO, comandando os batedores,

– JON UMBER, chamado GRANDE-JON, comandando a vanguarda,

– RICKARD KARSTARK, Senhor de Karhold,

– GALBART GLOVER, Senhor de Bosque Profundo,

– MAEGE MORMONT, Senhora da Ilha dos Ursos,

– {SOR STEVRON FREY}, filho mais velho de Lorde Walder Frey e herdeiro das Gêmeas, morto em Cruzaboi,

– o filho mais velho de Sor Stevron, SOR RYMAN FREY,

– o filho de Sor Ryman, WALDER NEGRO FREY,

– MARTYN RIVERS, filho bastardo de Lorde Walder Frey,

– (com a tropa de Roose Bolton, em Harrenhal)

– ROOSE BOLTON, Senhor do Forte do Pavor,

– SOR AENYS FREY, SOR JARED FREY, SOR HOSTEEN FREY, SOR DANWELL FREY,

– o meio-irmão bastardo deles, RONEL RIVERS,

– SOR WYLIS MANDERLY, herdeiro de Porto Branco,

– SOR KYLE CONDON, um cavaleiro a seu serviço,

– RONEL STOUT,

– VARGO HOAT, da Cidade Livre de Qohor, comandante de uma companhia de mercenários, os Bravos Companheiros,

– seu tenente, URSWYCK, dito O FIEL,

– seu tenente, SEPTÃO UTT,

– TIMEON DE DORNE, RORGE, IGGO, ZOLLO, O GORDO, DENTADAS, TOGG JOTH de Ibben, PYG, TRÊS DEDOS, os seus homens,

– QYBURN, um meistre sem corrente e ocasional necromante, seu curandeiro,

– (com o exército nortenho no ataque de Valdocaso)

– ROBETT GLOVER, de Bosque Profundo,

– SOR HELMAN TALLHART, de Praça de Torrhen,

– HARRION KARSTARK, único filho sobrevivente de Lorde Rickard Karstark e herdeiro de Karhold,

– (em viagem para o norte com os ossos de Lorde Eddard)

– HALLIS MOLLEN, capitão dos guardas de Winterfell,

– JACKS, QUENT, SHADD, guardas,

– os senhores seus vassalos e castelões no norte:

– WYMAN MANDERLY, Senhor de Porto Branco,

– HOWLAND REED, Senhor da Atalaia da Água Cinzenta, um cranogmano,

– MORS UMBER, dito PAPA-CORVOS, HOTHER UMBER, dito TERROR-DAS-RAMEIRAS, tios do Grande-Jon Umber, cocastelões da Última Lareira,

– LYESSA FLINT, Senhora da Atalaia da Viúva,

– ONDREW LOCKE, Senhor de Castelovelho, um velho,

– {CLEY CERWYN}, Senhor de Cerwyn, um rapaz de catorze anos, morto em batalha em Winterfell,

– sua irmã, JONELLE CERWYN, uma donzela de trinta e dois anos, agora a Senhora de Cerwyn,

– {LEOBALD TALLHART}, irmão mais novo de Sor Helman, castelão em Praça de Torrhen, morto em batalha em Winterfell,

– a esposa de Leobald, BERENA, da Casa Hornwood,

– o filho de Leobald, BRANDON, um rapaz de catorze anos,

– o filho de Leobald, BEREN, um menino de dez anos,

– o filho de Sor Helman, {BENFRED}, morto por homens de ferro na Costa Pedregosa,

– a filha de Sor Helman, EDDARA, uma menina de nove anos, herdeira de Praça de Torrhen,

– SENHORA SYBELLE, esposa de Robett Glover, cativa de Asha Greyjoy em Bosque Profundo,

– o filho de Robett, GAWEN, de três anos, legítimo herdeiro do Bosque Profundo, cativo de Asha Greyjoy,

– a filha de Robett, ERENA, um bebê de um ano, cativa de Asha Greyjoy em Bosque Profundo,

– LARENCE SNOW, um filho bastardo de Lorde Hornwood e protegido de Galbart Glover, com treze anos, cativo de Asha Greyjoy em Bosque Profundo.

A bandeira do Rei no Norte permanece igual à que foi durante milhares de anos: o lobo gigante cinza dos Stark de Winterfell, correndo por um campo branco de gelo.

O rei no Mar Estreito

STANNIS BARATHEON, o Primeiro do Seu Nome, segundo filho de Lorde Steffron Baratheon e da Senhora Cassana da Casa Estermont, anteriormente Senhor de Pedra do Dragão,

– sua esposa, SENHORA SELYSE, da Casa Florent,

– a PRINCESA SHIREEN, sua filha, uma menina de onze anos,

– CARA-MALHADA, seu bobo louco,

– seu sobrinho ilegítimo, EDRIC STORM, um rapaz de doze anos, filho bastardo do Rei Robert e de Delena Florent,

– seus escudeiros, DEVAN SEAWORTH e BRYEN FARRING,

– sua corte e servidores:

– LORDE ALESTER FLORENT, Senhor da Fortaleza de Águas Claras e Mão do Rei, tio da rainha,

– SOR AXELL FLORENT, castelão de Pedra do Dragão e líder dos homens da rainha, tio da rainha,

– SENHORA MELISANDRE DE ASSHAI, dita MULHER VERMELHA, sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz, Deus da Chama e da Sombra,

– MEISTRE PYLOS, curandeiro, tutor, conselheiro,

– SOR DAVOS SEAWORTH, dito CAVALEIRO DAS CEBOLAS e às vezes MÃO-CURTA, antigo contrabandista,

– a esposa de Davos, SENHORA MARYA, filha de um carpinteiro,

– seus sete filhos:

– {DALE}, perdido na Água Negra,

– {ALLARD}, perdido na Água Negra,

– {MATTHOS}, perdido na Água Negra,

– {MARIC}, perdido na Água Negra,

– DEVAN, escudeiro do Rei Stannis,

– STANNIS, um menino de nove anos,

– STEFFON, um menino de seis anos,

– SALLADHOR SAAN, da Cidade Livre de Lys, autointitulado Príncipe do Mar Estreito e Senhor da Baía da Água Negra, dono da galé *Valiriana* e de uma frota de galés irmãs daquela,

– MEIZO MAHR, um eunuco por ele contratado,

– KHORANE SATHMANTES, comandante de sua galé *Dança de Shayala*,

– “MINGAU” e “LAMPREIA”, dois carcereiros,

– os senhores seus vassalos:

– MONTERYS VELARYON, Senhor das Marés e Mestre de Derivamarca, um menino de seis anos,

– DURAM BAR EMMON, Senhor de Ponta Aguda, um rapaz de quinze anos,

– SOR GILBERT FARRING, castelão de Ponta Tempestade.

– LORDE ELWOOD MEADOWS, ajudante de campo de Sor Gilbert,

– MEISTRE JURNE, conselheiro e curandeiro de Sor Gilbert,

– LORDE LUCOS CHYTTERING, dito PEQUENO LUCOS, um rapaz de dezesseis anos,

– LESTER MORRIGEN, Senhor do Ninho de Corvo,

– seus cavaleiros e espadas juramentadas:

– SOR LOMAS ESTERMONT, tio do rei pelo lado materno,

– seu filho, SOR ANDREW ESTERMONT,

– SOR ROLLAND STORM, dito BASTARDO DE NOCTICANTIGA, filho ilegítimo do falecido Lorde Bryen Caron,

– SOR PARMEN CRANE, dito PARMEN PÚRPURA, cativo em Jardim de Cima,

– SOR ERREN FLORENT, irmão mais novo da Rainha Selyse, cativo em Jardim de Cima,

– SOR GERALD GOWER,

– SOR TRISTON DE MONTE DA TALHA, anteriormente a serviço de Lorde Guncer Sunglass,

– LEWYS, dito ESPOSA DE PEIXES,

– OMER BLACKBERRY,

Rei Stannis escolheu como símbolo o coração em chamas do Senhor da Luz: um coração vermelho rodeado por chamas cor de laranja sobre fundo amarelo-vivo. No interior do coração encontra-se retratado o veado coroado da Casa Baratheon, de negro.

A rainha no outro lado do mar

DAENERYS TARGARYEN, a Primeira do Seu Nome, *Khaleesi* dos dothraki, dita DAENERYS, FILHA DA TORMENTA, a NÃO QUEIMADA, MÃE DE DRAGÕES, única herdeira sobrevivente de Aerys II Targaryen, viúva de Khal Drogo dos dothraki,

– seus dragões em crescimento, DROGON, VISERION, RHAEGAL,

– sua Guarda Real:

– SOR JORAH MORMONT, antigo Senhor da Ilha dos Ursos, exilado por traficar escravos,

– JHOGO, *ko* e companheiro de sangue, o chicote,

– AGGO, *ko* e companheiro de sangue, o arco,

– RAKHARO, *ko* e companheiro de sangue, o *arakh*,

– BELWAS, O FORTE, um eunuco, ex-escravo nos fossos de luta de Meereen,

– seu escudeiro idoso, ARSTAN, dito BARBA-BRANCA; um homem de Westeros,

– suas aias:

– IRRI, uma moça dothraki, de quinze anos,

– JHIQUI, uma moça dothraki, de catorze anos,

– GROLEO, capitão da grande coca *Balerion*, um marinheiro pentoshi contratado por Illyrio Mopatis,

– sua família falecida:

– {RHAEGAR}, Príncipe de Pedra do Dragão e herdeiro do Trono de Ferro, morto pelo Rei Robert no Tridente,

– {RHAENYS}, filha de Rhaegar e de Elia de Dorne, assassinada durante o Saque de Porto Real,

– {AEGON}, filho de Rhaegar e de Elia de Dorne, assassinado durante o Saque de Porto Real,

– {VISERYS}, autoproclamado Rei Viserys, o Terceiro do Seu Nome, dito o REI PEDINTE, morto em Vaes Dothrak por Khal Drogo,

– {DROGO}, seu esposo, um grande *khal* dos dothraki, nunca derrotado em batalha, morto de um ferimento,

– {RHAEGO}, filho natimorto de Daenerys e Khal Drogo, morto no ventre por Mirri Maz Duur,

– seus inimigos conhecidos:
– KHAL PONO, outrora *ko* de Drogo,
– KHAL JHAQO, outrora *ko* de Drogo,
– MAGGO, seu companheiro de sangue,
– OS IMORREDOUROS DE QARTH, um bando de magos,
– PYAT PREE, um mago qarteno,
– OS HOMENS PESAROSOS, uma guilda de assassinos qartenos,

– seus aliados incertos, antigos e atuais:
– XARO XHOAN DAXOS, um príncipe mercador de Qarth,
– QUAITHE, uma umbromante mascarada de Asshai,
– ILLYRIO MOPATIS, um magíster da Cidade Livre de Pentos, que arranjou o casamento de Daenerys com Khal Drogo,

– em Astapor:
– KRAZNYS MO NAKLOZ, um rico mercador de escravos,
– sua escrava, MISSANDEI, uma menina de dez anos, pertencente ao Pacífico Povo de Naath,
– GRAZDAN MO ULLHOR, um velho mercador de escravos, muito rico,
– seu escravo, CLEON, açougueiro e cozinheiro,
– VERME CINZENTO, um eunuco dos Imaculados,

– em Yunkai:
– GRAZDAN MO ERAZ, enviado e nobre,
– MERO DE BRAVOS, dito BASTARDO DO TITÃ, comandante dos Segundos Filhos, uma companhia livre,
– BEN MULATO PLUMM, um sargento dos Segundos Filhos, um mercenário de dúbia ascendência,
– PRENDAHL NA GHEZN, um mercenário ghiscari, capitão dos Corvos Tormentosos, uma companhia livre,
– SALLOR, O CALVO, um mercenário qarteno, capitão dos Corvos Tormentosos,
– DAARIO NAHARIS, um excêntrico mercenário tyroshi, capitão dos Corvos Tormentosos,

– em Meereen:
– OZNAK ZO PAHL, um herói da cidade,

A bandeira de Daenerys Targaryen é a de Aegon, o Conquistador, e da dinastia que ele estabeleceu: um dragão de três cabeças,

vermelho sobre fundo negro.

Rei das Ilhas e do Norte

BALON GREYJOY, o Nono do Seu Nome desde o Rei Cinzento, autointitulado Rei das Ilhas de Ferro e do Norte, Rei do Sal e da Rocha, Filho do Vento Marinho e Senhor Ceifeiro de Pyke,

– sua esposa, SENHORA ALANNYS, da Casa Harlaw,

– seus filhos:

– {RODRIK}, o filho mais velho, morto em Guardamar durante a Rebelião Greyjoy,

– {MARON}, o segundo filho, morto em Pyke durante a Rebelião Greyjoy,

– ASHA, a terceira filha, capitã do *Vento Negro* e conquistadora de Bosque Profundo,

– THEON, o filho mais novo, comandante do *Cadela do Mar* e durante um breve período Príncipe de Winterfell,

– o escudeiro de Theon, WEX PYKE, filho bastardo do meio-irmão de Lorde Botley, um rapaz mudo de doze anos,

– a tripulação de Theon, os homens do *Cadela do Mar*:

– URZEN, MARON BOTLEY, dito BARBAS-DE-PEIXE, STYGG, GEVIN HARLAW, CADWYLE,

– seus irmãos:

– EURON, dito OLHO DE CORVO, capitão do *Silêncio*, um notório fora da lei, pirata e corsário,

– VICTARION, Senhor Capitão da Frota de Ferro, mestre do *Vitória de Ferro*,

– AERON, dito CABELO-MOLHADO, um sacerdote do Deus Afogado,

– seu pessoal em Pyke:

– MEISTRE WENDAMYR, curandeiro e conselheiro,

– HELYA, governanta do castelo,

– seus guerreiros e espadas juramentadas:

– DAGMER, dito BOCA-FENDIDA, capitão do *Bebedor de Espuma*,

– BLUETOOTH, um capitão de dracar,

– ULLER, SKYTE, remadores e guerreiros,
– ANDRIK, O SÉRIO, um homem gigantesco,
– QARL, dito QARL, O DONZEL, imberbe mas mortífero,

– pessoas de Fidalporto:
– OTTER GIMPKNEE, estalajadeiro e devasso,
– SIGRIN, um carpinteiro naval,
– os senhores seus vassalos:
– SAWANE BOTLEY, Senhor de Fidalporto, em Pyke
– LORDE WYNCH, de Bosque de Ferro, em Pyke,
– STONEHOUSE, DRUMM e GOODBROTHER, de Velha Wyk,
– LORDE GOODBROTHER, SPARR, LORDE MERLYN e LORDE FARWYND, de Grande Wyk,
– LORDE HARLAW, de Harlaw,
– VOLMARK, MYRE, STONETREE e KENNING, de Harlaw,
– ORKWOOD e TAWNEY, de Montrasgo
– LORDE BLACKTYDE, de Pretamare,
– LORDE SALTCLIFFE e LORDE SUNDERLY, de Salésia.

Outras Casas, grandes e pequenas

Casa Arryn

Os Arryn são descendentes dos Reis da Montanha e Vale, uma das mais antigas e puras linhagens da nobreza ândala. A Casa Arryn não participou da Guerra dos Cinco Reis, retendo suas forças a fim de proteger o Vale de Arryn. O selo dos Arryn é a lua e o falcão, em branco, sobre fundo azul-celeste. O lema dos Arryn é: *Tão Alto Como a Honra*.

ROBERT ARRYN, Senhor do Ninho da Águia, Defensor do Vale, protetor do Leste, um rapaz enfermiço de oito anos,

– sua mãe, SENHORA LYSA, da Casa Tully, terceira esposa e viúva de Lorde Jon Arryn, e irmã de Catelyn Stark,

– o pessoal de sua casa:

– MARILLION, um belo e jovem cantor, muito apreciado pela Senhora Lysa,

– MEISTRE COLEMON, conselheiro, curandeiro e tutor,

– SOR MARWYN BELMORE, capitão da guarda,

– MORD, um carcereiro brutal,

– os senhores seus vassalos, cavaleiros e servidores:

– LORDE NESTOR ROYCE, Supremo Intendente do Vale e castelão dos Portões da Lua, pertencente ao ramo menor da Casa Royce,

– o filho de Lorde Nestor, SOR ALBAR,

– a filha de Lorde Nestor, MYRANDA,

– MYA STONE, uma garota bastarda a seu serviço, filha ilegítima do Rei Robert I Baratheon,

– LORDE YOHN ROYCE, dito BRONZE YOHN, Senhor de Pedrarruna, pertencente ao ramo principal da Casa Royce, primo de Lorde Nestor,

– o filho mais velho de Lorde Yohn, SOR ANDAR,

– o segundo filho de Lorde Yohn, {SOR ROBAR}, um cavaleiro da Guarda Arco-Íris de Renly Baratheon, morto em Ponta Tempestade por

Sor Loras Tyrell,

– o filho mais novo de Lorde Yohn, {SOR WAYMAN}, um homem da Patrulha da Noite, perdido para lá da Muralha,

– SOR LYN CORBRAY, um pretendente da Senhora Lysa,

– MYCHEL REDFORT, seu escudeiro,

– SENHORA ANYA WAYNWOOD,

– o filho mais velho e herdeiro da Senhora Anya, SOR MORTON, pretendente da Senhora Lysa,

– o segundo filho da Senhora Anya, SOR DONNEL, o Cavaleiro do Portão,

– EON HUNTER, Senhor de Solar de Longarco, um velho, pretendente da Senhora Lysa,

– HORTON REDFORT, Senhor de Fortencarnado.

Casa Florent

Os Florent da Fortaleza de Águas Claras são vassalos dos Tyrell, apesar de uma pretensão mais forte a Jardim de Cima por virtude de um laço de sangue com a Casa Gardener, os antigos Reis da Campina. Ao estourar a Guerra dos Cinco Reis, Lorde Alester Florent seguiu os Tyrell na proclamação pelo Rei Renly, mas o seu irmão, Sor Axell, escolheu o Rei Stannis, o qual servia havia anos como castelão de Pedra do Dragão. A sobrinha de ambos, Selyse, era e é a rainha do Rei Stannis. Quando Renly morreu em Ponta Tempestade, os Florent passaram-se para Stannis com todas as suas forças, tendo sido os primeiros dos vassalos de Renly a fazê-lo. O selo da Casa Florent exibe uma cabeça de raposa rodeada por um círculo de flores.

ALESTER FLORENT, Senhor de Águas Claras,

– sua esposa, SENHORA MELARA, da Casa Crane,

– seus filhos:

– ALEKYNE, herdeiro de Águas Claras,

– MELESSA, casada com Lorde Randyll Tarly,

– RHEA, casada com Lorde Leyton Hightower,

– os irmãos:

– SOR AXELL, castelão em Pedra do Dragão,

– {SOR RYAM}, morto ao cair de um cavalo,

– a filha de Sor Ryam, RAINHA SELYSE, casada com o Rei Stannis

Baratheon,

– o filho mais velho de Sor Ryam, {SOR IMRY}, ao comando da frota de Stannis Baratheon na Água Negra, perdido com o *Fúria*,

– o segundo filho de Sor Ryam, SOR ERREN, mantido cativo em Jardim de Cima,

– SOR COLIN,

– a filha de Sor Colin, DELENA, casada com SOR HOSMAN NORCROSS,

– o filho de Delena, EDRIC STORM, um bastardo do Rei Robert I Baratheon, com doze anos de idade,

– o filho de Delena, ALESTER NORCROSS, de oito anos,

– o filho de Delena, RENLY NORCROSS, um menino de dois anos,

– o filho de Sor Colin, MEISTRE OMER, a serviço em Carvalho Velho,

– o filho de Sor Colin, MERRELL, um escudeiro na Árvore,

– a sua irmã, RYLENE, casada com Sor Rycherd Crane.

Casa Frey

Poderosos, ricos e numerosos, os Frey são vassalos da Casa Tully, mas nem sempre foram diligentes em desempenhar o seu dever. Quando Robert Baratheon enfrentou Rhaegar Targaryen no Tridente, os Frey só chegaram depois da batalha terminada, e daí em diante Lorde Hoster Tully passou a chamar Lorde Walder de "o Atrasado Lorde Frey". Também se diz de Walder Frey que é o único senhor dos Sete Reinos que poderia tirar um exército dos calções.

Ao estourar a Guerra dos Cinco Reis, Robb Stark conquistou a aliança de Lorde Walder com a promessa de desposar uma de suas filhas ou netas. Dois dos netos de Lorde Walder foram enviados para Winterfell para lá serem educados.

WALDER FREY, Senhor da Travessia,

– de sua primeira esposa {SENHORA PERRA}, da Casa Royce:

– {SOR STEVRON}, o filho mais velho, morto após a Batalha de Cruzaboi,

– c. {Corenna Swann, morta de uma doença debilitante},

– o filho mais velho de Stevron, SOR RYMAN, herdeiro das Gêmeas,

– o filho de Ryman, EDWYN, casado com Janyce Hunter,
– a filha de Edwyn, WALDA, uma menina de oito anos,
– o filho de Ryman, WALDER, dito WALDER NEGRO,
– o filho de Ryman, PETYR, dito PETYR ESPINHA,
– c. Mylenda Caron,
– a filha de Petyr, PERRA, uma menina de cinco anos,
– c. {Jeyne Lydden, morta numa queda de cavalo},
– o filho de Stevron, AEGON, um débil mental, dito GUIZO,
– a filha de Stevron, {MAEGELLE}, morta no parto, c. Sor Dafyn Vance,
– a filha de Maegelle, MARIANNE, uma donzela,
– o filho de Maegelle, WALDER VANCE, um escudeiro,
– o filho de Maegelle, PATREK VANCE,
– c. {Marsella Waynwood, morta no parto}
– o filho de Stevron, WALTON, c. Deana Hardyng,
– o filho de Walton, STEFFON, dito O DOCE,
– a filha de Walton, WALDA, dita BELA WALDA,
– o filho de Walton, BRYAN, um escudeiro,
– SOR EMMON, c. Genna, da Casa Lannister,
– o filho de Emmon, SOR CLEOS, c. Jeyne Darry,
– o filho de Cleos, TYWIN, um escudeiro de onze anos,
– o filho de Cleos, WILLEM, um pajem em Cinzamarca, nove anos,
– o filho de Emmon, SOR LYONEL, c. Melesa Crakehall,
– o filho de Emmon, TION, um cativo em Correrrio,
– o filho de Emmon, WALDER, dito WALDER VERMELHO, catorze anos, um escudeiro em Rochedo Casterly,
– SOR AENYS, c. {Tyana Wylde, morta no parto},
– o filho de Aenys, AEGON NASCIDO-EM-SANGUE, um fora da lei,
– o filho de Aenys, RHAEGAR, c. Jeyne Beesbury,
– o filho de Rhaegar, ROBERT, um rapaz de treze anos,
– a filha de Rhaegar, WALDA, uma menina de dez anos, dita WALDA BRANCA,
– o filho de Rhaegar, JONOS, um menino de oito anos,
– PERRIANE, c. Sor Laslyn Haigh,
– o filho de Perriane, SOR HARYS HAIGH,
– o filho de Harys, WALDER HAIGH, um menino de quatro anos,
– o filho de Perriane, SOR DONNEL HAIGH,
– o filho de Perriane, ALYN HAIGH, um escudeiro,

– de sua segunda esposa {SENHORA CYRENNA}, da Casa Swann:
– SOR JARED, o seu filho mais velho, c. {Alys Frey},
– o filho de Jared, SOR TYTOS, c. Zhoe Blanetree,

– a filha de Tytos, ZIA, uma donzela de catorze anos,
– o filho de Tytos, ZACHERY, um rapaz de doze anos, em treino no Septo de Vilavelha,
– a filha de Jared, KYRA, c. Sor Garse Goodbrook,
– o filho de Kyra, WALDER GOODBROOK, um menino de nove anos,
– a filha de Kyra, JEYNE GOODBROOK, de seis anos,
– o SEPTÃO LUCEON, a serviço no Grande Septo de Baelor, em Porto Real,

– de sua terceira esposa {SENHORA AMAREI}, da Casa Crakehall:
– SOR HOSTEEN, o seu filho mais velho, c. Bellena Hawick,
– o filho de Hosteen, SOR ARWOOD, c. Ryella Royce,
– a filha de Arwood, RYELLA, uma menina de cinco anos,
– os filhos gêmeos de Arwood, ANDROW e ALYN, de três anos,
– SENHORA LYTHENE, c. Lorde Lucias Vypren,
– a filha de Lythene, ELIANA, c. Sor Jon Wylde,
– o filho de Elyana, RICKARD WYLDE, de quatro anos,
– o filho de Lythene, SOR DAMON VYPREN,
– SYMOND, c. Betharios de Bravos,
– o filho de Symond, ALESANDER, um cantor,
– a filha de Symond, ALYX, uma donzela de dezessete anos,
– o filho de Symond, BRADAMAR, um menino de dez anos, criado em Bravos como protegido de Oro Tendyris, um mercador dessa cidade,
– SOR DANWELL, c. Wynafrei Whent,
– (muitos natimortos e abortos)
– MERRETT, c. Mariya Darry,
– a filha de Merrett, AMEREI, dita AMI, uma viúva de dezesseis anos, c. {Sor Pate do Ramo Azul},
– a filha de Merrett, WALDA, dita WALDA GORDA, uma donzela de quinze anos, c. Lorde Roose Bolton,
– a filha de Merrett, MARISSA, uma donzela de treze anos,
– o filho de Merrett, WALDER, dito PEQUENO WALDER, um menino de oito anos, aprisionado em Winterfell enquanto era protegido da Senhora Catelyn Stark,
– {SOR GEREMY}, afogado, c. Carolei Waynwood,
– o filho de Geremy, SANDOR, um rapaz de doze anos, escudeiro de Sor Donnel Waynwood,
– a filha de Geremy, CYNTHEA, uma menina de nove anos, protegida da Senhora Anya Waynwood,
– SOR RAYMUND, c. Beony Beesbury,
– o filho de Raymund, ROBERT, com dezesseis anos, em treino na

Cidadela em Vilavelha,

– o filho de Raymund, MALWYN, de quinze anos, aprendiz de um alquimista em Lys,

– as filhas gêmeas de Raymund, SERRA e SARRA, donzelas de catorze anos,

– a filha de Raymund, CERSEI, de seis anos, dita PEQUENA ABELHA,

– de sua quarta esposa {SENHORA ALYSSA}, da Casa Blackwood:

– LOTHAR, o seu filho mais velho, dito LOTHAR COXO, c. Leonella Lefford,

– a filha de Lothar, TYSANE, uma menina de sete anos,

– a filha de Lothar, WALDA, uma menina de quatro anos,

– a filha de Lothar, EMBERLEI, uma menina de dois anos,

– SOR JAMMOS, c. Sallei Paege,

– o filho de Jammos, WALDER, dito GRANDE WALDER, um menino de oito anos, aprisionado em Winterfell enquanto era protegido da Senhora Catelyn Stark,

– os filhos gêmeos de Jammos, DICKON e MATHIS, de cinco anos,

– SOR WHALEN, c. Sylwa Paege,

– o filho de Whalen, HOSTER, um rapaz de doze anos, escudeiro de Sor Damon Paege,

– a filha de Whalen, MERIANNE, dita MERRY, uma menina de onze anos,

– SENHORA MORYA, c. Flement Brax,

– o filho de Morya, ROBERT BRAX, de nove anos, criado em Rochedo Casterly como pajem,

– o filho de Morya, WALDER BRAX, um menino de seis anos,

– o filho de Morya, JON BRAX, um bebê de três anos,

– TYTA, dita TYTA, A DONZELA, uma donzela de vinte e nove anos,

– de sua quinta esposa {SENHORA SARYA}, da Casa Whent:

– nenhuma prole,

– de sua sexta esposa {SENHORA BETHANY}, da Casa Rosby:

– SOR PERWYN, o seu filho mais velho,

– SOR BENFREY, c. Jyanna Frey, uma prima,

– a filha de Benfrey, DELLA, dita DELLA SURDA, uma menina de três anos,

– o filho de Benfrey, OSMUND, um menino de dois anos,

– MEISTRE WILLAMEN, ao serviço em Solar de Longarco,
– OLYVAR, escudeiro de Robb Stark,
– ROSLIN, uma donzela de dezesseis anos,

– de sua sétima esposa {SENHORA ANNARA}, da Casa Farring:
– ARWYN, uma donzela de catorze anos,
– WENDEL, o filho mais velho, um rapaz de treze anos, criado em Guardamar como pajem,
– COLMAR, prometido à Fé, com onze anos,
– WALTYR, dito TYR, um menino de dez anos,
– ELMAR, anteriormente prometido a Arya Stark, um menino de nove anos,
– SHIREI, uma menina de seis anos,

– a sua oitava esposa, SENHORA JOYEUSE, da Casa Erenford,
– ainda sem prole,

– filhos ilegítimos de Lorde Walder, de mães diversas,
– WALDER RIVERS, dito WALDER BASTARDO,
– o filho do Walder Bastardo, SOR AEMON RIVERS,
– a filha do Walder Bastardo, WALDA RIVERS,
– MEISTRE MELWYS, a serviço em Rosby,
– JEYNE RIVERS, MARTYN RIVERS, RYGER RIVERS, RONEL RIVERS, MELLARA RIVERS, e outros.

Casa Lannister

Os Lannister de Rochedo Casterly permanecem como o principal apoio da pretensão do Rei Joffrey ao Trono de Ferro. Vangloriam-se de descender de Lann, o Esperto, o lendário trapaceiro da Era dos Heróis. O ouro de Rochedo Casterly e de Dente Dourado fez dela a mais rica entre as Grandes Casas. O selo Lannister é um leão dourado num fundo carmesim. Seu lema é *Ouçam-me Rugir!*

TYWIN LANNISTER, Senhor de Rochedo Casterly, Protetor do Oeste, Escudo de Lanisporto e Mão do Rei,

– seu filho, SOR JAIME, dito REGICIDA, irmão gêmeo da Rainha Cersei, Senhor Comandante da Guarda Real e Protetor do Leste, cativo em Correrrio,

– sua filha, RAINHA CERSEI, gêmea de Jaime, viúva do Rei Robert I Baratheon, Rainha Regente em nome de seu filho Joffrey,

– seu filho, REI JOFFREY BARATHEON, um rapaz de treze anos,

– sua filha, PRINCESA MYRCELLA BARATHEON, uma menina de nove anos, protegida do Príncipe Doran Martell em Dorne,

– seu filho, PRÍNCIPE TOMMEN BARATHEON, um menino de oito anos, herdeiro do Trono de Ferro,

– seu filho anão, TYRION, dito DUENDE, dito MEIO-HOMEM, ferido e mutilado na Água Negra,

– seus irmãos:

– SOR KEVAN, irmão mais velho de Lorde Tywin,

– a esposa de Sor Kevan, DORNA, da Casa Swyft,

– seu filho, SOR LANCEL, antigo escudeiro do Rei Robert, ferido e moribundo,

– seu filho, WILLEM, gêmeo de Martyn, um escudeiro, cativo em Correrrio,

– seu filho, MARTYN, gêmeo de Willem, um escudeiro, cativo de Robb Stark,

– sua filha, JANEI, uma menina de dois anos,

– GENNA, sua irmã, casada com Sor Emmon Frey,

– seu filho, SOR CLEOS FREY, cativo em Correrrio,

– seu filho, SOR LYONEL,

– seu filho, TION FREY, um escudeiro, cativo em Correrrio,

– seu filho, WALDER, dito WALDER VERMELHO, escudeiro em Rochedo Casterly,

– {SOR TYGETT}, seu segundo irmão, morto de varíola,

– a viúva de Tygett, DARLESSA, da Casa Marbrand,

– seu filho, TYREK, escudeiro do rei, desaparecido,

– {GERION}, seu irmão mais novo, perdido no mar,

– a filha bastarda de Gerion, JOY, de onze anos,

– seu primo {SOR STAFFORD LANNISTER}, irmão da falecida Senhora Joanna, morto em Cruzaboi,

– as filhas de Sor Stafford, CERENNA e MYRIELLE,

– o filho de Sor Stafford, SOR DAVEN,

– seus primos:

– SOR DAMION LANNISTER, c. Senhora Shiera Crakehall,

– seu filho, SOR LUCION,

– sua filha, LANNA, c. Lorde Antario Jast,
– MARGOT, c. Lorde Titus Peake,

– o pessoal de sua casa:
– MEISTRE CREYLEN, curandeiro, tutor e conselheiro,
– VILARR, capitão dos guardas,
– LUM e LESTER VERMELHO, guardas,
– WAT RISO-BRANCO, um cantor,
– SOR BENEDICT BROOM, mestre de armas,
– os senhores seus vassalos:
– DAMON MARBRAND, Senhor de Cinzamarca,
– SOR ADDAM MARBRAND, seu filho e herdeiro,
– ROLAND CRAKEHALL, Senhor de Paço de Codorniz,
– seu irmão {SOR BURTON CRAKEHALL}, morto por Lorde Beric Dondarrion e seus fora da lei,
– seu filho e herdeiro, SOR TYBOLT CRAKEHALL,
– seu segundo filho, SOR LYLE CRAKEHALL, dito VARRÃO FORTE, cativo no Castelo de Donzelarrosa,
– seu filho mais novo, SOR MERLON CRAKEHALL,
– {ANDROS BRAX}, Senhor de Valcorno, afogado durante a Batalha dos Acampamentos,
– seu irmão {SOR RUPERT BRAX}, morto em Cruzaboi,
– seu filho mais velho, SOR TYTOS BRAX, atual Senhor de Valcorno, cativo nas Gêmeas,
– seu segundo filho {SOR ROBERT BRAX}, morto na Batalha dos Vaus,
– seu terceiro filho, SOR FLEMENT BRAX, atual herdeiro,
– {LORDE LEO LEFFORD}, afogado no Moinho de Pedra,
– REGENARD ESTREN, Senhor de Vieleira, cativo nas Gêmeas,
– GAWEN WESTERLING, Senhor do Despenhadeiro, cativo em Guardamar,
– sua esposa, SENHORA SYBELL, da Casa Spicer,
– seu irmão, SOR ROLPH SPICER,
– seu primo, SOR SAMWELL SPICER,
– seus filhos:
– SOR RAYNALD WESTERLING,
– JEYNE, uma donzela de dezesseis anos,
– ELEYNA, uma menina de doze anos,
– ROLLAM, um menino de nove anos,
– LEWIS LYDDEN, Senhor de Toca Funda,
– LORDE ANTARIO JAST, cativo no Castelo de Donzelarrosa,
– LORDE PHILIP PLUMM,
– seus filhos, SOR DENNIS PLUMM, SOR PETER PLUMM e SOR

HARWYN PLUMM, dito PEDRADURA,

– QUENTEN BANEFORT, Senhor de Forte Ruína, cativo de Lorde Jonos Bracken,

– seus cavaleiros e capitães:
– SOR HARYS SWYFT, sogro de Sor Kevan Lannister,
– o filho de Sor Harys, SOR STEFFON SWYFT,
– a filha de Sor Steffon, JOANNA,
– a filha de Sor Harys, SHIERLE, c. Sor Melwyn Sarsfield,
– SOR FORLEY PRESTER,
– SOR GARTH GREENFIELD, cativo no Solar de Corvarbor,
– SOR LYMOND VIKARY, cativo no Pouso do Viajante,
– SOR SELMOND STACKSPEAR,
– seu filho, SOR STEFFON STACKSPEAR,
– seu filho mais novo, SOR ALYN STACKSPEAR,
– TERRENCE KENNING, Senhor de Kayce,
– SOR KENNOS DE KAYCE, um cavaleiro a seu serviço,
– SOR GREGOR CLEGANE, dito A MONTANHA QUE CAVALGA,
– POLLIVER, CHISWYCK, RAFF, O QUERIDO, DUNSEN e CÓCEGAS, soldados ao seu serviço,
– {SOR AMORY LORCH}, dado de alimento a um urso por Vargo Hoat após a queda de Harrenhal.

Casa Martell

Dorne foi o último dos Sete Reinos a jurar lealdade ao Trono de Ferro. Tanto o sangue como os costumes e a história distinguem os homens de Dorne dos outros reinos. Quando estourou a Guerra dos Cinco Reis, Dorne não participou. Com o prometimento de Myrcella Baratheon ao Príncipe Trystane, Lançassolar declarou o seu apoio ao Príncipe Joffrey e convocou os vassalos. O estandarte Martell é um sol vermelho atravessado por uma lança dourada. Seu lema é *Insubmissos, Não Curvados, Não Quebrados*.

DORAN NYMEROS MARTELL, Senhor de Lançassolar, Príncipe de Dorne,

– sua esposa, MELLARIO, da Cidade Livre de Norvos,

– seus filhos:
– PRINCESA ARIANNE, a filha mais velha, herdeira de Lançassolar,
– PRÍNCIPE QUENTYN, o filho mais velho,
– PRÍNCIPE TRYSTANE, o filho mais novo, prometido a Myrcella Baratheon,
– seus irmãos:
– sua irmã {PRINCESA ELIA}, casada com o Príncipe Rhaegar Targaryen, morta durante o Saque de Porto Real,
– seus filhos:
– {PRINCESA RHAENYS}, uma garotinha, assassinada durante o Saque de Porto Real,
– {PRÍNCIPE AEGON}, um bebê, morto durante o Saque de Porto Real,
– seu irmão, PRÍNCIPE OBERYN, dito VÍBORA VERMELHA,
– a amante do Príncipe Oberyn, ELLARIA SAND,
– as filhas bastardas do Príncipe Oberyn, OBARA, NYMERIA, TYENE, SARELLA, ELIA, OBELLA, DOREA, LOREZA, ditas AS SERPENTES DA AREIA,
– os companheiros do Príncipe Oberyn:
– HARMEN ULLER, Senhor da Toca do Inferno,
– o irmão de Harmen, SOR ULWYCK ULLER,
– SOR RYON ALLYRION,
– o filho ilegítimo de Sor Ryon, SOR DAEMON SAND, dito BASTARDO DE GRAÇADIVINA,
– DAGOS MANWOODY, Senhor de Tumbarreal,
– os filhos de Dagos, MORS e DICKON,
– o irmão de Dagos, SOR MYLES MANWOODY,
– SOR ARRON QORGYLE,
– SOR DEZIEL DALT, o Cavaleiro de Limoeiros,
– MYRIA JORDAYNE, herdeira da Penha,
– LARRA BLACKMONT, Senhora de Monpreto,
– sua filha, JYNESSA BLACKMONT,
– seu filho, PERROS BLACKMONT, um escudeiro,
– o pessoal de sua casa:
– AREO HOTAH, um mercenário norvoshi, capitão dos guardas,
– MEISTRE CALEOTTE, conselheiro, curandeiro e tutor,
– os senhores seus vassalos:
– HARMEN ULLER, Senhor da Toca do Inferno,
– EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela,
– DELONNE ALLYRION, Senhora de Graçadivina,
– DAGOS MANWOODY, Senhor de Tumbarreal,
– LARRA BLACKMONT, Senhora de Monpreto,
– TREMOND GARGALEN, Senhor da Costa do Sal,

– ANDERS YRONWOOD, Senhor de Paloferro,
– NYMELLA TOLAND.

Casa Tully

Lorde Edmyn Tully de Correrrio foi um dos primeiros senhores do rio a jurar lealdade a Aegon, o Conquistador. O vitorioso Aegon recompensou-o atribuindo à Casa Tully o domínio sobre as terras do Tridente. O símbolo dos Tully é uma truta saltante, de prata, em fundo ondulado de azul e vermelho. O mote dos Tully é: *Família, Dever, Honra*.

HOSTER TULLY, Senhor de Correrrio,
– sua esposa {SENHORA MINISA}, da Casa Whent, morta no parto,
– seus filhos:
– CATELYN, viúva de Lorde Eddard Stark de Winterfell,
– seu filho mais velho, ROBB STARK, Senhor de Winterfell, Rei no Norte e Rei do Tridente,
– sua filha, SANSA STARK, uma donzela de doze anos, cativa em Porto Real,
– sua filha ARYA STARK, de dez anos, desaparecida há um ano,
– seu filho, BRANDON STARK, de oito anos, julgado morto,
– seu filho, RICKON STARK, de quatro anos, julgado morto,
– LYSA, viúva de Lorde Jon Arryn do Ninho da Águia,
– seu filho, ROBERT, Senhor do Ninho da Águia e Defensor do Vale, um rapaz enfermiço de oito anos,
– SOR EDMURE, seu único filho, herdeiro de Correrrio,
– amigos e companheiros de Sor Edmure:
– SOR MARQ PIPER, herdeiro de Donzelarrosa,
– LORDE LYMOND GOODBROOK,
– SOR RONALD VANCE, dito O MAU, e seus irmãos, SOR HUGO, SOR ELLERY e KIRTH,
– PATREK MALLISTER, LUCAS BLACKWOOD, SOR PERWYN FREY, TRISTAN RYGER, SOR ROBERT PAEGE,
– seu irmão, SOR BRYNDEN, chamado Peixe Negro,
– o pessoal de sua casa:
– MEISTRE VYMAN, conselheiro, curandeiro e tutor,

– SOR ROBIN RYGER, capitão da guarda,
– LEW COMPRIDO, ELWOOD, DELP, guardas,
– UTHERYDES WAYN, intendente de Correrrio,
– RYMUND, O RIMANTE, um cantor,
– os senhores seus vassalos:
– JONOS BRACKEN, Senhor de Barreira de Pedra,
– JASON MALLISTER, Senhor de Guardamar,
– WALDER FREY, Senhor da Travessia,
– CLEMENT PIPER, Senhor do Castelo de Donzelarrosa,
– KARYL VANCE, Senhor do Pouso do Viajante,
– NORBERT VANCE, Senhor de Atranta,
– THEOMAR SMALLWOOD, Senhor de Solar de Bolotas,
– sua esposa, SENHORA RAVELLA, da Casa Swann,
– sua filha, CARELLEN,
– WILLIAM MOOTON, Senhor de Lagoa da Donzela,
– SHELLA WHENT, a desalojada Senhora de Harrenhal,
– SOR HALMON PAEGE,
– TYTOS BLACKWOOD, Senhor de Corvarbor.

Casa Tyrell

Os Tyrell ascenderam ao poder como intendentes dos Reis da Campina, cujos domínios incluíam as planícies férteis desde a Marca de Dorne e da Torrente da Água Negra até as costas do Mar do Poente. Através da linha feminina, dizem descender de Garth Greenhand, o rei jardineiro dos Primeiros Homens, que usava uma coroa de trepadeiras e flores e fazia a terra florescer. Quando Mern IX, o último rei da Casa Gardener, foi morto no Campo de Fogo, seu intendente Harlen Tyrell rendeu Jardim de Cima a Aegon, o Conquistador. Aegon concedeu-lhe o castelo e o domínio sobre a Campina. O símbolo dos Tyrell é uma rosa dourada em fundo verde-relva. Seu lema é: *Crescendo Fortes*.

Lorde Mace Tyrell declarou seu apoio a Renly Baratheon no início da Guerra dos Cinco Reis, e deu-lhe a mão de sua filha Margaery. Após a morte de Renly, Jardim de Cima aliou-se à Casa Lannister, e Margaery foi prometida ao Rei Joffrey.

MACE TYRELL, Senhor de Jardim de Cima, Protetor do Sul, Defensor das Marcas, Supremo Marechal da Campina,

– sua esposa, SENHORA ALERIE, da Casa Hightower de Vilavelha,
– seus filhos:
– WILLAS, o filho mais velho, herdeiro de Jardim de Cima,
– SOR GARLAN, dito GALANTE, o segundo filho,
– sua esposa, SENHORA LEONETTE, da Casa Fossoway,
– SOR LORAS, dito CAVALEIRO DAS FLORES, o filho mais novo, Irmão Juramentado da Guarda Real,
– MARGAERY, sua filha, uma viúva de quinze anos, prometida ao Rei Joffrey I Baratheon,
– as companheiras e servidoras de Margaery:
– suas primas, MEGGA, ALLA e ELINOR TYRELL,
– o prometido de Elinor, ALYN AMBROSE, escudeiro,
– SENHORA ALYSANNE BULWER, uma menina de oito anos,
– MEREDYTH CRANE, dita MERRY,
– TAENA DE MYR, esposa de LORDE ORTON MERRYWEATHER,
– SENHORA ALYCE GRACEFORD,
– SEPTÃ NYSTERICA, uma irmã da Fé,

– sua mãe viúva, a SENHORA OLENNA, da Casa Redwyne, dita RAINHA DOS ESPINHOS,
– os guardas da Senhora Olenna, ARRYK e ERRYK, ditos ESQUERDO e DIREITO,
– suas irmãs:
– SENHORA MINA, casada com Paxter Redwyne, Senhor da Árvore,
– seus filhos:
– SOR HORAS REDWYNE, gêmeo de Hobber, escarnecido como HORROR,
– SOR HOBBER REDWYNE, gêmeo de Horas, escarnecido como BABEIRO,
– DESMERA REDWYNE, uma donzela de dezesseis anos,
– SENHORA JANNA, casada com Sor Jon Fossoway,
– seus tios e primos:
– o irmão do pai, GARTH, dito o GROSSO, Senhor Senescal de Jardim de Cima,
– os filhos bastardos de Garth, GARSE e GARRETT FLOWERS,
– o irmão do pai, SOR MORYN, Senhor Comandante da Patrulha da Cidade de Vilavelha,
– o filho de Moryn, {SOR LUTHOR}, c. Senhora Elyn Norridge,
– o filho de Luthor, SOR THEODORE, c. Senhora Lia Serry,
– a filha de Theodore, ELINOR,
– o filho de Theodore, LUTHOR, um escudeiro,
– o filho de Luthor, MEISTRE MEDWYCK,

– a filha de Luthor, OLENE, c. Sor Leo Blackbar,
– o filho de Moryn, LEO, dito LEO PREGUIÇOSO,
– o irmão do pai, MEISTRE GORMON, um erudito da Cidadela,
– seu primo, (SOR QUENTIN), morto em Vaufreixo,
– o filho de Quentin, SOR OLIVER, c. Senhora Lysa Meadows,
– os filhos de Olymer, RAYMUND e RICKARD,
– a filha de Olymer, MEGGA,
– seu primo, MEISTRE NORMUND, a serviço em Coroanegra,
– seu primo {SOR VICTOR}, morto pelo Cavaleiro Sorridente da Irmandade da Mata de Rei,
– a filha de Victor, VICTARIA, c. {Lorde Jon Bulwer}, morto de uma febre de verão,
– a sua filha, SENHORA ALYSANNE BULWER, de oito anos,
– o filho de Victor, SOR LEO, c. Senhora Alys Beesbury,
– as filhas de Leo, ALLA e LEONA,
– os filhos de Leo, LYONEL, LUCAS e LORENT,

– o pessoal de sua casa em Jardim de Cima:
– MEISTRE LOMYS, conselheiro, curandeiro e tutor,
– IGON VYRWELL, capitão da guarda,
– SOR VORTIMER CRANE, mestre de armas,
– ABETOURO, bobo, enormemente gordo.

– os senhores seus vassalos:
– RANDYLL TARLY, Senhor de Monte Chifre,
– PAXTER REDWYNE, Senhor da Árvore,
– ARWYN OAKHEART, Senhora de Carvalho Velho,
– MATHIS ROWAN, Senhor de Bosquedouro,
– ALESTER FLORENT, Senhor da Fortaleza de Águas Claras, um rebelde partidário de Stannis Baratheon,
– LEYTON HIGHTOWER, Voz de Vilavelha, Senhor do Porto,
– ORTON MERRYWEATHER, Senhor de Mesalonga,
– LORDE ARTHUR AMBROSE,

– seus cavaleiros e espadas a ele juramentadas:
– SOR MARK MULLENDORE, mutilado durante a Batalha da Água Negra,
– SOR JON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã verde.
– SOR TANTON FOSSOWAY, dos Fossoway da maçã vermelha.

Os Rebeldes, Fora da lei e Irmãos Juramentados

OS IRMÃOS JURAMENTADOS DA PATRULHA DA NOITE

(em patrulha para lá da Muralha)

JEOR MORMONT, Senhor Comandante da Patrulha da Noite, dito o VELHO URSO,

– JON SNOW, o Bastardo de Winterfell, seu intendente e escudeiro, perdido numa incursão ao Passo dos Guinchos,

– FANTASMA, o seu lobo gigante, branco e silencioso,

– EDDISON TOLETT, dito EDD DOLOROSO, seu escudeiro,

– THOREN SMALLWOOD, no comando dos patrulheiros,

– DYWEN, ADAGA, PÉ-LEVE, GRENN, BEDWYCK, dito GIGANTE, OLLO MÃO-CORTADA, GRUBBS, BERNARR, dito BERNARR CASTANHO, outro BERNARR, dito BERNARR PRETO, TIM STONE, ULMER DA MATA DE REI, GARTH, dito PENA-CINZA, GARTH DE VIAVERDE, GARTH DE VILAVELHA, ALAN DE ROSBY, RONNEL HARCLAY, AETHAN, RYLES, MAWNEY, patrulheiros,

– JARMEN BUCKWELL, no comando dos batedores,

– BANNEN, REDGE WHITEYE, TUMBERJON, FORNIO, GOADY, patrulheiros e batedores,

– SOR OTTYN WYTHERS, no comando da retaguarda,

– SOR MALLADOR LOCKE, no comando da coluna logística,

– DONNEL HILL, dito DOCE DONNEL, seu escudeiro e intendente,

– HAKE, um intendente e cozinheiro,

– CHETT, um intendente feio, tratador dos cães,

– SAMWELL TARLY, um intendente gordo, tratador dos corvos, escarnecido como SOR PORQUINHO,

– LARK, dito HOMEM DAS IRMÃS, o seu primo ROLLEY DE VILIRMÃS, KARL PÉ-TORTO, MASLYN, PAUL PEQUENO, SERROTE, LEY MÃO ESQUERDA, ÓRFÃO OSS, BILL RESMUNGÃO, intendentes,

– {QHORIN MEIA-MÃO}, comandando os patrulheiros da Noite Sombria, morto no Passo dos Guinchos,

– {ESCUDEIRO DALBRIDGE, EGGEN}, patrulheiros, mortos no Passo dos Guinchos,

– COBRA DAS PEDRAS, um patrulheiro e alpinista, perdido no Passo dos Guinchos enquanto se deslocava a pé,

– BLANE, segundo oficial de Qhorin Meia-Mão, comandando os homens da Torre Sombria no Punho dos Primeiros Homens,

– SOR BYAM FLINT,

(em Castelo Negro)

– BOWEN MARSH, Senhor Intendente e castelão,

– MEISTRE AEMON (TARGARYEN), curandeiro e conselheiro, um cego, com cem anos de idade,

– o seu intendente, CLYDAS,

– BENJEN STARK, Primeiro Patrulheiro, desaparecido, temendo-se que esteja morto,

– SOR WYNTON STOUT, patrulheiro há oitenta anos,

– SOR ALADALE WYNCH, PYPAR, DICK SURDO FOLLARD, HAL PELUDO, JACK NEGRO BULWER, ELRON, MATTHAR, patrulheiros,

– OTHELL YARWYCK, Primeiro Construtor,

– BOTA EXTRA, JOVEM HENLY, HALDER, ALBETT, BARRICAS, PATE MALHADO DE LAGOA DA DONZELA, construtores,

– DONAL NOYE, armeiro, ferreiro e intendente, sem um braço,

– HOBB TRÊS-DEDOS, intendente e chefe cozinheiro,

– TIM LÍNGUA-PRESA, CALMA, MULLY, VELHO HENLY, CUGEN, ALYN VERMELHO DA MATA DE ROSAS, JEREN, intendentes,

– SEPTÃO CELLADOR, um devoto ébrio,

– SOR ENDREW TARTH, mestre de armas,

– RAST, ARRON, EMRICK, CETIM, SALTO DE PISCO, recrutas em treinamento,

– CONWY, GUEREN, recrutadores e coletores,

(em Atalaialeste-do-Mar)

COTTER PYKE, Comandante, Atalaialeste,

– MEISTRE HARMUNE, curandeiro e conselheiro,

– SOR ALLISER THORNE, mestre de armas,

– JANOS SLYNT, ex-comandante da Patrulha da Cidade de Porto Real, durante um breve período Senhor de Harrenhal,

– SOR GLENDON HEWETT,

– DAREON, intendente e cantor,

– EMMETT DE FERRO, um patrulheiro afamado por sua força,

(na Torre Sombria)

SOR DENYS MALLISTER, Comandante, Torre Sombria,

– WALLACE MASSEY, seu intendente e escudeiro,

– MEISTRE MULLIN, curandeiro e conselheiro.

A IRMANDADE SEM ESTANDARTES

UMA SOCIEDADE DE FORA DA LEI

BERIC DONDARRION, Senhor de Portonegro, dito O SENHOR DO RELÂMPAGO, frequentemente dado como morto,

– seu braço direito, THOROS DE MYR, um sacerdote vermelho,

– seu escudeiro, EDRIC DAYNE, Senhor de Tombastela, de doze anos,

– seus seguidores:

– LIMO, chamado LIMO MANTO LIMÃO, outrora soldado,

– HARWIN, filho de Hullen, anteriormente a serviço de Lorde Eddard Stark em Winterfell,

– BARBA-VERDE, um mercenário tyroshi,

– TOM DE SETERRIOS, um cantor de duvidosa reputação, dito TOM SETE-CORDAS e TOM DAS SETE,

– ANGUY, O ARQUEIRO, um arqueiro originário da Marca de Dorne,

– JACK SORTUDO, um homem procurado pela justiça, com um olho a menos,

– O CAÇADOR LOUCO, do Septo de Pedra,

– KYLE, NOTCH, DENNETT, arqueiros,

– MERRIT DE VILALUA, WATTY, O MOLEIRO, LUKE PROMISSOR, MUDGE, DICK IMBERBE, os fora da lei do seu bando,

– na Estalagem do Ajoelhado:

– SHARNA, a estalajadeira, cozinheira e parteira,

– seu marido, dito MARIDO,

– RAPAZ, um órfão de guerra,

– no Pêssego, um bordel em Septo de Pedra:

– TANÁSIA, a proprietária ruiva,

– ALYCE, CASS, LANNA, JYZENE, HELLY, SINETA, algumas de suas funcionárias,

– em Solar de Bolotas, a sede da Casa Smallwood:

– SENHORA RAVELLA, anteriormente da Casa Swann, esposa de Lorde Theomar Smallwood,

– aqui, ali e acolá:

– LORDE LYMOND LYCHESTER, um velho de mente incerta, que um dia deteve Sor Maynard na ponte,

– seu jovem prestador de cuidados, MEISTRE ROONE,

– o fantasma de Coração Alto,

– a Senhora das Folhas,

– o septão em Brotadança.

OS SELVAGENS, ou O POVO LIVRE

MANCE RAYDER, Rei-para-lá-da-Muralha,

– DALLA, sua esposa grávida,
– VAL, sua irmã mais nova,
– seus chefes e capitães:
– HARMA, dita CABEÇA DE CÃO, no comando da vanguarda,
– O SENHOR DOS OSSOS, escarnecido como CAMISA DE CHOCALHO, chefe de um bando de guerra,
– YGRITTE, uma jovem esposa de lanças, membro de seu bando,
– RYK, dito LANÇA-LONGA, membro de seu bando,
– RAGWYLE, LENYL, membros de seu bando,
– seu cativo, JON SNOW, o corvo-que-veio,
– FANTASMA, o lobo gigante de Jon, branco e silencioso,
– STYR, o Magnar de Thenn,
– JARL, um jovem assaltante, amante de Val,
– GRIGG, O BODE, ERROK, QUORT, BODGER, DEL, GRANDE FURÚNCULO, DAN DE CÂNHAMO, HENK, O ELMO, LENN, DEDO-DO-PÉ, POLEGARES DE PEDRA, assaltantes,
– TORMUND, Rei-Hidromel de Solar Ruivo, dito TERROR DOS GIGANTES, ALTO-FALANTE, SOPRADOR DE CHIFRES e QUEBRADOR DE GELO, e ainda PUNHO DE TROVÃO, ESPOSO DE URSAS, FALADOR COM OS DEUSES e PAI DE TROPAS, líder de um bando de guerra,
– os seus filhos, TOREGG, O ALTO, TORWYRD, O MANSO, DORMUND e DRYN, a sua filha MUNDA,
– {ORELL, dito ORELL, A ÁGUIA}, um troca-peles morto por Jon Snow no Passo dos Guinchos,
– MAG MAR TUN DOH WEG, dito MAG, O PODEROSO, dos gigantes,
– VARAMYR, dito SEIS-PELES, um troca-peles que controla três lobos, um gato-das-sombras e um urso-branco,
– O CHORÃO, um assaltante e líder de um bando de guerra,
– {ALFYN MATA-CORVOS}, um assaltante, morto por Qhorin Meia-Mão da Patrulha da Noite,
CRASTER, da Fortaleza de Craster, que não se ajoelha perante ninguém,
– GOIVA, sua filha e esposa, no fim da gravidez,
– DYAH, FERNY, NELLA, três de suas dezenove mulheres.

Agradecimentos

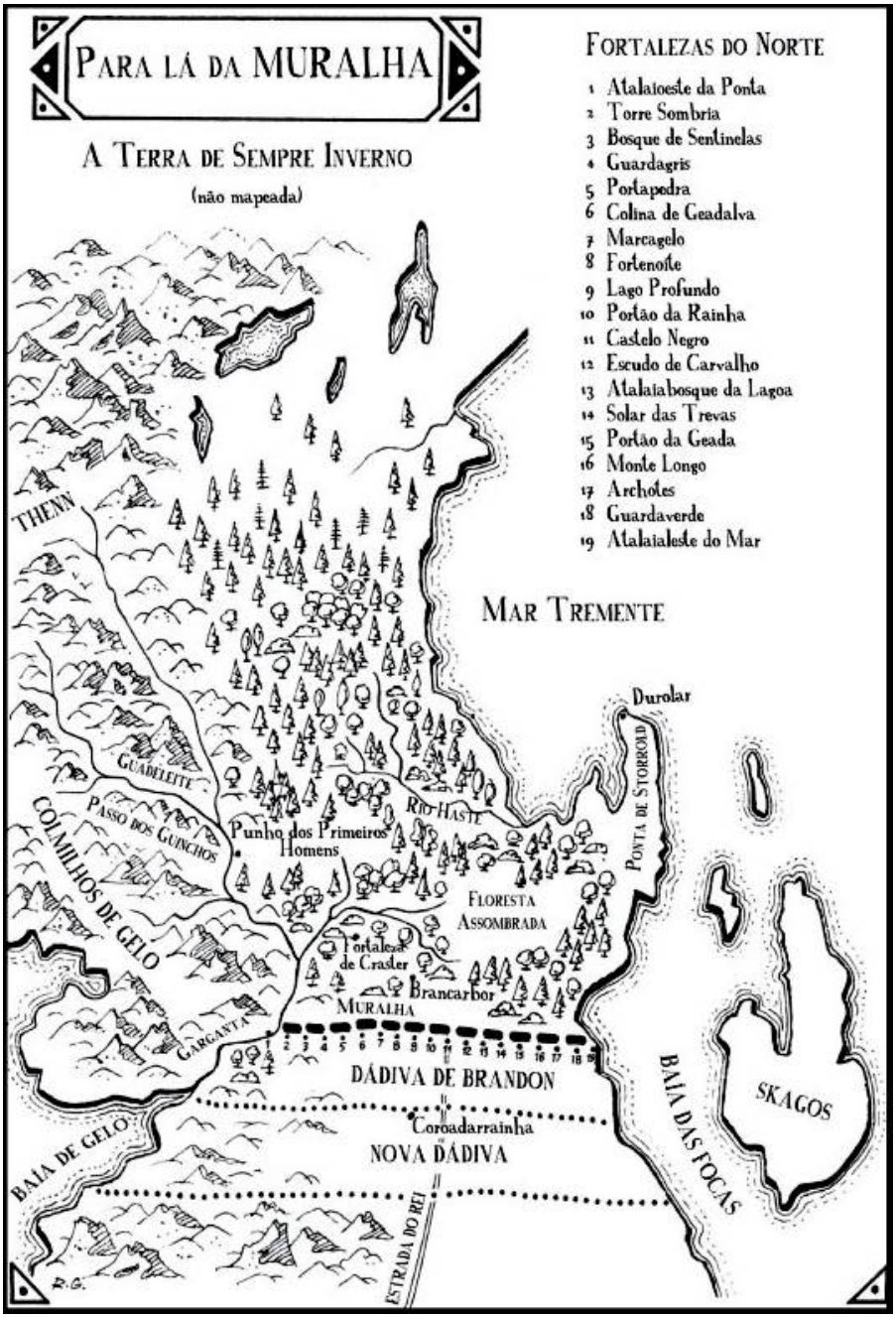
Se os tijolos não estiverem benfeitos, a muralha cai.

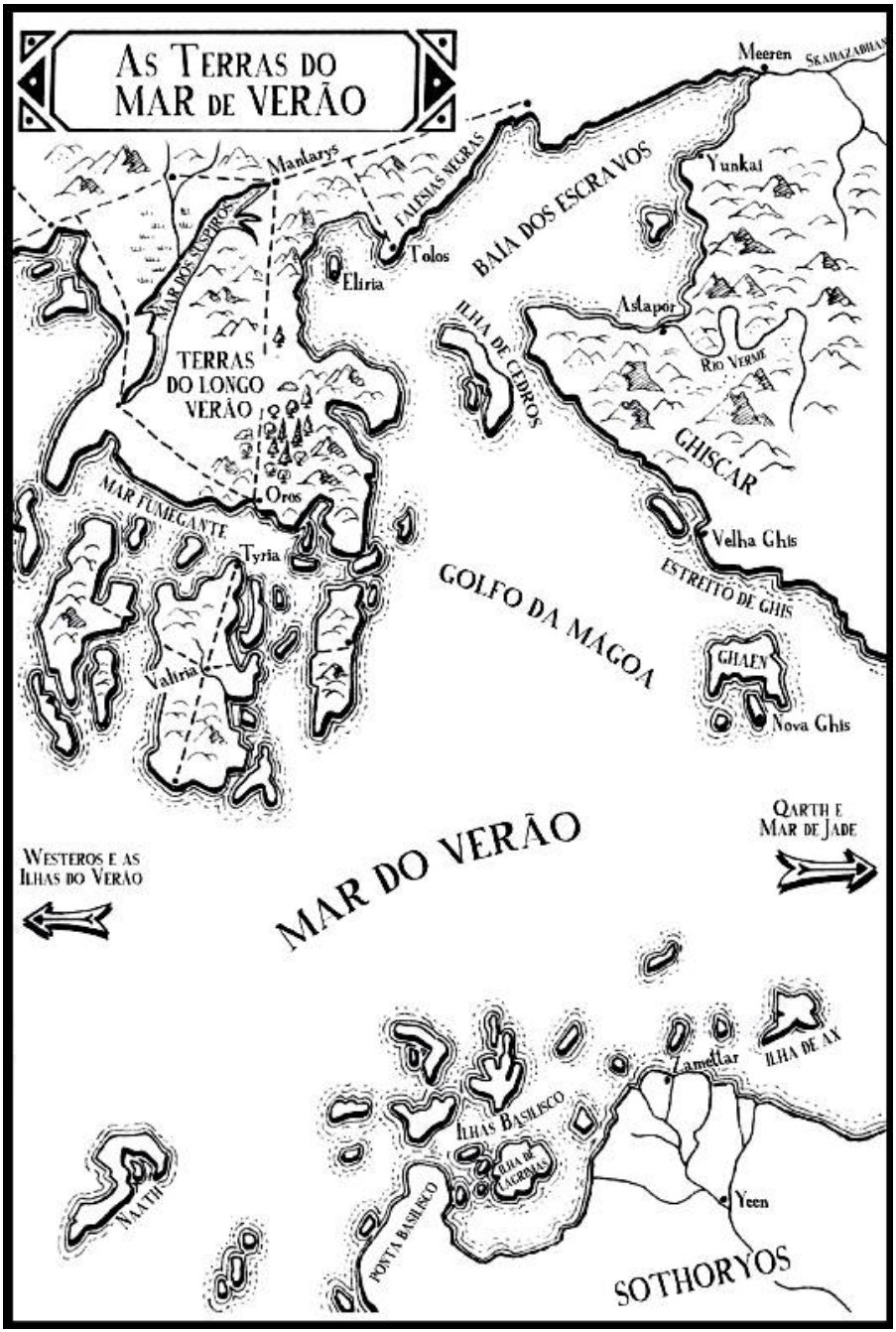
E esta muralha que estou construindo é realmente enorme, portanto preciso de um monte de tijolos. Felizmente, conheço um monte de tijoleiros e também todos os tipos de pessoas úteis.

Meu obrigado e reconhecimento vai, uma vez mais, para aqueles bons amigos que tão amavelmente me emprestaram seus conhecimentos (e, em alguns casos, até os seus *livros*) para que os meus tijolos pudessem ser bons e sólidos – do meu Arquimestre Sage Walker ao Primeiro-Construtor Carl Keim, passando por Melinda Snodgrass, meu mestre dos cavalos.

E, como sempre, a Parris.

O NORTE
A COSTA GELADA
BAÍA DE GELO
Ilha dos Ursos
Floresta Assombrada
A MURALHA
Torre Sombria
Castelo Negro
Atalaia leste do Mar
Skane
BAÍA DAS FOCAS
Lago Longo
Colinas Solitárias
Rio Último
Karhold
Forte do Pavor
Águas Chorosas
N
Matadelobos
Winterfell
Praça de Torrhen
Estrada do Rei
Fosso Branco
Ramo Partido
TERRAS ACIDENTADAS
Vila Acidentada
Ariele
Porto Branco
Atalaia da Viúva
Fosso Cailin
Castelovelho
O GARGALO
DENTADA
Vilirmãs
Três Irmãs
Os Dedos
Atalaia da Água Cinzenta
As Gémeas
Ilhas de Ferro
Prelamare
Montrasgo
Guardamar
Ramo Verde
Ramo Azul
Ninho de Águia
VALE DE ARRYN
Passo Sangrento
Salésia
Pyke
Mapa por James Sinclair
Correrrio
Ramo Vermelho


PARA LÁ DA MURALHA
A TERRA DE SEMPRE INVERNO
(não mapeada)
FORTALEZAS DO NORTE
1 Atalaioeste da Ponta
2 Torre Sombria
3 Bosque de Sentinelas
4 Guardagris
5 Portapedra
6 Colina de Geadalva
7 Marcagelo
8 Fortenoite
9 Lago Profundo
10 Portão da Rainha
11 Castelo Negro
12 Escudo de Carvalho
13 Atalaiabosque da Lagoa
14 Solar das Trevas
15 Portão da Geada
16 Monte Longo
17 Archotes
18 Guardaverde
19 Atalaialeste do Mar
THENN
MAR TREMENTE
Durolar
PONTA DE STORROAD
GUADELEITE
PASSO DOS GUINCHOS
COLMILHOS DE GELO
Punho dos Primeiros Homens
RIO HASTE
FLORESTA ASSOMBRADA
Fortaleza de Craster
Brancarbor
MURALHA
GARGANTA
DÁDIVA DE BRANDON
Coroadarrainha
NOVA DÁDIVA
BAÍA DE GELO
BAÍA DAS FOCAS
SKAGOS
ESTRADA DO REI
P.G.


AS TERRAS DO MAR DE VERÃO
Meeren
Skahazadhan
Yunkai
Mantarys
Falésias Negras
Baía dos Escravos
Tolos
Eliria
Mar dos Ossos
Ilha de Cedros
Aslapor
Rio Verde
Terras do Longo Verão
Ghiscar
Mar Fumegante
Oros
Velha Ghis
Tyria
Estreito de Ghis
Golfo da Mágoa
Ghaen
Valíria
Nova Ghis
Qarth e Mar de Jade
Westeros e as Ilhas do Verão
MAR DO VERÃO
Ilha de Ax
Tamellar
Ilhas Basilisco
Ilha de Acrobas
Naath
Ponta Basilisco
Yeen
SOTHORYOS

O Sul
N
Três Irmãs
Os Dedos
Aguafria
Bosque Alagado
As Gémeas
Guardamar
Rasso Verde
Rasso Azul
Rasso Vermelho
Ilhas de Ferro
Prelamare
Montrasgo
Pyke
Salesta
Forte Desgraça
Pedregoso
Feirajusta
Tridente
Cantoforte
VALE DE ARRYN
Vinho de Águia
Passo Sangrento
Ferrobles
Âncora Velha
Vila Gaivotas
Pedrarruna
Forte Vermelho
Baía dos Caranguejos
Correrrio
Harrenhal
Ilha Quieta
Olho do Deus
Estrada do Rei
Hastes
Pouso de Gralhas
Pedra do Dragão
Dente Dourado
Donzelarrosa
Rochedo Caderly
Valecorno
Campossanto
Toca Funda
Lannisporto
Estrada de Ouro
Bosquedouro
Porto Real
Ponta Afiada
Bailepedra
Campodemilho
CAMPINA
Lago Vermelho
Estrada do Mar
Carvalho Velho
Solardeprata
Estrada da Rosa
Vale d'Erva
Arroiozul
Vargo
Mesalonga
Mata Real
Solar de Montefeno
Tarth
Ponta Tempestade
Poleiro do Grifo
BAÍA DOS NAUFRÁGIOS
Casais de Chuva
Ninho de Corvo
Pedrelmo
Malabruma
Cabo da Fúria
Estermonte
Jardim de Cima
MARCA DE DORNE
Caminho da Espadinha
Monte Chifre
Poleiro do Abutre
Bandallon
Tumbarreal
MAR DE DORNE
Ghaston Grey
Vilavelha
Terrallas
Monpreto
Corcanegra
Três Torres
Alto Ermitério
Tor
Colina Fantasma
Braço Partido
Tombastella
DORNE
Graça-dos-Deuses
Casasolar
Arenito
Vath
Lançasolar
Arvore
Costa do Sal
Limoeiros
Mapa por James Sinclair